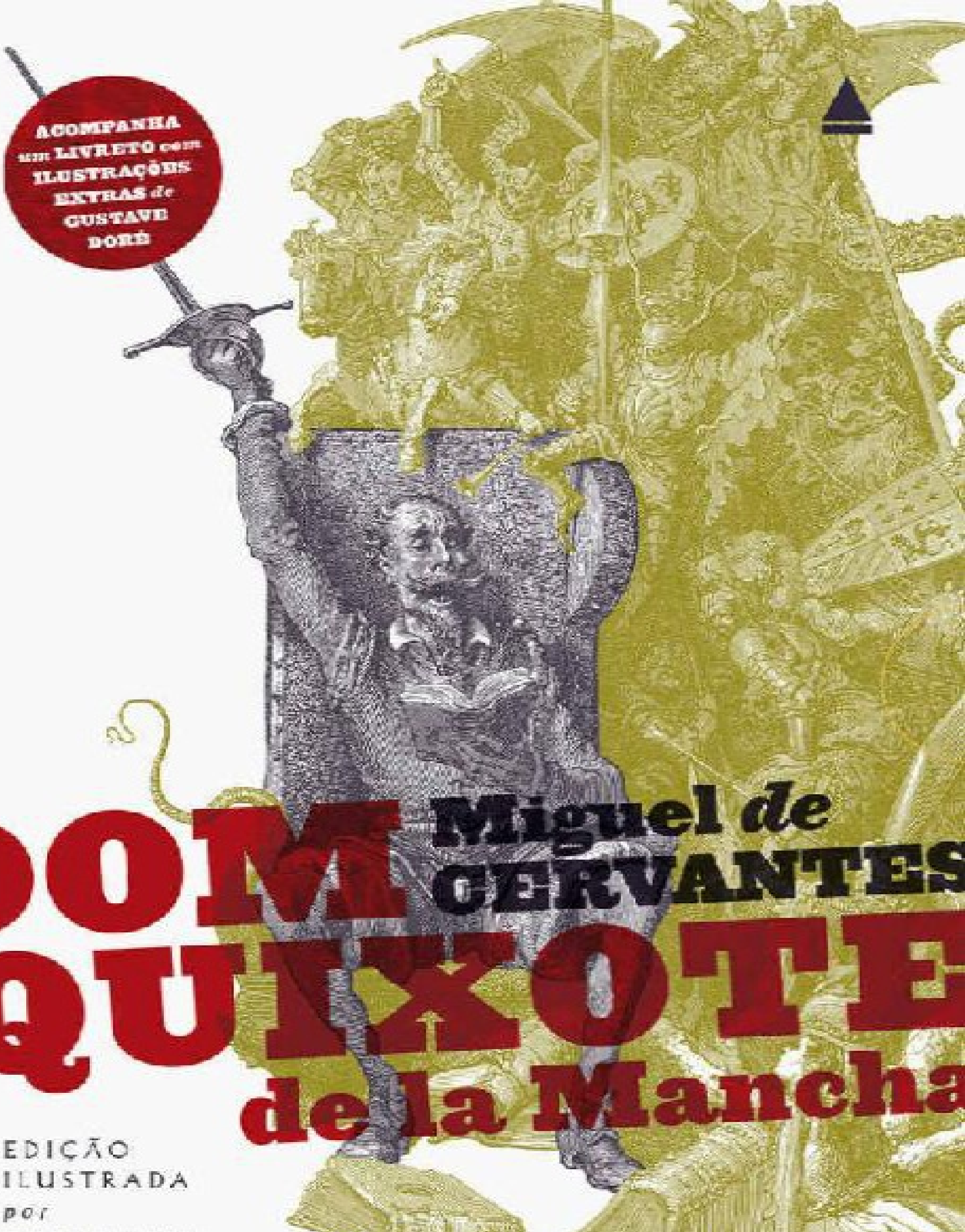


ACOMPANHA
um LIVRETO com
ILUSTRAÇÕES
EXTRAS de
GUSTAVE
DORÉ

## Miguel de CERVANTES

# DOM QUIXOTE de la Mancha

EDIÇÃO
ILUSTRADA
*por*
GUSTAVE
DORÉ

Miguel de Cervantes

# Dom Quixote de la Mancha

Volume I e II

*Tradução de*
Almir de Andrade e Milton Amado

*Edição ilustrada por*
Gustave Doré

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© da tradução by Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C413d

2. ed.

Cervantes Saavedra, Miguel de, 1547-1616

Dom Quixote [recurso eletrônico] : volumes 1 e 2 / Miguel de Cervantes ; Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado ; Edição ilustrada por Gustave Doré - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.

recurso digital

Tradução de: El ingenioso hidalgo Don Quixote de la mancha
Formato: ebook
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 9788520937075 (recurso eletrônico)

1. Romance espanhol. 2. Livros eletrônicos. I. Andrade, Almir de. II. Amado, Milton. III. Título.

17-40829
CDD: 863
CDU: 821.134.2-3

# SUMÁRIO

VOLUME I

*Introdução*

*O que Cervantes escreveu*

*Perfil de Gustave Doré*

Primeira parte

Taxa

Testemunho das erratas

Privilégio

Dedicatória

Prólogo

Ao livro *Dom Quixote de la Mancha*

LIVRO I

Capítulo I - *Que trata da condição e do exercício do famoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*

Capítulo II - *Que trata da primeira saída que fez de sua terra o engenhoso Dom Quixote*

Capítulo III - *Onde se conta a graciosa maneira pela qual se armou Dom Quixote cavaleiro*

Capítulo IV - *Do que sucedeu ao nosso cavaleiro quando saiu da venda*

Capítulo V - *Onde se prossegue a narrativa da desgraça do nosso cavaleiro*

Capítulo VI - *Do elegante e largo escrutínio que fizeram o barbeiro e o cura na biblioteca do engenhoso fidalgo*

Capítulo VII - *Da segunda saída do nosso bom cavaleiro Dom Quixote de la Mancha*

Capítulo VIII - *Do bom sucesso que teve o valoroso Dom Quixote na espantosa e nunca imaginada aventura dos moinhos de vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação*

LIVRO II

Capítulo IX - *Onde se conclui e tem fim a estupenda batalha que entre si travaram o galhardo biscainho e o valente manchego*

Capítulo X - *Das graciosas razões que se trocaram Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança*

Capítulo XI - *Do que sucedeu a Dom Quixote com uns cabreiros*

Capítulo XII - *Do que contou um cabreiro aos que estavam com Dom Quixote*

Capítulo XIII - *Onde termina o conto da pastora Marcela, com outros sucessos*

Capítulo XIV - *Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto, com outros imprevistos sucessos*

LIVRO III

Capítulo XV - *Onde se conta a desgraçada aventura que a Dom Quixote ocorreu, num encontro com desalmados galegos*

Capítulo XVI - *Do que sucedeu ao engenhoso fidalgo na venda, que ele imaginava ser castelo*

Capítulo XVII - *Onde se prosseguem os numerosos trabalhos que o bravo Dom Quixote e seu bom escudeiro Sancho Pança padeceram na venda, que o fidalgo, para seu mal, julgara ser castelo*

Capítulo XVIII - *Onde se contam as razões trocadas entre Sancho Pança e o seu amo Dom Quixote, além de outras aventuras dignas de ser contadas*

Capítulo XIX - *Das discretas razões que Sancho entretinha com o amo e da aventura que lhes sucedeu com um defunto, a par de outros acontecimentos famosos*

Capítulo XX - *Da nunca vista nem ouvida aventura, que jamais, e com pouco mais perigo, foi concluída por nenhum famoso cavaleiro no mundo, mas a concluiu o valoroso Dom Quixote de la Mancha*

Capítulo XXI - *Que trata da alta aventura e da rica aquisição do elmo de Mambrino, com outras coisas sucedidas ao nosso invencível cavaleiro*

Capítulo XXII - *Da liberdade que deu Dom Quixote a muitos infelizes, que eram levados contra a vontade aonde não queriam ir*

Capítulo XXIII - *Do que aconteceu ao famoso Dom Quixote em Serra Morena e que foi uma das mais raras aventuras contadas nesta verdadeira história*

Capítulo XXIV - *Onde prossegue a aventura da Serra Morena*

Capítulo XXV - *Que trata das estranhas coisas que em Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro de la Mancha, e da imitação que fez da penitência de Beltenebros*

Capítulo XXVI - *Onde se prosseguem as sutilezas que, de enamorado, fez Dom Quixote em Serra Morena*

Capítulo XXVII - *De como levaram a cabo seus intentos o cura e o barbeiro, com outras coisas dignas de serem contadas nesta grande história*

LIVRO IV

Capítulo XXVIII - *Que trata da nova e agradável aventura sucedida na mesma serra ao cura e ao barbeiro*

Capítulo XXIX - *Que trata do gracioso artifício e ordem que se teve em tirar o nosso enamorado cavaleiro da muito áspera penitência em que se havia posto*

Capítulo XXX - *Que trata da discrição da formosa Doroteia e de outras coisas de muito gosto e passatempo*

Capítulo XXXI - *Da saborosa troca de razões que houve entre Dom Quixote e o seu escudeiro Sancho Pança, com outros sucessos*

Capítulo XXXII - *Que trata do que sucedeu na venda a toda a quadrilha de Dom Quixote*

Capítulo XXXIII - *Onde se conta a novela do curioso impertinente*

Capítulo XXXIV - *Em que se prossegue a novela do curioso impertinente*

Capítulo XXXV - *Onde se dá fim à novela do curioso impertinente*

Capítulo XXXVI - *Que trata de outros sucessos raros, que aconteceram na venda*

Capítulo XXXVII - *No qual se prossegue com a história da famosa infanta Micomicona, e de outras graciosas aventuras*

Capítulo XXXVIII - *Que trata do curioso discurso que fez Dom Quixote sobre as armas e as letras*

Capítulo XXXIX - *Onde o cativo conta sua vida e seus sucessos*

Capítulo XL - *No qual prossegue a história do cativo*

Capítulo XLI - *No qual prossegue o cativo a sua narrativa*

Capítulo XLII - *Em que se trata do mais que sucedeu na venda e de outras muitas coisas, dignas de se saberem*

Capítulo XLIII - *Em que se narra a agradável história do moço das mulas, com outros estranhos acontecimentos que sucederam na venda*

Capítulo XLIV - *Onde se prosseguem os inauditos sucessos da venda*

Capítulo XLV - *Onde se acaba de averiguar a dúvida do elmo de Mambrino e da albarda, com outras aventuras que verdadeiramente sucederam*

Capítulo XLVI - *Da notável aventura dos quadrilheiros e da grande ferocidade do nosso bom cavaleiro Dom Quixote*

Capítulo XLVII - *Do estranho modo como foi encantado Dom Quixote de la Mancha, com outros famosos sucessos*

Capítulo XLVIII - *Onde prossegue o cônego no assunto dos livros da cavalaria, com outras coisas dignas do seu engenho*

Capítulo XLIX - *Onde se trata do discreto colóquio de Sancho Pança com o seu amo Dom Quixote*

Capítulo L -*Das discretas altercações que Dom Quixote e o cônego tiveram, com outros sucessos*

Capítulo LI - *Que trata do que contou o cabreiro a todos os que levaram Dom Quixote*

Capítulo LII - *Da pendência que teve Dom Quixote com o cabreiro e da rara aventura dos penitentes, a que ele deu feliz desfecho à custa do seu suor*

VOLUME II

Segunda Parte

Taxa

Fé de erratas

Aprovação

Aprovação

Aprovação

Privilégio

Dedicatória ao conde de Lemos

Prólogo ao leitor

Capítulo I - *Do que passaram o cura e o barbeiro com Dom Quixote, a respeito de sua enfermidade*

Capítulo II - *Que trata da notável pendência tida por Sancho Pança com a sobrinha e a ama de Dom Quixote, e de outros graciosos assuntos*

Capítulo III - *Da engraçada palestra havida entre Dom Quixote, Sancho Pança e o bacharel Sansão Carrasco*

Capítulo IV - *Onde Sancho satisfaz o bacharel Carrasco sobre suas dúvidas e perguntas, com outros sucessos dignos de saber-se e contar-se*

Capítulo V - *Da discreta e graciosa palestra havida entre Sancho Pança e sua mulher, Teresa Pança, e outros sucessos dignos de feliz recordação*

Capítulo VI - *Do que se passou a Dom Quixote com a sobrinha e a ama, um dos importantes capítulos de toda a história*

Capítulo VII - *Do que se passou entre Dom Quixote e seu escudeiro, com outros sucessos famosíssimos*

Capítulo VIII - *Onde se conta o que sucedeu a Dom Quixote quando ia ver sua dama, Dulcineia del Toboso*

Capítulo IX - *Onde se conta o que nele se verá*

Capítulo X - *Em que se conta a arte de que usou Sancho para enfeitiçar a senhora Dulcineia, além de outros sucessos tão ridículos como verdadeiros*

Capítulo XI - *Da estranha aventura que sucedeu ao valoroso Dom Quixote com o carro ou carreta das "Cortes da Morte"*

Capítulo XII - *Da estranha aventura que sucedeu ao valoroso Dom Quixote com o bravo Cavaleiro dos Espelhos*

Capítulo XIII - *Onde prossegue a aventura do Cavaleiro do Bosque, com o discreto, novo e suave colóquio entre os dois escudeiros*

Capítulo XIV - *Onde prossegue a aventura do Cavaleiro do Bosque*

Capítulo XV - *Onde se conta e dá notícia de quem eram o Cavaleiro dos Espelhos e seu escudeiro*

Capítulo XVI - *Do que sucedeu a Dom Quixote com um discreto cavaleiro da Mancha*

Capítulo XVII - *Onde se declara o último e extremo ponto a que chegou, e pôde chegar, o inaudito ânimo de Dom Quixote, com a felizmente acabada aventura dos leões*

Capítulo XVIII - *Do que sucedeu a Dom Quixote no castelo ou casa do Cavaleiro do Verde Gabão, com outras coisas extraordinárias*

Capítulo XIX - *Onde se conta a aventura do pastor enamorado, com outros sucessos em verdade graciosos*

Capítulo XX - *Onde se contam as bodas de Camacho, o rico, com o sucesso de Basílio, o pobre*

Capítulo XXI - *Em que prosseguem as bodas de Camacho, com outros saborosos sucessos*

Capítulo XXII - *Onde se dá conta da grande aventura da cova de Montesinos, que fica no coração da Mancha, e a que deu termo feliz o valoroso Dom Quixote*

Capítulo XXIII - *Das admiráveis coisas que o extremado Dom Quixote contou haver visto na profunda cova de Montesinos, e cuja impossibilidade e grandeza levam a ter-se por apócrifa esta aventura*

Capítulo XXIV - *Em que se contam mil ninharias, tão impertinentes como necessárias ao verdadeiro entendimento desta grande história*

Capítulo XXV - *Onde se conta a aventura do zurro e o gracioso caso do titeriteiro, com as memoráveis adivinhações do macaco adivinhador*

Capítulo XXVI - *Em que prossegue a graciosa aventura do titeriteiro, com outras coisas em verdade assaz boas*

Capítulo XXVII - *Onde se dá conta de quem eram mestre Pedro e seu macaco, com o mau sucesso que teve Dom Quixote na aventura do zurro, a que não deu remate como quisera e havia pensado*

Capítulo XXVIII - *De coisas que diz Benengeli e saberá quem o ler, se as ler com atenção*

Capítulo XXIX - *Sobre a famosa aventura do barco encantado*

Capítulo XXX - *Do que ocorreu a Dom Quixote com uma bela caçadora*

Capítulo XXXI - *Que trata de muitas e grandes coisas*

Capítulo XXXII - *Da resposta que Dom Quixote deu a seu censor, com outros graves e graciosos sucessos*

Capítulo XXXIII - *Do saboroso colóquio que a duquesa e suas donzelas tiveram com Sancho Pança, digno de ser lido e notado*

Capítulo XXXIV - *Que narra a notícia que se teve de como desencantar a sem-par Dulcineia del Toboso, uma das aventuras mais famosas deste livro*

Capítulo XXXV - *Onde se continua a notícia que teve Dom Quixote do desencanto de Dulcineia, com outros admiráveis sucessos*

Capítulo XXXVI - *Em que se conta a estranha e jamais imaginada aventura da Dama Dolorida, ou melhor, da condessa Trifáldi, com uma carta que Sancho escreveu à sua mulher, Teresa Pança*

Capítulo XXXVII - *Em que prossegue a famosa aventura da Dama Dolorida*

Capítulo XXXVIII - *Onde se conta a conta que deu de sua má andança a Dama Dolorida*

Capítulo XXXIX - *Onde a Trifáldi continua sua estupenda e memorável história*

Capítulo XL - *De coisas relativas a esta aventura e a esta memorável história*

Capítulo XLI - *Da vinda de Clavilenho, com o fim desta prolongada aventura*

Capítulo XLII - *Dos conselhos que Dom Quixote deu a Sancho Pança, antes que fosse governar a ilha, com outras coisas bem consideradas*

Capítulo XLIII - *Dos segundos conselhos que deu Dom Quixote a Sancho Pança*

Capítulo XLIV - *De como Sancho Pança foi levado ao governo e da estranha aventura que sucedeu no castelo a Dom Quixote*

Capítulo XLV - *De como o grande Sancho Pança tomou posse de sua ilha e de como principiou a governá-la*

Capítulo XLVI - *Do temeroso espanto guizalhante e gatesco que recebeu Dom Quixote, no decurso dos amores da enamorada Altisidora*

Capítulo XLVII - *Onde se continua a narrar como se comportava Sancho Pança em seu governo*

Capítulo XLVIII - *Do que sucedeu a Dom Quixote com Dona Rodrigues, a dama da duquesa, com outros acontecimentos dignos de registro e memória eterna*

Capítulo XLIX - *Do que sucedeu a Sancho Pança, quando rondava sua ilha*

Capítulo L - *Onde se declara quem foram os encantadores e verdugos que açoitaram a dama e beliscaram e arranharam Dom Quixote; e também o sucesso que teve o pajem que levou a carta a*

*Teresa Sancha, mulher de Sancho Pança*

Capítulo LI - *Do progresso do governo de Sancho Pança, com outros sucessos igualmente bons*

Capítulo LII - *Em que se conta a aventura da segunda dama dolorida, ou angustiada, chamada por outro nome Dona Rodrigues*

Capítulo LIII - *Do fatigado fim e remate que teve o governo de Sancho Pança*

Capítulo LIV - *Que trata de coisas referentes a esta história, e não a qualquer outra*

Capítulo LV - *De coisas ocorridas a Sancho no caminho e outras mui dignas de ver*

Capítulo LVI - *Da descomunal e nunca vista batalha que travou Dom Quixote de la Mancha com o lacaio Tosilos, em defesa da filha da dama Dona Rodrigues*

Capítulo LVII - *Que trata de como Dom Quixote se despediu do duque e do que sucedeu com a discreta e desenvolta Altisidora, donzela da duquesa*

Capítulo LVIII - *Que trata de como se amiudaram sobre Dom Quixote tantas aventuras que não davam espaço umas às outras*

Capítulo LIX - *Onde se conta o extraordinário sucesso, que se pode ter por aventura, ocorrido a Dom Quixote*

Capítulo LX - *Do que sucedeu a Dom Quixote indo a Barcelona*

Capítulo LXI - *Do que sucedeu a Dom Quixote na entrada de Barcelona, com outras coisas que têm mais de verdadeiras que de discretas*

Capítulo LXII - *Que trata da aventura da cabeça encantada, com outras ninharias que não podem deixar de ser narradas*

Capítulo LXIII - *Do mal que ocorreu a Sancho Pança com a visita às galeras, e a nova aventura da formosa mourisca*

Capítulo LXIV - *Que trata da aventura que mais pesar deu a Dom Quixote, de quantas até então lhe haviam ocorrido*

Capítulo LXV - *Onde se dá conta de quem era o da Branca Lua, com a libertação de Dom Gregório e outros sucessos*

Capítulo LXVI - *Que trata do que verá quem o ler, ou ouvirá quem o escutar*

Capítulo LXVII - *Da resolução que adotou Dom Quixote de fazer-se pastor e seguir a vida campestre, enquanto decorresse o ano de sua promessa, com outros sucessos em verdade gostosos e bons*

Capítulo LXVIII - *Da cerdosa aventura que aconteceu a Dom Quixote*

Capítulo LXIX - *Do mais raro e mais novo sucesso que em todo o decurso desta grande história ocorreu a Dom Quixote*

Capítulo LXX - *Que se segue ao LXIX e trata de coisas não dispensáveis à clareza desta história*

Capítulo LXXI - *Do que sucedeu a Dom Quixote e a seu escudeiro Sancho, no caminho de sua aldeia*

Capítulo LXXII - *De como Dom Quixote e Sancho chegaram à sua aldeia*

Capítulo LXXIII - *Dos agouros que teve Dom Quixote ao entrar em sua aldeia, com outros sucessos que adornam e dão crédito a esta grande história*

Capítulo LXXIV - *Como Dom Quixote caiu doente, do testamento que fez e de sua morte*

Notas

Miguel de Cervantes

# Dom Quixote de la Mancha

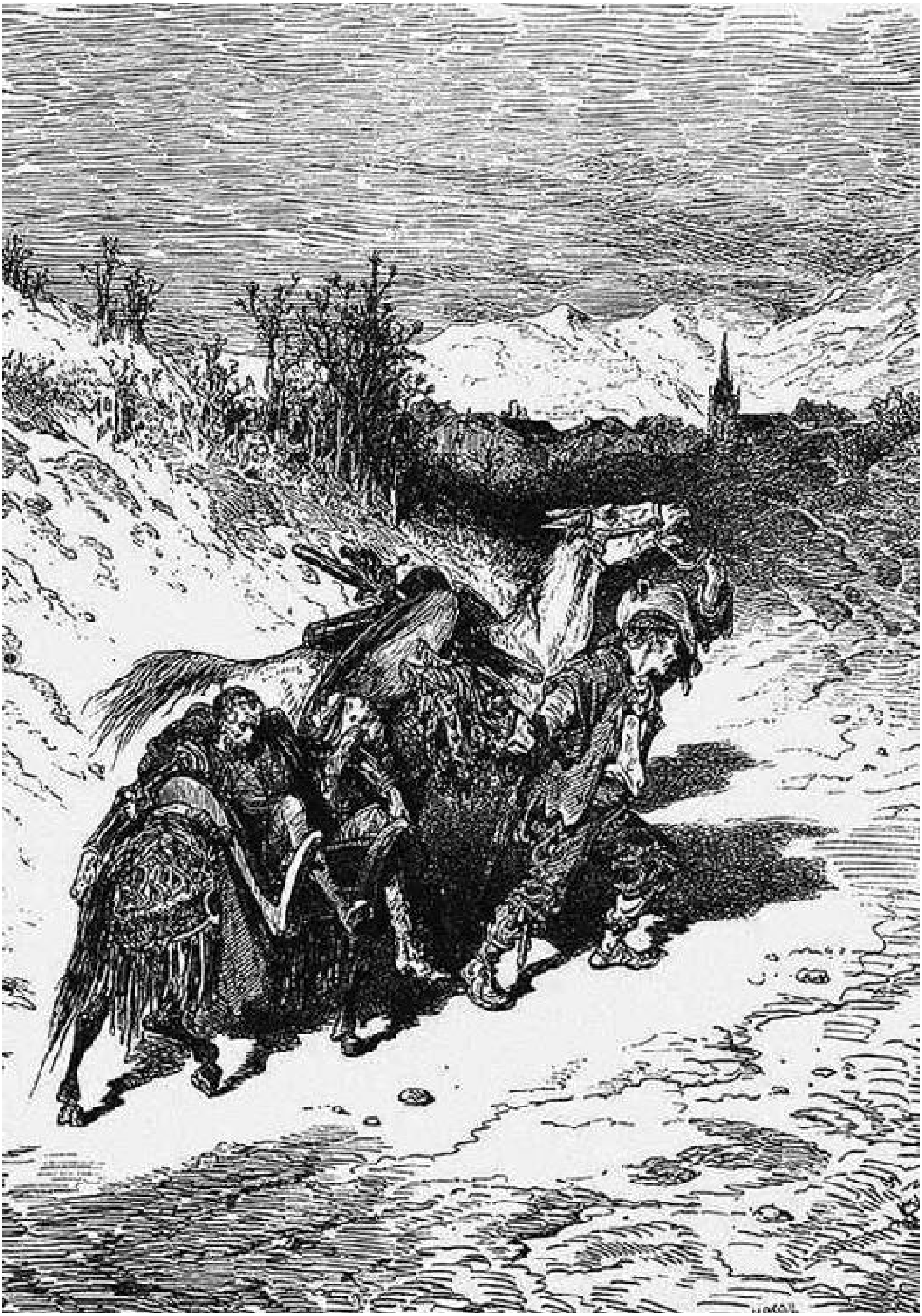
VOLUME I

*Tradução de*
Almir de Andrade e Milton Amado

*Edição ilustrada por*
Gustave Doré

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

# TÁBUA DOS CAPÍTULOS QUE CONTÊM ESTA FAMOSA HISTÓRIA DO VALOROSO CAVALEIRO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*



# Nota

* Epígrafe que Cervantes pôs no índice geral da Primeira parte na 1ª edição do *Dom Quixote*. (N. da E.)

# INTRODUÇÃO

Brito Broca

Várias cidades espanholas, entre as quais Madri, Toledo e Sevilha, pretenderam, durante muito tempo, ter sido o berço de Cervantes. Mas em 1752 frei Martín Sarmiento descobriu uma pista que parecia segura. Na *História de Argel*, do padre Haldo, publicada em 1612, Cervantes aparecia como filho de Alcalá de Henares. Encaminhadas as pesquisas para os arquivos dessa cidade, descobriu-se o registro de batismo do autor de *Dom Quixote.* Ficou, assim, fora de dúvida, haver ele nascido ali a 28 de setembro de 1547, dia de São Miguel, por isso mesmo que recebera o nome desse santo.

O avô de Cervantes era magistrado, tendo ocupado vários cargos de importância; mas o filho, Rodrigo, insurgindo-se contra a austeridade do lar paterno, abandonou-o, indo casar-se com uma moça de nobre linhagem, mas pobre, Leonor de Cortinas. Desfavorecido de qualquer amparo, já que o pai desaprovara o casamento, teve de procurar um meio de vida qualquer para sustentar a família que se tornou, dentro em pouco, numerosa. Ei-lo a exercer o ofício de cirurgião, equiparado ao dos barbeiros na época, e a lutar com toda sorte de dificuldades. Procurando melhorar a situação, vai mudando de residência, e já possui três filhos, quando se instala em Alcalá de Henares, onde vem ao mundo o quarto, que se chamará Miguel.

Até hoje, apesar de tão vastos e minuciosos estudos, continuam a ser controvertidos muitos dados sobre a vida de Cervantes. Como passou a infância e a adolescência? Pouco se sabe, com exatidão, a respeito. Não resta dúvida de que o pai continuou a mudar de residência, sempre à procura de melhoria para uma vida de trabalhos e privações. Na companhia dos outros irmãos — foram sete, ao todo — o pequeno teria crescido ao deus-dará, sem cuidados nem conforto, familiarizando-se, desde muito cedo, com as brutalidades do mundo. Uma família pobre, em permanente nomadismo pelas cidadezinhas dessa Espanha de Felipe II... Onde estudou o jovem Miguel? Teria feito um curso regular na Universidade de Salamanca, na de Sevilha ou na de Alcalá? Um contemporâneo, Tamayo de Vargas, chamou-o de “engenho leigo”, mas não se pode negar que, se não fez qualquer curso universitário, conseguiu, pelo menos, reunir vasta cultura literária. É o que se depreende de sua obra, e ninguém que a conheça poderá negá-lo. Parece certo, no entanto, haver estudado gramática e retórica em Madri, em 1568, na escola de Juan López de Hoyos, quando escreveu um soneto dedicado a Dª Isabel de Valois (1567) — sua primeira composição literária conhecida — e uma elegia em verso pelo falecimento da esposa de Felipe II (1569). Também em Madri, ainda bem jovem, teve uma profunda impressão ao assistir às representações do grupo teatral de Lope de Rueda, passando este por lhe haver despertado a sedução das letras.

## NA ITÁLIA RENASCENTISTA

Cursasse ou não escolas, a verdade é que possuía grande conhecimento dos meios estudantis nesse tempo, em que na Espanha, como em outros países da Europa, os estudantes formavam uma classe à parte, com sua ética e seus costumes muito bem caracterizados. Jean Babelon aventa a hipótese de Cervantes, na mocidade, haver deixado a família para ir servir a el-rei, como soldado, à semelhança de vários jovens que lhe aparecem nos livros. Estudantes, aventureiros, boêmios, soldados, mendigos, bandidos — eis toda a humanidade heteróclita com a qual o autor do *Dom Quixote* teria entrado em contato desde a infância. Viveria eternamente sob o signo da insegurança e da aventura. E que aventura mais palpitante do que conhecer novas terras? Viajar seria um dos primeiros sonhos a inflamar o espírito de Cervantes. Pois surgia a oportunidade para realizá-lo. O prelado italiano Júlio de Aquaviva vem a Madri apresentar os pêsames do papa a Felipe II pela morte do filho deste último, e, aproveitando a ocasião, fazer certas queixas contra as autoridades espanholas de Milão, empresa esta que não pôde levar a cabo com êxito. Espírito culto, dado às artes e às letras, o prelado relaciona-se com os intelectuais de Madri, entre os quais López de Hoyos, mestre de Cervantes, que lhe teria indicado o discípulo como um servidor leal e inteligente. Com 22 anos, Cervantes parte para a Itália na qualidade de camareiro de Aquaviva. Foi certamente uma viagem maravilhosa. A Itália vivia uma das suas épocas mais notáveis, em pleno Renascimento, no apogeu das artes e das letras: Ariosto, Maquiavel, Aretino, Tasso, Cellini, Tintoreto, Da Vinci!... Há pouco morrera Miguel Ângelo. Cervantes — suas obras o provam — embebeu-se profundamente da cultura italiana da época, e no *El Licenciado Vidriera* nos dá conta de algumas peregrinações que realizou através da península. Empolgado pelo estudo e pela contemplação da beleza, qual o motivo que o levará a abandonar o ambiente magnífico da Itália renascentista para alistar-se nas tropas pontifícias que iam combater os infiéis? Não nos esqueçamos de que era também do próprio espírito da Renascença esse sentimento total da vida: contemplação e ação. Os perigos da guerra seriam uma experiência indispensável à formação "humana" de Cervantes. Recordemos a fórmula então em voga: *vivere pericolosamente.*

## O "MANCO DE LEPANTO"

Contra o avanço dos turcos que ameaçavam a Europa foi constituída uma Liga formada pela República de Veneza, o papa Pio V e a Espanha, reunindo-se as respectivas esquadras em Messina, sob o comando supremo de D. Juan da Áustria. Com um reforço vindo de Saboia e Gênova, rumam elas para Corfu e daí para Lepanto, onde se dá o formidável choque com a esquadra inimiga, mais ou menos igual em número de navios e com superioridade de homens. Depois de uma luta terrível, as naus cristãs alcançam a vitória, salvando a Europa da invasão. De Cervantes, sabe-se que se bateu com extraordinária bravura, recebendo vários ferimentos, inclusive um na mão esquerda, que a deixou inutilizada *para la gloria de la diestra.* Tornara-se um herói. D. Juan da Áustria felicitou-o. E apesar dos ferimentos e da mão lesada, toma parte em outros combates, como o de Navarino e o de Túnis. Incorporado ainda às forças pontifícias, retorna à Itália, e, ao cabo de cinco anos de vida militar, experimenta também o desejo de voltar à Espanha. Decerto, já iam longe as ressonâncias do heroísmo, e o nome de Cervantes agora não era mais do que o de um simples soldado, com a mão esquerda imprestável: o «manco de Lepanto». Obtendo licença, parte em companhia do irmão Rodrigo, levando recomendações do duque de Sesa e de D. Juan da Áustria para que o promovam a capitão. A galera *Sol*, num grupo de três naus, deixa o porto de Nápoles a 20 de setembro de 1575. Nela vai Cervantes, decerto cheio de esperança, contando com a recompensa do governo espanhol por tão leais e heroicos serviços. Mas seis dias depois, em alto mar, naves turcas atacam as galeras; duas destas últimas conseguem escapar, e justamente a *Sol*, em que viajava Cervantes e o irmão, é aprisionada pelos corsários do albanês Mami.

## CATIVEIRO NA ALGÉRIA

Começa, então, uma das principais e mais dolorosas etapas da vida de Miguel de Saavedra: o seu cativeiro na Algéria. São cinco anos de trabalhos, torturas e sofrimentos, suportados com estoicismo e resignação cristã, e dos quais retira ele uma experiência que lhe será fundamental na criação literária. Mais tarde, através de toda a obra cervantina, vamos encontrar, com frequência, traços, evocações, marcos desse dramático período. Não somente enfrentava corajosamente a situação, como procurava reerguer o ânimo dos companheiros de cativeiro, amparando-os e socorrendo-os por todos os meios que tinha ao alcance. Na Espanha não deixava de haver interesse pelos prisioneiros. O pai de Cervantes chega a dirigir-se ao rei, para ver se consegue o resgate dos dois filhos. Mas os mouros pediam avultadas somas. Fugir seria um dos recursos. A ideia de fuga constituía, aliás, a obsessão dos cativos, e Cervantes chega a tentá-la quatro vezes, com outros prisioneiros. Ora a traição, ora um golpe errado, tudo concorre para o fracasso, e vemos o futuro autor do *Dom Quixote* mais preocupado com a sorte dos companheiros do que consigo mesmo, sacrificando-se por eles a ponto de, na hora do castigo, declarar-se o único responsável, procurando atrair sobre si toda a culpa. Já era qualquer coisa semelhante ao quixotismo do seu herói.

Afinal, os irmãos, que se encontram na Espanha, conseguem reunir uma boa soma e enviá-la para o resgate de Miguel e Rodrigo. Os mouros libertam apenas Rodrigo; a liberdade de Miguel custava mais caro e o dinheiro não chegava. Acontece que Cervantes, devido às repetidas tentativas de fuga, acha-se agora sob a dependência direta do rei de Argel, que faz exigências desmedidas. Toca a suportar ainda por algum tempo o cativeiro. A vocação literária e poética do prisioneiro nessa época já se havia manifestado, e não é de estranhar, segundo o depoimento de um dos companheiros, procure ele amenizar as tristes horas do cativeiro fazendo versos. Supõe-se mesmo tenha começado ali a composição da pastoral *Galateia*, obra que lhe mereceu tanto carinho e na qual pôs muito de suas esperanças de artista.

Havia de chegar o dia da liberdade. Trouxe-a, em maio de 1580, a missão redentorista de frei Juan Gil. Os sacerdotes se tinham proposto a retirar o maior número possível de cristãos das mãos dos infiéis, e, ao cabo de negociações laboriosas, Cervantes pôde ser incluído no número dos libertos. Os inimigos, que nunca lhe faltaram na prisão, ainda agora o assediam. O ex-dominicano Blanco Paz procura caluniá-lo em cartas enviadas à Espanha, nas quais lhe atribui procedimento censurável durante o cativeiro. Não é sem dificuldade que Cervantes consegue destruir o complô.

Retornava à pátria, afinal, com 33 anos apenas e precocemente maduro. Se muito havia sofrido, muito também havia visto e aprendido.

Que o esperava em Madri? Após o regozijo da retomada de contacto com a família, a certeza de que todos continuam ainda mais pobres, sacrificadas as economias no resgate dos dois irmãos. D. Juan da Áustria, protetor de Miguel, morre, e o “manco de Lepanto” não encontra quem lhe recompense o mérito. Volta às fileiras e, embora sem o posto de capitão com que contava, é encarregado de desempenhar uma missão reservada em Orã.

Mas esse ano de 1581 seria de grandes acontecimentos na península. Morto D. Sebastião de Portugal, em Alcacerquibir, Felipe II reivindica o trono desse país, para o qual julgava ter mais direito do que D. Antônio, Prior do Crato. Regressando do norte da África, Cervantes é enviado para Portugal, já ocupado pelas tropas do duque de Alba. Enquanto o Prior do Crato, vencido na resistência que oferecera, fugia para a França, a terra lusa caía sob o domínio espanhol. Cervantes passou algum tempo ali, tudo nos indicando que simpatizou particularmente com a paisagem portuguesa. Em Lisboa decorrerá, mais tarde, parte da ação de sua novela *Persiles e Segismunda.* Compreende ele que já nada mais poderá esperar da carreira militar, em que não lograra o ambicionado e merecido posto de capitão.

## INTERLÚDIO PASTORAL

Em 1584 abandona a farda. Está agora em Madri, sem recursos, apenas animado por um sonho: o de concluir e publicar a pastoral *Galateia.* Certamente, de há muito viria sentindo a necessidade de cumprir o destino do escritor, aspiração bem difícil nessa época em que as letras constituíam privilégios dos nobres e só alguém, à sombra dos grandes, poderia cultivá-las. Assim mesmo, deposita grande esperança na sua *Galateia.* No mesmo ano de 1584 a obra aparece, dedicada a Ascânio Colonna, general das tropas pontifícias da Santa Liga.

Não precisaremos recordar aqui as características desse gênero literário que esteve em voga durante o século XVI e XVII na Europa. A pastoral atendia a uma necessidade de repouso, de tranquilidade, de vida pacífica e feliz, após as guerras da Idade Média: era a volta a um ambiente edênico, o repetido apelo da famosa “idade do ouro”, que os homens sempre sentiram através dos séculos. Depois dos romances de cavalaria, em que o herói luta encarniçadamente, desafiando todos os riscos e perigos para conquistar sua eleita, a pastoral representava a doce consolidação dessa conquista na paz iluminada dos campos, fora do tumulto e da ferocidade das competições humanas.

Por isso mesmo, esse gênero literário surge no momento em que os romances da cavalaria entram em decadência. Na realidade, a pastoral já havia sido cultivada entre os gregos por Longus e Teócrito, mas é no século XVI que ela reaparece com nova estrutura, para predominar em toda a Europa. O *Ameto* de Bocácio precede a *Arcádia* de Sannazaro, ponto de partida da chamada invasão dos pastores na literatura europeia. Foi, certamente, o êxito extraordinário da *Diana,* de Jorge de Montemayor, na península, que levou Cervantes, em meio de tão duros trabalhos e atribulações, a arquitetar e escrever *Galateia.* Como em todas as obras dessa natureza, a intriga gira em torno de um idílio entre pastores. No caso, vemos Elício apaixonado por Galateia, amada também por Erastão, que acaba se resignando com o fracasso de suas pretensões. Elício seria uma transposição da personalidade de Cervantes, e Galateia a de dona Catalina Palacias, com quem o escritor se casava nesse mesmo ano de 1584, na paróquia de Santa Maria, em Esquívias. Hipótese fundada no fato do autor haver dedicado a obra à futura esposa.

*Galateia* esteve longe de obter o êxito que Cervantes esperava, embora não fosse um trabalho inferior. Somente aí o autor não conseguiu, como lograria, mais tarde, nas *Novelas Exemplares* e sobretudo no *Dom Quixote*, superar o gênero.

Infelizmente, o casamento não trouxe também para o antigo soldado de Lepanto uma perfeita acomodação afetiva. Tinha uma filha ilegítima, Isabel, que acaba trazendo para casa — circunstância que, talvez, tivesse concorrido para o desentendimento entre os esposos.

No fundo, Cervantes não é o tipo do homem do lar, sempre entretido com a mulher e os filhos. Há nele o traço anárquico de um boêmio, corredor de aventuras.

Em 1585 morre-lhe o pai. Deixando a mulher em Esquívias, vai ele frequentar em Madri tertúlias literárias. Começa a seduzi-lo o teatro, e datam daí suas primeiras incursões na literatura dramática.

## PELAS ESTRADAS DA ESPANHA

Mas é preciso viver, as letras não dão dinheiro, e movido por essa inexorável necessidade de subsistência, Cervantes se vê obrigado a aceitar um dos empregos que menos se coadunavam com sua índole. Procurando vingar a morte da rainha católica Maria Stuart, Felipe II preparava uma poderosíssima esquadra para atacar a Inglaterra protestante de Isabel. Na foz do Tejo reúnem-se 160 navios poderosamente armados e equipados com mais de 22 mil soldados: a “Invencível Armada”. A alimentação desse enorme contingente exige a “requisição de víveres em toda a península”. Cervantes obtém o cargo de comissário real do abastecimento. É uma função profundamente antipática, cujo exercício não podia deixar de causar-lhe o maior constrangimento: ele, o homem cordial, solidário com os sofredores e os humilhados, encarnação da generosidade cavalheiresca do herói que havia de imortalizá-lo, transformado num publicano odioso. A presença dos comissários era sempre anunciada com alarme; tornavam-se frequentes as reações por parte dos camponeses, dos quinteiros, sobretudo dos pequenos proprietários rurais que queriam guardar a colheita a fim de vendê-la por melhor preço. De onde a necessidade das ameaças e a intervenção dos esbirros. Ei-lo a percorrer a Anduluzia, nessa missão simpática, sob as ordens de Dom Diego Valvidia, juiz no Tribunal Real. Mas embora sofrendo com o desajustamento do emprego, não pode deixar de tirar partido do novo campo de experiência que se desdobra à sua frente. É todo o cenário do *Dom Quixote* que vai buscar ele nessas jornadas, andando por caminhos ásperos, topando com os tipos mais variados e extravagantes, fazendo alto nas vendas à beira da estrada, dormindo em hospedarias, onde se reúnem forasteiros vindos dos mais diversos pontos do país a contar histórias estranhas e casos mirabolantes. São dias cheios e movimentados, em que o escritor reúne muito do material, que vai depois transpor nos quadros picarescos das *Novelas Exemplares* e de sua obra-prima, o *Dom Quixote.*

### SONETO DE MIGUEL DE CERVANTES
### A LA REYNA D. ISABEL II

*Serenissima Reyna, en quien se halla*
*lo que dios pudo dar a un ser humano,*
*amparo universal del ser christiano,*
*de quien la santa fama nunca calla;*
*Arma feliz, de cuya fina malla*
*se viste el Gran Phelippe soberano,*
*inclito Rey del ancho suelo Hispano,*
*a quien fortuna y mundo se avassalla:*
*¿Qual yngenio podria aventurarse*
*a pregonar El bien que estás mostrando,*
*si ya en diuino viese conuertirse?*
*Que, en ser mortal, abrá de acobardarse,*
*y assi le va mejor sentir callando*
*aquello que es difizil de dezirse.*

Certamente, não lhe faltam reveses e contratempos. No desempenho do cargo, tem, por exemplo, um desentendimento com a Igreja, o que não deixava de ser coisa muito perigosa na época, e com dificuldade consegue livrar-se das consequências. Por excesso de zelo, ia sendo ameaçado de excomunhão.

Destroçada a "Invencível Armada" pelo efeito de uma tempestade, que nas águas da Mancha dispersara os navios, favorecendo a reação dos ingleses ("mandei combater os homens e não os elementos" — dissera Felipe II), cessa naturalmente a arrecadação de víveres.

Em 1593, Cervantes deixa o cargo. Uma ideia vem tentar-lhe a fibra de aventureiro: emigrar para as ilhas Ocidentais, onde se faziam, da noite para o dia, tantas fortunas. Envia uma petição ao presidente do Conselho das Índias, na qual, depois de declinar todos os serviços prestados à pátria, solicita um emprego, que poderia ser uma contadoria em Nova Granada, o governo da província de Soconusco, na Guatemala, a contabilidade das galeras de Cartagena ou a corregedoria de La Paz. A resposta negativa é explícita: *Busque por acá en qué se le haga merced.*

## CRIME EM VALLADOLID

Desvanecera-se o sonho da América. Restava ir-se arranjando *por acá*, como melhor pudesse. E o recurso era continuar no cargo antipático e espinhoso de comissário, desta vez para a arrecadação de impostos. Tratava-se de um mister delicado: o manuseio do dinheiro público, num homem pouco rigoroso e metódico, como Cervantes, podia acarretar suspeitas de concussão. É o que acontece desgraçadamente com o autor de *Galateia.* Vê-se ele preso três vezes devido a irregularidades nas prestações de contas: uma em Castro del Ribo e duas em Sevilha. É lançado ao cárcere, sem nenhuma contemplação, em meio de ladrões e vagabundos da pior espécie. Teria começado ou escrito toda a primeira parte do *Dom Quixote* na prisão de Sevilha, nesse lugar "donde toda incomodidade tiene asiento y donde todo triste ruido hace su habitación"? É o que se supõe, mas até hoje não está suficientemente provado. De qualquer forma, seduziu à posteridade imaginar esse quadro de Cervantes, entre as paredes de um cárcere, *tra la perduta gente*, formulando sua mensagem de sonho, ironia e perdão para os homens.

Desempenhando uma profissão rígida e material, Cervantes empregava todo o tempo disponível na literatura. Favorecia-o, naturalmente, a atmosfera cultural de Sevilha nas últimas décadas do século XVI — a idade de ouro das letras espanholas. O comissário de impostos compunha sonetos, comédias, novelas, interessado principalmente em firmar contratos para a publicação de peças dramáticas. Desde menino, quando se impressionara com os espetáculos de Lope de Rueda, julgara ser o teatro a vocação natural do seu espírito.

Em 1604, quando Felipe III, por influência do duque de Lerma, transferiu a corte de Madri para Valladolid, Cervantes, fiel ao costume dos escritores, poetas e artistas acompanharem sempre o rei, sob cuja órbita viviam, também se mudou com a família para lá. Não lhe foi fácil obter alojamento, dado o acréscimo repentino da população da cidade: os grandes senhores se instalaram logo nas melhores residências e, como é de prever-se, os preços teriam subido; a vida se tornara tão cara e difícil quanto faustosa em Valladolid. D. Miguel, que nessa ocasião, parece, se achava separado da esposa (nem sempre viveram juntos, havendo várias alternativas de separação), fazia-se acompanhar de uma cunhada, duas irmãs e a filha natural Isabel. Com dificuldade conseguiu acomodação num dos bairros mal-afamados da cidade: um primeiro andar do qual compartilhava a viúva do cronista Estéban de Garibay. Do andar térreo, vinham os rumores de uma taberna; outros cômodos do prédio também estavam alugados e era por toda a residência uma aglomeração de mulheres em tagarelice e mexericos, enquanto na taberna se aglomeravam bêbados e vagabundos. Nesse ambiente de "cortiço" alvoroçado pela tremenda loquacidade espanhola, era que o pobre Cervantes procurava debalde escrever. Pode-se facilmente imaginar o exaspero em que se via e a dose de paciência de que precisava revestir-se para suportar tamanha balbúrdia. Enquanto isso, as festas se sucediam e o movimento se tornava cada vez maior em Valladolid, aumentando igualmente, com o número de fidalgos, o número de aventureiros, de indivíduos suspeitos e de pícaros. Agora era o batizado do infante recém-nascido que se festejava com grande pompa, recrudescendo o burburinho e a mescla de forasteiros na cidade. Na noite de 27 de janeiro de 1605, nessa atmosfera de agitação. Cervantes ouve gritos na rua: um homem acabava de cair ferido na calçada. Socorrem-no vários moradores do prédio, juntamente com d. Miguel, recolhendo-o para dentro. Ao cabo de dois dias, apesar da assistência solícita das mulheres, o homem vem a falecer. Tratava-se de um tipo de maus antecedentes: d. Gaspar de Ezpeleta. A justiça toma conhecimento do caso, presidido o inquérito pelo juiz Villaroel. As suspeitas recaem sobre os moradores do prédio. Tudo parece indicar que o homem ali viera por causa de alguma das mulheres, sendo vítima de uma represália passional. A filha de Cervantes, Isabel, de maneiras levianas, passava por amante de d. Gaspar. Toda a família Saavedra, implicada no caso, é conduzida à prisão e submetida a prolongados interrogatórios. Como nada se consiga apurar de positivo, restituem-lhe a liberdade, tendo antes, porém, o juiz o cuidado de fazer recomendações severas e vexatórias a Cervantes com relação ao procedimento da filha.

## O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA

Assim, no momento em que aparecia a primeira parte do *Dom Quixote*, despertando a maior curiosidade do público, o escândalo vinha projetar uma sombra desmoralizadora sobre o nome do escritor. Tal o desígnio implacável a perseguir o pobre d. Miguel.

Desde 1604, Cervantes havia conseguido privilégio para fazer imprimir o *Dom Quixote.* Mas parece que não lhe foi fácil conseguir editor. Azorín, numa página deliciosa, imagina-o, com o grosso manuscrito debaixo do braço, a enfrentar recusas desanimadoras. Lope de Vega, tendo lido a obra, deu sobre ela a pior opinião: Cervantes era um péssimo escritor e o *Dom Quixote* uma sensaboria. Esse juízo, partindo da maior figura literária da época, não podia deixar de influir no ânimo dos editores. Afinal, em janeiro de 1605, o livro aparece, impresso em Madri, na tipografia de Juan de la Cuesta, para o editor Francisco Robles, estabelecido na mesma cidade. Foi o que hoje chamamos um best-seller. Tem sucesso absoluto. De tal maneira, que no mês seguinte Cervantes já cuidava de obter um privilégio para Portugal, informado do extraordinário interesse suscitado pela obra ali, privilégio que vendeu, logo depois, a Francisco Robles. A primeira parte do *Dom Quixote* foi dedicada ao duque de Béjar. Era costume da época, em que os direitos autorais rendiam sempre muito pouco, colocar-se os escritores sob a proteção dos nobres e poderosos, dedicando-lhes os livros. Mas ainda aqui Cervantes não teve sorte. O duque de Béjar, por motivos até hoje discutidos, não se dignou a corresponder à homenagem. Segundo uma das versões, o tom satírico do *Dom Quixote,* sugerindo a intenção de ridicularizar a nobreza, lhe parecera meio inconveniente, levando-o a essa abstenção cautelosa. De qualquer forma, não podemos deixar de encarar sem ironia a figura desse grande de Espanha, do ilustre fidalgo, cujo nome ficaria inteiramente desconhecido pela posteridade, não lhe houvesse inscrito no pórtico de um livro o humilde novelista, que debalde lhe solicitara a atenção. Cervantes tinha 57 anos quando publicou a primeira parte do romance. Aqui, em plena maturidade, já nos umbrais da velhice, começa verdadeiramente a carreira do escritor.

## NOVOS TRABALHOS E ANDANÇAS

Em 1606, Felipe III retorna a Madri e acompanha-o mais uma vez Cervantes, indo residir à rua Madalena, perto da livraria de Robles. Apesar do êxito de *Dom Quixote,* a vida continua a correr-lhe amarga. Dificuldades financeiras, desgostos de família, a certeza cada vez mais desanimadora de que não conseguirá realizar plenamente o destino de escritor e artista, tudo isso cava rugas profundas na face cansada do guerreiro de Lepanto. As decepções de Cervantes começam a identificar-se com as do seu herói.

A filha Isabel, sempre a preocupá-lo pela incorrigível leviandade, agora se torna esposa de Diego Saves del Áquila. Morto o marido, dentro de algum tempo, ei-la a contrair segundas núpcias com Luís de Molina, comprometendo-se Cervantes a entregar a este dois mil ducados, como dote. É mais uma complicação financeira em que se vê o escritor: Molina não passa de um aventureiro sem escrúpulos, disposto a explorar o sogro e a tirar todo partido da situação. Exigindo o dote perante os tribunais, obriga o fiador apresentado por Cervantes a entrar com a quantia, o que leva depois o romancista aos maiores sacrifícios financeiros para indenizar aquele. Nesta altura, dona Catalina, sempre em conflito com o marido, resolve também deserdá-lo. Em 1609, Cervantes perde uma irmã, Andreia, que lhe havia prestado sempre carinhosa assistência, e dois anos depois, outra, Madalena.

Mas em 1609 ainda encontra novo motivo para amargurá-lo. O conde de Lemos parte para a Itália, incumbido de uma missão oficial em Nápoles, e como era costume na época leva na sua comitiva grande número de intelectuais e artistas. Cervantes espera ser incluído entre estes últimos. Há muito tempo que sonhava rever a paisagem italiana, de que conservava tão profunda impressão e cuja influência lhe sentimos tão viva nos livros. Mas o conde não se lembra do autor de *Dom Quixote.* Apesar do sucesso da obra, Cervantes não passava de um novelista, um contador de histórias, categoria literária que estava longe de possuir grande cotação no século XVII, o que deve explicar até certo ponto o gesto do grande senhor, preterindo um autor de tanto mérito a quem se habituara a proteger.

## AMIGO DE PÍCAROS

Na mesma ocasião, agravam-se as rivalidades entre Cervantes e Lope de Vega. De há muito que os dois maiores gênios da época viviam em conflito, e agora, mais do que nunca, o ódio parece erguer-se entre ambos.

Em 1612, *Novelas Exemplares*, obra que continua tão viva quanto o *Dom Quixote*, é considerada por muitos quase no mesmo plano literário deste último. São um modelo de novela picaresca, gênero que, como a pastoral, também surgiu na Espanha na decadência do romance de cavalaria. O pícaro era algo semelhante ao que mais tarde passamos a chamar de boêmio, o indivíduo sem eira nem beira, que vai se defendendo na vida de qualquer jeito, através de múltiplas aventuras, conseguindo sempre se sair bem das mais complicadas situações. Tipo representativo de uma época, em que o poderio imperial da Espanha começa a declinar e a desordem econômica e moral invade a sociedade. O que caracteriza, porém, os heróis picarescos é o seu realismo; enquanto as personagens dos romances de cavalaria são todos idealizados, os dos romances picarescos tendem a exprimir as fraquezas e as misérias humanas. No *Dom Quixote* vamos ver como Cervantes conjugou admiravelmente as faces diversas desses dois tipos de heróis. Muito da experiência humana e social do autor se encontra nos tipos extravagantes e bizarros, nas situações complicadas, nos deliciosos flagrantes de costumes das *Novelas Exemplares*. Sim, exemplares, porque oferecem exemplos de uma filosofia estoica e complacente da vida. Os detalhes realistas aqui em nada ficam a dever, na firmeza e na exatidão, aos do *Dom Quixote*. E a inventiva de Cervantes se apresenta em toda sua prodigiosa variedade. As influências sofridas pelo autor foram diversas: há traços de Apuleio, de Luciano de Samosata, dos antigos; muitas reminiscências italianas; mas acima de tudo é da própria vida, do muito que viu e viveu por este mundo de Deus que Cervantes retira as suas novelas. Será preciso lembrar algumas, cuja incorporação se poderia dar, sem nenhuma desarmonia, na sequência narrativa do *Dom Quixote*? Quem não conhece, por exemplo, *Rinconete e Cortadillo* e não se recorda das aventuras desses dois pícaros, tendo por pano de fundo o ambiente *hors-loi* de Sevilha? E a figura inesquecível do licenciado Vidriera, um desses malucos amáveis, cuja sabedoria Cervantes tanto apreciava e iriam ressurgir, muitos séculos depois, nos romances de Dickens?

No prólogo das *Novelas Exemplares*, o autor manifestava propósito de continuar em outro livro as andanças de Dom Quixote. Foi o bastante para que alguém, aproveitando-se da ideia, impingisse ao público, em 1614, a segunda parte das proezas do *ingenioso hidalgo*, sob a assinatura do licenciado Alonso Fernández de Avellaneda, natural da vila de Tordesilhas. Tratava-se de uma contrafação grosseira com o objetivo único de explorar o êxito do romance de Cervantes, a quem Avellaneda denegria num prefácio insultuoso. O Quixote dessa segunda parte aparece-nos como um maluco vulgar, destituído do alto sentido idealista com que Cervantes o transfigurou, e o livro parece não ter tido grande repercussão. Não obstante, é fácil imaginar o desespero em que ficou d. Miguel ante essa apropriação indébita de um herói em que ele pusera muito de si mesmo e cujo destino pretendia ainda prolongar.

## O FALSO QUIXOTE

Qual seria o autor desse falso *Dom Quixote*? A alusão de Avellaneda à rivalidade entre Cervantes e Lope de Vega, encerrando até uma ameaça por invocar as imunidades eclesiásticas do último, fez com que se atribuísse ao grande dramaturgo a contrafação. Mas nada se apurou de positivo sobre isso. Falou-se também de Tirso de Molina, Ruiz de Alarcón, frei Luís de Aliaga, confessor de Felipe III; e a identidade de Avellaneda continua a ser até ao presente um dos enigmas insolúveis da história literária.

O aparecimento do *Dom Quixote* clandestino teria levado Cervantes a apressar a elaboração da prometida segunda parte. Antes, porém, em 1614, publica ele o poema *Viagem ao Parnaso*, dedicado a Don Rodrigo de Tapía, filho de um ilustre personagem, consultor do Santo Ofício, e que não possuía então mais do que 15 anos de idade. O poema, inspirado numa obra do italiano Cesare Caporale, mostra-nos o Parnaso assaltado por uma turma de vates medíocres, enquanto Apolo, para defender a colina sagrada das musas, envia Mercúrio, em busca de reforços, à Espanha. Trava-se, afinal, a batalha decisiva e os maus poetas são derrotados. O intuito de sátira a estes últimos é evidente, aproveitando-se Cervantes da alegoria para causticar alguns inimigos, e, em certa altura, reivindicar os próprios méritos tão mal reconhecidos pelos contemporâneos.

## EXPERIÊNCIAS TEATRAIS

O teatro preocupou Cervantes, como já vimos, desde muito cedo, tendo ele alimentado o ideal de se tornar um grande autor dramático, propósito do qual desistiu quando compreendeu a impossibilidade de competir com Lope de Vega no mesmo terreno. Mas embora não desse aí o melhor do seu talento, trouxe para o gênero algumas valiosas contribuições, numa época em que a arte teatral não havia ultrapassado, na Espanha, os limites formais dos mistérios e dos autos sacramentais, com caráter essencialmente religioso. As contribuições de Cervantes foram, porém, obscurecidas pelo gênio dramático de Lope de Vega, cuja obra fecunda e poderosa dominou todo o Século de Ouro. O próprio Cervantes reconheceu isso, quando chamou o rival de *monstruo de la naturaleza.*

Escreveu ele tragédias, comédias e entremezes, sendo que algumas dessas obras se perderam. Das tragédias, a maior delas é *A Numância*, não só pelas inovações técnicas que apresenta, como pelo poder de sugestão com que é tratado o assunto. Enriquecendo um fato histórico — o cerco e a resistência de Numância — com alguns detalhes imaginários, Cervantes fez qualquer coisa de semelhante à tragédia antiga. Ainda há 15 anos, adaptada a certas exigências modernas, foi essa peça representada em Paris. Destacaremos ainda *A Viagem de Argel*: escrito em data desconhecida, evoca episódios do cativeiro do autor, numa habilidosa transposição cênica. Em 1615 apareceu o volume *Oito Comédias e Oito Interlúdios Novos*, nunca representado, onde há composições curiosíssimas como *O Rufião Ditoso*, *O Labirinto de Amor* e, principalmente, *Pedro de Urdemalas*, cujo protagonista não é outro senão um ancestral do nosso Pedro Malazartes.

Está Cervantes velho, ou antes, precocemente envelhecido e doente. De que sofre? Os médicos falam de várias moléstias, entre as quais a arteriosclerose. O sentimento religioso que decerto nunca foi muito forte no íntimo desse discípulo de Erasmo, se torna agora mais vivo. É o momento de pensar nas recompensas divinas, já que as terrestres falharam completamente. Assim mesmo, ainda escreve. Tem de ultimar o *Dom Quixote.* Não se conformaria em deixar o mundo, sem levar até o fim da jornada o cavaleiro manchego. No prólogo das *Novelas Exemplares* também se referia ele a outro livro que pretendia oferecer ao leitor *si la vida no me deja.* Eram os *Trabalhos de Persiles*, romance do qual se ocupava, mas que possivelmente teria posto de lado, quando a contrafação de Avellaneda o convencera da necessidade de apressar a segunda parte do *Dom Quixote.* Concluída esta, voltara, sem dúvida, àquela obra, só publicada postumamente em 1617 sob o título *Trabalhos de Persiles e Segismunda* e dedicada ao conde de Lemos. Não nos podemos deter na análise desse romance que tem admiradores entusiastas e passa por ser uma das maiores expressões do gênio de Cervantes, embora bem menos lido que o *Dom Quixote* e as *Novelas Exemplares.* Com reminiscências de Heliodoro e Ariosto, Cervantes bordou uma história em que o real se consorcia com o fantástico, da maneira mais original e artística. Aventuras, idílios, viagens, numa sucessão encantadora de paisagens que se esbatem por vezes no plano de uma geografia maravilhosa; o tecido de uma intriga engenhosamente construída com o senso do romanesco peculiar do autor do *Dom Quixote*; e a par de tudo, a observação, o humor, a poesia — eis em duas palavras esse livro no qual Cervantes, segundo Jean Babelon, mostrou que não podia ser inimigo das novelas e nem acusado de satirizá-las quem as sabia compor com tanta graça e amor.

## SEPULCRO HUMILDE E SEM LÁPIDE

Em 1614 ainda Cervantes consegue o primeiro lugar num concurso de poemas realizado em homenagem à beatificação de Santa Teresa — bem magra compensação para quem se via pobre e enfermo, quase solitário, sem família e sem amigos. Um pequeno regozijo, talvez: o de saber que coube ao velho inimigo, Lope de Vega, ler o poema premiado. Por volta de 1615, quando a primeira parte do *Dom Quixote* já havia sido traduzida na França, vários fidalgos franceses, em visita a Madri, numa missão oficial, perguntam por Cervantes. Como era ele? Como vivia? E ao sabê-lo pobre, exclamam espantados: “Pois a Espanha não fez rico esse homem? Não o tornaram pensionista do Estado?”

Nesse ano de 1615 aparece, afinal, a segunda parte do *Dom Quixote*. O Cavaleiro da Triste Figura acabava de cumprir inteiramente sua missão e Cervantes também a cumprira, assistindo-o até a morte. O herói morre quando já não vê possibilidades de novas aventuras; o criador sente que só lhe resta morrer quando já se “realizara” plenamente na criatura.

Toma ele agora o hábito da Ordem Terceira de São Francisco: voto de pobreza e de humildade. Decerto, toda a Espanha se delicia nessa ocasião com a segunda parte do *Dom Quixote*, mas quem se preocupa com a sorte de um contador de histórias? A 17 de abril, desiludido dos homens e bem com Deus, Cervantes recebe a extrema-unção. Dona Catalina, que se achava separada do marido, vem assistir-lhe os últimos momentos. Em estado pré-agônico, o romancista ainda consegue endereçar algumas linhas ao conde de Lemos, para morrer no dia 23, um sábado. Enterram-no, como irmão terceiro, as Madres Trinitárias: um sepulcro humilde e sem lápide.

## “AMADIS MORREU!...”

Os chamados romances de cavalaria entraram em voga na Espanha nos fins do século XIV, precisamente quando já estavam em plena decadência no resto da Europa e a instituição medieval da cavalaria que os inspirava já tinha mais ou menos desaparecido. Foi uma irrupção avassaladora na península Ibérica a dessa literatura romanesca, insuflada pela fantasia feérica das canções de gesta do ciclo bretão. *El Caballero Cifar*, tido como o mais antigo dos romances de cavalaria espanhóis, data dos começos do século XIV, mas é com o aparecimento do *Amadis de Gaula*, atribuído a Ordónez de Montalva, em 1508, que o gênero conquista inteiramente o público, transformando-se numa obsessão, numa verdadeira mania. Multiplicam-se então histórias semelhantes, espalhando-se por toda parte e lidas com avidez e entusiasmo, não atingindo porém nenhuma delas a qualidade literária do *Amadis.* No fundo, todos os romances de cavalaria se parecem, obedecendo aos mesmos *poncifs,* como se parecem os romances que, séculos depois, deles descenderam: os do gênero folhetinesco e policial. E se quiserem ter uma ideia do que foi a paixão por tal leitura na época, lembrem-se da voga do romance-folhetim no século passado e do sucesso obtido hoje pelas histórias de detetive.

Nas novelas de cavalaria predomina o inverossímil: os heróis são falsos sem contactos humanos, falsas as situações em que se envolvem e a maneira pela qual as suplantam. Gigantes, bruxas, gênios, maléficos e benéficos, dragões, formam a vasta comparsaria dessas narrativas intermináveis que inflamavam o cérebro dos leitores de então. O herói é sempre um cavaleiro gentil, de bravura incontestável, generoso e galhardo, saindo pelo mundo em busca de aventuras, a reparar injustiças e desfazer agravos, animado pelo afeto puro e ardente que lhe inspira uma mulher ideal a quem ele considera a eleita das eleitas, síntese de todas as virtudes e todos os encantos. As histórias não terminam, como as novelas romanescas do século XIX, em casamento. O herói da cavalaria contenta-se em ser compreendido e amado pela rainha dos seus sonhos; isto basta para trazer-lhe a felicidade e compensar-lhe os sacrifícios a que se submete, com frequência, nas mais complicadas aventuras.

Tal gênero, segundo se tem afirmado, não estaria perfeitamente de acordo com as tendências da alma espanhola, inclinada mais para o épico do que para o romanesco, e o verdadeiro herói da península seria o Cid Campeador e não o Amadis. Tratar-se-ia, assim, de uma literatura de importação que, por circunstâncias particulares, se aclimatara na Espanha. Mas quais seriam, precisamente, essas circunstâncias: o gosto da aventura, a tentação do desconhecido, a curiosidade de devassar mundos ignorados que vinham levando os navegantes espanhóis a enfrentar os mares povoados de abismos e de monstros?

O certo é que Amadis e seus inúmeros descendentes ali se implantaram, fanatizando um vasto público, no qual não se incluiria apenas a massa dos leitores medianos e incultos; espíritos de elite, como Santa Teresa de Ávila, também pagaram tributo aos romances de cavalaria, lendo-os com enlevo e até mesmo os escrevendo. E a fantasia dessas narrativas sugestionava de tal forma os leitores que estes chegavam a tomar os heróis falsos por criaturas verdadeiras, identificando-se com eles, sofrendo com os reveses e a desgraça dos mesmos. Um fenômeno de alucinação, frequente, aliás, em todas as épocas, nos leitores apaixonados de romances. E alude-se ao caso de um pai de família que, ao voltar para casa, encontrou a mulher, os filhos e os criados num estado de indizível consternação, mal contendo o pranto. Procurando saber do que se tratava, todos lhe deram conhecimento, a um só tempo, do descalabro irreparável: “Amadis morreu! Amadis morreu!...”*

Semelhante fanatismo não podia deixar de inquietar os espíritos sensatos, os eruditos, os moralistas, os que faziam a literatura tida por verdadeira e séria na época — e, sobretudo, as autoridades eclesiásticas, os teólogos incumbidos de zelar pela paz das almas e a sanidade dos espíritos. Tais heróis deviam parecer-lhes naturalmente invenções do diabo para perturbar as imaginações e levá-las ao pecado. No entanto, fosse porque os próprios ministros da Igreja se interessassem pelas proezas de Amadis e seus pares, fosse porque lhes parecesse justa certa tolerância com a necessidade de diversão das massas, o certo é que só muito tarde, no Concílio de Trento, foi recomendada às autoridades eclesiásticas vigilância contra a propagação dessas novelas. Mas então já muitas vozes, como a dos humanistas Juan Valdés e Luís de Vives, as tinham condenado pelas mentiras, as tolices e os absurdos que divulgavam.

É quando aparece, em 1605, a primeira parte do *Dom Quixote.* E presenciamos esta coisa verdadeiramente estranha, esta coisa inesperada e desconcertante: as proezas de um legítimo herói de cavalaria, em lugar de emocionar, de comover, de fazer chorar, como no caso dos que lamentavam a desgraça de Amadis — fazem rir, rir desabaladamente, saudavelmente. Eis a prodigiosa operação realizada por Cervantes no gênero: deslocou-o do plano fantástico para o real; desencantou os heróis imaginários, transformando-os em seres humanos, de carne e osso. E o que comovia, quando apelava para a ingenuidade do leitor, despertava o riso agora ao falar-lhe à inteligência.

## PONTO DE PARTIDA

Sátira? Procurara Cervantes desferir um golpe de morte contra os romances de cavalaria? Esta versão, aceita por muitos e corrente durante longo tempo, tudo nos mostra hoje, no presente estado dos estudos cervantinos, não ser bem exata. D. Miguel amava, na essência, os romances de cavalaria, ou melhor, o substrato romanesco dessas obras; mas sendo um espírito crítico, não podia aceitá-las, tal como eram concebidas e realizadas. Daí o seu propósito de modificar, transformar e não destruir o gênero, cujo fundo o encantava, incorporando-lhe um elemento preponderante até então desprezado pelos autores: a realidade. Parece-nos justa até certo ponto a conclusão do sr. Josué Montelo, em recente ensaio sobre *Cervantes e os Moinhos de Vento,* quando considera o *Dom Quixote* uma sátira ao leitor crédulo. Sim, d. Miguel procurou antes zombar do leitor que acreditava piamente nas façanhas estapafúrdias dos heróis de cavalaria do que ridicularizar estes últimos, ou melhor, o gênero. Basta observarmos o seguinte: sendo cômico, Dom Quixote não chega, um só momento, a ser propriamente ridículo. Julgamos que isto deixa transparecer, muito bem, a verdadeira intenção de Cervantes.

Decerto, a obra é, pelo feitio, pelo desenvolvimento, pela categoria dos tipos e a natureza das situações, um romance de cavalaria. Cervantes teve o cuidado de seguir mesmo o modelo típico do *Amadis de Gaula.* Quem conhece este último, verá a todo momento qual a razão de muitos gestos do Quixote, ou da ocorrência de determinados episódios: era porque Amadis fazia assim e porque no referido romance se encontram casos semelhantes. No entanto, a mudança de perspectiva é completa; os ingredientes específicos do gênero ganharam uma expressão nova. Sente-se, também, alguma semelhança com outro ramo de ficção que começava a ganhar terreno na Espanha, na época, e foi, igualmente, cultivado por Cervantes nas *Novelas Exemplares*, como já vimos; o picaresco. No *Dom Quixote* aparecem muitos pícaros e presume-se até não tivesse o autor, no começo, maior objetivo do que o de escrever uma dessas "novelas exemplares". As aproximações estão longe, porém, de criar uma identidade; Cervantes aproveitou-se somente de elementos picarescos para vitalizar a obra no sentido do humano e do real. São influências semelhantes a outras que podemos aí assinalar; pelo feitio, o *Dom Quixote* é um romance de cavalaria. É e não é — acrescentaremos — porque o autor superou genialmente todas as possibilidades do gênero, para dentro de novas dimensões realizar coisa inteiramente inédita: aquilo que Heine chamou o ponto de partida do romance moderno. Facilmente constataremos isso no simples cotejo de uma página do *Dom Quixote* com tudo quanto se fez de melhor em matéria romanesca até o começo do século XVII. Pela técnica da narrativa, a construção, a força dos caracteres, o movimento, a superioridade da obra de Cervantes é imensa. Basta dizer que ninguém lê mais hoje, a não ser por curiosidade erudita, as novelas de cavalaria e as pastorais, ao passo que o *Dom Quixote* se torna cada vez mais atual, lido avidamente e reinterpretado por sucessivas gerações. Cervantes teve, pode-se dizer, a intuição do que seria futuramente o romance, gênero que só no século XIX adquiriu foros de "nobreza", para revestir-se em nossos dias de uma importância extraordinária. Substituiu ele, por exemplo, a narrativa lineal, mais própria do conto, pela narrativa em várias dimensões que é, pode-se dizer, específica do romance. O que hoje chamamos de *roman-fleuve*, já existe no *Dom Quixote*, cuja ação se desenvolve numa espécie de desenrolamento fluvial.

## RETRATO DA ESPANHA

Mas a maior conquista do "manco de Lepanto" foi certamente a impressão de vida, quer nos personagens quer no ambiente, que o ficcionismo até então não lograra dar. As novelas de cavalaria, como as pastorais, decorriam no plano de uma geografia imaginária e feérica. No *Dom Quixote*, pela primeira vez, o leitor vai encontrar um país em sua realidade geográfica, social e psicológica. É a Espanha dos fins do século XVI, perfeitamente reconhecível em tudo: na paisagem, na arquitetura, nos tipos, nos trajes, nas instituições, nas menores particularidades da vida quotidiana. Se o fidalgo manchego, sob o signo do ideal que o arrasta, transfigura certos aspectos dos lugares por onde de passagem se envolve em peripécias inesquecíveis, isso não impede o romancista de caracterizar muito bem tais sítios, a ponto de se poder refazer, em nossos dias, o itinerário de Dom Quixote. Os personagens desempenham um papel orgânico no ambiente em que evoluem. Muitas das atitudes, dos gestos, das resoluções e, principalmente, dos equívocos do Quixote são condicionados pela realidade ambiente da Espanha de então. Por que facilmente sua imaginação se exalta e confunde ele os moinhos de vento, até hoje frequentes naquelas paragens da Mancha, com gigantes terríficos? Porque eram, então, uma novidade na Espanha, tendo sido ali introduzidos em 1575. Por que desce Dom Quixote na cova de Montesinos? Porque essa cova existe, de fato, no local onde a situa Cervantes, e até hoje qualquer pessoa pode repetir a proeza do herói manchego. A singularidade de tão estranha escavação não podia deixar de tentar o Quixote, como o aceno de uma nova aventura. Assim, muitos outros procedimentos dos personagens decorrem do meio que os circunda, enquanto vários episódios da vida espanhola nesse fim de século neles se refletem. Também os tipos não são inventados; Cervantes conheceu-os, toda a humanidade que ele pôs no livro foi a humanidade com que cruzou de aldeia em aldeia, nas andanças fatigantes de cobrador de imposto. Várias versões existem sobre os modelos de Alonso Quijano, de Sancho Pança, dos duques que acolhem o Cavaleiro da Triste Figura e o fazem, juntamente com o escudeiro, alvo de toda espécie de burlas. E se o Quixote não foi, na realidade, o fidalgo d. Rodrigo Pacheco, "obscuro e lunático", cujo retrato se encontra na igreja de Argamasilha de Alba, com a seguinte dedicatória: *Por haberle librado de una gran frialdad que se le cuajó dentro del cérebro*; se não foi, muito menos, certo fidalgo de Esquívias, Alonso Gutiérrez de Quijada, parente de Cervantes por afinidade, como quer o erudito Rodríguez de Marín — o certo é que ele se explica, historicamente, por um tipo comum nesse fim de século em que já se prenunciava a decadência da Espanha: o do fidalgo pobre a sonhar com aventuras e conquistas na sua aldeia natal. O ciclo dos descobrimentos e a formação do império colonial espanhol permitiram o enriquecimento, da noite para o dia, de uma infinidade de emigrantes, muitos dos quais sem nenhum título de nobreza, enquanto na mãe-pátria, onde a crise começava a esboçar-se, iam ficando, reduzidos a condições cada vez mais precárias, fidalgos para os quais o sonho constituía a única compensação. Dom Quixote seria um desses nobres desfavorecidos a encontrar um derivativo precioso na leitura dos romances.

Mas não se limita Cervantes a retratar a Espanha por fora; penetra-lhe no fundo da alma, e toda psicologia do povo pode ser observada, nas mínimas particularidades, nesse livro genial. Quem viaja, ainda hoje, pela península, surpreende, a todo momento, nas ruas, nos bares, nos hotéis, no carregador que lhe vem apanhar as malas na estação, reações que o levam a pensar logo em tipos e episódios do *Dom Quixote.* Na continuidade histórica dos seus caracteres nacionais, sem alterações sensíveis, no decorrer de três séculos, o povo espanhol prossegue vivendo a obra de Cervantes. Legou este assim, aos romancistas futuros, entre muitas outras lições, esta, de uma importância extraordinária: a fixação do universal, através do nacional, e, mais particularmente, do regional. As ligações íntimas com o solo, o meio, a raça não constituem limitações para uma criação romanesca; antes, será mesmo por aí que o criador poderá atingir mais plenamente a humanidade. O *Dom Quixote* se integrou no mundo, na medida em que se conservou genuinamente espanhol.

Inúmeras pesquisas têm sido feitas sobre as fontes do livro de Cervantes, e não é raro, em nossos dias, surgirem estudiosos a descobrir aqui e ali novas pistas.

De maneira geral, podemos dizer que a principal fonte da obra é a própria experiência do autor, de uma riqueza profunda. Cervantes tirou o Quixote de si mesmo; os temperamentos de ambos possuem a mais estreita afinidade: eterno idealista a confundir moinhos de vento com gigantes, a correr aventuras, numa existência nômade e cheia de reveses, atribulada e sem descanso, foi também a de d. Miguel.

Mas esse homem que passou, por muito tempo, perante a posteridade, como um "engenho leigo", e cuja cultura está hoje comprovada, evidencia no *Dom Quixote* variadíssimas influências, quer dos antigos, quer dos modernos. Não faltou quem descobrisse nos episódios do referido romance certo paralelismo com passagens da *Eneida*, de Virgílio; Thomas Mann vai buscar origens cervantinas no *Asno de Ouro*, de Apuleio e em novelas da antiguidade clássica; Vicente de los Rios chega a entrever uma verdadeira imitação da *Ilíada.* As influências da Renascença italiana, sobretudo da novelística, são bem marcantes. Ramón Menéndez Pidal assinala num conto de Sacchetti o tipo de um velho também dominado pela mania da cavalaria e cujas proezas apresentam muitos pontos de semelhança com as do Quixote. Quanto às diversas burlas de que são alvo o engenhoso fidalgo e o escudeiro não passam de uma tendência muito comum na vida social italiana renascentista, e de que chegou a ocupar-se demoradamente Castiglione, no livro *Cortesão.* Da literatura espanhola também se tornam visíveis, entre outros, traços do *Romancero*, havendo sobejos motivos para se afirmar que foi num esquecido *Entremés de los Romances* que Cervantes encontrou a ideia principal do livro. E acima de tudo, convém não esquecer, o *Dom Quixote* é bafejado pela atmosfera renascentista e pelo humanismo de Erasmo. Da acomodação destas influências no espírito da Espanha católica provém justamente o barroquismo do romance, caracterizado por alguns dos mais modernos tratadistas.

## O CAVALEIRO E O ESCUDEIRO

Que procurou exprimir Cervantes no *Dom Quixote*? Possui o livro um sentido oculto? Será uma construção alegórica de que o autor lançou mão para dizer certas coisas que não lhe convinha enunciar de outra maneira? A fantasia dos intérpretes tem chegado a extremos inaceitáveis. Houve quem descobrisse uma sátira a Felipe II e quem encontrasse um ataque habilmente disfarçado à Igreja. Para outros, o Quixote seria a poesia e Sancho a prosa, residindo no conflito entre estas duas formas de expressão do espírito humano o sentido do romance. E por aí afora.

Mas a ideia principal para a posteridade, na personificação da qual o Cavaleiro da Triste Figura e o escudeiro se desligaram do livro, foi como se sabe a seguinte: a oposição entre o sonho e a realidade; o espírito e a matéria; o ideal e a estreiteza do comodismo burguês. Ora esta concepção antitética dos dois personagens, que se consagrou na sabedoria das nações, é um tanto simplista. Será reduzir o Quixote e o Sancho a tipos de uma só peça, como mais tarde se apresentaria a generalidade dos heróis românticos na formosa antítese do bom e do mau, do invejoso e do desprendido, do inocente e do pervertido etc. E o convencionalismo de um personagem, o que o distancia da humanidade resulta, sobretudo, dessa planificação; o bom, conservando-se sempre bom, numa única direção; o mau, igualmente mau. No âmbito da natureza humana, as coisas, como se sabe, não se passam assim: o homem é feito de elementos vários e desencontrados; em toda alma em que palpita sonho, há sempre lugar para um pouco de materialidade, e mesmo no indivíduo mais estúpido nem tudo é matéria e solicitação física. Cervantes compreendeu isso, concebendo o Quixote e o Sancho como criaturas essencialmente humanas e não como padrões idealistas. Procurou estabelecer menos uma oposição entre ambos do que um acordo. O desenrolar do romance se processa no sentido de um gradativo entendimento entre o fidalgo e o escudeiro, e a interpenetração de influências resultantes do convívio diário demonstra que nem o sonho do Quixote o envolvia numa aura opaca e impermeável, nem as limitações do Sancho o impediam de alçar-se, por vezes, aos páramos do sonho. No que se refere ao escudeiro, será mesmo um exagero tomá-lo como um ser estúpido e boçal, supondo-se que Cervantes pretendera fazê-lo o protótipo da materialidade. Sancho é, principalmente, o bom senso e não a estupidez. Seu propósito constante, o de corrigir as loucuras e os desvarios do amo, trazendo-o das nuvens para a terra firme e não precisamente da beleza para a fealdade. Pois o escudeiro, no fundo, também se mostra sensível às coisas belas, revelando, desde cedo, uma secreta simpatia pelo sonho, pronta a desenvolver-se ao contacto do Quixote. A admiração que logo lhe desperta o amo, através de todos os disparates, já constitui o indício de um espírito nada rude ou tacanho. O que os dois tipos melhor nos sugerem é a síntese de tendências díspares da natureza humana. O Quixote e o Sancho mais propriamente se completam do que se repelem. Precisamos da quimera, mas não podemos viver só do sonho, porque estamos sujeitos às injunções terrenas; no auge da exaltação, ouvimos o apelo do Sancho, a chamar-nos para a comodidade de algumas jeiras de terra, onde, em santa paz, possamos cultivar, como Candide, o nosso jardim.

Para figurar esse jogo de tendências, Cervantes tinha naturalmente que exagerar. O sonho em Dom Quixote se transforma em loucura — uma loucura que o afeta, entretanto, apenas sob determinado aspecto: o da cavalaria andante. Visto por esse prisma, o mundo lhe parece inteiramente diverso do que é, na realidade. Saindo, porém, daí, o fidalgo manchego se mostra um espírito perfeitamente lúcido. Culto, educado, fino, inteligente, Dom Quixote é um homem encantador, de extrema delicadeza, cordialíssimo. Entender-se-á com todo o mundo contanto que não lhe oponham razões nem obstáculos naquilo que o empolga. Só se mostra intransigente e absurdo no seu ideal, colocado no plano da loucura, e é por aí que entra rudemente em choque com a realidade ambiente. Ei-lo pelas estradas da Mancha e reparar injustiças e a desfazer agravos. Mas acontece que suas intervenções são sempre desastrosas, e até os indivíduos a quem beneficia se revoltam contra ele, como no caso dos galés. Por quê? Porque o mundo não é feito à medida do nosso ideal. Se nele há muita coisa errada, se está mesmo quase tudo errado, esses erros se articulam de tal forma numa ordem aparente, que pretender corrigi-los, ignorando a entrosagem que os rege, é provocar a desordem e as mais perigosas reações. Tal o que acontece com Dom Quixote. Onde ele intervém ao ímpeto do ideal obcecante, vai tudo de mal a pior e é uma confusão dos diabos de que o pobre fidalgo sai sempre cheio de arranhões e ferimentos, com os ossos moídos de pancadas. Nem por isso se lhe abate o ânimo. Causa-nos estranheza a resistência prodigiosa do Quixote às pancadarias de que é vítima; mas a grande força interior do ideal lhe minora as dores e lhe faz cicatrizar depressa as feridas. Os reveses se sucedem durante muito tempo, sem que o cavaleiro revele qualquer traço de desfalecimento. Para tudo encontra explicação e a tudo justifica na perspectiva do sonho. De nada lhe vale a evidência, nem os argumentos mais convincentes. A evidência dos outros não é a dele. E aqui, como bem acentua Paul Hazard, Dom Quixote se mostra uma perfeita encarnação do idealismo, tal como o compreendia Platão e cuja voga se fez sentir durante a Renascença. O mundo do fidalgo manchego se resume em "ideias". Pouco importa que lhe mostrem a realidade aparente, o aspecto objetivo das coisas: ele só as vê subjetivamente, pelas ideias que delas tem ou que delas formou. Fala assim uma linguagem incompreendida pelos que o rodeiam, circunstância que no plano histórico se justifica pelo fato do personagem pertencer a uma época de transição, em que se dava verdadeira transmutação de valores. Era o heroísmo medieval, a belicosidade das justas e dos torneios, o *panache* da cavalaria que ele trazia para um mundo em que começava a formar-se a burguesia, com seu espírito prático e cômodo.

## "HOMEM DE POUCA FÉ!"

Escudado no sonho, Dom Quixote se mostra de uma temeridade sem-par. Não há perigo capaz de intimidá-lo, nem mesmo a levá-lo a tomar qualquer espécie de precaução. Sua fé em si mesmo é de natureza a remover montanhas. Não será possível vê-lo sem uma auréola, em certos momentos, em que, depois de invocar o nome de Dulcineia del Toboso, investe gloriosamente contra gigantes e trasgos, seguro da vitória, embora saia quase sempre derrotado. E há uma passagem do livro que nos parece a culminância da carreira heroica do fidalgo manchego. É quando ele, depois de vencer o Cavaleiro dos Espelhos (disfarce do bacharel Sansão Carrasco), se dispõe a enfrentar, não mais perigos imaginários, e sim leões verdadeiros, num rasgo de coragem sobre-humana realmente comovedor. A proeza ultrapassava todos os limites e o pobre Sancho fica a duvidar se a loucura do amo suplantaria semelhante prova. De lágrimas nos olhos, pede-lhe para desistir da ideia, e até o leitor se inquieta, receando pela sorte do personagem que o vem divertindo através de páginas tão deliciosas. Mas Dom Quixote se avulta e domina no pináculo do sonho. Leõezinhos a mim? Já alguém observou que a vitória sobre o Cavaleiro dos Espelhos lhe aumentara a confiança em si mesmo. Leõezinhos a mim? Como todos, ao lado, não escondam o terror, ele tem para um deles palavras iguais às que Cristo proferiu, por mais de uma vez: " Homem de pouca fé!" É impossível não sentir a nossa inferioridade diante do Dom Quixote nesta altura. O seu brado se estende ao leitor, a quantos têm ou tiveram medo algum dia. Abre-se a jaula, e com espanto dos que haviam fugido, lamentando a sorte do fidalgo, o leão se recusa a sair.

## QUEDA NA REALIDADE

Este episódio poderá ser considerado o ponto mais alto da exaltação heroica de Dom Quixote. Daqui em diante ela começa a declinar. Por maior que seja a força do sonho e do ideal, estes acabam por esgotar-se, por consumir-se, quando não encontram na vida real nenhum apoio. Mas, à medida que o fidalgo, ao cabo de tantos tropeços, tantos reveses, nos quais ele insiste em ver apenas vitórias, passa a sentir as solicitações materiais do repouso e do senso prático, o escudeiro, contagiado pela febre do amo, entra também a delirar. Não se esquece ele da ilha, cujo governo Dom Quixote lhe prometera, e tresvaria com ela, como este com Dulcineia. Cria o acaso circunstâncias capazes de dar a Sancho a ilusão perfeita do ambicionado poder. Recebidos no castelo dos duques, onde permanecem algum tempo, servindo de palhaços para os hospedeiros, armam estes, entre outras tantas farsas, a da investidura de Sancho no governo da ilha Barataria. São páginas das mais sutis e profundas do romance, nas quais vemos Dom Quixote formular, com admirável clarividência, um perfeito código político nas recomendações que faz ao escudeiro. Delirando como o amo, considerando a ilha uma realidade, Sancho mostra-se, entretanto, o tipo do governante exemplar: honesto, justiceiro, equânime. Pela necessidade de acabar com a burla, os duques determinam a simulação de uma revolta, e eis Sancho surpreendido em meio da noite pelos rebeldes. Tomando conhecimento da situação, não hesita ele em renunciar: reconhece que não nascera para governador e sente-se feliz em livrar-se da maçada e retornar à antiga liberdade. Só fizera a justiça e o bem, cumprira estritamente o dever; daí a recompensa que encontrara: o povo em armas insurgia-se contra ele.

Mas podia dizer de cabeça erguida: pobre entrara para o governo e pobre saía. Qual o político que não será tentado a um exame de consciência e a algumas reflexões amargas após a leitura deste episódio?

Os últimos passos de Dom Quixote pelas estradas da Espanha têm qualquer coisa das derradeiras peregrinações de Cristo pelas planícies da Judeia. É um espírito a arder, a esvair-se no ideal, com o pressentimento secreto do fim próximo, mas resolvido a não transigir, a não fugir jamais ao destino a que se impôs. Começa, talvez, a delinear-se no seu íntimo a consciência de uma certeza desalentadora: a de que a fé nem sempre basta. E quando ele caminha para o segundo encontro com o bacharel Sansão Carrasco, agora sob o disfarce do Cavaleiro da Branca Lua, já leva o moral abatido, não é o mesmo homem do primeiro duelo, em que o vencera.

Derrotado, Dom Quixote sente-se no dever irremovível de cumprir a palavra empenhada ao adversário, renunciando para sempre a brandir a lança. É essa uma passagem essencialmente dramática, e não há quem não se comova com a *débâcle* do Cavaleiro da Triste Figura. Procurando ainda de qualquer forma escorar-se no sonho, Dom Quixote imagina, como uma precária compensação, a possibilidade de reviver a existência bucólica dos pastores da Arcádia e convoca Sancho para essa nova aventura de natureza pacífica, sem armas e sem lutas. Era ainda um esforço para sublimar a renúncia, a dura realidade da derrota, num ideal romanesco. Mas, debalde formula ele o projeto. De regresso ao lugarejo natal — esse regresso que se reveste da mais profunda tristeza — Dom Quixote adoece gravemente. Nem poderia ser outro o desfecho de um revés tão aniquilante. Na doença recupera o juízo, e com isso retorna à realidade: reconhece não ser mais Dom Quixote e sim Alonso Quijano, o Bom; toma consciência de toda a vida prosaica que o rodeia e conforma-se com ela. Conforma-se para morrer num último gesto de defesa contra um mundo demasiado pequeno, em cuja estreiteza se precipitara.

E vem-nos a ideia, a quase certeza, de que, após a morte do amo, Sancho, definitivamente contaminado pela loucura deste último, não poderá mais acomodar-se no ambiente rotineiro da aldeia; não tardará ele a abandonar a tranquilidade, a segurança, o conchego calentoso de Teresa Pança e retornar ao lombo do asno paciente, saindo de novo pelas estradas da Mancha, alucinado, a reconduzir, num pacto de fidelidade, o facho que Dom Quixote, vencido, deixou cair por terra, na corrida para as estrelas.

## INGLATERRA E FRANÇA

Publicada em 1605 a primeira parte do *Dom Quixote*, não tardariam os dois personagens principais a destacar-se do livro para começar a viver com vida própria, incorporando-se ao folclore universal. É bem expressivo o fato de, no ano seguinte, numa festa no Peru, separado do Velho Mundo por uma distância que as dificuldades de comunicação tornavam bem maior do que hoje, apareceram as figuras de Dom Quixote com o seu escudeiro.

As possíveis afinidades do humor inglês com o clima da obra de Cervantes teriam concorrido para que a primeira tradução do famoso romance aparecesse na Inglaterra, em 1611, assinada por Thomas Shelton. E mais ou menos na mesma época, numa comédia intitulada *The Knight of the Burning Pestle*, Beaumont e Fletcher denunciavam evidente influência do *Dom Quixote.*

Mas na segunda metade do século XVII o interesse pela obra declina tanto na Inglaterra como na França e na Espanha. Cria-se, então, a versão errônea de haver ela contribuído para a decadência da Espanha, de ter, pelo ridículo, vibrado um golpe de morte na bravura que escrevera a epopeia dos conquistadores. O número das edições declinava e o livro fica mais ou menos esquecido.

No século XVIII, porém, assistimos a um magnífico renascimento do *Dom Quixote.* Os ingleses Smollett, Fielding e Sterne, adiantando-se na evolução do gênero romanesco, procuram inspirar-se na obra de Cervantes. Depois de uma adaptação teatral, que não encontrou ainda um ambiente de compreensão por parte do público, Fielding lança, com êxito, *A história das aventuras de Joseph Andrews e de seu amigo Abraham Adams* (1742), no qual confessa ter feito uma imitação de Cervantes. Richardson tornara-se notável pelos seus romances em que exaltava a virtude. Em *Pamela*, mostrava ele uma criatura resistindo vitoriosamente a todas as insinuações do pecado que a assediavam. Fielding, tomando essa heroína como falsa e convencional, opõe-lhe *Joseph Andrews* como uma paródia semelhante à que Cervantes opusera aos heróis das novelas de cavalaria.

Também fortemente impregnado dos processos e da atmosfera do *Dom Quixote* é o outro romance de Fielding, já traduzido para o português, *Tom Jones* (1749), em que toda a paisagem social da Inglaterra se vai desenrolando aos olhos do leitor, através das aventuras do protagonista, como a Espanha do século XVI, na obra de Cervantes. O objetivo de Fielding foi sempre o mesmo do deste último: reconduzir o romance do idealismo factício para a realidade.

Smollett, que publicou uma tradução inglesa do *Dom Quixote*, e no prefácio de *Roderick Random*, doutrinando sobre o romance, encareceu vivamente a contribuição de Cervantes para o aperfeiçoamento do gênero, revelou, de maneira bem sensível, a influência do mesmo em *Aventuras de Sir Launcelot Greaves.* Reminiscências acentuadas dos heróis cervantinos ainda vamos encontrar no *Tristram Schandy* (1759), de Sterne.

No período romântico, Byron insistiu na tese de ver no *Dom Quixote* um golpe mortal em tudo quanto a Espanha tinha de nobre e belo. Ficaram famosos os versos do canto XII do *Don Juan*, em que o poeta diz que de todos os romances é aquele o mais triste, e tanto mais triste quanto nos faz sorrir. Para concluir, pergunta se se trata de uma brincadeira triste, um enigma, um sonho de glória. E Sócrates — diz ele — não seria o Quixote da sabedoria?

O fidalgo e o escudeiro reaparecem no admirável *Pickwick Papers,* de Charles Dickens. Mister Pickwick, esse homem de rosto corado, tendo qualquer coisa de uma criança grande, é verdadeiramente o tipo do Quixote inglês, sem possuir, no entanto, a amplitude humana do herói de Cervantes. Com seu criado Sam Weller, uma dupla simpática e saudável, lá vai ele pelas hospedarias da Inglaterra vitoriana, numa série de aventuras pitorescas e inesquecíveis. Dickens teria lido o *Dom Quixote,* pela primeira vez, aos nove anos, datando daí a admiração pelo livro que iria influenciá-lo. Muitos outros tipos do escritor inglês, como o Mister Dick e Micawber do *David Copperfield* são de natureza cervantina, e deles se depreende a conclusão de que mais vale, muitas vezes, o delírio dos lunáticos do que a pretensa sabedoria dos burgueses. Na novelística inglesa dos dias atuais podemos entrever descendências quixotescas no delicioso romance picaresco de John Priestley, *The Good Companions.*

Na França, César Oudin, depois de publicar uma tradução da novela *O Curioso Impertinente*, incluída, como se sabe, no *Dom Quixote*, traduziu todo o livro, editado em 1614. Nesses dois países, como na Alemanha e na Itália, onde se fizeram outras traduções em 1621 e 1622, a obra conquistou logo milhares de leitores apaixonados. Uma aceitação tão grande não podia deixar de determinar logo, a par das influências, verdadeiras imitações. É nesta última categoria que devemos colocar, por exemplo, na França, *Le Berger Extravagant*, de Charles Sorel (1627), e *Les Folies Romanesques ou Le Quichotte Moderne*, de Marivaux. No primeiro romance Sorel procurou fazer com a novela pastoral, e particularmente a *Astrée*, de Honoré d'Urfé, o que Cervantes havia feito com o romance de cavalaria: uma paródia. Como já vimos, a pastoral conheceu também uma grande voga nos fins do século XV e começo do XVI, exercendo os seus heróis sobre os leitores uma sugestão semelhante à dos heróis da cavalaria.

No próprio *Dom Quixote* temos uma comprovação disso, quando vemos o fidalgo vencido formular o projeto de se tornar pastor, e,juntamente com Sancho Pança, reviver o ambiente factício da Arcádia. Pois foi essa nova mania que Sorel, a exemplo de Cervantes, caricaturou no *Le Berger Extravagant*, figurando um indivíduo que, adotando o nome poético de Lísio, vai reproduzir a existência sentimental e bucólica dos heróis da *Astrée*, num recanto campestre, nos arredores de Saint-Cloud, em Paris.

Coisa mais ou menos no mesmo gênero, estendendo-se, porém, a paródia a outros setores, é o *Le Quichotte Moderne*, de Marivaux. Lembraremos ainda duas teatralizações da obra de Cervantes, feitas por Guyon Guerin de Bouscal, sendo uma delas uma comédia com o título: *Le Gouvernement de Sancho Pansa* (1642). Também a *troupe* de Molière representa em 1660 uma adaptação cênica do *Dom Quixote,* na qual o papel de Cavaleiro da Triste Figura é encarnado pelo grande escritor-ator. Mas da impressão que teria causado o *Dom Quixote* em Molière parece constituir um suficiente testemunho a peça *Le Misanthrope*, em que o tipo de Alceste surge como uma transplantação do herói cervantino na corte de Luís XIV.

Não precisarei insistir aqui no "quixotismo" desse tipo, um dos mais célebres da galeria molieresca, a sua misantropia resultante de um amor excessivo à verdade e do desejo insistente de corrigir os erros humanos. No propósito de ser sincero e justo, não transigir jamais com a mentira, Alceste — que encara a sua amada Celimêne mais ou menos como uma nova Dulcineia — acaba por sofrer toda sorte de reveses, decidindo-se, afinal, completamente desiludido da humanidade, a fugir para o deserto.

Também *Le Misanthrope* suscitou o problema já suscitado pelo romance de Cervantes: obra cômica ou triste? Personagem ridículo ou comovente? Guardadas, porém, as distâncias, a influência é indiscutível.

O apogeu do classicismo não era porém de molde a incentivar a voga do *Dom Quixote.* Ela se incrementará no século XVIII. Lesage, que traduziu o *Dom Quixote* de Avellaneda, superestimando a contrafação deste último, não pôde, de qualquer forma, subtrair-se às influências de Cervantes. Embora se encarte no gênero picaresco e o herói principal descenda diretamente do Lazarilho de Tormes, o *Gil Brás de Santilhana* possui estreito parentesco com o *Dom Quixote.*

O entusiasmo pelo herói cervantino no "século filosófico" francês torna-se, aliás, extraordinário. A ele se referiram, por mais de uma vez, Montesquieu, Diderot, Grimm, Helvetius, Holbach, Madame d'Epinay, Madame du Deffand, d'Alembert, Voltaire, e são as traduções francesas que concorrem para vulgarizar o *Dom Quixote* em países como a Alemanha, onde os livros espanhóis encontravam muitos menores possibilidades de vulgarização do que os franceses.

Quanto a Diderot, no seu romance *Jacques, le Fataliste*, Azorín assinala, ao lado da influência de Sterne, uma outra que lhe parece indiscutível: a do *Dom Quixote.* Em que consiste o livro, afinal, senão numa série de divagações entre um indivíduo e o seu criado por caminhos algo semelhantes aos que foram percorridos pelo fidalgo manchego e Sancho Pança.

Os românticos franceses tiveram o culto do *Dom Quixote.* Em *Mémoires d'Outre-Tombe,* Chateaubriand tira da obra a seguinte conclusão: de que a felicidade consiste em ignorar o homem a si mesmo e em chegar à morte sem haver sentido a vida. Alfred de Vigny, sempre revoltado com a situação do artista na sociedade, incompreendido e desprezado, vê no herói de Cervantes uma vítima do ostracismo a que são votados os grandes homens, quer sejam eles Moisés ou Chatterton. E de Vítor Hugo sabe-se que invocou Cervantes em sessões espíritas e pretendia haver conversado com este.

Lendo o *Dom Quixote* desde criança — às escondidas, para escapar ao controle severo da família, que não lhe permitia essas leituras ociosas —, citando-o mais tarde no livro *De l'Amour,* Stendhal tinha em mente, decerto, os heróis e as situações do grande livro ao conceber *La Chartreuse de Parme* e *Le Rouge et Le Noir.* Fabrício del Dongo é um personagem meio quixotesco, e na *Chartreuse de Parme* os acontecimentos se precipitam com uma riqueza de movimento que sugere a obra de Cervantes.

É de estranhar-se não houvesse Balzac criado um Dom Quixote francês, ele que possuía tanta força para fazê-lo e se impressionara com o romance, como se conclui de diversas alusões emprestadas a personagens da *Comédia Humana.* No *Père Goriot,* no seu célebre discurso a Eugênio de Rastignac, traçando toda uma ética da existência, Vautrin diz: "Eu sou como Dom Quixote, gosto de tomar a defesa do fraco contra o forte."

Mas a recriação do herói cervantino quem ia realizá-la era Alphonse Daudet, no *Tartarin de Tarascon*, em que o romancista caricaturou, admiravelmente, o temperamento exuberante, sonhador e mitômano dos provençais. Daudet fundiu, aliás, os tipos de Quixote e Sancho num só, pois Tartarin participa da natureza do primeiro pelo "mesmo ideal heroico, a mesma loucura do romanesco e do grandioso"; embora seja fisicamente gordo, pesado, sensual, cheio de apetites burgueses e exigências domésticas, como o segundo.

Quanto a *Madame Bovary*, de Flaubert, já se disse que é um Dom Quixote de saias, procurando, no convívio imaginário dos heróis românticos, um refúgio para a estreiteza do lar provinciano e burguês. Em diversas páginas da *Correspondência*, Flaubert se refere ao Quixote, sempre com fervor e deslumbramento. E não esqueçamos o enlevo de Anatole France por esse livro, que confessa haver lido, pela primeira vez, em criança.

Mas houve também na França inimigos do *Dom Quixote.* Barbey d'Aurevilly, o mesmo que atacou Goethe, considerou-o uma obra de velho, e León Bloy, num exemplo notável de incompreensão, declarou não poder suportar o ridículo sobre as grandes coisas, tomando Sancho como a personificação do apetite brutal, continuamente, sistematicamente oposto ao Sonho.

## ALEMANHA E RÚSSIA

Na Alemanha, aparecerá inicialmente uma tradução do *Curioso Impertinente* em 1617, e outra dos primeiros capítulos do *Dom Quixote* em 1621. Se ali o romance não fará logo uma carreira tão rápida quanto na Inglaterra e na França, encontrará, porém, no começo do século XIX, no movimento romântico, um clima de viva compreensão. É, por exemplo, uma das maiores figuras desse movimento que, antecipando os estudos cervantinos dos últimos cem anos, verá no autor do *Dom Quixote* o criador do romance moderno. Também outros doutrinadores do Romantismo, como Frederico Schlegel, se ocuparão da obra de Cervantes.

Goethe não podia permanecer insensível ao *Dom Quixote.* No *Wilhelm Meister,* principalmente na segunda parte, os *Anos de Viagem*, mostra ter sido por ele influenciado. O objetivo de Goethe nessa obra, que se tornou um dos padrões do ficcionismo germânico, foi fazer o romance de uma educação humana; e que outra coisa é o livro de Cervantes senão uma “pedagogia em ação”, como o classificou Menéndez y Pelayo? Não podemos deixar de assinalar ainda o importante papel da crítica alemã contemporânea na reinterpretação do *Dom Quixote*, destacando-se, entre outros, os estudos de Karl Vossler e Ludwig Pfandl.

A primeira tradução russa do *Dom Quixote* é de 1776. Logo, porém, que o ficcionismo eslavo consolida suas primeiras posições no século XIX, vemos Puchkine, vivamente interessado pelo romance de Cervantes, sugerir a intriga de *Almas mortas* a Gogol, para que este fizesse com a Rússia algo semelhante ao que aquele fizera com a Espanha, uma suma romanesca, em que a terra e gente aparecessem como numa “lanterna mágica”. Gogol seguiu o conselho, realizando verdadeira obra-prima, embora incompleta e mutilada. O personagem principal de *Almas mortas*, Chichikov, não se parece com o fidalgo manchego, pois enquanto este, puro e nobre, ia na esteira do ideal, o outro, tipo do aventureiro sem escrúpulos, procura consumar apenas uma habilidosa escroqueria. Mas na atmosfera, ou melhor, no andamento, os dois romances se tocam. Também Chichicov cruza as estradas da Rússia, topando com indivíduos de toda espécie, através dos quais se retrata a humanidade do país, como acontece no romance de Cervantes; e além disso, o talento caricatural de Gogol lembra bem de perto o do autor do *Dom Quixote.*

Turguenev, depois de escrever um curioso ensaio, em que estabelece um paralelo entre as figuras de Hamlet e Dom Quixote, buscou, sem dúvida, neste último, os traços de Rudine, protagonista do romance do mesmo nome. Inflamado de ideias e projetos, revestido sempre das melhores intenções, Rudine dispersa-se em palavras e em sonhos, sem conseguir transformar em ação nenhum dos seus propósitos. É um personagem dramático e comovente, embora não escape a um certo ridículo, o tipo do inibido para a vida prática, manietado pelos próprios sonhos. Depois de uma série de fracassos, num gesto de desespero, no esforço supremo de afirmar-se, vai ele morrer nas barricadas, em Paris.

E ninguém ignora: foi o *Dom Quixote* a principal fonte de inspiração de *O idiota,* de Dostoievski. O romancista teria pressentido a afinidade do herói cervantino com o que podemos chamar de idealismo cristão do príncipe Mishkin. Como o Quixote, acarreta ele os maiores descalabros com a pureza das suas intenções. E depois de triunfar várias vezes da maldade, do vício e do crime, acaba também perecendo e encontrando na loucura completa a fuga que o cavaleiro manchego encontrou na morte.

## ITÁLIA, PORTUGAL E ESPANHA

Na Itália, só recentemente Ardengo Soffici nos deu uma revivescência do *Quixote*, no romance *Lemmonio Borreo*, onde um ex-combatente da guerra de 1914 retorna à pátria, com a ideia de pregar a regeneração dos costumes, fazendo-se acompanhar de uma espécie de novo Sancho Pança. E o curioso é que no apostolado desses dois personagens muita gente pretendeu ver um prenúncio do fascismo.

Em Portugal, o Quixote se tornou o objeto de muitos estudos e comentários, inspirando também diversos poetas, embora ninguém chegasse a recriá-lo num romance. Já no século XVIII, António José da Silva, o Judeu, apresentou numa adaptação teatral as figuras do escudeiro e do amo, e como se trata de autor que pertence também à nossa literatura, aludiremos com mais vagar a este trabalho, logo adiante, quando nos referirmos ao *Dom Quixote* no Brasil.

Em 1813 foi representada no Teatro Nacional do Salitre, em Lisboa, um *Dom Quixote na Cova de Montesinos,* "ficção dramática de José Joaquim Leal", que se escondia sob o anonimato de "hum escritor portuguez", segundo nos afirma Fidelino de Figueiredo. A peça gira em torno do famoso episódio da descida do cavaleiro na cova de Montesinos, onde teria presenciado acontecimentos maravilhosos em cerca de uma hora que lhe pareceram três dias. Como não conhecemos a obra, limitamo-nos a registrar a opinião de Alberto Xavier, que a julga medíocre, achando que o autor não compreendeu o significado psicológico do episódio.

Ocuparam-se do *Dom Quixote*, em livros ou em estudos esparsos, os seguintes escritores portugueses: Latino Coelho, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Teixeira de Queirós, Henrique Lopes de Mendonça, Henrique de Vilhena e outros. Oliveira Martins esposa a tese de que Cervantes visou mostrar a decadência da Espanha — de que a sua própria existência constituía uma ilustração — acusando "a teimosia louca num heroísmo sem significação nem alcance".

Entre os poetas que rimaram sobre a figura do Quixote e Sancho, declinaremos em primeiro lugar Nicolau Tolentino. Aproveitou-se ele do tema para satirizar o marquês de Pombal, caído em desgraça com a morte de d. José I, o mesmo marquês a quem antes havia lisonjeado.

Gonçalves Crespo (também este pertencendo às literaturas portuguesa e brasileira, ao mesmo tempo) descreve-nos a agonia do Quixote, numa composição poética dos *Noturnos*; Gomes Leal, esse artista originalíssimo tão cheio de altos e baixos, oscilando entre o satanismo e o cristianismo mais puro, imagina um encontro do fidalgo manchego com São Francisco de Assis, em versos impregnados de um doce lirismo. E lembraremos ainda as estrofes de Afonso Lopes Vieira, em *O Poeta Saudade* (Coimbra, 1901), achando mais tristeza no *Dom Quixote* "do que no livro bíblico de Jó".

Na Espanha, onde, naturalmente, a obra de Cervantes tem sido mais estudada, constituindo a preocupação máxima de alguns escritores como Azorín, que a aprecia inteligentemente sob o duplo prisma de artista e erudito, não será fácil precisar os traços da influência do Quixote nos romancistas. Existira ela, sem dúvida, em Pio Baroja, onde encontramos alguns personagens de nuanças cervantinas. Existira em Pérez Galdós, o Balzac espanhol, infelizmente tão pouco conhecido no Brasil. Joaquim Casalduero considerava Cervantes o "mestre indiscutível" de Galdós; mas enquanto o primeiro projetou o conflito entre a imaginação e a realidade metafisicamente, o segundo, de acordo com a época, fê-lo sociologicamente. Onde, porém, na comparsaria humana de Galdós, uma revivescência concreta do Quixote? No protagonista do romance *Nazarin*, talvez, onde o autor teria pensado tanto na figura de Cristo quanto na do herói cervantino. Natural de uma cidadezinha da Mancha, como o Quixote, o padre Nazário Nazarín sai também pelo mundo a socorrer os aflitos e os miseráveis. Nada tem de seu, distribuindo com os outros tudo que possui, e enfrentando a maldade com a indiferença dos santos e dos mártires. Em vez de um escudeiro, acompanham-no duas mulheres penetradas do mesmo espírito de renúncia que o leva pelas encruzilhadas da Mancha a distribuir misericórdia e amor. Incompreendido, conduzido ao cárcere, sofrendo toda espécie de privações, Nazarín não pode deixar de lembrar tanto Cristo, de que ele tende a ser uma espécie de imitação, quanto o Quixote.

## BRASIL

É em Antônio José da Silva, o Judeu, vítima da Inquisição, que vamos encontrar, pela primeira vez, a marca do Quixote em nossa literatura. Sua peça, aliás denominada "ópera jocosa", composta de duas partes e estreada em outubro de 1733 no Teatro do Bairro Alto, em Lisboa, intitula-se *Vida de Dom Quixote de la Mancha.* Qual o valor dessa obra? Antônio José nada tinha de um filósofo ou de um moralista, como acontece com Gil Vicente, de quem se aproxima sob muitos aspectos: escrevia apenas para divertir o grande público. Nisso residiu o sucesso de suas comédias, que arrancavam contínuas gargalhadas de uma plateia essencialmente popular. Do romance de Cervantes, aproveitou ele apenas o lado cômico, e, inspirando-se neste, fez uma peça verdadeiramente engraçada, sem maior valor literário, mas que até hoje pode ser lida com agrado. Calculamos o riso que haviam de despertar num público de poucas letras, como os frequentadores do Teatro do Bairro Alto, as facécias de Dom Quixote e de Sancho na inventiva burlesca do malogrado judeu, inclinando-se, frequentemente, para certo tom rabelaisiano.

Daí, saltando mais de um século, vamos assinalar em Machado de Assis um lírico entusiasmo pelo herói de Cervantes. E numa poesia de cunho byroniano (que nos conste ainda não reunida em livro), quando o autor de *Dom Casmurro*, muito jovem, parecia participar do clima satânico predominante nos românticos do grupo paulistano. Descobrimo-la nas páginas amarelecidas da *Marmota Fluminense,* de 12 de abril de 1856. Machado tecia um hino de exaltação ao *cognac,* terminando com estes versos:

*Cognac* inspirador de ledos sonhos,

Excitante licor de amor ardente,

Uma tua garrafa e o Dom Quixote
É passatempo amável.

Procurando investigar quais os livros de cabeceira do romancista de *Brás Cubas,* num inquérito que este não chegou a responder (ver *O Momento Literário*), João do Rio apurou serem o *Hamlet* e *Prometeu.* No entanto, a poesia acima leva-nos a crer que Machado lia com particular admiração o *Dom Quixote* desde a juventude. Aliás, várias vezes se referiu ele ao herói cervantino nas crônicas e nos romances. Numa página de 1877, sob o título *Aquiles, Eneias, Dom Quixote, Rocambole*, vemo-lo considerar, ironicamente, a voga do personagem folhetinesco de Ponson du Terrail em cotejo com o de Cervantes e aquelas figuras mitológicas.

Por simples curiosidade, podemos lembrar ainda uma informação que o próprio Machado nos dá em crônica de 1876. Registrava ele a organização de uma Cia. Literária, no Rio de Janeiro, somente para editar o *Dom Quixote,* com as famosas ilustrações de Gustavo Doré, o que tudo parece indicar certa preocupação da parte do escritor por esse grande livro.**

No inquérito realizado lia *Gazeta de Noticias,* por volta de 1907, e reunido em volume, sob o título O *Momento Literário,* uma das perguntas dirigidas por João do Rio aos escritores era: quais os autores que lhe haviam contribuído para a formação literária. Coelho Neto coloca em primeiro lugar *As Mil e Uma Noites;* em segundo, toda a obra de Shakespeare; em terceiro *o Dom Quixote.* Mas a influência deste último, decerto se filtrou de tal maneira na numerosa obra do romancista maranhense, a ponto de não nos permitir identificar qualquer manifestação concreta ou precisa.

De Olavo Bilac, diz João do Rio: "Dois escritores ele os lê diariamente, ou pela manhã, antes de começar a trabalhar, ou à noite, antes de dormir — Renan e Cervantes." E o convívio contínuo com o *Dom Quixote* o levou, certamente, a escrever sobre este a linda página que se encontra no livro *Conferências,* cuja leitura — na famosa época das palestras literárias — devia ter arrebatado o auditório, pois Bilac era, segundo afirmam, um magnífico *diseur.* A exortação, que se inicia com a frase "Louco sublime!", tornou-se, por exemplo, um trecho indispensável de antologia.

Artur Orlando, ensaísta e pensador da célebre Escola do Recife, nome hoje completamente esquecido, declarou ter o *Dom Quixote,* depois das fábulas de Fedro, marcado a segunda etapa da sua evolução intelectual. "Miguel Cervantes — escreve o autor da *Filocrítica* no referido inquérito — provocando o riso à custa das loucuras e dos ridículos humanos, há feito mais bem à humanidade que todas as escolas, em que o professor abomina o riso e está sempre disposto a sacrificar a originalidade e mais atributos superiores à submissão a umas tantas conveniências, que não raras vezes tocam às raias da hipocrisia."

Também na resposta do padre Severiano de Rezende, descobrimos uma alusão a Cervantes entre "as fontes supernas que borbulham nos píncaros", em que ia ele beber sua doutrina.

Rui Barbosa, cujo interesse pelos clássicos espanhóis data do tempo de estudante, passa por ser, entre nós, quem mais leu e anotou a obra de Cervantes, embora não houvesse deixado nenhum ensaio sobre esta. Das cinco edições do romance existentes na biblioteca da casa de São Clemente, três são assinaladas com aquela minúcia beneditina característica do mestre. E numa delas chegou ele mesmo a organizar um pequeno glossário de assuntos. Informa-nos J. Pinto do Carmo, no pequeno trabalho de que extraímos estas notas: por várias vezes fora Rui surpreendido pelos íntimos a rir das aventuras de Sancho Pança; dera igualmente o título de *Sancho, o Escudeiro,* a um artigo em que atacou a política internacional de Campos Sales, e nos embargos de uma ação de que era patrono, justificou-se a certa altura, citando longo trecho de Cervantes relativo a Sancho. Parecia, pois, ter ele uma particular preferência pelo escudeiro, embora os adversários o classificassem, de uma feita, de Quixote, comparação que nada possuía do sentido depreciativo que lhe procuravam emprestar e cabia muito bem a esse infatigável *frondeur.*

Mas estava faltando, até há pouco, um Dom Quixote brasileiro, uma revivescência indígena do herói de Cervantes, como já existem em várias literaturas: a alemã, a russa, a francesa, a inglesa.

Aluísio de Azevedo teve ideia semelhante, por volta de 1909, de fazer um Dom Quixote da fé, inspirado na figura do Antônio Conselheiro (e quiçá no *Nazarin,* de Pérez Galdós, que ele talvez houvesse lido, quando cônsul na Espanha); um homem a "viver em nossos dias utilitários sua crença arcaica e ingênua". O tipo prestar-se-ia a uma poderosa criação romanesca, e Aluísio nele poderia dar o melhor do seu talento de ficcionista, se esse talento, como parece, não se tivesse embotado, desde que o escritor se instalou na vida consular. Chegou, no entanto, a aparelhar-se das leituras necessárias para a informação psicológica e histórica do personagem. De onde seus termos numa carta de Nápoles, de 3-12-1909, a Afrânio Peixoto: "Você que sabe tudo, indique-me alguns livros de biografias e coisas religiosas; eu sou de uma monstruosa ignorância a esse respeito e nem sei onde buscar a lã com que tenho de encher o colchão do meu herói. Acabei de ler o *Dom Quixote*, na edição da Academia Espanhola, e fiquei assombrado por ver o quanto Cervantes estava a par de toda a literatura de cavalaria, e para que o meu livro tenha razão de ser, será preciso que eu pelo menos me aproxime um pouco daquele aparelhamento."

Apesar do escrúpulo e da consciência literária com que Aluísio pretendia escrever esse romance, não chegou a levá-lo a termo. Não se sabe nem mesmo se teria deixado algum capítulo inédito.

Coube a José Lins do Rêgo nos dar essa criação romanesca, na admirável figura do capitão Vitorino Carneiro da Cunha, um dos comparsas inesquecíveis de *Fogo Morto* (1943), com suas eternas bravatas de matamouros, sempre a levar pancadas nas embrulhadas em que se envolve.***

Entre os ensaios de escritores brasileiros sobre a criação de Cervantes, podemos destacar dois: *A Psicologia Social do Quixote*, de José Pérez (1935), que propôs uma interpretação dialética para a obra, e *Cervantes e os Moinhos de Vento*, de Josué Montelo (1950), muito erudito e penetrante, no qual o autor procura ver no romance em questão uma sátira ao leitor crédulo.

Não será demais que patrícios nossos, como Josué Montelo, venham a descobrir sentidos novos em tal livro.

"O *Dom Quixote*", dizia Azorín, "não foi escrito por Cervantes; escreveu-o a posteridade."

Rio de Janeiro, setembro de 1952.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

1 — *Cervantes* — Jean Babelon — Buenos Aires.

2 — *"Don Quichotte" de Cervantes* — Paul Hazard — Paris, 1931.

3 — *Dom Quixote* — Alberto Xavier — Lisboa.

4 — *El Pensamiento de Cervantes* — Américo Castro — 1925.

5 — *Cervantes* — Ricardo Rojas — Buenos Aires, 1935.

6 — *Guía del Lector del "Quijote"* — Salvador de Madariaga — Buenos Aires, 1947.

7 — *Orígenes de la Novela* — Menéndez y Pelayo, 1905-1915.

## Notas

* Observar a similitude desse episódio com o que José de Alencar narra no fragmento autobiográfico *Como e porque sou romancista*: "Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

"Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio

"Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também, cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto, e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

"Nesse instante, assomava à porta um parente nosso, o Rev. Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar. Vendo-nos a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

"— Que aconteceu? Alguma desgraça? — perguntou arrebatadamente.

"As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do Padre Carlos o pranto, e evitar os seus remoques, não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

"— Foi o pai de Amanda que morreu! — disse, mostrando-lhe o livro aberto."

Como se vê, aquele tipo que Thibaudet chamou de "lecteur de roman" em todos os tempos foi sempre o mesmo. E na verdade, as novelas de cavalaria não eram outra coisa senão os romances de capa e espada da época de Cervantes.

** Outro grande entusiasta do *Dom Quixote* foi José de Alencar, que, n'*As Minas de Prata* (vol. 2, pp. 299, 300 e 301, n/ edição), faz o próprio Cervantes tomar parte numa cena com o jovem Vilarzito, que mais tarde seria o pe. Gusmão de Molina. Para os leitores ajuizarem bem do apreço que Alencar tinha por Cervantes, vamos transcrever o final da referida cena:

"O cavalheiro [Cervantes] seguiu com o menino para a oficina.

Bem se conhecia pela expressão de sua fisionomia aberta, que em vez de irritá-lo, a travessura de Vilarzito o divertia.

— Viva mestre! ... disse o cavalheiro entrando, D. Miguel de Cervantes Saavedra tem a honra de saudar o primeiro pintor de Sevilha, D. Francisco Pacheco.

O mestre inclinou-se:

— A honra é para D. Francisco Pacheco, pois recebe em sua casa o valoroso capitão de Lepanto, e o mais glorioso poeta e escritor de todas as Espanhas.

— Aqui vos trago, mestre, o vosso aprendiz, que achei representando-vos em figura de gato e a mim de jumento.

— Não sei já o que faça, D. Miguel de Cervantes, a menos de lhe cortar pé e mão, não há poder com ele.

— Quereis vós um conselho, ainda que não pedido?

— Embora, será melhor agradecido.

— Deixai-o dar pasto ao seu gênio. Há de sair daí alguma coisa. Vossa arte, mestre, assim como tem os seus Virgílios e Horácios, por que não terá seus Plautos e Marciais?...

O imortal autor do *Dom Quixote,* em que já ele trabalhava nessa época, tomou-se de simpatia por Vilarzito. O pequeno caricaturista a carvão também de sua parte começou a admirar o grande caricaturista a pena, que ia dar ao mundo a sua sátira-epopeia. O fel de ironia que vazava desse grande espírito..." (N. da E.)

*** Monteiro Lobato, grande entusiasta do *Dom Quixote,* fez uma boa adaptação da obra para a juventude, publicada sob o título *Dom Quixote das Crianças* (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940). (N. da E.)

# O QUE CERVANTES ESCREVEU

1567 — Soneto a Isabel de Valois.

1569 — Copla, quatro redondilhas, um soneto (epitáfio) e uma elegia em tercetos de 199 versos sobre a morte de Isabel de Valois.

1575-1580 (Época do seu cativeiro em Argel) — Várias obras dramáticas (perdidas), dois sonetos (1577) dedicados a seu companheiro Mateus Rufino, uma epístola em tercetos a Mateus Vazquez, secretário de Estado, para movê-lo a interessar-se por sua libertação, e doze oitavas (1579) dedicadas ao poeta siciliano Antônio Veneziano.

1583 — Soneto laudatório ao *Romancero* de frei Pedro Padilha.

1583-1587 — Atividade teatral, com a composição das peças: *El Trato de Constantinopla y Muerte de Selin*, *La Gran Turquesca*, *El Bosque Amoroso, La Confusa*, *El Trato de Argel*, *Numancia*, *La Batalla Naval*, *La Jerusalén*, *La Amaranta (o La del Mayo)*, *La Unica (o La Bizarra Arsinda).*

1584 — Soneto à *Austríada* de Juan Rufo. Redondilhas a frei Pedro Padilla.

1585 — Primeira parte da *Galatea* (primeira e única, pois não a completou), e os versos de *Jardim Espiritual* de frei Pedro Padilla (sextinas dedicadas a Padilla e um soneto a São Francisco).

1586 — Soneto e quintilhas no *Cancionero* de Gabriel Lopez Maldonado.

1587 — Soneto em *Grandezas e Excelências da Virgem Nossa Senhora*, de Pedro Padilla, e outro em *Filosofia Cortesã Moralizadora*, de Alonso de Barros.

1588 — Soneto em *Tratado Novamente Impresso de Todas as Enfermidades dos Rins...,* de Franciso Diaz.

1591 — Romance para *Flor de Varios y Nuevos Romances,* de Andrés de Villalta.

1595 — Quintilhas sobre as festas em louvor de São Jacinto, celebradas em Saragoça.

1596 — Soneto ao marquês de Sta. Cruz publicado no *Comentario en Breve Compendio de Disciplina Militar,* de Cristobal Mosquera de Figueiroa, e o famoso soneto satírico à entrada do duque de Medina em Cádiz depois de saqueada e evacuada pelo conde de Essex.

1597 — Soneto à morte de Herrera.

1598 — Quintilhas e dois sonetos dedicados à morte de Felipe II.

1602 — Soneto para *Dragontea,* de Lope de Vega, e uma ode ao conde de Saldanha.

1605 — Primeira parte do *Quixote.*

1606-1608 — Três sonetos (a Don Afonso Gonzales de Salazar, “A um valentão”, “A um ermitão”).

1610 — Soneto à memória de Dom Diogo Furtado de Mendonça.

1613 — *Novelas Ejemplares,* soneto para *Primeira Parte de Várias Aplicações...,* de Diego Rosell, e quartetos para Gabriel Perez de Barrio.

1614 — *Viaje del Parnaso.*

1615 — Estrofes em louvor de Sta. Teresa e *8 comédias e 8 entremezes novos.*

1616 — Segunda parte do *Quixote* e a dedicatória de *Los Trabajos de Persiles y Sigismunda* ao conde de Lemos, escrita a 19 de abril, ou seja quatro dias antes de morrer.

# PERFIL DE GUSTAVE DORÉ

por H. Hustin

Gustave Doré nasceu a 10 de janeiro de 1833, em Estrasburgo, onde seu pai residia na qualidade de engenheiro do Departamento do Baixo-Reno. Se não veio ao mundo com um lápis na mão, dele pelo menos soube utilizar-se bem cedo para poder, aos cinco anos, glorificar no papel a tomada de Constantine. Os soldados talvez não tivessem aprumo nem arrumação dos fuzis, mas havia no conjunto uma vida e um movimento que impressionaram toda a gente. Por isso, não houve senão meia surpresa quando, alguns anos mais tarde, viram-no representar na pedra a inauguração da estátua de Bichat, e uma brincadeira de garotos.

Aos nove anos ingressou no liceu de Bourg, onde seu pai acabava de instalar-se como engenheiro-chefe do Ain. Aprendeu a história ilustrando-a, os clássicos cobrindo-os de croquis. Num dia de composição em que lhe deram como texto a morte de Clitus, substituiu a tradução francesa por um desenho que provava que só ele compreendera a história do narrador latino. Seu professor teve bastante espírito para classificá-lo em primeiro lugar.

Em novembro de 1847 Doré visitou Paris em companhia de seu pai que conduzia um outro filho, candidato à Escola Politécnica, e mais tarde oficial de artilharia. Doré sentiu-se empolgado, adivinhou o futuro e sonhou não mais deixar a capital francesa. Um belo dia encontrou-se no gabinete de Philippon, que dirigia então o *Jornal Para Rir*, e entregou-lhe uma série de assombrosos croquis onde contara com espírito os trabalhos de Hércules. Philippon entusiasmou-se, conversou com o jovem estudante e compreendeu bem depressa o partido que dele poderia tirar. Ofereceu-lhe um esboço de contrato de cinco mil francos por ano e o incitou a submetê-lo ao pai, que veria sem dúvida naquela remuneração uma facilidade a mais para que ele continuasse os estudos em Paris. Com o apoio de sua mãe, Doré ganhou a questão e entrou como externo no Liceu Carlos Magno, onde fez amizade com Taine e About. Seus professores evitaram contrariar-lhe a vocação e, cada vez que M. Girard, seu professor de história, expunha o caráter de um imperador romano, pedia ao jovem discípulo que fosse ao quadro-negro esboçar-lhe a cabeça, a fim de que seus camaradas compreendessem melhor o retrato falado do professor. Depois da retórica, Doré achou inútil consagrar os estudos com um diploma de bacharel e entregou-se por completo à sua arte, sozinho, não consultando senão a natureza que ele reconhecia por seu único mestre. Ligou-se mais estreitamente ao *Jornal Para Rir*, e nele publicou uma adorável legenda de Polidoro Marasquin, que logo o colocou em evidência.

Foi disputado. O *Jornal Para Todos*, o Museu Franco-Inglês, Pierre Bry, que editava romances em fascículos, todos lhe pediam desenhos e croquis. Doré multiplicou-se, atendeu a todos os pedidos, despertando sobretudo a atenção pela sua maneira original e sombria de interpretar a Idade Média. Esses trabalhos cotidianos não podiam entretanto bastar à sua atividade e satisfazer às ideias grandiosas que ele acariciava. Nos bancos escolares Doré concebera o projeto de ilustrar os grandes escritores. Dedicou-se primeiro a Rabelais e compôs uma série de desenhos, de uma verve cintilante, de uma poderosa originalidade. Identificara-se de tal modo com as personagens, "rompera o osso e sugara a substancial medula" com tamanha consciência que não era mais uma ilustração mas uma verdadeira tradução. O livro obteve imenso sucesso, a despeito das hesitações do editor que, acreditando pouco no êxito da obra, só se decidira a publicá-la a instâncias de Paul Lacroix. Vieram em seguida a *Legenda do Judeu Errante*, com versos de Pierre Dupont, e em 1856 os *Contos Divertidos*, de Balzac, nos quais Doré superou-se a si mesmo. Em 1861 apareceram *O Inferno*, os *Contos*, de Perrault, a *Viagem aos Pireneus*, de Taine. Em 1862, *Atala*. Em 1863, *Dom Quixote*. Em 1864, a *Bíblia*. Em 1865, *Milton*, que foi publicado em Londres. Em 1866, os *Ensaios*, de Montaigne. Em 1867, *As Fábulas de La Fontaine*. Em 1868, *Elaine, Viviane e Geneviève*, de Tennyson. *O Purgatório* e *O Paraíso*, de Dante. Em 1875, a *Canção do Velho Marinheiro*, de Coleridge. Em 1877, *As Cruzadas*, de Michaud. Enfim, em 1870, *Orlando Furioso*, após *O Barão de Munchausen* e *A Viagem à Espanha*. Além disso, Doré desenhara algumas composições de grande inspiração patriótica: a "Paz e a Guerra", "Sadowa", a "Marselhesa", o "Canto da Partida", o "Reno Alemão", a "Esfinge" e, por fim, a "Santa Rússia", uma espécie de panfleto dos mais sarcásticos. Durante algum tempo trabalhou nas ilustrações de Shakespeare, que um editor de Londres encomendara, e, no momento em que a doença o atingiu, trabalhava nas últimas pranchas. Além do lápis, Doré manejava o pincel e, ao contrário do que geralmente se pensa, entregou-se à pintura com o mesmo ardor com que se entregava ao desenho, embora, acrescentamos, com menos felicidade e sucesso. Foi também em 1877 que Doré estreou como escultor, enviando ao Salão um grupo de vastas proporções: "A Parca e o Amor". Quando a morte veio buscá-lo, Doré acompanhava a moldagem em bronze da estátua de Alexandre Dumas.

Qualquer um se convencerá facilmente, diante dessa rápida enumeração, da importância numérica das criações de Gustave Doré. Do ponto de vista da fecundidade, poucos artistas existiram que se tenham revelado mais bem dotados, e podem ser contados aqueles que ousaram abordar tão grandes superfícies. A exemplo dos mestres da Renascença, que eram ao mesmo tempo pintores, escultores, arquitetos e, nas ocasiões oportunas, poetas, médicos ou soldados, Doré deixou-se tentar por quase todas as maneiras de expressão que a arte pode colocar a serviço da ideia. Pintura, aquarela, desenho, água-forte, escultura, tudo o seduziu com a mesma paixão. Mas o êxito não lhe sorriu, em cada um desses gêneros, com a mesma felicidade. Foi pela ilustração que Doré permaneceu, pois nesse ramo da arte ele não teve rivais. Dotado de uma imaginação prodigiosamente fecunda, soube colocar em seu desenho a originalidade, a graça, um gosto real do arranjo temperando o conjunto com uma ponta de erudição muito segura e de espírito francamente gaulês. O autor interpretado por ele é realmente conhecido e compreendido e, excetuando-se La Fontaine, pode dizer-se que Rabelais, Dante, Cervantes ou Tennyson raramente tiveram intérprete tão feliz. O efeito, Doré sabe compreendê-lo maravilhosamente, e é na verdade o que dá às suas composições o sabor e a força. Examinai-as de perto: o quadro aí estará quase sempre, porque a luz está bem concentrada, porque ela penetra e sai com verdade, prendendo os objetos, à sua passagem, onde melhor convém. Além disso, se o traço é incorreto e acusa as falhas de uma educação incompleta, é extenso, a linha é generosamente envolvida, o que colore o menor dos seus croquis. Pois, se de paleta na mão ele só desenvolve um talento secundário, pinta bem e com justeza com o lápis sobre o papel. E esse fato não será a menos curiosa das contradições que a história descobrirá nessa extraordinária e rica natureza.

Doré morreu em 1883.

# *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*

## PRIMEIRA PARTE

# TAXA

Eu, Juan Gallo de Andrada, escrivão de câmara do rei nosso senhor, dos que residem no seu conselho, certifico e dou fé que, havendo visto pelos senhores dele um livro intitulado O ENGENHOSO FIDALGO DE LA MANCHA, composto por Miguel de Cervantes Saavedra, taxaram cada folha do dito livro em três maravedis e meio; o qual tem oitenta e três folhas, que ao dito preço monta o dito livro em duzentos e noventa maravedis e meio, preço por que se há de vender em papel, e deram licença para que a este preço se possa vender. E mandaram que esta taxa se ponha no princípio do dito livro e que não se possa vender sem ela. E para constar, dei a presente em Valladolid, aos vinte dias do mês de dezembro do ano de mil e seiscentos e quatro.

JUAN GALLO DE ANDRADA

# TESTEMUNHO DAS ERRATAS

Este livro não tem coisa digna de notar![1] que não corresponda ao seu original. Em testemunho de o haver corrigido dei esta fé. No Colégio da Madre de Deus dos Teólogos da Universidade de Alcalá, em 1° de dezembro de 1604.

O licenciado
Francisco Murcia da la Llana

# PRIVILÉGIO

## *O rei*

Porquanto de vossa parte, Miguel de Cervantes, nos foi dito que havíeis composto um livro intitulado O ENGENHOSO FIDALGO DE LA MANCHA, o qual vos custara muito trabalho e era muito útil e proveitoso, pedistes e suplicastes que vos mandássemos dar licença e faculdade para o poderdes imprimir e privilégio pelo tempo que fôssemos servidos, ou como aprouvesse à nossa mercê. Visto o dito livro pelos do nosso conselho, já que nele se fizeram as diligências ordenadas pela pragmática que ultimamente baixamos a respeito da impressão de livros, ficou resolvido que devíamos conceder-vos esta nossa permissão pelo citado motivo, e Nós o houvemos por bem. Assim sendo, para vos fazer bem e mercê, vos damos licença e faculdade, a fim de que vós, ou a pessoa a quem o permitirdes, e não qualquer outra, possais imprimir o dito livro, intitulado O ENGENHOSO FIDALGO DE LA MANCHA e de que acima se faz menção, em todos estes nossos reinos de Castela, por tempo e espaço de dez anos, que corram e se contem a partir da data desta nossa permissão. E isto sob pena de que a pessoa ou as pessoas que, sem terem autorização vossa, o imprimam ou vendam ou o façam imprimir e vender percam a impressão que fizerem, com os moldes e aparelhos dela; e incorram também na pena de 50 mil maravedis, cada vez que assim procederem. A terça parte dessa pena caberá à pessoa que fizer a denúncia, a outra terça parte à nossa câmara e a terça parte restante ao juiz que sentenciar no feito. Não obstante, todas as vezes que houverdes de fazer imprimir o dito livro, durante o tempo dos citados dez anos, deve ele ser trazido ao nosso conselho, juntamente com o original que por este foi visto e que vai rubricado em cada página e assinado por Juan Gallo de Andrada, nosso escrivão de câmara e dos que nela têm assento, a fim de que se verifique se a dita impressão está conforme com o original: ou então deveis trazer fé, em pública-forma, passada por corretor de nossa nomeação, certificando que a dita impressão se reviu e corrigiu pelo original e se imprimiu de conformidade com ele, e de que foram impressas as erratas por ele apontadas para cada um dos livros que assim forem impressos, a fim de que se taxe o preço que por cada volume houverdes de receber. E ao impressor que imprimir o dito livro mandamos que não imprima o princípio, nem a primeira folha dele, nem entregue mais de um só livro com o original ao autor ou pessoa a cuja custa o imprimir, nem a nenhuma outra, para efeito da dita correção e taxa, sem que antes e primeiramente esteja o dito livro corrigido e taxado pelos do nosso conselho; uma vez que assim se proceda, e não de outro modo, então poderão ser impressos o princípio e primeira folha, imprimindo-se em seguida esta nossa concessão, aprovação, taxa e erratas, sob pena de incorrer o impressor nas penas prescritas pelas leis e práticas destes nossos reinos. E mandamos aos do nosso conselho e a outras quaisquer justiças deles que guardem e cumpram esta nossa permissão e o que nela se contém. Passado em Valladolid, aos vinte e seis dias do mês de setembro do ano de mil seiscentos e quatro.

Eu, o rei.
Por mandado do rei, nosso senhor.
JUAN DE AMEZQUETA

# DEDICATÓRIA

## *Ao duque de Béjar*[1]

Marquês de Gibraleón, conde de Benalcazar y Bañares, visconde de la Puebla de Alcocer,
senhor das Vilas de Capilla, Curiel e Burguillos

Fiando-me no bom acolhimento e honra que faz Vossa Excelência a toda sorte de livros, como príncipe tão inclinado a favorecer as belas-artes, maiormente as que por sua nobreza não se rebaixam ao serviço e proveito do vulgo, decidi dar à luz O ENGENHOSO FIDALGO DE LA MANCHA, ao abrigo do claríssimo nome de Vossa Excelência, a quem, com o acatamento que devo a tanta grandeza, suplico que o receba agradavelmente sob sua proteção, para que à sua sombra, embora despido daquele precioso ornamento de elegância e erudição com que soem andar vestidas as obras que se compõem nas casas dos homens de saber, ouse ele aparecer sem temores perante o juízo daqueles que, não se contendo nos limites da sua ignorância, costumam condenar com mais rigor e menos justiça os trabalhos alheios. Pondo Vossa Excelência os olhos da sua prudência no meu bom desejo, espero não desdenhará a insignificância de tão humilde serviço.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

# PRÓLOGO

*Miguel de Cervantes*

Podes crer-me, desocupado leitor — e não preciso jurar — que eu quisera fosse este livro, como filho que é do entendimento, o mais formoso, galhardo e discreto que se pudera imaginar. Foi-me impossível, todavia, contrariar a ordem da natureza, já que nesta cada coisa engendra a sua semelhante. Assim, que poderia brotar do estéril e inculto engenho meu, senão a história de um filho ressequido, magro, caprichoso e cheio de pensamentos vários, nunca imaginados por outro homem — tal como se nascido num cárcere,[1] onde todo incômodo se aloja e todo ruído triste habita? O sossego, os lugares tranquilos, a amenidade dos campos, a serenidade dos céus, o murmúrio das fontes, a quietude do espírito contribuem bastante para que as musas mais estéreis procriem e ao mundo ofereçam partos que o cumulem de maravilha e de contentamento. Se a um pai sucede ter filho feio e sem graça, o amor que ao mesmo consagra lhe venda os olhos, para que suas faltas não veja; antes as julga virtudes, encantos, e as relata aos amigos como se foram sutilezas e donaires. Mas eu, que, embora pareça o pai, sou padrasto de Dom Quixote, não quero deixar-me arrastar pela rotina, nem suplicar-te, quase com lágrimas nos olhos, como outros fazem, leitor caríssimo, que perdoes ou dissimules as faltas que neste meu filho vires; pois não és seu parente, nem amigo, e no teu corpo, no teu livre-arbítrio, tens tu alma como o mais celebrado; e estás em tua casa, de que és senhor, como o é o rei de suas alcavalas,[2] e bem sabes o que diz o refrão: sob meu manto, ao rei mato. Tudo isto te isenta de qualquer respeito e obrigação para comigo; e assim podes pensar da história o que bem te parecer, sem temor que te caluniem pelo mal, nem que te premiem pelo bem que dela disseres.

Só quisera dar-ta desnuda e limpa, sem o ornamento do prólogo, ou do inumerável catálogo dos habituais sonetos, epigramas e elogios, que se costuma incluir[3] no começo dos livros. O que te sei dizer, na verdade, é que, se me custou algum trabalho compô-la, nenhum foi maior que o de fazer este prefácio, que estás lendo. Muitas vezes tomei da pena para redigi-lo e de novo a larguei, por não saber o que escrever. Certa feita, achava-me em suspenso, com o papel diante de mim, a caneta à orelha, os cotovelos sobre a mesa e o rosto enfiado nas mãos, a pensar no que diria, quando entrou de súbito[4] um amigo, espirituoso e entendido. Vendo-me este pensativo, perguntou-me a causa, que lhe não encobri: expliquei-lhe que ali estava a imaginar qual seria o prólogo para a história de Dom Quixote e que, na indecisão, não me alentava a escrevê-lo, nem, muito menos, a publicar as façanhas de tão nobre cavaleiro.

“Pois”, disse-lhe eu, “como quereis que me não sinta confuso ante o que dirá esse velho legislador chamado vulgo, quando vir que, ao fim de tantos anos de repouso no silêncio do olvido,[5] saio agora, levando às costas o peso de todos os meus anos, a desfiar uma história seca como palha de esteira, vazia de invenção, minguada de estilo, pobre de conceitos, falha de toda erudição e doutrina, sem cotas nas margens nem notas no fim — tal como vejo noutros livros que, embora fabulosos e profanos, andam tão repletos de sentenças de Aristóteles, de Platão e de toda a caterva de filósofos que causam admiração aos leitores e emprestam aos autores a aparência de homens lidos, eruditos e eloquentes? E ai! quando citam as Sagradas Escrituras! Passam por uns Santos Tomases e outros doutores da Igreja; e guardam nisso tão engenhoso decoro que, enquanto pintam numa folha de papel algum namorado distraído, noutra fazem tal sermãozinho cristão que contenta e regala ouvi-lo, ou lê-lo! Ora, de tudo isto há de carecer o meu livro, já que não tenho o que cotar nas margens, nem o que anotar no fim, nem muito menos sei de que autores me vali, para alinhá-los no começo por ordem alfabética, como é costume, a principiar por Aristóteles e a terminar por Xenofonte, Zoilo ou Zêuxis, pouco importando que fosse um maledicente e outro pintor. Também há de carecer o meu livro de sonetos no início, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas ou poetas celebérrimos, embora eu saiba que se os pedisse a dois ou três oficiais[6] amigos, obtê-los-ia, e tais, que se lhes não igualariam os daqueles que têm mais nome em nossa Espanha.

“Enfim, senhor e amigo meu”, prossegui, “resolvi que o Sr. Dom Quixote fique sepultado em seus arquivos na Mancha, até que mostre o céu quem o adorne das muitas coisas que lhe faltam; porque me sinto incapaz de remediá-las, dadas a minha insuficiência e poucas letras, e porque, naturalmente, sou poltrão e preguiçoso de andar à cata de autores que digam o que sem eles sei dizer. Daí a indecisão e o enlevo em que me achastes; e o que de mim ouvistes é causa bastante para que eu tome essa atitude.”

Mal terminei, meu amigo desandou a rir e, batendo com a mão na testa, replicou:

“Por Deus, irmão, que agora acabo de corrigir um erro em que laboro há muito tempo, desde que vos conheço. Sempre vos julguei discreto e prudente em todas as ações; hoje vejo, porém, que estais tão longe disso como o céu da terra. Como é possível que coisas de tão pouco valor, tão facilmente remediáveis, possam ter força para tornar indeciso e absorto um engenho como o vosso, tão maduro, tão dado a romper e superar dificuldades maiores? Garanto que não é falta de habilidade, mas sobra de preguiça e penúria de discurso. Quereis ver se é verdade o que digo? Então prestai-me atenção e vereis como, num abrir e fechar de olhos, confundo todas as dificuldades vossas e remedeio as faltas todas que, segundo dizeis, vos tornam indeciso e covarde e vos impedem de revelar ao mundo a história do famoso Dom Quixote, luz e espelho da cavalaria andante.”

“Falai”, retruquei-lhe, ouvindo o que me dizia; “de que modo pensais encher o vazio do meu temor e iluminar o caos da minha confusão?”

“A primeira falta que apontastes”, disse-me, “a carência de sonetos, epigramas ou elogios de personagens graves e titulados no começo do livro, pode ser remediada se vós mesmos tomardes algum trabalho em fazê-los; depois, podeis batizá-los com os nomes que quiserdes, atribuindo-os ao preste João das Índias ou ao imperador de Trapisonda,[7] os quais, segundo ouvi dizer, foram excelentes poetas; e se não o foram e houver, acaso, bacharéis, e pedantes que os detratem, contestando essa verdade, não lhes deis importância: pois, ainda que vos descubram a mentira, não vos hão de cortar a mão que a escreveu.

“Quanto à citação marginal dos livros e autores, de onde extrairdes as sentenças e os ditos utilizados na vossa história, bastar-vos-á fazer de maneira que venham a pelo algumas sentenças latinas que saibais de memória ou, pelo menos, cuja busca vos dê pouco trabalho. Assim, ao tratardes de liberdade e cativeiro, por exemplo, não haveria mais que citar:

*Non bene pro toto libertas venditur auro*,[8]

mencionando em seguida o nome de Horácio, ou de quem o escreveu. Se discorrerdes sobre o poder da morte, podeis logo acudir com

*Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres.*[9]

Se, sobre a amizade e amor que Deus manda votar ao inimigo, quiserdes recorrer às Sagradas Escrituras, podeis fazê-lo de forma algo curiosa, repetindo as palavras do próprio Deus:

*Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros.*[10]

Se tratardes de maus pensamentos, que vos socorra o Evangelho:

*De corde exeunt cogitationes malae.*[11]

Se da instabilidade dos amigos, aí está Catão, que vos dará seu dístico:

*Donec eris felix, multos numerabis amicos,*

*Tempora si fuerint nubila, solus eris.*[12]

Com tais latinices e quejandos, granjeareis pelo menos fama de gramático, o que, nos dias de hoje, não é pouca honra e proveito. Quanto a pôr anotações no fim do livro, podeis fazê-lo, certamente, desta maneira: se mencionais algum gigante, fazei que seja o gigante Golias, e só com isto, que vos custará quase nada, tereis matéria para uma nota farta, já que podereis escrever: *O gigante Golias ou Goliat foi um filisteu a quem o pastor Davi matou com grande pedrada no vale de Terebinto, segundo se conta no Livro dos Reis*, no capítulo onde apurardes que se escreve tal coisa.[13]

“Depois, para vos mostrardes erudito em humanidades e cosmógrafo, fazei de modo que na vossa história se mencione o rio Tejo, e isto vos proporcionará outra famosa anotação: *O rio*

*Tejo foi assim chamado por um rei das Espanhas; nasce em tal lugar e morre no mar Oceano, beijando os muros da célebre cidade de Lisboa, acreditando-se que suas areias sejam de ouro etc.* Se vos ocupardes de ladrões, contar-vos-ei a história de Caco, que sei de cor; se de mulheres perdidas, ai está o bispo de Mondoñedo,[14] que vos falará de Lâmia, Laida e Flora, citação esta que vos dará grande crédito; se de mulheres cruéis, Ovídio vos fornecerá Medeia; se de encantadoras feiticeiras, há em Homero Calipso e em Virgílio Circe; se de valorosos capitães, Júlio Cesar vos falará de si próprio nos seus *Comentários* e Plutarco vos dará mil Alexandres. Se tratardes de amores, duas pitadas de língua toscana vos permitirão descobrir em León Hebreo algo de encher as medidas.[15] E se não quiserdes percorrer estranhas terras, achareis na vossa própria casa *O Amor de Deus* de Fonseca,[16] onde se congrega tudo o que vós, ou o melhor engenho, poderíeis desejar em tal matéria. Nada mais tendes que fazer, em conclusão, senão citar esses nomes e referir na vossa história as que já disse; e deixai ao meu cargo as anotações e cotas, que vos prometo encher as margens e gastar quatro laudas no fim do livro.

“Vejamos agora o que fazer com a citação de autores, que há nos outros livros e que no vosso falta. Mui fácil é o remédio, pois só tendes que buscar um livro que os cite todos, da letra A à letra Z, como há pouco dizíeis. Ponde esse mesmo abecedário no vosso livro; se vier à luz a mentira, não vos importeis, visto que pouca necessidade tínheis de valer-vos deles; e quiçá haja alguém tão simples que acredite haverdes aproveitado todos na singela história vossa. Quando não sirva de outra coisa, servirá ao menos o largo catálogo de autores para dar de improviso autoridade ao livro. Ninguém irá averiguar se os seguistes ou não, nada aproveitando com isso. Tanto mais que, se bem me dou conta, este vosso livro não precisa de nenhuma daquelas coisas que dizeis faltar-lhe, porque todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalaria, dos quais nunca deu fé Aristóteles, nem falou São Basílio, ou Cicero,[17] nem se levam em conta, nos seus fabulosos disparates, as minúcias da veracidade, nem as observações da astrologia; nem lhe importam as medidas geométricas, nem a refutação dos argumentos de que se serve a retórica: tampouco intenta predicar a ninguém, mesclando o humano ao divino, gênero de mescla de que não se há de vestir[18] nenhum espírito cristão. Só lhe cumpre recorrer à imitação, no que for escrevendo, pois quanto mais perfeita estiver, tanto melhor será o que se escrever. E como este vosso escrito não tem outra mira senão desfazer a autoridade e valia que o mundo e o vulgo emprestam aos livros de cavalarias, razão não há para que andeis mendigando sentenças de filósofos, conselhos das Divinas Escrituras, fábulas de poetas, orações de retóricos ou milagres de santos; basta que saiam os vossos períodos sonoros e festivos, revelando simples e claramente, com palavras expressivas, bem colocadas e honestas, a vossa intenção, em tudo o que logrardes e vos for possível, explicando os vossos conceitos, sem complicá-los e obscurecê-los. Procurai fazer também que, lendo a vossa história, se ponha a rir o melancólico, gargalhe o risonho, não se enfade o simplório, se admire o discreto do invento, não a despreze o grave, nem deixe o prudente de louvá-la. Que seja vosso fito derrubar a mal fundada máquina desses livros cavaleirescos, aborrecidos de tantos e decantados de muitos mais. Se o alcançardes, não tereis alcançado pouco.”

Em grande silêncio ouvi o que me dizia o meu amigo e de tal maneira me impressionaram suas razões que, sem discuti-las, reputei-as boas e aprovei-as, decidindo-me a repeti-las neste prólogo, onde verás, suave leitor, a discrição do meu amigo, a boa sorte que tive de achar tal conselheiro na ocasião mesma que dele precisava, e o alívio que senti ao se me deparar tão sincera e sem rodeios a história do famoso Dom Quixote de la Mancha, de quem dizem os habitantes todos do distrito do campo de Montiel que foi o mais casto enamorado e o mais valente cavaleiro que de muitos anos a esta parte se viu naquelas paragens. Não quero encarecer o serviço que te presto em dar-te a conhecer tão nobre e tão honrado cavaleiro; mas quero que me agradeças o conhecimento que terás do famoso Sancho Pança, seu escudeiro, em quem, a meu ver, te dou reunidas todas as graças escudeiris que na caterva dos livros fúteis de cavalaria se acham esparsas. E com isto, Deus te dê saúde, e a mim não me olvide. *VALE.*[19]

# AO LIVRO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA[1]

Urganda, a Desconhecida [2]

*Se aos bons chegar-te quise-,*
*livro, segue com deco-*
*e não dirá o boquirro-*
*que não pões bem os teus de-*
*Mas se, por outra prefe-*
*ser lido só por idio-,*
*verás, da mão para a bo-,*
*que o malho não dá no cra-*
*pois há quem se coma os bra-*
*só por mostrar-se curio-.*
*A voz da experiência se-:*
*a boa árvore se arri-*
*quem boa sombra cobi-.*
*Em Béjar tua boa estre-*
*árvore real te afere-*
*que dá príncipes por fru-,*
*no qual floresceu um Du-*
*que é novo Alexandre Ma-;*
*fica-lhe à sombra; aos ousa-*
*protege sempre a Fortu-.*
*De audaz fidalgo manche-*
*contarás as aventu-,*

*a quem ociosas leitu-*
*transformaram a cabe-;*
*cavaleiros e prince-*
*o provocaram, de mo-*
*que qual Orlando Furio-,*
*brando por enamora-,*
*obteve à força do bra-*
*Dulcineia del Tobo-.*
*Indiscretos hierogli-*
*não ponhas em teu escu-;*
*se as cartas são só figu-,*
*maus pontos a envide fi-.*
*Se ao dedicar-te te humi-*
*não te dirá mofa algu-:*
*"Que Dom Álvaro de Lu-,*
*que Aníbal, o de Carta-,*
*que rei Francisco, em Espa-,*
*vem queixar-se da Fortu-!"*
*Se não quis Deus nas altu-*
*que saísses tão ladi-*
*como o negro João Lati-*[3]
*latins recitar recu-,*
*Não te extremes em finu-*
*nem te metas a filó-*
*porque, rindo até que a bo-*
*chegue perto das ore-,*
*dirá quem entende a tre-:*
*"Pensas então que sou to-?"*

*Não te percas em censu-*
*aos passos que os outros de-:*
*da vida alheia os segre-*
*respeitar sempre procu-,*
*que às vezes as carapu-*
*recaem sobre quem grace-.*
*Queima tuas sobrance-*
*para cobrar boa fa-;*
*quem imprime nescida-*
*há de ser néscio perpé-.*
*Lembra-te ser desati-*
*se de vidro é o teu telha-*
*tomar pedras e atirá-*
*ao telhado do vizi-.*
*O homem que tem juí-*
*ao compor alguma o-*
*vai com firmeza e propó-,*
*pois quem tira à luz um li-*
*só para entreter moci-*
*escreve às tontas e é bo-.*

## Amadis de Gaula[4]

*A Dom Quixote de La Mancha*

### SONETO

*Tu, que imitaste a lastimosa vida*
*que eu tive, ausente e desdenhado sobre*
*os ermos alcantis da Penha Pobre,*[5]
*de alegre a penitente reduzida;*
*tu, a quem os teus olhos por bebida*
*deram farto licor, mesmo salobre,*
*e a quem, furtando a prata, o estanho e o cobre,*
*a terra só de terra deu comida;*
*vive seguro de que eternamente,*
*enquanto, ao menos, pela quarta esfera*
*guiar seu carro Apolo rubicundo,*
*terás claro renome de valente*
*e por ti tua pátria se venera,*
*ó sábio autor, único e só no mundo!*

## Dom Belianis de Grécia[6]

*A Dom Quixote de la Mancha*

### SONETO

*Rompi, cortei, quebrei, e disse, e fiz,*
*mais do que todo cavaleiro andante;*
*fui valente, destríssimo, arrogante,*
*mil agravos vinguei, cem mil desfiz.*
*Eterna é minha Fama; fui feliz,*
*correspondido e regalado amante;*
*anão foi para mim todo gigante*
*e ao duelo em qualquer ponto satisfiz.*
*A Fortuna a meus pés tive prostrada*
*e a calva Ocasião minha mão forte*
*arrastou pelos pelos do cogote.*
*Mas, embora se visse sempre*
*alçada sobre os cornos da lua a minha sorte,*
*os teus feitos invejo, ó grão Quixote!*

A Senhora Oriana

*A Dulcineia del Toboso*

## SONETO

*Se eu tivesse, formosa Dulcineia,*
*para maior conforto e mais repouso,*
*meu Miraflores*[7] *posto em teu Toboso*
*e Londres no lugar de tua aldeia!*
*Se dos desejos teus a leve teia*
*me adornasse alma e corpo, e o venturoso*
*cavaleiro, por ti feito famoso,*
*pudesse eu ver, em luta crua e feita!*
*Oh, se eu tão castamente me escapara*
*do senhor Amadis, como fugiste*
*do discreto fidalgo Dom Quixote!*
*Invejada, hoje a ti não invejara;*
*seria alegre o tempo que foi triste*
*e, meu prazer, inteiro e não escote!*

Gandalim, escudeiro de Amadis de Gaula

*A Sancho Pança, escudeiro de Dom Quixote*

## SONETO

*Salve, varão famoso! A Sorte tua*
*um trato escudeiril de bens profuso*
*te deu, e tua alma foi, ao que deduzo,*
*de prazeres repleta e males nua.*
*Da enxada e do machado não recua*
*a andante profissão; já está em uso*
*a escudeira lhaneza, com que acuso*
*o soberbo que quer pisar a lua.*
*Invejo o teu jumento, o teu famoso*
*renome e os teus alforjes, igualmente,*
*provas de ajuizada previdência.*
*Salve, outra vez, Ó Sancho, tão famoso*
*que o espanhol Ovídio*[8] *a ti somente*
*foi fazer, com carolos, reverência.*

### Do Danoso, Poeta Desordenado

*A Sancho Pança e Rocinante*

*Do manchego Dom Quixo-*
*sou Sancho Pança, escudei-*
*que, por viver bem a jei-*
*pus os pés em polvoro-.*
*Em dar às de Viladio-*
*há boa razão de esta-*
*como diz das retira-*
*a copla da* Celesti-,[9]
*a meu ver, obra divi-*
*se encobrisse mais o huma-,*

*A Rocinante*

*Sou Rocinante, o famo-*
*bisneto do grão Babie-,*[10]
*Por pecados de fraque-*
*montou-me um tal Dom Quixo-.*
*Embora passasse fo-,*
*juro, por pé de cava-,*
*que não me escapou ceva-.*
*Aprendi com Lazari-*
*quando foi furtar o vi-*
*ao cego, chupando em pa-.*

## Orlando Furioso

*A Dom Quixote de La Mancha*

### SONETO

*Se não és par, tampouco igual hás tido:*
*par poderias ser, entre mil pares,*
*nem par existirá onde te achares,*
*invicto vencedor, jamais vencido!*
*Orlando sou, Quixote, que, perdido*
*por Angélica, vi remotos mares,*
*oferecendo à Fama, em seus altares,*
*o valor a que tem respeito o olvido.*
*Não posso ser-te igual; este decoro*
*a teus feitos se deve, e à tua fama,*
*embora como eu fosses transtornado.*
*Mas meu igual serás, se o altivo Mouro*
*e o fero Citas domas, que nos chama*
*semelhantes no amor mal acabado.*

## O Cavaleiro do Febo

*A Dom Quixote de La Mancha*

## SONETO

*Com vossa espada a minha não porfia,*
*Febo espanhol, curioso cortesão,*
*nem, com o valor da vossa, a minha mão,*
*que foi raio, da vinda ao fim do dia.*
*Impérios desprezei; a monarquia,*
*que me ofertou o rubro Oriente, em vão*
*deixei, por ver o rosto alvo e loução*
*de Claridiana,*[11] *o sol que me alumia.*
*Amei-a por milagre único e raro,*
*e, ausente e desdenhado, o próprio inferno*
*temeu-me o braço, que o furor lhe gela.*
*Mas vós, godo Quixote, ilustre e claro,*
*por Dulcineia sois, no mundo, eterno,*
*e ela, por vós, famosa, honesta e bela.*

## *A Dom Quixote de La Mancha*

### SONETO

*Embora, Dom Quixote, tal loucura*
*o cérebro vos tenha transtornado,*
*nunca podereis ser vituperado*
*como homem de obra vil, covarde e impura.*
*Cada façanha vossa por vós jura,*
*pois tortos desfazendo haveis andado,*
*sendo vezes, sem conta esbordoado*
*por vilões de má morte e catadura.*
*E se vossa formosa Dulcineia*
*desaguisado contra vós comete,*
*nem mostra a vossas penas bom talante,*
*em tal desmando, alívio seja a ideia*
*de que Sancho serviu mal de alcaguete,*
*ela foi dura e vós um mole amante.*

## Diálogo entre Babieca e Rocinante

### SONETO

B. — Como estás, Rocinante, tão delgado?
R. — É que nunca se come e se trabalha.
B. — Então, não tens cevada, não tens palha?
R. — Não me deixa meu amo um só bocado.
B. — Olha, senhor, não é de bem criado
a língua de asno que o amo assim retalha.
R. — Fica-se asno do berço até à mortalha.
Duvidas? Pois contempla-o enamorado.
B. — Será tolice amar?
R. — Não é juízo.
B. — Metafísico estás
R. — É que não como.
B. - Queixa-te do escudeiro.
R. — Achas que adiante?
Como hei de reclamar o que preciso,
se patrão e escudeiro, aliás mordomo,
são mais rocins até que Rocinante?

# LIVRO I

# CAPÍTULO I

## *Que trata da condição e do exercício do famoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*

Num lugar da Mancha, de cujo nome não me quero lembrar, vivia, não há muito tempo, um desses fidalgos que usam lança em hastilheira, adarga antiga, cavalo magro e galgo corredor. Panelada de algo que era mais vaca do que carneiro, guisado na maioria das noites, ovos fritos com torresmos[1] aos sábados, lentilhas às sextas-feiras, filhote de pombo bravo como acréscimo aos domingos — consumiam três quartos da sua fazenda. O resto dela, preenchiam-no uma capa negra e lustrosa, calças de veludo para as festas, com pantufos do mesmo pano; e os dias intermediários da semana, honrava-os com o seu finíssimo *vellori*.[2] Tinha em casa uma ama que passava dos quarenta, uma sobrinha que ainda não chegara aos vinte e um moço de campo e praça que tanto selava o cavalo como empunhava a podadeira. A idade do nosso fidalgo beirava os cinquenta anos: era de rija compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, grande madrugador e amigo da caça. Dizem uns que levava o sobrenome de Quixada, ou Quesada, mas há nisto alguma discordância entre os autores que escreveram sobre o caso, embora conjeturas verossímeis nos deixem entrever que se chamava Quexana. Mas isto pouco importa ao nosso relato: basta que, no curso da narrativa, não nos afastemos um ponto da verdade.

Cumpre saber que, nos momentos de ócio (que eram os mais numerosos do ano), o sobre dito fidalgo se punha a ler livros de cavalaria com tanto empenho e gosto, que quase por completo se esquecia do exercício da caça e da administração da fazenda; e a tanto chegaram sua curiosidade e seu desatino, que vendeu muitas jeiras de terras férteis para comprar livros de cavalaria, levando para casa todos os que pôde obter. Dentre estes, nenhum lhe agradou mais que os compostos pelo famoso Feliciano de Silva,[3] porque a clareza de sua prosa e aquelas intrincadas razões suas lhe pareciam magníficas. Ainda mais encantado ficava quando lia os requebros e as cartas de desafio, onde em muitas partes se via escrito: “A razão da sem-razão que à minha razão se faz de tal maneira a minha razão enfraquece que com razão me queixo da vossa formosura.” E também quando lia: “Os altos céus que da vossa divindade divinamente vos fortificam com as estrelas e vos fazem merecedora do merecimento que merece a vossa grandeza.”

Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo e se desvelava por entendê-las e desentranhar-lhes o sentido, o que nem o próprio Aristóteles conseguiria se ressuscitasse unicamente para isto. Não acreditava muito nos ferimentos que D. Belianis dava e recebia, pois imaginava que, embora grandes mestres o tivessem curado, não deixaria de possuir o rosto e o corpo inteiro cheios de sinais e cicatrizes. Mas louvava no autor o fato de acabar o livro com a promessa de uma aventura infindável, e muitas vezes lhe veio o desejo de tomar da pena e finalizá-la ao pé da letra, como ali se prometia; sem dúvida o teria feito e ainda o lograria, se outros maiores e contínuos pensamentos o não estorvassem.[4]

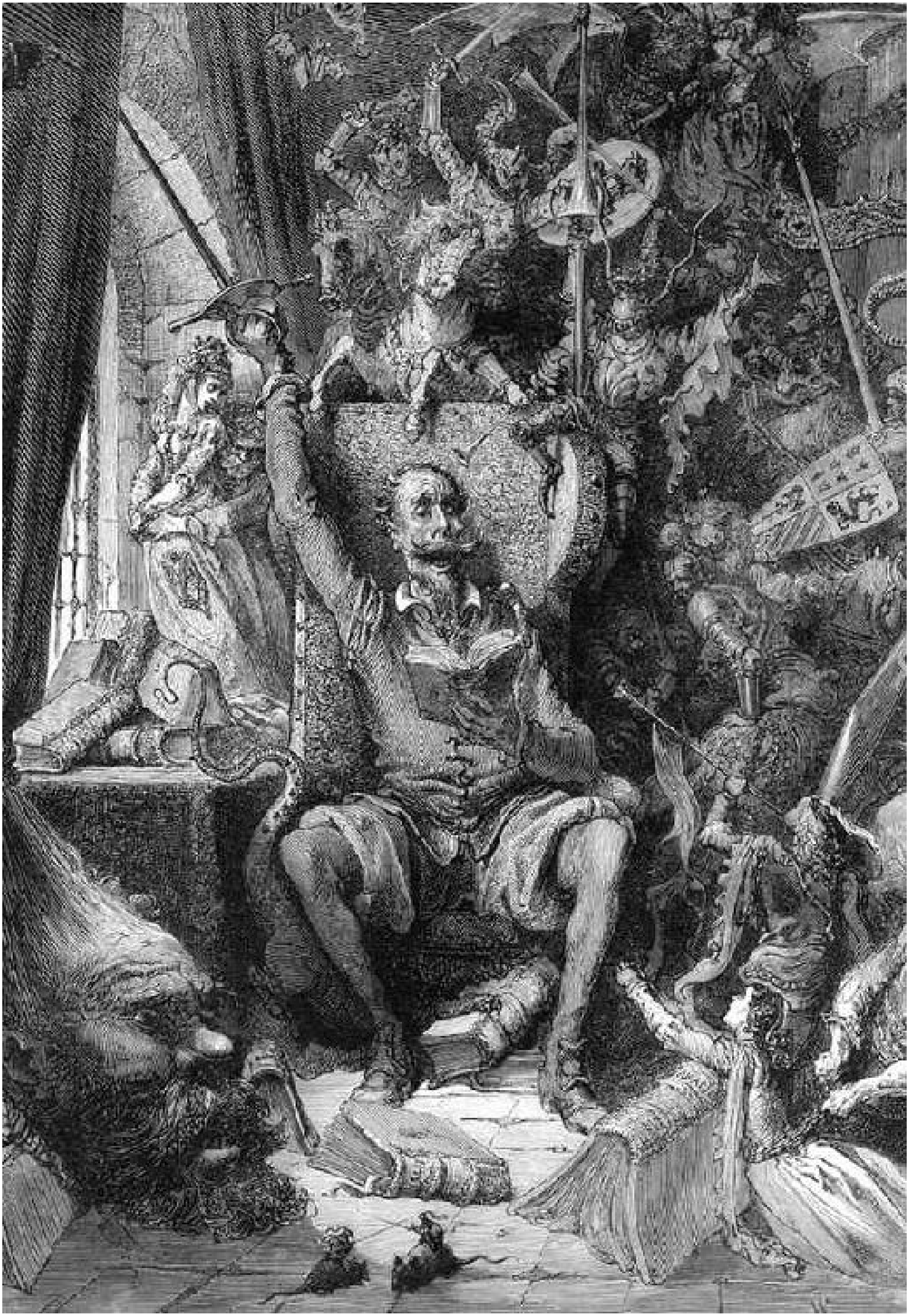
Frequentemente discutia com o cura da localidade, que era homem douto, graduado em Siguenza,[5] sobre qual havia sido melhor cavaleiro, Palmeirim da Inglaterra ou Amadis de Gaula; porém mestre Nicolau, barbeiro do mesmo povoado, dizia que nenhum chegava aos pés do cavaleiro del Febo e que se algum se lhe podia comparar era D. Galaor, irmão de Amadis de Gaula, porque sabia acomodar-se a tudo, não era cavaleiro melindroso, nem tão chorão como o irmão; e quanto à valentia, não lhe ficava atrás.

Para concluir: embebeu-se tanto na leitura, que a ler passava as noites de claro em claro e os dias de turvo em turvo; com o muito ler e o pouco dormir se lhe secou de tal maneira o cérebro, que perdeu o juízo. Impregnou-se-lhe a imaginação de tudo o que nos livros lia, feitiçarias, contendas, batalhas, desafios, ferimentos, requebros, amores, tormentas e disparates impossíveis; e de tal modo se lhe afigurou verdadeira toda a trama das sonhadas invenções que lia, que não havia para ele no mundo histórias mais certas. Dizia que Cid Rui Dias havia sido excelente cavaleiro, mas que não chegava aos pés do cavaleiro da Ardente Espada,[6] que de um só revés partira ao meio dois feros e descomunais gigantes. Sabia-lhe melhor Bernardo del Carpio[7] porque em Roncesvalles havia matado o encantado Roldão, valendo-se da artimanha de Hércules, quando entre os braços sufocou Anteu, o filho da Terra. Louvava o gigante Morgante, porque, embora pertencesse àquela gigantesca geração, cujos membros eram todos descomedidos e soberbos, só ele se mostrava educado e afável. Acima de todos, no entanto, prezava a Reinaldo de Montalvão:[8] mais ainda quando o via sair do seu castelo para furtar quem se lhe deparava, ou para roubar, como em além-mar[9] o logrou, aquele ídolo de Maomé que era todo de ouro, segundo narra a história. E em troca de um par de coices, que pudesse arremessar ao traidor Galalão,[10] faria presente da ama que abrigava em casa, e até da sobrinha.

Já fraco da razão, ocorreu-lhe o mais estranho pensamento que jamais nutrira outro louco neste mundo: pareceu-lhe conveniente e necessário, tanto para acréscimo da sua honra como para o serviço da república, fazer-se cavaleiro andante, ir-se por todo o mundo com suas armas e seu cavalo, em busca de aventuras e a exercitar-se em tudo o que havia lido sobre os cavaleiros andantes, desfazendo todo gênero de agravos, enfrentando oportunidades e perigos, onde, vencedor, pudesse granjear fama e nome eternos. Já se imaginava o pobre coroado pelo valor do seu braço, pelo menos no império de Trapisonda. E com tão agradáveis pensamentos, impulsionado pelo estranho prazer que lhe incutiam, deu-se pressa em pôr por obra o que desejava. Primeiramente, limpou as armas que tinham pertencido aos bisavós e que, cobertas de ferrugem e mofo, havia longo tempo andavam esquecidas num canto. Limpou-as e adereçou-as o melhor que pôde; mas viu que ostentavam grande defeito, que era o de não terem celada de encaixe, porém simples morrião;[11] nisto supriu-lhe o engenho, pois fez de cartões uma espécie de meia celada, que, encaixada no morrião, tomou a aparência de celada inteira. Depois, quis provar se era forte e se podia pô-lo ao abrigo de cutiladas, para o que sacou da espada e lhe deu dois golpes; com o primeiro, desfez num instante o que fizera numa semana; e não lhe agradou a facilidade com que a despedaçou. A fim de precaver-se contra esse perigo, tornou a fazê-la, colocando por dentro barras de ferro, até que lhe satisfizesse a fortaleza da arma; achou então que não precisava mais experimentá-la e reputou-a boa e finíssima celada de encaixe. Em seguida, examinou o cavalo; e conquanto tivesse este mais quartos que um real e mais defeitos que o cavalo de Gonella,[12] que *tantum pellis et ossa fuit*, julgou que se lhe não igualariam o Bucéfalo de Alexandre, nem o Babieca de Cid.

Quatro dias passou a meditar que nome lhe daria, pois (segundo a si mesmo se dizia) não encontrava motivo para que sem nome ficasse cavalo tão bom e de tão famoso cavaleiro. Pelejou de vários modos para que o animal lhe dissesse o que havia sido antes de pertencer a cavaleiro andante; parecia-lhe muito razoável que, mudando o senhor de estado, mudasse ele também de nome e adquirisse um novo, ruidoso e célebre, como convinha à nova ordem e ao exercício novo que já praticava. Assim, depois de muitos nomes que formou, riscou, desprezou, acrescentou, desfez e refez em sua imaginação e memória, resolveu afinal chamá-lo *Rocinante*, nome que lhe pareceu elevado, sonoro, significativo do que havia sido quando era simples *rocim, antes* do que agora era,[13] o primeiro de todos os rocins do mundo.

Batizado o cavalo, com o nome tão a seu gosto, quis batizar-se a si próprio, no que pensou oito dias, ao cabo dos quais se passou a chamar *Dom Quixote*;[14] donde concluíram os autores desta tão verdadeira história que, sem dúvida, o seu nome devia ser Quixada, e não Quesada, como outros quiseram dizer. Lembrou-lhe, em seguida, que o valoroso Amadis não ficara contente com se chamar secamente Amadis, mas adotara o sobrenome do seu reino e pátria, para fazê-la famosa, e se nomeara Amadis de Gaula; assim, como bom cavaleiro, também quis ao seu nome juntar o da pátria, intitulando-se *Dom Quixote de la Mancha,* com o que, a seu juízo, vivamente ostentava sua pátria e linhagem, e a honrava com tomar o sobrenome dela. Limpas as armas, transformado o morrião em celada, batizado o cavalo e aceito por ele mesmo o novo título, imaginou nada mais lhe faltar senão uma dama de quem se enamorasse; pois cavaleiro andante sem amores era árvore sem folhas e frutos, e corpo sem alma.



Dizia consigo: “Se por castigo dos meus pecados, ou por minha boa sorte, me defronto por aí com algum gigante, como de ordinário sucede aos cavaleiros andantes, e o derrubo num encontro, ou lhe parto o corpo ao meio, ou finalmente o venço e o faço render-se, não será bom que tenha a quem mandá-lo de presente, para que ele entre e se prostre de joelhos ante a minha doce senhora, murmurando, submisso, com voz humilde: ‘Eu sou, senhora, o gigante Caraculiambro, senhor da ilha Malindrânia, a quem venceu em singular batalha o nunca assaz celebrado cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, o qual mandou que me apresentasse ante vossa mercê, para que vossa grandeza disponha de mim a seu talante’?”

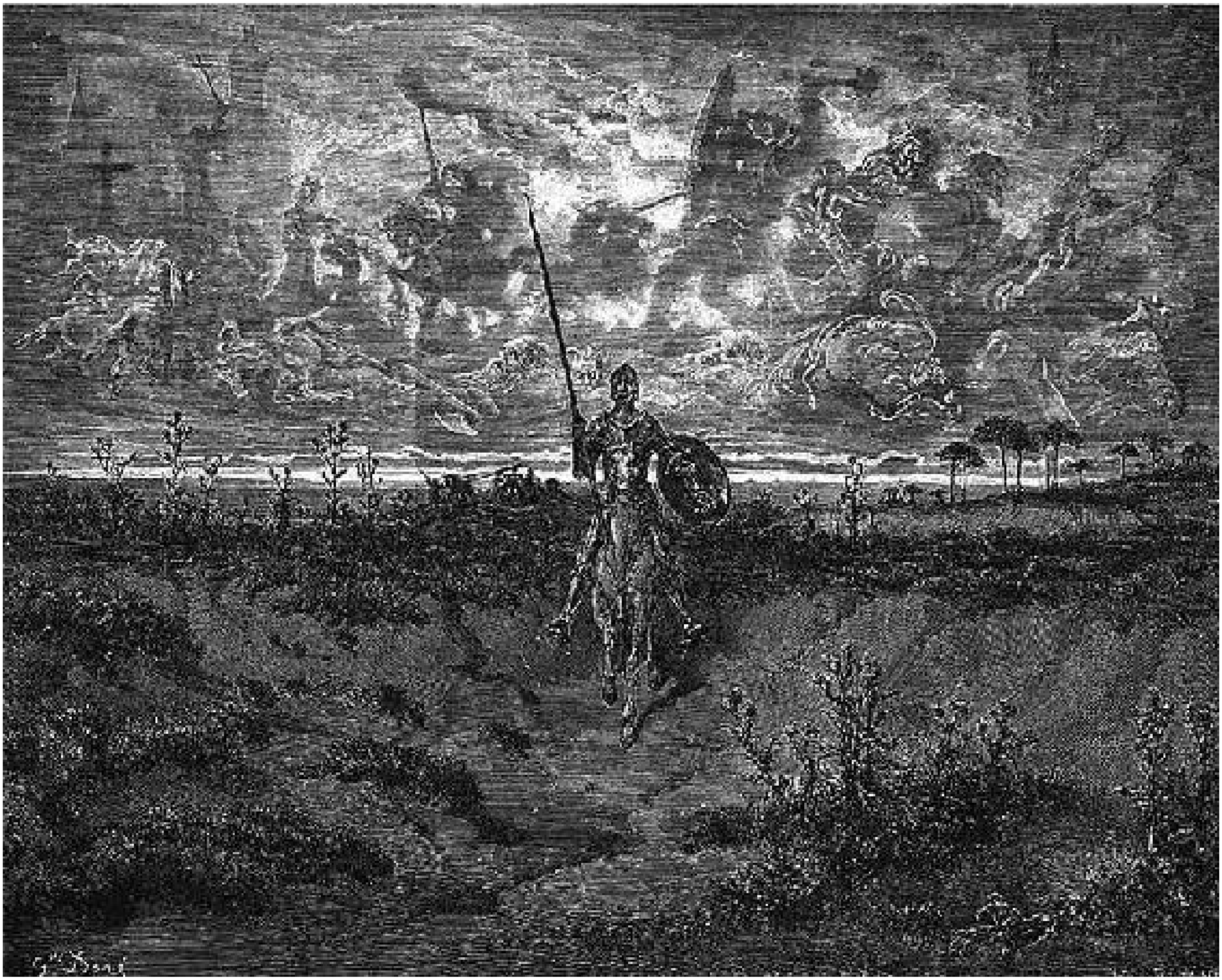
Oh! como folgou o nosso bom cavaleiro quando acabou este discurso e mais ainda quando achou a quem chamar sua dama! Havia, ao que se crê, em lugarejo próximo do seu, uma jovem lavradora de ótima aparência e de quem, por algum tempo, andou ele enamorado, conquanto se diga que ela jamais o soube, nem disso se deu conta. Chamava-se Aldonça Lourenço, e esta lhe pareceu merecer o título de senhora dos seus pensamentos: buscando-lhe, porém, um outro nome, que não perdesse muito para o seu e que servisse e se amoldasse ao de princesa e grã-senhora, pôs-se a chamá-la *Dulcineia del Toboso*, já que em Toboso nascera. Pareceu-lhe o nome peregrino, significativo, musical, como todos os demais que a si e às suas coisas pusera.

# CAPÍTULO II

## *Que trata da primeira saída que fez de sua terra o engenhoso Dom Quixote*

Tomadas essas precauções, não quis esperar por mais tempo a efetivação do que pensara; ao que se juntava, no seu entender, a falta que fazia ao mundo sua tardança, tantos eram os agravos que tencionava desfazer, os tortos que endireitar, as injustiças que emendar, os abusos que melhorar e as dívidas que pagar. Desse modo, sem que ninguém o visse ou tivesse notícia do seu intento, certa manhã, antes de romper o dia (que era um dos calorosos do mês de julho), se armou com todas as armas, montou no Rocinante, colocou a celada malcomposta, embraçou a adarga, empunhou a lança e, pela porta falsa de um curral, saiu a campo, contentíssimo e alvoroçadíssimo por ver com que facilidade dera início a seu bom desejo. Mas apenas pôs-se em marcha, assaltou-lhe terrível pensamento, que por pouco o fazia desistir da empresa começada: ocorreu-lhe que não fora armado cavaleiro e que, conforme a lei da cavalaria, não podia nem devia terçar armas com nenhum cavaleiro; e, ainda que o fosse, teria que levar armas brancas, como novato que era, sem insígnias no escudo, até que por seu esforço as ganhasse. Tais pensamentos o fizeram hesitar no propósito; mais forte era, porém, sua loucura que outra razão qualquer, e assim decidiu fazer-se armar cavaleiro pelo primeiro que encontrasse, à imitação de outros muitos que o mesmo fizeram, segundo lera nos livros. No tocante às armas brancas, pensou em limpá-las de tal maneira, em vagar oportuno, que parecessem mais brancas que arminho; e com isso aquietou-se e prosseguiu caminho, sem outro seguir além daquele que o cavalo queria, crendo que aí estava a força das aventuras.

Enquanto caminhava, ia o ardente aventureiro a monologar consigo mesmo: “Nos dias que hão de vir, quando sair à luz a história verdadeira dos meus famosos feitos, quem duvidará de que o sábio, que a escrever, assim se há de referir a esta minha primeira saída de madrugada: ‘Apenas havia o rubicundo Apolo estendido pela face da ampla e espaçosa terra os dourados fios de seus formosos cabelos, e os pequenos e pintados passarinhos, com suas moduladas línguas, com sua doce e melíflua harmonia, tinham saudado a vinda da rosada aurora, que, deixando o brando leito do marido ciumento,[1] pelas portas e balcões do manchego horizonte aos mortais se mostrava — e já o famoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, largando as ociosas plumas, montava o seu famoso cavalo Rocinante e principiava a caminhar pelo antigo e conhecido campo de Montiel’?” (E era verdade que por ele caminhava). E acrescentou: “Ditosa idade e século ditoso aquele em que sairão à luz as célebres façanhas minhas, dignas de talhar-se em bronzes, esculpir-se em mármores e pintar-se em quadros, para serem lembradas no futuro. Ó tu, sábio encantador, quem quer que sejas, a quem há de tocar ser cronista desta peregrina história! Rogo-te que não te esqueças do meu bom Rocinante, companheiro eterno de todos os meus caminhos e carreiras.” Logo se dizia (como se verdadeiramente estivesse enamorado): “Ó princesa Dulcineia, senhora deste cativo coração! Muito agravo me fizestes com despedir-me e reprochar-me, na rigorosa determinação de me não deixar aparecer ante a vossa formosura. Peço-vos, senhora, que vos lembreis deste vosso submisso coração, que tantas dores padece pelo vosso amor.”



A estes ia ele acrescentando outros disparates, todos moldados no que aprendera dos livros e imitando, no que podia, a linguagem dos mesmos. Com isto caminhava tão devagar, e o sol subia tão rápido e com tanto ardor, que fora bastante para derreter-lhe os miolos, se os tivera. Caminhou quase todo aquele dia sem que lhe acontecesse coisa digna de contar-se, fato que o desesperava, porque queria topar logo e logo com alguém que lhe permitisse experimentar o valor do braço forte. Autores há que dizem que sua primeira aventura foi a de Porto Lápice, outros que a dos moinhos de vento. Mas o que pude averiguar neste caso e achei escrito nos anais da Mancha é que ele andou aquele dia inteiro e, ao anoitecer, cavaleiro e cavalo se sentiram cansados e mortos de fome; e que, olhando para todos os lados, a ver se descobria algum castelo ou redil de pastores que lhe desse abrigo e onde pudesse reparar sua muita fome e necessidade, divisou uma venda, não longe do caminho que trilhava; e foi como se tivesse visto uma estrela, que o encaminhasse, não aos portais, mas às fortalezas da sua redenção. Deu-se pressa em cavalgar e a alcançou ao anoitecer.

Casualmente estavam à porta duas moças, destas a que chamam "da vida", e que iam a Sevilha na companhia de arrieiros, que, naquela noite, acertaram de pousar na venda. Como tudo o que via, imaginava ou pensava o nosso aventureiro lhe parecia ser feito e passar-se ao modo como o havia lido, assim que a venda viu se lhe antolhou ser um castelo, com suas quatro torres, seus luzentes capitéis de prata, sem lhe faltar a ponte levadiça e a funda cava, com todos os aderentes que em tais castelos se pintam. Aproximou-se, pois, do castelo imaginário e, a poucos passos dali, deteve o Rocinante, esperando que se pusesse algum anão entre as ameias a tocar trombeta, como sinal de que chegara ao castelo um cavaleiro. Como isso tardasse, todavia, e se apressasse o Rocinante por chegar à cavalariça, dirigiu-se para a porta da venda, onde viu as duas moças desregradas, as quais lhe pareceram duas damas graciosas ou donzelas formosas, que se divertiam à porta do castelo. Sucedeu, porém, que, nesse instante, andava um porqueiro a recolher de restolhos um rebanho de porcos (que com perdão da palavra assim se chamam); e tocando ele trombeta, a cujo sinal estes se recolhem, nessa mesma hora imaginou Dom Quixote o que desejava, isto é, que era algum anão que lhe anunciava a entrada; chegou-se, pois, com singular contentamento à venda e às damas, que, vendo aproximar-se um homem de tal modo armado, com lança e adarga, fugiram, medrosas, para o interior da loja. Dom Quixote, contudo, deduzindo-lhes da fuga o medo, alçou a viseira de papelão, descobriu o seco e poeirento rosto e, com gentil empenho e repousada voz, lhes disse:

— Não fujam vosmecês, nem temam dano algum, pois à ordem de cavalaria que professo não cabe nem toca perturbar a ninguém, muito menos a tão altas donzelas, como vossas aparências demonstram.

Miravam-no as moças e andavam com os olhos a buscar-lhe o rosto, que a má viseira encobria; mas como se ouvissem chamar donzelas, coisa tão fora da sua profissão, não puderam conter o riso, e o fizeram de tal maneira que Dom Quixote envergonhou-se e lhes disse:

— Boa coisa é a cortesia nas formosas e muita sandice é o riso que de leve causa procede; mas não vo-lo digo para que vos molesteis, nem mostreis mau talante, pois, quanto a mim, só pretendo servir-vos.

A linguagem, não entendida das senhoras, e o mau porte do nosso cavaleiro, aumentavam naquelas o riso e neste o enfado; iriam as coisas muito além se, nesta altura, não saísse a campo o vendeiro, homem que, por ser muito gordo, era assaz pacífico, o qual, vendo aquela figura contrafeita, pejada de armas tão desiguais como lança, sela de bridão, adarga e corselete,[2] achou prudente não seguir as donzelas nas suas mostras de contentamento. Temendo a máquina de tantos petrechos, intentou falar-lhe comedidamente, e disse:

— Se vosmecê busca pousada, senhor cavaleiro, excetuando o leito (pois nesta venda não os há), tudo o mais encontrará nela em muita abundância.

Vendo a humildade do alcaide da fortaleza (que tal lhe pareceram o vendeiro e a venda), Dom Quixote respondeu:

— Para mim, senhor castelão, qualquer coisa serve, porque

*meus arreios são as armas,*

*meu descanso o pelejar.*

Pensou o hospedeiro que o haviam chamado castelão por o terem julgado um dos bons homens de Castela, embora fosse andaluz e da praia de Sanlúcar, não menos ladrão que Caco, nem menos malandrim que estudante feito pajem.[3] E por isso respondeu:

— Sendo assim, as camas de vosmecê serão duras penhas, e seu dormir sempre velar; bem pode, pois, apear-se vosmecê, na certeza de encontrar nesta choça ocasião e ocasiões para não dormir um ano inteiro, e muito menos uma noite.

Dizendo isto, segurou o estribo, por onde Dom Quixote se apeou, com muita dificuldade e trabalho, já que ali passara o dia inteiro em jejum.

Disse logo ao hospedeiro que tivesse muito cuidado com o cavalo, porque era o melhor animal que comia pão no mundo. Mirou-o o vendeiro, e não o julgou tão bom como Dom Quixote proclamara, nem pela metade; acomodou-o, todavia, na cavalariça e volveu a receber ordens do hóspede, o qual estava sendo desarmado pelas donzelas, que com ele se tinham reconciliado e que, embora já lhe tivessem tirado a couraça do peito e o espaldar, não souberam nem puderam desprender-lhe a gola, nem soltar-lhe a contrafeita celada, que ele atara com cintas verdes que tinham de ser cortadas, já que era impossível desatar-lhes os nós; nisto, porém, não consentiu o cavaleiro de maneira nenhuma, e, assim, permaneceu a noite inteira com a celada vestida, ostentando a figura mais graciosa e estranha que se pudera conceber. Imaginando que as moças corridas e levadas que o desarmavam eram algumas senhoras e damas principais do castelo, disse-lhes com muito garbo:

*— Nunca fora cavaleiro*

*de damas tão bem servido*

*como fora Dom Quixote*

*quando de sua aldeia vindo:*

*donzelas tratavam dele;*

*princesas, do seu rocim.*

— Rocinante, minhas senhoras, é o nome do meu cavalo, e Dom Quixote de la Mancha o meu; não quisera descobrir-me antes que me descobrissem as façanhas feitas em vosso serviço e prol, mas a força de acomodar ao presente propósito este velho romance de Lançarote[4] determinou que soubésseis meu nome antes do tempo; dia virá, contudo, em que vossas senhorias me mandem e eu obedeça, e o valor do meu braço revele o meu desejo de servir-vos.

As moças, que não estavam acostumadas a ouvir semelhante retórica, não respondiam palavra; só lhe perguntaram se queria comer algo.

— Jantaria qualquer coisa — respondeu Dom Quixote —, porque, pelo que julgo, bem me veria.

Aconteceu que era uma sexta-feira, dia em que não havia, em toda a venda, senão algumas rações do pescado que em Castela se chama badejo, na Andaluzia bacalhau, noutras partes *curadillo* e ainda noutras *truchuela.* Perguntaram-lhe se porventura sua mercê comeria *truchuela,* pois não havia outro pescado para lhe dar a comer.

— Se houver muitas *truchuelas* — respondeu Dom Quixote —, poderão servir por uma truta, pois para mim é indiferente que me deem oito moedas de real, ou uma só moeda de oito. E possível que as *truchuelas* sejam como a vitela, que é melhor que a vaca, ou o cabrito, que é melhor que o bode. Mas, seja o que for, venha logo; porque o trabalho e peso das armas não se podem suportar sem o governo das tripas.

Puseram-lhe a mesa à porta da venda, por ser mais fresco, e lhe trouxe o hospedeiro uma porção de mal temperado e pior cozido bacalhau, e um pão tão negro e sujo como suas armas; mas era motivo de grande riso vê-lo comer, pois, como trazia vestida a celada e alçada a viseira, nada podia por na boca com as próprias mãos, a menos que outra pessoa ajudasse; assim, uma daquelas senhoras se encarregou de tal mister. Dar-lhe de beber, porém, era impossível e continuaria sendo, se não improvisasse o vendeiro um canudo e lhe pusesse à boca uma extremidade dele, enquanto na outra ia vertendo o vinho — o que tudo recebia pacientemente o cavaleiro, a troco de lhe não romperem as cintas da celada. Nesse ínterim, chegou à venda, por acaso, um castrador de porcos, que tocou sua gaita de canas quatro ou cinco vezes — com o que acabou de convencer-se Dom Quixote de que estava em algum famoso castelo, que o serviam com música, que o bacalhau eram trutas, o pão de refinada farinha, as meretrizes damas e o vendeiro castelão; e por bem empregadas dava sua determinação e saída. O que mais o fatigava, todavia, era não ver-se armado cavaleiro, por lhe parecer que, legitimamente, não poderia lançar-se em aventura alguma sem receber a ordem da cavalaria.

# CAPÍTULO III

## *Onde se conta a graciosa maneira pela qual se armou Dom Quixote cavaleiro*

Cansado de assim pensar, abreviou sua limitada ceia de estalagem, finda a qual chamou o vendeiro e, fechando-se com o mesmo na cavalariça, ajoelhou-se diante dele, dizendo-lhe:

— Não me erguerei jamais de onde estou, valoroso cavaleiro, até que vossa cortesia me outorgue um dom que lhe quero pedir, o qual redundará em vosso louvor e em prol do gênero humano.

O vendeiro, vendo o hóspede a seus pés e ouvindo semelhantes razões, pôs-se, confuso, a mirá-lo, sem saber o que fazer ou dizer-lhe; e com ele porfiava para que se levantasse, o que este não quis de modo algum, enquanto não ouviu do outro a promessa de que lhe outorgaria o dom que suplicara.

— Não esperava menos da grande magnificência vossa, senhor meu — respondeu Dom Quixote —; e assim vos digo que o dom que vos pedi e que a vossa liberalidade me outorgou é que amanhã de manhã me haveis de armar cavaleiro, e esta noite, na capela deste vosso castelo, velarei as armas. Amanhã, pois, se cumprira o que desejo tanto, para que eu possa ir, como é devido, pelas quatro partes do mundo, buscando aventuras a favor dos necessitados, já que tal é o encargo da cavalaria e dos cavaleiros andantes, como eu o sou, inclinado por desejo a semelhantes façanhas.

O vendeiro, que, conforme foi dito, era um pouco velhaco e já fizera conjeturas sobre a falta de juízo do hóspede, acabou de crê-lo quando ouviu suas razões; e para ter do que rir aquela noite, resolveu seguir-lhe o humor. Disse-lhe, pois, que andava muito acertado no que desejava e pedia, e que tal propósito era próprio e natural dos cavaleiros importantes, como ele parecia sê-lo e sua galharda aparência mostrava. Asseverou que ele próprio, vendeiro, nos anos da mocidade, se havia consagrado àquele honroso exercício, andando por diversas partes do mundo à cata de aventuras, sem que lhe houvessem escapado as Pesqueiras de Málaga, ilhas de Riarán, Compasso de Sevilha, Feira de Segóvia, Oliveira de Valência, Rondilha de Granada, praia de Sanlúcar, Porto de Córdova, Vendinhas de Toledo[1] e outras diversas partes, onde exercitara a ligeireza dos pés e a sutileza das mãos, cometendo muitos tortos, requestando viúvas, violando donzelas, enganando alguns pupilos e, finalmente, se tornando conhecido de quantas audiências e tribunais existem em quase toda a Espanha; e que, por último, se tinha recolhido aquele castelo, onde vivia dos seus bens e dos alheios, abrigando a todos os cavaleiros andantes, de qualquer qualidade e condição, só pelo muito afeto que lhes votava e para que partilhassem com ele dos haveres, em paga do seu bom desejo. Também lhe disse que, naquele seu castelo, não havia capela onde pudesse velar armas, porque tinha sido demolida para reconstrução; mas que, em caso de necessidade, sabia que se podiam velar alhures e que, naquela noite, seria possível fazê-lo no pátio do castelo; que, finalmente, na manhã seguinte, sendo Deus servido, se fariam as devidas cerimônias, de maneira que fosse o outro armado cavaleiro, e tão cavaleiro que não o pudesse ser mais ninguém no mundo.

Perguntou-lhe se trazia dinheiro; respondeu Dom Quixote que não trazia pataco, porque nunca lera, nas histórias dos cavaleiros andantes, que o tivesse algum trazido.

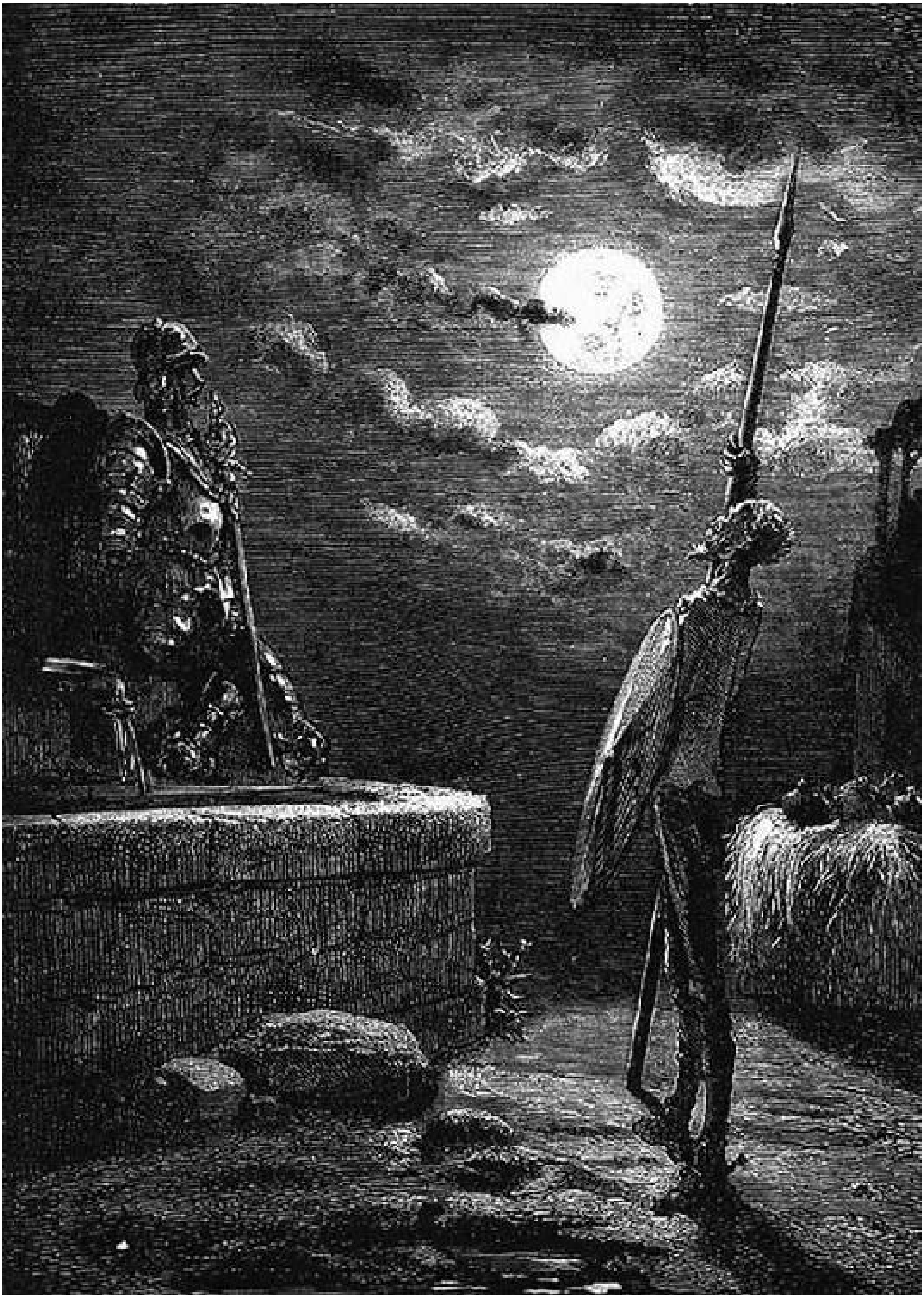
Retrucou-lhe o vendeiro que se enganava; pois se isto não se escrevia nas histórias, por ter parecido aos autores não ser preciso explicar coisa tão clara e necessária, qual trazer-se dinheiro e camisas limpas, nem por tal motivo se devia crer que os não trouxessem os cavaleiros; estivesse ele certo de que todos os cavaleiros andantes, dos quais tantos livros estão cheios e dão testemunho, levavam bem recheadas as bolsas, para o que desse e viesse; e que também levavam camisas e uma caixinha cheia de unguentos para curar as feridas que recebiam, porque nem sempre, nos campos e desertos onde combatiam e se feriam, havia quem os curasse, a menos que tivessem por amigo algum sábio encantador, que logo os socorria, trazendo pelo ar, numa nuvem, alguma donzela ou algum anão com redoma de água de virtude tal que, em lhe provando uma gota, alguém ficava logo bom de suas chagas e feridas, como se nenhum mal tivesse tido. Mas se lhes faltasse tal recurso, acordavam os passados cavaleiros em prover seus escudeiros de dinheiro e outras coisas necessárias, como ataduras e unguentos curativos; e quando sucedia a esses cavaleiros não possuir escudeiros (o que se via poucas e raras vezes), eles mesmos conduziam tudo em alforjes mui sutis, quase imperceptíveis, nas ancas dos cavalos, como se fora coisa de mais importância; pois a não ser em ocasião semelhante, a tarefa de levar alforjes não era muito aceita pelos cavaleiros andantes, razão pela qual o aconselhava — e podia mesmo ordenar-lhe, já que muito breve o ia ter por afilhado — a que não caminhasse, doravante, sem dinheiro e sem as referidas precauções, na certeza de que provaria a utilidade das mesmas, quando menos o esperasse.

Prometeu-lhe Dom Quixote executar minuciosamente tal conselho; e tomou logo providências para velar armas num grande curral, que ficava ao lado da venda. Recolheu todas as armas, depositou-as numa pia, junto a um poço, embraçou a adarga, segurou a lança e, com gentil postura, começou a passear diante da pia. Caía a noite, quando iniciou o passeio.

Contou o vendeiro a todos os que estavam na venda a loucura do seu hóspede, a vela das armas e a esperança de ser armado cavaleiro. Admiraram-se os outros de tão estranho gênero de loucura e se puseram de longe a mirá-lo; viram que, com tranquilos gestos, passeava umas vezes, outras contemplava as armas apoiado na lança, sem tirar os olhos destas por bom espaço de tempo. Já era noite fechada, porém estava a lua tão clara como dia e tudo o que fazia o novel cavaleiro, viam-no todos. Um dos armeiros que estavam na venda lembrou-se, nesta altura, de dar água às suas bestas de carga, e foi preciso tirar as armas de Dom Quixote, que estavam sobre a pia. Mas, vendo-o aproximar-se, gritou bem alto Dom Quixote:

— Ó tu, quem quer que sejas, atrevido cavaleiro, que ousas tocar as armas do mais valoroso andante que jamais cingiu espada, vê o que fazes e não as toques, se não queres perder a vida, em paga do atrevimento!

Não curou de tais razões o arrieiro (e fora melhor que curasse, porque teria sido curar-se em saúde); antes, agarrando os petrechos, arranjou as armas longe. Vendo isso, Dom Quixote ergueu os olhos para o céu e, pondo o pensamento (ao que parecia) na sua senhora Dulcineia, disse:



— Socorrei-me, senhora minha, nesta primeira afronta que se oferece a este vosso avassalado peito; não me faltem, neste primeiro transe, vosso favor e amparo.

Balbuciando estas e outras palavras, soltou a adarga, levantou a lança nas duas mãos e vibrou com ela tão grande golpe na cabeça do arrieiro, que o derrubou ao solo bastante ferido: tanto que, se um segundo golpe lhe desse, não precisaria mais o outro de médico que o curasse. Feito isso, recolheu as armas e recomeçou o passeio, com a mesma tranquilidade que antes. Daí a pouco, sem saber o que se tinha passado (porque ainda estava aturdido o arrieiro), chegou outro, com a mesma intenção de dar água às mulas, e foi logo tirando as armas para desimpedir a pia; mas Dom Quixote, sem dizer palavra e sem pedir favor a ninguém, soltou outra vez a adarga, ergueu de novo a lança e, sem fazê-la pedaços, fez mais de três da cabeça do segundo arrieiro, porque a partiu em quatro. Ao ruído, acudiu toda a gente da venda e entre eles o vendeiro. Dom Quixote olhou-os, embraçou a adarga, pôs a mão na espada e exclamou:

— Ó senhora da formosura, esforço e vigor do meu debilitado coração, já é tempo devolveres os olhos da tua grandeza para este teu cativo cavaleiro, que tamanha aventura está enfrentando!

Cobrou com isto, ao que parece, tanto ânimo, que, se o atacassem todos os arrieiros do mundo, não volveria o pé atrás. Os companheiros dos feridos, que tais os viram, principiaram de longe a jogar pedras sobre Dom Quixote, o qual se defendia com a adarga da melhor maneira e não ousava se apartar da pia, para não desamparar as armas.

Gritava o vendeiro que o deixassem, porque já lhes havia dito que era louco e que por louco se livraria, ainda que os matasse a todos. Dom Quixote gritava mais alto, chamando-os a todos pérfidos e traidores, dizendo que o senhor do castelo era um covarde e mal-nascido cavaleiro, pois consentia que se tratassem daquela maneira os cavaleiros andantes; e que, se ele tivesse recebido a ordem da cavalaria, saberia revidar-lhe a perfídia.

— Mas de vós outros prosseguia — soez e baixa canalha, não faço caso algum: atirai, chegai, vinde, ofendei-me o quanto puderdes, que haveis de pagar-me pela vossa loucura e demasia.

Dizia isto com tanto brio e denodo, que infundiu terrível medo aos que o atacavam. Fosse por isso, fosse pelos argumentos do vendeiro, deixaram de atirar-lhe, e ele, por sua vez, permitiu que levassem os feridos, tornando a velar suas armas com a mesma quietude e sossego do início.

Não agradaram ao vendeiro as burlas do seu hóspede e resolveu abreviá-las, dando-lhe logo a ordem negra da cavalaria, antes que outra desgraça acontecesse; chegando-se, pois, a ele, desculpou-se da insolência daquela gente baixa, que tinha agido à sua revelia, mas que havia sido bem castigada pelo atrevimento. Repetiu-lhe o que já tinha dito: que naquele castelo não havia capela e, para o que restava fazer, tampouco era necessária; que todo o toque para armar um cavaleiro consistia no pescoção e na espaldeirada, segundo estava informado do cerimonial da ordem, e que aquilo se podia fazer até no meio de um campo; que havia cumprido o que lhe competia ao velar armas, pois eram bastantes duas horas para a vela, ao passo que ele velara mais de quatro.

Dom Quixote acreditou em tudo e disse que ali estava pronto para obedecer-lhe; que o outro concluísse a missão com a maior brevidade possível, porque, se fosse outra vez atacado e se visse armado cavaleiro, não deixaria pessoa viva no castelo, exceto aquelas que ele, vendeiro, mandasse, e às quais, em respeito a ele, pouparia.

O castelão, advertido e amedrontado, trouxe logo um livro, onde assentava a palha e cevada que dava aos arrieiros; seguido de um rapazinho que segurava um toco de vela, e das duas já mencionadas donzelas, se acercou de Dom Quixote, a quem mandou ficar de joelhos. Pôs-se a ler o manual, como se rezasse alguma devota oração; em meio à leitura, ergueu a mão e golpeou-o com força no pescoço, aplicando-lhe, em seguida, com sua própria espada, gentil espaldeirada, a murmurar sempre entre dentes, como se rezasse. Feito isso, mandou que uma das damas lhe cingisse a espada, o que ela fez com muita desenvoltura e discrição, pois não era preciso pouca para que não estourassem de rir em cada ponto do cerimonial; entretanto, as proezas do novel cavaleiro que já tinham visto faziam-nas conter o riso.

Ao cingir-lhe a espada, disse a boa senhora:

— Que Deus faça vosmecê muito venturoso cavaleiro e lhe dê sorte nas pelejas.

Perguntou-lhe Dom Quixote como se chamava, para que ele soubesse, doravante, a quem devia obrigações pela mercê recebida, pois pensava dar-lhe alguma parte da honra que alcançasse com o valor do seu braço.

Ela respondeu, com muita humildade, que se chamava a Tolosa e que era filha de um remendeiro natural de Toledo, que vivia nas Tenditas de Sancho Bienaya; e que, onde quer que estivesse, o serviria e o teria por senhor.

Replicou-lhe Dom Quixote que, por seu amor, lhe concedesse a mercê de usar, dali em diante, o qualificativo de Dom e se chamasse Dona Tolosa.

Ela prometeu-lhe. A outra lhe calçou a espora; e com a segunda se passou colóquio quase igual ao que manteve com a primeira. Perguntou-lhe Dom Quixote o nome, ela respondeu: A Moleira — dizendo que era filha de um honrado moleiro de Antequera. A esta igualmente ele rogou que se intitulasse Dona Moleira, oferecendo-lhe novos serviços e mercês.

Realizadas, pois, a galope e depressa, as até então nunca vistas cerimônias, não via Dom Quixote a hora de ver-se a cavalo e sair à cata de aventuras. Selou o Rocinante, montou, e, abraçando o hospedeiro, disse-lhe coisas tão estranhas, em agradecimento da mercê de havê-lo armado cavaleiro, que não seria possível repeti-las aqui. O vendeiro, ávido por vê-lo fora da venda, respondeu-lhe com não menos retórica, ainda que em mais breves palavras; e o deixou ir-se embora, não lhe cobrando a pousada.

# CAPÍTULO IV

## *Do que sucedeu ao nosso cavaleiro quando saiu da venda*

Raiava a aurora quando Dom Quixote saiu da venda, tão contente, tão galhardo, tão alvoroçado por se ver armado cavaleiro, que lhe estourava o gozo pelas selas do cavalo. Volvendo-lhe à memória, todavia, os conselhos do hospedeiro acerca das tão necessárias precauções que lhe cumpria tomar, especialmente as do dinheiro e das camisas, resolveu voltar à casa e se prover de tudo, inclusive de um escudeiro, para o que logo se lembrou de um lavrador vizinho, que era pobre e com filhos, mas que bem servia para o ofício escudeiril da cavalaria. Com este pensamento, guiou para a sua aldeia o Rocinante, que, percebendo-lhe o intento, começou a cavalgar com tanta gana, que nem parecia pôr os pés no solo.

Não havia andado muito, quando lhe pareceu que da direita e de um espesso bosque que ali se via saíam delicadas vozes, como de alguém que se queixava; mal ouviu-as, disse o cavaleiro: "Dou graças a Deus pela mercê que me faz de, tão depressa, me dar ocasiões para que eu possa cumprir o dever da minha profissão e colher o fruto dos meus bons desejos. Sem dúvida, estas vozes são de algum necessitado ou necessitada, que precisa do meu favor e ajuda." E, volvendo as rédeas, encaminhou o Rocinante para o lugar de onde lhe parecia saírem as vozes. Penetrou no bosque e, a poucos passos, viu atada uma égua a um azinheiro e atado a outro um rapaz que aparentava uns 15 anos e estava nu da barriga para cima. Dele vinham os gritos, e não sem causa, porque um lavrador de bom talhe, empunhando o cinturão, lhe aplicava muitos açoites, ajuntando a cada açoite uma repreensão e conselho, posto que dizia:

— Boca fechada e olho vivo.

O rapaz respondia:

— Não o farei outra vez, meu senhor; pela paixão de Deus, não o farei outra vez e prometo, daqui por diante, ser mais cuidadoso com o rebanho.

Vendo o que se passava, exclamou Dom Quixote com voz irada:

— Descortês cavaleiro, não fica bem contender com quem não pode defender-se; montai no vosso cavalo e tomai vossa lança (pois também tinha uma lança encostada ao azinheiro onde estava presa a égua), que vos farei conhecer a covardia que estais praticando.

O lavrador, que viu sobre si aquela figura cheia de armas, a lhe brandir a lança junto ao rosto, julgou-se homem morto e, com bons modos, retrucou:

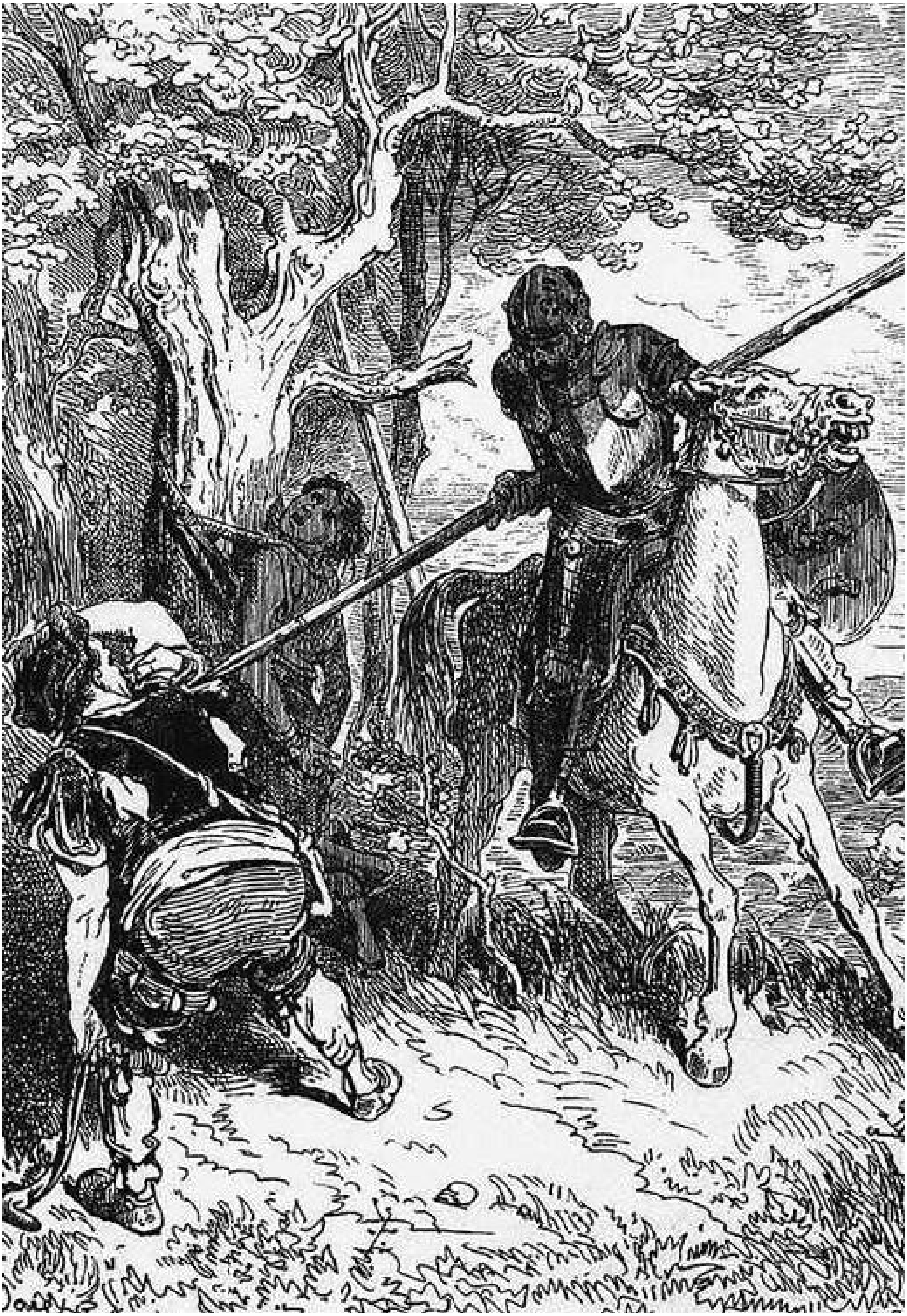
— Senhor cavaleiro, este rapaz que estou castigando é meu criado e tem a seu cargo guardar um rebanho de ovelhas que possuo nestas paragens; mas é tão descuidado, que cada dia me falta uma; e porque castigo seu descuido ou velhacaria, diz que sou miserável por não lhe pagar o salário que lhe devo; mas juro por Deus e minha alma que mente.

— "Mente"[1] diante de mim, ruim vilão? — disse Dom Quixote. — Pelo sol que me alumia, estou quase a traspassar-vos com esta lança. Pagai-lhe já e sem mais réplica; se não, por Deus que nos rege, darei cabo de vós agora mesmo. Desatai-o depressa.

O lavrador baixou a cabeça e, sem responder palavra, desatou o criado, ao qual perguntou Dom Quixote quanto lhe devia o amo. Nove meses, a sete reais por mês, respondeu-lhe o outro.

Dom Quixote fez a conta e achou que montava a dívida a 63 reais;[2] disse então ao lavrador que os desembolsasse naquele mesmo instante, se não quisesse perder a vida.

Retorquiu o medroso vilão, pela fé do juramento que fizera e do transe que passava (e nada jurara ainda), que não eram tantos, porque precisava descontar e receber de volta três pares de sapatos que lhe dera e um real por duas sangrias que lhe haviam feito quando enfermo.



— Tudo isso está muito bem — replicou Dom Quixote —; mas fiquem os sapatos e as sangrias em paga dos açoites que sem culpa lhe aplicastes, pois se ele rompeu o couro dos sapatos que lhe pagastes, vós lhe rompestes o do corpo; e se o barbeiro o sangrou quando enfermo, também o sangrastes vós em saúde; assim, uma coisa por outra, ele nada vos deve.

— O mal está, senhor cavaleiro, que não tenho aqui dinheiro; venha André comigo à casa, que lhe pagarei real a real.

— Ir-me com ele de novo? — disse o rapaz. — Com os diabos! Não, senhor, nem por sombra! Pois quando se pilhar sozinho comigo, vai-me esfolar como a um São Bartolomeu.

— Não fará tal coisa — replicou Dom Quixote —; basta que eu o mande para que me respeite; e se ele me jurar pela lei da cavalaria que recebeu, deixá-lo-ei ir livre e garanto que pagará.

— Veja vosmecê o que está dizendo, senhor — revidou o rapaz —; este meu amo não é cavaleiro, nem recebeu ordem da cavalaria alguma; é João Fraldudo, o rico, vizinho do Quintanar.

— Pouco importa — respondeu Dom Quixote —, pois Fraldudos também podem ser cavaleiros; tanto mais que cada qual é filho das suas obras.

— É verdade — disse André —; mas este meu amo, de que obra é filho, se me nega o salário ganho com o meu suor e trabalho?

— Não nego, irmão André — respondeu o lavrador —; dá-me o prazer de vir comigo que eu juro, por todas as ordens de cavalaria que há no mundo, que lhe hei de pagar tudo, real a real, e ainda os quebrados que restarem.

— Dos quebrados vos dispenso — disse Dom Quixote —; dai-lhe os reais, que com isso me contento; e não falteis ao que acabais de jurar, pois, do contrário, pelo mesmo juramento vos juro que volverei a buscar-vos e a castigar-vos, e que vos hei de encontrar, ainda que vos escondais como uma lagartixa. Se quereis saber quem tal vos ordena, para que vos sintais mais deveras obrigado a cumpri-lo, sabei que sou o valoroso Dom Quixote de la Mancha, o reparador de agravos e injustiças; ide com Deus, e não vos passe pela mente faltar ao prometido e jurado, sob pena do pronunciado castigo.

Dizendo isto, espicaçou o Rocinante e, em poucos instantes, se apartou deles.

Seguiu-o com os olhos o lavrador; e quando viu que havia transposto o bosque e que já não aparecia, se voltou para o criado André e disse:

— Vem cá, meu filho, que te quero pagar o que devo, conforme ordenou esse reparador de agravos.

— Isto juro eu — disse André —; e como andará vosmecê acertado em cumprir o mandamento desse bom cavaleiro, que mil anos viva, valoroso e bom juiz! E se vosmecê não me paga, por São Roque! Certo é que ele volte e execute o que disse!

— Também o juro eu — disse o lavrador —; mas pelo muito que te quero, vou aumentar a dívida para dobrar a paga.

E, travando-lhe do braço, atou-o de novo ao azinheiro e lhe deu tantos açoites, que o deixou quase morto.

— Vamos, senhor André! Chama agora o reparador de agravos, e vejamos se ele é capaz de reparar este. E ainda não está completo: pois sinto ganas de esfolar-te vivo, como temias.

Desatou-o, por fim, e lhe deu licença que fosse buscar seu juiz, a fim de que este executasse a pronunciada sentença.

André partiu algo mofino, jurando que acharia o valoroso Dom Quixote de la Mancha, que lhe contaria, ponto por ponto, o que se tinha passado e que o outro haveria de pagar-lhe sete vezes; apesar de tudo, porém, partiu chorando, enquanto o amo ficou rindo.

Eis como reparou tal agravo o valoroso Dom Quixote, que, contentíssimo do sucedido, certo de haver dado felicíssimo e alto começo às suas proezas, ia caminhando para a aldeia, satisfeito consigo mesmo e dizendo a meia voz: “Bem te podes chamar ditosa sobre quantas vivem hoje na terra, ó a mais bela das belas, Dulcineia del Toboso! Pois te coube a sorte de ter cativo e submisso à tua vontade e capricho tão valoroso e tão célebre cavaleiro como o é e será Dom Quixote de la Mancha, o qual (como todo o mundo sabe) recebeu ontem a ordem da cavalaria e hoje reparou o maior erro e agravo que a injustiça gerou e a crueldade cometeu: arrebatou o látego impiedoso às mãos do inimigo desapiedado que, tão sem motivo, flagelava um delicado infante.”

Nisto, chegou a um caminho que se dividia em quatro e logo lhe vieram à imaginação as encruzilhadas, onde os cavaleiros andantes se punham a pensar qual rumo tomariam; para imitá-los, quedou-se por instantes e, após muito meditar, soltou a rédea do Rocinante e deixou que o animal o levasse para onde quisesse: o qual seguiu o seu primeiro intento, que era o de pôr-se a caminho da cavalariça. Ao fim de umas duas milhas de caminhada, descobriu Dom Quixote grande tropel de gente, que, como depois se soube, eram mercadores de Toledo que iam comprar seda em Múrcia. Eram seis e vinham com os seus guarda-sóis, mais quatro criados a cavalo e três a pé puxando as mulas. Mal os divisou, pressentiu Dom Quixote que iria ter outra aventura; e para imitar, em tudo o que lhe parecia possível, as passagens que havia lido nos livros, pareceu-lhe achar uma ali ao molde do que pensava fazer. Com gentil postura e denodo se firmou bem nos estribos, apertou a lança, chegou a adarga ao peito e, pondo-se no meio do caminho, esperou que se aproximassem os cavaleiros andantes (que por tais já ele os tinha e reputava); quando chegaram a uma distância de onde o pudessem ver e ouvir, Dom Quixote ergueu a voz e disse em tom arrogante:

— Que todos se detenham, até confessarem que não há no mundo mais formosa donzela que a imperatriz da Mancha, a incomparável Dulcineia del Toboso.

Ao som destas palavras e ante a figura estranha de quem as proferia, pararam os mercadores; da figura e das palavras deduziram logo a insânia do seu dono; mas quiseram ver com mais vagar em que parava a confissão que se lhes pedia e um deles, que era um pouco burlão e assaz discreto, falou:

— Senhor cavaleiro, não sabemos quem seja essa boa senhora, a que aludis; mas se no-la mostrardes e se ela for tão linda como dizeis, de bom grado e sem constrangimento algum confessaremos a verdade, como acabais de pedir-nos.

— Se eu vo-la mostrasse — replicou Dom Quixote —, não faríeis nada de mais em confessar verdade tão notória. O importante é que, sem vê-la, o haveis de crer, confessar, afirmar, jurar e defender; e se o não fizerdes, comigo vos tereis que defrontar, gente descomunal e soberba; vinde agora um por um (como pede a ordem da cavalaria), ou todos juntos, como é costume e má usança entre os da vossa ralé, aqui vos aguardo e espero, confiado na razão que de minha parte tenho.

— Senhor cavaleiro — replicou o mercador —, em nome de todos estes príncipes que aqui estamos, para que não nos pese à consciência confessar uma coisa que nunca vimos, nem ouvimos, e tanto mais quanto seria em detrimento das imperatrizes e rainhas de Alcarria e Estremadura, suplico a vosmecê que se sirva mostrar-nos algum retrato dessa senhora, ainda que seja do tamanho de um grão de trigo, pois pelo fio se achará o novelo e ficaremos com isto satisfeitos e seguros, e vosmecê ficará contente e pago. E creio que já estamos tão dispostos a tomar o partido de vosmecê, que, mesmo se nos mostrar o retrato de alguém que tenha um olho torto e que do outro verta enxofre e vermelhão, apesar de tudo e para comprazer a vosmecê, diremos o que quiser a seu favor.

— Não verte não, canalha infame! — respondeu Dom Quixote, inflamado de cólera. — Não verte o que dizeis, mas somente âmbar e algália entre algodões; e não é torta, nem corcovada, porém mais direita que um fuso de Guadarrama. Mas vós outros pagareis a grande blasfêmia que proferistes contra beldade tamanha como o é a de minha senhora.

E, dizendo isto, arremeteu de lança baixa contra o que falara, com tanta fúria e impetuosidade que, se a boa sorte não tivesse feito cair e tropeçar o Rocinante na metade do caminho, teria passado mal o atrevido mercador. O Rocinante caiu e seu amo foi rolando um bom pedaço pelo campo; quis levantar-se, mas não pôde, tal o embaraço que lhe causavam a lança, a adarga, as esporas e a celada, com o peso das antigas armas.

Enquanto pelejava por se levantar e não podia, continuava exclamando:

— Não fujais, gente covarde, gente mesquinha, esperai; se estou aqui estendido, não é por minha culpa, mas do meu cavalo.

Um dos muladeiros, que não devia ser muito bem intencionado, escutando tantas arrogâncias do pobre caído, não se pôde ter que lhe não desse a resposta nas costelas. Aproximou-se, tomou-lhe a lança e, depois de havê-la feito pedaços, principiou a dar, com um destes, tantas bordoadas em Dom Quixote, que, a despeito e apesar de suas armas, o deixou moído como farelo.

Gritavam-lhe os amos que não lhe batesse tanto e que o largasse; mas o rapaz estava irritado e não quis cessar o jogo antes de esvaziar toda a cólera: apanhou os outros pedaços da lança e acabou de quebrá-los sobre o corpo do miserável estirado, que, com toda aquela tempestade de paus sobre si, não calava a boca, ameaçando céus e terra, vociferando contra os patifes, que tais lhe pareciam.

Cansou-se o moço, e os mercadores prosseguiram viagem, levando o que contar do pobre espancado. Este, quando se viu só, tornou a experimentar se podia erguer; mas se não pôde fazê-lo quando estava são e bom, como o faria agora, que estava moído e quase desfeito? Apesar de tudo ainda se sentia feliz, parecendo-lhe que tal desgraça era própria dos cavaleiros andantes; atribuiu-a, porém, à falta do cavalo. Não lhe foi possível levantar-se, pois tinha o corpo todo machucado.

# CAPÍTULO V

## *Onde se prossegue a narrativa da desgraça do nosso cavaleiro*

Vendo que não conseguia mover-se, buscou refúgio no seu costumeiro remédio, que era pensar em alguma passagem dos livros; e a loucura lhe trouxe à memória a de Valdovinos e do Marquês de Mântua, quando Carloto o feriu na montanha:[1] história sabida dos meninos, não ignorada dos moços, celebrada dos velhos, que ainda acreditavam nela; e, com tudo isso, não mais verdadeira que a dos milagres de Maomé. Pareceu-lhe que esta vinha a calhar para o transe em que se achava; e assim, com mostras de grande sentimento, começou a revolver-se pelo chão e a dizer com debilitado alento o mesmo que dizia o ferido cavaleiro do bosque:

— *Onde estás, senhora minha,*
*Que te não dói o meu mal?*
*Ou não o sabes, senhora,*
*Ou és falsa e desleal.*

E desta maneira prosseguiu no romance, até aqueles versos que dizem:

— Ó *nobre Marquês de Mântua,*
*Meu tio e senhor carnal!*

Quis a sorte que, quando chegou a este verso, acertasse de passar por ali um lavrador de sua localidade e seu vizinho, que acabara de levar ao moinho uma carga de trigo e que, vendo estendido aquele homem, se acercou dele e perguntou-lhe quem era e que mal sentia, pois com tanta tristeza se queixava.

Dom Quixote acreditou, sem dúvida, que era aquele o marquês de Mântua, seu tio, e assim, ao invés de lhe responder, continuou com o romance, narrando sua desgraça e os amores do filho do imperador com sua esposa, tudo da mesma maneira como está no livro.

Espantou-se o lavrador com aqueles disparates; e tirando-lhe a viseira, já despedaçada pelas bordoadas, limpou-lhe o rosto, que estava coberto de pó. Mal acabou de fazê-lo, reconheceu-o e disse:

— Senhor Quixana (que assim se devia chamar quando tinha juízo e ainda não havia passado de fidalgo sossegado a cavaleiro andante), quem pôs vosmecê neste estado?

Mas a tudo o que lhe era perguntado, ele respondia com o romance. Vendo isto, o bom homem lhe tirou como melhor pôde o peito e espaldar da armadura, para ver se tinha alguma ferida: mas não percebeu sangue, nem sinal algum. Procurou levantá-lo do solo e, com não pouco trabalho, o içou no seu jumento, por lhe parecer mais tranquila montaria. Recolheu as armas, inclusive os fragmentos da lança, e amarrou-as sobre o Rocinante; depois, segurando a rédea deste e o cabresto do asno, se encaminhou para o povoado, bastante pensativo de ouvir os disparates de Dom Quixote. Não o ia menos Dom Quixote, que, de tão moído e alquebrado, não se podia suster no burrico; de quando em quando dava uns suspiros de chegar ao céu — o que obrigou de novo o lavrador a perguntar-lhe que mal sentia. Mas parece que o diabo só lhe trazia à memória os contos acomodados aos seus sucessos, pois, naquele ponto, esquecendo Valdovinos, se lembrou do mouro Abindarrais,[2] quando o alcaide de Antequera, Rodrigo de Narvais, o prendeu e o levou cativo para a alcaidaria. De sorte que, quando o lavrador volveu a inquiri-lo como estava e que sentia, repetiu as mesmas palavras e razões com que respondera o cativo abencerrage a Rodrigo de Narvais, tal como as lera ele na história que se escreve em *A Diana*, de Jorge de Montemayor; e valeu-se desta com tanto cabimento, que o lavrador já se encomendava ao diabo, de tanto ouvir tolices. Percebeu que o vizinho estava louco e se deu pressa em chegar à aldeia, para fugir ao enfado que Dom Quixote lhe causava com sua longa arenga.

Por fim, este lhe disse:

— Saiba vosmecê, senhor Dom Rodrigo de Narvais, que esta formosa Xarifa, a que me refiro, é agora a linda Dulcineia del Toboso, por quem fiz, faço e farei as mais célebres proezas de cavalaria que se viram, veem e verão no mundo.

Ao que replicou o lavrador:

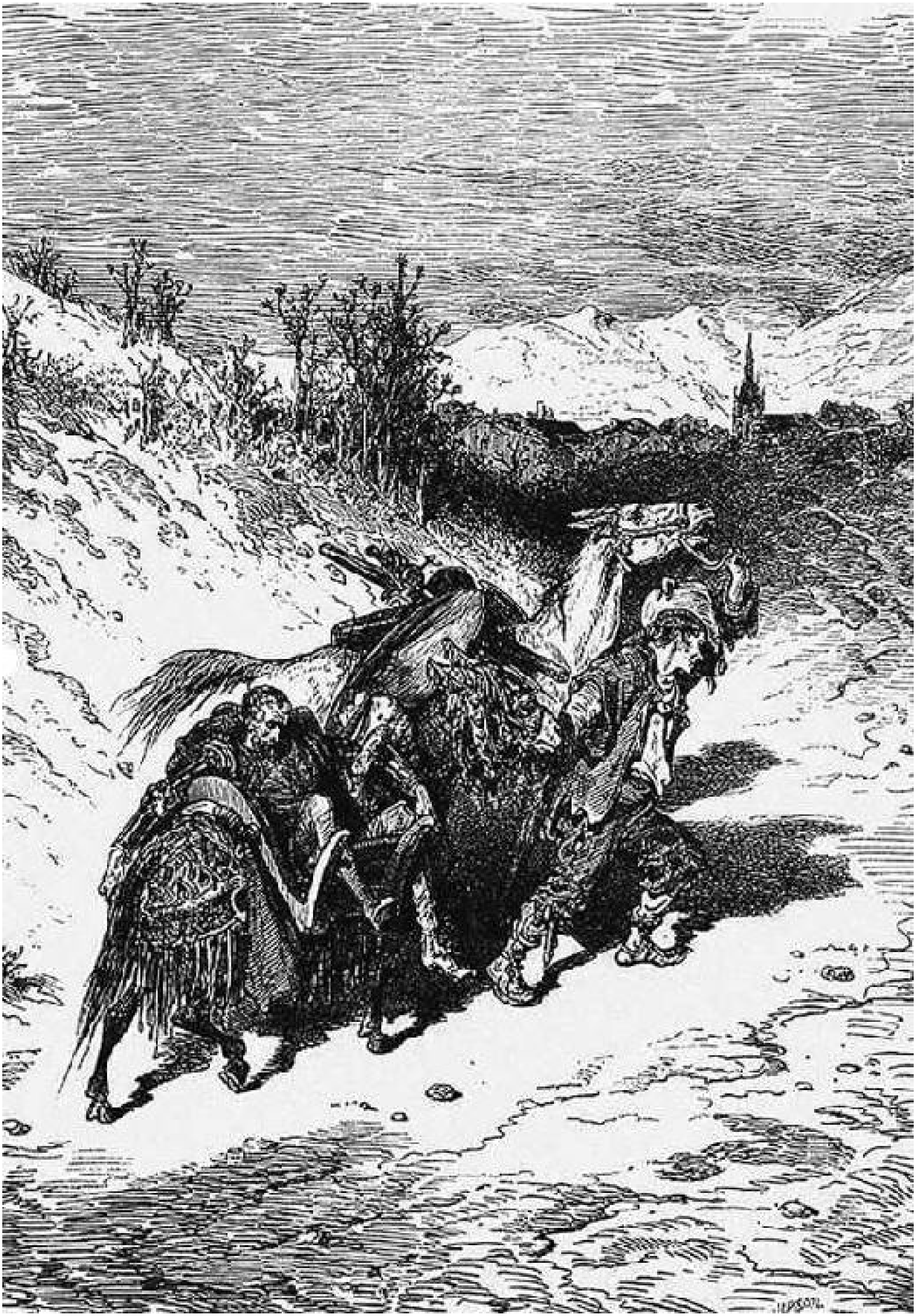
— Veja bem vosmecê que — pobre de mim, pecador! Não sou D. Rodrigo de Narvais, nem o marquês de Mântua, mas Pedro Alonso, seu vizinho; tampouco é vosmecê Valdovinos, nem Abindarrais, porém o honrado fidalgo senhor Quixana.

— Sei quem sou — respondeu Dom Quixote —, e sei que posso ser não somente os que disse, mas todos os Doze Pares de França e, ainda, todos os Nove da Fama,[3] já que minhas façanhas ultrapassarão as de todos eles juntos e as de cada um de per si.

Com estas e outras conversas semelhantes, chegaram ao povoado quando anoitecia; mas o lavrador esperou que anoitecesse mais, a fim de que não vissem o moído fidalgo tão mau cavaleiro.[4] À hora que lhe pareceu mais conveniente, penetrou na aldeia e foi ter à casa de Dom Quixote, que estava em alvoroço, vendo-se ali o cura e o barbeiro do lugar, que eram grandes amigos do fidalgo. Dizia-lhes a ama, em altas vozes:

— Que lhe parece a vosmecê, senhor licenciado Pero Pérez (assim se chamava o cura), da desgraça do meu senhor? Há três dias que não dão sinal: nem ele, nem o cavalo, nem a adarga, nem a lança, nem as armas. Desventurada de mim! Pois me dou a entender, e é tão verdade como nasci para morrer, que esses malditos livros de cavalaria, que ele possui e costuma ler tanto, lhe deram voltas ao juízo. Agora me lembro de tê-lo ouvido dizer muitas vezes, de si para si, que queria fazer-se cavaleiro andante e ir pelo mundo em busca de aventuras. Encomendados sejam tais livros a Satanás e a Barrabás, já que puseram a perder a mais delicada inteligência que havia em toda a Mancha.

A sobrinha dizia o mesmo, e ainda acrescentava:



— Saiba, senhor mestre Nicolau (que era este o nome do barbeiro), que muitas vezes aconteceu ao senhor meu tio estar lendo esses desalmados livros de desventuras dois dias e duas noites, ao cabo dos quais arremessava o livro da mão e a punha na espada; começava então a dar cutiladas nas paredes e, quando se sentia muito cansado, dizia que havia morto quatro gigantes do tamanho de quatro torres; o suor, que vertia de cansaço, dizia ele que era sangue das feridas que recebera em combate; em seguida, bebia um grande jarro de água fria e ficava são e sossegado, afirmando que aquela água era preciosíssima bebida, com que o havia presenteado o sábio Esquife,[5] grande feiticeiro e amigo seu. Eu, porém, tenho a culpa de tudo, porque não avisei vosmecês dos disparates do senhor meu tio, para que os remediassem antes de chegar ele ao ponto a que chegou, e queimassem todos esses livros excomungados, que ele os tem muitos e bem merecem ir para a fogueira, como se fossem de hereges.

— Isto digo eu também — falou o cura —, e que não passe o dia de amanhã sem que deles se faça ato público[6] e sejam condenados ao fogo, para que não deem ocasião a quem os ler de fazer o que deve ter feito o meu bom amigo.

O lavrador e Dom Quixote ouviram tudo, ficando aquele ainda mais convencido da enfermidade do vizinho e assim principiou a dizer bem alto:

— Abram vosmecês ao senhor Valdovinos e ao senhor marquês de Mântua, que chega malferido, e ao senhor mouro Abindarrais, que traz cativo o valoroso Rodrigo de Narvais, alcaide de Antequera!

A estas vozes saíram todos e, reconhecendo uns o amigo e outras o amo e tio, que ainda não se tinha apeado do jumento, porque não podia, correram a abraçá-lo.

— Saibam todos — disse ele — que venho malferido por culpa do meu cavalo; levem-me ao leito e chamem, se for possível, a sábia Urganda, para que examine e cure minhas feridas.

— Bem me dizia o coração — exclamou a ama — de que pé o meu senhor coxeava! Suba vosmecê em boa hora, pois, sem que venha essa Purganta[7] havemos de curá-lo. Malditos sejam, digo, outra vez e mais cem vezes, esses livros de cavalaria, que levaram vosmecê a tal estado!

Transportaram-no para a cama, revistaram-no à cata de feridas, mas não lhe acharam nenhuma. Ele disse que era tudo abatimento, por haver dado grande queda com o Rocinante, seu cavalo, quando combatia com dez gigantes dos mais desaforados e atrevidos que se podiam encontrar nos quatro cantos da Terra.

— Tá, tá! — Fez o cura. — Também gigantes entram na dança? Macacos me mordam se não os queimo amanhã, antes do anoitecer.

Fizeram mil perguntas a Dom Quixote, que a nenhuma quis responder, limitando-se a pedir que lhe dessem comida e o deixassem dormir, pois era o que mais importava.

Assim se fez; e o cura pediu minuciosos informes ao lavrador sobre o modo como havia achado Dom Quixote. Tudo o outro lhe contou, mencionando os disparates que lhe ouvira no local onde o encontrara e durante a viagem. Aguçou-se ainda mais o desejo que tinha o licenciado de fazer o que fez no dia seguinte e que foi chamar seu amigo, o barbeiro mestre Nicolau, em cuja companhia se dirigiu à casa de Dom Quixote.

# CAPÍTULO VI

## *Do elegante e largo escrutínio que fizeram o barbeiro e o cura na biblioteca do engenhoso fidalgo*

Dormia ainda o fidalgo. O cura pediu à sobrinha as chaves do aposento onde se encontravam os livros autores do dano, e a moça lhas deu de muito bom grado. Entraram ali os três, acompanhados da ama, e acharam mais de cem volumes de livros grandes, muito bem encadernados, e outros pequenos. A ama, assim que os viu, saiu apressadamente da sala e voltou em seguida, com uma vasilha de água benta e um hissope, dizendo:

— Tome-o vosmecê, senhor licenciado, e borrife este aposento; pode haver por aqui algum feiticeiro, dos muitos que se escondem nestes livros, e que nos queira encantar, como castigo do que lhe queremos dar desterrando-o do mundo.

Riu-se o licenciado da simplicidade da ama e pediu ao barbeiro que lhe fosse passando os livros, um por um, para ver do que tratavam, pois era possível que alguns não merecessem o castigo do fogo.

— Não — disse a sobrinha —, não se deve poupar nenhum, porque todos causaram dano: é melhor atirá-los ao pátio pelas janelas, empilhá-los e atear-lhes fogo; se não, levá-los ao curral, onde se fará a fogueira, sem que nos incomode a fumaça.

O mesmo disse a ama: tal era a gana que as duas tinham da morte daqueles inocentes. Mas o cura nada quis fazer sem ler antes, pelo menos, os títulos. O primeiro que mestre Nicolau lhe passou às mãos foi *Os Quatro de Amadis de Gaula.*[1] Disse o cura:

— Aqui parece haver mistério, porque, segundo ouvi dizer, foi este o primeiro livro de cavalaria que se imprimiu na Espanha, e todos os demais se originaram deste; creio, pois, que, como dogmatizador de tão má seita, devemos, sem qualquer escusa, condená-lo ao fogo.

— Não, senhor — disse o barbeiro —, pois também ouvi dizer que é o melhor de todos os livros deste gênero que se compuseram; assim, como único em sua arte, devemos poupá-lo.

— É verdade — tornou o cura —; por essa razão, outorguemos-lhe a vida, por enquanto. Vejamos o outro, que está junto dele.

— São *As Proezas de Esplandião* — disse o barbeiro —, filho legítimo de *Amadis de Gaula.*

— Pois bem — comentou o cura —; que não lhe valha ao filho a bondade do pai. Tomai-o, senhora ama, abri essa janela e lançai-o ao curral; que seja ele o primeiro da pilha, para a fogueira que se vai fazer.

Obedeceu-lhe a ama, com grande contentamento, e o bom Esplandião foi rolando para o curral, onde esperou, com toda a paciência, o fogo que o ameaçava.

— Adiante — fez o cura.

— Este aqui — prosseguiu o barbeiro — é *Amadis de Grécia*; e todos deste lado, ao que vejo, são da mesma linhagem de Amadis.

— Que vão todos para o curral — disse o cura — pois, a troco de queimar a rainha Pintiquinestra e o pastor Darinel, suas églogas e as endiabradas e subversivas razões do seu autor, queimaria com eles o pai que me gerou, se andasse em disfarce de cavaleiro andante.

— Também sou dessa opinião — ponderou o barbeiro.

— E eu também — rematou a sobrinha.

— Assim seja — disse a ama —; venham todos; e ao curral com eles!

Eram muitos. Ela os recebeu e poupou-se da escada: atirou-os a todos pela janela abaixo.

— E este tonel? — inquiriu o cura.

— É *Dom Olivante de Laura*[2] — respondeu o barbeiro.

— O autor deste livro — disse o cura — foi o mesmo que compôs o *Jardim de Flores* e não sei determinar qual dos dois livros é o mais verdadeiro, ou melhor, o menos mentiroso: só sei dizer que este irá para o curral, por disparate e arrogante.

— O seguinte é *Florismarte da Hircânia*[3] — observou o barbeiro.

— Aí está o senhor Florismarte? — replicou o cura —; pois juro que irá depressa para o curral, apesar do seu estranho nascimento e retumbantes aventuras, já que outra coisa não poderia merecer o seu estilo duro e seco. Ao curral com ele e com este outro, senhora ama.

— Que prazer, meu amo! — respondeu ela.

E era, de fato, com muita alegria que executava o que lhe mandavam.

— Este é O *Cavaleiro Platir*[4] — continuou o barbeiro.

— É um livro antigo — disse o cura — mas não acho nele coisa que mereça vênia: acompanhe os demais, sem réplica.

E assim foi feito.

Abriu-se outro livro, que se intitulava O *Cavaleiro da Cruz.*[5]

— Pelo nome tão santo que este livro traz, se poderia perdoar a sua ignorância. Mas é costume dizer-se: “Atrás da cruz, vem o diabo.” Ao fogo, portanto.

Tomando outro livro, disse o barbeiro:

— Este é *O Espelho da Cavalaria.*

— Eu o conheço — testemunhou o cura —; andam por aí o senhor Reinaldo de Montalvão com seus amigos e companheiros, mais ladrões do que Caco, e os Doze Pares com o verdadeiro historiador Turpin; não quisera condená-los senão a desterro perpétuo, quando mais não seja porque contêm parte da invenção do famoso Mateus Boiardo[6], com o qual também teceu sua tela o poeta cristão Ludovico Ariosto: e este, se o encontro aqui em qualquer outra língua que não a sua, não lhe guardarei respeito algum, mas se fala em seu idioma, o porei sobre minha cabeça.[7]

*“Que vão todos para o curral”, disse o cura...*

— Eu o tenho em italiano — disse o barbeiro — mas não o entendo.

— Nem fora bem entendê-lo — respondeu o cura —; e aqui perdoaríamos ao senhor capitão se não o houvesse trazido à Espanha e feito castelhano, pois lhe roubou muito do seu valor natural, o mesmo acontecendo a todos aqueles que traduzem para outra língua os livros de versos, os quais, por muito cuidado que tenham e habilidade que mostrem, jamais chegarão ao ponto em que estava o original. Que este livro, pois, e todos os que se acharem e que tratem destas coisas de França, sejam depositados num poço seco, até que se veja com mais vagar que destino se lhes há de dar, excetuando-se um tal *Bernardo del Carpio*, que anda por aí, e outro chamado *Roncesvalles*,[8] ambos os quais, se chegarem às minhas mãos, irão direto para as da ama e destas para o fogo, sem remissão alguma.

Tudo confirmou o barbeiro, que o houve por bem e por algo muito certo, entendendo ser o cura tão bom cristão e tão amigo da verdade, que não diria outra coisa por todas as do mundo. E abrindo outro livro, viu que era o *Palmeirim de Oliva*,[9] a cujo lado se encontrava outro, chamado *Palmeirim da Inglaterra.* Examinando-os, comentou o licenciado:

— Que essa Oliva se parta e se queime, e que dela não restem nem as cinzas; e que essa Palmeira da Inglaterra se guarde e se conserve como coisa rara, e se faça para ela outra caixa, como a que, nos despojos de Dario, Alexandre achou e disputou, para guardar as obras do poeta Homero. Este livro, senhor compadre, tem autoridade por dois motivos: primeiro, porque é por si muito bom, segundo, porque se diz que foi composto por um discreto rei de Portugal.[10] Todas as aventuras do castelo de Miraguarda são boníssimas e de grande artifício; os argumentos são claros, corteses, guardando e mirando o decoro de quem fala, com muita propriedade e inteligência. Portanto, salvo o bom parecer vosso, senhor mestre Nicolau, acho que este e o *Amadis de Gaula* devem ser poupados ao fogo, mas que pereçam todos os outros, sem mais delongas.

— Não, senhor compadre — replicou o barbeiro —, pois aqui tenho o famoso *Dom Belianis.*[11]

— Que se salve esse também — redarguiu o cura —; na segunda, terceira e quarta partes, precisa de uma dose de ruibarbo para lhe purgar a cólera excessiva; há mister ainda expurgá-lo de toda aquela história do castelo da Fama e de outras impertinências de maior importância, para o que se lhe dá termo ultramarino;[12] feitas estas emendas, se usará com ele de misericórdia ou de justiça; enquanto isso, guardai-o, compadre, em vossa casa, mas não deixeis que ninguém o leia.

— Muito bem — respondeu o barbeiro.

E, não querendo mais cansar-se na leitura de livros de cavalaria, mandou que a ama apanhasse todos os grandes e os lançasse ao curral. Não o disse a tonta, nem a surda, mas a quem tinha mais ganas de queimá-los que de tecer uma tela, por grande e delgada que fosse; assim, reunindo quase oito de uma vez, ela os varejou pela janela. Como apanhasse muitos ao mesmo tempo, caiu um deles aos pés do barbeiro, que ficou curioso de ver qual era, e leu: *História do Famoso Cavaleiro Tirante, o Branco.*[13]

— Valha-me Deus! — disse o cura, alteando muito a voz. — Tirante, o Branco, por aqui! Dai-mo, compadre; farei de conta que achei nele um tesouro de contentamento e uma mina de passatempos. Aqui está Dom Quirieleison de Montalvão, valoroso cavaleiro, seu irmão Tomás de Montalvão e o cavaleiro Fonseca, com a batalha que o valente de Tirante sustentou com o alano e as sutilezas da donzela Placerdemivida, com os amores e embustes da viúva Repousada e a senhora imperatriz enamorada de Hipólito, seu escudeiro. Falo-vos verdade, senhor compadre, que, por seu estilo, este é o melhor livro do mundo: aqui, os cavaleiros comem, dormem e morrem em suas camas, fazem testamento antes de morrer, com outras coisas de que carecem todos os demais livros deste gênero. Apesar de tudo vos digo que o seu autor merecia — pois não fez tantas tolices de indústria — que o pusessem em galés[14] por todos os dias de sua vida. Levai-o para casa e lede-o: vereis que é verdade quanto vos disse.

— Combinado — retrucou o barbeiro —; mas que faremos destes livros pequenos, que sobraram?

— Por certo não são de cavalaria — observou o cura — mas de poesia. — E abrindo um, viu que era *A Diana*, de Jorge de Montemayor,[15] Julgou que todos os demais eram do mesmo gênero, e disse:

— Estes não merecem ser queimados como os outros, porque não fazem, nem farão o dano que os de cavalaria fizeram; são livros que falam à inteligência, sem prejuízo de terceiros.

— Ah, senhor! — exclamou a sobrinha. — Bem poderia vosmecê mandar queimá-los com os demais, pois não me surpreenderia se o meu tio, uma vez curado da enfermidade cavaleiresca e lendo estes livros, lhe desse na telha fazer-se pastor e meter-se pelos bosques e prados, cantando e tocando,[16] ou — o que seria pior — fazer-se poeta, o que, segundo dizem, é doença incurável e contagiosa.

— É verdade o que esta donzela diz — afirmou o cura —; e bom seria pouparmos ao nosso amigo tais tropeços e ocasiões. Posto que começamos por *A Diana* de Montemayor, sou de opinião que não se queime, mas que seja escoimada de tudo aquilo que trata da sábia Felícia e da água encantada e de quase todos os versos maiores, deixando-se-lhe em boa hora a prosa e a honra da primazia entre os livros semelhantes.

— Este aqui — disse o barbeiro — é *A Diana* chamada *Segunda,* do Salmantino;[17] e este outro do mesmo nome é da autoria de Gil Polo.

— Que o do Salmantino — respondeu o cura — acompanhe e acresça o número dos condenados ao curral, e o de Gil Polo se guarde como se fosse do próprio Apolo; e passe adiante, senhor compadre; apressemo-nos, que já se vai fazendo tarde.

— Este volume é — disse o barbeiro abrindo outro — *Os Dez Livros de Fortuna do Amor*, compostos por Antônio de Lofraso, poeta sardo.[18]

— Pelas ordens que recebi — disse o cura — desde que Apolo foi Apolo, e as musas musas, e os poetas poetas, jamais se compôs livro tão gracioso, nem tão disparatado como esse, que, por sua vez, é o melhor e o mais ímpar de quantos saíram à luz do mundo, nesse gênero; e quem não o leu, pode estar certo de que nunca leu coisa de gosto. Dai-mo, compadre, que mais aprecio tê-lo achado que se me dessem uma sotaina de pano de Florença.

Pô-lo de parte com muitíssima satisfação, e o barbeiro prosseguiu dizendo:

— Seguem-se, agora, *O Pastor da Ibéria*, *Ninfas de Henares* e *Desengano de Ciúmes.*[19]

— Não há senão que entregá-los — interrompeu o cura — ao braço secular da ama; e não me perguntem por que, pois seria um nunca acabar.

— Este que vem é *O Pastor de Fílida.*[20]

— Não é pastor — disse o cura — porém discretíssimo cortesão; guarde-se, como joia preciosa.

— Este grande, que se segue, tem por título: *Tesouro de Várias Poesias.*[21]

— Se estas não fossem tantas, mereceriam mais estima; é preciso que este livro se escoime e limpe de algumas baixezas, que se lhe misturam às grandezas; guardemo-lo, porém, visto que o autor é meu amigo e faz jus ao nosso respeito, por outras mais heroicas e elevadas obras que escreveu.

— Este aqui é *O Cancioneiro*, de López Maldonado.

— Também o autor desse livro — replicou o cura — é grande amigo meu[22] e seus versos, quando os declama, causam admiração a quem os ouve, e é tal a suavidade da voz com que os canta, que encanta. Estende-se um pouco nas éclogas, mas nunca o bom foi demasiado; guarde-se o livro entre os escolhidos. Qual o volume que ali está junto dele?

— É *A Galateia,* de Miguel de Cervantes — disse o barbeiro.

— Muitos anos há que é grande amigo meu este Cervantes, e sei que é mais versado em desditas que em versos. Seu livro tem algo de boa invenção, propõe alguma coisa e nada conclui: é preciso esperar a segunda parte, que promete;[23] quiçá, com a emenda, alcançará de todo a misericórdia que ora se lhe nega, e, enquanto isto não acontece, guardai-o recluso na vossa morada.

— Esplêndido, senhor compadre — respondeu o barbeiro —; e aqui vêm mais três, todos juntos: *A Araucana*, de Dom Alonso de Ercilla, *A Austríada,* de Juan Rufo, jurado de Córdova, e *El Monserrato*, de Cristóbal de Virués, poeta valenciano.

— Esses três livros — disse o cura — são os melhores que se escreveram em verso heroico na língua castelhana e podem competir com os mais famosos da Itália; guardem-se, como as prendas poéticas mais ricas que a Espanha possui.[24]

Cansou-se o cura de ver mais livros e assim quis, a todo pano, que os demais se queimassem; mas já o barbeiro tinha aberto outro, que se chamava *As Lágrimas de Angélica.*[25]

— Tê-las-ia eu chorado — murmurou o cura ao escutar o nome — se tivesse mandado queimar esse livro; porque seu autor foi um dos poetas mais famosos, não só da Espanha, mas do mundo, e se mostrou felicíssimo na tradução de algumas fábulas de Ovídio.

# CAPÍTULO VII

## *Da segunda saída do nosso bom cavaleiro Dom Quixote de la Mancha*

Nesta altura, ouviram-se vozes; era Dom Quixote que dizia:

— Aqui, aqui, destemidos cavaleiros! Mostrai a força dos vossos braços valorosos, que os cortesãos já levam a melhor no torneio.

Para acudir a tal ruído e estrondo, não se foi adiante com o escrutínio dos demais livros, que sobravam; e assim se crê que foram lançados ao fogo, sem serem vistos, nem ouvidos, *A Caroleia* e *Leão de Espanha*[1] com *Os Feitos do Imperador*, compostos por Dom Luís de Ávila, os quais, sem dúvida, deviam estar entre as sobras; e se os visse o cura, não sofreriam tão rigorosa sentença.

Quando se acercaram de Dom Quixote, já se tinha este erguido da cama e prosseguia em seu berreiro e desatinos, espalhando golpes e cutiladas a torto e a direito, tão acordado como se nunca houvesse dormido.

Abraçaram-se com ele e o reconduziram à força para o leito; depois que sossegou um pouco, voltou a falar ao cura, dizendo:

— Por certo, senhor arcebispo Turpin, é grande descrédito para nós, que nos chamamos Doze Pares, deixar, sem quê nem mais que os cavaleiros cortesãos logrem a vitória neste torneio, depois que nós outros, os aventureiros, conseguimos o galardão nos três dias anteriores.

— Cale-se vosmecê, senhor compadre — disse o cura —; praza a Deus que a sorte cambie e o que hoje se perde se ganhe amanhã; cuide agora vosmecê da sua saúde, pois me parece que deve estar demasiadamente fatigado, se já não está malferido.

— Ferido, não — disse Dom Quixote —; porém moído e alquebrado, não há dúvidas, pois aquele bastardo de Dom Rolando me esbordoou com o tronco de um azinheiro, e o fez por inveja, porque vê que sou o único que se opõe às suas valentias; mas não me chamaria Reinaldo de Montalvão se, ao erguer-me deste leito, não o fizesse pagar-me, a despeito de todos os seus encantamentos. Por ora me tragam o jantar, que é o de que mais preciso, e deixem a meu cargo a tarefa de vingar-me.

Assim o fizeram: deram-lhe de comer e ele adormeceu outra vez. Sua loucura provocara espanto nos demais.

Aquela noite se queimaram e abrasaram, por mão da ama, quantos livros havia no curral e em toda a casa; de permeio, devem ter ardido alguns que mereciam guardar-se em perpétuos arquivos; todavia, a sorte e a preguiça do escrutinador não o permitiram, e assim se cumpriu o refrão de que, muitas vezes, paga o justo pelo pecador. Um dos remédios que o barbeiro e o cura receitaram para o seu amigo foi que lhe murassem e tapassem o aposento dos livros, a fim de que, quando se erguesse, não os encontrasse (talvez cessasse o efeito com a abolição da causa), e que lhe dissessem que um feiticeiro os havia levado, bem como o aposento e tudo mais. A tapagem foi feita com muita presteza. Dali a dois dias, levantou-se Dom Quixote e a primeira coisa que fez foi ir em busca dos livros; como não achasse o aposento onde os havia deixado, pôs-se a procurá-lo, andando de um para outro lado. Chegava ao lugar da porta, tateava com as mãos, volvia e revolvia os olhos por toda parte, sem dizer palavra; mas, ao cabo de algum tempo, perguntou à ama de que lado estava o aposento dos seus livros.

Bem instruída sobre o que lhe devia responder, a ama replicou:

— Qual aposento, ou qual nada, busca vosmecê? Já não há aposento nem livros nesta casa, pois o próprio diabo carregou tudo.

— Não foi o diabo — explicou a sobrinha —, mas um feiticeiro que, certa noite, veio numa nuvem, após o dia em que vosmecê partiu, e, apeando-se de uma serpente, em que vinha montado, penetrou no aposento e não sei o que fez lá dentro, pois, ao cabo de pouco tempo, saiu voando pelo telhado e deixou a casa cheia de fumaça; quando viemos ver o que tinha feito, não achamos mais livros, nem aposento algum; só nos lembramos muito bem, eu e a ama, de que, na ocasião de partir, o velho malvado exclamou em voz alta que, pela secreta inimizade que votava ao dono daqueles livros e ao aposento, havia causado na casa o dano que depois se veria; disse também que se chamava o sábio Munhatão.

— Fristão, teria dito[2] — retificou Dom Quixote.

— Não sei — respondeu a ama — se se chamava Fristão ou Fritão; só sei que o seu nome acabava em "tão".

— Com efeito — disse Dom Quixote — esse é um sábio feiticeiro, meu grande inimigo, que me tem ojeriza, porque sabe por suas artes e letras que, no correr dos tempos, hei de vir a pelejar, em singular batalha, com um cavaleiro a quem ele favorece; também sabe que tenho de vencê-lo, sem que ele o possa estorvar, por isso me procura causar todos os dissabores possíveis. Mas não adianta, pois o que está pelo céu prescrito mal poderá ele contradizer, ou evitar.

— Quem duvida disso? — atalhou a sobrinha —; mas, quem será que mete vosmecê, senhor meu tio, em tais contendas? Não é melhor ficar quieto em casa, em vez de ir-se pelo mundo afora, atrás de pão melhor que o de trigo,[3] sem se lembrar de que muitos vão buscar lã e saem tosquiados?

— Ó minha sobrinha — respondeu Dom Quixote —, como andas tu mal-informada! Antes que me tosquiem a mim, hei de pelar e arrancar as barbas a quantos imaginarem tocar-me na ponta de um só cabelo.

Não mais quiseram as duas insistir na réplica, pois viram que se lhe acendia a cólera.

O fato é que ele esteve 15 dias em casa muito sossegado, sem dar mostras de querer secundar os seus primeiros devaneios; e durante esse tempo, manteve graciosíssimas palestras com os dois compadres,[4] o cura e o barbeiro, nas quais dizia que a coisa mais necessária ao mundo eram os cavaleiros andantes, esperando que a cavalaria andantesca ressuscitasse nele. Contradizia-o o cura algumas vezes, e outras concordava, pois se não usasse de tal artifício não poderia entender-se com ele.

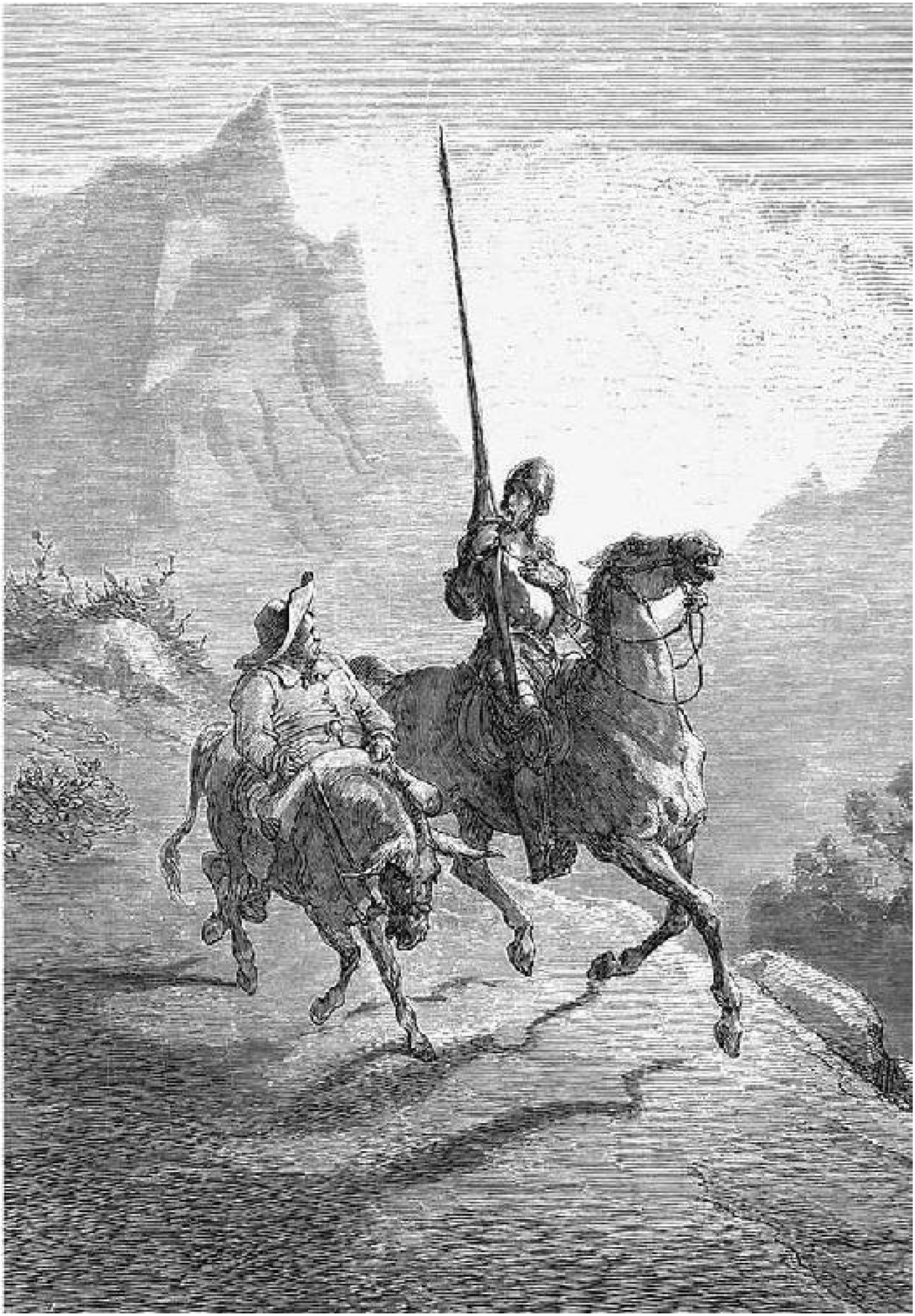
Entrementes, Dom Quixote mandou chamar um lavrador seu vizinho, homem de bem (se é que se pode dar tal título ao que é pobre), mas de muito pouco sal na moleira. Para encurtar razões, tanto lhe falou, tanto o persuadiu e lhe prometeu, que o pobre vilão decidiu sair com ele e servir-lhe de escudeiro. Dizia-lhe Dom Quixote, entre outras coisas, que se dispusesse a segui-lo de bom grado, porque talvez lhe sucedessem aventuras onde, por dá cá aquela palha, ganhasse alguma ilha, em que pudesse deixar seu escudeiro como governador. Por essas e outras promessas, Sancho Pança (assim se chamava o lavrador) abandonou mulher e filhos e se empregou de escudeiro do vizinho.

Em seguida, procurou Dom Quixote obter dinheiro; vendendo uma coisa empenhando outra e malbaratando todas, reuniu quantia razoável. Muniu-se de um escudo, que pediu emprestado a um amigo, e consertando da melhor maneira possível a rota celada, avisou o escudeiro Sancho do dia e hora em que pensava pôr-se a caminho, para que o mesmo se pudesse prover do mais necessário; encarregou-o especialmente de levar alforjes. O outro disse que sim, que os levaria, e que também pensava levar um asno, que possuía, muito bom, porque não estava habituado a andar muito a pé. Meditou um pouco Dom Quixote no caso do asno, procurando lembrar-se de algum cavaleiro andante que, por acaso, tivesse trazido escudeiro montado asnalmente; nenhum lhe acudiu à memória, mas, mesmo assim, permitiu que Sancho levasse o animal, na pressuposição de arranjar-lhe mais honrosa montaria quando houvesse oportunidade, tomando um cavalo ao primeiro cavaleiro descortês que topasse. Fez provimento de camisas e das demais coisas que pôde, conforme o conselho que o vendeiro lhe havia dado. O que tudo feito e cumprido, sem despedir-se Pança da mulher e filhos, nem Dom Quixote da ama e sobrinha, saíram uma noite do lugar, e ninguém os viu. Caminharam tanto que, ao amanhecer, estavam certos de que não seriam encontrados, ainda que os buscassem.

Ia Sancho Pança sobre o jumento como um patriarca, com os alforjes e a bota,[5] e com muito desejo de já se ver governador da ilha que lhe havia o amo prometido. Coincidiu tomar Dom Quixote a mesma rota e caminho que tomara na primeira viagem, que foi pelo Campo de Montiel; agora, todavia, lhe pesava menos a marcha que da vez passada, por ser de manhã e lhe pegarem de soslaio os raios do sol, sem o fatigarem.

De repente, Sancho Pança disse ao amo:

— Não se esqueça vosmecê, senhor cavaleiro andante, do que me prometeu sobre a ilha, pois saberei governá-la, por maior que seja.



Ao que Dom Quixote retrucou:

— Hás de saber, amigo Sancho Pança, que foi costume muito em uso entre os antigos cavaleiros andantes nomear seus escudeiros governadores das ilhas ou reinos que adquiriam, e, quanto a mim, estou decidido a me não afastar de tão agradável prática, antes penso avantajar-me nela; porquanto os outros, algumas, se não a maioria das vezes, esperavam que seus escudeiros envelhecessem e só depois de os ter feito servir até mais não poderem, passando maus dias e piores noites, é que lhes davam algum título de conde ou quando muito, marquês de algum vale ou província de pouco mais ou menos; mas se tu vives e eu vivo, bem poderá suceder que antes de seis dias eu ganhe tal reino, e que a este haja outros aderentes, num dos quais me seja dado coroar-te rei. E não penses que faço muito, pois a esses cavaleiros sucedem tantas coisas e casos nunca vistos, nem pensados, que facilmente poderia dar-te ainda mais do que prometo.

— Dessa maneira — respondeu Sancho Pança — se eu fosse rei por algum dos milagres de que fala vosmecê, pelo menos a minha querida Joana Gutiérrez viria a ser rainha, e meus filhos infantes.

— Quem o duvida? — interrogou Dom Quixote.

— Duvido eu — replicou Sancho Pança — pois tenho para mim que, mesmo se Deus chovesse reinos sobre a terra, nenhum assentaria bem sobre a cabeça de Maria Gutiérrez.[6] Saiba, senhor, que ela não vale dois maravedis para rainha; condessa lhe cairá melhor, e ainda assim com a ajuda de Deus.

— Encomenda-o tu a Deus, Sancho — continuou Dom Quixote —, que ele dará o que mais lhe convenha; mas não se apouque tanto o teu ânimo, que te venhas a contentar com menos do que ser adiantado.[7]

— Não o permitirei, meu senhor — rematou Sancho —; ainda mais tendo um amo tão importante como vosmecê, que me há de dar tudo aquilo que me fique bem e eu possa levar.

# CAPÍTULO VIII

## *Do bom sucesso que teve o valoroso Dom Quixote na espantosa e nunca imaginada aventura dos moinhos de vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação*

Nisto, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Mal os viu, disse Dom Quixote ao escudeiro:

— A ventura nos vai guiando melhor as coisas do que pudéramos desejar; ali estão, amigo Sancho Pança, trinta desaforados gigantes, ou pouco mais, a quem penso combater e tirar-lhes, a todos, as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; será boa guerra,[1] pois é grande serviço prestado a Deus o de extirpar tão má semente da face da Terra.

— Que gigantes? — inquiriu Sancho Pança.

— Aqueles que vês ali, com grandes braços — respondeu-lhe o amo —; alguns há que os têm de quase duas léguas.

— Veja bem vosmecê — observou Sancho — que aquilo que ali está não são gigantes, mas moinhos de vento; e o que neles parecem braços são as asas, que, impelidas pelo vento, fazem andar a pedra do moinho.

— Bem se percebe — respondeu Dom Quixote — que não és versado nestas aventuras; aqueles ali são gigantes, e, se tens medo, afasta-te e põe-te a orar, enquanto me defronto com eles em fera e desigual batalha.

Dizendo isto, esporeou o cavalo Rocinante, sem atender ao que lhe bradava o escudeiro, o qual insistia em que não eram gigantes, mas moinhos de vento, sem dúvida alguma, os que ele ia atacar. Estava, porém, tão convencido de que eram gigantes, que não ouvia os gritos do escudeiro Sancho, nem conseguia perceber, mesmo de muito perto, o que eram realmente; antes, ia dizendo em voz alta:

— Não fujais, covardes e vis criaturas, pois um cavaleiro vai-vos enfrentar sozinho.

Soprou, nesse instante, um pouco de vento, e as grandes asas principiaram a mover-se. Ao que revidou Dom Quixote:

— Ainda que movais mais braços que os do gigante Briaréu,[2] haveis de pagar-me.

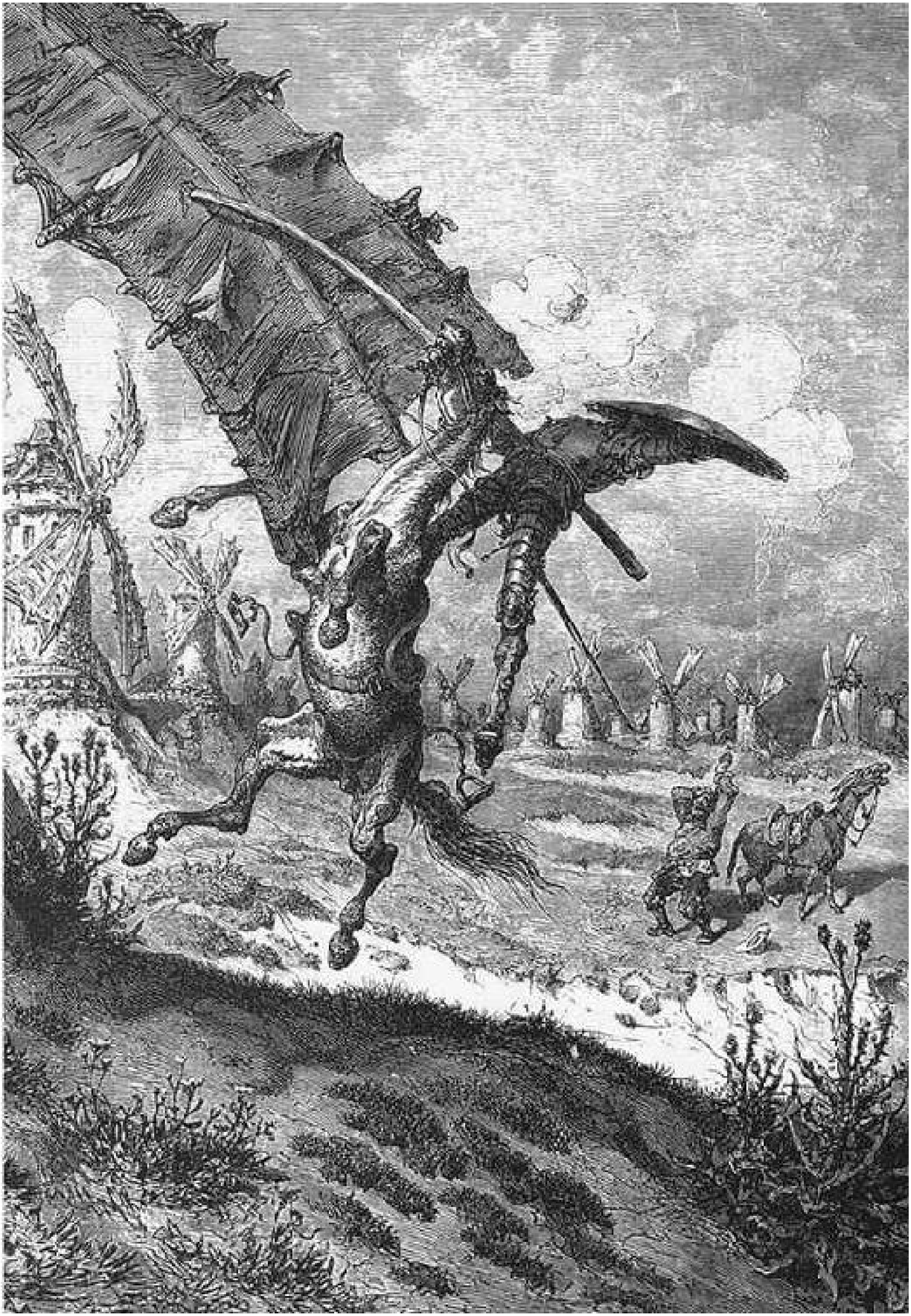
Encomendou-se de todo o coração à sua senhora Dulcineia, pedindo-lhe que o socorresse em tal transe; e, bem protegido pelo escudo, com a lança em riste, arremeteu a todo galope de Rocinante e investiu contra o primeiro moinho que se lhe deparou. Batendo-lhe com a lança na asa, girou-a o vento com tanta fúria, que se partiu a arma em pedaços, arrastando após si o cavalo e o cavaleiro, que, todo machucado, foi rolando pelo campo. Acudiu-lhe Sancho Pança, pondo o asno a correr o mais que podia, e, ao acercar-se do amo, viu que não podia mover-se: tal foi o golpe que sofreu com o Rocinante.

— Valha-me Deus! — exclamou Sancho. — Não disse a vosmecê que visse bem o que fazia, que aquilo eram apenas moinhos de vento e não o podia ignorar senão quem levasse outros tantos na cabeça?

— Cala-te, amigo Sancho — retorquiu Dom Quixote —; as coisas da guerra, mais do que as outras, estão sujeitas a contínua mudança; tanto mais que penso, e esta é a verdade, que aquele sábio Fristão, que me roubou o aposento e os livros, transformou estes gigantes em moinhos para me privar da glória de vencê-los, tal a inimizade que me tem; mas, no final das contas, hão de poder pouco seus maus ofícios contra a excelência da minha espada.

— Seja o que Deus quiser — respondeu Sancho Pança.

E ajudando-o a levantar-se, tornou a subir sobre o Rocinante, que estava meio despaletado. Conversando sobre a aventura passada, tomaram o caminho do Porto Lápice, porque ali, dizia Dom Quixote, não era possível deixar de haver muitas e diversas aventuras, por ser lugar muito transitado. Mas ia pesaroso pela falta da lança, e, queixando-se ao escudeiro, comentava:



— Lembro-me de haver lido que um cavaleiro espanhol, chamado Diego Pérez de Vargas, havendo-se-lhe quebrado a espada num combate, arrancou de um azinheiro pesado ramo ou tronco e fez com ele tais coisas aquele dia, e machucou tantos mouros, que ganhou o sobrenome de Machuca; assim, tanto ele como seus descendentes se chamaram, dali por diante, Vargas y Machuca.[3] Disse-te isso, porque do primeiro azinheiro ou carvalho que se me depare penso arrancar um tronco, tal e tão bom como aquele, e imagino fazer com este proezas tais que tu hás de julgar bem afortunado por teres merecido seguir-me e seres testemunha de coisas que dificilmente poderão ser cridas.

— À vontade de Deus — retrucou Sancho —; creio em tudo, assim como vosmecê o diz; endireite-se um pouco, todavia, pois parece que vai vosmecê meio de lado; deve ser o amolecimento da queda.

— É verdade — concordou Dom Quixote —; se não me queixo da dor, é porque não devem os cavaleiros andantes queixar-se de ferida alguma, ainda que lhe saiam as tripas por ela.

— Se é assim, não tenho o que replicar — acudiu Sancho —; mas sabe Deus como folgaria em ver queixar-se vosmecê do que quer que fosse que lhe doesse. De mim sei dizer que me hei de queixar da menor dor que tenha, se é que isto de não poder queixar-se já se não estende também aos escudeiros dos cavaleiros andantes.

Não deixou de rir-se Dom Quixote da simplicidade do escudeiro e lhe declarou que podia muito bem queixar-se como e quando lhe aprouvesse, com ou sem vontade, pois até então nada lera em contrário na ordem da cavalaria. Disse-lhe Sancho que era hora de comer. Respondeu-lhe o amo que, por enquanto, não precisava; que ele comesse quando entendesse. Com esta licença se acomodou Sancho o melhor que pode sobre o jumento e, retirando dos alforjes o que nos mesmos pusera, ia caminhando e comendo atrás do amo, bem devagar. De quando em quando, empinava a bota com tanto gosto, que causaria inveja ao mais regalado taverneiro de Málaga. Ao passo que amiudava os tragos daquela maneira, não se recordava de nenhuma promessa que lhe houvesse feito o amo e lhe parecia ser nenhum trabalho, porém muito descanso, andar assim em busca de aventuras, por mais perigosas que fossem.

Por fim, passaram aquela noite entre árvores, e de uma delas arrancou Dom Quixote um ramo seco, que quase lhe podia servir de lança, e no qual pôs o ferro que tirou da que se havia quebrado. Não dormiu a noite toda, pensando em sua senhora Dulcineia, para acomodar-se ao que lera nos livros, quando passavam os cavaleiros muitas noites sem dormir nas florestas e despovoados, entretidos com as lembranças de suas damas. Sancho Pança, todavia, não a passou assim, pois tinha o estômago cheio de algo que não era água de chicória, e dormiu bom sono; se o não chamasse o amo, não o teriam despertado os raios do sol, que lhe batiam no rosto, nem o canto das aves, que em bandos e com grande regozijo saudavam o dealbar do novo dia. Ao levantar-se, experimentou a bota e achou-a um pouco mais fraca que na noite anterior; afligiu-se-lhe o coração, por lhe parecer que não havia meio de lhe remediar o defeito tão depressa.

Dom Quixote não quis comer, pois, como já foi dito, andava a sustentar-se de saborosas lembranças. Retornaram à rota de Porto Lápice e ali chegaram, afinal, por volta das três horas da tarde.

— Irmão Sancho! — exclamou Dom Quixote, ao ver o lugar. — Vamos enfiar as mãos até os cotovelos nisso que chamam aventuras, por estas bandas. Mas toma cuidado: ainda que me vejas nos maiores perigos do mundo, não leves a mão à espada para defender-me, a menos que sejam os meus ofensores gente baixa e canalha, caso em que bem podes ajudar-me; mas, se forem cavaleiros, de nenhum modo te será lícito, nem concedido pelas leis da cavalaria, que me ajudes, até que sejas armado cavaleiro.

— Certamente, senhor — respondeu Sancho Pança —, vosmecê será muito bem obedecido nisto; tanto mais que eu, de mim, sou pacífico, inimigo de me envolver em ruídos e contendas. Quando tiver, porém, que defender minha pessoa, não levarei muito em conta essas leis, já que as divinas e humanas permitem que cada qual se defenda de quem o quiser agravar.

— Não o digo menos — ponderou Dom Quixote —; mas quanto a me ajudares contra cavaleiros, terás que reprimir teus impulsos naturais.

— Assim o farei — prometeu Sancho — e guardarei tão bem esse preceito como guardo o dia de domingo.

Enquanto assim falavam, surgiram no caminho dois frades da ordem de São Bento, montados sobre dromedários, que tais semelhavam no tamanho as duas mulas em que vinham. Traziam antolhos de viagem[4] e guarda-sóis. Atrás deles vinha um coche, guardado por quatro ou cinco homens a cavalo e dois muladeiros a pé. Viajava no coche, como depois se soube, uma senhora biscainha que ia a Sevilha, onde estava seu marido, o qual fora nomeado para honroso cargo nas Índias. Não vinham os frades com ela, embora seguissem o mesmo caminho. Mal os divisou Dom Quixote, disse ao escudeiro:

— Ou muito me engano, ou há de ser esta a mais famosa aventura jamais vista, porque aqueles vultos negros, que ali vêm, devem ser e são sem dúvida feiticeiros, que raptaram alguma princesa naquele coche; e é preciso desfazer esse agravo com todo o meu poderio.

— Isto será pior que os moinhos de vento — observou Sancho. — Repare, senhor, que ali vêm dois frades de São Bento e o coche deve ser de alguma passageira; repare bem o que faz, é o que lhe digo, para que não o engane o diabo.

— Já te disse, Sancho, que pouco sabes acerca de aventuras; falo-te a verdade e pronto o verás.

Dizendo isto, avançou na direção dos frades, pôs-se-lhes no meio do caminho e, de tão perto quanto lhe pareceu bastante para ser ouvido, exclamou em alta voz:

— Descomunal e endiabrada gente, libertai já as altas princesas que levais cativas nesse coche; se não, preparai-vos sem mais demora para a morte, como justo castigo das más obras que fizestes.

Espantados com a figuras e as razões de Dom Quixote, os frades sustiveram as rédeas e responderam:

— Senhor cavaleiro, nós outros não somos endiabrados, nem descomunais, porém dois religiosos de São Bento; seguimos o nosso caminho e não sabemos se neste coche vêm ou não quaisquer cativas princesas.

— Para mim não adiantam palavras brandas, pois já vos conheço, fementida canalha! — bradou Dom Quixote.

E sem esperar mais resposta, picou o Rocinante e, de lança baixa, arremeteu contra o primeiro frade com tanta fúria e denodo que, não se deixasse este cair da mula, ele o atiraria ao chão malgrado seu e ainda malferido, se não morto. O segundo religioso, vendo como lhe tratavam o companheiro, pôs pernas ao castelo da boa mula[5] e desandou a correr atrás do descampado, mais ligeiro que o próprio vento.

Sancho Pança, percebendo o frade no chão, apeou-se rapidamente do asno e para aquele avançou, começando a lhe tirar os hábitos. Aproximaram-se então os dois muladeiros e perguntaram por que despia o frade. Respondeu-lhe Sancho que aquilo eram os despojos que lhe tocavam da batalha que seu senhor Dom Quixote havia ganho. Os muladeiros, que não estavam para burlas e nada entendiam de despojos, nem de batalhas, vendo, além disso, que Dom Quixote se desviara para falar às senhoras que vinham no coche, se lançaram sobre Sancho, jogaram-no ao solo e, sem lhe deixar pelo nas barbas, o atacaram a coices e o largaram estendido no chão, sem fôlego e sem sentidos. O frade, todo temeroso e acovardado, o rosto descorado, tornou a montar às pressas e, mal se pilhou no cavalo, galopou atrás do companheiro, que a boa distância dali o estava aguardando, na expectativa dos acontecimentos. Mas não quiseram esperar pelo fim do sucesso iniciado e prosseguiram viagem, persignando-se mais vezes que se levassem o diabo nas costas.

Dom Quixote, como já dissemos, estava falando à senhora do coche:

— Vossa formosura, senhora minha, pode fazer de vossa pessoa o que melhor vos aprouver, porque a soberba dos vossos raptores jaz agora por terra, derrubada por este meu braço forte. E para que não vos aflijais por desconhecer o nome do vosso libertador, sabei que me chamo Dom Quixote de la Mancha, cavaleiro andante e aventureiro, cativo da formosura sem par de Dona Dulcineia del Toboso. Em paga do benefício que de mim acabais de receber; outra coisa não quero senão que volvais a Toboso e que de minha parte vos apresenteis ante esta senhora, dizendo-lhe o que fiz para libertar-vos.

Tudo o que Dom Quixote dizia, escutava-o um escudeiro que acompanhava o coche e que era biscainho; o qual, vendo que o outro não queria deixar o coche prosseguir viagem, mas intentava fazê-lo dar volta para Toboso, avançou para Dom Quixote, arrebatou-lhe a lança e lhe falou desta maneira, em má língua castelhana e ainda pior biscainha:

— Anda, cavaleiro, que mal andes! Pelo Deus que me criou, se não deixas o coche, é tão certo que te matará este biscainho como estás aí.

Entendeu-o muito bem Dom Quixote, que, com bastante calma, retrucou:

— Se foras cavaleiro (e não o és), já tivera eu punido, ó cativa criatura, a tua sandice e atrevimento.

Ao que replicou o biscainho:

— Não sou cavaleiro? Juro por Deus que mentes como cristão; se a lança arrojas e a espada sacas, pronto verás como o gato à água levo! Biscainho por terra, fidalgo por mar, fidalgo pelo diabo, e vê lá que mentes se outra coisa dizes.

— Agora o vereis, como disse Agrajes[6] — respondeu Dom Quixote.

E, arrojando a lança ao solo, sacou da espada, embraçou o escudo e avançou para o biscainho, com a determinação de lhe tirar a vida.

O biscainho, assim que o viu aproximar-se, embora quisesse descer da mula, na qual não podia confiar por ser das ruins de aluguer, não pôde fazer outra coisa senão puxar da espada; mas teve a ideia de apanhar no coche uma almofada, que lhe serviu de escudo. Desse modo, avançaram um para o outro, como se fossem dois mortais inimigos. Quiseram os demais apaziguá-los, mas não puderam, porque o biscainho, em suas mal travadas razões, dizia que, se não o deixassem acabar a peleja, mataria a sua própria ama e a toda a gente que o estorvasse. A senhora do coche, admirada e temerosa do que sucedia, mandou ao cocheiro que se desviasse um pouco dali e se pôs de longe a contemplar a obstinada contenda, no decurso da qual o biscainho golpeou Dom Quixote no ombro, por cima do escudo, de tal modo que, não tivesse ele defesa, abri-lo-ia até a cintura.

Ao sentir o peso do desaforado golpe, Dom Quixote bradou:

— Ó senhora de minha alma, Dulcineia, flor da formosura! Socorrei este vosso cavaleiro, que tão rigoroso transe suporta para a satisfação da vossa grande bondade!

Dizer isto, firmar a espada, proteger-se bem com o escudo, arremeter contra o biscainho — tudo foi obra de um instante e da resolução de arriscar-se num só golpe.

Pelo denodo com que o viu arrojar-se, percebeu-lhe a coragem o biscainho, e decidiu fazer o mesmo: esperou-o bem protegido da almofada, sem poder rodar a mula para aqui nem para ali, já que a mesma, fatigada e desacostumada de meter-se em tais lençóis, não lograva dar um passo. Vinha, pois, como se disse, investindo Dom Quixote contra o cauto biscainho, espada erguida e determinação tomada de parti-lo ao meio, enquanto o outro o aguardava também de espada em riste e almofada protetora. Medrosos e suspensos estavam os circunstantes, ante à ameaça de tamanhos golpes que se iriam suceder; a senhora do coche e as demais criadas faziam mil votos e promessas a todas as imagens e casas de devoção da Espanha, para que Deus os livrasse, a elas e ao seu escudeiro, do grande perigo que os cercava.

O pior de tudo isso, porém, é que, neste ponto e término, o autor da história deixa a batalha inacabada, desculpando-se de não ter encontrado escritas senão as façanhas de Dom Quixote que foram citadas. É bem verdade que o segundo autor desta obra não quis acreditar que tão curiosa narrativa tivesse caído no rol das coisas esquecidas, nem que tivessem sido tão pouco curiosos os engenhos da Mancha, a ponto de não haver nos seus arquivos ou escritos alguns papéis que tratassem do famoso cavaleiro; nesta convicção, não desesperou de achar o fim da amena história, e efetivamente o logrou, com o favor do Céu, como se contará no Livro II.[7]

# LIVRO II

# CAPÍTULO IX

## *Onde se conclui e tem fim a estupenda batalha que entre si travaram o galhardo biscainho e o valente manchego*

No Livro I desta história, deixamos o valoroso biscainho e o famoso Dom Quixote de espadas erguidas e desnudas, prontas para desfechar tão furibundos golpes que, se em cheio se acertassem um no outro, no mínimo se dividiriam e de cima abaixo se abririam, como duas romãs. Nesse ponto duvidoso se deteve, mutilada, a saborosa história, sem que o autor nos informasse onde se lhe poderia achar a parte de que carecia.

Causou-me isto muita pena, pois o gosto de haver tão pouco lido virava desgosto, ao pensar no mau caminho, que se me oferecia, de encontrar o muito que a meu ver ainda faltava em tão polpudo conto. Pareceu-me impossível, e fora de todo bom costume, que a tão bom cavaleiro não houvesse acudido algum sábio, que tomasse o encargo de escrever-lhe as inauditas façanhas — coisa que não faltou a nenhum dos cavaleiros andantes, dos que, no dizer do vulgo, se fazem aventureiros;[1] porque tinha cada qual um ou dois sábios devidamente habilitados, que não só lhe descreviam os feitos, mas também lhe pintavam os menores pensamentos e ninharias, por mais ocultas que fossem. E a tanto não chegaria a desdita de tão bom cavaleiro, que lhe faltasse a ele o que sobrou a Platir e a quejandos. Não podia, pois, inclinar-me a crer que estropiada e manca houvesse ficado tão galharda história e culpava a malignidade do tempo, que devora e consome todas as coisas e que, por certo, a teria ocultado ou consumido.

Parecia-me, de outro lado, que, havendo entre seus livros uns tão modernos como *Desengano de Ciúmes* e *Ninfas e Pastores de Henares*,[2] também moderna devia ser sua história; e, ainda que não estivesse escrita, haveria de achar-se na memória de gente de sua aldeia, ou das circunvizinhas. Tais ideias me deixavam confuso e desejoso de saber, real e verdadeiramente, toda a vida e milagres do nosso famoso espanhol, Dom Quixote de la Mancha, luz e espelho da cavalaria manchega, e o primeiro que, em nossa época e nestes calamitosos tempos, se pôs a trabalhar e exercitar nas andantes armas e a desfazer agravos, socorrer viúvas, amparar donzelas, das que andavam de chicotes e palafréns, com toda a sua virgindade sobre os ombros, de monte em monte e de vale em vale; pois se não as forçava algum covarde, ou algum vilão de borla e capelo, ou algum descomunal gigante, donzelas houve, nos passados tempos, que, ao cabo dos oitenta anos sem haverem dormido uma só noite de baixo de teto, se foram para a sepultura tão inteiras como as mães que as pariram.[3] Por estes e outros muitos respeitos, digo-o eu, se fez digno o nosso galhardo Quixote de contínuos e memoráveis louvores, os quais também a mim se não devem negar, pelo trabalho e diligência que pus em buscar o fim desta aprazível história: embora bem saiba que, se não me ajudassem os céus, o acaso e a fortuna, ficaria o mundo privado deste passatempo e gosto que, durante quase duas horas, poderá prender a atenção de quem a ler. Eis como se deu o achado:

Estando eu um dia no Alcaná de Toledo,[4] vi um rapaz vendendo cadernos e papéis velhos a um trapeiro; e como tenho o hábito de ler até os papéis amarrotados das ruas, esta minha natural inclinação levou-me a apanhar um caderno, dos que o rapaz vendia, e percebi que estava escrito em caracteres arábicos; embora os conhecesse, não os sabia ler e andei vendo se surgiria por ali algum mouro algaraviado que os lesse. Não me foi difícil encontrar semelhante intérprete, pois ainda que o buscasse de outra língua melhor e mais antiga, o acharia. Descobri-o, por fim, e, dizendo-lhe o meu desejo, tomou ele o livro nas mãos, abriu-o ao meio e, lendo um pedaço, pôs-se a rir. Perguntei-lhe do que se ria e me respondeu que era de algo que estava escrito, por anotação, à margem daquele livro. Pedi-lhe que me contasse o que era, e ele, sem parar de rir, disse:

— Aqui à margem, como afirmei, está escrito: "Dulcineia del Toboso, tantas vezes referida nesta história, dizem que teve melhor mão para salgar porcos que qualquer outra mulher em toda a Mancha."

Quando ouvi falar em Dulcineia del Toboso, fiquei atônito e suspenso, porque logo se me afigurou que aqueles papéis continham a história de Dom Quixote. Apressei-me a solicitar do mouro que lesse o princípio, e ele o fez; de repente, porém, passando do árabe para o castelhano, afirmou que ali estava escrito: "História de Dom Quixote de la Mancha, escrita por Cide Hamete Benengeli, historiador árabe."[5] Precisei de muita discrição para dissimular o contentamento que tive, quando aos ouvidos me chegou o título do livro; e antecipando-me ao trapeiro, comprei ao rapaz todos os papéis e cadernos que trazia por meio real. Se ele fosse ladino e soubesse do muito que eu os desejava, poderia ter sido esperto e ter feito a venda por mais de seis reais. Afastei-me com o mouro pelo claustro da igreja maior e roguei-lhe que me traduzisse para a língua castelhana todos aqueles papéis que tratavam de Dom Quixote, sem lhes tirar nem acrescentar nada; e prometi pagar-lhe o que pretendesse. Contentou-se com duas arrobas de passas e duas fangas de trigo e assegurou-me que os traduziria bem e fielmente, e com muita brevidade; eu, porém, para facilitar mais o negócio e para não deixar de mão tão bom achado, levei-o a minha casa, onde, em pouco tempo mais de mês e meio, traduziu toda a história como aqui vem referida.

No primeiro caderno se achava pintada muito ao natural a batalha de Dom Quixote com o biscainho, os dois na mesma postura que a história conta, espadas erguidas, um coberto pelo escudo, outro pela almofada, e a mula do biscainho tão ao vivo, que mostrava a tiro de besta ser de aluguer. Nos pés do biscainho se via escrito o título: "Dom Sancho de Azpéitia", que, sem dúvida, devia ser o seu nome; e aos pés do Rocinante se lia: “Dom Quixote”. Estava o Rocinante maravilhosamente pintado, tão largo e estendido, tão enfraquecido e magro, com a espinha tão saliente e tanta aparência de tísico, que bem a descoberto mostrava com quanta advertência e propriedade se lhe havia posto o nome de Rocinante. Junto dele estava Sancho Pança, que segurava o asno pelo cabresto e a cujos pés, em outro rótulo, se lia: “Sancho Sancos”; e, ao que mostra a pintura, devia ter a barriga grande, o talhe curto e as pernas grossas, razão pela qual lhe deram o nome de Pança e de Sancos,[6] sobrenomes pelos quais o designa às vezes a história. Podiam assinalar-se ainda outras minúcias, porém todas de pouca importância e que não vêm ao caso para a verdadeira relação da história, pois, caso sejam verdadeiras, nenhuma delas é má.

Se se podem levantar objeções contra a veracidade da história, outra não haverá senão a de ter sido árabe o seu autor, já que é próprio dos autores daquela nação serem mentirosos; mas, como são tão nossos inimigos, antes se pode julgar que não têm excesso, porém carência de tal qualidade. É o que me parece a mim, pois, quando podia e devia tecer loas a tão bom cavaleiro, como que de indústria o passa em silêncio; coisa mal feita e pior pensada, havendo e devendo ser os historiadores pontuais, verdadeiros e nada apaixonados, sem que o interesse, nem o medo, nem o rancor, nem a afeição os façam torcer o caminho da verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do porvir. Nesta sei que se encontrará tudo o que se puder desejar de mais aprazível; e se algo de bom nela faltar, tenho para mim que foi culpa do galgo[7] do seu autor, antes que carência de assunto. Enfim prosseguindo na tradução, o seu segundo livro começa assim:

Postas e erguidas ao alto as cortadoras espadas dos dois valorosos e irritados combatentes, parecia que estavam ameaçando céus e terras e até o abismo tal era o denodo e aspecto que tinham. O primeiro que descarregou o golpe foi o colérico biscainho: e fê-lo com tanta força e tanta fúria que, se não se lhe tivesse desviado a espada no caminho, aquele único golpe bastaria para finalizar a rigorosa contenda e todas as aventuras do nosso cavaleiro. Mas a boa sorte, que para maiores coisas o guardava, torceu a espada do seu adversário, de modo que, embora o acertasse no ombro esquerdo, não lhe fez outro dano senão desarmá-lo de todo aquele lado, arrancando-lhe de passagem grande parte da celada com a metade da orelha — o que tudo veio ao solo com espantosa ruína, deixando-o muito maltratado.

Valha-me Deus! E quem será que há de poder contar agora a raiva que penetrou no coração do nosso manchego, vendo-se tratado daquela maneira? Basta dizer que se firmou de novo nos estribos e, apertando mais a espada nas duas mãos, descarregou-a com tal fúria sobre o biscainho, acertando-lhe em cheio na almofada e na cabeça, que, sem lhe valer tão boa defesa, foi como se lhe caísse por cima, uma montanha: começou a deitar sangue pelas narinas, pela boca e pelos ouvidos, e a dar mostras de cair da mula a baixo; e sem dúvida cairia, se se não abraçasse ao pescoço do animal. A despeito de tudo, porém, os estribos lhe fugiram dos pés, afrouxou os braços, e a mula, espantada com o terrível golpe, pôs-se a correr pelo campo e, a poucos corcovos, jogou por terra o dono.

Dom Quixote contemplava tudo sossegadamente. Quando viu o outro cair, saltou do cavalo e, com muita ligeireza, se acercou dele, pôs-lhe a ponta da espada nos olhos e lhe disse que se rendesse, sob pena de lhe cortar a cabeça. Estava o biscainho tão perturbado, que não pôde responder palavra; e pior lhe sucederia — tão cego estava Dom Quixote — se as senhoras do coche, que até então haviam assistido à contenda entre desmaios, não se aproximassem do nosso herói e não lhe pedissem encarecidamente que lhes fizesse o grande favor e mercê de perdoar a vida ao escudeiro. Ao que Dom Quixote respondeu, com grande altivez e gravidade:

— Por certo, formosas senhoras, sinto-me bastante contente de fazer o que me pedis; mas há de ser com uma condição e acordo, a saber: este cavaleiro me há de prometer que irá à localidade de Toboso e ali se apresentará, de minha parte, à incomparável Dona Dulcineia, para que esta faça com ele o que melhor lhe aprouver.

As temerosas e desconsoladas senhoras, sem mais indagações do que pedia Dom Quixote e sem perguntar sequer quem era Dulcineia lhe prometeram que o escudeiro faria tudo quanto da sua parte lhe fosse mandado.

— Pois fiado na vossa palavra, não lhe farei mais dano, ainda que bem o mereça.

# CAPÍTULO X

## *Das graciosas razões que se trocaram Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança*

Já por esse tempo se havia levantado Sancho Pança, algo maltratado pelos moços dos frades. Estivera atento à batalha do seu amo Dom Quixote e a Deus rogava que, em seu coração, servido fosse de lhe dar vitória, e que nesta ganhasse alguma ilha, da qual o fizesse governador, conforme o prometido. Assim, vendo a contenda terminada e o amo a montar de novo o Rocinante, apressou-se a segurar-lhe o estribo; antes que montasse, porém, se pôs de joelhos diante dele, pegou-lhe na mão e a beijou, dizendo:

— Sirva-se vosmecê, meu senhor Dom Quixote, de me dar o governo da ilha que acabou de ganhar nesta rigorosa pendência; pois, por grande que seja, me sinto com forças de a saber governar, tal e tão bem como outro qualquer que haja governado ilhas no mundo.

Ao que Dom Quixote respondeu:

— Sabei, irmão Sancho, que esta aventura e outras semelhantes não são aventuras de ilhas, mas de encruzilhadas, nas quais não se ganha outra coisa senão uma cabeça quebrada, ou uma orelha de menos; mas tende paciência, que outras aventuras haverá, em que eu vos possa não só fazer governador, senão alguma coisa mais.

Agradeceu-lhe muito Sancho, beijando-lhe outra vez a mão e a orla da cota de armas e ajudando-o a subir no Rocinante. Em seguida, montou no asno e principiou a seguir o amo, que, a passo largo, sem se despedir nem falar mais com as senhoras do coche, penetrou num bosque que havia ali perto. Acompanhava-o Sancho a todo o trote do jumento; mas caminhava tanto o Rocinante, que, vendo-se ficar para trás, teve que gritar em altas vozes, para que o amo o esperasse. Atendeu-lhe Dom Quixote, segurando as rédeas do Rocinante até que o alcançasse o cansado escudeiro. E este, ao se aproximar, lhe disse:

— Parece-me, senhor, que seria acertado nos refugiarmos em alguma igreja, pois, maltratado como ficou aquele com quem combatestes, não admira que chegue o caso ao conhecimento da Santa Irmandade[1] e nos prendam; e aposto que, se o fizerem, muito suor ainda teremos que verter, antes de sair do cárcere.

— Cala-te — disse Dom Quixote —; onde será que viste ou leste que jamais houvesse cavaleiro andante comparecido ante a justiça, por maior que fosse o número de homicídios cometidos?

— Nada sei de *mexidos* — respondeu Sancho — e nunca na minha vida me envolvi em nenhum; só sei que a Santa Irmandade julga os que pelejam no campo. No mais, não me intrometo.

— Pois não te preocupes, amigo — respondeu Dom Quixote —; se até das mãos dos caldeus te arrancaria eu, quanto mais das da Irmandade! Mas dize-me, por tua vida: acaso viste, em toda a terra descoberta, mais valoroso cavaleiro do que eu? Leste, porventura, em alguma história, outro que tenha, ou que haja tido mais brio no acometer, mais alento no perseverar, mais destreza no ferir, nem mais astúcia no derrubar?

— Para dizer a verdade — retrucou Sancho — nunca li histórias, porque não sei ler, nem escrever; mas o que ousarei apostar é que jamais, em dias da minha vida, servi mais atrevido amo do que vosmecê. E queira Deus que esses atrevimentos não recebam a paga de que já falei! O que rogo a vosmecê é que trate dessa orelha, que está sangrando muito: aqui trago fios e um pouco de unguento branco[2] nos alforjes.

— Desnecessário seria tudo isso — respondeu Dom Quixote — se eu me tivesse lembrado de fazer uma redoma do bálsamo de Ferrabrás,[3] pois uma só gota dele nos pouparia tempo e remédios.

— Que redoma e bálsamo são esses? — inquiriu Sancho Pança.

— É um bálsamo — acudiu Dom Quixote — cuja receita trago na memória e com o qual não há que temer a morte, nem que pensar em morrer de ferida alguma. Assim, quando eu o preparar e to der, já sabes o que terás de fazer: quando, nalguma batalha, me partirem o corpo ao meio (como sói acontecer muitas vezes), hás de apanhar, com muito jeito e sutileza, a parte que houver caído ao solo, antes que o sangue se gele, colocando-a sobre a outra metade do corpo que tiver ficado na sela e tendo o cuidado de bem ajustá-las uma à outra. Em seguida, me farás beber só dois tragos do bálsamo a que me referi e hás de ver-me ficar mais são que uma maçã.

— Se é assim — disse Pança — renuncio desde já ao governo da ilha prometida e outra coisa não quero, em paga dos meus muitos e bons serviços, senão que vosmecê me dê a receita desse maravilhoso licor. Tenho para mim que cada onça dele valerá mais de dois reais, e de mais não preciso para passar o resto da vida honrada e descansadamente. Resta saber se é muito custoso o fabricá-lo.

— Por menos de três reais se podem fazer três azumbres[4] — respondeu Dom Quixote.

— Valha-me Deus! — exclamou Sancho. — Que espera então vosmecê para fazê-lo e ensinar-me a receita?

— Cala-te, amigo — respondeu Dom Quixote —, pois maiores segredos penso ensinar-te e maiores mercês fazer-te; por ora, curemo-nos, que a orelha me dói mais do que eu quisera.

Dos alforjes tirou Sancho unguento e fios. Mas quando Dom Quixote viu o estrago da celada, pensou perder o juízo. Pôs a mão na espada e, alçando os olhos ao céu, disse:

— Juro[5] perante o Criador de todas as coisas e os quatro santos Evangelhos, onde mais por extenso estão escritos,[6] que hei de levar a vida que levou o grande marquês de Mântua, quando jurou vingar a morte do seu sobrinho Valdovinos: não comerei pão em toalhas, nem folgarei com mulher, nem farei outras coisas que, embora não me acudam à memória, dou aqui por expressadas, enquanto não tomar completa vingança daquele que tal agravo me fez.

Ouvindo isto, disse-lhe Sancho:

— Lembre-se vosmecê, senhor Dom Quixote, que, se o cavaleiro cumprir o que lhe foi ordenado e se apresentar ante a minha Senhora Dulcineia del Toboso, terá cumprido a sua obrigação e não merece outra pena, enquanto não cometer novo delito.

— Falaste e lembraste muito bem — respondeu Dom Quixote —; anulo, pois, o juramento, no que toca a tomar dele outra vingança; mas reitero e confirmo o voto de levar a vida que disse, enquanto não arrancar à força outra celada, tal e tão boa como esta, a algum cavaleiro. E não julgues, Sancho, que faço isto assim como fogo de palha, pois bem tenho a quem imitar: o mesmo se passou ao pé da letra sobre o elmo de Mambrino, que tão caro custou a Sacripante.[7]

— Dê ao diabo vosmecê tais juramentos, meu senhor — replicou Sancho —, pois fazem mal à saúde e prejudicam a consciência. Se não, diga-me agora: se acaso, durante muitos dias, não encontrarmos nenhum homem armado com celada, que faremos? Há de ser cumprida a jura, a despeito de tantos inconvenientes e incômodos, como serão o dormir vestido, o não dormir em povoado e outras mil penitências que se continham no juramento daquele velho e louco marquês de Mântua, que vosmecê quer agora revalidar? Veja bem vosmecê que, por todos estes caminhos, não andam homens armados, mas só arrieiros e carreiros, que não trazem celadas e que talvez nunca tenham ouvido falar delas, em todos os dias de suas vidas.

— Enganas-te nisso — disse Dom Quixote — pois não ficaremos duas horas nestas encruzilhadas, sem que vejamos mais gente armada do que a que caiu sobre Albraca, para a conquista da bela Angélica.[8]

— Basta — acudiu Sancho —; assim seja. E praza a Deus que tudo nos corra bem e que cheguemos a tempo de ganhar essa ilha, que tão caro me custa, e morra eu logo.

— Já te disse, Sancho, que não te preocupes com isso, pois, se faltar ilha, aí está o reino da Dinamarca, ou o de Sobradisa,[9] que te virão a calhar como anel no dedo; e ainda mais te devem estes alegrar, por serem em terra firme. Mas deixemos cada coisa para seu tempo; vê agora se nos teus alforjes algo trazes que comamos, para que partamos já em busca de algum castelo, onde nos alojemos esta noite e façamos o bálsamo de que te falei — pois, por Deus! que me dói muito a orelha.

— Aqui trago uma cebola, um pouco de queijo e não sei quantos pedaços de pão — disse Sancho —; mas não são manjares que sirvam para tão valente cavaleiro como vosmecê.

— Como julgas mal! — exclamou Dom Quixote. — Faço-te saber, Sancho, que é uma honra para os cavaleiros andantes passar sem comer um mês, ou só comer aquilo que acharem mais à mão. Estarias certo disto, se tivesses lido tantas histórias como eu; muitas foram as que li, e em nenhuma achei notícia de que houvessem comido os cavaleiros andantes, a não ser por acaso, ou em alguns suntuosos banquetes que lhes ofereciam; os demais dias, passavam-nos a flores. Embora se subentenda que não podiam passar sem comer e sem satisfazer todas as outras necessidades naturais, já que eram homens como nós outros, é compreensível também que, andando a maior parte do tempo pelas florestas e despovoados, sem cozinheiro, sua comida cotidiana devia ser pratos rústicos, tais como os que agora me ofereces. Portanto, amigo Sancho, não te aflijas com o que a mim me dá gosto, nem queiras tu fazer mundo novo, nem tirar dos eixos a cavalaria andante.

— Perdoe-me vosmecê — disse Sancho —; como não sei ler, nem escrever, conforme de outra feita expliquei, não sei, nem sou versado nas regras da profissão cavaleiresca; daqui por diante, encherei os alforjes de todo gênero de fruta seca para vosmecê, que é cavaleiro; e para mim, que não o sou, trarei outras coisas voláteis e de mais substância.

— Não quero dizer — replicou Dom Quixote — que os cavaleiros andantes sejam obrigados a não comer outra coisa senão essas frutas que mencionaste, mas apenas que o seu mais ordinário sustento deviam ser elas e algumas ervas que achavam pelo campo, que eles conheciam e que eu também conheço.

— E bom conhecer essas ervas — respondeu Sancho — pois, segundo já vou imaginando, algum dia será mister utilizar tal conhecimento.

E, dizendo isto, tirou dos alforjes o que trazia e ambos comeram em boa paz e companhia.

Mas, desejosos de achar onde se alojarem aquela noite, acabaram com muita brevidade sua pobre e seca comida. Montaram logo a cavalo e se deram pressa de chegar a um povoado, antes do anoitecer; todavia, faltou-lhes o sol e a esperança de alcançar o que desejavam, junto a umas choças de cabreiros. Resolveram, pois, passar ali a noite.

Para Sancho, foi um pesadelo não alcançar povoado; mas, para o amo, foi grande alegria dormir ao relento, por lhe parecer que, cada vez que tal lhe sucedia, fazia um ato possessivo,[10] que facilitava a prova da sua cavalaria.

# CAPÍTULO XI

## *Do que sucedeu a Dom Quixote com uns cabreiros*

Os cabreiros de boa vontade os recolheram. E Sancho, acomodando o melhor que pôde o seu jumento e o Rocinante, foi-se atrás do cheiro que se desprendia de certos tassalhos de cabra, que estavam num caldeirão fervendo ao fogo. Quis logo ver se estavam em ponto de ser trasladados do caldeirão ao estômago; absteve-se, todavia, porque os cabreiros os retiraram do fogo e, estendendo no solo umas peles de ovelhas, armaram com muita pressa a sua mesa rústica e convidaram a participar dela os dois recém-chegados, como mostras de muita boa vontade. À roda das peles se sentaram seis deles, que eram os que na malhada havia, tendo primeiro rogado a Dom Quixote, com grosseiras cerimônias, que se sentasse numa gamela, que puseram com o fundo para cima. Sentou-se Dom Quixote, enquanto ficou Sancho de pé, para lhe servir a taça, que era feita de chifre.

Vendo-o assim de pé, o amo lhe disse:

— Para que vejas, Sancho, o bem que encerra em si a cavalaria andante e quão a pique estão os que em qualquer ministério dela se exercitam de vir brevemente a ser honrados e estimados do mundo, quero que te sentes aqui ao meu lado e na companhia desta boa gente, e que te mostres igual a mim, que sou teu amo e natural senhor, comendo no meu prato e bebendo onde eu beber — pois da cavalaria andante se pode dizer o mesmo que do amor: iguala todas as coisas.

— Grande generosidade a sua! — exclamou Sancho. — Mas devo dizer a vosmecê que, se eu tivesse de comer, comeria tão bem e melhor em pé e sozinho, como sentado ao lado de um imperador. E para falar verdade, muito melhor me sabe o que como no meu rincão, sem melindres nem respeitos, ainda que seja pão e cebola, do que os perus de outras mesas, onde me seja forçoso mastigar devagar, beber pouco, limpar-me amiúde, não espirrar nem tossir se tiver vontade, nem fazer outras coisas que a solidão e a liberdade trazem consigo. Assim pois, senhor meu, estas honras, que vosmecê me quer dar por ser ministro e aderente da cavalaria andante, como o sou na qualidade de escudeiro de vosmecê, troque-as por outras, que me sejam mais cômodas e de melhor proveito; quanto àqueles (embora as dê por bem recebidas), renuncio desde já, até o fim do mundo.

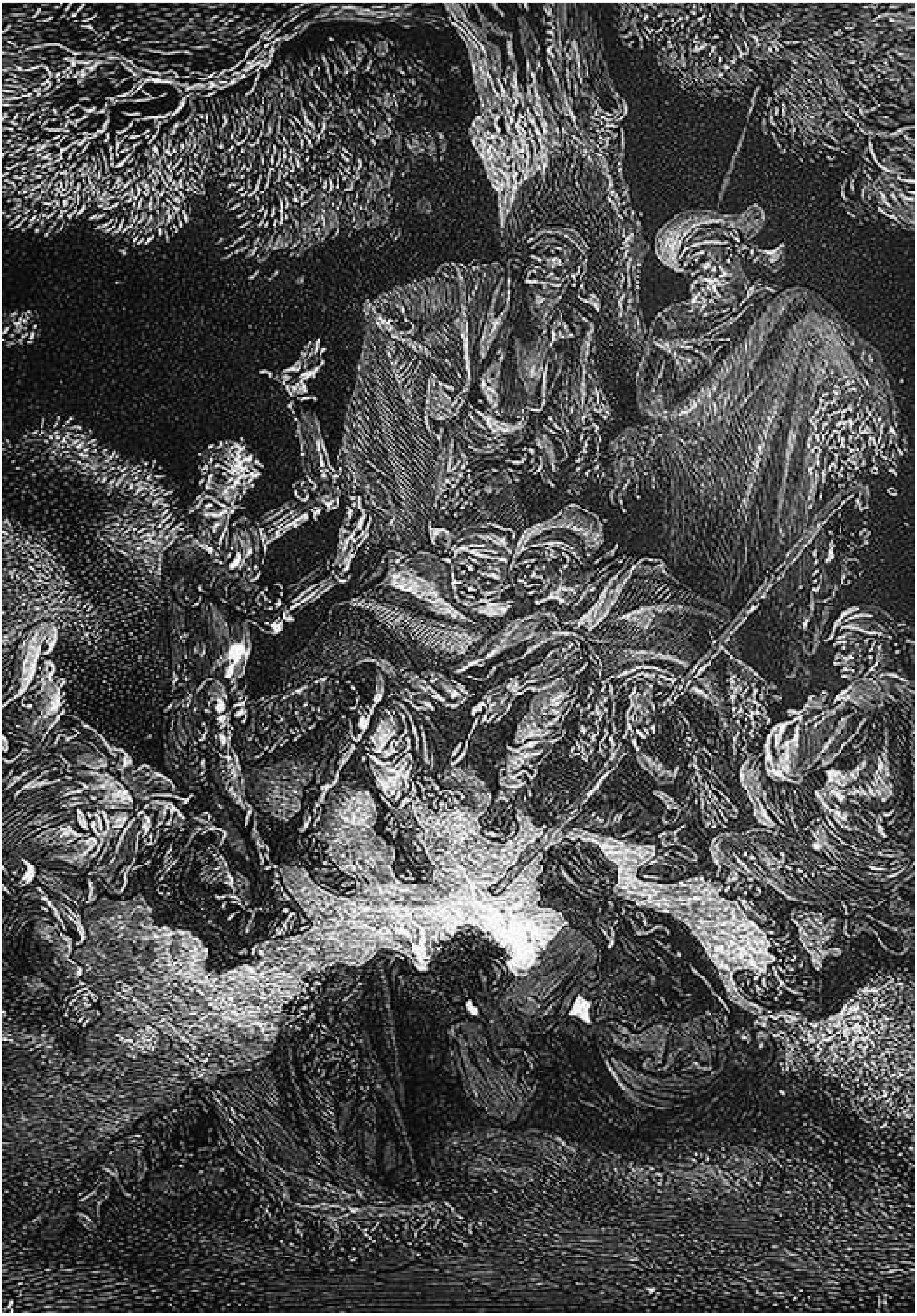
— Com tudo isso, hás de sentar-te, pois a quem se humilha Deus exalta.[1]

E, travando-lhe do braço, forçou-o a sentar-se junto dele.

Não entendiam os cabreiros aquela geringonça de escudeiros e cavaleiros andantes e outra coisa não faziam senão comer e calar, observando os hóspedes, que, com muita graça e gana, iam tragando tassalhos como punhos. Quando acabaram de servir a carne, estenderam sobre as peles cruas grande quantidade de bolotas avelanadas, e junto puseram um meio queijo, mais duro que se fosse feito de argamassa.

Entrementes, não ficara ocioso o chifre, pois andava ao redor como alcatruz de nora, e tão amiúde (ora cheio, ora vazio), que facilmente esvaziou um odre, de dois que ali estavam. Depois que Dom Quixote satisfez o estômago, tomou na mão um punhado de bolotas e, mirando-as atentamente, soltou a voz, comentando:

— Ditosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos chamavam dourados,[2] não porque neles o ouro (que é tão estimado na nossa idade do ferro) se alcançasse sem fadiga alguma, mas porque então os viventes ignoravam as palavras “teu” e “meu”. Naquela idade santa, eram comuns todas as coisas; ninguém precisava, para achar o ordinário sustento, ter outro trabalho senão o de alçar a mão e colhê-lo nos robustos azinheiros que liberalmente os convidavam, com o seu doce e sazonado fruto. As fontes claras, os rios correntes lhes ofereciam, em magnífica abundância, águas transparentes e saborosas. Nas quebradas dos penhascos, no recôncavo das árvores, formavam sua república as solícitas e discretas abelhas, oferecendo a qualquer mão, sem interesse algum, a fértil colheita do seu dulcíssimo trabalho. Os valentes sobreiros despegavam de si, sem outro artifício que o da sua cortesia, as amplas e leves cascas, com que se começaram a cobrir as casas, sobre rústicas estacas sustentadas, só para defesa contra as inclemências do céu. Tudo era paz então, tudo amizade, tudo concórdia; ainda não se atrevera a pesada relha do curvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe, já que ela, sem ser forçada, oferecia por todas as partes do seu fértil e espaçoso seio o que pudesse fartar, sustentar e deleitar os filhos, que então a possuíam. Naquele tempo, sim, as simples e formosas pastorinhas andavam de vale em vale, de outeiro em outeiro, com tranças ou de cabelo solto, sem mais vestidos do que os necessários para cobrir honestamente o que a honestidade quer e sempre quis que se cubra. Seus adornos não eram como os que agora se usam, exagerados com a púrpura de Tiro e com a por tantos modos martirizada seda, mas feitos de algumas folhas verdes, entremeadas de bardana e hera; e com isso talvez andassem tão pomposas e compostas como o andam agora as nossas cortesãs, com as raras e peregrinas invenções que a curiosidade ociosa lhes mostrou. Então diziam-se de cor os conceitos amorosos da alma de modo simples e singelo, tal como os concebia ela, sem buscar artificiosos rodeios de palavras para os encarecer. Não havia a fraude, o engano, nem a malícia, mesclando-se com a verdade e a lhaneza. Continha-se a justiça nos seus próprios termos, sem que a ousassem turbar, nem ofender, o favor e o interesse, que hoje tanto o enxovalham, perturbam e perseguem. A lei do arbítrio[3] ainda não tinha tido assento no ânimo dos juízes, porque não havia então o que julgar, nem quem fosse julgado. As donzelas e a honestidade andavam, como já disse, por onde quisessem, desprotegidas e sozinhas, sem temer que as perseguissem o atrevimento alheio e o impulso lascivo; quando se perdiam, era por gosto e vontade própria. Hoje, nestes nossos séculos detestáveis, nenhuma está segura, ainda que se oculte e se feche noutro novo labirinto, como o de Creta;[4] porque ali, pelas fendas ou pelo ar, com o zelo da maldita solicitude, as vai alcançar o amoroso contágio, fazendo-as pôr de lado todo recato. Para segurança delas é que, com o andar dos tempos e o aumento da malícia, se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes, a fim de defender as donzelas, amparar as viúvas e socorrer os órfãos e necessitados. A esta ordem pertenço, irmãos cabreiros, a quem agradeço o agasalho e o bom acolhimento que me destes, a mim e ao meu escudeiro. Embora, por lei natural, estejam todos os viventes obrigados a favorecer os cavaleiros andantes, o fato de não saberdes vós outros desta obrigação e me haverdes, mesmo assim, acolhido e regalado, é razão bastante para que eu vos agradeça a boa vontade, na medida do possível à minha.



Toda esta longa arenga (que se pudera muito bem dispensar), fê-la o nosso cavaleiro tãosomente porque as bolotas, que lhe deram, lhe trouxeram à memória a idade de ouro; e achou oportuno exibir aquele inútil arrazoado aos cabreiros, que, sem lhe responderem palavra, apatetados e suspensos, o estiveram escutando. Sancho também não falava: ia comendo bolotas e visitando amiúde o segundo odre, que os cabreiros haviam pendurado num sobreiro, para refrescar o vinho.

O palavreado de Dom Quixote durou mais que a ceia. Finda esta, disse um dos cabreiros:

— Para que, com mais razões, possa vosmecê dizer, senhor cavaleiro andante, que o agasalhamos com pronta e boa vontade, queremos dar-lhe prazer e alegria mandando cantar um companheiro nosso, que não tardara muito a chegar e que é pastor mui entendido e enamorado; sobretudo, ele sabe ler e escrever e é músico — o melhor tocador de arrabil que se pudera desejar.

Mal acabou o cabreiro de dizer isto, chegou-lhes aos ouvidos o som de um arrabil e, dali a pouco, surgiu quem o tocava, que era um moço de cerca de 22 anos e de muito boa aparência. Perguntaram-lhe os companheiros se havia ceado; respondendo ele que sim, tornou-lhe o que havia feito os oferecimentos:

— Sendo assim, Antônio, poderás dar-nos o prazer de cantar um pouco, a fim de que este senhor, que é nosso hóspede, veja que também nos montes e nas selvas há quem saiba música. Já lhe gabamos as tuas boas habilidades e desejamos que as mostres, para que saiba que falamos verdade; rogo-te, pois, por vida tua, que te sentes e cantes o romance dos teus amores, que para ti compôs o beneficiado teu tio e de que o povo tanto gostou.

— De boa vontade — respondeu o moço.

E sem se fazer mais de rogado, sentou-se no tronco de uma azinheira desramada e, temperando o arrabil, dentro em pouco principiou a cantar, com muita graça e desta maneira:

ANTÔNIO[5]

*Sei, Olália,*[6] *que me adoras*

*sem que tu me tenhas dito*

*nem mesmo sequer com os olhos,*

*mudas línguas de amoricos.*

*Certo estou de que me queres*

*por saber quanto és sabida,*

*pois nunca foi desditoso*

*um amor que é conhecido.*

*Muitas vezes, em verdade,*
*Olália, me deste indícios*
*de teres a alma de bronze*
*e de rocha o peito níveo.*
*Entre teus desdéns, contudo,*
*e honestíssimos desvios,*
*mostra às vezes a esperança*
*a barra de seu vestido.*
*Abalança-se à negaça*
*minha fé, nunca perdida,*
*sem minguar por desprezada,*
*nem crescer por escolhida.*
*Se for o amor cortesia,*
*da que me mostras colijo*
*que o fim destas esperanças*
*há de ser qual imagino.*
*E se serviços conseguem*
*tornar um peito benigno,*
*alguns dos que te hei prestado*
*virão em meu benefício;*
*porque, se nisso pões nota,*
*mais de uma vez terás visto*
*que trago às segundas-feiras*
*vestes que são de domingo.*
*Amores e galas seguem*
*juntos o mesmo caminho;*
*assim eu quis, a teus olhos,*
*mostrar-me sempre polido.*

*Por tua causa não bailo*
*nem as músicas te cito*
*que logo ao cantar o galo*
*e a desoras tens ouvido.*
*Nem conto à tua beleza*
*quantos louvores dedico;*
*verdades são, mas me fazem*
*tornar-me de outras malquisto.*
*Teresa do Barrocal,*
*ao exalçar-te eu, me disse:*
*"Quem julga adorar um anjo*
*por vezes adora um símio,*
*pois o próprio Amor se engana*
*à vista de muitos dixes,*[7]
*de hipócritas formosuras*
*e de cabelos postiços."*
*Desmenti-a; aborreceu-se,*
*veio defendê-la o primo,*
*desafiou-me, e bem sabes*
*o que me fez e eu lhe fiz.*
*Não te quero como a tantas*
*nem te pretendo e te sirvo*
*para ter-te por manceba,*
*que melhor é meu desígnio.*
*Peaças possui a Igreja*
*que de seda são atilhos;*
*põe teu pescoço no jugo:*
*lá verás o meu contigo.*

*Do contrário, aqui te juro,*
*pelo santo mais bendito:*
*não sairei destas serras*
*senão para capuchinho.*

Com isto, findou o cabreiro o seu cantar. Rogou-lhe Dom Quixote que cantasse alguma coisa mais, porém Sancho Pança não lho consentiu, porque estava mais para dormir que para ouvir canções. E assim, disse ao amo:

— Bem pode vosmecê acomodar-se desde logo onde tem de ficar esta noite, pois o trabalho que estes bons homens têm o dia todo não lhes permite passar as noites cantando.

— Estou a ver, Sancho — respondeu Dom Quixote que as visitas ao odre do vinho pedem mais a recompensa de sono que de música.

— A todos nos sabe ele bem, bendito seja Deus — respondeu Sancho.

— Não o nego — replicou Dom Quixote —; mas acomoda-te lá tu onde quiseres, que os da minha profissão melhor se mostram velando que dormindo. Apesar de tudo, Sancho, seria bom que me tornasses a curar esta orelha, que me está doendo mais do que é mister.

Fez Sancho o que lhe foi ordenado. Um dos cabreiros, vendo a ferida, disse-lhe que se não preocupasse, pois sabia de remédio com que facilmente a curaria; e tomando algumas folhas de rosmaninho[8] que por ali abundava, mastigou-as e misturou-as com um pouco de sal; em seguida, aplicou-as à orelha, ligando-a muito bem e assegurando ao paciente que não seria preciso nenhum outro medicamento — o que foi verdade.

# CAPÍTULO XII

## *Do que contou um cabreiro aos que estavam com Dom Quixote*

Neste ponto, chegou outro moço, dos que lhes traziam da aldeia os mantimentos, e disse:

— Sabeis o que se passa no lugar, companheiro?

— Como podemos sabê-lo? — respondeu um deles.

— Pois sabei — prosseguiu o moço — que morreu nesta manhã aquele famoso pastor estudante chamado Crisóstomo, e se murmura que morreu de amores por aquela endiabrada moça Marcela, filha de Guilherme, o rico — a que anda nestas paragens em trajo de pastora.

— Por Marcela? — exclamou um.

— Sim, por ela — respondeu o cabreiro. — E o melhor é que, no testamento, mandou que o enterrassem no campo, como se fosse mouro, e bem junto ao penhasco onde está a fonte do carvalho, porque, segundo corre a fama (e dizem que ele mesmo o declarou), ali é que ele a viu pela primeira vez. Ordenou também outras coisas, tais que os padres da povoação dizem não se poderem cumprir, nem fica bem que se cumpram, pois parecem coisas de gentios. Ao que tudo responde o seu grande amigo Ambrósio, o estudante (que também se vestiu de pastor como ele), que todas as determinações do morto se hão de cumprir à risca, sem nada faltar, tal como o queria Crisóstomo. Com isso, anda o povo alvoroçado; mas, ao que se diz, no fim de contas se há de fazer o que querem Ambrósio e todos os pastores seus amigos; e amanhã ele será enterrado com grande pompa no local que já mencionei. Tenho para mim que há de ser coisa digna de ser vista; pelo menos, não deixarei de vê-la, ainda que soubesse que não volveria amanhã à aldeia.

— Todos faremos o mesmo — responderam os cabreiros —; e tiraremos a sorte, para ver quem há de ficar guardando as cabras.

— Dizes bem, Pedro — observou um deles —, mas não será preciso usar desse processo, pois eu ficarei por todos. Não julgues que o faço por virtude, ou porque não tenha curiosidade, mas porque me não deixa andar o graveto que, outro dia, se me enterrou neste pé.

— Mesmo assim te agradecemos — respondeu Pedro.

E Dom Quixote pediu a Pedro que lhe dissesse quem era o morto e que pastora era aquela.

Respondeu Pedro que a única coisa que sabia era que o morto era um fidalgo rico, morador num lugar daquelas serras e que estudara muitos anos em Salamanca — ao cabo dos quais volvera ao seu rincão, com fama de muito sábio e muito lido. Dizia-se, principalmente, que conhecia a ciência das estrelas e do que além, no céu, fazem o sol e a lua — visto que, pontualmente, nos avisava das *crises* do sol e da lua.

— Chama-se *eclipse*, amigo, e não *crise*, o obscurecimento desses dois luminares maiores! — exclamou Dom Quixote.

Mas Pedro, sem se curar de ninharias, prosseguiu no relato:

— Também adivinhava quando o ano havia de ser abundante ou *estil.*

— *Estéril*, quereis dizer, amigo — corrigiu Dom Quixote.

— *Estéril* ou *estil* — retrucou Pedro — vem a dar no mesmo. E digo que, por causa dessas coisas que ele anunciava, seu pai e seus amigos, que lhe davam crédito, se fizeram muito ricos, porque executavam o que ele lhes aconselhava: “Semeai este ano cevada, e não trigo, dizia; neste, podeis semear grãos-de-bico, e não cevada; o que vem, será de colheita de azeite; e nos três seguintes, nada se colherá.”

— Essa ciência se chama “astrologia” — disse Dom Quixote.

— Não sei como se chama — replicou Pedro —, mas sei que ele sabia tudo isso e muito mais. Finalmente, não se tinham passado muitos meses, depois que viera de Salamanca, quando, certo dia, apareceu vestido de pastor, com seu cajado e pelico.[1] Tendo abandonado as vestes folgadas que antes usava como escolar. Juntamente com ele, outro grande amigo seu, chamado Ambrósio, que fora seu companheiro de estudos, também se vestiu de pastor. Ia-me esquecendo de dizer que Crisóstomo, o defunto, era um grande compositor de coplas; tanto assim que era ele que fazia os vilancicos para a noite de Natal, e os autos para o dia do Corpo de Deus, que eram representados pelos moços do nosso povoado; e todos diziam que não podia haver coisa melhor. Quando os do lugar, tão de repente, viram os dois escolares vestidos de pastores, ficaram admirados, sem poderem adivinhar a causa que os movera a tão extravagante mudança. Já por essa época morrera o pai do nosso Crisóstomo, que herdou um grande patrimônio, tanto em móveis como em bens de raiz, e grande quantidade de gado maior e menor, além de muito dinheiro. De tudo isso ficou o moço senhor absoluto; e, na verdade, bem o merecia, pois era muito bom companheiro, caritativo, amigo dos bons, e tinha uma cara de abençoado. Depois se veio a saber que mudara de trajo unicamente para poder andar por estes despovoados atrás daquela pastora Marcela, que o nosso pegureiro já antes nomeou e da qual se tinha enamorado o pobre defunto do Crisóstomo. E agora vos quero dizer, porque é bom que o saibais, quem é esta rapariga; talvez, ou sem talvez, não tenhais nunca ouvido semelhante coisa, em todos os dias da vossa vida, ainda que vivais mais anos do que Sarna.

— Dizei Sara[2] — corrigiu Dom Quixote, não podendo suportar a troca de palavras do cabreiro.

— Vida de sobra tem a sarna — respondeu Pedro —; mas se me haveis, senhor, de andar recriminando a cada passo as palavras, não acabaremos num ano.

— Perdão, amigo — replicou Dom Quixote —; mas há tanta diferença entre *sarna* e *Sara*, que vos adverti. Todavia, vós me respondestes muito bem, porque vive mais a sarna do que viveu Sara. Continuai, pois, a vossa história, que não vos interromperei mais em nada.

— Estava eu dizendo, senhor meu da minha alma — prosseguiu o cabreiro —, que houve em nossa aldeia um lavrador, ainda mais rico que o pai de Crisóstomo e que se chamava Guilherme. A este Deus concedeu, além das muitas e grandes riquezas, uma filha, de cujo parto morreu a mãe, que foi a mais honrada mulher destas cercanias. Parece-me que ainda a estou vendo, com aquela cara que trazia o sol de um lado e a lua de outro; era, acima de tudo, laboriosa e amiga dos pobres, razão pela qual acho que sua alma deve andar, por estas horas, gozando a Deus no outro mundo. De pesar pela morte de tão boa mulher, morreu-lhe o marido Guilherme, deixando a filha Marcela, pequena e rica, em poder de um tio, sacerdote e beneficiado do nosso lugar. Cresceu a menina tão bela, que nos fazia lembrar a beleza da mãe, que a teve mui grande; e até se dizia que nisto haveria de exceder a mãe. Assim foi. Quando chegou à idade dos 14 aos 15 anos, ninguém a mirava sem bendizer a Deus, que tão formosa a tinha criado. E quase todos se sentiam enamorados e perdidos por ela. Guardava-a o tio com muito recato e muito recolhimento; mas, apesar de tudo, se estendeu de tal maneira a fama da sua grande formosura, que, não só por ela como por suas muitas riquezas, era rogado, solicitado e importunado o tio, tanto pelos rapazes do nosso povoado como pelos de muitas léguas em volta, que a queriam por mulher. Ele, porém (que é um bom cristão às direitas), embora a pretendesse casar logo, visto que já tinha idade, não quis fazê-lo sem que ela consentisse, indiferente às ambições e vantagens que lhe adviriam da tutela dos bens da moça, se lhe protelasse o casamento. E juro que isto se comentava em mais de um corrilho do povo, em louvor do bom sarcerdote. Quero que saibais, meu caro senhor andante, que nestes lugares pequenos se cuida de tudo e de tudo se murmura; e fazei de conta, como eu, que devia ser demasiadamente bom o clérigo, que assim obrigava os fregueses a dizerem bem dele, especialmente na sua aldeia.

— Isso é verdade — disse Dom Quixote —; e segui adiante, que a vossa narrativa está boa e vós, meu bom Pedro, a contais com bastante graça.

— Que não me falte a do senhor, que é a que vem ao caso. E voltando ao assunto, sabei que, embora levasse o tio à sobrinha as várias propostas e lhe revelasse as qualidades de cada pretendente, dos muitos que a pediam em casamento, rogando-lhe que se casasse e escolhesse a seu gosto, jamais respondeu ela outra coisa senão que, por enquanto, não se queria casar, visto que, sendo ainda tão moça, não se sentia capaz de poder levar a carga do matrimônio. Diante de tais desculpas, que pareciam justas, deixava o tio de importuná-la e esperava que tivesse mais idade e soubesse escolher um companheiro do seu agrado. Porque, dizia ele, e dizia muito bem, que não deviam os pais casar os filhos contra a vontade destes. Eis, porém, que um dia, sem ninguém se dar conta, aparece feita pastora a mimosa Marcela; e, sem licença do tio, nem aprovação de ninguém no povoado, pôs-se ela a ir ao campo com as demais pastoras do lugar e a pastorear ela mesma o gado. Logo que saiu a público e se descobriu a sua formosura, não vos saberei dizer com justeza quantos mancebos ricos, fidalgos e lavradores, envergaram as vestes de Crisóstomo e andaram a requestá-la por estes campos. Um deles, como já disse, foi o nosso defunto, de quem se dizia que não lhe queria apenas, mas que a adorava. E não se pense que, por levar vida tão livre, tão solta e de tão pouco ou nenhum recolhimento, tenha Marcela dado indícios, nem por sombras, de qualquer deslustre na sua honestidade e recato; antes, é tanta e tal a vigilância com que olha por sua honra, que, de quantos a servem e solicitam, ninguém se gabou, nem verdadeiramente se poderia gabar, de lhe ter ela dado qualquer esperança, ainda que pequena, de alcançar o que desejava. Embora não fuja, nem se esquive à companhia e conversação dos pastores, tratando-os cortês e amigavelmente, se lhes chega a descobrir alguma intenção, ainda que seja tão justa e santa como a do matrimônio, os arroja de si que nem trabucos. E com esta maneira de proceder, causa mais danos nesta terra do que se por ela entrasse a peste; porque sua afabilidade e formosura atraem os corações dos que a conhecem e os fazem servi-la e amá-la; mas seu desdém e desengano os conduzem a ponto de se desesperarem; e, não sabendo o que dizer-lhe, chamam-na, em altas vozes, cruel e ingrata, com outros títulos semelhantes, que bem denotam qual seja a sua condição. E se aqui estivésseis algum dia, senhor, veríeis reboar por estas serras e por estes vales as lamentações dos desenganados que a seguem. Não muito longe daqui, há um sítio, onde se veem quase duas dúzias de faias altas, todas as quais têm gravado na casca o nome de Marcela, tendo algumas, por cima do nome e na mesma árvore, gravada uma coroa, como se mais claramente quisesse dizer o amante que Marcela a mereceria, sobre toda a formosura humana. Aqui suspira um pastor, ali se queixa outro, acolá se ouvem canções amorosas, além desesperadas endechas. Há quem passe todas as horas da noite sentado ao pé de alguma azinheira ou penha, permanecendo aí sem pregar os olhos chorosos, embevecido e transportado em seus pensamentos, até o nascer do sol; outros, sem dar folga nem tréguas aos suspiros, em meio ao ardor da mais enfadonha sesta do verão, estendidos sobre a areia ardente, enviam suas queixas ao céu piedoso. Destes e daqueles, daqueles e destes, livre e divertidamente triunfa a formosa Marcela. E todos os que a conhecemos estamos esperando o paradeiro que há de ter a sua altivez e quem há de ser o felizardo que conseguirá dominar tão terrível criatura e desfrutar tão extremada beleza. Como tudo o que disse é verdade averiguada, creio que o é também o relato feito pelo nosso zagal, relativamente à causa da morte de Crisóstomo. Aconselho-vos, pois, senhor, que não deixeis de ir amanhã ao seu enterro, que há de ser coisa digna de ver-se, visto que tinha Crisóstomo muitos amigos e daqui até o lugar onde ele mandou que o enterrassem não vai meia légua.

— Não me hei de descuidar — disse Dom Quixote — e agradeço o gosto que me destes com tão saborosa narrativa.

— Oh! — replicou o cabreiro. — Não sei nem a metade dos casos sucedidos aos amantes de Marcela; mas pode acontecer que amanhã se nos depare algum pastor, que nos conte o resto. Por agora, é bom que vós vades dormir debaixo de telhado, porque o sereno vos poderia prejudicar a ferida; embora o remédio que vos dei seja tal, que não deveis recear acidente.

Sancho Pança, que já não mais suportava o longo palavrório do cabreiro, pediu ao amo que fosse dormir na choça de Pedro. Assim o fez Dom Quixote, que passou o resto da noite recordando-se da sua senhora Dulcineia, à imitação dos amantes de Marcela. Acomodou-se Sancho Pança entre o Rocinante e o seu jumento, e assim dormiu, não como namorado desfavorecido, mas como homem moído a coices.

# CAPÍTULO XIII

## *Onde termina o conto da pastora Marcela, com outros sucessos*

Mal começou a raiar o dia pelas varandas do Oriente, levantaram-se cinco, dos seis cabreiros, e foram despertar Dom Quixote, dizendo-lhe que, se estava ainda resolvido a ir ver o famoso enterro de Crisóstomo, lhe fariam companhia. Dom Quixote, que outra coisa não desejava, ergueu-se e mandou Sancho arrear logo os animais, o que este fez com muita presteza. Puseram-se todos a caminho. E não haviam andado um quarto de légua, quando, ao cruzar uma senda, viram aproximar-se seis pastores, vestidos com pelicos negros, as cabeças coroadas com grinaldas de ciprestes e amargoso eloendro. Trazia cada qual uma vara grossa de azevinho na mão. Vinham com eles dois fidalgos a cavalo e muito bem vestidos, seguidos de três moços a pé. Quando se encontraram, saudaram-se cortesmente e se perguntaram uns aos outros aonde iam. Souberam que se encaminhavam todos ao lugar do enterro e, assim, principiaram a caminhar juntos.

Um dos que iam a cavalo, falando ao companheiro, disse:

— Parece-me, senhor Vivaldo, que devemos dar por bem empregada a demora que tivermos em ver este famoso enterro, que famoso não pode deixar de ser, à vista das estranhas coisas que, tanto do morto como da pastora homicida, nos contaram estes pastores.

— O mesmo penso eu — respondeu Vivaldo —; e não apenas um dia, mas quatro gastaria eu, a troco de vê-lo.

Perguntou-lhes Dom Quixote o que tinham ouvido de Marcela e de Crisóstomo.

Disse o caminhante que, naquela madrugada, haviam encontrado os pastores que os seguiam; e, vendo-os em trajos tão tristes, lhes tinham perguntado por que se vestiam daquela maneira. Um deles respondeu-lhes, narrando a estranha formosura de uma pastora chamada Marcela, os amores de muitos que a requestavam e, por fim, a morte de um tal Crisóstomo, a cujo enterro iam. Finalmente, contou a Dom Quixote tudo o que já lhe havia contado Pedro.

Deste assunto passaram a outro; e o que se chamava Vivaldo perguntou a Dom Quixote por que andava armado daquela maneira por terra tão pacífica. Dom Quixote respondeu:

— A profissão que exerço não consente, nem permite que eu ande de outra maneira. O bom passadio, o regalo e o repouso se inventaram para os brandos cortesãos; mas o trabalho, a inquietude e as armas só se inventaram e se fizeram para aqueles que o mundo chama cavaleiros andantes, dos quais sou eu, embora indigno, o menor de todos.

Mal lhe ouviram isto, tiveram-no todos por louco; e para melhor averiguar que gênero de loucura era a sua, tomou Vivaldo a perguntar-lhe que vinham a ser *cavaleiros andantes.*

— Não leram vosmecês — retrucou Dom Quixote — os anais e histórias da Inglaterra, onde se narram as famosas façanhas do rei Artur, que, no nosso romance castelão, continuamente chamamos o rei Artus e de quem se diz, na mais antiga e comum tradição de todo aquele reino da Grã-Bretanha, que não morreu, senão que, por arte de feitiçaria, se transformou em corvo e que, passados os tempos, há de voltar a reinar e a recobrar seu reino e cetro? E não é por isso que, desde aquele tempo, jamais se viu nenhum inglês matar corvos?[1] Pois, na época desse bom rei, foi instituída aquela famosa ordem de cavalaria dos cavaleiros da Távola Redonda[2] e tiveram lugar, como minuciosamente ali se contam, os amores de Dom Lançarote do Lago[3] com a rainha Ginebra, sendo deles medianeira e sabedora aquela tão honrada Dona Quintanhona, donde nasceu aquele tão sabido romance, e tão decantado em nossa Espanha, de

*Nunca fora cavaleiro*

*de damas tão bem servido*

*como fora Lançarote*

*quando da Bretanha vindo,*

com toda a sequência, tão suave e doce, das suas fortes e amorosas façanhas. Pois, desde então, de mão em mão, foi-se estendendo e dilatando aquela ordem de cavalaria por muitas e diversas partes do mundo; e nela foram famosos e conhecidos por seus feitos o valente Amadis de Gaula, com todos os seus filhos e netos, até a quinta geração; o valoroso Felismarte de Hircânia; o nunca assaz louvado Tirante, o Branco; e, já quase em nossos dias, vimos, tratamos e ouvimos o invencível e valoroso cavaleiro Dom Belianis da Grécia. Eis, pois, senhores, o que é ser cavaleiro andante; e a sua ordem de cavalaria é a que já disse; nela, como também já disse, eu, embora pecador, fiz profissão; o mesmo que professaram os referidos cavaleiros, professo eu. Por isso ando nestas solidões e descampados buscando aventuras, com o deliberado ânimo de oferecer meu braço e minha pessoa à aventura mais perigosa que a sorte me aponte, correndo em auxílio dos fracos e dos necessitados.

Ouvindo-lhe tais razões, acabaram de convencer-se os caminhantes de que Dom Quixote não tinha juízo e lhe ficaram conhecendo o gênero de loucura. Admiraram-se desta, como admirados ficavam todos os que a testemunhavam. Vivaldo, que era pessoa muito discreta e alegre, para tornar menos enfadonha a caminhada que ainda lhes restava fazer, até chegarem à serra onde seria o enterro, quis dar a Dom Quixote ocasião para que prosseguisse nos seus disparates. E lhe disse:

— Parece-me, senhor cavaleiro andante, que vosmecê professou uma das mais rigorosas profissões que há na terra; e tenho para mim que nem na dos frades capuchinhos há tanto rigor assim.

— Talvez se lhe possa esta equiparar em rigor — respondeu o nosso Dom Quixote —; mas duvido muito que seja tão necessária ao mundo. Por que, para dizer a verdade, não faz menos o soldado, que executa o que lhe manda o capitão, do que o próprio capitão, que lho ordena. Quero dizer que os religiosos, com toda paz e quietude, pedem ao Céu o bem da Terra; mas nós, os soldados e cavaleiros, executamos o que eles pedem, defendendo-a com o valor dos nossos braços e os fios das nossas espadas, não debaixo do teto, mas a céu aberto, como alvos expostos aos intoleráveis raios do sol no verão e aos arrepiantes gelos no inverno. Assim, também somos ministros de Deus na terra e os braços que executam a sua justiça. Como as coisas da guerra e as concernentes e tocantes a ela não se podem pôr em execução senão suando, cansando e trabalhando, segue-se que aqueles que a professam têm, sem dúvida, maior trabalho que os que, em sossegada paz e repouso, estão a pedir a Deus que favoreça os que pouco podem. Não quero dizer, nem me passa pelo pensamento, que a condição de cavaleiro andante seja tão boa como a de religioso enclausurado; só quero inferir, pelo que padeço, que a daquele é, sem dúvida, mais trabalhosa e aperreada, mais faminta e sedenta, miserável, rota e piolhenta. Pois é certo que os cavaleiros andantes de antigamente passaram por muitas aventuras ruins no decurso de suas vidas. E se alguns chegaram a ser imperadores pelo valor do seu braço, por minha fé que isso lhes custou muito suor e sangue; e se aos que tal grau alcançaram tivessem faltado feiticeiros e sábios, que os ajudassem, haveriam de ficar bem despojados dos seus desejos e bem enganados nas suas esperanças.

— Sou do mesmo parecer — replicou o caminhante —; mas numa coisa, dentre muitas, acho que parecem mal os cavaleiros andantes: é que, quando sucede empreenderem grande e perigosa aventura, onde correm o perigo manifesto de perder a vida, nunca, no instante de empreendê-la, se lembram de encomendar-se a Deus, como todo cristão é obrigado a fazer em perigos semelhantes; antes, se encomendam às suas damas com tanta ânsia e devoção como se estas fossem o seu Deus — coisa que me cheira algum tanto a paganismo.

— Senhor — respondeu Dom Quixote —, não podemos proceder de nenhuma outra maneira e mal andaria o cavaleiro andante que outra coisa fizesse. Já é uso e costume da cavalaria andante que, ao empreender alguma grande façanha de armas, invoque o cavaleiro a sua senhora, ponha nela os olhos branda e amorosamente, como a lhe pedir com eles que o favoreça e ampare no duvidoso transe por que passa; e mesmo que ninguém o escute, é obrigado a proferir algumas palavras entre dentes, encomendando-se à sua dama de todo o coração. Disso temos inumeráveis exemplos nas histórias; e não quer dizer, de nenhum modo, que deixem de encomendar-se a Deus, pois tempo e ocasião lhes ficam para fazê-lo no decurso da obra.

— Com tudo isso — replicou o caminhante — me resta um escrúpulo: é que muitas vezes, segundo li, há troca de palavras entre dois cavaleiros andantes, do que resulta lhes vir a cólera; e eis que voltam os cavalos, tomam boa parte do campo e, para logo, sem mais nem menos e a todo o galope, se tornam a encontrar e, em meio à corrida, se encomendam às suas damas. E o que costuma acontecer nesses encontros é que um deles cai pelas ancas do cavalo, perpassado de lado a lado com a lança do adversário, enquanto este, se não se agarra às crinas do seu, também não pode deixar de vir à terra. E não sei como pode o morto ter tido tempo de encomendar-se a Deus, no decurso de tão acelerado encontro. Melhor fora que as palavras, que na carreira gastou ao encomendar-se à dama, as tivesse gasto no que devia e era obrigado como cristão: tanto mais quanto tenho para mim que nem todos os cavaleiros andantes possuem damas a quem se encomendem, já que nem todos são enamorados.

— Isso não pode ser — acudiu Dom Quixote. — Quero dizer que não pode haver cavaleiro andante sem dama: pois é tão natural que eles sejam enamorados, como o é ao céu ter estrelas; e duvido que haja história onde se encontre cavaleiro andante sem amores. Mesmo porque, se os não tivesse, não seria considerado legítimo cavaleiro, porém bastardo, que entrou na fortaleza da dita cavalaria não pela porta, mas sobre muros, como salteador e ladrão.

— Apesar de tudo — disse o caminhante —, a mim me parece (se bem me lembro) haver lido que Dom Galaor, irmão do valoroso Amadis de Gaula, nunca teve dama determinada, à qual pudesse encomendar-se; e nem por isso foi tido em menos conta, tendo sido cavaleiro muito valente e muito famoso.

Ao que retrucou o nosso Dom Quixote:

— Uma andorinha só não faz verão, meu caro senhor. Demais, sei eu que esse cavaleiro estava, secretamente, muito bem enamorado; e quanto a isso de querer bem a quantas lhe despertavam simpatia, era seu feitio natural, que não podia tolher. E, no fim de contas, está muito bem averiguado que tinha uma só dama, que havia feito senhora da sua vontade e à qual se encomendava muito a miúdo e secretamente, porque se prezava de discreto cavaleiro.

— Se é, pois, essencial que todo cavaleiro andante seja enamorado — disse o caminhante —, deve a gente supor que vosmecê também o seja, já que é da profissão. E se não se preza vosmecê de ser tão secreto como Dom Galaor, com todo o empenho lhe suplico, no meu nome e no de toda esta companhia, que nos revela o nome, a pátria, a qualidade e a formosura da sua dama. E ela há de se dar por feliz de que todo o mundo saiba que é querida e servida por um cavaleiro tal como parece sê-lo vosmecê.

Aqui soltou Dom Quixote um grande suspiro, e disse:

— Não poderei afirmar se a minha doce inimiga aprecia, ou não, que o mundo saiba que a sirvo; só sei dizer (respondendo ao que tão respeitosamente se me pede) que o seu nome é Dulcineia, sua pátria Toboso, um lugar da Mancha: sua qualidade, pelo menos, há de ser a de princesa, já que é rainha e senhora minha; sua formosura, sobre-humana, pois nela se fazem verdadeiros todos os impossíveis e quiméricos atributos de beleza, que os poetas emprestam às suas damas; seus cabelos são de ouro; sua testa, campos elísios; suas sobrancelhas, arcos celestes;

seus olhos são sóis, suas faces rosas, seus lábios corais; pérolas os seus dentes, alabastro o seu colo, mármore o seu peito, marfim suas mãos, de neve sua brancura; e as partes que à vista humana encobriu a honestidade são tais que, segundo penso e entendo, só a discreta consideração pode encarecê-las, sem compará-las.

— Estimaríamos saber a sua linhagem, prosápia e nobreza — replicou Vivaldo.

Ao que Dom Quixote respondeu:

— Não é dos antigos Cúrcios, Gaios e Cipiões romanos; nem dos modernos Colonas e Ursinos; nem dos Moncadas e Requeséns da Catalunha; nem dos Rebelas e Vilanovas de Valência; Palafoxes, Nuzas, Rocabertis, Corelas, Lunas, Alagones, Urreas, Fazes e Gurreas de Aragão; Cerdas, Manrigues, Mendonças e Gusmões de Castela; Alencastros, Palhas e Menezes de Portugal; porém descende dos de Toboso, da Marcha, linhagem que, embora moderna, pode dar generoso princípio às mais ilustres famílias dos séculos vindouros. E não me repliquem a isto, senão com as condições que pôs Cervino ao pé do troféu das armas de Orlando, que rezava:

*Ninguém as mova*

*que com o Roldão não possa pôr-se*

*à prova.*[4]

— Se bem que a minha ascendência seja a dos Cachopins de Laredo[5] — respondeu o caminhante — não ousarei compará-la à de Toboso da Mancha, embora, para dizer verdade, não tenha ainda chegado semelhante apelido aos meus ouvidos.

— Como não deve ter chegado! — exclamou Dom Quixote.

Com grande atenção iam todos escutando a conversa dos dois; e até mesmo os cabreiros e pastores perceberam a excessiva falta de juízo do nosso Dom Quixote. Só Sancho Pança pensava que era verdade tudo o que dizia o amo, sabendo quem era este e o tendo conhecido desde o nascimento. O que punha em dúvida era a história da linda Dulcineia del Toboso, porque nunca tal nome, nem tal princesa haviam chegado ao seu conhecimento, embora vivesse tão perto de Toboso.

Iam assim palestrando, quando viram que, pela quebrada de duas altas montanhas, desciam uns vinte pastores, todos vestidos com pelicos de lã negra e coroados com grinaldas, as quais, pelo que depois se verificou, eram umas de teixo, outras de cipreste. Seis deles traziam um esquife, coberto com muita diversidade de flores e ramos. Vendo aquilo, disse um dos cabreiros:

— Aqueles que vêm ali são os que trazem o corpo de Crisóstomo; e o pé daquela montanha é o lugar onde ele mandou que o enterrassem.

Apressaram o passo, e o fizeram a tempo, pois os outros já haviam depositado no solo o esquife e quatro deles estavam, com agudas picaretas, cavando a sepultura ao lado de uma dura penha.

Receberam-se uns aos outros cortesmente. Dom Quixote e os que com este vinham se puseram logo a mirar o esquife e viram neste um corpo morto, coberto de flores, vestido como pastor e aparentando trinta anos de idade. Embora morto, mostrava que havia tido em vida formoso rosto e disposição galharda. No esquife, ao redor do corpo, havia alguns livros e muitos papéis, uns abertos, outros fechados. Tanto os que aquilo contemplavam como os que abriam a sepultura, e todos os demais que ali estavam, guardavam maravilhoso silêncio. Até que um dos que trouxeram o morto disse a outro:

— Repara bem, Ambrósio, se é este o lugar que Crisóstomo indicou, visto quereres que tão pontualmente se cumpra o que deixou escrito no testamento.

— É este mesmo — respondeu Ambrósio —, pois muitas vezes aqui me contou o infeliz amigo a história da sua desventura. Ali me disse ele que viu pela primeira vez aquela mortal inimiga do gênero humano; foi também ali que, pela primeira vez, a ela declarou o seu intento, tão honesto como enamorado; e foi ali a última vez que acabou Marcela de o desenganar e desdenhar, de modo que pôs fim à tragédia da sua vida miserável. Por isso, e em memória de tantas desditas, quis ele que o depositassem aqui, nas entranhas do eterno olvido.

E volvendo-se para Dom Quixote e para os caminhantes, prosseguiu dizendo:

— Este corpo, senhores, que estais mirando com olhos piedosos, foi depositário de uma alma em quem pôs o céu parte infinita das suas riquezas. Este é o corpo de Crisóstomo, que foi único no engenho, só na cortesia, extremo em gentileza, fênix na amizade, magnífico sem mancha, grave sem presunção, alegre sem baixeza e, finalmente, primeiro em tudo o que é ser bom e sem segundo em tudo o que foi ser desditoso. Soube querer bem, foi aborrecido; adorou, foi desdenhado; rogou a uma fera, importunou a um mármore, correu atrás do vento, bradou à solidão, serviu à ingratidão e alcançou por prêmio ser despojo da morte, no meio do curso da sua vida, à qual deu fim uma pastora, que ele procurava eternizar, para que vivesse na memória das gentes. Tudo isso vo-lo poderiam contar esses papéis que estais vendo, se ele me não tivesse ordenado que os desse ao fogo, logo que o seu corpo fosse dado à terra.

— Usareis com eles — disse Vivaldo — de maior rigor e crueldade que o seu próprio dono, pois não é justo, nem acertado, que se cumpra a vontade de quem ordena o que está fora de todo o razoável; e mal andaria Augusto César, se consentisse na execução de tudo o que o divino Mantuano[6] deixou ordenado no seu testamento. Assim, pois, senhor Ambrósio, dai à terra o corpo do vosso amigo, mas não lhe deis os escritos ao esquecimento. O que ele ordenou, como agravado, não fica bem que vós o cumprais, como indiscreto. Fazei antes, dando vida a estes papéis, que viva sempre a crueldade de Marcela, para que sirva de exemplo aos viventes, nos tempos que hão de vir, a fim de que se apartem e fujam de cair em semelhantes despenhadeiros. Eu e os que aqui viemos já sabemos a história deste vosso enamorado e desesperado amigo; sabemos da vossa amizade, da ocasião da sua morte e do que ordenou ao morrer. Dessa lamentável história se pode deduzir quão grande foi a crueldade de Marcela, o amor de Crisóstomo, a fé da vossa amizade, e qual o paradeiro que têm os que, à rédea solta, correm pela senda que o desvairado amor lhes põe diante dos olhos. À noite soubemos da morte de Crisóstomo e que neste lugar havia de ser enterrado; assim, por curiosidade e lástima, deixamos a nossa verdadeira rota e resolvemos vir ver com os olhos o que tanto nos havia contristado quando o escutamos. E em paga desta lástima e do desejo, que em nós outros nasceu, de remediá-la se pudermos, te rogamos, ó discreto Ambrósio! — ao menos eu te suplico, da minha parte — que, em vez de queimares estes papéis, me deixes levar alguns.

E, sem esperar a resposta do pastor, estendeu a mão e tomou alguns dos que estavam mais perto.

Vendo isso, Ambrósio disse:

— Por cortesia, senhor, consinto que guardeis os que tomastes; mas julgar que deixarei de queimar os que restam é pensamento vão.

Vivaldo, que queria ver o que diziam os papéis, abriu logo um deles e viu que tinha por título: “Canção desesperada”.

Ouviu-o Ambrósio, e disse:

— Esse é o último papel que o infeliz escreveu. E para que vejais, senhor, até que ponto o levaram as desventuras, lede-o de modo que sejais ouvido. Tereis tempo, visto que a abertura do túmulo ainda demora um pouco.

— Fá-lo-ei de muita boa vontade — disse Vivaldo.

Como todos os circunstantes tinham o mesmo desejo, rodearam-no; e ele, lendo com voz clara, viu que assim estava escrito:

# CAPÍTULO XIV

## *Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto, com outros imprevistos sucessos*

### Canção de Crisóstomo*

*Como queres, cruel, que se publique*
*de boca em boca, e saiba toda gente*
*de teu rude rigor a imensa força,*
*farei que o próprio inferno comunique*
*ao triste peito meu um som dolente*
*que minha voz transforme e o tom lhe torça.*
*E a par de meu desejo, que se esforça*
*por dizer minha dor, tuas façanhas,*
*da voz medonha partirá o acento*
*e, nele envoltos, por maior tormento,*
*pedaços destas míseras entranhas.*
*Escuta, pois, e presta atento ouvido,*
*não a som harmonioso, mas ao ruído*
*que sai do fundo deste amargo peito,*
*tangido por delírio imperioso,*
*para meu gozo e para teu despeito.*
*O rugir do leão, o enregelante*
*uivar do ferro lobo, o silvo horrendo*
*de escamosa serpente, o formidável*

*alarido de um monstro, o pressagiante*
*grasnar da gralha, o trovejar tremendo*
*do vento que se arrosta em mar instável;*
*do já vencido touro o insopitável*
*bramido e o arrulhar sentido e terno*
*da rola enviuvada; o triste canto*
*de um invejado mocho,*[1] *e ainda o pranto*
*da negra turba que povoa o inferno*
*misturem-se num som à alma dolente*
*e saiam, de maneira tão pungente,*
*que se confundam os sentidos todos,*
*pois a pena cruel que em mim habita*
*para ser dita pede novos modos.*
*De tanta angústia, nem as ledas águas*
*do pai Tejo ouvirão os tristes ais,*
*nem do famoso Bétis as olivas:*
*pois irão espalhar-se minhas mágoas*
*em altas penhas, pegos abissais,*
*com morta língua e com palavras vivas;*
*Ou por escuros vales, em esquivas*
*praias, despidas de convívio humano,*
*ou onde a luz do sol jamais se espera,*
*ou entre a venenosa turba fera*
*que se abriga no líbico altiplano;*
*pois, mesmo que nos páramos desertos*
*os ecos roucos de meu mal, incertos,*
*soem com teu rigor, tão sem segundo,*
*por privilégio de meus curtos fados*

*serão levados pelo vasto mundo.*
*Mata um desdém; sepulta a paciência,*
*quer verdadeira ou falsa, uma suspeita;*
*matam ciúmes com rigor mais forte;*
*destrói-nos o viver a longa ausência*
*e o receio de olvido nunca aceita*
*firme esperança de ditosa sorte.*
*Em Tudo há certa, inevitável morte;*
*mas eu (milagre nunca visto!) vivo*
*ciumento, ausente, desdenhado, e crendo*
*nessas suspeitas porque vou morrendo.*
*E neste olvido em que meu fogo avivo,*
*entre tantos tormentos, nunca alcança*
*meu olhar ver a sombra da esperança*
*nem no meu desespero eu a procuro:*
*antes, para extremar-me na querela,*
*ficar sem ela eternamente juro.*
*Pode-se porventura, num instante,*
*esperar e temer? É bom fazê-lo*
*se de temor há causas acertadas?*
*Quando o ciúme implacável se levante,*
*por que cerrar os olhos, se hei de vê-lo*
*por mil feridas na alma retalhadas?*
*Como não deixaria escancaradas*
*suas portas à dúvida quem vira*
*descoberto o desdém, verdades feitas*
*(amarga conversão!) suas suspeitas,*
*e as verdades mudadas em mentira?*

*Vós, do reino do amor tirana praga,*
*ciúmes, nestas mãos ponde uma adaga!*
*Dai-me, desdéns, uma torcida soga!*
*Mas, ai de mim, que, com cruel vitória,*
*vossa memória o sofrimento afoga.*
*Eu morro, enfim; e já que nunca espero*
*ventura, quer na morte, quer na vida,*
*hei de ser pertinaz na fantasia.*
*Direi que ando acertado porque a quero,*
*que a alma é mais livre quando mais rendida*
*do Amor à sempiterna tirania.*
*Da inimiga, direi, que me crucia,*
*espelha o corpo lindo a alma formosa*
*e, se me olvida, é só por meu pecado,*
*pois, trazendo-me Amor atormentado,*
*de justa paz seu vasto império goza.*
*Com tais palavras e com duro laço*
*que mais célere torne o extremo passo*
*a que me conduziram seus desdéns,*
*ofertarei aos ventos corpo e alma,*
*sem louro ou palma de futuros bens.*
*Tu, que com sem-razões tamanhas mostras*
*a razão que me força a pôr um termo*
*à fatigada vida que renego,*
*pois bem vês que te dá notórias mostras*
*afunda chega deste peito enfermo*
*de como alegre a teu rigor me entrego,*
*se o claro céu de teu olhar, por cego*

*acaso, escureceu-se ao ver-me morto,*
*não o consintas, pois, ao dar-te tanto,*
*tudo quanto te dou não vale um pranto*
*que os olhos te enevoe em desconforto.*
*Vê, antes, riso na ocasião funesta,*
*meu funeral transforma em tua festa,*
*e perdoa esta inútil advertência,*
*pois hás de ter ventura redobrada*
*vendo acabada, enfim, minha existência.*
*Venho, que é tempo já, da cova escura,*
*Tântalo em sede arder; Sísifo venha*
*sob o peso da pedra que o esmaga;*
*venham Tício e o abutre que o tortura;*
*com sua roda Egion não se detenha,*
*cada Danaide o seu suplício traga;*
*e, todos juntos, sua eterna praga*
*trasladem a meu peito e, em voz dolente,*
*cantem exéquias tristes, comovidas,*
*ao corpo sem mortalha (se devidas*
*a quem morreu desesperadamente).*
*E o cão trifauce que os infernos ronda,*[2]
*à frente de monstruosa turba hedionda,*
*entoe o contraponto amargurado,*
*que funerais melhores não merece*
*quem perece por ver-se desprezado.*
*Canção desesperada, não te queixes*
*quando na negra solidão me deixes;*
*nasces vendo-a feliz por ver-me triste;*

*não me deplores, pois, a sepultura,*
*que em ventura, para ela, só consiste.*

Os ouvintes gostaram da canção de Crisóstomo; mas o que a leu disse achá-la diferente da história que escutara narrar acerca do recato e bondade de Marcela, já que ali se queixava Crisóstomo de ciúmes, suspeitas e de ausência, tudo em prejuízo do bom crédito e boa fama de Marcela. Ao que respondeu Ambrósio (como fiel conhecedor dos mais recônditos pensamentos do amigo):

— Para que vos livreis dessa dúvida, senhor, deveis saber que, quando o infeliz escreveu essa canção, estava ausente de Marcela, de quem se havia afastado por sua vontade para ver se a ausência produziria os efeitos do costume; e como ao namorado ausente não há coisa que não o fatigue, nem temor que não o alcance, assim a Crisóstomo o afligiam os ciúmes imaginários e as suspeitas temidas, como se fossem verdadeiras. E com isto permanece intacta a verdade, que a fama apregoa, da bondade de Marcela, que a própria inveja não deve, nem pode macular, exceto em dizer que ela é cruel, um pouco arrogante e muito desdenhosa.

— É verdade — respondeu Vivaldo.

E quando ia ler outro papel dos que havia roubado ao fogo, interrompeu-o maravilhosa visão (segundo se lhe afigurou), que de repente surgiu aos olhos de todos. Por cima da rocha, onde se cavara a sepultura, apareceu a pastora Marcela, tão formosa que a formosura lhe excedia a fama. Os que não a tinham visto até então olharam-na admirados, em silêncio; e os que já estavam acostumados a vê-la não ficaram menos suspensos do que os que nunca a tinham visto. Mas Ambrósio, mal a divisou, falou-lhe, dando mostras de indignação:

— Vieste ver, talvez, ó fero basilisco destas montanhas! Se, com tua presença, vertem sangue as feridas deste miserável,[3] que foi roubado à vida pela tua crueldade? Ou vens ufanar-te das cruéis façanhas da tua índole? Queres contemplar, dessas alturas, qual outro impiedoso Nero, o incêndio de sua abrasada Roma, ou pisar com arrogância este infeliz cadáver, como a ingrata filha[4] o de seu pai Tarquínio? Dize-nos logo ao que vens, ou que é que mais te agrada, pois, sabendo eu que os pensamentos de Crisóstomo jamais deixaram de obedecer-te em vida, farei que, mesmo ele morto, te obedeçam todos aqueles que se chamaram seus amigos.

— Não venho, ó Ambrósio!, com nenhum dos propósitos que disseste — respondeu Marcela —; venho por mim mesma, para mostrar como são injustos todos aqueles que me culpam de suas penas e da morte de Crisóstomo; rogo, pois, a todos os presentes que me oiçam atentos, porque não precisarei de muito tempo, nem de muitas palavras, para persuadir uma verdade aos discretos. Fez-me o céu formosa, segundo vós outros dizeis, e de tal maneira, que não podeis deixar de amar-me a formosura; e pelo amor que me votais, dizeis, e até quereis que eu esteja obrigada a amar-vos. Sei, com o natural entendimento que Deus me deu, que todo formoso é amável; mas não compreendo a razão por que há de estar obrigado o que é amado por formoso a amar a quem o ama. Poderia ainda acontecer que o amante do formoso fosse feio, e sendo o feio digno de ser aborrecido, ficaria muito mal dizer: “Quero-te por seres formosa; hás de amar-me, ainda que eu seja feio.” Todavia, mesmo supondo que sejam iguais as formosuras, nem por isso hão de igualar-se os desejos, já que nem todas as formosuras atraem; algumas há que alegram a vista, mas não subjugam a vontade. Se todas as belezas atraíssem e subjugassem, andariam as vontades desencaminhadas e confusas, sem saber onde haveriam de parar: porque, sendo infinitos os objetos formosos, infinitos haveriam de ser os desejos. E, segundo ouvi dizer, o verdadeiro amor não se divide, há de ser voluntário, e não forçado. Sendo assim, como creio que é, por que quereis submeter minha vontade pela força, obrigada só por dizerdes que me quereis bem? Se não, respondei-me: se, em vez de bela, me fizesse o céu feia, fora justo que me queixasse de vós, por não me amardes? Demais, haveis de considerar que não escolhi a formosura que tenho, pois, tal qual é, o céu ma deu de graça, sem que eu a pedisse, nem a escolhesse; assim como não tem culpa a víbora da peçonha que traz, embora mortífera, por lha haver dado a natureza, tampouco mereço ser repreendida por formosa, porque a formosura, na mulher honesta, é como o fogo distante, ou a espada afiada, que nem ele queima, nem ela corta a quem se lhes não aproxima. A honra e as virtudes são adornos da alma, sem os quais não deve o corpo parecer formoso, ainda que o seja. E se a honestidade é uma das virtudes que ao corpo e alma adornam e aformoseiam mais, por que há de perdê-la a que é amada por formosa, para corresponder à intenção daquele que, só por seu gosto e com todas as suas forças e indústrias, deseja que a perca? Nasci livre e, para livre poder viver, escolhi a solidão dos campos: as árvores destas montanhas são as minhas companheiras, as claras águas destes arroios meus espelhos; às árvores e às águas comunico meus pensamentos e minha formosura. Sou fogo distante e espada que em ninguém toca. Aos que se enamoraram de mim pela vista, desenganei por palavras; e se os desejos se sustentam com esperanças, não as tendo eu dado a Crisóstomo, nem a qualquer outro, bem se pode dizer que o matou mais a sua teima do que a minha crueldade. Pode-se-me objetar que eram honestos os seus pensamentos e que, por isso, estaria eu obrigada a lhes corresponder; respondo, porém, que, neste mesmo lugar onde hoje se cava a sua sepultura, quando ele me revelou a bondade dos seus intentos, disse-lhe eu que os meus consistiam em viver na perpétua solidão, a fim de que só a terra gozasse o fruto do meu recolhimento e guardasse os despojos da minha formosura; e se ele, apesar de todo este desengano, porfiou em lutar contra a esperança e navegar contra o vento, que muito que se afogasse no meio do golfo do seu desatino? Se eu o entretivesse, seria falsa; se o contentasse, agiria contra o melhor dos meus intentos e resoluções. Desenganado, teimou; desesperou, sem ser aborrecido. Dizei-me, agora, se têm razão os que me assacam a culpa dos seus padecimentos? Queixe-se o enganado, desespere-se aquele a quem faltaram as prometidas esperanças. O que eu chamar, confie; o que eu aceitar, ufane-se; mas não me chame de cruel, nem de homicida, aquele a quem não prometi, não enganei, não chamei, nem aceitei. Por ora ainda não quis o céu que eu amasse por destino; e é escusado pensar que terei de amar por eleição. Que este desengano geral sirva de lição a cada um daqueles que me solicitam para seu particular proveito; e desde já fica entendido que, se alguém morrer por mim daqui por diante, não morre de ciúmes, nem desventurado, pois não se deve ter ciúmes de quem a ninguém ama, nem podem os desenganos ter-se à conta de desdéns. O que me chama fera e basilisco, deixe-me como coisa prejudicial e má; o que me chama ingrata, não me sirva; quem me julga desconhecida, que não me conheça; quem me acha cruel, que não me siga. Pois esta fera, este basilisco, esta ingrata, esta cruel e esta desconhecida não os buscará, nem servirá, nem conhecerá, nem seguirá de maneira alguma. Se a Crisóstomo matou sua impaciência e arrojado desejo, por que se há de culpar o meu recatado e honesto proceder? Se conservo a minha pureza na companhia das árvores, por que hão de querer que a perca na companhia dos homens? Como sabeis, tenho riquezas próprias e não cobiço as alheias; sou livre e não gosto de me sujeitar; não quero, nem aborreço ninguém; não engano a este, nem solicito àquele; não zombo de um, nem me divirto com outro. A conversação honesta das pastoras destas aldeias e o trato das minhas cabras me entretêm; meus desejos se confinam nestas montanhas e, se daqui saem, é para contemplar a formosura do céu — passos com que caminha a alma para a sua morada primeira.

Dizendo isto, e sem querer ouvir resposta, Marcela voltou as costas e desapareceu na parte mais densa de um monte que havia ali perto, deixando admirados os presentes, tanto da sua discrição como da sua formosura. Alguns (dentre os que tinham sido feridos pelas poderosas setas dos raios dos seus lindos olhos) deram mostras de querer segui-la, a despeito do formal desengano que tinham ouvido. Percebeu-o Dom Quixote, que logo julgou oportuno usar a sua cavalaria, socorrendo as donzelas necessitadas; por isso, pôs a mão no punho da espada e disse, em voz alta e inteligível:

— Pessoa alguma, de qualquer estado e condição que seja, se atreva a seguir a formosa Marcela, sob pena de cair na fúria da minha indignação. Ela mostrou, com razões claras e mais do que suficientes, a pouca ou nenhuma culpa que teve na morte de Crisóstomo e quão alheia vive de condescender com os desejos de qualquer dos seus amantes. É justo, pois, que, em lugar de ser seguida e perseguida, seja ela honrada e estimada de todos os homens bons deste mundo, já que nele é só ela que vive com tão honestos propósitos.

Fosse pelas ameaças de Dom Quixote, fosse porque Ambrósio lhes disse que concluíssem o que deviam ao bom amigo, nenhum dos pastores se moveu, nem se apartou dali, até que, acabada a sepultura e queimados os papéis de Crisóstomo, puseram-lhe o corpo nela, não sem muitas lágrimas dos circunstantes. Cobriram a sepultura com uma pedra tosca, enquanto não se acabava uma lousa que, segundo disse Ambrósio, pensava mandar fazer, com um epitáfio que soaria assim:

*Aqui jaz de um amador*
*o pobre corpo gelado;*
*foi ele pastor de gado,*
*perdido por desamor.*
*Morreu às mãos do rigor*

*de uma esquiva e linda ingrata,*
*com quem seu reino dilata*
*a tirania do amor.*

Por cima da sepultura, esparziram muitas flores e ramos. E após darem os pêsames ao amigo do defunto, Ambrósio, todos se despediram. O mesmo fizeram Vivaldo e seu companheiro. Dom Quixote se despediu dos hospedeiros e dos caminhantes, os quais lhe rogaram que os acompanhasse a Sevilha, por ser lugar de aventuras fáceis, onde em cada rua e em cada esquina elas se oferecem mais que em qualquer outro. Agradeceu-lhes Dom Quixote a recomendação e o ânimo que mostravam de agradá-lo; mas disse que, por enquanto, não queria nem devia ir a Sevilha, até que tivesse expurgado todas aquelas serras de malandros e ladrões — dos quais, segundo era fama, andavam todas cheias. Vendo-lhe a boa determinação, não quiseram mais importuná-lo os caminhantes; despediram-se outra vez e o deixaram, prosseguindo viagem e levando muito que contar, não só da história de Marcela e Crisóstomo, mas também das loucuras de Dom Quixote. Quanto a este, resolveu ir à cata da pastora Marcela e oferecer-lhe tudo o que podia para servi-la. Todavia, não lhe correram os fados como pensava, conforme se contara no decurso desta verídica história, cujo Livro II finaliza neste ponto.

# Nota

[*] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

# LIVRO III

# CAPÍTULO XV

## *Onde se conta a desgraçada aventura que a Dom Quixote ocorreu, num encontro com desalmados galegos*

Conta o sábio Cide Hamete Benengeli que, assim que Dom Quixote se despediu dos hospedeiros e de todos os que se achavam no enterro do pastor Crisóstomo, ele e o escudeiro se entranharam pelo mesmo bosque onde viram sumir a pastora Marcela; e após perambularem por mais de duas horas, buscando-a em toda parte, sem poderem achá-la, foram ter a um prado cheio de viçosa erva, junto ao qual corria fresco o aprazível arroio, que os convidou e forçou a passar ali as horas da sesta, cujo rigor já se avizinhava. Apearam-se Dom Quixote e Sancho; e, deixando o jumento e o Rocinante pastar à vontade na abundante verdura que ali havia, deram saque aos alforjes e, sem cerimônia alguma, em boa paz e companhia, amo e servo comeram do que neles acharam. Sem cuidado, soltara Sancho as rédeas do Rocinante, certo de ser ele tão manso e tão pouco bulhento que todas as éguas da devesa de Córdova o não fariam desmandar-se. Porém a sorte, ou o diabo, que nem sempre dorme, fez que andasse por aquele vale pascendo uma manada de poldras galizianas de uns arrieiros galegos, que destes é costume repousar, com sua récua, em lugares e sítios de erva e água; e aquele, onde acertou de achar-se Dom Quixote, era bem apropriado para os tais galegos. Sucedeu, pois, que ao Rocinante lhe veio o desejo de refocilar-se com as senhoras poldras; mal as farejou, saiu-se do seu natural passo e costume, sem pedir licença ao dono, e, dando o seu trotezinho algum tanto picado, foi ter com elas e participar-lhes a sua necessidade. Porém elas, que pareciam ter mais ganas de pastar que de outra coisa, receberam-no com as ferraduras e a dentadas, de tal maneira que, em pouco tempo, lhe rebentaram as cilhas e o deixaram em pelo, sem a sela. O que mais o magoou, todavia, foi que, vendo os arrieiros que lhes iam forçar as éguas, acudiram com estacas e tantas pauladas lhe deram, que o derrubaram ao chão, em lastimoso estado.

Já então chegavam, arquejantes, Dom Quixote e Sancho, que tinham visto a surra dada ao Rocinante; e ao servo disse o amo:

— Pelo que vejo, amigo Sancho, aqueles não são cavaleiros, mas gente soez e de baixa ralé. Digo-o, porque bem me podes ajudar a tomar a devida vingança do agravo que, ante os nossos olhos, se fez ao Rocinante.

— Que diabo de vingança havemos de tomar — respondeu Sancho — se eles são mais de vinte, e nós apenas dois, ou — quem sabe? — não mais de um e meio?

— Eu valho por cem — replicou Dom Quixote.

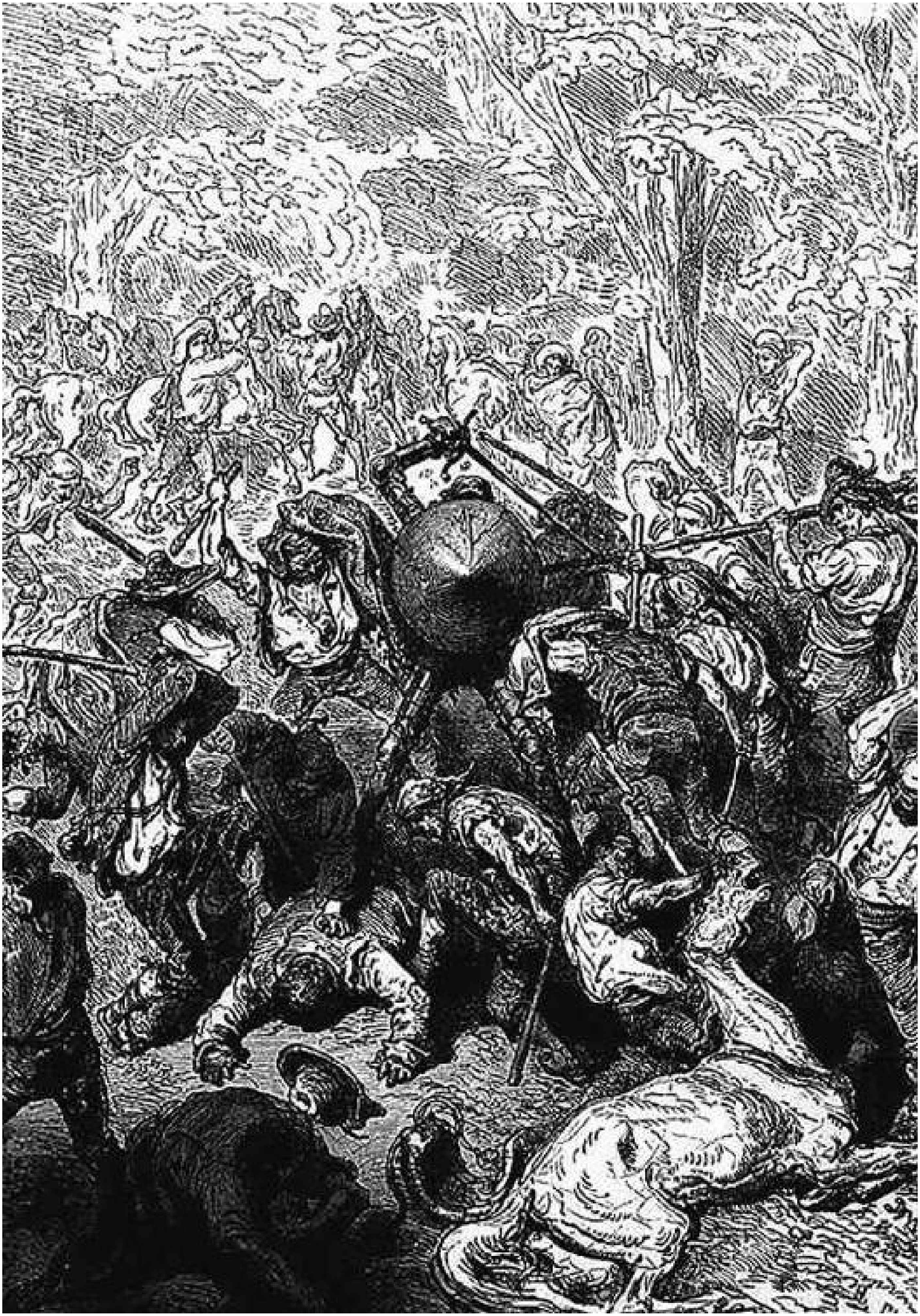
E, sem mais discurso, brandiu a espada e avançou contra os galegos. O mesmo fez Sancho Pança, incitado e movido pelo exemplo do amo. Para começar, deu Dom Quixote uma cutilada num, que lhe abriu um saio de couro, que trazia vestido, e grande parte do ombro.

Os galegos, que se viram atacados por aqueles dois homens sozinhos, sendo eles tantos, correram às estacas e, metendo aos dois no meio, principiaram a malhar neles, com grande afinco e veemência. Na verdade, logo à segunda lambada, jogaram Sancho ao chão, o mesmo acontecendo a Dom Quixote, sem que lhe valessem a sua destreza e bom ânimo; e quis a sorte que viesse a cair aos pés do Rocinante, que ainda não se tinha erguido — por onde se vê a fúria com que machucam bordões, postos em mãos rústicas e raivosas. Vendo os galegos o mau serviço que tinham feito, carregaram a récua, com a maior presteza que puderam, e seguiram caminho, deixando os dois aventureiros em mau estado e de pior talante.

O primeiro que deu sinal de si foi Sancho Pança. Aproximando-se do amo, exclamou com voz enferma e lastimosa:

— Senhor Dom Quixote! Ah! senhor Dom Quixote!

— Que queres, irmão Sancho? — respondeu Dom Quixote, com o mesmo tom afeminado e dolente de Sancho.



— Queria, se fosse possível — acudiu Sancho Pança —, que vosmecê me desse dois tragos daquela bebida do feio Brás,[1] se é que a tem vosmecê aí à mão; talvez seja tão útil aos ossos quebrados como às feridas.

— Pois se eu a tivesse aqui, desgraçado de mim, que mais nos faltaria? — respondeu Dom Quixote. — Mas eu te juro, Sancho Pança, palavra de cavaleiro andante, que, antes de passarem dois dias, se a fortuna não ordenar outra coisa, a hei de ter em meu poder, ou ruins mãos serão as minhas.

— Mas em quantos dias lhe parece a vosmecê que poderemos mover os pés? — inquiriu Sancho Pança.

— De mim sei dizer — replicou o moído cavaleiro Dom Quixote — que não posso agora contar esses dias. Mas sou o culpado de tudo, porque não devia ter brandido a espada contra homens que não fossem armados cavaleiros como eu. Creio assim que, como punição por haver infringido as leis da cavalaria, o deus das batalhas permitiu que se me desse tal castigo. Convém, por isso, Sancho Pança, que fiques tu desde já avisado do que te vou dizer, porque interessa muito à saúde de nós ambos: é que, quando vires que semelhante canalha nos faz algum agravo, não esperes que eu levante a espada contra eles, porque não o farei de maneira alguma; tu, sim, é que, por tua mão e tua espada, terás de castigá-los à tua vontade. Se em sua ajuda e defesa acudirem cavaleiros, então sim, eu te saberei defender e ofendê-los com todo o meu poder; e tu já viste, por mil sinais e experiências, até onde se estende o valor deste meu braço forte.

Tal crescera em arrogância o pobre fidalgo, depois de vencer o valente biscainho!

Mas não pareceu tão bom a Sancho Pança o conselho do amo, pois lhe respondeu, dizendo:

— Senhor, sou homem pacífico, manso, sossegado, e sei dissimular qualquer injúria, porque tenho mulher e filhos para sustentar e criar. Portanto, fique vosmecê também avisado — já que não pode ser mandado — de que jamais erguerei a espada contra vilão, nem contra cavaleiro, em nenhuma circunstância; e daqui por diante, perante Deus, perdoo quantos agravos que me têm feito e me hão de fazer, embora mos tenha feito, ou faça, ou haja de fazer pessoa alta ou baixa, rico ou pobre, fidalgo ou plebeu, sem excetuar nenhum estado ou condição.

Ao que o amo retrucou:

— Quisera ter alento para poder falar um pouco descansado, e que a dor, que tenho nesta costela, se aplacasse o bastante para dar-te a entender, Pança, o erro em que estás. Vem cá, pecador: se o vento da fortuna, até agora tão contrário, se voltar em nosso favor, enchendo-nos as velas do desejo, para que, seguramente e sem contraste algum, aportemos em alguma das ilhas que te prometi, que seria de ti se, ganhando-a eu, te fizesse senhor dela? Virás tu a impossibilitá-lo, por não seres cavaleiro, nem quereres sê-lo, nem teres o valor e a intenção de vingar tuas injúrias e defender teu senhorio. Porque hás de saber que, nos reinos e províncias recentemente conquistados, nunca estão quietos os ânimos dos seus naturais, nem tão favoráveis ao novo senhor, que se não tema alguma novidade para alterar outra vez as coisas e volver, como dizem, a tentar nova sorte. Assim, é preciso que o novo possuidor tenha entendimento para saber governar e valor para ofender e defender-se, em qualquer circunstância.

— No que agora nos sucedeu — retrucou Sancho — quisera eu ter esse entendimento e esse valor que vosmecê diz; juro, porém, palavra de pobre homem, que estou mais para emplastros que para conversas. Experimente vosmecê se se pode levantar, e ajudemos ao Rocinante, embora ele não o mereça, porque foi a causa principal de todo este desconcerto. Nunca esperei tal coisa do Rocinante; julgava-o pessoa casta e tão pacífica como eu. Enfim, bem dizem que é preciso muito tempo para se conhecerem as pessoas e que não há nada seguro nesta vida. Quem havia de dizer que, atrás de tão grandes cutiladas, que vosmecê deu naquele desventurado cavaleiro andante, iria advir-nos, tão depressa e logo após, esta enorme tempestade de paus, que se descarregou sobre as nossas costas?

— As tuas, Sancho? — replicou Dom Quixote — devem estar acostumadas a semelhantes borrascas; mas as minhas, que foram criadas entre sedas[2] e finíssimos lençóis, claro é que sentirão mais a dor desta desgraça. E se não fosse por imaginar — imaginar! Que digo? — por saber, com toda a certeza, que todos esses incômodos soem acompanhar o exercício das armas, aqui me deixaria morrer de pura vergonha.

Replicou o escudeiro:

— Senhor, já que estas desgraças são frutos da cavalaria, diga-me vosmecê se acontecem com muita frequência, ou se se limitam a certas e determinadas épocas; porque a mim me parece que, após duas colheitas destas, ficaremos inutilizados para a terceira, se Deus não nos socorrer, na sua misericórdia infinita.

— Deves saber, amigo Sancho — respondeu Dom Quixote —, que a vida dos cavaleiros andantes está sujeita a mil perigos e desventuras, assim como, nem mais nem menos, estão eles a pique de serem reis e imperadores, como o demonstrou a experiência em muitos e diversos cavaleiros, de cujas histórias tenho cabais informações. Poderia falar-te agora, se a dor mo permitisse, de alguns, que, só pelo valor do seu braço, subiram aos altos graus que referi; e estes mesmos se viram, antes e depois, em diversas calamidades e misérias. O valoroso Amadis de Gaula caiu, certa vez, em poder do seu mortal inimigo Arcalaus, o feiticeiro, e este, segundo foi averiguado, mantendo-o preso, lhe deu mais de duzentos açoites com as rédeas do seu cavalo, atado à coluna de um pátio. Também há um autor secreto e de não pouco crédito, que diz que, havendo esbarrado o Cavaleiro do Febo em certo alçapão, que se lhe abriu debaixo dos pés em certo castelo, caiu ali e se achou numa profunda cova subterrânea, atado de pés e mãos; e ali lhe deram um desses clisteres chamados de água de neve e areia e que o deixou nas últimas; pior ainda ficaria, se não fosse socorrido naquela enormíssima aflição por um grande sábio seu amigo. Assim, pois, bem posso eu passar também pelos transes por que passou tanta gente boa, que padeceu maiores afrontas que as nossas de agora. Quero que saibas, Sancho, que não afrontam as feridas que se fazem com os instrumentos que por acaso se achem nas mãos, e isso está escrito na lei do duelo, em palavras expressas: que se o sapateiro dá noutrem com a fôrma que tem na mão, posto que seja verdadeiramente de pau, nem por isso se dirá que levou paulada aquele que com ela apanhou. Digo isto, para que não penses que saímos desta peleja injuriados, só porque apanhamos; pois as armas que aqueles homens empunhavam e com que nos machucaram não eram senão os seus paus, e nenhum deles, se bem me lembro, trazia estoque, espada ou punhal.

— A mim não me deram tempo de reparar nisso — respondeu Sancho —, porque, mal pus a mão na minha durindana, me benzeram os ombros com seus paus, de maneira que se me foi a vista dos olhos e a força dos pés, caindo eu onde agora me encontro e onde pouco me importa saber se foram afronta, ou não, as bordoadas; o que me importa é a dor dos golpes, que me hão de ficar tão impressos na memória como no lombo.

— Com tudo isso hás de saber, irmão Pança — replicou Dom Quixote —, que não há lembrança que o tempo não apague, nem dor que a morte não consuma.

— E que desdita pode haver maior — replicou Pança — que aquela que só o tempo consome e a morte acaba? Se esta nossa desgraça fosse das que se curam com um par de emplastros, não seria tão mau; mas já estou vendo que não hão de bastar todos os emplastros de um hospital para nos pôr sequer em bom caminho.

— Deixa-te disso e colhe forças na fraqueza, Sancho — respondeu Dom Quixote —; o mesmo farei eu. Vejamos como vai o Rocinante, pois, ao que me parece, não lhe coube ao pobre menor quinhão que a nós outros nesta desgraça.

— Não admira que tal lhe tivesse acontecido — acudiu Sancho — sendo ele tão bom cavaleiro andante; só me surpreende que haja saído livre e ileso o meu jumento de onde saímos nós outros sem costelas.

— Sempre deixa a ventura uma porta aberta nas desditas, para remediá-las — disse Dom Quixote. — E se o afirmo, é porque essa bestinha poderá suprir agora a falta do Rocinante, conduzindo-me a algum castelo, onde possa curar estas feridas. Não me desonrará tal montaria, porque me lembro de haver lido que aquele bom velho Sileno, aio e pedagogo do alegre deus do riso, quando entrou na cidade das cem portas,[3] ia muito a seu gosto cavalgando formosíssimo asno.

— Na verdade, devia ir cavalgando, como diz vosmecê — ponderou Sancho —; mas há grande diferença entre ir cavalgando e ir atravessado como um monte de trapos.

Ao que Dom Quixote respondeu:

— As feridas que se recebem nas batalhas, antes dão honra do que a tiram; assim, Pança amigo, não me repliques mais; como já te disse, levanta-te o melhor que puderes e põe-me, da maneira que melhor te agradar, em cima do teu jumento. E vamo-nos daqui, antes que a noite caia, e nos apanhe neste despovoado.

— Pois já ouvi vosmecê dizer — observou Pança — que é próprio dos cavaleiros andantes dormir nos páramos e desertos a maior parte do ano, e com isto se sentem muito felizes.

— Isto acontece — explicou Dom Quixote — quando não podem mais, ou quando estão enamorados; e tanto é verdade, que houve cavaleiro que se deixou ficar sobre uma rocha dois anos a fio, exposto ao sol, à sombra e às inclemências do céu, sem que o soubesse a sua dama. Um destes foi Amadis, quando, chamando-se Beltenebros,[4] se alojou na Penha Pobre, não sei se oito anos ou oito meses, pois não me lembro bem da conta. Basta saber que ele esteve ali fazendo penitência por não sei que dissabor, que lhe causou a senhora Oriana. Mas deixemos isto, Sancho, e acaba tu, antes que suceda ao jumento outra desgraça, como ao Rocinante.

— Isto seria o diabo — fez Sancho.

E, soltando trinta ais, sessenta suspiros, centro e vinte imprecações contra quem o havia arrastado até ali, se levantou, mas logo derreou o corpo na metade do caminho, como arco turquesco[5] sem poder acabar de endireitar-se; e, com todo esse trabalho, aparelhou o asno, que também havia andado algo distraído com a demasiada liberdade daquele dia. Depois levantou o Rocinante, que, se tivera língua para queixar-se, nem Sancho, nem seu amo lhe fariam parelha. Por último, Sancho acomodou Dom Quixote sobre o asno, prendeu o Rocinante pelas rédeas e, puxando o asno pelo cabresto, se encaminhou, pouco mais ou menos, para onde lhe pareceu que estava o caminho real. Por sorte, as coisas lhe iam correndo agora de bem a melhor, pois não andara ainda uma curta légua e já se lhe deparava o caminho, no qual descobriu uma venda, que, a seu pesar e a gosto de Dom Quixote, havia de ser um castelo. Teimava Sancho que era uma venda e seu amo que não, que era castelo; tanto durou a teima que, sem acabá-la, tiveram tempo de chegar ao local, onde Sancho penetrou, sem mais indagações, com toda a sua récua.

# CAPÍTULO XVI

## *Do que sucedeu ao engenhoso fidalgo na venda, que ele imaginava ser castelo*

O vendeiro, que viu Dom Quixote atravessado no asno, perguntou a Sancho que mal tinha. Respondeu-lhe este que não era nada, mas que havia caído de um rochedo abaixo e trazia as costelas algum tanto machucadas. A mulher do vendeiro tinha índole diversa da que costumam ter as de semelhante condição, porque era naturalmente caritativa e se condoía das calamidades do próximo: assim, acudiu logo em auxílio de Dom Quixote e fez que uma filha sua, donzela, moça e de muito boa aparência, a ajudasse a curar o hóspede. Servia também na venda uma criada asturiana, larga de cara, lisa de cogote, nariz rombo, torta de um olho e não muito sã do outro. Verdade é que a galhardia do corpo lhe supria as outras faltas: não tinha sete palmos dos pés à cabeça, e os ombros, que algum tanto se vergavam, faziam-na olhar mais para o chão do que quisera. Foi esta moça gentil que ajudou a donzela; e as duas prepararam péssima cama para Dom Quixote, num cômodo, que dava manifestos indícios de haver servido, noutros tempos e durante muitos anos, de palheiro. Ali se alojava também um arrieiro, que tinha a cama armada um pouco mais além da do nosso Dom Quixote e que, embora feita das enxergas e mantas dos seus machos, se avantajava muito à do fidalgo. Esta só continha quatro tábuas mal estendidas sobre dois bancos desiguais; um colchão que, de tão fino, mais parecia colcha, recheado de bolotas que, se não mostrassem por alguns rasgões serem de lã, ao tato e pela dureza semelhavam calhaus; dois lençóis feitos de couro de adarga; e um cobertor, cujos fios, de tão poucos, se podiam contar, sem errar na conta um só.

Nesta maldita cama se deitou Dom Quixote. E logo a vendeira e a filha o emplastraram de alto a baixo, enquanto Maritornes (assim se chamava a asturiana) segurava a luz. Mas tinha o corpo de Dom Quixote, em muitas partes, tantas manchas roxas, que disse a vendeira mais parecerem obra de pancadas que de queda.

— Não foram pancadas — explicou Sancho —; é que a rocha tinha muitos picos e barrancos, e cada qual deixou a sua marca.

E acrescentou:

— Faça vosmecê, minha senhora, de maneira que sobrem algumas estopas, pois não faltará quem delas precise; também a mim me doem um pouco os lombos.

— Então — respondeu a vendeira — também o senhor deve ter caído.

— Não caí — disse Sancho Pança —; mas do sobressalto que tive, ao ver cair o meu amo, me ficou a doer de tal maneira o corpo, que é como se me tivessem dado mil pauladas.

— Bem pode ser isto — interveio a donzela — pois a mim já me tem acontecido, muitas vezes, sonhar que caía de uma torre abaixo e que nunca acabava de chegar ao solo; e quando despertava, me achava tão moída e quebrantada como se verdadeiramente tivesse caído.

— É isso mesmo, minha senhora — atalhou Sancho Pança —; também eu, sem nada sonhar e estando mais desperto do que estou agora, me acho com não menos contusões que o meu senhor Dom Quixote.

— Como se chama este cavaleiro? — perguntou a asturiana Maritornes.

— Dom Quixote de la Mancha — respondeu Sancho Pança —; é cavaleiro de venturas, e dos melhores e mais fortes que de longo tempo a esta parte se têm visto no mundo.

— Que é um cavaleiro de aventuras? — inquiriu a moça.

— Tão nova sois no mundo que não o sabeis? Pois sabei, irmã — continuou Sancho —, que um cavaleiro de aventuras é um sujeito que, com duas cajadadas, se vê espancado e imperador. Hoje é a mais infeliz criatura do mundo e a mais necessitada; amanhã terá duas ou três coroas reais, para dar ao seu escudeiro.

— Como é então que vós, que pertenceis a tão bom senhor — disse a vendeira —, não tendes, ao que parece, sequer algum condado?

— Ainda é cedo — respondeu Sancho —, porque há apenas um mês que andamos à cata de aventuras, e até agora ainda não achamos nenhuma que venturosa seja; às vezes, a gente procura uma coisa e acha outra. Verdade é que, se o meu senhor Dom Quixote sara desta ferida ou queda e eu não me aleijo com ela, não troco as minhas esperanças pelo melhor título de Espanha.

Dom Quixote escutara toda essa conversa muito atento; e, sentando-se no leito como pôde, pegou na mão da vendeira e disse:

— Crede-me, formosa senhora, que vos podeis chamar venturosa por terdes alojado neste vosso castelo a minha pessoa, que é tal que, se eu a não louvo, é porque se costuma dizer que o louvor próprio é vitupério; mas o meu escudeiro vos dirá quem sou. Só vos digo que trarei eternamente gravado na memória o serviço que me haveis prestado, para vo-lo agradecer enquanto me dure a vida. Se aos altos céus prouvesse que o amor não me tivera tão seu escravo, tão sujeito às suas leis e ao olhar daquela formosa ingrata, cujo nome murmuro entre dentes, juro que os olhos desta linda donzela seriam agora senhores da minha liberdade.

Confusas ficaram a vendeira, a filha e a boa Maritornes, ao ouvirem as razões do cavaleiro andante. Tanto as entenderam como se falasse em grego, embora compreendessem que continham todas oferecimentos e requebrados. Como não estavam acostumadas a semelhante linguagem, miravam-no e admiravam-se, julgando que ali estava um homem diferente dos outros. Em língua de taverna lhe agradeceram as oferendas e o deixaram. A asturiana Maritornes tratou de Sancho, que não carecia menos disso que o amo.

Havia o arrieiro combinado com ela que, naquela noite, se refocilariam juntos, dando-lhe a moça a palavra de que, quando se aquietassem os hóspedes e dormissem os amos, iria ter com ele, para satisfazer-lhe o apetite quanto quisesse. Conta-se que esta boa moça nunca fez tais promessas que as não cumprisse, embora as fizesse aos montes e sem testemunha alguma, porque tinha muita presunção de fidalguia e não considerava afronta aquela profissão de empregada na venda: dizia que as desgraças e os maus sucessos é que a tinham reduzido àquele estado. O duro, estreito, apoucado e fingido leito de Dom Quixote ficava em primeiro lugar e bem no meio daquele estrelado estábulo;[1] junto ao dele, fez Sancho o seu, que só continha uma esteira de junco e uma manta, que antes mostrava ser de estopa tosada que de lã. A estes dois leitos sucedia o do arrieiro, fabricado, como já se disse, das enxergas e de todo o adorno dos dois melhores machos que trazia — os quais, ao todo, eram 12, gordos, luzidios e famosos, pois se tratava de um dos ricos arrieiros de Arévalo, segundo diz o autor desta história, que faz desse arrieiro particular menção, porque o conhecia muito bem e até parece que era um pouco parente seu.[2] Seja dito, de passagem, que Cide Hamete Benengeli foi historiador muito curioso e em tudo assaz pontual, o que bem se patenteia, pois as coisas que aqui vêm referidas, apesar de tão pequeninas e rasteiras, não as quis ele passar em silêncio; o que pode servir de exemplo para os historiadores graves, que nos relatam as ações tão curta e sucintamente, que mal nos chegam aos lábios, deixando-se no tinteiro, por descuido, malícia ou ignorância, o mais substancial da obra. Bem haja, mil vezes, o autor do *Tablante de Ricamonter*,[3] e o do outro livro, onde se contam os feitos do *Conde Tomilbas*![4] E com que pontualidade se descreve tudo!

Mas voltemos à história. Depois que o arrieiro inspecionou a récua e lhe deu a segunda ração, se estendeu nas enxergas e ficou à espera da pontualíssima Maritornes. Já estava Sancho emplastrado e deitado, e, embora procurasse dormir, não lho permitia a dor das costelas. E Dom Quixote, com a dor das suas, tinha os olhos abertos como lebre.[5] Toda a venda estava em silêncio e outra luz não havia além da que dava uma lanterna acesa e pendurada no meio do portal.

Essa maravilhosa quietude e as lembranças que sempre trazia o nosso cavaleiro dos sucessos, que a cada passo se contam nos livros autores da sua desgraça, lhe despertaram na imaginação uma das estranhas loucuras que bem se podem figurar: foi a de imaginar ele ter chegado a um famoso castelo (pois, como já se disse, castelos lhe pareciam todas as vendas onde se alojava) e que a filha do vendeiro o era do senhor do castelo; cativa da sua gentileza, a moça se enamorara dele e lhe prometera que, naquela noite, a ocultas dos pais, viria ter com ele um bom pedaço. Julgando firme e valiosa toda essa quimera, por ele mesmo fabricada, começou a afligir-se e a pensar no perigoso transe em que a sua honestidade se iria meter; mas de coração prometeu não trair a lembrança da sua senhora Dulcineia del Toboso, ainda que se defrontasse com a própria rainha Ginebra e a sua camareira Quintanhona.[6]

Enquanto se entretinha com esses disparates, chegou o tempo e a hora (que para ele foi minguada) da vinda da asturiana, a qual, em camisola e descalça, com os cabelos enrolados numa coifa de fustão, passos silenciosos e vigilantes, penetrou no aposento onde se alojavam os três, em busca do arrieiro. Mas, logo que chegou à porta, percebeu-a Dom Quixote, que se sentou na cama e, apesar dos emplastros e da dor das costelas, estendeu os braços para receber sua formosa donzela. A asturiana ia toda encolhida e calada, com as mãos adiante, procurando o seu querido, quando esbarrou nos braços de Dom Quixote, o qual lhe travou fortemente da mão, puxando-a para si, e, sem que ela ousasse murmurar palavra, a fez sentar-se na cama. Apalpou-lhe a camisola, que, embora fosse de sarapilheira, lhe pareceu de finíssimo e delgado véu. Trazia nos pulsos umas contas de vidro, que lhe deram a ele vislumbres de preciosas pérolas orientais. Os cabelos, que de certa maneira tinham aspecto de crinas, julgou-os fios de luzidíssimo ouro da Arábia, cujo resplendor obscurecia o próprio sol. E o hálito, que, sem dúvida alguma, cheirava a restos de carne salgada e tresnoitada, afigurou-se-lhe arrojar da boca suave e aromático perfume. Finalmente, pintou-a na imaginação da mesma maneira como tinha lido nos livros acerca da outra princesa,[7] que veio ver o malferido cavaleiro, vencida dos seus amores, com todos os adornos que aqui foram descritos. Era tanta a cegueira do pobre fidalgo, que nem o tato, nem o hálito, nem outras coisas que trazia em si a boa rapariga o desenganavam, embora pudessem fazer vomitar a qualquer outro que não fosse arrieiro; antes lhe parecia ter nos braços a deusa da formosura. Estreitando-a bem, começou a dizer-lhe, em baixa e amorosa voz:

— Quisera eu, formosa e digna senhora, poder pagar tamanha mercê, como esta que me haveis feito com a visão da vossa grande formosura; mas a sorte (que não se cansa de perseguir os bons) quis pôr-me neste leito, onde me acho tão moído e quebrantado, que, por maior vontade que eu tivesse de vos satisfazer, seria impossível. E a esta impossibilidade se junta outra maior, porque prometi ser fiel à incomparável Dulcineia del Toboso, única senhora dos meus pensamentos mais ocultos. Não fora isto, e eu não seria cavaleiro tão sandeu que deixasse passar em branco a feliz ocasião que a vossa grande bondade me proporcionou.

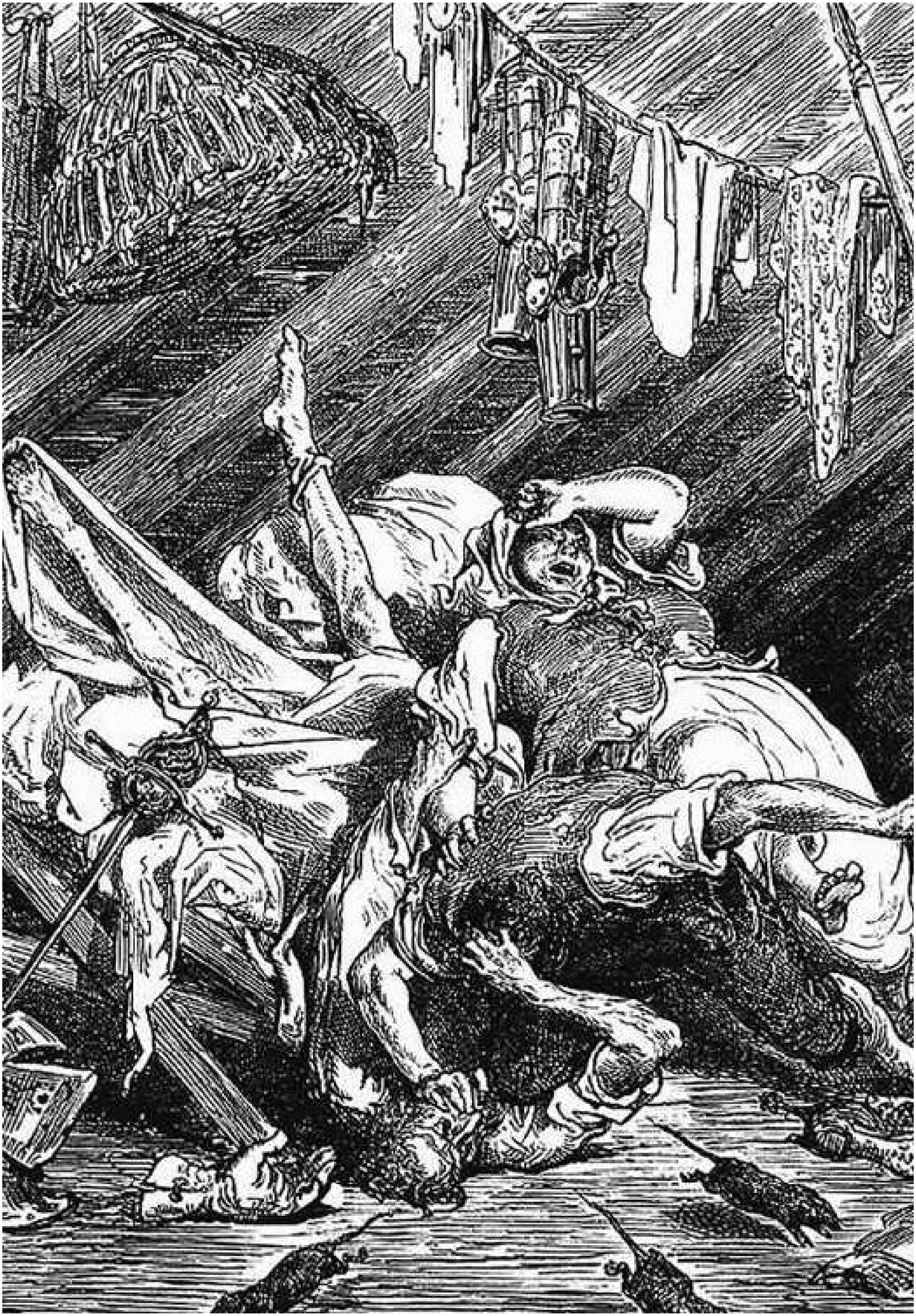
Maritornes estava aflitíssima e já suava, por se ver tão apertada nos braços de Dom Quixote; não entendia, nem prestava atenção às palavras que ele proferia, mas em silêncio tentava desvencilhar-se. O bom do arrieiro, que os maus desejos mantinham acordado, sentiu a fêmea estar presente, desde que esta pela porta entrou; e ficou atento a escutar tudo o que lhe dizia Dom Quixote. Cioso de que o tivesse a asturiana trocado por outro, faltando à palavra, foi-se achegando mais ao leito de Dom Quixote e ficou quieto, até ver onde pararia aquele palavrório, que não entendia. Percebendo, porém, que a moça forcejava por se livrar e que Dom Quixote porfiava em prendê-la, não gostou da coisa, e, erguendo o braço, descarregou tão terrível murro no estreito queixo do enamorado cavaleiro, que lhe banhou a boca toda em sangue; não contente com isto, lhe trepou nas costelas e as percorreu com os pés, mas que a trote, de cabo a rabo. O leito, que era um pouco débil e de frágeis fundamentos, não pôde aguentar o contrapeso do arrieiro e se foi ao chão, com tanto ruído, que despertou o vendeiro. Este logo imaginou que deviam ser pendências de Maritornes, porque, tendo-a chamado aos brados, não lhe respondera. Com tal suspeita ergueu-se e, acendendo um candeeiro, se encaminhou para o local da balbúrdia.

A moça, vendo aproximar-se o amo, que não era de brincadeiras, fugiu, toda medrosa e alvoroçada, para a cama de Sancho Pança, que ainda dormia, e ali se encolheu como um novelo.

O vendeiro entrou, dizendo:

— Onde estás, puta? Tenho certeza de que já andas fazendo das tuas.

Nisto, acordou Sancho, que, sentindo aquele vulto quase em cima de si, pensou estar tendo um pesadelo e começou a dar murros a torto e a direito, atingindo, não sei quantas vezes, Maritornes. Esta, não aguentando a dor e sem olhar a decências, retribuiu a Sancho com outros tantos, os quais, malgrado seu, lhe tiraram o sono. Vendo-se tratado daquele modo e sem saber por quem, Sancho ergueu-se como pôde, abraçou-se a Maritornes — e entre os dois se travou a mais renhida e engraçada escaramuça do mundo. Por sua vez, o arrieiro, verificando, à luz da lanterna do vendeiro, onde se metera agora a sua dama, abandonou Dom Quixote, para dar àquela o novo e necessário auxílio. O mesmo fez o vendeiro, mas com intenção diferente, que era a de castigar a moça, acreditando, sem dúvida, que fora ela a causadora única de toda aquela harmonia.[8] Ia, assim, como se costuma dizer, "o gato ao rato, o rato à corda, a corda ao pau":[9] o arrieiro batia em Sancho, Sancho na rapariga, a rapariga nele, o vendeiro na rapariga, e todos com tamanha precipitação, que nem fôlego tomavam. O melhor foi quando se apagou a lanterna do vendeiro: ficando às escuras, começaram a bater-se todos uns aos outros tão sem compaixão, que, onde quer que pusessem a mão, não ficava coisa ilesa.



Casualmente, naquela noite, pernoitava na venda um quadrilheiro, dos chamados da Santa Irmandade Velha de Toledo, o qual, escutando o singular estrondo da peleja, agarrou a meia vara e a caixa de lata[10] dos seus títulos e entrou às escuras no aposento, exclamando:

— Em nome da justiça, parem! Em nome da Santa Irmandade,[11] parem!

O primeiro com quem topou foi o esmurrado Dom Quixote, que estava no leito derrubado, estendido, sem sentidos, de barriga para cima; pegou-o, pois, pelas barbas, e se pôs a clamar:

— Acudam à justiça!

Vendo, porém, que aquele que pegara não se mexia, nem dava sinal de si, pensou que estivesse morto e que os outros, que ali estavam, eram os assassinos. Com tal suspeita, reforçou a voz, bradando:

— Feche-se a porta da venda! Cuidado que não saia ninguém, pois aqui mataram um homem!

Esta voz sobressaltou a todos, e cada qual deixou a luta no mesmo ponto em que os surpreendeu a voz. Recolheu-se o vendeiro aos seus aposentos, o arrieiro às suas enxergas, a moça ao seu rancho; só os dois coitados, Dom Quixote e Sancho, não se puderam mover de onde estavam. Largou então o quadrilheiro a barba de Dom Quixote e saiu a buscar luz, para ver e prender os delinquentes; não a encontrou, todavia, porque o vendeiro de propósito havia apagado a lâmpada, quando se retirou para o seu quarto. Foi-lhe forçoso recorrer à chaminé, onde, com muito trabalho e tempo, acendeu outro candeeiro.

# CAPÍTULO XVII

## *Onde se prosseguem os numerosos trabalhos que o bravo Dom Quixote e seu bom escudeiro Sancho Pança padeceram na venda, que o fidalgo, para seu mal, julgara ser castelo*

A esse tempo, Dom Quixote já tornara a si da letargia e, no mesmo tom de voz com que na véspera chamara o escudeiro, quando estava estendido no vale das estacas,[1] principiou a chamá-lo, dizendo:

— Sancho amigo, dormes? Dormes, amigo Sancho?

— Qual dormir, qual nada! Pobre de mim! — exclamou Sancho, cheio de pesadume e despeito —; até parece que todos os diabos andaram comigo esta noite.

— Podes crer nisso, sem dúvida — respondeu Dom Quixote —, porque, ou nada sei, ou este castelo é encantado; e quero que saibas... Mas isto, que agora vou dizer-te, hás de me jurar que o não revelarás a ninguém, antes da minha morte.

— Juro — respondeu Sancho.

— Exijo-te a jura — prosseguiu Dom Quixote —, porque sou inimigo de que se tire a honra a ninguém.

— Já disse que juro — repetiu Sancho —; nada contarei, enquanto vosmecê for vivo; e praza a Deus que já o possa contar amanhã.

— Tantos males te causo, Sancho — respondeu Dom Quixote —, que já me queres ver morto tão depressa?

— Não é por isso — esclareceu Sancho —, mas só porque sou inimigo de guardar muito as coisas e temo que apodreçam de guardadas.

— Seja pelo que for — disse Dom Quixote —, confio no teu amor e na tua cortesia. Fica sabendo que, esta noite, me aconteceu uma das mais estranhas aventuras que se podem imaginar. Para ser breve em contá-la, dir-te-ei que, há pouco, veio ter comigo a filha do senhor deste castelo, que é a mais elegante e formosa donzela de quantas se podem achar em quase toda a Terra. Que te poderia eu dizer dos adornos da sua pessoa? E do seu galhardo entendimento?

E de outras coisas ocultas, que, para guardar a fidelidade devida à minha senhora Dulcineia del Toboso, deixarei passar intactas, em silêncio? Só te quero dizer que, invejoso o céu de tanto bem, que a sorte me pôs nas mãos, ou quiçá (o que é mais certo) por ser encantado este castelo, como já disse, no instante em que me achava eu com ela em dulcíssimos e amorosíssimos colóquios, surgiu, sem eu ver nem saber de onde, uma mão, presa ao braço de algum descomunal gigante, e no queixo me acertou tamanho murro, que ainda o tenho todo banhado em sangue; depois, me maltratou de tal maneira, que estou pior do que ontem, quando fui agredido pelos galegos, que, por demasias do Rocinante, nos fizeram o agravo que tu sabes. Daí deduzo que o tesouro de formosuras desta donzela deve-o guardar algum mouro encantado, e não há de ser para mim.

— Nem para mim tampouco — acudiu Sancho —, porque mais de quatrocentos mouros me surraram, e de tal sorte, que o incidente das bordoadas foi água com açúcar. Mas diga-me, senhor: como chama boa e rara esta aventura, se dela saímos em semelhante estado? Para vosmecê foi menos má, pois teve nos braços a incomparável formosura que citou; mas, quanto a mim, recebi as maiores porretadas que penso receber em toda a minha vida. Desgraçado de mim e da mãe que me pariu, pois não sou cavaleiro andante, nem cuido sê-lo jamais; e, no entanto, me toca sempre a maior parte de todas as desventuras!

— Então, também tu foste espancado? — inquiriu Dom Quixote.

— Já não disse que sim, apesar da minha linhagem? — fez Sancho.

— Não te molestes, amigo — disse Dom Quixote —, pois vou fazer agora mesmo o precioso bálsamo, com que havemos de sarar num abrir e fechar de olhos.

Entrementes, acabou o quadrilheiro de acender a luz e volveu a contemplar o que julgara morto. Ao vê-lo entrar, de camisa de dormir, um pano à cabeça, o candeeiro na mão e de cara fechada, perguntou Sancho ao amo:

— Senhor, será este, porventura, o mouro encantado que vem de novo castigar-nos, por ter deixado algo no tinteiro?

— Não pode ser o mouro — respondeu Dom Quixote —, porque os encantados não se deixam ver de ninguém.

— Se não se deixam ver, deixam-se sentir — observou Sancho —; senão, que o digam as minhas costas.

— Também poderiam dizê-lo as minhas — retificou Dom Quixote —; mas não constitui isto suficiente indício para se crer que este que se está vendo seja o encantado mouro.

Chegou o quadrilheiro; e achando-os a conversar tão sossegadamente, ficou suspenso. É bem verdade que Dom Quixote ainda estava de barriga para cima, sem se poder mexer, de tão moído e emplastrado. Acercou-se dele o quadrilheiro, e disse:

— Então, como vai, meu bom homem?!

— Se eu me dirigisse a vós — respondeu Dom Quixote —, falaria com mais delicadeza.[2] Usa-se, nesta terra, falar de tal maneira aos cavaleiros andantes, malcriado?

O quadrilheiro, não podendo tolerar tanta arrogância num sujeito de aparência tão má, levantou o candeeiro, com todo o seu azeite, e o arremessou à cabeça de Dom Quixote, deixando-a muito bem escalavrada; e como ficou tudo outra vez às escuras, deu-se pressa em sair.

Sancho Pança comentou:

— Sem dúvida, senhor, é este o mouro encantado; o tesouro, tem-no ele guardado para outros; para nós, só guarda os murros e cacetadas.

— É verdade — respondeu Dom Quixote —; e não devemos fazer caso destas coisas de encantamentos, nem nos enraivecermos, nem nos enfadarmos com elas; pois, sendo invisíveis e fantásticas, não nos deixam ver de quem vingar-nos, por mais que o procuremos. Ergue-te, Sancho, se puderes, chama o alcaide desta fortaleza e pede que me deem um pouco de azeite, vinho, sal e rosmaninho,[3] para eu fazer o salutífero bálsamo; creio, na verdade, que bem necessário me é ele agora, porque me escorre muito sangue da ferida que me fez o fantasma.

Sancho levantou-se com forte dor nos ossos e foi, às apalpadelas, em busca do vendeiro; mas se encontrou com o quadrilheiro, que se pusera à escuta, para ver que espécie de gente tinha ali por inimiga. E lhe disse:

— Senhor, quem quer que sejais, fazei-nos a mercê e benefício de nos dar um pouco de rosmaninho, azeite, sal e vinho, que é preciso para curar um dos melhores cavaleiros andantes que há na Terra e que jaz naquela cama, malferido pelas mãos do encantado mouro que se oculta nesta venda.

Quando o quadrilheiro ouviu tal coisa, julgou-o doido; mas como já principiava a amanhecer, abriu a porta da venda e, chamando o vendeiro, lhe disse o que aquele bom homem queria. Proveu-o de tudo o vendeiro, e Sancho o levou a Dom Quixote, que estava com as mãos na cabeça, queixando-se da dor da pancada do candeeiro, que, entretanto, outro mal não lhe fizera senão produzir-lhe dois galos algo crescidos; e o que ele pensava que era sangue, não era senão suor, que lhe brotava da aflição da passada tormenta.

Afinal, recebeu os ingredientes e deles fez uma composição, misturando-os todos e cozinhando-os algum tempo, até que lhe pareceu estarem prontos. Pediu uma vasilha para guardar a mistura, e, como não havia na venda, resolveu pô-la numa almotolia de folha de lata, da qual lhe fez presente o vendeiro; em seguida, rezou sobre a almotolia mais de oitenta padre-nossos e outras tantas ave-marias, salve-rainhas e credos, acompanhando-se cada palavra de um sinal da cruz, à moda de bênção. A tudo assistiram Sancho, o vendeiro e o quadrilheiro. Quanto ao arrieiro, já se fora sossegadamente cuidar dos machos. Feito isso, quis ele mesmo experimentar logo a virtude que imaginava ter aquele precioso bálsamo: bebeu o que não pudera caber na almotolia e restara na panela onde se fizera o cozimento, ou seja, quase meia canada. Mal acabou de beber, todavia, principiou a vomitar, de maneira que nada lhe ficou no estômago; e, com as ânsias e a agitação do vômito, lhe veio copiosíssimo suor, pelo que mandou que o embrulhassem e o deixassem sozinho. Assim foi feito, e ele adormeceu por mais de três horas, ao cabo das quais despertou e sentiu o corpo bastante aliviado e a tal ponto melhor do seu quebrantamento, que se julgou curado e acreditou, verdadeiramente, haver acertado com o bálsamo de Ferrabrás; julgou também que, com aquele remédio, poderia enfrentar dali por diante, sem temor algum, quaisquer desastres, pendências e batalhas, por mais perigosas que fossem.

Sancho Pança, que também atribuiu a milagre a melhora do amo, rogou a este que lhe desse o que ficara ainda na panela, que não era pouco. Concedeu-lho Dom Quixote, e ele, apanhando-a com ambas as mãos, com boa-fé e melhor talante, mandou-a aos peitos e esvaziou o conteúdo com tanta disposição quanto o amo. Sucede, porém, que o estômago do pobre Sancho não era tão delicado como o do amo, e, assim, antes que vomitasse, lhe vieram tantas ânsias e náuseas, com tantos suores e desmaios, que ele chegou a pensar deveras que havia chegado a sua última hora. Vendo-se tão aflito e atribulado, amaldiçoou o bálsamo, e o ladrão que lho tinha dado.

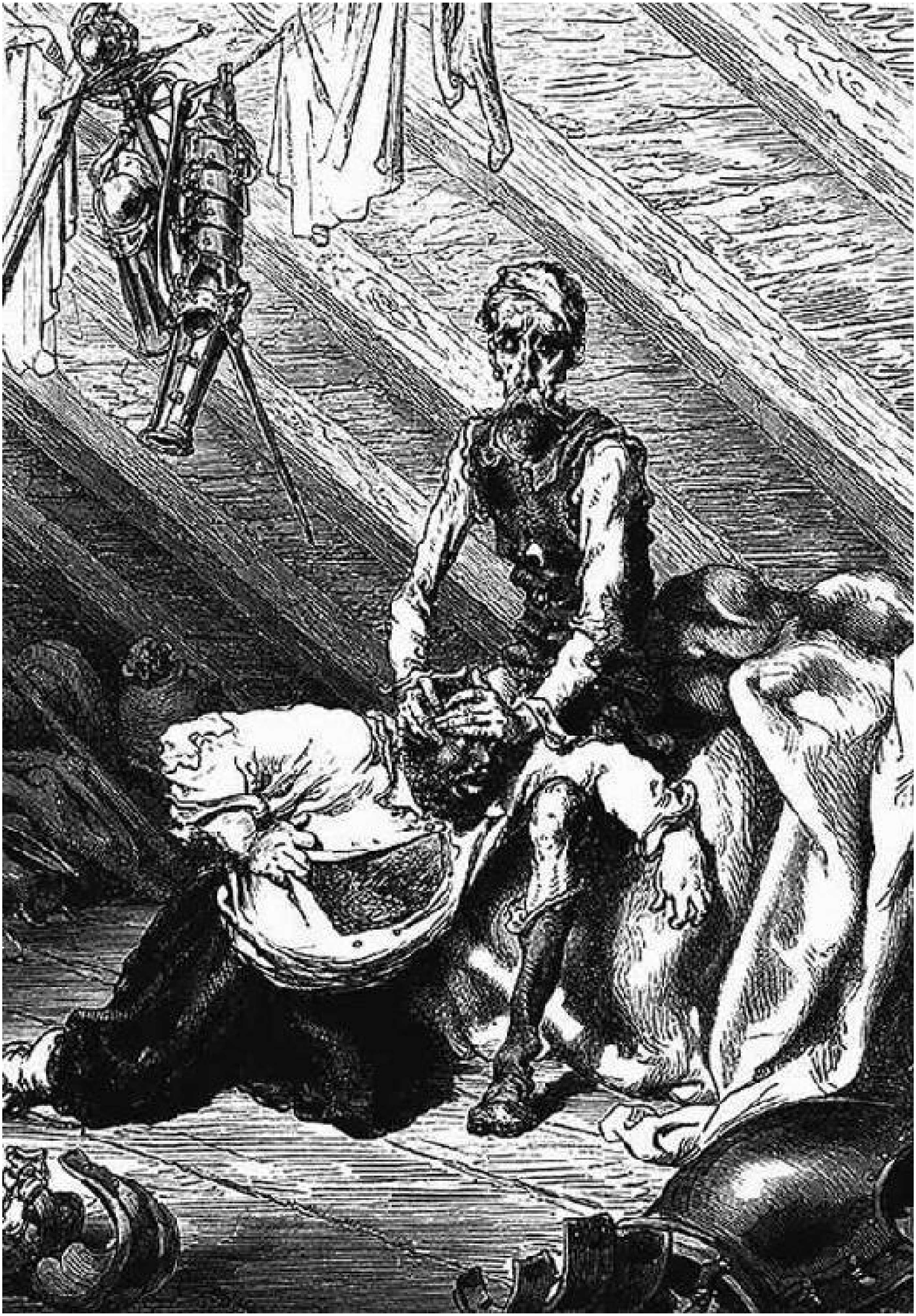
Percebendo-o naquele estado, disse Dom Quixote:

— Creio, Sancho, que todo este mal te advém de ainda não teres sido armado cavaleiro, pois a mim me parece que este licor não deve aproveitar aos que não o são.

— Se vosmecê sabia disso — replicou Sancho — mal haja eu e toda a minha parentela! Por que consentiu que eu o provasse?

Entrementes, a bebida fazia efeito e o pobre escudeiro começou a desaguar-se por ambos os canais com tanta pressa, que a esteira de junco, sobre a qual voltara a deitar-se, e a manta de sarapilheira, com que se cobrira, ficaram imprestáveis. Suava e tressuava com tais paroxismos e acidentes, que não só ele, mas todos pensaram que ia morrer. Durou-lhe tal borrasca e desventura quase duas horas, ao cabo das quais não ficou como o amo, porém tão moído e quebrantado que não se podia manter; mas Dom Quixote, que, como já foi dito, se sentiu aliviado e são, quis logo partir em busca de aventuras, parecendo-lhe que todo o tempo que ali ficasse era roubado ao mundo e aos necessitados do seu favor e amparo; além disso, tinha confiança no seu bálsamo. Assim, impelido por este desejo, ele mesmo selou o Rocinante, albardou o jumento do seu escudeiro e ajudou este último a vestir-se e a montar no asno. Pôs-se a cavalo e, chegando a um canto da venda, apoderou-se de uma chuça que ali estava, para lhe servir de lança.

Todos os que se achavam na venda — para mais de vinte pessoas — ficaram a olhá-lo; olhava-o também a filha do vendeiro, e ele também não tirava os olhos dela, soltando, de quando em quando, um suspiro, que parecia sair-lhe do mais profundo das entranhas; todos pensavam que devia ser da dor que sentia nas costelas — pensavam-no, pelo menos, os que o tinham visto emplastrar-se na noite anterior.



Postos os dois a cavalo, Dom Quixote, parando à porta da venda, chamou o vendeiro e, com voz muito grave e repousada, lhe disse:

— Muitas e mui grandes são as mercês, senhor alcaide, que neste vosso castelo recebi, e me sinto obrigadíssimo a retribuí-las, em todos os dias da minha vida. Se puder pagá-las, vingando-vos de algum soberbo que vos haja ofendido, sabei que não é outro meu ofício senão valer aos que podem pouco, vingar os que recebem afrontas e castigar aleivosias. Recorrei à vossa memória e, se achardes alguma coisa deste jaez que me encomendar, basta dizê-la, e eu vos prometo, pela ordem de cavaleiro que recebi, que vos darei satisfação e paga, tudo a vosso contento.

Com a mesma calma lhe respondeu o vendeiro:

— Senhor cavaleiro, não preciso que vosmecê me vingue de nenhum agravo, porque sei vingar-me por mim mesmo, quando me ofendem; só quero que vosmecê me pague as despesas que fez esta noite na venda, tanto com a palha e cevada de suas duas bestas, como com a ceia e as camas.

— Então isto aqui é uma venda? — replicou Dom Quixote.

— E muito honrada — retrucou o vendeiro.

— Pois vivi enganado até aqui — respondeu Dom Quixote —, pensando que isto era um castelo, e não dos piores. Todavia, se não é castelo, mas venda, o que se poderá fazer por agora é perdoardes o pagamento, pois não posso contrariar a ordem dos cavaleiros andantes, dos quais sei ao certo (sem que até agora haja lido o contrário) que jamais pagaram pousada, nem qualquer outra coisa, em venda onde estivessem; porque se lhes deve, de foro e de direito, qualquer bom acolhimento que se lhes faça, em retribuição do insuportável trabalho que padecem buscando aventuras noite e dia, no inverno e no verão, a pé e a cavalo, com fome e sede, calor e frio, sujeitos a todas as inclemências do Céu e a todos os incômodos da Terra.

— Pouco tenho eu que ver com isso — respondeu o vendeiro —; paguem o que me devem, e deixemo-nos de contos de cavalarias, pois só me interessa cobrar o que é meu.

— Sois um sandeu e mau hoteleiro — volveu Dom Quixote.

E, esporeando o Rocinante, com a chuça em punho, saiu da venda, sem que ninguém o detivesse. Cavalgou um bom trecho, sem olhar se o seguia o escudeiro. O vendeiro, vendo-o partir sem pagar, correu a cobrar-se de Sancho Pança; este respondeu que, se o seu amo não tinha querido pagar, ele tampouco pagaria, porque, sendo escudeiro de cavaleiro andante, como era, a mesma regra e razão do amo lhe assistia a ele, que era não pagar coisa alguma nas vendas e albergues. Amofinou-se muito o vendeiro e ameaçou-o de fazer a cobrança de modo que lhe pesasse, caso insistisse em não pagar. Sancho retrucou que, pela lei da cavalaria que seu amo recebera, não pagaria um único centavo, ainda que lhe custasse a vida; porque não havia de perder por isso o antigo e bom costume dos cavaleiros andantes, nem dele se haviam de queixar os escudeiros dos tais que estavam por vir ao mundo, censurando-o por quebrar tão justo foro.

Quis a má sorte do desditado Sancho que, entre as pessoas presentes na venda, se encontrassem quatro cardadores de Segóvia, três fabricantes de agulhas de Potro de Córdova e dois vizinhos da Feira de Sevilha,[4] gente alegre, bem intencionada, maliciosa e brincalhona, os quais, quase como instigados e movidos por um mesmo espírito, se aproximaram de Sancho e o fizeram apear-se do asno. Um deles apanhou a manta da cama do hóspede. Em seguida, estenderam nela o escudeiro; mas, erguendo os olhos e vendo que o teto da venda era mais baixo do que convinha para o que pretendiam, saíram para o curral, que tinha o céu por cobertura; e ali, posto Sancho no meio da manta, começaram a atirá-lo ao alto e a brincar com ele como se faz nas festas de entrudo aos cães.[5]

Foram tantos os gritos do mísero manteado, que chegaram aos ouvidos do amo, o qual, detendo-se a escutar atentamente, pensou que lhe vinha alguma nova aventura, até que reconheceu claramente a voz do seu escudeiro. Volveu as rédeas e, galopando a custo, chegou à venda. Achando-a fechada, rodeou-a, para ver se havia outra entrada; todavia, mal chegou às paredes do curral (que não eram muito altas), percebeu a má brincadeira que faziam com o seu escudeiro. Viu-o baixar e subir ao ar, com tanta graça e presteza, que tenho para mim que se riria, se lho permitisse a cólera. Tentou subir do cavalo ao espigão do muro, mas estava tão moído e alquebrado, que não pôde sequer apear-se; assim, de cima do cavalo, começou a dizer tantos impropérios e doestos aos que maltratavam Sancho, que não nos é possível repeti-los aqui; mas nem por isso pararam os outros de rir e de brincar, nem o Sancho voador deixava de gritar, ora rogando, ora ameaçando; tudo, porém, debalde, pois só o largaram de cansados. Trouxeram-lhe o asno e o obrigaram a montar no mesmo, embrulhando-o no gabão. Mas a compassiva Maritornes, percebendo-lhe a grande fadiga, achou oportuno socorrê-lo com um jarro de água e a foi buscar no poço, por ser mais fria. Recebeu-o Sancho e já o levava à boca, quando o fizeram deter-se as vozes do amo, que lhe gritava:

— Filho Sancho, não bebas água; não a bebas, filho, que te matará. Vês? Aqui trago o santíssimo bálsamo (e lhe mostrava a almotolia da beberagem), que com duas gotas te há de curar sem nenhuma dúvida.

Sancho olhou de revés ao ouvir-lhe os gritos e respondeu, gritando ainda mais:

— Por acaso já se esqueceu vosmecê de que não sou cavaleiro, ou quer que acabe de vomitar as entranhas que ainda me sobraram desta noite? Guarde o seu licor com todos os diabos e me deixe em paz.

Acabar de dizer isto e principiar a beber, foi tudo coisa de um segundo. Ao primeiro trago, porém, viu que era água e não continuou; pediu a Maritornes que lhe trouxesse vinho, e ela o fez de muita boa vontade, pagando-o do seu próprio dinheiro; porque realmente dela se diz que, embora estivesse naquela condição, ainda tinha algumas sombras e vestígios de boa cristã. Mal acabou de beber, Sancho deu de calcanhares[6] ao asno e, abrindo de par em par a porta da venda, saiu-se dela, assaz contente por nada haver pago e haver feito como pretendera, embora à custa dos seus habituais fiadores, que eram os lombos. Verdade é que o vendeiro lhe reteve os alforjes, em pagamento do que lhe era devido; mas Sancho, de tão perturbado que estava, não deu pela falta deles. Quis o vendeiro trancar bem a porta, assim que o viu fora, mas não lho consentiram os manteadores: era gente de tal têmpera que, embora fosse Dom Quixote, verdadeiramente, um dos cavaleiros andantes da Távola Redonda, para eles não valeria mais que dois reais.

# CAPÍTULO XVIII

## *Onde se contam as razões trocadas entre Sancho Pança e o seu amo Dom Quixote, além de outras aventuras dignas de ser contadas*

Chegou-se Sancho ao amo, todo murcho e desmaiado, tanto que não podia conduzir o jumento. Vendo-o naquele estado, disse-lhe Dom Quixote:

— Agora estou convencido, meu bom Sancho, de que aquele castelo ou venda é, sem dúvida, encantado; pois aqueles que, com tanta crueldade, se divertiram à tua custa, que outra coisa podiam ser senão fantasmas e gente do outro mundo? Mais certo ainda fiquei disto, quando me encostei ao muro do curral e, contemplando os atos da tua triste tragédia, não me foi possível subir nele, nem pude sequer apear-me do Rocinante, porque me deviam ter enfeitiçado. Mas te juro, pela fé de quem sou, que, se pudera subir ou apear-me, ter-te-ia vingado de tal maneira, que aqueles foliões e malandros se lembrariam para sempre da burla — embora me fosse mister contrariar as leis da cavalaria, as quais, como já te disse muitas vezes, não permitem que um cavaleiro levante a mão contra quem não o seja, exceto em defesa da própria vida e pessoa, em caso de urgente e grande necessidade.

— Também me vingaria eu, se pudesse, fosse ou não fosse armado cavaleiro; mas não pude — observou Sancho. — Tenho para mim, contudo, que aqueles que se divertiram comigo não eram fantasmas, nem homens encantados, como vosmecê afirma, porém homens de carne e osso, como nós; e todos tinham nomes, segundo os ouvi chamarem-se, enquanto me volteavam; um se chamava Pedro Martínez, outro Tenório Fernandes, e o vendeiro se chamava João Palomeque, o Surdo. Assim, pois, meu amo, não foi por obra de feitiçaria nenhuma que vosmecê não pôde subir ao muro, nem saltar do cavalo. O que tiro a limpo de tudo isto é que estas aventuras, que andamos buscando, nos hão de trazer, no final das contas, tantas desventuras, que não mais saibamos qual o nosso pé direito. O melhor e o mais acertado, na minha humilde opinião, seria voltarmos à nossa terra, agora que é o tempo da ceifa, e cuidarmos da nossa fazenda, em vez de andarmos por aí de ceca a meca[1] e de Herodes a Pilatos, como se costuma dizer.

— Quão pouco sabes, Sancho, dos percalços da cavalaria! — exclamou Dom Quixote. — Cala e tem paciência, pois dia virá em que vejas, com os teus próprios olhos, a honrosa coisa que é andar nesta profissão. Se não, dize-me: que maior contentamento pode haver no mundo, ou que gosto se pode igualar ao de vencer uma batalha e triunfar do inimigo? Nenhuma, sem dúvida.

— Isso lá é verdade — respondeu Sancho — embora eu, de mim, não entenda dessas coisas. Só sei que, depois que somos cavaleiros andantes, ou que vosmecê o é (pois não tenho razões para incluir-me em tão honroso número), jamais vencemos batalha alguma, a não ser a do biscainho, e até mesmo dessa vosmecê saiu com meia orelha e meia celada de menos; de então para cá, tudo foram bordoadas e mais bordoadas, murros e mais murros, servindo eu ainda de joguete, nas mãos de pessoas encantadas, de quem me não posso vingar, para saber até onde chega o gosto de vencer o inimigo, como diz vosmecê.

— Disto é que tenho pena e tu também deves ter, Sancho; mas, daqui por diante, procurarei ter à mão alguma espada, feita com tal maestria, que ao que a trouxer consigo não se possa fazer nenhum gênero de encantamento. Pode ser até que a sorte me envie a espada de Amadis, quando se chamava o *Cavaleiro da Ardente Espada*,[2] e que foi uma das melhores espadas que teve cavaleiro algum no mundo; pois, além de ter a virtude referida, cortava como navalha e não havia armadura, por forte e encantada que fosse, que lhe resistisse.

— Sou tão venturoso — comentou Sancho — que, mesmo que tal acontecesse e que achasse vosmecê semelhante espada, só haveria de servir e aproveitar aos armados cavaleiros, como o bálsamo. Quanto aos escudeiros, que vão às favas!

— Não tenhas medo, Sancho — disse Dom Quixote —; melhor sorte o céu te há de trazer.

Em tais colóquios marchavam Dom Quixote e o seu escudeiro, quando o primeiro percebeu que, pelo caminho que seguiam, avançava para eles uma grande e espessa poeirada. Voltou-se então para Sancho e disse:

— Este é o dia, Sancho, em que se há de ver o bem que me tinha a sorte reservado. Este é o dia, repito, em que se há de mostrar mais do que nunca o valor do meu braço e em que hei de fazer obras que fiquem registradas no livro da fama, por todos os séculos vindouros. Vês aquela poeirada que ali se levanta, Sancho? Pois coalhada está toda ela de um copiosíssimo exército de diversos e inúmeros povos, que por lá vêm marchando.

— Por essa conta, devem ser dois exércitos — observou Sancho —, porque aqui desta parte contrária também se levanta poeira semelhante.

Voltou-se para ali Dom Quixote e viu que era verdade. Alegrou-se sobremaneira, pois julgou que eram, sem dúvida, dois exércitos, que vinham encontrar-se e pelejar, em meio daquela espaçosa planície. A todas as horas e momentos tinha ele a imaginação cheia daquelas fantasias de batalhas, encantamentos, sucessos, desatinos, amores, desafios, que se contam nos livros de cavalarias, e tudo quanto falava, pensava ou fazia era encaminhado a coisas semelhantes. A poeirada, que tinha visto, provinha de dois grandes rebanhos de ovelhas e carneiros, que por aquele mesmo caminho avançavam, vindos de duas partes diferentes. A poeira os mantinha invisíveis, até que se aproximaram mais. Com tanto afinco afirmava Dom Quixote serem exércitos, que Sancho acabou por acreditar e lhe disse:

— Que havemos de fazer então, meu amo?

— Quê?! — exclamou Dom Quixote. — Por certo, favorecer e ajudar os necessitados e desvalidos. Hás de saber, Sancho, que este, que vem à nossa frente, é conduzido e guiado pelo grande imperador Alifanfarrão, senhor da grande ilha Trapobana,[3] este outro, que vem por trás de nós, é o do seu inimigo, o rei dos garamantas,[4] Pentapolim de Manga Arregaçada, porque sempre entra em combate com o braço direito desnudo.

— Mas, por que se querem tão mal estes dois senhores? — perguntou Sancho.

— Querem-se mal — explicou Dom Quixote —, porque este Alifanfarrão é um furibundo pagão e está enamorado da filha de Pentapolim, mui linda e graciosa senhora, que é cristã; e o pai não a quer dar ao rei pagão, a menos que este abandone a lei do falso profeta Maomé e adote a sua.

— Por minhas barbas! — exclamou Sancho — Muito bem faz Pentapolim! E hei de ajudá-lo em quanto puder.

— Assim farás o que deves, Sancho — disse Dom Quixote —; porque, para entrar em batalhas semelhantes, não é preciso ser armado cavaleiro.

— Isto entendo eu — atalhou Sancho —; mas, onde poremos nós este asno, para termos a certeza de achá-lo depois da refrega? Até agora ainda não ouvi dizer que fosse costume combater com semelhante cavalgadura.

— É verdade — disse Dom Quixote. — O que podes fazer dele é deixá-lo entregue às suas aventuras, pouco importando que se perca ou não, porque serão tantos os cavalos que teremos depois da vitória, que o próprio Rocinante corre o perigo de que eu o troque por outro. Mas presta atenção, que te quero dizer quais os cavaleiros mais importantes que vêm nestes dois exércitos. Para que melhor os veja e notes, retiremo-nos para aquela elevação que ali está e de onde poderemos observar bem os dois exércitos.

Fizeram-no assim e subiram a um ponto, de onde descortinariam bem os dois rebanhos, que a Dom Quixote pareciam exércitos se as nuvens de pó que levantavam não lhes turvassem a vista e os cegassem; mas, com tudo isso, vendo na imaginação o que realmente não via, nem havia, Dom Quixote começou a dizer, erguendo a voz:

— Aquele cavaleiro que ali vês, de armas amarelas, que traz no escudo um leão coroado, rendido aos pés de uma donzela, é o valoroso Laurcalco, senhor da Ponte de Prata;[5] o outro, das armas com flores de ouro, que traz no escudo três coroas de prata sobre fundo azul, é o temido Micocolembo, grão-duque de Quirócia; o outro, de gigantescos membros, que está à sua mão direita, é o nunca medroso Brandabarbarrão de Boliche, senhor das três Arábias,[6] que vem armado com aquele couro de serpente e tem por escudo uma porta, que, segundo se diz, é uma das portas do templo derrubado por Sansão, quando se vingou dos inimigos matando-se.[7] Mas volve os olhos para aquela outra parte e verás diante e à frente do outro exército o sempre vencedor e jamais vencido Timonel de Carcajona, príncipe da Nova Biscaia, que vem armado com armas esquarteladas de azul, verde, branco e amarelo e traz no escudo um gato de ouro em campo aleonado, com uma letra que diz *"Miau"* e que é o princípio do nome da sua dama, a qual, segundo se diz, é a incomparável Miaulina, filha do duque Alfenhiquém do Algarve. O outro, que sobrecarrega e oprime os lombos daquela possante égua,[8] que traz as armas brancas como neve e o escudo branco sem gravura alguma, é um novel cavaleiro, de nacionalidade francesa, chamado Pierre Papin, senhor das baronias de Utrique. O outro, que bate com os ferrados talões os ilhais daquela pintada e ligeira zebra e traz as armas de veiros azuis, é o poderoso duque de Nérbia, Espartafilardo do Bosque, que traz impresso no escudo um espargo, com um emblema em castelhano que diz assim: *Rastrea mi suerte.*

Desta maneira, foi nomeando muitos cavaleiros, de um e de outro dos exércitos que ele imaginava ver, e de todos descreveu as armas, as cores, as inscrições e motes de improviso, conduzido pelos arroubos da sua nunca vista loucura. E, sem parar, prosseguiu dizendo:

— Aquele esquadrão ali em frente é composto de pessoas de diversas nações. Ali estão os que bebiam as doces águas do famoso Xanto,[9] os montanheses que pisam os campos massílicos;[10] os que joeiram o finíssimo e miúdo ouro na Feliz Arábia; os que desfrutam as famosas e frescas ribeiras do claro Termodonte;[11] os que sangram por muitas e diversas vias o dourado Paetolo;[12] os númidas, duvidosos nas suas promessas; os persas, famosos pelos seus arcos e flechas; os partos e medos, que pelejam fugindo; os árabes, de casas mutáveis; os citas, tão cruéis como brancos; os etíopes, de lábios furados — e outras infinitas nações, cujos rostos conheço e vejo, embora não me lembre dos nomes. Naquele outro esquadrão, vêm os que bebem as correntes cristalinas do olivífero Bétis; os que amaciam e embelezam o rosto nas águas do sempre rico e dourado Tejo;[13] os que gozam as proveitosas águas do divino Genil; os que pisam os tartésios campos,[14] de pastos abundantes; os que se alegram nos elísios prados do Xerez;[15] os manchegos, ricos e coroados de rubras espigas; os de ferro vestidos, relíquias antigas do sangue godo; os que se banham no Pissuerga, famoso pela mansidão de sua corrente; os que o gado apascentam nas extensas devesas do tortuoso Guadiana, célebre pelo seu escondido curso; os que tremem de frio nos selváticos Pireneus e nas brancas neves dos alterosos Apeninos; finalmente, quantos se contêm na Europa toda.

Valha-nos Deus! E quantas mais províncias não disse! E quantas nações não citou, especificando, com maravilhosa presteza, os atributos de cada uma! E estava todo absorto e mergulhado no que havia lido em seus livros mentirosos!

Sancho, preso às palavras do amo, nada dizia; de quando em quando, volvia a cabeça, para ver se apareciam os cavaleiros e gigantes que o amo citava. Por fim, como não descobria nenhum, falou:

— Encomendo ao diabo tudo isso, meu amo, pois não vejo homem, nem gigante, nem cavaleiro de quantos vosmecê me vem citando; pelo menos, os meus olhos não o percebem. Talvez seja tudo encantamento, como os fantasmas desta noite.

— Como dizes tal coisa? — exclamou Dom Quixote. — Pois então não ouves o relinchar dos cavalos, o tocar dos clarins, o rufar dos tambores?

— O que oiço — respondeu Sancho — são apenas muitos balidos de ovelhas e carneiros.

E era verdade, porque os dois rebanhos já se aproximavam.

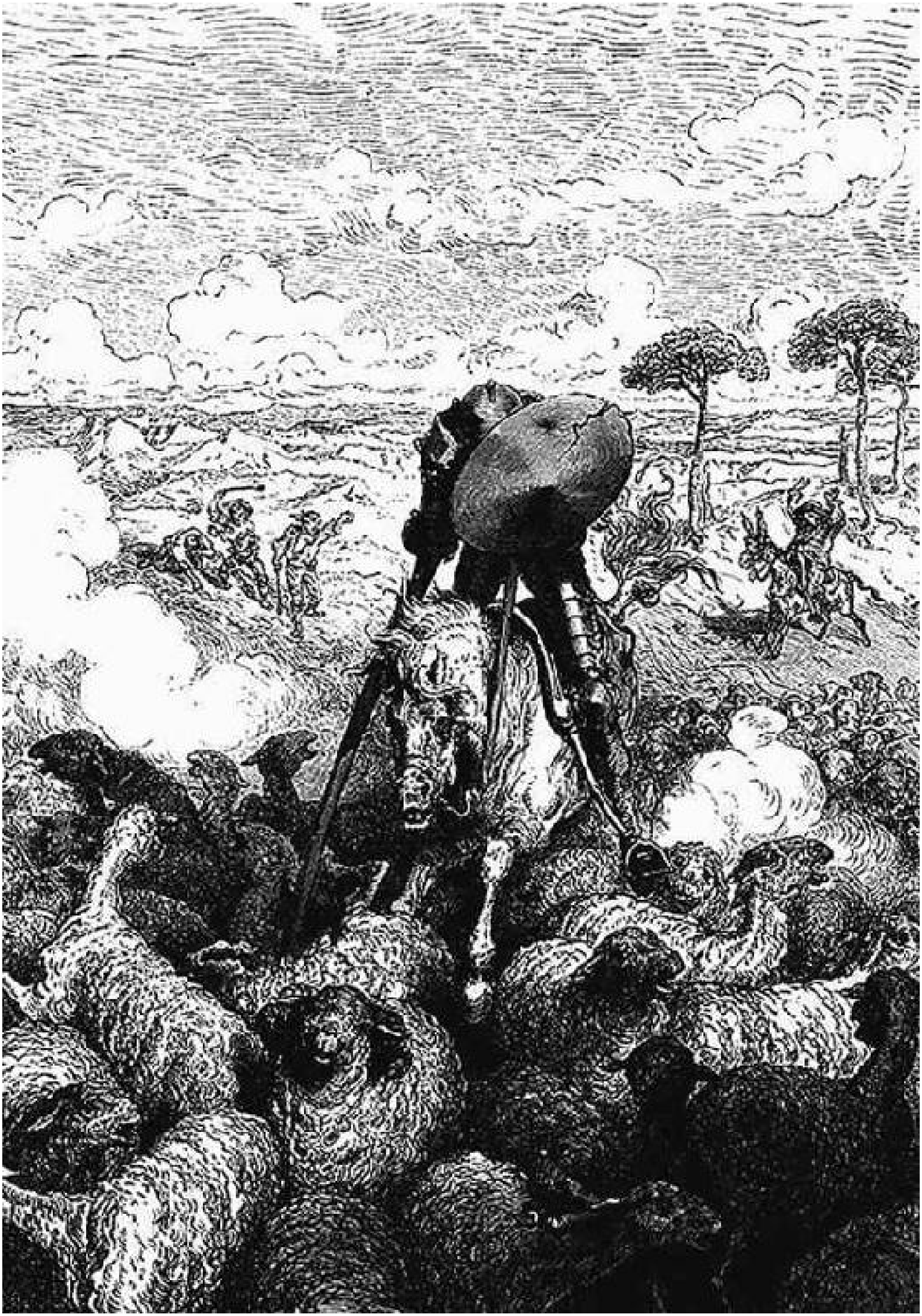
— O medo que tens — disse Dom Quixote — faz que não vejas, nem oiças direito, Sancho. Um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que não pareçam as coisas o que são; e se tanto te arreceias, põe-te de lado e deixa-me sozinho, pois basto eu para levar à vitória o partido em favor do qual me declarar.

Dizendo isso, esporeou o Rocinante e, de lança em riste, desceu da pequena elevação de terreno como um raio. Gritou-lhe Sancho:

— Volte vosmecê, senhor Dom Quixote! Juro por Deus que são carneiros e ovelhas os que vai atacar! Volte! Infeliz do pai que me gerou! Que loucura é esta? Veja que não há gigante, nem cavaleiro algum, nem gatos, nem armas, nem escudos inteiros ou partidos, nem veiros azuis, nem endiabrados. Que vai vosmecê fazer? E que mal fiz eu a Deus?

Dom Quixote não lhe deu a menor atenção. Continuou avançando e, em altas vozes, dizia:

— Eia! Cavaleiros, que seguis e militais sob as bandeiras do valoroso imperador Pentapolim de Manga Arregaçada! Segui-me todos e vereis quão facilmente vos vingarei do vosso inimigo Alifanfarrão da Trapobana.



Dizendo isto, se intrometeu pelo tropel das ovelhas e começou a lanceá-las com tanta coragem e denodo, como se deveras alanceasse os seus mortais inimigos. Os pastores e criadores, que vinham com o rebanho, gritavam-lhe que não fizesse aquilo; mas, vendo que não atendia, empunharam as fundas e se puseram a saudar-lhe os ouvidos com pedras grandes como punhos.

Dom Quixote não fazia caso das pedras; corria daqui para ali, dizendo:

— Onde estás, soberbo Alifanfarrão? Vem a mim, que nada mais sou que um cavaleiro que deseja provar, de homem a homem, as tuas forças e tirar-te a vida, em castigo das penas que dás ao valoroso Pentapolim Garamanta.

Neste ponto, atingiu-o um pedregulho, que, ferindo-o de um lado, lhe enterrou duas costelas pelo corpo adentro. Vendo-se tão maltratado, pensou, sem dúvida, que estava morto ou malferido e, lembrando-se do remédio, tirou a almotolia, levou-a à boca e começou a derramar o licor no estômago; mas, antes que acabasse de tragar o que lhe parecia ser bastante, alcançou-o outra pedrada, que tão de cheio lhe bateu na mão e na almotolia, que de tudo fez pedaços, levando-lhe de arrastão três ou quatro dentes e queixais da boca e lhe machucando bastante os dedos da mão. Tais foram o primeiro e o segundo golpes, que se viu forçado o pobre cavaleiro a jogar-se do cavalo abaixo. Acercaram-se dele os pastores, julgando que estava morto; deram-se pressa, pois, em recolher o gado e carregar as reses mortas, que passavam de sete. E, sem mais averiguações, fugiram.

Durante todo esse tempo, lá do alto, mirava Sancho as loucuras do amo. Arrancava as barbas e maldizia o lugar e a hora em que a sorte o fizera conhecer o fidalgo. Mas, vendo-o caído ao solo, tendo-se retirado os pastores, desceu e se aproximou. Achou-o passando muito mal, embora não tivesse perdido os sentidos. E falou-lhe:

— Eu não dizia, senhor Dom Quixote, que voltasse atrás, que os que ia atacar não eram exércitos, porém manadas de carneiros?

— Por aí vês como aquele ladrão do sábio, meu inimigo, pode fazer aparecer e desaparecer as coisas — comentou Dom Quixote. — Sabe, Sancho, que é muito fácil aos tais fazer nos parecer o que lhes apetece; e este Maligno, que me persegue, invejoso da glória que eu haveria de alcançar nesta batalha, transformou os esquadrões de inimigos em manadas de ovelhas. Se queres ter a prova, Sancho, por vida minha! faze uma coisa, a fim de que te desenganes e vejas se é ou não verdade o que te digo: monta no teu asno, segue-os de longe e verás como, ao se afastarem um pouco daqui, voltam a ser o que eram, deixando de ser carneiros e volvendo a ser homens feitos e perfeitos, tais como te pintei da primeira vez. Mas não vás agora, porque preciso do teu favor e ajuda; chega-te a mim e vê quantos queixais e dentes me faltam, pois acho que não me sobrou nenhum na boca.

Chegou-se-lhe Sancho tão perto, que quase lhe enfiava os olhos pela boca. Nesse instante, já o bálsamo fazia o seu efeito no estômago de Dom Quixote; mal teve tempo Sancho de lhe examinar a boca, e já as barbas do compassivo escudeiro se inundavam com tudo o que saía de dentro do fidalgo, qual tiro de escopeta.

— Santa Maria! — exclamou Sancho. — Que é isso?! Sem dúvida este pecador está ferido de morte, pois vomita sangue pela boca.

Todavia, reparando um pouco mais, verificou pela cor, sabor e odor que não era sangue, mas o bálsamo da almotolia, que ele o vira beber; e tamanho foi o seu asco que, revolvendo-se-lhe o estômago, vomitou as tripas por cima do seu próprio amo e senhor. E ambos ficaram um primor. Correu Sancho ao asno, para tirar os alforjes o com que se limpar a si e curar o amo; mas não achou o que queria[16] e esteve, por isso, a ponto de perder o juízo. Novamente se maldisse e a si mesmo prometeu, de coração, abandonar o amo e voltar à sua terra, ainda que perdesse o salário do serviço e as esperanças do governo da ilha prometida.

Nisto, levantou-se Dom Quixote e, com a mão esquerda na boca, para que não acabassem de sair-lhe os dentes, segurou com a outra as rédeas do Rocinante, que ainda não se tinha movido de junto do amo (tal era a sua lealdade e mansidão), e acercou-se do escudeiro, que estava debruçado sobre o asno, com a mão no rosto, à guisa de homem por demais pensativo. Vendo-o Dom Quixote daquela maneira, com mostras de tanta tristeza, lhe disse:

— Sabe, Sancho, que nenhum homem é mais que outro se não faz mais que outro. Todas estas borrascas, que nos sucedem, são sinais de que breve há de serenar o tempo e hão de correr-nos bem as coisas, porque não é possível que o mal e o bem sejam duráveis; donde se segue que, havendo durado muito o mal, o bem esta próximo. Assim, não te deves impressionar com as desgraças que a mim me sucedem, pois a ti não te cabe parte delas.

— Como não?! — exclamou Sancho. — Porventura, quem ontem serviu de joguete era outro que não o filho do meu pai? E os alforjes, que hoje me faltam, com todos os meus pertences, são acaso de outro, senão dele mesmo?

— Tiraram-te os alforjes, Sancho? — inquiriu Dom Quixote.

— Tiraram — respondeu Sancho.

— Desse modo, não temos hoje o que comer — replicou Dom Quixote.

— Não teríamos, certamente — atalhou Sancho —, se faltassem por estes prados as ervas que vosmecê diz conhecer e às quais soem recorrer, em semelhantes faltas, os tão mal-aventurados cavaleiros andantes, como o é vosmecê.

— Mesmo assim — respondeu Dom Quixote — preferia eu comer agora um pão de duas libras, uma fogaça, ou duas cabeças de sardinhas-arenques, a ter que provar quantas ervas descreve Dioscórides, ainda que fosse o ilustrado pelo doutor Laguna.[17] Mas, apesar de tudo, sobe no teu jumento, meu bom Sancho, e vem atrás de mim, pois Deus, que é provedor de todas as coisas, não nos há de faltar, tanto mais andando nós, como andamos, tão ao seu serviço.

Pois ele não falta aos mosquitos do ar, aos vermes da terra, nem aos girinos das águas, e é tão piedoso, que faz nascer o sol sobre os bons e os maus, e manda chuva sobre os justos e os injustos.[18]

— Melhor daria vosmecê para pregador do que para cavaleiro andante — observou Sancho.

— De tudo sabiam e hão de saber os cavaleiros andantes, Sancho — disse Dom Quixote —, pois cavaleiro andante houve, nos passados séculos, que se detinha a fazer sermão ou prática, em meio a um campo real, como se fosse graduado pela universidade de Paris; donde se infere que nunca a lança embotou a pena, nem a pena a lança.

— Muito bem, seja como diz vosmecê — respondeu Sancho. — Vamo-nos já daqui, porém, e procuremos alojamento para esta noite. Queira Deus que seja em lugar onde não haja mantas, nem manteadores, nem fantasmas, nem mouros encantados; pois, se os houver, darei o pelo ao diabo.

— Roga tu a Deus, filho — disse Dom Quixote —, e guia por onde quiseres, pois, desta vez, quero deixar a teu critério a escolha do alojamento. Mas dá cá a mão e apalpa-me com o dedo: vê bem quantos dentes e queixais me faltam deste lado direito do maxilar superior, porque é aí que me dói.

Meteu Sancho os dedos, e, estando a apalpar, lhe disse:

— Quantos queixais costumava vosmecê ter deste lado?

— Quatro — respondeu Dom Quixote — afora o do siso, todos inteiros e muito sãos.

— Veja bem vosmecê o que diz, senhor — respondeu Sancho.

— Digo quatro, se não eram cinco — respondeu Dom Quixote —; porque em toda a minha vida jamais me arrancaram dente, nem queixal da boca, nem me caiu nenhum comido de cárie, nem de reumatismo.

— Pois nesta parte debaixo — disse Sancho — não tem vosmecê mais de dois queixais e meio; e na de cima, nem meio, nem nenhum; está tudo raso como a palma da mão.

— Desventurado de mim! — exclamou Dom Quixote, ouvindo as tristes novas que lhe dava o escudeiro. — Antes quisera que me tivessem arrancado um braço, uma vez que não fosse o da espada. Porque te faço saber, Sancho, que boca sem queixais é como moinho sem mós, e muito mais se deve estimar um dente que um diamante. Mas a tudo isso estamos sujeitos os que professamos a estreita ordem da cavalaria; monta, amigo, e guia, que eu te seguirei no passo que quiseres.

Assim o fez Sancho, e se encaminhou para onde lhe pareceu que podia achar acolhimento, sem sair do caminho real, que por ali em muito frequentado. Ia devagar, porque a dor de queixo de Dom Quixote não o deixava sossegar, nem apressar-se. Quis Sancho, por isso, entretê-lo e diverti-lo, dizendo-lhe algumas coisas; e entre as que lhe disse, figura o que se vai ler no capítulo seguinte.

# CAPÍTULO XIX

## *Das discretas razões que Sancho entretinha com o amo e da aventura que lhes sucedeu com um defunto, a par de outros acontecimentos famosos*

— Parece-me, senhor meu, que todas estas desventuras, que estes dias nos têm sucedido, são, sem dúvida, castigo do pecado cometido por vosmecê contra a ordem da cavalaria, em virtude de não haver cumprido o juramento que fez de não comer pão em toalha, nem com a rainha folgar, com tudo o mais que a isto se segue e que vosmecê jurou cumprir, até tirar aquele elmete de Malandrino, ou que outro nome tenha o mouro, que não me lembro bem.

— Tens muita razão, Sancho — disse Dom Quixote —; mas para dizer-te a verdade, já me tinha esquecido; também podes ter por certo que só te sucedeu aquilo da manta por não mo haveres lembrado a tempo; farei a emenda, entretanto, pois há modos de composição para tudo, na ordem da cavalaria.

— Porventura jurei alguma coisa? — inquiriu Sancho.

— Não importa que não tenhas jurado — disse Dom Quixote —; basta eu saber que de participantes[1] não estás muito seguro e que, pelo sim ou pelo não, mau não será provermo-nos de remédio.

— Se assim é — observou Sancho — tome cuidado vosmecê, para não se esquecer disto como se esqueceu do juramento; pois, do contrário, talvez queiram de novo os fantasmas brincar comigo e até mesmo com vosmecê, se o veem tão pertinaz.

Nestas e noutras práticas os surpreendeu a noite no meio do caminho, sem terem, nem descobrirem onde pernoitar. O pior é que pereciam de fome, pois, com a falta dos alforjes, lhes faltou toda a despensa e matalotagem. Para cúmulo da desgraça, lhes sucedeu outra aventura que, sem artifício algum, verdadeiramente o parecia. E foi que a noite se cerrou com bastante escuridão; mas, apesar de tudo, caminhavam, crendo Sancho que, sendo aquela a estrada real, com boa razão, a uma ou duas léguas, achariam alguma venda. Indo ambos assim pela noite escura, o escudeiro faminto, o amo com ganas de comer, de repente viram surgir na mesma estrada e na direção deles grande número de luzes, que mais pareciam estrelas a mover-se. Pasmou Sancho ao avistá-las, e não foi menor a surpresa de Dom Quixote. Um sofreou o asno pelo cabresto, o outro o rocim pelas rédeas, e ficaram quietos, mirando atentamente o que podia ser aquilo. Viram que as luzes se acercavam deles e, quanto mais perto, maiores pareciam. Ante aquela visão, principiou Sancho a tremer como um azougado; e a Dom Quixote se lhe eriçaram os cabelos da cabeça. O último, animando-se um pouco, disse:

— Deve ser esta, sem dúvida, Sancho, grandíssima e perigosíssima aventura, na qual precisarei mostrar todo o valor e esforço meu.

— Desventurado de mim! — respondeu Sancho —; se acaso for esta uma aventura de fantasmas, como já me vai parecendo, onde haverá costelas que a suportem?

— Por mais fantasmas que venham — disse Dom Quixote —, não consentirei que te toquem o pelo da roupa; se da outra vez zombaram de ti, foi porque não pude saltar as paredes do curral; mas agora estamos em campo raso, onde poderei esgrimir a espada como quiser.

— E se o encantam e o tolhem, como da outra vez o fizeram — observou Sancho —, que adianta estar vosmecê, ou não, em campo aberto?

— Apesar de tudo — replicou Dom Quixote —, te rogo, Sancho, que tenhas coragem; e a experiência te há de mostrar a que tenho.

— Hei de ter, sim, se Deus quiser — respondeu Sancho.

E apartando-se os dois para um lado do caminho, tornaram a mirar atentamente as luzes, que caminhavam, a ver se atinavam com o que podia ser; e, dentro em pouco, descobriram muitos encamisados,[2] cuja visão tenebrosa acabou de esfriar o ânimo de Sancho Pança, que começou a bater os dentes como quem tem frio de febre palustre; e mais ainda cresceu esse bater de dentes, quando viram distintamente o que era, reconhecendo cerca de vinte encamisados, todos a cavalo, com tochas acesas nas mãos. Atrás deles, vinha uma liteira coberta de luto, seguida de outros seis a cavalo, enlutados até aos pés das mulas (que bem se via que o eram, e não cavalos, pelo sossego com que caminhavam). Iam os encamisados sussurrando, com voz baixa e lastimosa. Tão estranha visão, a tais horas e em tal despovoado, bastava para amedrontar o coração de Sancho, e até o do seu amo; e bem poderia ter amedrontado Dom Quixote, de vez que a Sancho lhe dera cabo de todo o esforço. Na realidade, porém, foi o contrário que adveio ao amo, o qual, na sua fantasia, imaginou ao vivo ser aquela uma das aventuras dos seus livros.

Figurou ser a liteira padiola, que conduzia algum cavaleiro morto ou malferido, cuja vingança a ele só se reservava; e sem mais fazer discurso, enristou a lança, firmou-se na sela e, com gentil brio e continência, se pôs no meio do caminho, por onde forçosamente os encamisados passariam. Quando os viu perto, alteou a voz e disse:

— Parai, cavaleiros, ou quem quer que sejais, e dai-me conta de quem sois, de onde vindes, aonde ides e que levais na padiola; pois, pelas aparências, ou haveis feito, ou outros vos fizeram algum desaguisado, sendo conveniente e necessário que eu o saiba, quer para castigar-vos pelo mal que fizestes, quer para vingar-vos da afronta que vos fizeram.

— Temos pressa — respondeu um dos encamisados — e a venda está longe; não podemos parar para responder a tantas perguntas, como pedis.

E espicaçando a mula, seguiu adiante.

A resposta magoou grandemente Dom Quixote, que, travando-lhe das rédeas, exclamou:

— Parai e sede mais bem-criado; dai me conta do que vos perguntei, se não quiserdes todos batalhar comigo.

Era a mula espantadiça e, ao lhe tomarem o freio, se espantou de tal maneira que, erguendo as duas patas traseiras, arremessou pelas ancas o dono ao solo. Um moço que ia a pé, vendo cair o encamisado, começou a injuriar Dom Quixote, o qual, já encolerizado, sem esperar mais, enristou a lança e arremeteu contra um dos enlutados, dando com ele por terra, malferido; e voltando-se para os demais, era de ver-se a presteza com que os acometia e desbaratava, parecendo até que, naquele instante, haviam nascido asas no Rocinante, tal o garbo e ligeireza com que este campeava. Todos os encamisados eram gente medrosa e desarmada; assim, com facilidade, num instante abandonaram a refrega e principiaram a correr pelo campo com as tochas acesas, parecendo mascarados que regressam em noite de festa e regozijo. Os enlutados, revoltos e envoltos nas suas lobas e opas compridas, não se podiam mover. Pôde assim Dom Quixote espancá-los a salvo e os fez deixar o sítio mau grado seu; todos pensaram que aquilo não era homem, porém o diabo do inferno, que lhes vinha roubar o defunto que levavam na liteira.

Sancho assistia a tudo admirado da audácia do patrão, e dizia, de si para si: “Sem dúvida, este meu amo é tão valente e esforçado como afirma.” Ardia uma tocha no solo, junto ao primeiro que caíra da mula, e à sua luz o pôde ver Dom Quixote, que, chegando-se a ele, lhe pôs no rosto a ponta da lança, intimando-o a render-se, porque senão o mataria. Ao que respondeu o caído:

— Para lá de rendido estou, pois não me posso mover e tenho uma perna quebrada; suplico a vosmecê que, se é cavaleiro cristão, não me mate, pois cometerá um grande sacrilégio; sou licenciado e já recebi as primeiras ordens.

— Pois que diabo vos trouxe aqui — disse Dom Quixote —, sendo homem da Igreja?

— Quem, senhor? — replicou o caído. — A minha desventura.

— Outra maior vos ameaça — prosseguiu Dom Quixote — se não satisfizerdes a todas as perguntas que antes formulei.

— Com facilidade será vosmecê satisfeito — respondeu o licenciado —; e assim, saberá vosmecê que, muito embora tenha eu dito antes que era licenciado, não sou senão bacharel e me chamo Alonso López, sou natural de Alcobendas, venho da cidade de Baeza com outros 11 sacerdotes, que são os que fugiram com as tochas; vamos à cidade de Segóvia, acompanhando um defunto, que vai naquela liteira e que é um cavaleiro que morreu em Baeza, onde foi depositado, e agora (como digo) lhe transportávamos os ossos ao sepulcro, que está em Segóvia, onde nasceu.[3]

— E quem o matou? — perguntou Dom Quixote,

— Deus, por meio de umas febres pestilenciais que lhe deram — respondeu o bacharel.

— Desse modo — disse Dom Quixote — livrou-me Nosso Senhor do trabalho que me daria vingar a sua morte, se outrem o tivera morto; mas, sendo quem foi o matador, não há senão calar e encolher os ombros, pois o mesmo faria se me matara a mim. E quero que saiba Vossa Reverência que sou um cavaleiro da Mancha, de nome Dom Quixote, e que meu ofício e profissão é andar pelo mundo endireitando tortos e desfazendo agravos.

— Não sei o que seja isso de endireitar tortos — disse o bacharel — pois a mim, de direito que era, me entortastes, deixando-me de perna quebrada — a qual nunca mais ficará direita, em todos os dias da minha vida; e o agravo, que em mim desfizestes, foi deixar-me agravado de tal maneira, que agravado ficarei para sempre. Grande desventura a minha, de vos haver encontrado nesse rebuscar de aventuras.

— Nem todas as coisas sucedem do mesmo modo — respondeu Dom Quixote. — O mal foi terdes vindo como viestes, senhor bacharel Alonso López, no meio da noite, vestidos com aquelas sobrepelizes, tochas acesas, rezando, cobertos de luto, que até parecíeis coisa má e do outro mundo. Assim, não pude deixar de cumprir o meu dever, atacando-vos; e vos atacaria, ainda que verdadeiramente soubesse serdes os próprios Satanases do inferno — que por tais vos julguei e tive.

— Já que assim o quis a minha sorte — disse o bacharel —, suplico a vosmecê, senhor cavaleiro andante, que tão má andança me causou, me ajude a sair de debaixo desta mula, que me tem presa uma perna entre o estribo e a sela.

— Ficaria eu a falar até amanhã! — disse Dom Quixote. — E por que tanto tardastes em me revelar a vossa aflição?

Pôs-se logo a chamar Sancho Pança, aos gritos; este, porém, não fez caso do apelo, porque andava ocupado em descarregar uma azêmola cheia de provisões e de boas coisas para comer, que traziam aqueles bons senhores. Do seu gabão fez Sancho um saco, onde se pôs a recolher tudo o que pôde e lhe coube dentro; depois, largou a carga no lombo do jumento e correu a acudir aos brados do amo, ajudando-o a tirar o senhor bacharel da opressão da mula; pô-lo em cima dela e lhe deu a tocha. Disse-lhe Dom Quixote que seguisse a rota dos companheiros, recomendando-lhe que, de sua parte, lhes pedisse perdão do agravo que lhes fizera, sem que estivesse ao seu alcance o tê-lo evitado.

Também Sancho lhe disse:

— Se por acaso quiserem saber esses senhores quem foi o valoroso que os pôs em tal estado, diga-lhes vosmecê que foi o famoso Dom Quixote de la Mancha, que por outro nome se chama o *Cavaleiro da Triste Figura.*

Com isto se foi o bacharel, e Dom Quixote perguntou a Sancho por que o tinha chamado o *Cavaleiro da Triste Figura*,[4] alcunha que nunca antes lhe ouvira.

— Eu lhe digo — respondeu Sancho —: porque estive eu a mirá-lo um pouco, à luz daquela tocha que vai na mão daquele mal-andante cavaleiro, e verdadeiramente tem vosmecê a pior figura que jamais vi, o que só posso atribuir ao cansaço deste combate, ou à falta dos dentes e queixais.

— Não é isso — retrucou Dom Quixote —; é que ao sábio, a cujo cargo deve estar o escrever a história das minhas façanhas, lhe haverá parecido bem que eu tome algum apelido, como o tomavam os passados cavaleiros. Um se chamava *da Ardente Espada*, outro *do Unicórnio*,[5] outro *das Donzelas*,[6] outro *da Ave Fênix*,[7] outro *cavaleiro do Grifo*,[8] outro *da Morte.*[9] e por esses nomes e insígnias eram conhecidos por toda a redondeza da Terra. Penso, pois, que o referido sábio te pôs na língua e no pensamento o chamar-me agora *Cavaleiro da Triste Figura*, alcunha que adotarei daqui por diante; e para que melhor me calhe tal nome, determino que se pinte no meu escudo, quando for oportuno, uma figura muito triste.

— Não é preciso gastar tempo e dinheiro em fazer tal figura — disse Sancho —; basta que vosmecê descubra a sua e mostre o rosto aos que o mirarem; aposto que, sem quê nem mais e sem qualquer outra imagem ou escudo, o chamarão todos o *da Triste Figura.* E creia-me que lhe falo a verdade, senhor, pois garanto a vosmecê (e isto digo sem gracejar) que a fome e a falta dos queixais lhe dão uma tão má catadura, que, como já disse, é perfeitamente dispensável a pintura triste.

Riu-se Dom Quixote do gracejo de Sancho; mas continuou no firme propósito de adotar aquele nome, logo que o pudesse pintar no seu escudo ou rodela, conforme imaginara.

— Esqueceu-me adverti-lo[10] de que se acha vosmecê excomungado, por haver posto as mãos violentamente em coisa sagrada: *Juxta illud, si quis suadente diabolo*[11] etc.

— Não entendo esse latim — respondeu Dom Quixote —, mas sei muito bem que não lhe pus as mãos, senão que apenas esta lança. Tanto mais que não pensei ofender a sacerdotes, nem a coisas da Igreja, a quem respeito e adoro como católico e fiel cristão que sou, mas a fantasmas e aparições do outro mundo. E ainda que assim fosse, conservo na memória o que sucedeu a Cide Rui Dias, quando quebrou a cadeira do embaixador daquele rei diante de Sua Santidade, o papa, pelo que este o excomungou; e, aquele dia, andou o bom Rodrigo de Bivar como muito honrado e valente cavaleiro.[12]

Ouvindo isto, foi-se o bacharel, como já foi dito, sem replicar palavra. Quisera Dom Quixote examinar se o corpo, que vinha na liteira, era ossada, ou não, mas Sancho não lho consentiu, dizendo-lhe:

— Senhor, vosmecê acabou esta perigosa aventura o mais a seu salvo de quantas já vi; esta gente, ainda que vencida e desbaratada, poderia ser que se desse conta de havê-los vencido uma só pessoa e, corridos e envergonhados disto, voltassem a refazer-se e a buscar-nos, e nos dessem trabalho. Está o jumento como convêm; a montanha, perto; a fome aperta; o melhor é nos retirarmos muito airosos, e, como dizem, vá o morto à cova e o vivo à fogaça.

Depois, tocando o asno, rogou a seu amo que o seguisse; e este o seguiu sem mais réplica, por lhe parecer que Sancho tinha razão. A poucos passos, caminhando entre dois outeiros, deparou-se-lhes oculto e espaçoso vale, onde se apearam. Sancho aliviou o jumento; e estendidos sobre a relva, com o tempero da fome, almoçaram, jantaram, merendaram e cearam ao mesmo tempo, satisfazendo os estômagos com mais de uma carne fria, que os senhores clérigos do defunto (que poucas vezes se deixam passar mal) traziam na azêmola das provisões. Sucedeu-lhes, todavia, outra desgraça, que a Sancho pareceu de todas a pior, e foi que não tinham vinho para beber, nem água para molhar a boca. Acossados pela sede, vendo Sancho que estava o prado coberto de erva miúda e verdejante, pôs-se a dizer o que se lerá no seguinte capítulo.

# CAPÍTULO XX

## *Da nunca vista nem ouvida aventura, que jamais, e com pouco mais perigo, foi concluída por nenhum famoso cavaleiro no mundo, mas a concluiu o valoroso Dom Quixote de la Mancha*

— Não é possível, senhor meu, à vista do que nos mostram estas ervas, que por aqui não haja alguma fonte ou arroio, que as umedeça; por isso, convém irmos um pouco mais adiante, onde talvez achemos com que mitigar a terrível sede que nos fatiga e que, sem dúvida, nos aflige mais do que a fome.

O conselho agradou a Dom Quixote, que tomou as rédeas ao Rocinante, enquanto Sancho segurava o cabresto do asno, após lhe ter posto no lombo os restos da ceia. Principiaram a caminhar pelo prado acima, às apalpadelas, porque a escuridão da noite os não deixava coisa alguma perceber. Ainda não tinham andado duzentos passos, quando aos ouvidos lhes chegou grande ruído de água, como que a despenhar-se de alguns grandes e alcantilados penhascos.

Alegrou-os muitíssimo o ruído e, parando para escutar de que parte vinha, ouviram inopinadamente outro estrondo, que lhes aguou o contentamento da água, especialmente a Sancho, que era medroso e pusilânime por natureza. Digo que ouviram uns golpes compassados, com certo retinir de ferros e cadeias, que, acompanhados do furioso estrondo da água, causariam pavor a qualquer outro coração que não fosse o de Dom Quixote. Estava a noite escura, como já se disse, e casualmente penetraram por entre umas árvores altas, cujas folhas, movidas por brando vento, faziam temeroso e manso ruído; de maneira que a solidão, o sítio, a escuridão, o ruído da água com o sussurro das folhas, tudo infundia espanto e horror — mormente quando viram que nem os golpes cessavam, nem o vento dormia, nem a manhã despontava. Ao que tudo se juntava o não saberem o lugar onde se encontravam.

Porém Dom Quixote, impelido por seu coração intrépido, pulou sobre o Rocinante, embraçou a rodela, empunhou o arremedo de lança e disse:

— Sancho amigo, hás de saber que nasci, por vontade do céu, nesta nossa idade do ferro, para ressuscitar nela a de ouro, ou a dourada, como sói chamar-se. Sou aquele para quem estão reservados os perigos, as grandes façanhas e os feitos valorosos. Sou, repito, quem há de ressuscitar os cavaleiros da Távola Redonda, os Doze de França e os Nove da Fama, e o que há de fazer esquecer os Platires, os Tablantes, Olivantes e Tirantes, os Febos e Belianises, com toda a caterva dos famosos cavaleiros andantes das eras passadas, realizando, nesta época em que vivo, tais grandiosidades, estranhezas e feitos de armas, que escureçam os que eles fizeram mais brilhantes. Bem vês, escudeiro fiel e legítimo, as trevas desta noite, seu estranho silêncio, o surdo e confuso estrondo destas árvores, o temeroso ruído daquela água, em busca da qual viemos e que parece despenhar-se e jorrar dos altos montes da Lua,[1] e aquele golpear incessante, que nos fere e magoa os ouvidos; as quais coisas, todas juntas e cada uma de per si, bastam para infundir medo, temor e espanto ao peito do próprio Marte, quanto mais a quem não está acostumado a semelhantes acontecimentos e aventuras. Pois tudo isso, que te descrevo, são incentivos e despertadores do meu ânimo, que já está fazendo que me rebente no peito o coração, desejoso de enfrentar esta aventura, por mais difícil que pareça. Assim, aperta um pouco as cilhas do Rocinante, fica-te com Deus e espera-me aqui até três dias, não mais. Se nesse prazo eu não voltar, podes regressar à nossa aldeia e dali, para me obsequiares e fazeres uma boa ação, irás a Toboso, onde avisarás à incomparável senhora minha Dulcineia que seu cativo cavaleiro morreu, por tentar coisas que o fizessem digno de poder chamar-se dela.[2]

Ouvindo as palavras do amo principiou Sancho a chorar com a maior ternura do mundo e a dizer-lhe:

— Senhor, não sei por que quer vosmecê meter-se em tão tenebrosa aventura. Agora é noite, ninguém nos vê aqui, bem podemos mudar de rumo e desviar-nos do perigo, embora passemos três dias sem beber. E se não há quem nos veja, menos haverá quem nos chame de covardes: tanto mais que ouvi pregar ao cura da nossa aldeia (que vosmecê bem conhece) de quem busca o perigo nele perece. Assim, não é bom tentar a Deus empreendendo tão desaforado feito, onde não se pode escapar senão por milagre; basta o que já fez o céu com vosmecê, livrando-o de servir de joguete, como eu servi, e tirando-o vencedor, livre e salvo, do meio de tantos inimigos, como os que acompanhavam o defunto. E se tudo isto não mover, nem abrandar esse duro coração, mova-o o pensar e crer que, apenas se tenha vosmecê apartado daqui, eu de medo entregarei minha alma a quem a quiser levar. Saí de minha terra, deixei mulher e filhos para vir a serviço de vosmecê, esperando valer mais, e não menos; mas, como a cobiça rompe o saco, a mim rasgou-me as esperanças, pois, quando mais vivas as tinha de alcançar aquela negra e malfadada ilha, que vosmecê me prometeu tantas vezes, vejo que, em paga e troco dela, me quer vosmecê deixar agora em lugar tão distante do trato humano. Por Deus, meu amo, não me faça tal desaguisado; e já que de todo não quer vosmecê desistir dessa aventura, espere ao menos até a manhã, pois, pelo que sei do que aprendi quando era pastor, não faltam mais que três horas para o amanhecer, porque a boca da Buzina[3] está por cima da cabeça e faz meia-noite na linha do braço esquerdo.

— Como podes tu, Sancho, ver onde está essa linha, nem onde está essa boca ou essa nuca de que falas, se é tão escura a noite, que em todo o céu não se vê uma só estrela?

— De fato — ponderou Sancho —; mas tem o medo muitos olhos, e vê as coisas debaixo da terra, quanto mais em cima no céu! Aliás, com bom discurso se pode compreender que pouco falta para o dia raiar.

— Falte o que faltar — respondeu Dom Quixote —, jamais se dirá de mim, agora, nem em tempo algum, que lágrimas e rogos me impediram de fazer o que devia como cavaleiro. Cala-te, pois, Sancho, eu te peço; Deus, que me deu coragem para empreender agora esta aventura tão tenebrosa e nunca vista, cuidará de mim e da minha saúde, e consolará tua tristeza. O que tens de fazer é apertar bem as cilhas do Rocinante e ficar aqui, porquanto, vivo ou morto, voltarei breve.

Vendo a última resolução do amo e quão pouco valiam suas lágrimas, conselhos e rogos, decidiu Sancho usar de esperteza e fazê-lo esperar até o amanhecer, se pudesse. Assim, enquanto apertava as cilhas do cavalo, sorrateiramente e sem ser pressentido, atou com o cabresto do seu asno ambas as patas traseiras do Rocinante, de maneira que, quando Dom Quixote quis partir, não conseguiu, porque não se podia o cavalo mover senão aos saltos. Vendo Sancho o bom sucesso do embuste, disse:

— Eia, senhor, que o céu, comovido com minhas lágrimas e rogos, ordenou que se não possa mover o Rocinante. E se quereis teimar em esporeá-lo e bater-lhe, será afrontar a sorte e, como dizem, dar murro em ponta de faca.

Com isto se desesperava Dom Quixote; e por mais que esporeasse o cavalo, menos se podia este mover. Sem perceber a ligadura, achou melhor sossegar e esperar, ou que amanhecesse, ou que o Rocinante desempacasse, longe de supor que aquilo fossem artimanhas de Sancho. E lhe disse:

— Já que o Rocinante emperrou, Sancho, resigno-me a esperar que sorria a aurora, ainda que eu chore a sua tardança.

— Não há de que chorar — respondeu Sancho —, pois cuidarei de entreter vosmecê contando histórias, até que o dia desponte, se é que vosmecê não prefere apear-se e dormir um pouco sobre a verdura, como costumam fazê-lo os cavaleiros andantes, para que o venha encontrar o dia mais descansado e pronto para enfrentar a tão desigual aventura que o aguarda.

— Qual apear e qual dormir! — Fez Dom Quixote. — Serei, porventura, um desses cavaleiros que buscam repouso na hora do perigo? Dorme tu, que nasceste para dormir, ou faze o que quiseres, que eu farei o que melhor convier ao meu intento.

— Não se aborreça vosmecê, meu senhor — retrucou Sancho —, que não o falei por mal.

E, chegando-se a ele, pôs uma das mãos no arção dianteiro e a outra no outro; ficou, assim, abraçado à coxa esquerda do amo, sem ousar apartar-se dele um dedo: tal era o medo que lhe infundiam os golpes, que continuavam a soar alternadamente.

Pediu-lhe Dom Quixote que contasse alguma história para entretê-lo, como lho havia prometido.

Ao que Sancho respondeu que sim, que contaria, se lho permitisse o temor do que ouvia.

— Apesar de tudo — disse ele — vou esforçar-me por contar uma história, que, se consigo contar e não me interrompem, é a melhor das histórias. Preste vosmecê atenção, que vou começar. Era uma vez, o bem que vier para todos seja, e o mal para quem o for buscar.[4] E atente vosmecê, senhor meu, que o princípio que os antigos davam às suas histórias não era tomado ao acaso, mas retirado de uma sentença de Catão Zonzorino[5] o romano, que reza: "e o mal para quem o for buscar"; o que vem aqui a calhar como anel ao dedo, para que se aquiete vosmecê e não vá buscar o mal em parte alguma; antes voltemos por outro caminho, já que ninguém nos força a seguir por este, onde tantos pavores nos assaltam.

— Segue tu com a história, Sancho — disse Dom Quixote — e deixa a meu cuidado o caminho que havemos de seguir.

— Digo, pois — prosseguiu Sancho —, que, num lugar da Estremadura, havia um pastor cabreiro, quero dizer, que guardava cabras; o qual pastor, ou cabreiro, como digo no meu conto, se chamava Lope Ruiz, e este Lope Ruiz andava enamorado de uma pastora que se chamava Torralba, a qual pastora chamada Torralba era filha de um criador rico; e este criador rico...

— Se é assim que contas histórias, Sancho — disse Dom Quixote — repetindo duas vezes o que vais dizendo, não acabarás em dois dias; dize-o seguidamente e conta-o como homem inteligente; senão é melhor que te cales.

— Da mesma maneira que eu conto — respondeu Sancho — se contam na minha terra todas as fábulas, e não sei contá-las de outro modo; nem fica bem a vosmecê exigir que eu adote agora usos novos.

— Pois então conta como quiseres — disse Dom Quixote —; já que é minha sina não poder deixar de escutar-te, prossegue.

— Ia eu dizendo, meu senhor de minha alma — continuou Sancho —, que esse pastor, como já disse, andava enamorado de Torralba, a pastora, que era moça roliça, esquiva, algum tanto machona, pois tinha uns poucos fios de bigode, que até parece que a estou vendo.

— Então tu a conheceste? — inquiriu Dom Quixote.

— Não a conheci — respondeu Sancho —, mas quem me contou a história disse-me que era coisa tão certa e verdadeira que, quando eu a contasse a outrem, bem podia afirmar e jurar que tudo tinha visto. Assim, iam-se passando os dias, e o diabo, que não dorme e que tudo enreda, fez de maneira que o amor, que o pastor votava à pastora, se transformasse em má vontade e ódio; e isto por causa de certa quantidade de ciumezinhos que, segundo as más-línguas, ela lhe infundiu, e que passavam do limite e já chegavam a terreno proibido. E tanto a aborreceu, dali por diante, o pastor, que, para não mais a ver, quis ausentar-se daquela terra e ir para onde seus olhos a não alcançassem jamais. Eis porém que a Torralba, que nunca havia querido ao Lope, pôs-se logo a bem-querê-lo, mal se viu desdenhada.

— Essa é a natural inclinação das mulheres — disse Dom Quixote —: desdenhar quem as quer e amar quem as aborrece. Prossegue, Sancho.

— Sucedeu que o pastor — continuou Sancho — executou seu intento e, tocando as cabras, se encaminhou pelos campos da Estremadura, para se passar aos reinos de Portugal. Soube-o a Torralba e lhe foi no encalço: seguia-o de longe, descalça e a pé, com um pau na mão e alforjes no pescoço, onde levava (segundo se diz) um pedaço de espelho, outro de pente, e não sei que vidrinho de unguentos para a cara; mas, levasse o que levasse, não me quero meter agora a averiguá-lo. Só repetirei o que dizem: que o pastor chegou, com o rebanho, à beira do rio Guadiana, que, por esse tempo, estava cheio e quase transbordando. Na parte onde chegou, não havia barco, nem canoa, nem quem o passasse a ele e ao gado para a outra parte, o que muito o molestou, por saber que se aproximava a Torralba, a qual, com seus rogos e lágrimas, lhe haveria de trazer muito pesadume; mas, tanto olhou e procurou, que viu um pescador junto a um barco, tão pequeno, que só podiam caber nele uma pessoa e uma cabra; apesar disso, falou e combinou com o mesmo o transporte dele próprio e das trezentas cabras que levava. Entrou o pescador no barco, e passou uma cabra; voltou, e passou outra; tornou a voltar e tornou a passar outra. Vá vosmecê contando o número de cabras que o pescador ia passando, porque, se se perde uma da memória, acaba a história e não sei contar mais nada. Continuo, pois, e digo que o desembarcadouro, na outra margem, estava escorregadio e cheio de lodo; e o pescador tardava muito em ir e voltar. Apesar de tudo, voltou para buscar outra cabra, e outra, e outra.

— Faze de conta que já as passou todas — disse Dom Quixote —; se continuas a ir e vir dessa maneira, não acabarás de passá-las num ano.

— Quantas já passaram até agora? — perguntou Sancho.

— Eu lá posso saber? — replicou Dom Quixote.

— Aí está por que preveni a vosmecê que contasse bem direitinho; pois, por Deus que se acabou o conto e não posso passar adiante.

— Como assim? — instou Dom Quixote. — É tão essencial à história saber quantas cabras passaram, por extenso, que, se se erra uma no número, não consegues prosseguir?

— Não, senhor, absolutamente — respondeu Sancho —; mas quando pedi a vosmecê que me dissesse quantas cabras haviam passado e me respondeu que não sabia, nesse mesmo instante me fugiu da memória tudo o mais que me restava dizer; e juro que era coisa de sustância e de muita significação.

— De maneira que se acabou a história? — indagou Dom Quixote.

— Tão acabada está como a minha mãe — respondeu Sancho.

— Em verdade te digo — continuou Dom Quixote — que contaste uma das mais novas fábulas, contos ou histórias, que ninguém no mundo poderia inventar[6] e a contaste e concluíste de tal maneira, que jamais se poderá ver nem se terá visto igual, em toda a vida. Aliás, não poderia eu esperar outra coisa do teu bom discurso. Mas não me admiro, pois talvez esses golpes, que não cessam, te hajam perturbado o entendimento.

— Tudo pode ser — acudiu Sancho —; mas o que sei é que, no meu conto, não há mais o que dizer: ele acaba onde começa o erro na conta da passagem das cabras.

— Acabe em boa hora e onde quiseres — disse Dom Quixote —; e vejamos se o Rocinante já se pode mover.

Tornou a meter-lhe as pernas e o animal, mais uma vez, deu saltos, sem sair do lugar: tão bem atado estava.

Nisto, fosse pelo frio da manhã, que já ralava, fosse por ter Sancho ceado algumas coisas laxativas, fosse por algo natural (que é o que mais se deve crer), veio-lhe a vontade e desejo de fazer o que nenhum outro poderia fazer em seu lugar; todavia, era tamanho o medo entranhado no seu coração, que não ousava apartar-se do amo uma ponta de unha. Tampouco lhe era possível pensar em não fazer o que sentia vontade; sua única saída, para conciliar tudo isso, foi soltar a mão direita, que estava presa ao arção traseiro, e com ela, sorrateiramente e sem rumor algum, desprender o cinto, que sem outra ajuda lhe segurava as calças, as quais lhe caíram logo aos pés como se fossem grilhões soltos; em seguida, levantou o mais que pôde a aba da camisa e expôs ao ar ambos os assentos, que não eram muito pequenos. Feito isso (que ele julgou ser o mais premente, para sair daquela terrível apertura e angústia), lhe sobreveio angústia maior, pois lhe pareceu que não podia aliviar-se sem fazer estrépito e ruído; começou, por isso, a cerrar os dentes e a encolher os ombros, recolhendo em si todo o alento que podia; mas, com todas essas diligências, foi tão infeliz que, ao fim de contas, lhe escapou pequeno ruído, bem diferente daquele que lhe infundia tanto medo.

Ouvindo-o, disse Dom Quixote.

— Que rumor é este, Sancho?

— Não sei, meu amo; deve ser alguma coisa nova, porque as aventuras e desventuras nunca principiam por pouco.

Tornou, mais uma vez, a tentar a sorte e, desta, se saiu tão bem, que, sem mais ruído, nem alvoroço, se viu livre da carga que lhe causava tanto pesadelo. Mas, como Dom Quixote tinha tão vivo o sentido do olfato como o do ouvido e Sancho estava tão junto e pegado a ele que as exalações subiam quase em linha reta para cima, não foi possível evitar que chegassem algumas ao nariz do fidalgo. Este, mal as sentiu, buscou socorro, apertando as narinas entre dois dedos e dizendo, em tom algum tanto fanhoso:

— Parece-me, Sancho, que tens muito medo.

— Se tenho! — exclamou o escudeiro —; mas por que vosmecê notou isso agora mais do que nunca?

— Porque agora cheiras mais do que nunca, e não é cheiro de âmbar — respondeu Dom Quixote.

— Bem poderá ser — disse Sancho —; mas não é minha culpa, e sim de vosmecê, que me traz fora de horas por estes passos desacostumados.

— Afasta-te três ou quatro para lá, amigo — disse Dom Quixote (sem tirar os dedos do nariz) —, e, daqui por diante, toma mais cuidado com a tua pessoa e com o que deves à minha; a muita conversa que mantenho contigo foi a causadora desta descortesia.

— Aposto — replicou Sancho — que vosmecê pensa ter eu feito da minha pessoa alguma coisa que não devia.

— É bom não mexer neste assunto, amigo Sancho — advertiu Dom Quixote.

Em tais colóquios, e quejandos, passaram a noite, o amo e o criado. Mas, vendo Sancho que avançava a manhã, cautelosamente desamarrou o Rocinante e vestiu as calças. Ao sentir-se livre, o Rocinante, que em regra nada tinha de brioso, parece que se ressentiu e começou a dar de patas, pois curvetas (com sua licença) não as sabia fazer. Percebendo que se movia o Rocinante, viu nisto Dom Quixote um bom sinal e julgou que chegara o momento de empreender a tenebrosa aventura.

Acabava a aurora de se descobrir e já distintamente apareciam as coisas. Notou Dom Quixote que estava entre duas árvores altas, que eram castanheiros, que fazem sombra muito escura. Sentiu também que não cessava o golpear, mas não viu quem o podia causar; assim, sem mais deter-se esporeou o Rocinante e, tornando a se despedir de Sancho, mandou-lhe que ali o esperasse no máximo três dias, como já havia dito antes, e que, se ao cabo desse prazo não tivesse voltado, ficasse ele certo de que Deus fora servido de lhe pôr fim à vida naquela perigosa aventura. Repetiu-lhe o recado e a mensagem que haveria de levar, de sua parte, à sua senhora Dulcineia; disse lhe que, no tocante ao pagamento dos seus serviços, não tivesse cuidado, porque deixara feito o testamento antes de sair da sua terra e no mesmo determinara o modo de lhe serem pagos os salários, na proporção do tempo em que o tivesse servido. Mas, se o livrasse Deus, são e salvo e sem cautela,[7] daquele perigo, poderia ter o escudeiro por mais que certa a prometida ilha. De novo tornou Sancho a chorar, ouvindo as lastimosas razões do seu bom amo, e resolveu não o deixar, até à conclusão e final daquele negócio. Destas lágrimas e da tão honrada determinação de Sancho Pança, deduz o autor desta história que devia ser ele bem-nascido, ou, pelo menos, cristão-velho. Enterneceu-se o amo com tais sentimentos, mas não tanto que mostrasse fraqueza; antes, dissimulando o melhor que pôde, começou a caminhar até o local de onde lhe pareceu que vinha o ruído da água e dos golpes.

Seguia-o Sancho a pé, puxando, como de costume, o cabresto do jumento, perpétuo companheiro de suas prósperas e adversas fortunas. Tendo andado um bom pedaço, por entre aqueles castanheiros e árvores sombrias, foram dar num pradozinho, que surgia ao pé de umas altas penedias, das quais se precipitava grande cachoeira. No sopé das mesmas pedras se viam umas casas malfeitas, que mais pareciam ruínas de edifícios; e era delas que saía o ruído e o estrondo daquele incessante golpear. Alvoroçou-se o Rocinante com o estrondo da água e das batidas; mas, sossegando-o Dom Quixote, lá se foi chegando lentamente às casas. Encomendava-se o fidalgo, de todo o coração, à sua senhora, suplicando-lhe que o favorecesse naquela tenebrosa jornada e empresa; de caminho, se encomendava também a Deus, para que o não olvidasse. Não saía Sancho do seu lado: esticava o quanto podia o pescoço e a vista por entre as pernas do Rocinante, a ver se atinava com o que o trazia tão suspenso e temeroso. Cem passos mais teriam andado, quando, ao dobrarem uma quina da rocha, lhes apareceu, descoberta e patente, a causa própria, sem poder ser outra, do horrísono e espantoso ruído, que os amedrontara a noite inteira. E outra não era (se não levas a mal, leitor, que eu te desvende o pesadelo) senão seis maços de azenha,[8] que, com pancadas alternadas, formavam todo aquele estrondo.

Quando viu Dom Quixote o que era, emudeceu e pasmou de cima a baixo. Mirou-o Sancho e viu que tinha a cabeça inclinada sobre o peito, com mostras de estar envergonhado. Mirou também Dom Quixote a Sancho e notou que estava com as bochechas inchadas e a boca cheia de riso, com evidentes sinais de querer-lhe estourar uma gargalhada. A vista de Sancho foi mais forte que a sua melancolia e não se pôde conter que não risse. Vendo Sancho que seu amo dera começo à galhofa, soltou a presa de tal maneira, que teve necessidade de apertar as ilhargas com os punhos, para não arrebentar de tanto rir. Quatro vezes serenou, e outras tantas voltou a gargalhar, com o mesmo ímpeto da primeira vez. Já se ia aperreando com isso Dom Quixote, sobretudo quando o escutou dizer, a modo de chalaça:

— "Hás de saber, Sancho amigo, que nasci por vontade do céu nesta idade do ferro, para ressuscitar nela a dourada, ou de ouro. Sou aquele para quem estão reservados os perigos, as grandes façanhas, os valorosos feitos."

E assim foi repetindo o escudeiro todas ou a maioria das razões que invocara Dom Quixote a primeira vez que ouviram os tremendos golpes.

Percebendo que Sancho zombava dele, envergonhou-se e agastou-se de tal modo Dom Quixote, que ergueu a lança e lhe assentou duas bordoadas. Apanhou-as o escudeiro nas costas; mas foram tais que, se as recebera na cabeça, estaria livre o amo de lhe pagar os salários, salvo se fosse aos seus herdeiros. Vendo o mau efeito que iam causando suas burlas, temeu Sancho que se agastasse o amo ainda mais, e com bastante humildade, lhe disse:

— Sossegue vosmecê, que, por Deus, estou apenas gracejando.

— Pois se gracejais, não gracejo eu — replicou Dom Quixote. — Vinde aqui, alegre senhor: parece-vos a vós que, se em vez de encontrarmos aqui maços de azenha, se nos deparasse outra perigosa aventura, não teria eu mostrado o ânimo necessário para empreendê-la e terminá-la? Estarei eu obrigado por acaso (sendo, como sou, cavaleiro), a conhecer e distinguir os sons e saber quais são os de maço de pisoeiro, e quais não? Demais, poderia acontecer (o que é verdade) que eu nunca os tivesse visto em dias da minha vida, como os vistes vós, ruim vilão que sois, criado e nascido entre eles. Se duvidais, fazei agora que estes seis maços se transformem em seis gigantes; lançai-mos às barbas, um por um ou todos juntos; e se eu não der com todos eles de pés para o ar, então sim, podeis zombar de mim o quanto quiserdes.

— Basta, meu amo — replicou Sancho —; confesso que andei risonho em demasia. Mas diga-me vosmecê, agora que estamos em paz, e assim Deus o tire de todas as aventuras que lhe sucedam tão são e salvo como o tirou desta: não foi coisa de rir, e não o é de contar, o grande medo que tivemos? Pelo menos o que eu tive, pois, quanto a vosmecê, bem sei que não o conhece, nem sabe o que é temor e espanto.

— Não nego — respondeu Dom Quixote — que o que nos sucedeu seja coisa digna de riso; mas não é digna de contar-se, pois nem todas as pessoas são tão discretas que saibam dar a cada coisa a justa medida.

— Pelo menos — ajuntou Sancho — soube vosmecê dar a justa medida à sua lança, apontando-me à cabeça e dando-me nas costas — graças a Deus e ao cuidado que pus em virar-me de jeito. Mas vá lá que assim seja, pois de uma vez se paga por tudo, segundo ouvi dizer: “Quem te quer bem é quem te faz chorar.” Além disso, costumam os grandes senhores dar calças de presente aos criados, depois que lhes dirigem palavras rudes, conquanto eu não saiba o que lhes costumam dar quando lhes assestam bordoadas: quem sabe se os cavaleiros andantes, por detrás das bordoadas, presenteiam com ilhas, ou reinos em terra firme?

— Tal poderia correr o dado — disse Dom Quixote — que tudo o que dizes viesse a ser verdade; e perdoa o passado, pois és discreto e sabes que os primeiros movimentos não estão na mão do homem. Daqui por diante ficas advertido de uma coisa (para que te abstenhas de falar demasiadamente comigo): em quantos livros de cavalaria li, que são infinitos, jamais encontrei escudeiro algum que palestrasse tanto com o seu senhor como tu com o teu. E na verdade o tenho por grande falta, tua e minha: tua, porque pouco me prezas; minha, porque não me dou mais ao respeito. Gandalim, por exemplo, escudeiro de Amadis de Gaula, foi conde da ilha Firme; dele se lê que sempre falava ao amo de gorro na mão, a cabeça inclinada e dobrado o corpo *more turquesco.*[9] E que diremos de Gasabal, escudeiro de Dom Galaor, que foi tão calado que, para declarar-nos a excelência do seu maravilhoso silêncio, uma única vez se menciona o seu nome em toda aquela história,[10] tão grande quanto verdadeira? De tudo o que disse hás de inferir, Sancho, que é preciso haver diferença de amo a moço, de senhor a criado e de cavaleiro a escudeiro. Assim, de hoje em diante, nos havemos de tratar com mais respeito, sem nos metermos em burlas, porque, de qualquer maneira que eu me aborreça contigo, há de sempre quebrar-se o cântaro. As mercês e benefícios que te prometi chegarão a seu tempo, e, se não chegarem, o salário pelo menos não se há de perder (como já te disse).

— Está bem tudo o que vosmecê diz — ponderou Sancho —; mas queria eu saber (se acaso não chegasse o tempo das mercês e fosse preciso acudir ao dos salários) quanto ganhava um escudeiro de um cavaleiro andante naqueles tempos, se faziam contrato por meses, ou por dias, como os serventes de pedreiros.

— Não creio — replicou Dom Quixote — que jamais estivessem os ditos escudeiros servindo em troca de salários, senão que apenas em troca de mercês. Se te contemplei no testamento cerrado que em minha casa deixei, foi pelas incertezas do futuro. Ainda não sei como se sairá, nestes nossos calamitosos tempos, a cavalaria, e não queria que, por poucas coisas, penasse a minha alma no outro mundo. Pois quero que saibas, Sancho, que não há nele mais perigosa condição que a dos aventureiros.

— Isto é verdade — concordou Sancho —, pois só o ruído dos maços de uma azenha pôde alvoroçar e desassossegar o coração de tão valoroso cavaleiro andante como o é vosmecê. Mas pode ficar certo de que, daqui por diante, não mais abrirei os lábios para gracejar com as coisas de vosmecê, a menos que seja para honrá-lo, como a meu amo e senhor natural.

— Dessa maneira — replicou Dom Quixote — viverás sobre a face da terra; porque, depois dos pais, é aos amos que se há de respeitar, como se o fossem.

# CAPÍTULO XXI

## *Que trata da alta aventura e da rica aquisição do elmo de Mambrino, com outras coisas sucedidas ao nosso invencível cavaleiro*

Nisto começou a chover um pouco, e quisera Sancho que se abrigassem no moinho dos pisões; mas tanto haviam estes aborrecido Dom Quixote, por causa do pesado gracejo, que de nenhum modo quis entrar ali; e, torcendo o caminho para a mão direita, foram dar noutro, como o que haviam percorrido na véspera. Dali a pouco, descobriu Dom Quixote um homem a cavalo, trazendo na cabeça uma coisa que reluzia como se fosse de ouro; mal o viu, voltou-se para Sancho e disse:

— Parece-me, Sancho, que não há refrão que não seja verdadeiro, porque todos são sentenças extraídas da própria experiência, mãe de todas as ciências; especialmente o que diz: "Onde uma porta se fecha, outra se abre." Digo isso porque, se à noite passada se nos fechou a porta da aventura que buscávamos, enganando-nos com os pisões, agora se nos abre outra, de par em par, para melhor e mais certa aventura; e se eu não conseguir penetrar nesta, a culpa será minha, sem que a possa atribuir ao desconhecimento das azenhas, nem à escuridão da noite. Falo assim porque, se não me engano, ali vem um homem que traz na cabeça o elmo de Mambrino,[1] sobre o qual fiz o juramento que sabes.

— Veja bem vosmecê o que diz e melhor o que faz — ponderou Sancho —, pois não queria que fossem outros pisões que nos acabassem de apisoar e aperrear o entendimento.

— Valha-te o diabo, homem! — exclamou Dom Quixote. — Que tem a ver elmo com pisões?

— Não sei de nada — respondeu Sancho —; mas por minha fé que, se eu pudesse falar tanto como costumava, talvez dissesse tais razões, que vosmecê veria que se engana no que afirma.

— Como me posso enganar no que afirmo, traidor escrupuloso? — disse Dom Quixote. — Dize-me: não vês ali aquele cavaleiro, que se dirige para nós, montado num cavalo ruço rodado[2] e que traz na cabeça um elmo de ouro?

— O que vejo e percebo — respondeu Sancho — não é senão um homem sobre um asno pardo como o meu e que traz na cabeça uma coisa que reluz.

— Pois aquilo é que é o elmo de Mambrino — disse Dom Quixote. — Arreda-te para um lado e deixa-me a sós com ele; verás que, sem dizer palavra, para poupar tempo, concluo esta aventura e me aposso do elmo, que tanto tenho desejado.

— Terei o cuidado de me arredar — corrigiu Sancho —, mas torno a dizer: queira Deus, repito, que orégão seja, e não pisões.[3]

— Já vos disse, irmão, que não me falásseis mais, nem por pensamento, nessa história dos pisões — replicou Dom Quixote —; faço voto... e não digo mais, que vos apisoem a alma.

Silenciou Sancho, temendo que o amo cumprisse o voto que lhe atirara, redondo como uma bola.

O caso é que o elmo, o cavalo e o cavaleiro, que Dom Quixote via, eram apenas isto: Havia, naquelas cercanias, dois lugares, um tão pequeno que não tinha botica nem barbeiro; o outro, que ficava perto, tinha. Por isso, o barbeiro do maior servia ao menor, no qual teve um enfermo necessidade de sangrar-se e outro de fazer a barba; por essa razão, vinha o barbeiro e trazia uma bacia de latão.[4] Quis a sorte que, ao tempo em que vinha, começasse a chover, e, para não se lhe manchar o chapéu, que devia ser novo, pôs na cabeça a bacia, que, estando limpa, reluzia desde meia légua. Montava um asno pardo, como Sancho dissera. E eis o que a Dom Quixote lhe pareceu cavalo ruço rodado, e cavaleiro, e elmo de ouro: pois todas as coisas que via, com muita facilidade as acomodava às suas desvairadas cavalarias e mal-andantes pensamentos. Quando viu aproximar-se o pobre cavaleiro, sem sequer discutir com ele, meteu a correr o Rocinante e o acometeu de lança em riste, disposto a trespassá-lo de lado a lado; mas quando dele se acercou, sem deter a furiosa carreira, lhe disse:

— Defende-te, mísera criatura, ou entrega-me voluntariamente o que com tanta razão se me deve.

O barbeiro, que, tão sem o pensar nem temer, viu avançar sobre ele tal fantasma, outro remédio não teve, para se proteger do golpe da lança, senão deixar-se cair do asno abaixo; e mal tocou o solo, ergueu-se mais ligeiro que um veado e começou a correr pela planície a tal velocidade, que nem o vento o alcançaria. Deixou a bacia no chão, com o que se contentou Dom Quixote, julgando que o pagão fora discreto e imitara o castor, que, vendo-se acossado pelos caçadores, se arranha e corta com os dentes aquilo que, por instinto natural, ele sabe ser a causa de o perseguirem.[5]

Mandou a Sancho que alçasse o elmo; e ele, tomando-a nas mãos, disse:

— Por Deus que a bacia é boa e eu a trocaria muito bem por oito maravedis.

Entregou-a ao amo, que a pôs logo à cabeça, rodeando-a de uma a outra parte, buscando-lhe o encaixe; e como não o achasse, exclamou:

— Sem dúvida, o pagão, para quem se fez sob medida esta famosa celada, devia ter enormíssima cabeça: e o pior é que lhe falta a metade.

Quando Sancho ouviu chamar à bacia celada, não pôde conter o riso; mas lhe veio à mente a cólera do amo e se calou em meio a ele.

— De que te ris, Sancho? — disse Dom Quixote.

— Rio-me — respondeu ele — de imaginar a grande cabeça que tinha o pagão, dono deste elmete, que não parece senão uma bacia de barbeiro escrita e escarrada.

— Sabes o que imagino, Sancho? Que esta famosa peça, ou este elmo encantado caiu, por algum estranho acidente, nas mãos de quem não soube conhecer, nem estimar o seu valor; e este, sem saber o que fazia, vendo-a de puríssimo ouro, fundiu uma metade para se aproveitar do preço, e da outra metade fez esta peça, que mais parece bacia de barbeiro, como dizes. Mas, seja o que for, para mim, que a conheço, pouco importa a transmutação; eu a farei reparar no primeiro sítio onde haja ferreiro, e de tal maneira, que lhe não levará vantagem, nem se lhe há de comparar a que fez e forjou o deus das ferrarias para o deus das batalhas.[6] Daqui até lá, trá-la-ei como puder, que mais vale algo do que nada; tanto mais que servirá para me defender de alguma pedrada.

— Servirá — observou Sancho — se não for atirada com funda, como sucedeu na peleja entre os dois exércitos, quando a vosmecê lhe benzeram os queixos e lhe quebraram a almotolia, onde vinha aquela bendita bebida, que me fez vomitar as tripas.

— Não me dá muita pena o tê-la perdido, Sancho — disse Dom Quixote —, pois já sabes que tenho a receita na memória.

— Também a tenho eu — respondeu Sancho —; mas se a fizer, juro que não a provarei mais em vida minha. Tanto mais que não penso voltar a necessitar dela, pois tenciono guardar-me, com todos os meus cinco sentidos, de ser ferido, ou de ferir alguém. Quanto a servir outra vez de joguete, não digo nada, pois semelhantes desgraças mal se podem evitar; e se veem, não há mais que encolher os ombros, prender o fôlego, cerrar os olhos e deixar-se ir por onde nos levem a sorte e a manta.

— Mau cristão és tu, Sancho — disse Dom Quixote —; porque nunca te esqueces da injúria que te fizeram uma vez; sabe, todavia, que é de alma nobre e generosa nunca fazer caso de ninharias. Ficou-te coxo algum pé, quebrada alguma costela, rota a cabeça, para que te não esqueças daquela brincadeira? Pois, bem apuradas as coisas, foi tudo brincadeira e passa-tempo; se não o interpretasse eu assim, já teria voltado ali e feito, para vingar-te, mais dano do que fizeram os gregos pelo rapto de Helena — a Helena que, se existisse neste nosso tempo, ou a minha Dulcineia naquele, certamente não teria tido tanta fama de formosa, como tem.

E aqui deu um suspiro, que foi às nuvens.

Atalhou Sancho:

— Pois seja brincadeira, que deveras não pode ser vingança; mas sei de que qualidade foram as veras e as burlas, e sei também que nunca me sairão da memória, nem das costas. Mas, deixando isto de parte, diga-me vosmecê que faremos deste cavalo ruço rodado, que parece asno pardo e que foi deixado aqui desamparado por aquele Martinho que vosmecê derrubou; como pôs os pés em polvorosa e deu às de vila-diogo, não é de crer que jamais retorne. E, pelas minhas barbas, se não é bom o ruço!

— Nunca foi meu costume — disse Dom Quixote — despojar aos que venço, nem é uso da cavalaria lhes tirar os cavalos e os deixar a pé, a menos que haja o vencedor perdido o seu na peleja, pois em tal caso é lícito tomar o do vencido, como legítima conquista de guerra. Portanto, Sancho, deixa aí esse cavalo, ou asno, ou o que tu quiseres que seja, pois o dono, em nos vendo longe daqui, voltará a buscá-lo.

— Sabe Deus se não quisera levá-lo — replicou Sancho — ou, pelo menos, trocá-lo por este meu, que não me parece tão bom. Na verdade, são rigorosas as leis da cavalaria, já que não permitem trocar um asno por outro; gostaria de saber, todavia, se posso trocar ao menos os arreios.

— Disso não estou bem certo — murmurou Dom Quixote — e em caso de dúvida, até ser melhor informado, consinto que os troques, se tens extrema necessidade deles.

— Tenho — afirmou Sancho —, e tão extrema que, se fossem para a minha própria pessoa, não me seriam mais necessários.

E logo, habilitado com aquela licença, fez *mutatio caparum*[7] e pôs o seu jumento às mil maravilhas, melhorando-lhe o aspecto três ou cinco vezes mais. Feito isso, almoçaram as sobras da comida que acharam na azêmola; beberam a água do arroio dos pisões, sem voltarem a cara para eles: tal era o aborrecimento em que os tinham, pelo medo que lhes haviam causado.

Extintas, pois, a cólera e até a melancolia, montaram a cavalo e, sem tomar caminho determinado (por ser muito de cavaleiros andantes o não tomarem nenhum certo), se puseram a andar por onde bem quis levá-los o Rocinante, atrás de cuja vontade se achavam a do amo e até a do asno, que o seguia sempre por onde quer que o outro o guiasse, em boa amizade e companhia. Com tudo isto, tornaram à estrada real e por esta seguiram ao acaso, sem qualquer outro desígnio.

Iam, pois, assim caminhando, quando Sancho disse ao amo:

— Senhor, quer vosmecê dar-me licença de falar um pouco? Depois que me infligiu aquele áspero mandamento do silêncio, já me apodreceram mais de quatro coisas no estômago; e uma só, que agora tenho na ponta da língua, não queria que se malograsse.

— Dize-a — replicou Dom Quixote — e sê breve nos teus arrazoados, pois nenhum agrada quando longo.

— O que tenho a dizer, senhor — principiou Sancho —, é que, de alguns dias a esta parte, venho considerando quão pouco se ganha e granjeia com andar buscando estas aventuras, que busca vosmecê por tais desertos e encruzilhadas, onde, mesmo que acabe vitorioso nas mais perigosas, não há quem as veja, nem delas tenha notícia: portanto, hão de ficar esquecidas em perpétuo silêncio e em prejuízo da intenção de vosmecê e do que merecem. A mim me parece, pois, que seria preferível (salvo melhor opinião de vosmecê) fôssemos servir algum imperador ou a outro grande príncipe, que tenha alguma guerra e em cujo serviço mostre vosmecê o valor da sua pessoa, suas grandes forças e maior entendimento; em reconhecimento do que o tal senhor, a quem servirmos, nos há de remunerar por certo, a cada qual segundo os seus méritos; e não faltará, ali, quem ponha por escrito as façanhas de vosmecê, para perpétua memória. Nada direi das minhas, pois não hão de sair dos limites escudeiris; afirmo, todavia, que, se é uso, na cavalaria, escrever façanhas de escudeiros, não creio que fiquem as minhas esquecidas nas entrelinhas.

— Não falas mal, Sancho — respondeu Dom Quixote —; mas antes de chegar a esse extremo, é preciso andar pelo mundo como que em provação, buscando aventuras, para que, acabando algumas, se ganhem nome e fama tais que, em chegando à corte de algum grande monarca, já seja o cavaleiro conhecido por suas obras, e, apenas o hajam visto penetrar pelas portas da cidade, a rapaziada o siga e rodeie, vozeando entre vivas: “Este é o cavaleiro do Sol”, ou da Serpente, ou de outra insígnia qualquer, sob a qual houver cometido grandes façanhas. Dirão: “Este é o que venceu, em singular batalha, o gigantesco Broca-bruno da Grande Força, o que desencantou o Grande Mameluco da Pérsia do longo encantamento em que havia permanecido quase novecentos anos.” Assim, de mão em mão, irão apregoando os seus feitos; e logo, com o alvoroço dos rapazes e das demais pessoas, o próprio rei daquele reino há de parar à janela do palácio real; e assim que vir o cavaleiro, conhecendo-o pelas armas ou pelo emblema do escudo, forçosamente dirá: “Eia! Sus! Saiam meus cavaleiros e quantos em minha corte estão, para receber a flor da cavalaria, que ali vem.” A esta ordem sairão todos, e ele descerá até à metade da escada e estreitará nos braços o herói, dar-lhe-á paz em lhe beijando o rosto, e o conduzirá pela mão ao aposento da senhora rainha, onde a encontrará o cavaleiro com a infanta sua filha, que há de ser uma das mais formosas e perfeitas donzelas que, a muito custo, se poderão encontrar em grande parte da terra descoberta. E é fácil adivinhar o que sucederá depois: ela põe os olhos no cavaleiro, e ele os seus nela, parecendo cada qual ao outro coisa mais divina do que humana; e sem saberem como, nem quando, ficam presos e vinculados na intrincada rede amorosa, com grande aflição nos corações, por não saberem como se hão de falar para descobrir suas ânsias e sentimentos. Dali o levam, sem dúvida, a algum quarto do palácio, ricamente ornamentado, onde, despindo-lhe as armas, lhe trazem rico manto de púrpura, com que se cubra; e se bem parecia armado, tão bem e melhor parecerá de gibão. Ao chegar a noite, ceia com o rei, a rainha e a infanta, sem nunca tirar desta os olhos, mirando-a às ocultas dos circunstantes; e ela faz o mesmo, com igual sagacidade, porque, como disse, é donzela muito discreta. Tiradas as mesas, entra de súbito pela porta da sala um feio e pequeno anão, seguido de formosa dama, que atrás dele vem entre dois gigantes, trazendo um engenho feito por antiquíssimo sábio, que o que for capaz de o deslindar será tido pelo melhor cavaleiro do mundo. Manda logo o rei que todos os presentes o experimentem, e nenhum lhe dará fim e extremo, senão o cavaleiro hóspede — com o que aumenta sua fama, deixando contentíssima a infanta, que se dá por feliz e bem paga por ter posto os seus pensamentos amorosos em pessoa de tão altos méritos. O melhor é que este rei, ou príncipe, ou o que seja, mantém renhida guerra com outro, tão poderoso como ele, e o cavaleiro hóspede lhe pede (ao cabo de alguns dias de estada em sua corte) licença para ir servi-lo naquela dita guerra. Concedendo-lha o rei de muito bom grado, cortesmente o cavaleiro as mãos lhe beija, em retribuição de tal mercê. Despede-se, naquela noite, da senhora infanta, pelas grades de um jardim para onde dá o quarto em que ela dorme — grades pelas quais já doutras muitas vezes lhe havia falado, sendo medianeira e de tudo sabedora uma donzela que merecia toda a confiança da infanta. Ele suspira, ela desmaia, a donzela traz um copo de água, enquanto ele fica a lamentar a aproximação da manhã, não querendo ser descoberto para não manchar a honra da sua dama. Finalmente, a infanta volta a si e, pelas grades, estende as mãos brancas ao cavaleiro, que as beija milhares de vezes e as banha de lágrimas. Combinado fica entre os dois o modo como se hão de comunicar os bons e maus sucedimentos, e lhe roga a princesa que se demore o menos possível. Ele, com muitos juramentos, lho promete; torna-lhe a beijar as mãos e se despede com tanto sentimento, que por pouco se lhe não esvai a vida. Dali segue para os seus aposentos, deita-se na cama, mas não consegue dormir com a dor da partida; madruga muito cedo, vai-se despedir do rei, da rainha e da infanta. Ao se despedir dos dois primeiros, dizem-lhe que a senhora infanta está mal disposta e que não pode receber visita. Pensa o cavaleiro que é com pena da sua partida; rasga-se-lhe o coração e por um triz não dá manifestas mostras do seu pesar. A donzela medianeira está ali perto, observa tudo e o vai contar à sua senhora, que a recebe com lágrimas e lhe diz que uma das maiores penas que tem é não saber quem seja o seu cavaleiro, se é de linhagem de reis, ou não; assegura-lhe a donzela que tanta cortesia, gentileza e valentia, como a do seu cavaleiro, não podem caber senão em pessoa grave e real. Consola-se com isto a coitada e procura disfarçar a dor, para que a não percebam os pais; e, ao cabo de dois dias, aparece em público. Já se foi o cavaleiro; luta na guerra, vence o inimigo do rei, ganha muitas cidades, triunfa de muitas batalhas, volve à corte, vê a sua dama por onde costumava e com ela combina pedir-lhe a mão ao pai, em pagamento dos seus serviços. Não lha quer dar o rei, porque não sabe quem ele é; mas, apesar de tudo, ou raptada, ou de qualquer outro modo, vem a infanta a ser sua esposa, e se dá por muito feliz o pai dela, averiguando que o tal cavaleiro é filho de um valoroso rei de não sei que reino, porque acredito que não deve figurar no mapa. Morre o pai, herda a infanta e, num abrir e fechar de olhos, o cavaleiro vira rei. E principia então a conceder mercês ao seu escudeiro e a todos aqueles que o ajudaram a subir a tão elevada condição: casa o escudeiro com uma aia da infanta, que será, sem dúvida, a que foi medianeira em seus amores e que é filha de um importantíssimo duque.[8]

— Isto hei de eu querer, sem a menor dúvida — interrompeu Sancho —; e cá fico na tocaia, esperando que tudo suceda ao pé da letra, pois sendo vosmecê o *Cavaleiro da Triste Figura*, não pode falhar.

— Não o duvides, Sancho — replicou Dom Quixote —; porque, do mesmo modo e pelos mesmos passos que te contei, sobem e subiram sempre os cavaleiros andantes ao posto de reis e imperadores. Só falta agora descobrir que rei dos cristãos ou dos pagãos sustenta guerra e tem filha formosa; mas teremos tempo de pensar nisto, pois, como te tenho dito, antes de entrar numa corte, mister é ganhar fama noutras partes. Também me falta outra coisa: suposto se ache rei com guerra e com filha formosa e que eu haja adquirido fama incrível por todo o universo, não sei como se poderia arranjar para mim linhagem de reis, ou, pelo menos, de primo segundo de imperador; porque não me há de querer dar o rei a filha por mulher, se primeiro não se inteira bem disso, por mais que o mereçam os meus famosos feitos; assim, receio perder, por essa falta, o que meu braço fez bem merecido. É verdade que sou fidalgo de conhecido solar, de posses e propriedade, com quinhentos soldos de privilégio.[9] E poderia acontecer que o sábio, que escrevesse a minha história, me deslindasse de tal maneira a parentela e descendência, que me qualificasse quinto ou sexto neto de rei. Pois te faço saber, Sancho, que há duas espécies de linhagens no mundo: umas derivam a sua descendência de príncipes e de monarcas, a quem, pouco a pouco, foi o tempo desgastando, até acabarem em ponto, como pirâmide invertida; outras se originam de gente baixa e vão subindo de grau em grau, até chegarem a ser grandes senhores. A diferença está em que uns foram, e já não são, outros são, e não eram. Eu bem poderia ser um destes; e, depois de se ter averiguado quão grande e famoso foi o meu princípio, teria que se contentar com isso o rei, que houvesse de ser meu sogro; quando não, a infanta me há de querer de tal maneira que, apesar do pai e ainda que claramente saiba ser eu filho de aguadeiro, me há de receber como seu esposo e senhor. E se ainda isto falhar, é então o caso de raptá-la e levá-la aonde me aprouver, que o tempo ou a morte hão de pôr fim à oposição dos pais.

— Aqui vem a calhar — observou Sancho — o que dizem alguns desalmados: “Não peças por favor o que podes tomar à força”; e talvez ainda guarde melhor este outro dito: “Mais vale pular no mato que rogo de gente honrada.” Digo isso porque, se o senhor rei, sogro de vosmecê, não se decidir a entregar-lhe a infanta minha senhora, não há senão, como vosmecê mesmo diz, raptá-la e carregá-la. O pior é se, enquanto não se fazem as pazes e não se goze pacificamente o reino, ficar o pobre do escudeiro a esperar debalde pelas tais mercês; a menos que a donzela medianeira, que há de ser sua mulher, fuja com a infanta, a fim de que ele possa compartilhar com ela as desventuras, até que ordene o céu outra coisa; porque, a meu ver, o seu senhor lha poderá dar, desde logo, por legítima esposa.

— Podes ficar certo disso — afirmou Dom Quixote.

— Pois se é assim — atalhou Sancho —, só nos resta encomendarmo-nos a Deus e deixar correr o barco ao sabor dos ventos.

— Faça Deus como eu desejo e tu precisas, Sancho — respondeu Dom Quixote —; e ruim seja quem ruim se julga.

— Seja como Deus quiser — disse Sancho —, que sou cristão-velho e, para ser conde, isso me basta.

— E te sobra — observou Dom Quixote. — E ainda que não o fosses, não teria importância, porque, sendo eu rei, te posso dar nobreza sem que tu a compres, nem me sirvas em nada; e, em te fazendo eu conde, logo ficas cavaleiro. Digam o que disserem, aposto que te hão de tratar por Senhoria, mesmo que não queiram.

— E, por Deus! que eu hei de fazer valer o *litado*! — fez Sancho.

— Não é *litado* que se diz, é *ditado*[10] — corrigiu o amo.

— Pois seja — respondeu Sancho Pança —; digo que saberei fazê-lo valer, porque já fui, certa vez, andador de uma confraria, e o trajo deste ofício me assentava tão bem, que todos diziam ter eu ares de poder ser prioste da mesma confraria. Que será, pois, quando me puserem às costas a capa ducal, ou quando eu me vestir de ouro e pérolas, à moda de conde estrangeiro? Tenho para mim que, de cem léguas em volta, há de vir gente para ver-me.

— Hás de ficar bem parecido — disse Dom Quixote —, mas será preciso que raspes as barbas amiúde, porque, tendo-as tu espessas, emaranhadas e maltratadas, se não te raspas à navalha de dois em dois dias pelo menos, à distância de um tiro de escopeta se poderá ver o que és.

— Que mais seria preciso, nesse caso — inquiriu Sancho —, senão que eu alugasse um barbeiro e o mantivesse assalariado em casa? E se for necessário, farei até que ele ande atrás de mim, como cavalariço de grandes.

— Como sabes — perguntou Dom Quixote — que os grandes costumam levar atrás de si os seus cavalariços?

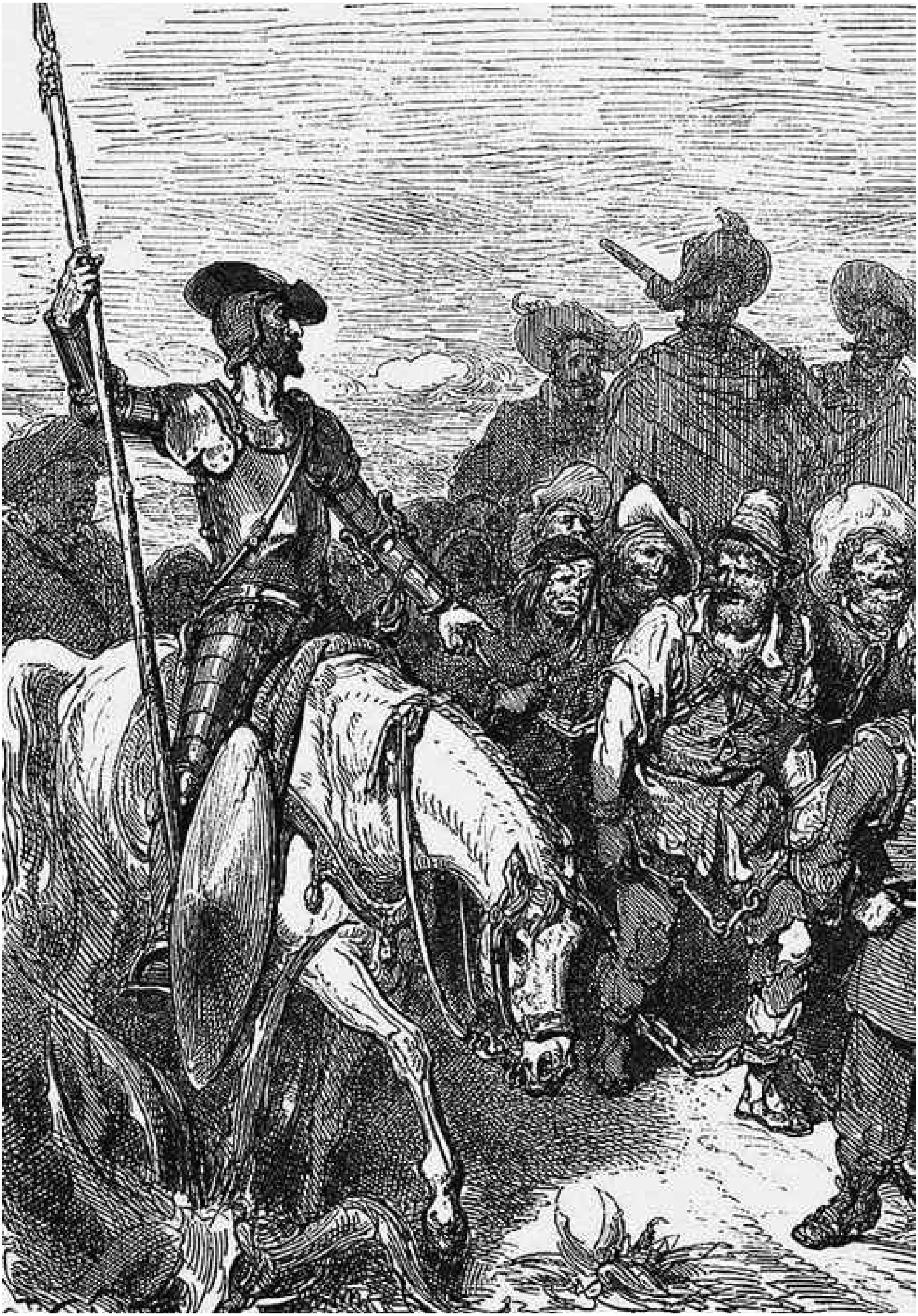
— Eu lhe digo — respondeu Sancho. — Há anos passados, estive um mês na corte e, ali, vi a passear um senhor muito pequeno, que diziam ser muito grande, tendo a segui-lo, em todas as voltas que dava, um homem a cavalo, que mais parecia o seu rabo. Perguntei por que aquele homem não se juntava ao outro, mas andava sempre atrás dele. Responderam-me que era o seu cavalariço e que era uso dos grandes levar após si tais gentes. Desde então o fiquei sabendo e nunca mais me esqueci.

— Tens razão — disse Dom Quixote —, e visto isso, podes levar o teu barbeiro. Como os usos não surgiram todos juntos, nem se inventaram de uma vez, podes ser tu o primeiro conde que leve após si o seu barbeiro. Além disso, é de mais confiança o fazer a barba que arrear um cavalo.

— Deixe por minha conta o caso do barbeiro — interrompeu Sancho — e na de vosmecê fique o vir a ser rei e o fazer-me conde.

— Assim seja — rematou Dom Quixote.

E, alçando os olhos, viu o que se dirá no capítulo seguinte.



# CAPÍTULO XXII

## *Da liberdade que deu Dom Quixote a muitos infelizes, que eram levados contra a vontade aonde não queriam ir*

Conta Cide Hamete Benengeli, autor árabe e manchego, nesta gravíssima, altissonante, minuciosa, doce e imaginada história, que, depois daquela troca de razões entre o famoso Dom Quixote de la Mancha e Sancho Pança, seu escudeiro, como já foi referido no Capítulo XXI, Dom Quixote alçou os olhos e viu que, pelo caminho que palmilhava, se aproximavam uns 12 homens a pé, enfiados como contas de rosário numa grande cadeia de ferro que lhes passava pelos pescoços, e todos algemados. Com eles, vinham dois homens a cavalo e dois a pé; os cavaleiros com escopetas de roda[1] e os peões com dardos e espadas. Assim que os viu, disse Sancho Pança:

— É uma cadeia de galeotes, gente forçada do rei, que vai para as galés.

— Como gente forçada? — perguntou Dom Quixote. — É possível que o rei force alguém?

— Não digo isso — respondeu Sancho —; é gente que, em virtude dos seus crimes, foi condenada a servir ao rei nas galés, em trabalhos forçados.

— Em suma — replicou Dom Quixote —, seja o que for, esta gente vai levada à força, e não por vontade própria.

— Sem dúvida — ponderou Sancho.

— Se é assim — prosseguiu o amo —, aqui vem a calhar a execução do meu ofício, que é desfazer violências, socorrer e acudir aos miseráveis.

— Tome cuidado vosmecê — observou Sancho —, pois a justiça, que é o próprio rei, não faz violência, nem agravo a semelhante gente, senão que os castiga por causa dos seus crimes.

Nisto chegou a cadeia dos galeotes, e Dom Quixote, com razões muito corteses, pediu aos guardas que fossem servidos de informá-lo e dizer-lhe a causa ou causas por que levavam aquela gente daquele modo.

Um dos guardas, que ia a cavalo, respondeu que eram galeotes, gente de Sua Majestade, que iam às galés; e que nada mais tinha a dizer, nem ele a perguntar.

— Apesar de tudo — replicou Dom Quixote —, queria saber de cada um deles em particular a causa da sua desgraça.

A isto ajuntou tais e tão comedidas razões, para movê-los a dizer o que desejava, que o outro guarda a cavalo lhe disse:

— Levamos aqui o registro e a fé das sentenças de cada um destes desgraçados, mas não há tempo de parar para abri-las, nem para lê-las; acerque-se vosmecê e pergunte a eles mesmos, que lho dirão se quiserem, e hão de querê-lo, pois é gente que gosta de fazer e dizer velhacarias.

Com tal permissão, que Dom Quixote por si tomaria, mesmo que não lha dessem, chegou-se à cadeia e perguntou ao primeiro por que pecados ia de tão mau modo. Respondeu-lhe o outro que a tal estado chegara por enamorado.

— Só por isso?! — exclamou Dom Quixote. — Pois se por enamorados nos levam às galés, de há muito poderia eu estar vogando nelas.

— Os meus não foram amores como os que vosmecê pensa — explicou o galeote —; enamorei-me de uma canastra de roupeta branca e a abracei tão fortemente comigo, que, se ma não tirasse a justiça pela força, até hoje não a teria largado por vontade minha. Fui apanhado em flagrante, não houve torturas,[2] concluiu-se a causa, ajeitaram-se as costas com uma centena de bordoadas, ganhei três anos inteiros de *gurapas*, e acabou-se a obra.

— Que são *gurapas*? — inquiriu Dom Quixote.

— *Gurapas* são *galés* — respondeu o galeote, que era um moço de cerca de 24 anos de idade, natural de Piedrahita, segundo afirmou.

A mesma pergunta fez Dom Quixote ao segundo, que não lhe respondeu palavra, pois ia triste e melancólico; mas por ele respondeu o primeiro, dizendo:

— Este, senhor, vai por canário: quero dizer, por músico e cantor.

— Como?! — fez Dom Quixote. — Músicos e cantores também vão às galés?

— Sim, senhor — respondeu o galeote —, pois não há coisa pior que cantar alguém em ânsias.

— Sempre ouvi dizer — comentou Dom Quixote — que quem canta seus males espanta.

— Aqui é o contrário — disse o galeote —, pois quem canta uma vez chora a vida toda.

— Não compreendo — replicou Dom Quixote.

— Mas um dos guardas lhe disse:

— Senhor cavaleiro, entre esta gente *non sancta*,[3] cantar em ânsias significa confessar por meio de tormentos. Puseram este pecador em torturas e ele confessou o delito, que era ser *cuatrero*,[4] isto é, ladrão de bestas; e por ter confessado, condenaram-no a seis anos de galés, além de duzentos açoites, que já leva no lombo. Vai sempre pensativo e triste, porque os outros ladrões, que por lá ficam e que aqui vão, o maltratam e aniquilam, dele zombam e o desprezam, porque confessou e não teve coragem de dizer não. Pois, afirmam eles, tantas letras tem um *não* como um *sim*, e feliz do delinquente que tem na língua, à sua escolha, a vida ou a morte, e não na das testemunhas e provas; e a mim me parece que não andam muito errados.

— Também acho — respondeu Dom Quixote.

Passando ao terceiro, perguntou-lhe o mesmo que aos outros, e a resposta veio rápida e com muito desembaraço:

— Vou por cinco anos para as senhoras *gurapas*, por me faltarem dez ducados.

— Vinte darei eu de muita boa vontade — disse Dom Quixote — para vos livrar desse pesadelo.

— Isso até parece — replicou o galeote — alguém que traz dinheiro no meio do mar e morre de fome, porque não tem onde comprar o de que precisa. Digo-o porque, se no devido tempo eu tivesse tido esses vinte ducados que vosmecê me oferece agora, teria untado com eles a pena do escrivão e avivado o engenho do procurador, de maneira que me veria hoje no meio da praça de Zocodover, de Toledo, e não neste caminho, atrelado como um galgo; mas Deus é grande: paciência, e basta.

Passou Dom Quixote ao quarto, que era um homem de rosto venerável, com uma barba branca a lhe descer abaixo do peito, e que, ouvindo que lhe perguntavam a causa da sua presença ali, começou a chorar e não replicou palavra. Mas o quinto condenado lhe emprestou a língua, e disse:

— Este, homem honrado vai por quatro anos às galés, depois de ter passeado pelas ruas do costume vestido em pompa e a cavalo.

— Isso quer dizer, na minha opinião — interrompeu Sancho —, que ele saiu à vergonha.[5]

— De fato — concordou o galeote —; e a causa da sua condenação foi ter sido corretor de orelha, e até de todo o corpo.[6] Quero dizer que este cavaleiro vai por alcaiote, e também por ter lá os seus laivos de feiticeiro.

— Se não fossem esses laivos de feitiçaria — atalhou Dom Quixote — e só por ter sido alcaiote decente, não merecia ele ir remar nas galés; antes devia comandá-las e ser general delas. Porque o ofício de alcaiote não é coisa de pouca importância, mas ofício de discretos, necessaríssimo numa república bem ordenada, e não o devia exercer senão gente muito bem-nascida. Devia até haver para ele vedor e examinador, como há para os demais ofícios, com número certo e conhecido, como o dos corretores de praça. Desse modo se evitariam muitos males, resultantes de andar esse ofício e profissão nas mãos de gente idiota e de pouco entendimento, como são as mulherzinhas de pouco mais ou menos, os pajenzinhos e truões de poucos anos e pouca experiência, que, na ocasião mais necessária, quando é preciso fazer uma intervenção importante, lhes caem as migalhas entre o prato e a boca e não sabem qual é a sua mão direita. Quisera eu prosseguir e dar as razões por que conviria fazer eleição dos que, na república, deveriam exercer tão necessário ofício, mas não é este lugar próprio para tal coisa: algum dia o direi a quem o possa prover e remediar. Por ora, só quero exprimir a pena que me deu ver essas brancas cãs esse rosto venerável exposto a fadigas tantas, só por ter sido alcaiote; consola-me, todavia, saber que também foi feiticeiro, embora saiba que não há no mundo feitiços capazes de mover e forçar as vontades, como pensam alguns, pois somos dotados de livre-arbítrio e não há ervas, nem encantos que o forcem. O que costumam fazer algumas mulherzinhas simplórias e alguns embusteiros velhacos são algumas misturas e venenos, que endoidecem os homens, fingindo que têm força para despertar o bem-querer, quando, na verdade, é coisa impossível forçar-se a vontade de alguém, como já disse.

— O senhor tem razão — disse o bom do velho —; na verdade, não me cabe a culpa de feiticeiro, embora não pudesse negar a de alcaiote. Mas nunca pensei que fazia mal nisso, pois toda a minha intenção era que todo o mundo folgasse e vivesse em paz e quietude, sem querelas, nem penas; de nada me serviu, porém, este bom desejo, pois tenho de ir às galés, de onde não mais espero voltar, tal a minha sobrecarga de anos e o mal de urinas que levo e que me não deixa repousar um instante.

Neste ponto, tornou a chorar, como no começo. E teve Sancho tanta compaixão dele, que tirou uma moeda, das quatro que tinha no bolso, e lha deu de esmola.

Passou adiante Dom Quixote e a outro perguntou que delito cometera. Não foi menor, senão que muito maior a galhardia da resposta:

— Vou aqui — disse o preso —, porque me diverti demasiadamente com duas primas-irmãs minhas e com outras duas irmãs, que não eram minhas; diverti-me tanto com todas, que daí resultou crescer a parentela de tão intrincada maneira, que não há diabo que a declare. Provou-se tudo, faltou-me proteção, não tive dinheiro, vi-me a pique de me esmagarem a goela,[7] condenaram-me às galés por seis anos, sujeitei-me; tive o castigo por minha culpa, sou moço; que me dure a vida, e com ela tudo se alcança. Se vosmecê, senhor cavaleiro, leva alguma coisa com que socorrer a estes pobretões, Deus lho pagará no céu, e nós outros teremos na terra o cuidado de rogar a Ele, nas nossas orações, pela vida e saúde de vosmecê, que seja tão dilatada e feliz como a sua boa presença merece.

Este preso vestia roupa de estudante e disse um dos guardas que era mui grande palrador e gentilíssimo latino.

Atrás de todos, vinha um homem de muito boa aparência, com cerca de trinta anos de idade, mas que, ao olhar, enfiava um pouco um olho no outro. Tinham-no atado de maneira diferente dos demais, porque trazia uma cadeia no pé, tão grande que lhe envolvia o corpo todo, e duas argolas na garganta, uma presa à cadeia, outra das que chamam *guarda-amigo* ou *pé de* *amigo*;[8] desta última desciam dois ferros, que chegavam até a cintura e aos quais se ligavam duas algemas, atadas às mãos com um grosso cadeado, de tal maneira que nem podia erguer as mãos até a boca, nem podia baixar a cabeça até as mãos.

Perguntou Dom Quixote o motivo por que ia aquele homem com mais grilhões do que os outros.

Respondeu-lhe o guarda que aquele homem sozinho tinha mais crimes que todos os outros juntos, e era tão atrevido, tão grande velhaco, que, mesmo levando-o daquela maneira, não estavam seguros dele, mas ainda temiam que pudesse fugir.

— Que delitos pode ter cometido — inquiriu Dom Quixote — se outras penas não mereceu além das galés?

— Vai por dez anos — replicou o guarda —, que é como a morte civil.[9] Basta saber que este "bom homem" é o famoso Ginês de Passamonte, que por outro nome o chamam Ginesinho de Parapilha.

— Senhor comissário — disse o galeote —, vamos devagar e deixemo-nos de andar aí a deslindar nomes e sobrenomes. Eu me chamo Ginês, e não Ginesinho; Passamonte é a minha alcunha, e não Parapilha, como disse você, cada um que olhe por si, e não fará pouco.

— Fale com menos atrevimento, seu ladrão de marca maior — replicou o comissário — se não quer que eu o faça calar, ainda que lhe doa.

— Bem parece — respondeu o galeote — que o homem vai sempre como a Deus é servido; mas, algum dia, há de alguém saber se me chamo Ginesinho de Parapilha, ou não.

— Pois não te chamam assim, embusteiro? — disse o guarda.

— Sim, chamam — retrucou Ginês —; todavia, macacos me mordam se eu não fizer que me não chamem. Senhor cavaleiro, se tem algo de nos dar, dê-nos já e vá com Deus, que já nos aborrece com tanto querer saber da vida alheia; se quiser saber da minha, fique ciente de que sou Ginês de Passamonte, cuja vida foi escrita por estes dedos.

— Fala verdade — disse o comissário —; escreveu ele próprio a sua história, sem tirar nem pôr; deixou o livro no cárcere, empenhado por duzentos reais.

— E pretendo tirá-lo do prego — disse Ginês —, ainda que seja por duzentos ducados.

— É tão bom assim? — perguntou Dom Quixote.

— Ora se é — retrucou Ginês —; muito melhor que *Lazarilho de Tormes*[10] e que todos quantos se escreveram ou escreverão nesse gênero. O que sei dizer a você é que só diz verdades — verdades tão lindas e graciosas, que não pode haver mentiras que se lhes comparem.

— Como se intitula o livro? — perguntou Dom Quixote.

— *A vida de Ginês de Passamonte* — respondeu o outro.

— Está concluído? — insistiu Dom Quixote.

— Como pode estar concluído, se ainda não se me acabou a vida? — exclamou o preso. — O que está escrito vai desde o meu nascimento até o ponto em que, desta última vez, fui condenado às galés.

— Quer dizer que já estiveste ali alguma vez? — indagou Dom Quixote.

— Para servir a Deus e ao rei, estive ali uma vez quatro anos e sei que gosto têm a bolacha e o vergalho — respondeu Ginês —; mas pouco me importa voltar para lá, porque, ao menos, terei tempo de concluir meu livro. Ainda me restam muitas coisas por dizer e, nas galés de Espanha, há sossego de sobra; não seria preciso muito mais para o que tenho de escrever, porque o sei de cor.

— Pareces inteligente — disse Dom Quixote.

— E infeliz também — respondeu Ginês —, porque sempre as desventuras perseguem o talento.

— Perseguem os velhacos — corrigiu o comissário.

— Já lhe disse, senhor comissário — retrucou Passamonte —, que vá devagar, que aqueles senhores não lhe deram essa vara para maltratar os pobretões que aqui vamos, mas para nos guiar e conduzir onde manda Sua Majestade. Senão, por vida de... Chega. Pode ser que, algum dia, saiam pela culatra as nódoas que se fizeram nas fuças. Que todo o mundo se cale, viva bem e fale melhor. Caminhemos, pois, e basta de chalaças.

Ergueu a vara o comissário, para dar a Passamonte a resposta às suas ameaças; mas intercedeu Dom Quixote, rogando-lhe que não maltratasse o preso, pois não era para admirar que quem tinha as mãos tão presas tivesse um tanto solta a língua. E, voltando-se para todos os da cadeia, disse:

— De tudo quanto me contastes, caríssimos irmãos, tirei a limpo o seguinte: embora fosseis castigados pelas vossas culpas, não vos dão muito gosto as penas que ides padecer e a elas vos encaminhais de mau grado e muito contra a vossa vontade. E possível que a covardia daquele nas torturas, a falta de dinheiro deste, a fraca proteção do outro e, finalmente, o juízo errado do juiz dessem causa à vossa perdição, não se vos tendo feito a devida justiça. Tudo isso me vem agora ao espírito e me está gritando, persuadindo e mesmo forçando a que vos mostre a razão por que o céu me enviou ao mundo e me fez professar a ordem da cavalaria, que professo. Nela fiz voto de favorecer os necessitados e os oprimidos pelos maiores. Como sei, porém, que uma das qualidades da prudência é não fazer por mal o que se pode fazer por bem, quero rogar a estes senhores guardas e comissário que se sirvam soltar os presos e mandá-los em paz, pois não faltarão outros que a serviço do rei se ponham, em melhores ocasiões. Coisa dura me parece tornar escravos aos que Deus e a natureza fizeram livres. Tanto mais que, senhores guardas — prosseguiu Dom Quixote —, estes pobres homens nada cometeram contra vós. Cada qual lá se avenha com o seu pecado; há um Deus no céu, que não se descuida de castigar o mal, nem de premiar o bem; não é justo que homens honrados sejam verdugos dos outros homens, sem nada ganharem com isso. Peço-vos assim, com mansidão e sossego, para que tenha algo que vos agradecer, se o cumprirdes; e caso não o façais de bom grado, esta lança e esta espada, com o valor do meu braço, farão que por força o executeis.

— Graciosa pilhéria! — exclamou o comissário. — Muito boa essa, com que se saiu de repente! Quer que soltemos os presos do rei, como se tivéssemos autoridade para soltá-los, ou a tivesse ele para nos dar tal ordem! Siga vosmecê o seu caminho em boa hora, endireite a bacia que traz à cabeça e não queira tirar castanhas com mão de gato.

— Gato, rato e velhaco sois vós, patife! — respondeu Dom Quixote.

E, dito e feito, arremeteu contra ele tão depressa que, sem que o outro tivesse tempo de se defender, lançou-o por terra, malferido num golpe de lança; e foi feliz na escolha, porque era este o que trazia a escopeta. Os outros guardas ficaram atônitos e suspensos, ante o inesperado acontecimento; mas, voltando a si, meteram mãos às espadas os que vinham a cavalo, e aos dardos os que vinham a pé, e avançaram contra Dom Quixote, que os aguardava mui tranquilo. Maus quartos de hora, sem dúvida, teria ele passado, se os presos, vendo a ocasião propícia de se apanharem livres, não a tivessem aproveitado, procurando romper a cadeia que os acorrentava.

Tamanha foi a revolta, que os guardas, tendo que atender de um lado aos galeotes que se desprendiam, de outro a Dom Quixote que os atacava, nada fizeram de proveitoso. Sancho, por sua parte, ajudou a soltar Ginês de Passamonte, que foi o primeiro que saltou em campo, livre e desembaraçado, e arremeteu contra o comissário caído, tirando-lhe a escopeta e a espada. Apontando a primeira ora para um, ora para outro guarda, sem dispará-la jamais, conseguiu que nenhum sobrasse em campo, pois se puseram todos a fugir, tanto da escopeta de Passamonte como das muitas pedradas que os galeotes soltos lhes lançavam. Entristeceu-se muito Sancho com o sucesso, porque imaginou que os que iam fugindo comunicariam o incidente à Santa Irmandade, a qual, a toque de sinos, sairia em busca dos delinquentes. Disse-o ao seu amo e lhe pediu que partissem depressa e se refugiassem numa serra próxima.

— Tudo isso é muito bom — retrucou Dom Quixote —, mas eu sei o que agora convém fazer.

E chamou todos os galeotes, que andavam alvoroçados e haviam despojado o comissário até o deixar nu em pelo. Puseram-se todos em volta do fidalgo, à espera do que lhes fosse ordenado. E ele lhes falou:

— E próprio de gente bem-nascida agradecer os benefícios que recebe; e um dos pecados que mais a Deus ofendem é a ingratidão. Digo-vos, porque já vistes, senhores, com manifesta experiência, o que de mim recebestes; em paga, queria eu apenas que, carregando essa cadeia que vos tirei do pescoço, vos ponhais logo a caminho da cidade de Toboso e ali vos apresenteis à senhora Dulcineia del Toboso, dizendo-lhe que o seu cavaleiro, o da Triste Figura, lhe envia os seus cumprimentos; e a ela contareis, ponto por ponto, tudo o que vos sucedeu nesta famosa aventura, até que vos restituí a desejada liberdade. Feito isso, podeis ir aonde quiserdes; e boa sorte!

Respondeu por todos Ginês de Passamonte, que disse:

— O que vosmecê nos ordena, senhor e libertador nosso, é absolutamente impossível que o cumpramos, porque não podemos ir juntos pelas estradas, porém divididos e sozinhos, procurando cada qual meter-se nas entranhas da terra, para não ser encontrado pela Santa Irmandade, que, sem dúvida nenhuma, há de sair à nossa procura. O que vosmecê pode fazer, e é justo que faça, é comutar esse serviço e tributo à senhora Dulcineia del Toboso em alguma quantidade de ave-marias e de credos, que nós outros rezaremos na intenção de vosmecê; isto é coisa que se poderá cumprir de noite e de dia, fugindo ou repousando, em paz ou em guerra. Mas pensar que havemos de tornar agora às olhas do Egito,[11] quero dizer, a retomar a nossa cadeia e a marchar para Toboso, é pensar que agora é noite, quando ainda não são dez horas da manhã; pedir-nos isso é como pedir peras à macieira.

— Pois é o que vos ordeno — gritou Dom Quixote já encolerizado —, *don hijo de la puta*,[12] dom Ginesinho de Paropilha, ou como vos chameis! Agora haveis de ir sozinho, de rabo entre as pernas, com toda essa cadeia nas costas.

Passamonte, que não era nada paciente e já havia percebido não andar Dom Quixote muito bom do juízo, desde que o vira cometer o disparate de os pôr em liberdade, agastou-se com aquele tratamento; e, piscando o olho para os companheiros, afastou-se, seguido pelos outros, que principiaram a atirar tantas pedras sobre Dom Quixote, que não lhe sobravam mãos para se cobrir com a rodela. E o pobre do Rocinante já fazia tanto caso da espora como se tivesse o couro de bronze. Sancho ocultou-se atrás do asno e ali se defendia da chuva de pedras que sobre ambos caía. Não se pôde escudar tão bem Dom Quixote que lhe não acertassem não sei quantos seixos no corpo, com tanta força, que o jogaram ao chão. Apenas caiu, veio sobre ele o estudante, tirou-lhe a bacia da cabeça e com a mesma lhe deu três ou quatro pancadas nas costas, e outras tantas na terra, com o que a fez pedaços. Arrancaram-lhe um roupão que trazia sobre as armas, e até as meias calças lhe queriam tirar, se as grevas[13] lho não estorvassem. A Sancho, lhe tiraram o gabão, deixando-o em camisa, e repartiram entre si os demais despojos da batalha. Depois se foram, cada um por seu lado, com mais cuidado de escaparem da Santa Irmandade, que temiam, que de carregarem a cadeia e se apresentarem ante a senhora Dulcineia del Toboso.

Ficaram sós o jumento, o Rocinante, Sancho e Dom Quixote; o jumento cabisbaixo e pensativo, sacudindo as orelhas de quando em quando, pensando que ainda não tinha cessado a borrasca de pedras, que lhe perseguia os ouvidos; o Rocinante estendido junto ao amo, pois também o derrubara uma pedrada; Sancho, em camisa e temeroso da Santa Irmandade; Dom Quixote, tristíssimo por se ver tão maltratado daqueles mesmos a quem tanto beneficiara.

# CAPÍTULO XXIII

## *Do que aconteceu ao famoso Dom Quixote em Serra Morena e que foi uma das mais raras aventuras contadas nesta verdadeira história*

Vendo-se Dom Quixote tão maltratado, disse ao escudeiro:

— Sempre ouvi dizer, Sancho, que fazer bem a vilões é deitar água ao mar. Se eu houvesse acreditado no que me disseste, teria evitado este desgosto; mas, já que está feito, paciência; servir-me-á de emenda daqui por diante.

— Tanto é verdade que se emendará vosmecê — respondeu Sancho — como ser eu turco. Mas como diz que, se me tivesse acreditado, teria evitado este dano, acredite-me agora, e evitará outro maior; porque desde já lhe aviso que, com a Santa Irmandade, não se pode usar de cavalarias: todos os cavaleiros andantes que existem não valem, para ela, dois maravedis. E olhe que suas flechas já parece que me zumbem aos ouvidos.[1]

— Naturalmente és covarde, Sancho — disse Dom Quixote —; mas, para que não digas que sou teimoso e que nunca faço o que me aconselhas, desta vez quero seguir teu conselho e apartar-me da fúria que tanto temes. Todavia, há de ser com uma condição: que jamais, sendo eu vivo ou morto, hás de dizer a quem quer que seja que me retirei e apartei deste perigo por medo, mas tão-somente para atender aos teus rogos; pois, se outra coisa disseres, estarás mentindo, e desde agora para então, e de então para agora, te desminto, e digo que mentes e mentirás todas as vezes que o pensares ou disseres. E não me repliques mais, que só em pensar que me aparto e retiro de algum perigo, especialmente deste, que leva um não-sei-quê de sombra de pavor, já sinto ímpetos de permanecer e aguardar aqui sozinho, não apenas a Santa Irmandade que dizes e temes, mas aos irmãos das 12 tribos de Israel, aos sete Macabeus, a Castor e a Pólux, e a todos os irmãos e irmandades que há no mundo.

— Senhor — respondeu Sancho —, retirar-se não é fugir; nem o esperar é cordura, quando o perigo sobrepuja a esperança. É próprio dos sábios guardar-se hoje para amanhã e não aventurar tudo num dia. E saiba vosmecê que, embora ignorante e vilão, entendo alguma coisa disso a que chamam bom governo; não se arrependa, pois, de haver tomado o meu conselho; suba no Rocinante, se puder, ou senão eu o ajudarei; e siga-me, que algo me diz cá dentro que vamos agora precisar mais dos pés que das mãos.

Dom Quixote montou sem dizer palavra, e, indo adiante Sancho no seu asno, se meteram por um lado da Serra Morena, que era próxima dali. Tencionava Sancho atravessá-la toda, para irem sair no Viso, ou em Almodóvar do Campo, e esconderem-se alguns dias por aquelas brenhas, onde não seriam encontrados pela Santa Irmandade, se os buscasse. Mais a isto se animou quando viu que da refrega dos galeotes havia escapado a despensa, que trazia sobre o asno — coisa que lhe pareceu milagrosa, à vista da pilhagem feita pelos galeotes.

Entranharam-se[2] aquela noite pela Serra Morena e foram até o meio dela, onde a Sancho pareceu conveniente que pernoitassem, um ou mais dias, pelo menos todos aqueles que durasse a matalotagem que levava. Assim, passaram a noite entre dois penedos e muitos sobreiros. Mas a sorte fatal, que, segundo a opinião dos que não têm as luzes da verdadeira fé, tudo guia, dispõe e compõe a seu modo, ordenou que Ginês de Passamonte, o famoso embusteiro e ladrão que escapou da cadeia graças à loucura de Dom Quixote, escolhesse aquelas mesmas montanhas para ocultar-se, acossado pelo medo da Santa Irmandade, a quem com justa razão temia. E levaram-no a sorte e o medo ao mesmo local onde se refugiaram Dom Quixote e Sancho Pança, a hora e a tempo de os poder conhecer. Deixou-os dormir. E como sempre são ingratos os maus, e a ocasião faz o ladrão, Ginês, que não era agradecido, nem bem-intencionado, preferiu um recurso atual à incerteza do futuro e resolveu furtar o asno de Sancho Pança, não cuidando do Rocinante, por ser prenda tão difícil de empenhar como de vender. Sancho Pança dormia, quando o outro lhe furtou o jumento e fugiu, antes do amanhecer, para bem longe, onde o não pudessem achar.

Raiou a aurora, alegrando a terra e entristecendo Sancho Pança, que deu por falta do burro. Vendo-se privado deste, começou a fazer o mais triste e doloroso pranto do mundo; tanto que Dom Quixote despertou com o ruído das suas exclamações e ouviu que diziam:

— Ó filho das minhas entranhas, nascido na minha própria casa, divertimento dos meus filhos, regalo de minha mulher, inveja dos meus vizinhos, alívio das minhas cargas e, finalmente, sustentáculo da metade da minha pessoa, porque, com 26 maravedis que ganhavas por dia, garantia eu a metade das minhas despesas!

Ao ver-lhe o pranto, conhecendo a causa, Dom Quixote consolou Sancho com as melhores razões que pôde e lhe rogou que tivesse paciência, prometendo-lhe uma ordem escrita para que lhe dessem três jumentos, dos cinco que havia deixado na casa dele, fidalgo.

Sancho consolou-se com isto, limpou as lágrimas, moderou os soluços e agradeceu a Dom Quixote o favor que lhe fazia. O fidalgo sentiu alegrar-se-lhe o coração quando penetrou naquelas montanhas, que lhe pareciam lugares apropriados para as aventuras que buscava. Vinham-lhe à memória os maravilhosos acontecimentos que, em soledades e asperezas semelhantes, haviam ocorrido a andantes cavaleiros. Ia pensando nestas coisas, tão embevecido e transportado nelas, que de nenhuma outra se lembrava. Nem tinha Sancho outra preocupação (depois que lhe pareceu pisar terreno seguro) senão a de satisfazer o estômago com as sobras do despojo clerical. Ia, assim, atrás do amo, carregando tudo aquilo que devia carregar o asno,[3] e de que ele se aliviava tirando das costas e enfurnando na pança. E enquanto ia naquilo, não daria um real para meter-se noutra aventura.

De repente, porém, ergueu os olhos e viu que estava o amo parado, procurando levantar, com a ponta da lança, não sei que volume, que jazia caído por terra. Deu-se pressa em chegar perto dele, para ajudá-lo, se fosse preciso; e chegou a tempo de ver que levantava, com a ponta da lança, um coxim e uma maleta unida a ele, meio podres, ou inteiramente podres e desfeitos; mas pesavam tanto, que teve Sancho de agachar-se[4] para tomá-los. Mandou-lhe o amo que visse o que havia na maleta. Ele o fez com muita presteza; e embora estivesse a maleta fechada com uma corrente e cadeado, pelas partes rotas e apodrecidas se via muito bem o que nela havia, que eram quatro camisas de finíssimo pano de holanda, outras roupas de linho, não menos curiosas que limpas; e, num lencinho, achou um punhado de moedas de ouro. Vendo isso, disse Sancho:

— Bendito seja todo o céu, que, afinal, nos leva a uma aventura de proveito!

E procurando mais, achou um livrinho de memórias, ricamente guarnecido, que Dom Quixote logo pediu, ordenando ao escudeiro que guardasse o dinheiro e ficasse com este. Sancho beijou-lhe as mãos, em agradecimento de tal mercê; e esvaziando o conteúdo da maleta, passou-o para o alforje que levava às costas.

Dom Quixote, que vira tudo isso, observou:

— Parece-me, Sancho (e não é possível ser outra coisa), que algum caminhante desencaminhado deve ter passado por esta serra, onde foi assaltado por malandros, que por certo o mataram, trazendo-o a enterrar neste esconderijo.

— Não pode ser — acudiu Sancho —, porque, se fossem ladrões, não deixariam aqui este dinheiro.

— É verdade — disse Dom Quixote —, mas então não adivinho nem entendo o que isto possa ser. Espera: vejamos se, neste livrinho de memórias, existe alguma coisa escrita que nos possa orientar no conhecimento do que desejamos.

Abriu-o; e a primeira coisa que se lhe deparou nele, escrita como em rascunho, embora de muito boa letra, foi um soneto. Leu-o em voz alta, para que Sancho o escutasse. O soneto rezava assim:

*Ou é curto no Amor o entendimento,*

*ou lhe sobra crueldade, ou minha pena*

*não se iguala a ocasião que me condena*

*ao gênero mais duro de tormento.*

*Se Amor, porém, é deus, então sustento*

*que nada ignora, e diz razão serena*
*que um deus não é cruel. Quem, pois, ordena*
*a intensa dor que adoro e experimento?*
*Se vos acuso, Fílis, não acerto;*[5]
*tão grande mal em tanto bem não cabe,*
*nem do céu pode vir tamanha ruína.*
*Em breve morrerei, tenho-o por certo,*
*pois, em mal de que a causa não se sabe,*
*é milagre que acerte a medicina.*[6]

— Por esta trova — disse Sancho — nada se pode saber, a menos que, por esse *fio* que aí está, se tire todo o novelo.

— Que *fio* é que está aí? — perguntou Dom Quixote.

— Parece-me — esclareceu Sancho — que vosmecê falou aí num *fio.*

— *Fílis* foi o que eu disse — corrigiu Dom Quixote — e é, sem dúvida, o nome da senhora de quem se queixa o autor do soneto. Aposto que deve ser um poeta razoável, ou pouco entendo da arte.

— Então vosmecê também entende de trovas? — inquiriu Sancho.

— E mais do que tu pensas — respondeu Dom Quixote. — Hás de vê-lo, quando levares uma carta escrita em verso, do princípio ao fim, à minha senhora Dulcineia del Toboso. Pois quero que saibas, Sancho, que todos ou quase todos os cavaleiros andantes da antiguidade eram grandes trovadores e grandes músicos; que estas duas habilidades, ou graças, para melhor dizer, são inseparáveis dos namorados andantes, se bem que as coplas dos cavaleiros antigos tinham mais de espírito que de primor.

— Leia mais vosmecê — disse Sancho — que talvez ache algo que nos satisfaça.

Dom Quixote virou a folha, e disse:

— Isto é prosa, e parece carta.

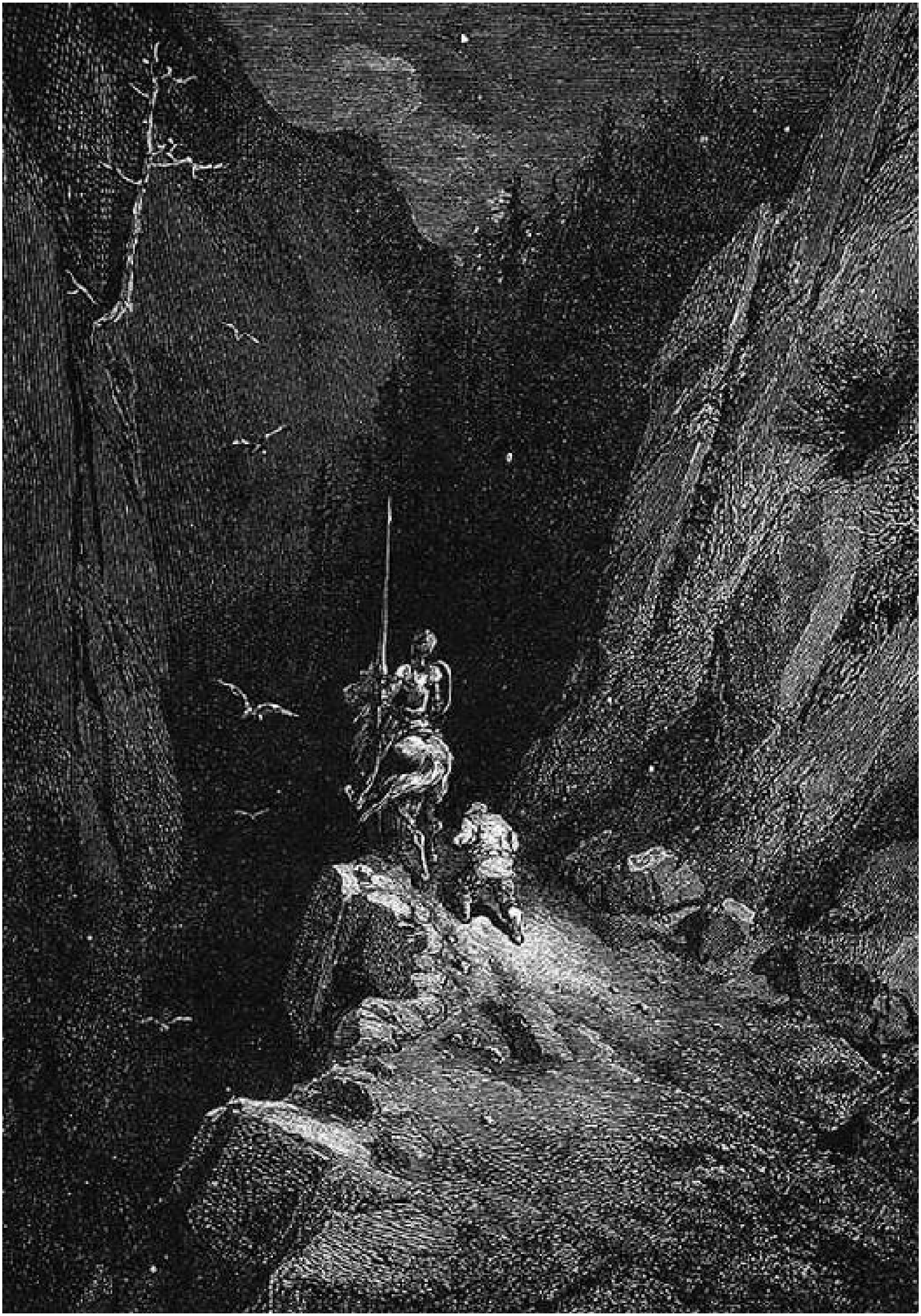
— Carta-missiva, senhor? — perguntou Sancho.[7]

— Pelo começo, parece carta de amor — observou Dom Quixote.

— Pois leia vosmecê alto — disse Sancho — que gosto muito dessas cartas de amor.

— Com todo prazer — fez Dom Quixote.

E, lendo-a em voz alta, como Sancho pedira, viu que dizia o seguinte:



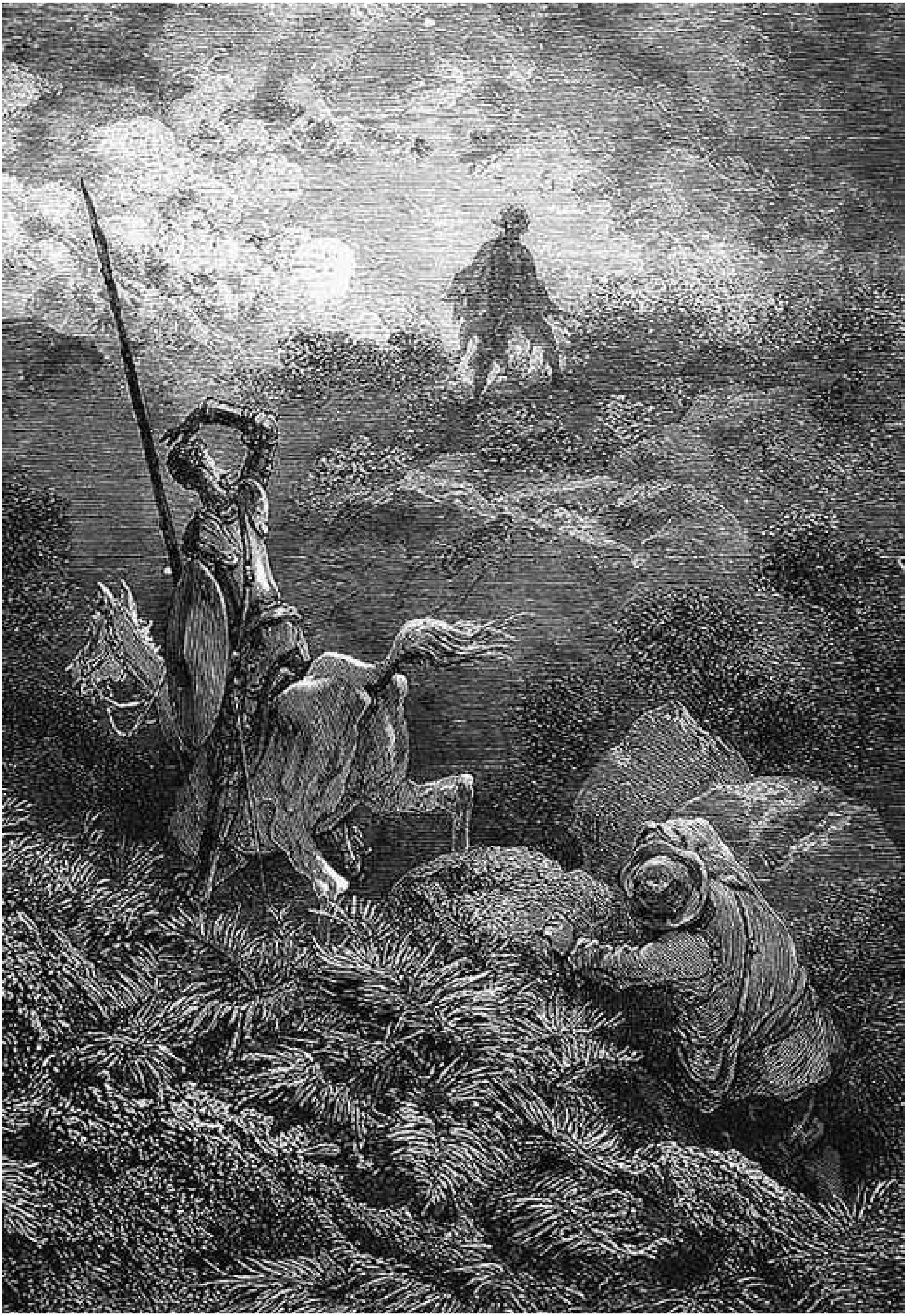
“A tua falsa promessa e a minha certa desventura me levam a lugar, de onde mais depressa voltarão aos teus ouvidos as novas da minha morte que as razões das minhas queixas. Deixaste-me, ó ingrata, por quem tem mais, não por quem vale mais do que eu; mas se a virtude fosse riqueza estimável, não invejaria eu venturas alheias, nem choraria desventuras próprias. O que tua formosura construiu, tuas obras derrubaram; por aquela soube que eras anjo, por estas entendo que és mulher. Fica-te em paz, causadora da minha guerra, e permita o céu que os enganos do teu esposo estejam sempre encobertos, para que não te arrependas do que fizeste, nem eu tome vingança do que não desejo.”

Concluída a leitura da carta, disse Dom Quixote:

— Menos por esta carta que pelos versos se pode inferir quem a escreveu, senão que é algum amante desprezado.

E, folheando quase todo o livrinho, achou outros versos e cartas, alguns dos quais pôde ler, e outros não; mas o que todos continham eram queixas, lamentos, desconfianças, gostos e desgostos, favores e desdéns, festejados uns, carpidos outros. Enquanto Dom Quixote revolvia o livro, revolvia Sancho a maleta, sem deixar cantinho em toda ela, nem no coxim, que não rebuscasse, esquadrinhasse ou inquirisse, nem costura que não desfizesse, nem novelo de lã que não desemaranhasse, para não lhe faltar nada por negligência ou descuido — tal a gula que haviam despertado nele os escudos achados, que passavam de cem. E embora não achasse mais do que isso, deu por bem empregados os arremessos da manta, os vômitos da beberagem, as bênçãos das estacas, os murros do arrieiro, a perda dos alforjes, o roubo do gabão e toda a fome, sede e cansaço que havia sofrido a serviço do seu senhor, parecendo-lhe que estava mais do que bem pago com a mercê recebida da entrega do achado.

O *Cavaleiro da Triste Figura* ardia em desejos de saber quem era o dono da maleta, conjeturando, pelo soneto e pela carta, pelo dinheiro em ouro e pelas tão boas camisas, que devia ser algum namorado importante, a quem os desdéns e maus-tratos da sua dama haviam conduzido a algum desesperado desfecho. Mas como, por aquele lugar inabitável e escabroso, não aparecia pessoa alguma a quem pudesse pedir informações, resolveu prosseguir viagem sem mais nada averiguar tomando o caminho que melhor aprouvesse ao Rocinante, que era aquele por onde ele podia caminhar, sempre imaginando que por aquelas matas não lhe faltariam aventuras estranhas.



Ia com este pensamento, quando viu que, por cima de uma colina que se lhe deparava diante dos olhos, um homem saltava de pedra em pedra e de mata em mata, com estranha ligeireza. Afigurou-se-lhe que ia desnudo, a barba negra e espessa, os cabelos bastos e revoltos, os pés descalços, e as pernas sem coisa alguma; cobriam-lhe as coxas uns calções, ao que parece de veludo ruivo, mas tão esfarrapados, que em muitos lugares se lhe descobriam as carnes. Trazia a cabeça descoberta; e, embora tivesse passado com a ligeireza que dissemos, todas estas minudências foram vistas e anotadas pelo Cavaleiro da Triste Figura. Tentou segui-lo, mas não pôde, porque o débil Rocinante não estava acostumado a andar por aquelas asperezas, além de que tinha ele o passo tardio e fleumático. Logo imaginou Dom Quixote que era aquele o dono do coxim e da maleta e decidiu achá-lo, ainda que para isso lhe fosse preciso andar um ano por aquelas montanhas até dar com ele. Assim, mandou que Sancho atalhasse[8] por uma parte da montanha enquanto ele iria pela outra; poderia ser que, com essa tática, encontrassem aquele homem que, com tanta pressa, havia desaparecido diante dos seus olhos.

— Não posso fazer isso — respondeu Sancho — porque, apartando-me de vosmecê, sinto medo e me assaltam mil gêneros de sobressaltos e visões. Que isto que lhe digo lhe sirva de aviso, para, daqui em diante, não me afastar de vosmecê nem uma polegada.

— Está bem — disse o da Triste Figura — e muito me alegra saber que te queres valer do meu ânimo, que não te há de faltar, ainda que te falte a alma ao corpo. Vem agora atrás de mim, pouco a pouco, ou como puderes, e faze dos olhos, lanternas; rodearemos esta pequena serra e talvez achemos aquele homem que vimos, o qual, sem dúvida nenhuma, não é senão o dono do nosso achado.

Ao que Sancho retrucou:

— Muito melhor seria não o buscar, porque, se o acharmos e for ele o dono do dinheiro, é claro que tenho de restituí-lo. Fora melhor, pois, sem fazer esta inútil diligência, possuí-lo eu de boa-fé, até que, por outra via menos curiosa e diligente, aparecesse o seu verdadeiro senhor; e oxalá aparecesse depois que eu o tivesse gasto, pois, nesse caso, onde não há nem o rei pode.

— Enganas-te nisso, Sancho — respondeu Dom Quixote — pois, já que suspeitamos quem seja o dono, quase tendo-o à frente, estamos obrigados a buscá-lo e a restituir o que lhe pertence; e mesmo que o não buscássemos basta a veemente suspeita que temos de quem seja o dono, para nos sentirmos tão culpados como se ele o fosse verdadeiramente. Assim, Sancho, não te pese o buscá-lo, pois, para mim, seria um alívio achá-lo.

Dizendo isso, picou o Rocinante e Sancho seguiu-o.[9]

Havendo rodeado parte da montanha, encontraram num arroio, caída, morta, meio comida dos cães e picada dos corvos, uma mula encilhada e enfreada. Tudo isso confirmou ainda mais a suspeita, que já tinham, de que fosse aquele homem, que fugia, o dono da mula e do coxim.

Enquanto a miravam, ouviram um assobio, como de pastor de gado; de repente, do lado esquerdo, avistaram boa quantidade de cabras. Atrás destas, por cima da montanha, surgiu o cabreiro que as guardava, que era um homem velho. Gritou-lhe Dom Quixote, pedindo-lhe que descesse de onde estava. O outro respondeu-lhe aos gritos, perguntando quem os havia trazido àquele lugar, poucas vezes pisado, ou nunca, a não ser por pés de cabras ou de lobos e outras feras que por ali andavam. Insistiu Sancho que descesse, pois de tudo o informariam. O cabreiro desceu e, chegando onde estava Dom Quixote, disse:

— Aposto que estão olhando a mula de aluguer que ali jaz morta naquele barranco; há seis meses que se encontra nesse mesmo lugar. Digam-me: acharam por aí o dono dela?

— Não achamos ninguém — respondeu Dom Quixote —, mas apenas um coxim e uma maletazinha, não longe daqui.

— Também achei-a — respondeu o cabreiro —, mas não a quis apanhar, nem me aproximar dela, temeroso de algum feitiço, ou de que me acusassem de furto; pois o diabo é sutil, e debaixo dos pés surge ao homem coisa em que tropece e caia, sem saber como, nem onde.

— O mesmo digo eu — concordou Sancho —, que também a encontrei e não quis chegar-me a ela a distância de uma pedrada; deixei-a lá e continua como estava, pois não quero cão que avise o ladrão.[10]

— Dizei-me, bom homem — interrompeu Dom Quixote —: sabeis quem seja o dono destas prendas?

— O que sei dizer — afirmou o cabreiro — é que, há uns seis meses, pouco mais ou menos, chegou a um magote de pastores que estará a três léguas deste lugar, um mancebo de gentil aparência e postura, montado nessa mesma mula que aí está morta e com o mesmo coxim e maleta que dissestes haver encontrado e não tocado. Perguntou-nos qual parte desta serra era a mais áspera e escondida; dissemos-lhe que era esta, onde estamos agora: e é verdade, porque, se entrardes meia légua mais para dentro, talvez não consigais sair. Estou admirado de como haveis podido chegar aqui, porque não há caminho, nem senda que a este lugar conduza. Digo, pois, que, ouvindo a nossa resposta, o mancebo voltou as rédeas do animal e se encaminhou até o lugar que lhe apontamos, deixando-nos a todos contentes com a sua boa aparência e admirados da sua pergunta e da pressa com que o víamos caminhar e voltar-se para a serra. Desde então, nunca mais o vimos, até que, dias depois, pondo-se a caminho um dos nossos pastores, sem lhe dizer nada ele se aproximou deste e lhe deu muitos murros e pontapés, despojando-lhe a burrica de quanto queijo e pão trazia. Feito isso, emboscou-se pela serra adentro, com a mesma estranha ligeireza. Quando alguns cabreiros soubemos disso, nos pusemos a buscá-lo quase dois dias pelo mais cerrado desta serra, findos os quais o achamos metido no oco de um grosso e valente sobreiro. Saiu ao nosso encontro com muita mansidão, a roupa já rasgada, o rosto desfigurado e tostado pelo sol, de tal modo que mal o reconhecemos; apenas pela roupa, que, embora rota, correspondia à descrição que tínhamos, nos pudemos convencer de que era ele o homem que buscávamos. Saudou-nos cortesmente e, em poucas e esplêndidas palavras, nos disse que não nos admirássemos de vê-lo andar daquela maneira, porque assim lhe convinha para cumprir certa penitência, que lhe havia sido imposta pelos seus muitos pecados. Pedimos-lhe que nos dissesse quem era, mas nunca pudemos decidi-lo a isto. Rogamos-lhe também que, quando precisasse de sustento, sem o qual não podia passar, nos dissesse onde o acharíamos porque, com muito amor e cuidado, lho iríamos levar; e se isso tampouco fosse do seu agrado, que ele saísse a pedi-lo, em vez de tirá-lo aos pastores. Agradeceu o nosso oferecimento, pediu perdão dos assaltos passados e nos assegurou que, dali por diante, pediria o que desejasse pelo amor de Deus, sem causar dano a ninguém. Quanto ao local da sua habitação, declarou que não tinha outra senão aquela que o acaso lhe mostrava, onde quer que o encontrasse a noite. Acabou de falar chorando ternamente, e de pedra seríamos os que o tínhamos ouvido se o não acompanhássemos no pranto, lembrando-nos de como estava ele na primeira vez que o vimos e como o víamos então. Porque, segundo já disse, era um mancebo muito gentil e gracioso, que, em suas corteses e ajuizadas razões, mostrava ser bem-nascido e pessoa da corte; e, ainda que fossemos rústicos os que o escutávamos, sua gentileza era tanta, que até aos rústicos se dava a conhecer. E estando no melhor da palestra parou e emudeceu; cravou os olhos no chão por um bom espaço, durante o qual estivemos todos quietos e suspensos, a ver no que havia de parar aquele arrebatamento e com pena dele. Porque, vendo-o abrir os olhos, mantê-los fixos mirando o chão sem mover pestana durante muito tempo, e outras vezes cerrá-los apertando os lábios e arqueando as sobrancelhas, facilmente percebemos que algum acesso de loucura lhe havia ocorrido. Depressa ele confirmou o que pensávamos, porque se ergueu furiosamente do solo, onde se tinha deitado, e atacou o primeiro que achou junto a si, com tal denodo e raiva, que, se não os separássemos, ele o mataria a murros e a dentadas. E fazia tudo isso, dizendo: “Ah! Fementido Fernando! Aqui, aqui me pagarás a injustiça que me fizeste: estas mãos te arrancarão o coração, onde se aninham e congregam todas as maldades juntas, principalmente a fraude e o engano.” E a estas acrescentava outras razões, todas as quais se encaminhavam a maldizer o tal Fernando e acusá-lo de traidor e fementido. Deixamo-lo, pois, com não pequeno pesar, e ele, sem dizer mais palavra, se apartou de nós e se refugiou correndo por entre esses matos e brenhas, sem que o pudéssemos seguir. Conjeturamos daí que a loucura o assaltava de tempos em tempos e que alguém, que se chamava Fernando, lhe devia ter feito alguma perversidade, e tão grande como se inferia do triste estado a que o levara. De então para cá, tudo se confirmou, nas vezes (que foram muitas) em que ele saiu a caminho, umas para pedir aos pastores que lhe dessem algo do que levavam para comer, outras para despojá-los à força; porque, quando está com acesso de loucura, ainda que os pastores lhe ofereçam comida de bom grado, não a recebe, mas a toma à força de murros; e quando está em perfeito juízo, pede-a, cortês e comedidamente, por amor de Deus, e por isso rende muitas graças não sem lágrimas. Na verdade vos digo, senhores — prosseguiu o cabreiro — que ontem decidimos, eu e quatro pastores, dois criados e dois amigos meus, procurá-lo até o encontrarmos e, depois de encontrado, levá-lo, à força ou de bom grado, à vila de Almodóvar, que dista oito léguas daqui, e onde o curaremos, se é que tem cura o seu mal, ou saberemos quem é quando estiver em seu juízo, ou se tem parentes a quem dar notícia da sua desgraça. Aí está, senhores, o que vos sei dizer acerca do que me perguntastes; e sabei que o dono das prendas que achastes é o mesmo homem que vistes passar, tão ligeiro quanto desnudo.

De fato, Dom Quixote já lhe tinha dito como era aquele homem, que vira passar saltando pela serra. Admirado se mostrou o fidalgo ao escutar o relato do cabreiro, ficando ainda mais desejoso de saber quem era o desventurado louco. E resolveu fazer o que já tinha pensado: procurá-lo por toda a montanha sem deixar rincão nem cova que não fossem rebuscados, até achá-lo.

Fê-lo melhor a sorte, porém, do que ele pensava e esperava, porque, naquele mesmo instante, apareceu por entre uma quebrada da serra, que saía onde eles estavam, o mancebo que buscava, o qual vinha falando consigo mesmo coisas que não podiam ser entendidas de perto, quanto mais de longe. Seu trajo era tal qual descrevemos, só que, chegando perto, viu Dom Quixote ser de âmbar[11] um colete despedaçado que trazia sobre si — por onde acabou de concluir que uma pessoa portadora de tais hábitos não podia ser de condição inferior. Chegando-se-lhes o mancebo, saudou-os com voz desentoada e bronca, mas com muita cortesia. Correspondeu-lhe Dom Quixote à saudação, com não menor comedimento, e, apeando-se do Rocinante, com gentil postura e donaire, abraçou-o e o manteve, um bom espaço, estreitado nos braços, como se de longa data o conhecesse. O outro, a quem podemos chamar o *Roto da Má Figura* (como a Dom Quixote o *da Triste*), depois de haver-se deixado abraçar, afastou-o um pouco de si e, mãos postas nos ombros de Dom Quixote, esteve a mirá-lo como se já o conhecesse, talvez não menos admirado de ver a figura, o porte e as armas de Dom Quixote, do que o estava Dom Quixote de vê-lo a ele. Em suma, o primeiro que falou depois do abraço, foi o Roto; e disse o que se lerá adiante.

# CAPÍTULO XXIV

## *Onde prossegue a aventura da Serra Morena*

Diz a história que era com grandíssima atenção que Dom Quixote escutava o malfadado *Cavaleiro da Serra*, o qual, prosseguindo no discurso, disse:

— Por certo, senhor, quem quer que sejais (pois não vos conheço), agradeço-vos as mostras de cortesia com que me haveis tratado, e quisera achar-me em condições de poder retribuir, com algo mais do que a boa vontade, o bom acolhimento que me fizestes; mas não quer a minha sorte dar-me outra coisa com que corresponder às boas obras que me fazem, senão os bons desejos de satisfazê-las.

— Os que tenho — respondeu Dom Quixote — são de servir-vos; tanto que me havia decidido a não sair destas serras antes de vos encontrar e saber de vós se a dor, que mostrais possuir na estranheza da vossa vida, se poderia mitigar com algum gênero de remédio, a fim de que o busquemos com a possível diligência, se for preciso buscá-lo. Mesmo que a vossa desventura fosse daquelas que cerram as portas a todo gênero de consolo, pensava ajudar-vos a chorá-la e carpi-la o melhor que pudesse, pois é sempre um consolo, nas desgraças, achar quem as lamente. E se a minha boa intenção merece ser agradecida com alguma espécie de cortesia, eu vos suplico, senhor, pela muita que em vós, como vejo, se encerra, e ao mesmo tempo vos conjuro, pela coisa que nesta vida mais amastes ou amais, a que me digais quem sois e qual a causa que vos trouxe a viver e a morrer entre estas soledades, como bruto animal — visto que entre eles morais tão alheio a vós mesmo como o demonstram o vosso trajo e pessoa. E juro — acrescentou Dom Quixote —, pela ordem da cavalaria que recebi (ainda que pecador e indigno) e pela profissão de cavaleiro andante, que, se me satisfizerdes nisto, senhor, hei de servir-vos com as veras a que me obriga o ser quem sou, ora remediando a vossa desgraça, se tiver remédio, ora ajudando-vos a chorá-la, como vos prometi.

O *Cavaleiro do Bosque*, ouvindo o que dizia o Cavaleiro da Triste Figura, deixou-se ficar a mirá-lo, remirá-lo e torná-lo a mirar de cima a baixo; e depois de o mirar bem, lhe disse:

— Se têm algo de comer, que me deem, deem-mo por amor de Deus; depois de haver comido, farei tudo o que se me manda, em agradecimento de tão bons desejos, como os que aqui se me revelaram.

Logo tiraram, Sancho do costal e o cabreiro do surrão, coisa com que o Roto satisfez a fome, comendo o que lhe deram como pessoa estonteada, e tão depressa, que não fazia intervalo entre um bocado e outro, pois engolia-os mais do que os tragava; enquanto comia, nem ele, nem os que o miravam pronunciavam palavra. Quando acabou de comer, fez sinal para que o seguissem, o que fizeram; e os levou a um verde pradozinho, que aparecia por detrás de uma pedreira, pouco distante dali. Chegando a esse lugar, sentou-se no solo, por cima da grama, e os demais fizeram o mesmo: tudo isso sem que ninguém falasse, até que o Roto, depois de se haver acomodado no assento, disse:

— Se quereis, senhores, que vos diga em breves razões a imensidade das minhas desventuras, haveis de prometer-me que não interrompereis com nenhuma pergunta, nem de qualquer outro modo, o fio da minha triste história, porque, no mesmo ponto em que o fizerdes, nesse ficará o que estiver contando.

Estas razões do Roto trouxeram à memória de Dom Quixote o conto que lhe havia contado o seu escudeiro, quando não acertou no número das cabras que haviam atravessado o rio, interrompendo a história. Mas, voltando ao Roto, prosseguiu este, dizendo:

— Faço-vos esta advertência, porque quero ser breve no relato das minhas desgraças. O trazê-las à lembrança não serve senão para que se lhes juntem outras novas; e quanto menos me perguntardes, mais depressa acabarei de narrá-las, posto que não deixarei de contar coisa alguma importante, a fim de satisfazer o vosso desejo.

Prometeu-lhe Dom Quixote em nome dos demais; e ele, com esta garantia, principiou assim:

— Meu nome é Cardênio[1]; minha terra, uma das melhores cidades desta Andaluzia; minha linhagem, nobre; meus pais, ricos; minha desventura, tanta, que a devem ter chorado os meus pais e sentido a minha parentela, sem a poderem aliviar com sua riqueza: pois, para remediar desditas do céu, pouco valem os bens da fortuna. Vivia nesta mesma terra uma criatura celeste, onde pôs o amor toda a glória que eu poderia desejar para mim mesmo. Tal é a formosura de Lucinda, donzela tão nobre e tão rica como eu, porém mais feliz e menos constante do que desejariam que fosse os meus honrados pensamentos. Amei Lucinda, quis-lhe e adorei-a desde os meus ternos e primeiros anos, e ela me quis também a mim, com aquela simplicidade e boa disposição que sua pouca idade permitia. Sabiam nossos pais os nossos intentos e não os levavam a mal, porque bem viam que, se fôssemos adiante, acabaríamos casando — coisa que quase aconselhava a igualdade das nossas riquezas e linhagens. Com o avançar da idade, cresceu o amor entre nós dois, e ao pai de Lucinda pareceu, por guarda ao respeito, achar-se obrigado a me negar entrada em sua casa, quase imitando os pais daquela Tisbe,[2] tão decantada dos poetas. Com esta proibição, mais se ateou em nós ambos a chama do desejo, porque, se fizeram silenciar as nossas línguas, não o puderam fazer às nossas penas, as quais, com mais liberdade que as línguas, soem dar a entender a quem estimam o que se encerra em nossas almas. Muitas vezes, a presença da coisa amada perturba e emudece a intenção mais determinada e a língua mais atrevida. Ai, céus! Quantos bilhetes lhe escrevi! Que mimosas e honestas respostas tive! Quantas canções compus e quantos versos enamorados, onde a alma declarava e trasladava os seus sentimentos, pintava os seus desejos ardentes, entretinha as suas lembranças e recreava a sua vontade! Com efeito, vendo-me em apuros e que a minha alma se consumia no desejo de vê-la, resolvi pôr por obra e acabar de uma vez o que me pareceu mais conveniente para obter o meu almejado e merecido prêmio: fui pedi-la ao pai por legítima esposa. Respondeu-me que me agradecia a vontade, que eu revelara, de honrá-lo e de querer honrar-me com prendas suas; mas acrescentou que, sendo vivo o meu pai, a este competia o justo direito de lhe fazer tal pedido, porque, se não fosse por muita vontade e gosto seu, não era Lucinda mulher para se tomar, nem dar-se a furto. Agradeci-lhe a boa intenção, parecendo-me que tinha razão no que dizia e que meu pai pensaria o mesmo, quando eu lhe falasse; e, no mesmo instante, fui ter com meu pai para dizer-lhe o que desejava. Mas, quando entrei no aposento dele, achei-o com uma carta aberta na mão, que me deu logo a ler, antes que eu pronunciasse palavra, dizendo-me: “Por esta carta verás, Cardênio, a vontade que tem o duque Ricardo de te fazer mercê.” Esse duque Ricardo, como já vós outros, senhores, deveis saber, é um grande de Espanha, que tem o seu estado na melhor parte desta Andaluzia. Tomei a carta e li-a: tal era a insistência do seu conteúdo, que a mim próprio me pareceu mal, se meu pai deixasse de cumprir o que nela se pedia e que era me enviasse imediatamente aonde ele estava, pois queria que eu fosse companheiro, e não criado, do seu filho primogênito, prometendo pôr-me em estado que correspondesse à estima em que me tinha. Emudeci com a leitura, e mais ainda quando ouvi meu pai dizer-me: “Daqui a dois dias partirás, Cardênio, para fazer a vontade do duque; e dá graças a Deus, que assim te vai abrindo caminho por onde alcances o que sei que mereces.” A estas ajuntou outras razões de pai conselheiro. Chegou o prazo da minha partida. Falei uma noite a Lucinda, dizendo-lhe tudo o que se passava, e o mesmo fiz ao seu pai, suplicando-lhe que esperasse alguns dias antes de lhe dar estado, até que eu visse para que me queria Ricardo. Ele me prometeu e ela o confirmou com mil juramentos e mil desmaios. Avistei-me, finalmente, com o duque Ricardo. Fui tão bem recebido e tão bem tratado por ele, que desde logo principiou a inveja a tecer a sua rede, a começar pelos criados antigos, que se julgavam prejudicados pelas mostras de preferência que o duque me dava. Quem mais folgou com a minha ida foi um filho segundo do duque, chamado Fernando, moço galhardo, gentil-homem, liberal e namorador, o qual, em pouco tempo, quis que eu fosse tão seu amigo, que a todos dava o que falar. Embora o primogênito me quisesse bem e me fizesse mercê, não chegou ao extremo com que me queria e tratava Dom Fernando. E como não há segredos entre amigos que não se comuniquem, e a intimidade que eu tinha com Dom Fernando já era verdadeira amizade, me declarava ele todos os seus pensamentos, especialmente um de namoro, que o trazia algo desassossegado. Queria bem a uma lavradora, vassala de seu pai, mas filha de gente rica e tão formosa, recatada, discreta e honesta, que ninguém, que a conhecesse, sabia dizer em qual destas coisas primava mais, ou mais se avantajava. Tão bons dotes da formosa lavradora a tal ponto exaltaram os desejos de Dom Fernando, que resolveu, para poder alcançá-la e conquistar-lhe a inteireza, dar-lhe a palavra de ser seu esposo, porque de outra maneira seria procurar o impossível. Eu, obrigado pela sua amizade, com as melhores razões que soube e com os mais vivos exemplos que pude, procurei estorvá-lo e apartá-lo de tal propósito; vendo, porém, que de nada adiantava, determinei-me a relatar o caso do duque Ricardo, seu pai. Mas Dom Fernando, astuto e discreto, receou e temeu isto, por lhe parecer que estava eu obrigado, como bom criado que era, a não encobrir coisa alguma que pudesse prejudicar a honra do meu senhor, o duque; assim, para me dissuadir e enganar, disse-me que não achava melhor remédio para afastar da lembrança a formosura que tanto o cativara do que ausentar-se por alguns meses. E queria que fôssemos os dois à casa do meu pai, participando ele ao duque que tal faria com o fito de ver e apreçar uns cavalos muito bons, que havia na minha cidade, que é onde se criam os melhores do mundo. Apenas o escutei dizer isto, movido pela afeição que lhe votava, embora não fosse lá muito boa a sua determinação, julguei-a das mais acertadas que se podiam imaginar. A ocasião me parecia propícia para tornar a ver a minha Lucinda. Com este pensamento e desejo, aprovei o parecer do meu amigo e robusteci-lhe o propósito, dizendo-lhe que o pusesse em execução com a possível brevidade, porque, de fato, a ausência produzia o seu efeito, apesar dos mais firmes pensamentos. Soube depois que, quando ele me disse isso, já havia desfrutado a lavradora com o título de esposo e esperava apenas a ocasião de o revelar a salvo, temeroso do que o duque, seu pai, faria, quando soubesse do seu disparate. Sucede, porém, que o amor, nos moços, geralmente não o é, mas apenas apetite, o qual tem por último término o deleite, que se acaba no mesmo instante em que se alcança, deixando para trás aquilo que parecia amor, porque não pode passar do limite que lhe impôs a natureza; o contrário sucede ao verdadeiro amor, que não tem esse limite. Quero dizer que, assim que Dom Fernando possuiu a lavradora, se lhe aplacaram todos os desejos e se lhe esfriaram os entusiasmos; e se, primeiramente, fingia querer ausentar-se para remediá-los, agora deveras procurava ir-se, por não mais os querer pôr em execução. O duque lhe deu licença e mandou que eu o acompanhasse. Dirigimo-nos à minha cidade e meu pai o recebeu como quem era. Vi de novo Lucinda, meus desejos reviveram (ainda que não estivessem mortos, nem amortecidos) e, para meu mal, relatei-os a Dom Fernando, por me parecer que, em nome da muita amizade que entre nós havia, não lhe devia encobrir nada. Louvei-lhe a formosura, a graça e a discrição de Lucinda, de tal maneira, que meus louvores lhe despertaram o desejo de querer ver a donzela que tão belos dotes trazia. Para desgraça minha, fiz-lhe a vontade, mostrando-lhe a minha namorada, certa noite, à luz de uma vela, por uma janela onde costumávamos falar-nos. Viu-a sob tal aspecto, que se lhe apagaram da lembrança todas as belezas que já contemplara até então. Emudeceu, perdeu o senso, ficou absorto e, finalmente, tão enamorado como o haveis de ver no transcurso da narração da minha desventura. Para acender-lhe mais o desejo (que a mim me ocultava e que só ao céu descobria), quis a sorte que achasse um dia um bilhete dela, rogando-me que a pedisse por esposa ao pai, bilhete tão discreto, tão honesto e tão enamorado que, ao lê-lo, me disse que em Lucinda se continham todas as graças de formosura e de inteligência que andavam repartidas por todas as demais mulheres do mundo. Verdade é — e agora quero confessar-vos — que, embora me parecessem justos os louvores que Dom Fernando fazia a Lucinda, não gostava de ouvi-los de sua boca;

comecei a inquietar-me e a me arrecear dele, porque não se passava um só momento em que não quisesse falar de Lucinda, e puxava sempre o assunto, ainda que fora de ocasião — coisa que despertava em mim um não-sei-quê de ciúmes, não porque desconfiasse da bondade e da fidelidade de Lucinda, mas porque me fazia a sorte duvidar dos juramentos dela. Procurava sempre Dom Fernando ler os bilhetes que eu enviava a Lucinda e os em que ela me respondia, sob pretexto de muito apreciar a discrição de nós ambos. Aconteceu que, tendo-me pedido Lucinda um livro de cavalaria para ler, livro que ela muito apreciava e que era o *Amadis de Gaula*...

Mal ouviu citar o nome do livro de cavalaria, exclamou Dom Quixote:

— Se me tivesse dito vosmecê, desde o começo da história, que a senhora Lucinda era afeiçoada a livros de cavalaria, não seriam precisos outros encarecimentos para me dar a entender a elevação do seu espírito; pois não o tivera tão bom como vós, senhor, o haveis pintado, se carecesse do gosto de tão saborosa leitura. Para mim, portanto, não precisais gastar mais palavras para me descrever a formosura dela, seu valor e inteligência; basta-me ter sabido desta sua predileção, para tê-la na conta da mais formosa e mais discreta mulher do mundo. E quisera eu, senhor, que vosmecê lhe tivesse enviado, junto com *Amadis de Gaula*, o bom *Dom Rugel da Grécia*, pois sei que a senhora Lucinda gostaria muito de Daraida e Garaia, das discrições do pastor Darinel[3] e daqueles admiráveis versos de suas bucólicas, cantadas e representadas por ele com toda a graça, discrição e desenvoltura. Mas tempo virá em que se emende essa falta, e não durará ele mais que o necessário para que se sirva vosmecê de vir comigo à minha aldeia, onde lhe poderei dar mais de trezentos livros, que são o regalo da minha alma e a diversão da minha vida, embora tenha para mim que já não possuo mais nenhum, graças à malícia de maus e invejosos feiticeiros. Perdoe-me vosmecê ter infringido a promessa de não interromper a sua narrativa, pois, quando oiço coisas de cavalaria e de cavaleiros andantes, não me sei conter e não posso deixar de falar nelas, como não podem os raios do sol deixar de aquecer, nem os da lua de umedecer.[4] Perdão, pois, e prossiga vosmecê, que é o que mais importa agora.

Enquanto Dom Quixote assim se expressava, deixou Cardênio pender a cabeça sobre o peito, dando mostras de estar profundamente pensativo. E apesar de lhe haver dito duas vezes Dom Quixote que prosseguisse com a história, não erguia ele a cabeça, nem respondia palavra. Mas, ao cabo de bom espaço de tempo, levantou-a e disse:

— Não me podem tirar do pensamento, nem haverá no mundo quem mo tire, nem quem me dê a entender o contrário, e seria um néscio o que entendesse ou cresse outra coisa, senão que aquele grande velhaco do mestre Elisabad andava amancebado com a rainha Madásima![5]

— Isso não! Não o permito! — gritou Dom Quixote, bastante encolerizado (e fazendo ameaças, como era seu costume). — É uma grande mentira, ou, por melhor dizer, uma enorme velhacaria. A rainha Madásima foi uma senhora muito importante, e não se há de presumir que tão alta princesa tenha feito mancebia com um açougueiro; quem disser o contrário, mente como um grandíssimo tratante. E isso, eu lho provarei, a pé ou a cavalo, armado ou desarmado, de noite ou de dia, ou como melhor lhe aprouver.

Estava-o mirando Cardênio muito atentamente. Já lhe viera o acesso de loucura e não queria prosseguir com a história, tampouco a ouviria mais Dom Quixote, depois do que ouvira dizer de Madásima. Caso estranho, ter-se ele exaltado assim por ela, como se fosse sua verdadeira e natural senhora! A tal ponto o levavam os seus excomungados livros. Digo, pois, que, como já Cardênio estava louco e se ouviu tratado de mentiroso e velhaco, com outros insultos semelhantes, pareceu-lhe mau o gracejo; e, erguendo um calhau que achou junto a si, deu com este nos peitos de Dom Quixote, tão violentamente, que o fez cair de costas. Sancho Pança, ao ver agredido o amo daquele modo, arremeteu contra o louco de punhos cerrados, e o Roto o recebeu de tal sorte que, com um só murro, jogou-o ao chão e caiu sobre ele, machucando-lhe as costelas a seu talante. Querendo defendê-lo, correu o cabreiro idêntico perigo. E o outro, depois que os pôs a todos rendidos e moídos, os deixou e se foi, com gentil sossego, a emboscar-se na montanha. Sancho levantou-se e, com a raiva que estava de se ver tão surrado sem o merecer, correu a vingar-se do cabreiro, dizendo-lhe que ele tinha culpa, por não lhes ter avisado que aquele homem era assaltado, de quando em quando, pelas crises de loucura; pois, se disto houvessem tido conhecimento, teriam ficado de sobreaviso para se poderem defender. Respondeu o cabreiro que já os havia prevenido e que, se o escudeiro não lho tinha ouvido, não era culpa sua. Replicou Sancho Pança, e tornou a replicar o cabreiro; acabaram por se atracarem os dois e se esmurrarem de maneira tal que, se os não apaziguara Dom Quixote, se despedaçariam um ao outro.

Dizia Sancho, em luta com o cabreiro:

— Deixe-me vosmecê, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que este é um vilão como eu e não está armado cavaleiro; posso, pois, vingar-me à vontade do agravo que me fez, pelejando com ele mão a mão, como homem honrado.

— Sei disso — respondeu Dom Quixote —; mas sei também que nenhuma culpa ele tem do sucedido.

Apaziguou-os, afinal, e tornou a perguntar ao cabreiro se seria possível encontrar Cardênio, pois era muito grande o seu desejo de lhe ouvir o fim da história. Disse-lhe o cabreiro o que já antes dissera, isto é, que não sabia ao certo onde o outro se ocultava; mas que, se andasse muito por aquelas cercanias, não deixaria de encontrá-lo, com juízo ou sem ele.

# CAPÍTULO XXV

## *Que trata das estranhas coisas que em Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro de la Mancha, e da imitação que fez da penitência de Beltenebros*

Despediu-se Dom Quixote do cabreiro e, montando outra vez no Rocinante, mandou a Sancho que o seguisse, o que o mesmo fez no seu jumento,[1] de muito mau grado. Foram-se entranhando, a pouco e pouco, no mais áspero da montanha; e Sancho ia morto por trocar razões com o amo, desejando que desse este começo à palestra, para não infringir o combinado. Mas não pôde suportar tanto silêncio, e rompeu-o, dizendo:

— Senhor Dom Quixote, deite-me vosmecê a sua bênção e me dê licença para voltar daqui à minha casa, à minha mulher e aos meus filhos, com os quais, pelo menos, falarei e discutirei tudo o que quiser; pois querer vosmecê que eu me vá dia e noite nesta solidão, sem lhe poder falar quando me der gosto, é enterrar-me em vida. Se quisera a sorte que os animais falassem, como falavam no tempo de Guisopete,[2] fora menos mau, porque discutiria com meu jumento o que me desse na telha e disfarçaria, com isso, a minha desventura. Dura coisa é, na verdade, e não há paciência que aguente, andar buscando aventuras toda a vida e não encontrar senão coices e manteações, pedradas e murros; e, ainda, por cima, havemos de fechar a boca, sem ousar dizer o que o homem tem no coração, como se fora mudo.

— Já te compreendo, Sancho — respondeu Dom Quixote —; morres de desejo que eu te levante o interdito que te pus na língua; pois dá-o por levantado e dize o que quiseres, com a condição de que não há de durar este consentimento senão enquanto andarmos por estas serranias.

— Assim seja — fez Sancho —; fale eu agora, que depois sabe Deus o que será. E, começando a gozar do salvo-conduto, pergunto que aproveita a vosmecê irritar-se tanto por causa daquela rainha *Magimasa*,[3] ou como se chama? Que importava que fosse ou não aquele *abade* amante dela? Se vosmecê não tivesse ligado a isso, já que não era juiz no caso, creio que o louco seguiria adiante com a história e teríamos evitado a pedrada e os coices, e, ainda, mais de seis sopapos.

— Aposto, Sancho — disse Dom Quixote —, que, se soubesses, como sei, quão honrada e importante senhora foi a rainha Madásima, dirias, antes, que tive muita paciência por não ter quebrado a boca que tantas blasfêmias proferiu. Muito grande blasfêmia é, na verdade, dizer ou pensar que esteja uma rainha amancebada com um cirurgião. A verdade do conto é que aquele mestre Elisabad, a quem se referiu o louco, foi homem muito prudente e de ótimo conselho e serviu de aio e médico à rainha; mas pensar que era ela sua amante é disparate digno de enormíssimo castigo. Para que vejas que não soube Cardênio o que dizia, hás de lembrar-te que, quando o disse, já estava sem juízo.

— Neste caso, digo eu — instou Sancho — que não havia razão para dar importância às palavras de um louco; porque, se a boa sorte não ajudasse a vosmecê e encaminhasse o calhau à sua cabeça, como o encaminhou ao peito, boa coisa não nos haveria de suceder por causa daquela minha senhora, que Deus confunda. E, macacos me mordam, se não se livraria Cardênio por louco!

— Contra loucos e ajuizados está obrigado qualquer cavaleiro andante a acudir, pela honra das mulheres, quaisquer que sejam estas, quanto mais pelas rainhas de tão alta hierarquia e veneração como o foi a rainha Madásima, a quem voto particular afeição, por suas boas qualidades! Porque, além de ter sido formosa, foi muito prudente e conformada nas suas calamidades, que as teve muitas; e os conselhos e a companhia do mestre Elisabad lhe foram de muito proveito e alívio, para que pudesse ela conduzir seus trabalhos com prudência e paciência. Isso deu margem a que o vulgo ignorante e mal-intencionado dissesse e pensasse que ela era sua amante. Repito: mentem outra vez, e mentirão outras duzentas, todos os que tal pensarem e disserem.

— Eu não o digo, nem penso — respondeu Sancho —; eles que lá se avenham e com as suas linhas se cosam; pouco se me dá se foram amancebados, ou não; prestarão contas a Deus. Venho das minhas vinhas, de nada sei; não sou amigo de farejar as vidas alheias, pois quem compra e mente, na sua bolsa o sente. Tanto mais que nasci nu e nu me encontro; não perco, nem ganho. Também, se o fossem, que me importaria a mim? Muitos pensam que há toicinhos onde só há espetos. E quem pode pôr cobro às más línguas, depois do que disseram do próprio Deus?

— Valha-me Nosso Senhor! — exclamou Dom Quixote. — Quantas tolices vais aí desfiando, Sancho! Que tem que ver o de que tratamos com os refrãos que numeras? Por vida tua, Sancho: cala-te. Daqui por diante, cuida de esporear o teu asno[4] e não te metas mais onde não és chamado. E fica sabendo, por todos os teus cinco sentidos, que tudo aquilo que eu fiz, faço e fizer é muito razoável e conforme com as regras da cavalaria, porque as sei melhor que quantos cavaleiros as professaram no mundo.

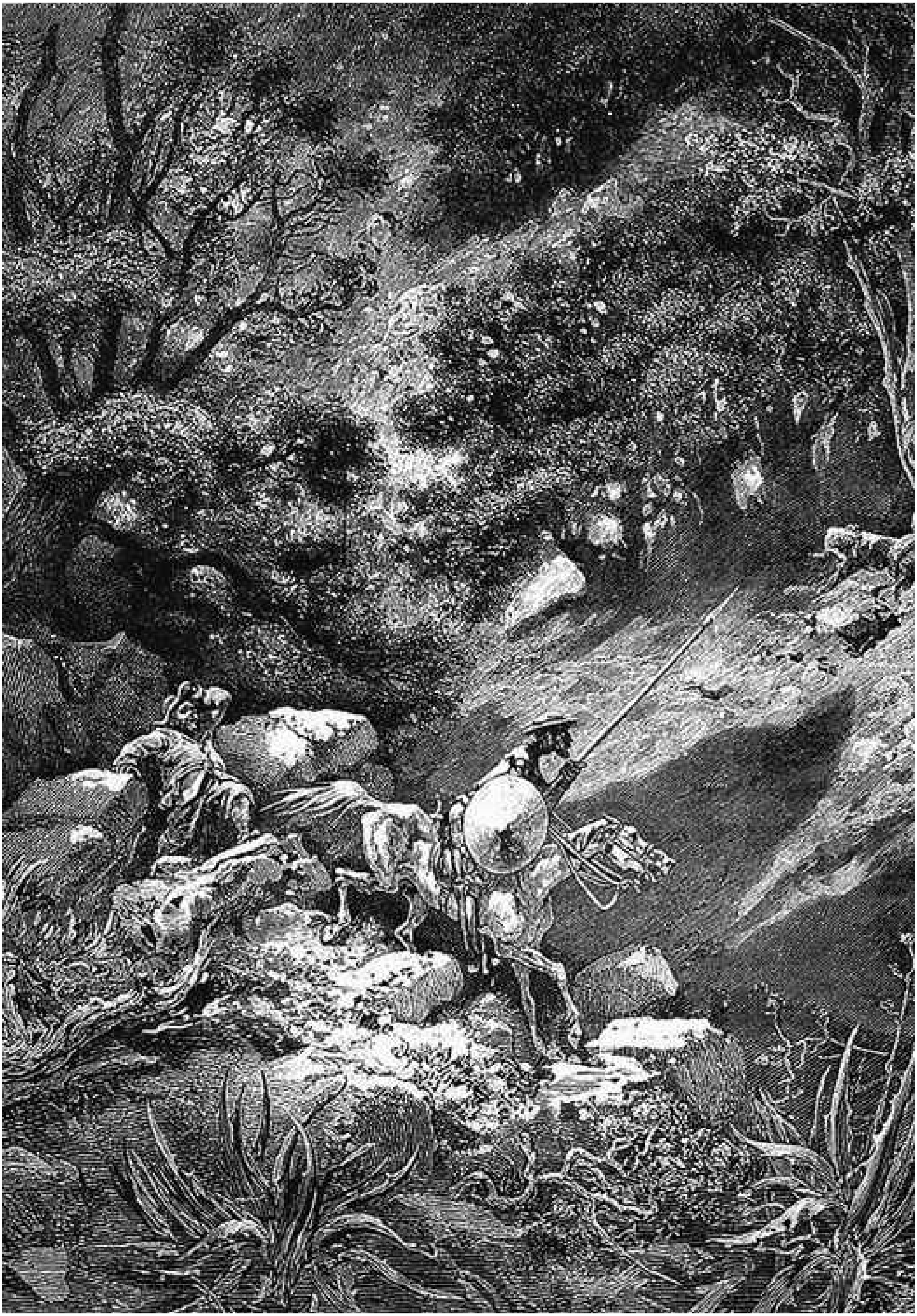
— Senhor — respondeu Sancho —, é boa regra de cavalaria andarmos perdidos por estas montanhas, sem rota nem caminho, buscando um louco que, depois de achado, talvez tenha vontade de acabar o que começou, não no seu conto, mas na cabeça de vosmecê e nas minhas costelas, finalizando por quebrá-las de cabo a rabo?

— Cala-te, torno a dizer-te, Sancho — repetiu Dom Quixote. — Quero que saibas que não é só o desejo de achar o louco que me conduz por estes sítios, mas também o de realizar neles tal façanha, que me dê perpétuo nome e fama por toda a terra descoberta e me leve a exceder tudo o que jamais fez de perfeito e de célebre um cavaleiro andante.

— Será muito perigosa essa façanha? — inquiriu Sancho Pança.

— Não — respondeu o da Triste Figura —, muito embora possa cair o dado de tal maneira, que nos traga azar ao invés de boa sorte; mas tudo dependerá da tua diligência.

— Da minha diligência? — indagou Sancho.



— Sim — disse Dom Quixote —, porque se fores depressa aonde penso enviar-te, logo se acabará o meu penar e começará a minha glória. Não fica bem que eu te mantenha mais suspenso, esperando o paradeiro das minhas razões; quero que saibas, por isso, que o famoso Amadis de Gaula foi um dos mais perfeitos cavaleiros andantes. Não disse bem que foi um deles; na verdade, foi o primeiro e único, o senhor de todos quantos houve em seu tempo no mundo. Tanto pior para Dom Belianis e para todos aqueles que disserem ter-se-lhe igualado em alguma coisa, porque se enganam, com toda a certeza. Quando algum pintor quer sair famoso na sua arte, procura imitar os originais dos mais célebres pintores que conhece. Esta mesma regra se verifica em todos os mais ofícios ou profissões de monta, que abrilhantam as repúblicas. Assim o há de fazer e faz quem quiser alcançar nome de prudente e resignado, imitando a Ulisses, em cuja pessoa e em cujos trabalhos nos pinta Homero um retrato vivo de prudência e de resignação, como também nos mostrou Virgílio, na pessoa de Eneias, o valor de um filho piedoso e a sagacidade de um valente e entendido capitão, não os pintando ou descobrindo como foram, mas como deviam ser, para que suas virtudes servissem de exemplo aos homens vindouros. Do mesmo modo, foi Amadis o norte, o luzeiro, o sol dos valentes e enamorados cavaleiros a quem devemos imitar todos aqueles que sob a bandeira do amor e da cavalaria militarmos. E, se isto é tal como digo, acho, amigo Sancho, que o cavaleiro andante que melhor o imitar estará mais próximo de alcançar a perfeição da cavalaria. Uma das coisas em que este cavaleiro mais revelou sua prudência, valor, valentia, sofrimento, firmeza e amor, foi quando se retirou, desdenhado da senhora Oriana, a fazer penitência na Penha Pobre, trocando o seu nome pelo de Beltenebros — nome por certo significativo e próprio para a vida que ele havia escolhido voluntariamente. A mim me é mais fácil imitá-lo nisto que no fender gigantes, decepar serpentes, matar dragões, desbaratar exércitos, derrotar armadas e desfazer encantamentos. E como são estes lugares tão propícios a semelhantes efeitos, não vejo por que se deixe passar a ocasião, que agora, com tamanha comodidade, me oferece as suas guedelhas.[5]

— Mas, enfim — disse Sancho —, que é que pretende vosmecê fazer neste lugar tão remoto?

— Já não te disse — respondeu Dom Quixote — que quero imitar Amadis, desempenhando aqui o papel de desesperado, louco e furioso, imitando, ao mesmo tempo, o valente Dom Roldão, quando achou numa fonte os sinais de ter Angélica, a Bela, cometido vilania com Medoro,[6] achado esse que o tornou maluco, fazendo-o arrancar as árvores, turbar as águas das fontes claras, matar pastores, destruir rebanhos, incendiar choças, derrubar casas, dispersar manadas e cometer outras 100 mil insolências, dignas de eterno renome e escritura? E visto que não penso imitar Roldão, ou Orlando, ou Rotolando (pois tinha todos estes nomes), ponto por ponto, em todas as loucuras que fez, disse e pensou, farei o bosquejo como melhor o puder, nas que me parecerem mais essenciais. Poderá ser que venha a contentar-me unicamente com a imitação de Amadis, que, sem cometer loucuras prejudiciais, mas apenas de pranto e sentimento, alcançou tanta fama como os que mais a conseguiram.

— A mim me parece — observou Sancho — que os cavaleiros que tal fizeram foram provocados e tiveram motivo para cometer essas tolices e penitências; vosmecê, porém, que razão tem para enlouquecer? Que dama o desprezou, ou que sinais achou de que a senhora Dulcineia del Toboso tenha feito alguma asneira com mouro ou com cristão?

— Eis aí — respondeu Dom Quixote — o ponto delicado do meu caso. Porque não é para admirar, nem para agradecer, que se torne louco um cavaleiro andante com justa causa; a vantagem está em cometer desatinos sem motivo e dar a entender à minha dama que, se em seco faço tanto, que não faria no molhado? Tanto mais que me sobram para isso ocasiões, dada a longa ausência em que tenho estado sempre da minha senhora Dulcineia del Toboso. Já ouviste dizer àquele pastor de outrora, Ambrósio, que quem ausente está todos os males tem e teme. Assim, amigo Sancho, não percas tempo em aconselhar-me a que deixe tão rara, tão feliz e tão inaudita imitação. Louco sou, e louco hei de ser, até que regresses trazendo a resposta de uma carta que, por teu intermédio, pretendo enviar à minha senhora Dulcineia; se ela vier como espero, acabar-se-ão minha loucura e penitência; e se vier ao contrário, ficarei louco de verdade, e, sendo-o, nada sentirei. De qualquer maneira, pois, que a minha dama me responda, sairei do trabalho e do conflito em que me deixares, gozando o bem que me trouxeres em meu perfeito juízo, ou não sentindo o mal de que fores portador, por estar eu louco. Dize-me, todavia, Sancho, se trazes bem guardado o elmo de Mambrino. Lembro-me de que o alçaste do chão, quando aquele mal-agradecido o quis despedaçar, mas não pôde — por onde se vê a fineza da sua têmpera.[7]

Sancho respondeu:

— Por Deus, senhor Cavaleiro da Triste Figura! Já não tenho paciência de suportar algumas coisas que vosmecê diz; e por estas imagino que tudo o mais que me conta acerca de cavalaria, de alcançar reinos e impérios, de dar ilhas e de fazer outras mercês e grandezas, como é uso dos cavaleiros andantes, tudo, enfim, deve ser coisa de brisa e mentira, tudo pastranha ou patranha, ou que outra coisa o chamemos. Pois, quem ouvir dizer a vosmecê que uma bacia de barbeiro é o elmo de Mambrino, sem sair deste erro por mais de quatro dias, que há de pensar, senão que quem tal diz e afirma deve ter o juízo transtornado? A bacia levo-a eu nas costas toda amassada; e levo-a para consertá-la em minha casa e me barbear com ela, se Deus me conceder tamanha graça, que me permita, algum dia, rever minha mulher e meus filhos.

— Olha, Sancho, pelo mesmo que tu me juraste há pouco te juro eu agora — exclamou Dom Quixote — que tens o mais curto entendimento que jamais teve, nem tem, escudeiro algum no mundo. Ora essa! Então é possível que, andando comigo há tanto tempo, ainda não tenhas visto que todas as coisas dos cavaleiros andantes parecem quimeras, tolices e desatinos, e que são todas feitas pelo avesso? Não é que sejam realmente assim, mas simplesmente porque há sempre, entre nós, uma caterva de feiticeiros, que todas as nossas coisas mudam, transformam e invertem, conforme o seu gosto e segundo tenham vontade de favorecer-nos ou destruir-nos. Assim, isso que a ti te parece bacia de barbeiro me parece a mim o elmo de Mambrino e a outrem lhe parecerá outra coisa. E foi rara providência do sábio que está do meu lado fazer que pareça bacia a todos o que, real e verdadeiramente, é o elmo de Mambrino, porque, sendo coisa de tanto preço, todo o mundo me perseguiria para roubar-ma; julgando, porém, que é apenas uma bacia de barbeiro, não pensam em procurá-la, como bem o viste pelo exemplo daquele que a quis despedaçar e a deixou no chão sem levá-la; aposto que, se soubesse o que era, nunca a deixaria. Guarda-a, pois, amigo, que por agora não preciso dela; antes, tenho que tirar todas estas armas e ficar nu como quando nasci, se é que me dá na telha seguir mais a Roldão que a Amadis, na minha penitência.

Com essa conversa, chegaram ao pé de uma alta montanha, que ali estava solitária, em meio a outras muitas que a rodeavam. Pela falda lhe corria manso arroio e, por toda a sua volta, se espalhava tão verde e viçoso prado, que alegrava os olhos que o miravam. Havia muitas árvores silvestres e algumas plantas e flores, que tornavam aprazível o lugar. Foi o sítio escolhido pelo Cavaleiro da Triste Figura para fazer sua penitência. Ao vê-lo, começou a dizer em voz alta, como se estivesse sem juízo:

— Este é o lugar, oh céus! que disputo e escolho, para chorar a desventura em que vós mesmos me atirastes. Este é o sítio em que as lágrimas dos meus olhos aumentarão as águas deste pequeno arroio e os meus contínuos e profundos suspiros moverão sem descanso as folhas destas árvores selváticas, em testemunho e sinal da pena que o meu perseguido coração padece. Ó vós outros, quem quer que sejais, rústicos deuses, que neste sítio inabitável residis, ouvi as queixas do desditoso amante, a quem uma longa ausência e fantasiados zelos trouxeram a lamentar-se entre estas asperezas e queixar-se da dura condição daquela ingrata e bela, término e fim de toda a formosura humana! Ó vós outras, Napeias e Dríades,[8] que tendes por costume habitar nas espessuras dos montes: que os ligeiros e lascivos sátiros, de quem sois debalde amadas, jamais perturbem o vosso doce sossego, e que vós todas me ajudeis a lamentar a minha desventura, ou, pelo menos, não vos canseis de ouvi-la. Ó Dulcineia del Toboso, dia da minha noite, glória da minha pena, norte dos meus caminhos, estrela da minha ventura: assim o céu te satisfaça, em tudo quanto lhe pedires. Considera o lugar e o estado a que me conduziu a tua ausência; e que saibas corresponder, em bons termos, ao que a minha fidelidade faz jus! Ó árvores solitárias, que, de hoje em diante, haveis de fazer companhia à minha solidão: mostrai, com o brando movimento das vossas ramagens, que não vos desagrada a minha presença! Ó tu, escudeiro meu, agradável companheiro nos meus prósperos e adversos sucessos, guarda bem na memória o que me verás aqui fazer, para que o contes e recites à causadora total de tudo isso!

Falando assim, apeou-se do Rocinante e, num instante, lhe tirou o freio e a sela; e, dando-lhe uma palmada nas ancas, lhe disse:

— Liberdade te concede quem sem ela fica, ó cavalo tão extremado por tuas obras, quão desditoso por tua sorte! Vai-te por onde quiseres, que na frente levas escrito que não te igualou em ligeireza o Hipogrifo de Astolfo,[9] nem o célebre Frontino,[10] que tão caro custou a Bradamante.

Ouvindo isto, Sancho disse:

— Bem haja quem nos tirou o trabalho de desalbardar o ruço; aposto que não faltariam palmadinhas para lhe dar, nem coisas que lhe dizer em seu louvor; mas, se ele estivesse aqui,[11] não consentiria eu que ninguém o desalbardasse, pois não havia por que fazê-lo; não lhe cabiam as imputações de namorado, nem de desesperado, pois não o estava o seu amo, que era eu, quando Deus queria. Na verdade, senhor Cavaleiro da Triste Figura, se a minha partida e a loucura de vosmecê são coisas deveras assentadas, será bom encilhar de novo o Rocinante, para que supra a falta do meu asno, abreviando assim o tempo da minha ida e volta; pois, se vou a pé, não sei quando chegarei, nem quando volverei, porque, no fim de contas, sou mau caminhante.

— Seja como quiseres, Sancho — disse Dom Quixote —, pois não me parece mau o teu intento. Partirás daqui a três dias, e quero que, durante esse tempo, vejas o que faço e digo pela minha Dulcineia, para que tudo lho contes.

— Que mais tenho eu que ver, além do que já vi? — inquiriu Sancho.

— Na verdade, estás bem inteirado de tudo — respondeu Dom Quixote —; mas me falta agora rasgar a roupa, espalhar por aí as armas e pôr-me a dar cabeçadas por estas rochas, com outras coisas do mesmo jaez, que haverás de admirar.

— Pelo amor de Deus — fez Sancho — olhe vosmecê como vai dar essas cabeçadas, pois a tal penha poderá chegar, e em tal ponto, que, na primeira investida, se acabe a máquina desta penitência. Penso que, já que a vosmecê se lhe afiguram tais cabeçadas necessárias e não se pode fazer esta obra sem elas, deve contentar-se — pois tudo isso é fingido e coisa de arremedilho e burla — deve contentar-se, digo, com dar cabeçadas na água, ou em algo macio como algodão; e deixe a meu cargo dizer à minha senhora que vosmecê as dava numa ponta de pedra mais dura que diamante.

— Agradeço tua boa intenção, amigo Sancho — respondeu Dom Quixote —; mas quero fazer-te sabedor de que todas estas coisas que faço não são burlas, senão que muito verdadeiras; porque, de outra maneira, seria contrariar as ordens da cavalaria, que nos proíbem dizer quaisquer mentiras, sob pena de relapsos. E fazer uma coisa por outra é o mesmo que mentir. Assim, minhas cabeçadas hão de ser verdadeiras, firmes e valiosas, sem que nada levem de sofístico, nem de fantástico. Mas preciso que me deixes algumas ataduras para curar-me, pois quis a sorte que nos faltasse o bálsamo que perdemos.

— Pior foi perder o asno — corrigiu Sancho —, pois com ele se perderam as ataduras[12] e tudo o mais. Rogo a vosmecê que não se lembre mais daquela maldita bebida, pois só em ouvi-la mencionar se me revolve a alma, quanto mais o estômago. Peço-lhe mais que se dê conta de já terem passado os três dias que me deu de prazo, para ver as loucuras que faz; por isso, dou-as por vistas e por passadas em julgado, e à minha senhora contarei maravilhas. Escreva vosmecê a carta e me despache logo, pois é grande o meu desejo de tornar a tirar vosmecê deste purgatório, onde o deixo.

— Por que o chamas purgatório, Sancho? — perguntou Dom Quixote. — Melhor seria se o chamasses inferno, ou coisa ainda pior, se é que existe.

— É que no inferno — respondeu Sancho — *nula es retencio*,[13] segundo ouvi dizer.

— Não entendo o que quer dizer *retencio* — disse Dom Quixote.

— *Retencio* — explicou Sancho — quer dizer que quem está no inferno nunca sai de lá, nem pode sair. Com vosmecê poderá suceder o contrário, ou a mim me hão de doer os pés, se não levo esporas para espertar o Rocinante, e ponha-me eu a salvo em Toboso, diante da minha senhora Dulcineia, e lhe direi tais coisas das tolices e loucuras (o que é o mesmo) que vosmecê tem feito e anda fazendo, que a porei mais macia que uma luva, ainda que a encontre mais dura que um sobreiro; e, com a resposta doce e melíflua que me dará, volverei pelos ares como um bruxo e tirarei vosmecê deste purgatório, que parece inferno e não o é, pois há esperança de sair dele — esperança que, como já disse, não a têm os que estão no inferno verdadeiro. Creio que vosmecê não me há de contradizer.

— É verdade — disse o da Triste Figura. — Mas, que faremos para escrever a carta?

— E a cédula dos três burrinhos também[14] — ajuntou Sancho.

— Tudo irá incluso — disse Dom Quixote —, e bom seria, já que não há papel, que a escrevêssemos como faziam os antigos, em folhas de árvores, ou numas tabuazinhas de cera; mas seria tão difícil achar isso por aqui, como achar papel. Já me veio à memória, todavia, onde será melhor, ou mais do que melhor escrevê-la: será no livrinho de memórias que pertenceu a Cardênio. E tu terás o cuidado de a fazer trasladar em papel, com boa letra, no primeiro lugar a que chegares onde haja mestre-escola de rapazes; ou, senão, qualquer sacristão te fará a cópia. Não a mandes copiar por nenhum escrivão, pois estes fazem letra de processo, que nem Satanás entende.

— E que se há de fazer da assinatura? — perguntou Sancho.

— As cartas de Amadis nunca foram assinadas — respondeu Dom Quixote.

— Está bem — respondeu Sancho —; mas a ordem de entrega dos três burrinhos há de ser forçosamente assinada, e esta, se se copia, dirão que é falsa a assinatura, e ficaremos sem os burrinhos.

— A ordem irá assinada no mesmo livrinho, e, vendo-a, minha sobrinha não oporá dificuldades ao seu cumprimento. No que respeita à carta de amor, porás, em vez de assinatura, o seguinte: "*Vosso até a morte, o Cavaleiro da Triste Figura*". E pouco importa que isto vá escrito por mão alheia, porque, se bem me recordo, Dulcineia não sabe ler, nem escrever, e em toda a sua vida nunca viu minha letra, nem carta minha, já que o meu amor e o seu foram sempre platônicos, sem ir além de honesta contemplação. E mesmo isso aconteceu a intervalos tão distantes, que, para dizer a verdade, sob a minha palavra de honra, em 12 anos que a quero mais que à luz destes olhos que a terra há de comer, não cheguei a vê-la quatro vezes; e pode ser até que, destas quatro vezes, nem uma só haja ela em tal reparado: tal o recato e a clausura em que a criaram seus pais, Lourenço Corchuelo e Aldonça Nogales.

— Tá, tá! — fez Sancho. — Então a filha de Lourenço Corchuelo é a senhora Dulcineia del Toboso, por outro nome chamada Aldonça Lourenço?

— É ela mesma — confirmou Dom Quixote — e é quem merece ser senhora de todo o universo.

— Conheço-a muito bem — disse Sancho — e posso afirmar que atira tão longe uma barra como o mais forçudo zagal de todo o nosso povoado. Por Deus, que é moça de truz, direita e desempenada e de cabelinho na venta, capaz de tirar os pés do lodo a qualquer cavaleiro andante, ou por andar, que a tivesse por sua dama! Oh, *hideputa*,[15] que rija que é, e que voz tem! Sei dizer que se pôs um dia no alto do campanário da aldeia a chamar uns pastores seus, que andavam num barbeito do seu pai, e eles, que estavam a mais de meia légua de distância, a escutaram como se estivessem ao pé da torre. O melhor que tem é que não é nada melindrosa, parecendo uma cortesã: brinca com todos e para todos faz careta e graças. Concordo, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que não só pode e deve vosmecê fazer loucuras por ela, mas também pode, com justo título, desesperar-se e enforcar-se; pois não haverá ninguém que, sabendo-o, não diga que fez muito bem, ainda que o leve o diabo. Já queria estar a caminho da aldeia só para vê-la, pois muitos dias faz que não a vejo e deve estar bem mudada, visto que o campo, o sol e o ar gastam muito o rosto das mulheres que andam sempre a céu aberto. Confesso a vosmecê uma verdade, senhor Dom Quixote: até aqui tenho estado em completa ignorância, pois pensava bem e fielmente que a senhora Dulcineia fosse alguma princesa, de quem se houvesse vosmecê enamorado, ou alguma pessoa tal, que merecesse os ricos presentes que vosmecê lhe enviou, tanto o do biscainho como o dos galeotes e outros muitos que devem ser, já que foram muitas, por certo, as vitórias ganhas por vosmecê, ao tempo que eu ainda não era seu escudeiro. Todavia, bem consideradas as coisas, que lhe há de importar, à senhora Aldonça Lourenço, digo, à senhora Dulcineia del Toboso, o irem-se lançar de joelhos diante dela os vencidos que vosmecê lhe envia ou lhe há de enviar? Porque poderia suceder que, ao tempo que eles chegassem lá, estivesse ela tasquinhando linho ou malhando na eira, e eles se envergonhassem de vê-la, e ela se risse e aborrecesse do presente.

— Já te tenho dito, e repetido muitas vezes, Sancho — observou Dom Quixote —, que és um grande palrador e que, embora com a mente embotada, muitas vezes afloras sutilezas; mas, para que vejas quão néscio és tu e quão discreto sou eu, quero que me oiças um breve conto: Certa viúva formosa, moça, livre, rica e, sobretudo, muito alegre, se enamorou de um rapaz tosquiado;[16] roliço e de boa aparência; veio a sabê-lo o seu superior,[17] e, um dia, disse à boa viúva, em tom de repreensão fraternal: “Estou admirado, senhora, e não sem bons motivos, de que mulher tão principal, tão formosa e tão rica como vosmecê se tenha enamorado de um homem tão soez, tão baixo e tão idiota como Fulano, havendo nesta casa tantos mestres, tantos presentados[18] e tantos teólogos, que vosmecê poderia escolher como se escolhem peras, e dizer: quero este, não quero aquele." Ela respondeu-lhe, porém, com muita graça e desenvoltura: "Vosmecê, meu senhor, está muito enganado e pensa muito à moda antiga, se julga que escolhi mal Fulano, por lhe parecer este idiota; pois, para o que eu o quero, sabe ele tanta ou mais filosofia que Aristóteles." Assim, Sancho, para o que eu quero a minha Dulcineia del Toboso, ela vale tanto como a mais alta princesa da terra. Nem todos os poetas, que louvam suas damas, debaixo de nomes que eles mesmos lhes põem a seu alvitre, as têm verdadeiramente. Pensas tu que as Amarílias, as Fílias, as Sílvias, as Dianas, as Galateias, as Alidas e outras tais, de que estão cheios os livros, os romances, as tendas dos barbeiros, os teatros de comédias, foram damas de verdade, de carne e osso, daqueles que as celebram e celebraram? Pois te enganas; a maioria delas são fingidas, para servirem de tema aos versos e para que os autores destes pareçam verdadeiramente enamorados e homens de valor para sê-lo. Assim, basta-me a mim pensar e crer que a boa Aldonça Lourenço é formosa e honesta; quanto à linhagem, importa pouco, pois não hão de ir a informar-se dela para lhe dar algum hábito; por mim, faço de conta que é a mais alta princesa do mundo. Porque hás de saber, Sancho, se já não o sabes, que duas únicas coisas convidam ao amor mais que as outras, e são a grande formosura e a boa fama. Estas duas coisas se reúnem por inteiro em Dulcineia, pois, quanto à formosura, ninguém a iguala; e quanto à boa fama, poucas se lhe comparam. E para acabar com tudo isto: imagino que tudo o que digo é tal como o digo, sem que nada sobre, nem falte; pinto-a na minha imaginação como a desejo, tanto em beleza como em respeito; e nem Helena chega aos pés dela, nem se lhe aproxima Lucrécia, nem nenhuma outra das famosas mulheres da antiguidade grega, bárbara ou latina. Diga cada um o que quiser; mas se eu for por isto repreendido dos ignorantes, não serei castigado dos rigorosos.

— Confesso que em tudo vosmecê tem razão — acudiu Sancho — e que eu sou um asno. Mas não sei por que me veio à boca a palavra *asno*, pois não se deve mencionar a corda em casa de enforcado. Contudo, venha a carta, e adeus, que me mudo.

Puxou Dom Quixote o livro de memórias e, apartando-se para um canto, começou sossegadamente a escrever a carta. Concluída esta, chamou Sancho e lhe perguntou se a não queria ler, para guardá-la de memória, caso a perdesse pelo caminho, já que tudo se podia temer da sua desdita. Ao que Sancho retrucou:

— Escreva-a vosmecê duas ou três vezes aí no livro, e dê-mo, que o levarei bem guardado, porque pensar que hei de guardá-la de memória é um disparate, visto que tenho esta tão má, que muitas vezes esqueço o meu próprio nome. Apesar de tudo, pode lê-la vosmecê, que muito folgarei de ouvi-la; creio que há de sair como deve.

— Escuta — respondeu Dom Quixote —; eis o que diz:

*Carta de Dom Quixote a Dulcineia del Toboso*

“Soberana e alta senhora:

O ferido do gume da ausência e o chagado nas teias do coração, dulcíssima Dulcineia del Toboso, te deseja a saúde que ele não tem. Se a tua formosura me despreza, se o teu valor não acode em meu auxílio, se os teus desdéns são a resposta à minha persistência, não obstante ser eu assaz resignado, mal poderei suster-me nesta aflição, que, além de ser forte, é por demais duradoura. O meu bom escudeiro Sancho te contará tudo, ó bela ingrata e amada inimiga minha! E te dirá o que tenho passado por tua causa. Se quiseres socorrer-me, sou teu; se não, faze o que melhor te apetecer, que eu, acabando com a minha vida, satisfarei à tua crueldade e ao meu desejo.

Teu, até à morte,

o Cavaleiro da Triste Figura.”

— Por vida de meu pai — disse Sancho, acabada a leitura da carta — que é a coisa de maior elevação que jamais ouvi. Aí diz vosmecê tudo o que quer; e como encaixa bem na assinatura o Cavaleiro da Triste Figura! Na verdade, parece que vosmecê é o diabo em pessoa, e não há nada que não saiba.

— Tudo é necessário — respondeu Dom Quixote — para a profissão que exerço.

— Ora, pois — disse Sancho —, ponha vosmecê nessa outra página a cédula dos três burrinhos e assine-a com muita clareza, para que reconheçam a sua assinatura, mal a vejam.

— Com todo prazer — replicou Dom Quixote.

E, tendo-a escrito, leu-a em voz alta. Rezava assim:

“Por esta minha primeira requisição de burrinhos, mandará vosmecê, senhora sobrinha, dar a Sancho Pança, meu escudeiro, três dos cinco que deixei em casa e que estão a cargo de vosmecê. Os quais três burrinhos os mando entregar e pagar por outros tantos aqui recebidos à vista, que, com esta e com sua declaração de pagamento, serão bem dados. Feita nas entranhas da Serra Morena, aos vinte e dois dias de agosto do presente ano.”

— Está boa — disse Sancho —; agora assine-a vosmecê.

— Não é preciso assiná-la — respondeu Dom Quixote —, mas apenas pôr-lhe a minha rubrica, que é o mesmo que assinatura; para três anos, e mesmo para trezentos, isto é o bastante.

— Confio em vosmecê — replicou Sancho. — Deixe-me ir selar o Rocinante e prepare-se vosmecê para deitar-me a sua bênção, que logo partirei, sem ver as loucuras que vosmecê há de fazer; mas direi que o vi fazer tantas, a mais não poder.

— Pelo menos quero, Sancho, porque assim é necessário, quero, digo eu, que me vejas nu em pelo, a fazer uma ou duas dúzias de loucuras; darei conta delas em menos de meia hora; e, tendo-as tu visto com os teus olhos, podes jurar ter presenciado as demais que queiras inventar.

Asseguro-te que, mesmo assim, não chegarás a contar todas as que pretendo fazer.

— Pelo amor de Deus, meu amo, não me deixe ver vosmecê nu em pelo, que me dará muita lástima e não poderei deixar de chorar. Dói-me tanto a cabeça, do pranto que à noite fiz pelo asno, que não estou para meter-me em novos choros. Se vosmecê quer que eu veja algumas loucuras, faça-as vestido e depressa, recorrendo às primeiras que lhe vierem à mente. Tanto mais que, para mim, nada disso era preciso: o que quero é abreviar o caminho da minha volta, quando hei de trazer as notícias que vosmecê deseja e merece. Senão, prepare-se a senhora Dulcineia, pois, se me não responde como é devido, juro solenemente que lhe dei de arrancar a boa resposta do estômago, a coices e a bofetões. Porque, como se há de tolerar que um cavaleiro andante, tão famoso como vosmecê, fique louco, sem quê nem mais, por causa de uma...? Não me obrigue a senhora a dizer o resto, porque, por Deus, eu perco as estribeiras e desato a fazer asneiras. Nestas coisas é que ninguém me leva a palma! Mal me conhece quem me provocar; aposto que, se me conhecesse, tal não faria.

— Quer-me parecer, Sancho — interrompeu Dom Quixote —, que não tens o juízo mais certo que o meu.

— Não estou tão doido assim — respondeu Sancho —; estou é com muita raiva. Mas, mudando de assunto, que há de comer vosmecê, enquanto não volto? Há de viver a assaltar pastores nas estradas, como Cardênio?

— Não te preocupes com isso — respondeu Dom Quixote —, pois, ainda que tivesse outras coisas, não comeria senão as ervas e os frutos que este prado e estas árvores me fornecem. Aí é que está a alma do meu negócio: não comer, e enfrentar rigores semelhantes. Adeus, portanto.

— Mas, sabe vosmecê o que receio? Que, na volta, não acerte com este lugar onde agora o deixo, tão oculto ele é.

— Marca bem os pontos de referência — disse Dom Quixote —, que eu procurarei não me afastar destes limites; terei também o cuidado de subir aos mais altos cumes, para ver se te descubro quando regresses. O mais acertado, porém, para que não te enganes, nem te percas, será que cortes algumas giestas, das muitas que por aqui há, e as vás jogando pelo caminho, de espaço a espaço, até saíres em campo raso; elas te servirão de marcas, para que me aches quando voltares, à imitação do fio do labirinto de Perseu.[19]

— Assim o farei — respondeu Sancho Pança.

E cortando algumas, pediu a bênção ao amo e dele se despediu, não sem muitas lágrimas de ambos. Montou no Rocinante, que Dom Quixote recomendou muito, dizendo que cuidasse dele como de sua própria pessoa, e se pôs a caminho da planície, espalhando, aqui e ali, os ramos da giesta, como lhe aconselhara o amo. Assim se foi, embora instasse ainda com ele Dom Quixote, para que assistisse ao menos a duas loucuras suas.

Ainda não tinha andado cem passos, quando se voltou, e disse:

— Razão tinha vosmecê em dizer que, para eu poder jurar, sem peso na consciência, que o vi cometer loucuras, será melhor que veja ao menos uma, muito embora já se me afigure ser bem grande a de querer ficar vosmecê por aí.

— Eu não te dizia? — retrucou Dom Quixote. — Espera, Sancho, que, num abrir e fechar de olhos, já terás o que ver.

E, despindo as calças a toda pressa, ficou em carnes e em fraldas de camisa; logo, sem que nem mais, deu duas cambalhotas no ar e, de cabeça para baixo e pés para o alto, fez duas cabriolas, descobrindo coisas que, para não vê-las outra vez, voltou Sancho a rédea ao Rocinante e se deu por contente e satisfeito: pois já agora podia jurar que seu amo ensandecera.

Deixemo-lo seguir assim o seu caminho, até à volta, que foi breve.

# CAPÍTULO XXVI

## *Onde se prosseguem as sutilezas que, de enamorado, fez Dom Quixote em Serra Morena*

Volvendo a contar o que fez o da Triste Figura, depois que se viu sozinho, diz a história que, logo que acabou Dom Quixote de dar as cambalhotas, nu da cintura para baixo, e da cintura para cima vestido, notou que Sancho partira, sem querer esperar por mais sandices; trepou então na ponta de um alto penhasco e, ali, tornou pensar o que outras muitas vezes havia pensado, sem se ter jamais decidido a isso, e era saber o que seria melhor e o que lhe viria mais a calhar: imitar a Roldão, nas loucuras desaforadas que fez, ou a Amadis, nas melancólicas. Falando de si para si, dizia: "Se foi Roldão tão bom cavaleiro e tão valente como todos dizem, que admira se, no fim de contas, era encantado e ninguém o podia matar, a não ser metendo-lhe um alfinete grosso pela planta do pé, para evitar o que trazia ele sempre os sapatos com sete solas de ferro?[1] A despeito de tudo, não lhe valeram tais artimanhas contra Bernardo del Carpio, que lhas entendeu e o afogou entre os braços, em Roncesvalles. Mas, deixando nele de lado o que diz respeito à valentia, vejamos o que concerne à perda do juízo, pois é certo que o perdeu, pelos sinais que achou na fonte e pelas novas que lhe deu o pastor de que havia Angélica dormido mais de duas sestas com Medoro, um mourinho de cabelos encarapinhados e pajem de Agramante.[2] Se achou que isto era verdade e que sua dama o havia traído, não foi muito que enlouquecesse. Como posso eu, porém, imitá-lo nas loucuras, se não o imito na ocasião delas? Porque a minha Dulcineia del Toboso, ousarei jurar, jamais viu, em todos os dias de sua vida, mouro algum, tal como é, em seu trajo nativo; também juro que ela se conserva até hoje tão pura como a mãe que a pariu.[3] Manifesto agravo lhe faria, se imaginasse dela outra coisa e enlouquecesse, daquele gênero de loucura de Roldão, o furioso. Por outro lado, vejo que Amadis de Gaula, sem perder o juízo e sem fazer loucuras, alcançou tanta fama de namorado como o que mais a teve: pois, segundo a sua história, vendo-se ele desdenhado da sua senhora Oriana, que lhe havia ordenado não aparecesse mais ante a sua presença até que ela resolvesse o contrário, não fez mais do que retirar-se para a Penha Pobre, na companhia de um ermitão, e ali fartar-se de chorar e de se encomendar a Deus, até que lhe acudiu o céu, em meio à sua maior aflição e necessidade. E se isto é verdade, como acredito, para que hei de me dar agora ao trabalho de me despir inteiramente e ofender estas árvores, que não me fizeram mal algum? E que motivos tenho para turvar a água cristalina destes arroios, que me hão de dar de beber quando tiver sede? Viva a memória de Amadis, e imite-o Dom Quixote de Ia Mancha em tudo o que puder. Deste se dirá o que do outro se disse: que, se não acabou grandes coisas, morreu por empreendê-las. E se não sou abandonado, nem desprezado de Dulcineia del Toboso, basta-me, como já disse, estar ausente dela. Mãos à obra, portanto! Acudi-me à lembrança, coisas de Amadis, e ensinai-me por onde tenho que principiar a imitar-vos. Já sei, porém, que o que ele mais fez foi rezar e encomendar-se a Deus; mas, que usarei como rosário, se não o tenho?”

Nisto lhe veio ao pensamento como o faria, e, rasgando uma grande tira das fraldas da camisa, que andavam penduradas, deu-lhe 11 nós, sendo um mais gordo que os demais; e isto lhe serviu de rosário, todo o tempo que ali esteve e em que rezou um milhão de ave-marias.[4] O que muito o fatigava era não achar pelas redondezas outro ermitão, com quem se confessasse e consolasse; assim, entretinha-se passeando pelo prado, escrevendo e gravando, nos troncos das árvores e na areia miúda, muitos versos, todos adequados à sua tristeza, e alguns em louvor de Dulcineia. Mas os que se puderam achar inteiros e que podiam ser lidos depois que o encontraram ali, não foram senão estes, que se seguem:

*Árvores, ervas e plantas*
*que neste ermo sítio estais,*
*tão altas, verdes e tantas,*
*se de meu mal não zombais*
*escutai-me as queixas santas.*
*A dor não vos alvorote*
*que em meu peito fogo ateia,*
*pois por pagar-vos o escote,*
*aqui sofreu Dom Quixote*
*a ausência de Dulcineia del Toboso.*
*É este o refúgio onde*
*o amoroso mais leal*
*de sua dama se esconde,*
*pois lhe veio imenso mal*
*sem saber como nem donde.*
*Porque a feri-lo se vote*
*Amor, que é de laia feia,*

*assim, de encher um pipote,*
*aqui chorou Dom Quixote*
*a ausência de Dulcineia del Toboso.*
*Procurando as aventuras*
*por entre ríspidas penhas,*
*maldizendo entranhas duras,*
*entre penedos e brenhas*
*acha o triste desventuras.*
*Tratou-o Amor a chicote,*
*jamais com branda correia,*
*e, ao fustigar-lhe o cogote,*
*aqui chorou Dom Quixote*
*a ausência de Dulcineia del Toboso.*[5]

Não pouco riso causou aos que acharam os referidos versos o acréscimo *Del Toboso* ao nome de Dulcineia, porque imaginaram o que também deve ter imaginado Dom Quixote: que, se não ajuntasse *Del Toboso* ao apelativo de Dulcineia, não se poderia entender a copla; e assim foi na verdade, como ele depois confessou. Escreveu muitos outros versos, mas, como já foi dito, não se puderam tirar a limpo, nem inteiros, senão os destas três coplas. Entretinha-se nisto e em suspirar, chamar os faunos e silvanos[6] daqueles bosques, as ninfas dos rios, a dolorosa e úmida Eco,[7] suplicando que lhe respondessem, consolassem e escutassem; e também em buscar algumas ervas, com que sustentar-se, enquanto Sancho não voltava. E se este, em vez de três dias, tardasse três semanas, o Cavaleiro da Triste Figura ficaria tão desfigurado, que nem mais o reconheceria a mãe que o pariu.

Deixemo-lo, porém, envolto entre suspiros e versos, e vejamos o que sucedeu a Sancho Pança, na sua embaixada. Tomando a estrada real, pôs-se ele a caminho de Toboso. No dia seguinte, chegou à venda, onde lhe havia sucedido a desgraça da manta; mal a viu, pareceu-lhe de novo que voava pelos ares e não quis penetrar nela, embora chegasse numa hora em que podia e devia fazê-lo, por ser a de comer e por trazer ele o desejo de provar alguma coisa quente, já que, havia muitos dias, só comia frios.

Forçou-o esta necessidade a que chegasse junto à venda, mas na dúvida, se entraria ou não. Estando nisto, saíram dali duas pessoas, que logo o reconheceram. E disse uma à outra:

— Senhor licenciado, aquele homem a cavalo não é Sancho Pança, que, segundo informou a ama do nosso aventureiro, se empregou de escudeiro junto ao seu senhor?

— É ele mesmo — disse o licenciado —, e aquele é o cavalo do nosso Dom Quixote.

E pudera não os reconhecerem! Pois se aqueles dois eram o cura e o barbeiro da sua própria aldeia, os que fizeram a seleção e o auto de fé dos livros! Mal acabaram de reconhecer Sancho Pança e o Rocinante, correram-lhe ao encontro, desejosos de saber notícias de Dom Quixote. Chamou-o o cura pelo nome, dizendo-lhe:

— Amigo Sancho Pança, por onde anda o vosso amo?

Conheceu-os logo Sancho Pança e resolveu ocultar-lhes o lugar e o estado em que seu amo se encontrava. Respondeu-lhes que andava este ocupado em certa parte e em certa coisa, que em muito importante e que ele não podia descobrir, nem pelos olhos que trazia na cara.

— Não, não — disse o barbeiro —, se não nos dizeis onde ele está, pensaremos, como já pensamos, que vós, Sancho Pança, o matastes e roubastes, já que vindes montado no seu cavalo. Na verdade, tereis que nos levar ao dono do rocim, senão vereis!

— Comigo não adiantam ameaças, pois não sou homem de roubar, nem de matar ninguém; a cada um que o mate a sorte, ou Deus, que o fez. Meu amo está fazendo penitência no meio destas montanhas, por sua livre e espontânea vontade.

E às carreiras, sem se interromper, lhes contou como o deixara, as aventuras que lhe haviam sucedido e a missão, que trazia, de levar uma carta à senhora Dulcineia del Toboso, que não era senão a filha de Lourenço Corchuelo, de quem estava ele enamorado até aos fígados. Ambos ficaram admirados do que lhes contava Sancho Pança; e embora já soubessem da loucura de Dom Quixote e do gênero dela, sempre que ouviam citá-la se admiravam de novo. Pediram a Sancho que lhes dissesse o conteúdo da carta que levava à senhora Dulcineia del Toboso. Ele explicou-lhes que a mesma ia escrita num livro de memórias e que o seu amo lhe recomendara que a fizesse copiar em papel, no primeiro lugar a que chegasse. Pediu então o cura que lha mostrasse, que ele a copiaria com muito boa letra. Meteu Sancho Pança a mão no bolso, buscando o livrinho, mas não o achou, nem o podia achar se o buscasse até agora, porque havia ficado com ele Dom Quixote, e não lho havia dado, nem se lembrara ele de o pedir ao amo.

Vendo Sancho que não achava o livro, subiu-lhe ao rosto palidez mortal. Tornou a apalpar o corpo todo, às pressas, e mais uma vez verificou que não o encontrava. Então, sem quê nem mais, se foi às barbas com ambas as mãos e arrancou metade delas; depois, com a mesma rapidez e sem cessar, se deu meia dúzia de murros no rosto e no nariz, banhando-se todo em sangue. Vendo isso, o cura e o barbeiro lhe perguntaram que lhe havia sucedido, que tanta aflição lhe causava.

— Que me podia ter sucedido — respondeu Sancho — senão perder num instante, do pé para a mão, três burricos, que cada um era como um castelo?

— Como assim? — inquiriu o barbeiro.

— Perdi o livro de memórias — replicou Sancho — onde vinha a carta para Dulcineia e uma cédula, assinada pelo meu amo, em que este mandava à sobrinha que me desse três burricos, dos quatro ou cinco que tinha em casa.

E, com isto, lhes contou a perda do ruço.

Consolou-o o cura, dizendo-lhe que, se encontrasse o seu senhor, este haveria de revalidar a ordem de entrega, e que, se tornasse a fazer esta última, a fizesse em papel, como era uso e costume, porque as que se faziam em livros de memórias jamais se aceitavam, nem se cumpriam. Com isto se sentiu Sancho mais confortado, e disse que, se era assim, não tinha mais pena nem de haver perdido a carta de Dulcineia, porque a sabia quase de cor e poderia ditá-la quando e onde quisessem.

— Dizei-a, pois, Sancho — interveio o barbeiro —; depois a copiaremos.

Principiou Sancho Pança a coçar a cabeça, a fim de trazer à lembrança a carta, e ora se punha num pé, ora noutro; às vezes mirava o chão, outras o céu, e, depois de ter roído metade da unha de um dedo, estando suspensos os que esperavam pelo que ia dizer, falou, após grandíssima demora:

— Por Deus, senhor licenciado, que leve o diabo as partes que da carta me recordo. Sei que principiava assim: “Alta e soterrânia senhora”.

— Não diria *soterrânia* — observou o barbeiro —, mas *sobre-humana,* ou *soberana* senhora.

— É isso mesmo — corrigiu Sancho. — Depois, se bem me lembro, continuava, se mal não me recordo: “O *chegado*[8] e falto de sono, e o ferido beijam as mãos de vosmecê, ingrata e mui ignorada formosura”. Dizia mais não sei o que de saúde e de doença, e ia por aí discorrendo, até que assim terminava: “Vosso até à morte, o Cavaleiro da Triste Figura”.

Gostaram bastante os dois da boa memória de Sancho Pança, e muito lha louvaram, pedindo-lhe que repetisse a carta mais duas vezes, para que também eles a guardassem de memória, para copiá-la a seu tempo. Repetiu-a Sancho umas três vezes, e outras tantas voltou a dizer três mil disparates. Depois, referiu mais coisas do amo; mas não disse palavra da brincadeira da manta, que com ele haviam feito na venda, onde agora se recusava a entrar. Também afirmou que, se trouxesse boa resposta da senhora Dulcineia del Toboso, o amo prosseguiria viagem, com a intenção de se tornar imperador, ou, pelo menos, monarca; que isso ficara combinado entre os dois e era coisa muito fácil de acontecer, tal o valor de Dom Quixote e a força do seu braço; que, quando acontecesse, ele, escudeiro, haveria de se casar, pois então já não poderia deixar de ser viúvo, e o amo lhe daria por mulher uma donzela da imperatriz, herdeira de rico e grande Estado em terra firme, sem ilhas nem ilhos, que já não as queria. Ia dizendo Sancho tudo isso tão repousadamente, limpando as narinas de quando em quando, e com tão pouco senso, que os dois se admiraram de novo, avaliando como se tornara veemente a loucura de Dom Quixote, a ponto de arrastar consigo o juízo daquele pobre homem. Não se quiseram dar ao trabalho de o tirar do erro em que estava, parecendo-lhes que, se de nada o acusava a consciência, melhor seria deixá-lo naquele e se divertirem eles com lhe ouvir as tolices. Disseram-lhe, pois, que rogasse a Deus pela saúde do seu amo; que era coisa contingente e muito viável tornar-se imperador, no decurso do tempo, como ele dizia, ou, pelo menos, arcebispo, ou dignidade equivalente.

Ao que Sancho respondeu:

— Senhores, se a sorte preparasse as coisas de tal maneira, que a meu amo lhe viesse a vontade de não mais ser imperador, mas arcebispo, queria que me dissessem desde já: que soem dar os arcebispos andantes aos seus escudeiros?

— Soem dar-lhes — replicou o padre — algum simples benefício, ou de cura de almas, ou alguma sacristia de muito boa renda, afora o pé de altar, que se costuma avaliar noutro tanto.

— Para isso será preciso — observou Sancho — que o escudeiro não seja casado e que saiba ao menos ajudar a missa; e se é assim, pobre de mim, que sou casado e não sei nem a primeira letra do ABC! Que será de mim, se ao meu amo lhe der na telha de ser arcebispo e não imperador, como é uso e costume dos cavaleiros andantes?

— Não vos molesteis, amigo Sancho — disse o barbeiro —, que nós cá rogaremos ao vosso amo e o aconselharemos, ainda que ele veja nisso um caso de consciência, a que seja imperador, e não arcebispo, porque lhe será mais fácil, sendo mais valente que estudioso.

— Sou da mesma opinião — retrucou Sancho —, embora deva dizer que para tudo tem o meu amo habilidade; o que penso fazer da minha parte é rogar a Nosso Senhor que o leve a lugares onde ele melhor se sirva e a mim me faça mais mercês.

— Falais como discreto — disse o cura — e o fareis como bom cristão. Mas o que agora se faz mister é dar providências para tirar o vosso amo daquela inútil penitência que, segundo dizeis, anda ele fazendo. Todavia, para combinar o modo de se conseguir isso, e também para comer, que já é hora, será bom que entremos nesta venda.

Respondeu-lhes Sancho que entrassem, que ele esperaria ali fora e depois lhes diria por que motivo não entrava, nem lhe convinha entrar; pedia-lhes, entretanto, que lhe trouxessem algo de comer, que fosse coisa quente, e também cevada para o Rocinante. Entraram e o deixaram de fora. Dali a pouco, o barbeiro lhe trouxe comida. Depois, tendo os dois ajustado bem o modo como haveriam de conseguir o que desejavam, veio ao cura um pensamento, muito adequado ao gosto de Dom Quixote e ao que queriam; pondo-o em execução, disse ao barbeiro que pensara em se vestir com roupa de donzela andante, enquanto ele, barbeiro, se vestiria, o melhor que pudesse, em hábito de escudeiro; e que, assim, iriam aonde estava Dom Quixote, fingindo ser ela uma donzela aflita e necessitada, a qual lhe pediria um dom, que ele não poderia deixar de lhe outorgar, como valoroso cavaleiro andante que era. O dom que tencionava pedir-lhe era que viesse com ela onde o levasse, a fim de lhe reparar certo agravo, que um mau cavaleiro lhe tinha feito; e lhe suplicaria, ao mesmo tempo, que a não mandasse tirar a máscara, nem lhe perguntasse acerca de sua vida, até que a tivesse vingado do mau cavaleiro. Estava certo de que Dom Quixote atenderia a todas estas súplicas; assim o tirariam dali e o levariam à sua terra, onde procurariam ver se havia algum remédio para tão estranha loucura.

# CAPÍTULO XXVII

## *De como levaram a cabo seus intentos o cura e o barbeiro, com outras coisas dignas de serem contadas nesta grande história*

Não lhe pareceu mal ao barbeiro a invenção do cura; tanto que logo a puseram em prática. Pediram à vendeira uma saia e umas toucas, deixando-lhe em penhor uma sotaina nova do cura. O barbeiro improvisou umas grandes barbas com um rabo de boi ruivo, onde o vendeiro costumava pendurar o pente.[1]

Perguntando-lhes a vendeira para que lhe pediam tais coisas, contou-lhe o cura, em breves palavras, a loucura de Dom Quixote e como era conveniente aquele disfarce, para o tirar da montanha onde se metera. Perceberam logo o vendeiro e a vendeira que o doido era aquele seu hóspede do bálsamo e o amo do escudeiro manteado; contaram ao cura tudo o que ali se passara, sem omitir o que, com tanto empenho, omitira Sancho. Em suma, a vendeira vestiu o cura de aprimorada maneira: pôs-lhe uma saia de pano, cheia de faixas de veludo negro de um palmo de largura, todas esfaqueadas, e uma blusa de veludo verde, guarnecida com debruns de cetim branco — blusa e saia que deviam remontar ao tempo do rei Wamba.[2] Não consentiu o cura que lhe pusessem touca, mas colocou à cabeça um barretinho de linho estofado, que trazia para dormir de noite, e apertou-o na testa com uma fita de tafetá negro; com outra fita fez a máscara, com a qual encobriu muito bem as barbas e o rosto. Encasquetou o chapéu, que, de tão grande que era, lhe podia servir de guarda-sol; e, pondo aos ombros o seu ferragoulo, subiu na mula à moda das mulheres. Também o barbeiro montou na sua, ostentando uma barba que lhe chegava até a cintura, entre ruiva e branca, como aquela que, segundo já se disse, era feita de um rabo de boi barroso. Despediram-se de todos e da boa Maritornes, que prometeu rezar um rosário, embora pecadora, a fim de que lhes desse Deus bom sucesso em tão árdua e cristianíssima empresa, como a em que se metiam.

Apenas saíram da venda, acudiu ao cura uma ideia: fizera mal em adotar aquele disfarce, por ser coisa indecente num sacerdote tal trajo, embora muito apropriado à ocasião; dizendo isso ao barbeiro, pediu-lhe que trocassem de roupa, pois era mais justo que este fosse a donzela necessitada e ele o escudeiro. Assim se profanaria menos a sua dignidade. Se o outro não quisesse fazer a troca, não seguiria adiante, ainda que a Dom Quixote o levasse o diabo. Nisto chegou Sancho, que não pôde conter o riso ao ver os dois naqueles trajos. O barbeiro concordou com tudo o que o cura quis, e, trocando de roupa, foi-lhe este informando como se haveria de portar e as palavras que devia dizer a Dom Quixote, para o incitar e obrigá-lo a vir com ele, deixando o apego ao local que havia escolhido para a vã penitência. Respondeu o barbeiro que, sem receber lições, desempenharia bem o seu papel. Não quis vestir-se, todavia, enquanto não chegassem perto do lugar onde estava Dom Quixote; assim, dobrou os vestidos, o cura acomodou a barba, e prosseguiram viagem, guiados por Sancho Pança. Este lhes foi contando o que se passara com o louco que haviam encontrado na serra, ocultando, porém, o achado da maleta e do que nesta se continha. Pois, apesar de tonto, não deixava o mancebo de ser cobiçoso.

No dia imediato, chegaram ao sítio onde espalhara Sancho os ramos de giestas, para acertar com o ponto em que deixara o amo. Reconhecendo-o, disse aos companheiros que era aquela a entrada e já se podiam vestir, se aquilo vinha ao caso para a libertação do seu senhor: pois já lhe tinham dito antes que ir daquele modo e vestir-se daquela forma eram coisas da máxima importância para tirar o amo da má vida que escolhera, sendo-lhe também recomendado que não dissesse a este quem eram eles, nem que os conhecia; e que, se lhe perguntasse o fidalgo, como certamente perguntaria, se entregara a carta a Dulcineia, replicasse que sim e que, por não saber ler, lhe havia a mesma respondido verbalmente, pedindo que fosse o cavaleiro ter com ela, sob pena de sua desgraça, logo que pudesse — o que lhe era muito importante. Com isto, e com o mais que pensavam dizer-lhe, tinham a certeza de reconduzi-lo a melhor vida e de fazer que ele se pusesse desde logo a caminho de ser imperador ou monarca; pois, quanto a ser arcebispo, não havia o que temer.

Sancho ouviu tudo e o guardou muito bem na memória. Agradeceu-lhes a intenção que tinham de aconselhar a seu amo que fosse imperador, e não arcebispo, porque julgava, de si para si, que, para conceder favores a escudeiros, mais podiam os imperadores que os arcebispos andantes. Também lhes disse que seria bom fosse ele na frente a procurá-lo e a dar-lhe a resposta da sua senhora, o que já seria bastante para o tirar daquele lugar, sem terem eles mais trabalho com isso. Pareceu-lhes de bom alvitre o que Sancho Pança propunha, e, assim, resolveram aguardá-lo, até que voltasse com a notícia de ter achado o amo.

Embrenhou-se o escudeiro nas quebradas da serra, deixando os dois companheiros na proximidade de um pequeno e manso arroio, onde havia fresca e aprazível sombra de outras penhas e de algumas árvores, que por ali se viam. Estavam num dos mais cálidos dias do mês de agosto, que, por aquelas partes, costumam ser abrasadores; eram três horas da tarde — o que tudo tornava o sítio mais agradável, convidando-os a que esperassem a volta de Sancho, como de fato o fizeram. Estando, pois, ali, os dois, sossegados e na sombra, ouviram uma voz, que, sem se fazer acompanhar de qualquer outro instrumento, soava doce e deleitosamente. Não foi pequena a sua admiração, por lhes parecer que aquilo não era lugar onde pudesse haver quem cantasse tão bem. Embora seja costume dizer que, pelas selvas e campos, se acham pastores de vozes excelentes, isto é mais exagero de poetas que realidade. Maior foi o seu espanto, ainda, quando perceberam que o canto era todo em versos, não de rústicos pastores, mas de cortesãos discretos. E mais se lhes confirmou a veracidade da observação, quando escutaram estas estrofes:

*Quem menoscaba meus bens?*
*Desdéns.*
*Quem aumenta meus queixumes?*
*Ciúmes.*
*Quem me prova a paciência?*
*Ausência.*
*Assim, na dor sem clemência*
*nenhum remédio se alcança,*
*pois me matam a esperança*
*desdéns, ciúmes e ausência.*
*Quem me causa tanta dor?*
*Amor.*
*Quem manda os tormentos meus?*
*Os céus.*
*Quem, desta glória, o assassino?*
*Destino.*
*Assim, receio e imagino,*
*que esse estranho mal me mate,*
*pois me dão feroz combate*
*o amor, os céus e o destino.*
*Quem mudará minha sorte?*
*A morte.*
*O bem do amor, quem o alcança?*
*Mudança*
*E seus males, quem os cura?*
*Loucura.*
*Assim, não será cordura*

*querer curar a paixão*
*quando os seus remédios são*
*morte, mudança e loucura.*[3]

A hora, o tempo, a solidão, a voz e a perícia do cantor despertaram a admiração e o contentamento dos ouvintes, que ficaram imóveis, à espera de ouvir alguma coisa mais; vendo, porém, que se prolongava agora o silêncio, resolveram sair em busca do músico, que com voz tão boa cantava. Já se punham em movimento, quando a mesma voz os deteve, chegando-lhes agora aos ouvidos com este soneto:

*Santa amizade, aqui deixaste apenas*
*mero reflexo teu, ao ascenderes,*
*do céu, alígera, às regiões serenas,*
*por entre coros de benditos seres.*
*De lá, às vezes, por pena de nós teres,*
*com veladas visões de paz acenas.*
*Mas o engano, de cá, muda prazeres*
*em mágoas, bens em mal, gozos em*
*penas.*
*Deixa o céu, amizade, ou não permitas*
*que a mentira copie o teu semblante*
*para semear rancores e desditas,*
*pois, se teu rosto não lhe arrancas,*
*fundo*
*ódio em tudo há-de uivar, e em breve*
*instante*
*ao primitivo caos retorna o mundo.*[4]

Acabou-se o canto com um profundo suspiro, quedando-se os dois atentos, à espera de mais; vendo, porém, que se desfazia a música em soluços e em ais lastimosos, quiseram saber de quem era a triste e estremecida voz, que soltava tão dolorosos gemidos. Não haviam andado muito, quando, ao contornarem uma ponta da penha, viram um homem do mesmo talhe e figura do que lhes havia descrito Sancho Pança, quando lhes contou a história de Cardênio. Ao lhes notar a presença, o homem não se assustou: quedou-se pensativo, com a cabeça inclinada sobre o peito, sem alçar os olhos para mirá-los, a não ser da primeira vez, quando chegaram de improviso. O cura, que era muito falante (e que já tinha notícia da sua desgraça, visto que o reconhecera pelos traços), chegou-se a ele e, com breves e mui discretas razões, lhe rogou e persuadiu a deixar aquela vida miserável, para que a não perdesse ali, já que tal desdita seria maior que as outras.

Estava Cardênio então em seu perfeito juízo, livre daquele furioso acesso, que tão amiúde o deixava fora de si. Vendo os dois homens em trajo tão desusado dos que andavam por aqueles ermos, admirou-se algum tanto, e mais ainda quando os ouviu falar no seu caso, como se fora coisa sabida (porque as palavras que lhe disse o cura o deram a entender isso). E respondeu-lhes desta maneira:

— Bem vejo, senhores, quem quer que sejais, que o céu, que tem o cuidado de socorrer, os bons e, muitas vezes, até os maus, sem que eu o mereça me envia a estes sítios remotos e apartados do trato comum da gente algumas pessoas, que, pondo-me diante dos olhos, com vivas e várias razões, a evidência de quanto é irracional a vida que levo, procuram tirar-me desta para melhor parte; mas, como não sabem que sei quão maior dano me há de acontecer quando sair deste, talvez me tomem por homem de fracos discursos e, o que é pior, por homem sem juízo. Não me admiraria que assim fosse, porque a mim se me afigura que a força da imaginação das minhas desgraças é tão imensa e tanto pode em minha perdição, que, sem eu poder estorvá-la, acabo ficando como pedra, carecendo de qualquer bom sentido e conhecimento; e me dou conta desta verdade quando alguns me dizem e mostram sinais de coisas que tenho feito durante os meus terríveis acessos. Nada mais sei fazer, então, senão arrepender-me em vão e maldizer sem proveito a minha sorte, dando por desculpa das minhas loucuras a explicação da sua causa a quantos me querem escutar. Os homens cordatos, conhecendo essa causa, não se admirarão dos efeitos e, se não me derem remédio, ao menos não me darão culpa, convertendo-se-lhes o repúdio à minha desenvoltura em lástima das minhas desgraças. E se vós, senhores, vindes com a mesma intenção com que outros vieram, antes que prossigais nas vossas discretas persuasões eu vos rogo que escuteis o infindável relato das minhas desventuras, porque, talvez, depois de ouvir-me, vos poupareis ao trabalho de consolar um mal inacessível a qualquer consolação.

Os dois, que outra coisa não queriam senão saber a causa dos padecimentos daquele homem de sua própria boca, lhe pediram que a contasse, prometendo-lhe não fazer senão o que ele quisesse como remédio ou consolo. E o triste cavaleiro começou a desfiar sua lastimável história, quase pelas mesmas palavras e passos por que a tinha contado a Dom Quixote e ao cabreiro, poucos dias atrás, quando, por causa do mestre Elisabad e da severidade de Dom Quixote em guardar o decoro da cavalaria, ficou o conto incompleto, como já foi dito antes. Desta vez, quis a boa sorte que não se repetisse o acesso de loucura e lhe deu oportunidade de narrá-la até o fim. Assim, chegando à passagem do bilhete que havia achado Dom Fernando entre as folhas do livro de *Amadis de Gaula*, disse Cardênio que o tinha bem na memória e que estava redigido deste modo:

Lucinda a Cardênio

“Valores, cada dia, em vós descubro, que me obrigam e forçam a estimar-vos mais; assim, se me quiserdes tirar desta dívida sem me executardes na honra, podereis fazê-lo muito bem. Tenho um pai que vos conhece e que me quer bem, o qual, sem me forçar a vontade, cumprirá a que será justo que tenhais, se é que me tendes estima, como o dizeis e como o creio.”

— Por este bilhete — prosseguiu Cardênio — me determinei a pedir Lucinda em casamento, como já vos contei; foi também por ele que Lucinda ficou tida, na opinião de Dom Fernando, por uma das mais discretas e ajuizadas mulheres do seu tempo, despertando no mesmo o desejo de me destruir, antes que se efetuasse o meu. Fiz ver a Dom Fernando a exigência do pai de Lucinda, que era a de que meu pai a pedisse; não ousava eu, porém, solicitar isso de meu pai, temeroso de que este não concordasse, não porque desconhecesse os dotes de bondade, virtude e beleza de Lucinda, nem porque não soubesse ter ela bastantes méritos para enobrecer qualquer outra linhagem de Espanha, mas apenas porque me parecia não desejar ele ver-me casado tão cedo, até que o duque Ricardo decidisse o que fazer de mim. Em suma, confessei ao meu amigo que não me aventurava a contar o caso a meu pai, tanto por aquele inconveniente como por muitos outros que me acovardavam, sem saber quais eram, parecendo-me a mim que jamais se realizaria o que eu desejasse. Ao que tudo me respondeu Dom Fernando, dizendo-me que se encarregaria ele próprio de falar a meu pai e obter deste que falasse a Lucinda. Ó ambicioso Mário! Ó Catilina cruel! Ó facinoroso Sila! Ó Galalão embusteiro! Ó Belido traidor! Ó Julião vingativo! Ó Judas cobiçoso! Traidor, cruel, vingativo e embusteiro, que mal te havia feito este triste, que com tanta franqueza te descobriu os segredos e alegrias do seu coração? Que ofensa te fiz? Que palavras te disse ou que conselhos te dei, que não fossem todos encaminhados a aumentar-te a honra e o proveito? Mas de que me queixo, desventurado de mim! Se é coisa certa que, quando nos são os infortúnios mandados pelas estrelas e caem do alto, despenhando-se com furor e violência, não há força na terra que os detenha, nem engenho humano que os possa evitar? Quem poderia imaginar que a Dom Fernando, cavaleiro ilustre, discreto, a quem tantos serviços prestei, poderoso bastante para conseguir o que lhe pedisse o amoroso desejo, onde quer que fosse, haveria de lhe dar na telha, como se costuma dizer, o me arrebatar a mim uma só ovelha, que nem sequer ainda era minha?[5] Mas deixemos de lado essas considerações, como inúteis e sem proveito e retomemos o fio roto da minha desventurada história. Digo, pois, que, julgando inconveniente Dom Fernando a minha presença para pôr em execução o seu maldoso e falso pensamento, resolveu enviar-me a seu irmão primogênito, sob o pretexto de lhe pedir dinheiro para pagar seis cavalos, que de indústria, e só para o fim de me ver ausente e melhor realizar seu mísero intento, comprou no mesmo dia em que se ofereceu para falar a meu pai e quis que eu fosse buscar o dinheiro. Poderia eu prever a traição? Poderia sequer imaginá-la? Não, por certo; antes, com muito gosto me ofereci para partir imediatamente, contente com a boa compra feita. Aquela noite falei a

Lucinda e lhe disse o que havia combinado com Dom Fernando, pedindo-lhe que tivesse firme esperança de que em breve se realizariam os nossos bons e justos desejos. Disse-me ela tão descuidada como eu da traição de Dom Fernando, que procurasse voltar depressa, porque acreditava que, tão logo falasse o meu pai ao dela, não tardariam mais a concluir-se as nossas vontades. Não sei por que, mal acabou de me dizer isto, encheram-se-lhe os olhos de lágrimas e lhe deu um nó na garganta, que não lhe deixava dizer palavra das muitas outras que a mim me pareceu que procurava dizer-me. Fiquei admirado deste novo acidente, que nunca até então lhe vira, porque sempre nos falávamos com todo o regozijo e contentamento, às vezes que a boa sorte e a minha diligência o conseguiam, sem mesclar em nossas palestras lágrimas, suspiros, ciúmes, suspeitas ou temores. Vivia eu engrandecendo a minha ventura, por ma ter dado o céu por senhora: exagerava-lhe a beleza, admirava-me do seu valor e inteligência. Ela me retribuía, louvando em mim o que, como enamorada, lhe parecia digno de ser louvado. Com isto nos contávamos cem mil ninharias e acontecimentos dos nossos vizinhos e conhecidos, e a minha desenvoltura não ia além de tomar, quase à força, uma das suas belas e brancas mãos e chegá-la à minha boca, conforme o permitia a estreiteza de uma grande baixa que nos separava. Mas, a noite que precedeu o triste dia da minha partida, ela chorou, gemeu, suspirou e fugiu, deixando-me cheio de confusão e sobressalto, espantado de ter visto tão novas e tão tristes demonstrações de dor e sentimento em Lucinda; contudo, para não destruir as minhas esperanças, atribuí tais atitudes à força do amor que ela me tinha e à dor que costuma causar a ausência entre os que se querem bem. Por fim, parti triste e pensativo, com a alma cheia de fantasias e suspeitas, sem saber o que suspeitava, nem o que fantasiava: claros indícios do triste sucesso e desventura que me estava reservado. Cheguei ao lugar onde fora enviado; dei a carta ao irmão de Dom Fernando; fui bem recebido, porém não bem despachado, porque me mandou esperar, com grande desgosto meu, oito dias, e num lugar onde o duque, seu pai, não me visse, porque o irmão lhe escrevera reclamando certa quantia que o pai não devia saber. Fora tudo invenção do falso Dom Fernando, pois não faltavam ao irmão recursos para despachar-me logo. Ordem e mandado foram estes que me puseram em situação de lhe não obedecer, por me parecer impossível aguentar a vida tantos dias longe de Lucinda, tanto mais que a deixara com a tristeza que vos descrevi; obedeci, não obstante, como bom criado que era, embora visse que o fazia à custa da minha saúde. Havia quatro dias que ali estava, quando chegou um homem à minha procura, trazendo uma carta, que me foi entregue e que, pelo sobrescrito, conheci ser de Lucinda, visto que a letra era dela. Abri-a, sobressaltado e temeroso, julgando que só coisa muito importante a moveria a escrever-me, estando eu ausente, posto que, quando presente, poucas vezes o fazia. Perguntei ao homem, antes de abri-la, quem lha havia dado e quanto tempo demorara na viagem. Disse-me que, passando casualmente por uma rua da cidade, por volta do meio-dia, de um balcão chamou-o formosíssima senhora, que, às pressas e com os olhos rasos de água, lhe dissera: “Irmão, se sois cristão, como pareceis, rogo-vos, por amor de Deus, que encaminheis logo esta carta ao lugar e à pessoa mencionados no sobrescrito, e com isto prestareis grande serviço a Nosso Senhor; e, para que não vos faltem recursos para o executar, tomai o que vai neste lenço.” “E dizendo isso”, continuou o homem, “atirou-me pela janela um lenço, onde vinham atados cem reais e este anel de ouro, juntamente com a carta que vos entreguei. Em seguida, sem esperar pela minha resposta, saiu da janela, não sem se ter certificado de que eu apanhara a carta e o lenço e lhe prometera, por sinais, que executaria o que me pedia. Assim, vendo-me tão bem pago do trabalho que podia ter na viagem e conhecendo, pelo sobrescrito, que se tratava de vós, senhor, a quem conheço muito bem; movido, de outro lado, pelas lágrimas daquela formosa dama, resolvi não confiar em ninguém, mas vir pessoalmente fazer-vos a entrega da mensagem. Faz 16 horas que isto se passou e, durante elas, caminhei, como sabeis, 18 léguas." Enquanto o novo e agradecido correio me dizia isto, ficara-lhe eu preso às palavras, tremiam-me as pernas e mal me podia suster em pé. Abri a carta, e li o seguinte:

> "A palavra que Dom Fernando vos deu de falar a vosso pai, para que este falasse ao meu, cumpriu-a ele mais em favor próprio do que vosso. Sabei, senhor, que ele me pediu por esposa, e meu pai, crente ser ele melhor partido do que vós, assentiu no pedido, e com tanto entusiasmo, que daqui a dois dias se vai realizar o casamento, tão secretamente e tão a sós, que as únicas testemunhas serão os céus e algumas pessoas da casa. Imaginai como me sinto; se quiserdes vir, vinde; e se vos quero bem, ou não, o desfecho deste caso vo-lo dará a conhecer. Praza a Deus que esta chegue às vossas mãos, antes que a minha se veja em condição de juntar-se à de quem tão mal sabe guardar a fé que promete."

Era isto, em suma, o que se continha na carta e que logo me fez partir, sem esperar mais resposta, nem dinheiros. Desde logo percebi que não fora a compra dos cavalos, mas o apetite que movera Dom Fernando a enviar-me ao irmão. O asco, que contra Dom Fernando alimentei, junto ao temor de perder a prenda, que com tantos anos de serviço e desejos granjeara, deram-me asas e como que voei, pois, no dia seguinte, cheguei à minha terra, justamente na hora mais conveniente para falar a Lucinda. Entrei secretamente, deixando a mula em que viera na casa do bom homem que me tinha levado a carta, e quis a boa sorte que eu achasse Lucinda encostada à grade — testemunha dos nossos amores. Lucinda e eu nos reconhecemos imediatamente; mas não como devia ela conhecer-me, nem eu conhecê-la. Quem haverá no mundo que se possa gabar de haver penetrado no pensamento confuso e na instável condição de uma mulher? Ninguém, por certo. Digo, pois, que, assim que Lucinda me viu, me disse: “Cardênio, estou vestida de noiva; já me estão aguardando na sala Dom Fernando, o traidor, meu pai, o cobiçoso, com outras testemunhas, que antes o serão da minha morte que do meu casamento. Não te perturbes, amigo, mas procura assistir a este sacrifício, pois, se o não puderem impedir as minhas razões, levo oculto um punhal, que triunfará de forças mais poderosas, pondo fim à minha vida e princípio a que conheças o muito que te estimei e estimo.” Respondi-lhe perturbado e às pressas, temendo não ter tempo bastante para lhe responder: “Que tuas obras, senhora, confirmem tuas palavras, pois, se levas punhal para dar-te crédito, aqui levo espada para defender-te, ou para matar-me, se a sorte nos for contrária.” Não creio que pudesse ter ouvido todas as minhas palavras, porque senti que a chamavam apressadamente, de vez que a esperava o noivo. Cerrou-se, com isto, a noite da minha tristeza, pôs-se-me o sol da alegria, fiquei sem a luz dos olhos e do entendimento. Não acertava a entrar na casa dela, nem me podia mover para qualquer lugar; mas, ponderando quanto importava a minha presença para o que pudesse acontecer naquele caso, animei-me o mais que pude, e penetrei. Como já conhecia muito bem todas as entradas e saídas da casa e como, também, era grande o alvoroço que ali reinava a ocultas, ninguém me viu entrar; assim, sem ser notado, pude esconder-me no vão de uma janela da sala da cerimônia, encoberto pelas pontas e bordados de duas cortinas, por entre as quais podia ver tudo o que se passava na sala. Quem poderia avaliar os sobressaltos que me deu o coração, enquanto ali estive, os pensamentos que me ocorreram, as considerações que fiz, tantas e tais que nem se poderiam dizer, nem seria bom que se dissessem! Basta saberdes que o noivo entrou na sala sem qualquer adorno, vestindo as roupas do costume. Servia-lhe de padrinho um primo irmão de Lucinda, e não havia na sala pessoa de fora, a não ser os criados da casa. Pouco depois, saiu duma câmara Lucinda, acompanhada da mãe e de duas aias, tão bem vestida e composta como a sua qualidade e formosura mereciam, sendo ela a perfeição da gala e bizarria cortesãs. Não me permitiram o meu enlevo e arroubo observar-lhe minuciosamente o trajo; só pude notar as cores, que eram vermelho e branco, e o reluzir das pedras e joias do toucado e de todo o vestuário, avantajando-se a isto a singular beleza dos seus formosos cabelos louros, que, comparada à das pedras preciosas e à das luzes de quatro tochas que havia na sala, ainda maior esplendor oferecia aos olhos. Ó memória, inimiga mortal do meu descanso! De que me serve figurar agora a beleza incomparável daquela adorada inimiga minha? Não será melhor, cruel memória, que me recordes e representes o que fiz então, para que, movido de tão manifesto agravo, procure, se não a vingança, pelo menos perder a vida? Não vos canseis, senhores, de ouvir estas digressões que faço, pois não é minha pena daquelas que possam, nem devam, contar-se aos poucos e sucintamente, já que cada circunstância sua me parece digna de largo discurso.

A isto respondeu o cura que, não só não se cansavam de ouvi-lo, mas lhe davam muito gosto as minúcias que contava, por serem tais que não mereciam ser deixadas em silêncio, sendo-lhes devida a mesma atenção que à parte principal do conto.

— Digo, pois — prosseguiu Cardênio —, que, estando todos na sala, entrou o cura da paróquia e, tomando ambos pela mão, para fazer o que em tal ato se requer, disse: “Quereis, senhora Lucinda, ao senhor Dom Fernando, aqui presente, por vosso legítimo esposo, como o manda a Santa Madre Igreja?” Tirei a cabeça e o pescoço para fora das cortinas e, com atentíssimos ouvidos e a alma perturbada, me pus a escutar o que Lucinda respondia, esperando da sua resposta a sentença da minha morte, ou a confirmação da minha vida. Oh! Quem se atreveria a sair então e gritar: “Ah! Lucinda, Lucinda! Olha o que fazes, considera o que me deves! Olha que eras minha e que não podes ser de outro! Adverte que, entre o dizeres ‘sim’ e o acabar-se-me a vida, não há mais que um instante. Ah! Traidor Dom Fernando, ladrão da minha glória, morte de minha vida! Que queres? Que pretendes? Considera que não podes cristãmente chegar ao fim dos teus desejos, porque Lucinda é minha esposa e eu sou seu marido.” Ah! Louco de mim! Agora, que estou ausente e longe do perigo, digo que devia ter feito o que não fiz; agora, que deixei roubar minha cara prenda, maldigo o ladrão, de quem me poderia vingar se para isso tivesse coração, como tenho para queixar-me. Mas, naquela ocasião, fui covarde e néscio, e não é muito que agora morra de vergonha, arrependido e louco. Estava esperando o cura a resposta de Lucinda, que demorou bastante a dá-la, e, quando pensei que ia puxar o punhal para cumprir o prometido, ou soltar a língua para dizer alguma verdade ou desengano, que redundasse em meu proveito, escutei-a dizer, com voz demasiada e fraca: “Sim, quero.” O mesmo disse Dom Fernando, que lhe pôs o anel, ficando assim unidos em indissolúvel matrimônio. O noivo abraçou a noiva, e esta, pondo a mão no coração, caiu desmaiada nos braços da mãe. Resta agora dizer como fiquei eu, ouvindo o “sim” e vendo burladas as minhas esperanças, falsas as palavras e promessas de Lucinda, impossibilitado de recobrar, em tempo algum, o bem que naquele instante perdera. Fiquei desatinado, desamparado, a meu ver, de todo o céu, feito inimigo da terra que me sustentava, negando-me o ar alento para os meus suspiros e a água humor para os meus olhos; só o fogo se acendeu de tal maneira, dentro de mim, que tudo ardia de raiva e de ciúmes. Alvoroçaram-se todos com o desmaio de Lucinda, e a mãe, desabotoando-lhe o seio para que melhor respirasse, descobriu ali um papel dobrado, que Dom Fernando logo apanhou e se pôs a ler, à luz de uma das tochas; e, acabando a leitura, se sentou numa cadeira e pôs a mão no queixo, com mostras de homem assaz pensativo, sem prestar atenção aos remédios que se ministravam à esposa, para que voltasse a si do desmaio. Eu, vendo a casa toda alvoroçada, me aventurei a sair, quer fosse visto ou não, resolvido a, se me vissem, fazer tais desatinos, que todo o mundo viria a saber da minha justa indignação contra o falso Dom Fernando e também contra a inconstância da traidora desmaiada; porém a minha sorte, que para maiores males me havia reservado, se é que os há, fez que, naquele momento, me sobrasse o juízo que, de então para cá, me tem faltado. Assim, sem querer vingar-me dos meus maiores inimigos (o que me teria sido fiel fazer, pois nem pensavam em mim), quis vingar-me de mim mesmo e executar sobre a minha pessoa o castigo que eles mereciam, usando, talvez, rigor maior que o que com eles usaria se os matasse logo ali; pois quem recebe morte repentina depressa termina a pena, ao passo que o que a dilata com tormentos sempre mata sem pôr fim à vida. Acabei saindo daquela casa e indo à outra, onde deixara a mula; mandei selar o animal e, sem me despedir do homem, saí da cidade e não ousei mais, qual outro Ló,[6] — a volver o rosto para mirá-la. Quando me vi só no campo, encoberto pela escuridão da noite, cujo silêncio convidava às queixas, sem respeito ou medo de ser escutado, ou de ser conhecido, soltei a voz e desatei a língua em tantas maldições contra Lucinda e Dom Fernando, como se com elas satisfizesse o agravo que me tinham feito. Dei-lhe títulos de cruel, ingrata, falsa e mal-agradecida; mas, sobretudo, de ambiciosa, pois a riqueza do meu inimigo lhe havia cerrado os olhos da vontade para tirá-la de mim e entregá-la àquele com quem mais liberal e franca se tinha mostrado a fortuna. Todavia, em meio à fuga destas maldições e vitupérios, eu a desculpava, dizendo que não era muito que uma donzela, recolhida em casa de seus pais, acostumada sempre a obedecer-lhe, tivesse querido condescender com seu gosto, visto que a faziam desposar cavaleiro tão importante, tão rico e tão gentil; e ela, se o não quisesse aceitar, poderia passar por desmiolada, ou poderiam dizer que tinha as atenções voltadas para a outra parte, o que muito prejudicaria sua honra e boa fama. Mas logo, em contraposição, imaginava que, se ela tivesse dito que eu já era seu esposo, os pais não achariam que tivesse feito escolha tão má que lhe não desculpassem, pois, antes de se lhes oferecer Dom Fernando, não poderiam encontrar ou desejar, se devidamente medissem o seu desejo, ninguém melhor do que eu para esposo da filha; e ela, antes de chegar ao imperioso e derradeiro transe, bem poderia ter dito que já lhe havia eu dado a minha mão: e eu a teria auxiliado em tudo o que ela quisesse simular neste caso. Cheguei por fim à conclusão de que pouco amor, pouco juízo, muita ambição e desejos de grandeza haviam-na feito esquecer as palavras com que me tinha enganado, entretido e sustentado nas minhas firmes esperanças e honestos desejos. Com estes pensamentos e esta inquietude caminhei o resto da noite; e, ao amanhecer, achei-me numa entrada destas serras, pelas quais viajei outros três dias, sem rumo nenhum, até que vim parar nuns prados, de não sei que lado destas montanhas, e ali perguntei a uns pastores onde ficava a parte mais densa destas serras. Disseram-me que era aqui. Logo me dirigi para onde me indicavam, com a intenção de pôr fim à vida; e, penetrando nestas asperezas, minha mula caiu, morta de cansaço e de fome, ou (o que mais creio) para se livrar de carga tão inútil como a que levava em mim. Continuei a pé, vencido pela natureza, consumido de fome, sem ter ninguém que me socorresse, nem saber onde buscá-lo. Estive, não sei quanto tempo, estendido no chão; depois, me levantei sem fome e junto de mim achei uns cabreiros, que foram certamente os que remediaram às minhas necessidades, pois me contaram o modo como me haviam encontrado, os disparates e desatinos que eu estava dizendo e que eram claros indícios da minha perda de juízo. De então para cá, efetivamente, tenho sentido que nem sempre o tenho cabal, mas tão desfibrado e fraco, que me faz cometer mil loucuras, rasgar a roupa, gritar por estes ermos, maldizendo a minha sorte e repetindo em vão o amado nome da minha inimiga, sem ter outro desígnio ou desejo senão o de acabar com a vida gritando. Quando volto a mim, me sinto tão cansado e abatido, que mal posso mover-me. Minha habitação mais comum é no oco de um sobreiro, capaz de cobrir este corpo miserável. Os vaqueiros e cabreiros, que andam por estas montanhas, têm pena de mim e me sustentam, deixando-me comida nos caminhos e penhascos por onde entendem que poderei passar e achá-la; assim, embora então me falte a razão, a necessidade natural me faz descobrir o alimento e desperta em mim o desejo de apetecê-lo e a vontade de tomá-lo. Outras vezes, dizem-me eles, quando me encontram em meu perfeito juízo, que saio pelas estradas e despojo à força os pastores daquilo que eles me dariam de graça e que trazem da aldeia às malhadas. Deste modo vou levando esta vida extrema e miserável, até que o céu seja servido conduzi-la ao seu derradeiro fim, ou ponha fim à minha memória, para que me não lembre mais da formosura e da traição de Lucinda, nem do agravo de Dom Fernando. Se isto me suceder, sem que eu perca a vida, meus pensamentos voltarão a ter melhor curso; senão, só me resta rogar-lhe que tenha misericórdia da minha alma, pois não sinto em mim valor, nem forças, para tirar o corpo desta estreiteza, em que por meu gosto quis meter-me. Eis aí, senhores, a amarga história da minha desgraça: dizei-me se a posso celebrar com menos sentimentos que os que vistes em mim. Não vos canseis em persuadir-me, nem aconselhar-me o que vos disser a razão que seria bom para meu remédio, pois a mim me há de aproveitar isso tanto como aproveita a medicina, receitada por famoso médico, ao enfermo que não a quer receber. Não quero saúde sem Lucinda; e se ela quis ser de outro, sendo ou devendo ser minha, quero eu pertencer à desventura, embora tivesse podido ser feliz. Ela quis, com a sua inconstância, tornar estável a minha perdição; eu hei de querer, buscando a minha perdição, satisfazer-lhe a vontade. Aos que hão de vir darei o exemplo de que a mim só me faltou o que sobra a todos os infelizes: a impossibilidade de achar a ventura lhes serve de consolo e a mim me causa ainda maiores sentimentos e males, porque penso que não se acabarão a não ser com a morte.

Aqui finalizou Cardênio seu longo discurso e sua história, tão infeliz quanto amorosa. E quando já se preparava o cura para lhe dizer algumas razões de consolação, interrompeu-o uma voz que lhe chegou aos ouvidos e que, em lastimosos acentos, dizia o que se dirá no Livro IV desta narrativa — pois, neste ponto, o sábio e atento historiador Cide Hamete Benengeli finaliza o Livro III.

# LIVRO IV

# CAPÍTULO XXVIII

## *Que trata da nova e agradável aventura sucedida na mesma serra ao cura e ao barbeiro*

Felicíssimos e venturosos tempos, em que veio ao mundo o mui audaz cavaleiro Dom Quixote de la Mancha! Por haver tomado tão honrosa determinação, como a de fazer ressuscitar e volver ao nosso convívio a já perdida e quase morta ordem da cavalaria andante, gozamos nós agora, nesta época tão falta de alegres passatempos, não só a doçura da sua verdadeira história, mas também os contos e episódios dela, que, em parte, não são menos agradáveis, artificiosos e verdadeiros que a história mesma. Conta ela, prosseguindo o seu torcido, restelado e atravessado fio, que, mal começou o cura a preparar-se para consolar Cardênio, atalhou-o uma voz, que lhe chegou aos ouvidos e que, com acentos tristes, assim dizia:

— Ai, Deus! Será possível que já tenha eu achado um lugar que possa servir de oculta sepultura à pesada carga deste corpo, que tão contra a minha vontade sustento? Espero que sim, a menos que me esteja a enganar a solidão que prometem estas serrarias. Ai, desditosa! Quão mais agradável companhia não farão estas penhas e moitas ao meu intento, se me proporcionarem ocasião para comunicar, com queixas, a minha desgraça aos céus, e não a criaturas humanas? Ninguém há na terra, de quem se possa esperar conselho nas dúvidas, alívio nas aflições, remédio nas desgraças!

Todas essas palavras, ouviram-nas e perceberam-nas o cura e os que com ele estavam; e por lhes parecer, como era, que o som vinha das proximidades, se ergueram em busca do dono. Haviam andado apenas vinte passos, quando, por detrás de um penhasco, viram, sentado ao pé de um freixo, um rapaz em trajo de lavrador; não lhe puderam divisar desde logo o rosto, porque o tinha inclinado sobre o peito, enquanto lavava os pés num arroio que por ali passava. Aproximaram-se dele tão silenciosamente, que não foram pressentidos; nem ele prestava atenção a mais nada, senão à lavagem dos pés, que pareciam dois pedaços de puro cristal, nascidos entre as outras pedras do arroio. Surpreendeu aos assistentes a brancura e beleza dos pés, parecendo-lhes que não eram estes feitos para pisar torrões, nem para andar atrás do arado e dos bois, como o indicavam as vestes do seu dono. Mas, vendo que não haviam sido pressentidos, o cura, que ia adiante, fez sinais aos outros dois para que se agachassem ou escondessem por detrás de uns pedaços de pedra que por ali havia; e assim o fizeram todos, observando com atenção o que fazia o rapaz. Trazia este um capote pardo de duas abas, muito bem cingido ao corpo com uma toalha branca. Trazia também uns calções e polainas de pano pardo, e, na cabeça, um gorro igualmente pardo. Tinha as polainas levantadas até à metade da perna, que, pela brancura, parecia sem dúvida alguma de alabastro. Acabou de lavar os formosos pés e logo os limpou com um lenço que retirou de debaixo do gorro; para isso, teve que levantar o rosto, e os observadores tiveram ocasião de ver-lhe a incomparável beleza, tal que Cardênio disse ao cura, em voz baixa:

— Esta, já que não é Lucinda, não é criatura humana, mas divina.

O rapaz tirou o gorro e, sacudindo a cabeça de um para outro lado, começou a desembaraçar e a espalhar uns cabelos que causariam inveja aos do próprio sol. Perceberam então que o suposto lavrador não era senão mulher, a mais delicada e formosa que jamais tinham visto os olhos de ambos, e até mesmo os de Cardênio, se já não tivesse visto e conhecido Lucinda, cuja beleza, conforme declarou depois, era a única que se poderia comparar àquela. Os longos cabelos louros não só lhe cobriam os ombros, como lhe envolviam o corpo inteiro, do qual não aparecia nenhuma outra parte a não serem os pés. Tais e tantos eram os seus cabelos! De pente lhe serviam as mãos; e se os pés, dentro da água, semelhavam pedaços de cristal, as mãos, nos cabelos, pareciam flocos de neve. Tudo isso ia aumentando a admiração e a curiosidade dos três observadores. Resolveram mostrar-se, por isso, e, ao movimento que fizeram para pôr-se em pé, a linda moça alçou a cabeça, afastou, com ambas as mãos, os cabelos que lhe cobriam os olhos e se voltou para os que haviam feito ruído; mal os viu, pôs-se em pé e, sem tempo para calçar-se nem para recolher os cabelos, apanhou apressadamente uma trouxa de roupa que trazia ao lado e quis fugir, cheia de perturbação e sobressalto. Mas deu apenas seis passos, porque os delicados pés não puderam suportar a aspereza das pedras, e caiu ao chão. Correram para ela os três, sendo o cura o primeiro que lhe disse:

— Detende-vos, senhora, quem quer que sejais, pois os que aqui vedes só têm a intenção de vos servir; não há razão para fugirdes de maneira tão intempestiva, pois não o suportariam os vossos pés, nem o consentiríamos nós outros.

Ela, atônita e confusa, não respondia palavra.

Eles se aproximaram dela, e o cura, estendendo-lhe a mão, prosseguiu dizendo:

— O que o vosso trajo nos nega, senhora, revelam-no os vossos cabelos: claros indícios de que não devem ter sido de pouca monta as causas que vos levaram a disfarçar a beleza sob hábito tão indigno e a procurar tão grandes ermos. Sentimo-nos felizes de vos ter achado, se não para remediar os vossos males, ao menos para vos aconselhar; pois nenhum mal pode fatigar tanto, nem chegar a tal extremo, enquanto a vida não acaba, que nos leve a não querer sequer ouvir os conselhos que se dão com boas intenções a quem padece. Assim, senhora minha, ou meu senhor, ou que outra coisa quiserdes ser, perdei o sobressalto que a nossa presença vos incutiu e contai-nos o vosso bom ou mau destino. Creio que em nós juntos, ou em cada um de per si, encontrareis quem vos ajude a sentir as vossas desgraças.

Enquanto o cura assim falava, a disfarçada moça parecia enfeitiçada, olhando para todos, sem mover os lábios, nem pronunciar palavra, tal como rústico aldeão a quem se mostram, de improviso, coisas raras e dele nunca vistas. Mas, depois de ter o cura enumerado outras razões, ao mesmo fim dirigidas, ela soltou profundo suspiro e rompeu o silêncio, dizendo:

— Já que a solidão destas serras não serviu para ocultar-me, e a soltura dos meus cabelos descompostos não permitiu que fosse a minha língua mentirosa, seria debalde fingir de novo agora o que vós só acreditaríeis se fosse mais por cortesia do que por outra razão qualquer. Isto pressuposto, agradeço-vos, senhores, o oferecimento que me fizestes e que me deixou na obrigação de vos satisfazer em tudo o que me pedistes; receio, todavia, que a narrativa das minhas desditas vos cause desgosto, além de compaixão, porque não haveis de achar remédio para remediá-las, nem consolo para entretê-las. Mas, apesar de tudo e para que não ande minha honra a vacilar nas vossas intenções, já que me reconhecestes por mulher e me vedes sozinha e moça neste trajo — coisas todas que, juntas e cada uma de per si, podem deitar por terra qualquer crédito de honestidade — vos hei de dizer o que, se pudesse, preferiria calar.

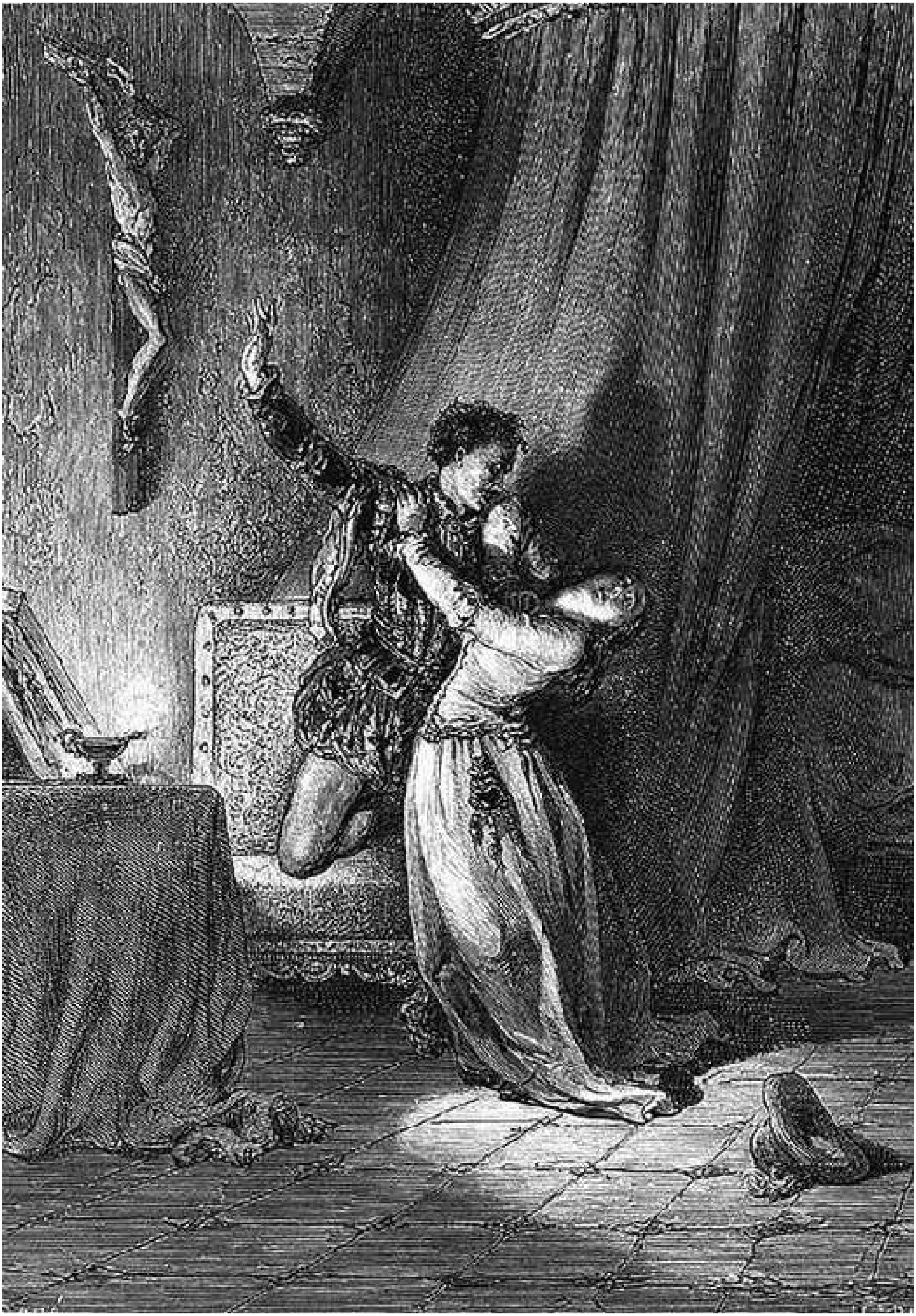
Tudo isto disse, sem parar, aquela que parecia tão formosa mulher; e o fez com a língua tão solta e a voz tão suave, que maravilhou não menos por discreta do que já maravilhara por formosa. E como lhe faziam novos oferecimentos e novos rogos, para que cumprisse o prometido, ela se calçou com toda a honestidade, sem se fazer mais de rogada e, enrolando os cabelos, sentou-se numa pedra. Dispostos os três ao redor dela, fez força para prender algumas lágrimas que lhe vinham aos olhos, e, com voz repousada e clara, começou desta maneira a história de sua vida:

— Há nesta Andaluzia um lugar, de que toma título um duque, dos que se chamam grandes de Espanha. Tem o duque dois filhos: o maior, herdeiro do seu estado e, ao que parece, dos seus bons costumes; e o menor, herdeiro não sei de quê, se não for das traições de Belido e dos embustes de Galalão. Deste senhor são vassalos meus pais, de linhagem humilde, porém tão ricos que, se os bens de seu nascimento igualassem os de sua fortuna, nem teriam eles que desejar, nem eu que recear ver-me na desdita em que me vejo: pois talvez provenha a minha pouca ventura da que não tiveram eles por não terem nascido ilustres. É bem verdade que não são tão baixos, que se hajam de envergonhar do seu estado, nem tão altos, que me tirem a cisma em que estou de que da sua humildade provém minha desgraça. Em suma, são lavradores, gente simples, sem mescla de qualquer raça destoante, e, como se costuma dizer, cristãos-velhos e rançosos; mas são tão ricos, que sua riqueza e trato magnífico lhes vão, a pouco e pouco, granjeando nome de fidalgos, e até de cavaleiros, se bem que a maior riqueza e nobreza de que se vangloriavam era a de me terem a mim por filha. Não tendo eles outra filha ou filho a quem deixar a herança, e sendo pais extremosos, fizeram de mim uma das moças mais mimadas que jamais houve. Eu era o espelho em que se miravam, o esteio da sua velhice e o alvo a que dirigiam todos os seus desejos, tomando sempre o céu por medida. Dos seus desejos, por serem tão bons, não discrepavam os meus, no mínimo que fosse; e eu era tão senhora dos seus pensamentos como dos seus haveres. Por mim se recebiam e despediam os criados; a razão e conta das sementeiras e colheitas passava por minha mão, como passavam as moendas de azeite, os lagares do vinho, o número do gado maior e menor, e o das colmeias. Finalmente, eu tomava conta de tudo aquilo que um lavrador tão rico como meu pai pode ter e tem; era a mordoma e a senhora, com tanta solicitude minha e gosto dele, que não acho palavras para encarecê-lo. Os instantes de folga, que me sobravam no afã cotidiano de lidar com os maiorais, os capatazes e com os outros diaristas, empregava-os em exercícios, tão lícitos e necessários às donzelas, como os de agulha e de almofada, e a roca muitas vezes; e se tais exercícios deixava alguma vez, para recrear o espírito, me entretinha em ler algum livro devoto, ou a tocar harpa, porque me mostrava a experiência ser a música um refrigério para os ânimos perturbados e um alívio para os trabalhos que nascem do espírito. Era esta a vida que levava na casa dos meus pais; se a relatei com tantas particularidades, não foi por ostentação, nem para dar a entender que sou rica, mas para que se veja com quanta inocência passei daquele bom estado para a infelicidade em que hoje me encontro. Vivia, por conseguinte, cheia de ocupações e em clausura tal que se poderia comparar à de um convento; não era vista de pessoa alguma, a não ser dos criados da casa, pois, os dias que ia à missa, era tão cedo, tão acompanhada por minha mãe e pelas outras criadas, tão encoberta e recatada, que mal podiam os meus olhos vislumbrar mais terra, além daquela onde pousava os pés. Apesar de tudo isso, os olhos do amor, ou os da ociosidade, por melhor dizer, que são mais que olhos de lince, me descobriram, postos na solicitude de Dom Fernando — pois é este o nome do filho mais novo do duque a quem me referi.

Ao nome, apenas proferido, de Dom Fernando, mudou-se a Cardênio a cor do rosto, e começou a suar com tão grande alteração, que, reparando nele o cura e o barbeiro, temeram vê-lo às voltas com aquele acesso de loucura de que tinham ouvido falar que o assaltava de quando em quando. Mas Cardênio não fez senão suar, permanecendo quieto, de olhos fitos na lavradora, a imaginar quem era ela.

Sem prestar atenção aos movimentos de Cardênio, a moça prosseguiu, dizendo:

— Apenas me viu (segundo explicou depois) ficou tão preso aos meus amores como o deram a entender as suas demonstrações. Mas, para abreviar a história sem conta das minhas desditas, quero silenciar sobre as diligências que fez Dom Fernando para me revelar os seus intentos. Subornou toda a gente da minha casa; ofereceu dádivas e mercês aos meus parentes. Todos os dias havia festas e regozijo na minha rua; às noites, ninguém podia dormir com tanta música; eram incontáveis os bilhetes que, sem eu saber como, chegavam às minhas mãos, cheios de frases amorosas e de ofertas, com menos letras que promessas e juramentos. Tudo isso não só não me abrandava, mas até me endurecia, como se se tratasse de um inimigo mortal, cujas obras para me reduzir à sua vontade produziam sempre efeito contrário; não porque a mim me parecesse má a gentileza de Dom Fernando, nem porque julgasse abusivas as suas solicitudes, pois a mim me dava um não-sei-quê de contentamento o ver-me tão querida e estimada por tão principal cavaleiro; e, a bem dizer, não me desgostavam os louvores que ele escrevia a meu respeito (neste particular, creio que às mulheres, por feias que sejamos, sempre nos dá gosto ouvir que nos chamam formosas). Mas é que a tudo isto se opunham a minha honestidade e os conselhos contínuos que recebia dos meus pais, já então bem conhecedores das pretensões de Dom Fernando, a quem pouco se lhe dava que todo o mundo as soubesse. Meus pais me diziam que sua honra e boa fama dependiam unicamente da minha virtude e bondade, pedindo-me que considerasse a desigualdade existente entre mim e Dom Fernando, prova de que os pensamentos deste último (embora ele dissesse outra coisa) visavam mais ao seu gosto que ao meu proveito; e se eu quisesse, de qualquer modo, opor algum estorvo para que ele desistisse da injusta pretensão, meus pais me casariam logo com alguém de quem eu gostasse, fosse com algum dos homens mais principais da nossa povoação, fosse com algum da circunvizinhança, pois tudo se podia esperar da nossa muita honradez e riqueza. Com essas promessas certas e com a verdade que continham, fortalecia eu a minha resistência, e jamais quis responder a Dom Fernando qualquer palavra que lhe pudesse mostrar, nem de longe, que havia esperança de alcançar o seu desejo. Todos estes meus recatos, que a ele deveriam parecer desdéns, só serviam para lhe avivar ainda mais o lascivo apetite — nome que se me afigura apropriado para as suas pretensões, pois, se fossem estas o que deviam ser, não teríeis vós agora ocasião de conhecê-las, porque não teria eu a de vo-las revelar. Soube, finalmente, Dom Fernando que meus pais andavam querendo me casar com outro, a fim de lhe tirar toda esperança de me possuir, ou, pelo menos, para eu ter mais guardas que me guardassem e esta notícia, ou suspeita, fez que ele procedesse como ides ouvir. Uma noite, estando eu no meu quarto, em companhia apenas de uma aia que me servia, tendo as portas bem fechadas, para que nenhum descuido pusesse em perigo a minha honestidade, eis que o vejo diante de mim, sem eu saber nem imaginar como pôde transpor todos os meus recatos e precauções e penetrar na solidão do meu silêncio e da minha clausura. Ao vê-lo, turvou-se-me a vista de tal maneira, que minha língua emudeceu, tentei gritar e não consegui; creio que, mesmo que eu pudesse, ele não me permitiria fazê-lo, pois logo se chegou a mim e, tomando-me nos braços (porque eu, como disse, não tive forças para me defender, de tão perturbada que estava), começou a fazer-me tais declarações, que não sei como pôde ser tão hábil a mentira, a ponto de as compor de molde a parecerem verdadeiras. As lágrimas do traidor lhe corroboravam as palavras, e os suspiros confirmavam suas intenções. Eu, pobrezinha de mim! Só entre os meus, pouco experiente de casos semelhantes, principiei, não sei de que modo, a tomar por verdades as mentiras que ouvia, embora suas lágrimas e suspiros me não movessem a compaixão menos honesta. Passado aquele primeiro sobressalto, recobrei algum tanto o ânimo perdido e, com mais desembaraço do que julguei pudesse possuir, lhe disse: “Se, como estou em teus braços, senhor, estivesse entre os de um leão feroz, e, para livrar-me deles, precisasse fazer ou dizer coisas prejudiciais à minha honestidade, ter-me-ia sido tão impossível fazê-las, ou dizê-las, como me foi impossível deixar de portar-me como me portei. Assim como tens o meu corpo cingido aos teus braços, tenho eu a alma presa aos meus bons desejos, tão diferentes dos teus como o verás, se tentares levá-los a cabo pela violência. Sou tua vassala, mas não tua escrava; a nobreza do teu sangue não tem nem pode ter a força de desonrar e menosprezar a humildade do meu; e tanto me prezo de vilã e lavradora como te prezas tu de senhor e cavaleiro. Nada conseguirão de mim as tuas violências; não dou valor às tuas riquezas, nem há de enganar-me as tuas palavras; nem teus suspiros e lágrimas me enternecem. Se alguma destas coisas que digo visse eu num esposo escolhido por meus pais, à sua vontade se ajustaria a minha, e minha vontade seria dócil à dele; de modo que, mesmo sem o desejar, mas tão-somente porque ficaria com honra, de bom grado lhe entregaria o que tu, senhor, agora à força me procuras levar. Digo tudo isto para que não se pense que de mim alcança coisa alguma quem não for meu legítimo esposo.” E o desleal cavaleiro respondeu: “Se é apenas isso o que te preocupa, belíssima Doroteia (tal é o nome desta infeliz), desde já te dou a mão e juro ser teu; tomo por testemunhas desta verdade os céus, a que nada se esconde, e esta imagem de Nossa Senhora, que aqui tens.”



Quando Cardênio lhe ouviu dizer que se chamava Doroteia, tornou de novo aos seus sobressaltos e acabou de confirmar por verdadeira a sua primeira suspeita. Mas não quis interromper o conto, para ver no que ia para o que ele já quase sabia. Disse apenas:

— Que, senhora! Doroteia é o teu nome? De outra já ouvi dizer o mesmo, e talvez corra parelhas com as tuas desditas. Segue adiante, e tempo virá em que te hei de revelar coisas, que te causem tanto espanto como lástima.

Reparou Doroteia nas palavras de Cardênio e no seu estranho e desastrado trajo, e lhe rogou que, se algo sabia do seu caso, lhe dissesse logo; porque, se alguma coisa boa lhe deixara a sorte, era o ânimo com que suportava qualquer desastre que lhe sobreviesse, segura de que, no seu entender, nenhum lhe poderia suceder que acrescentasse um ponto aos que já sofrera.

— Não perderia tempo, senhora — respondeu Cardênio —, em dizer-te o que penso, se fosse verdade o que imagino; mas não há de faltar ocasião, nem aqui te importa nada sabê-lo.

— Seja o que for — respondeu Doroteia — o que se segue no meu conto é que, tomando Dom Fernando uma imagem que estava no aposento, a invocou por testemunha do nosso casamento. Com eficacíssimas palavras e extraordinários juramentos deu-me a palavra de ser meu marido. Antes que terminasse, pedi-lhe que visse bem o que fazia e considerasse quanto se havia de aborrecer o seu pai, quando soubesse que ele se tinha casado com uma vilã, sua vassala; que lhe não cegasse a minha formosura, pois, tal qual era, não era esta bastante para lhe justificar o erro; e que, se algum bem me queria fazer, pelo amor que me tinha, deixasse correr-me a sorte como convinha à minha qualidade, porque casamentos tão desiguais nunca se gozam, nem duram muito tempo no mesmo gosto com que principiam. Disse-lhe tudo isso que aqui estou repetindo, e ainda muitas outras coisas de que não me lembro; nada impediu, todavia, que ele fosse adiante no seu intento, pois quem não pensa pagar não regateia no contrato, nem repara nos inconvenientes. Nessa altura, pus-me a discursar comigo mesma e me disse: "Não serei a primeira que, por via de matrimônio, haja subido de condição humilde à nobreza, nem será Dom Fernando o primeiro a quem a formosura, ou a cega paixão (que é o mais certo), haja feito procurar companheira de condição inferior. Se não sou palmatória do mundo e nada de novo inventei, não há mal em aceitar esta honra, que a sorte me oferece, embora, aqui, a vontade de cumpri-la não dure nele mais que a satisfação do desejo. Enfim, serei sua esposa diante de Deus. Se o despeço com desdém, em lugar de proceder como deve, ele usará da força e ficarei desonrada, sem desculpa da culpa que me pode atribuir quem não souber quão sem ela sucumbi. Pois, como poderão convencer-se os meus pais e as outras pessoas de que este cavaleiro entrou no meu quarto sem o meu consentimento?" Todas estas perguntas e respostas, revolvi-as um instante na imaginação, e, sobretudo, começaram a fazer força e a inclinar-me ao que foi, sem eu o pensar, a minha perdição, os juramentos de Dom Fernando, as testemunhas que invocava, as lágrimas que derramava e, finalmente, a sua disposição e gentileza, que, acompanhadas de tantas mostras de verdadeiro amor, fariam render-se qualquer outro coração, tão livre e recatado como o meu. Chamei a criada, para que uma testemunha da terra se ajuntasse às do céu; tornou Dom Fernando a reiterar e confirmar seus juramentos, invocando novos santos por testemunhas; formulou sobre si mesmo mil futuras maldições, se não cumprisse o que me prometia; tornou a umedecer os olhos e a renovar os suspiros; apertou-me mais nos seus braços, dos quais nunca me havia largado. Com isto, e com sair do quarto a minha donzela, deixei eu de o ser; e ele consumou a sua traição e perjúrio. O dia que se seguiu à noite da minha desgraça não chegou tão depressa como creio que Dom Fernando desejava, porque, saciado o apetite, o que se quer é fugir o mais rapidamente possível do lugar onde ele se saciou. Digo isto, porque Dom Fernando se deu pressa em partir, e o fez auxiliado pela minha criada, que era quem o havia introduzido ali e foi quem o conduziu à rua antes do amanhecer. Ao despedir-se de mim (embora não com tanto afinco e veemência como quando entrou), me disse que estivesse segura da sua promessa e de serem firmes e verdadeiros os seus juramentos; e para maior confirmação das suas palavras, tirou do dedo um rico anel, que pôs no meu. Partiu, finalmente, e eu fiquei não sei bem se triste ou alegre; só sei que fiquei confusa e pensativa e quase fora de mim com o novo acontecimento, e não tive ânimo, ou não me lembrei de punir a criada pela traição de conduzir Dom Fernando ao meu quarto; ainda não decidira se tinha sido bom ou mau o que me sucedera. Quando partiu Dom Fernando, disse-lhe que, pelo mesmo caminho que tomara aquela noite, poderia ver-me nas seguintes, pois eu era sua, e isto se tornaria público no instante que ele quisesse. Mas ele veio apenas na noite seguinte; depois, nunca mais voltou, nem eu o pude ver na rua, nem na igreja, por mais de um mês. Cansei-me em vão de chamá-lo, pois soube que estava na vila e na maioria dos dias costumava ir à caça — exercício de que muito gostava. Bem sei que todos esses dias e essas horas foram, para mim, aziagos e minguados; comecei a duvidar e a descer das promessas de Dom Fernando. Minha criada ouviu então as palavras de repreensão pelo seu atrevimento, que não tinha ouvido antes; e me esforcei por conter as lágrimas e manter a compostura do meu rosto, para não dar ocasião a que me perguntassem os meus pais o que me entristecia e me obrigassem a mentir-lhes. Mas tudo isto se acabou num determinado momento, em que perdi o respeito às aparências de honra, esgotou-se-me a paciência e saíram a lume os meus secretos pensamentos. Isto aconteceu, porque começou a correr por ali o boato de que, em cidade vizinha, se havia casado Dom Fernando com uma donzela extremamente formosa, filha de pais muito importantes, embora não tão rica que pelo dote pudesse aspirar a tão nobre casamento. Ouvi dizer que se chamava Lucinda e que, no seu matrimônio, ocorreram coisas dignas de admiração.

Ouvindo o nome de Lucinda, Cardênio não fez senão encolher os ombros, morder os lábios, franzir as sobrancelhas; e, dali a pouco, lhe jorraram dos olhos duas fontes de lágrimas. Nem por isso Doroteia interrompeu a narrativa que assim prosseguiu:

— Quando me chegou aos ouvidos essa triste notícia, em vez de gelar-se-me o coração, foi tamanha a minha cólera e raiva, que pouco faltou para que não me arrastasse pelas ruas aos gritos e tornasse públicas a aleivosia e a traição de que tinha sido vítima. Abrandou-se-me a fúria, todavia, com pensar em realizar naquela mesma noite o que então decidi, isto é, vestir esta roupa, que me foi dada por um dos que se chamam zagais na casa dos lavradores e que era criado de meu pai; a esse homem revelei toda a minha desventura e lhe roguei que me acompanhasse até à cidade onde soube que se achava o meu inimigo. Depois de repreender o meu atrevimento e censurar a minha resolução, vendo-me inabalável no meu intento, se ofereceu para me fazer companhia até o fim do mundo, como ele próprio o disse. Numa trouxa de linho embrulhei um vestido de mulher e algumas joias e moedas, para o que pudesse acontecer; e no silêncio da noite, sem avisar à criada que me traíra, saí de casa, acompanhada do criado e de muitas ideias, e segui a pé o caminho da cidade, levada nas asas da vontade de chegar, se não para impedir o que já me parecia consumado, ao menos para obrigar Dom Fernando a me dizer como tivera coragem de chegar a tanto. Em dois dias e meio cheguei ao meu destino e, penetrando na cidade, perguntei pela casa dos pais de Lucinda. A primeira pessoa que interroguei me disse mais coisas do que eu pretendia ouvir: indicou-me a casa e me contou tudo o que sucedera no casamento da moça, fatos já tão notórios na cidade, que eram objeto de comentários em todos os grupos. Disse-me que, na noite em que Dom Fernando desposou Lucinda, esta, após ter dado o "sim" de ser sua esposa, desmaiou; e o marido, desabotoando-lhe[1] o peito para que respirasse melhor, achou um papel, escrito do próprio punho de Lucinda, no qual dizia e declarava que não podia ser esposa de Dom Fernando, porque já o era de Cardênio, um cavaleiro muito principal da mesma cidade, segundo a pessoa me esclareceu; e que, se tinha dado o "sim" a Dom Fernando, fora para não desobedecer aos pais. Em suma, continha o papel tais declarações, que dava a entender que tivera ela a intenção de se matar ao fim da cerimônia, explicando ali as razões por que se suicidara; e dizem que tudo se confirmou ao ser encontrado um punhal, não sei em que parte do seu vestido. Diante disso, julgou Dom Fernando que Lucinda o havia iludido e escarnecido; e antes de refazer-se a moça do desmaio, lançou-se contra ela e, com a mesma arma que ela trouxera consigo, a quis apunhalar; só não o fez, porque os pais e as outras pessoas presentes lho impediram. Disseram mais que Dom Fernando desapareceu, que Lucinda não tornou a si senão no dia seguinte e que, então, contou aos pais que era, na verdade, esposa do tal Cardênio a quem se referira no bilhete. Soube também que Cardênio, segundo dizem, esteve presente ao casamento, mas que, vendo-a casada com outro — coisa que jamais imaginara —, saiu da cidade desesperado, deixando-lhe antes uma carta, onde dava a entender que fora ofendido por Lucinda e que se retirava para onde nunca mais ninguém o visse. Tudo isto era público e notório na cidade e alvo de todos os comentários. Ainda mais houve do que falar quando se soube que Lucinda fugira da casa dos pais e da cidade, pois não a encontraram em toda ela. Seus pais quase perderam o juízo e não sabiam o que fazer para achá-la. Quando acabei de ouvir tais histórias, foram-se-me todas as esperanças e achei melhor não ter encontrado Dom Fernando, que o encontrar casado, parecendo-me que, assim, ainda não estavam de todo fechadas as portas à minha reparação. Imaginei que bem podia ter posto o céu aquele impedimento no segundo matrimônio, para fazê-lo perceber o que devia ao primeiro e fazê-lo lembrar-se de que era cristão e estavam mais obrigado por sua alma que pelo respeito humano. Todas essas coisas se revolviam na minha imaginação e eu me consolava sem ter consolo, fingindo esperanças vãs e desmaiadas, para entreter uma vida que já aborreço. Achando-me na cidade sem saber para onde ir, já que não encontrara Dom Fernando, chegou-me aos ouvidos um pregão público, onde se prometia grande recompensa a quem me achasse e se davam os sinais da idade e do trajo que eu envergava. Ouvi dizer que se apregoava ter sido eu raptada da casa de meus pais pelo moço que me acompanhara, coisa que muito me magoou, por ver quão desacreditada eu andava, já que me não bastava perder o crédito com a fuga, mas havia de perdê-lo também com um sujeito tão baixo e tão indigno das minhas boas intenções. Mal ouvi o pregão, saí da cidade com o criado, que principiara a dar mostras de titubear na promessa de fidelidade que me tinha feito, temendo que fôssemos achados juntos. Mas como um mal chama outro, segundo se diz, e como o fim de uma desgraça costuma ser o princípio de outra maior, assim me sucedeu: o criado, que até então fora fiel e seguro, vendo-me sozinha e incitado mais por sua velhacaria que por minha formosura, quis aproveitar-se da ocasião que, a seu ver, estes ermos lhe ofereciam, e, com pouca vergonha e menos temor de Deus, nem respeito a mim, me requestou. Desenganado com as minhas respostas injuriosas e justas aos seus desavergonhados propósitos, pôs de parte as solicitações, de que primeiro se valera, e começou a usar da força. Mas o céu justiceiro, que poucas, ou nenhumas vezes, deixa de contemplar e de favorecer as justas intenções, favoreceu as minhas, de maneira que, com as minhas parcas forças e com pouco trabalho, o atirei por um despenhadeiro, onde caiu não sei se morto, se vivo; em seguida, com mais presteza do que se podia esperar do meu sobressalto e do meu cansaço, em embrenhei por estas montanhas, sem outro pensamento, nem outro desígnio senão o de esconder-me nelas e fugir do meu pai e daqueles que me buscavam a seu mando. Há não sei quantos meses aqui me acho, com este desejo. Encontrei um criador de gado, que me levou, como seu criado, a um lugar que está nas entranhas desta serra; servi-lhe de zagal todo este tempo, procurando estar sempre no campo para encobrir estes cabelos, que agora vós me descobristes, tão à minha revelia. Mas toda a minha indústria e solicitude foram de nenhum proveito, pois meu amo descobriu que eu não era varão e brotou nele o mesmo pensamento mau que no meu criado. Como nem sempre a fortuna põe a par dos males os remédios, desta vez não achei despenhadeiro, nem barranco, onde despenhar e liquidar o amo, tal como fiz com o criado. Assim, tive por menor inconveniente o deixá-lo e o esconder-me de novo entre estas asperezas do que medir com ele as minhas forças, ou as minhas desculpas. Embosquei-me outra vez e outra vez busquei onde pudesse, sem qualquer empecilho e com suspiros e lágrimas, rogar ao céu que se doesse da minha desventura e me ensinasse como sair dela. Na pior das hipóteses, preferia perder a vida nestes ermos, sem que restasse lembrança desta triste criatura, que tão inocentemente deu lugar a que se falasse e murmurasse dela na sua terra e nas alheias.

# CAPÍTULO XXIX

## *Que trata do gracioso artifício e ordem que se teve em tirar o nosso enamorado cavaleiro da muito áspera penitência em que se havia posto*

— Eis, senhores, a verdadeira história da minha tragédia: mirai e julgai agora se os suspiros que escutastes, as palavras que ouvistes e as lágrimas que dos meus olhos saíram tinham ocasião bastante para se mostrarem em maior abundância. Considerai a qualidade da minha desgraça e vereis que qualquer consolo será debalde, pois é impossível remediá-la. Só vos peço (e isso podeis e deveis fazer com facilidade) que me aconselheis onde poderei passar o resto da vida, sem que me acabem o temor e sobressalto que tenho de ser encontrada pelos que me procuram. Embora saiba que o muito amor que meus pais me devotam é uma segurança de que serei deles bem recebida, é tamanha a vergonha que tenho só em pensar que irei à sua presença muito diferente do que supunham, que acho melhor desterrar-me para sempre e nunca mais ser vista, a ter que lhes rever o rosto com a ideia de que estão eles a mirar o meu sem encontrar mais aquela honestidade que tinham o direito de esperar de mim.

Dizendo isto, calou-se; e o rosto se lhe cobriu de uma coloração que bem mostrava o sentimento de vergonha que a alma lhe envolvia. Por sua vez, os que a escutavam sentiram tanta pena, como admiração pela sua desgraça. O cura quis logo consolá-la e aconselhá-la, mas Cardênio se lhe antecipou, dizendo:

— Finalmente, senhora, és tu a formosa Doroteia, filha única do rico Clenardo?

Admirada ficou Doroteia, quando ouviu o nome de seu pai e notou a mesquinhez de quem o pronunciava — porque já se disse que andava Cardênio muito malvestido. E interrogou-o:

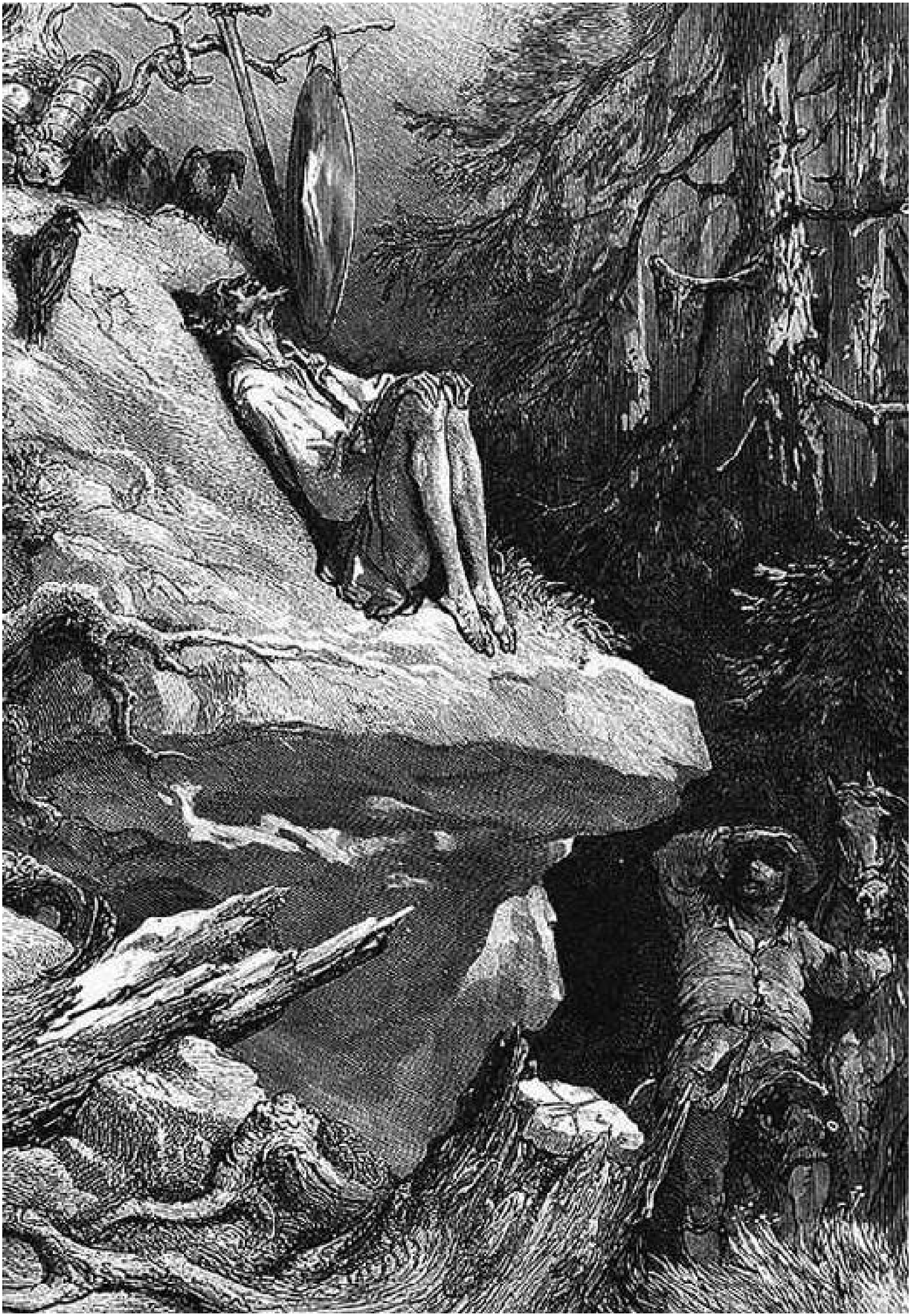
— Quem sois vós, irmão, que assim sabeis o nome de meu pai? Porque, se bem me lembro, até agora não o mencionei, em todo o decurso da minha história.

Cardênio respondeu:

— Sou aquele desventurado que, segundo dissestes, senhora, Lucinda declarou ser seu esposo. Sou o desditado Cardênio, a quem a perfídia daquele que também vos fez vítima reduziu a este estado que vedes, roto, nu, falto de todo consolo humano, e, o que é pior, falto de juízo, pois não o tenho senão quando ao céu se lhe antolha dar-mo por curto espaço. Sou eu, Doroteia, aquele que presenciou as infâmias de Dom Fernando e esperou ouvir o "sim" de ser sua esposa, pronunciado por Lucinda. Sou o que não teve ânimo para ver em que parava o seu desmaio, nem o que se continha no bilhete que foi achado no seu seio, porque minha alma não resistiu a tantas desventuras juntas. Assim, *dejé la casa* y *la paciência*,[1] e deixei uma carta com o homem que me hospedou e ao qual roguei a entregasse em mãos de Lucinda; e vim ter a estes ermos, com a intenção de pôr fim à vida, que, desde aquele instante, passei a considerar minha mortal inimiga. Mas não quis a sorte que eu a perdesse, contentando-se com fazer-me perder o juízo, talvez para me reservar a boa sorte que tive de encontrar-vos; pois se for verdade, como creio que é, o que me contastes, bem podia ser que a nós ambos nos tivesse o céu reservado melhor sucesso, nos nossos desastres, do que nós mesmos pensamos. Suposto que não pôde Lucinda casar-se com Dom Fernando por ser minha, nem Dom Fernando com ela por ser vosso, tendo ela manifestado tão claramente a verdade, bem podemos esperar que nos restitua o céu o que é nosso e que continua sendo o que era, sem se ter alienado, nem desfeito. E se temos este consolo, nascido não de mui remota esperança, nem fundado em imaginações desvairadas, suplico-vos, senhora, que tomeis outra resolução nos vossos honrados pensamentos, já que a penso tomar nos meus, e vos acomodeis a esperar melhor sorte; e eu vos juro, pela fé de cavaleiro e de cristão, que não vos hei de desamparar, até ver-vos em poder de Dom Fernando, e que, se não o puder atrair com boas razões a conhecer o que vos deve, usarei a liberdade que me concede o ser cavaleiro e, com justo título, o desafiarei, por causa do muito mal que vos fez, sem me lembrar das minhas próprias ofensas, cuja vingança deixarei aos cuidados da Providência, a fim de que possa, na terra, acudir às vossas.

Com o que disse Cardênio, acabou Doroteia de se admirar; e não sabendo como agradecer tão grandes oferecimentos, quis tomar-lhe os pés para beijá-los. Não lho consentiu Cardênio. E o licenciado respondeu por ambos, aprovando as palavras de Cardênio; e lhes rogou, aconselhou e persuadiu a que fossem com ele à sua aldeia, onde se poderiam prover do que lhes faltava e onde combinariam como buscar Dom Fernando, ou como levar Doroteia aos pais, ou, ainda, como fazer o que lhes parecesse conveniente. Agradeceram-lhe Cardênio e Doroteia, aceitando a mercê que se lhes oferecia. O barbeiro, que estivera todo o tempo suspenso e calado, deu também o seu bom aparte e se ofereceu, com não menos vontade que o cura, para tudo o que lhes pudesse ser de utilidade. Contou brevemente o motivo que ali os trouxera, e bem assim a estranha loucura de Dom Quixote, acrescentando que estavam esperando pelo escudeiro deste último, que tinha ido buscá-lo. Como que em sonhos, acudiu à memória de Cardênio a pendência que tivera com Dom Quixote, e a contou aos demais; mas não soube esclarecer por que motivo se tinham desavindo.

Nisto ouviram vozes e as identificaram como sendo de Sancho Pança, que os chamava em altos brados, por não os ter achado no lugar onde os deixara. Saíram-lhe ao encontro, perguntando-lhe por Dom Quixote, e ele lhes disse que o achara nu, em fraldas de camisa, fraco, amarelo e morto de fome, suspirando pela sua senhora Dulcineia, e embora lhe tivesse dito que ela o mandava sair daquele lugar e seguir para Toboso, onde o esperava, ele respondeu que tinha resolvido não aparecer diante da sua formosura enquanto não tivesse praticado façanhas tais, que o tornassem digno da sua graça. E que, se aquilo continuasse assim, corria ele perigo de nunca chegar a ser imperador, como se obrigara, nem mesmo arcebispo, que era o que menos podia ser; por isso, era bom que vissem o que se havia de fazer para retirá-lo dali. O licenciado respondeu que não se inquietasse, pois o retirariam, ainda que não quisesse. Contou logo a Cardênio e a Doroteia o que tinham imaginado para remédio de Dom Quixote, pelo menos para reconduzi-lo ao lar.



Doroteia respondeu que faria o papel de donzela necessitada melhor que o barbeiro, tanto mais que trazia vestidos com que pôr-se ao natural; e pediu que lhe deixassem o encargo de saber representar tudo o que fosse preciso para levar adiante o seu intento, porque tinha lido muitos livros de cavalaria e conhecia bem o estilo em que se expressavam as donzelas infelizes, quando faziam súplicas aos cavaleiros andantes.

— Ótimo! Nada mais é preciso! — disse o cura. — Mãos à obra! Não há dúvida que a sorte se mostra a nosso favor, pois, sem o pensardes, se vos abriram, senhores, as portas da reparação, e a nós outros se tornou mais fácil o desempenho da nossa tarefa.

Doroteia retirou da trouxa uma saia inteira de rica fazenda e uma mantilha de outra vistosa fazenda verde; de uma caixinha, um colar e outras joias, com que, num instante, se adornou de tal maneira, que parecia grande e rica senhora. Disse que tudo aquilo, e as mais coisas que trazia, levara de casa para o que se lhe oferecesse; e, até então, ainda não tinha tido ocasião de utilizá-los. A todos encantou a sua muita graça, donaire e formosura, e causou estranheza a ignorância de Dom Fernando, que desprezara tanta beleza; porém quem mais se admirou foi Sancho Pança, por lhe parecer (o que era verdade) que jamais, em todos os dias da sua vida, tinha visto formosura igual; assim, perguntou ao cura, com grande insistência, quem era aquela tão formosa dama e o que buscava por aqueles andurriais.

— Esta formosa senhora, irmão Sancho — replicou o cura —, é, sem tirar nem pôr, a herdeira, por linha direta de varão, do grande reino de Micomicão, a qual vem à procura do vosso amo para lhe pedir um favor: o de lhe desfazer um torto ou agravo, que lhe ocasionou perverso gigante. A fama de bom cavaleiro, que vosso amo já tem por todo o mundo descoberto, fez que viesse da Guiné a procurá-lo esta princesa.

— Ditosa busca e ditoso achado! — exclamou Sancho Pança — principalmente se meu amo tiver a grande ventura de desfazer esse agravo e endireitar esse torto, matando o *hideputa*[2] do gigante que vosmecê diz; e estou certo de que o matará se o encontrar, a menos que já seja fantasma, pois contra fantasmas não tem o meu amo poder algum. Mas uma coisa quero suplicar a vosmecê, entre outras, senhor licenciado: para que a meu amo não lhe dê ganas de ser arcebispo, que é o que receio, aconselhe-o vosmecê a que se case logo com esta princesa, e assim ficará impossibilitado de receber as ordens arcebispais e facilmente conseguirá o seu império, e eu a satisfação dos meus desejos. Meditei muito nisso e cheguei à conclusão de que não fica bem ao meu amo ser arcebispo, porque sou inútil para a Igreja, sendo casado; e andar agora a inventar dispensas, para poder receber rendas eclesiásticas, tendo, como tenho, mulher e filhos, seria um nunca acabar. Assim, senhor, o ponto está em que se case logo o meu amo com esta senhora, que não chamo pelo nome, porque até agora não sei a sua graça.

— Chama-se princesa Micomicona — respondeu o cura —, porque, chamando-se o seu reino Micomicão,[3] claro está que ela se há de chamar assim.

— Não há dúvida — replicou Sancho —; tenho visto muita gente tomar o apelido e alcunha do lugar onde nasceu, chamando-se Pedro de Alcalá, João de Úbeda e Diogo de Valladolid; também deve ser uso, lá na Guiné, tomarem as rainhas os nomes dos seus reinos.

— Certamente — disse o cura —; e quanto a casar-se o vosso amo, porei nisto todo o meu empenho.

Alegrou-se muito Sancho, e pasmou-se o cura com a simplicidade dele e mais por ver que tinha encasquetados na imaginação os mesmos disparates que o amo, pois sem dúvida nenhuma acreditava que ainda havia de vir a ser imperador.

Já Doroteia estava sentada na mula do cura e o barbeiro tinha colado ao rosto a barba de rabo de boi. Pediram a Sancho que os guiasse até onde estava Dom Quixote, recomendando-lhe que não dissesse que conhecia o licenciado, nem o barbeiro, porque em não reconhecê-los é que residia o segredo de vir o seu amo a ser imperador. Cardênio e o cura não quiseram acompanhá-los, para que se não lembrasse Dom Quixote da pendência que com o primeiro tivera e também porque a presença do cura ainda não era necessária; seguiram, por isso, a pé, deixando que os outros fossem na frente. O cura recomendou a Doroteia o que devia fazer; ao que ela retrucou que não se preocupasse, que tudo sairia a contento e exatamente como o descreviam e pediam os livros de cavalaria.

Três quartos de légua teriam andado, quando descobriram Dom Quixote entre umas intrincadas penhas, já vestido, embora não armado. Assim que Doroteia o viu e foi informada por Sancho de que era aquele Dom Quixote, chicoteou o seu palafrém, seguida do barbadíssimo barbeiro. Ao chegarem junto do fidalgo, o escudeiro se lançou da mula e correu a tomar Doroteia nos braços; esta, apeando-se com grande desenvoltura, se foi atirar de joelhos aos pés de Dom Quixote. Conquanto ele pelejasse por levantá-la, ela resistiu, e se pôs a falar-lhe desta maneira:

— Não me erguerei daqui, ó valoroso e esforçado cavaleiro! até que a vossa bondade e cortesia me outorguem um dom, que redundará em crédito e prol da vossa pessoa e em favor da mais desconsolada e ofendida donzela que o sol jamais viu. Se o valor do vosso braço forte corresponder à voz de vossa fama imortal, estais na obrigação de socorrer a desventurada, que de tão longes terras vem ao cheiro do vosso famoso nome, buscando-vos como remédio para reparar as suas desditas.

— Não vos responderei palavra, formosa senhora — replicou Dom Quixote —, e nada mais ouvirei do vosso caso, enquanto não vos levanteis do chão.

— Não me levantarei, senhor — continuou a donzela aflita —, se primeiro não me outorgar a vossa cortesia o dom que vos peço.

— Eu vo-lo outorgo e concedo — respondeu Dom Quixote — contanto que não se haja de cumprir em prejuízo ou míngua do meu rei, da minha pátria e daquela que tem a chave do meu coração e da minha liberdade.

— Não será em prejuízo e míngua dos que dizeis, meu bom senhor — replicou a sentida donzela.

Nisto, chegou-se Pança ao ouvido do amo e lhe disse baixinho:

— Bem pode vosmecê, senhor, conceder-lhe o dom que pede, que é coisa de nada: só quer matar um gigantaço; e quem o pede é a alta princesa Micomicona, rainha do grande reino Micomicão, da Etiópia.

— Seja quem for — respondeu Dom Quixote —, farei o a que sou obrigado e o que me dita a consciência, conforme à profissão que tenho.

E voltando-se para a moça:

— Levante-se vossa grande formosura, que lhe outorgarei o dom que me quiser pedir.

— O que peço — disse a donzela — é que venha já comigo a vossa magnânima pessoa aonde eu o levar, e me prometa que não se há de meter noutra aventura, nem em questão alguma, enquanto não me vingar de um traidor que, contra todo direito divino e humano, usurpou o meu reino.

— Digo que assim o outorgo — respondeu Dom Quixote —; e assim podeis, senhora, de hoje para sempre, perder a melancolia que vos fatiga e fazer que a vossa esmorecida esperança recobre novos brios e forças; pois, com a ajuda de Deus e do meu braço, prestes vos vereis restituída a vosso reino e estareis sentada no trono do vosso antigo e grande Estado, apesar e a despeito dos velhacos que vo-lo querem disputar. Agora, mãos à obra, pois na demora é que está o perigo, como se costuma dizer.

A necessitada donzela forcejou quanto pôde por lhe beijar as mãos; mas Dom Quixote, que era em tudo comedido e cortês cavaleiro, não lho consentiu; antes a fez erguer-se e abraçou-a com muita cortesia e comedimento, mandando a Sancho que aparelhasse o Rocinante e o armasse a toda a pressa. Sancho retirou as armas, que pendiam de uma árvore como troféus, e, encilhando o cavalo, num abrir e fechar de olhos o aprontou para o amo. Este, vendo-o aparelhado, disse:

— Partamos, em nome de Deus, a socorrer esta grande senhora.

O barbeiro ainda estava de joelhos, fazendo grande esforço para conter o riso e para que lhe não caísse a barba com o que iriam por terra todas as suas boas intenções. Mas, vendo que o dom já fora outorgado e que Dom Quixote diligentemente se aprestava a cumpri-lo, ergueu-se e segurou a dama pela outra mão. Ambos a fizeram subir na mula. Dom Quixote montou o Rocinante e o barbeiro se acomodou na sua cavalgadura, indo Sancho a pé, o que o levou a lamentar de novo a perda do asno, que tanta falta lhe fazia agora. Sentia-se contente, porém, por lhe parecer que já o amo estava a caminho e muito perto de ser imperador. Julgava, sem dúvida alguma, que ele se ia casar com aquela princesa e ser, pelo menos, rei de Micomicão. A única coisa que o molestava era pensar que aquele reino era em terra de negros e que a gente, que lhe dessem por vassalos, havia de ser toda negra. Para isso, contudo, imaginou logo um bom remédio, e disse, de si para si: "Que se me dá a mim que meus vassalos sejam negros? Não há mais que carregar com eles e embarcá-los para a Espanha, onde os poderei vender e onde mos comprarão em dinheiro de contado. Com esse dinheiro, poderei arranjar algum título, ou algum ofício, que me permita viver descansado o resto da minha vida. Não, não hei de ser tolo; e não me hão de faltar engenho e habilidade para dispor as coisas e vender 30 ou 10 mil vassalos por dá cá aquela palha. Por Deus que os hei de arrebanhar, pequenos e grandes de mistura, ou como puder; e, por negros que sejam, os hei de tornar brancos, ou amarelos.[4] Venham eles, e hão de ver se chupo o dedo!" Com isto andava tão solícito e tão contente, que até se lhe dissipara a pena de ir a pé.

Por detrás de uma moita, Cardênio e o cura miravam tudo e não sabiam o que fazer para juntar-se aos outros. Mas o cura, que era grande planejador, logo imaginou o que fariam para conseguir o que desejavam. Com uma tesoura, que trazia num estojo, cortou apressadamente a barba de Cardênio, vestiu-o com um capotezinho pardo que tirou de si e deu-lhe um ferragoulo preto, ficando ele em calças e gibão. Tão transformado apareceu Cardênio, que ele próprio não se reconheceria, se se mirasse num espelho.

Feito isto, já tendo os outros passado adiante, enquanto eles se disfarçavam, chegaram facilmente à estrada real antes daqueles, porque o mau piso e as agruras daqueles lugares não permitiam que andassem tão depressa os cavaleiros como os peões. Efetivamente, estes últimos chegaram à planície no sopé da serra, e quando saíram dela Dom Quixote e seus camaradas, pôs-se o cura a mirá-lo bastante tempo, dando mostras de o estar reconhecendo; depois de mirá-lo um bom pedaço, lançou se a ele de braços abertos, dizendo em voz alta:

— Bem aparecido seja o espelho da cavalaria, o meu bom compatriota Dom Quixote de la Mancha, flor e nata da gentileza, amparo e remédio dos necessitados, quintessência da cavalaria andante.

E dizendo isto, o abraçava pelo joelho da perna esquerda. Dom Quixote, espantado com o que via e ouvia dizer e fazer aquele homem, pôs-se a mirá-lo com atenção; por fim o reconheceu e ficou como que atônito por vê-lo; forcejou por apear-se, mas o cura não lho consentiu. Entretanto, Dom Quixote insistia:

— Deixe-me vosmecê, senhor licenciado, pois não há razão para que esteja eu a cavalo, e uma tão reverenda pessoa como vosmecê a pé.

— Não consinto de modo algum — disse o cura —; esteja vossa grandeza a cavalo, pois a cavalo é que ultima as maiores façanhas e aventuras que jamais se viram em nossa época; a mim, que sou indigno sacerdote, basta-me subir nas ancas de uma destas mulas dos cavaleiros que com vosmecê caminham, se mo não levam a mal. Farei de conta que vou montado no cavalo Pégaso, ou na zebra ou alfana em que cavalgava o famoso mouro Mussaraque, que jaz até hoje encantado na grande encosta Zulema, pouco distante da grande Compluto.[5]

— Não pensara eu nisso, senhor licenciado — respondeu Dom Quixote —; e sei que a princesa, minha senhora, será servida, por amor de mim, mandar ao seu escudeiro que dê a vosmecê a sela da sua mula; ele poderá acomodar-se nas ancas, se a mula o permitir.

— Certamente permite — respondeu a princesa —; e também sei que não será preciso mandar ao senhor meu escudeiro, que assim proceda, pois, sendo ele tão cortês e cortesão, não consentirá que uma pessoa eclesiástica vá a pé, podendo ir a cavalo.

— Assim é — observou o barbeiro.

E, apeando-se logo, ofereceu a sela ao cura e este a ocupou, sem se fazer muito de rogado. O mau foi, porém, que, ao subir o barbeiro para as ancas, a mula, que era de aluguer (e isto basta, para mostrar que era má), alçou um pouco os quartos traseiros e deu dois coices no ar, que, a dá-los no peito de mestre Nicolau, ou na cabeça, dera ele ao diabo o ter vindo por causa de Dom Quixote. Apesar de tudo, sobressaltou-se de tal maneira, que rolou ao chão com tão pouco cuidado nas barbas, que também estas lhe caíram. Quando se viu sem elas, não teve outro remédio senão cobrir o rosto com ambas as mãos e queixar-se de que lhe haviam derrubado os queixais.

Dom Quixote, vendo todo aquele maço de barbas, sem a queixada e sem sangue, caído longe do rosto do escudeiro, exclamou:

— Valha-me Deus! Que grande milagre! Barbas caídas e arrancadas do rosto, como se as tivessem tirado à mão!

O cura, percebendo o perigo de ser descoberto o seu invento, acudiu logo às barbas e foi-se com elas até onde jazia mestre Nicolau ainda aos gritos, e, de um golpe, chegando-lhe a cabeça ao seu peito, colocou-as no lugar, murmurando umas palavras que, segundo afirmou, eram de um salmo apropriado para pregar barbas caídas, como o veriam. Quando as viu repostas, afastou-se, deixando o outro tão bem barbado e tão são como antes, do que muito se admirou Dom Quixote. Rogou este ao cura que, quando tivesse tempo, lhe ensinasse aquele salmo, pois julgava que sua virtude devia ser maior que a de pregar barbas: é claro que, de onde se arrancam as barbas, há de ficar a carne chagada e lesada, e se agora estava tudo são outra vez, é porque o remédio mais do que a barbas aproveitava.

— Assim é — disse o outro.

E prometeu que lho ensinaria na primeira ocasião. Combinaram que, por então, montasse primeiro o cura e se fossem os três revezando, até chegarem à venda, que estaria a cerca de duas léguas dali. Postos os três a cavalo, a saber, Dom Quixote, a princesa e o cura, e os outros três a pé, a saber, Cardênio, o barbeiro e Sancho Pança, disse Dom Quixote à donzela:

— Guie-me Vossa Grandeza, senhora minha, por onde melhor lhe aprouver.

E antes que ela respondesse, disse o licenciado:

— A que reino quer guiar Vossa Senhoria? Ao de Micornicão, porventura? Deve ser este, ou pouco sei de reinos.

Ela, que estava por tudo, entendeu que havia de responder afirmativamente, e disse:

— Sim, senhor, é a esse reino mesmo que me dirijo.

— Se é assim — disse o cura — havemos de passar no meio de minha aldeia e dali tomará vosmecê a rota de Cartágena, onde, com o favor de Deus, poderá embarcar; e se o vento for propício, o mar tranquilo e sem borrasca, em pouco menos de nove anos se poderá estar diante da grande lagoa Meona, digo, Meótides,[6] que fica a pouco mais de cem jornadas para cá do reino de vossa grandeza.

— Vosmecê está enganado, meu senhor — disse ela —, porque ainda não faz dois anos que dele parti e, na verdade, nunca tive bom tempo; mas, apesar de tudo, cheguei a ver o que tanto desejava: o senhor Dom Quixote de la Mancha, cujas novas me chegaram aos ouvidos mal pus os pés na Espanha, incitando-me a buscá-lo, para me encomendar à sua cortesia e fiar a minha justiça no valor do seu braço invencível.

— Basta de louvores meus — disse Dom Quixote —, pois sou inimigo de todo gênero de adulação; e ainda que esta não o seja, mesmo assim ofendem meus ouvidos castos semelhantes práticas. O que sei dizer, minha senhora, é que, tenha eu valor ou não, o que tiver ou não tiver se há de empregar no vosso serviço, até perder a vida. Assim, deixando isto para seu tempo, rogo ao senhor licenciado me diga o motivo que o fez vir a estas partes tão sozinho, tão sem criados e tão ligeiramente trajado que me causa espanto.

— Responderei a isso em poucas palavras — atalhou o cura. — Saiba vosmecê, senhor Dom Quixote, que eu e mestre Nicolau, nosso amigo e nosso barbeiro, íamos a Sevilha cobrar certa quantia que um parente meu, que há muitos anos se passou às Índias, de lá me tinha enviado; e não é coisa pouca, pois vai além dos 60 mil pesos bem contados, e vale muito mais. Passando ontem por estes lugares, saíram-nos ao encontro quatro salteadores, que nos arrancaram até as barbas; e o fizeram de tal modo, que o barbeiro teve que pôr outras postiças, e até este mancebo que aqui vai (apontando para Cardênio) o puseram como novo. O bonito é que, por todas estas cercanias, corre a fama de que os nossos salteadores, são uns forçados das galés, que se dizem libertados quase neste mesmo sítio por um homem tão valente que, apesar do comissário e dos guardas, os soltou a todos. Sem dúvida alguma, esse homem devia estar doido, ou então é tão velhaco como eles, talvez algum homem sem alma e sem consciência, pois quis soltar o lobo entre as ovelhas, a raposa entre as galinhas, a mosca no mel; quis fraudar a justiça e ir contra o seu rei e natural senhor, já que foi contra os seus justos mandamentos; quis, digo eu, tirar às galeras os seus pés,[7] pôr em alvoroço a Santa Irmandade,[8] que havia muitos anos repousava; quis finalmente consumar uma façanha, por onde se lhe perde a alma e nada ganha o corpo.

Sancho tinha contado ao cura e ao barbeiro a aventura dos galeotes, que o amo levara a cabo com tanta glória; por isso, insistia e repisava no assunto o cura, para ver o que faria ou diria Dom Quixote. A cada palavra, este mudava de cor, sem ousar dizer que fora ele o libertador daquela boa gente.

— Foram esses que nos roubaram — rematou o cura. — Que Deus, por sua misericórdia, perdoe àquele que não os deixou chegar ao merecido castigo.

# CAPÍTULO XXX

## *Que trata da discrição da formosa Doroteia e de outras coisas de muito gosto e passatempo*

Mal tinha acabado o cura, quando Sancho disse:

— Pois quem praticou essa façanha, senhor licenciado, foi o meu patrão, é o que lhe digo; e olhe que, antes, eu o avisei e pedi que visse bem o que fazia, pois era pecado conceder-lhes liberdade, visto que todos ali estavam por grandíssimos velhacos.

— Idiota! — interrompeu Dom Quixote —; aos cavaleiros andantes não compete nem toca averiguar se os aflitos, acorrentados e oprimidos, que se encontram pelos caminhos, vão daquela maneira ou estão naquela angústia por suas culpas, ou por serem desgraçados; só lhes toca ajudá-los como a necessitados, considerando-lhes as penas, e não as velhacarias. Encontrei uma enfiada, um rosário de gente mofina e desditosa, e fiz com ela o que a minha religião me pede, pouco se me dando o resto. E a quem o desaprova, salva a santa dignidade do senhor licenciado e a sua honrada pessoa, digo que pouco sabe dos contratempos da cavalaria e que mente como um *hideputa*[1] e malnascido. E isto o farei provar com a minha espada, onde mais largamente se contém.[2]

Estas palavras, proferiu-as firmando-se nos estribos e preparando o morrião, porque a bacia de barbeiro, que para ele era o elmo de Mambrino, levava-a pendurada no arção dianteiro, para reparar os maus-tratos que lhe tinham infligido os galeotes.

Doroteia, que era discreta e muito graciosa, como quem já sabia o minguado humor de Dom Quixote e a chalaça em que todos o levavam, menos Sancho Pança, não quis ficar atrás; e vendo-o tão aborrecido, lhe disse:

— Senhor cavaleiro, lembre-se vosmecê do favor que me prometeu, segundo o qual não se pode meter noutra aventura, por urgente que seja. Tranquilize-se vosmecê, pois se o senhor licenciado soubesse que os galeotes foram libertados por esse braço invicto, teria dado três pontos na boca e mordido três vezes a língua, antes de haver dito palavra que redundasse em desdouro de vosmecê.

— Juro que sim — concordou o cura —; e teria até arrancado o bigode, se o tivesse.

— Ficarei calado, minha senhora — disse Dom Quixote —; hei de reprimir a justa cólera que já me lavra no peito e ficarei quieto e pacífico, até que possa cumprir o que vos prometi. Mas em paga deste bom desejo vos suplico me digais, se vos não der incômodo, qual é a vossa mágoa, e quantas, quem e quais são as pessoas, de quem vos hei de dar devida, satisfatória e completa vingança.

— De bom grado vo-lo direi — respondeu Doroteia — se não vos enfada ouvir lástimas e desgraças.

— Não enfadará, minha senhora — replicou Dom Quixote.

Ao que respondeu Doroteia:

— Pois se é assim, prestem-me atenção vosmecês.

A estas palavras, Cardênio e o barbeiro se lhe puseram ao lado, desejosos de ver como fingia sua história a discreta Doroteia. O mesmo fez Sancho, tão enganado com ela como o amo. A moça, depois de se firmar bem na sela e de se prevenir tossindo e fazendo outros ademanes, começou a falar, com muita graça:

— Primeiramente, quero que vosmecês saibam, meus senhores, que a mim me chamam...

Aqui se deteve um pouco, por ter esquecido o nome que lhe havia posto o cura; este, porém, acudiu com o remédio porque lhe notou a hesitação, e disse:

— Não admira, minha senhora, que vosmecê se perturbe e titubeie contando as suas desventuras, pois costumam estas ser tais que, muitas vezes, tiram a memória aos que maltratam, a ponto de não mais se lembrarem dos seus próprios nomes, como sucedeu a vossa grande senhoria, que se esqueceu de que se chama princesa Micomicona, legítima herdeira do grande reino Micomicão. Com este apontamento, pode vossa grandeza trazer agora facilmente à sua lastimosa memória tudo o que quiser contar.

— Na verdade — respondeu a donzela — creio que, daqui por diante, não será mais preciso lembrar-me de nada, pois chegarei a bom porto com a minha história verdadeira, que é a seguinte: O rei, meu pai, que se chamava Tinácrio, o Sábio, foi muito douto nisto a que chamam arte mágica e, por sua ciência, conseguiu saber que minha mãe, que se chamava rainha Charamela, morreria primeiro que ele; e que também ele, dentro de pouco tempo, passaria desta para melhor, ficando eu órfã de pai e mãe. Dizia ele, todavia, que o que mais o fatigava não era isso, mas a confusão de saber, com toda a certeza, que um descomunal gigante, senhor de uma grande ilha que quase confronta com o nosso reino, chamado Pandafilando da Vista Fosca (porque é coisa averiguada que, embora tenha os olhos justos no lugar e direitos, sempre olha de revés como se fora vesgo, o que ele faz por mau e para amedrontar e espantar os que olha); digo que soube que este gigante, sabedor da minha orfandade, iria atravessar o meu reino com grande poderio e mo haveria de roubar todo, sem deixar sequer uma aldeia onde pudesse eu recolher-me. Soube também que poderia livrar-me de toda esta ruína e desgraça se me quisesse casar com ele. Meu pai, contudo, julgou que jamais teria eu vontade de fazer tão desigual casamento; e era a pura verdade, pois jamais me passou pela ideia casar-me com tal gigante, nem com qualquer outro, por grande e desaforado que fosse. Disse também meu pai que, depois que ele morresse e eu visse que Pandafilando principiava a passar sobre o meu reino, não devia esperar na defensiva, o que seria destruir-me, mas devia deixá-lo passar livremente pelo reino, se quisesse evitar a morte e a total destruição dos meus bons e leais vassalos, já que não me seria possível lutar contra a força diabólica do gigante. Rematou, dizendo que eu devia pôr-me desde logo a caminho de Espanha, com alguns dos meus, e que acharia ali remédio para os meus males, achando um cavaleiro andante, cuja fama então se estenderia por todo este reino, e que se devia chamar, se bem me lembro, Dom Chicote ou Dom Gigote.[3]

— Dom Quixote teria dito, senhora — interrompeu Sancho Pança —; ou, por outro nome, o Cavaleiro da Triste Figura.

— É isso mesmo — confirmou Doroteia. — Disse mais que havia de ser alto de corpo, seco de rosto, e que, do lado direito, debaixo do ombro esquerdo, ou por ali perto, devia ter um sinal pardo, com alguns cabelos, a modo de cerdas.

Ouvindo isto, disse Dom Quixote ao escudeiro:

— Vem cá, Sancho, meu filho; ajuda-me a despir, pois quero ver se sou mesmo o cavaleiro a que se referia a profecia deste sábio rei.

— Para que quer vosmecê despir-se? — inquiriu Doroteia.

— Para ver se tenho o sinal a que se referiu o vosso pai — respondeu Dom Quixote.

— Não há para que despir-se — ponderou Sancho —, pois sei que vosmecê tem mesmo um sinal desses no meio do espinhaço, prova de ser homem forte.

— Basta — interveio Doroteia —; com os amigos não se tratam ninharias, pouco importando que o sinal esteja no ombro, ou no espinhaço. É bastante que o sinal exista, seja onde for, pois tudo é a mesma carne; e, sem dúvida, andou certo o meu bom pai, como o andei eu, encomendando-me ao senhor Dom Quixote, que é quem meu pai me indicou, visto coincidirem os sinais do rosto com os da boa fama de que goza este cavaleiro, não somente na Espanha, mas em toda a Mancha. Digo isto porque, mal desembarquei em Osuna, ouvi contar tantas façanhas suas, que logo me veio a ideia de ser ele o mesmo homem que eu procurava.

— Mas como desembarcou vosmecê em Osuna, minha senhora — perguntou Dom Quixote —, se não é porto de mar?

Antes que Doroteia respondesse, apressou-se o cura em corrigir:

— A senhora princesa deve ter querido dizer que, após desembarcar em Málaga, foi Osuna o primeiro lugar onde ouviu falar de vosmecê.

— É isso mesmo — disse Doroteia.

— E diz muito bem — acrescentou o cura —; mas prossiga vossa majestade.

— Em prosseguimento — acudiu Doroteia —, me resta dizer que tive a boa sorte de achar o senhor Dom Quixote e que, por isso, já me julgo rainha e senhora de todo o meu reino; pois ele, por sua cortesia e magnificência, me prometeu a mercê de ir comigo aonde quer que eu o leve, que não será a outra parte senão a pô-lo diante de Pandafilando da Vista Fosca, para dar cabo deste e me restituir o que tão contra a razão me usurpou. E tudo há de acontecer como a pedir de boca,[4] pois assim o profetizou Tinácrio, o Sábio, meu bom pai, que também disse e escreveu em letras caldaicas, ou gregas (que não as sei ler), que se este cavaleiro da profecia, depois de haver degolado o gigante, quisesse casar comigo, eu me outorgasse logo, sem réplica alguma, por sua legítima esposa e lhe desse a posse do meu reino, juntamente com a da minha pessoa.

— Que te parece, amigo Sancho? — interrompeu neste ponto Dom Quixote. — Não ouves o que ela fala? Não te disse eu? Temos ou não temos já um reino que governar e uma rainha com quem casar?

— Isto juro eu! — disse Sancho. — Para *el puto*[5] que não se casar abrindo o gasnete do senhor Pandafilado! E olhe que a rainha não é nada má! Assim fossem as pulgas da minha cama!

Dizendo isto, deu duas cambalhotas no ar, com mostras de grandíssimo contentamento, e foi logo tomar as rédeas da mula de Doroteia. Fez a moça deter-se, pôs-se de joelhos diante dela e suplicou-lhe que lhe desse as mãos para beijar, em sinal de que a recebia por sua rainha e senhora.

Qual dos circunstantes não haveria de rir, vendo a loucura do amo e a simplicidade do criado? Efetivamente, Doroteia estendeu as mãos e prometeu fazê-lo grande senhor no seu reino, quando lhe fizesse o céu tantos benefícios que lhe fosse possível cobrá-lo e gozá-lo. Agradeceu-lhe Sancho com tais palavras, que em todos renovou o riso.

— Eis a minha história, senhores — prosseguiu Doroteia —; só me resta dizer-vos que, de quanta gente de acompanhamento trouxe do meu reino, não me sobrou senão este bom escudeiro barbicha, porque se afogaram todos numa grande borrasca que tivemos à vista do porto. Ele e eu viemos à terra em duas tábuas, como por milagre; milagre e mistério, aliás, são todo o decurso da minha vida, como já haveis notado. Se em algo me excedi, ou não andei tão acertada como devera, a culpa está no que disse o senhor licenciado, no início do meu conto: que os trabalhos contínuos e extraordinários tiram a memória a quem os padece.

— É coisa que a mim não me hão de tirar, ó alta e valorosa senhora! — exclamou Dom Quixote. — Por maiores e nunca vistos que sejam os feitos que eu praticar a vosso serviço. Reafirmo a promessa que vos fiz e juro ir convosco ao fim do mundo, até me defrontar com o vosso feroz inimigo, a quem penso, com a ajuda de Deus e do meu braço, decepar a cabeça soberba com os fios desta... não quero dizer boa espada, pois Ginês de Passamonte me levou a minha.[6]

Isto disse entre dentes, e prosseguiu:

— Depois de lha ter decepado e de ter-vos sentado na pacífica posse do vosso estado, ficará a vosso arbítrio fazer da vossa pessoa o que melhor vos aprouver; porque, enquanto eu tiver ocupada a memória e cativa vontade, perdido o entendimento por aquela... Não digo mais, porque não posso atrever-me, nem por pensamento, a casar, ainda que fosse com a ave fênix.

Soou tão mal a Sancho este propósito do amo de não querer casar, que, com grande enfado, alçando a voz, disse:

— Aposto e juro, de mim para mim, que vosmecê, senhor Dom Quixote, não está em seu juízo perfeito. Pois como é possível que ponha vosmecê em dúvida o casar-se com tão alta princesa como esta? Pensa que em cada canto lhe há de oferecer a fortuna ventura semelhante à que lhe oferece agora? Será por acaso mais formosa a minha senhora Dulcineia? Não, certamente, nem mesmo pela metade; digo mesmo que não chega aos sapatos desta que está diante de nós. Assim é que não vejo jeito de alcançar o condado que espero; pois vosmecê anda a querer buscar legumes no mar![7] Case-se, case-se logo, ou que o leve o diabo: tome conta desse reino, que lhe está vindo às mãos de *vobis vobis;*[8] e, quando for rei, faça-me marquês ou adiantado. Quanto ao resto, que vá tudo para o inferno.

Escutando tais blasfêmias contra a sua senhora Dulcineia, Dom Quixote não as pôde suportar e, erguendo a lança, sem dizer palavra a Sancho e sem nem ao menos lhe dar tempo de esquivar-se, lhe arremessou tais bordoadas, que deu com ele em terra; e se não fosse Doroteia ter gritado que lhe não desse mais, sem dúvida lhe tiraria ali a vida.

— Pensas, ruim vilão — disse-lhe ao cabo de um instante —, que hei de sempre aturar-te e que tudo há de ser errares tu e perdoar-te eu? Pois não o penses assim, velhaco excomungado, que sem dúvida o és, já que soltaste a língua contra a incomparável Dulcineia. Acaso não sabes, rufião, mariola, biltre, que se não fosse pelo valor que ela infunde ao meu braço, não teria eu força para matar uma pulga? Dize-me, socarrão de língua viperina, quem pensas que ganhou este reino e cortou a cabeça deste gigante, e te fez a ti marquês (o que tudo já dou por feito e por coisa passada em julgado), senão o valor de Dulcineia, usando o meu braço como instrumento das suas façanhas? Ela peleja em mim, e vence em mim; eu vivo e respiro nela, nela tenho vida e ser. Ó *hideputa*,[9] velhaco, como és ingrato! Vens do lodo, ganhas um título — e a tal generosidade correspondes, falando mal de quem te beneficiou!

Não estava Sancho tão atordoado que não ouvisse tudo quanto lhe disse o amo. Levantou-se com certa presteza, foi pôr-se por trás do palafrém de Doroteia e dali respondeu ao amo:

— Diga-me, senhor: se vosmecê resolveu não se casar com esta grande princesa, claro está que o reino não será seu; e não o sendo, que mercês me pode então fazer? É disso que me queixo. Case-se vosmecê de olhos fechados com esta rainha, já que a temos aqui agora como que chovida do céu, e depois pode ir à procura da minha senhora Dulcineia; porque deve ter havido reis no mundo que viveram amancebados. No que toca à formosura, não me intrometo, pois, para falar verdade, ambas me parecem bem, posto que nunca vi a senhora Dulcineia.

— Como não a viste, traidor blasfemo? — disse Dom Quixote —; não acabas de trazer-me um recado dela?

— Digo que não a vi tão demoradamente — corrigiu Sancho — que pudesse ter notado particularmente a sua formosura e os seus bons traços, ponto por ponto; mas, no conjunto, me pareceu bem.

— Por agora te desculpo — disse Dom Quixote —; perdoa-me se te machuquei; os primeiros impulsos não estão nas mãos do homem.

— Bem o sei — retrucou Sancho — pois, em mim, a vontade de falar é sempre um primeiro impulso; não posso deixar de dizer, uma vez ao menos, o que me vem à língua.

— Com tudo isso — advertiu Dom Quixote —, vê bem como falas, Sancho, porque tantas vezes vai o cântaro à fonte, que... Não te digo mais nada.

— Pois bem — observou Sancho: — Deus que está no céu e tudo vê, será juiz de quem faz maior mal: eu por não falar bem, ou vosmecê por não o fazer.

— Vamos parar com isso — interrompeu Doroteia —; correi, Sancho, e beijai a mão do vosso senhor, pedindo-lhe perdão; daqui por diante, andai mais atento nos vossos louvores e vitupérios, e não digais mal daquela senhora Tobosa, a quem não conheço senão para servi-la, e tende confiança em Deus, que não vos há de privar de um Estado, onde vivais como príncipe.

Aproximou-se Sancho cabisbaixo e pediu a mão ao amo, que lha deu com serena gravidade e, tendo-a ele beijado, deitou-lhe sua bênção. Em seguida, disse a Sancho que o acompanhasse, pois tinha que lhe perguntar e debater com ele coisas de muita importância.

Sancho assim o fez. Apartaram-se ambos um pouco, e Dom Quixote falou:

— Depois que vieste, ainda não tive tempo para te perguntar muitas particularidades acerca da embaixada que levaste e da resposta que trouxeste; agora, que a sorte nos dá tempo e ocasião, não me negues tu a ventura que me podes dar com tão boas notícias.

— Pergunte vosmecê o que quiser — respondeu Sancho — que a tudo darei tão boa saída como o foi a entrada; mas suplico a vosmecê, meu senhor, que não seja, daqui por diante, tão vingativo.

— Por que o dizes, Sancho? — fez Dom Quixote.

— Digo-o — respondeu-lhe o outro — porque estas bordoadas, que agora levei, foram mais pela pendência que entre os dois travou o diabo na outra noite, do que pelo que eu disse contra a minha senhora Dulcineia, a quem amo e reverencio como a uma relíquia, embora nela não a haja, mas só por ser coisa de vosmecê.

— Por vida tua, Sancho, não retornes a essas práticas — disse Dom Quixote — pois me causam aborrecimentos; já te perdoei, e bem sabes que se costuma dizer: “para novo pecado, penitência nova”.

Neste ínterim,[10] viram aproximar-se deles, pelo caminho que seguiam, um homem que cavalgava sobre um jumento, e que mais de perto lhes pareceu cigano. Sancho Pança, que não podia ver asnos sem que atrás lhe fossem os olhos e a alma, mal avistou o homem, reconheceu Ginês de Passamonte e, pelo fio do cigano, viu logo o novelo do seu asno roubado; em verdade, era o seu ruço que o outro montava. Passamonte, a fim de não ser reconhecido e de vender o asno, se havia posto em trajo de cigano, cuja língua sabia falar, igual a muitas outras, que falava como se fossem sua língua nativa.

Mal o viu e o reconheceu, pôs-se Sancho a gritar, em altas vozes:

— Ah! Ginesilho ladrão! Larga a minha prenda, solta a minha vida! Não te despaches com o meu descanso! Deixe o asno, o meu regalo! Foge, puto, retira-te, ladrão, e abandona o que não é teu!

Não eram precisas tantas palavras e injúrias, pois logo à primeira saltou Ginês, e, tomando um trote que mais parecia carreira, num instante afastou-se a perder de vista. Sancho correu para o asno e o abraçou, dizendo:

— Como tens passado, meu bem, menina dos meus olhos, companheiro meu?

Beijava-o e acariciava-o, como se fosse uma pessoa. Calado, o asno se deixava acariciar e beijar por Sancho, sem proferir palavra. Chegaram os outros e lhe deram parabéns pelo achado do ruço, especialmente Dom Quixote, que lhe disse que nem por isso anularia a ordem dos três burricos. Sancho agradeceu-lhe.

Enquanto os dois assim conversavam, disse o cura a Doroteia que ela se portara muito bem, tanto na invenção do conto como na brevidade deste e na semelhança que tinha com os dos livros de cavalaria. Ela respondeu-lhe que muitas horas se havia entretido em lê-los; mas como não sabia onde eram as províncias, nem os portos de mar, dissera às tontas que havia desembarcado em Osuna.

— Bem o percebi — disse o cura — e por isso acudi logo a dizer o que disse, com o que tudo se acomodou. Mas não é estranho ver-se com quanta facilidade crê este desventurado fidalgo em todas estas invenções e mentiras, só porque levam o estilo e a maneira das tolices dos seus livros?

— É verdade — disse Cardênio —; e tão rara e nunca vista, que não sei se, querendo inventá-la e fabricá-la mentirosamente, teria eu tão agudo engenho que pudesse consegui-lo.

— Outra coisa há nele — disse o cura —: é que, fora das tolices que este bom fidalgo diz no tocante à sua loucura, discorre com boas razões se lhe falam noutras coisas, e demonstra em tudo possuir entendimento claro e sereno. Assim, se não lhe falarem em aventuras de cavalaria, ninguém poderá supor que não esteja em seu juízo perfeito.

Enquanto iam os dois nesta conversa, prosseguiu Dom Quixote na sua com Sancho, e lhe disse:

— Deixemos de lado estas nugas e rusgas, amigo Pança, e dize-me agora, sem aborrecimento nem rancor algum, onde, como e quando achaste Dulcineia? Que fazia? Que lhe disseste? Que te respondeu? Que cara fez, quando leu minha carta? Quem transcreveu esta última? Conta-me tudo, sem nada omitires que te pareça digno de saber-se, de perguntar-se ou de narrar-se, e sem que nada acrescentes, ou mintas, para me dar gosto, nem abrevies, para não mo tirares.

— Senhor — respondeu Sancho —, se hei de dizer a verdade, ninguém transcreveu a carta, porque não levei carta alguma.

— É como dizes — acudiu Dom Quixote — porque o livrinho de memórias, onde a escrevi, achei-o em meu poder ao cabo de dois dias da tua partida. Isso me causou grandíssima pena, pois não sabia o que havias tu de fazer quando te visses sem a carta; e sempre pensei que voltarias, tão logo desses pela falta da mensagem.

— Assim o teria feito — respondeu Sancho — se não a tivesse guardado na memória, quando vosmecê a leu para mim. Repeti-a, tal e qual, para um sacristão, que a foi escrevendo à medida que eu ditava, dizendo-me que, em todos os dias da sua vida e dentre as muitas cartas de descomunhão que lera,[11] jamais vira, nem lera, uma carta tão linda como aquela.

— E ainda a tens na memória, Sancho? — inquiriu Dom Quixote.

— Não, senhor — atalhou Sancho — porque, depois que a entreguei, como vi que não teria mais utilidade, dei para esquecê-la. Se ainda lembro de algo, é daquele "soterraria", digo, "soberana senhora", e do final "*Vosso até à morte, o Cavaleiro da Triste Figura*": E, em meio a estas duas coisas, meti mais de trezentas vezes: minha alma, minha vida e olhos meus.

# CAPÍTULO XXXI

## *Da saborosa troca de razões que houve entre Dom Quixote e o seu escudeiro Sancho Pança, com outros sucessos*

— Tudo isso não me desagrada. Continua — disse Dom Quixote. — Quando chegaste, que fazia aquela rainha da formosura? Por certo a encontraste enfiando pérolas, ou bordando alguma divisa com fios de ouro, para este seu cativo cavaleiro.

— Não, não — respondeu Sancho —, encontrei-a a joeirar duas fangas de trigo num curral de sua casa.

— Pois faze de conta — disse Dom Quixote — que os grãos daquele trigo eram grãos de pérolas, quando tocados pelas suas mãos. E reparastes, amigo, se o trigo era candial ou tremês?

— Não, era dumas alimpas — respondeu Sancho.

— Pois te asseguro — disse Dom Quixote — que, tocado pelas mãos dela, virou, sem dúvida alguma, finíssima farinha candial. Mas segue adiante: quando lhe deste a minha carta, ela a beijou? Pô-la sobre a cabeça?[1] Fez alguma cerimônia digna de tal carta? Ou que fez, então?

— Quando eu lha ia dar — respondeu Sancho —, ela estava na azáfama de preparar boa parte do trigo que tinha na joeira, e me disse: “Põe essa carta, amigo, sobre aquele saco, porque só a posso ler depois que acabar de joeirar tudo o que está aqui.”

— Que discreta senhora! — exclamou Dom Quixote. — Com certeza, foi para a ler mais devagar e recrear-se com ela. Adiante, Sancho. Enquanto estava ela nessas tarefas, quais foram os seus colóquios contigo? Que te perguntou de mim? E tu, que lhe respondeste? Acaba, conta-me tudo, não deixes coisa alguma no tinteiro.

— Ela não me perguntou nada — disse Sancho —; eu é que lhe disse de que maneira ficava vosmecê para servi-la fazendo penitência, nu da cintura para cima, embrenhado nestas serras como se fosse selvagem, dormindo no chão, sem comer pão em toalha, sem aparar a barba, chorando e maldizendo sua sorte.

— Fizeste mal em dizer que eu maldizia a minha sorte — observou Dom Quixote —; porque antes a bendigo e a bendirei todos os dias da minha vida, por me ter feito digno de merecer amar tão alta senhora, como Dulcineia del Toboso.

— Tão alta é — respondeu Sancho — que tem de altura um punho a mais do que eu, por Deus!

— Como, Sancho?! — exclamou Dom Quixote —; então tu te mediste com ela?

— Medi-me, sim — replicou Sancho —, por casualidade: é que, aproximando-me para ajudá-la a pôr um saco de trigo sobre um jumento, chegamos tão juntos, que pude ver que ela se avantajava mais de um palmo sobre mim.

— É verdade — retrucou Dom Quixote —; e essa grandeza se faz acompanhar de mil milhões de graças do espírito. Não me negarás uma coisa, porém, Sancho: quando chegaste junto dela, não sentiste um odor sabeu,[2] uma aromática fragrância e um não-sei-quê de bom, que não acerto em lhe dar nome? Digo, uma emanação, um ar assim como se estivesse na tenda de algum curioso luveiro?[3]

— O que sei dizer — replicou Sancho — é que senti um cheirinho de machona, talvez porque ela, com o muito exercício, estava suada e algum tanto sebosa.

— Nada disso — fez Dom Quixote —; naturalmente, tu estavas endefluxado, ou então te cheiraste a ti mesmo; pois bem conheço o cheiro que tem aquela rosa entre espinhos, aquele lírio do campo, aquele âmbar derretido.

— Tudo pode ser — respondeu Sancho — e não admira que muitas vezes saia de mim aquele cheiro, que então me pareceu sair de Sua Mercê, a senhora Dulcineia; mas não há de que maravilhar-se, porque um diabo se parece com outro.

— Está bem — prosseguiu Dom Quixote —; mas, já acabou de limpar o trigo e de o enviar ao moinho; que fez ela, ao ler minha carta?

— Não a leu — disse Sancho —, pois afirmou que não sabia ler, nem escrever; rasgou-a, partindo-a em pedacinhos miúdos e dizendo que não queria que ninguém a lesse para ela, para que no lugar não desconfiassem dos seus segredos; bastava-lhe o que eu verbalmente lhe havia dito acerca do amor que vosmecê lhe votava e da extraordinária penitência a que se entregara por causa dela. Finalmente, mandou que eu dissesse a vosmecê que lhe beijava as mãos e que ali ficava mais desejosa de vê-lo que de escrever-lhe; e que suplicava e ordenava a vosmecê que, vista a presente, saísse desses matagais e deixasse de fazer disparates, pondo-se logo a caminho de Toboso, se outra coisa de maior importância não lhe sucedesse, porque tinha ela grande desejo de ver vosmecê. Riu-se muito, quando lhe disse que vosmecê se chamava o Cavaleiro da Triste Figura. Perguntei-lhe se tinha ido lá o biscainho de outro dia; disse-me que sim e que era um homem muito de bem. Também lhe perguntei pelos galeotes; mas me respondeu que ainda não tinha visto nenhum por aquelas bandas.

— Até agora tudo vai bem — observou Dom Quixote —; dize-me, porém, que joia te deu ela ao despedir-se, pelas novas que de mim levaste? Porque é uso e antigo costume, entre as damas e cavaleiros andantes, dar aos escudeiros, às donzelas ou aos anões, que lhes levam novas dos seus cavaleiros e de suas damas, alguma rica joia de alvíssaras, em agradecimento da mensagem.

— Bom costume esse, não há dúvida; mas deve ter sido nos tempos passados, pois agora só se usa dar um pedaço de pão e queijo, que foi o que me deu a minha senhora Dulcineia, por cima do espigão do muro do pátio, quando me despedi dela; e, para mais minúcias, o queijo era de leite de ovelha.

— É liberal em extremo — disse Dom Quixote —; e se não te deu joia de ouro, foi certamente porque não a tinha ali à mão para dar-ta; mas o que é bom sempre chega, embora tarde; eu a verei, e tudo se arranjará. Sabes do que estou admirado, Sancho? De teres gasto pouco mais de três dias em ir e vir daqui a Toboso, parecendo-me que fugiste e vieste pelos ares, já que daqui até lá são mais de trinta léguas. Por isso, entendo que aquele sábio migromante, que toma conta das minhas coisas e é meu amigo (forçosamente ele existe e tem que existir, pois do contrário eu não seria bom cavaleiro andante), digo, esse tal sábio deve ter-te ajudado a caminhar, sem que tu o sentisses. Há sábios desses, que apanham um cavaleiro andante dormindo na cama e, sem que este saiba como, nem de que maneira, amanhece no dia seguinte a mais de mil léguas de distância do ponto onde anoiteceu. Se não fosse por isso, não se poderiam socorrer uns aos outros os cavaleiros andantes nos perigos, como sucede a todo instante. Acontece, às vezes, estar um pelejando nas serras da Armênia com algum endríago, com algum gigante feroz, ou com outro cavaleiro, levando a pior na batalha e estando a ponto de morrer, quando, de improviso, assoma além, por cima de uma nuvem ou sobre um carro de fogo, outro cavaleiro amigo seu, que pouco antes se achava na Inglaterra, e que o favorece e o livra da morte, encontrando-se à noite de novo em sua casa, ceando muito à vontade, embora haja, entre um e outro lugares, duas ou três mil léguas de distância. E tudo isso se faz por indústria e sabedoria desses sábios encantadores, que tomam conta dos valorosos cavaleiros. Assim, amigo Sancho, não me é difícil crer que em tão breve tempo tenhas ido e vindo deste lugar ao de Toboso, pois, como já disse, algum sábio amigo te deve ter levados pelos ares, sem que tu o sentisses.

— Com certeza foi isso — disse Sancho —, pois juro que o Rocinante andava como se fosse asno de cigano, com azougue nos ouvidos.

— Se levava azougue! — exclamou Dom Quixote —; azougue, e mais uma legião de demônios, que é gente que caminha e faz caminhar, sem cansar-se, a quem quer que se lhe depare. Mas, deixando isso de lado, que te parece a ti que deva fazer agora, em face da ordem, que me enviou a minha senhora, de a ir ver? Embora compreenda que sou obrigado a cumprir a sua ordem, vejo-me também impossibilitado de fazê-lo, já que prometi algo a esta princesa que nos acompanha e a lei da cavalaria me força a cumprir a palavra empenhada, ainda que a contragosto. Por uma parte, me incita e fatiga o desejo de ver a minha senhora; por outra, me impele e chama a prometida fé, e a glória que hei de alcançar nesta empresa. O que pretendo é caminhar depressa e chegar logo aonde está esse gigante; ali chegando, lhe cortarei a cabeça, reporei a princesa pacificamente no governo do seu Estado e, logo, retornarei, para ver a luz que ilumina os meus sentidos. Tais desculpas lhe darei, que ela receberá bem a minha demora, pois verá que tudo redunda em aumento da sua glória e fama, uma vez que tudo o que alcancei, alcanço e alcançarei pelas armas, nesta vida, me vem do favor que ela me dá e de lhe eu pertencer.

— Ai! — fez Sancho —; vosmecê como está doente dos cascos! Diga-me, senhor: pensa vosmecê caminhar tudo isso debalde, e deixar passar e perder um casamento tão rico e tão importante como este, que lhe dará em dote um reino, do qual já ouvi dizer que tem mais de 20 mil léguas de contorno e que é abundantíssimo de todas as coisas necessárias ao sustento da vida humana, maior que Portugal e Castela juntos? Cale-se, por amor de Deus, e tenha vergonha do que disse; tome o meu conselho e perdoe-me, casando-se logo no primeiro lugar onde haja padre; se não, aí está o nosso licenciado, que fará o casamento às maravilhas. Olhe que já tenho idade para dar conselhos e que este, que lhe estou dando, vem a calhar, pois mais vale um pássaro na mão do que dois voando; quem bem está e mal escolhe, não se queixe do mal que lhe suceder.

— Olha, Sancho — respondeu Dom Quixote —, se o conselho, que me dás, de que me case, é para que eu seja logo rei, matando o gigante, e fique em situação de fazer-te mercês e dar-te o prometido, faço-te saber que, sem casar-me, poderei cumprir muito facilmente o teu desejo, pois, antes de entrar na batalha, imporei como condição que, saindo vencedor, já que não me caso, me hão de dar uma parte do reino, para que eu a possa dar a quem quiser, se eu a ganhar, a quem queres tu que a dê, senão a ti?

— É claro — ponderou Sancho —; mas olhe vosmecê se a escolhe à beira-mar, porque, se a vivenda não me agradar, poderei embarcar os meus negros vassalos e fazer deles o que já disse. Por enquanto, não cuide vosmecê de ir ver a minha senhora Dulcineia; vá matar o gigante, e concluamos antes este negócio; que, por Deus, a mim me parece que há de ser de muita honra e proveito.

— Digo-te, Sancho — prosseguiu Dom Quixote —, que estás certo e que tomarei o teu conselho no tocante a ir antes com a princesa, em vez de ver a Dulcineia. Mas não digas nada a ninguém, nem aos que vêm conosco, do que aqui tratamos e resolvemos. Se Dulcineia é tão recatada, que não quer que saibam os seus pensamentos, não fica bem que eu, ou que outro por mim, os descubra.

— Pois se é assim — disse Sancho —, como então quer vosmecê que todos os que vence pelo seu braço se vão apresentar ante a minha senhora Dulcineia? Não lhe parece que isto é o mesmo que firmar o seu nome e anunciar que lhe quer bem e que é seu namorado? Sendo forçoso que se hão de fincar de joelhos diante dela e dizer que vão da parte de vosmecê para lhe prestar obediência, como se poderão encobrir os pensamentos de ambos?

— Oh! — exclamou Dom Quixote. — Que tolo e que simplório és! Não vês Sancho, que isso tudo redunda em sua maior exaltação? Porque deves saber que, neste nosso estilo de cavalaria, é grande honra para uma dama ter muitos cavaleiros andantes que a sirvam, sem que os pensamentos destes vão além de servi-la só por ser ela quem é, não esperando outro prêmio, pelos seus muitos e bons desejos, senão que ela se contente de aceitá-los como cavaleiros seus.

— Com essa espécie de amor — disse Sancho —, já ouvi pregar que se há de amar a Nosso Senhor por si só, sem que nos mova esperança de glória, nem temor de castigo, ainda que eu o quisesse amar e servir pelo que me pudesse ele dar.

— Valha-te o diabo, vilão! — interrompeu Dom Quixote. — Que coisas dizes tu às vezes! Até parece que as estudaste!

— Pois juro que nem sei ler — respondeu Sancho.

Nisto ouviram mestre Nicolau, que, aos gritos, lhes pedia que esperassem um pouco, pois queriam todos deter-se para beber a água de uma fontezinha, que por ali havia. Deteve-se Dom Quixote, com não pouca satisfação de Sancho, que já estava cansado de mentir tanto e temia que o apanhasse o amo em algum lapso, porque, embora soubesse que era Dulcineia lavradora de Toboso, nunca a tinha visto, em toda a sua vida.[4]

Nesse ínterim, Cardênio se tinha vestido com as roupas que Doroteia trazia quando a encontraram; se não eram muito boas, eram bem melhores que as que tirara.

Apearam-se junto à fonte e, com as provisões que o cura arranjara na venda, satisfizeram todos, ainda que pouco, a muita fome que traziam.

Por esse tempo, aconteceu passar por ali um rapaz que, pondo-se a mirar com muita atenção os que estavam na fonte, correu, de repente, para Dom Quixote, e, abraçando-o pelas pernas, começou a chorar fingidamente e a dizer:

— Ah! Meu senhor! Vosmecê não me reconhece? Olhe bem, e há de ver que sou aquele André, que vosmecê soltou da azinheira onde estava preso.[5]

Reconhecendo-o, Dom Quixote o tomou pela mão e, voltando-se para os circunstantes, disse:

— Para que vejam vosmecês como é importante haver no mundo cavaleiros andantes, que desfaçam tortos e agravos cometidos pelos insolentes e perversos que nele habitam, saibam que, há alguns dias atrás, passando eu por um bosque, ouvi gritos dolorosos, como de pessoa aflita e necessitada. O meu dever me fez logo acudir ao lugar de onde me pareceu que partiam aquelas vozes lastimosas, e ali achei, atado a uma azinheira, este rapaz, que agora está diante de mim: com o que muito folgo na alma, pois será testemunha do que digo e não me deixará mentir. Estava ele atado a uma azinheira, repito, nu da barriga para cima, enquanto um vilão, que soube depois ser seu patrão, o açoitava com as rédeas de uma égua. Logo que o vi, perguntei a causa de tão atroz vilipêndio; respondeu o biltre que o açoitava porque era seu criado e que certos descuidos, que tinha, pareciam mais de ladrão que de simplório. Ao que este menino respondeu: “Senhor, ele me bate só porque lhe peço o meu salário.” O amo replicou não sei que arengas e desculpas, as quais ouvi, mas não admiti. Em suma: fi-lo soltar o rapaz e jurar que levaria este consigo e lhe pagaria real a real e ainda os juros. Não é verdade tudo isso, André meu filho? Não notaste com quanta autoridade lho ordenei e com quanta humildade ele prometeu fazer tudo o que lhe impus, notifiquei e quis? Responde; não te perturbes, nem hesites; dize a estes senhores o que se passou, para que vejam e considerem como é proveitoso haver pelos caminhos cavaleiros andantes, como eu disse.

— Tudo o que vosmecê está dizendo é muita verdade — respondeu o rapaz —, mas o negócio acabou muito ao contrário do que vosmecê imagina.

— Como ao contrário? — replicou Dom Quixote. — Então o vilão não te pagou?

— Não só não me pagou — respondeu o rapaz —, mas também tornou a amarrar-me na mesma azinheira, logo que vosmecê transpôs o bosque e ficamos sós, e de novo me deu tantos açoites, que fiquei como um São Bartolomeu esfolado; e a cada açoite que me dava, zombava de vosmecê com tanta graça, que eu me riria do que ele estava dizendo, se não estivesse sentindo tanta dor. Deixou-me em tal estado, que até agora estive me curando num hospital das contusões que o mau vilão então me causou. Toda a culpa foi de vosmecê, porque, se tivesse seguido o seu caminho, não se intrometesse onde não era chamado e não se importasse com os negócios alheios, o meu amo só me teria dado umas duas dúzias de açoites, e logo me soltaria e pagaria o que me era devido. Mas como vosmecê o destratou tão sem propósito e lhe disse tantas vilanias, acendeu-se-lhe a cólera, e, como não a pôde vingar em vosmecê, quando se viu só descarregou sobre mim a trovoada, a ponto de me parecer que nunca mais serei homem, em toda a minha vida.

— O mal foi eu ter-me ausentado dali — disse Dom Quixote — em vez de ter esperado que ele te pagasse. Por longas experiências já devia eu saber que não há vilão que cumpra a palavra empenhada, se não lhe convier. Lembra-te, porém, André, que eu jurei que o havia de buscar, se ele não te pagasse, e que o haveria de achar, ainda que se escondesse no ventre da baleia.[6]

— É verdade — disse André —, mas não adiantou nada.

— Hás de ver que adianta — replicou Dom Quixote.

E, dizendo isto, ergueu-se apressadamente, mandou Sancho enfrear o Rocinante, que estava pascendo enquanto eles comiam.

Perguntou-lhe Doroteia o que ia fazer. Ele respondeu que ia em busca do vilão, para castigá-lo de tão mau procedimento e fazê-lo pagar a André até o último maravedi, a despeito e apesar de quantos vilões houvesse no mundo. Ao que ela replicou que não era possível, pois lhe havia ele prometido não se meter em nenhuma outra empresa, enquanto não terminasse a dela. Ele sabia isto melhor que qualquer outra pessoa; ficasse quieto, pois, até voltar do seu reino.

— É verdade — respondeu Dom Quixote. — É preciso que André tenha paciência até a volta, como dizeis, senhora; mas torno a jurar e a prometer-lhe que não terei sossego, enquanto não o vir vingado e pago.

— Não me fio em tais juramentos — disse André —; preferia ter agora com o que chegar a Sevilha a obter todas as vinganças do mundo. Dê-me vosmecê, se tem aí, algo que eu possa comer e levar, e fique com Deus e com todos os cavaleiros andantes, que tão bem andantes sejam eles para consigo mesmos como o foram para comigo.

Tirou Sancho do fardo um pedaço de pão e outro de queijo e, dando-os ao moço, lhe disse:

— Tomai, irmão André; que a todos nos cabe parte da vossa desgraça.

— Que parte vos toca a vós? — inquiriu André.

— Esta parte de queijo e pão que vos dou — respondeu Sancho — e que Deus sabe se me fará falta, ou não. Devo informar-vos, amigo, de que os escudeiros dos cavaleiros andantes estamos sujeitos a muita fome e a má sorte, e também a outras coisas que melhor se sentem do que se dizem.

André agarrou o pão e o queijo e, vendo que ninguém lhe dava outra coisa, abaixou a cabeça e pôs sebo às canelas, como se costuma dizer. É bem verdade que, ao partir, disse a Dom Quixote:

— Por amor de Deus, senhor cavaleiro andante, se me encontrar outra vez, embora veja que me despedaçam, não me socorra, nem me ajude; deixe-me com a minha desgraça, que, por maior que seja, nunca há de exceder à que me advirá da ajuda de vosmecê, a quem Deus maldiga, e a todos os cavaleiros andantes que hajam nascido no mundo.

Ia-se levantar Dom Quixote, para castigá-lo; mas ele se pôs a correr de modo que ninguém se atreveu a segui-lo. Dom Quixote ficou envergonhadíssimo do relato de André, e foi preciso que os demais se contivessem bastante para não se rirem e não acabarem de envergonhá-lo.

# CAPÍTULO XXXII

## *Que trata do que sucedeu na venda a toda a quadrilha de Dom Quixote*

Terminada a boa refeição, encilharam logo e, sem que lhes sucedesse coisa digna de contar-se, chegaram no outro dia à venda, espanto e assombro de Sancho Pança. Embora este não quisesse entrar nela, não pôde deixar de fazê-lo. A vendeira, o vendeiro, a filha e Maritornes, que viram chegar Dom Quixote e Sancho, lhes saíram ao encontro com mostras de muita alegria, que o primeiro recebeu com ar grave e aprovador, dizendo-lhes que lhe preparassem melhor leito que da vez passada. Respondeu a hospedeira que lhe daria hospedagem de príncipe, se lhe pagasse melhor que da outra vez. Dom Quixote disse que sim, que o faria, e, por conseguinte lhe preparassem um leito razoável, no mesmo quarto das ferramentas; e ele se deitou logo, porque vinha muito alquebrado e tonto de sono.

Mal se tinha encerrado, quando a hospedeira arremeteu ao barbeiro e, segurando-o pela barba, disse:

— Juro, pelo que há de mais sagrado, que nunca mais se há de aproveitar do meu rabo para sua barba e que me há de devolver a minha cauda; pois o do meu marido anda aí pelo chão, que é uma vergonha: digo, o pente do meu marido, que eu costumava dependurar na minha boa cauda.

Não lha queria dar o barbeiro, por mais que ela puxasse, até que o licenciado ordenou que lha desse, pois já não era mais preciso usar aquele disfarce; convinha que ele se descobrisse e se mostrasse ao natural, dizendo a Dom Quixote que, quando os ladrões das galés o despojaram, ele tinha vindo àquela venda, em fuga; e que, se perguntasse pelo escudeiro da princesa, lhe diriam que o tinha esta enviado à frente, a dar aviso aos do seu reino de como ela ia e levava consigo o libertador de todos.

Com tais explicações, entregou o barbeiro de bom grado à vendeira o rabo, devolvendo-lhe igualmente os demais adereços, que ela havia emprestado para a libertação de Dom Quixote. Espantaram-se todos os da venda com a formosura de Doroteia e também com o belo aspecto de zagal de Cardênio. Mandou o cura que lhes preparassem comida com o que houvesse na venda, e o hospedeiro, esperando melhor paga, diligentemente lhes serviu comida razoável. Enquanto isso, Dom Quixote dormia, e foram de parecer que o não deviam despertar, porque mais proveitoso lhe seria então o dormir que o comer. Durante a comida, o vendeiro, a mulher, a filha, Maritornes e todos os viajantes conversaram sobre a estranha loucura de Dom Quixote e sobre o modo como o haviam achado. Contou-lhes a hospedeira o que tinha acontecido com ele e com o arrieiro; depois olhou em volta, para ver se Sancho estava perto, e, como não o visse, contou também a história da manta, que a todos divertiu. Observou o cura que os livros de cavalaria, que Dom Quixote havia lido, lhe tinham transtornado o juízo. E o vendeiro ponderou:

— Não sei como pôde ser isso, pois na verdade, pelo que entendo, não há melhor leitura no mundo. Tenho ali dois ou três deles, com outros papéis, que verdadeiramente me têm entretido a existência, não só a mim, senão que a muitos outros. Quando é tempo da ceifa, recolhem-se aqui, nos dias de festa, muitos segadores, e sempre há algum que sabe ler e que apanha um destes livros; mais de trinta de nós lhe fazemos roda e o escutamos com tanto gosto, que chegamos a ficar mais novos. De mim, pelo menos, sei dizer que, quando oiço narrar aqueles golpes furibundos e terríveis, descarregados pelos cavaleiros, me dão ganas de fazer outro tanto; e não queria outra vida senão estar a ouvi-los noite e dia.

— E eu, nem mais nem menos — disse a vendeira —, pois não passo hora melhor nesta casa do que aquela em que tu te pões a ouvir leituras; ficas tão embasbacado, que então nem te lembras de brigar.

— É verdade — disse Maritornes —; e por Deus que eu também gosto muito de ouvir aquelas coisas, que são muito lindas, e ainda mais quando narram que está a outra senhora debaixo de umas laranjeiras, abraçada com o seu cavaleiro, e uma velha a guardá-los, morta de inveja e toda sobressaltada. Digo que tudo isso, para mim, são favos de mel.

— E a vós, que vos parece, senhora donzela? — disse o cura, falando à filha do vendeiro.

— Não sei, não, senhor — respondeu ela —; também eu o escuto e, embora não entenda, me dá gosto ouvi-lo; o que me compraz, todavia, não são os lances que meu pai aprecia, mas as lamentações que fazem os cavaleiros quando estão ausentes das suas damas. Na verdade, às vezes até me fazem chorar, de tanta compaixão que me infundem.

— Assim, se chorassem por vós, senhora donzela — observou Doroteia — lhes daríeis remédio?

— Não sei o que faria — respondeu a moça —; só sei que algumas daquelas senhoras tão cruéis são, que os cavaleiros as chamam tigres, leões e outras mil imundícies. Ai, Jesus! Não sei que gente é essa, tão desalmada e tão sem consciência, que, por não apreciar um homem honrado, o deixa morrer ou endoidecer. Não sei para que tanto melindre; se o fazem por honradas, então casem com eles, que não desejam outra coisa.

— Cala-te, menina — disse a vendeira —; assim parece que sabes muito dessas coisas, e não fica bem a uma donzela saber, nem falar tanto.

— Como este senhor me perguntou — explicou ela —, não pude deixar de lhe responder.

— Muito bem — disse o cura —; trazei-me esses livros, senhor hospedeiro, que os quero ver.

— Com muito prazer — respondeu ele.

E entrando no seu aposento, tirou dele uma velha maleta, fechada a cadeado, abriu-a e achou nela três livros grandes e uns papéis escritos com excelente caligrafia. O primeiro livro que abriu foi *Dom Cirongílio de Trácia*;[1] o outro, *Felixmarte de Hircânia*;[2] finalmente, a *História do Grande Capitão Gonçalo Fernandes de Córdoba*, com *A vida de Diogo Garcia de Paredes.*[3]

Apenas leu os dois primeiros títulos, voltou-se o cura para o barbeiro, e disse:

— Fazem-nos falta agora a ama e a sobrinha do meu amigo.

— Não fazem — respondeu o barbeiro —, pois também sei atirá-los ao pátio, ou à chaminé, que está bem acesa.

— Então quer vosmecê queimar os meus livros? — inquiriu o vendeiro.

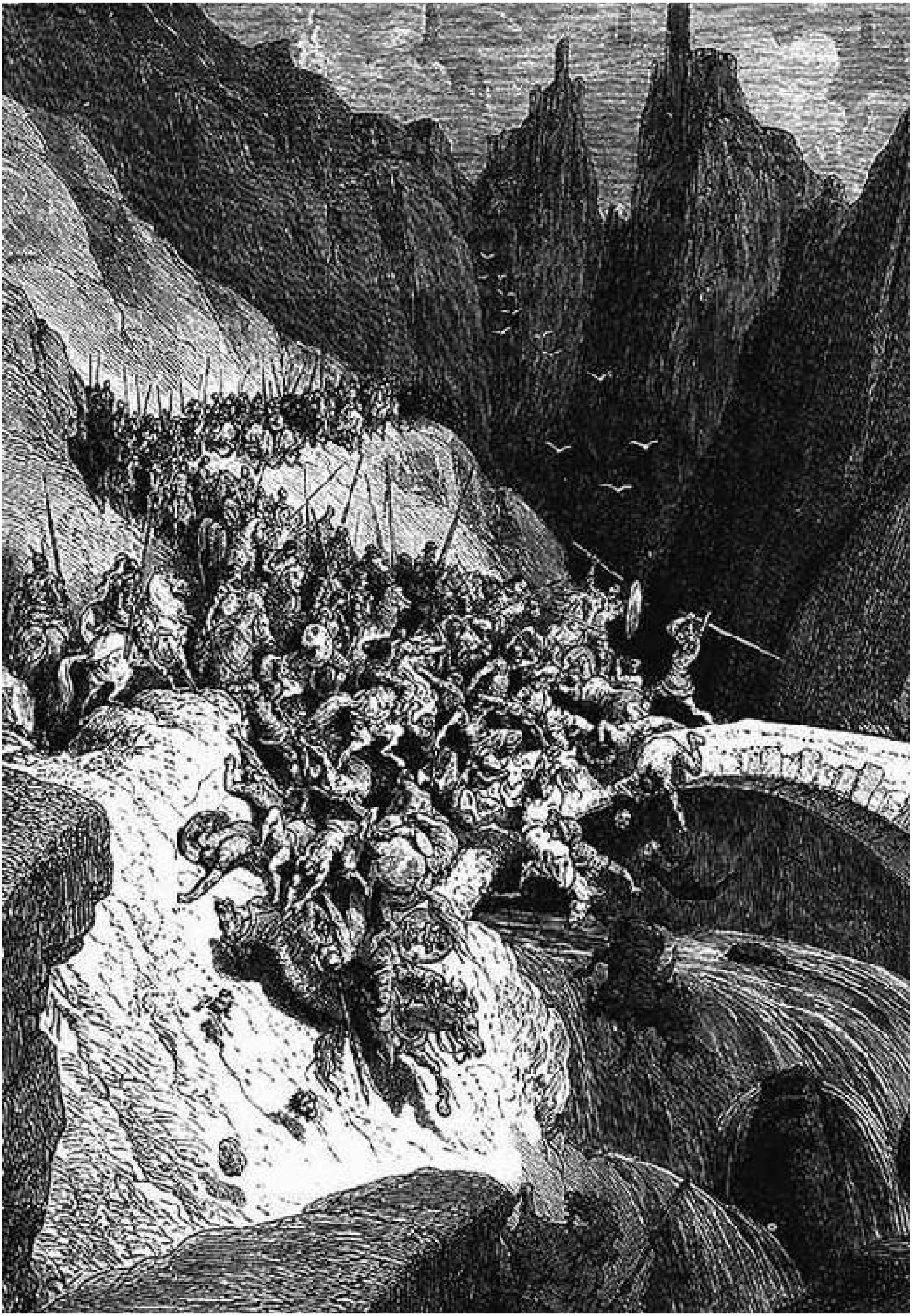
— Apenas estes dois — disse o cura —: o de *Dom Cirongílio* e o de *Felixmarte.*

— Porventura os meus livros serão hereges, ou fleumáticos, para que vosmecê os queime? — insistiu o vendeiro.

— *Cismáticos,* e não *fleumáticos,* é o que quereis dizer, amigo — observou o barbeiro.

— Assim é — disse o vendeiro —; mas se quer queimar algum, seja então este do *Grande Capitão,* e desse *Diogo Garcia;* antes deixarei arder um filho meu que nenhum destes dois outros.

— Meu irmão — prosseguiu o cura —, estes livros são mentirosos e estão cheios de disparates e devaneios; ao passo que o do *Grande Capitão* é uma história verdadeira, que contém os feitos de Gonçalo Fernandes de Córdoba, o qual, por suas muitas e grandes façanhas, mereceu ser chamado de todo o mundo Grande Capitão, renome famoso e claro que só ele mereceu; e Diogo Garcia de Paredes foi um cavaleiro importante, natural da cidade de Trujilo, na Estremadura, valentíssimo soldado, possuidor de tantas forças naturais, que fazia parar com um só dedo uma roda de moinho, em plena fúria, e posto com um montante na entrada de uma ponte, deteve inumerável exército, que foi por ele impedido de passar pela mesma; e fez outras coisas tais que, se, assim como as conta e escreve ele mesmo, com a modéstia de cavaleiro e de cronista próprio, as escrevesse outro, livre e desapaixonado, poriam no olvido as histórias dos Heitores, dos Aquiles e dos Roldões.



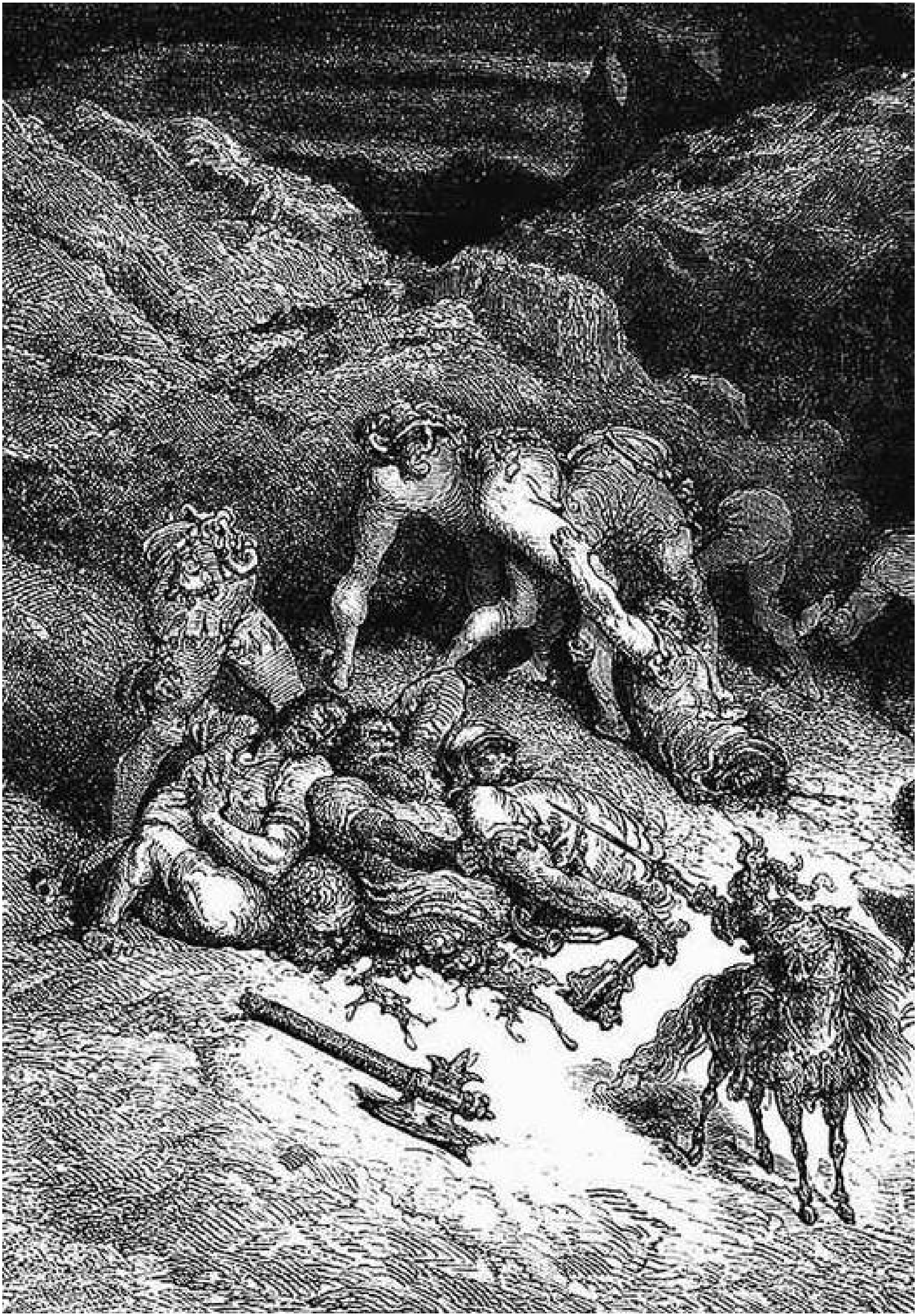
— Meu pai que vos diga! — exclamou o vendeiro. — Então vos espantais de poder alguém fazer parar uma roda de moinho! Por Deus, que vosmecê devia ler o que li de Felixmarte Hircânia, o qual, de uma só vez, partiu cinco gigantes pela cintura, como se fossem feitos de favas, semelhantes aos fradinhos das crianças;[4] e outra vez enfrentou grandíssimo e poderosíssimo exército com mais de 1,6 milhão de soldados, todos armados dos pés à cabeça, e os desbaratou a todos, como se fossem manadas de ovelhas. E que me dirão do bom Cirongílio de Trácia, que foi tão valente e corajoso como se verá no livro, e que, certa vez, navegando por um rio, lhe saiu do meio da água uma serpente de fogo, e ele, mal a viu, se arrojou sobre ela e se lhe encarapitou por cima das espaldas escamosas, apertando-lhe a garganta com ambas as mãos e com tanta força, que a serpente, vendo que a iam afogar, não teve outro remédio senão deixar-se afundar no rio, levando consigo o cavaleiro, que nunca a soltou; e quando chegaram lá no fundo, deram com uns palácios e uns jardins tão lindos que tudo era maravilha; e logo a serpente se transformou num velho ancião, que lhe disse tantas coisas que não há mais que ouvir? Cale-se, meu senhor, pois se vosmecê ouvisse isso, ficaria louco de prazer. Duas figas para o Grande Capitão e para esse Diogo Garcia, a quem se referiu.

Escutando isso, Doroteia disse baixinho para Cardênio:

— Pouco falta ao nosso hospedeiro para fazer a segunda parte de Dom Quixote.

— É o que me parece — respondeu Cardênio —, porque, segundo mostra, ele tem por certo que tudo o que esses livros contam aconteceu tal como foi escrito, sem tirar nem pôr, e nem frades descalços o convenceriam de outra coisa.

— Olhai, irmão — tornou a dizer o cura —, que nunca houve no mundo Felixmarte de Hircânia, nem Dom Cirongílio de Trácia, nem outros cavaleiros semelhantes, que os livros de cavalaria contam; porque tudo são inventos e ficções de engenhos ociosos, que os compuseram para o fim, que vós dizeis, de passar o tempo, assim como se entretêm com a sua leitura os vossos segadores. Realmente vos juro que nunca existiram no mundo tais cavaleiros, nem tais façanhas e disparates sucederam nele.



— A outro cão com esse osso — respondeu o vendeiro. — Como se eu não soubesse que dois e dois são quatro e onde me aperta o sapato! Não pense vosmecê que me dá quinaus; por Deus que não sou nada tolo. Tem graça que me queira vosmecê dar a entender que são mentiras e disparates tudo o que dizem esses bons livros, impressos com licença dos senhores do Conselho Real, como se estes fossem gente capaz de permitir a impressão de tanta mentira junta, de tantas batalhas e de tantos encantamentos, que até fazem a gente perder o juízo!

— Já vos disse, meu amigo — replicou o cura —, que isto se faz para entreter nossos ociosos pensamentos. Assim como se consente, nas repúblicas bem concertadas, que haja jogos de xadrez, de pelota e de bilhar, para entreter alguns que não querem, não devem e não podem trabalhar, assim também se permite a impressão e a existência de tais livros, crendo-se que, na verdade, não haverá ninguém tão ignorante que repute verdadeira qualquer história desses livros. Se agora me fosse lícito, e o auditório o requeresse, coisas diria eu acerca do que devem conter os livros de cavalaria para serem bons, que talvez aproveitassem e até agradassem a alguns, tempo virá, todavia (eu o espero), em que me abra com quem possa remediá-lo. Entrementes, crede, senhor vendeiro, no que vos disse: tomai os vossos livros e vos avenhais lá com as suas verdades ou mentiras, que vos façam bom proveito; e praza a Deus que não chegueis a coxear do mesmo pé de que coxeia o vosso hóspede Dom Quixote.

— Isso não — respondeu o vendeiro —, que não serei tão louco que me faça cavaleiro andante; bem vejo que não se usa mais agora o que se usava naquele tempo, quando se diz que andavam pelo mundo esses famosos cavaleiros.

No meio dessa conversa chegou Sancho, que ficou muito confuso e pensativo com o que ouviu dizer — que agora não se usavam mais cavaleiros andantes e que todos os livros de cavalaria eram tolices e mentiras. E lá consigo mesmo se propôs esperar pelo paradeiro daquela viagem do seu amo: se não tivesse tão feliz desfecho como esperava, deixaria o amo e voltaria para as suas tarefas habituais, em companhia da mulher e dos filhos.

O vendeiro já levava a maleta e os livros, quando o cura lhe disse:

— Esperai; quero ver que papéis são esses, escritos com tão boa letra.

Tirou-os o hospedeiro e, dando-lhos a ler, viu cerca de oito cadernos manuscritos, tendo no princípio um título grande, que dizia: *Novela do Curioso Impertinente.* Leu o cura para si três ou quatro linhas, e comentou:

— Decerto que não me parece mau o título desta novela; tenho até vontade de a ler toda.

Ao que retrucou o vendeiro:

— Pode lê-la Sua Reverência, e desde já lhe digo que alguns hóspedes, que a leram, ficaram muito satisfeitos e me pediram com insistência; mas não a quis dar, tencionando devolvê-la a quem esqueceu aqui esta maleta com estes livros e papéis, pois é bem possível que o dono retorne alguma vez. Sei que os livros me hão de fazer falta; não obstante, jurei restituí-los, porque, ainda que vendeiro, sou cristão.

— Tendes muita razão, amigo — disse o cura —; mas, com tudo isso, se a novela me agradar, haveis de permitir que a copie.

— De muito bom grado — respondeu o vendeiro.

Enquanto os dois assim falavam, Cardênio havia tomado a novela e começara a lê-la; e, concordando com o cura, rogou a este que a lesse, de maneira que a ouvissem todos.

— Sim, eu a leria — disse o cura — se não fora melhor gastar esse tempo em dormir do que em ler.

— Para mim — interveio Doroteia — será grande repouso entreter o tempo ouvindo alguma narrativa, pois ainda não tenho o espírito sossegado a ponto de poder dormir quando é preciso.

— Sendo assim — retornou o cura —, quero lê-la, ao menos por curiosidade; e talvez nos saia ao gosto.

Acudiu mestre Nicolau a rogar-lhe o mesmo, e Sancho também. À vista disso, o cura, entendendo que a todos agradaria, e a si também, disse:

— Pois então estejam todos atentos, que a novela principia desta maneira:

# CAPÍTULO XXXIII

## *Onde se conta a novela do curioso impertinente*[1]

Em Florença, famosa e rica cidade da Itália, na província a que chamam Toscana, viviam Anselmo e Lotário, dois cavaleiros importantes e ricos, e tão amigos, que, por excelência e antonomásia, *os dois amigos* lhes chamavam todos os que os conheciam. Eram solteiros, moços da mesma idade e dos mesmos costumes, o que tudo era bastante motivo para que os dois se correspondessem com recíproca amizade. É bem verdade que Anselmo era algo mais inclinado aos passatempos amorosos que Lotário, que se deixava mais atrair pelos da caça; mas, quando se oferecia ocasião, abandonava Anselmo os seus gostos para acudir aos de Lotário, e Lotário deixava os seus para seguir os de Anselmo. Desta maneira, sincronizavam tão bem suas vontades, que não havia relógio mais certo.

Andava Anselmo perdido de amores por uma donzela importante e formosa da mesma cidade, filha de pais tão bons, e tão boa ela por si mesma, que ele resolveu — com o parecer do amigo Lotário, sem o qual nada fazia — pedi-la em casamento aos pais. Assim o fez, efetivamente, encarregando-se Lotário da embaixada e concluindo o negócio tão ao gosto do amigo, que, em breve tempo, se viu aquele na posse do que desejava. Camila, contentíssima por ter desposado Anselmo, não cessava de dar graças a Deus e a Lotário, por cujo intermédio tanto bem lhe viera. Os primeiros dias, como todos os de boda, foram alegres, continuando Lotário a frequentar como de costume a casa do amigo Anselmo e procurando honrá-lo, festejá-lo e diverti-lo com tudo o que lhe era possível. Mas, acabada a lua de mel e sossegada a frequência das visitas e parabéns, começou Lotário a descuidar-se com cuidado[2] das idas à casa de Anselmo, por lhe parecer (como é justo que pareça a todos os que são discretos) que não se hão de visitar, nem frequentar as casas dos amigos casados do mesmo modo que quando eram solteiros; porque, embora a boa e verdadeira amizade não possa, nem deva em nada ser suspeitosa, com tudo isso, é tão delicada a honra de um casal, que parece poder ofender-se até dos próprios irmãos, quanto mais dos amigos.

Notou Anselmo o retraimento de Lotário e queixou-se grandemente, dizendo-lhe que, se soubesse que o casamento serviria de pretexto para tal afastamento, jamais se teria casado; e que, se, pela boa correspondência que entre os dois havia quando ele era solteiro, tinham merecido o doce nome de *os dois amigos*, não permitisse agora o outro que tão famoso e agradável qualificativo se perdesse, sem mais motivo que o de se mostrar circunspecto. Suplicava-lhe, pois (se fora lícito empregar tal palavra entre eles), que voltasse a ser dono da sua casa e que nela entrasse e saísse como dantes, na certeza de que a sua esposa Camila não tinha outro gosto, nem outra vontade, senão os que ele queria que ela tivesse. Disse-lhe, finalmente, que, sabendo ela com quantas veras os dois se estimavam, ficava até confusa de vê-lo a esquivar-se tanto.

A todas essas e muitas outras razões, que Anselmo disse a Lotário, para persuadi-lo a voltar como de costume à sua casa, respondeu Lotário com tanta prudência, discrição e juízo, que Anselmo ficou satisfeito com a boa intenção do amigo; e entre si combinaram que, duas vezes por semana e nos dias de festa, fosse Lotário comer com ele. Embora ficasse isto assim combinado entre os dois, propôs-se Lotário a não fazer senão aquilo que melhor conviesse à honra do amigo, cujo crédito antepunha ao seu próprio.

Dizia — e dizia bem — que o homem casado, a quem o céu concedera mulher formosa, devia ter tanto cuidado com os amigos que apresentava em casa como em olhar com que amigas conversava sua mulher; porque o que não se faz, nem se combina nas praças, nem nos templos, nem nas festas públicas, nem nas estações (coisas que nem sempre podem negar os maridos a suas mulheres), se combina e facilita na casa da amiga, ou da parenta em quem se deposita maior confiança. Também dizia Lotário que os casados precisavam ter cada qual algum amigo que lhes mostrasse os descuidos de procedimento, pois sói acontecer que, com o muito amor que tem o marido à mulher e não querendo aborrecê-la, nem sempre lhe diz, nem lhe adverte que faça, ou deixe de fazer algumas coisas, que o fazê-las, ou não, seria honra, ou vitupério; ora, sendo advertido pelo amigo, facilmente poderia remediar tudo isso. Mas, onde se achará amigo tão discreto e tão leal e verdadeiro como o que Lotário aqui descreve? Não sei, por certo era Lotário o único desse tipo; com toda a solicitude e zelo cuidava da honra do amigo e procurava dizimar, frisar e encurtar os dias da combinação de ir-lhe à casa, para que não parecesse mal ao vulgo ocioso e aos olhos vagabundos e maliciosos a entrada de um moço rico, gentil-homem e bem-nascido, e das boas partes que ele julgava possuir, na casa de mulher tão formosa como Camila. Posto que a bondade e valor desta podiam frear toda língua maldizente, não queria pôr em dúvida o seu crédito, nem o do amigo; por isso, a mor parte dos dias da combinação, ocupava-os e entretinha-os noutras coisas, que dava a entender serem inescusáveis. Assim, entre as queixas de um e as desculpas do outro, se passavam muitas horas e partes do dia.

Numa das vezes em que andavam os dois passeando por um prado, fora da cidade, Anselmo disse a Lotário:

— Pensavas, amigo Lotário, que às mercês que Deus me concedeu em fazer-me filho de tais pais como o foram os meus e em ter-me dado, com mão farta, tanto os bens da natureza como os da fortuna, não poderia eu corresponder com agradecimento capaz de envolver o bem recebido? E olha que bem maior ele me fez, dando-me a ti por amigo e a Camila por mulher — duas prendas que estimo, se não no grau que devo, ao menos no que posso. Pois, apesar disso, que costuma ser tudo o que os homens desejam para viver contentes, vivo eu como a criatura mais despeitada e mais desesperada de todo o universo, porque não sei há quantos dias me cansa e aflige em desejo tão estranho, tão fora do uso comum dos outros, que me admiro de mim mesmo, e me culpo, e me censuro a sós, procurando silenciá-lo e encobri-lo dos meus próprios pensamentos. Todavia, já não posso mais guardar este segredo; até parece que, de propósito, procuro revelá-lo a todo o mundo. E já que tem de sair a público, quero que saia para o arquivo das tuas confidências; confio em ti e na diligência que, como verdadeiro amigo, porás em me buscar remédio. Assim, depressa me verei livre da angústia que ele me causa, e chegará minha alegria, por tua solicitude, ao mesmo grau que chegou meu descontentamento por minha loucura.

Surpreenderam a Lotário as razões de Anselmo, sem que soubesse até onde iria tão largo preâmbulo. Tentava imaginar que espécie de desejo poderia fatigar tanto seu amigo; mas se desviava sempre para muito longe da verdade. Querendo sair logo da agonia que lhe causava aquela expectativa, disse Lotário que constituía grande injúria à sua muita amizade o andar o outro buscando rodeios para lhe dizer os seus pensamentos mais ocultos; estava certo de que poderia dar conselhos para entretê-los, ou remédio para curá-los.

— É verdade — respondeu Anselmo —; e esta confiança me anima a dizer-te, amigo Lotário, que o desejo que me aflige é o de esclarecer se Camila, minha esposa, é tão íntegra e perfeita como penso. Não posso convencer-me desta verdade, se não prová-la de maneira que a prova manifeste os quilates da sua bondade, como o fogo mostra os do ouro. Porque tenho para mim, amigo, que uma mulher não é melhor que outra senão no modo como reage quando é solicitada, e que só é forte a que não se dobra às promessas, às dádivas, às lágrimas e às contínuas impertinências dos amantes solícitos. Pois, que há de mais em que seja boa uma mulher, se ninguém a induz a ser má? Que muito que esteja recolhida e temerosa a que não tem ocasião de soltar-se e a que sabe que o marido, colhendo-a na primeira desenvoltura, lhe tira a vida? Assim, a que é boa por temor ou por falta de oportunidades, não a quero estimar tanto como à que for solicitada e perseguida e que, mesmo assim, consegue sair com os louros da vitória. Por essas razões, e por outras muitas que te poderia dizer para acreditar e fortalecer a minha opinião, desejo que Camila, minha esposa, passe por essas dificuldades, se acrisole e aquilate no fogo de se ver querida e solicitada por quem tenha valor para tê-la como alvo de seus desejos. Se sair, como creio que sairá, com a palma desta batalha, julgarei a minha ventura sem igual; poderei então dizer que enchi o vazio dos meus desejos e que encontrei, afinal, a mulher forte, de quem o sábio perguntou: “Quem a achará?”[3] Se acontecer o contrário do que penso, o gosto de ver que acertei na minha opinião compensará a pena de tão custosa experiência. Nada do que me disseres contrariamente ao meu desejo, para te esquivares a executá-lo, levarei em conta. Quero, amigo Lotário, que te disponhas a ser o instrumento desta minha provação; dar-te-ei todas as facilidades para essa tarefa, sem que te falte nada do que eu julgar necessário para solicitar uma mulher honesta, honrada, recolhida e desinteressada. E o que mais me incita a confiar em ti, nesta empresa tão árdua, é ver que, se lograres vencer Camila, não hás de levar a vitória a todo o transe e rigor, mas só a ponto de despertar o desejo sem ferir o respeito; assim, não ficarei ofendido senão por pensamentos, e minha injúria ficará escondida na virtude do teu silêncio, que bem sei será eterno como o da morte, em tudo o que me tocar. Se queres, pois, que eu tenha vida merecedora deste nome, deves entrar desde já nessa batalha amorosa, não hesitante e preguiçosamente, mas com o afinco e a diligência que o meu desejo pede e com a confiança que me assegura a nossa amizade.

Foram estas as palavras que disse Anselmo a Lotário. Este ouviu-as todas com tamanha atenção que, enquanto o outro falava, não despregou os lábios para proferir palavra, a não ser as que já foram escritas acima e atribuídas a ele. Quando viu que o outro se calou e que nada mais dizia, ficou a mirá-lo bastante tempo, como se mirasse coisa que nunca tivesse visto e que lhe causasse, por isso, admiração e espanto. Por fim, falou:

— Não posso crer, amigo Anselmo, que não sejam burlas as coisas que me disseste, se as julgasse verdadeiras, não teria consentido que fosses tão longe, pois teria cortado tua longa arenga com não querer escutar-te. Sem dúvida imagino, ou que não me conheces, ou que não te conheço. Mas não: bem sei que és Anselmo, e tu sabes que sou Lotário. O mal está em que penso que não és o Anselmo que eu conhecia, e tu deves ter pensado que tampouco sou o Lotário que devia ser; porque as coisas que me disseste não são daquele Anselmo meu amigo, nem as que me pedes se hão de pedir àquele Lotário que tu conheces. Os bons amigos devem experimentar-se e valer-se uns dos outros, como disse um poeta, *usque ad aras,*[4] querendo dizer com isso que não se deviam valer de sua amizade em coisas que fossem contra Deus. E se é este o conceito de um gentio sobre a amizade, quão melhor não deve ser o de um cristão, que sabe que por nenhuma amizade humana se há de perder a divina? Se o amigo fosse além dos limites e pusesse de lado o respeito ao céu para acudir aos intentos do outro amigo, não havia de ser por coisas ligeiras ou de pouca importância, mas por aquelas que põem em jogo a honra e a vida do amigo. Dize-me tu agora, Anselmo: qual destas duas coisas está em perigo, para que eu me aventure a comprazer-te, fazendo a coisa detestável que me pedes? Nenhuma, por certo; antes me pedes, segundo entendi, que procure e solicite alguém, para tirar-te a honra e a vida, e perdê-las eu conjuntamente; pois, se procuro tirar-te a honra, claro está que te arranco a vida, já que o homem sem honra é pior que um morto, e, sendo eu o instrumento, como queres que eu seja, de tamanha desgraça tua, não ficarei também desonrado e, conseguintemente, sem vida? Escuta, amigo Anselmo, e tem paciência de não responderes até que eu acabe de dizer-te o que penso, a respeito do que me impõe o teu desejo. Não faltará tempo para me replicares e eu escutar-te.

— Como queiras — disse Anselmo —; fala o que te aprouver.

Lotário prosseguiu:

— Parece-me, Anselmo, que tens agora engenho igual ao que sempre tiveram os mouros, aos quais não podemos apontar o erro de sua seita com citações da Santa Escritura, nem com razões que se dirijam ao entendimento, ou que se fundem em artigos de fé; antes lhes devemos mostrar exemplos palpáveis, fáceis, inteligíveis, demonstrativos, indubitáveis, com demonstrações matemáticas que não se possam negar, como quando dizem: “Se de duas partes iguais tiramos partes iguais, as que restam são também iguais”. E se não entendem palavra, como efetivamente sucede, lhes mostramos as mãos, gesticulamos diante dos seus olhos, e, apesar de tudo, ninguém logra persuadi-los das verdades da minha sacra religião. Estes mesmos termos e modos são os que convém usar contigo, porque o desejo que te nasceu vai tão desnorteado, tão apartado de tudo o que é racional, que me parece há de ser tempo perdido o de querer mostrar-te a tua simplicidade (por enquanto, não lhe quero dar outro nome), e quase que me inclino a deixar-te no teu desatino, por castigo do teu mau desejo. Só me impede o uso de tal rigor a amizade que te devoto, a qual não permite que eu te deixe em tão manifesto perigo de perder-te. Para que vejas claro, dize-me, Anselmo: não me induziste a solicitar de uma retraída, persuadir uma honesta, seduzir uma desinteressada, servir a uma prudente? Sim, foi o que me disseste. E se tu sabes que tens mulher retraída, honesta, desinteressada e prudente, que buscas? E se pensas que há de sair vencedora de todos os meus assaltos, como sem dúvida sairá, que melhores títulos pensas dar-lhes depois que os que agora tem, ou que será ela mais, depois, do que já é agora? Ou tu não a julgas pelo que dizes, ou então não sabes o que pedes. Senão a julgas pelo que dizes, para que então queres experimentá-la, senão para causar-lhe todo o mal que te aprouver? Mas se é tão boa como crês, será impertinência submeter a provas a verdade mesma, já que, depois de realizadas aquelas, ficará esta sendo tão estimada como antes o era. Daí se conclui que só as cabeças temerárias e sem juízo intentam coisas, das quais se sabe de antemão que só nos podem advir mais danos que proveitos; e ainda é pior quando intentamos aquelas a que não somos forçados, nem compelidos, e nas quais já se descobre, de muito longe, que o intentá-las é loucura patente. As coisas difíceis se intentam por Deus, ou pelo mundo, ou por ambos: as que se cometem por Deus são as que fizeram os santos, tentando viver vida de anjos em corpos humanos; as que se cometem por respeito do mundo são as daqueles que enfrentam tanta infinidade de água, tanta diversidade de climas, tanta estranheza de gentes, para conquistar os chamados bens de fortuna; e as que se intentam por Deus e pelo mundo juntamente são as dos soldados valorosos, que, apenas veem aberta no muro adversário tão pequena brecha, como a que pode fazer uma bala redonda de artilharia, põem logo de parte todo temor, e, sem fazer caso no perigo manifesto que os ameaça, voando nas asas do desejo de lutar por sua fé, sua nação e seu rei, se arrojam intrepidamente em meio de mil mortes contrapostas, que os esperam. Estas são as coisas que de costume se empreendem, sendo honra, glória e proveito empreendê-las, embora tão cheias de inconvenientes e perigos; mas a que tu dizes que queres intentar e pôr por obra, não te há de granjear a glória de Deus, nem bens de fortuna, nem fama entre os homens. Ainda que saias da experiência como desejas, não ficarás com isso mais ufano, nem mais rico, nem mais honrado do que estás agora; e se não saíres, cairás na maior miséria que se possa imaginar, pois nada lucrarás com pensar que ninguém conhece a desgraça que te sucedeu: basta que o saibas tu mesmo, para que te aflijas e desesperes. Para confirmação desta verdade, quero repetir-te uma estrofe, composta pelo famoso poeta Luís Tansilo,[5] no fim da primeira parte das suas *Lágrimas de São Pedro,* e que reza assim:

*Em Pedro cresce a dor, cresce a vergonha ao ter o novo dia começado.*

> *Ali ninguém o vê, mas se envergonha de si mesmo, por ver o seu pecado. Em magnânimo peito arde a vergonha sem ser mister que o hajam observado, pois de si se envergonha sempre que erra, mesmo que visto só por céu e terra.*[6]

Não te servirá, pois, de escusa o segredo da tua dor; antes terás que chorar continuamente, se não lágrimas dos olhos, lágrimas de sangue do coração, como as chorava aquele simples doutor, de quem nos conta o nosso poeta que fez a prova do vaso, à qual se escusou com melhor discurso o prudente Reinaldo.[7] Embora seja aquilo ficção poética, encerra em si segredos morais dignos de serem advertidos, entendidos e imitados; tanto mais que, com o que penso dizer-te agora, acabarás de verificar o grande erro que pretendes cometer. Dize-me, Anselmo, se o céu, ou a boa sorte, te houvesse feito senhor e legítimo possuidor de um finíssimo diamante, de cuja bondade e quilates estivessem satisfeitos quantos lapidários o vissem, dizendo todos em uníssono que se comparava em quilates, bondade e finura ao que de melhor pudesse haver em pedras daquela natureza, e tu mesmo assim o reputasses, sem nada saber em contrário — dize-me, seria justo que te viesse o desejo de tomar aquele diamante, pô-lo entre uma bigorna e um martelo e ali, à pura força de golpes e marteladas, provar que é tão duro e tão fino como dizem? Suponhamos que pusesses tal desejo em execução e que a pedra resistisse a tão néscia prova: nem por isso ganharia ela mais valor, nem maior fama. E se se rompesse, coisa bastante possível, não se perderia tudo? Sim, por certo; e todos julgariam que o dono era um tolo. Pois faze de conta, Anselmo amigo, que é Camila um finíssimo diamante, tanto na tua estima como na alheia, e que não há razão para pô-la na contingência de se quebrar, porque, mesmo que conserve sua inteireza, não pode ganhar mais valor do que agora tem; e se falhasse e não resistisse, pensa desde já o que seria de ti sem ela e com quanta razão te poderias queixar de ti mesmo, por teres dado causa à sua perdição e à tua. Olha que não há joia no mundo que valha tanto como uma mulher honrada e casta e que toda a honra das mulheres consiste na boa opinião que delas temos; portanto, se é boa a da tua esposa, chegando ao extremo de bondade que sabes, para que queres pôr em dúvida essa verdade? Lembra-te, amigo, de que a mulher é animal imperfeito[8] e que não lhe devemos opor embaraços onde tropece e caia, mas, ao contrário, devemos removê-los e limpar-lhe o caminho de qualquer inconveniente, para que, sem dificuldades, corra ligeira a alcançar a perfeição que lhe falta e que consiste em ser virtuosa. Contam os naturalistas que o arminho é um animalzinho de pelo alvíssimo e que os caçadores, quando querem apanhá-lo, usam deste artifício: conhecendo os lugares por onde os arminhos costumam passar e aparecer, entulham aqueles de lodo e tocam estes para ali; quando o arminho se acerca do lodo, estaca e se deixa prender e cativar, só para não passar pelo atoleiro e não enxovalhar a sua alvura — coisa que ele tem em mais estima que a liberdade e a vida.[9] A mulher honesta e casta é como o arminho; e a virtude da honestidade é mais branca e limpa do que a neve. Se quisermos que a mulher não a perca, mas a guarde e conserve, devemos usar de tática diferente da que se usa com o arminho. Não convém que lhe mostremos o lodo dos presentes e serviços dos namorados importunos, porque talvez — e mesmo sem talvez — não tenha ela tanta virtude e força natural que por si mesma possa atropelar e transpor aqueles embaraços; é necessário removê-los, pondo diante dela a limpeza da virtude e a beleza que encerra em si a boa fama. A boa mulher é como espelho de cristal reluzente e claro, que está sujeito a empanar-se e escurecer-se com qualquer bafo que o alcance. Há de se usar com as mulheres honestas o processo que se usa com as relíquias: adorá-las, e não tocá-las. Há de se guardar e estimar a mulher boa como se guarda e estima um formoso jardim, cheio de flores e rosas, cujo dono não consente que ninguém o percorra, nem o manuseie: basta que, de longe e por entre as grades de ferro, gozemos da sua fragrância e formosura. Finalmente, quero dizer-te uns versos que me vieram à memória e que ouvi numa comédia moderna;[10] parece-me que vêm a propósito do que estamos tratando. Um velho prudente aconselhava a outro, pai de uma donzela, que a recolhesse, guardasse e encerrasse; e, dentre outras razões, lhe disse estas:

*Feita de vidro é a mulher,*
*mas não se deve provar*
*se se pode ou não quebrar,*
*porque tudo pode ser.*
*Sendo mais fácil quebrar-se,*
*colocar não é prudente*
*em perigo de acidente*
*o que não pode soldar-se.*
*Este conselho, ouçam bem,*
*que em boa razão me fundo,*
*pois, se há Dânais*[11] *neste mundo*
*há chuvas de ouro também.*[12]

Tudo o que até aqui te disse, Anselmo, se refere a ti; agora convém que oiças algo do que diz respeito a mim. Se eu for prolixo, perdoa-me, pois a isso talvez me obrigue o labirinto onde entraste e de onde queres que eu te arranque. Tu me consideras teu amigo e me queres tirar a honra, coisa que é contra toda amizade; e não só pretendes isso, mas também procuras que eu tire a tua. Que almejas roubar a minha está claro, pois, quando vir Camila que eu a solicito, como me pedes, julgar-me-á homem sem honra e mal-intencionado, já que intento e faço coisa tão fora daquilo a que me obrigam o ser quem sou e a tua amizade. Que pretendes que eu te despoje da tua, também não há dúvida, porque, vendo Camila que eu a solicito, há de pensar que lhe descobri alguma leviandade capaz de me dar atrevimento para revelar-lhe o meu ruim desejo; e, julgando-se ela desonrada, a ti há de tocar, como coisa sua, a mesma desonra. Daqui surge o que comumente se verifica: que o marido da mulher adúltera, embora não o saiba, nem tenha dado ocasião para que sua mulher não seja o que deve, nem tenha estado em suas mãos ou em seu descuido e pouco recato estorvar-lhe a desgraça, apesar de tudo isso adquire a fama de ludibriado e vil; e aqueles que sabem da maldade de sua mulher o miram com olhos de menosprezo, em vez de mirá-lo com os de lástima, como deviam, já que não foi por culpa sua, mas por gosto da sua má companheira, que ele caiu naquela desventura. Mas quero dizer-te a causa por que, com justa razão, é desonrado o marido da mulher má, embora não saiba que o é, nem tenha culpa, nem haja sido parte, nem dado ocasião para que ela o seja. E não te canses de ouvir-me, pois há de tudo redundar em teu proveito. Quando Deus criou o nosso primeiro pai no paraíso terrestre, diz a divina Escritura que fez Adão dormir e que, durante o sono, lhe tirou uma costela do lado esquerdo, com a qual formou a nossa mãe Eva. Quando Adão despertou e a mirou, disse: "Esta é carne da minha carne e osso dos meus ossos." E Deus disse: "Por esta deixará o homem pai e mãe, e serão dois numa só carne." Foi então instituído o divino sacramento do matrimônio com tais laços, que só a morte os pode desatar. E tem tanta força e virtude este milagroso sacramento, que faz que duas pessoas diferentes sejam uma só carne; e ainda mais faz nos bem casados; que não tenham mais que uma só vontade, embora possuam duas almas. Daí vem que, sendo a carne da esposa uma só com a do esposo, as manchas que nela caem, ou os defeitos que adquire, se transmitem à carne do marido, apesar de não ter ele dado ocasião para tal dano, como já disse. Assim como a dor do pé, ou de qualquer membro do corpo humano, todo o corpo a sente, por ser todo da mesma carne, e assim como a cabeça reflete a lesão do tornozelo, sem que a tenha causado, assim também o marido participa da desonra da mulher, por ser com ela uma só e mesma coisa; e como as honras e desonras do mundo são e nascem todas da carne e do sangue, e as da mulher má pertencem ao mesmo gênero, é forçoso que caiba ao marido parte delas, sendo ele tido por desonrado sem o saber. Olha, pois, Anselmo, a que perigo te expões, ao quereres perturbar o sossego em que vive tua boa esposa! Por impertinente e vã curiosidade, queres revolver os humores, que andam quietos no peito da tua casta mulher. Adverte quão pouco é o que podes ganhar com essa aventura, ao passo que o que podes perder será tanto, que mais não digo, pois me faltam palavras para encarecê-lo. Mas, se tudo quanto disse não basta para te demover do ruim propósito, tens que buscar outro instrumento para a tua desonra e desventura, já que a isso não me prestarei, mesmo que venha a perder tua amizade — o que seria a maior perda que posso imaginar.

Dizendo isso, calou-se o virtuoso e prudente Lotário. E ficou Anselmo tão confuso e pensativo, que, durante bom espaço, não pôde responder palavra. Por fim, disse:

— Viste, Lotário amigo, que escutei com atenção tudo o que me quiseste dizer; e nas tuas razões, exemplos e comparações, notei a grande discrição que tens e a que extremos chega a tua leal amizade. Diante disso, quero crer que, se não sigo a tua opinião e continuo com a minha, estou fugindo do bem e correndo atrás do mal. Hás de levar em conta, porém, que padeço agora a enfermidade de algumas mulheres, quando lhes dá na telha comer terra, gesso, carvão e coisas piores, asquerosas de ver-se, quanto mais de comer-se; assim, precisas empregar algum artifício para que eu me cure. E o conseguirias facilmente, se começasses, embora tíbia e fingidamente, a solicitar Camila, a qual não há de ser tão tenra que perca a desonestidade logo aos primeiros encontros. Isso bastaria para me deixares contente e para cumprires o que deves à nossa amizade, não somente dando-me a vida mas também persuadindo-me de que não serei desonrado. Estás obrigado a fazê-lo por uma única razão: é que, estando eu, como estou, resolvido a pôr em prática esta prova, não hás de consentir que dê conta do meu desatino a outra pessoa, com a qual aventuraria a minha honra, que procuras resguardar; e se da tua formar Camila mau juízo, quando a solicitares, pouco importa, ou nada, uma vez que, provando ela a inteireza que esperamos, pronto lhe poderás dizer toda a verdade do nosso artifício e ela te restituirá o crédito que perdeste. E se é tão pouco o que aventurarias e tamanho o contentamento que me darias aventurando-te, não o deixes de fazer, mesmo que se te deparem outros inconvenientes; pois, como já disse, basta que principies, e logo darei por concluída a causa.

Vendo Lotário a vontade resoluta de Anselmo e não sabendo que mais exemplos trazer-lhe, nem que mais razões mostrar-lhe para que desistisse; ouvindo, por outro lado, a ameaça de confiar ele a outrem a execução do mau desejo — quis evitar mal maior e se decidiu a contentar o amigo, fazendo o que este lhe pedia, com o propósito e intento de guiar aquele negócio de tal modo que, sem alterar os pensamentos de Camila, satisfizesse Anselmo. Respondeu-lhe, assim, que não comunicasse a ninguém mais seu pensamento e que ele, Lotário, tomaria a empresa a seu cargo, começando quando o outro quisesse. Amoroso e terno o abraçou Anselmo, agradecendo-lhe o oferecimento, como se tivesse recebido uma grande mercê; e acordaram os dois em que no dia imediato se daria começo à obra. Anselmo propiciara ao amigo lugar e tempo para falar a sós com Camila, e também lhe emprestaria dinheiro e joias com que presentear a esposa. Aconselhou-o a compor músicas e escrever versos em louvor da requestada, oferecendo-se ele próprio para esse trabalho, quando o outro não pudesse fazê-lo. Lotário prestou-se a tudo, se bem que com intenção diversa da que Anselmo julgava. Assim combinados, voltaram à casa de Anselmo, onde acharam Camila ansiosa e preocupada à espera do esposo, que, naquele dia, tardara mais que de costume.

Deixando Anselmo contentíssimo, foi-se Lotário para a sua casa pensativo sem saber o que fazer para se sair bem de tão impertinente negócio. A noite toda, passou-a imaginando o modo como enganaria Anselmo, sem ofender Camila. No dia seguinte, foi comer com o amigo, sendo bem recebido por Camila, que o acolhia sempre assim, de boa vontade e satisfeita, por saber como o estimava o esposo. Finda a refeição e desfeita a mesa, disse Anselmo a Lotário que ali ficasse com Camila, pois o chamava negócio urgente; acrescentou que voltaria dentro de hora e meia. Rogou-lhe Camila que não saísse, e se ofereceu Lotário para acompanhá-lo. Debalde. Anselmo insistiu para que Lotário ficasse e o esperasse, porque tinha que tratar com ele assunto de muita importância. Também disse a Camila que não deixasse Lotário só, enquanto ele não voltasse. Soube fingir tão bem a necessidade ou necedade da sua ausência, que ninguém poderia imaginar fosse artifício. Partiu, deixando à mesa Camila e Lotário sozinhos, porque as demais pessoas da casa tinham ido comer.

Viu-se Lotário posto na liça em que o desejara o amigo. Tinha agora diante de si inimigo capaz de vencer um esquadrão de cavaleiros armados só com a sua própria formosura. Vejam se Lotário não tinha razão de temê-lo! O que fez, porém, foi isto: descansou o cotovelo no braço da cadeira, pousando o rosto sobre a mão aberta, pedindo perdão a Camila da má compostura e explicando que queria repousar um pouco, antes da volta de Anselmo. Camila respondeu-lhe que repousaria melhor no sofá que na cadeira, e lhe pediu que entrasse para dormir naquele. Lotário recusou e ficou onde estava, adormecendo. Quando Anselmo voltou, encontrava-se Camila em seus aposentos e Lotário ainda dormia; pensou, assim, que, de tanto ele tardar, já haviam tido tempo os dois de conversar, e até de dormir. Aguardou ansiosamente a hora de Lotário despertar, para sair com este e lhe pedir notícias do ocorrido. De fato, mal Lotário acordou, saíram os dois de casa, e Anselmo inquiriu o amigo sobre o que desejava saber. Lotário respondeu-lhe que não lhe havia parecido bem, da primeira vez, descobrir-se por inteiro; assim, não fizera outra coisa senão elogiar a formosura de Camila, dizendo-lhe que não se falava em toda a cidade noutra coisa senão na sua formosura e discrição; acrescentou que isto lhe parecia bom princípio para granjear a simpatia da moça e dispô-la a escutá-lo outra vez com gosto, usando nisto o artifício que usa o demônio quando quer enganar alguém muito precavido: transforma-se em anjo de luz, embora o seja das trevas, e se mostra com boas aparências, para no fim descobrir quem é e sair-se com o seu intento, se no começo não lhe descobrirem o disfarce.

Tudo isso contentou muito Anselmo; e disse que todos os dias lhe daria a mesma oportunidade, embora não saísse de casa, pois ocupar-se-ia ali de coisas, pelas quais não pudesse Camila perceber-lhe o artifício.

Assim se passaram muitos dias. Sem dizer palavra a Camila, Lotário contava a Anselmo que lhe falara e que jamais pudera obter dela o menor indício de um mau desejo, nem a menor sombra de esperança; ao contrário acrescentava — ela o ameaçara de contar tudo ao esposo, se ele persistisse naquele mau pensamento.

— Muito bem — disse Anselmo —; até aqui resistiu Camila às palavras; precisamos ver como resiste às obras. Amanhã te darei dois mil escudos de ouro, para que lhos ofereças e presenteies, e outros tantos para que compres joias capazes de tentá-la. As mulheres, por mais castas que sejam, gostam de vestir-se bem e de enfeitar-se, ainda mais quando são formosas. Se ela resistir a essa tentação, ficarei satisfeito e não te darei mais incômodos.

Lotário respondeu que, já havendo começado, levaria até o fim aquela empresa, embora tivesse que sair dela cansado e vencido.

No outro dia, recebeu os quatro mil escudos e, com eles, quatro mil confusões, porque não sabia o que dizer para mentir de novo. Na verdade, decidiu-se a continuar afirmando que era Camila tão inacessível às dádivas e promessas como às palavras, não havendo razão para se cansar mais, porque todo o tempo se gastava debalde. Mas a sorte, que guiava as coisas de outra maneira, fez que, tendo deixado Anselmo a sós Lotário e Camila, como costumava fazê-lo de outras vezes, se fechasse num aposento e, pelo buraco da fechadura, se pusesse a espiar e a escutar do que tratavam os dois; assim viu que, em mais de meia hora, não disse Lotário palavra a Camila, nem lhe diria, se ali permanecesse um século. Percebeu então que era ficção e mentira tudo quanto lhe falara o amigo das respostas de Camila; e, para confirmá-lo, saiu do aposento e, chamando à parte Lotário, lhe perguntou que novas havia e como se sentia Camila.

Lotário respondeu-lhe que não mais pensava em tocar naquele assunto, porque a moça lhe replicava tão áspera e desabridamente, que ele não tinha ânimo de lhe voltar a falar mais coisa alguma.

— Ah! — exclamou Anselmo. — Lotário, Lotário, que mal correspondes ao que me deves e ao muito que em ti confio! Estive há pouco a olhar-te pelo orifício onde se introduz esta chave e notei que não dizias palavra a Camila; por onde concluí que ainda nem principiaste. Se assim é (do que não tenho dúvidas), por que me enganas, ou por que queres privar-me, com a tua indústria, dos meios de que me poderia eu valer para conseguir o meu desejo?

Nada mais disse Anselmo; porém bastou o que havia dito para deixar Lotário envergonhado e confuso. Sentindo-se este ferido na honra, por ter sido apanhado em mentira, jurou a Anselmo que, a partir daquele momento, tomaria o encargo de contentá-lo e não mentir-lhe, o que o outro poderia comprovar se o espiasse com curiosidade. Acrescentou que, para tanto, não precisaria usar de nenhuma diligência, porque a que ele, Lotário, tencionava empregar para satisfazer o amigo, livraria este de toda suspeita. Acreditou-o Anselmo; e, para o deixar mais a cômodo e menos sobressaltado, resolveu ausentar-se de casa por oito dias, indo para a de um amigo, que ficava numa aldeia, não longe da cidade. Combinou com esse amigo que o mandasse chamar com muita insistência, para justificar sua partida perante Camila.

Desgraçado e imprudente Anselmo! Que fazes? Que planejas? Que ordenas? Olha que o fazes contra ti mesmo, planejando a tua desonra e ordenando a tua perdição. Boa é a tua esposa Camila; tu a possuis quieta e sossegadamente; ninguém te dá sobressaltos; seus pensamentos não saem das paredes da tua casa; tu eras, para ela, o céu na terra, o alvo dos seus desejos, a realização dos seus gostos e a medida por onde se pautava a sua vontade, ajustando-a inteiramente à tua e à do céu. Pois se nesta mina de honra, formosura, honestidade e recolhimento, achas, sem nenhum trabalho, toda a riqueza que encerra e que tu podes desejar, para que queres cavar a terra e buscar veios de novo e recôndito tesouro, correndo o perigo de que tudo se desmantele, já que se sustenta, em suma, nos frágeis alicerces da sua débil natureza? Lembra-te de que é justo que se negue o possível a quem busca o impossível, como o disse melhor o poeta:[13]

*Procuro na morte a vida;*

*Saúde na enfermidade,*

*No cárcere, liberdade;*

*No encerramento, saída;*
*No traidor, lealdade.*
*Mas minha sorte, de quem*
*Jamais espero algum bem,*
*Manda que, se o impossível*
*Eu pedir ao céu terrível,*
*Nem o possível me deem.*

No dia seguinte, partiu Anselmo para a aldeia, dizendo a Camila que, durante o tempo que estivesse ausente, viria Lotário olhar pela casa e comer com ela, que tivesse cuidado de o tratar como a ele próprio.

Mulher discreta e honrada, afligiu-se Camila com a ordem que lhe deixava o marido e lhe disse que notasse não ficaria bem, estando ele ausente, que outrem ocupasse o seu assento à mesa; se o fazia por não ter confiança em que ela soubesse governar a casa, devia pô-la à prova daquela vez, e veria, por experiência, que ela bastava para aquele e para maiores cuidados.

Replicou-lhe Anselmo ser aquele o seu desejo, e que a ela cumpria baixar a cabeça e obedecer-lhe.

Camila disse que assim o faria, embora contra a vontade.

Anselmo viajou. No outro dia, Lotário veio à sua casa, onde foi recebido com amoroso e honesto acolhimento da parte de Camila, que jamais se deixou ficar a sós com ele, porque a rodeavam sempre os criados e criadas, especialmente uma aia chamada Leonela, a quem muito queria, por se terem criado as duas juntas desde meninas, na casa dos pais de Camila; e esta a levou consigo quando se casou com Anselmo. Nos três primeiros dias, nunca Lotário lhe disse nada, embora pudesse fazê-lo à hora em que se tiravam as toalhas e a criadagem ia apressadamente comer, porque assim o determinara Camila. Leonela recebera ordem de comer antes de Camila e de jamais sair da sua companhia; mas, como tinha o pensamento voltado para outras coisas do seu gosto e precisava daquelas horas e daquele lugar para tratar do que lhe aprazia, nem sempre cumpria o mandamento de sua ama: deixava-o a sós, como se lho tivessem encomendado. Não obstante, a honesta presença de Camila, a gravidade do seu rosto, a compostura da sua pessoa eram tantas, que freavam a língua de Lotário. Mas, se proveitosas foram as muitas virtudes de Camila, porque impunham silêncio à língua de Lotário, redundaram elas em prejuízo dos dois; com efeito, se a língua calava, o pensamento discorria e tinha ocasião de contemplar, parte por parte, todos os extremos de bondade e formosura que Camila possuía, bastantes para enamorar uma estátua de mármore, quanto mais um coração de carne.

O tempo que lhe podia falar, empregava-o Lotário em mirá-la, considerando quanto era digna de ser amada; e esta consideração principiou a assaltar, aos poucos, o respeito que tinha a Anselmo. Mil vezes quis ausentar-se da cidade e ir para onde jamais o visse Anselmo, nem ele visse Camila; mas logo o tolhia e retinha o gosto que lhe dava o contemplá-la. Forcejava e lutava consigo mesmo para perder e não sentir o contentamento que tal contemplação lhe propiciava; a si mesmo se culpava do desatino, chamava-se mau amigo e mau cristão; fazia discursos e comparações entre ele e Anselmo, e convergiam todos para o reconhecimento de que fora maior a loucura e confiança de Anselmo do que a sua pouca fidelidade. Se assim pudesse desculpar-se diante de Deus, como diante dos homens, do que pretendia fazer, não temia castigo para sua culpa.

Na verdade, a formosura e a bondade de Camila, juntamente com as oportunidades que o ignorante marido lhe havia posto nas mãos, deram por terra com a lealdade de Lotário; e, sem mirar outra coisa senão aquela para que o levava a inclinação, passados três dias da ausência de Anselmo, durante os quais se manteve em contínua batalha para resistir aos seus desejos, começou a requestar Camila, com tanta perturbação e tão amorosas razões, que a moça ficou surpresa e não fez senão levantar-se de onde estava e entrar no quarto, sem lhe responder coisa alguma. Tal frieza não desenganou Lotário da esperança, que sempre nasce juntamente com o amor; fê-lo até dar mais preço a Camila, que já não sabia o que fazer, depois que notou em Lotário o que nunca pensara. Pareceu-lhe não ser prudente, nem coisa bem feita, dar-lhe nova ocasião, nem lugar, para que lhe falasse novamente. Assim, decidiu enviar naquela mesma noite (como de fato o fez) um criado a Anselmo, com um bilhete, onde dizia o seguinte:

# CAPÍTULO XXXIV

## *Em que se prossegue a novela do curioso impertinente*

"É costume dizer-se que mal parece um exército sem general, e um castelo sem castelão; assim vos digo que muito pior parece a mulher casada e moça sem seu marido, se o não impedem justíssimas razões. Sinto-me tão mal sem vós, tão impossibilitada de suportar esta ausência que, se não vierdes depressa, terei de recolher-me à casa dos meus pais, ainda que deixe a vossa sem guarda. Porque a[1] que me deixastes, se é que ficou com esse título, acho que cuida mais dos seus gostos que dos vossos interesses. Como sois discreto, nada mais tenho que dizer-vos, nem é bom que vo-lo diga."

Anselmo recebeu a carta e dela inferiu que Lotário havia começado a empresa e que Camila devia ter reagido conforme ele desejava. Sobremaneira alegre de tais novas, respondeu a Camila, mandando-lhe recado verbal para que não se mudasse absolutamente de casa, porque ele regressaria muito breve. Admirou-se Camila da resposta de Anselmo e ficou ainda mais confusa que de início, porque nem se atrevia a ficar em casa, nem a ir para a dos pais: se ficasse, corria perigo a sua honestidade; se fosse, desobedeceria à ordem do esposo. Finalmente, decidiu-se pelo pior, que foi o permanecer, com a determinação de não fugir à presença de Lotário, para não dar que falar aos criados. Já lhe pesava ter escrito o que escrevera ao esposo, temerosa de que este pensasse ter Lotário visto nela alguma desenvoltura capaz de movê-lo a não guardar-lhe o devido decoro. Fiada na bondade própria e nas suas boas intenções, entregou-se a Deus, decidida a resistir silenciosamente a tudo o que lhe quisesse dizer Lotário, sem contar mais ao marido, para não lhe dar mais cuidados, nem o envolver em pendências. Pôs-se também a rebuscar o modo como haveria de desculpar Lotário diante de Anselmo, quando este lhe perguntasse por que motivo escrevera aquele bilhete.

Com tais pensamentos, mais honrados que acertados e proveitosos, esteve, no outro dia, a escutar Lotário. Este lhe falou com tanto ardor, que a firmeza de Camila principiou a titubear, e sua honestidade não teve mãos a medir para acudir aos olhos, que por pouco não deram mostras de alguma compaixão amorosa, ante as lágrimas e razões que Lotário despertara no seu peito. Lotário notava tudo isto e ainda mais se exaltava. Por fim, pareceu-lhe ser preciso apertar o cerco daquela fortaleza, durante a ausência de Anselmo; assim, aguçou a presunção da moça, louvando-lhe a formosura. Em verdade, nada existe que mais depressa arrase e aplaine as encasteladas torres da vaidade das mulheres formosas do que a mesma vaidade, posta nas línguas da adulação.

Efetivamente, com toda a diligência, foi ele minando a roca da integridade da moça com tais artimanhas, que Camila viria ao chão, ainda que fosse toda de bronze. Lotário chorou, rogou, ofereceu, adulou, porfiou e fingiu com tantos sentimentos, com tantas mostras de veracidade, que acabou derrubando o recato de Camila e triunfando do que menos pensava e do que mais desejava.

Rendeu-se Camila; sim, Camila rendeu-se. Que admira, se a amizade de Lotário não ficou de pé? Claro exemplo, esse, onde se patenteia que só se vence a paixão amorosa com fugir dela e que ninguém se deve pôr em luta com tão poderoso inimigo; há mister forças divinas, para vencer as suas humanas. Só soube Leonela da fraqueza da patroa, porque não se lhe puderam ocultar os dois maus amigos e novos amantes. Não quis Lotário contar a Camila a pretensão de Anselmo, nem que este lhe havia dado a ocasião de chegar àquele ponto, para que ela não tivesse em menor conta o seu amor e julgasse que fora por acaso e sem pensar — e não de propósito — que ele a tinha solicitado.

Dali a poucos dias, regressou Anselmo, e não logrou perceber o que faltava na sua casa, que era o que ele mais estimava e em que menos conta tivera. Foi logo ver Lotário e, achando-o em casa, abraçaram-se os dois, perguntando aquele a este pelas novas da sua vida, ou da sua morte.

— As novas que te poderei dar, amigo Anselmo — disse Lotário —, são as de que tens uma mulher que, dignamente, pode servir de exemplo e coroa a todas as mulheres boas. As palavras que lhe disse, levou-as o vento; os oferecimentos que lhe fiz, ela os menosprezou; as dádivas, não as recebeu; de algumas lágrimas fingidas que verti, fez notável zombaria. Em suma: assim como é compêndio de toda a beleza, Camila é também o arquivo onde mora a honestidade, onde vivem o comedimento, o recato e todas as virtudes que podem tornar admirável e feliz uma mulher honrada. Retoma o teu dinheiro, amigo; aqui o tenho, e não precisei tocar nele, pois a inteireza de Camila não se rende as coisas tão vis, como dádivas e promessas. Alegra-te, Anselmo, e não queiras fazer mais provas do que as que já foram feitas; passaste, a pé enxuto, o mar de dificuldades e das suspeitas que se costumam e podem ter acerca das mulheres; não tentes entrar de novo no pélago profundo dos novos inconvenientes, nem queiras experimentar com outro piloto a bondade e a fortaleza do navio, que o céu te deu por sorte, para nele atravessares o oceano deste mundo. Faze de conta que já estás em porto seguro, firma-te nas âncoras da boa consideração e deixa-te ficar, até que te venham cobrar a dívida — que não há fidalguia humana que se escuse de pagá-la.[2]

Anselmo ficou contentíssimo com o que lhe disse Lotário. Acreditou em tudo, como se fossem palavras de oráculo. Mas, com tudo isso, lhe rogou que não abandonasse a empresa, ainda que não fosse senão por curiosidade e divertimento, embora não lançasse mão, daí em diante, de tão afincadas diligências como até então; que só queria que ele escrevesse alguns versos em louvor dela, sob o nome de Clóris, porquanto ele, Anselmo, daria a entender a Camila que o amigo andava enamorado de uma dama, em quem havia posto aquele nome para poder celebrá-la com o decoro que à sua honestidade era devido; e que, se Lotário não se quisesse dar ao trabalho de escrever os versos, ele, Anselmo, os faria.

— Não será preciso isso — disse Lotário —, pois não me são tão inimigas as musas, que não me visitem algumas vezes por ano. Dize tu a Camila o que disseste do fingimento dos meus amores, que os versos eu os farei, se não tão bons como a pessoa o merece, pelo menos os melhores que eu puder.

Ficaram de acordo o impertinente e o amigo traidor. Voltando à casa, perguntou Anselmo a Camila o que esta já se admirava de lhe não ter ele perguntado, isto é, que foi o que a moveu a escrever-lhe o tal bilhete. Camila respondeu-lhe haver julgado que Lotário a mirava com mais desembaraço do que quando ele estava em casa, mas que, agora, já corrigira o erro e acreditava ter sido tudo obra da sua imaginação, visto que Lotário passou a fugir-lhe e evitava estar com ela a sós. Disse-lhe Anselmo que bem podia ficar a salvo daquela suspeita, porque ele sabia estar Lotário enamorado de uma importante donzela da cidade, a quem celebrava sob o nome de Clóris; e, ainda que assim não fosse, não devia ela ter receio da sinceridade de Lotário, atendendo à grande amizade que os unia. Se já não estivesse avisada Camila, por Lotário, de que eram fingidos aqueles amores de Clóris e de que ele havia dito isso a Anselmo para se poder ocupar alguns instantes em louvores à própria Camila, esta cairia, sem dúvida, na desesperada rede dos ciúmes; mas, por estar advertida, passou aquele sobressalto sem maiores pesares.

Outro dia, estando os três à mesa, rogou Anselmo a Lotário que lhe dissesse algo do que já havia composto para a sua amada Clóris, pois, não a conhecendo Camila, podia ele falar com segurança o que quisesse.

— Embora a conhecesse — respondeu Lotário —, eu nada encobriria; porque, quando algum amante louva a sua dama por formosa e a chama de cruel, não faz qualquer opróbrio ao seu bom crédito. Mas, seja o que for, o que sei dizer é que fiz ontem um soneto à ingratidão desta Clóris, o qual reza assim:[3]

*No silêncio da longa noite, quando*
*aquieta o sono todos os mortais,*
*a pobre conta de meus ricos ais*
*aos céus e à minha Clóris vou prestando.*
*E no instante em que o sol se vai mostrando*
*pelas rosadas portas orientais,*
*com suspiros e acentos desiguais*
*vou as queixas antigas renovando.*
*Quando o sol, no apogeu de sua glória,*

*mais fortes raios sobre a terra envia,*
*cresce o pranto e redobro os meus gemidos.*
*A noite volta e volto à triste história,*
*mas sempre encontro, na mortal porfia,*
*surdos os céus e Clóris sem ouvidos.*[4]

O soneto pareceu bom a Camila, e ainda melhor a Anselmo, pois o louvou, dizendo que era demasiadamente cruel a dama, que a tão claras verdades não correspondia.

Ao que replicou Camila:

— Então é verdade tudo o que dizem os poetas enamorados?

— Enquanto poetas, não — respondeu Lotário —; mas, enquanto enamorados, são tão breves como verdadeiros.

— Não há dúvida — observou Anselmo, visando apoiar e acreditar os pensamentos de Lotário junto a Camila, tão descuidada do artifício de Anselmo como já enamorada de Lotário.

A moça, que com gosto recebia tudo o que vinha dele, crendo que seus desejos e escritos eram dirigidos a ela, como a verdadeira Clóris, lhe rogou que, se outro soneto ou outros versos soubesse, lhos recitasse.

— Sei, sim — respondeu Lotário —; mas não creio que seja tão bom como o primeiro, ou, por melhor dizer, menos mau. Podeis bem julgá-lo, pois é este:

*Eu sei que morro e, já que não sou crido,*
*é mais certo morrer, cair mais perto*
*morto a teus pés, da ingratidão liberto,*
*antes que de adorar-te arrependido.*
*Caminharei para a região do olvido,*
*que a vida, a glória, o amor são-me um deserto;*
*e quem me contemplar o peito aberto*
*teu lindo rosto ali verá esculpido.*
*Esta relíquia guardo, para o duro*
*transe em que há de findar minha porfia,*
*que em teu próprio rigor se fortalece.*
*Ai de quem, navegando, o céu escuro,*

*por mar ignoto e perigosa via,*
*norte não vê, nem porto lhe aparece!*[5]

Anselmo elogiou este segundo, como havia elogiado o primeiro. Assim, de elo em elo, ia formando a cadeia com que se enlaçava e tramava a sua desonra; pois, quanto mais o desonrava Lotário, mais lhe dizia que devia julgar-se honrado. Quantos degraus, assim, Camila descia, para o centro do seu menosprezo, tantos subia, na opinião do marido, para o cume da virtude e da boa fama.

Sucedeu que, achando-se uma vez Camila, como de outras vezes, a sós com a sua aia, lhe disse:

— Estou envergonhada, amiga Leonela, de ver quão pouco tenha sabido estimar-me, pois nem sequer fiz que Lotário comprasse com o tempo o completo domínio da minha vontade, que lhe concedi tão apressadamente. Receio que ele venha a subestimar essa pressa ou leviandade, esquecendo a força de que usou para que eu não lhe pudesse resistir.

— Não se incomode com isso, minha senhora — respondeu Leonela —, pois não aumenta nem diminui o valor da coisa o dar-se ela depressa, se, efetivamente, o que se dá é bom e por si mesmo digno de estima. Até se costuma dizer que o que dá depressa, dá duas vezes.

— Também é costume dizer-se — observou Camila — que o que custa pouco, menos se estima.

— Não é o seu caso — respondeu Leonela —, porque o amor, segundo ouvi dizer, umas vezes voa, outras anda; com este corre, com aquele vai devagarinho; a uns entibia, e a outros abrasa; a uns fere, e a outros mata; num mesmo ponto principia a carreira dos seus desejos, e ali mesmo os acaba e conclui; pela manhã, costuma pôr cerco a uma fortaleza, e à noite a leva de vencida, porque não há força que lhe resista. Sendo assim, de que se espanta a senhora, ou que teme, se o mesmo deve ter acontecido a Lotário, havendo tomado o amor a ausência do meu amo como instrumento para vos render a ambos? Era forçoso que, nessa ausência, se concluísse o que o amor havia determinado, sem dar tempo ao tempo, para que Anselmo voltasse e, com a sua presença, impedisse o acabamento da obra; porque o amor não tem melhor ministro, para executar o que deseja, do que a ocasião; da ocasião se serve em todos os seus feitos, principalmente no começo. Tudo isto eu o sei muito bem, mais por experiência do que por ouvir dizer, e algum dia lhe relatarei, pois também sou de carne e de sangue moço. O que mais importa, é que a senhora não se entregou, nem se deu assim tão depressa, sem que primeiro tivesse visto nos olhos, nos suspiros, nas razões, nas promessas e dádivas de Lotário toda a alma dele, verificando por esta e pelas suas virtudes quando Lotário era digno de ser amado. E se é assim, não permita que lhe assaltem a imaginação esses escrupulosos e melindrosos pensamentos; certifique-se de que Lotário a estima como a senhora o estima, e viva contente e satisfeita de, já tendo caído no laço amoroso, saber que este que a aperta é de valor e estima; pois não só tem os quatro SS[6] que se diz que devem ter os bons namorados, mas todo um ABC.

Senão escute-me, e há de ver que o digo de cor. Se bem me lembro, é o seguinte: Agradecido, Bom, Cavaleiro, Dadivoso, Enamorado, Firme, Galante, Honrado, Ilustre, Leal, Moço, Nobre, Ótimo, Principal, Quantioso, Rico, e os quatro SS que dizem; depois, Tácito, Verdadeiro. O X é que não lhe quadra, por ser letra áspera; o Y já está dito no I; e quanto ao Z, Zelador da honra da sua dama.[7]

Riu-se Camila do ABC da sua aia e teve-a por mais prática em coisas de amor do que ela própria se inculcava. A moça, aliás, o confessou, contando a Camila que entretinha amores com um bem-nascido mancebo da mesma cidade. Perturbou-se Camila com isto, temendo que por aquele caminho é que a sua honra podia correr perigo. Apertou-a, para saber se as conversações amorosas já não haviam passado a mais que isso. Ela, com pouca vergonha e muita desenvoltura, lhe respondeu que sim, que já tinham passado: pois é coisa certa que os descuidos das senhoras tiram a vergonha às criadas, as quais, vendo as patroas escorregar, pouco se lhes dá de coxear, nem de que outros o saibam. O mais que pôde fazer Camila foi pedir a Leonela que nada dissesse a respeito dela ao rapaz que dizia ser seu amante, e que guardasse segredo sobre as suas entrevistas, para que não chegassem ao conhecimento de Anselmo, nem de Lotário. Leonela respondeu que sim, que guardaria; mas cumpriu a promessa de tal maneira, que confirmou os temores de Camila de que acabaria perdendo o crédito por causa da criada. Com efeito, depois de ver que o procedimento da patroa não era mais o mesmo, a desonesta e desaforada Leonela se atreveu a levar para dentro de casa o seu amante, confiada em que, mesmo que a senhora o visse, não ousaria denunciá-lo. Este é o mal que acarretam, dentre outros, os pecados das senhoras: fazem-se escravas das suas próprias criadas e se obrigam a encobrir-lhes as desonestidades e vilanias, como sucedeu a Camila; esta viu uma e muitas vezes Leonela com o amante num aposento da sua casa, e não só não ousava ralhar-lhe, mas até a auxiliava a ocultá-lo, removendo todos os obstáculos para que não fosse a coisa ao conhecimento do marido. Não pôde evitar, porém, que Lotário o visse uma vez saindo, ao romper da aurora, e, sem conhecer quem era, pensasse primeiramente que devia ser algum fantasma; mas, quando o viu caminhar, embuçar-se e esconder-se com cuidado e recato, abandonou a primitiva suposição e caiu noutra, que teria sido a perdição de todos, se não acudisse Camila com o remédio.

Pensou Lotário que o homem, que tinha visto sair, tão a desoras, da casa de Anselmo, não fora ali por Leonela; nem se lembrou de que havia uma Leonela no mundo. Julgou somente que Camila, assim como fora fácil e leviana com ele, o era agora com outro. São estas as descrenças que traz consigo o mau comportamento da mulher má, que perde o crédito da sua honra com aquele mesmo a quem se entregou à força de rogos e de persuasão, pois também este acredita que com maior facilidade se há de ela entregar a outros, emprestando crédito infalível a qualquer suspeita que lhe ocorra em tal sentido. Parece que, neste ponto, faltou a Lotário todo o seu bom juízo e se lhe apagaram da memória todos os meditados discursos; pois, sem fazer nenhum que prestasse, nem que fosse razoável, sem quê nem mais, antes que Anselmo se levantasse, impaciente e cego, por causa da ciumenta raiva que lhe rola as entranhas, morrendo por vingar-se de Camila, que nada lhe tinha ofendido, foi ter com o marido, e lhe disse:

— Sabe, Anselmo, que há muitos dias ando em luta comigo mesmo, forcejando por não te dizer o que já não é possível, nem justo, que te encubra por mais tempo. Quero que saibas que a fortaleza de Camila está rendida e sujeita a tudo o que eu dela pretender; se tardei em descobrir-te essa verdade, foi para ver se não era alguma leviandade passageira, ou se ela o fazia para experimentar-me e verificar se eram firmes os propósitos amorosos que, com a tua licença, iniciei. Pensei que, se ela fosse o que devia e o que ambos acreditávamos, já te teria dado conta da minha solicitude; mas como tardou, estou percebendo que são verdadeiras as promessas que me deu de que, quando te ausentares outra vez de casa, me há de falar no quarto onde está o depósito de tuas alfaias (e era ali mesmo que Camila costumava encontrá-lo). Não quero que te precipites a tomar vingança, pois o pecado ainda não foi cometido senão em pensamento, e é bem possível que, até a ocasião de o cometer, se alterasse o desejo de Camila, nascendo, em lugar deste, o arrependimento. Se, no todo ou em parte, seguiste sempre os meus conselhos, segue e guarda agora este que te direi, para que, sem engano e com medrosa prudência, te satisfaças daquilo que mais vires que te convenha. Finge que te ausentas por dois ou três dias, como sucedeu de outras vezes, e faze de maneira que fiques escondido no tal quarto, pois os tapetes que ali há e outras coisas, com que te podes cobrir, te oferecem muita comodidade; e então verás com os teus próprios olhos, e eu com os meus, o que pretende Camila. Se ela quiser coisa má — o que se pode temer, antes que esperar — com silêncio, sagacidade e discrição, poderás ser o verdugo do teu agravo.

Absorto, suspenso e admirado ficou Anselmo com as palavras de Lotário, porque o apanharam quando menos as esperava e quando já reputava Camila vencedora, ante os fingidos assaltos de Lotário, e principiava a gozar a glória da conquista.

Esteve calado por algum tempo, olhando para o chão, sem mover as pálpebras; ao cabo, disse:

— Fizeste, Lotário, o que eu esperava da tua amizade: seguirei em tudo o teu conselho; faze o que quiseres, e guarda o segredo que julgares conveniente, em caso tão imprevisto.

Lotário prometeu-lho; e, apartando-se dele, se arrependeu totalmente de quanto havia dito, vendo quão néscio fora, pois bem poderia vingar-se de Camila, por caminho não tão cruel, nem tão desonrado. Maldizia seu entendimento, culpava a sua leviandade e não sabia o que fazer para desmanchar a intriga, ou para dar-lhe alguma saída razoável. Por fim, resolveu contar tudo a Camila; e como não faltava lugar para o fazer, naquele mesmo dia a encontrou só. Apenas viu que lhe podia falar, ela disse:

— Escuta, amigo Lotário: tenho uma dor no coração a me apertar de tal maneira, que até parece que ele quer rebentar-me no peito, sendo para admirar que não o faça; pois a pouca vergonha de Leonela chegou a tanto, que cada noite traz um seu amante para dentro desta casa, com ele fica até o amanhecer — e isto à custa da minha reputação, visto que deixa campo aberto para julgá-la quem o vir saindo a desoras da minha casa. O que me aflige é que não a posso castigar, nem ralhar-lhe, pois o fato de ser ela confidente dos nossos negócios[8] me pôs freio à boca para calar os seus; e temo que daqui resulte algum mau sucesso.

Quando Camila principiou a falar, pensou Lotário que era artifício, para convencê-lo de que o homem, que tinha visto sair, era de Leonela, e não seu; mas, vendo-a chorar e afligir-se, pedindo-lhe remédio, acreditou que era verdade; e mal o acreditou, ficou muitíssimo confuso e arrependido do que fizera. Apesar de tudo, respondeu a Camila que não se preocupasse, pois acharia remédio para pôr cobro à insolência da criada. Mas nem por isso deixou de confessar-lhe o que, instigado pela furiosa cólera dos ciúmes, havia dito a Anselmo; contou-lhe ainda a combinação, que haviam feito, de esconder-se o marido no quarto, para ver às claras a deslealdade da esposa. Pediu-lhe perdão desta loucura e conselho para poder remediá-la e sair-se bem de tão revolto labirinto onde o metera a sua confusão. Camila espantou-se com o que ouviu de Lotário; e com muita irritação, muitas e discretas razões, lhe ralhou e censurou tão mau pensamento, bem como a simplória e má atitude que tivera. Mas como naturalmente tem a mulher, tanto para o bem como para o mal, engenho mais rápido que o do homem, embora o mesmo lhe falte quando se põe de propósito a fazer discursos, num instante achou Camila o modo de remediar o que tanto parecia irremediável. Disse a Lotário que diligenciasse para que Anselmo se escondesse onde dissera, porque ela tencionava aproveitar essa circunstância em benefício de ambos, a fim de que, dali por diante, os dois se desfrutassem mutuamente sem nenhum sobressalto. E, sem declarar de todo o seu pensamento, advertiu-lhe que tivesse cuidado, quando Anselmo se escondesse, para só aparecer quando Leonela o chamasse; e que respondesse a tudo o que ela lhe dissesse, como responderia se não soubesse que o escutava Anselmo.

Insistiu Lotário para que ela acabasse de lhe revelar completamente o seu intento; assim, com mais segurança e precaução, poderia ele fazer o que fosse necessário.

— Nada mais é preciso — disse Camila — senão responderes ao que eu te perguntar.

Não queria Camila dar-lhe conta antecipada do que tencionava fazer, temendo que não quisesse ele seguir o plano que a ela parecia tão bom e antepusesse ou buscasse outros de menos probabilidades.

Com isto se foi Lotário. E Anselmo, no outro dia, com a escusa de ir à aldeia daquele seu amigo, partiu; mas logo voltou, para esconder-se, o que lhe foi fácil, porque de indústria lho propiciaram Camila e Leonela.

Escondido estava, pois, Anselmo, com aquele sobressalto que bem se pode imaginar em quem esperava assistir, com os seus próprios olhos, à autópsia das entranhas da sua própria honra, estando a pique de perder o sumo bem que julgava possuir na sua querida Camila. Já seguras e certas de estar Anselmo escondido, Camila e Leonela entraram no quarto; e mal pôs ali os pés, exclamou Camila, num grande suspiro:

— Ai, Leonela amiga! Não seria melhor que, antes de eu chegar a pôr em execução o que não quero que saibas, para que não procures estorvá-lo, tomasses tu a adaga de Anselmo, que te pedi, e atravessasses com ela este infame peito meu? Mas não faças tal coisa, pois não há razão para que eu seja punida pela culpa alheia. Primeiro, quero saber o que viram em mim os olhos atrevidos e desonestos de Lotário, para que ele se atrevesse a descobrir-me os seus maus desejos, como os descobriu, em menoscabo do seu amigo e em vilipêndio meu. Chega a essa janela e chama-o; sem dúvida, deve achar-se na rua, esperando executar o seu mau intento. Antes, porém, executarei o meu, que é cruel, mas honrado.

— Ai, minha senhora! — respondeu a sagaz e avisada Leonela. — Que quer fazer com esta adaga? Porventura, quer suicidar-se, ou matar Lotário? Qualquer destas duas coisas há de redundar em perda do seu crédito e fama. É melhor que a senhora dissimule o seu agravo e não dê lugar a que este malfeitor entre agora aqui em casa e nos ache sozinhas. Olhe que somos mulheres fracas, e ele é homem resoluto; como vem com aquele mau propósito, cego e apaixonado, é possível que, antes que se ponha em prática o da senhora, faça ele o que seria pior que a própria morte. Mal haja ao meu senhor Anselmo, que tantas asas deu, em sua casa, a esse velhaco! E se a senhora o matar, como julgo que pretende fazer, onde o poremos depois de morto?

— Ora — respondeu Camila —, deixá-lo-emos aqui, para que Anselmo o enterre, pois é justo que tenha este por descanso o trabalho de sepultar a sua própria infâmia. Chama-o logo; todo o tempo que tardo em me vingar do meu agravo, parece que ofendo à lealdade devida ao meu esposo.

Anselmo escutava tudo isso, e, a cada palavra de Camila, se lhe transmudavam os pensamentos. Mas quando ouviu que ela estava resolvida a matar Lotário, quis sair e descobrir-se, para que não fizesse tal coisa; mas o deteve o desejo de ver em que parava tanta galhardia e tão honesta resolução, pensando sair ainda a tempo de impedi-la. Nisto, teve Camila forte desmaio, e se atirou numa cama que ali havia. Leonela começou a chorar amargamente, e a dizer:

— Pobre de mim! Se agora acontecesse a desgraça de morrer nos meus braços a flor da honestidade do mundo, o exemplo das boas mulheres, o modelo da castidade!

Foi dizendo estas e outras coisas semelhantes. Quem a escutasse tê-la-ia na conta da mais lastimosa e mais leal de todas as aias do mundo, e a patroa na de uma nova e perseguida Penélope.[9]

Pouco tardou em volver Camila do desmaio. Tornando a si, disse:

— Por que não vais, Leonela, chamar o mais leal amigo de amigo de quantos viu o sol, ou encobriu a noite? Acaba, corre, avia-te, caminha; não se me aplaque, com a demora, o fogo da cólera que tenho; nem se converta em ameaças e maldições a justa vingança que espero.

— Já vou chamá-lo, minha senhora — disse Leonela —; mas há de me dar primeiro essa adaga, para que, na minha ausência, não faça coisa que tenham de chorar a vida inteira todos os que lhe querem bem.

— Vai segura, Leonela amiga, que o não farei — respondeu Camila —; porque, embora eu seja, na tua opinião, atrevida e simples, em acudir por minha honra, não o hei de ser tanto como aquela Lucrécia, que, segundo dizem, se matou sem ter cometido erro algum e sem ter morto primeiro o causador da sua desgraça. Se eu morrer, morro satisfeita e vingada de quem me deu ocasião de vir a este lugar, para chorar os seus atrevimentos, nascidos tão sem culpa minha.

Muito se fez de rogada Leonela, antes de ir chamar Lotário; por fim, saiu, e, enquanto não voltava, ficou Camila como que a falar consigo mesma:

— Valha-me Deus! Não fora mais acertado repelir Lotário, como o fiz de outras vezes, em vez de o fazer crer, como já o fiz, que sou desonesta e má, pelo menos enquanto não chego a desenganá-lo? Melhor fora, sem dúvida; mas não ficaria eu vingada, nem satisfeita a honra do meu marido, se daqui ele saísse tão a mãos lavadas e tão seguro de si como o fizeram entrar os seus maus pensamentos. Pague o traidor com a vida o que intentou com tão lascivo desejo; saiba o mundo (se acaso chegar a sabê-lo) que Camila não só guardou lealdade ao esposo, mas também o vingou daquele que se atreveu a ofendê-lo. Apesar de tudo, creio que teria sido melhor contar o que se passa a Anselmo. Comecei a adverti-lo na carta que lhe escrevi para a aldeia; mas creio que não acudiu a remediar o dano que ali apontei porque, na sua boa-fé, não quis nem pôde acreditar que o peito de um tão constante amigo pudesse abrigar pensamentos contrários à sua honra. Também não acreditei por muitos dias, nem o acreditaria jamais, se a sua insolência não chegasse a tanto, e as suas dádivas manifestas, as largas promessas, as contínuas lágrimas não lograssem convencer-me. Mas, para que faço agora tais discursos? Uma resolução de tal monta não carece de conselhos; certamente que não. Fora, pois, traidores! A mim as vinganças! Entre o falso: venha, chegue, morra e se acabe, suceda o que suceder. Vim sem mácula para os braços daquele a que o céu me confiou; sem mácula hei de sair; quando muito, sairei banhada no meu sangue casto e no sangue impuro do mais falso dos amigos que jamais traíram a amizade no mundo.

Dizendo isto, passeava pela sala com a adaga fora da bainha, dando passos tão desconcertados e desaforados e fazendo tais gestos, que até parecia ter perdido o juízo e não ser mulher delicada, porém desesperado rufião.

Anselmo assistia a tudo, oculto por trás das cortinas, e de tudo se admirava. Já lhe parecia que o que tinha visto e ouvido era suficiente desmentido até para maiores suspeitas; e queria que a prova da vinda de Lotário faltasse, temendo algum repentino mau sucesso. Já resolvera aparecer, abraçar e desenganar a esposa; mas se deteve, quando viu que Leonela voltava, trazendo Lotário pela mão. Mal o viu, traçou Camila com a adaga um grande risco no chão, diante dela, e disse:

— Lotário, repara bem no que te digo: se acaso te atreves a ultrapassar este risco que vês ou aproximar-te dele, nesse mesmo instante atravessarei o meu peito com esta adaga, que tenho nas mãos. Antes que a isto me respondas palavra quero que outras escutes de mim; depois responderás, como melhor te agradar. Primeiramente, quero que me digas, Lotário, se conheces Anselmo, meu marido, e que juízo dele fazes; em segundo lugar, quero saber também se me conheces a mim. Responde a isso e não te perturbes, nem penses muito no que hás de responder, pois não te pergunto coisas difíceis.

Não era tão ignorante Lotário que, desde o primeiro momento que lhe pediu Camila para esconder Anselmo, não tivesse percebido o que ela intentava fazer. Correspondeu, pois, à intenção dela, tão discretamente e tão a tempo, que lograram os dois passar aquela mentira como sendo a verdade mais certa. Assim, respondeu a Camila desta maneira:

— Nunca pensei, formosa Camila, que me chamavas para me perguntar coisas tão fora da intenção com que aqui venho. Se o fazes para dilatar-me a prometida mercê, desde longe terias podido entretê-la, porque tanto mais cansa o desejado bem quanto mais perto dele anda a esperança. Mas, para que não alegues que não respondo a tais perguntas, digo que conheço o teu esposo Anselmo e que ambos nos conhecemos desde os nossos mais ternos anos. Não quero dizer o que tão bem sabes da nossa amizade, para não me tornar testemunha do agravo que o amor me obriga a fazer-lhe — o amor, sim, poderosa desculpa de maiores erros. A ti te conheço e tenho na mesma estima em que ele te tem; pois, a não ser assim, por menos prendas que as tuas, não havia eu de ir contra o que devo a mim mesmo, nem contra as santas leis da verdadeira amizade, que foram por mim rompidas e violadas, por causa de inimigo tão poderoso como o amor.

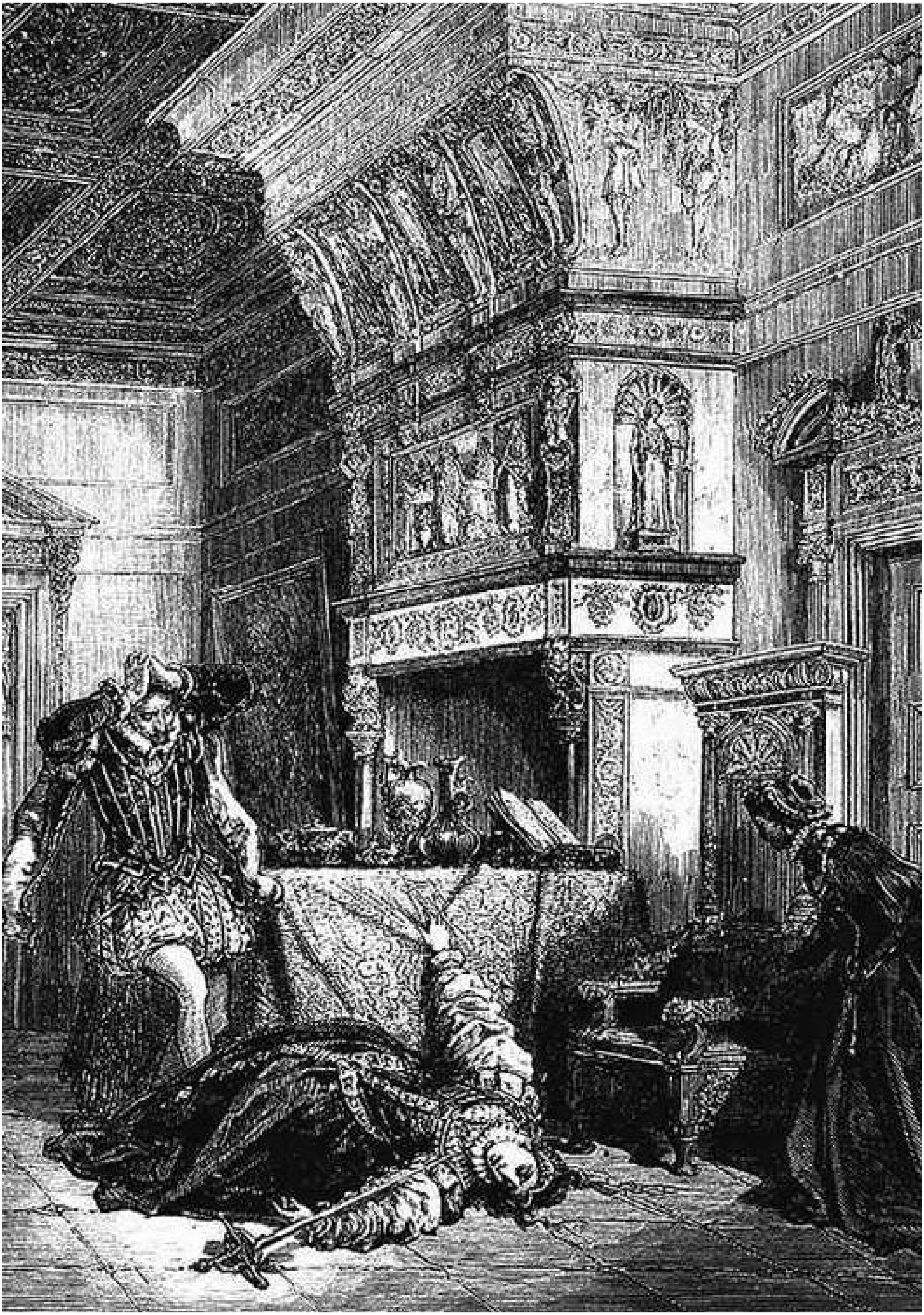
— Se isto confessas — respondeu Camila —, ó inimigo mortal de tudo aquilo que justamente merece ser amado, com que rosto ousas aparecer diante de quem sabes que é o espelho, no qual se mira aquele em quem deverias mirar-te, para que visses como o agravas com tão pouco motivo? Agora me lembro, ai! Triste de mim! Que foi que te fez perder o respeito que devias a ti mesmo: deve ter sido alguma desenvoltura minha, a que não quero chamar desonestidade, pois não terá procedido de deliberada determinação, mas de algum descuido, desses que as mulheres, que pensam não terem de quem recatar-se, costumam fazer inadvertidamente. Se não, dize-me, quando, ó traidor! Respondi a teus rogos com alguma palavra, ou sinal, que em ti pudesse despertar alguma sombra de esperança de cumprires os teus infames desejos? Tuas palavras amorosas não foram sempre repelidas e repreendidas por mim, com rigor e aspereza? Quando é que acreditei, ou admiti as tuas muitas promessas e maiores dádivas? Mas, como julgo que ninguém pode perseverar no intento amoroso longo tempo, se não for sustentado por alguma esperança, quero atribuir a mim a culpa da tua impertinência, pois, sem dúvida, algum descuido meu há sustentado tanto tempo o teu cuidado. Quero, assim, castigar-me e impor-me a pena que tua culpa merece. Para que visses que, sendo comigo tão desumana, não era possível deixar de sê-lo contigo, quis trazer-te aqui, para seres testemunha do sacrifício que penso fazer à honra ofendida do meu tão honrado marido, agravado por ti, com o maior cuidado que te foi possível, e por mim também, com o pouco recato que tive de fugir à ocasião — se te dei alguma — de favorecer e canonizar[10] as tuas más intenções. Torno a dizer: a suspeita que tenho de que algum descuido meu engendrou em ti tão desvairados pensamentos é o que mais me aflige e o que mais desejo castigar com as minhas próprias mãos, porque, castigando-me outro verdugo, talvez fosse mais pública a minha culpa; todavia, antes de fazer isso, quero matar morrendo e levar comigo quem me acabe de satisfazer o desejo de vingança, que espero e nutro, vendo além, aonde quer que eu vá, a pena que dá a justiça desinteressada, e que não se dobra, ao que me levou a tamanho desespero.

E dizendo isto, com incrível força, e ligeireza atirou-se contra Lotário, de adaga desembainhada, com tais mostras de lhe querer cravar no peito, que ele quase duvidou se tais demonstrações eram falsas ou verdadeiras, porque lhe foi forçoso valer-se da sua indústria e da sua força, para impedir que Camila lhe acertasse. Esta simulava tão vivamente aquele estranho embuste e falsidade que, para lhe dar cores de veracidade, quis misturá-lo com o seu próprio sangue. Vendo que não podia com Lotário, ou fingindo que não podia, disse:

— Já que a sorte não quer satisfazer de todo o meu tão justo desejo, pelo menos não será tão poderosa que em parte me impeça de satisfazê-lo.

E forcejando por soltar a mão da adaga que Lotário prendera, tirou-a com efeito; em seguida, dirigiu a ponta da arma para si mesma, em local onde pudesse ferir apenas superficialmente, e a enterrou e escondeu um pouco acima da axila do lado esquerdo, junto ao ombro; e logo se deixou cair ao solo, como que desmaiada.

Estavam Leonela e Lotário suspensos e atônitos de tal sucesso; todavia, duvidavam da veracidade da cena, vendo Camila por terra, banhada em sangue. Acudiu Lotário com muita presteza, apavorado e sem fôlego, a arrancar a adaga; mas, vendo a pequena ferida, perdeu o receio que até então nutria e de novo se admirou da sagacidade, prudência e discrição da formosa Camila. Para melhor fazer o que lhe competia começou a lamentar-se longa e tristemente sobre o corpo de Camila, como se estivesse defunta, soltando muitas maldições, não só a ele, mas também ao que a tinha levado a tais extremos. Como sabia que seu amigo Anselmo o escutava, dizia coisas que faziam o ouvinte lastimá-lo mais do que a Camila, ainda que a julgasse morta. Leonela tomou-a nos braços e a pôs no leito, suplicando a Lotário que fosse buscar quem secretamente curasse Camila; pedia-lhe também conselho e opinião sobre o que diriam a Anselmo daquela ferida da sua senhora, se acaso viesse antes de ela estar curada. Ele respondeu que dissessem o que quisessem, pois não estava em condições de dar conselhos que fossem de proveito; apenas aconselhava que ela procurasse vedar-lhe o sangue porque ele ia partir para onde ninguém o visse. Com mostras de muita dor e sentimento, saiu de casa; mas quando se pilhou só, em lugar onde ninguém o via, fez várias vezes o sinal-da-cruz, maravilhado com a astúcia de Camila e com a intervenção tão apropriada de Leonela. Considerava quão inteirado havia de ficar Anselmo de que tinha por mulher uma segunda Pórcia,[11] e ansiava por ir ter com ele, para celebrarem os dois a mentira e a verdade mais dissimuladas que jamais poderia imaginar-se.



Leonela, como dissemos, estancou o sangue da patroa — que não ia além da quantidade necessária para dar crédito ao embuste — e, lavando a ferida com um pouco de vinho,[12] atou-a o melhor que pôde, dizendo tais razões, enquanto a curava, que, embora não fossem precedidas de outras, bastariam para fazer crer a Anselmo ser Camila a imagem da honestidade. As palavras de Leonela juntaram outras de Camila, que a si mesma se chamava covarde e pusilânime, pois lhe faltara o ânimo, na ocasião em que mais o necessitava, para acabar com a vida, que lhe parecia tão aborrecida. Pedia conselho à sua aia: contaria, ou não, aquilo tudo ao esposo querido? Aquela aconselhou-a a não lho dizer porque, se lho dissesse, poria este na obrigação de se vingar de Lotário, o que lhe seria muito arriscado; e acrescentou que a toda mulher boa cumpre não dar ocasião a que seu marido se metesse em contendas, devendo antes livrá-lo de todas as que lhe fosse possível.

Respondeu Camila que lhe parecia muito bom conselho, e que o seguiria; mas, em todo o caso, convinha combinar o que se diria a Anselmo para explicar aquela ferida, que ele não poderia deixar de ver; ao que Leonela respondia que nem brincando sabia mentir.

— Pois eu, irmã — replicou Camila —, que direi então, se não me atreveria nunca a forjar, nem a sustentar uma mentira, ainda que perdesse a vida? Se não havemos de saber dar saída a isto, melhor será dizer-lhe a verdade nua, do que sermos apanhadas mentindo.

— Sossegue, minha senhora — respondeu Leonela —; de hoje até amanhã, pensarei no que havemos de lhe dizer; talvez que, sendo a ferida onde é, a senhora a possa encobrir sem que ele a veja; e o céu será servido de favorecer aos nossos tão justos e honrados pensamentos. Tranquilize-se, minha senhora, e procure acalmar a sua alteração, para que o meu amo não a encontre sobressaltada; quanto ao resto, deixe-o a meu cargo e ao de Deus, que sempre ajuda os bons desejos.

Anselmo ficara todo o tempo atentíssimo, a escutar e a ver representar-se a tragédia da morte da sua honra; e a representação se revestiu de tão estranhos e eficazes acentos, que os seus personagens pareciam ter-se transformado na própria verdade do que fugiam. Ele aguardava com ansiedade a noite, a fim de poder sair de casa e encontrar o seu bom amigo Lotário, congratulando-se com este pela preciosa margarita[13] que havia achado no desengano da bondade de sua esposa.Tiveram as duas cuidado em lhe facilitar a saída; e ele, sem perder a oportunidade, saiu, em busca de Lotário. Achando-o, não se podem contar os abraços que lhe deu, as coisas que de sua alegria lhe disse, os louvores que teceu a Camila. Lotário escutava tudo sem poder aparentar alegria alguma, porque se lhe figurava na memória o grande engodo em que envolvera o amigo e como era injusta a ofensa que lhe fazia. Anselmo notou que Lotário não se alegrava, mas pensou que fosse por ter deixado Camila ferida e ser ele o causador; disse-lhe, pois, dentre outras razões, que não tivesse pena do sucesso de Camila, porque, sem dúvida, a ferida era ligeira, já que haviam combinado de a ocultar dele. Julgava, assim, que não havia o que temer, e que, dali por diante, a sua felicidade devia alegrar o amigo, já que fora pela astúcia e por intermédio deste que ele se via agora alçado à suprema ventura deste mundo. Doravante, não queria outra coisa senão entreter-se fazendo versos em louvor de Camila, versos capazes de eternizá-la na memória dos séculos vindouros. Lotário gabou-lhe a boa determinação e lhe disse que, por sua parte, o ajudaria a levantar tão ilustre edifício.

Com isto se tornou Anselmo o homem mais saborosamente enganado que pôde haver no mundo: ele próprio levava pela mão, para dentro de casa, toda a perdição da sua fama, julgando levar o instrumento da sua glória. Aparentemente, recebia-o Camila de rosto virado, mas com a alma risonha. Durou esse engano alguns dias; por fim, ao cabo de poucos meses, voltou-se a roda da fortuna e saiu à praça a maldade, que até então fora encoberta com tanto artifício; e Anselmo pagou com a vida a sua impertinente curiosidade."

# CAPÍTULO XXXV

## *Onde se dá fim à novela do curioso impertinente*[1]

Pouco faltava por ler da novela, quando, do aposento onde repousava Dom Quixote, saiu Sancho Pança todo alvoroçado, a gritar:

— Acudam, senhores, depressa! Socorram o meu amo, que anda às voltas com a mais renhida e feroz batalha que meus olhos jamais viram! Louvado seja Deus, que já deu uma cutilada no gigante inimigo da senhora princesa Micomicona, a ponto de lhe cortar a cabeça ao meio, como se fora um nabo!

— Que dizes, irmão?! — inquiriu o cura, deixando de ler o que faltava da novela. — Estás em juízo perfeito, Sancho? Como diabo pode ser isso que dizes, se está o gigante a duas mil léguas daqui?

Nisto ouviram um grande ruído no aposento, e a voz de Dom Quixote, que berrava:

— Espera, ladrão, malandro, velhaco! Já te apanho e não te há de valer a cimitarra!

E parecia dar grandes cutiladas nas paredes.

Sancho comentou:

— Não parem para escutar; entrem na peleja, ajudem o meu amo! Talvez já seja tarde, porque, sem dúvida alguma, o gigante morreu e está dando contas a Deus da sua má vida passada: vi correr-lhe o sangue pelo chão, e a cabeça cortada e calda de um lado, tão grande como um odre de vinho.

— Matem-me — disse o vendeiro — se Dom Quixote, ou Dom Diabo, não deu alguma cutilada num dos odres de vinho tinto que estavam cheios à sua cabeceira! O vinho derramado deve ser o que se lhe afigura sangue a este bom homem.

Dizendo isto, penetrou no aposento, indo todos atrás dele, e ali acharam Dom Quixote no mais estranho trajo do mundo. Estava em camisa, a qual não era assaz comprida para lhe cobrir por inteiro as coxas na parte dianteira, a atrás, tinha seis dedos menos; as pernas eram muito esguias e fracas, cheias de pelo e nada limpas; trazia à cabeça um gorro colorido e seboso, que pertencia ao vendeiro; no braço esquerdo, segurava a manta revolta da cama, a que Sancho tinha ojeriza, ele sabia bem por quê;[2] do lado direito, trazia a espada desembainhada, a dar cutiladas a torto e a direito, falando como se verdadeiramente estivesse pelejando com algum gigante. O melhor é que não tinha os olhos abertos, porém dormia e sonhava que estava batalhando com o gigante; tão intensa foi a imaginação da aventura que ia empreender, que o fez também sonhar que havia chegado ao reino de Micomicão e que já estava em luta com o inimigo. Havia dado tantas cutiladas nos odres, crendo que as dava no gigante, que todo o aposento se encheu de vinho. Quando o vendeiro viu isso, irritou-se tanto, que se atirou contra Dom Quixote e, de punho cerrado, começou a dar-lhe tantos murros, que, se Cardênio e o cura não interviessem, ele acabaria com a guerra do gigante. Com tudo isso, não despertou o pobre cavaleiro senão quando o barbeiro trouxe grande caldeirão de água fria do poço, e lho atirou, num jato, por todo o corpo, com o que Dom Quixote acordou; mas não tanto, que chegasse a perceber o estado em que se encontrava. Doroteia, que logo viu quão pouca roupa ele trazia, não quis assistir à batalha entre o seu defensor e o seu inimigo.

Andava Sancho buscando a cabeça do gigante por todo o chão; como não a encontrasse, disse:

— Está visto que tudo nesta casa é encantamento; da outra vez, neste mesmo lugar em que ora me acho, deram-me vários murros e pancadas, sem que eu soubesse quem mos dava, e nunca pude ver ninguém; agora, não encontro a cabeça que vi cortar com estes mesmíssimos olhos, nem o sangue que escorria do corpo como de uma fonte.

— De que sangue e de que fonte falas, inimigo de Deus e dos seus santos? — inquiriu o vendeiro. — Não vês, ladrão, que o sangue e a fonte nada mais são que estes odres, que aqui estão perfurados, e o vinho tinto, que nada neste aposento? Nadar veja eu nos infernos a alma de quem os perfurou.

— Não sei de nada — respondeu Sancho —; só sei que, por não achar esta cabeça, serei tão desventurado, que se me há de desfazer o condado como sal na água.

Pior estava Sancho acordado que o amo dormindo: efeito das promessas do patrão. Desesperava-se o vendeiro de ver a fleuma do escudeiro e o malefício do fidalgo, e jurava que não se repetiria o mesmo da vez passada, em que se foram os dois sem lhe pagar; desta vez, não lhes haveriam de valer os privilégios da cavalaria, para que um e outro deixassem de pagar até mesmo os remendos que precisariam ser feitos nos odres. Segurava o cura as mãos de Dom Quixote, o qual, pensando que já tinha acabado a aventura e que se achava face a face com a princesa Micomicona, se prostrou de joelhos diante dele, dizendo:

— Bem pode Vossa Grandeza, alta e famosa senhora, viver doravante mais segura, que já não lhe há de estorvar esta malnascida criatura; eu também, de hoje em diante, me dou por quite da palavra empenhada, pois, com a ajuda do alto Deus e com o favor daquela por quem vivo e respiro, cumpri tão bem o meu dever para convosco.

— Eu não dizia?! — exclamou Sancho —; bem se vê que eu não estava bêbado, pois meu amo já tem o gigante na salmoura. Tudo aconteceu tal e qual; meu condado já está seguro!

Quem se não riria dos disparates daquele dois? Tal patrão, tal criado! Riam-se todos, menos o vendeiro, que se dava a Satanás; mas, afinal, tanto fizeram o barbeiro, Cardênio e o cura, que, com não pouco trabalho, deram com Dom Quixote na cama, onde este ficou dormindo, com mostras de grandíssimo cansaço. Deixaram-no dormir e voltaram à porta da venda, para consolar Sancho Pança por não ter achado a cabeça do gigante, mais trabalho lhes deu, porém, aplacar o vendeiro, que estava desesperado com a morte repentina dos seus odres.

E a vendeira berrava:

— Em mau ponto e minguada hora entrou na minha casa este cavaleiro andante, que bom fora meus olhos nunca tivessem visto, pois tão caro me custa! A vez passada, foi-se com o custo da ceia de uma noite e da cama, palha e cevada para ele e para o seu escudeiro, um rocim e um jumento, dizendo que era cavaleiro de aventuras (que má ventura lhe dê Deus a ele e a quantos aventureiros há no mundo) e que, por isso, não estava obrigado a pagar nada, pois assim estava escrito nos aranzéis da cavalaria andante. Agora, por sua causa, veio este outro senhor e me levou o meu rabo, devolvendo-o com mais de dois quartos de prejuízo, todo pelado, já não servindo mais para o que o quer o meu marido. E como se não bastasse tudo isso, ainda me veio arrombar os meus couros e derramar o meu vinho — que assim lhe veja eu derramado o seu sangue! Pois juro, pelos ossos de meu pai e pela salvação de minha mãe que, se me não pagarem moeda por moeda, não me chamaria eu pelo nome que tenho, nem seria filha de quem sou!

Essas e outras razões dizia a vendeira com grande irritação, ajudada pela boa criada Maritornes. A filha silenciava, e, de quando em quando, sorria. O cura sossegou-os a todos, prometendo reparar-lhes, o melhor que pudesse, tanto a perda dos odres de couro como a do vinho, e, principalmente, o menoscabo da cauda, a que ligavam tanta importância. Doroteia consolou Sancho Pança, dizendo-lhe que, logo fosse apurado que seu amo havia cortado a cabeça do gigante e que ela pudesse viver tranquila no seu reino, prometia dar-lhe o melhor condado que ali houvesse. Sancho consolou-se com isto e assegurou à princesa que tivesse por certo que ele havia visto a cabeça do gigante. Por mais sinais, trazia ele uma barba, que chegava até à cintura; se não aparecia, era porque tudo se passava naquela casa por via de encantamento, como o havia provado de outra vez que nela pousara. Doroteia disse-lhe que devia ser isso mesmo e que se não afligisse, porque tudo sairia bem e sucederia conforme desejava. Sossegados todos, quis o cura acabar de ler a novela, pois faltava pouco. Cardênio, Doroteia e todos os demais lhe rogaram que acabasse a leitura. E ele, querendo contentar a todos, e também porque lhe dava gosto o lê-la, prosseguiu na narrativa, que assim dizia:

“Sucedeu, pois, que, pela satisfação que a Anselmo dava a bondade de Camila, vivia este uma vida contente e descuidada; e Camila, de indústria, voltava o rosto a Lotário, para que Anselmo entendesse às avessas o amor que a este dedicava. Para maior confirmação do engano, Lotário pediu licença ao amigo para não mais voltar à sua casa, visto ser patente o desgosto com que Camila o recebia; mas o enganado Anselmo lhe disse que não fizesse isso, de maneira nenhuma. Assim, por mil modos, era Anselmo o fabricante da sua própria desonra, acreditando que o era do seu gosto.

Enquanto isso, o gosto que tinha Leonela de se ver qualificada em seus amores chegou a tal ponto, que, sem olhar mais nada, largou-o à rédea solta, fiada em que sua senhora a encobria e até lhe aconselhava a melhor maneira de o pôr em execução com pouco receio. E assim, uma noite, Anselmo ouvia passos no aposento de Leonela e, querendo entrar para ver quem os dava, sentiu que o detinham à porta, coisa que lhe deu ainda mais vontade de abri-la; tanta força fez que a abriu, e entrou a tempo de ver um homem, que saltava à rua pela janela. Correu, para ver se o alcançava, ou se o reconhecia; não pôde conseguir nem uma, nem outra coisa, porque Leonela se abraçou com ele, dizendo-lhe:

— Acalme-se, meu senhor; não se afobe, nem siga àquele que saltou daqui; é coisa minha, e tanto, que é meu esposo.

Anselmo não acreditou; antes, cego de raiva, tirou uma adaga e quis ferir Leonela, mandando-lhe que confessasse a verdade, pois senão a mataria.

De medo, e sem saber o que dissesse, ela falou:

— Não me mate, senhor, pois lhe direi coisas de mais importância do que pode o senhor imaginar.

— Dize-as já — respondeu Anselmo —; senão morres.

— Agora é impossível — disse Leonela —, pois estou perturbada; deixe-me até amanhã, que então saberá o senhor de mim o que lhe há de espantar; mas fique certo de que o que saltou por esta janela é um mancebo desta cidade, que prometeu ser meu esposo.

Anselmo acalmou-se e resolveu aguardar o prazo que se lhe pedia. Não julgou que fosse ouvir nada contra Camila, pois estava certo da sua bondade e virtude. Saiu do aposento e deixou Leonela presa nele, dizendo-lhe que dali não sairia enquanto não lhe contasse o que prometem. Foi logo ter com Camila e relatar-lhe o que se passara com a criada, a qual lhe jurara contar coisas muito importantes.

Se Camila se perturbou, ou não, não é preciso explicar: foi tão grande o seu temor, crendo verdadeiramente (e era para crer) que Leonela contaria a Anselmo tudo o que sabia da sua deslealdade, que não teve ânimo de esperar e quis logo ver se tal suspeita era verdadeira, ou falsa. Naquela mesma noite, quando lhe pareceu que Anselmo dormia, juntou as melhores joias que possuía e algum dinheiro, e, sem ser pressentida de ninguém, saiu de casa e foi à de Lotário, a quem revelou o que se passava, pedindo-lhe que pusesse fim a tudo, ou que se ausentassem os dois, indo aonde não os pudesse achar Anselmo.

Foi tal a confusão em que Camila pôs Lotário, que este não lhe soube responder palavra, nem ao menos atinou no que devia fazer. Por fim, combinou levar Camila a um mosteiro, cuja priora era sua irmã. Camila consentiu e, com a presteza que o caso pedia, Lotário a levou e a deixou no mosteiro; ele também se ausentou logo da cidade, sem dar parte a ninguém da sua ausência.

Quando amanheceu, sem perceber que Camila faltava a seu lado e desejoso de saber o que Leonela lhe queria dizer, Anselmo se levantou e foi ao aposento onde a deixara encerrada. Abriu a porta e entrou, mas não achou Leonela, encontrando apenas uns lençóis atados à janela, indício de que por ali havia a criada escapulido. Voltou muito triste para dizer isso a Camila, e ficou assombrado, por não a encontrar na cama, nem na casa toda. Perguntou por ela aos criados, mas ninguém lhe soube dar a razão do que sucedera. Enquanto procurava Camila, casualmente viu os cofres abertos e notou que faltava a maioria das joias da esposa; isto acabou de convencê-lo de que estava desgraçado e que não era Leonela a causa dessa desgraça. Assim como estava, sem acabar de se vestir, triste e pensativo, foi dar conta da sua desdita ao amigo Lotário. Também não o achou; e os criados deste lhe disseram que, naquela noite, saíra de casa, levando consigo todo o dinheiro que tinha. Com esta notícia, Anselmo pensou perder o juízo. E para cúmulo de tudo, voltando à casa, não achou nesta ninguém: nem os criados, nem as criadas. Estava deserta e vazia. Não sabia o que pensar, o que dizer, nem o que fazer. Pouco a pouco, todavia, lhe ia voltando o juízo. Contemplava-se e mirava-se num instante sem mulher, sem amigo e sem criados, desamparado do céu que o cobria e, sobretudo, sem honra — porque viu na falta de Camila a sua perdição. Finalmente, ao cabo de muito tempo, resolveu ir à aldeia daquele amigo, onde havia estado quando dera lugar a que se tramasse toda a sua desventura. Cerrou as portas da casa, montou a cavalo e, com desmaiado alento, se pôs a caminho; mal andou a metade deste, acossaram-no os seus pensamentos e se viu forçado a apear-se, prender as rédeas do cavalo a uma árvore e ao tronco desta deixar-se cair, dando ternos e dolorosos suspiros. Ali permaneceu até quase ao anoitecer, quando viu aproximar-se um homem a cavalo, que vinha da cidade. Depois de o saudar, lhe perguntou que novas trazia de Florença. O cidadão respondeu:

— As mais estranhas, que há muitos dias por ali se dizem. Ouvi contar publicamente que Lotário, o grande amigo do rico Anselmo, que vivia em São João, raptou esta noite Camila, a mulher de Anselmo, do qual tampouco se sabe. Foi o que narrou uma criada de Camila, que ontem à noite foi achada pelo governador descendo por uns lençóis das janelas da casa de Anselmo. Com efeito, não sei exatamente como ocorreu o caso; só sei que toda a cidade está admirada deste sucesso, porque não se podia esperar tal procedimento, dada a grande e familiar amizade que unia esses dois homens e dizem ter sido tanta, que até os chamavam *os dois amigos.*

— Sabe-se, porventura — inquiriu Anselmo —, o caminho que tomaram Lotário e Camila?

— Nem por sombras — disse o cidadão — embora tivesse o governador usado de muita diligência em buscá-los.

— Ide com Deus, senhor — disse Anselmo.

— E com ele fiqueis — respondeu o cidadão, partindo.

Com tão tristes novas, Anselmo quase chegou a ponto não só de perder o juízo, mas também de acabar com a vida. Levantou-se como pôde e chegou à casa do amigo, que ainda não sabia da sua desgraça; mas quando o outro o viu chegar amarelo, consumido e seco, compreendeu que vinha fatigado de algum mal muito grave. Pediu Anselmo que o recostassem e que lhe dessem papel para escrever. Isso foi feito. Deixaram-no recostado e só, porque assim o quis; também pediu que lhe fechassem a porta. Quando se viu sozinho, começou a imaginar a sua desventura em cores tão negras, que se lhe patenteou estar a vida chegando ao fim. Resolveu explicar assim a causa da sua estranha morte. Começou a escrever; mas, antes que acabasse de pôr no papel tudo o que queria, perdeu os sentidos, e abandonou a vida nas mãos da dor que lhe causou a sua curiosidade impertinente.

Vendo o dono da casa que já era tarde e que Anselmo não dava sinal de si, decidiu entrar no quarto, para saber se ainda continuava indisposto; achou-o estendido de rosto para baixo, tendo ainda a pena na mão, a metade do corpo na cama e a outra metade sobre o bufete, no qual jazia um papel escrito e aberto. Aproximou-se o hospedeiro, depois de o ter chamado antes; segurou-lhe a mão e, notando que estava fria e que ele não respondia, compreendeu que havia morrido. Admirou-se e ficou grandemente aflito; chamou a gente da casa, para que testemunhasse a desgraça que sucedera a Anselmo. Finalmente, leu o papel, que verificou ter sido escrito do próprio punho do morto e que continha estas palavras:

‘Néscio e impertinente desejo é o que me rouba a vida. Se a notícia da minha morte chegar aos ouvidos de Camila, saiba que a perdoo, porque não era ela obrigada a fazer milagres, nem tinha eu necessidade de querer que ela os fizesse; já que eu mesmo fabriquei a minha desonra, não há razão para que...’

Escreveu até aqui. É claro que, naquele ponto, sem ter podido acabar a frase, se lhe acabou a vida. No dia seguinte, o amigo avisou os parentes de Anselmo da morte deste; já sabiam da sua desgraça e do mosteiro onde se encontrava Camila, quase a pique de seguir o marido naquela forçosa viagem, não pelas novas do esposo morto, mas pelas que teve do amigo ausente. Diz-se que, embora viúva, não quis sair do mosteiro, nem sequer professar como religiosa; até que, não muitos dias depois, lhe chegaram notícias de que Lotário havia sido morto numa batalha, que então dera Monsieur de Lautrec ao Grande Capitão Gonçalo Fernandes de Córdoba, no reino de Nápoles, onde fora dar consigo o amigo tardiamente arrependido. Quando soube disso, Camila professou; e foi-se lhe a vida em breves dias, entre as mãos rigorosas da tristeza e da melancolia. Tal o fim que tiveram todos — oriundo de tão desatinado começo.”

— Esta novela me parece boa — disse o cura —; mas não me posso persuadir de que isto seja verdade. Se é fingido, fingiu mal o autor, porque não se pode imaginar que haja marido tão néscio, que queria fazer tão custosa experiência como Anselmo. Se este caso se desse entre um galã e a sua dama, ainda se poderia admitir; mas entre marido e mulher, tem algo de impossível. Pelo que toca ao modo de contá-lo, não me desagrada.

# CAPÍTULO XXXVI

## *Que trata de outros sucessos raros, que aconteceram na venda*[1]

A este tempo, o vendeiro, que estava à porta da venda, disse:

— Aí vem uma formosa tropa de hóspedes; se pousarem aqui, *gaudeamus* teremos.[2]

— Que gente é? — perguntou Cardênio.

— Quatro homens — respondeu o vendeiro — vêm a cavalo, à gineta,[3] com lanças e adargas, e todos com máscaras negras;[4] junto deles, uma mulher vestida de branco, também com o rosto coberto, montada num silhão; e ainda há dois criados a pé.

— Vêm muito perto? — perguntou o cura.

— Tão perto — retrucou o vendeiro — que já estão a chegar.

Ouvindo isto, Doroteia cobriu o rosto e Cardênio penetrou no aposento de Dom Quixote. Nem bem o tinham feito, entraram na venda todos os que o vendeiro descrevera. Apearam-se os quatro que vinham a cavalo e que eram pessoas de boa disposição e aparência gentil, e foram ajudar a apear-se a mulher, que vinha no silhão. Um deles tomou-a nos braços, e sentou-a numa cadeira, que estava à entrada do aposento onde se escondera Cardênio. Durante todo esse tempo, nem eles, nem ela haviam tirado as máscaras, nem pronunciado palavra; apenas a mulher, ao sentar-se na cadeira, deu um profundo suspiro e deixou cair os braços, como pessoa enferma e desmaiada. Os criados que vinham a pé levaram os cavalos à cavalariça.

Vendo isto, e desejoso de saber que gente era aquela, que com tal trajo e em tal silêncio estava, o cura foi à procura dos criados e a um destes perguntou o que desejava. O mesmo respondeu-lhe:

— Perdoai, senhor, pois não sei dizer-vos que gente é esta só sei que aparenta ser muito principal, especialmente aquele que tomou nos braços aquela senhora, como vistes; digo-vos isto, porque todos os demais lhe têm respeito e não se faz senão o que ele ordena e manda.

— E a senhora, quem é? — perguntou o cura.

— Tampouco sei dizer isso — respondeu o criado —, porque, em toda a viagem, não lhe vi o rosto; suspirar, sim, ouvi-a muitas vezes, bem como dar uns gemidos profundos, que até parece que com cada um deles se lhe vai a alma. Não admira que não saibamos senão isso que já disse, porque o meu companheiro e eu os acompanhamos há apenas dois dias. Encontramo-los no caminho e eles nos rogaram e persuadiram que viéssemos com eles até a Andaluzia, oferecendo-nos excelente paga.

— Ouvistes, por acaso, o nome de algum deles? — inquiriu o cura.

— Não — respondeu o criado —, porque todos caminham em tão grande silêncio, que causa admiração. Não se ouvem entre eles senão os suspiros e soluços da pobre senhora; muito a lastimamos, e chegamos até a crer que ela vai forçada aonde a levam. Segundo se pode inferir do seu hábito, é freira, ou vai sê-lo, o que é mais certo; e talvez porque não lhe agrade a vida do claustro, vai triste como parece.

— Tudo pode ser — disse o cura.

E, deixando-os, voltou para onde estava Doroteia, a qual, tendo ouvido suspirar a mascarada e movida de natural compaixão, se chegou a ela e perguntou:

— Que é que vos molesta, minha senhora? Se é algo daquilo que as mulheres costumam ter uso e experiência de curar, de minha parte e de boa vontade vos ofereço os meus serviços.

A nada disto respondia a aflita senhora; apesar de haver insistido Doroteia com maiores oferecimentos, ela continuava em silêncio. Até que chegou o cavaleiro mascarado a quem os demais obedeciam (conforme declarou o criado) e que disse a Doroteia:

— Não vos canseis, senhora, em oferecer nada a esta mulher, porque tem por costume não agradecer coisa alguma que por ela se faça; nem procureis que vos responda, se não quiserdes ouvir mentiras da sua boca.

— Nunca menti — disse de repente a que até então permanecera calada —; antes, por ser tão verdadeira e tão alheia a mentiras, é que me vejo agora tão desventurada; e disto quero que vós mesmo sejais testemunha, pois é a minha pura verdade que vos faz ser falso e mentiroso.

Cardênio escutou estas palavras bem clara e distintamente, estando tão junto de quem as dizia, que só os separava a porta do aposento de Dom Quixote; e mal as ouviu, soltou um grito, exclamando:

— Valha-me Deus! Que estou ouvindo? Que voz é esta que chegou aos meus ouvidos?

Ouvindo os gritos, a senhora volveu a cabeça, toda sobressaltada, e, não vendo quem os soltava, pôs-se em pé e tentou entrar no aposento; mas o cavaleiro a deteve, sem a deixar mover um passo. Com a perturbação e o desassossego, caiu-lhe do rosto o espesso véu que o escondia, descobrindo incomparável formosura e milagroso rosto, ainda que descolorido e assombrado, posto que andava rodeando com os olhos todos os lugares que sua vista alcançava, e com tanto afinco, que parecia haver perdido o juízo — sinais estes que causaram muita pena em Doroteia e em quantos a miravam, por não lhes saberem o motivo. O cavaleiro a mantinha fortemente segura pelos ombros, e, por estar assim tão ocupado em segurá-la, não pôde levantar a máscara que lhe caía, como efetivamente lhe caiu. Alçando os olhos Doroteia, que estava abraçada à senhora, viu que o homem que a segurava não era senão o seu esposo Dom Fernando. Mal o reconheceu, deixou escapar do mais íntimo das entranhas um longo e tristíssimo *ai!* e caiu de costas, desmaiada; se o barbeiro não estivesse ali ao lado para a recolher nos braços, teria rolado pelo chão. Acudiu logo o cura a tirar-lhe o véu do rosto, e, mal a descobriu, também a reconheceu Dom Fernando, que era o que estava abraçado com a outra, e ficou como morto ao vê-la; mas nem por isso deixou de continuar segurando Lucinda, que era a que procurava soltar-se de seus braços, por haver reconhecido a voz de Cardênio, como este reconhecera a dela. Cardênio escutou o *ai!* de Doroteia, quando caiu desmaiada, e, pensando que era a sua Lucinda, saiu do aposento esbaforido. A primeira pessoa que viu foi Dom Fernando, que ainda estava abraçado a Lucinda. Também Dom Fernando conheceu Cardênio; e todos os três, Lucinda, Cardênio e Doroteia, ficaram mudos e suspensos, quase sem saber o que lhes havia acontecido.

Calavam-se todos, e olhavam uns para os outros: Doroteia para Dom Fernando, Dom Fernando para Cardênio, Cardênio para Lucinda e Lucinda para Cardênio. Quem primeiro rompeu o silêncio foi Lucinda, que assim falou a Dom Fernando:

— Deixai-me, senhor Dom Fernando, pelo que deveis a ser quem sois, já que não o fazeis por outras razões; deixai-me chegar à parede, da qual sou pedra, ao arrimo, do qual não me puderam afastar as vossas importunações, as vossas ameaças, as vossas promessas, nem as vossas dádivas. Notai como o céu, por desusados caminhos, a nós outros encobertos, me pôs diante do meu verdadeiro esposo; bem sabeis, por mil custosas experiências, que só a morte teria bastante força para o apagar da minha memória. Sirvam tantos e tão claros desenganos, para que transformeis (já que não podeis fazer outra coisa) o amor em ódio, a vontade em despeito, e deis cabo da minha vida, o que darei por bem empregado, se a perder diante do meu bom gosto; talvez, com a minha morte, fique ele satisfeito da fidelidade que lhe mantive até o derradeiro transe.

Neste ínterim, Doroteia tinha voltado a si e havia escutado as palavras de Lucinda, pelas quais percebeu de quem se tratava; vendo, porém, que Dom Fernando não a deixava sair dos seus braços, nem respondia, esforçou-se o mais que pôde para se levantar e foi cair de joelhos aos pés do fidalgo, derramando grande quantidade de formosas e lastimadas lágrimas,[5] e começou a falar-lhe nestes termos:

— Se os raios deste sol, senhor meu, que tens eclipsado nos teus braços, não te ofuscam e tiram a luz dos olhos, já terás visto que esta mísera criatura, que tens de joelhos a teus pés, e que desventurada há de ser até quando o quiseres, é a infeliz Doroteia. Sim, sou aquela humilde lavradora, a quem tu, por bondade ou por gosto, quiseste levantar à altura de poder chamar-te tua; sou a que, encerrada nos limites da honestidade, viveu alegre, até o dia em que as vozes das tuas importunações, que pareciam justos e amorosos sentimentos, abriram as portas do seu recato, fazendo-a entregar-te as chaves da sua liberdade — condescendência por ti tão mal-agradecida, como bem claro o patenteia o encontrares-me no lugar em que me encontras e o ver-te eu a ti da maneira que te vejo. Mas, com tudo isso, não quero que te venha à imaginação pensar que foram desonrosos os passos que até aqui me trouxeram, pois só me conduziram os da dor e do sentimento de me ver esquecida por ti. Quiseste que eu fosse tua, e de tal modo o quiseste, que, ainda que o não queiras agora, já não será possível que deixes de ser meu. Olha, senhor meu, que a incomparável firmeza com que te quero pode bem compensar a formosura e nobreza daquela por quem me deixas. Não podes pertencer à formosa Lucinda, porque és meu, nem ela pode ser tua, porque pertence a Cardênio; e te será mais fácil, se bem o meditas, reduzir tua vontade a querer quem te adora, do que obter que bem te queira aquela que te detesta. Tu te aproveitaste do meu descuido, violaste a minha inteireza, sem ignorar o meu estado; bem sabes de que modo me entreguei toda inteira à tua vontade, e nenhum motivo tens para julgar que te enganei. Sendo isto verdade, como de fato o é, e tu és tão cristão como cavaleiro, por que tardas, com tantos rodeios, em fazer-me venturosa no fim, como me fizeste no começo? Se não me queres por tua verdadeira e legítima esposa, que é o que sou, deves ao menos querer-me a admitir-me por tua escrava; pois, achando-me eu em teu poder, me julgarei feliz e bem afortunada. Não permitas, com deixar-me e desamparar-me, que se façam e acumulem máculas na minha honra; não prepares tão má velhice para os meus pais, que não a merecem, por tantos e tão leais serviços que, como vassalos, prestaram aos teus. Se julgas que aniquilarás o teu sangue por juntá-lo ao meu, considera que no mundo há pouca ou nenhuma nobreza que não haja percorrido o mesmo caminho, e que a que se toma das mulheres não é a que importa nas ilustres descendências;[6] tanto mais que a verdadeira nobreza consiste na virtude;[7] e se esta a ti te falta, negando-me o que tão justamente me deves, ficarei eu com mais títulos de nobre do que tu os tens. Enfim, senhor, o que por último te digo, é que, queiras ou não queiras, sou tua esposa; são testemunhas as tuas palavras, que não foram, nem devem ser mentirosas, se é que te prezas daquilo por que me desprezas; testemunha será o documento que firmaste, e testemunha o céu, que invocaste para selar o teu compromisso para comigo. Na falta de tudo isto, a tua própria consciência não te há de faltar, lançando-te continuamente em rosto a verdade das minhas palavras, destruindo pelo remorso as tuas alegrias e perturbando os teus melhores gostos e contentamentos.

Estas e outras razões proferiu a lastimosa Doroteia, com tanto sentimento e tantas lágrimas, que até os que acompanhavam Dom Fernando e todos os que se achavam presentes a imitaram. Dom Fernando escutou-a sem dizer palavra, até que ela se calou e começou a dar tantos soluços e suspiros, que só mesmo um coração de bronze não se haveria de enternecer com tantas demonstrações de dor. Lucinda a mirava, não só penalizada com as suas queixas, mas também admirada da sua grande discrição e formosura; e, embora quisesse aproximar-se dela e dizer-lhe algumas palavras de consolo, não lho permitiam os braços de Dom Fernando, que continuavam a apertá-la. Mas, ao fim de um bom espaço, em que atentamente olhava para Doroteia, ele abriu os braços, cheio de confusão e de espanto, e libertou Lucinda, dizendo:

— Venceste, formosa Doroteia, venceste; porque não é possível ter coragem para negar tantas verdades juntas.

Com o desmaio que Lucinda havia tido, iria ao chão quando a largou Dom Fernando, se não estivesse Cardênio ali perto, atrás de Dom Fernando, para que este não o conhecesse; naquele instante, porém, pondo de parte todo temor, aventurou-se a todo risco e acudiu a sustentar Lucinda, apanhando-a nos braços e dizendo-lhe:

— Se ao piedoso céu apraz, leal e formosa senhora, que já tenhas algum descanso, creio que em parte nenhuma o terás mais seguro do que nestes braços, que ora te recebem e que outrora te receberam, quando a fortuna quis que pudesse chamar-te minha.

A estas palavras, pôs Lucinda os olhos em Cardênio; já tinha principiado a conhecê-lo pela voz, e, tendo agora a confirmação visual de que era ele,[8] lançou-lhe os braços ao pescoço, quase fora de si e sem levar em conta qualquer honesto respeito, e, junto o seu rosto ao de Cardênio, lhe disse:

— Vós sim, senhor meu, sois o verdadeiro dono desta vossa cativa, por mais que o impeça a contrária sorte e por mais que ameaçada seja esta vida minha, que só na vossa se sustenta.

Estranho espetáculo foi este para Dom Fernando e para todos os circunstantes, admirados de tão desusado acontecimento. Julgou Doroteia que Dom Fernando havia perdido a cor do rosto e dava ares de se querer vingar de Cardênio, porque o viu pôr a mão na espada; mal o notou, porém, com nunca vista presteza se abraçou a ele pelos joelhos e, sem cessar um instante de chorar, lhe disse:

— Que pretendes fazer, único refúgio meu, neste tão inesperado transe? Tens a teus pés a tua esposa, e a que queres que o seja está nos braços do seu marido; olha se te fica bem, ou se te será possível desfazer o que o céu ordenou, ou se te convirá erguer e nivelar a ti próprio aquela que, a despeito de todas as dificuldades, confirmada na sua verdade e firmeza, está agora diante dos teus olhos, com os seus banhados de licor amoroso, a inundarem o rosto e o peito do seu verdadeiro esposo. Por Deus eu te rogo, senhor, e por quem és tu suplico que este desengano tão notório não só não te aumente a ira, mas também que a reduza de tal maneira que, quieta e sossegadamente, permitas a estes dois amantes, durante todo o tempo que o céu lhes conceder, gozar descanso e tranquilidade, sem qualquer impedimento teu; com isto mostrarás a generosidade do teu ilustre e nobre peito, e verá o mundo que tem a razão mais força contigo que o apetite.

Enquanto Doroteia assim falava, Cardênio, sempre abraçado a Lucinda, não tirava os olhos de Dom Fernando, com a determinação de, se o visse fazer algum movimento em seu prejuízo, procurar defender-se e até mesmo ofender, como melhor pudesse, a todos aqueles que se manifestassem contra ele, ainda que lhe custasse a vida. A esta altura, porém, acudiram os amigos de Dom Fernando, o cura e o barbeiro, que a tudo haviam assistido, sem que faltasse o bom do Sancho Pança; todos rodeavam Dom Fernando, suplicando-lhe que houvesse por bem contemplar as lágrimas de Doroteia e que, sendo verdade, como sem dúvida acreditavam que era, o que em suas razões havia dito, não persistisse em a deixar defraudada de suas tão justas esperanças; que considerasse não ser obra do acaso, como parecia, mas particular providência do céu o se terem todos reunidos ali naquele lugar, quando menos o imaginavam; e que advertisse, ponderou o cura, em que só a morte poderia separar Lucinda de Cardênio, pois, mesmo que os dividisse a lâmina de alguma espada, se julgariam felicíssimos morrendo; e que, nos lances irremediáveis, era suma cordura mostrar-se alguém generoso, forçando-se e vencendo-se a si mesmo, permitindo que, por sua exclusiva vontade, gozassem os dois amantes o bem que o céu já lhes tinha concedido. Mirasse, igualmente, a beleza de Doroteia e visse que poucas, ou nenhuma, se lhe podiam igualar, quanto mais levar-lhe vantagem, e que à formosura dela juntasse ele a humildade e o amor extremo que a moça lhe votava; sobretudo, advertisse em que, se se prezava de cavaleiro e de cristão, não podia fazer outra coisa senão cumprir a palavra empenhada e, cumprindo-a, obedecer a Deus e satisfazer as pessoas honradas, as quais sabem e conhecem ser prerrogativa da formosura, mesmo em pessoa humilde, quando se faz acompanhar de honestidade, pode levantar-se e igualar-se a qualquer alteza, sem acarretar menoscabo para quem a levanta e a iguala a si mesmo; e quando se cumprem as fortes leis do gosto, se neste não intervém o pecado, não deve levar culpa quem as segue.

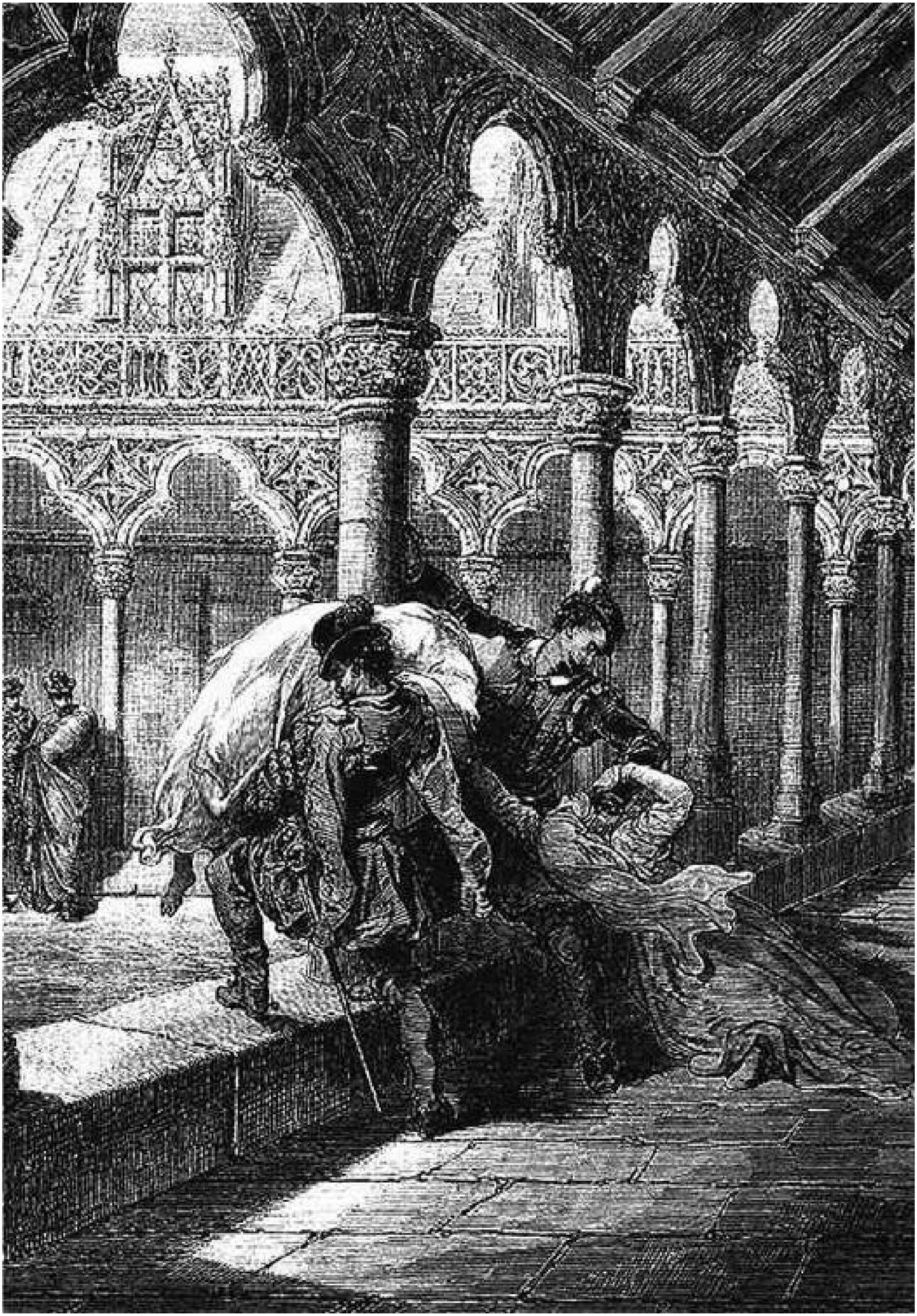
A estas razões, os presentes ajuntaram outras, tais e tantas, que o valoroso peito de Dom Fernando, como alimentado com sangue ilustre, por fim se abrandou e se deixou vencer pela verdade, que não poderia negar, mesmo que quisesse; e o sinal que deu de haver-se rendido e entregado ao bom conselho que havia recebido foi abaixar-se e abraçar Doroteia, dizendo-lhe:

— Levantai-vos, senhora minha, pois não é justo que se ajoelhe aos meus pés a que tenho na minha alma; se até aqui não dei mostras do que digo, talvez fosse por ordem do céu, para que, notando eu em vós a fidelidade com que me amais, saiba agora estimar-vos como o mereceis. O que vos rogo é que não me repreendais o mau termo e o muito descuido, porque a mesma ocasião e força que me moveram a aceitar-vos por minha, também me impeliram a fugir-vos. Para verdes que isso é verdade, volvei os olhos e mirai os da já contente Lucinda, e neles achareis a desculpa de todos os meus erros; se ela achou e alcançou o que desejava, e eu achei em vós o que me cumpre, viva ela segura e alegre, por longos e felizes anos, na companhia de seu Cardênio, enquanto eu rogarei ao céu que mos deixe viver com a minha Doroteia.

E, dizendo isto, tornou a abraçá-la, juntou o seu rosto ao dela com tão terno sentimento, que lhe foi necessário conter-se, para que as lágrimas não acabassem de trazer as últimas e indubitáveis demonstrações do seu amor e arrependimento. Não se contiveram do mesmo modo as de Lucinda, Cardênio e de quase todos os que ali estavam presentes, porque começaram a chorar tanto, uns por contentamento próprios, outros por conta alheia, que até parecia que um grave e mau sucesso lhes havia a todos atingido. Até Sancho Pança chorava, embora dissesse depois que não chorara senão por ver que Doroteia não era, como ele pensava, a rainha Micomicona, de quem esperava tantas mercês. Durou algum tempo, junto com o pranto, a admiração de todos; e logo Cardênio e Lucinda se foram prostrar de joelhos diante de

Dom Fernando, dando-lhe graças pela mercê que lhes havia feito, com razões tão corteses, que Dom Fernando não sabia o que lhes responder; levantou-os, pois, e os abraçou, com mostras de muito amor e cortesia.

Perguntou a Doroteia que lhe dissesse como tinha vindo àquele lugar, tão longe dos seus. Com breves e discretas razões, ela contou tudo o que antes havia contado a Cardênio; o que agradou tanto a Dom Fernando e aos que com este vinham, que quiseram durasse o conto mais tempo — tal a graça com que Doroteia relatava as suas desventuras. Quando acabou, disse Dom Fernando o que lhe tinha acontecido na cidade, depois que achou no seio de Lucinda aquele papel, em que declarava ser esposa de Cardênio e não poder pertencer-lhe. Quis matá-la — afirmou — e o teria feito, se não lho impedissem os pais. Saiu então de casa, despeitado e envergonhado, resolvido a vingar-se com maior comodidade. Noutro dia, soube que Lucinda fugira da casa dos pais, sem que ninguém pudesse informar onde tinha ido; mas, ao cabo de alguns meses, veio a saber que ela estava num mosteiro, com vontade de ali ficar o resto da vida, se não a pudesse passar com Cardênio. Assim que o soube, escolheu para companheiros aqueles três cavaleiros, foi ao lugar onde se encontrava a moça, não querendo falar-lhe por temer que se redobrasse a guarda do mosteiro, se alguém tivesse notícia de que ele estava ali; aguardou, porém, um dia, em que a portaria estivesse aberta, e, deixando dois cavaleiros de guarda à porta, penetrou com outro no mosteiro, em busca de Lucinda. Acharam-na no claustro, conversando com uma freira; raptaram-na, sem que ela pudesse resistir-lhes, e a conduziram a local onde lograssem aprovisionar-se de tudo o que precisavam para trazê-la. Tudo foi concluído a tempo e a salvo, por estar o mosteiro situado no campo, bem longe da povoação. Quando se viu em seu poder, Lucinda perdeu os sentidos; e quando voltou a si, começou a chorar e suspirar, sem dizer palavra alguma. Assim, envoltos em silêncio e lágrimas, tinham chegado àquela venda, que, para ele, era como que ter chegado ao céu, onde se rematam e terminam todas as desventuras da terra.



# CAPÍTULO XXXVII

## *No qual se prossegue com a história da famosa infanta Micomicona, e de outras graciosas aventuras*

Sancho escutava tudo isso com não pouca dor no coração, vendo que desapareciam e se desfaziam em fumo as suas esperanças de nobreza, já que a linda princesa Micomicona se transformara em Doroteia e o gigante em Dom Fernando, e que o seu amo dormia a sono solto, alheio a todo o sucedido. Doroteia não estava certa se era, ou não, um sonho o bem que acabara de receber; Cardênio pensava o mesmo; e Lucinda estava possuída de igual dúvida. Dom Fernando dava graças ao céu pela mercê recebida e por havê-lo tirado de tão intrincado labirinto, onde se achava a pique de perder o crédito e a alma. Finalmente, quantos na venda estavam ficaram contentes e satisfeitos do bom sucesso a que haviam chegado tão complexos e desesperados negócios. O cura, sempre discreto, punha os pontos nos ii e dava parabéns a cada qual, pelo benefício alcançado; porém, quem mais rejubilava e se alegrava era a vendeira, com a promessa, que lhe haviam feito Cardênio e o cura, de lhe pagarem todos os danos e interesses que tivesse levado à conta de Dom Quixote.

Somente Sancho, como já se disse, continuava aflito, infeliz e triste. Com o semblante melancólico, entrou no quarto do amo, que acabava de despertar, e lhe disse:

— Bem pode vosmecê, senhor Triste Figura, dormir o tempo que quiser, sem cuidado de matar nenhum gigante, nem de restituir à princesa, o seu reino, que já tudo está feito e concluído.

— Bem o creio — respondeu Dom Quixote —, porque travei com o gigante a mais descomunal e desaforada batalha que penso ter tido em todos os dias da minha vida; e de um revês, zás, derrubei-lhe a cabeça ao solo, despejando tanto sangue, que os arroios corriam pela terra como se fossem de água.

— Como se fossem de vinho tinto, melhor diria vosmecê — respondeu Sancho —, porque vosmecê deve saber, se é que já não o sabe, que o gigante morto é um odre de couro arrombado; o sangue, seis arrobas de vinho tinto, que estavam no seu ventre; e a cabeça cortada é... *la puta que me parió,*[1] e que vá tudo para o diabo!

— Que dizes tu aí, louco? — bradou Dom Quixote —; perdeste o juízo?

— Levante-se vosmecê — disse Sancho — e verá o bom recado que deu e o que teremos que pagar; verá também a rainha convertida numa mulher do povo, chamada Doroteia, além de outros sucessos, que lhe hão de causar espanto.

— Nada disso me admiraria — replicou Dom Quixote —, porque, se bem te lembras, da outra vez que estivemos aqui, te disse que tudo quanto aqui sucedia eram coisas de encantamento; e não seria muito que agora sucedesse o mesmo.

— Assim o acreditaria eu — respondeu Sancho — se também a minha manteação fosse coisa deste jaez; mas não o foi, senão que fato real e verdadeiro, pois este mesmo vendeiro, que aqui está hoje, eu o vi segurar uma ponta da manta e me atirar para o ar, com muita graça e brio, e com tanto riso como força. Quando conhecemos as pessoas que tomam parte num sucesso, tenho para mim, embora não passe de simplório e pecador, que não há encantamento nenhum, mas muita má sorte e muito cansaço.

— Deus tem remédio para tudo — disse Dom Quixote —; dá-me a roupa e deixa-me ir lá fora, pois quero ver os acontecimentos e as transformações a que te referes.

Deu-lhe Sancho de vestir; e, enquanto se vestia, o cura contou a Dom Fernando e aos demais as loucuras de Dom Quixote e o artifício de que tinham usado para arrancá-lo da Penha Pobre, onde imaginava ter ficado por desdéns da sua senhora. Contou-lhes também quase todas as aventuras que Sancho lhe revelara; os outros se riram e admiraram muito, partilhando a opinião de todos, a saber: que era o gênero mais estranho de loucura, que podia caber em pensamento disparatado. Disse mais o cura que, se o bom êxito da senhora Doroteia o impedia de prosseguir no seu plano, era preciso achar ou inventar outro, para poder reconduzir Dom Quixote à sua terra.

Ofereceu-se Cardênio para continuar a farsa, propondo que representasse Lucinda o papel de Doroteia.

— Não — disse Dom Fernando —, não deve ser assim; quero que Doroteia continue com o seu papel, pois, não sendo muito longe daqui o lugar a que se destina esse bom cavaleiro, folgarei que se lhe dê remédio.

— Não está senão a dois dias daqui.

— Ainda que estivesse mais longe, gostaria de seguir até o fim, a troco de praticar tão boa ação.

Nisto saiu Dom Quixote, armado com todos os seus petrechos, trazendo à cabeça o elmo de Mambrino, embora todo amassado, empunhando o escudo e apoiado no lanção. Surpreendeu a Dom Fernando e a todos os demais a estranha aparência de Dom Quixote, quando viram o seu rosto amarelo e seco, de meia légua de comprido; a desigualdade de suas armas e os seus gestos medidos. Ficaram gelados, até verem o que dizia. Por fim, com muita gravidade e repouso, postos os olhos na formosa Doroteia, disse:

— Estou informado, formosa senhora, por este meu escudeiro, que vossa grandeza se aniquilou e vosso ser se desfez, porque, de rainha e grande senhora que soíeis ser, vos transformastes em donzela do povo. Se isto foi ordem do rei nigromante, do vosso pai, temeroso de que eu não vos desse a necessária e devida ajuda, digo-vos que ele não soube, nem sabe da missa a metade, e que é pouco versado nas histórias cavaleirescas; porque, se as tivesse lido e repassado, tão atentamente e com tanto vagar como as repassei e li, se defrontaria a cada passo com outros cavaleiros, de menor fama que a minha, e que, entretanto, concluíram façanhas mais difíceis, não sendo muita coisa o matar-se um gigantinho, por arrogante que seja, porque, ainda não há muitas horas, me vi eu a braços com um, e... não; quero me calar, para que não digam que estou mentindo; mas o tempo, que descobre todas as coisas, o há de revelar, quando menos se espere.

— Viste-vos com dois odres de vinho, e não com um gigante — exclamou o vendeiro, a quem mandou Dom Fernando que se calasse e não interrompesse o discurso de Dom Quixote, sob nenhum pretexto.

E Dom Quixote prosseguiu, dizendo:

— Enfim, alta e deserdada senhora, se é pelo motivo que vos disse que o vosso pai fez tal metamorfose na vossa pessoa, não lhe deis crédito algum, porque não há perigo na terra que resista à minha espada; com esta cortarei a cabeça do vosso inimigo e porei na vossa a coroa, em breves dias.

Nada mais disse Dom Quixote, esperando que lhe respondesse a princesa. Esta, como já sabia a determinação de Dom Fernando de que se prosseguisse na farsa, até reconduzir Dom Quixote à sua terra, respondeu com muita graça e gravidade:

— Quem quer que vos tenha dito, valoroso Cavaleiro da Triste Figura, que o meu ser se transformou e trocou, não vos disse a verdade, porque continuo sendo hoje a mesma de ontem. E certo que em algo me fizeram mudar alguns acontecimentos de boa sorte, que a tornaram melhor para mim do que eu poderia desejar; mas nem por isso deixei de ser a que era antes, nem de ter os mesmos propósitos de me valer do vosso braço valoroso e invulnerável[2] com o qual sempre contei. Assim, meu senhor, digne-se vossa bondade restituir seu crédito ao pai que me gerou, tendo-o na conta de homem advertido e prudente, já que, com a sua ciência, achou caminho tão fácil e tão verdadeiro para remediar minha desgraça. Creio que, se não fora por vós, senhor, jamais conseguiria obter a ventura que tenho; tanta é a verdade do que estou dizendo quanto disso são boas testemunhas os outros senhores aqui presentes. O que resta é continuarmos amanhã o nosso caminho, porque já hoje não há tempo para andar muito; quanto aos demais bons resultados que espero, deixo-os aos cuidados de Deus e do vosso peito valoroso.

Assim falou a discreta Doroteia. Ouvindo-a, voltou-se Dom Quixote para Sancho e, com mostras de muita irritação, exclamou:

— Agora te digo, Sanchinho, que és o maior velhacote da Espanha. Dize-me, ladrão, vagabundo: não me afirmaste, há pouco, que esta princesa se tinha transformado numa donzela do povo, chamada Doroteia, e que a cabeça do gigante que penso ter cortado era *la puta que te parió*,[3] além de outros disparates, que me puseram na maior confusão de que tenho memória em todos os dias da minha vida? Juro... (e ao dizer isto, olhou para o céu e cerrou os dentes) que estou por fazer em ti tamanho estrago, que ponha o sal na moleira a quantos escudeiros mentirosos hajam de servir, daqui em diante, aos cavaleiros andantes do mundo inteiro!

— Sossegue vosmecê, meu senhor — respondeu Sancho —; bem podia ser que eu me tivesse enganado, no que toca à mudança da senhora princesa Micomicona; mas no que diz respeito à cabeça do gigante, ou, pelo menos, ao arrombamento dos odres e ao ser vinho tinto o sangue, não me enganei — viva Deus! — porque os odres ali estão feridos, à cabeceira do leito de vosmecê, e o vinho tinto alagou o quarto. No frigir dos ovos, é o que se verá; quero dizer, é o que verá vosmecê, quando sua mercê o senhor vendeiro lhe apresentar a conta dos prejuízos. Quanto ao fato de continuar sendo a senhora rainha o mesmo que era, muito me alegra a alma, porque também tenho nisto a minha parte, como bom cristão.

— Pois eu te digo, Sancho, que és um mentecapto — falou Dom Quixote. — Perdoa-me. E, por ora, basta.

— Basta, sim — observou Dom Fernando —, e não se fale mais nisso. Se a senhora princesa quer que só nos ponhamos a caminho amanhã, porque hoje é tarde, assim se faça. Poderemos passar esta noite em boa conversação até raiar o dia, em que todos acompanharemos o senhor Dom Quixote, pois queremos ser testemunhas das valorosas e inauditas façanhas que há de fazer, no transcurso desta grande empresa que tomou a seu cargo.

— Sou eu que vos devo servir e acompanhar — replicou Dom Quixote —; muito agradeço a mercê que se me faz e o bom conceito que de mim se tem, o qual procurarei que saia verdadeiro, ainda que me custe a vida, e até mais, se mais me puder custar.

Muitas palavras de comedimentos e muitos oferecimentos se trocaram entre Dom Quixote e Dom Fernando; mas a todos pôs termo um passageiro, que naquele instante penetrou na venda e que, no seu traje, mostrava ser cristão, recém-chegado da terra dos mouros, porque vestia uma casaca de pano azul, de abas curtas, meias mangas e sem gola; os calções eram também azuis, com boné da mesma cor; trazia uns borzeguins cor de tâmara e um alfanje mourisco, suspenso num talabarte a tiracolo.[4] Atrás dele, montada num jumento, vinha uma mulher também vestida à maneira mourisca, com o rosto encoberto e uma touca na cabeça; trazia um barretinho de brocado e uma almalafa,[5] que a cobria dos ombros até os pés. O homem era robusto, de talhe gracioso, aparentando pouco mais de quarenta anos de idade, algo moreno de rosto, grandes bigodes e barba mui bem posta; em suma, indicava, pela postura, que, se estivesse bem-vestido, o tomariam por pessoa de qualidade e bem-nascida. Ao entrar, pediu um quarto; e como lhe dissessem que não o havia na venda, mostrou-se aborrecido. Acercou-se da moça que, pelo trajo, parecia moura, e, estendendo-lhe os braços, a fez apear-se.

Lucinda, Doroteia, a vendeira, sua filha e Maritornes, impressionadas com o novo trajo, que nunca tinham visto, rodearam a moura; e Doroteia, que era sempre graciosa, comedida e discreta, julgando que a moça e quem a acompanhava se afligiam, pela falta do aposento, disse à primeira:

— Não vos cause muita pena, minha senhora, a falta de comodidades deste lugar, pois é próprio das vendas o carecer delas; contudo, se quiserdes partilhar da nossa pousada (e apontou para Lucinda), talvez que no decurso desta viagem não tenhais achado melhor acolhimento.

A recém-chegada, que tinha o rosto velado, nada respondeu; limitou-se a erguer-se do assento onde estava e, pondo ambas as mãos cruzadas sobre o peito, inclinou a cabeça e dobrou o corpo, em sinal de agradecimento. Pelo seu silêncio, imaginaram que, sem nenhuma dúvida, devia ser moura e que não sabia falar a língua cristã.

Nisto chegou o cativo, que até então estivera ocupado noutra coisa e que, vendo a sua companheira calada, apesar de a interrogarem as demais pessoas que a cercavam, disse:

— Minhas senhoras, esta donzela entende apenas a minha língua e não sabe falar outra, senão a da sua terra; por isso não respondeu, nem responde ao que lhe perguntam.

— Estamos-lhe perguntando unicamente — replicou Lucinda — se quer passar esta noite em nossa companhia e partilhar do sítio onde nos acomodaremos e onde lhe ofereceremos as comodidades que forem possíveis, com a boa vontade que nos obriga a servir a todos os estrangeiros necessitados, especialmente se se trata de mulher.

— Por ela e por mim — respondeu o cativo — vos beijo as mãos, minha senhora, e muito estimo, como é razão, a mercê do oferecimento, que, sem dúvida, há de ser muito grande, sendo feito em tal ocasião e por pessoas tais como parece que sois.

— Dizei-me, senhor — interrompeu Doroteia —: esta senhora é cristã, ou moura? Porque o trajo e o silêncio nos levam a pensar que é o que não queríamos que fosse.

— É moura no trajo e no corpo, porém muitíssimo cristã na alma, pois tem grandes desejos de sê-lo.

— Então não é batizada? — interrogou Lucinda.

— Ainda não teve ocasião disso — respondeu o cativo — desde que saiu de Argel, sua terra natal e sua pátria; e até agora não esteve tão perto de nenhum perigo de morte, que nos obrigasse a batizá-la sem ter primeiro aprendido todas as cerimônias ordenadas pela nossa Santa Madre Igreja; mas Deus será servido em que logo se batize, com a decência merecida pela qualidade da sua pessoa, como o demonstram o seu hábito e o meu.

Estas palavras despertaram em todos os ouvintes o desejo de saber quem eram a moura e o cativo; mas ninguém se atreveu a perguntar, por entenderem que a ocasião era mais própria para lhes dar descanso que para lhes devassar as vidas. Doroteia tomou a senhora pela mão e a fez sentar-se junto a si, rogando-lhe que tirasse o véu. Ela se voltou para o cativo, como a pedir-lhe que traduzisse o que diziam e aconselhasse o que devia fazer. Em língua árabe, ele explicou que lhe pediam tirasse o véu e aconselhou-a a obedecer. Ela o tirou, deixando à mostra um tão formoso rosto, que Doroteia a julgou mais bela que Lucinda, e Lucinda mais bela que Doroteia. Todos os demais circunstantes perceberam que, se algum rosto se poderia igualar ao das outras duas moças, era o da moura; houve alguns, até, que lhe concederam certa vantagem. Como tem a formosura prerrogativa e graça para reconciliar os ânimos e atrair as vontades, logo se renderam todos ao desejo de servir e acariciar a linda moura.

Dom Fernando perguntou ao cativo como se chamava a estranha.

— Lela Zoraida[6] — respondeu ele.

Ouvindo a resposta, ela entendeu qual tinha sido a pergunta em língua cristã, e corrigiu apressadamente, com um misto de enfado e de graça:

— Não, não Zoraida; Maria, Maria — dando a entender que se chamava Maria, e não Zoraida.

Estas palavras, e a grande emoção com que a moura as pronunciou, fizeram derramar mais de uma lágrima a alguns dos que a escutaram, especialmente às mulheres, que por natureza são ternas e compassivas.

Abraçou-a Lucinda com muito amor, dizendo-lhe:

— Sim, sim; Maria, Maria.

Ao que a moura replicou:

— Sim, sim, Maria; Zoraida *macange* (que quer dizer “não”).

Caía a noite; e, por ordem dos que vinham com Dom Fernando, estava o vendeiro diligenciando, com o maior cuidado, para preparar a melhor ceia que lhe foi possível. Chegada a hora, sentaram-se todos a uma mesa muito comprida e estreita porque não havia na venda mesa redonda, nem quadrada, e deram a cabeceira e principal assento a Dom Quixote, embora este a recusasse. Quis ele que se sentasse a seu lado a senhora Micomicona, já que era o seu guardião. Logo se sentaram Lucinda e Zoraida, e, em frente delas, Dom Fernando e Cardênio; depois, o cativo e os demais cavaleiros; ao lado das senhoras, o cura e o barbeiro. Cearam, assim, com muita alegria, e mais alegres ainda ficaram quando viram que Dom Quixote, cessando de comer e movido de outro espírito semelhante ao que o impelira a falar tanto como falara quando ceou com os cabreiros, principiou a dizer:

— Verdadeiramente, meus senhores, se bem o considerarmos, são grandes e inauditas as coisas vistas pelos que professam a ordem da cavalaria andante. Senão, qual dos viventes haverá no mundo que, entrando agora pela porta deste castelo e vendo-nos aqui, seja capaz de crer que somos nós quem somos? Quem poderá dizer que esta senhora, que está ao meu lado, é a grande rainha que todos sabemos e que eu sou aquele Cavaleiro da Triste Figura, cuja fama anda por aí de boca em boca? Não há mais que duvidar que esta arte e exercício da cavalaria excedem a todos aqueles e aquelas inventados pelos homens; e tanto mais se há de estimar, quanto maiores são os perigos a que se expõe. Saiam da minha frente os que afirmam que levam as letras vantagem sobre as armas; dir-lhes-ei, sejam quem forem, que não sabem o que falam. As razões que costumam alegar e a que mais se agarram, é que os trabalhos do espírito excedem os do corpo e que as armas só com o corpo se exercitam, como se fora o seu exercício tarefa de operários braçais, que não carecem senão de força física; ou como se nisto, a que chamamos armas os que as professamos, não se encerrassem os atos da fortaleza, cuja execução requer muito entendimento; ou como se não trabalhasse o ânimo do guerreiro, que tem a seu cargo um exército, ou a defesa de uma cidade sitiada, operando não só com o corpo, mas também com o espírito. Senão, vejamos se é possível, usando apenas as forças corporais, saber e conjeturar o intento do inimigo, os desígnios, os estratagemas, as dificuldades, e prevenir os danos que se temem, todas essas coisas são ações do entendimento, nas quais não tem o corpo participação nenhuma. E se as armas requerem espírito, tal como as letras, vejamos agora qual dos dois espíritos trabalha mais, o do letrado, ou o do guerreiro. Isto se há de inferir da finalidade e paradeiro de cada um; e a intenção mais nobre é a que tem por objeto mais nobre fim. O fim e paradeiro das letras (e não falo agora das divinas, que têm por alvo encaminhar as almas ao céu, pois a um fim tão sem fim como este nenhum outro se pode igualar; falo das letras humanas) é estabelecer, em sua exata medida, a justiça distributiva e dar a cada um o que é seu, fazendo respeitar as boas leis. Fim, por certo, generoso e elevado, digno de grande louvor; mas não de tanto, como merece aquele que se dedica às armas, as quais têm por objeto e finalidade a paz, que é o maior bem que podem os homens desejar nesta vida. Assim, as primeiras boas-novas que teve o mundo e que tiveram os homens, foram as que deram os anjos, na noite que foi o nosso dia, quando cantaram nos ares: "Glória seja nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade." E a saudação que o melhor Mestre da terra e do céu ensinou aos seus discípulos e favoritos, foi dizer-lhes que, quando entrassem em alguma casa, dissessem: "Que a paz seja nesta casa."[7] E outras muitas vezes lhe falou: "Minha paz vos dou, minha paz vos deixo; que a paz seja convosco."[8] Bela joia, bela prenda, vinda de tais mãos! Joia, sem a qual não pode haver nenhum bem, nem na terra, nem no céu. Esta paz é o verdadeiro fim da guerra — pois falar em armas, é o mesmo que falar em guerra. Pressuposta esta verdade, que o fim da guerra é a paz e que nisto se avantaja ao fim das letras, confrontemos agora os trabalhos corporais do letrado e os do professor de armas, e vejamos quais são os maiores.

De tal maneira e em tão bons termos ia Dom Quixote conduzindo o seu discurso, que, até então, nenhum dos que o escutavam poderia tê-lo por louco; ao contrário, sendo todos cavaleiros, que se dedicavam às armas, ouviam-no de muito bom grado. E ele prosseguiu, dizendo:

— São estes os trabalhos de um estudante das letras: em primeiro lugar vem a pobreza, não porque todos sejam pobres, mas tão-somente para levar este caso a todo o extremo a que pode chegar. E dizendo eu que o estudante padece pobreza, me parece que não há mais que dizer da sua má sorte; porque quem é pobre nada consegue de bom. Essa pobreza tem lá os seus padecimentos parciais: ora é fome, ora é frio, ora é nudez, ora tudo junto; mas, apesar disso, não é tanta que o impeça de comer, embora um pouco mais tarde do que se usa e ainda que só coma as sobras dos ricos; a maior miséria do estudante é o a que chamam viver da sopa alheia.[9] Tampouco lhe falta algum braseiro ou chaminé alheia, onde, se não logra aquecer-se, ao menos se protege do frio. Finalmente, passa as noites debaixo de coberta. Convém saber-se que não quero entrar noutras minúcias, como a da falta de camisas e de sapatos, a raridade e pouco pelo do vestuário, e aquela agitação gostosa em que ficam, quando se lhes depara a boa sorte de algum banquete. Por este caminho que estou pintando, dificultoso e áspero, tropeçando aqui, caindo ali, erguendo-se acolá, tornando a cair, chegam os estudantes ao grau que desejam; alcançado este grau, vimos passar muitos deles através de sirtes, de Cilas e Caríbdis,[10] como que arrebatados no voo da fortuna favorável; digo que os vimos passar a mandar e governar o mundo, sentados na sua cátedra, trocada já a sua antiga fome em fartura, seu frio em refrigério, sua nudez em galas, seu dormir sobre esteiras em leitos forrados de holandas e damascos. Justo e merecido prêmio da sua virtude, sem dúvida; todavia, comparados os seus trabalhos aos dos militares guerreiros, ficam muito atrás destes, como vou agora mostrar.

# CAPÍTULO XXXVIII

## *Que trata do curioso discurso que fez Dom Quixote sobre as armas e as letras*

Prosseguindo, disse Dom Quixote:

— Se começamos a apreciar o estudante por sua pobreza e respectivas partes, vejamos se é mais rico o soldado. Na verdade, não há ninguém mais pobre na pobreza mesma, porque está escravizado à miséria do soldo, que tarde ou nunca chega,[1] ou àquilo que consegue pilhar por suas mãos, com notável perigo da sua vida e da própria consciência. Costuma ser tanta, às vezes, a sua nudez, que um esfarrapado e acutilado colete lhe serve de gala e de camisa; e na época do inverno, quando está em campo raso, sói defender-se das inclemências do céu apenas com o hálito que lhe sai da boca e que, saindo de lugar vazio, tenho por averiguado que deve sair frio, contra toda a natureza. Espera em vão que chegue a noite, para restaurar-se de todos esses incômodos na cama que o aguarda, a qual só se poderá acusar de estreita se ele o quiser, pois bem pode medir na terra o número de passos que lhe aprouver e revolver-se nesse leito a seu sabor, sem receio de que se lhe encolham os lençóis. Depois de tudo isso, vem o dia e a hora de receber o diploma do seu exercício; vem o dia da batalha, em que lhe põem à cabeça uma compressa feita de fios, para curá-lo de algum ferimento de bala, que talvez lhe haja atravessado as têmporas ou o deixe com um braço ou perna estropiados. Quando isto não suceda, porque o céu piedoso o resguardou e conservou vivo e são, pode ser que permaneça na mesma pobreza em que antes estava e que só possa sair dela depois de vários recontros, numa e noutra batalha, em que saia de todos vencedor; tais milagres, porém, raras vezes acontecem. Dizei-me, todavia, senhores, se já reparastes que os premiados na guerra são em menor número que os que perecem nela. Sem dúvida, respondereis que não há comparação e que são incontáveis os mortos, ao passo que o número dos premiados vivos se pode exprimir com três algarismos. O contrário sucede com os letrados, que, de certa maneira, pois não quero dizer de outras, sempre têm com que sustentar-se. Assim, se é maior o trabalho do soldado, é muito menor o prêmio. A isto se pode responder ser mais fácil premiar dois mil letrados do que 30 mil soldados, porque àqueles se premiam com lhes dar ofícios, que forçosamente se hão de dar aos da sua profissão, enquanto a estes não cabe outro prêmio senão os bens da fazenda do senhor a que servem. Essa impossibilidade ainda mais fortalece o meu argumento. Deixemos isto de parte, porém, que é labirinto de mui difícil saída, e voltemos à preeminência das armas sobre as letras: matéria que até agora está por averiguar, conforme as razões alegadas de parte a parte. E entre as que se alegam, diz-se que, sem as letras, não se poderiam sustentar as armas, porque também tem a guerra suas leis e a estas se sujeita, e o estudo das leis pertence às letras e aos letrados. A isso respondem as armas, dizendo que não se poderão as leis manter sem elas, porque com as armas se defendem as repúblicas, se conservam os remos, se guardam as cidades, se asseguram os caminhos, se livram os mares dos corsários, e, finalmente, não fossem as armas estariam as repúblicas, os reinos, as monarquias, as cidades, os caminhos de terra e mar sujeitos ao rigor e à confusão que acarreta a guerra, enquanto dura e tem licença de usar seus privilégios e forças. É coisa apurada que o que mais custa mais se estima, e mais se deve estimar. Chegar alguém a ser eminente nas letras, é coisa que custa tempo, vigílias, fome, nudez, dores de cabeça, indigestões de estômago e outras coisas conexas, que parcialmente já referi; mas chegar a ser bom soldado custa tudo isso por que passa o estudante, e em muito maior grau, que não tem comparação, porque se acha a pique, a cada passo, de perder a vida. E que medo de pobreza e de miséria pode fatigar o estudante, que chegue ao que tem um soldado, quando, achando-se cercado em alguma fortaleza e estando de sentinela ou guarda nalgum revelim ou parapeito, pressente que o inimigo está minando o seu posto por baixo, e, entretanto, não pode ausentar-se dali sob nenhum pretexto, nem fugir ao perigo que tão de perto o ameaça? Só o que pode fazer é dar notícia do que se passa ao seu capitão, para que este o remedeie com alguma contramina, e continuar quieta, temendo e esperando a hora de subir repentinamente às nuvens sem asas, e baixar às profundezas contra a vontade. Se este perigo parece pequeno, vejamos se o iguala, ou se lhe avantaja, o de duas galeras, cujas proas investem uma contra a outra no meio do mar imenso, travando-se e encravando-se mutuamente, sem que reste ao soldado mais espaço que o de uma tábua de três palmos junto ao esporão. E, com tudo isso, vendo que tem diante de si tantos ministros da morte, que o ameaçam, quantos canhões de artilharia se assestam da parte contrária e que não distam do seu corpo senão um golpe de lança; vendo também que, ao primeiro descuido dos pés, iria visitar os profundos seios de Netuno — ele, com o coração intrépido, incitado pelo sentimento da honra, se presta a ser alvo de tantos arcabuzes e tenta passar por tão estreito passo para a embarcação inimiga. O que mais admira é que, mal cai um em sítio donde não se poderá mais levantar até o fim do mundo, logo outro ocupa o seu posto; e se este também cai ao mar, que o aguarda como a um inimigo, outro e mais outro lhe sucedem, sem dar tempo ao tempo de suas mortes — o maior exemplo de valentia e atrevimento que se pode achar em todos os transes da guerra. Bem hajam aqueles séculos benditos, que careceram da espantosa fúria desses endemoninhados instrumentos da artilharia, a cujo inventor tenho para mim que o inferno lhe está dando o prêmio da sua invenção diabólica: pois permitiu que um braço infame e covarde tire a vida a qualquer cavaleiro valoroso, e que, sem saber como, nem por onde, em meio do brilho e coragem que acendem e animam os peitos valentes, chegue uma bala desmandada, disparada por quem talvez tenha fugido espantado, ante o resplendor que fez o fogo ao disparar a máquina maldita; e a bala corta e, num instante, põe termo aos pensamentos e à vida de quem merecia gozá-la por longos séculos. Assim, considerando isto, devo dizer que a mim me pesa, no íntimo da alma, ter adotado esta profissão de cavaleiro andante numa época tão detestável, como esta em que agora vivemos; porque, ainda que nenhum perigo me amedronte, estremeço ao pensar que talvez a pólvora e o estanho me não deem ocasião de me tornar famoso e conhecido pelo valor do meu braço e pela lâmina da minha espada, através de toda a terra descoberta. Porém, disponha o céu como lhe aprouver se levo a cabo o que pretendo, serei tanto mais estimado quanto me tenho exposto a perigos maiores do que aqueles por que passaram os cavaleiros andantes dos passados séculos.

Todo este largo preâmbulo, disse-o Dom Quixote enquanto os outros ceavam, esquecendo-se de levar bocado à boca, posto lhe houvesse dito Sancho Pança, muitas vezes, que ceasse e que, depois, haveria lugar para dizer tudo o que quisesse. Aos que o haviam escutado sobreveio grande pena de ver que um homem, aparentemente dotado de bom entendimento e capaz de bem discorrer sobre todas as coisas que tratava, houvesse perdido o juízo tão completamente, em se tratando da sua negra e infausta cavalaria. Disse-lhe o cura que tinha muita razão, em tudo quanto afirmara a favor das armas, e que ele, embora letrado e graduado, partilhava da sua opinião.

Acabaram de cear, tiraram as toalhas e, enquanto a vendeira, sua filha e Maritornes preparavam o quarto de Dom Quixote de la Mancha, onde haviam combinado que, naquela noite, só as mulheres se recolheriam, Dom Fernando rogou ao cativo que lhes contasse o decurso de sua vida, que não podia deixar de ser peregrino e divertido, segundo as mostras que principiara a dar, vindo na companhia de Zoraida. O cativo respondeu que de muita boa vontade faria o que lhe mandavam e só temia não fosse o conto capaz de lhes proporcionar o prazer que desejavam; apesar de tudo, lho relataria, para não deixar de obedecer-lhe. O cura e todos os demais agradeceram e de novo lhe rogaram que contasse; ele, vendo-se instado por tantos, disse que não era preciso rogos, onde o mandar tinha tanta força.

— Estejam vosmecês atentos, e ouvirão um discurso verdadeiro, a que talvez se não pudessem igualar os mentirosos, que se compõem com pensado e curioso artifício.

Dizendo isto, fez que todos se acomodassem e o escutassem num grande silêncio. Vendo, em seguida, que, calados, esperavam pelo que ele quisesse dizer, começou a falar desta maneira, com voz agradável e repousada:

# CAPÍTULO XXXIX

## *Onde o cativo conta sua vida e seus sucessos*

“Num lugar das montanhas de Leão teve origem a minha linhagem, com quem foi mais agradecida e liberal a natureza que a fortuna, muito embora alcançasse meu pai fama de rico na estreiteza daqueles povoados; e o seria verdadeiramente, se se desse ao cuidado de conservar sua fazenda, como se dava ao de gastá-la. Sua condição de liberal e gastador lhe vinha de ter sido soldado nos anos da juventude; pois a soldadesca é uma escola, onde o mesquinho se faz liberal, e o liberal pródigo; e se há soldados miseráveis, são como monstros, que raras vezes se veem. Ultrapassava meu pai os termos da liberalidade e entrava pelos da prodigalidade, coisa que não é de nenhum proveito para o homem casado, possuidor de filhos, que lhe hão de suceder no nome e no ser. Três filhos tinha meu pai, todos varões e todos na idade de casar. Vendo que, como costumava dizer, não podia ir contra sua condição, quis privar-se do instrumento e causa que o tornava gastador e dadivoso; privou-se da sua fazenda, sem a qual o próprio Alexandre pareceria avarento; e certo dia, chamando os três filhos a sós num aposento, nos disse razões semelhantes às que agora vos direi:

— Filhos, para dizer que vos quero bem, basta saberdes que sois meus filhos; e para dar a entender que vos quero mal, basta saberdes que não tenho mão em mim, no que toca a conservar a vossa fazenda. E para que não duvideis que, daqui em diante, vos quero como pai, e não pretendo destruir-vos como padrasto, farei convosco um trato, no qual, há muitos dias, tenho meditado, com madura consideração. Já estais na idade de tomar estado, ou de, pelo menos, escolher profissão tal que vos honre e beneficie, quando de mais idade. Pensei dividir a minha fazenda em quatro partes, três das quais vos darei, cabendo a cada um a que lhe tocar, sem mais, nem menos; e ficarei com a outra para viver e sustentar-me, nos dias em que o céu for servido de me conservar com vida. Mas queria que, depois de haver recebido cada qual a sua parte na fazenda, seguisse um dos caminhos que apontarei. Há um refrão na Espanha, a meu juízo muito verdadeiro, como todos os demais, por serem sentenças breves, tiradas da longa e discreta experiência; e o a que me refiro assim reza: *Igreja, ou mar, ou casa real,* como se mais claramente dissesse: quem quiser ter valia e ser rico, ou siga a Igreja, ou navegue exercitando a arte do comércio, ou ingresse no serviço de uma casa real. Porque diz outro refrão: *Mais valem migalhas de rei que mercês de senhor.* Digo isso porque queria, e é minha vontade, que um de vós seguisse as letras, o outro o comércio e o outro servisse o rei na guerra, já que é difícil servi-lo em sua casa; e se a guerra não dá muitas riquezas costuma dar muito valor e muita fama. Dentro de oito dias vos darei toda a vossa parte em dinheiro, sem vos fraudar num ceitil, como o vereis na ocasião. Dizei-me agora se quereis seguir o meu parecer e conselho, no que vos propus.

Mandou que eu respondesse primeiro, por ser o mais velho. Disse-lhe que não se desfizesse da fazenda, mas que gastasse tudo o que lhe aprouvesse, pois nós éramos moços e podíamos ganhar a nossa vida; se ele insistisse, porém — concluí — faria o que fosse do seu gosto, e o meu era seguir a profissão das armas, servindo nela a Deus e ao meu rei. O segundo irmão fez os mesmos oferecimentos e escolheu o caminho das Índias, levando empregada a quantia que lhe coubesse. O menor e, a meu ver, o mais discreto, disse que queria seguir a Igreja, ou terminar os estudos que iniciara em Salamanca.

Feita a combinação e escolhidas as nossas profissões, meu pai nos abraçou a todos e, com a brevidade que anunciou, pôs em prática tudo o que nos tinha prometido. Deu a cada um de nós a sua parte, que, se bem me lembro, foram três mil ducados em dinheiro para cada qual, porque um tio nosso comprou toda a fazenda e a pagou em dinheiro de contado, para que não saísse do tronco da família. No mesmo dia nos despedimos os três do nosso bom pai. Pareceu-me, todavia, desumano que meu pai ficasse velho com tão poucos bens; dei-lhe, pois, dois mil dos meus três mil ducados, porque a mim me bastava o resto para me aprovisionar do que havia mister um soldado. Meus dois irmãos, incitados pelo meu exemplo, também lhe deram, cada um, mil ducados; de modo que a meu pai lhe sobraram quatro mil em dinheiro, e mais três mil que, parece, valia a parte da fazenda que lhe coube e não quis vender, preferindo ficar com ela em bens de raiz.

Finalmente, nos despedimos dele e daquele nosso tio a quem me referi, não sem muito sentimento e muitas lágrimas de todos. Prometemos que lhe daríamos notícia, todas as vezes que nos fosse possível, dos nossos sucessos, prósperos ou adversos. Com essa promessa, abraçamo-nos e recebemos a sua bênção, viajando um para Salamanca, outro para Sevilha e eu para Alicante, onde soube que havia uma nau genovesa carregando lã para Gênova.[1] Faz agora 22 anos que saí da casa de meu pai, e, durante todo esse tempo, posto lhe haja escrito algumas cartas, nunca mais soube dele, nem dos meus irmãos; e com brevidade vos direi o que entrementes se passou. Embarquei em Alicante, cheguei a Gênova depois da próspera viagem, fui dali para Milão, onde me municiei de armas e de algumas galas de soldado; em seguida, fui sentar praça no Piemonte. Já estava a caminho de Alexandria de la Palla, quando fui informado de que o grão-duque de Alba passava para a Flandres.[2] Mudei de propósito, parti com ele, servi-o nas jornadas que fez, presenciei a morte dos condes de Eguemon e de Hornos,[3] cheguei a ser alferes de um famoso capitão de Guadalajara, chamado Diego de Urbina,[4] e, ao cabo de algum tempo de haver chegado a Flandres, onde soube da liga que Sua Santidade, o papa Pio V, de feliz memória, havia feito com Veneza e com a Espanha contra o inimigo comum, que é o Turco, o qual, naquele mesmo tempo, havia ganho, com a sua armada, a famosa ilha de Chipre,[5] que estava sob o domínio dos venezianos — lamentável e desditosa perda! Tive como certo que ia ser general dessa liga o sereníssimo Dom João da Áustria, irmão natural do nosso bom rei Dom Filipe; divulgou-se o grandíssimo aparato de guerra que se fazia, o que tudo me incitou e animou a querer ver-me na jornada que se esperava. Embora tivesse probabilidades, e quase promessas certas de que, na primeira ocasião que se oferecesse, seria promovido a capitão, resolvi abandonar tudo e voltar à Itália, como voltei. Quis a boa fortuna que o senhor Dom João da Áustria acabasse de chegar a Gênova, a caminho de Nápoles, onde ia juntar-se com a armada de Veneza, como depois o fez em Messina.[6] Digo, enfim, que me achei naquela felicíssima jornada, já feito capitão da infantaria,[7] a cujo honroso cargo me elevou mais a minha boa sorte do que o meu merecimento. Naquele dia, tão ditoso para a cristandade, porque nele se desenganaram o mundo e todas as nações do erro em que estavam, crendo que os turcos eram invencíveis no mar, naquele dia, repito, em que se dobraram o orgulho e a soberba otomana, dentre tantos soldados venturosos que ali havia (porque mais ventura tiveram os cristãos que morreram do que os que ficaram vivos e vencedores), só eu fui infeliz; pois, em vez de obter uma coroa naval, como nos antigos séculos romanos,[8] me vi, naquela noite que se seguiu a tão famoso dia, com cadeias nos pés e algemas nas mãos. E isto me aconteceu pelo seguinte motivo: Tendo Uchali, Rei de Argel, atrevido e venturoso corsário,[9] investido e vencido a nau capitânia de Malta, na qual só três cavaleiros ficaram vivos, e mesmo estes malferidos, acudiu a socorrê-la a capitânia de João Andrea,[10] na qual me achava eu com a minha companhia; e, fazendo o que me cumpria em semelhante ocasião, saltei na galera inimiga, que se desviou da que a tinha atacado e, assim, impediu que os meus soldados me acompanhassem; dessa maneira, me encontrei sozinho entre inimigos, aos quais não pude resistir, por serem tantos; por fim me rendi, cheio de feridas. Como já deveis ter ouvido dizer, senhores, que Uchali se salvou com toda a sua esquadra, vos será fácil entender que fiquei cativo em seu poder. Fui, pois, o único triste entre tantos alegres e o único cativo entre tantos livres. Quinze mil cristãos alcançaram, com efeito, naquele dia, a desejada liberdade — 15 mil que viviam acorrentados aos remos da armada turca. Levaram-me a Constantinopla, onde o grão-turco Selim fez o meu amo general do mar, porque havia cumprido o seu dever na batalha, tendo levado como prova do seu valor o estandarte da religião de Malta.[11] No ano seguinte, que foi o de 72, me achei em Navarino,[12] navegando na capitânia dos três faróis.[13] Vi e notei a ocasião, que ali se perdeu, de não colher no porto a armada turca toda inteira, já que todos os levantinos e janízaros[14] que nela vinham estavam certos de que iam ser atacados dentro do mesmo porto, tendo chegado até a preparar as roupas e os *passamaques,*[15] que são os sapatos, para fugirem logo por terra, sem esperar combater: tão grande era o medo que tinham à nossa armada! Porém o céu dispôs de outra maneira, não por culpa nem descuido do general que nos comandava, mas pelos pecados da cristandade e porque Deus quer e permite que tenhamos sempre verdugos que nos castiguem. Com efeito, Uchali se recolheu a Modon, que é uma ilha próxima de Navarino, e, deixando gente em terra, fortificou a entrada do porto e ali ficou quieto, até a volta do senhor Dom João. Nesta viagem se tomou a galera chamada *A Presa,* de quem era capitão um filho daquele famoso corsário Barbarroxa.[16] Aprisionou-a a nau capitânia de Nápoles, chamada *A Loba,* regida por aquele raio da guerra, pelo pai dos soldados, por aquele valoroso e invicto capitão Dom Álvaro de Bazan, marquês de Santa Cruz. E não quero omitir o que se passou com *A Presa.* Tão cruel era o filho de Barbarroxa e tão mal tratava os cativos, que os que iam remando, mal viram entrar e aproximar-se a galera *Loba,* soltaram os remos a um só tempo, agarraram o capitão, que estava sobre a estanteirola, gritando que vogassem ligeiros, e, passando-o de banco em banco, de popa a proa, tantas dentadas lhe deram, que sua alma antes de chegar ao mastro maior partiu logo para o inferno; tal a crueldade, como disse, com que os tratava e o ódio que lhe tinham. Voltamos a Constantinopla e, no ano seguinte, que foi o de 73, se soube nela que o senhor Dom João havia tomado Túnis, privando os turcos daquele reino e entregando-o a Muley Hamet.[17] Assim se perderam as esperanças de reinar nele que tinha Muley Hamida, o mouro mais cruel e mais valente que houve no mundo. Sentiu muito esta perda o grão-turco, que, empregando a sagacidade própria de todos os da sua casa, fez paz com os venezianos, que a desejavam muito mais que ele; e no ano seguinte, de 74, atacou La Goleta[18] e o forte que, perto de Túnis, havia deixado meio levantado o senhor Dom João. Em todos esses transes andava eu no remo, sem esperança alguma de liberdade; pelo menos, não esperava obtê-la por resgate, porque estava resolvido a não dar notícia da minha desgraça a meu pai. Finalmente, perdeu-se La Goleta, perdeu-se o forte, praças sobre as quais houve mais de 75 mil soldados turcos de soldo e mais de 400 mil mouros e árabes de toda a África, estando este enormíssimo número de gente tão bem municiada de petrechos de guerra e tão provida de sapadores que, com as mãos e a punhados de terra, poderiam cobrir La Goleta e o forte. Perdeu-se primeiro La Goleta, tida até então por inexpugnável, e não se perdeu por culpa dos seus defensores, que em sua defesa fizeram tudo o que deviam e podiam; mas porque a experiência mostrou com que facilidade se podiam levantar trincheiras naquela areia deserta, achando-se água a dois palmos, ao passo que os turcos não a achavam a duas varas. Assim, com muitos sacos de areia ergueram eles trincheiras tão altas, que sobrepujavam as muralhas da fortaleza; e dali atiravam a cavaleiro, de modo que ninguém podia parar, nem auxiliar a defesa. Foi opinião comum que não deviam ter-se encerrado os nossos em La Goleta, mas esperar no campo o desembarque; os que isto dizem, todavia, falam de longe e com pouca experiência de casos semelhantes. Porque se, em La Goleta e no forte, havia apenas sete mil soldados, como poderia tão pequeno número, por mais esforçados que fossem, sair em campo e enfrentar forças tão maiores, como eram as do inimigo? Como é possível deixar de perder-se força que não é socorrida e ainda mais quando a cercam inimigos numerosos e tenazes, na sua própria terra? A muitos pareceu, e também me pareceu a mim, que o céu fez à Espanha particular graça e mercê, permitindo que se assolasse aquela oficina e capa de maldades, aquela tarasca, ou esponja e traça da infinidade de dinheiro que, sem nenhum proveito, ali se gastava, sem prestar senão para avivar a lembrança do felicíssimo e invictíssimo Carlos V, que foi quem a ganhou; como se fosse preciso que a sustentassem aquelas pedras para fazê-la eterna, como o é e será. Perdeu-se também o forte, mas o foram ganhando os turcos palmo a palmo, porque os soldados que o defendiam pelejaram tão valorosa e fortemente, que o número de inimigos por eles mortos ultrapassou dos 25 mil, em 22 assaltos gerais que lhes deram. De trezentos vivos que ficaram cativos, nem um só deixou de ser ferido — sinal certo e claro do seu esforço e valor e do excelente modo como defenderam e guardaram as suas praças. Rendeu-se por capitulação um pequeno forte, ou torre, que estava no meio do lago, a cargo de Dom João Zanoguera,[19] cavaleiro valenciano e famoso soldado. Cativaram Dom Pedro Portocarrero,[20] general de La Goleta, que fez o que lhe foi possível para defender o forte; e tanto sentiu o tê-lo perdido, que morreu de pesar a caminho de Constantinopla, onde o levaram cativo. Cativaram também o general do forte, que se chamava Gabrio Cervellón, cavaleiro milanês, grande engenheiro e valentíssimo soldado. Nessas duas fortalezas morreram muitas pessoas de posição, dentre as quais Pagão de Oria, cavaleiro da Ordem de São João, de ânimo generoso, como o mostrou a suma liberalidade com que tratou o seu irmão, o famoso João Andrea de Oria;[21] e o que mais lastimável tornou a sua morte foi ter morrido nas mãos de uns árabes, dos quais se fiou ao ver perdido o forte, pois se ofereceram para levá-lo em hábito de mouro a Tabarca,[22] que é um pequeno porto, ou casa, possuído naquelas ribeiras pelos genoveses que se exercitam na pesca do coral; e esses árabes lhe cortaram a cabeça, trazendo-a ao general da armada turca, que com eles cumpriu o nosso refrão castelhano: *Ainda que a traição agrade, o traidor se aborrece.* Diz-se, por isso, que mandou enforcar os que lhe trouxeram o presente, porque não o tinham trazido vivo. Entre os cristãos que se perderam no forte, havia um chamado Pedro de Aguiar, natural não sei de que lugar da Andaluzia, e que tinha sido alferes no forte, soldado de muito crédito e de raro entendimento; sobretudo, era possuidor de muita graça no que chamam poesia. Cito-o, porque o trouxe a sorte à minha galera e ao meu banco, como escravo do meu patrão; e antes que partíssemos daquele porto, fez esse cavaleiro dois sonetos à maneira de epitáfios, um a La Goleta e outro ao forte. Posso repeti-los, na verdade, porque os sei de cor, e me parece que causarão mais gosto que enfado."

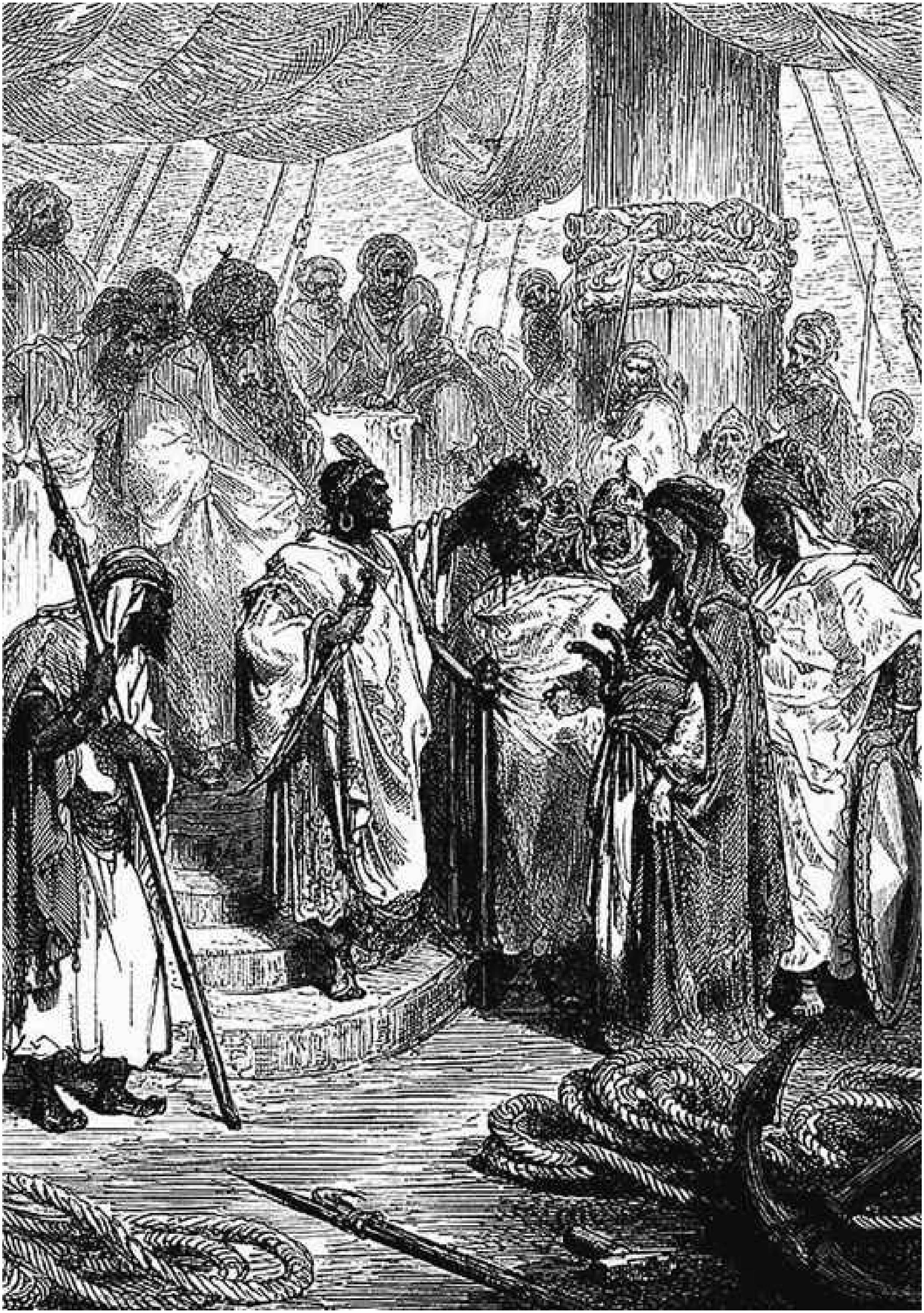
No momento em que o cativo mencionou o nome de Dom Pedro de Aguiar, Dom Fernando olhou para os camaradas e todos os três sorriram; e quando o outro se referiu aos sonetos, um dos companheiros de Dom Fernando interrompeu:

— Antes que vosmecê passe adiante, peço-lhe que me diga o que é feito desse Dom Pedro de Aguiar, que foi citado.

— Sei apenas — respondeu o cativo — que, ao cabo de dois anos que esteve em Constantinopla, fugiu, em trajo de albanês, com um espião grego, e não sei se ficou em liberdade; mas creio que sim, porque dali a um ano vi o grego em Constantinopla, não tendo podido perguntar-lhe, todavia, como decorrera a viagem.

— Pois eu vos posso dizer — replicou o cavaleiro — o seu destino: esse Dom Pedro é meu irmão e está agora na nossa aldeia, bem, casado, rico e com três filhos.

— Graças a Deus — disse o cativo — por tantos benefícios que lhe fez; porque, na minha opinião, não há na terra contentamento que se iguale ao de alcançar a liberdade perdida.



— Digo-vos mais — continuou o cavaleiro —, que sei os sonetos compostos pelo meu irmão.

— Recite-os então vosmecê — pediu o cativo —, pois certamente os dirá melhor do que eu.

— Com muito prazer — respondeu o cavaleiro. — O de La Goleta rezava assim:

# CAPÍTULO XL

## *No qual prossegue a história do cativo*

Soneto

*Almas ditosas, que, dos véus mortais*
*libertas, pelo bem que produzistes*
*da terra pequenina e vil subistes*
*às sublimes alturas celestiais;*
*vós, com zelo e coragem sem iguais,*
*na peleja feroz em que insististes,*
*de sangue próprio e alheio cobristes*
*o mar vizinho e os ermos areais.*
*Sobrando-vos valor, faltou a vida*
*aos braços fatigados que, morrendo,*
*vencidos, conquistaram a vitória.*
*Pois, embora mortal, vossa caída*
*entre muros e lanças foi obtendo*
*no mundo a fama e no alto céu a glória.*[1]

— São esses mesmos os versos que sei — disse o cativo.

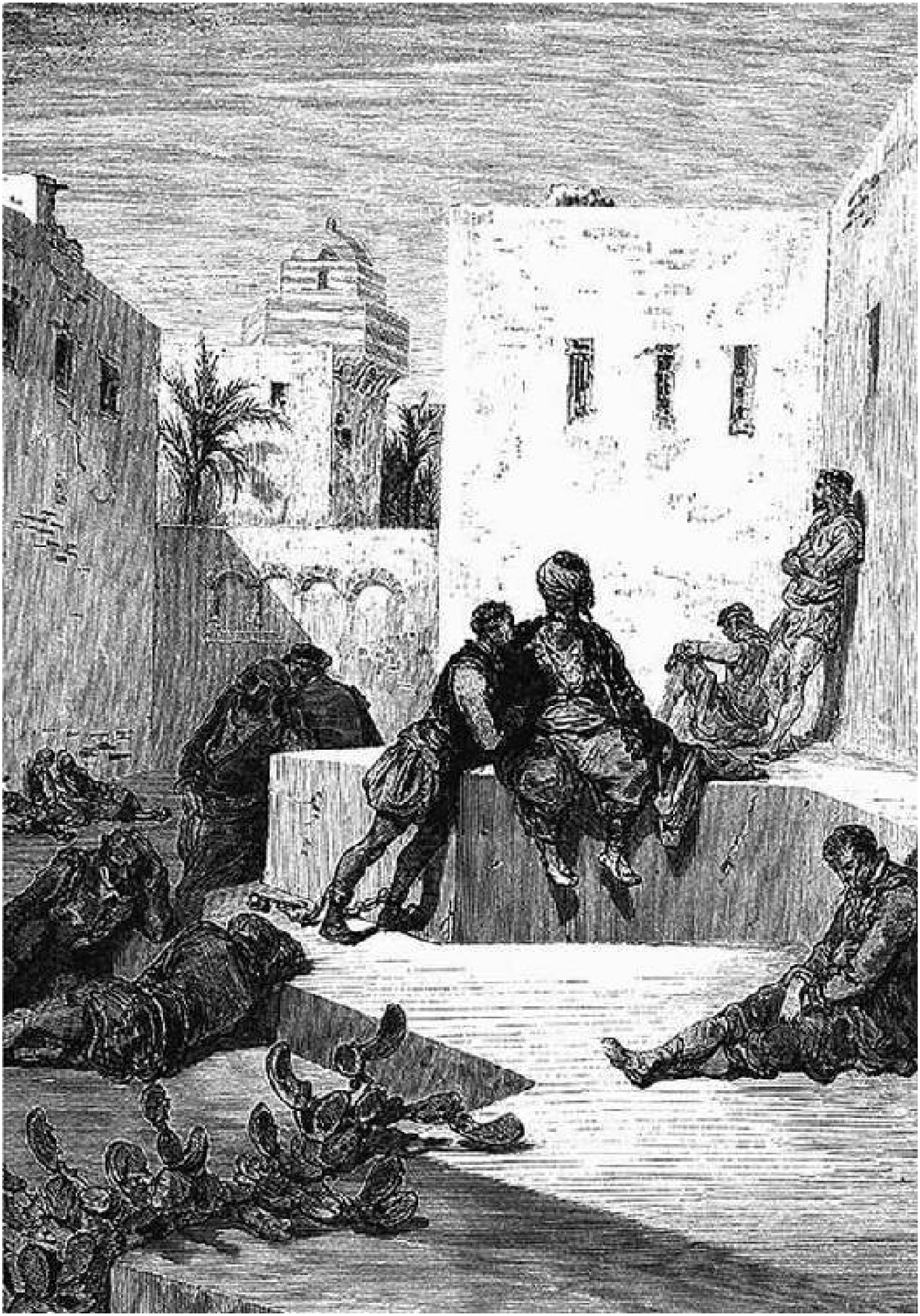
— O do forte, se bem me recordo — disse o cavaleiro — reza assim:

*Desta terra em ruínas, desolada,*
*dentre os escombros pelo chão lançados,*
*as almas santas de três mil soldados*
*subiram vivas a melhor morada,*

*depois de em vão ter sido exercitada*
*a força de seus braços esforçados,*
*até que ao fim, já poucos e cansados,*
*entregaram a vida ao fio da espada.*
*É este um solo que continuamente*
*foi de memórias lastimáveis cheio*
*nos dias do passado e do presente.*
*Nunca, porém, ao claro céu se alçaram*
*mais justas almas de seu duro seio,*
*nem corpos mais valentes o pisaram.*[2]

Os sonetos não pareceram maus. Alegrou-se o cativo com as novas que lhe deram do seu camarada, e prosseguiu dizendo:

— Rendidos, pois, La Goleta e o forte, ordenaram os turcos que fosse desmantelada La Goleta, enquanto a fortaleza ficou em tal estado, que não houve mais o que pôr por terra. Para concluir a tarefa com maior brevidade e menos trabalho, minaram o forte por três partes; por nenhuma delas, todavia, se pôde fazer voar o que parecia menos forte, que eram as velhas muralhas; e tudo o que havia ficado em pé da nova fortificação feita por El Fratim,[3] facilmente ruiu. Em conclusão, volveu a armada a Constantinopla triunfante, e dali a poucos meses[4] morreu o meu amo Uchali, ao qual chamavam *Uchali Fartax,* que quer dizer em língua turca *o tinhoso renegado,*[5] porque o era; e costumam os turcos pôr nos outros apelidos, de acordo com os defeitos que tenham, ou com as virtudes que possuam. E isto porque não há entre eles senão quatro nomes de linhagens, que descendem da casa otomana,[6] os demais, como disse, tomam o nome e apelido ora das imperfeições do corpo, ora das virtudes da alma. Esse Tinhoso vogou ao remo 14 anos, sendo escravo do grão-senhor, e, tendo mais de 34 anos de idade, renegou a sua fé por despeito a um turco que, quando remava, lhe deu um bofetão. Quis vingar-se, e foi tanto o seu valor que, sem ascender pelos torpes meios e caminhos de que se servem os mais favoritos do grão-turco, chegou a ser rei de Argel, e, depois, general do mar, que é o terceiro cargo existente naquele senhorio. Era calabrês de nação e, moralmente, foi homem de bem, tratando os cativos com muita humanidade e chegando a possuir três mil, os quais, depois da sua morte, se repartiram, de conformidade com o que ele dispôs em testamento, entre o grão-senhor (que também é filho herdeiro de quantos morrem e entra na partilha com os demais filhos do defunto) e os seus renegados. Eu fui ter às mãos de um renegado veneziano, que, sendo grumete de uma nave, se tornou cativo de Uchali, e o agradou tanto, que foi um dos seus prediletos melhor aquinhoados e se converteu no mais cruel renegado jamais visto. Chamava-se Assan Agá[7] e chegou a ser muito rico e a ser rei de Argel. Com ele vim de Constantinopla, algo contente por estar tão perto da Espanha, não porque pensasse escrever a ninguém sobre minha desditosa sorte, mas para ver se me era mais favorável a fortuna em Argel que em Constantinopla, onde já tinha experimentado mil maneiras de fugir, todas malsucedidas. Pensava achar em Argel outros meios de alcançar o que tanto desejava, porque jamais me desamparou a esperança de me libertar; e quando, no que eu planejava, meditava e executava, o efeito não correspondia à intenção, logo, sem desanimar, fingia e buscava outra esperança capaz de sustentar-me, ainda que débil e fraca. Assim entretinha a vida, encerrado numa prisão, ou casa, que os turcos chamam *banho*[8] e onde prendem os cativos cristãos, tanto os que são do rei, como os de alguns particulares, chamados do *aljube,* que é o mesmo que dizer *cativos do concelho,* pois servem à cidade nas obras públicas e noutros ofícios. Tais cativos muito dificilmente obtêm sua liberdade, visto que pertencem ao domínio comum e não têm dono particular com quem se trate o seu resgate, embora sejam resgatáveis. A esses banhos, como disse, alguns particulares do povo costumam levar seus cativos, principalmente quando são resgatáveis, porque ali os mantêm folgados e seguros, até que venha o resgate. Também os cativos do rei, que são resgatáveis, não saem para trabalhar com a chusma dos outros, a não ser quando tarda o seu resgate, pois então, para que escrevam a pedi-lo com mais afinco, os fazem trabalhar e ir à lenha com os demais, o que não é pequeno trabalho. Eu era, portanto, um desses resgatáveis; e como se soube que tinha sido capitão, me puseram no número destes e dos cavaleiros e gente de resgate, embora lhes dissesse que tinha poucas posses e carecia de fazenda. Puseram-me uma cadeia, mais para sinal de resgate do que para guardar-me com ela; e ia assim passando a vida naquele banho, com outros muitos cavaleiros e gente importante, assinalados e conservados para resgate. Embora a nudez e a fome pudessem, às vezes, fatigar-nos, e mesmo quase sempre, nada nos fatigava tanto como ouvir e ver a cada passo as crueldades inauditas e nunca vistas do meu amo com os cristãos. Cada dia enforcava um, empalava este, cortava as orelhas daquele, e isto por tão pouca coisa e tão sem razão, que os turcos conheciam que o fazia apenas por fazê-lo e por ser sua condição natural o tornar-se homicida de todo o gênero humano. Só lhe caiu nas boas graças um soldado espanhol, chamado Fulano de tal Saavedra,[9] o qual, apesar de ter feito coisas que ficarão na memória daquela gente por muitos anos, e todas para alcançar a liberdade, jamais o meu patrão lhe bateu, ou mandou bater, nem lhe disse palavras ásperas; pela menor coisa, das muitas que fez, temíamos todos que havia de ser empalado, e assim o temeu ele mais de uma vez; e não fora a falta de tempo, eu contaria agora alguma coisa do que fez este soldado e que serviria para entreter-vos e espantar-vos muito mais do que o relato da minha história.[10] Por cima do pátio da nossa prisão, se abriam as janelas da casa de um mouro rico e importante, as quais, como de ordinário são as dos mouros, pareciam mais frestas do que janelas, e, além disso, eram cobertas de espessas e estreitas gelosias. Um dia sucedeu que, estando eu num terraço da nossa prisão com outros três companheiros, a experimentar, por passatempo, se podíamos saltar com as cadeias, e estando sozinhos (porque os demais cristãos tinham saído para trabalhar), alcei casualmente os olhos e vi, por aquelas estreitas janelinhas a que me referi, surgir uma vara, com um lenço atado na ponta; a vara se movia e balançava, como que fazendo sinal para que a tomássemos. Reparamos nisso, e um dos que estavam comigo foi pôr-se debaixo da vara, para ver se a puxavam, ou o que faziam; todavia, mal se aproximou, alguém içou a vara e a fez mover-se para um e outro lado, como se dissesse *não* com a cabeça. Retirou-se o cristão, e tornaram a baixar a vara, fazendo os mesmos movimentos que antes. Foi outro dos meus companheiros e lhe sucedeu o mesmo que ao primeiro. Finalmente, foi o terceiro, e teve igual sorte que o primeiro e o segundo. Vendo isto, eu não quis deixar de experimentar também, e, assim que cheguei a pôr-me debaixo da vara, deixaram-me cair aos meus pés, dentro do banho. Acudi logo a desatar o lenço, no qual vi um nó e, dentro deste, dez *cianiis,* que são umas moedas de ouro baixo usadas pelos mouros, valendo cada uma dez reais dos nossos. Não preciso dizer que muito me alegrou o achado; tão grande foi o meu contentamento como a admiração de pensar donde poderia vir-nos aquele benefício, especialmente a mim, pois as demonstrações de não se ter querido soltar a vara senão para mim diziam claramente que era a mim que se fazia a mercê. Tomei o dinheiro, quebrei a vara, voltei ao terraço, olhei para a janela e por esta vi sair mão muito branca, que a fechava e abria com muita pressa. A vista disso, imaginamos que alguma mulher vivia naquela casa e que era dela que tinha partido o benefício; em sinal de agradecimento, fizemos reverências, à moda dos mouros, inclinando a cabeça, dobrando o corpo e pondo os braços sobre o peito. Dali a pouco, mostrou-se pela mesma janela uma pequena cruz, feita de varas, e logo a recolheram. Este sinal nos confirmou a suposição de que alguma cristã devia estar cativa naquela casa e que era ela que assim procedia; mas a brancura da mão e os braceletes, que nela vimos, nos fez mudar de pensamento,[11] embora ainda imaginássemos que devia ser alguma cristã renegada, a quem, de ordinário, os seus próprios patrões costumam tomar por legítimas esposas, e ainda o têm por ventura estimando-as mais que às da sua nação. Em todas essas suposições andávamos muito longe da verdade do caso; e, assim, toda a nossa diversão, dali em diante, consistia em mirar continuamente a janela, onde nos havia aparecido a cruz de pau; 15 dias se passaram, todavia, sem que a víssemos, nem a mão, nem outro sinal qualquer. Durante todo esse tempo procuramos saber, com toda a solicitude, quem vivia naquela casa e se havia nela alguma cristã renegada; mas nunca ninguém nos disse outra coisa, senão que ali vivia um mouro importante e rico, chamado Agi Morato[12] e que tinha sido alcaide da Pata,[13] que entre eles é ofício de muita distinção. E quando já estávamos descuidados e não mais esperávamos *cianiis,* eis que, de repente, reaparece a vara, e outro lenço nela, com outro nó mais volumoso; e isto aconteceu, como na vez passada, quando estava o banho vazio e sem outras pessoas. Fizemos a costumeira prova, indo cada um primeiro do que eu, dos mesmos três que estávamos da outra feita; mas a ninguém se entregou a vara, senão a mim, porque só quando cheguei é que a deixaram cair. Desatei o nó e achei quarenta escudos de ouro espanhóis, e um papel escrito em árabe, tendo no lugar da assinatura uma grande cruz. Beijei a cruz, tomei os escudos, volvi ao terraço, fizemos todos as nossas reverências, tornou a aparecer a mão, fiz sinal de que leria o papel, e fecharam a janela. Ficamos todos confusos e alegres com o sucedido; e como nenhum de nós entendia o árabe, era grande o desejo que tínhamos de saber o que se continha no papel, e ainda maior a dificuldade de achar quem o lesse. Por fim, resolvi fiar-me num renegado, natural de Múrcia, que se fizera grande amigo meu e com o qual mantinha ligações que o obrigavam a guardar segredo do que eu lhe mostrasse: pois costumam alguns renegados, quando pretendem voltar à terra dos cristãos, trazer consigo algumas firmas de importantes cativos, em que estes dão fé, na forma que podem, de que tal renegado é homem de bem e sempre fez bem aos cristãos, tendo mostrado desejos de fugir na primeira ocasião que se lhe oferecesse. Alguns há que procuram esses atestados com boa intenção; outros se servem deles casualmente e por astúcia, para quando vão praticar roubos em terra de cristãos e ali se perdem ou são cativados, caso em que fazem valer os atestados, dizendo que por aqueles papéis se verá o propósito com que vinham de permanecer em terra cristã e que por isso é que vinham em corso com os demais turcos. Assim escapam da primeira aventura e se reconciliam com a Igreja, sem que se lhes faça dano; mas, na primeira oportunidade, voltam à Berberia, para serem o que eram antes. Há outros que utilizam esses papéis e os procuram com bons intuitos, e ficam em terra de cristãos. A esta última classe de renegados pertencia esse amigo que citei, e que tinha armas de todos os nossos camaradas,[14] onde lhe dávamos todo o crédito possível. Se os mouros o encontrassem com tais papéis, o queimariam vivo. Sabia muito bem o árabe, e não somente falar, mas escrever; antes, porém, que me abrisse inteiramente com ele, lhe pedi que me lesse aquele papel, que casualmente havia achado numa fresta da parede. Ele o abriu e esteve algum tempo mirando-o, decifrando-o e murmurando entre dentes. Perguntei-lhe se o entendia; disse-me que muito bem, e que, se queria que me traduzisse palavra por palavra, lhe desse pena e tinta, para que o fizesse melhor. Demos-lhe logo o que pedia e, pouco a pouco, foi traduzindo. No fim, disse: — “Tudo o que vai aqui em língua popular é, sem faltar palavra, o que se contém neste papel mourisco; mas há de se advertir que, onde diz *Lela Marien,* quer dizer *Nossa Senhora, a Virgem Maria*”: Lemos o papel, e assim dizia:



“Quando eu era menina, tinha meu pai uma escrava, que, na minha língua, me mostrou a doutrina[15] cristã e me disse muitas coisas de Lela Marien. Morreu a cristã, e sei que não foi ao fogo,[16] mas com Alá, porque depois a vi duas vezes e me mandou ir à terra dos cristãos, para ver Lela Marien, que me queria muito. Não sei como se vai: muitos cristãos tenho visto por esta janela, mas só tu me pareceste cavaleiro. Sou moça e formosa e posso levar comigo muito dinheiro; vê se consegues que partamos juntos, e lá, se quiseres, serás meu marido; se não quiseres, pouco me importa, pois Lela Marien há de enviar-me alguém com quem me case. Escrevi isto, mas repara a quem o dás a ler; não te fies de nenhum mouro, porque são todos pérfidos. Disto tenho muita pena, pois quisera que a ninguém te confiasses, porque, se meu pai o sabe, me lançará logo num poço e me cobrirá de pedras. Porei um fio na vara; ata nele a resposta e, se não tens quem te escreva em árabe, fala-me por sinais, que Lela Marien fará que te entenda, Ela e Alá te guardem, e bem assim esta cruz, que beijo muitas vezes, como me ordenou a cativa.”

Vede, senhores, se não havia razão para que as razões desse papel nos causassem admiração e alegria; tanto mais que o renegado percebeu que não se tinha achado por acaso, mas havia sido dirigido realmente a algum de nós. Rogou-nos, pois, que nos fiássemos dele, se fosse verdade o que suspeitava, acrescentando que, se lhe contássemos tudo, arriscaria a vida pela vossa liberdade. Dizendo isto, tirou do peito um crucifixo de metal e, vertendo muitas lágrimas, jurou pelo Deus que aquela imagem representava, no qual ele, embora pecador e mau, bem e fielmente cria — jurou guardar-nos lealdade e segredo de tudo quanto lhe quiséssemos descobrir, posto que lhe parecia, e quase adivinhava que, por meio daquela mulher que escrevera o bilhete, todos nós havíamos de conquistar a liberdade, alcançando ele, por sua vez, o que tanto desejava, que era regressar ao grêmio da Santa Madre Igreja, de que, como membro apodrecido, se achava apartado e dividido por sua ignorância e pecado. Isto disse o renegado com tantas lágrimas e com mostras de tanto arrependimento, que todos nos pusemos de acordo e consentimos em lhe contar a verdade inteira, o que foi feito, sem nada lhe encobrirmos. Mostramos-lhe a janelinha, por onde aparecia a vara, e ele, marcando a casa, prometeu informar-se especial e cuidadosamente de quem nela vivia. Achamos também que seria bom responder ao bilhete da moura; e como tínhamos quem o soubesse fazer, no mesmo instante o renegado escreveu as palavras que lhe fui ditando. Vou repeti-las agora uma por uma, porque nenhum dos acontecimentos essenciais que neste caso me sucederam saiu da minha memória, nem sairá, enquanto eu for vivo. À moura, com efeito, foi respondido o seguinte:

“O verdadeiro Alá te guarde, minha senhora, e aquela bendita Marien, que é a verdadeira mãe de Deus e a que te pôs no coração a ideia de ir à terra dos cristãos, porque ela te quer bem. Implora-lhe tu que se sirva dar-te a entender como poderás executar o que te manda, pois, de tão boa que é, ela o fará. Da minha parte e da de todos estes cristãos que estão comigo, te ofereço fazer por ti tudo o que pudermos, até morrer. Não deixes de escrever-me e avisar-me o que pensares fazer, pois sempre te responderei: o grande Alá nos deu um cristão cativo, que sabe falar e escrever tua língua tão bem como o verás por este bilhete. Sem temor, portanto, podes avisar-nos de tudo o que quiseres. Quanto a dizeres que, se fores à terra de cristãos, hás de ser minha mulher, eu to prometo como bom cristão; e sabe que os cristãos cumprem o que prometem, melhor que os mouros. Alá e Marien, sua mãe, sejam em tua guarda, minha senhora."

Escrito e fechado este papel, aguardei dois dias que estivesse o banho só, como das outras vezes, e logo fui ao costumado sítio do terraço, a ver se aparecia a vara, que, de fato, não tardou muito. Assim que a vi, embora não pudesse perceber quem a punha, mostrei o papel, como dando a entender que o puxassem pelo fio; este já vinha preso à ponta da vara e nele atei o bilhete. Dali a pouco tornou a aparecer a nossa estrela, com a bandeira branca de paz do lenço. Deixou-o cair e eu o levantei, achando no pano, entre toda espécie de moedas de ouro e prata, mais de cinquenta escudos, que cinquenta vezes mais dobraram o nosso contentamento e confirmaram a esperança de obter liberdade. Aquela mesma noite voltou o nosso renegado e nos disse que tinha sabido viver naquela casa o mesmo mouro de que já ouvíramos falar e que se chamava Agi Morato, extremamente rico e que tinha uma filha única, herdeira de todos os seus haveres e que também era, segundo a opinião comum de toda a cidade, a mulher mais formosa da Berberia. Muitos dos vice-reis que ali vinham a tinham pedido em casamento; ela, porém, nunca havia querido casar-se.[17] Também soube que ela teve uma cristã cativa, que já era morta. O que tudo coincidia com o conteúdo do bilhete.

Logo conferenciamos com o renegado sobre o meio de raptar a moura e de virmos todos à terra dos cristãos; por fim, ficou combinado que esperássemos o segundo aviso de Zoraida (assim se chamava a que hoje quer chamar-se Maria): porque logo vimos que era ela, e não outra qualquer, que haveria de remediar todas aquelas dificuldades. Após tal combinação, disse o renegado que ficássemos descansados, pois que ele nos poria em liberdade, ainda que perdesse a vida. Quatro dias esteve o banho com gente, o que deu ocasião a que quatro dias tardasse em aparecer a vara; ao cabo deles, todavia, na costumeira solidão do banho, apareceu o lenço, tão prenhe que um felicíssimo parto prometia. Inclinou-se para mim a vara, com o lenço; e achei outro bilhete e mais cem escudos de ouro, sem outra qualquer moeda. Estava ali o renegado; demos-lhe a ler o papel, dentro do nosso rancho, e ele o traduziu assim:

"Não sei, meu senhor, como dar ordem de partida para a Espanha, nem Lela Marien mo disse, embora lhe tivesse eu perguntado. O que se poderá fazer é que vos darei por esta janela muitíssimas moedas de ouro; resgatai-vos com elas, e também aos vossos amigos; depois, vá um deles à terra dos cristãos, compre lá uma barca e venha buscar os outros. Quanto a mim, me encontrarão no jardim de meu pai, que está à porta de Babação,[18] junto ao mar, onde tenho de passar todo este verão com meu pai e com os criados. Dali me podereis tirar de noite, sem temor, e levar-me até a barca. E olha que hás de ser meu marido, porque senão pedirei a Marien que te castigue. Se não tens em quem confies para ir buscar a barca, resgata-te tu e parte, pois sei que voltarás mais depressa que outro qualquer, porque és cavaleiro e cristão. Procura saber onde é o jardim e, quando passeares por aí saberei que o banho está vazio, e então te darei muito dinheiro. Alá te guarde, senhor meu".

Isto dizia e continha o segundo bilhete; e, visto por todos, cada um se ofereceu para ser resgatado, prometendo ir e vir com toda pontualidade; também eu me ofereci para o mesmo fim. A tudo se opôs o renegado, dizendo que não consentiria absolutamente que qualquer um de nós fosse posto em liberdade antes que o fôssemos todos juntos, porque já lhe tinha mostrado a experiência quão mal cumpriam os livres a palavra empenhada em cativeiro; muitas vezes tinham usado daquele remédio alguns cativos importantes, resgatando um que fosse a Valência ou a Maiorca, com bastante dinheiro para poder armar uma barca e voltar em busca dos que o haviam resgatado; mas o tal nunca voltava, porque a liberdade alcançada e o temor de tornar a perdê-la lhe varria da memória todas as obrigações do mundo. Em confirmação da verdade que nos dizia, contou brevemente um caso, que havia sucedido quase que naquela mesma ocasião a uns cavaleiros cristãos — o mais estranho que jamais aconteceu naquelas partes, onde a cada passo sucedem coisas de grande espanto e admiração. Por fim, concluiu ele dizendo que o que se podia e devia fazer era dar a ele, renegado, o dinheiro que se pretendia aplicar no resgate do cristão, para que ele pudesse comprar ali mesmo, em Argel, uma barca, sob o pretexto de se fazer mercador e traficar em Tetuã e naquela costa; e, quando fosse dono da barca, facilmente traçaria o modo de nos tirar do banho e nos embarcaria a todos — tanto mais quanto, se a moura, como dizia, dava dinheiro bastante para resgatá-los a todos, estando livres seria facílimo embarcarem em pleno dia. A maior dificuldade era que os mouros não consentem que renegado algum compre, nem possua barca, a não ser baixel grande para ir em corso, porque receiam que quem compra barca, principalmente se for espanhol não a queira senão para ir à terra de cristãos. Contudo, ele removeria esse inconveniente, fazendo que um mouro tagarino[19] se associasse a ele na compra da barca e na aquisição das mercadorias, e sob esta sombra viria a ser dono da barca e daria o negócio por concluído. Eu e os meus camaradas éramos de opinião que seria melhor enviar um de nós a Maiorca para comprar a barca, de conformidade com o que a moura aconselhara; mas não ousamos contradizê-lo, temerosos de que, se não fizéssemos o que ele dizia, nos denunciaria e poria em perigo as nossas vidas, denunciando também a combinação de Zoraida, por cuja vida daríamos todas as nossas. Resolvemos, portanto, entregar-nos às mãos de Deus e do renegado; e no mesmo instante respondemos a Zoraida, dizendo-lhe que faríamos tudo o que nos aconselhava, porque nos aconselhara tão bem como se fosse a própria Lela Marien que nos tivesse falado; e que unicamente dela dependia o dilatar-se aquele negócio, ou o pô-lo desde logo em execução. Ofereci-me de novo para ser seu esposo; e, acontecendo estar o banho no outro dia sem gente, por diversas vezes estendeu ela a vara e o pano, dando-nos mil escudos de ouro e um bilhete, onde dizia que no primeiro jumá, que é a nossa sexta-feira, iria ao jardim do pai e que, antes de ir, nos daria mais dinheiro; se não bastasse — acrescentava — devíamos avisá-la, e nos daria quanto lhe pedíssemos, pois seu pai tinha tanto, que não daria pela falta; tanto mais que ela guardava as chaves de tudo.

Demos logo quinhentos escudos ao renegado, para comprar a barca. Com oitocentos me resgatei eu, dando o dinheiro a um mercador valenciano, que então se encontrava em Argel e que me resgatou do rei, empenhando sua palavra em que, mal chegasse de Valência o primeiro baixel, pagaria o meu resgate, porque, se desse logo o dinheiro, daria ao rei suspeitas de que o meu resgate já estava em Argel havia muitos dias e que o mercador o havia ocultado por conveniência. Em suma: meu amo era tão caviloso, que de nenhum modo me atrevi a exigir-lhe que desembolsasse logo o dinheiro. Na quinta-feira, antes da sexta em que devia ir ao jardim de seu pai, a formosa Zoraida nos deu outros mil escudos e nos avisou da sua partida, rogando-me que, se me resgatasse, fosse logo ao jardim de seu pai, e que, em todo caso, buscasse ocasião de ir lá e de vê-la. Respondi-lhe, em breves palavras, que assim faria e que tivesse ela cuidado de nos encomendar a Lela Marien, com todas aquelas orações que a cativa lhe havia ensinado. Feito isso, ordenamos as coisas de forma que os nossos três companheiros se resgatassem, para facilitar a saída do banho e também para que, vendo-me a mim resgatado e eles não, havendo dinheiro bastante, não se alvoroçassem, nem os persuadisse o diabo a que fizessem algo em prejuízo de Zoraida. Posto que o serem eles quem eram me poderia resguardar desse temor, apesar de tudo não quis pôr o negócio em risco: e os fiz resgatarem-se, do mesmo modo como me resgatei eu, entregando todo o dinheiro ao mercador, para que, com certeza e segurança, pudesse este prestar a fiança, sem que, todavia, lhe descobríssemos jamais o nosso trato e segredo, pelo perigo que havia.

# CAPÍTULO XLI

## *No qual prossegue o cativo a sua narrativa*

Quinze dias ainda não eram passados, e já o nosso renegado havia comprado uma excelente barca, capaz de transportar mais de trinta pessoas; para maior segurança, quis fazer uma viagem (como de fato fez) a um sítio chamado Sargel[1] que fica a vinte léguas de Argel para o lado de Orã e no qual havia muito comércio de passas e figos. Duas ou três vezes realizou essa viagem, em companhia do tagarino já referido. *Tagarinos* se chamam, na Berberia, os mouros de Aragão, e *mudéjares* os de Granada; e no reino de Fez chamam aos mudéjares *elches,*[2] e estes são a gente de que mais se serve na guerra o rei daquele reino. Ora, cada vez que o mouro passava com a sua barca, fundeava numa pequena enseada, que ficava a menos de dois tiros de besta do jardim onde Zoraida esperava; e ali, propositadamente, se postava o renegado com os mourozinhos que vogavam ao remo, ora a fazer a *azala*,[3] ora a fingir que ensaiava o que pensava fazer deveras. Ia, assim, ao jardim de Zoraida e lhe pedia frutas; o pai lhas dava, sem conhecê-lo. Embora, como depois me disse, tentasse falar a Zoraida e revelar-lhe que era ele o que, por ordem minha, a devia conduzir à terra dos cristãos (devendo ela ficar contente e segura disso), nunca lhe foi possível, porque as mouras nunca se deixam ver de outro mouro, ou turco, se o marido ou o pai não lhes permitirem. Com os cristãos cativos se deixam tratar e comunicar ainda mais do que seria razoável. Ter-me-ia sido penoso se lhe tivesse ele falado, pois quiçá se alvoroçasse, vendo que o seu negócio andava em boca de renegados. Mas Deus, que o ordenava de outra maneira, não deu oportunidade à execução do bom desejo do nosso renegado. Vendo este quão seguramente ia e vinha a Sargel e que fundeava quando, como e onde queria; vendo também que o tagarino, seu companheiro, não tinha outra vontade senão a que a sua ordenava, e que eu já estava resgatado, só lhe faltando buscar alguns cristãos que vogassem ao remo, me disse que eu escolhesse os que queria levar comigo, além dos resgatados, e que os aprazasse para a próxima sexta-feira, dia marcado por ele para a nossa partida. Assim, falei a 12 espanhóis, todos valentes remeiros, escolhidos dentre os que mais livremente podiam sair da cidade; e não foi fácil achar tantos naquela conjuntura, porque vinte baixéis andavam em corsos e tinham levado toda a gente de remo; se achamos alguns, foi porque o patrão destes havia ficado aquele verão sem ir ao corso, a fim de acabar uma galeota que tinha no estaleiro. Disse aos homens apenas que, na próxima sexta-feira à tarde, saíssem um a um, dissimuladamente, dessem a volta pelo jardim de Agi Morato e ali me aguardassem. Dei este aviso a cada um de per si, ordenando-lhes que, mesmo se vissem por ali outros cristãos, não lhes dissessem senão que eu os havia mandado esperar por mim naquele sítio. Feita esta diligência, faltava-me fazer outra, que era a que mais me convinha: avisar Zoraida do ponto em que estavam os negócios, para que ficasse preparada e de sobreaviso e não se assustasse quando, de improviso, a assaltássemos, antes da época que ela poderia ter calculado para a volta da barca dos cristãos. Resolvi, pois, ir ao jardim e tentar falar-lhe. Sob o pretexto de colher algumas ervas, fui ali, um dia antes da minha partida, e a primeira pessoa que se me deparou foi o pai dela, que a mim se dirigiu numa língua que se fala entre os cativos e os mouros de toda a Berberia, e até mesmo em Constantinopla — língua que não é mourisca, nem castelhana, nem de outra nação qualquer, mas uma mistura de todas as línguas e com a qual nos entendemos todos.[4] Foi nessa linguagem que ele me perguntou quem eu era e o que buscava naquele jardim. Respondi-lhe que era escravo de Arnaúte Mami[5] (e isto porque eu sabia, com toda a certeza, que era um grande amigo seu) e que buscava toda espécie de ervas para fazer salada. Perguntou-me ainda se era eu homem de resgate, ou não, e quanto pedia meu amo por mim. Estávamos nestas perguntas e respostas, quando saiu da casa do jardim a bela Zoraida, que já havia muito me tinha visto; e como as mouras de modo algum fazem melindre de se mostrarem aos cristãos, nem tampouco se esquivam, como já disse, não se furtou ela a vir ter com o pai, que estava comigo; o próprio pai, vendo que ela vinha devagar, chamou-a e lhe mandou que se aproximasse. Seria demasia dizer eu agora a muita formosura, a gentileza, os galhardos e ricos adornos com que se mostrou aos meus olhos a minha querida Zoraida. Direi apenas que mais pérolas pendiam do seu formosíssimo colo, orelhas e cabelos do que cabelos possuía na cabeça. Nos pés, que vinham desnudos, à moda mourisca, trazia dois *carcasses* (que assim se chamam, na língua dos mouros, as manilhas ou argolas dos pés) de ouro puríssimo, com tantos diamantes engastados, que, segundo me disse ela depois, seu pai os estimava em 10 mil doblas, valendo outro tanto os adornos que trazia nos pulsos. Eram numerosas e excelentes as pérolas, porque a maior gala e bizarria das mouras é adornarem-se de ricas pérolas e aljôfares; assim, há mais pérolas e aljôfares entre mouros do que entre todas as demais nações. O pai de Zoraida tinha a fama de possuir muitas e as melhores que havia em Argel, possuindo ainda mais de 200 mil escudos espanhóis, do que tudo era senhora esta dama que agora é senhora minha. Se com todos esses adornos podia vir então formosa, ou não, pelas relíquias que lhe restaram de tantos trabalhos se poderá conjeturar qual devia ser em prosperidade. Porque já se sabe que a formosura de algumas mulheres tem dias e estações e requer acidentes, para diminuir, ou aumentar; e é natural que as paixões da alma a levantem ou abaixem, posto que, as mais das vezes, a destroem. Digo, enfim, que ela chegou então extremamente adereçada e formosa, ou, pelo menos, a mim me pareceu a maior formosura até então nunca vista. Diante disso, vendo as obrigações que havia contraído, pareceu-me ter ante mim uma deidade do céu, vinda à terra para meu gosto e para meu remédio.

Assim que chegou, disse-lhe o pai, na sua língua, que eu era cativo do seu amigo Arnaúte Mami e que vinha buscar ervas para salada.

Ela interveio e, naquela mistura de línguas a que já me referi, me perguntou se eu era cavaleiro e por que motivo não me resgatava.

Respondi-lhe que já estava resgatado e que, pelo preço, poderia ver-se quanto me estimava o meu amo, pois havia dado por mim 1.500 *zoltanis.* Ao que ela replicou:

— Na verdade, se pertencesses a meu pai, eu não o deixaria dar tanto assim por dois de vós outros, porque, como cristãos que sois, sempre mentis no que dizeis e simulais ser pobres para enganar os mouros.

— Bem poderia ser isso, minha senhora — respondi —; mas fui verdadeiro com meu amo, e o serei com quantas pessoas haja no mundo.

— Quando te vais? — perguntou Zoraida.

— Amanhã, creio eu — disse —; porque está aqui um baixel de França, que parte amanhã, e penso embarcar nele.

— Não é melhor — redarguiu Zoraida — esperar que venham baixéis da Espanha para ires com eles, e não com os de França, que não são vossos amigos?

— Não — respondi —; se disserem que vem já um baixel da Espanha, é possível que eu o espere; mas o mais certo é partir amanhã, pois é tão grande o meu desejo de chegar à minha terra e rever as pessoas que estimo, que não ficarei à espera de outra oportunidade, se tarda, por melhor que seja.

— Sem dúvida, deves ser casado na tua terra — disse Zoraida —; por isso desejas ir ter com a tua mulher?

— Não sou casado — respondi —, mas dei a palavra de me casar, logo que ali chegue.

— É formosa a dama com quem te apalavraste? — inquiriu Zoraida.

— Tão formosa — retruquei — que, para encarecê-la e dizer-te a verdade, se parece muito contigo.

Disto se riu gostosamente o pai, dizendo:

— *Gualá,*[6] cristão, que deve ser muito formosa, se se parece com minha filha, que é a mulher mais formosa de todo este reino. Olha bem para ela, e verás que te digo a verdade.

Nessa troca de palavras nos serviu de intérprete, como mais ladino,[7] o pai de Zoraida, pois, se esta falava a língua bastarda que ali se usa (como eu já disse), manifestava sua intenção mais por sinais que por palavras.

Estando nestas e outras muitas razões, chegou um mouro correndo e disse, em altas vozes, que, pelas grades ou paredes do jardim, haviam saltado quatro turcos, que andavam colhendo frutas ainda não maduras. Sobressaltou-se o velho, o mesmo acontecendo a Zoraida, porque é comum e quase natural o medo que têm os mouros aos turcos, especialmente aos soldados, que costumam ser tão insolentes e tanto império exercem sobre os mouros que lhes estão sujeitos, que os tratam pior que se fossem seus escravos.

O pai de Zoraida disse então à filha:

— Retira-te para casa, filha, e encerra-te, enquanto vou falar a esses cães; e tu, cristão, busca tuas ervas e vai-te em paz; que Alá te conduza com saúde à tua terra.

Inclinei-me, e ele foi em busca dos turcos, deixando-me a sós com Zoraida, que começou a dar mostras de ir para onde a tinha mandado o pai; todavia, mal este desapareceu entre as árvores do jardim, ela voltou para mim os olhos cheios de lágrimas e me disse:

— *Ámexi,* cristão, *ámexi*? — O que quer dizer: vais-te, cristão, vais-te?[8]

Respondi-lhe:

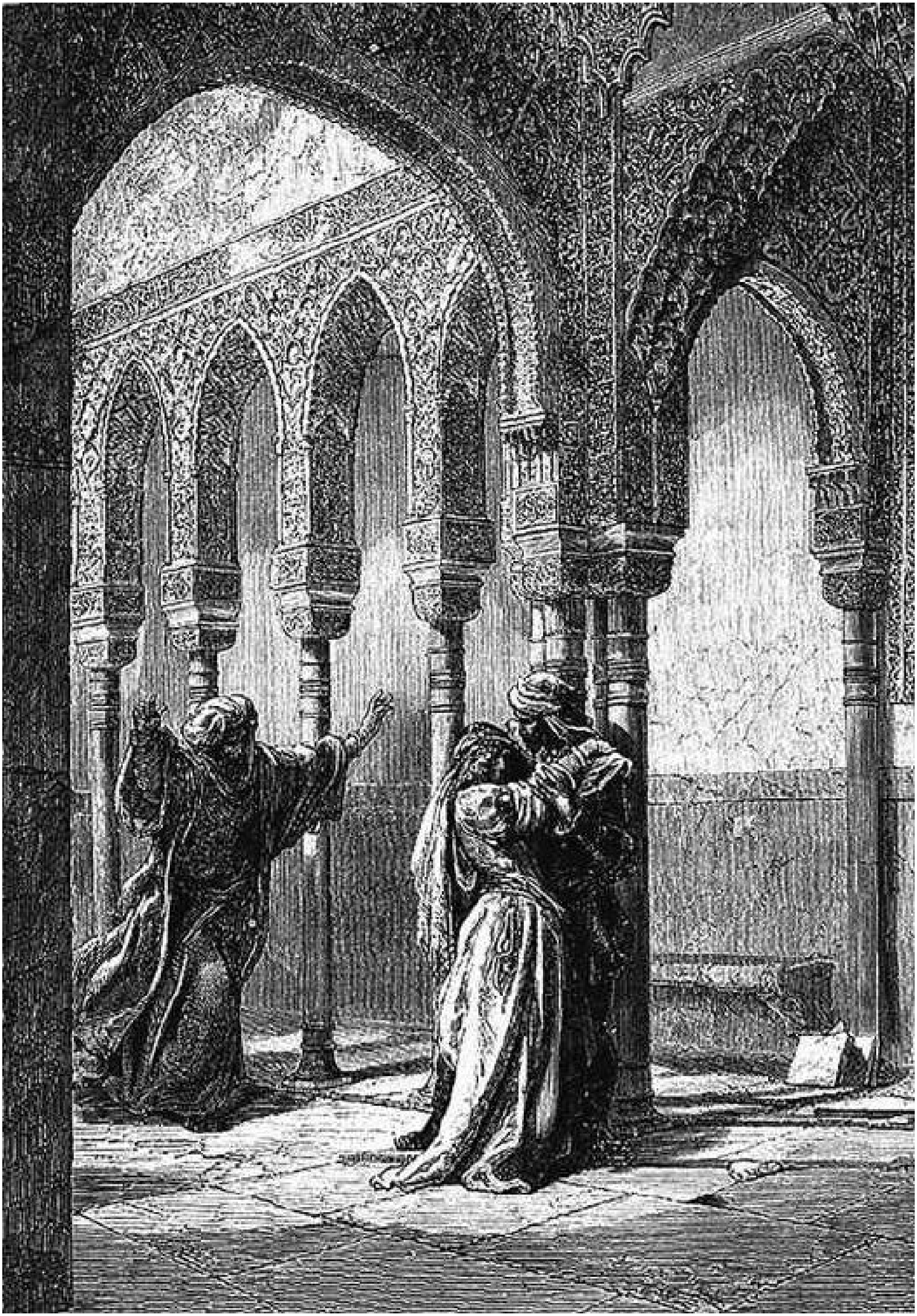
— Sim, senhora; mas não irei sem ti de modo algum. Espera-me na primeira sexta-feira e não te assustes quando nos vires, pois, sem dúvida, iremos à terra dos cristãos.

Disse-lhe isto de modo que ela entendeu muito bem todas as ideias que entre ambos trocamos. Ela passou então um braço pelo meu pescoço e, a passos lentos, começou a caminhar para casa. Quis a sorte — que poderia ter sido muito má, se o céu não o ordenasse de outra maneira — que, enquanto íamos os dois desta maneira e na postura que acabo de dizer, tendo ela o braço passado pelo meu pescoço, surgiu o pai, de volta da corrida aos turcos, e nos viu naquela posição. Nós ambos percebemos que ele nos tinha visto; mas Zoraida, advertida e discreta, não quis tirar o braço do meu pescoço, antes se chegou mais a mim e reclinou a cabeça no meu peito, dobrando um pouco os joelhos, dando claros sinais de que estava desmaiando; e eu, de minha parte, dei a entender que a sustinha contra a minha vontade.

O pai chegou correndo aonde estávamos, e, vendo a filha daquela maneira, perguntou-lhe o que sentia. Como não obtivesse resposta, disse:

— Desmaiou, sem dúvida, com o susto da entrada desses cães!

E fê-la reclinar-se ao seu peito, tirando-a do meu. Ela deu um suspiro e, tendo ainda os olhos marejados de lágrimas, tornou a dizer:



— *Ámexi,* cristão, *ámexi*. (Vai-te, cristão, vai-te.)

O pai interveio:

— Não importa, filha, que o cristão se vá, pois nenhum mal te fez. Os turcos já se foram; que coisa alguma te assuste, porque não há nenhuma que possa causar-te pesar. Como já te disse, os turcos, a meu pedido, já saíram por onde entraram.

— Eles a assustaram, senhor, como acabaste de dizer — observei eu, dirigindo-me ao pai —; mas, como disse ela que eu me vá, não a quero molestar; fica em paz e, com tua licença, voltarei, se for preciso, para colher ervas neste jardim, pois diz meu amo que em nenhum outro há melhores para salada.

— Poderás voltar todas as vezes que quiseres — respondeu Agi Morato. — Minha filha não diz isto porque tu, ou qualquer outro cristão, a moleste; apenas, em vez de dizer que se fossem os turcos, disse que te fosses tu, talvez porque já seja hora de apanhares as tuas ervas.

Com isto me despedi de ambos. E ela, arrancando-se-lhe a alma, como parecia, retirou-se com o pai. Sob o pretexto de colher ervas, rodeei todo o jardim a meu bel-prazer; olhei bem as entradas e saídas, a fortaleza da casa e a comodidade que podia haver ali para facilitar todo o nosso negócio. Feito isso, regressei e contei tudo o que se tinha passado ao renegado e aos meus companheiros; estava ansioso pela hora de poder gozar sem sobressalto o bem que na formosa e bela Zoraida me ofertava a sorte. Por fim, passou o tempo e chegou o dia e prazo tão desejado por todos nós. Executamos o plano de conformidade com o que ficou combinado, nas muitas reuniões que havíamos tido; e obtivemos o almejado êxito, porque, na sexta-feira que se seguiu ao dia em que falei com Zoraida no jardim, ao anoitecer, nosso renegado fundeou a barca quase defronte do sítio onde estava a formosíssima Zoraida. Já os cristãos encarregados do remo estavam prevenidos e ocultos por diversas partes daqueles arredores. Estavam todos suspensos e alvoroçados à minha espera, desejosos de atacar o baixel que tinham à vista, porque não sabiam da combinação feita com o renegado e pensavam que teriam de conquistar a liberdade à força de braços, matando os mouros que havia dentro da barca. Sucedeu, pois, que, mal apareci com os meus companheiros e fomos vistos por todos os demais, que estavam escondidos, estes se foram chegando a nós. Já se tinham fechado as portas da cidade e não se via ninguém em toda aquela campina. Uma vez reunidos, hesitamos se seria melhor ir primeiro raptar Zoraida, ou render os mouros bagarinos[9] que vogavam ao remo da barca; hesitávamos ainda, quando chegou o renegado, perguntando o que nos detinha e dizendo-nos que já estava na hora, pois todos os seus mouros andavam naquele instante despreocupados, e a maioria dormindo. Participamos-lhe a nossa hesitação e ele replicou que o mais importante era dominar primeiramente o baixel, o que se podia fazer com grandíssima facilidade e sem perigo algum; depois, então, iríamos buscar Zoraida. Pareceu-nos bom o seu conselho e, sem hesitar mais, dirigimo-nos ao baixel, tendo ele por guia. Foi ele, ainda, quem saltou primeiro dentro da barca e que, segurando um alfanje, disse em mourisco:

— Que nenhum de vós se mova daqui, se não quiser que lhe custe a vida.

Já então todos os cristãos haviam saltado para dentro da barca. Os mouros, que eram pouco corajosos, vendo o seu arrais falar-lhes daquela maneira, ficaram espantados; e, sem que nenhum pegasse das armas (que, aliás, eram poucas, ou quase nenhumas), se deixaram manietar pelos cristãos, em completo silêncio. Com muita presteza eles concluíram a tarefa, ameaçando os mouros de que, se erguessem a voz por qualquer motivo, seriam passados à espada. Isto feito, a metade dos nossos homens ficou a guardá-los, enquanto a outra metade, sempre guiada pelo renegado, foi ao jardim de Agi Morato. Quis a boa sorte que, chegando ali, abriu-se-nos a porta com tanta facilidade como se não estivesse fechada; e assim, com grande quietude e silêncio, chegamos à casa, sem sermos pressentidos por ninguém.

Aguardava-nos, numa janela, a belíssima Zoraida. Logo que pressentiu gente, perguntou, em voz baixa, se éramos *nizarani,* o que equivalia a perguntar-nos se éramos cristãos. Respondi-lhe que sim e que descesse. Quando me reconheceu, não esperou mais: sem dizer palavra, desceu imediatamente, abriu a porta e se mostrou a todos tão formosa, tão ricamente vestida, que todas as palavras seriam poucas para descrevê-la. Mal a vi, tomei-lhe da mão e comecei a beijá-la; o mesmo fizeram o renegado e os meus dois camaradas. Os demais, que não sabiam do caso, fizeram o que nos viram fazer, pois parecia que lhe agradecíamos, reconhecendo-a como dona da nossa liberdade.

Perguntou-lhe o renegado, em língua mourisca, se estava o pai no jardim. Ela respondeu que sim e que dormia.

— Pois é preciso despertá-lo — replicou o renegado — e levá-lo conosco, assim como tudo o que há de valor neste formoso jardim.

— Não — disse ela —, em meu pai ninguém tocará de maneira nenhuma; e nesta casa nada mais há além do que levo e que é tanto, que há de chegar para que todos vós fiqueis ricos e contentes. Esperai um pouco, e logo o vereis.

Dizendo isto, entrou, prometendo voltar depressa e pedindo-nos que ficássemos quietos, sem fazer ruído.

Perguntei ao renegado o que se tinha passado com ela; ele me explicou, e eu lhe disse que não haveríamos de fazer senão o que Zoraida quisesse. Já então ela regressava, trazendo um cofrezinho cheio de escudos de ouro — tantos, que mal o podia suster. Quis a má sorte que, nesse ínterim, despertasse o pai e percebesse o ruído de passos no jardim. Chegou-se à janela e verificou que todos os que ali estavam eram cristãos. Pôs-se então a gritar, em altos e desaforados brados, falando árabe:

— Cristãos, cristãos! Ladrões! Ladrões!

Os gritos nos puseram em grandíssima e temerosa confusão; mas o renegado, vendo o perigo que corríamos e o muito que lhe importava concluir a empresa antes de ser pressentido, subiu com surpreendente celeridade ao lugar onde Agi Morato se encontrava, levando consigo alguns dos nossos. Quanto a mim, não ousei desamparar Zoraida, que estava como que desmaiada nos meus braços. Em suma: os que subiram tiveram tanto êxito que, num instante, volveram trazendo Agi Morato de mãos atadas e com um lenço na boca, de maneira que não podia pronunciar palavra, ameaçando-o de que perderia a vida se falasse. Quando a filha o viu, cobriu os olhos para não contemplá-lo; e o pai ficou espantado, ignorando quão voluntariamente se havia ela posto em nossas mãos. Todavia, precisávamos mais dos pés que de outra coisa; por isso, com diligência e presteza nos pusemos na barca, onde os outros nos esperavam temerosos de algum mau sucesso. Seriam apenas duas horas da madrugada, quando nos encontramos todos na barca, onde se tirou ao pai de Zoraida a atadura das mãos e o pano da boca; mas tornou-lhe a dizer o renegado que não proferisse palavra, porque lhe tirariam a vida. Vendo a filha ali também, começou a suspirar ternissimamente, e mais ainda quando notou que eu a abraçava carinhosamente e que ela se deixava ficar, sem se defender e sem se queixar ou esquivar. Não obstante, ia calado, para que não se concretizassem as muitas ameaças que lhe fazia o renegado.

Vendo o pai na barca e percebendo que se iam movimentar os remos na água, estando os outros mouros atados, Zoraida pediu ao renegado que me convencesse de que lhe devia fazer o favor de soltar aqueles mouros e de pôr o pai em liberdade; pois preferia lançar-se ao mar a ter diante dos olhos, e cativo por sua causa, um pai que tanto a tinha querido. O renegado transmitiu-me o pedido e eu respondi que o faria com muito prazer; ele, porém, respondeu que não era conveniente, pois, se assim fizéssemos, os mouros gritariam por socorro para terra, poriam a cidade em alvoroço e logo sairiam a buscar-nos algumas fragatas ligeiras; assim, ficaríamos cercados por terra e por mar e não poderíamos escapar. O que se poderia fazer era dar-lhes liberdade quando chegássemos à primeira terra de cristãos. Fomos todos da mesma opinião; e Zoraida, a quem demos conta da causa que nos movia a não fazer logo o que desejava, também aceitou os motivos que lhe apresentamos. E logo, com profundo silêncio e alegre diligência, cada um dos nossos valentes remeiros tomou seu remo e, encomendando-nos a Deus de todo o coração, começamos a navegar no rumo das ilhas Maiorca, que eram a mais próxima terra de cristãos. Mas, por soprar um pouco o vento do norte e estar o mar algum tanto agitado, não nos foi possível seguir a rota de Maiorca e fomos obrigados a ir costeando ao derredor de Orã, não sem grande pesar nosso, pois receávamos ser descobertos do lugar de Sargel, que naquela costa dista sessenta milhas de Argel. Temíamos também encontrar naquelas paragens alguma galeota das que ordinariamente vêm com mercadorias de Tetuã, embora cada um por si e todos juntos presumíssemos que, se se achasse galeota de comércio, não sendo das que fazem o corso, não nos perderíamos; ao contrário, tomaríamos um baixel onde, com mais segurança, pudéssemos terminar a viagem. Enquanto navegávamos, ia Zoraida com a cabeça entre as mãos, para não ver o pai, e eu percebia que ela estava orando a Lela Marien que nos ajudasse.

Mal teríamos navegado umas trinta milhas, quando amanheceu o dia. Estávamos a três tiros de arcabuz distantes da terra, que nos apareceu toda deserta, sem que ninguém nos descobrisse. Mas, com tudo isso, fugimos à força de braços, entrando um pouco no mar, que já estava mais tranquilo. Depois de nos afastarmos quase duas léguas, deu-se ordem para que se vogasse por quartos,[10] enquanto comíamos algo, pois ia a barca bem abastecida. Disseram, porém, os que remavam que ainda não era hora de repousar; que comessem os outros, que não estavam remando, porque eles não queriam soltar os remos das mãos de maneira nenhuma. Assim se fez; e nisto começou a soprar um vento largo, que nos obrigou a abrir as velas e abandonar os remos, dirigindo-nos para Orã, por não ser possível seguir outra rota. Tudo se ajustou com muita presteza, e assim navegamos à vela a mais de oito milhas horárias, sem outro temor que o de encontrar baixel de corsários. Demos de comer aos mouros bagarinos, e o renegado os consolou, dizendo-lhes que não estavam cativos, pois na primeira ocasião seriam postos em liberdade. O mesmo foi dito ao pai de Zoraida, que respondeu:

— Qualquer outra coisa poderia eu esperar e crer da vossa liberalidade e cortesia, ó cristãos! Mas, quanto a dar-me liberdade, não me julgueis tão simplório que o imagine, pois não vos exporíeis vós outros ao perigo de tirar-ma para tão facilmente restituirdes, especialmente sabendo quem sou e quanto podeis receber em troco dela. O meu preço, se o quiserdes nomear, desde já vo-lo ofereço, na certeza de que vos pagarei tudo o que quiserdes por mim e por essa infeliz filha minha; ou, ao menos, por ela só, que é a maior e a melhor parte da minha alma.

Dizendo isto, começou a chorar tão amargamente, que a todos nos moveu a compaixão e obrigou Zoraida a mirá-lo. Vendo o pai chorar daquela maneira, ela se enterneceu tanto, que se ergueu dos meus pés e foi abraçá-lo. De rostos unidos, principiaram os dois a chorar tão ternamente, que muitos dos que ali estávamos os imitamos. Mas quando o pai a viu vestida de gala e com tantas joias sobre si, lhe disse na sua língua:

— Que é isto, filha? Pois se ontem, ao anoitecer, antes desta terrível desgraça que nos sucedeu, te vi com os teus vestidos ordinários e caseiros, como é que agora, sem que tenhas tido tempo de te vestires e sem receberes novidade alguma alegre que devesses solenizar cobrindo-te de enfeites, te vejo composta com os melhores vestidos que eu soube e pude dar-te, quando nos era a sorte mais favorável? Responde-me, filha, porque isto me surpreende e admira mais que a própria desgraça em que me encontro.

Tudo o que o mouro dizia à filha o renegado traduzia para nós. Ela não respondia palavra. Mas, quando ele viu num canto da barca o cofrezinho onde ela costumava guardar as joias e que ele sabia muito bem que havia ficado em Argel e não fora trazido ao jardim, ficou ainda mais confuso e perguntou-lhe como tinha vindo aquele cofre às nossas mãos e que era o que dentro se continha. Então o renegado, sem esperar pela resposta de Zoraida, replicou:

— Não te canses, senhor, em perguntar tantas coisas à tua filha Zoraida, pois com uma só resposta minha ficarão satisfeitas todas as tuas perguntas. Assim, quero que saibas que ela é cristã, que foi ela a lima das nossas cadeias e a libertadora do nosso cativeiro, e que, finalmente, ela vem aqui voluntariamente e, a meu ver, tão contente por se ver neste estado como quem sai das trevas para a luz, da morte para a vida, da pena para a glória.

— É verdade o que ele diz, filha? — interrogou o mouro.

— Assim é — respondeu Zoraida.

— Então tu és cristã — replicou o velho — e puseste o teu pai em poder dos seus inimigos?

— Cristã eu o sou — confirmou Zoraida —; mas não sou quem te pôs nesse estado, porque nunca se estendeu o meu desejo a deixar-te, nem a fazer-te mal; procurava apenas o meu próprio bem.

— Mas, qual o bem que ganhaste, filha?

— Pergunta-o tu a Lela Marien, que ela te saberá responder melhor do que eu — tornou Zoraida.

Apenas ouviu isto, lançou-se o mouro, com incrível ligeireza, de cabeça ao mar, onde, sem dúvida nenhuma, se teria afogado, se a larga e embaraçosa roupa que trazia não o mantivesse um pouco à superfície da água.

Zoraida gritou que o salvassem, e assim acudimos logo todos. Seguramo-lo pela almalafa[11] e o alçamos meio afogado e sem sentidos. Condoeu-se tanto Zoraida, que começou a derramar sobre ele terno e doloroso pranto, como se já estivesse morto. Voltamo-lo de boca para baixo e, derramando muita água, ele tornou a si ao cabo de duas horas, durante as quais, tendo-se trocado o vento, nos conveio volver para terra e pôr toda a força nos remos para não sermos lançados à costa. Quis a boa sorte que chegássemos a uma enseada, ao lado de um pequeno cabo ou promontório, que os mouros chamam de *Cava rúmia,* que na nossa língua quer dizer a *má mulher cristã*; e é tradição entre eles que, naquele lugar, está enterrada a Cava, por quem se perdeu a Espanha, pois *cava,* na sua língua, significa *mulher má*, e *rúmia, cristã.* Também julgam os mouros de mau agouro fundear ali, quando a necessidade os obriga a isso; e sem esta nunca o fazem. Para nós, todavia, não foi abrigo de mulher má, mas porto seguro para nosso remédio, já que estava o mar agitadíssimo. Pusemos sentinelas em terra e nunca largamos os remos. Comemos do que trouxera o renegado e pedimos a Deus e a Nossa Senhora, de todo o coração, que nos ajudassem e favorecessem, para que déssemos bom fim a tão ditoso princípio. A rogo de Zoraida, deu-se ordem para que deixássemos em terra seu pai e todos os outros mouros que ali vinham atados, porque não tinha coragem, nem suas ternas entranhas suportavam ter diante dos olhos o pai amarrado e os seus conterrâneos prisioneiros. Prometemos soltá-los ao tempo da partida, pois não havia perigo de os deixar naquele lugar, que era despovoado.

Não foram tão vãs as nossas orações que não as ouvisse o céu, porque em nosso benefício logo mudou o vento e tranquilizou-se o mar, convidando-nos a prosseguir alegremente a começada viagem. À vista disso, desatamos os mouros e os pusemos em terra um a um, do que muito se admiraram; mas quando íamos desembarcar o pai de Zoraida, que já voltara completamente a si, este nos disse:

— Por que julgais, cristãos, que esta fêmea ruim se alegra de que me deis liberdade? Pensais que é por ter piedade de mim? Não, por certo, mas só porque imagina o estorvo que lhe causará a minha presença, quando quiser pôr em execução os seus maus desejos; nem penseis que a moveu a mudar de religião a ideia de que a vossa é melhor do que a nossa, mas tão-somente o saber que, na vossa terra, a desonestidade campeia mais livremente que na nossa.

E, voltando-se para Zoraida, enquanto eu e outro cristão o mantínhamos preso por ambos os braços, para que não cometesse algum desatino, lhe disse:

— Ó mulher infame e mal-aconselhada rapariga! Para onde vais, desatinada e cega, em poder destes cães, nossos naturais inimigos? Maldita seja a hora em que te gerei, e malditos os regalos e deleites em que te criei!

Percebi, pelo seu jeito, que não acabaria de falar tão cedo, e, por isso, me apressei a pô-lo em terra, onde continuou a proferir, em altas vozes, maldições e lamentos, rogando a Alá, por intermédio de Maomé, que nos destruísse, confundisse e acabasse; e quando, por havermos velejado, não mais lhe ouvimos as palavras, continuamos a perceber-lhe os gestos de arrancar as barbas e os cabelos e arrastar-se pelo chão; de uma feita, porém, alteou a voz de tal maneira, que pudemos entendê-lo. Dizia:

— Volta, filha amada, volta à terra, que tudo te perdoo; entrega a esses homens o dinheiro, que já é deles, e volta para consolar o teu triste pai, que nesta areia deserta perderá a vida, se o abandonas.

Zoraida escutava tudo isso, tudo sentia e por tudo chorava; mas não soube dizer-lhe ou responder-lhe senão isto:

— Praza a Alá, meu pai, que Lela Marien, que foi a causa de eu ser cristã, te console na tua tristeza. Alá bem sabe que não pude fazer senão o que estou fazendo e que estes cristãos nada devem à minha vontade, pois, mesmo que não quisesse vir com eles e desejasse ficar em casa, me teria sido impossível, tal a pressa com que me impelia a alma a praticar esta ação, que a mim me parece tão boa quanto a ti, meu pai, amado, te parece má.

Quando disse isto, já não a ouvia o pai, nem o víamos nós a ele. Pus-me então a consolar Zoraida e cuidamos todos da nossa viagem, que nos era agora facilitada pelo vento, de tal maneira, que ficamos certos de amanhecer no dia seguinte nas praias da Espanha. Mas como poucas vezes, ou nunca vem o bem puro e simples, sem ser acompanhado de algum mal que o turve ou sobressalte, quis a sorte, ou quiçá quiseram as maldições lançadas pelo mouro à filha (e maldições de pai devem sempre temer-se, quaisquer que sejam), que, estando nós já dentro do golfo e sendo passadas quase três horas após o anoitecer, correndo a todo o pano e refreados os remos, porque o vento próspero nos poupava ao trabalho de usá-los — descobrimos bem perto de nós, à luz da lua, que resplandecia em toda a sua claridade, um baixel redondo,[12] que também velejava a todo o pano e cruzava à frente do nosso barco, levando o leme um pouco à orça.[13] Ia tão perto, que nos foi preciso amainar, para não batermos de encontro a ele; e os do baixel também tiveram que fazer força no leme, para nos dar passagem.

De bordo nos perguntaram quem éramos, de onde vínhamos e para onde navegávamos; e como nos falavam em francês, disse o renegado:

— Ninguém responda, pois, sem dúvida, são corsários franceses, que nada poupam.

Seguindo-lhe a advertência, ninguém respondeu, e já seguíamos um pouco adiante, tendo ficado o baixel a sotavento, quando, de repente, nos lançaram duas peças de artilharia, que pareciam trazer planquetas, porque uma nos cortou o mastro ao meio, atirando com ele e com a vela ao mar. No mesmo instante, dispararam outra peça, e a bala pegou em cheio a nossa barca, abrindo-a de meio a meio, sem causar outro dano. Quando vimos que íamos naufragar, começamos a pedir socorro em altos brados, rogando aos do baixel que nos acolhessem a bordo, porque estávamos afundando. Amainaram então as velas e, lançando ao mar o barco salva-vidas, entraram neste uns 12 franceses bem armados, com seus arcabuzes e mechas acesas, e assim se chegaram ao nosso. Vendo que éramos poucos e que a barca afundava, nos recolheram, dizendo que nos havia acontecido aquilo por termos sido descorteses para com eles, não lhes respondendo. O renegado tomou o cofre das riquezas de Zoraida e atirou-o ao mar, sem que nenhum de nós percebesse o que fazia. Por fim, passamo-nos para o baixel dos franceses, que, depois de se terem informado de tudo o que quiseram saber de nós, como se fossem nossos inimigos figadais, nos despojaram de tudo o que tínhamos, e a Zoraida a privaram até dos carcasses que trazia nos pés. O que faziam a Zoraida, porém, não me dava a mim tanta pena como o temor de que, depois de lhe tirarem as riquíssimas e preciosíssimas joias, lhe roubassem ainda a joia mais valiosa e que ela mais estimava. Felizmente, os desejos daquela gente não visavam senão ao dinheiro, e disto jamais se sente farta a cobiça; esta chegou a tal ponto, que até as roupas de cativos nos seriam roubadas, se lhes pudessem ser de algum proveito. Combinaram alguns entre si lançarem-se ao mar, envoltos numa vela, porque tinham a intenção de negociar em alguns portos da Espanha com o nome de bretões, e, se nos levassem vivos, seriam castigados, com o descobrimento do furto. Mas o capitão, que era o que havia despojado à minha querida Zoraida, disse que se contentava com a presa que tinha e que não queria tocar em nenhum porto da Espanha, senão passar pelo estreito de Gibraltar à noite, ou como pudesse, e ir a La Rochela, de onde havia saído. Concordaram, pois, em dar-nos o barco salva-vidas do seu navio e todo o necessário para a curta navegação que nos restava. Assim o fizeram no dia seguinte, já à vista da terra de Espanha, com a qual se desvaneceram todas as nossas queixas e misérias, como se nada nos tivesse acontecido: tal o gosto de alcançar a liberdade perdida.

Cerca de meio-dia poderia ser quando nos meteram no barco, dando-nos dois barris de água e alguns biscoitos; e o capitão, movido não sei por que misericórdia, ao embarcar a formosíssima Zoraida, lhe deu quarenta escudos de ouro e não consentiu que os seus soldados lhe tirassem as roupas com as quais se acha agora vestida. Entramos no barco, dando-lhes graças pelo bem que nos faziam e mostrando-nos mais agradecidos que queixosos. Eles se fizeram ao largo, seguindo a rota do estreito; e nós, sem outro rumo que o da terra que se nos deparava, apressamo-nos tanto a remar, que, ao pôr do sol, nos achamos na proximidade do continente, onde ao nosso ver, poderíamos desembarcar antes do anoitecer; mas como, naquela noite, a lua não aparecia, o céu estava escuro e nós ignorávamos o lugar onde estávamos, não nos pareceu coisa segura pisar em terra, como o queriam alguns de nós, que argumentavam em prol da conveniência de desembarcarmos, ainda que fosse entre penhas e despovoados ermos, porque assim nos protegeríamos do temor de que andassem por ali baixéis de corsários de Tetuã, que anoitecem na Berberia e amanhecem nas costas da Espanha, fazendo presas e volvendo a dormir em suas casas. Dentre essas opiniões contrárias, prevaleceu a de que nos aproximássemos pouco a pouco e, se a quietude do mar o permitisse, desembarcássemos onde pudéssemos.

Assim se fez; e, pouco antes da meia-noite, chegamos ao pé de uma alta e disformíssima montanha, não tão próxima do mar que não desse espaço para podermos desembarcar comodamente. Pisamos na areia, saímos em terra, beijamos o solo[14] e, com lágrimas e alegríssimo contentamento, demos todos graças a Deus, Nosso Senhor, por tão incomparável benefício que nos tinha concedido. Tiramos do barco as provisões que trouxéramos, pusemo-las em terra e subimos grande trecho da montanha para sondar os arredores, pois, embora estivéssemos ali, não tínhamos ainda certeza de que era terra de cristãos a que já nos sustentava.

Amanheceu mais tarde, a meu ver, do que queríamos. Acabamos de subir toda a montanha, para ver se se descobria dali algum povoado, ou algumas cabanas de pastores; entretanto, por mais que estendêssemos a vista, não descobrimos povoado, nem gente, nem caminhos. Apesar de tudo, resolvemos seguir terra adentro, na esperança de achar alguém que nos desse notícia do que por ali havia. O que mais me fatigava a mim era ver Zoraida caminhar a pé por aquelas asperezas. Algumas vezes a levei nos ombros; todavia mais a cansava o meu cansaço que a repousava o seu repouso, e, desse modo, não consentiu mais que eu me desse a esse trabalho. Com muita paciência e mostras de alegria ia deixando que eu a levasse pela mão; e, depois de andarmos pouco menos de um quarto de légua, chegou aos nossos ouvidos o som de uma pequena campainha, sinal claro de que por ali perto andava gado. Observamos todos com atenção se aparecia alguém e, ao pé de um sobreiro, vimos um pastor ainda jovem, que, com grande quietude e despreocupação, estava fazendo gravuras num pau com uma faca. Gritamos-lhe, e ele, alçando a cabeça, se pôs ligeiramente de pé. Pelo que depois soubemos, os primeiros que lhe apareceram foram o renegado e Zoraida; e, vendo-os em hábitos de mouros, pensou que todos os da Berberia iriam cair-lhe em cima. Assim, com estranha rapidez, meteu-se pelo bosque adentro e começou a dar os maiores gritos do mundo, dizendo:

— Mouros! Há mouros em terra! Mouros! Às armas! Às armas!

Com esses gritos ficamos todos confusos, e não sabíamos o que fazer; imaginando, porém, que os berros do pastor haviam de alvoroçar a gente da terra e que a cavalaria da costa viria logo ver o que era, fizemos o renegado tirar as roupas de turco e vestir-se com um jaleco ou casaco de cativo, que um de nós lhe deu logo, embora ficando em camisa; depois, encomendando-nos a Deus, fugimos pelo mesmo caminho que o pastor seguiu, esperando sempre topar com a cavalaria da costa. E não nos enganamos, porque, ainda não se tinham passado duas horas, quando, já tendo nós saído daquelas matas para uma planície, descobrirmos cerca de cinquenta cavaleiros, que, com grande ligeireza e correndo a rédeas soltas, vinham em nossa direção. Mal os vimos, ficamos quietos, esperando-os; quando se aproximaram e viram, em lugar dos mouros que buscavam, tantos pobres cristãos, se mostraram confusos; e um deles nos perguntou se éramos nós, por acaso, que havíamos dado motivo ao apelo de armas do pastor.

— Sim — disse eu.

E já ia começar a contar-lhes o meu sucesso, o lugar de onde vínhamos e quem éramos, quando um dos cristãos que vinha conosco reconheceu o cavaleiro que nos interrogara e lhe disse, sem me deixar prosseguir.

— Graças sejam dadas a Deus, senhores, por nos haver conduzido a tão boa terra! Porque, se não me engano, a terra que pisamos é a de Vélez Málaga; e se os anos do meu cativeiro não me roubaram a memória, vós senhor, que nos perguntais quem somos, sois Pedro de Bustamante, meu tio.

Mal o cristão cativo terminou a frase, apeou-se o cavaleiro do cavalo e correu a abraçar o moço, dizendo-lhe:

— Sobrinho da minha alma e da minha vida, já te reconheço, e já te choramos por morto, eu e minha irmã, tua mãe, e todos os teus, que ainda vivem; Deus foi servido de lhes conservar a vida, para que desfrutem agora o prazer de ver-te. Já sabíamos que estavas em Argel, e, por todos os sinais e mostras das tuas roupas e das de todos os teus companheiros, compreendo que recebestes por milagre a liberdade.

— É verdade — respondeu o moço — e ainda teremos tempo de vos contar tudo.

Logo que os cavaleiros entenderam que éramos cristãos cativos, se apearam dos seus cavalos e cada um nos ofereceu o seu, para conduzir-nos à cidade de Vélez Málaga, que dali distava légua e meia. Dissemos-lhe onde havíamos deixado o barco, e alguns deles voltaram para buscá-lo e levá-lo à cidade; outros nos puseram nas ancas dos seus cavalos, e Zoraida foi nas do cavalo do tio do cristão. Acudiu o povo todo a receber-nos, pois já sabiam da nossa vinda por alguns que tinham ido na frente. Não se admiravam de ver cativos livres, nem mouros cativos, porque toda a gente daquela costa estava habituada a encontrar uns e outros; mas se admiraram da formosura de Zoraida, que, naquela ocasião, havia chegado ao auge, pois o cansaço do caminho, bem como a alegria de ver-se em terra de cristãos, sem o sobressalto de perder-se, lhe tinham feito vir ao rosto cores tais, que, se não me iludia a emoção, eu ousaria proclamá-la, naquele instante, a mais formosa criatura existente no mundo, ou, pelo menos, que eu tivesse visto.

Fomos diretamente à igreja, dar graças a Deus pela mercê recebida, e quando Zoraida penetrou nela, disse que havia ali rostos semelhantes ao de Lela Marien. Explicamos-lhe que eram efetivamente, imagens suas; e, o melhor que pôde, lhe deu o renegado a entender[15] o que significavam, para que ela as adorasse como se verdadeiramente fosse cada uma delas a própria Lela Marien, que lhe houvesse falado. Ela, que tem uma inteligência boa, clara e fácil, logo entendeu o que lhe foi dito acerca das imagens. Levaram-nos dali e alojaram-se a todos em diferentes casas do povoado; porém ao renegado, a Zoraida e a mim, nos levou o cristão que veio conosco para a casa dos seus pais, que eram medianamente promovidos dos bens da fortuna e nos receberam com tanto amor como ao próprio filho.

Estivemos seis dias em Vélez, ao cabo dos quais o renegado, informando-se do quanto lhe convinha, foi à cidade de Granada para reintegrar-se, por meio da Santa Inquisição, no santíssimo grêmio da Igreja.[16] Os demais cristãos liberados foram cada um para onde melhor lhes pareceu. Eu e Zoraida ficamos sós, com os únicos escudos que a cortesia do francês havia dado a Zoraida; com eles comprei este animal, em que ela veio montada, servindo-lhe eu, até agora, de pai e escudeiro, e não de esposo. Vamos com a intenção de apurar se meu pai ainda é vivo, ou se algum dos meus irmãos teve mais próspera ventura que a minha, se bem que, por me haver feito o céu companheiro de Zoraida, me pareça não poder haver sorte que eu mais estime por melhor que seja. A paciência com que Zoraida suporta os incômodos inevitáveis da pobreza e o desejo que mostra de ser cristã são tais e tantos, que me causam admiração e me impelem a servi-la por todo o resto da minha vida. Por outro lado, o gosto que tenho de ser seu e de vê-la minha me perturba bastante, pois não sei se acharei na minha terra algum rincão onde a recolha, e ignoro se o tempo e a morte mudaram de tal modo a fazenda e a vida do meu pai e irmãos, que eu apenas encontre quem mal me conheça, se eles me faltarem. Nada mais tenho que dizer-vos da minha história, senhores; se ela é agradável e peregrina, julguem-no os vossos bons entendimentos. De mim só sei dizer que vo-la quisera ter contado mais brevemente, embora o temor de enfadar-vos me haja feito omitir mais de quatro circunstâncias.

# CAPÍTULO XLII

## *Em que se trata do mais que sucedeu na venda e de outras muitas coisas, dignas de se saberem*

Dizendo isto, calou-se o cativo, a quem Dom Fernando ponderou:

— Certamente, senhor capitão, o modo como haveis contado esse estranho sucesso foi tal, que iguala a novidade, e estranheza do próprio caso. Tudo é peregrino e raro, cheio de acidentes que maravilham e deixam em suspenso a quem os ouve. Tão grande foi o gosto que tivemos em escutá-lo, que, ainda que o dia de amanhã nos achasse entretidos com o mesmo conto, folgaríamos em que de novo começasse.

Cardênio e todos os demais se ofereceram para servi-lo em tudo quanto pudessem, com palavras e razões tão amorosas e tão verdadeiras, que o capitão se houve por bem satisfeito. Fez-lhe Dom Fernando especial oferecimento, perguntando-lhe se queria voltar com ele, pois faria que o marquês, seu irmão, fosse padrinho de batismo de Zoraida; e ele, de sua parte, o acomodaria de maneira que pudesse chegar à sua terra com a autoridade e o conforto devidos à sua pessoa. Agradeceu-lhe tudo o cativo com muita cortesia; mas não quis aceitar nenhum dos seus liberais oferecimentos. Caía a noite; e quando esta cerrou-se de todo, chegou à venda um coche, com alguns homens a cavalo. Pediram pousada, respondendo-lhes a vendeira que não havia, em toda a venda, um palmo desocupado.

— Ainda que assim seja — observou um dos que vieram a cavalo e que já tinha entrado na venda — não o há de faltar para o senhor ouvidor, que aqui vem.

Ouvindo este nome, perturbou-se a vendeira, e disse:

— Senhor, o pior é que não tenho camas; se Sua Mercê o senhor ouvidor a traz, como deve trazer, entre em boa hora, que eu e meu marido sairemos do nosso aposento para acomodar Sua Mercê.

— Em boa hora seja — tornou o escudeiro.

A este tempo, já havia saído do coche um homem, que pelo trajo mostrou logo o ofício e cargo que exercia, porque o vestido talar e as mangas de pregas[1] indicavam ser efetivamente ouvidor, como anunciara o criado. Trazia pela mão uma donzela, que aparentava 16 anos, com roupa de viagem, tão bizarra, tão formosa e tão elegante, que a todos causou admiração; e se já não tivessem visto Doroteia, Lucinda e Zoraida, que estavam na venda, creriam que dificilmente poderia existir formosura igual à desta donzela.

Achava-se presente Dom Quixote, quando entraram o ouvidor e a donzela, e, mal os viu, lhes disse:

— Pode Vossa Mercê entrar com segurança e acomodar-se neste castelo, pois, embora seja ele estreito e incômodo, não há estreiteza nem incomodidade no mundo que não dê lugar às armas e às letras, tanto mais quanto as armas e letras trazem por guia e escudo a formosura, como o trazem as letras e Vossa Mercê nesta formosa donzela, para quem não só se devem abrir e escancarar os castelos, mas também desviar as pedras, fender e rebaixar as montanhas, a fim de abrigá-la. Entre Vossa Mercê, digo, neste paraíso, que aqui achará estrelas e sóis para acompanharem o céu que Vossa Mercê traz consigo; aqui achará bem representadas as armas, e em seu extremo a formosura.

O ouvidor ficou admirado da alocução de Dom Quixote e pôs-se a mirá-lo com muita atenção, não menos impressionado com o seu talhe que com as suas palavras. E sem saber o que lhe responder, tornou a admirar-se quando viu diante de si Lucinda, Doroteia e Zoraida, as quais, tendo notícia pela vendeira dos novos hóspedes e da formosura da donzela, tinham vindo vê-la e recebê-la. Entretanto, Dom Fernando, Cardênio e o cura lhe fizeram mais sinceros e corteses oferecimentos. Apesar disso, o senhor ouvidor entrou confuso, tanto do que via como do que escutava; e as formosuras da venda deram as boas-vindas à formosa donzela. Em pouco tempo se convenceu o ouvidor de que era gente importante toda a que ali estava; porém o talhe, a aparência e a postura de Dom Quixote o deixavam perturbado. Depois de se trocarem mútuos e corteses oferecimentos, examinadas as comodidades da venda, ordenou-se o que antes já ficara resolvido, isto é, que todas as mulheres entrassem para o caramanchão já referido e que os homens ficassem de fora, como que para guardá-las. Alegrou-se o ouvidor por saber que sua filha (que era a donzela) ia para a companhia daquelas senhoras, coisa que ela fez de muito bom grado. E com parte da estreita cama do vendeiro e a metade da que trazia o ouvidor, se acomodaram aquela noite melhor do que pensavam.

O cativo, que, desde que pôs os olhos no ouvidor, sentiu dizer-lhe o coração que era aquele seu irmão, perguntou a um dos criados que vinham com ele como se chamava e se sabia de que terra era. O criado respondeu-lhe que o licenciado se chamava João Pérez de Viedma e que tinha ouvido dizer ser ele de um lugar das montanhas de Leão. Com esta informação e com o que tinha visto, acabou de se convencer de que era efetivamente o seu irmão, que tinha seguido as letras por conselho do pai. Alvoroçado e contente, chamou de parte Dom Fernando, Cardênio e o cura e lhes contou o que se passava, assegurando-lhes que aquele ouvidor era seu irmão. Tinha-lhe dito também o criado que ele havia sido nomeado ouvidor das Índias, para onde ia, na audiência do México. Soube ainda que aquela donzela era filha dele e que do seu parto lhe morrera a mãe, tendo ele ficado muito rico com o dote que disso resultou. Consultouos sobre a maneira de se descobrir ao irmão e de saber se este sentiria vergonha de o encontrar pobre, ou se, ao contrário, o receberia com agrado.

— Deixe-me fazer essa experiência — disse o cura —; em todo o caso acredito, senhor capitão, que sereis muito bem recebido, porque o valor e prudência, que o vosso irmão aparenta possuir, não dão indícios de ser ele arrogante, nem mal reconhecido, nem de não saber dar o devido valor aos azares da fortuna.

Apesar de tudo — observou o capitão —, eu queria dar-me a conhecer não de improviso, mas por rodeios.

— Já vos disse — replicou o cura — que tratarei de tudo satisfatoriamente.

Estando preparada a ceia, sentaram-se todos à mesa, exceto o cativo e as senhoras que cearam a sós nos seus aposentos. No meio do repasto, disse o cura:

— Do mesmo nome de Vossa Mercê, senhor ouvidor, tive um camarada em Constantinopla, onde estive cativo alguns anos; era um dos mais valentes soldados e capitães que havia em toda a infantaria espanhola; mas tinha tanto de esforçado e valoroso como de desgraçado.

— Como se chamava esse capitão, meu senhor? — perguntou o ouvidor.

— Chamava-se — respondeu o cura — Rui Pérez de Viedma e era natural de um lugar das montanhas de Leão. Contou-me ele, certa vez, um caso que sucedeu a seu pai e irmãos, que, se não me fosse contado por homem tão verdadeiro como ele, eu tomaria por uma dessas histórias que as velhas contam no inverno, ao pé do fogo. Disse-me que o pai dividira os bens entre os três filhos que possuía, dando-lhes alguns conselhos, melhores que os de Catão. O certo é que o meu camarada, que escolheu o caminho das armas, foi tão bem-sucedido, que em poucos anos, por seu valor e esforço, sem outro braço que o da sua muita virtude, chegou a ser capitão de infantaria e viu-se em véspera de ser mestre-de-campo.[2] Mas a fortuna lhe foi contrária, pois onde a esperava e podia ter boa, perdeu-a, perdendo a liberdade na felicíssima jornada em que tantos a ganharam: na batalha de Lepanto. Eu a perdi em La Goleta; e depois, por diferentes sucessos, nos fizemos camaradas em Constantinopla. Dali seguiu ele para Argel, onde sei que lhe sucedeu um dos casos mais estranhos que têm sucedido no mundo.

Assim prosseguiu o cura contando com muita brevidade o que acontecera ao cativo e a Zoraida. A tudo isto prestava tanta atenção o ouvidor, que nunca havia sido tão ouvidor como naquele instante. O cura chegou apenas ao ponto em que os franceses despojaram os cristãos na barca em que vinham, e à pobreza e necessidade em que haviam caído o seu camarada e a formosa moura, dos quais disse que não tinha tido mais notícias, ignorando se haviam chegado à Espanha, ou se os franceses os tinham levado à França.

Desviado dali, o capitão estava escutando tudo o que dizia o cura, e notava todos os movimentos que fazia o irmão. Este, vendo que o cura chegara ao fim da história, deu um grande suspiro e, com os olhos rasos de água, exclamou:

— Ó senhor! Se soubésseis como me tocam tão de perto as novas que me haveis contado! Sinto-me até obrigado a demonstrá-lo com estas lágrimas, que, contra toda a minha discrição e recato, me saltam dos olhos! Esse tão valoroso capitão que mencionais é o meu irmão mais velho, o qual, sendo mais forte e tendo pensamentos mais altos que eu e o outro irmão mais moço, escolheu o honroso e digno exercício da guerra, que foi um dos três caminhos que o nosso pai nos propôs, segundo vos disse o camarada que vos contou essa história. Eu segui o das letras, nas quais Deus e a minha diligência me elevaram ao grau em que ora me vedes. Meu irmão caçula está no Peru, tão rico que, com o que enviou a meu pai e a mim, satisfez bem a parte que levou, tendo posto ainda nas mãos do meu pai com o que fartar a sua natural liberalidade; eu mesmo pude, assim, com mais decência e autoridade, dedicar-me aos estudos e chegar à posição em que me vejo. Meu pai ainda vive, morrendo de desejo de saber notícias do seu primogênito, e pedindo a Deus, em contínuas orações, que a morte não lhe cerre os olhos enquanto não puder ver em vida os do seu filho. E muito me admiro de que este último, sendo tão discreto, se haja descuidado de dar novas de si a seu pai, através de tantos trabalhos, aflições ou prósperos sucessos; pois se ele ou algum de nós as tivéssemos, não seria preciso ao meu irmão aguardar o milagre da vara para obter seu resgate. O que me atemoriza agora é pensar que aqueles franceses possam não o ter posto em liberdade, ou tê-lo morto para encobrir o furto. Tudo isto fará com que eu prossiga a minha viagem, não mais com a alegria com que a iniciei, mas cheio de tristeza e de melancolia. Ó meu bom irmão! Soubera eu agora onde estás, e iria buscar-te e livrar-te dos trabalhos penosos, ainda que fosse à custa dos meus? Quem me dera poder levar ao nosso velho pai a notícia de que ainda vives, embora estivesses nas masmorras mais recônditas da Berberia, pois dali te arrancariam as suas riquezas, as do meu irmão e as minhas! Ó formosa e liberal Zoraida! Quem pudera pagar-te o bem que a meu irmão fizeste! Quem pudera assistir ao renascimento da tua alma e às tuas bodas, que tanto gosto nos dariam!

Estas e outras palavras semelhantes dizia o ouvidor, tão cheio de compaixão com as notícias que lhe haviam dado do seu irmão, que todos os que o escutavam davam mostras de o acompanharem na sua dor. Mas o cura, percebendo que se saíra tão bem da empresa e satisfizera os desejos do capitão, não quis mantê-los tristes por mais tempo: ergueu-se da mesa e, penetrando no quarto onde estava Zoraida, tomou-lhe da mão e a trouxe, seguida por Lucinda, Doroteia e pela filha do ouvidor. O capitão ficou na expectativa, querendo ver o que pretendia fazer o cura. Este segurou-o pela outra mão e, na companhia de ambos, foi ter com o ouvidor e com os demais cavaleiros, dizendo:

— Cessem as vossas lágrimas, senhor ouvidor, e cumulem-se os vossos desejos de todo o bem a que aspirarem, pois tendes aqui o vosso bom irmão e a vossa boa cunhada; este que vedes aqui é o capitão Viedma, e esta a formosa moura que tanto bem lhe fez. Os franceses de que falei os puseram na miséria extrema em que se acham, para que possais mostrar a liberalidade do vosso bom coração.

O capitão correu a abraçar o irmão e este lhe pôs as mãos no peito, para o mirar mais à vontade; quando acabou de o reconhecer, abraçou-o tão estreitamente, derramando lágrimas tão ternas de contentamento, que as demais pessoas presentes tiveram que acompanhá-lo nisto. As palavras que os dois irmãos se trocaram, os sentimentos que externaram, creio que mal se podem pensar, quanto mais escrever. Deram-se conta, em breves razões, dos seus respectivos sucessos, revelando a verdadeira amizade que pode existir entre irmãos. O ouvidor abraçou Zoraida, lhe ofereceu os seus bens, fê-la abraçar a filha dele. Nesse momento, a cristã formosa e a formosíssima moura renovaram as lágrimas de todos os presentes.

Dom Quixote ficara atento, sem dizer palavra, observando tão estranhos acontecimentos e atribuindo-os todos a quimeras da cavalaria andante. Ficou combinado que o capitão e Zoraida se dirigissem com o irmão daquele a Sevilha, sendo o pai avisado do seu encontro e da sua libertação, para que viesse assistir, se lhe fosse possível, ao casamento e batismo de Zoraida. O ouvidor não podia interromper a viagem, pois lhe chegara notícia de que dali a um mês partiria uma frota de Sevilha para a Nova Espanha, e lhe seria muito incômodo perder essa oportunidade. Em conclusão: ficaram todos contentes e alegres com o bom sucesso do cativo; e como já chegava a noite quase ao fim da segunda parte da sua jornada, resolveram todos recolher-se e repousar o tempo que dela ainda restava. Ofereceu-se Dom Quixote para guardar o castelo, a fim de que os não surpreendesse algum gigante, ou outro mal-andante traidor, cobiçoso do grande tesouro de formosura que ali se continha. Agradeceram-lhe os que já o conheciam, e explicaram ao ouvidor o humor estranho de Dom Quixote, com o que aquele muito se divertiu. Só Sancho Pança se desesperava com a demora do recolhimento e só ele se acomodou melhor do que todos, acomodando-se sobre os arreios do jumento, que lhe custaram tão caro, como adiante se dirá. Recolhidas as damas à estância e acomodados os demais como menos mal o puderam, saiu Dom Quixote para fora da venda, a fim de montar sentinela ao castelo, como tinha prometido.

Pouco faltava para clarear o dia, quando chegou aos ouvidos das damas uma voz tão entoada e tão suave, que as obrigou a todas a prestar-lhe atentos ouvidos, especialmente Doroteia, que estava acordada e a cujo lado dormia Clara de Viedma (que assim se chamava a filha do ouvidor). Ninguém podia imaginar quem era a pessoa que cantava tão bem; e em uma voz só, sem qualquer acompanhamento instrumental. Umas vezes, parecia que cantava no pátio, outras na cavalariça. Nessa confusão, estavam todas muito atentas, quando chegou Cardênio à porta do aposento e disse:

— Quem não dorme, escute, e ouvirá a voz de um moço de mulas, que de tal maneira canta, que encanta.

— Estamos ouvindo, senhor — respondeu Doroteia.

E com isto se foi Cardênio. Doroteia prestou toda a atenção possível e ouviu que se cantavam estas estrofes:

# CAPÍTULO XLIII

## *Em que se narra a agradável história do moço das mulas, com outros estranhos acontecimentos que sucederam na venda*

*Sou marinheiro de amor,*
*e no pélago profundo*
*navego sem esperança*
*de encontrar porto seguro.*
*Vou a seguir uma estrela*
*que de bem longe descubro,*
*mais bela e resplandecente*
*que quantas viu Palinuro.*[1]
*Não sei para onde me guia*
*e, assim, navego confuso,*
*com a alma a fitá-la, atenta,*
*em cuidadoso descuido.*
*Recatos impertinentes,*
*pudor de extremado apuro*
*são as nuvens que ma toldam*
*quando mais vê-la procuro.*
*Ó clara e luzente estrela*
*cujo esplendor me conduz!*
*Será o ponto em que te encubras*
*meu ponto final no mundo.*[2]

Chegando o cantador a este ponto, pareceu a Doroteia que não ficaria bem deixar Clara de ouvir tão boa voz; sacudiu-a, pois, até despertá-la; e lhe disse:

— Perdoa, menina, se te acordo; mas quero dar-te o gosto de ouvir a melhor voz que talvez tenhas ouvido em toda a tua vida.

Clara despertou sonolenta e, da primeira vez, não entendeu o que lhe dizia Doroteia; interrogou-a, e esta repetiu o que dissera, passando Clara a ficar atenta. Todavia, mal ouviu dois versos do canto, quando lhe veio um tremor tão estranho, como se estivesse enferma de alguma crise grave de febre intermintente; estreitou Doroteia nos braços, e exclamou:

— Ai, senhora da minha alma e da minha vida! Para que me despertastes? O maior bem que a fortuna me poderia fazer agora era cerrar-me os olhos e os ouvidos, para não ver, nem ouvir esse desventurado músico.

— Que dizes, menina? Olha que me disseram que quem está cantando é um moço de mulas.

— Não é senão senhor de lugares — respondeu Clara —; e o que tem na minha alma, tem-no com tanta segurança, que, se não quiser abandoná-lo, ali ficará eternamente.

Admirou-se Doroteia das sentidas razões da moça, parecendo-lhe que se avantajavam em muito à discrição que os seus poucos anos prometiam. Disse-lhe, pois:

— Falais de um modo que não posso entender-vos, senhora Clara; sede mais explícita e dizei-me que é que afirmais acerca de almas e de lugares, e também este músico, cuja voz inquietou-vos tanto. Mas, silenciais por enquanto porque não quero perder, por causa do vosso sobressalto, o prazer de ouvir o cantor, que parece retornar ao seu canto, com novos versos e novo tom.

— Em boa hora seja — respondeu Clara.

E, para não ouvi-lo, tapou os ouvidos com as mãos, ante a surpresa de Doroteia, que continuava atenta a tudo o que se cantava e que escutou o que se segue:

*Minha doce esperança,*

*que, rompendo impossíveis e ciladas,*

*percorres, sem mudança,*

*as vias por ti mesma já traçadas,*

*não te aflijas se a sorte*

*põe cada passo teu junto ao da morte.*

*Não ganham preguiçosos*

*honrosos triunfos nem qualquer vitória.*

*Não podem ser ditosos*
*os que dos ventos vão na trajetória*
*e entregam, desvalidos,*
*a lassos ócios todos os sentidos.*
*Que Amor as glórias venda*
*caras, é transação justificada,*
*nem há mais rica prenda*
*que aquela por seu gosto aquilatada,*
*pois ninguém tem apreço*
*ao que lhe custa só ínfimo preço.*
*Impossíveis alcança*
*quem se entrega a porfias amorosas;*
*assim, com esperança,*
*busco do amor as metas mais penosas*
*e nem temo um instante*
*não alcançar da terra o céu distante.*[3]

Neste ponto, a voz silenciou e principiaram novos soluços de Clara. Tudo isto acendia em Doroteia o desejo de saber a causa de tão suave canto e de tão triste choro. Tornou, pois, a perguntar à moça o significado das suas palavras de momentos antes.

Então Clara, temerosa de que Lucinda a escutasse, abraçou Doroteia ainda mais estreitamente, pôs-lhe a boca tão junto do ouvido que poderia falar com segurança, sem ser de mais ninguém ouvida; e lhe disse:

— Este que canta, minha senhora, é filho de um cavaleiro, natural do reino de Aragão, senhor de dois lugares e que morava na corte, em frente à casa do meu pai. Embora as janelas da nossa casa tivessem cortinas no inverno e gelosias no verão, não sei o que foi, nem o que não foi; sei apenas que este cavaleiro, que era estudante, me viu, não sei se na igreja ou noutra parte; finalmente, se enamorou de mim e me deu a entender isso pelas janelas da sua casa, com tantos sinais e com tantas lágrimas, que eu o tive de acreditar e de estimar, mesmo sem saber o que pretendia de mim. Entre os sinais que me fazia, um consistia em juntar as duas mãos, dando-me a entender que se casaria comigo. Eu muito folgaria que assim fosse, já que vivia sozinha, não tinha mãe e não sabia com quem me comunicar: por isso o deixei prosseguir, não lhe concedendo outro favor senão o de alçar um pouco a cortina ou a gelosia, quando meu pai estava fora de casa e o dele também, e assim deixar-me ver toda — com o que ele muito se alegrava, dando mostras de ficar louco de prazer. Chegou a época da partida de meu pai, o que ele soube, não por mim, pois nunca lhe pude falar. Caiu doente de desgosto, ao que penso; e assim, no dia da nossa partida, jamais pude vê-lo, sequer para despedir-me dele com o olhar. Depois de caminharmos dois dias, porém, ao penetrarmos numa pousada, em lugar que dista daqui um dia de viagem, vi-o à porta com trajo de arrieiro, tão ao natural, que, se o não trouxesse retratado na minha alma, não teria podido reconhecê-lo. Reconheci-o, contudo, e isso me surpreendeu e alegrou. Ele mirou-me às escondidas de meu pai, de quem, aliás, sempre se esconde, quando atravessa diante de mim, nos caminhos e nas pousadas a que chegamos; como sei quem é e considero que, por amor a mim, vem a pé e com tanto trabalho, morro de pesar, e onde ele põe os pés ponho os olhos. Não sei com que intenção vem, nem como pôde afastar-se do pai, que o quer extraordinariamente, pois não tem outro herdeiro e ele merece realmente a sua estima, como vosmecê verá quando o conhecer. O mais que sei dizer é que tudo o que canta, tira da cabeça; e ouvi falar que é excelente estudante e grande poeta. Cada vez que o vejo, ou que o escuto cantar, me estremeço toda e me sobressalto, temerosa de que meu pai o conheça e descubra os nossos desejos. Em toda a minha vida, nunca lhe dirigi uma palavra sequer; apesar disso o quero tanto, que já sem ele não posso mais viver. Eis, minha senhora, tudo o que posso dizer deste músico, cuja voz vos agradou tanto; só por ela vereis que não se trata de um moço de mulas, como dizeis, mas de um senhor de almas e de lugares, como acabei de afirmar.

— Não é preciso dizer mais, senhora dona Clara — respondeu Doroteia, beijando-a mil vezes —; calai-vos e esperai que venha o novo dia, pois fio em Deus poder encaminhar os vossos negócios de tal maneira, que obtenham o feliz termo que merecem por tão honestos princípios.

— Ai, senhora! — exclamou Clara. — Que bom termo se pode esperar, se o pai dele é tão importante e tão rico, que há de crer que eu não posso ser nem mesmo criada do seu filho, quanto mais esposa? E casar-me a ocultas de meu pai, é coisa que não farei, nem por tudo o que há no mundo. Queria apenas que este moço voltasse para sua terra e me deixasse em paz; talvez que, sem vê-lo e com a grande distância do caminho que levamos, se me aliviasse a pena que agora tenho; não obstante, imagino que me há de aliviar muito pouco tal remédio. Não sei que diabo foi isso, nem por onde entrou este amor que lhe voto, sendo eu tão menina e ele tão moço; em verdade, creio que somos da mesma idade, não tendo eu ainda 16 anos completos, pois só os faço lá para o dia de São Miguel, conforme diz meu pai.

Doroteia não pôde deixar de rir-se, ouvindo os comentários infantis de D. Clara, a quem disse:

— Repousemos, senhora, o pouco que ainda nos resta da noite; Deus amanhecerá conosco e tudo nos há de sair bem, ou macacos me mordam.

Aquietaram-se; e toda a venda caiu em grande silêncio. Só não dormiam a filha da vendeira e Maritornes, sua criada, as quais, conhecendo o humor de Dom Quixote e sabendo-o fora da venda, armado e a cavalo, montando guarda, resolveram pregar-lhe uma peça, ou, pelo menos, passar algum tempo a ouvir-lhe os disparates.

Sucede que, em toda a venda, não havia janela que desse para o campo, mas tão-somente a fresta de um palheiro, por onde de fora se atiravam os montes de palha. Nessa fresta se puseram as duas semidonzelas, e viram que Dom Quixote estava a cavalo, encostado à sua lança, soltando, de quando em quando, tão dolentes e profundos suspiros, que cada um destes parecia arrancado da alma. Mesmo assim o escutaram dizer, com voz suave, regalada e amorosa:

— Ó minha senhora Dulcineia del Toboso, extremo de toda formosura, fim e remate da discrição, arquivo do melhor donaire, depósito da honestidade e, em último termo, ideia de todo o proveitoso, honesto e deleitável que há no mundo! Que estará fazendo agora Tua Mercê? Terás na mente, porventura, o teu cativo cavaleiro, que a tantos perigos voluntariamente se expõe, só para servir-te? Dá-me tu notícias dela, ó luminária das três caras![4] Talvez a estejas tu mirando agora com inveja, enquanto ela, passeando por alguma galeria dos seus palácios suntuosos, ou debruçada sobre um balcão, estará considerando como, salva a sua honestidade e grandeza, há de aplacar a tormenta que por ela padece este meu atribulado coração; e também que glória há de dar às minhas penas, que sossego aos meus cuidados e, finalmente, que vida à minha morte, que prêmio aos meus serviços. E tu, sol, que já deves estar aparelhando à pressa os teus cavalos, para madrugar e sair a ver a minha senhora, logo que a vejas, suplico-te que de minha parte a saúdes; mas livra-te de que, ao vê-la e saudá-la, lhe dês ósculo no rosto, pois terei de ti mais ciúmes que os tiveste tu daquela ágil ingrata, que tanto te fez suar e correr pelas planícies da Tessália, ou pelas margens do Peneu[5] — que já não me lembro bem por onde correste então, zeloso e enamorado.

Chegava Dom Quixote a este ponto da sua lastimosa alocução, quando a filha da vendeira começou a murmurar baixinho e a dizer-lhe:

— Senhor meu, chegue-se cá vosmecê, se for servido.

A estes sinais e a esta voz, volveu Dom Quixote a cabeça e, à luz da lua, que estava então em plena claridade, viu que o chamavam da fresta, que se lhe afigurou janela com grades de ouro, como convém que as tenham castelos tão ricos como ele imaginava ser aquela venda. E no mesmo instante, a sua louca imaginação figurou, como da outra vez, que a formosa donzela, filha do dono daquele castelo, vencida de amor, tornava a solicitá-lo. Com este pensamento, para não se mostrar descortês e mal-agradecido, voltou as rédeas do Rocinante e se acercou da fresta. Vendo ali as duas moças, disse:

— Lastimo, formosa senhora, que hajais posto os vossos amorosos intentos em quem não vos pode corresponder, como merece o vosso grande valor e gentileza; disso não deveis culpar este miserável cavaleiro andante, a quem o amor impossibilitou de poder entregar sua vontade a outra que não seja aquela que, no momento em que os seus olhos a viram, se tornou senhora absoluta da sua alma. Perdoai-me, boa senhora, e recolhei-vos ao vosso aposento, para que não me julgueis desagradecido se eu não souber corresponder aos vossos desejos. Se, pelo amor que me tendes, achais em mim outra coisa que não seja amor e que vos possa contentar, pedi-me, que vos juro, por aquela ausente e doce inimiga minha, que incontinenti vo-la darei, ainda que me pedísseis uma guedelha dos cabelos de Medusa, que eram todos serpentes, ou os próprios raios do sol encerrados numa redoma.

— De nada disso precisa a minha senhora, senhor cavaleiro — interrompeu Maritornes.

— Pois, de que precisa então a vossa senhora, discreta dona? — inquiriu Dom Quixote.

— Só uma de vossas lindas mãos — respondeu Maritornes — para que possa desafogar nesta o grande desejo que a trouxe a esta fresta, com tanto perigo da sua honra, que, se a pressentisse o senhor seu pai, em tantos pedaços a picaria que o maior de todos seria a orelha.

— Quisera eu ver isto — murmurou Dom Quixote —; ele que se livre de fazê-lo, se não quiser ter o mais desastrado fim que nunca teve no mundo um pai, por haver posto as mãos nos delicados membros da sua filha enamorada.

Julgou Maritornes que, sem dúvida, Dom Quixote daria a mão que se lhe havia pedido; e imaginando o que faria em tal caso, saiu da fresta e correu à cavalariça, onde tomou o cabresto do jumento de Sancho Pança e, com muita presteza, voltou à fresta, no instante em que Dom Quixote já havia posto os pés sobre a sela do Rocinante, para alcançar a janela gradeada, onde pensava estar a referida donzela, e estendendo-lhe a mão, dizia:

— Tomai esta mão, senhora, ou, por melhor dizer, este verdugo dos malfeitores do mundo; tomai esta mão, digo, que jamais tocou noutra de mulher alguma, nem mesmo daquela que tem inteira posse de todo o meu corpo. Não vo-la dou para que a beijeis, mas para que mireis a contextura dos seus nervos, a trama dos seus músculos, a grossura e capacidade de suas veias, por onde vereis qual será a força do braço, que tal mão possui.

— Já o veremos — replicou Maritornes.

E dando uma laçada numa das pontas do cabresto, meteu-lho no pulso; depois, saindo da fresta, atou muito fortemente a outra ponta ao ferrolho da porta do palheiro. Dom Quixote, sentindo no pulso a aspereza da corda, disse:

— Mais parece que vosmecê me está arranhando do que afagando a mão; não a trateis tão mal, pois ela não tem culpa do mal que a minha vontade vos causa, nem vos fica bem vingar-vos em tão pequena parte de todo o vosso dissabor; vede que quem quer bem não se vinga tão mal.

Mas já ninguém escutava estas razões de Dom Quixote, porque logo que Maritornes o atou, ela e a outra fugiram a morrer de riso, e o deixaram de tal modo preso, que lhe foi impossível soltar-se.

Estava ele de pé sobre o Rocinante, como já se disse, o braço inteiro enfiado pela fresta, o pulso atado ao ferrolho da porta, com grandíssimo temor e cuidado de que se mexesse o Rocinante, porque ficaria então pendurado pelo braço. Assim, não ousava fazer movimento algum, posto que da paciência e quietude do Rocinante se pudesse esperar que estaria sem se mover um século inteiro. Afinal, vendo-se Dom Quixote amarrado e abandonado das damas, que já se tinham ido, pôs-se a imaginar que tudo aquilo fora obra de encantamento, como da vez passada, quando, no mesmo castelo, o moeu de pancadas aquele mouro encantado do arrieiro; e maldizia entre dentes a sua pouca discrição e discurso, pois, tendo-se saído tão mal da primeira vez naquele castelo, se aventurara a penetrar nele uma segunda. Constitui máxima dos cavaleiros andantes que, quando provaram uma aventura e não se saíram bem dela, sinal é de que não estava para eles guardada, mas para outros; assim, não precisam experimentar segunda vez. Com tudo isso, puxava o braço, para ver se se podia soltar; estava, porém, tão bem atado, que todas as tentativas foram vãs. É bem verdade que puxava com cautela, para que não se movesse o Rocinante; e mesmo que quisesse sentar-se e firmar-se na sela, não podia senão ficar em pé ou perder a mão. Pôs-se, então, a desejar a espada de Amadis, contra quem não tinha força encantamento algum; pôs-se a maldizer a fortuna, exagerar a falta que faria ao mundo a sua presença, durante o tempo em que ali estivesse encantado, pois sem dúvida nenhuma assim se julgava; pôs-se a recordar de novo sua querida Dulcineia del Toboso e a chamar pelo seu bom escudeiro Sancho Pança, que, sepultado no sono e estendido sobre a albarda do jumento, não se lembrava, naquele instante, nem da mãe que o tinha parido. Chamou pelos sábios Lirgandeu e Alquife,[6] para que o ajudassem; invocou sua boa amiga Urganda, para que o socorresse; e, finalmente, ali o achou a manhã, tão desesperado e confuso, que bramia como um touro, porque já não esperava que, com o dia, se remediasse a sua aflição, considerando-a eterna e julgando-se encantado. Ainda mais cria nisso vendo que o Rocinante não se movia, nem muito, nem pouco; e acreditava que, daquela forma, sem comer, nem beber, nem dormir, haviam de estar ele e o cavalo, até que parasse o mau influxo das estrelas, ou até que outro encantador mais sábio o desencantasse. Mas muito se enganou nesta sua crença, porque, mal começou a amanhecer, chegaram à venda quatro homens a cavalo, muito bem postos e adereçados, com suas escopetas nos arções.

Bateram, com grandes pancadas, à porta da venda, que continuava fechada. Viu-os Dom Quixote do sítio, onde continuava a fazer sentinela, e, com voz arrogante e alta, lhes disse:

— Cavaleiros ou escudeiros, ou quem quer que sejais, não tendes para que bater às portas deste castelo, pois é bem claro que, a tais horas, ou dormem ainda os que estão lá dentro, ou não é costume abrirem-se as fortalezas antes de se ter o sol espalhado por todo o solo; desviai-vos para fora e esperai que clareie o dia; então veremos se será justo, ou não, que vos abram.

— Que diabo de fortaleza ou de castelo é este — exclamou um deles — para nos obrigar a guardar tais cerimônias? Se sois o vendeiro, mandai que nos abram, pois somos caminhantes e não queremos senão dar cevada às nossas cavalgaduras e passar adiante, porque temos pressa.

— Parece-vos, cavaleiro, que tenho porte de vendeiro? — respondeu Dom Quixote.

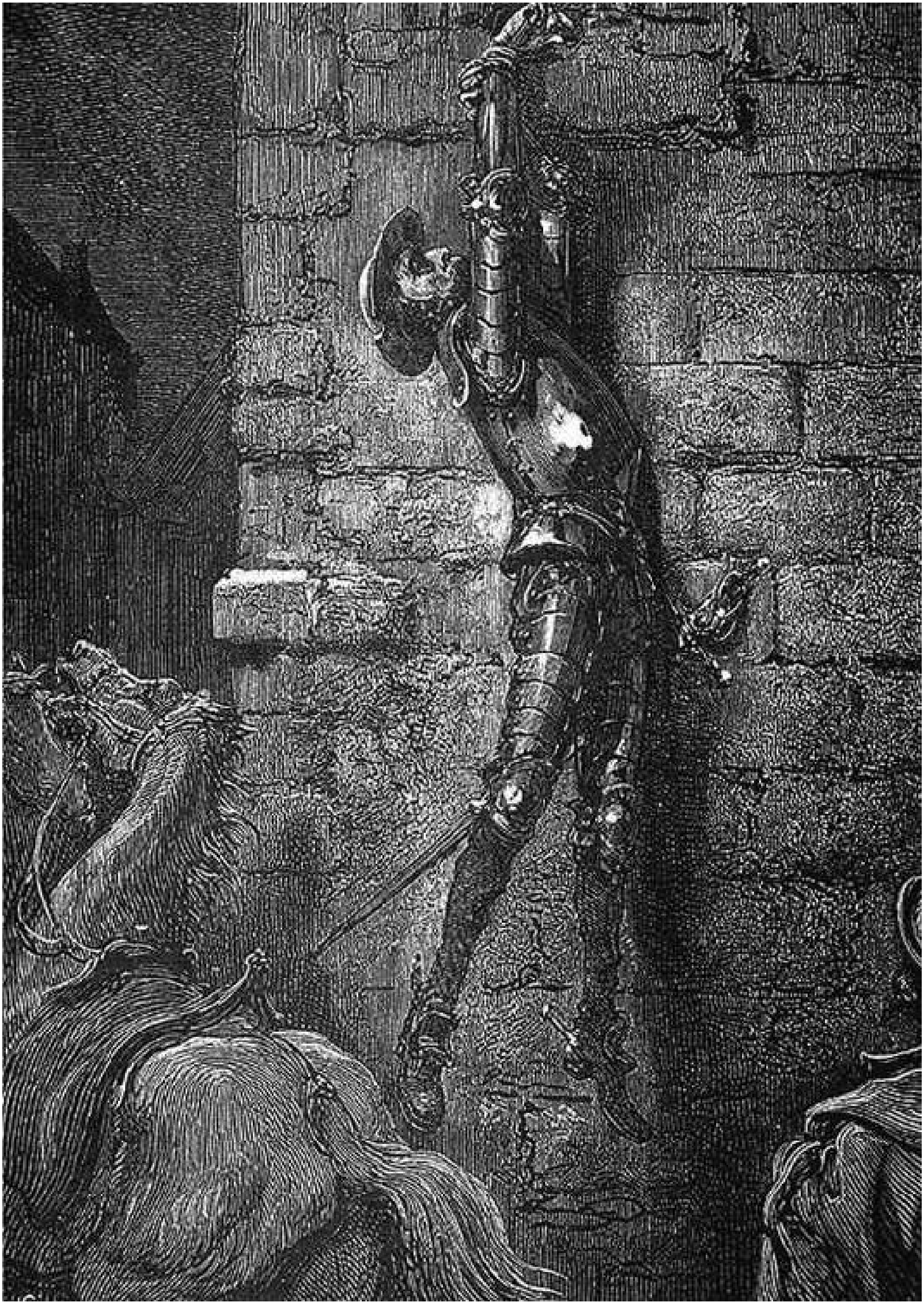
— Não sei de que tendes porte — replicou o outro —; mas sei que falais disparates, chamando castelo a esta venda.

— Pois é castelo — insistiu Dom Quixote — e dos melhores de toda esta província; dentro dele há gente que teve cetro nas mãos e coroa na cabeça.

— Melhor fora o contrário — disse o caminhante: — cetro na cabeça e coroa nas mãos. E assim será, se aí dentro houver alguma companhia de comediantes, que costumam trazer amiúde tais coroas e cetros; porque, numa venda tão pequena e silenciosa como esta, não creio que se alojem pessoas dignas de cetro e coroa.

— Pouco sabeis do mundo — replicou Dom Quixote — pois ignorais os casos que soem acontecer à cavalaria andante.

Cansaram-se os companheiros do perguntador do colóquio com Dom Quixote e tornaram a bater furiosamente, de tal modo que despertaram todos os que estavam na venda, inclusive o vendeiro, que se levantou e veio perguntar quem batia. Entrementes sucedeu que uma das cavalgaduras, em que vinham os quatro que batiam, se chegou a cheirar o Rocinante, que, melancólico e triste, com as orelhas caídas, sustinha, sem se mover, o seu esguio senhor; mas como, afinal, ele era de carne, embora parecesse de pau, não pôde deixar de ressentir-se e de cheirar também a quem se aproximara para acariciá-lo. Apenas se moveu um tanto quanto, porém, e eis que se desviam os pés juntos de Dom Quixote, resvalando da sela; e dariam com ele ao chão, se não estivesse preso pelo braço — coisa que lhe causou tanta dor, que acreditou que lhe cortavam o pulso, ou que lhe arrancavam o braço. Ficou tão próximo do solo, que com os extremos das pontas dos pés beijava a terra — o que ainda mais o molestava, porque sentia o pouco que lhe faltava para pôr as plantas dos pés no chão e, assim, se fatigava e esticava o quanto podia para alcançá-lo, à maneira dos que padecem o tormento da polé e que, por si mesmos, aumentam a sua dor, ao tentarem esticar-se, enganados pela esperança ilusória de que, com pouco mais esforço, alcançarão o solo.



# CAPÍTULO XLIV

## *Onde se prosseguem os inauditos sucessos da venda*

Com efeito, foram tantos os brados de Dom Quixote, que, abrindo logo as portas da venda, saiu o vendeiro espavorido, a ver quem gritava tanto; e os que estavam fora fizeram o mesmo. Maritornes, que já havia despertado com os mesmos gritos, imaginou o que podia ser e correu ao palheiro, desatando, sem que ninguém a visse, o cabresto que sustinha Dom Quixote; este rolou pelo chão, à vista do vendeiro e dos caminhantes, que, chegando-se a ele, lhe perguntaram o que tinha para gritar tanto. Sem responder palavra, tirou a corda do punho, pôs-se em pé, montou no Rocinante, embraçou a adarga, enristou a lança e, tomando boa parte do campo, volveu a meio galope, dizendo:

— A quem quer que diga que fui com justo título encantado, se minha senhora, a princesa Micomicona, me der licença, eu o desminto, e o repto e desafio para batalha singular.

Admirados ficaram os novos caminhantes das palavras de Dom Quixote; mas o vendeiro os tirou daquela admiração, dizendo-lhes quem era Dom Quixote e que não deviam fazer caso dele, porque não tinha juízo.

Perguntaram ao vendeiro se acaso tinha chegado àquela venda um rapaz de cerca de 15 anos de idade, vestido de arrieiro, com tais e tais sinais (dando os mesmos que tinha o enamorado de D. Clara).

Respondeu o vendeiro que havia tanta gente na venda, que não reparara na pessoa por quem perguntavam. Mas, tendo visto um deles o coche onde viera o ouvidor, disse:

— Deve estar aqui, sem dúvida, porque é este o coche que dizem que ele segue; fique um dos nossos à porta e entrem os demais a buscá-lo; seria bom que um dos vossos rodeasse toda a venda, para que não fuja pela traseira das cavalariças.

— Assim se fará — respondeu um deles.

E entrando dois, um ficou à porta e outro foi rodear a venda. O vendeiro assistia a tudo isso e não sabia atinar com o motivo por que se faziam tais diligências, embora supusesse que procuravam aquele moço, cujos sinais lhe haviam dado.

Já então clareava o dia; e tanto por isto como pelo ruído que fizera Dom Quixote, estavam todos acordados e se levantavam, especialmente D. Clara e Doroteia, uma com o sobressalto de estar tão perto do seu amado, outra com o desejo de vê-lo, coisas que as tinham feito dormir mal aquela noite. Dom Quixote, vendo que nenhum dos quatro caminhantes fazia caso dele, nem respondia ao seu desafio, se mordia de raiva e de despeito; e se, nas regras da sua cavalaria, houvesse permissão para um cavaleiro andante lançar-se a nova empresa, tendo antes dado a sua palavra e fé de não meter-se noutra senão depois de acabar a que tinha prometido, ele investiria contra todos e os faria responder, ainda que não quisessem; mas como não lhe parecia conveniente, nem acertado, iniciar nova empresa antes de recolocar a Micomicona em seu reino, teve de calar-se e ficar quieto, esperando ver em que paravam as diligências daqueles caminhantes. Um destes achou, afinal, o mancebo que buscavam, dormindo ao lado de um moço de mulas, despreocupado de que alguém o buscasse, ou, muito menos, o encontrasse.

O homem tomou-lhe do braço, e disse:

— Por certo, senhor Dom Luís, corresponde bem a quem sois o hábito que vestis e condiz a cama em que vos acho com a distinta educação que vos deu vossa mãe.

O moço limpou os olhos sonolentos e mirou demoradamente o que o havia segurado. Reconheceu o criado de seu pai e ficou tão sobressaltado, que não acertou, nem pôde responder palavra, durante muito tempo. E o criado prosseguiu, dizendo:

— Outra coisa não há que fazer, aqui, senhor Dom Luís, senão ter paciência e voltar para casa, se vosmecê não quer que seu pai e meu senhor vá para o outro mundo; porque não se pode esperar outra coisa da mágoa em que o deixou a sua ausência.

— Mas como soube meu pai — redarguiu Dom Luís — que eu vinha por este caminho e com este trajo?

— Um estudante — respondeu o criado — a quem contastes os vossos intentos, foi quem o revelou, penalizado com a aflição em que viu o vosso pai, quando vos deu pela falta. Despachou ele então quatro criados à vossa procura, e estamos todos aqui a vosso serviço, mais contentes do que se pode imaginar, pelo bom despacho com que retornaremos, levando-vos à presença de quem tanto vos quer.

— Só irei se quiser, ou se o céu o determinar — replicou Dom Luís.

— Que haveis de querer, ou que há de ordenar o céu, senão que regresseis? Porque não será possível outra coisa.

Estas palavras, trocadas entre os dois, ouviu-as o arrieiro, junto do qual estava Dom Luís; e, erguendo-se dali, foi contar o que se passava a Dom Fernando, a Cardênio e aos demais, que já se tinham vestido. Disse-lhes que aquele homem chamava de *Dom* ao rapaz, repetiu as palavras que escutara e a ordem de voltar para a casa paterna, que o moço não queria aceitar. Por isso e pelo que sabiam da voz excelente que o céu lhe havia dado, ficaram todos desejosos de saber mais particularmente quem era, e até de ajudá-lo, se o quisessem forçar contra a vontade. E seguiram para o local onde ele estava ainda falando e discutindo com o criado.

Nisto, saiu Doroteia do aposento, e atrás dela D. Clara, toda perturbada. Chamando Cardênio à parte, contou-lhe Doroteia, em breves palavras, toda a história do músico e de D. Clara, relatando-lhe também Cardênio o que se passava, com a vinda dos criados do pai em busca do rapaz; e não o disse tão baixinho que o não ouvisse D. Clara, que ficou logo fora de si e a tal ponto, que, se Doroteia não a segurasse, cairia no chão. Disse Cardênio a Doroteia que voltassem para o quarto, pois ele procuraria remediar tudo. Assim fizeram.

Todos os quatro, que vieram buscar Dom Luís, já estavam no interior da venda, rodeando o moço e tentando persuadi-lo a que voltasse logo para casa, sem mais demora, a fim de consolar o pai. Ele respondia que não podia fazê-lo de maneira nenhuma, enquanto não terminasse um negócio, no qual se lhe ia a vida, a honra e a alma. Apertaram-no então os criados, dizendo-lhe que de nenhum modo voltariam sem ele e que o levariam, quisesse ou não quisesse.

— Isso não fareis; só se me levardes morto — replicou Dom Luís —; e, de qualquer modo que me leveis, levar-me-eis sem vida.

Já a este tempo haviam acudido à porfia todos os demais que na venda estavam, especialmente Cardênio, Dom Fernando, seus camaradas, o ouvidor, o cura, o barbeiro e Dom Quixote, a quem pareceu não ser mais preciso guardar o castelo.

Cardênio, que já sabia da história do moço, perguntou aos que o queriam levar por que motivo insistiam em fazê-lo contra a vontade dele.

— Porque queremos salvar-lhe o pai, que está em perigo de perder a vida devido à ausência deste cavaleiro — respondeu um dos quatro.

Ao que replicou Dom Luís:

— Não há motivo para que se dê conta aqui das minhas coisas; sou livre e só voltarei se quiser; se não, nenhum de vós me forçará a fazê-lo.

— Vosmecê há de ceder à força da razão — tornou o homem —; e se ela não puder com vosmecê, poderá conosco o bastante para que façamos aquilo para que viemos e a que somos obrigados.

— Vejamos o começo da história — interrompeu o ouvidor.

Mas o homem, que o reconheceu como vizinho da sua casa, redarguiu:

— Não conhece vosmecê, senhor ouvidor, este cavaleiro, que é filho do seu vizinho e que se ausentou da casa paterna num trajo tão indecente para sua qualidade, como vosmecê bem o pode ver?

O ouvidor mirou-o então mais atentamente e, reconhecendo, abraçou-o, dizendo:

— Que criancices são essas, senhor Dom Luís, ou que tão poderosas causas vos impeliram a viajar desta maneira, e neste trajo, que tão mal condiz com a vossa qualidade?

Ao moço lhe vieram lágrimas nos olhos, e não pôde responder palavra ao ouvidor, que disse aos quatro que se aquietassem, pois tudo se faria por bem; e, tomando a mão de Dom Luís, levou-o para um canto e lhe perguntou que desatino era aquele.

Enquanto lhe fazia esta e outras perguntas, ouviu-se grande alarido à porta da venda, por causa de dois hóspedes que, naquela noite, se haviam alojado nela e que, vendo toda a gente ocupada em saber o que buscavam os quatro criados, haviam tentado sair sem pagar o que deviam; porém o vendeiro, que atendia mais ao seu negócio que aos alheios, segurou-os ao saírem da porta e lhes cobrou a despesa, censurando-lhes o mau intento com tais palavras, que os obrigou a replicar com os punhos; e assim começaram a esmurrá-lo tanto, que o pobre vendeiro teve necessidade de gritar por socorro.

A vendeira e a filha não acharam ninguém mais desocupado para socorrê-lo do que Dom Quixote, a quem a filha disse:

— Acuda vosmecê a meu pobre pai, senhor cavaleiro, pela virtude que Deus lhe deu, que dois homens maus o estão moendo como se fosse em almofariz.

Respondeu-lhe Dom Quixote, com muito vagar e muita fleuma:

— Formosa donzela, não há lugar agora para a vossa petição, porque estou impedido de me meter noutra aventura, enquanto não concluir uma, na qual empenhei minha palavra. O que poderei fazer para vos servir é o que ora direi: correi e dizei a vosso pai que se entretenha nessa luta o melhor que puder, que não se deixe vencer de nenhum modo, enquanto peço licença à princesa Micomicona para poder socorrê-lo nesta aflição; e se ela ma der, podeis estar certa de que o salvarei.

— Pecadora que sou! — exclamou Maritornes, que estava presente. — Antes que vosmecê consiga essa licença, estará meu amo no outro mundo.

— Permiti, senhora, que eu obtenha a licença que digo — continuou Dom Quixote — pois, logo que a receba, pouco importa que ele esteja no outro mundo, porque dali o arrancarei, apesar de que o próprio mundo o contradiga; ou, pelo menos, saberei vingar-vos de tal modo dos que para lá o hajam enviado, que ficareis mais que medianamente satisfeitas.

E, sem dizer mais, foi-se pôr de joelhos diante de Doroteia, pedindo-lhe, com palavras cavaleirescas e andantescas, que Sua Grandeza fosse servida de lhe dar licença para acudir e socorrer o castelão daquele castelo, que se achava em grande míngua. A princesa deu-lha de bom grado, e ele, embraçando logo a adarga e empunhando a espada, correu à porta da venda, onde continuavam os dois hóspedes a maltratar o vendeiro; mas, assim que ali chegou, empacou e ficou quieto, a despeito dos apelos de Maritornes e da vendeira para que se movesse e socorresse o seu amo e marido.

— Detenho-me — ponderou Dom Quixote — porque não me é lícito erguer a espada contra quem não for cavaleiro; chamem aqui o meu escudeiro Sancho, que a ele cabe esta defesa e vingança.

Isto se passava à porta da venda, onde fervilhavam os murros e bofetões, tudo em prejuízo do vendeiro e para maior raiva de Maritornes, da vendeira e da filha, que se desesperavam de ver a covardia de Dom Quixote e os maus quartos de hora que vivia o seu marido, senhor e pai.

Deixemo-lo aqui, todavia, que não faltará quem o socorra; senão, que sofra calado quem se atreve a mais do que lhe permitem as suas forças. Voltemos cinquenta passos atrás e vejamos o que foi que Dom Luís respondeu ao ouvidor, que deixamos num canto, perguntando-lhe a causa da sua vinda a pé e em trajo tão vil.

O moço desprendeu-se fortemente das mãos do ouvidor, como em sinal de que alguma grande dor lhe apertava o coração, e, derramando lágrimas abundantes, lhe disse:

— Não sei dizer-vos outra coisa, meu senhor, senão que, desde o instante em que o céu quis e facilitou que fôssemos vizinhos e que eu visse a minha senhora D. Clara, vossa filha, esta se fez dona da minha vontade; e se o não impedir a vossa, que sois o verdadeiro pai e senhor meu, neste mesmo dia ela há de ser minha esposa. Por ela deixei a casa de meu pai e por ela me pus neste trajo, para segui-la aonde quer que fosse, como a seta ao alvo e o marinheiro ao norte. Dos meus desejos ela não sabe senão o que pôde entender algumas vezes, em que de longe viu chorarem os meus olhos. Conheceis, senhor, a nobreza e riqueza de meus pais, sendo eu o seu único herdeiro: se isto vos parece bastante para que vos aventureis a tornar-me completamente venturoso, recebei-me logo por vosso filho; e se meu pai, levado por outros desígnios, não apreciar este benefício, que eu soube granjear, mais força tem o tempo para desfazer e mudar as coisas que as vontades humanas.

Dizendo isto, calou-se o enamorado mancebo; e o ouvidor ficou suspenso, admirado e confuso, não só de ouvir o modo e a discrição com que Dom Luís lhe havia revelado o seu pensamento, mas também por não saber que decisão tomar em tão repentino e inesperado negócio. Nada respondeu, portanto; limitou-se a pedir-lhe que se aquietasse por enquanto e que entretivesse os criados, a fim de que estes não o levassem naquele dia e houvesse tempo para se considerar o que melhor convinha a todos. Dom Luís beijou-lhe as mãos à força e as banhou de lágrimas — coisa que poderia enternecer um coração de mármore, e não apenas o do ouvidor, que já bem havia avaliado quanto convinha à sua filha aquele matrimônio; posto que, se fora possível, quisera antes efetuá-lo com o consentimento do pai de Dom Luís, de quem sabia que pretendia achar um título para o filho.

A esta altura, já estavam os hóspedes de paz com o vendeiro, porque Dom Quixote, mais por boas razões que por ameaças, os havia persuadido a pagar tudo o que deviam; e os criados de Dom Luís aguardavam o fim da conversa do ouvidor e a resolução do amo. Mas o demônio, que não dorme, ordenou que, naquele mesmo instante, entrasse na venda o barbeiro, de quem havia tirado Dom Quixote o elmo de Mambrino e Sancho Pança os arreios do asno, a fim de trocá-los pelos seus; e esse barbeiro, ao conduzir o seu jumento à cavalariça, reconheceu Sancho, que estava endireitando não sei o quê na albarda; e, mal a viu, reconheceu-a e se atreveu a investir contra ele, dizendo:

— Ah! Dom ladrão! Afinal te encontro! Devolve a minha bacia e a minha albarda, com todos os petrechos que me roubaste!

Sancho Pança, vendo-se acometer tão de improviso e ouvindo os vitupérios que lhe diziam, segurou na albarda com uma das mãos e, com a outra, esmurrou o barbeiro, banhando-lhe os dentes de sangue; mas nem por isso perdeu o barbeiro a pressa que tinha de reaver a albarda; antes ergueu a voz de tal maneira, que todos os da venda acudiram ao ruído da pendência, enquanto ele dizia:

— Aqui del-rei e da justiça, que este ladrão e salteador de estrada, além de roubar os meus haveres, ainda me quer matar!

— Mentis! — exclamou Sancho. — Não sou salteador de estrada, pois em boa guerra ganhou o meu senhor Dom Quixote estes despojos.

Já ali estava Dom Quixote, muito contente de ver quão bem se defendia e ofendia o seu escudeiro; e teve-o, daí em diante, por homem de prol, prometendo a si próprio armá-lo cavaleiro na primeira ocasião que se lhe oferecesse, por lhe parecer que estaria nele bem empregada a ordem da cavalaria.

Entre outras coisas que dizia o barbeiro no correr da pendência, asseverou:

— Esta albarda é tão minha, senhores, como a morte que devo a Deus; conheço-a tão bem como se a tivesse parido; e ali no estábulo está o meu asno, que não me deixará mentir. Se não, ponham-lha, e se não lhe ficar ao pintar, podem chamar-me infame. E ainda há mais: no mesmo dia em que ela me foi roubada, roubaram-me também uma bacia de latão, nova, que ainda não tinha sido estreada e que era senhora de um escudo.[1]

Aqui não se pôde conter Dom Quixote, que se colocou entre os dois e os apartou, depositando a albarda no chão, para que ficasse bem à vista até se esclarecer a verdade. E disse:

— Para que vejam vosmecês, clara e manifestamente, o erro em que está incidindo este bom escudeiro, basta notar que chama bacia o que foi, é e será o elmo de Mambrino, que lho arrebatarei em boa guerra, apoderando-me dele com legítima e lícita posse. No caso da albarda não me intrometo, pois a esse respeito só sei que o meu escudeiro Sancho me pediu licença para tirar os jaezes do cavalo deste covarde vencido e com eles adornar o seu; dei-lha, ele tomou-a, e de haver-se convertido o jaez em albarda não saberei dar outra razão senão a ordinária, isto é, que essas transformações se veem nos sucessos da cavalaria. Para confirmação disso, corre, Sancho, meu filho, e traze aqui o elmo, que esse bom homem diz ser bacia.

— Com a breca, senhor! — replicou Sancho. — Se não temos outra prova da nossa intenção senão a que vosmecê diz, tão bacia é o elmo de Malino[2] como é albarda o jaez deste bom homem.

— Faze o que te mando — insistiu Dom Quixote — pois nem todas as coisas deste castelo hão de ser obra de encantamento.

Sancho foi buscar a bacia, e efetivamente a trouxe; quando Dom Quixote a viu, tomou-a nas mãos, e disse:

— Vejam vosmecês com que cara podia dizer este escudeiro que isto é uma bacia, e não o elmo de que falei. Juro, pela ordem da cavalaria que professo, que este elmo foi o mesmo que lhe arrebatei, sem lhe haver acrescentado, nem tirado coisa alguma.

— Disso não há dúvida — ponderou Sancho — porque desde que o meu amo o ganhou, até agora, não fez com ele mais que uma batalha, quando libertou os infelizes que iam acorrentados; e se não fosse este baci-elmo, não passaria ele então muito bem, porque, naquele transe, houve bastantes pedradas.

# CAPÍTULO XLV

## *Onde se acaba de averiguar a dúvida do elmo de mambrino e da albarda, com outras aventuras que verdadeiramente sucederam*

– Que lhes parece a vosmecês, senhores — o que afirmam estes gentis-homens, que ainda teimam em afirmar que isto é um elmo, e não bacia?

— A quem disser o contrário — interveio Dom Quixote — lhe farei conhecer que mente, se for cavaleiro, e que remente mil vezes, se for escudeiro.

O nosso barbeiro, que tudo presenciava e que tão bem conhecia o humor de Dom Quixote, quis provocar o seu desatino e levar adiante a burla, para que todos rissem; disse então, falando ao outro barbeiro:

— Senhor barbeiro, ou quem sois, sabei que também sou do vosso ofício e tenho, há mais de vinte anos, carta de exame;[1] conheço muito bem os instrumentos da barbearia, sem faltar um só, e certa vez, na minha mocidade, fui nem mais nem menos que soldado; por isso, também sei o que é um elmo, o que é morrião, celada de encaixe e outras coisas concernentes à milícia, digo, aos gêneros de armas dos soldados; e afirmo, salvo melhor parecer, reportando-me sempre ao melhor entendimento, que esta peça, que está diante de nós e que este bom senhor tem nas mãos, não é absolutamente uma bacia de barbeiro, e está tão longe de sê-lo como está o branco do preto, ou a verdade da mentira; também digo que este elmo, apesar de o ser, não é um elmo inteiro.

— Não, certamente — concordou Dom Quixote — porque lhe falta a metade, que é a babeira.

— Isso mesmo — disse o cura, que já havia entendido a intenção do seu amigo barbeiro.

Igual afirmação fizeram Cardênio, Dom Fernando e seus camaradas. Até o ouvidor, se não estivesse tão pensativo com o negócio de Dom Luís, teria também ajudado a burla; mas a seriedade do que pensava o mantinha tão suspenso, que pouco ou nada percebia do divertimento.

— Valha-me Deus! — exclamou o barbeiro burlado. — Será possível que tanta gente honrada diga que esta bacia é um elmo? Isto poderia causar espanto a toda uma Universidade, por discreta que fosse. Basta: se é um elmo esta bacia, também deve ser jaez de cavalo esta albarda, como disse este senhor.

— A mim me parece albarda — observou Dom Quixote —; mas já disse que não me intrometo nisso.

— Que seja albarda ou jaez — interveio o cura — ninguém o poderá dizer melhor que o senhor Dom Quixote; porque, nestas coisas de cavalaria, todos estes senhores e eu lhe damos a primazia.

— Por Deus, meus senhores! — exclamou Dom Quixote —; tantas e tão estranhas coisas me sucederam neste castelo, em duas vezes que nele me alojei, que não me atrevo a responder afirmativamente a nenhuma pergunta que me fizerem acerca do que aqui se contém, porque imagino que tudo se passa por via de encantamento. A primeira vez, me fatigou muito um mouro encantado, que há nele; e Sancho não passou lá muito bem, com outros de seus sequazes. À noite, estive pendurado por este braço quase duas horas, sem saber como vim a cair em semelhante desgraça. Assim, pôr-me eu agora, em coisa tão confusa, a dar o meu parecer, será incidir em juízo temerário. Quanto a dizer-se que isto é bacia, e não elmo, já respondi; mas sobre o decidir se isto é albarda ou jaez, não me atrevo a dar sentença definitiva, deixando-o ao bom parecer de vosmecês. Quiçá, por não serem armados cavaleiros como sou, não terão vosmecês que lidar com os encantamentos deste sítio; ficarão com os entendimentos livres e poderão julgar as coisas deste castelo como são, real e verdadeiramente, e não como a mim me pareciam.

— Não há dúvida — respondeu Dom Fernando —; disse hoje muito bem o senhor Dom Quixote que a nós outros cabe a definição deste caso. Para que haja mais fundamento, tomarei em segredo os votos destes senhores, e do que resultar darei cabal e clara notícia.

Para os que conheciam o humor de Dom Quixote, tudo isto era matéria de grandíssimo riso; mas, aos que o ignoravam, parecia o maior disparate do mundo — especialmente aos quatro criados de Dom Luís, ao próprio Dom Luís e a outros três viajantes, que casualmente haviam chegado à venda e que aparentavam ser quadrilheiros, como de fato o eram.

Quem mais se desesperava, porém, era o barbeiro, cuja bacia, ali diante dos seus olhos, se havia transformado em elmo de Mambrino, e cuja albarda pensava, sem dúvida alguma, que se lhe haveria de converter em rico jaez de cavalo. Uns e outros se riam de ver como andava Dom Fernando daqui para ali, colhendo votos, falando secretamente a cada um, para que lhe declarassem se era albarda ou jaez aquela joia, sobre que tanto se discutia. Depois de tomar os votos dos que conheciam Dom Quixote, disse em voz alta:

— O caso é, bom homem, que já estou cansado de tomar tantos pareceres, porque vejo que a ninguém pergunto o que desejo saber sem que este me responda que é disparate afirmar que isto seja albarda de jumento, quando bem se vê que é jaez de cavalo, e até de cavalo castiço.[2] Assim, haveis de ter paciência, porque, a vosso pesar e ao de vosso asno, isto é jaez, e não albarda. De vossa parte, portanto, saístes muito mal nas alegações e provas.

— Não tenha eu parte no céu — disse o sobre[3] barbeiro — se vosmecês todos não se enganam; e tão bem pareça minha alma ante Deus como esta me parece a mim albarda, e não jaez. Mas, lá vão leis...[4] e mais não digo. Na verdade, não estou bêbedo, nem quebrei o jejum, a não ser de pecar.

Não provocavam menos riso as tolices do barbeiro que os disparates de Dom Quixote, o qual observou a esta altura:

— Aqui não há mais que dizer, senão que cada um tome o que é seu; e a quem Deus deu, que o bendiga São Pedro.

Um dos quatro criados disse:

— Se isto não é burla pensada, não me posso persuadir de que homens de tão bom entendimento, como são ou parecem ser todos os que aqui estão, se atrevam a dizer e afirmar que isto não é bacia, nem aquilo é albarda; mas como vejo que o afirmam e o dizem, quero crer que não carece de mistério discutir uma coisa tão contrária ao que nos mostram a verdade mesma e a experiência. Por isto aqui (e fez um gesto de arredondar os dedos), que não me hão de convencer todos os homens que vivem hoje no mundo de que esta não seja uma bacia de barbeiro, e aquela uma albarda de asno.

— Bem poderia ser de burra — atalhou o cura.

— Pouco importa — respondeu o criado —; o caso não está nisso, mas em decidir se é ou não é albarda, como vosmecês dizem.

Um dos quadrilheiros que haviam entrado, e que assistira à discussão, encheu-se de cólera e de enfado, e exclamou:

— É tão albarda como meu pai é meu pai, e quem disse ou disser outra coisa deve estar embriagado.

— Mentis como um velhaco e vilão — replicou Dom Quixote.

E alçando a lança, que nunca soltara das mãos, ia descarregá-la na cabeça do outro com tal golpe, que, se não se tivesse desviado o quadrilheiro, ficaria ali estendido. A lança fez-se em pedaços no chão, e os demais quadrilheiros, vendo o seu companheiro desacatado, ergueram a voz, pedindo auxílio à Santa Irmandade. O vendeiro, que era da quadrilha, correu logo por sua vara e espada e se pôs ao lado dos companheiros. Os criados de Dom Luís rodearam este último, para que não lhes fugisse na confusão. O barbeiro, vendo a casa revolta, tornou a segurar a sua albarda, o mesmo fazendo Sancho. Dom Quixote brandiu a espada e arremeteu contra os quadrilheiros, enquanto Dom Luís gritava para os criados que o deixassem e que acudissem em auxílio de Dom Quixote, e também de Cardênio e Dom Fernando, que todos favoreciam aquele. Berrava o cura, gritava a vendeira, afligia-se a filha, chorava Maritornes, enquanto Doroteia estava confusa, Lucinda suspensa e D. Clara desmaiada. O barbeiro agredia Sancho; Sancho moía o barbeiro. Dom Luís, a quem um criado se atreveu a tomar-lhe do braço, para que não se intrometesse, aplicou no mesmo tal murro, que lhe deixou os dentes banhados em sangue. O ouvidor o defendia. Dom Fernando tinha debaixo dos pés um quadrilheiro, e com estes lhe media o corpo muito a seu sabor. O vendeiro tornou a reforçar a voz, pedindo auxílio à Santa Irmandade. Assim, toda a venda eram prantos, vozes, gritos, confusões, temores, sobressaltos, desgraças, pancadaria, murros, pauladas, coices e efusão de sangue. No meio desse caos e desse labirinto de coisas, pôs-se a imaginar Dom Quixote que estava metido, de corpo e alma, na discórdia do campo de Agramante.[5] Disse, pois, com voz que atroava toda a venda:

— Todos quietos! Embainhem as espadas, sosseguem e oiçam-me, se não querem perder a vida.

A este brado, todos pararam; e ele prosseguiu, dizendo:

— Não vos afirmei, senhores, que este castelo era encantado e que deve morar nele alguma legião de demônios? Em confirmação do quê, desejo que vejais, com os vossos próprios olhos, como aqui se passou e trasladou até nós a discórdia do campo de Agramante. Vede como além se peleja pela espada, aqui pelo cavalo, acolá pela águia, ali pelo elmo; todos pelejamos, e ninguém se entende. Venha, pois, vosmecê, senhor ouvidor, e vosmecê, senhor cura; sirva um de rei Agramante, o outro de rei Sobrinho, e ponham-nos em paz. Porque, por Deus Todo-poderoso, é grande velhacaria matar-se, por coisas tão levianas, gente tão principal como os que aqui estamos.

Os quadrilheiros, que não entendiam as frases de Dom Quixote e se viam nas unhas de Dom Fernando, Cardênio e seus camaradas, não queriam aquietar-se; o barbeiro, sim, porque, na luta, lhe tinham amarrotado as barbas e a albarda. Sancho, à menor voz do amo, obedeceu como bom criado. Os quatro criados de Dom Luís também ficaram quietos, vendo que pouco lucrariam se se mexessem. Só o vendeiro teimava em que se haviam de castigar as insolências daquele louco, que a todo instante lhe punha a venda em alvoroço. Finalmente, apaziguou-se a contenda, a albarda ficou passando por jaez até o dia do juízo, a bacia por elmo, e a venda por castelo, na imaginação de Dom Quixote.

Aquietados os ânimos, e feitos todos amigos, por persuasão do ouvidor e do cura, voltaram os criados de Dom Luís a assediá-lo, para que os acompanhasse de regresso ao lar. Enquanto discutiam, o ouvidor trocou ideias com Dom Fernando, Cardênio e o cura, sobre o que se devia fazer naquele caso, pondo-os ao corrente das razões que lhe dera Dom Luís. Combinou-se que Dom Fernando diria quem era aos criados de Dom Luís, participando-lhes que faria gosto em que o rapaz fosse com ele à Andaluzia, onde os méritos de Dom Luís seriam devidamente apreciados por seu irmão, o marquês. Assim se faria também a vontade de Dom Luís, que era não voltar a ver o pai, daquela vez, nem que o fizessem em pedaços. Conhecidos dos criados o título de Dom Fernando e a intenção de Dom Luís, resolveram entre si que três voltariam para casa, a fim de contar ao pai do moço o que se passava, enquanto outro ficaria a serviço de Dom Luís e não o deixaria, até que os outros regressassem, ou que recebesse instruções do pai.

Desta maneira se apaziguou aquela máquina de pendências, pela autoridade de Agramante e prudência do rei Sobrinho. Mas, vendo-se burlado e menosprezado o inimigo da concórdia e o êmulo da paz; notando, por outro lado, o pouco fruto que havia granjeado com tê-los posto a todos em tão confuso labirinto, resolveu experimentar a mão mais uma vez, ressuscitando novas lutas e desassossegos.

Tinham-se aquietado os quadrilheiros, por haverem entreouvido a qualidade dos que com eles se bateram; e se retiraram da luta, por lhes parecer que, de qualquer maneira, haveriam de levar a pior na batalha. Um deles, todavia, que foi o que esteve sob os pés de Dom Fernando, se lembrou de que, entre vários mandados que trazia para prender delinquentes, havia um contra Dom Quixote, a quem a Santa Irmandade havia mandado prender pela liberdade que dera a uns forçados das galés, tal como o temera Sancho, com muita razão. Ao imaginar isto, quis o homem averiguar se os sinais de Dom Quixote coincidiam com os que lhe haviam dado: tirou do seio um pergaminho, achou o que buscava e pôs-se a ler vagarosamente, porque não era bom leitor; e a cada palavra que lia, punha os olhos em Dom Quixote, cotejando os sinais do mandado com o rosto deste; por fim se convenceu de que era aquele o mesmo homem contra o qual trazia ordem de prisão. Apenas se certificou disto, dobrou o pergaminho e, segurando o mandado com a mão esquerda, com a direita agarrou Dom Quixote fortemente pelo pescoço, e quase não o deixava respirar. Enquanto isso, gritava:

— Auxílio à Santa Irmandade! E, para que se veja que o peço deveras, leia-se este mandado, onde se ordena que eu prenda este salteador de caminhos.

O cura tomou o pergaminho e verificou que era verdade tudo quanto dizia o quadrilheiro, inclusive na coincidência dos sinais com os de Dom Quixote. Este, vendo-se maltratado por aquele vilão vagabundo, chegou ao auge da cólera e, com os ossos do corpo a rangerem-lhe, segurou o quadrilheiro pela garganta, o melhor que pôde, com ambas as mãos; e se este não fosse socorrido pelos companheiros, deixaria ali a vida, antes que Dom Quixote largasse a presa. O vendeiro, que tinha forçosamente que favorecer os do seu ofício, acudiu-lhe em auxílio. A vendeira, vendo outra vez o marido em pendências, de novo alteou a voz, procedendo pelo mesmo teor Maritornes e a sua filha, que pediam a ajuda do céu e dos que ali estavam. Sancho disse, vendo o que se passava:

— Por Deus, que é bem verdade o que diz meu amo dos encantos deste castelo, pois não é possível viver nele uma hora sossegadamente!

Dom Fernando apartou o quadrilheiro e Dom Quixote, com gosto de ambos, e lhes desvencilhou as mãos, que um trazia agarrada à gola da roupa do outro, e este à garganta do primeiro; mas nem por isso cessaram os quadrilheiros de reclamar o preso e de pedir que os ajudassem a amarrá-lo e a submetê-lo à vontade deles, porque assim convinha ao serviço do rei e da Santa Irmandade, de cuja parte novamente lhes pediam socorro e favor, para prenderem aquele ladrão e salteador de estradas e de caminhos.

Ria-se Dom Quixote de ouvir tais razões, e pausadamente lhes disse:

— Vinde cá, gente soez e malnascida! Salteador de estradas chamais a quem liberta os acorrentados, solta os presos, acode aos miseráveis, levanta os decaídos e socorre os necessitados? Ah! Gente infame que, pelo vosso baixo e vil entendimento, bem mereceis que vos não comunique o céu o valor que se encerra na cavalaria andante e vos não dê a entender o pecado e a ignorância em que estais, por não reverenciardes a sombra, quanto mais a presença de qualquer cavaleiro andante! Vinde cá, quadrilha de ladrões, e não quadrilheiros; salteadores de caminhos, com licença da Santa Irmandade! Dizei-me: quem foi o ignorante que firmou a ordem de prisão contra um cavaleiro do meu porte? Quem é este que ignora que os cavaleiros andantes estão isentos de todo foro judicial e que sua lei é a espada, seus foros os próprios brios, suas pragmáticas a própria vontade? Quem foi o mentecapto, torno a dizer, que não sabe que não há foro de fidalgo com tantas preeminências, nem isenções, como o que adquire um cavaleiro andante, no dia em que se arma cavaleiro e se entrega ao duro exercício da cavalaria? Que cavaleiro andante pagou jamais peitas, alcavalas, chapim de rainha, moeda foreira, portagem, ou barca?[6] Que alfaiate lhe cobrou feitura de vestido? Que castelão o acolheu no seu castelo, fazendo-o pagar o escote? Que rei deixou de sentá-lo à sua mesa? Que donzela se lhe não afeiçoou e não se lhe entregou rendida, a todo o seu talante e vontade? Finalmente, que cavaleiro andante houve, há, ou haverá no mundo, que não tenha brios para dar ele só quatrocentas pauladas em quatrocentos quadrilheiros que se lhe ponham diante?

# CAPÍTULO XLVI

## *Da notável aventura dos quadrilheiros e da grande ferocidade do nosso bom cavaleiro Dom Quixote*

Enquanto Dom Quixote isto dizia, persuadia o cura aos quadrilheiros que o mesmo não tinha juízo, como o viam por suas obras e palavras, e que não havia motivo para que levassem aquele negócio adiante, pois, ainda que o prendessem e levassem, logo teriam de o deixar, por louco. Ao que respondeu o do mandado que não lhe competia a ele apreciar a loucura de Dom Quixote, mas tão-somente fazer o que a autoridade superior lhe ordenara; e que, preso uma vez, podiam-no soltar trezentas.

— Com tudo isso — ponderou o cura —, desta vez não o levareis, nem ele se deixará levar, pelo que vejo.

Efetivamente, tanto lhes falou o cura e tantas loucuras soube Dom Quixote cometer, que mais loucos que ele seriam os quadrilheiros, se lhe não percebessem a doença. Assim, houveram por bem apaziguar-se, e serviram até de medianeiros, para fazer as pazes entre o barbeiro e Sancho Pança, que ainda insistiam, com grande rancor, na sua pendência. Finalmente, como membros da justiça, fizeram-se árbitros da causa de tal maneira, que ambas as partes ficaram, se não contentes de todo, pelo menos algum tanto satisfeitas, porque se trocaram as albardas, mas não as cilhas e cabrestos. No tocante ao elmo de Mambrino, o cura, à socapa e sem que Dom Quixote o percebesse, pagou oito reais pela bacia e fez o barbeiro passar-lhe um recibo, declarando que nada mais reclamaria, e para todo o sempre, amém. Sossegadas as duas pendências, que eram as mais importantes e de mais tomo, restava que os criados de Dom Luís se contentassem com o regresso de apenas três, ficando um para acompanhá-lo aonde o queria levar Dom Fernando. Como já a boa sorte e melhor fortuna haviam começado a quebrar lanças e a facilitar dificuldades, em favor dos amantes e dos valentes da venda, quis a mesma levar a bom termo aqueles sucessos, porque os criados se resignaram à vontade de Dom Luís e D. Clara se alegrou tanto, que ninguém, que lhe mirasse o rosto, poderia deixar de perceber-lhe o regozijo da alma. Zoraida, embora não entendesse bem todos os acontecimentos que havia presenciado, se entristecia e alegrava conforme a expressão que notava nos semblantes de cada um, especialmente do seu espanhol, em quem tinha sempre pregados os olhos e colada a alma. O vendeiro, a quem não passou despercebida a recompensa que o cura havia dado ao barbeiro, pediu que Dom Quixote o indenizasse do estrago feito nos odres de vinho, jurando que não sairiam da venda o Rocinante, nem o jumento de Sancho, sem que primeiramente lhe pagassem as despesas, até o último tostão. Tudo o cura apaziguou e Dom Fernando pagou, embora o ouvidor, de muita boa vontade, se oferecesse também para pagar. Assim ficaram todos em boa paz e sossego, já não parecendo mais a venda a discórdia do campo de Agramante, como dissera Dom Quixote, porém a própria paz e quietude do tempo de Otaviano.[1] Por tudo isso, foi opinião comum que se deviam dar graças às boas intenções e à muita eloquência do senhor cura, e à incomparável liberalidade de Dom Fernando.

Vendo-se Dom Quixote livre e desembaraçado de tantas pendências, quer do escudeiro, quer das suas, pareceu-lhe conveniente prosseguir na começada viagem e dar fim àquela grande aventura, para que havia sido chamado e escolhido. Assim, com resoluta determinação, se foi pôr de joelhos ante Doroteia, a qual não lhe consentiu pronunciar palavra até que se erguesse; para obedecê-la, ficou de pé e lhe disse:

— É provérbio comum, formosa senhora, ser a diligência mãe da boa sorte; e em muitas e graves coisas, mostrou a experiência que a solicitude do negociante leva a bom fim o pleito duvidoso. Mas em nenhuma se patenteia tanto esta verdade como nas coisas da guerra, onde a celeridade e presteza previnem as digressões do inimigo e a vitória se alcança antes que o adversário se ponha na defensiva. Tudo isto digo, alta e preciosa senhora, porque me parece já não ter mais proveito a nossa estada neste castelo; antes poderá ser-nos danosa, como algum dia o veremos. Pois quem sabe se, por ocultos espias e diligências, já não terá sabido vosso inimigo, o gigante, que sou eu que vou destruí-lo, tendo ele tido tempo de se fortificar nalgum castelo ou fortaleza inexpugnável, contra a qual valerão pouco os meus esforços e a força do meu braço infatigável? Portanto, senhora minha, previnamos, como eu disse, os seus desígnios com a nossa diligência; partamos logo a procurar fortuna, que Vossa Grandeza a terá como deseja, apenas eu chegue a encontrar o vosso adversário.

Calou-se Dom Quixote e esperou, com muito sossego, a resposta da formosa infanta, que, com gesto senhoril, acomodado ao estilo de Dom Quixote, lhe respondeu desta maneira:

— Agradeço-vos, senhor cavaleiro, o desejo, que mostrais possuir, de me favorecer nesta grande aflição, como cavaleiro que tem por missão proteger os órfãos e necessitados; queira o céu que o vosso e o meu desejo se cumpram para que vejais que há mulheres agradecidas no mundo. Quanto à minha partida, que seja logo, pois a minha vontade não difere da vossa; disponde de mim a vosso bom talante, que aquela, que uma vez vos entregou a defesa da sua pessoa e pôs nas vossas mãos a restauração dos seus domínios, não há de querer ir contra o que a vossa prudência ordenar.

— Nas mãos de Deus — corrigiu Dom Quixote. — Quando uma senhora se humilha, não perco a ocasião de levantá-la e repô-la no herdado trono. Que seja logo a partida, porque já me vai esporeando o desenho, e o caminho,[2] o que se costuma dizer — na demora está o perigo; e como o céu não tem criado, nem o inferno visto, ninguém que me espante nem acovarde, sela o Rocinante, Sancho, prepara o teu jumento e o palafrém da rainha, digamos adeus ao castelo e a estes senhores, e vamo-nos daqui logo ao ponto de chegada.

Sancho, que a tudo assistia, meneou a cabeça de um lado para outro, e disse:

— Ai, senhor, senhor! Há mal maior na aldeiola do que se apregoa: com perdão seja dito das toucas honradas.[3]

— Que mal pode haver numa aldeia, ou em todas as cidades do mundo, que possa apregoar-se em menoscabo meu, vilão?

— Se vosmecê se enfada — replicou Sancho —, eu me calarei e deixarei de dizer o a que sou obrigado, como bom escudeiro e como deve dizê-lo um bom criado ao seu amo e senhor.

— Dize o que quiseres — respondeu Dom Quixote —, que tuas palavras não me amedrontam; se tens medo procedes como quem és; se não o tenho, me comporto como quem sou.

— Isto não vem ao caso, pecador que fugi a Deus! — exclamou Sancho —; mas tenho por certo e averiguado que esta senhora, que se diz rainha do grande reino de Micomicão, não o é mais do que minha mãe; porque, se fosse o que diz, não andaria a esfregar-se a todo instante e em todo o canto num sujeitinho cá da roda.

Fez-se Doroteia muito corada, ao ouvir o que dizia Sancho (pois era verdade que seu esposo, Dom Fernando, algumas vezes e a furto de outros olhos, havia colhido com os lábios parte do prêmio que mereciam os seus desejos, o que tinha sido visto por Sancho, a quem se afigurou tal desenvoltura mais própria de dama cortesã que de rainha de tão grande reino). Não pôde, nem quis responder palavra a Sancho; mas deixou-o prosseguir na sua expansão durante a qual foi dizendo:

— Afirmo isto, senhor, porque se, ao cabo de ter andado caminhos e mais caminhos, suportado más noites e piores dias, há de ser colhido o fruto dos nossos trabalhos por aquele que está folgando aqui na venda, não vale a pena que eu me apresse a selar o Rocinante, albardar o jumento e adereçar o palafrém; será melhor que fiquemos quietos, cada puta que se arranje, e tratemos de comer.

Oh! Valha-me Deus! Que fúria que teve Dom Quixote, ao escutar as descompostas palavras do seu escudeiro! Foi tão grande, que, com voz atrapalhada e língua tartamuda, lançando fogo vivo pelos olhos, exclamou:

— Ó velhaco e vilão, mal-educado, indecente, ignorante, estúpido, desbocado, atrevido, murmurador e maldizente! Como ousas pronunciar tais palavras na minha presença e na destas ínclitas senhoras? Como te atreves a figurar tais desonestidades na tua confusa imaginação? Vai-te da minha presença, monstro da natureza, depositário de mentiras, armário de embustes, cova de velhacarias, inventor de maldades, publicador de sandices, inimigo do decoro que se deve às pessoas reais; vai-te, e não apareças mais na minha frente, sob pena de excitar a minha ira!

Dizendo isto, franziu as sobrancelhas, intumesceu as faces, olhou para todos os lados e deu, com o pé direito, uma grande patada no chão — tudo indícios da ira que lhe fervilhava nas entranhas. A estas palavras e furibundos gestos, encolheu-se Sancho tão medroso e trêmulo, que se sentiria feliz se a terra se abrisse naquele instante diante dos seus olhos e o tragasse; e não soube o que fazer, senão voltar as costas e sair da colérica presença do amo.

Mas a discreta Doroteia, que já entendia muito bem o humor de Dom Quixote, disse, para abrandar-lhe a ira:

— Não vos despeiteis, senhor Cavaleiro da Triste Figura, com as sandices que o vosso bom escudeiro proferiu, porque talvez não as diga sem motivo, nem do seu bom entendimento e consciência cristã se pode suspeitar que levante falso testemunho a ninguém. Isto se há de crer, sem pô-lo em dúvida, pois se neste castelo, conforme dissestes, senhor cavaleiro, todas as coisas sucedem por via de encantamento, poderia acontecer que Sancho tivesse tido a visão diabólica do que diz que viu e que é tão ofensivo à minha honestidade.

— Juro pelo Deus onipotente — acudiu Dom Quixote — que Vossa Grandeza tocou no ponto exato e que alguma visão má se pôs diante desse pecador de Sancho, fazendo-o ver o que seria impossível perceber-se de outro modo que não fosse por encantamento; bem sei da bondade e inocência deste infeliz, que não sabe levantar falso testemunho contra ninguém.

— Assim é e assim será — disse Dom Fernando — pelo que deve vosmecê, senhor Dom Quixote, perdoar-lhe e reduzi-lo ao grêmio de sua graça,[4] *sicut erat in principio,*[5] antes que as tais visões lhe tirassem o juízo.

Dom Quixote respondeu que lhe perdoava, e o cura foi buscar Sancho, que veio muito humilde e, pondo-se de joelhos, pediu a mão ao amo que lha deu para beijar e lhe deitou a bênção, dizendo:

— Agora acabarás de conhecer, Sancho, meu filho, a verdade do que te tenho dito de outras vezes: que todas as coisas deste castelo são feitas por via de encantamento.

— Assim o creio — disse Sancho — exceto aquilo da manta, que realmente sucedeu por via ordinária.

— Não o creias — respondeu Dom Quixote — pois, se assim fosse, eu te vingaria então, e mesmo agora; mas nem então, nem agora soube em quem me vingar do teu agravo.

Desejaram todos saber que história era aquela da manta, e o vendeiro lhes contou, ponto por ponto, como Sancho servira de foguete — do que não pouco se riram todos e não menos se envergonharia o escudeiro, se de novo não lhe assegurasse o amo que tinha havido encantamento. Nunca, todavia, chegou a loucura de Sancho Pança a tanto que acreditasse não ser verdade pura e averiguada, sem mescla de engano algum, o fato de ter sido manteado por pessoas de carne e osso, e não por fantasmas sonhados e imaginados, como seu amo o cria e afirmava.

Havia já dois dias que toda aquela ilustre companhia estava na venda; e, parecendo-lhes que já era tempo de partir, deram ordem para que, sem ser preciso voltarem Doroteia e Dom Fernando com Dom Quixote para a aldeia, com a tal invenção da liberdade da rainha Micomicona, pudessem levá-lo o cura e o barbeiro, como desejavam, a fim de que pudesse achar na sua terra o remédio para as suas loucuras. E o que imaginaram foi combinarem com um carreiro de bois, que casualmente por ali passou, transportá-lo da seguinte forma: fizeram uma espécie de jaula de paus cruzados, suficientemente ampla para nela caber folgadamente Dom Quixote; em seguida, Dom Fernando e seus camaradas, com os criados de Dom Luís e os quadrilheiros, juntamente com o vendeiro — todos por ordem e parecer do cura — cobriram os rostos e se disfarçaram, uns desta maneira, outros daquela, de modo que Dom Quixote julgasse ser outra gente, diversa da que tinha visto no castelo. Feito isso, com grandíssimo silêncio penetraram onde estava o fidalgo dormindo e descansando das passadas refregas.

Chegaram-se a ele, que dormia livre e alheio a tais sucessos; seguraram-no fortemente, ataram-no muito bem atado de pés e mãos. Assim, quando despertou sobressaltado, não pôde mover-se, nem fazer outra coisa senão admirar-se e surpreender-se de ver diante de si fisionomias tão estranhas. Mas logo atinou com o que a sua contínua e desvairada imaginação representava e julgou serem todas aquelas figuras fantasmas do castelo encantado, e que ele próprio já estava encantado, uma vez que não podia mover-se, nem se defender — tudo tal e qual havia pensado que sucederia o cura, inventor daquele plano.

De todos os presentes, somente Sancho estava em seu juízo e na sua figura; e embora lhe faltasse bem pouco para ter a mesma enfermidade do amo, não deixou de notar quem eram todos aqueles vultos disfarçados. Todavia, não ousou abrir a boca, até ver em que parava aquele assalto e prisão do seu amo, o qual, tampouco, pronunciara palavra, esperando ver o paradeiro da sua desgraça. Trouxeram então para ali a jaula e o encerraram dentro desta, pregando os paus tão fortemente, que não se poderiam arrancar nem a puxões.

Em seguida o carregaram nos ombros, e, ao saírem do aposento, fez-se ouvir uma voz temerosa, tanto quanto a pôde fazer o barbeiro (não o da albarda, mas o outro), que dizia:

— Ó Cavaleiro da Triste Figura! Não te aflija a prisão em que vais, porque é o que mais te convém para acabares depressa com a aventura em que o teu grande esforço te lançou e que só terminará quando o furibundo leão manchado[6] se unir à branca pomba tobosina, depois de humilhadas as altas cervizes ao brando jugo matrimonial. Desse inaudito consórcio sairão à luz do orbe os bravos cachorros, que hão de imitar as rampantes garras do valoroso pai. E isto acontecerá antes que o seguidor da fugitiva ninfa[7] por duas vezes visite as imagens luzentes,[8] com o seu curso rápido e natural. E tu, ó tu, o mais nobre e obediente dos escudeiros que jamais teve espada à cinta, barbas no rosto e olfato nas ventas, não te aflija nem descontente o ver levar assim, diante dos teus próprios olhos, a flor da cavalaria andante: pois, se tal aprouver ao plasmador do mundo, breve te verás tão alto e sublimado, que não hás de conhecer-te, nem sairão defraudadas as promessas que te fez o teu bom senhor! E asseguro-te, da parte da sábia

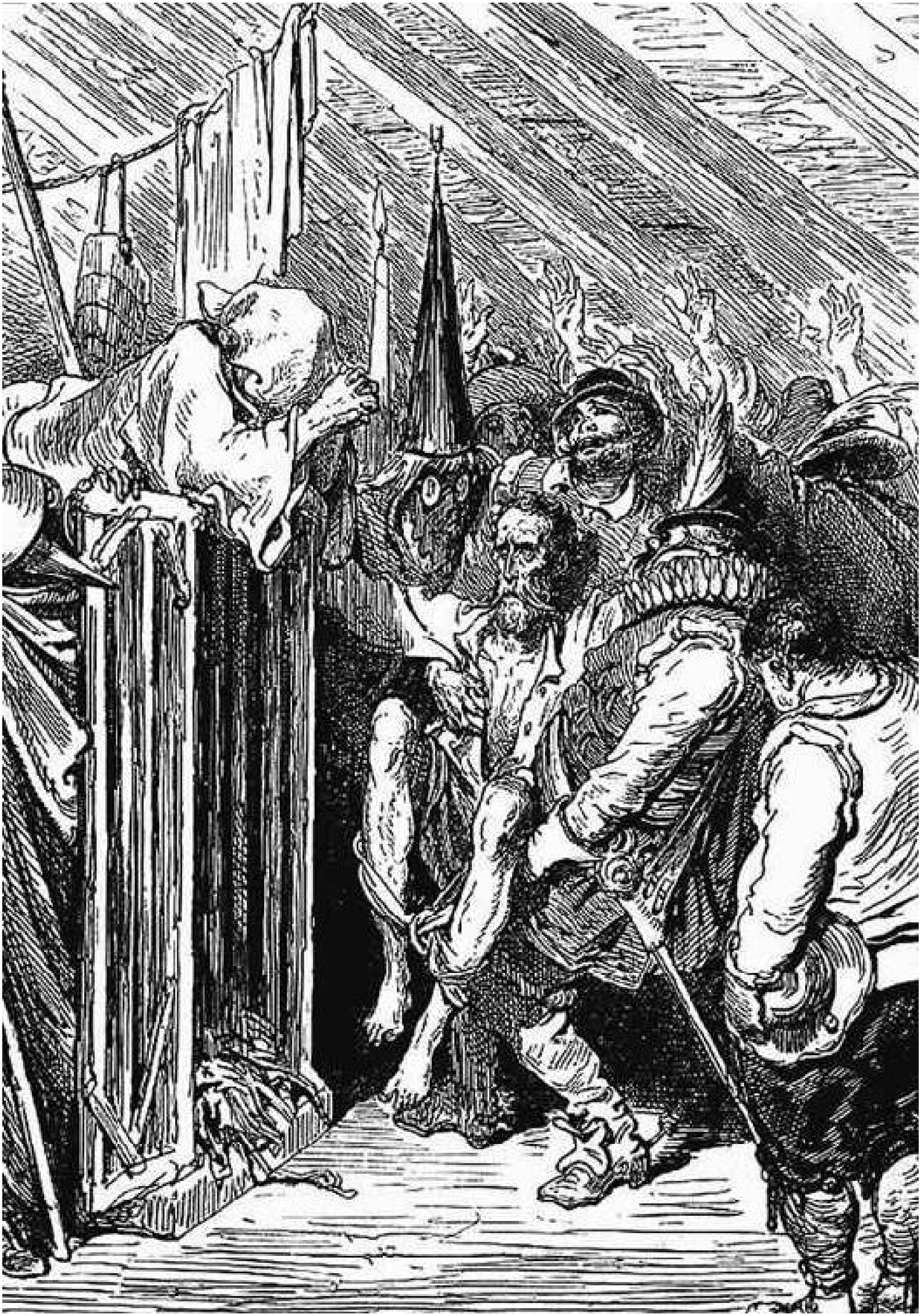
Mentironiana, que o teu salário te será pago, como o verás pelas obras; e segue as pegadas do valoroso e encantado cavaleiro, porque convém ires ao sítio onde ambos haveis de parar; nem me é lícito dizer outra coisa. Ficai com Deus, que eu me vou para onde sei.

Ao acabar a profecia,[9] alçou a voz a tal ponto, e diminuiu-a depois com tão terno acento, que até os sabedores da burla estiveram quase a crer que era verdade o que ouviam.

Com a ouvida profecia consolou-se Dom Quixote, que logo coligiu de todo a significação dela, percebendo que lhe prometiam ver-se unido, em santo e justo matrimônio, à sua querida Dulcineia del Toboso, de cujo ventre feliz sairiam os cachorros, que seriam seus filhos, para perpétua glória da Mancha. Crendo bem e firmemente nisto, ergueu a voz e, dando grande suspiro, exclamou:

— Ó tu, quem quer que sejas, que tanto bem me prognosticaste! Rogo-te que peças da minha parte ao sábio encantador, que tem as minhas coisas a seu cargo, que não me deixe perecer nesta prisão onde agora me levam, até ver cumpridas tão alegres e incomparáveis promessas, como as que aqui se me fizeram; que, sendo assim, terei por glória as penas do meu cárcere e por alívio estas cadeias que me cingem, e não por duro campo de batalha este leito em que me deitam, mas por macia cama e ditoso tálamo. No que toca à consolação de Sancho Pança, meu escudeiro, confio na sua bondade e bom proceder, que não me deixará, em boa ou em má sorte; porque quando não suceda, pela sua ou pela minha má ventura, poder-lhe eu dar a ilha ou outra coisa equivalente, que lhe prometi, pelo menos o seu salário não poderá perder-se, pois, no meu testamento, que já está feito, deixo declarado o que se lhe há de dar, não conforme aos seus muitos e bons serviços, mas às minhas possibilidades.

Inclinou-se-lhe Sancho Pança com muito comedimento e lhe beijou ambas as mãos, não podendo beijar uma só por estarem as duas atadas. E logo os fantasmas tomaram a jaula nos ombros e a meteram no carro de bois.



# CAPÍTULO XLVII

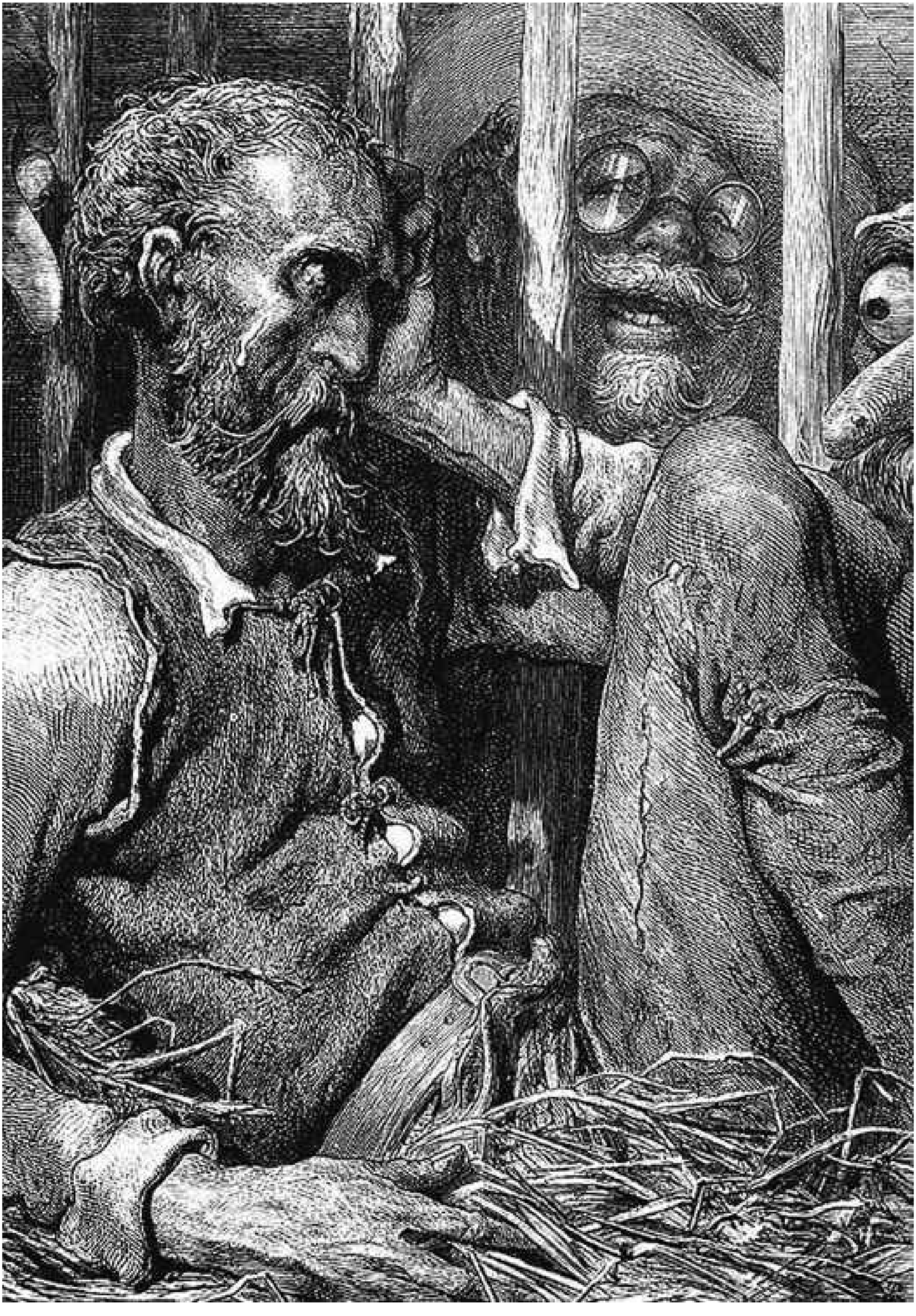
## *Do estranho modo como foi encantado Dom Quixote de la Mancha, com outros famosos sucessos*[1]

Quando se viu Dom Quixote daquela maneira enjaulado e em cima do carro, disse:

— Muitas e gravíssimas histórias tenho lido de cavaleiros andantes; mas nunca li, nem vi, nem ouvi dizer que aos cavaleiros encantados os levem dessa maneira e com a demora que prometem estes preguiçosos e tardos animais. Pois sempre costumam ser levados pelos ares, com estranha ligeireza, encerrados em alguma nuvem parda e escura, ou em algum carro de fogo, ou ainda sobre algum hipogrifo ou besta semelhante; mas que me levem a mim agora num carro de bois, valha-me Deus! Que me põe tão confuso! Talvez a cavalaria e os encantamentos da nossa época devam seguir caminho diverso do que seguiram os antigos. É possível ainda que, assim como sou cavaleiro novo no mundo e o primeiro que ressuscitou o já olvidado exercício da cavalaria aventureira, assim também se inventaram recentemente outros gêneros de encantamentos e outros modos de levar os encantados. Que te parece isto, Sancho, meu filho?

— Não sei bem o que me parece — respondeu Sancho — por não ser tão lido como vosmecê nas escrituras andantes; não obstante, ousaria afirmar e jurar que estas visões, que por aqui andam, não são inteiramente católicas.

— Católicas? Meu pai! — exclamou Dom Quixote. — Como hão de ser católicas, se são todas demônios, que tomaram corpos fantásticos para virem fazer isto e pôr-me neste estado? Se quiseres ver esta verdade, toca-lhes e apalpa-os, e verás que não têm senão corpo de ar e não consistem senão em aparências.



— Por Deus, senhor — replicou Sancho — já lhes toquei; e este diabo, que aqui anda tão solícito, é roliço de carnes e tem outra propriedade muito diferente da que ouvi dizer que têm os demônios. Porque, segundo se diz, todos cheiram a enxofre e a outros maus odores, ao passo que este cheira a âmbar, a meia légua de distância.

Dizia isto Sancho por Dom Fernando, que, como tão fidalgo que era, devia recender ao que Sancho falava.[2]

— Não te admires disso, amigo Sancho — retrucou Dom Quixote —; faço-te ciente de que muito sabem os diabos; e, posto que tragam odores consigo, eles mesmos a nada cheiram, porque são espíritos; e se chegam a ter cheiro, não podem cheirar a coisas boas, senão a más e hediondas. A razão é que, trazendo eles consigo o inferno, onde quer que estejam, não podendo receber nenhuma espécie de alívio para os seus tormentos e sendo o bom cheiro coisa que deleita e contenta, não é possível que cheirem a coisa boa. Se a ti te parece que esse demônio que dizes recende a âmbar, ou tu te enganas, ou ele quer enganar-te, fazendo que não o tomes por demônio.

Todos estes colóquios se passaram entre amo e criado; mas, temendo Dom Fernando e Cardênio que viesse Sancho a descobrir-lhes a invenção, da qual já tinha sentido a pinta, resolveram abreviar tudo com a partida. Chamando à parte o vendeiro, ordenaram-lhe que encilhasse o Rocinante e albardasse o jumento de Sancho, o que foi feito com muita presteza. Já nisto havia o cura ajustado com os quadrilheiros que o acompanhassem até à sua localidade, dando-lhes um tanto por dia. No arção da sela do Rocinante pendurou Cardênio, numa ponta, a adarga, na outra, a bacia; e, por sinais, mandou Sancho subir no asno e tomar as rédeas do Rocinante, pondo nos dois lados do carro os dois quadrilheiros, armados de escopetas. Todavia, antes de mover-se o carro, saíram a vendeira, a filha e Maritornes, que se despediram de Dom Quixote, fingindo que choravam de dor pela sua desgraça. E Dom Quixote lhes disse:

— Não choreis, minhas boas senhoras, pois todas estas desditas são inerentes à minha profissão; se tais calamidades não me acontecessem, não me julgaria eu famoso cavaleiro andante, porque aos cavaleiros de pouco nome e de pouca fama nunca lhes sucedem semelhantes casos, já que no mundo não há quem deles se lembre. Só acontecem tais coisas aos valorosos, que, pela sua virtude e valentia, são invejados por muitos príncipes e muitos outros cavaleiros, que por maus caminhos procuram destruir os bons. Apesar de tudo, é tão poderosa a virtude, que, por si só e a despeito de toda a nigromancia que soube o seu primeiro inventor Zoroastro,[3] sairá vencedora a todo transe e de si dará luz ao mundo como a dá o sol no céu. Perdoai-me, formosas senhoras, se algum desaguisado, por descuido meu, vos fiz, que por vontade e sabendo-o, jamais o fiz a ninguém; rogai a Deus que me tire destas prisões, onde algum mal-intencionado encantador me pôs; e se delas me vejo livre, não me fugirão da memória os favores que neste castelo me fizestes, a fim de agradecer-vos, servir-vos e recompensar-vos como mereceis.

Enquanto isto se passava entre as damas do castelo e Dom Quixote, o cura e o barbeiro se despediram de Dom Fernando e seus camaradas, do capitão e seu irmão e todas aquelas contentes senhoras, especialmente de Doroteia e Lucinda. Abraçaram-se todos, prometendo dar notícias, uns aos outros, dos respectivos sucessos. Dom Fernando disse ao cura para onde havia de escrever-lhe, a fim de lhe avisar do paradeiro de Dom Quixote, pois — assegurou-lhe — nada lhe daria mais gosto que sabê-lo; por sua vez, ficou de participar ao cura tudo aquilo que a este pudesse interessar, não só a respeito do seu casamento, mas também do batismo de Zoraida, do que sucedesse a Dom Luís e do regresso de Lucinda ao lar. Ofereceu-se o cura para cumprir tudo quanto se lhe mandava, com absoluta pontualidade. Tornaram a abraçar-se e outra vez se fizeram mútuos oferecimentos.

Chegou-se o vendeiro ao cura e lhe deu uns papéis, dizendo-lhe que os havia achado no forro da maleta, onde estava a novela do *Curioso Impertinente;* como o dono não havia mais voltado ali, pedia que levasse todos, já que ele, não sabendo ler, não queria guardá-los. O cura agradeceu-lho e, abrindo-os logo, viu que o escrito principiava assim: *Novela de Rinconete e Cortadilho*[4] — por onde entendeu ser alguma novela; e se a do *Curioso Impertinente* havia sido boa, deduziu que também o seria aquela, pois era bem possível que fossem ambas do mesmo autor. Guardou-a, portanto, com a intenção de lê-la quando tivesse tempo.

Montou a cavalo, o mesmo fazendo o seu amigo barbeiro. Ambos vestiram as máscaras, para não serem logo reconhecidos por Dom Quixote, e puseram-se a caminhar atrás do carro. A ordem que levavam era esta: ia primeiro o carro, guiado pelo dono; de ambos os lados deste, iam os quadrilheiros, como já se disse, com suas escopetas; seguia-se-lhes Sancho Pança sobre o asno, conduzindo o Rocinante pela rédea; atrás de tudo, iam o cura e o barbeiro, montados nas suas possantes mulas, com os rostos cobertos, como se disse, aparência grave e repousada, não caminhando mais do que o permitia o tardo passo dos bois.

Dom Quixote, sentado na jaula, de mãos atadas, pés estendidos, encostado às grades, ia tão silencioso e paciente como se não fosse homem de carne, mas estátua de pedra. Com tal vagar e silêncio caminharam cerca de duas léguas, após as quais chegaram a um vale, que ao boiadeiro pareceu ser lugar próprio para repouso e pastagem dos bois; comunicou isto ao cura, e o barbeiro foi de opinião que caminhassem um pouco mais, porque ele sabia que, por trás de uma encosta que ali se mostrava, havia um vale mais verdejante e muito melhor do que aquele onde pretendiam parar. Foi aceito o parecer do barbeiro e, assim, tornaram a prosseguir caminho.

Nisto o cura voltou o rosto e viu que, atrás dele, vinham seis ou sete homens a cavalo, bem postos e ajaezados, que os alcançaram depressa, porque não caminhavam com tanta fleuma e repouso como os bois, mas como quem ia sobre mulas de cônegos e com desejo de chegar rapidamente à venda, que ficava a menos de uma légua dali, para dormir a sesta. Aproximaram-se os diligentes dos preguiçosos e se saudaram cortesmente. Um dos recém-chegados, que, por sinal, era cônego de Toledo e chefe dos demais que o acompanhavam, vendo a bem armada procissão do carro, quadrilheiros, Sancho, Rocinante, cura, barbeiro, e mais Dom Quixote enjaulado e aprisionado, não pôde deixar de perguntar o que significava aquela história de levar-se um homem daquela maneira — embora já tivesse suspeitado, à vista das insígnias dos quadrilheiros, que devia ser algum facínora, salteador ou outro delinquente, cujo castigo tocasse à Santa Irmandade.

Um dos quadrilheiros, a quem foi feita a pergunta, respondeu assim:

— Senhor, só este cavaleiro pode explicar por que vai desta maneira, pois nós não o sabemos.

Ouvindo-o, disse Dom Quixote:

— Porventura serão vosmecês, senhores cavaleiros, versados e peritos em matéria de cavalaria andante? Se o são, poderei revelar-lhes as minhas desgraças; se não, não me cansarei em repeti-las.

A este tempo, já haviam chegado o cura e o barbeiro, que, percebendo o interrogatório feito pelos viajantes a Dom Quixote de la Mancha, quiseram intervir nas respostas, para que o seu artifício não fosse descoberto.

O cônego replicou assim ao que lhe disse Dom Quixote:

— Na verdade, irmão, sei mais de livros de cavalaria que das Súmulas de Villalpando;[5] assim, se for só por isto, podeis seguramente revelar-me o que quiserdes.

— Louvado seja Deus — retrucou Dom Quixote —; pois, se é assim, quero que saibais, senhor cavaleiro, que vou nesta jaula enfeitiçado, por inveja e fraude de maus feiticeiros, porque a virtude é mais perseguida dos maus que amada dos bons. Sou cavaleiro andante, e não daqueles de cujos nomes jamais se lembrou a fama para eternizá-los em sua memória, mas daqueles que, a despeito e apesar da própria inveja e de quantos magos criaram a Pérsia, os brâmanes da Índia, os ginosofistas[6] da Etiópia, há de pôr seu nome no templo da imortalidade, para que sirva de exemplo e herança aos séculos vindouros, onde os cavaleiros andantes verão os passos que hão de seguir, se quiserem chegar ao cume e à honrosa altura das armas.

— Fala a verdade o senhor Dom Quixote de la Mancha — interveio o cura —; ele vai realmente enfeitiçado nesse carro, não por suas culpas e pecados, porém pela má intenção daqueles a quem a virtude enfada e a valentia incomoda. Este, senhor, é o Cavaleiro da Triste Figura, de quem por certo já ouviste falar algures e cujas valorosas façanhas e grandes feitos serão escritos em duro bronze e em mármores eternos, por mais que se canse a inveja em escurecê-los e a malícia em ocultá-los.

Quando o cônego ouviu falar o preso e o livre em semelhante estilo, esteve a pique de persignar-se admirado, pois não podia saber o que lhe havia acontecido; na mesma admiração caíram todos os que com ele vinham.

Nisto Sancho Pança, que se havia acercado a ouvir a conversa, para temperar tudo, comentou:

— Agora, senhores, queiram-me bem ou mal pelo que disser, o caso é que vai tão enfeitiçado o meu senhor Dom Quixote como a minha mãe: está em juízo perfeito, come, bebe, faz suas necessidades como os demais homens e como as fazia ontem, antes de o enjaularem. Sendo assim, como querem dar-me a entender que está enfeitiçado? A muitas pessoas ouvi dizer que os enfeitiçados não comem, nem dormem, nem falam; ao passo que o meu amo, se o deixarem, falará mais que trinta procuradores.

E, voltando a mirar o cura, prosseguiu:

— Ah! Senhor cura, senhor cura! Pensa vosmecê que eu não o conheço e pensará, acaso, que não percebo e adivinho onde quer chegar com estes novos encantamentos? Pois saiba que o conheço, por mais que encubra o rosto; saiba também que o entendo, por mais que dissimule os seus embustes. Enfim, onde reina a inveja não pode viver a virtude; nem a liberalidade, onde há escassez. Mal haja o diabo que, se não fosse Sua Reverência, a esta hora já estaria o meu amo casado com a infanta Micomicona, e eu seria pelo menos conde, já que outra coisa não se poderia esperar da bondade do meu amo, o da Triste Figura, bem como da grandeza dos meus serviços. Já vejo, porém, que é verdade o que por aí se diz: que a roda da fortuna anda mais depressa que uma roda de moinho e que os que ontem se achavam nas culminâncias hoje andam rastejando. Tenho pena dos meus filhos e da minha mulher: pois, quando podiam e deviam esperar ver entrar o pai, portas adentro, feito governador ou vice-rei de alguma ilha ou reino, o verão entrar feito moço de cavalariça. Tudo o que disse, senhor cura, não é senão para encarecer a Vossa Paternidade que é falta de consciência tratar tão mal ao meu amo; olhe bem, que não lhe vá Deus pedir contas, na outra vida, desta prisão do meu amo, e dos bens e socorros que meu senhor Dom Quixote está deixando de prestar, durante o tempo em que se acha preso.

— Ponhamos os pontos nos ii — disse a esta altura o barbeiro —; também vós, Sancho, sois da confraria do vosso amo? Valha-nos Deus, pois estou vendo que lhe haveis de fazer companhia na jaula e que haveis de ficar tão enfeitiçado como ele, no que toca ao seu humor e à sua cavalaria! Em mau momento vos emprenhou ele com suas promessas e em má hora vos entrou na telha essa história da ilha, que tanto desejais.

— Ninguém me emprenhou — respondeu Sancho — nem sou homem que me deixe emprenhar por nenhum rei que fosse; ainda que pobre, sou cristão-velho e não devo nada a ninguém. Se quero ilhas, outros desejam coisas piores; cada um é filho de suas obras, e, sendo homem, posso chegar a ser papa, quanto mais governador de uma ilha! Além disso, pode o meu amo ganhar tantas, que lhe falte a quem dá-las. Olhe vosmecê como fala, senhor barbeiro; nem tudo é fazer barbas, e há que distinguir o joio do trigo. Digo isto porque todos nos conhecemos e a mim não me hão de jogar com dado falso. Nisto do encantamento do meu amo, sabe Deus a verdade; e fiquemos por aqui, pois quanto mais mexer, pior.

Não quis o barbeiro responder a Sancho, para que este não descobrisse, com a sua simplicidade, o que ele e o cura procuravam tanto encobrir. Temendo isso, havia dito o cura ao cônego que caminhassem um pouco adiante, pois lhe diria o mistério do enjaulado, além de outras coisas, que o divertiriam. Assim fez o cônego, e, adiantando-se com seus criados e o cura, ouviu atentamente tudo o que lhe quiseram dizer da condição, vida, loucura e costumes de Dom Quixote. Em breves palavras, foi posto a par do início e causa do desvario do fidalgo e de todos os trâmites dos seus sucessos, até o momento em que foi preso naquela jaula. Soube também da intenção que tinham de levá-lo de volta à sua terra, para ver se assim se achava remédio à sua loucura.

Admiraram-se bastante os criados e o cônego de ouvir a peregrina história de Dom Quixote. E aquele disse, quando acabou de ouvi-la:

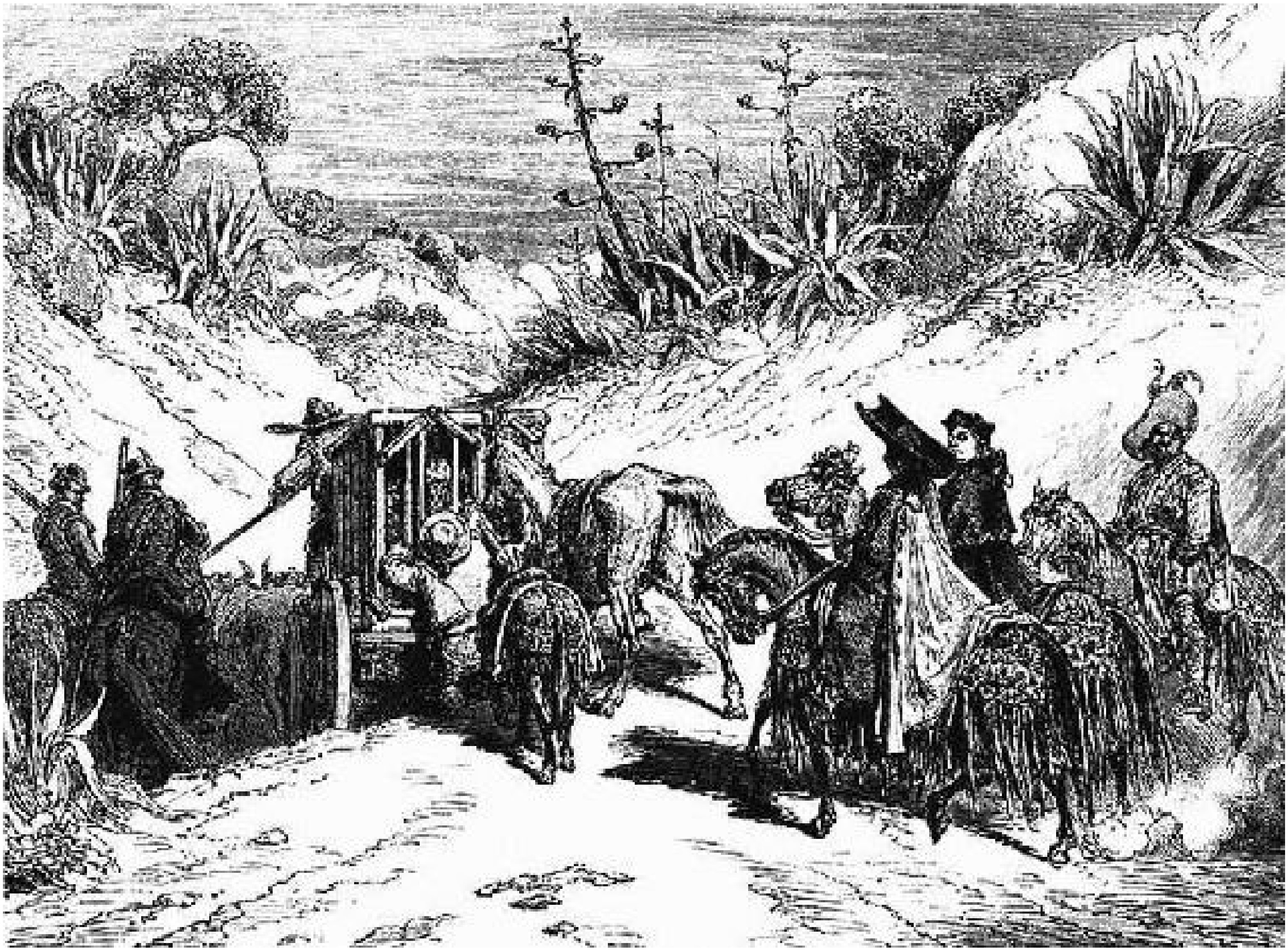
— Verdadeiramente, senhor cura, eu de mim penso que são prejudiciais à república os chamados livros de cavalaria; ainda que haja lido o começo de quase todos os que existem impressos, levado por um ocioso e falso gosto, jamais logrei ler nenhum de cabo a rabo, pois me parece que, uns mais outros menos, todos eles são uma só e mesma coisa, não contendo este mais que aquele, nem aquele mais que aqueloutro. Creio que este gênero de escrita e de composição pertence ao das chamadas fábulas milésias,[7] que são contos disparatados que só visam a deleitar, e não a ensinar — ao contrário do que sucede às fábulas apologais, que deleitam e ensinam juntamente. Posto que o principal intento de semelhantes livros seja o deleitar, não sei como o possam conseguir, já que se enchem de tantos e tão desaforados disparates. O deleite que na alma se concebe há de ser o da formosura e concordância que vê ou contempla nas coisas que a vista ou a imaginação lhe apresentam; e toda coisa que em si contêm fealdade e descompostura não nos pode causar contentamento algum. Pois que formosura pode haver, ou que proporção de partes com o todo e do todo com as partes, em livro ou fábula onde um moço de 16 anos dá cutilada num gigante como uma torre e o divide em duas metades, como se fosse de alfenim?[8] E que, quando nos querem pintar uma batalha, depois de dizerem que há da parte dos inimigos um milhão de combatentes, estando contra eles o senhor do livro, forçosamente e ainda que nos pese, havemos de entender que o tal cavaleiro alcançou a vitória só pelo valor do seu braço forte? E que diremos da facilidade com que uma rainha ou imperatriz herdeira se conduz nos braços de um cavaleiro andante e desconhecido? Que engenho, se não é de todo bárbaro e inculto, poderá contentar-se, lendo que uma grande torre, cheia de cavaleiros, vai pelo mar afora, qual nave com vento próspero, anoitecendo hoje na Lombardia, amanhecendo, ao dia seguinte, nas terras de Preste João das Índias, ou noutras, que nem as descobriu Ptolomeu, nem as viu Marco Polo?[9] E se a isto se me respondesse que os que tais livros compõem os escrevem como coisas de mentira, não estando assim obrigados a atentar em delicadezas, nem em verdades, responder-lhes-ia que tanto a mentira é melhor quanto mais parece verdadeira, e tanto mais agrada quanto mais tem de duvidoso[10] e possível. As fábulas mentirosas têm de casar-se com o entendimento dos que as lerem, escrevendo-se de maneira que facilitem os impossíveis, aplainem as grandezas, surpreendam os ânimos, causando-lhes admiração, suspensão, alvoroço e entretenimento tais, que andem no mesmo passo a admiração e a alegria juntas. E todas estas coisas, não as poderá fazer quem fugir da verossimilhança e da imitação, nas quais consiste a perfeição do que se escreve. Nunca vi livro de cavalaria que faça um corpo de fábula inteiro, com todos os seus membros, de maneira que o meio corresponda ao princípio, e o fim ao princípio e ao meio; geralmente são compostos com tantos membros, que mais parece levarem a intenção de formar uma quimera, ou um monstro, que fazerem figura proporcionada. Fora disto, são duros de estilo, incríveis nas façanhas que narram, lascivos nos amores, desajeitados nas cortesias, prolixos nas batalhas, néscios nas razões, disparatados nas viagens e, finalmente, alheios a todo artifício discreto e, por isto, dignos de serem desterrados da república cristã, como gente inútil.

Escutava-o o cura com grande atenção, parecendo-lhe o outro um homem de bom entendimento, que tinha razão em tudo o que dizia. Comunicou-lhe esta sua impressão, esclarecendo que era da mesma opinião e também tinha ojeriza aos livros de cavalaria, tendo mesmo queimado todos os de Dom Quixote, que eram muitos. E contou-lhe o escrutínio que deles havia feito, os que havia condenado ao fogo e os que tinha deixado com vida — do que não pouco se riu o cônego. Acrescentou que, apesar de tudo o que havia dito de mau a respeito de tais livros, achava nestes uma coisa boa, que era o assunto que forneciam, para que um bom entendimento pudesse mostrar-se neles, já que proporcionavam largo e espaçoso campo, onde, sem nenhum obstáculo, podia correr a pena, descrevendo naufrágios, tormentas, encontros e batalhas, pintando um valoroso capitão com todas as qualidades requeridas para ser tal, isto é, mostrando-se prudente, prevenindo as astúcias dos inimigos, eloquente orador, capaz de persuadir ou dissuadir seus soldados, maduro no conselho, rápido nas resoluções, tão valente no esperar como no acometer; pintando ora um lamentável e trágico sucesso, ora um alegre e inesperado acontecimento; ali, uma formosíssima dama, honesta, discreta e recatada; aqui, um cavaleiro cristão, valente e comedido; acolá, um desaforado e bárbaro fanfarrão; além, um príncipe cortês, valoroso e bem apessoado; representando bondade e lealdade de vassalos, grandezas e mercês de senhores. Ora pode mostrar-se astrólogo, ora cosmógrafo excelente, ora músico, ora inteligente nas matérias de Estado; e talvez chegue a ocasião de se mostrar nigromante, se quiser. Pode revelar as astúcias de Ulisses, a piedade de Eneias, a valentia de Aquiles, as desgraças de Heitor, as traições de Sinon,[11] a amizade de Eurílalo,[12] a liberalidade de Alexandre, o valor de César, a clemência e verdade de Trajano, a fidelidade de Zópiro,[13] a prudência de Catão e, finalmente, todas aquelas ações que podem tornar perfeito um varão ilustre quer juntando-as num só, quer dividindo-as por muitos. E sendo isto feito com estilo aprazível e engenhosa inventividade, aproximando-se esta o mais que for possível da verdade, comporá, sem dúvida, uma tela, tecida com vários e formosos fios, a qual, depois de acabada, há de mostrar tal perfeição e tal formosura, que conseguirá o melhor fim que se pretende alcançar nos escritos, isto é: ensinar e deleitar ao mesmo tempo, como já disse. Porque a solta contextura desses livros dá lugar a que possa o autor mostrar-se épico, lírico, trágico, cômico, com todas aquelas partes que encerram em si as dulcíssimas e agradáveis ciências da poesia e da oratória (que a epopeia também se pode escrever em prosa, como em verso).

# CAPÍTULO XLVIII

## *Onde prossegue o cônego no assunto dos livros de cavalaria, com outras coisas dignas do seu engenho*

— Assim é como vosmecê diz, senhor cônego — observou o cura —; e por esse motivo são mais dignos de repreensão os que até aqui compuseram semelhantes livros, sem atentar em nenhum bom discurso, nem na arte e nas regras por onde poderiam guiar-se e fazer-se famosos em prosa, como o são em verso os dois príncipes da poesia greco-latina.



— Eu, pelo menos — replicou o cônego —, tive alguma tentação de escrever um livro de cavalaria, observando todos os pontos que assinalei; e se hei de confessar a verdade, já escrevi mais de cem folhas. Para experimentar se correspondiam à minha estima, confiei-as a homens apaixonados por essas lendas, doutos e discretos, e também a outros ignorantes, que só gostam de ouvir disparates; e de todos obtive agradável aprovação. Mas, apesar de tudo, não prossegui adiante, não só por me parecer que faço coisa alheia à minha profissão, mas também por ver que é maior o número dos simples que o dos prudentes. Se é melhor ser louvado dos poucos sábios que burlado pelos muitos néscios, nem por isso me quero sujeitar ao juízo confuso do vulgo desvanecido, que é geralmente quem mais lê semelhantes livros. Todavia, o que mais me tirou das mãos e do pensamento a intenção de acabá-lo foi um argumento, que fiz comigo mesmo, extraído das comédias que hoje se representam, e que reza assim: "Se as que agora se usam, tanto as imaginadas como as da história, todas, ou a maioria, são conhecidos disparates e coisas que não têm pés nem cabeça, a despeito de tudo o vulgo as ouve com gosto, as julga e aprova por boas, embora estejam muito longe de sê-lo; e os autores que as compõem, bem como os atores que as representam, dizem que assim hão de ser, porque assim as quer o vulgo, e não de outra maneira; que as que levam traça e seguem a fábula como o pede a arte, não servem senão para quatro discretos que as entendem, e todos os demais ficam em jejum, sem perceberem o artifício. É melhor ganhar pão com muitos que fama com poucos. Acontecerá o mesmo ao meu livro, depois de eu ter queimado as pestanas em guardar os referidos preceitos, e virei a ser como o alfaiate da esquina".[1] Embora algumas vezes eu tenha procurado persuadir aos atores que se enganam em seguir a opinião que seguem, e que mais gente atrairão e mais fama ganharão representando comédias que sejam obras de arte, em vez de peças disparatadas, de tal modo estão eles aferrados ao seu parecer, que não há razão, nem evidência, que os demova. Lembro-me de que um dia disse a um desses pertinazes: "Dizei-me: não vos recordais de que, há poucos anos, se representaram na Espanha três tragédias, compostas por um famoso poeta destes reinos, e que causaram admiração, surpresa e alegria a todos os que assistiram a elas, tanto aos simples como aos prudentes, ao vulgo e aos escolhidos, dando, elas sós, mais dinheiro aos representantes que trinta das melhores que depois se fizeram?" "Sem dúvida", respondeu o autor que digo, "vosmecê se refere a *A Isabela, A Fílis e A Alexandra*"[2] "A essas mesmas", disse eu; "e vede se não guardavam bem os preceitos da arte e se, por guardá-los, deixaram acaso de parecer o que eram e de agradar a todo o mundo. Assim, a culpa não é do vulgo, que esteja a pedir disparates; é daqueles que não sabem representar outra coisa. Pois não foi disparate *A Ingratidão Vingada,* nem *A Numância,* nem o *Mercador Amante,* nem *A Inimiga Favorável,*[3] nem o foram outras, compostas por alguns entendidos poetas, para fama ou renome seu e para lucro dos que as representaram." Outras coisas juntei a estas, com as quais parece-me que o deixei algum tanto confuso, mas não satisfeito, nem convencido, a ponto de sair do seu errôneo ponto de vista.

— Tocou vosmecê num assunto, senhor cônego — disse o cura — que em mim despertou um antigo rancor que nutro contra as comédias em voga — rancor igual ao que tenho contra os livros de cavalaria; porque, devendo ser a comédia, segundo parece a Túlio,[4] espelho da vida humana, exemplo dos costumes e imagem da verdade, as que hoje se representam são espelhos de disparates, exemplos de tolices e imagens de lascívia. Pois, que maior disparate pode haver, no assunto de que tratamos, que sair um menino de fraldas na primeira cena do primeiro ato e aparecer na segunda já feito homem barbado? Que maior desatino que pintar-se um velho valente e um moço covarde, um lacaio retórico, um pajem conselheiro, um rei mendigo e uma princesa feita criada de servir? Que direi então da observância que guardam nos tempos em que podem, ou podiam suceder as ações representadas? Já vi comédias em que a primeira jornada começou na Europa, a segunda na Ásia, a terceira acabou na África, e assim, se tivesse havido quatro jornadas, a quarta acabaria na América, tendo-se percorrido, dessa maneira, as quatro partes do mundo.[5] E se a imitação é a principal coisa que há de ter a comédia, como é possível que satisfaça a qualquer mediano entendimento que se simule uma ação passada no tempo do rei Pepino e de Carlos Magno, e, ao mesmo tempo, se apresente como personagem principal o imperador Heráclito, que entrou com a cruz em Jerusalém, e o que ganhou a Casa Santa, como Godofredo de Bulhão — havendo, como há, infinitos anos entre um e outro? E que se funde a comédia sobre coisa fictícia, ao mesmo tempo que se lhe atribuem verdades históricas, misturando-se pedaços de outras coisas, sucedidas a diferentes pessoas e em diversas épocas — e isto não com meios verossímeis, mas com erros patentes e absolutamente indesculpáveis? O pior é que existem ignorantes, que dizem ser isto a perfeição e que o resto é buscar guloseimas. E que direi das comédias divinas? Quantos falsos milagres se fingem nelas, quantas coisas apócrifas e mal-entendidas! E quantas vezes se atribuem a um santo milagres de outro! Mesmo nas comédias humanas se atrevem a praticar milagres, sem outro respeito ou consideração que parecer-lhes que ali fica bem tal milagre e tramoia[6] como a chamam, para que a gente ignorante se admire e venha assistir à comédia. E tudo isto em prejuízo da verdade, em menoscabo das histórias e em opróbrio dos engenhos espanhóis; porque os estrangeiros, que, com muita pontualidade, guardam as leis da comédia, nos julgam ignorantes e bárbaros, vendo os absurdos e disparates que fazemos. Não seria suficiente desculpa para isso dizer-se que o principal intento das repúblicas bem ordenadas, quando permitem que se façam comédias públicas, é entreter a comunidade com alguma recreação honesta e diverti-la, às vezes, dos maus humores que sói gerar a ociosidade; pois, se isto se consegue com qualquer comédia, boa ou má, não haveria por que fazer leis, nem obrigar os que as compõem e representam a que procedam como devem, já que, como disse, qualquer uma serve aos fins que se têm em vista. Ao que eu responderia que tais fins se alcançariam, sem comparação alguma, muito melhor com as boas comédias que com as que não o são; porque de ter ouvido a comédia artificiosa e bem ordenada sairia o ouvinte alegre com as burlas, instruído com as verdades, admirado dos sucessos, discreto com as razões, advertido com os embustes, sagaz com os exemplos, irado contra o vício e enamorado da virtude. Tais os efeitos que há de despertar a boa comédia, no ânimo do que a escutar, por rústico e torpe que seja; e de toda impossibilidade é impossível[7] que deixe de alegrar e de entreter, de satisfazer e de contentar muito mais a comédia que contiver todas estas partes de que aquela que delas carecer, como, na sua maioria, carecem estas, que de ordinário se representam agora. Não são culpados disto os poetas que as compõem, porque alguns há, dentre eles, que conhecem muito bem que estão errados e sabem extremadamente o que devem fazer; mas, como as comédias se tornaram mercadoria vendável, dizem eles, e dizem verdade, que os representantes não as comprariam, se não fossem daquele jaez. Assim, procura acomodar-se o poeta com o que lhe pede o representante, que há de pagar pela sua obra. Que isto é verdade, veja-se pelas muitas e infinitas comédias que compôs um felicíssimo engenho destes reinos, com tanta gala, com tanto donaire, com tão elegante verso, com tão boas razões, com tão graves sentenças e, finalmente, tão cheias de eloquência e elevação de estilo, que sua fama correu mundo;[8] mas, por se terem de acomodar ao gosto dos representantes e intérpretes, nem todas chegaram, como chegaram algumas, ao ponto de perfeição que requerem. Outros as compõem sem olhar o que fazem; e, depois de representadas, têm necessidade os comediantes de fugir e de ausentar-se, temerosos de ser castigados, como o foram muitas vezes, por terem representado coisas prejudiciais a alguns reis e difamatórias de algumas linhagens. Todos estes inconvenientes cessariam, e ainda outros muitos que não menciono, se houvesse na corte uma pessoa inteligente e discreta, que examinasse todas as comédias, antes de serem representadas: não só aquelas que se fizessem na corte, mas todas as que se quisessem representar na Espanha; de maneira que, sem a aprovação, selo e firma dessa pessoa, nenhuma justiça local permitisse a representação de qualquer comédia. Assim, os comediantes teriam o cuidado de enviar as comédias à corte e poderiam representá-las com segurança; por sua vez, os autores poriam mais cuidado e estudo no que faziam, temerosos de terem que passar suas obras pelo exame rigoroso de um bom entendedor. Desta forma se fariam boas comédias e se alcançaria felicissimamente o que nelas se pretende: a diversão do povo, a aprovação dos engenhos da Espanha, o interesse e a segurança dos comediantes, bem como a despreocupação de castigá-los. E se a outrem, ou a esse mesmo, se cometesse o encargo de examinar os livros de cavalaria que daqui por diante fossem compostos, sem dúvida poderiam sair alguns com a perfeição que vosmecê disse, enriquecendo a nossa língua com o agradável e precioso tesouro da eloquência, dando ocasião a que se obscurecessem os livros velhos à luz dos novos, que saíssem para honesto passatempo, não somente dos ociosos, mas também dos mais ocupados; pois não é possível que esteja continuamente o arco retesado,[9] nem se podem sustentar a condição e a fraqueza humanas sem algum lícito recreio.

A este ponto do colóquio chegavam o cônego e o cura, quando se adiantou o barbeiro, e voltando-se para o cura observou:

— Eis-nos chegados, senhor licenciado, ao lugar que eu disse que era bom para dormirmos a sesta e soltarmos os bois em fresco e abundante pasto.

— Assim me parece — respondeu o cura.

E, dizendo ao cônego o que tencionava fazer, também este quis ficar com eles, atraído pelo aspecto de um formoso vale, que se lhes oferecia à vista. Tanto para gozar deste como da palestra do cura, por quem já sentia simpatia, e também para saber mais amiúde as façanhas de

Dom Quixote, enviou o cônego alguns criados à venda, que não distava muito dali, a fim de que trouxessem algo de comer para todos. Manifestou o desejo de fazer a sesta ali, naquela tarde. Um dos criados respondeu que a azêmola do repasto, que já devia estar na venda, trazia provisões bastantes para não ser preciso buscar na venda senão cevada.

— Está muito bem — disse o cônego —; levem para lá todas as cavalgaduras e tragam a azêmola.

Enquanto isto se passava, vendo Sancho que podia falar ao amo sem a contínua assistência do barbeiro e do cura, que julgava suspeitos, aproximou-se da jaula de Dom Quixote e lhe disse:

— Senhor, para descargo da minha consciência, quero dizer-lhe o que há, a respeito do seu encantamento. Estes dois, que aqui vêm de rosto mascarado, são o cura da nossa aldeia e o barbeiro; creio que resolveram levá-lo desta maneira, de pura inveja que têm dos famosos feitos de vosmecê. Aceita esta verdade, segue-se que vosmecê não está enfeitiçado, senão que iludido e tonto. Para prová-lo, quero perguntar-lhe uma coisa; e se me responde, como creio que me há de responder, tocará com a mão neste engano e verá que não está enfeitiçado, mas tão-somente transtornado do juízo.

— Pergunta o que quiseres, Sancho, meu filho — respondeu Dom Quixote —; eu te satisfarei e responderei como desejas. Quanto a dizeres que aqueles dois que ali vão e que vieram conosco são o cura e o barbeiro, nossos compatriotas e conhecidos, bem poderá ser que pareçam eles mesmos; mas que o sejam real e efetivamente, não o creias tu, de maneira nenhuma. O que hás de crer e entender é que, se com eles se parecem, como dizes, deve ser porque me enfeitiçaram e tomaram essa aparência e semelhança, já que é fácil aos feiticeiros tomar a figura que se lhes antolha, e terão tomado as destes nossos amigos para te darem a ti ocasião de que penses o que pensas e pôr-te num labirinto de fantasias, de onde não consigas sair, ainda que tivesses o novelo de Teseu; também o terão feito para que eu vacile no meu entendimento e não saiba atinar de onde me vem este dano. Porque se, de um lado, tu me dizes que me acompanham o barbeiro e o cura da nossa aldeia, de outro, me vejo enjaulado e sei de mim que forças humanas, que não fossem sobrenaturais, não seriam bastantes para prender-me; e que queres tu que eu diga e pense, senão que o aspecto deste meu encantamento excede a quantos tenho lido, em todas as histórias que tratam de cavaleiros andantes que foram enfeitiçados? Fica, pois, tranquilo e tira da tua cabeça que os nossos acompanhantes sejam os que dizes; porque tanto são eles como eu sou turco. No tocante a me quereres perguntar alguma coisa, fala, que eu te responderei, ainda que me interrogues até amanhã de manhã.

— Valha-me Nossa Senhora! — replicou Sancho, em voz alta —; é possível que seja vosmecê tão duro de cérebro e tão falto de miolo, que não veja que é pura verdade o que lhe digo e que, nesta sua prisão e desgraça, entra mais a malícia que o encantamento? Pois hei de lhe provar, com toda evidência, que não está encantado; senão diga-me, assim Deus o livre desta tormenta e assim se veja nos braços da minha senhora Dulcineia, quando menos pensar...

— Acaba de esconjurar-me — interrompeu Dom Quixote — e pergunta o que quiseres, pois já te disse que responderei com toda a pontualidade.

— Isto peço — tornou Sancho —; e o quero é que vosmecê me responda sem ajuntar nem tirar coisa alguma, mas com toda a veracidade, como se espera que respondam todos aqueles que professam as armas, como as professa vosmecê, sob o título de cavaleiros andantes...

— Digo que não mentirei em coisa alguma — respondeu Dom Quixote —; acaba já de perguntar, que, na verdade, me cansas, com tantas ressalvas, pregações e prevenções, Sancho.

— Digo eu que estou seguro da bondade e veracidade do meu amo; pergunto, pois, falando com o devido acatamento — que muito vem ao caso na nossa narrativa — se por acaso, depois que vosmecê está enjaulado e, na sua opinião, enfeitiçado nesta jaula, lhe veio desejo ou vontade de verter água maiores ou menores como se costuma dizer.

— Sei lá o que é isso de *verter águas,* Sancho! Fala mais claro, se queres que te responda direito.

— Será possível que vosmecê não saiba o que é *verter águas maiores ou menores*? Pois na escola se desmamam os rapazes com isto. Entenda o que lhe quero perguntar: se lhe veio algum desejo de fazer o que não se pode reprimir.

— Sim, sim, já te compreendo, Sancho; tenho tido esse desejo muitas vezes, e o estou tendo agora de novo. Tira-me deste perigo, que já me borro todo.

# CAPÍTULO XLIX

## *Onde se trata do discreto colóquio de Sancho Pança com o seu amo Dom Quixote*

— Ah! — exclamou Sancho —; apanhei-o! Era isso o que eu desejava saber, como desejo salvar a alma e a vida. Venha cá, senhor: poderia vosmecê negar o que comumente se diz por aí, quando uma pessoa está de má disposição: “Não sei o que tem Fulano, que nem come, nem bebe, nem dorme, nem responde direito ao que se lhe pergunta, que até parece estar enfeitiçado?” Donde se conclui que os que não comem, nem bebem, nem dormem, nem fazem as obras naturais que digo, estes estão encantados; mas não aqueles que têm o desejo que vosmecê tem, que bebem o que se lhes dá, e comem quanto têm, e respondem a tudo o que se lhes pergunta.

— É verdade, Sancho — respondeu Dom Quixote —; já te disse, porém, que há muitas formas de encantamento, e poderia ser que, com o tempo, se tivessem umas transformado noutras e que agora seja costume fazerem os encantados tudo o que eu faço, embora antes não o fizessem. De maneira que contra o uso dos tempos não há que arguir, nem dele tirar consequências. Sei e tenho para mim que estou encantado, e isto me basta para a certeza da minha consciência, que ficaria com grandíssima carga se eu pensasse não estar encantado e me deixasse ficar nesta jaula preguiçoso e covarde, defraudando o amparo que poderia dar a muitos necessitados, que a estas horas devem precisar bastante da minha ajuda e socorro.

— Pois, com tudo isso — replicou Sancho — digo que, para maior abundância e satisfação, seria bom que vosmecê experimentasse sair desse cárcere, que eu me obrigo a facilitar-lho com todo o meu poder, e até mesmo tirá-lo daí; em seguida, experimente vosmecê montar no seu bom Rocinante, que também parece estar enfeitiçado, tal a sua tristeza e melancolia. Feito isso, experimentamos de novo a sorte de buscar aventuras; se formos malsucedidos, teremos tempo de voltar à jaula, onde, segundo a lei de bom e leal escudeiro, prometo encerrar-me juntamente com vosmecê, se acaso for vosmecê tão infeliz e eu tão simplório, que não acertemos sair conforme acabo de dizer.

— Com prazer farei o que me dizes, irmão Sancho — observou Dom Quixote —; e quando vejas oportunidade de me pôr em liberdade, eu te obedecerei em tudo e por tudo; tu, porém, Sancho, verás que te enganas, no juízo que formas da minha desgraça.

Nessa troca de palavras se entretiveram o cavaleiro andante e o mal-andante escudeiro, até que chegaram aonde, já apeados, os aguardavam o cura, o cônego e o barbeiro. Logo o carreiro tirou os bois do carro e os deixou andar à vontade por aquele sítio aprazível e verdejante, cuja frescura era convidativa, não para pessoas tão enfeitiçadas como Dom Quixote, mas para as tão advertidas e discretas como era o seu escudeiro. Rogou este ao cura que permitisse ao seu amo sair por um instante da jaula, porque, se o não deixassem sair, não ficaria a prisão tão limpa como a requeria a decência de um cavaleiro da qualidade de Dom Quixote.

Entendeu-o o cura e lhe disse que, de muita boa vontade, faria o que se lhe pedia, se não temesse que, vendo-se o fidalgo em liberdade, começasse a fazer das suas e fugisse para onde ninguém mais o alcançasse.

— Quanto a fugir, respondo por ele — disse Sancho.

— E eu também — acudiu o cônego —; ainda mais se ele me der a palavra de cavaleiro de que não se afastará de nós, enquanto não lho permitirmos.

— Dou-a — replicou Dom Quixote, que tudo escutava —; tanto mais quanto o que está encantado, como eu, não tem liberdade para fazer de sua pessoa o que quiser, porque o seu feiticeiro pode fazer que ele não se mova do lugar durante três séculos. E se fugir, o fará volver suspenso no ar.

Acrescentou que, sendo assim, bem poderiam soltá-lo, o que seria proveitoso para todos; pois, se o não soltassem, não poderia deixar de fatigá-los o cheiro que sentiriam, se dali não se desviassem.

Tomou-lhe as mãos o cônego, a despeito de estarem amarradas; e o soltaram da jaula debaixo de palavra, alegrando-se ele imensamente por se ver fora dela. A primeira coisa que fez foi estirar todo o corpo, correr para junto do Rocinante e dar-lhe duas palmadas nas ancas, dizendo-lhe:

— Ainda espero em Deus e na sua bendita Mãe, flor e espelho dos cavalos, que breve nos havemos de ver os dois como desejamos: tu, com o teu senhor às costas, e eu em cima de ti, exercitando o ofício para o qual me enviou Deus ao mundo.

E, dizendo isto, apartou-se Dom Quixote com Sancho para lugar distante, de onde veio mais aliviado e mais desejoso de pôr em execução o que lhe ordenasse o escudeiro.

Mirava-o o cônego, admirando-se de ver a estranheza da sua grande loucura e de que, enquanto falava e respondia, mostrava ter boníssimo entendimento; só vinha a perder as estribeiras, conforme antes se disse quando se tratava de cavalaria. Assim, movido pela compaixão, depois de se terem sentado todos na verde relva, à espera da refeição do cônego, disse-lhe este:

— É possível, senhor fidalgo, que haja podido tanto com vosmecê a ociosa e amarga leitura dos livros de cavalaria, que lhe tenha transtornado o juízo a ponto de crer que está encantado, com outras coisas desse jaez, tão distantes da verdade como o está a própria mentira? E como é possível que uma inteligência humana admita ter havido no mundo aquela infinidade de Amadises e aquela turbamulta de tantos famosos cavaleiros, de tantos imperadores de Trapisonda, de tantos Felixmarte de Hircânia, de tantos palafréns, de tantas donzelas andantes, tantas serpes, tantos dragões, tantos gigantes, tantas aventuras inauditas, tantos gêneros de encantamento, tantas batalhas, tantos desaforados encontros, tanta bizarria de trajos, tantas princesas enamoradas, tantos escudeiros condes, tantos anões graciosos, tanto bilhete, tanto requebro, tantas mulheres valentes e, finalmente, tantos e tão disparatados casos, como se narram nos livros de cavalaria? De mim só sei dizer que, quando os leio, sinto algum prazer, enquanto não me ponho a imaginar que todos são mentiras e leviandades; mas, logo que me dou conta disso, atiro à parede o melhor deles e até o jogaria no fogo, se fogo houvesse presente ou nas proximidades, julgando-os merecedores dessa penalidade por serem falsos e embusteiros alheios ao trato comum da natureza humana, inventores de novas seitas e de novo modo de vida, e causadores do que o vulgo ignorante venha a crer e a ter por verdadeiras tantas tolices, como as que eles contêm. Seu atrevimento é tanto, que até ousam perturbar a inteligência dos fidalgos discretos e bem-nascidos, como se evidencia pelo que fizeram a vosmecê, levando-o ao extremo de ter que ficar preso naquela jaula, conduzido num carro de bois, como quem traz ou leva algum leão, ou algum tigre, de um lugar para outro, com o fito de ganhar dinheiro com a sua exibição. Eia! Senhor Dom Quixote! Doa-se de si mesmo, volte ao grêmio da discrição e saiba usar da muita que foi servido de dar-lhe o céu, empregando o felicíssimo talento do seu engenho noutra leitura, que redunde em proveito da sua consciência e aumento da sua honra. Se, porém, impelido pela sua natural inclinação, quiser ler livros de façanhas e de cavalaria, leia, nas Santas Escrituras, o Livro dos Juízes, que ali achara verdades grandiosas e feitos tão verdadeiros como valentes. Teve a Lusitânia um Viriato, Roma um César, Cartago um Aníbal, Grécia um Alexandre, Castela um conde Fernão González, Valência um Cid, Andaluzia um Gonçalo Fernandes, Estremadura um Diogo Garcia de Paredes, Xerez um Garcia Pérez de Vargas, Toledo um Garcilaso,[1] Sevilha um Dom Manuel de Leão. A lição dos valorosos feitos desses homens pode entreter, ensinar, deleitar e agradar às mais altas inteligências que os lerem. Esta sim, será leitura digna do bom entendimento de vosmecê, meu senhor Dom Quixote: dela sairá erudito na história, enamorado da virtude, perito em bondade, melhorado em costumes, valente sem temeridade, ousado sem covardia; e tudo isto para honra de Deus, proveito seu e fama da Mancha, donde, segundo soube, tira vosmecê o seu princípio e origem.

Escutava Dom Quixote atentissimamente as razões do cônego; quando notou que havia terminado, disse-lhe, depois de mirá-lo bastante tempo em silêncio:

— Parece-me, senhor fidalgo, que as palavras de vosmecê pretenderam dar-me a entender que não houve no mundo cavaleiros andantes e que todos os livros de cavalaria são falsos, mentirosos, prejudiciais e inúteis para a república; e que eu fiz mal em lê-los, pior em crê-los e pessimamente em imitá-los, entregando-me à duríssima profissão de cavaleiro andante, que eles ensinam; por fim, nega vosmecê que tenha havido no mundo Amadises, nem de Gaula, nem da

Grécia, e todos os outros cavaleiros, de que estão cheios os livros.

— Exatamente como vosmecê o está relatando — ponderou o cônego.

Dom Quixote ajuntou:

— Também disse vosmecê que esses livros me tinham causado muito dano, pois me haviam transtornado o juízo e encerrado numa jaula, e que melhor seria emendar-me eu a tempo e mudar de leitura, lendo outros mais verdadeiros e que melhor deleitam e instruem.

— Isso mesmo — disse o cônego.

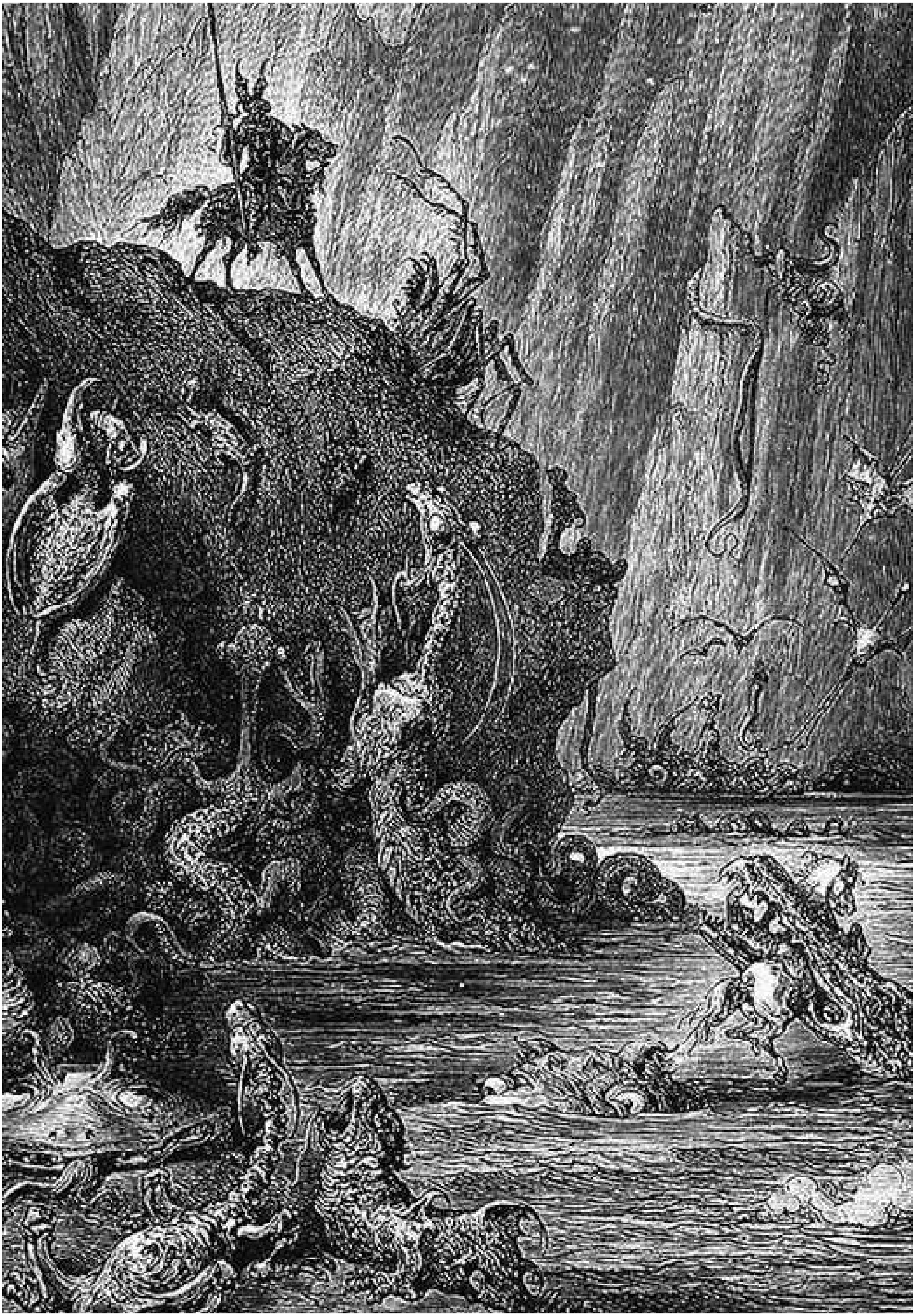
— Pois eu — replicou Dom Quixote — afirmo, por minha conta, que quem está encantado e sem juízo é vosmecê, que se pôs a proferir tantas blasfêmias contra uma coisa tão aceita no mundo inteiro e tida por tão verdadeira, que o que a negasse, como vosmecê a nega, merecia a mesma pena que vosmecê diz que dá aos livros cuja leitura o enfada. Pois querer dizer que no mundo nunca existiu Amadis, nem os outros cavaleiros andantes de que estão repletas as histórias, será querer persuadir a alguém que o sol não alumia, nem o gelo esfria, nem a terra nos sustenta. Que engenho pode haver no mundo, capaz de persuadir a outrem não ser verdade o caso da infanta Floripes com Gui de Borgonha, o de Ferrabrás com a ponte de Mantible, que sucedeu no tempo de Carlos Magno?[2] Aposto ser tudo isso tão verdadeiro como agora ser dia! Se for mentira, também o deve ser a existência de Heitor e de Aquiles, a guerra de Troia, os Doze Pares de França, o rei Artur da Inglaterra, que até hoje anda convertido em corvo, enquanto os do seu reino o esperam a cada momento. Também se atreveriam a dizer que é mentirosa a história de Guarino Mesquinho[3] e da Demanda do Santo Graal, e que são apócrifos os amores de Dom Tristão e da rainha Isolda, como o são os de Ginebra e Lançarote, havendo pessoas que quase se recordam de ter visto a Dona Quintanhona, que foi a melhor copeira de vinhos que houve na Grã-Bretanha. Tanto isto é assim, que me recordo do que me dizia a minha avó paterna, quando via alguma dona com reverendas toucas: "Aquela, meu neto, parece a Dona Quintanhona"; donde concluo que ela a deve ter conhecido, ou, pelo menos, deve ter visto algum retrato daquela senhora. Quem poderá negar a veracidade da história de Pierres e da linda Magalona, se até hoje se vê, nas armas dos reis, a manivela com que se voltava o cavalo de madeira, sobre o qual voava pelos ares o valente Pierres — manivela que é um pouco maior que uma lança de carreta? Junto à manivela está o selim de Babieca, e em Roncesvalles está a trompa de Roldão, do tamanho de uma grande viga — de onde se infere que houve Doze Pares, que houve Pierres, que houve Cids e outros cavaleiros semelhantes, destes que diz o vulgo que andam em busca de aventuras. Se não, digam-me também que não é verdade que foi cavaleiro andante o valente lusitano João de Merlo,[4] que foi à Borgonha e combateu na cidade de Arras com o famoso senhor de Charny, chamado *mossém* Pedro, e depois na cidade de Basileia, com o *mossém* Henrique de Remestão, saindo vencedor de ambas as empresas e cheio de honrosa fama; e também as aventuras e desafios concluídos em Borgonha pelos valentes espanhóis Pedro Barba e Gutierre Quijada (de cuja estirpe descendo por linha reta de varões),[5] vencendo aos filhos do conde de Saint-Pol. Neguem-me, igualmente, que não foi buscar aventuras na Alemanha Dom Fernando de Guevara, que ali combateu com *micer* Jorge, cavaleiro da casa do duque da Áustria. Digam que foram burlas as justas de Sueiro de Quinhones, o do Passo; as empresas do *mossém* Luís de Falces contra Dom Gonçalo de Guamão, cavaleiro castelhano, com outras muitas façanhas feitas por cavaleiros cristãos, destes reinos e dos reinos estrangeiros, tão autênticas e verdadeiras,[6] que torno a dizer que quem as negasse careceria de toda razão e lógica.

Admirado ficou o cônego de ouvir a mistura de verdades e mentiras que fazia Dom Quixote e de ver a notícia que tinha de todas aquelas coisas, relativas e concernentes aos feitos da cavalaria andante. Assim, respondeu-lhe:

— Não posso negar, senhor Dom Quixote, que não seja verdade algo do que vosmecê disse, especialmente no que toca aos cavaleiros andantes espanhóis; também concedo que tenham existido os Doze Pares de França. Mas não creio que fizessem todas as coisas que lhes atribuiu o arcebispo Turpin; na verdade, foram cavaleiros escolhidos pelos reis de França, a quem chamaram Pares por serem todos iguais em valor, qualidade e valentia; e se não o eram, pelo menos era de crer que o fossem; constituíam mesmo uma religião, dessas que agora se usam de Santiago ou de Calatrava, pressupondo-se que os que a professam hão de ser, ou devem ser cavaleiros valorosos, valentes e bem-nascidos. Como hoje se diz cavaleiro de São João ou de Alcântara, naquele tempo diziam cavaleiro dos Doze Pares, porque foram 12 iguais os que para esta religião militar se escolheram. Que existiu Cid, não há dúvida, assim como houve Bernardo del Carpio; o duvidoso é que tivessem praticado as façanhas que deles se contam. Quanto à manivela do conde Pierres, que está junto ao selim de Babieca nas armas dos reis, confesso o meu pecado: sou tão ignorante e tão curto de vista, que, tendo reparado no selim, não dei pela manivela, apesar de ser tão grande como diz vosmecê.

— Pois lá está, sem dúvida alguma — replicou Dom Quixote —; e por sinal que dizem que está protegida por uma capa de vaqueta, para não enferrujar.

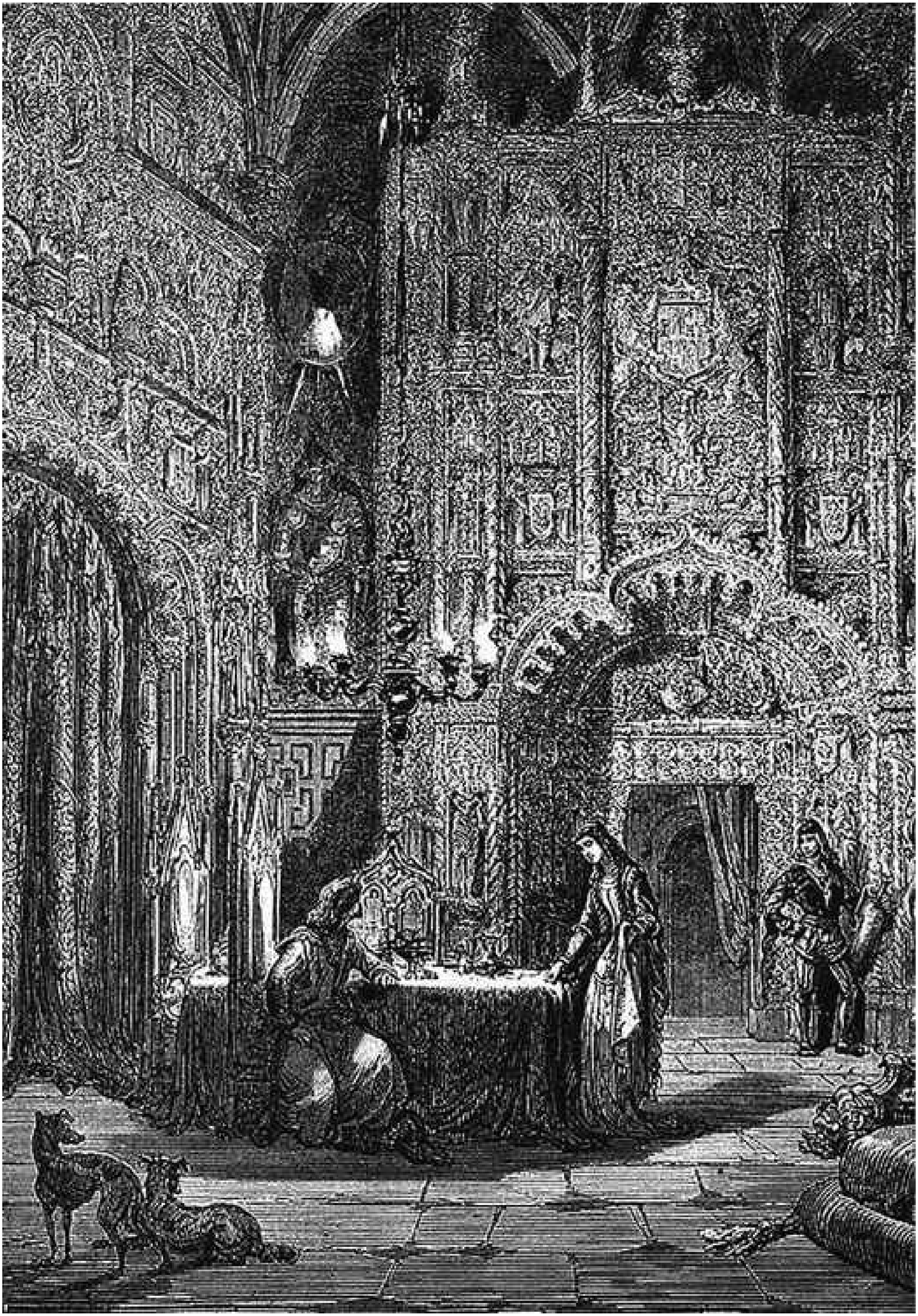
—Tudo é possível — respondeu o cônego —; juro, porém, pelas ordens que recebi, que não me lembro de tê-la visto. Concedamos, todavia, que ali esteja: nem por isso me obrigo a crer nas histórias de tantos Amadises, nem nas de tanta turbamulta de cavaleiros como por aí nos contam; nem há razão para que um homem como vosmecê, tão honrado e de tão bons modos, dotado de tão boa inteligência, fique a supor serem verdadeiras tantas e tão estranhas loucuras, como as que estão escritas nos disparatados livros de cavalaria.



# CAPÍTULO L

## *Das discretas altercações que Dom Quixote e o cônego tiveram, com outros sucessos*

— Ora essa é boa! — exclamou Dom Quixote. — Os livros que são impressos com licença dos reis e com aprovação daqueles aos quais se enviaram, que são lidos com gosto geral, celebrados de grandes e pequenos, de pobres e ricos, de letrados e ignorantes, de plebeus e cavaleiros, finalmente, de todo gênero de pessoas, de qualquer estado e condição — haviam de ser mentirosos? Tanta é a sua aparência de verdade, que até nos revelam o pai, a mãe, a pátria, os parentes, a idade, o lugar e os feitos, minuciosamente, dia por dia, praticados por tais ou quais cavaleiros. Cale-se vosmecê e não diga tal blasfêmia; creia-me, pois lhe aconselho nisto o que deve fazer, como discreto; senão leia-os, e verá o gosto que lhe há de dar essa leitura. Haverá, diga-me, contentamento maior que vermos, como se diz, que aqui se nos mostra agora um grande lago de piche, fervendo aos borbotões, e a nadarem nele e a cruzá-lo muitas serpentes, cobras e lagartos e outros muitos gêneros de animais ferozes e espantosos? E do meio dele sai uma voz tristíssima, que murmura: "Tu, cavaleiro, quem quer que sejas, que estás a mirar o temeroso lago, se queres alcançar o bem que se encobre por debaixo destas negras águas, mostra o valor do teu peito forte e arroja-te ao seio do seu negro e incandescente líquido; porque, se não fizeres assim, não serás digno de ver as altas maravilhas que se contêm nos sete castelos das sete Fadas, que jazem debaixo desta negrura." E mal acaba o cavaleiro de ouvir a voz temerosa, sem se dar mais conta de si, sem considerar o perigo a que se expõe e até sem se despojar do peso das suas fortes armaduras, encomendando-se a Deus e à sua dama, logo se lança ao meio do lago borbulhante e, quando não mais sabe onde vai parar, se acha entre campos floridos, com os quais nada têm que ver os Elísios. Ali lhe parece ser o céu mais transparente, luzir o sol com claridade mais nova. Depara-se-lhe aos olhos aprazível floresta, de árvores tão verdes e frondosas composta, que sua verdura alegra a vista, e entretém aos ouvidos o doce e não aprendido canto dos pequenos, infinitos e multicores passarinhos, que pelos intrincados ramos vão cruzando. Aqui descobre um arroio, cujas frescas águas, que líquidos cristais parecem, correm sobre miúdas areias e pedrinhas brancas, semelhando ouro em pó e puríssimas pérolas. Acolá, vê uma artificiosa fonte, de variado jaspe e mármore liso formada; outra mais adiante, adornada e brutesco,[1] onde as conchinhas dos mariscos, com as retorcidas casas brancas e amarelas dos caracóis, dispostas em ordenada desordem e mescladas com pedaços de luzentes cristais e contrafeitas esmeraldas, formam um variado lavor — de maneira que a arte, imitando a natureza, parece que ali a vence. De improviso se lhe descobre além um forte castelo, ou vistoso alcáçar, cujas muralhas são de ouro maciço, de diamantes as ameias e as portas de jacintos. Finalmente, é de tão admirável compostura, que, apesar de serem diamantes, escarbúnculos, rubis, ouro, pérolas e esmeraldas os materiais que o formam, ainda o feitio é de mais estimação. E que mais haverá de ver-se, depois de tudo isso, senão sair pela porta do castelo um bom número de donzelas, cujos trajos galantes e vistosos, se eu me pusesse agora a descrevê-los como no-los contam as histórias, seria um nunca acabar? E logo a mais importante de todas parecia estender a mão ao atrevido cavaleiro que se arrojara ao lago fervente e, sem lhe dizer palavra, o conduz para dentro do rico alcáçar ou castelo, fá-lo desnudar-se como o pariu a mãe, banha-o em águas mornas, unta-lhe o corpo todo com odoríferos unguentos, veste-lhe uma camisa de finíssimo sendal, toda cheirosa e perfumada; surge então outra donzela, que lhe deita sobre os ombros um manto, cujo valor, segundo dizem, iguala mais ou menos o de uma cidade. Depois de tudo isso, o conto nos revela que o transportam a outra sala, onde acha as mesas postas com tanto gosto, que fica extasiado e admirado; lava as mãos em água destilada de âmbar e de fragrantes flores; senta-se numa cadeira de marfim, enquanto o servem todas as donzelas, guardando maravilhoso silêncio; trazem-lhe variadíssimos manjares, tão saborosamente guisados, que o apetite não sabe a qual há de preferir. E que dizer da música, que soa durante o jantar, sem que ninguém saiba de onde vem, nem quem é o cantor? E depois de acabada a comida e de tiradas as mesas, queda-se o cavaleiro recostado no assento, talvez espalitando os dentes, como é costume — e eis que penetra pela porta da sala outra donzela, muito mais linda que qualquer das primeiras e, sentando-se ao lado dele, principia a contar-lhe que castelo é aquele, como está ela enfeitiçada, além de outras coisas, que surpreendem o cavaleiro e causam admiração aos leitores que acompanham a história. Não me quero mais alargar nisto, pois daqui já se pode coligir que qualquer parte que se leia de qualquer história de cavaleiro andante há de causar gosto e admiração a quem quer que a leia. E creia vosmecê no que uma vez lhe disse: leia esses livros, e verá como lhe desterram a melancolia que tiver e lhe melhoram a condição, se acaso a tiver má. De mim sei dizer que, depois que sou cavaleiro andante, sou valente, comedido, liberal, bem-criado, generoso, cortês, atrevido, brando, paciente, sofredor de trabalhos, de prisões e de encantos; e embora tenha estado até bem pouco tempo encerrado numa jaula como louco, penso que, em poucos dias, pelo valor do meu braço, com o favor do céu e não me sendo contrária a sorte, hei de ver-me rei de algum reino, onde possa mostrar a gratidão e liberalidade que meu peito encerra. Por minha fé, senhor, que a ninguém pode mostrar o pobre a virtude da liberalidade, ainda que a possua em sumo grau e o agradecimento que só consiste no desejo é coisa morta, como é morta a fé sem obras.[2] Por isso queria que a fortuna me oferecesse logo alguma ocasião de me tornar imperador, a fim de que eu pudesse mostrar meu peito e fazer bem aos meus amigos, especialmente a este pobre Sancho Pança, meu escudeiro, que é o melhor homem do mundo: queria dar-lhe um condado, que lhe prometi há muitos dias; mas temo apenas que não tenha ele habilidade para governar o seu Estado.



Sancho, ouvindo estas últimas palavras, disse ao amo:

— Trabalhe vosmecê, senhor Dom Quixote, por me dar este condado tão prometido de vosmecê e de mim tão esperado, que lhe prometo não me faltará a mim habilidade para governá-lo; e se me faltar, ouvi dizer que há homens no mundo que arrendam os Estados aos senhores, dando-lhes um tanto anualmente e cuidando do governo, enquanto os senhores estão de pernas estiradas, gozando a renda que lhes dão, sem outras preocupações; assim farei eu, e não repararei no quanto me derem, mas desistirei de tudo e desfrutarei minha renda como um duque; os outros lá que se arranjem.

— Isso, irmão Sancho — ponderou o cônego —, é bom enquanto diz respeito ao gozo da renda; mas, ao administrar a justiça, há que ouvir o senhor do Estado, e aqui entram a habilidade e o bom senso, principalmente a boa intenção de acertar; quando esta falta nos princípios, vão sempre errados os meios e os fins. Assim, costuma Deus ajudar o bom desejo do simples e desfavorecer o mau do discreto.

— Não conheço essas filosofias — respondeu Sancho Pança —; só sei que, tão logo tivesse eu o condado, o saberia reger, pois tenho tanta alma como outro e tanto corpo como o que o tem mais; e tão rei seria do meu Estado como cada qual do seu. Sendo assim, faria o que quisesse; e fazendo o que quisesse, faria o meu gosto; e fazendo o meu gosto, estaria contente; e estando contente, não teria mais o que desejar; e não tendo mais o que desejar, acabou-se; venha pois o Estado, adeus e vejamo-nos, como disse um cego a outro.

— Não são más filosofias, essas, como tu dizes, Sancho; mas, com tudo isso, há muito que dizer sobre esta matéria de condados.

Ao que replicou Dom Quixote:

— Não sei o que haja mais que dizer; só me guio pelo exemplo que me dá o grande Amadis de Gaula, que fez o seu escudeiro conde da ilha Firme; e assim posso, sem escrúpulo de consciência, fazer conde a Sancho Pança, que é um dos melhores escudeiros que jamais teve cavaleiro andante.

Ficou admirado o cônego dos concertados disparates que Dom Quixote havia dito, do modo como havia pintado a aventura do Cavaleiro do Lago, da impressão que nele haviam produzido as pensadas mentiras dos livros que tinha lido; e, finalmente, espantava-o a tolice de Sancho, que com tanto afinco desejava alcançar o condado que seu amo lhe havia prometido. Já nisto voltavam os criados do cônego, que tinham ido à venda para buscar a azêmola do repasto; e transformando em mesa uma alfombra e a verde relva do prado, se sentaram à sombra de umas árvores e ali comeram, para que o carreiro não perdesse a comodidade daquele sítio, como já foi dito. Estavam ainda comendo, quando, de súbito, ouviram forte estrondo e um som de campainha, que soava por entre umas sarças e espessas matas ali perto existentes; no mesmo instante, viram sair daquelas brenhas uma cabra formosa, com toda a pele malhada de negro, branco e pardo. Atrás dela vinha um cabreiro dando-lhe berros e dizendo-lhe palavras à sua maneira, para que se detivesse ou voltasse ao rebanho. A cabra fugitiva, espavorida e temerosa, aproximou-se da gente que ali estava, como a pedir-lhe favor, e parou.

Chegou o cabreiro e, segurando-a pelos cornos, como se fosse capaz de discurso e entendimento, lhe disse:

— Ah! Serrana, serrana, malhada, malhada! Como andas tu estes dias de pé coxo! Que lobos te espantam, filha? Não me dirás por que é isto, formosa? Mas que pode ser senão que és fêmea e não podes estar sossegada? Mal haja a tua condição e a de todas aquelas a quem imitas! Volta, volta, amiga, que, se não ficares tão contente, pelo menos estarás mais segura no teu aprisco, ou com as tuas companheiras; pois se tu, que deves guiá-las e encaminhá-las, andas tão sem guia e tão desencaminhada, onde pararão elas?

As palavras do cabreiro causaram alegria nos que as ouviram, especialmente no cônego, que lhe disse:

— Por vida vossa, irmão, sossegai um pouco e não vos afobeis em fazer voltar tão depressa essa cabra ao seu rebanho, pois ela é fêmea, como dizeis, e há de seguir o seu instinto natural, por mais que vos ponhais a estorvá-lo. Tomai este bocado e bebei uma vez; com isto amenizareis a cólera e, entrementes, descansará a cabra.

Dizer-lhe isto e estender-lhe, na ponta de uma faca, um pedaço de fiambre de coelho, foi coisa de um só instante. O cabreiro tomou-o e agradeceu-lhe; bebeu, aquietou-se e logo disse:

— Não queria que, por ter eu falado tão a sério com este animal, me julgassem vosmecês homem simplório; em verdade, não carecem de mistério as palavras que eu lhe disse. Sou rústico mas não tanto que não entenda como se há de tratar com os homens e as bestas.

— Isso creio eu muito bem — observou o cura: — já sei, por experiência, que os montes criam letrados e as cabanas dos pastores encerram filósofos.

— Pelo menos, senhor — replicou o cabreiro — acolhem homens escarmentados. E para que acrediteis nesta verdade e a toqueis com a mão, embora pareça que me convido sem ser rogado, vos contarei algo que há de provar a veracidade do que eu disse e também do que disse aquele senhor (apontando para o cura), se isso, acaso, não vos enfada e se quereis prestar-me atenção durante algum tempo.

Dom Quixote respondeu:

— Como vejo que este caso tem sombras de aventura cavaleiresca, eu, por minha parte, vos escutarei, irmão, de muita boa vontade; o mesmo farão estes senhores, pelo muito que têm de discretos e por serem amigos de curiosas novidades, que suspendem, alegram e entretêm os sentidos — como penso que há, sem dúvida, de fazer vosso conto. Começai, portanto, amigo; todos escutaremos.

— Eu saio do jogo — interveio Sancho: — vou com esta empada para junto daquele arroio, onde tenciono fartar-me para três dias; porque ouvi dizer ao meu senhor Dom Quixote que escudeiro de cavaleiro andante deve comer tudo o que se lhe oferece, até não poder mais; pois, às vezes, costumam entrar casualmente numa selva tão intrincada, que não acertam a sair dela em seis dias, e, se o homem não vai farto, ou bem provido de alforjes, poderá ficar ali, como fica muitas vezes, feito múmia.

—Tens razão, Sancho — disse Dom Quixote —; vai aonde quiseres e come o que puderes, que já estou satisfeito e só me falta dar à alma a sua refeição, como lha darei escutando a narrativa deste bom homem.

— O mesmo faremos todos às nossas — interveio o cônego.

E logo rogou ao cabreiro que desse começo ao que havia prometido. O cabreiro deu duas palmadas no lombo da cabra, que ainda estava segura pelos cornos, e lhe disse:

— Recosta-te junto a mim, Malhada; temos tempo de sobra para voltar ao rebanho.

Parece que a cabra o entendeu, porque, sentando-se o dono, ela se estendeu junto dele com muito sossego e, mirando-lhe o rosto, dava a entender que estava atenta ao que o cabreiro ia dizendo. E este principiou a história da seguinte maneira:

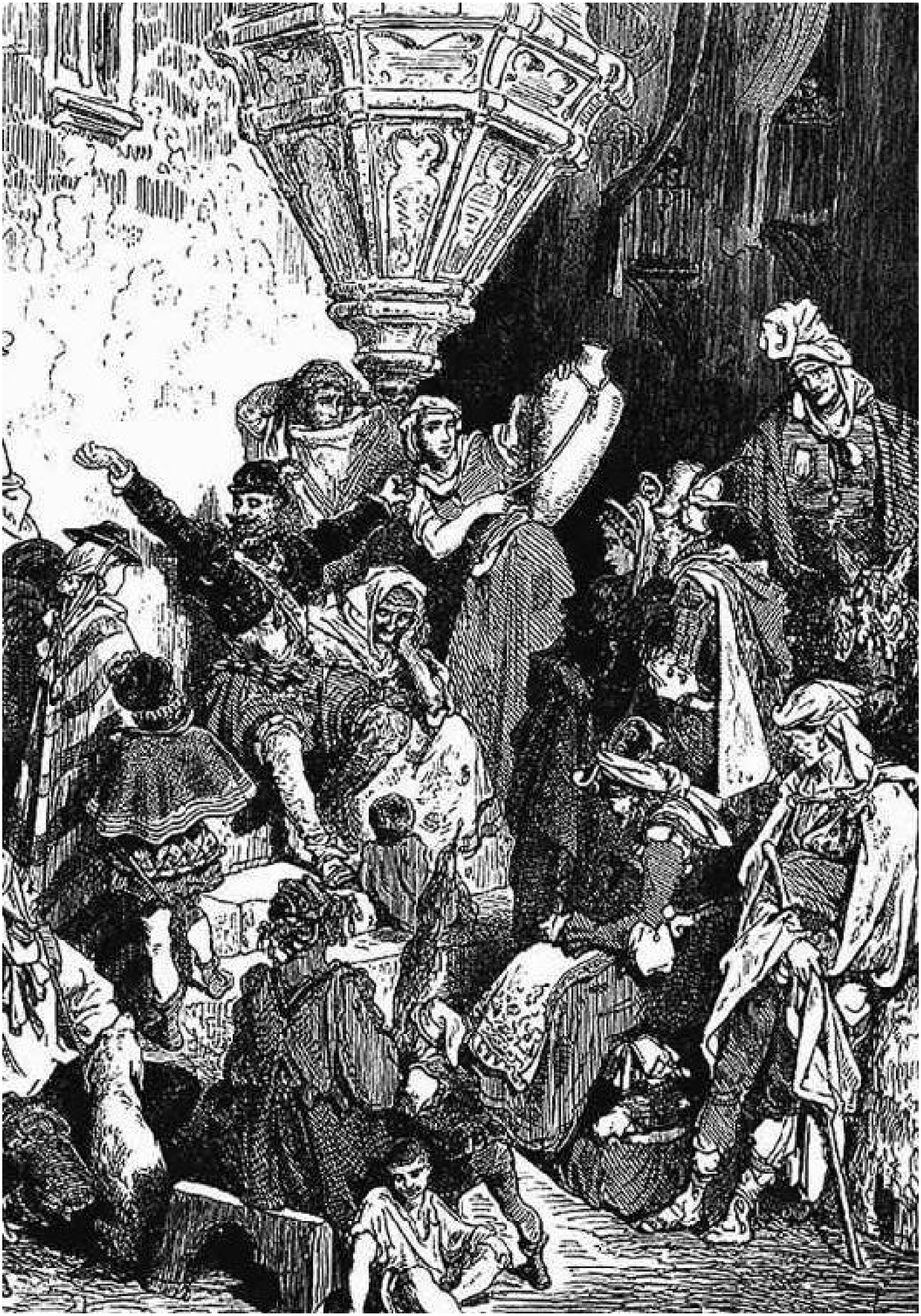
# CAPÍTULO LI

## *Que trata do que contou o cabreiro a todos os que levavam Dom Quixote*

— A três léguas deste vale há uma aldeia, que, embora pequena, é das mais ricas de todas estas redondezas; e nela morava um lavrador tão honrado, que, apesar de serem coisas conexas o ser rico e o ser honrado, ele o era mais pela virtude que possuía do que pela riqueza que alcançava. Julgava-se mais ditoso, todavia, por ter uma filha de tão extremada formosura, rara discrição, graça e virtude, que quem a conhecia e olhava se admirava de ver os extremados dons com que o céu e a natureza a tinham enriquecido. Quando menina já era formosa, e foi sempre crescendo em beleza; na idade de 16 anos, foi formosíssima. A fama da sua beleza começou a estender-se por todas as aldeias circunvizinhas; e por que digo apenas circunvizinhas, se, na verdade, se estendeu às cidades mais afastadas e até penetrou nas salas dos reis e nos ouvidos de toda gente, que de toda parte vinham vê-la, como coisa rara, ou como imagem milagrosa? Guardava-a seu pai e guardava-se ela a si; pois não há cadeados, guardas, nem fechaduras que melhor guardem uma donzela que os do próprio recato.

A riqueza do pai e a beleza da filha moveram muitos, não só do povoado como forasteiros, a que a pedissem por mulher, mas o primeiro, como a quem tocava dispor de tão rica joia, andava confuso, sem saber decidir a qual dos seus infinitos admiradores a entregaria. Dentre os muitos que tão bom desejo nutriam, estava eu, a quem foram dadas muitas e grandes esperanças de bom sucesso, pois o pai sabia quem eu era: natural da mesma aldeia, limpo de sangue, na idade florescente, muito rico de bens de fortuna e com não menos acabado engenho. Outro do mesmo povoado, que possuía estas mesmas qualidades, também a pediu; começou então a vacilar a vontade do pai, que se tornou indeciso, parecendo-lhe que com qualquer um de nós dois ficaria a sua filha bem empregada. Para sair dessa confusão, decidiu consultar Leandra (assim se chama a rica dama que me levou à miséria), na convicção de que, sendo iguais os dois pretendentes, era conveniente deixar a critério de sua filha a escolha do preferido: coisa digna de ser imitada por todos os pais que pretendem casar os filhos. Não digo que os deixem escolher entre coisas ruins e más, mas que lhes ofereçam coisas boas e, entre as boas, que escolham eles a seu gosto. Não sei o que Leandra escolheu; só sei que o pai nos entreteve a ambos, falando na pouca idade de sua filha e em assuntos gerais, que não o obrigavam tampouco nos desobrigavam. Chama-se o meu competidor Anselmo e eu Eugênio; digo isto, para que fiqueis desde já conhecendo os nomes dos personagens desta tragédia, cujo fim ainda está pendente, mas bem se vê que há de ser desastrado. Nessa ocasião, chegou ao nosso povoado um tal Vicente da Rosa,[1] filho de um pobre lavrador do mesmo lugar e que vinha da Itália e de outras partes diversas, onde fora soldado. Saíra da nossa aldeia aos 12 anos de idade, levado por um capitão que por ali passara com a sua companhia, e voltou já homem feito, 12 anos mais tarde, vestido de soldado, pintado com mil cores, cheio de mil diches de cristal e sutis cadeias de aço. Hoje punha um traje de gala, amanhã outro; mas todos sutis, pintados, de pouco peso e menos tomo. A gente lavradora, que de si é maliciosa e que, quando tem ócio, é a malícia mesma, notou o fato e contou-lhe, ponto por ponto, as galas e enfeites, e verificou que as roupas eram três, de diferentes cores, com as suas ligas e meias; mas, com esse material, ele fazia tantos inventos e combinações, que, se não se contassem, haveria quem jurasse que exibira mais de dez pares de vestes e mais de vinte plumas. Que não pareça impertinência e demasia o que vou contando dos trajos, pois estes representam bom papel na história. Sentava-se num banco de pedra, debaixo de um grande álamo que havia na nossa praça, e ali nos mantinha a todos boquiabertos com as façanhas que nos ia narrando. Não havia terra, em todo o orbe, que não tivesse visto, nem batalha onde não houvesse combatido; matara mais mouros do que há em Marrocos e em Túnis, e entrara em mais duelos, segundo dizia, do que Gante e Luna,[2] Diogo Garcia de Paredes e outros mil, que citava. De todos saíra vitorioso, sem que lhe houvessem derramado uma só gota de sangue. Por outra parte, mostrava sinais de feridas que, embora não se divisassem, ele nos dizia serem arcabuzadas, recebidas em vários recontros e façanhas. Finalmente, com uma arrogância nunca vista, chamava *você* aos seus iguais e a todos os que o conheciam; dizia ser seu pai o seu braço, a linhagem as suas obras, e que, com ser soldado, nada devia ao próprio rei. Acrescentava a essas arrogâncias ser um pouco músico e tocar guitarra com desembaraço, de maneira que diziam alguns que a fazia falar. Mas não paravam aí suas graças, pois também era poeta; assim, de cada ninharia que se passava na aldeia compunha um romance de légua e meia de escrita. Ora, este soldado que acabo de pintar, este Vicente da Rosa, este bravo, galã, músico e poeta foi visto e observado muitas vezes por Leandra, através de uma janela da sua casa, que se abria para a praça. Encantou-a o ouropel dos seus vistosos trajos, fascinaram-na os romances, de cada um dos quais dava ele vinte versões; chegaram-lhe aos ouvidos as façanhas, que a si mesmo ele se atribuía; finalmente (assim ordenara o diabo), veio a enamorar-se do rapaz, antes que neste brotasse a presunção de solicitá-la. Como, nos casos de amor, não há nenhum que mais facilmente se cumpra do que o que tem a seu favor o desejo da dama, facilmente se entenderam Leandra e Vicente; e antes que qualquer dos seus muitos pretendentes se desse conta do que ela desejava, já se tinha a moça precipitado, abandonando a casa do seu querido e amado pai (que mãe não a tem) e ausentado-se da aldeia com o soldado, que mais triunfante saiu desta empresa que de todas as muitas que fantasiava.

O fato causou sensação na aldeia e em toda a gente que dele teve notícia; eu fiquei espantado, Anselmo atônito, o pai triste, os parentes envergonhados, solícita a justiça, alertas os quadrilheiros. Varreram-se os caminhos, esquadrinharam-se os bosques e quantos lugares havia; ao cabo de três dias, acharam a caprichosa Leandra na caverna de um monte, em fraldas de camisa, despojada de todo o seu dinheiro e de suas preciosíssimas joias, que levara da casa paterna. Trouxeram-na à presença do pai inconsolável, perguntaram-lhe como caíra em tal desgraça; sem pressão, confessou que Vicente da Rosa a enganara, persuadindo-lhe, sob palavra de fazê-la sua esposa, que deixasse o lar paterno, pois que a levaria ele à mais rica e florescente[3] cidade de todo o mundo, que era Nápoles. Mal advertida e pior enganada, ela o havia crido; roubou o pai e entregou tudo ao aventureiro, na mesma noite em que fugiu. Levou-a ele a um áspero monte e a encerrou naquela caverna, onde a encontraram. Contou também que o soldado, sem tirar-lhe a honra, lhe roubara tudo o que possuía, deixando-a naquela caverna e fugindo em seguida. Esse acontecimento tornou a causar admiração a todos. Custou-nos a crer, senhor, na continência do rapaz; ela, porém, o reafirmou com tanta eloquência, que mais consolado se mostrou o desconsolado pai, a quem já não importavam as riquezas roubadas, uma vez que não fora despojada a filha daquela joia que, se a perdesse uma vez, não teria mais esperança de recuperá-la. No mesmo dia em que Leandra apareceu, fê-la o pai desaparecer dos nossos olhos, encerrando-a no mosteiro de uma vila que está próxima daqui, esperando que se apague com o tempo alguma parte da má fama adquirida pela filha. Os poucos anos de Leandra serviram para desculpar-lhe a culpa, pelo menos perante aqueles que eram indiferentes à sua bondade ou maldade; mas os que lhe conheciam a discrição e o muito entendimento não lhe atribuíram o pecado à ignorância, porém à sua desenvoltura e à natural inclinação das mulheres, que, na maior parte, costumam ser insensatas ou mal dirigidas. Encerrada Leandra, ficaram cegos os olhos de Anselmo, pelo menos sem terem o que mirar que lhes desse contentamento; os meus ficaram em trevas, sem luz que os encaminhasse a coisa alguma de gosto. Com a ausência de Leandra crescia a nossa tristeza, apoucava-se a nossa paciência; maldizíamos as galas do soldado e abominávamos o pouco recato do pai de Leandra. Finalmente, Anselmo e eu combinamos deixar a aldeia e vir a este vale, onde ele se pôs a apascentar grande quantidade de ovelhas de sua propriedade e eu numeroso rebanho de cabras também minhas. Assim passamos a vida entre as árvores, desabafando as nossas paixões, cantando juntos louvores ou vitupérios à formosa Leandra, suspirando sozinhos ou comunicando a sós com o céu as nossas queixas. Imitando-nos, muitos outros pretendentes de Leandra vieram a estes ásperos montes, usando a mesma profissão que nós; e são tantos, que até parece ter-se convertido este sítio na pastoral Arcádia, tão cheio está ele de pastores e apriscos, não havendo canto onde se não ouça o nome da formosa Leandra. Este a maldiz e a chama caprichosa, volúvel e desonesta; aquele a condena por fácil e leviana; um a perdoa e absolve; outro a condena e vitupera; um lhe celebra a formosura, outro lhe renega a condição; por fim, todos a desonram e todos a adoram, chegando a sua loucura a ponto de haver quem se julgue desdenhado sem nunca lhe ter falado, e até quem se queixe e sinta a raivosa enfermidade dos ciúmes, sem que ela jamais tenha dado motivo a isso — porque, como já tenho dito, foi sabido seu pecado antes de se saber do seu desejo. Não há concavidade de rochedo, nem margem de arroio, nem sombra de árvore que não tenha sido ocupada por algum pastor, que narre aos ventos as suas desventuras; o eco repete o nome de Leandra, onde quer que possa formar-se: *“Leandra!”* ressoam os montes; *“Leandra!”* murmuram os arroios; e Leandra nos mantém a todos suspensos e encantados, esperando sem esperança, e temendo sem saber o que tememos. Entre esses desnorteados, o que mostra ter menos e mais juízo é o meu competidor Anselmo, o qual, tendo tantas outras coisas de que se queixar, só se queixa da ausência; e ao som de um arrabil, que toca admiravelmente bem, se queixa cantando e recitando versos, onde mostra a sua boa inteligência. Eu sigo outro caminho mais fácil e que a mim me parece o mais acertado, a saber: queixo-me da leviandade das mulheres, da sua inconstância, da sua falta de palavra, das suas promessas mortas, da sua fé rota e, finalmente, do pouco acerto que têm no emprego dos seus pensamentos e intenções. Eis a causa, senhores, das palavras e razões que disse a esta cabra, quando aqui cheguei; por ser fêmea, a tenho em pouca conta, embora seja a melhor de todo o meu rebanho. E é esta a história que prometi contar-vos. Se fui prolixo em narrá-la, não o serei menos em servir-vos; perto daqui tenho a minha choça, e nela há leite fresco e saborosíssimo queijo, com outras frutas variadas e maduras, não menos agradáveis à vista que ao gosto.



# CAPÍTULO LII

## *Da pendência que teve Dom Quixote com o cabreiro e da rara aventura dos penitentes, a que ele deu feliz desfecho à custa do seu suor*

O conto do cabreiro agradou, em geral, a todos os que o tinham escutado, especialmente ao cônego, que notou, com estranha curiosidade, a maneira como o outro o havia contado, menos de cabreiro rústico do que de discreto cortesão; observou, assim, que falara muito bem o cura, dizendo que os montes criavam letrados.

Todos se ofereceram a Eugênio; porém o que mais liberal se mostrou nisto foi Dom Quixote, que lhe disse:

— Por certo, irmão cabreiro, que, se eu me não achasse impossibilitado de começar alguma aventura, logo me poria em campo para vos servir: tiraria do mosteiro (onde, sem dúvida, deve estar contra a sua vontade) Leandra, a despeito da abadessa e de quantos pretendessem estorvá-lo, e a reporia nas vossas mãos, para que dela fizésseis o que melhor vos aprouvesse — respeitadas, naturalmente, as leis da cavalaria, que mandam que a nenhuma donzela se faça desaguisado algum. Todavia, espero em Deus, nosso Senhor, que não há de poder tanto a força de um malicioso feiticeiro, que a de outro melhor intencionado mais não possa; para então vos prometo o meu favor e ajuda, como me obriga a minha profissão, que não é outra senão favorecer os desvalidos e necessitados.

Mirou-se o cabreiro e, vendo o mau aspecto e catadura de Dom Quixote, ficou admirado e perguntou ao barbeiro, que estava junto dele:

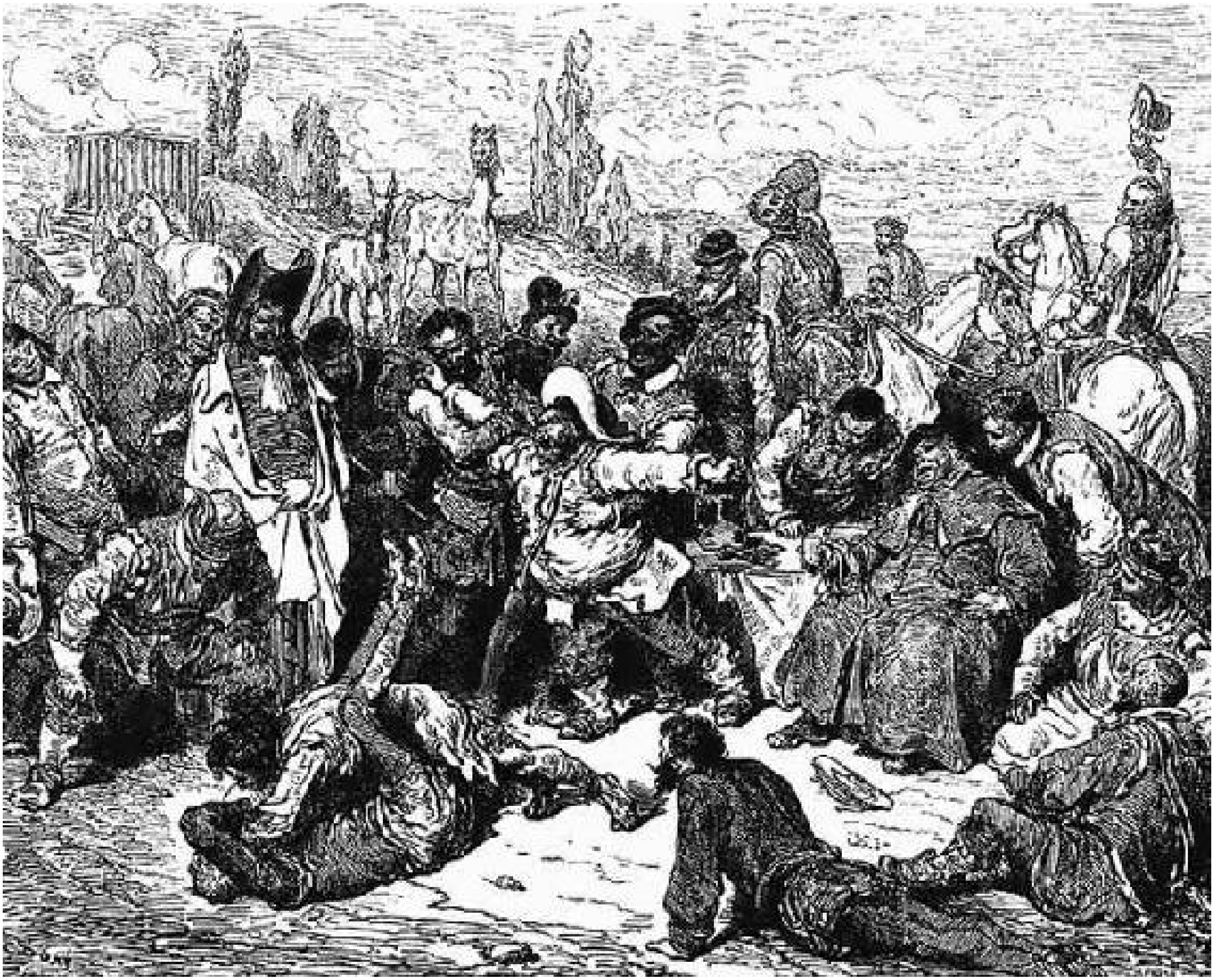
— Senhor, quem é este homem, que tem semelhante aspecto e fala dessa maneira?

— Quem há de ser — respondeu o barbeiro — senão o famoso Dom Quixote de la Mancha, destruidor de agravos, endireitador de tortos, amparo das donzelas, assombro dos gigantes e vencedor das batalhas?

— Isto assemelha-se — replicou o cabreiro — ao que se lê nos livros dos cavaleiros andantes, que faziam tudo isso que vosmecê atribui a este homem; tenho para mim, porém, que, ou vosmecê está zombando, ou este fidalgo deve ter vazio os aposentos da cabeça.

— És um grandíssimo velhaco — exclamou Dom Quixote —; tu é que tens míngua de miolos; eu, de mim, estou mais cheio do que nunca esteve *la muy hideputa puta que os parió.*[1]

Dizendo isto, agarrou num pão, que tinha junto de si, e deu com ele em todo o rosto do cabreiro, com tanta fúria, que lhe amassou o nariz. Mas o cabreiro, que não entendia de burlas, vendo quão seriamente o maltratavam, sem respeito à alfombra, nem às toalhas, nem aos que estavam comendo, saltou sobre Dom Quixote e, apertando-lhe o pescoço com ambas as mãos, sem dúvida o asfixiaria, se neste ponto não interviesse Sancho Pança, segurando-o pelos ombros e atirando-o por cima da mesa. Quebraram-se pratos e copos e se derramou e esparziu quanto nela se encontrava. Vendo-se livre, Dom Quixote correu a montar sobre o cabreiro, o qual com o rosto cheio de sangue, moído aos coices de Sancho, andava buscando às apalpadelas uma faca na mesa, para fazer, por certo, alguma sanguinolenta vingança. Estorvaram-no, porém, o cura e o cônego; o barbeiro, não obstante, fez de sorte que o cabreiro colhesse debaixo de si Dom Quixote, sobre o qual choveram tantos murros, que do rosto do pobre cavaleiro jorrava tanto sangue como do do cabreiro. Rebentavam de riso o cônego e o cura, saltavam de gozo os quadrilheiros, açulavam-nos uns e outros, como se faz com os cães empenhados em luta. Somente Sancho se desesperava, porque não se podia livrar de um criado do cônego que o estorvava, impedindo-o de ajudar o amo.



Por fim, estando todos em festa e regozijo, excetuados os dois lutadores que se carpiam, ouviram o som de uma trombeta, tão triste, que os fez voltar os rostos para donde lhes pareceu que soava; todavia, o que mais se alvoroçou de ouvi-lo foi Dom Quixote, que, embora estivesse ainda debaixo do cabreiro, muito constrangido e não menos moído, lhe disse:

— Irmão demônio (pois não é possível que não o sejas, uma vez que tiveste valor e forças para dominar as minhas), rogo-te que façamos tréguas só por uma hora, porque o som doloroso dessa trombeta, que chega aos nossos ouvidos, parece que me chama a alguma nova aventura.

O cabreiro, que já estava cansado de moer e de ser moído, o largou incontinente; e Dom Quixote, pondo-se em pé, voltou o rosto para o lugar de onde vinha o som e notou logo que, por uma encosta, desciam muitos homens vestidos de branco, à moda de penitentes.

Era o caso que, naquele ano, haviam as nuvens negado à terra o seu orvalho, e por todos os lugares daquela comarca se faziam procissões, preces e penitências, pedindo a Deus que abrisse as mãos da sua misericórdia e fizesse chover; para esse fim, a gente de uma aldeia próxima vinha em procissão até uma ermida devota, que havia na encosta daquele vale. Dom Quixote, vendo os estranhos trajos dos penitentes, sem lhe passar pela memória as muitas vezes que os devia ter visto, imaginou que era coisa de aventura e que só a ele tocava, como cavaleiro andante, empreendê-la. Mais o firmou nesta suposição o pensar que certa imagem, que vinha coberta de luto, era alguma senhora importante, conduzida à força por aqueles insolentes e descomedidos malandrins. Mal lhe veio isto à mente, arremessou-se, com grande ligeireza, para o Rocinante, que andava pastando, tirou-lhe do arção o freio e a adarga e o enfreou num instante. Depois, pedindo a Sancho a sua espada, montou no Rocinante e embraçou a adarga, dizendo em voz alta a todos os que ali estavam presentes:

— Agora, valorosa companhia, vereis quanto importa haver no mundo cavaleiros que professam a ordem da cavalaria andante; agora, digo, vereis, ao ser posta em liberdade aquela boa senhora, que ali vai cativa, se é que valem os cavaleiros andantes.

Dizendo isto, apertou os ilhais do Rocinante, porque não tinha esporas, e a todo trote (porque galopada não se lê em toda esta história que jamais a tivesse dado o Rocinante), foi ao encontro dos penitentes. O cura, o cônego e o barbeiro tentaram detê-lo, mas não lhes foi possível; tampouco o detiveram os brados de Sancho, que lhe dizia:

— Aonde vai, senhor Dom Quixote? Que demônios leva no peito, que o incitam a ir contra a nossa fé católica? Olhe que aquela é uma procissão de penitentes e que a senhora que levam no andor é a imagem benditíssima da Virgem Imaculada; veja bem o que faz, meu amo, que desta vez se pode dizer que não é o que sabe.

Sancho fatigou-se em vão, porque o amo ia tão disposto a chegar aos encamisados e livrar a senhora enlutada, que não ouviu palavra; e ainda que a ouvisse, não volveria, nem que o rei o mandasse. Aproximou-se da procissão, fez parar o Rocinante, que já desejava aquietar-se um pouco, e, com voz turbada e rouca, falou:

— Vós outros, que talvez por não serdes bons encobris os rostos, escutai e atentai no que vos quero dizer.

Os primeiros que se detiveram foram os que conduziam a imagem; e um dos quatro clérigos que cantavam as ladainhas, vendo a estranha catadura de Dom Quixote, a fraqueza do Rocinante e outros motivos de riso, que notou e descobriu em Dom Quixote, lhe respondeu, dizendo:

— Senhor irmão, se nos quer dizer algo, diga-o depressa, porque estes irmãos vão dilacerando as carnes e não podemos, nem há motivo para que nos detenhamos a ouvir coisa alguma, se não for tão breve que em duas palavras se diga.

— Di-la-ei numa só — replicou Dom Quixote —, e é esta: deveis libertar imediatamente essa formosa senhora, cujas lágrimas e cujo triste semblante dão claras mostras de que a levais contra a sua vontade e algum notório desaguisado lhe fizestes; eu, que nasci no mundo para desfazer semelhantes agravos, não consentirei que um só passo adiante se passe sem lhe dar a desejada e merecida liberdade.

Estas razões fizeram crer a todos os que a ouviram que Dom Quixote devia ser algum louco; e começaram a rir gostosamente, o que pôs pólvora na cólera de Dom Quixote, o qual sem dizer mais palavra, sacou da espada e arremeteu contra o andor. Um dos que conduziam a imagem deixou a carga aos cuidados dos companheiros e investiu para Dom Quixote, brandindo uma forquilha ou bastão, com que sustentava o andor nos descansos; e, aparando com ela uma grande cutilada que lhe atirou Dom Quixote e que a partiu em dois pedaços, com o último terço, que lhe ficou na mão, deu tal golpe em Dom Quixote, por cima do ombro e do mesmo lado da espada, que não pôde o escudo defender o fidalgo de tão vilã força e o pobre Dom Quixote rolou pelo chão em muito maus lençóis.

Sancho Pança, que, ofegante, lhe ia no encalço, vendo-o caído, gritou para o agressor que não lhe desse mais pauladas, porque era um pobre cavaleiro encantado, que não havia feito mal a ninguém, em todos os dias da sua vida. Mas o que deteve o vilão não foram os gritos de Sancho; foi ver que Dom Quixote não bolia nem pé, nem mão; e assim, crendo que o matara, depressa arregaçou a túnica até a cintura e pôs-se a fugir pela campina, como um gamo.

Nisto chegaram todos os companheiros de Dom Quixote; mas os da procissão, que os viram vir correndo, e com eles os quadrilheiros armados, recearam algum mau sucesso e se agruparam todos em volta da imagem. Levantando os capuzes, empunhando as penitências e erguendo os clérigos os círios, esperavam o assalto com a determinação de se defenderem e até de ofenderem, se pudessem, aos seus assaltantes; mas a sorte o fez melhor do que se pensava, porque Sancho apenas se lançou sobre o corpo do amo, derramando o mais doloroso e risível pranto deste mundo, crendo que ele estava morto. Foi reconhecido o cura pelo outro cura que vinha na procissão, e isto bastou para acalmar os ânimos receosos dos dois grupos. Em duas palavras, o primeiro cura deu ao segundo as informações de quem era Dom Quixote, e tanto ele como toda a turba dos penitentes foram ver se estava morto o pobre cavaleiro, escutando o que dizia Sancho Pança, de lágrimas nos olhos:

— Ó flor da cavalaria! Que só com uma paulada acabaste a carreira dos teus tão bem empregados anos! Ó honra da tua linhagem, nobreza e glória de toda a Mancha e até de todo o mundo, o qual, carecendo de ti, ficará cheio de malfeitores, que não mais temem ser castigados pelas suas más ações! Ó tu, mais liberal que todos os Alexandres, pois só por oito meses de serviço me tinhas dado a melhor ilha que o mar cinge e rodeia! Ó humilde com os soberbos, arrogante com os humildes,[2] afrontador de perigos, sofredor de afrontas, enamorado sem causa, imitador dos bons, açoite dos maus, inimigo dos ruins, enfim, cavaleiro andante, que é tudo o que se pode dizer!

Com os gritos e gemidos de Sancho reanimou-se Dom Quixote, e a primeira palavra que disse foi esta:

— O que está ausente de vós, ó dulcíssima Dulcineia, a maiores misérias do que estas anda sujeito. Ajuda-me, Sancho amigo, a meter-me no carro encantado, que já não estou para oprimir a sela do Rocinante, pois tenho todo este ombro em pedaços.

— Eu o ajudarei de muita boa vontade, meu amo — respondeu Sancho —; volvamos à minha aldeia, na companhia destes senhores que só desejam o seu bem, e ali haveremos de preparar outra saída, que nos dê mais proveito e fama.

— Tens razão, Sancho — respondeu Dom Quixote —, e será grande prudência deixar passar o mau influxo das estrelas que agora predomina.

O cônego, o cura e o barbeiro lhe disseram que faria muito bem se agisse como afirmava; e assim, tendo-se divertido muito com as ingenuidades de Sancho Pança, puseram Dom Quixote no carro, como antes vinha. A procissão tornou a ordenar-se e a prosseguir caminho; o cabreiro se despediu de todos; os quadrilheiros não quiseram seguir adiante e o cura lhes pagou o que se lhes devia. O cônego pediu ao cura que o avisasse da sorte de Dom Quixote, dizendo-lhe se este ficara curado da sua loucura, ou se continuava com ela; e pediu licença para seguir viagem. Enfim, todos se dividiram e apartaram, ficando a sós o cura e o barbeiro, Dom Quixote e Pança, e o bom Rocinante, que assistia a tudo com paciência igual à do amo.

O carreiro jungiu os bois e acomodou Dom Quixote em cima de um molho de feno; depois, com sua costumeira fleuma, seguiu o caminho que o cura quis, e, ao cabo de seis dias, chegaram à aldeia de Dom Quixote, onde penetraram ao meio-dia. Casualmente era domingo, e toda a gente estava na praça, pelo meio da qual atravessou o carro de Dom Quixote. Acudiram todos a ver quem vinha no carro e, quando reconheceram o seu compatriota, ficaram admirados; um rapaz foi correndo dar as novas à ama e à sobrinha, dizendo-lhes que seu patrão e tio chegara amarelo e fraco, estendido sobre um monte de feno e num carro de bois. Foi contristador ouvir os gritos que as duas boas senhoras soltaram, as bofetadas que se deram, as maldições que de novo lançaram contra os já malditos livros de cavalaria — o que tudo se renovou, quando viram entrar Dom Quixote portas adentro.

À notícia da vinda de Dom Quixote, acudiu a mulher de Sancho Pança, que já tinha sabido que o marido fora com aquele, no serviço de escudeiro; e logo que viu Sancho, a primeira coisa que lhe perguntou foi se o asno estava passando bem. Sancho respondeu que passava melhor que o dono.

— Louvado seja Deus, que tanto bem me fez! — exclamou ela. — Mas conta-me agora, amigo: que benefícios obtiveste com as tuas escudeirices? Que saiote me trazes? E que sapatos para os teus filhos?

— Não trago nada disso, minha mulher — replicou Sancho —, embora traga outras coisas de mais importância e consideração.

— Muito me alegra isso — respondeu a mulher —; mostra-me essas coisas de mais consideração e importância, meu amigo; quero vê-las, para que se encha de júbilo este coração, que viveu tão triste e desconsolado durante todos os séculos da tua ausência.

— Em casa eu te mostrarei, mulher — disse Sancho —; por ora, fica contente, que, sendo Deus servido de outra vez sairmos em viagem à cata de aventuras, breve me verás conde, ou governador de uma ilha, não dessas que há por aí, mas da melhor que se possa encontrar.

— Deus o queira, meu marido, que bem o precisamos. Mas dize-me: que história é essa de ilhas, que não entendo?

— Não é o mel para a boca do asno — retrucou Sancho —; em tempo o verás, mulher, e ainda te admirarás de ouvir-te chamar senhora de todos os teus vassalos.

— Que estas aí a dizer, Sancho, acerca de senhorias, ilhas e vassalos? — perguntou Joana Pança, que assim se chamava a mulher de Sancho,[3] não porque fossem parentes, mas porque se usa na Mancha tomarem as mulheres o sobrenome dos maridos.

— Não te apresses, Joana, em querer saber tudo de uma só vez; basta que eu te diga a verdade, e boca fechada. Só te direi, de passagem, que não há coisa mais gostosa no mundo que ser um homem honrado escudeiro de um cavaleiro andante buscador de aventuras. É bem verdade que a maioria das que se acham não saem lá muito ao nosso gosto, porque, de cem que se encontram, 99 costumam sair às avessas e torcidas. Sei-o eu por experiência, porque de algumas saí manteado e de outras moído; mas, com tudo isso, linda coisa é esperar os acontecimentos atravessando montes, esquadrinhando selvas, pisando rochas, visitando castelos, pousando em tabernas, à discrição, sem pagar; que o diabo leve o dinheiro!

Enquanto assim conversavam Sancho Pança e Joana Pança, sua mulher, a ama e a sobrinha de Dom Quixote o receberam e despiram, e o meteram no seu antigo leito. Ele as mirava com olhos atravessados e não lograva entender em que lugar estava. O cura recomendou à sobrinha que tratasse do tio com muito carinho e que estivesse alerta contra outra tentativa de fuga; e contou-lhe tudo o que fora preciso para reconduzi-lo ao lar. As duas mulheres tornaram aqui a bradar aos céus, renovando as maldições contra os livros de cavalaria; e pediram a Deus que confundisse, no fundo do abismo, os autores de tantas mentiras e disparates. Finalmente, ficaram elas próprias confusas e temerosas, ante a possibilidade de se verem de novo sem o amo e tio, logo que o mesmo apresentasse melhoras. E sucedeu exatamente como imaginavam.

Mas o autor desta história, embora tenha posto toda a curiosidade e diligência em buscar os feitos de Dom Quixote na sua terceira saída, não pôde achar notícia deles, pelo menos em escritas autênticas; só a tradição guardou, nas memórias da Mancha, que Dom Quixote, saindo pela terceira vez de sua casa, foi a Saragoça, onde tomou parte numas famosas justas[4] que naquela cidade se fizeram; e ali se passaram coisas dignas do seu valor e bom entendimento. Nem do seu fim e acabamento alcançaria ou saberia coisa alguma, se a boa sorte não lhe houvesse deparado um antigo médico, que tinha em seu poder uma caixa de chumbo, que, segundo declarou, fora achada entre os alicerces em ruínas de uma velha ermida, que se renovava; nessa caixa se encontraram uns pergaminhos, escritos com letras góticas, mas em versos castelhanos, que continham muitas de suas façanhas e davam notícia da formosura de Dulcineia del Toboso, da figura do Rocinante, da fidelidade de Sancho Pança e da sepultura do próprio Dom Quixote, com diferentes epitáfios e elogios da sua vida e costumes. Os que se puderam ler e tirar a limpo foram os que aqui mostra o fidedigno autor desta nova e nunca vista história. O qual autor não pede aos que a lerem, em prêmio do imenso trabalho que lhe custou inquirir e buscar todos os arquivos manchegos para tirá-la à luz, senão que lhe deem o mesmo crédito que soem dar os discretos aos livros de cavalaria, que tão boa cotação têm no mundo. Com isto se terá por bem pago e satisfeito e se animará a procurar e revelar outras, se não tão verdadeiras, pelo menos de igual invenção e recreio.

As primeiras palavras, que estavam escritas no pergaminho achado na caixa de chumbo, eram estas:

## OS ACADÊMICOS DA ARGAMASILHA,[5] LUGAR DA MANCHA, SOBRE A VIDA E A MORTE DO VALOROSO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA,

*Hoc Scripserunt:*

*O Monicongo, acadêmico da Argamasilha, à sepultura de Dom Quixote.*

### Epitáfio

*O amalucado que adornou a Mancha*
*de mais despojos que Jasão de Creta;*
*o siso impulsionado por veleta*
*aguda, que devera ser mais ancha;*
*o braço, que sua força tanto ensancha*
*que chegou de Catai*[6] *até Gaeta;*
*a musa mais horrenda e mais discreta*
*que já versos gravou em brônzea prancha;*
*esse que atrás deixou os Amadises*
*e os Galaores rebaixou, amante*
*sem par e sem igual na bizarria,*
*esse que fez calar os Belianises*
*e correu mundo sobre Rocinante,*
*agora jaz sob esta lousa fria.*[7]

## *Do Apaniguado, acadêmico da Argamasilha,* In laudem Dulcineae del Toboso.

### Soneto

*Esta que vês, de rosto apançalhado,*
*alta de peitos, porte e gesto brioso,*
*Dulcineia, rainha do Toboso,*
*trouxe o grão Dom Quixote apaixonado.*
*Pisou por ela, de um a outro lado,*
*a grande Serra Negra, o tão famoso*
*Campo de Montiel, e o chão relvoso*
*de Aranjuez, a pé e extenuado,*
*culpa de Rocinante! Ó dura estrela*
*desta manchega dama e este indomado*
*andante cavaleiro! Em tenros anos,*
*ela deixou, morrendo, de ser bela;*
*ele, em mármore embora consagrado,*
*não escapou a amor, iras e enganos.*

### *Do Caprichoso, discretíssimo acadêmico da Argamasilha, em louvor do Rocinante, cavalo de Dom Quixote de la Mancha.*

### Soneto

*No majestoso trono diamantino*
*que aos pés sangrentos calca o fero Marte,*
*o Manchego o frenético estandarte*
*hasteia, com esforço peregrino.*
*Guarda as armas e os gumes de aço fino*
*com que assola, destroça, racha e parte:*
*novas proezas! mas fornece a arte*
*um novo estilo ao novo paladino.*
*Se de seu Amadis se orgulha a Gaula,*
*se a Grécia, por seus bravos seguidores,*
*mil vezes triunfou e a fama ensancha,*
*hoje a Quixote, coroado na aula*
*Que Belona preside, ergue louvores*
*mais do que Grécia e Gaula a nobre Mancha.*
*Suas glórias jamais o olvido mancha,*
*pois até Rocinante, em ser galhardo,*
*excede a Brilhador, vence a Baiardo.*[8]

### *Do Burlador, acadêmico argamasilhesco, a Sancho Pança.*

### Soneto

*Eis Sancho Pança: um corpo de nanico*
*e um gigante em valor, ó coisa estranha!*
*Escudeiro mais simples, mas sem mancha,*
*não teve o mundo, juro e certifico!*
*Só deixou de ser conde por um tico,*
*por voltar-se contra ele toda a sanha*
*de insolentes baldões de era tacanha,*
*incapaz de perdoar mesmo a um burrico.*
*Pois num burro (perdão por este termo!)*
*foi o manso escudeiro atrás do manso*
*cavalo Rocinante e do amo enfermo.*
*Vãs esperanças do viver tristonho!*
*Assim passais a prometer descanso*
*e terminais em sombra, fumo e sonho!*

*Do Cachidiabo,*[9] *acadêmico da Argamasilha, na sepultura de Dom Quixote.*

Epitáfio

*Aqui jaz o cavaleiro*

*bem moído e mal andante*

*a quem levou Rocinante*

*por senda, estrada e carreiro.*

*Sancho, seu bronco parceiro,*

*também junto a ele jaz*

*e mais fiel não terás*

*Visto em trato de escudeiro.*

*Do Tiquitoc, acadêmico da Argamasilha, na sepultura de Dulcineia del Toboso.*

Epitáfio

*Repousa aqui Dulcineia;*

*de carnes mui bem dotada,*

*em cinza e pó foi mudada*

*pela morte atroz e feia.*

*De fidalguia plebeia,*

*teve presunções de dama.*

*Foi do grão Quixote a flama*

*e a glória de sua aldeia.*

Foram estes os versos que se puderam ler; os demais, por estar carcomida a letra, se entregaram a um acadêmico, para que, por conjeturas, os decifrasse. Consta que o fez, à custa de muitas vigílias e de muito trabalho, e que tem a intenção de os dar à luz, na esperança de uma terceira saída de Dom Quixote.

*Forsi altro canterà con miglior plectio.*[10]

FINIS

Miguel de Cervantes

# Dom Quixote de la Mancha

## VOLUME II

*Tradução de*
Almir de Andrade e Milton Amado

*Edição ilustrada por*
Gustave Doré

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

# *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*

## SEGUNDA PARTE

# TAXA

Eu, Fernando de Vallejo, escrivão de Câmara del Rei nosso senhor, dos que residem em seu Conselho, dou fé que, havendo sido visto pelos senhores dele um livro que compôs Miguel de Cervantes Saavedra, intitulado DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, segunda parte, que com licença de Sua Majestade foi impresso, taxaram-no a quatro maravedis cada caderno, em papel, tendo ele setenta e três cadernos, em consequência do que soma e alcança duzentos e noventa e dois maravedis. E mandaram que esta taxa se ponha no princípio de cada volume do dito livro, para que se saiba e entenda o que por ele se há de pedir e levar, sem que se exceda nisso de maneira alguma, como consta e parece pelo auto e decreto original sobre isso dado, que fica em meu poder e a que me refiro. E por mandamento dos ditos senhores e a requerimento da parte do dito Miguel de Cervantes dei esta fé, em Madri, a vinte e um dias do mês de outubro de mil e seiscentos e quinze anos.

FERNANDO DE VALLEJO

# FÉ DE ERRATAS

Vi este livro intitulado Segunda Parte de DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, composto por Miguel de Cervantes Saavedra e não há nele coisa digna de notar que não corresponda a seu original. Dada em Madri, a vinte e um de outubro, mil e seiscentos e quinze.

O licenciado
FRANCISCO MURCIA DA LA LLANA[1]

# APROVAÇÃO

Por comissão e mandado dos senhores do Conselho, fiz ver o livro contido neste memorial; não contém coisa contra a Fé e os bons costumes: antes, é livro de muito entretenimento lícito, mesclado de muita filosofia moral. Pode-se-lhe dar licença para imprimi-lo. Em Madri, a cinco de novembro de mil seiscentos e quinze.

DOUTOR GUTIERRE DE CETINA

# APROVAÇÃO

Por comissão e mandado dos senhores do Conselho, vi a Segunda Parte de Dom Quixote de la Mancha, por Miguel de Cervantes Saavedra. Não contém coisa contra nossa santa Fé Católica nem os bons costumes; antes, muitas de honesta recreação e aprazível divertimento, que os antigos julgaram convenientes a suas repúblicas, pois mesmo na severa dos lacedemônios levantaram estátua ao riso, e os de Tessália lhe dedicaram festas, como o diz Pausânias, citado por Bosio, livro 2, *Designis Eccles.*, cap. 10, alentando ânimos deprimidos e espíritos melancólicos, do que se lembrou Túlio no primeiro *Delegibus*, e o Poeta, dizendo: "*Interpone tuis interdum gaudia curis.*" O mesmo faz o autor, mesclando verdades às burlas, o doce ao proveitoso e o moral ao faceto, dissimulando na isca do donaire o anzol da repreensão e cumprindo com o acertado assunto, em que pretende a expulsão dos livros de cavalarias, pois, com sua boa diligência, manhosamente, alimpando de sua contagiosa doença estes reinos, é obra mui digna de seu grande engenho, honra e lustre de nossa nação, admiração e inveja das estranhas. Este é meu parecer, salvo etc. em Madri, a 17 de março de 1615.

Mestre Joseph de Valdivielso

# APROVAÇÃO

Por comissão do senhor doutor Gutierre de Cetina, vigário-geral desta cidade de Madri, corte de Sua Majestade, vi este livro da Segunda Parte do ENGENHOSO CAVALEIRO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA,[1] por Miguel de cervantes Saavedra, e não acho nele cousa indigna de um cristão zelo, nem dissonante da decência devida ao bom exemplo e virtudes morais: antes, muita erudição e aproveitamento, tanto na continência de seu bem seguido assunto, para extirpar os vãos e mentirosos livros de cavalarias, cujo contágio se havia espalhado mais do que era justo, como na lisura da linguagem castelhana, não adulterada com enfadonha e estudada afetação (vício com razão aborrecido dos homens sensatos). E na correção de vícios, que geralmente toca, ocasionado de seus agudos discursos, guarda com tanta cordura as leis de repreensão cristã que aquele que for tocado da enfermidade que ele pretende curar, no doce e saboroso de seus medicamentos terá bebido, quando menos o imagine, sem estorvo nem asco algum, o proveitoso da detestação de seu vício, com que se achará (que é o mais difícil de conseguir-se) cheio de gosto e repreendido.

Muitos têm havido que, por não terem sabido temperar nem mesclar a propósito o útil com o doce, deram com todo o seu molesto trabalho em terra, pois, não podendo imitar Diógenes no filósofo e douto, atrevida, para não dizer licenciosamente e sem luzes, pretendem imitá-lo no cínico, dando-se a maldizentes, inventando casos que não passaram, para fazer capaz o vício que tocam de sua áspera repreensão, e por acaso descobrem caminhos para segui-lo, até então ignorados, com o que vêm a tornar-se, se não repreensores, pelo menos mestres dele. Fazem-se odiosos aos bens entendidos, com o povo perdem o crédito (se algum tiveram) para admitir seus escritos, e ficam os vícios, que arrojada e imprudentemente quiseram corrigir, em mui pior estado que antes. Nem todos os tumores ao mesmo tempo estão dispostos a admitir receitas e cautérios, antes, alguns muito melhor recebem as brandas e suaves medicações, com cuja aplicação o atento e douto médico consegue o fim de resolvê-los, termo que muitas vezes é melhor que o alcançado com o rigor do ferro.

Bem diferente sentiram dos escritos de Miguel de Cervantes tanto nossa nação como as estranhas, pois, como a um milagre, desejam ver o autor de livros que com geral aplauso, tanto por seu decoro e decência como pela suavidade e brandura de seus discursos, receberam Espanha, França, Itália, Alemanha e Flandres. Certifico com verdade que, em vinte e cinco de fevereiro deste ano de seiscentos e quinze, havendo ido o ilustríssimo senhor Dom Bernardo de Sandoval y Rojas, cardeal-arcebispo de Toledo, meu senhor, a pagar a visita que a Sua

Eminência fizera o embaixador de França[2] que veio tratar de coisas referentes aos casamentos de seus príncipes e os de Espanha, muitos cavaleiros franceses dos que vieram acompanhando o embaixador, tão corteses como entendidos e amigos de boas letras, chegaram-se a mim e a outros capelães do cardeal meu senhor, desejosos de saber que livros de engenho andavam mais validos. E tocando acaso neste, que eu estava censurando, apenas ouviram o nome de Miguel de Cervantes quando começaram a fazer comentários, encarecendo a estima em que tanto na França como nos reinos confinantes eram tidas suas obras, a *Galateia*, que alguns deles têm quase de memória, a primeira parte desta, e as *Novelas*. Foram tantos seus encarecimentos que me ofereci para levá-los a ver o autor delas, o que estimaram com demonstrações de vivos desejos. Perguntaram-me muito por miúdo sua idade, sua profissão, qualidade e quantidade. Vi-me obrigado a dizer que era velho, soldado, fidalgo e pobre, ao que um respondeu com estas formais palavras: "Pois a tal homem não o tem Espanha muito rico e sustentado pelo erário?" Acudiu outro daqueles cavaleiros com este pensamento e, com muita agudeza, disse: "Se a necessidade o tem de obrigar a escrever, praza a Deus que nunca tenha abundância, para que com suas obras, sendo ele pobre, faça rico a todo o mundo."

Bem creio que está, para censura, um pouco largo. Alguém dirá que toca os limites de lisonjeiro elogio; mas a verdade do que sucintamente digo desfaz no crítico a suspeita e em mim o cuidado; tanto mais quanto, nos dias de hoje, não se lisonjeia a quem não tem com que cevar o bico do adulador, que, embora afetuosa e falsamente fale por burla, pretende ser remunerado deveras.

Em Madri, a vinte e sete de fevereiro de mil seiscentos e quinze.

O licenciado
MÁRQUEZ TORRES

# PRIVILÉGIO

Porquanto por parte de vós, Miguel de Cervantes Saavedra, nos foi feita relação de que havíeis composto a Segunda Parte de Dom Quixote de la Mancha, da qual fazíeis apresentação, e por ser livro de história agradável e honesta e haver-vos custado muito trabalho e estudo, nos suplicastes mandássemos dar-vos licença para o poder imprimir e privilégio por vinte anos, ou como a nossa mercê fosse, o que visto pelos de nosso Conselho, porquanto no dito livro se fez a diligência que a pragmática por nós sobre isso feita dispõe, foi decidido que devíamos mandar dar esta nossa cédula na dita razão, e nós o tivemos por bem; pela qual vos damos licença e faculdade para que, por tempo e espaço de dez anos inteiros, os primeiros seguintes, que corram e se contem da data desta nossa cédula em diante, vós, ou a pessoa que para isso vosso poder obtiver, e não outra alguma, possais imprimir e vender o dito livro de que supra se faz menção, e pela presente damos licença e faculdade a qualquer impressor de nossos reinos que nomeardes para que, durante o referido tempo, o possa imprimir pelo original que em nosso Conselho se viu e vai rubricado e firmado ao fim por Fernando de Vallejo, nosso escrivão de Câmara e um dos que nele residem, contando que, antes e primeiro que se venda, o leveis ante eles juntamente com o dito original, para que se veja se a dita impressão está conforme a ele, ou leveis fé em pública-forma, como por corretor por nós nomeado, se viu e corrigiu a dita impressão pelo dito original; e mais o dito impressor que assim imprimir o dito livro não imprima o princípio e primeiro caderno dele, nem entregue mais de um só livro com o original ao autor e pessoa a cuja custa o imprimir, nem a outra alguma, para efeito da dita correção e taxa, até que, antes e primeiro, o dito livro esteja corrigido e taxado pelos de nosso Conselho; estando isso feito, e não de outra maneira, possa imprimir o dito princípio e primeiro caderno, no qual imediatamente porá esta nossa licença e a aprovação, taxa e erratas; nem o possais vender, nem vendais, vós nem outra pessoa alguma, até que esteja o dito livro na forma supra dita, sob pena de cair e incorrer nas penas contidas na referida pragmática e leis de nossos reinos que sobre isso dispõem; e mais, que durante o dito tempo pessoa alguma sem vossa licença não o possa imprimir nem vender, sob pena de que quem o imprimir e vender tenha perdido, e perca, quaisquer livros, moldes e aparelhos que dele tiver e incorra ainda em pena de cinquenta mil maravedis, por vez que o contrário fizer, da qual dita pena seja a terça parte para nossa Câmara, a outra terça parte para o juiz que o sentenciar e a outra terça parte para quem o denunciar; e mais aos do nosso Conselho, presidentes, ouvidores das nossas Audiências, alcaides, alguazis da Nossa Casa e Corte e Chancelarias, e a outras quaisquer justiças de todas as cidades, vilas e lugares de nossos reinos e domínios, e a cada um em sua jurisdição, tanto aos que agora são como aos que serão daqui por diante, que vos guardem e cumpram esta cédula nossa e mercê, que assim vos fazemos, e contra ela não vão nem passem, de maneira alguma, sob pena de nossa mercê e de dez mil maravedis para a nossa Câmara. Dada em Madri, a trinta dias do mês de março de mil seiscentos e quinze.

Eu, o rei.

Por mandado del rei nosso senhor,

PEDRO DE CONTRERAS

# DEDICATÓRIA AO CONDE DE LEMOS[1]

Enviando a Vossa Excelência, dias há, minhas comédias, antes impressas que representadas, disse, se bem me lembro, que Dom Quixote permanecia de esporas calçadas, para ir beijar as mãos de Vossa Excelência; e agora digo que as calçou e se pôs a caminho, e, se aí chegar, parece-me ter prestado algum serviço a Vossa Excelência, pois muita é a pressa que de infinitas partes me dão a que o envie, para tirar o incômodo e a náusea causados por outro Dom Quixote, que com o nome de segunda parte se disfarçou e correu pelo orbe. E quem mais o mostrou desejar foi o grande imperador da China, pois haverá um mês que em língua chinesa me escreveu uma carta, por mensageiro, pedindo-me, ou, melhor dito, suplicando-me lho enviasse, porque desejava fundar um colégio em que se lesse a língua castelhana e queria que o livro a ser lido fosse o da história de Dom Quixote. Juntamente com isso, dizia-me fosse eu ser o reitor do tal colégio. Perguntei ao portador se Sua Majestade lhe havia dado para mim alguma ajuda de custo. Respondeu-me que nem por pensamento.

— Pois, irmão — retruquei-lhe eu —, podeis voltar para vossa China às dez, às vinte léguas por dia, ou às que vos tiverem determinado; porque não tenho saúde para lançar-me a tão longa viagem; ademais, além de enfermo, desprovido estou de dinheiros e, imperador por imperador, monarca por monarca, tenho em Nápoles o grande conde de Lemos, que, sem tantos titulozinhos de colégios, nem reitorias, me sustenta, me ampara e mais mercês me faz que as que consigo desejar.

Com isto o despedi, e com isto me despeço, oferecendo a Vossa Excelência os *Trabalhos de Persiles e Segismunda,* livro a que darei fim dentro de quatro meses, *Deo Volente,* e que há de ser o pior ou o melhor que em nossa língua se haja composto; refiro-me aos de entretenimento. E digo que me arrependo de haver dito o *pior*, porque, segundo a opinião de meus amigos, há de chegar ao extremo possível de melhoria. Venha Vossa Excelência com a saúde que lhe desejamos; cá estará *Persiles* para beijar-lhe as mãos, e eu, os pés, como servo que sou de Vossa Excelência.

Em Madri, último de outubro de mil seiscentos e quinze.

Criado de Vossa Excelência,

Miguel de Cervantes Saavedra.

# PRÓLOGO AO LEITOR

Valha-me Deus, com que gana deves estar esperando agora, leitor ilustre, ou mesmo plebeu, este prólogo, crendo achar nele vinganças, ataques e vitupérios contra o autor do segundo Dom Quixote, isto é, daquele que dizem se gerou em Tordesilhas e nasceu em Tarragona![1] Em verdade, porém, não te hei de dar tal alegria; pois, se bem que os agravos despertam a cólera nos humildes peitos, no meu tal regra há de sofrer exceção. Quererias que o chamasse asno, mentecapto e atrevido, mas não me passa coisa semelhante pelo pensamento; castigue-o seu pecado, com seu pão o coma e bem se avenha. O que não pude deixar de sentir é que me tachasse de velho e de manco, como se em minha mão estivesse haver detido o tempo, para que por mim não passasse, ou como se minha manqueira houvesse nascido em alguma taverna, e não na mais alta oportunidade que viram os séculos passados, e os presentes, e não esperam ver os vindouros. Se minhas feridas não resplandecem aos olhos de quem as mira, são pelo menos estimadas, na estima dos que sabem onde se ganharam; que o soldado melhor parece morto na batalha que livre na fuga; e tanto assim penso que, se agora me propusessem e facilitassem o impossível, antes quisera haver-me achado naquela prodigiosa ação de guerra do que, agora, são de minhas feridas sem nela me haver encontrado. As feridas que o soldado mostra no rosto e no peito são estrelas que guiam os demais ao céu da honra e ao desejo do justo louvor; e é bom advertir que não se escreve com as cãs, mas com o entendimento, que sói melhorar com os anos. Magoou-me também que me chamasse invejoso e que, como se falasse a ignorante, me descrevesse que coisa é a inveja; na verdade das verdades, das duas que há, conheço apenas a santa, a nobre e bem-intencionada; e por ser isto assim, não me é mister perseguir nenhum sacerdote, ainda mais que por acréscimo seja familiar do Santo Ofício; e, se ele o disse por causa de quem parece que o fez, enganou-se redondamente, pois desse adoro o engenho, admiro as obras e a ocupação contínua e virtuosa.[2] Agradeço porém, com efeito, a esse senhor autor, o dizer que minhas novelas são mais satíricas que exemplares, mas são boas; e se de tudo não tivessem não o poderiam ser.

Parece-me que me dizes que ando muito acanhado e muito me contenho nos limites de minha modéstia, sabendo que não se há de aumentar a aflição do aflito; e a que deve ter esse senhor sem dúvida é grande, posto que não ousa aparecer em campo aberto e com céu claro, encobrindo seu nome, disfarçando sua pátria, como se houvera cometido alguma traição de lesa-majestade. Se porventura chegares a conhecê-lo, dize-lhe, de minha parte, que me não tenho por agravado; bem sei quais são as tentações do demônio e uma das maiores é pôr nos miolos de um homem que pode compor e imprimir um livro com que ganhe tanta fama quanto dinheiro e tantos dinheiros quanta fama; e, para confirmá-lo, quero que, com teu bom donaire e graça, lhe narres este conto:

Havia em Sevilha um louco, que deu no mais gracioso disparate e teima já vistos em loucos neste mundo. Assim é que fez um canudo de cana, pontiagudo na extremidade, e, ao pegar algum cão na rua, ou em qualquer outra parte, com um pé lhe prendia uma pata, com a mão lhe erguia a outra, e lhe acomodava como melhor podia o canudo em local em que, soprando por ele, o deixava, ao cão, redondo como pelota. E, ao tê-lo desse modo, dava-lhe duas palmaditas na barriga e soltava-o dizendo aos circunstantes, que sempre eram muitos:

— Pensarão vosmecês agora que é pouco trabalho inchar um cão? Pensará vosmecê agora que é pouco trabalho fazer um livro?

E, se lhe não quadrar este conto, dir-lhe-ás, leitor amigo, este outro, que é também de louco e de cão:

Havia em Córdova outro louco, que tinha o costume de trazer sobre a cabeça um pedaço de lousa de mármore, ou uma pedra não muito leve e, topando com algum cão descuidado, aproximava-se dele e deixava o peso cair a prumo sobre o animal. Amofinava-se o cão e dando ladridos e uivos não parava nas três primeiras ruas. Sucedeu, pois, que entre os cães sobre que descarregou a carga um houve de um chapeleiro, a que o dono muito queria. Desceu o louco a pedra, acertou-lha na cabeça, soltou gritos o moído cão, viu-o e sentiu-o o dono, que agarrou numa vara de medir, lançou-se ao louco e lhe não deixou osso intato. E a cada paulada que lhe dava, dizia:

— Cão ladrão, feriste meu podengo? Não viste, malvado, que meu cão era podengo?

E, repetindo-lhe o nome de podengo muitas vezes, deixou o louco como esmoído. Escarmentado, retirou-se o louco, que por mais de um mês não saiu à praça; ao cabo desse tempo, voltou com sua invenção e maior carga. Aproximava-se de onde estava o cão, e olhando-o muito bem e fitamente, sem sequer descarregar a pedra, ou atrever-se a isso, dizia:

— Cuidado! Este é podengo.

Com efeito, de quantos cães topava, fossem alões ou fraldiqueiros, dizia que eram podengos; e assim não voltou a soltar a pedra. Talvez o mesmo possa suceder a esse historiador e não se atreva a soltar mais a presa de seu engenho em livros, que, sendo maus, são mais duros que as penhas.

Dize-lhe também que nada se me dá da ameaça, que me faz, de tirar-me os ganhos com seu livro; que, acomodando-me ao entremez famoso da *Perendenga*,[3] lhe respondo que para mim viva o Vinte e quatro meu senhor[4] e Cristo para todos. Viva o grande conde de Lemos, cuja cristandade e liberalidade, bem conhecidas, de pé me sustentam contra todos os golpes de minha escassa fortuna; e para mim viva a suma caridade do ilustríssimo de Toledo, Dom

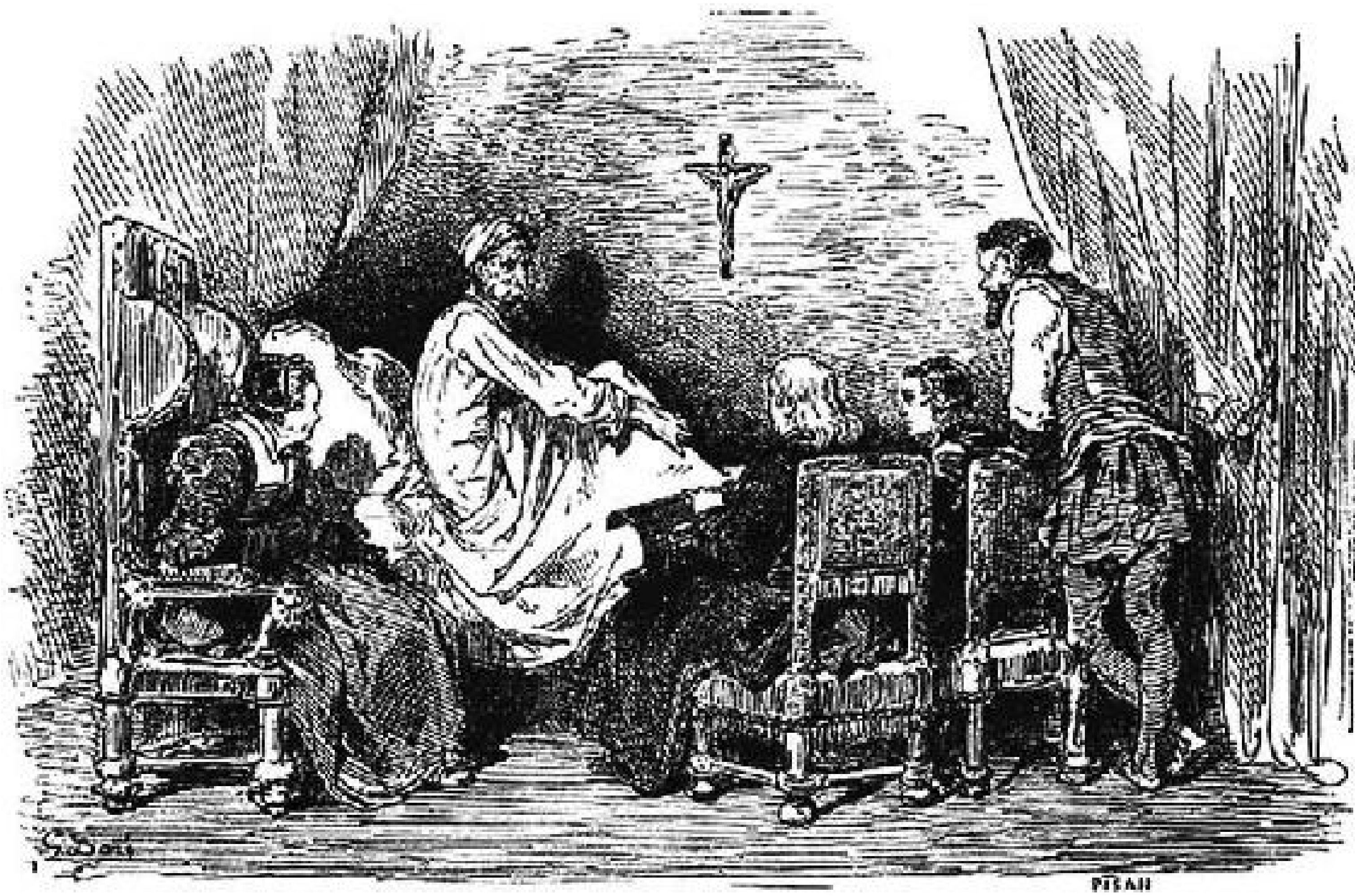
Bernardo de Sandoval e Rojas, e pouco se me dá que não mais haja imprensas no mundo, ou contra mim se imprimam mais livros do que letras têm as coplas de Mingo Revulgo.[5] Estes dois príncipes, sem ser solicitados por adulação minha ou outro gênero de aplauso, tomaram a seu cargo, movidos apenas por sua bondade, fazer-me mercê e favorecer-me; e nisso me tenho por mais ditoso e mais rico do que se a fortuna, pelos caminhos comuns, me houvesse posto em seu pináculo. A honra, pode-a ter o pobre, mas não o vicioso; pode a pobreza enevoar a nobreza, mas não escurecê-la de todo; basta que a virtude dê de si alguma luz, ainda que só pelos inconvenientes e fendas da estreiteza, para que venha a ser estimada pelos altos e nobres espíritos e, em consequência, favorecida. E mais não lhe digas, nem mais te quero dizer, além de advertir-te que consideres que esta segunda parte de *Dom Quixote*, que te ofereço, é cortada pelo mesmo artífice e do mesmo pano que a primeira. Nela, dou-te *Dom Quixote* ampliado e por fim morto e sepultado, não se atreva alguém a levantar-lhe novos testemunhos, pois bastam os passados e basta também que um homem honrado haja dado notícia destas discretas loucuras, sem de novo querer meter-se nelas. A abundância das coisas, mesmo que boas, faz com que se não estimem, e em algo se estima a carência, até das más. Esquecia-me dizer-te que esperes o *Persiles*, que já estou terminando, e a segunda parte de *Galateia*.[6]

# CAPÍTULO I

## *Do que passaram o cura e o barbeiro com Dom Quixote, a respeito de sua enfermidade*

Conta Cide Hamete Benengeli, na segunda parte desta história e terceira saída de Dom Quixote, que o cura e o barbeiro quase um mês passaram sem o ver, para lhe não renovar e trazer à memória as coisas passadas. Nem por isso deixaram de visitar a sobrinha e a ama, recomendando-lhes tivessem o cuidado de regalá-lo, dando-lhe de comer coisas tonificantes e apropriadas para o coração e o cérebro, de onde, segundo bom julgar, procedia toda a sua má ventura. Disseram elas que assim o faziam e continuariam a fazer, com o gosto e o cuidado possíveis, pois estavam a ver que seu senhor, por momentos, ia dando mostras de estar em juízo perfeito. Disso receberam os dois grande satisfação, por lhes parecer que haviam acertado ao trazê-lo encantado no carro dos bois, como se contou na primeira parte desta tão extensa como exata história, em seu último capítulo. Assim, decidiram visitá-lo para experimentar suas melhoras, embora julgassem quase impossível que as tivesse, e concordaram em não tocar em ponto algum da cavalaria andante, para não correr o perigo de descoser os da ferida, ainda tão recente.

Visitaram-no, por fim, e acharam-no sentado na cama, vestindo camisola de baeta verde, com um barrete toledano de cor; e estava tão seco e curtido que mais parecia uma múmia. Recebeu-os muito bem; perguntaram-lhe pela saúde e ele deu conta de si e dela com muito juízo e mui elegantes palavras. No decurso de sua palestra, vieram a tratar disso que chamam razões de Estado e modos de governo, censurando este abuso e condenando aquele, reformando um costume e desterrando outro, fazendo-se cada um dos três um novo legislador, um Licurgo moderno, ou um Sólon novo em folha. E de tal modo renovaram a república que só pareceu terem-na posto numa forja, tirando dela outra; e falou Dom Quixote com tal discrição em todas as matérias que se tocaram, que os dois examinadores julgaram estar ele indubitavelmente de todo bom e de perfeito juízo.



Achavam-se presentes à palestra a sobrinha e a ama, que se não fartavam de dar graças a Deus por verem seu senhor com tão bom raciocínio; mas o cura, mudando a decisão primitiva, que era a de não tocar em coisas de cavalaria, quis experimentar de modo cabal a sanidade de Dom Quixote, por ver se era falsa ou verdadeira. Assim, de lance em lance, veio a contar algumas novas chegadas da corte. Entre outras, disse ter-se por certo que o Turco descia com poderosa armada, sem que se soubesse seu desígnio nem onde iria descarregar tão grande nuvem; e com este temor, que quase a cada ano nos põe de sentinela, alerta estava toda a cristandade e Sua Majestade havia mandado guarnecer as costas de Nápoles e Sicília e a ilha de Malta. A isto respondeu Dom Quixote:

— Sua Majestade procedeu como prudentíssimo guerreiro ao guarnecer seus Estados a tempo, não o ache o inimigo desprevenido; mas, se tomado fosse meu conselho, aconselhá-lo-ia a que usasse de uma prevenção, em que agora Sua Majestade deve estar mui distante de pensar.

Apenas isto ouviu, disse para si o cura: "Ampare-te Deus, pobre Dom Quixote, pois me parece que te despenhas do alto cume de tua loucura para o profundo abismo de tua simplicidade!" Mas o barbeiro, que havia coincidido em pensamento com o cura, perguntou a Dom Quixote que prevenção era essa que julgava bom aconselhar a tomar-se; poderia talvez ser tal, que se incluísse na lista das muitas advertências impertinentes que se costumam fazer aos príncipes.

— A minha, senhor tosquiador — disse Dom Quixote —, não será impertinente, mas pertinentíssima.

— Não pretendo desmerecê-la — replicou o barbeiro —, mas a experiência tem mostrado que todos os pareceres, ou quase todos, que se dão a Sua Majestade, ou são impossíveis, ou disparatados, ou em dano do rei e do reino.

— Pois o meu parecer — respondeu Dom Quixote — não é impossível nem disparatado, e, sim, o mais fácil, o mais justo, o mais maneiro e breve que pode caber no pensamento de qualquer conselheiro.

— Já tarda vosmecê em dizê-lo, senhor Dom Quixote — interveio o cura.

— Não queria — observou Dom Quixote — que o dissesse aqui eu agora, e amanhecesse amanhã nos ouvidos dos senhores conselheiros, levando outro as graças e o prêmio de meu trabalho.

— Por mim — atalhou o barbeiro — dou minha palavra, aqui e diante de Deus, em como não direi o que vosmecê disser, ao rei ou roque,[1] nem a homem terreno, juramento que aprendi do romance do cura, que no prefácio contou ao rei qual o ladrão que lhe roubara os cem dobrões mais a mula andarilha.[2]

— Não sei de histórias — disse Dom Quixote —, mas sei que é bom esse juramento, por saber, e dar fé, que é homem de bem o senhor barbeiro.

— Quando não o fosse — tornou o cura —, abano-o eu e assevero que não falará deste caso mais que um mudo, sob pena de pagar o julgado e sentenciado.

— E a vosmecê, quem o abona, senhor cura? — replicou Dom Quixote.

— Minha profissão — respondeu o cura —, que é de guardar segredos.

— Corpo de tal! — exclamou neste ponto Dom Quixote. — Não será bastante que Sua Majestade mande, por público pregão, que se juntem na corte, em dia determinado, todos os cavaleiros andantes que por Espanha vagueiam? Ainda que só viesse meia dúzia, algum dentre eles poderia vir que sozinho bastasse para destruir todo o poderio do Turco. Fiquem vosmecês atentos e acompanhem-me. Porventura é coisa nova desfazer um só cavaleiro andante um exército de duzentos mil homens, como se todos juntos tivessem uma só garganta, ou fossem feitos de alfenim? Se não digam-me: quantas histórias estão cheias destas maravilhas? Vivesse, em má hora para mim, que não quero dizer para outro, vivesse hoje o famoso Dom Belianis, ou qualquer dos da inumerável linhagem de Amadis de Gaula, que se qualquer deles hoje vivesse e com o Turco se afrontasse não lhe arrendaria eu o ganho! Deus, porém, olhará por seu povo e suscitará algum que, se não tão bravo como os passados cavaleiros andantes, não lhes seja pelo menos inferior em ânimo; e Deus me entende, e mais não digo.

— Ai! — atalhou neste ponto a sobrinha. — Matem-me, se meu senhor não quer voltar a ser cavaleiro andante!

Ao que respondeu Dom Quixote:

— Cavaleiro andante hei de morrer, suba ou desça o Turco quando quiser e com a força que puder; outra vez digo que Deus me entende.

Acudiu aí o barbeiro:

— Suplico a vosmecês que me deem licença para narrar um conto breve que sucedeu em Sevilha; tenho vontade de contá-lo, por vir aqui a calhar.

Deu Dom Quixote a licença, e o cura e os demais lhe prestaram atenção. Começou ele assim:

“— No hospício dos loucos de Sevilha havia um homem, posto ali por seus parentes, por falta de juízo. Era graduado em cânones, por Osuna; mas, ainda que o fosse por Salamanca, segundo opinavam muitos, nem por isso deixaria de ser louco. Esse graduado, ao cabo de alguns anos de recolhimento, deu de entender que estava são, e de juízo perfeito, e com esta imaginação escreveu ao arcebispo, suplicando-lhe encarecidamente, e com bem-ordenadas razões, que o mandasse tirar daquela miséria em que vivia, pois a misericórdia de Deus lhe havia devolvido o juízo que perdera; mas que seus parentes, para usufruir parte de sua fazenda, ali o tinham posto e, apesar da verdade, queriam que louco fosse até a morte. O arcebispo, persuadido por muitos bilhetes discretos e cheios de nexo, mandou que um seu capelão se informasse com o reitor da casa se era verdade o que aquele licenciado lhe escrevia; e que, de qualquer modo, falasse com o louco e, se lhe parecesse que estava em seu juízo, o tirasse e pusesse em liberdade. Assim fez o capelão, dizendo-lhe o reitor que aquele homem ainda estava louco; posto que falasse muitas vezes como pessoa de perfeito entendimento, ao cabo disparava com tantas nescidades, que eram tão grandes e numerosas como os seus primeiros acertos, como se podia fazer a experiência, falando-lhe. Quis fazê-la o capelão, e, sendo deixado com o louco, falou com ele uma hora, ou mais. Em todo esse tempo, nem uma só vez disse o louco frase torcida ou disparatada; antes, falou tão ajuizadamente que o capelão se viu forçado a crer que o louco estava são. Entre outras coisas, disse o louco que o reitor lhe tinha ojeriza, para não perder as dádivas que seus parentes lhe faziam para dizer que ele estava ainda louco, embora com intervalos lúcidos; o maior obstáculo que sua desgraça encontrava era sua muita fazenda, pois, por usufruir dela, seus inimigos, com dolo, duvidavam da mercê que Nosso Senhor lhe havia feito, fazendo-o voltar a ser homem, e não irracional. Falou ele, afinal, de tal maneira, tornando suspeito o reitor e cobiçosos e desalmados seus parentes, que o capelão decidiu levá-lo consigo, para que o visse o arcebispo e extraísse com sua mão a verdade daquele negócio. Com tal boa-fé, pediu o bom capelão ao reitor mandasse dar as roupas com que ali entrara o licenciado; voltou a dizer o reitor que olhasse o que fazia, pois, sem dúvida alguma, estava ainda louco o homem, mas de nada serviram tais prevenções e advertências do reitor para que o capelão o deixasse de levar. Obedeceu-lhe o reitor, vendo ser ordem do arcebispo; deram ao licenciado suas vestes, que eram novas e decentes, e ao ver-se vestido de são e nu de louco[3] suplicou ele ao capelão que, por caridade, lhe desse licença para ir despedir-se dos loucos seus companheiros. Disse o capelão que queria acompanhá-lo, para ver os loucos que havia na casa. Subiram, com efeito, e com eles alguns que se achavam presentes. E chegando o licenciado a uma cela, onde estava um louco furioso, embora então sossegado e quieto, lhe disse:

— Irmão, diga-me se algo deseja, que vou para minha casa; Deus foi servido, por sua infinita bondade e misericórdia, sem que eu o merecesse, de devolver-me o juízo; são já estou, e cordato, que para o poder de Deus nada é impossível. Tenha grande esperança e confiança Nele, pois, assim como me fez voltar a meu primitivo estado, também o fará voltar ao seu, se confiar Nele. Terei cuidado em enviar-lhe alguns manjares para comer; coma-os, em todo caso, pois lhe faço saber que imagino, como quem por isso passou, que todas as nossas loucuras procedem de termos o estômago vazio e o cérebro cheio de vento. Esforce-se, esforce-se; que o desalento nos infortúnios diminui a saúde e acarreta a morte!

Todo este arrazoado do licenciado escutou-o outro louco, que estava em outra cela, fronteira à do furioso; levantando-se de velha esteira onde se achava deitado, nu em pelo, perguntou em altas vozes quem era aquele que partia, são e cordato. O licenciado replicou:

— Sou eu, irmão, quem parte; já não tenho necessidade de permanecer aqui, pelo que dou infinitas graças aos céus, que tão grande mercê me fizeram.

— Vede o que dizeis, licenciado, para que vos não engane o diabo — observou o louco. — Sossegai o pé e ficai quietinho em vossa casa, para poupardes a volta.

— Sei que estou bom — tornou o licenciado — e não haverá motivo para voltar a correr estações.[4]

— Vós, bom? — redarguiu o louco. — Há de se ver; ide com Deus, muito bem. Voto-vos eu, porém, a Júpiter, cuja majestade represento nesta terra, que só pelo pecado que Sevilha hoje comete ao tirar-vos desta casa, e ao ter-vos por são, tenho de dar-lhe um castigo de que fique memória pelos séculos dos séculos, amém. Não sabes tu, licenciado minguado, que o posso fazer, pois, como digo, sou Júpiter Tonante e nas mãos tenho os raios abrasadores com que posso e costumo ameaçar e destruir o mundo? Com uma só coisa, porém, quero castigar esta cidade ignorante; e é que não choverá nela, nem em todo o seu distrito e contorno, por três anos inteiros, a contar do dia e instante em que esta ameaça foi feita. Tu livre, tu são, tu cordato, e eu louco, eu enfermo, eu amarrado? Penso tanto em chover como em enforcar-me!

Às vozes e aos discursos do louco estiveram os circunstantes atentos; mas nosso licenciado, voltando-se para o capelão e agarrando-lhe as mãos, disse-lhe:

— Não se aflija Vossa Mercê, meu senhor, nem faça caso do que este louco diz; pois, se ele é Júpiter e não quer chover, eu, que sou Netuno, pai e deus das águas, choverei todas as vezes que me der na veneta e for mister.

Ao que respondeu o capelão:

— Em todo caso, senhor Netuno, não fica bem contrariar o senhor Júpiter: fique Vossa Mercê em sua casa; outro dia, quando houver mais comodidade e tempo, voltaremos a buscá-lo.

Riram-se o reitor e os presentes, e do riso ficou meio corrido o capelão; desnudaram o licenciado, ficou ele na casa e acabou-se a história."

— Então, é este o conto, senhor barbeiro, que por vir a calhar não podia deixar de contá-lo? — disse Dom Quixote. — Ah, senhor tosador, senhor tosador, quão cego é o que não vê por tela de peneira! É possível que vosmecê não saiba que as comparações que se fazem de engenho a engenho, de valor a valor, de formosura a formosura, de linhagem a linhagem são sempre odiosas e mal recebidas? Eu, senhor barbeiro, não sou Netuno, o deus das águas, nem procuro que ninguém me tenha por discreto, nem o ser; só me afadigo por dar a entender ao mundo o erro em que incorre, ao não renovar em si o felicíssimo tempo em que campeava a ordem da cavalaria andante. Nossa depravada era não merece, porém, gozar tantos bens como os gozaram as idades em que os cavaleiros andantes tomaram a seu cargo e lançaram aos ombros a defesa dos reinos, o amparo das donzelas, o socorro dos órfãos e pupilos, o castigo dos soberbos e o prêmio dos humildes. A maioria dos cavaleiros que agora se veem, antes lhes crepitam os damascos, os brocados e outras ricas telas com que se vestem do que a malha com que se armam. Já não há cavaleiro que durma nos campos, sujeito ao rigor do céu, armado de todas as armas, dos pés à cabeça. Já não há quem, sem tirar os pés dos estribos, arrimado à sua lança, só procure, como dizem, passar por uma modorra, como faziam os cavaleiros andantes. Já nenhum existe que, saindo deste bosque, entre naquela montanha, e dali passe a estéril e deserta praia do mar, no mais das vezes proceloso e alterado; e, achando à margem pequeno batel, sem remos, vela, mastro ou enxárcia alguma, com intrépido coração nele se arroje, entregando-se às ondas implacáveis do mar profundo, que ora o alçam ao céu, ora o baixam ao abismo. E ele, posto o peito à irrespondível borrasca, quando menos se precata vê-se a três mil ou mais léguas distante do lugar onde embarcou e, saltando em terra remota e não conhecida, sucedem-lhe ali coisas dignas de estar escritas, não em pergaminhos, mas no bronze. Agora, contudo, triunfa a preguiça da diligência, a ociosidade do trabalho, o vício da virtude, a arrogância da valentia, a teoria da prática das armas, que só viveram e resplandeceram nas eras de ouro e nos cavaleiros andantes. Se não, digam-me: quem foi mais honesto e mais valente que o famoso Amadis de Gaula? Quem foi mais discreto que Palmeirim de Inglaterra? Quem foi mais conciliador e dócil que Tirante, o Branco? Ou mais cortês que Lisuarte da Grécia? Ou mais acutilado e mais acutilador que Dom Belianis? Ou mais intrépido que Perião de Gaula? Ou quem arrostou maiores perigos que Felixmarte de Hircânia, ou quem foi mais sincero que Esplandião? Quem foi mais arrojado que Dom Cirongílio de Trácia? Quem foi mais bravo que Rodamonte? Quem foi mais prudente que o rei Sobrinho? Quem foi mais atrevido que Reinaldo? Quem foi mais invencível que Roldão? Ou mais galhardo e mais galante que

Rogério, de quem hoje descendem os duques de Ferrara, segundo Turpin em sua *Cosmografia*?[5] Todos esses cavaleiros, e muitos outros que eu poderia citar, senhor cura, foram cavaleiros andantes, luz e glória da cavalaria. Destes, ou de tais como estes, quisera eu que fossem os de meu parecer; que, a ser assim, estaria Sua Majestade bem servido e pouparia muitos gastos; e o Turco ficaria com as barbas a arder. E com isto quero ficar em minha casa, pois não me tira o capelão dela; e se Júpiter, como disse o barbeiro, não chover, aqui estou eu, que choverei quando me aprouver. Digo isto, para que saiba o senhor Bacia[6] que o entendo.

— Em verdade, senhor Dom Quixote — tornou o barbeiro —, não o disse com tal fito, e valha-me Deus como foi boa minha intenção, não devendo vosmecê magoar-se.

— Se fico magoado ou não, eu é que o sei — respondeu Dom Quixote.

A isto disse o cura:

— Ainda bem que quase não falei palavra até agora e não quisera ficar com um escrúpulo que me rói e escava a consciência, nascido do que disse aqui o senhor Dom Quixote.

— Para outras coisas mais — respondeu Dom Quixote — tem licença o senhor cura; assim, pode referir seu escrúpulo, que agradável não é andar com a consciência escrupulosa.

— Pois, com esse beneplácito — retrucou o cura —, digo que meu escrúpulo é o de não me poder entrar na cabeça, de modo algum, que toda essa caterva de cavaleiros andantes que vosmecê, senhor Dom Quixote, acaba de citar, tenham sido real e verdadeiramente pessoas de carne e osso deste mundo; imagino antes que é tudo ficção, fábula e mentira, sonhos contados por homens acordados, ou, para melhor dizer, semiadormecidos.

— Esse é outro erro — observou Dom Quixote — em que hão caído muitos, que não creem tenham no mundo existido outrora tais cavaleiros. Muitas vezes, com diversas pessoas e ocasiões, procurei trazer a luz da realidade a este quase comum engano; mas algumas vezes não realizei minha intenção, e outras sim, sustentando-a sobre os ombros da verdade. E tão certa é essa verdade que estou por asseverar ter visto com meus próprios olhos a Amadis de Gaula, que era homem alto de corpo, branco de rosto, bem-posto de barba, embora negra, de olhar entre brando e rigoroso, escasso em palavras, tardo em irar-se e lesto em despir-se da ira. E assim como delineei Amadis poderia, julgar eu, pintar e descrever quantos andantes cavaleiros andam nas histórias, pelo orbe, pois, pela ideia que faço de terem sido como suas histórias contam, e pelas façanhas que praticaram e condições que tiveram, por boa filosofia se podem extrair suas feições, suas cores e estaturas.

— Quão grande acha vosmecê, meu senhor Dom Quixote — perguntou o barbeiro —, seria o gigante Morgante?

— Nisto de gigantes — respondeu Dom Quixote — há diferentes opiniões, sobre se houve ou não algum no mundo; mas a Santa Escritura, que não pode faltar num só átomo à verdade, mostra-nos que houve, contando-nos a história daquele filisteuzão,[7] Golias, que tinha sete côvados e meio de altura, o que é grandeza desmesurada. Também na ilha de Sicília se acharam canelas e espáduas tão grandes que seu tamanho testemunha terem sido gigantes seus donos, e tão altos quanto grandes torres; verdade que a geometria deixa fora de dúvidas. Com tudo isso, porém, não saberei dizer com certeza que tamanho teria Morgante, embora imagine que não devesse ser muito alto: leva-me a ser dessa opinião o fato de encontrar, na crônica em que se faz particular menção de suas façanhas,[8] que muitas vezes dormia sob um teto; e, se casa achava em que coubesse, claro está que não era de grandeza desmedida.

— Assim é — disse o cura, que, gostando de ouvi-lo dizer tão grandes disparates, perguntou-lhe que pensava a respeito dos rostos de Reinaldo de Montalvão e de Dom Roldão, e dos demais Doze Pares de França, pois todos haviam sido cavaleiros andantes.

— De Reinaldo — respondeu Dom Quixote — atrevo-me a dizer que era de rosto largo e avermelhado, olhos bailadores e um tanto esbugalhados, pontilhoso e colérico em demasia, amigo de ladrões e de gente perdida. De Roldão, ou Rotolando, ou Orlando, que com todos esses nomes o chamam as crônicas, sou de parecer e afirmo que foi de estatura média, largo de ombros, um tanto zambro, moreno de rosto e barbirruivo, de corpo cabeludo e vista ameaçadora, escasso no falar, mas mui comedido e bem-criado.

— Se Roldão não foi mais gentil-homem do que disse vosmecê — replicou o cura —, não é de admirar que a senhora Angélica, a Bela, o desdenhasse e abandonasse pela pompa, pelos brio e donaire que devia ter o mourinho a barbar, a quem se entregou; e discreta andou em cortejar antes a brandura de Medoro que a aspereza de Roldão.

— Essa Angélica, senhor cura — explicou Dom Quixote —, foi uma donzela descuidada, andeja e um tanto caprichosa, e tão cheio deixou o mundo de suas impertinências como da fama de sua formosura: desprezou mil senhores, mil valentes e mil discretos, e contentou-se com um pajenzito barbalhoste, sem outra fazenda ou nome que os que lhe pôde dar a amizade que a seu amigo guardou. O grande cantor de sua beleza, o famoso Ariosto, por não ousar, ou por não querer cantar o que a esta senhora sucedeu depois de sua ruim rendição, coisas que não deviam ser demasiado honestas, deixou-a onde disse:

*E como de Catai obteve o cetro, outro cante, talvez, com melhor plectro.*[9]

E sem dúvida isto foi como profecia; que os poetas também se chamam vates, o que quer dizer *adivinhos*. Vê-se claramente esta verdade, porquanto, depois, cá um famoso poeta andaluz[10] chorou e cantou suas lágrimas, e outro famoso e único poeta castelhano lhe cantou a formosura.[11]

— Diga-me, senhor Dom Quixote — entrou neste ponto o barbeiro —, não houve algum poeta que tenha feito qualquer sátira a essa senhora Angélica, entre tantos que a louvaram?

— Bem me parece — respondeu Dom Quixote — que se Sacripante ou Roldão fossem poetas teriam ensaboado a donzela, pois é próprio e natural dos poetas desdenhados e não aceitos por suas damas, fingidas ou não fingidas, mas sempre aquelas que escolheram para senhoras de seus pensamentos, vingar-se com sátiras e libelos, vingança, por certo, indigna de peitos generosos; mas até agora não me chegou notícia de algum verso difamatório contra a senhora Angélica, que trouxe o mundo revolto.

— Milagre! — exclamou o cura. Nisto, ouviram que a ama e a sobrinha, que já haviam deixado a palestra, davam grandes brados no pátio, e a tal ruído acudiram todos.

# CAPÍTULO II

## *Que trata da notável pendência tida por Sancho Pança com a sobrinha e a ama de Dom Quixote, e de outros graciosos assuntos*

Conta a história que os brados que ouviram Dom Quixote, o cura e o barbeiro eram da sobrinha e da ama, que os davam dizendo a Sancho Pança, que lutava por entrar para ver Dom Quixote, enquanto elas lhe impediam a porta:

— Que quer este mostrengo nesta casa? Ide-vos à vossa, irmão, que sois vós, e não outro, quem desvia e desencaminha meu senhor, e o leva por esses andurriais.

Ao que Sancho respondeu:

— Ama de Satanás, o desencaminhado e o desviado e o levado por esses andurriais sou eu, e não teu amo; ele me levou por esses mundos e vós vos enganais na metade do justo preço; ele me tirou de casa com armadilhas, prometendo-me uma ilha que até agora estou a esperar.

— Más ilhas te afoguem — exclamou a sobrinha — maldito Sancho! Que são ilhas? É alguma coisa de comer, guloso, comilão que és?

— Não é de comer — replicou Sancho —, mas de governar e reger, melhor que quatro cidades e quatro alcaides da corte.

— Com tudo isso — tornou a ama — não entrareis cá, saco de maldades e alforje de malícias. Ide governar vossa casa e lavrar vosso sítio, e deixai de pretender ilhas e ilhos.

Grande gosto sentiam o cura e o barbeiro em ouvir o colóquio dos três; mas Dom Quixote, temeroso de que Sancho se descosesse e desembuchasse algum montão de maliciosas nescidades, e tocasse em pontos que não lhe seriam levados a bom crédito, chamou-o e fez com que as duas se calassem e o deixassem entrar. Entrou Sancho, e o barbeiro e o cura se despediram de Dom Quixote, de cuja sanidade desesperaram, ao ver quanto estava embebido em seus desvairados pensamentos e imerso na simploriedade de suas mal-andantes cavalarias. E assim disse o cura ao barbeiro:

— Vereis, compadre, como nosso fidalgo sai outra vez a correr mundo,[1] quando menos o pensemos.

— Não tenho dúvidas disso — respondeu o barbeiro. — Mas não me admiro tanto da loucura do cavaleiro como da simplicidade do escudeiro, que crê naquela história da ilha a ponto de lha não arrancarem do casco todos os desenganos imagináveis.

— Deus lhes dê conserto e fiquemos de olho vivo — observou o cura. — Veremos em que vai parar esta máquina de disparates de tal cavaleiro e tal escudeiro, que parece terem sido os dois forjados no mesmo molde e não valeriam um real as loucuras do amo sem as nescidades do criado.

— Assim é — disse o barbeiro — e muito apreciaria saber que estarão agora os dois a tratar.

— Estou certo — respondeu o cura — de que a sobrinha ou a ama nos darão conta depois; não são gente que deixe de escutá-lo.

Entretanto, Dom Quixote fechou-se com Sancho em seu aposento e, ficando sós, disse:

— Pesa-me muito, Sancho, haveres dito e dizeres que fui eu quem te tirou de tua choupana, sabendo bem que não fiquei em minha casa; saímos juntos, juntos fomos e juntos peregrinamos; a mesma fortuna e a mesma sorte nos coube aos dois; se a ti te mantearam uma vez, a mim moeram-me cem vezes, e isto é o que te levo de lucro.

— Assim deveria ser — respondeu Sancho — porque, segundo vosmecê diz, mais ligadas são as desgraças aos cavaleiros andantes que a seus escudeiros.

— Enganas-te, Sancho — disse Dom Quixote. — Lembra-te de que *quando caput dolet*... etc.

— Não entendo língua que não seja a minha — replicou Sancho.

— Quero dizer que, quando a cabeça dói, todos os membros doem; e assim, sendo eu teu amo e senhor, sou tua cabeça, e tu és parte de mim, pois és meu criado; por esta razão, o mal que me tocar te há de doer, e o teu a mim.

— Devia ser assim — tornou Sancho. — Mas, quando me manteavam, como a um membro, minha cabeça estava por trás da sebe, vendo-me voar pelos ares, sem sentir dor alguma; e se os membros são obrigados a sentir dor pelos males da cabeça, ela devia estar obrigada a sentir dor pelos deles.

— Quererás dizer agora, Sancho — retorquiu Dom Quixote —, que eu não me sentia dolorido quando te manteavam? Se o dizes, não o digas, nem o penses; pois mais dores sentia eu então em meu espírito que tu em teu corpo. Deixemos, porém, isto de lado por agora, que tempo haverá para esclarecermos tudo. Conta-me, Sancho amigo: que dizem de mim por aí? Como me consideram o vulgo, os fidalgos e os cavaleiros? Que falam de minha valentia, de minhas façanhas e de minha cortesia? Que se conversa sobre minha decisão de ressuscitar e devolver ao mundo a já olvidada ordem cavaleiresca? Em suma, quero, Sancho, que me digas o que a respeito de tudo isso chegou a teus ouvidos; e isto me hás de dizer sem coisa alguma juntar ao bem ou tirar ao mal; que é dos vassalos leais dizer a verdade a seus senhores, tal como é e se afigura, sem que a adulação a acrescente ou outro vão respeito a diminua. E quero que saibas, Sancho, que se aos ouvidos dos príncipes chegasse a verdade nua, sem as vestes da lisonja, outros séculos correriam, outras idades seriam tidas por mais de ferro que a nossa, que creio ser a dourada das que agora se passam. Sirva-te este conselho, Sancho, para que discreta e bem-intencionalmente me tragas ao ouvido a verdade das coisas que souberes e sobre as quais te interroguei.

— Farei isso de muita boa vontade, senhor — respondeu Sancho —, com a condição de que vosmecê não se há de enfadar com o que eu disser, já que me manda dizê-lo a nu, sem o vestir com outras roupas além daquelas com que chegaram a meu conhecimento.

— De modo algum me hei de enfadar — asseverou Dom Quixote. — Podes, Sancho, falar livremente e sem qualquer rodeio.

— Pois a primeira coisa que digo é que o vulgo tem vosmecê por grandíssimo louco e a mim por não menos maluco. Dizem os fidalgos que, não se contendo vosmecê nos limites da fidalguia, se atribuiu o título de Dom e se meteu a cavaleiro, com quatro cepas e duas jeiras de terra e um trapo atrás e outro adiante. Dizem os cavaleiros que não quereriam que os fidalgos se opusessem a eles, especialmente aqueles fidalgos escudeiris, que defumam os sapatos[2] e remendam meias pretas com seda verde.

— Isso — disse Dom Quixote — não se refere a mim, que ando sempre bem-vestido e nunca remendado; roto, bem poderia ser; e mais pelas armas que pelo tempo.

— No que tange à valentia — prosseguiu Sancho —, à cortesia, às façanhas e à decisão de vosmecê, são diversas as opiniões; dizem uns: “Louco, mas gracioso”; outros: “Valente, mas desgraçado”; outros: “Cortês, mas impertinente.” E por aí vão discorrendo, de tantos modos, que nem a vosmecê nem a mim nos deixam osso inteiro.

— Olha, Sancho — observou Dom Quixote —, perseguida é a virtude, onde quer que se mostre em grau eminente. Poucos, ou nenhum, dos famosos varões do passado deixaram de ser caluniados pela malícia. Júlio César, animosíssimo, prudentíssimo e valentíssimo capitão, foi tachado de ambicioso e de algo pouco limpo, nas vestes e nos costumes. Alexandre, que por suas façanhas obteve o renome de Magno, dizem dele que teve suas certas fraquezas de bêbedo. De Hércules, o dos muitos trabalhos, conta-se que foi lascivo e molengo. De Dom Galaor, irmão de Amadis de Gaula, murmura-se que foi mais do que demasiadamente rixento; e de seu irmão, que foi choramingas. Assim, ó Sancho! Entre tantas calúnias e tantos bons, bem podem passar as minhas, se não forem mais do que as que disseste.

— Aí é que está o nó, corpo de meu pai! — replicou Sancho.

— Como, há mais? — perguntou Dom Quixote.

— Falta ainda esfolar a cauda — tornou Sancho. — O que até agora lhe disse são empadões e pão doce; mas, se vosmecê quer saber tudo quanto há acerca das *caludas* que lhe levantam, virei trazer-lhe aqui quem as digas todas, sem que lhes falte uma mealha.[3] A noite passada chegou o filho de Bartolomeu Carrasco, que estava em estudos em Salamanca e se fez bacharel; indo-lhe eu dar as boas-vindas, disse-me que já estava em livros a história de vosmecê com o nome de *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*; e disse que a mim lá me põem, com o mesmo nome de Sancho Pança, e à senhora Dulcineia del Toboso, com outras coisas que passamos a sós. Benzi-me de espantado, sem entender como as pôde saber o historiador que as escreveu.

Asseguro-te, Sancho — disse Dom Quixote —, que deve ser algum sábio feiticeiro o autor de nossa história, pois a eles nada lhes fica encoberto do que desejam escrever.

— E como não seria sábio e feiticeiro — retrucou Sancho — se (como diz o bacharel Sansão Carrasco, que é o homem a quem me refiro) o autor da história se chama Cide Hamete Beringela?

— Isso é nome de mouro — comentou Dom Quixote.

— Assim será — respondeu Sancho —, porque em toda parte tenho ouvido dizer que os mouros gostam muito de berinjelas.

— Com certeza, Sancho, erras o sobrenome desse Cide, palavra que em árabe quer dizer *senhor*.

— Bem pode ser — replicou Sancho. — Mas se vosmecê quer que o faça vir aqui, irei buscá-lo num voo.

— Far-me-ás muito prazer — assentiu Dom Quixote. — Estou em suspenso com o que disseste e não comerei manjar que bem me saiba enquanto não estiver informado de tudo.

— Pois vou à sua busca — retrucou Sancho.

E, deixando seu amo, foi buscar o bacharel, com quem voltou dentro de pouco tempo, passando-se entre os três graciosíssimo colóquio.

# CAPÍTULO III

## *Da engraçada palestra havida entre Dom Quixote, Sancho Pança e o bacharel Sansão Carrasco*

Realmente pensativo ficou Dom Quixote, aguardando o bacharel Carrasco, de quem esperava ouvir as novas de si próprio postas em livro, como havia dito Sancho. Não se podia convencer de que houvesse tal história, pois ainda não estava enxuto na lâmina de sua espada o sangue dos inimigos que matara e já queriam que impressas andassem suas altas cavalarias. Apesar disso, imaginou que algum sábio, amigo ou inimigo, por artes de encantamento as haveria dado à estampa; se amigo, para engrandecê-las e alçá-las por sobre as mais assinaladas de cavaleiro andante; se inimigo, para aniquilá-las e pô-las abaixo das mais vis que de vil escudeiro se houvesse escrito, posto que (dizia a si mesmo) nunca houvesse alguém escrito façanhas de escudeiro. E se verdade fosse existir tal história, por ser de cavaleiro andante forçosamente teria de ser grandíloqua, alta, insigne, magnífica e verdadeira. Com isto se consolou um tanto; mas desgostou-o pensar que seu autor fosse mouro, segundo se inferia daquele nome de Cide, e dos mouros não se podia esperar verdade alguma, porquanto são todos fraudadores, falsários e quimeristas. Receava que houvesse ele tratado seus amores com alguma indecência, que redundasse em menoscabo e prejuízo de sua senhora Dulcineia del Toboso; desejava que houvesse declarado sua fidelidade e o decoro que sempre lhe guardara, menosprezando rainhas, imperatrizes e donzelas de todas as qualidades e refreando os ímpetos dos movimentos naturais. E assim, envolto e revolto nessas e noutras muitas imaginações, encontraram-no Sancho e Carrasco, a quem Dom Quixote recebeu com muita cortesia.

O bacharel, embora se chamasse Sansão, não era muito corpulento, mas muitíssimo matreiro; de cor macilenta, mas de mui bom entendimento; teria cerca de 24 anos, rosto redondo, nariz chato e grande boca, sinais todos de ser de condição maliciosa e amigo de donaires e de burlas, como o mostrou ao ver Dom Quixote, quando se pôs de joelhos diante dele, dizendo-lhe:

— Dê-me Vossa Grandeza as mãos, senhor Dom Quixote de la Mancha. Pelo hábito de São Pedro, que visto, embora outras ordens não tenha que as quatro primeiras,[1] é Vossa Mercê um dos mais famosos cavaleiros andantes que já houve, ou poderá haver, em todas as redondezas da terra! Bem haja Cide Hamete Benengeli, que a história de vossas grandezas deixou escrita, e duas vezes bem haja o curioso que teve o cuidado de fazê-las traduzir do árabe para o nosso vernáculo castelhano, para universal entretenimento das gentes.

Dom Quixote fê-lo levantar-se e disse-lhe:

— Desse modo, é verdade que há uma história minha e que foi mouro e sábio quem a compôs?

— Tão verdade é, senhor — respondeu Sansão —, que tenho para mim que no dia de hoje estão impressos mais de doze mil livros de tal história; se não digam-no Portugal, Barcelona e Valência, onde impressos foram.[2] Corre ainda a fama de que se está imprimindo em Antuérpia, e a mim me transluz que não há de haver nação ou língua em que se não traduza.

— Uma das coisas — disse neste ponto Dom Quixote — que mais satisfação deve dar a um homem virtuoso e eminente é ver-se, em vida, andar com bom nome pelas línguas dos povos, impresso e estampado. Disse com bom nome, porque, do contrário, morte alguma se lhe igualará.

— Se de bom nome e boa fama se trata — tornou o bacharel —, só Vossa Mercê leva a palma a todos os cavaleiros andantes; porque o mouro em sua língua, e na sua o cristão, tiveram o cuidado de pintar-nos muito ao vivo a galhardia de Vossa Mercê, seu grande ânimo em acometer perigos, sua paciência nas adversidades, sua resignação tanto nas desgraças como nas feridas, a honestidade e continência dos amores, tão platônicos, de Vossa Mercê e da senhora minha, Dona Dulcineia del Toboso.

— Nunca — atalhou então Sancho Pança, — ouvi chamar de Dona a minha senhora Dulcineia, mas somente de senhora Dulcineia del Toboso. Já nisto anda errada a história.

— Essa não é objeção de importância — observou Carrasco.

— Não, por certo — concordou Dom Quixote. — Mas diga-me Vossa Mercê, senhor bacharel: nessa história, quais, dentre as minhas façanhas, são tidas em maior conta?

— Nisso — respondeu o bacharel — há diferentes opiniões, como diversos são os gostos: atêm-se uns à aventura dos moinhos de vento, que a Vossa Mercê pareceram Briareus e gigantes; outros, à das azenhas; este, à descrição dos dois exércitos, que depois pareceram ser duas manadas de carneiros; aquele encarece a do morto que levavam a enterrar em Segóvia; um diz que a todas se avantaja a da liberdade dos galeotes; outro, que nenhuma se iguala à dos dois gigantes beneditinos, com a pendência do valoroso biscainho.

— Diga-me, senhor bacharel — interveio Sancho —, entra aí a aventura dos arrieiros, quando nosso bom Rocinante teve a ideia de procurar agulha em palheiro?[3]

— O sábio — respondeu Sansão — nada deixou no tinteiro. Tudo diz e tudo anota: até o caso das cabriolas que o bom Sancho fez na manta.

— Na manta não fiz cabriolas — explicou Sancho. — No ar, sim, e bem mais do que quisera.

— Pelo que imagino — disse Dom Quixote —, não há história no mundo que não tenha seus altos e baixos, se de homem for, e especialmente as que tratam de cavalarias, que nunca podem estar repletas de prósperos sucessos.

— Apesar disso — replicou o bacharel —, dizem alguns, que leram a história, que folgariam se os autores dela se tivessem esquecido de algumas das infinitas pauladas que em diversos encontros recebeu o senhor Dom Quixote.

— Aí entra a verdade da história — comentou Sancho.

— Poderiam também silenciá-lo, por equidade — disse Dom Quixote —, pois não há motivo para descrever ações que não mudam nem alteram a verdade da história, se podem redundar em menosprezo de seu protagonista. Palavra que Eneias não foi tão piedoso como no-lo pinta Virgílio, nem tão prudente Ulisses como o descreve Homero.

— Assim é — concordou Sansão. — Mas uma coisa é escrever como poeta e outra como historiador. O poeta pode contar e cantar as coisas, não como foram, mas como deviam ser; e o historiador deve escrevê-las, não como deviam ser, mas como foram, sem aditar nem tirar à verdade ponto algum.

— Pois se de fato anda a dizer verdades esse senhor mouro — observou Sancho —, bem certo é que entre as pauladas de meu senhor andem as minhas; porque nunca tomaram a medida das costas de Sua Mercê sem que a tomassem de todo o meu corpo; não há, contudo, de que admirar-me, pois, como diz o mesmo meu senhor, da dor da cabeça devem participar os membros.

— Matreiro sois, Sancho — respondeu Dom Quixote. — Palavra que vos não falta memória, quando quereis tê-la.

— Quando eu quisesse esquecer as bordoadas que me deram — disse Sancho —, não o consentiriam os vergões, que ainda estão frescos nas costelas.

— Calai-vos, Sancho — ordenou Dom Quixote —, e não interrompais o senhor bacharel, a quem suplico prossiga a dizer-me o que de mim se narra na referida história.

— E de mim — observou Sancho —, pois também dizem que sou um dos principais *pressonajos* dela.

— Personagens, e não *pressonajos*, Sancho amigo — corrigiu Sansão.

— Temos outro censurador de *vocabos*? — replicou Sancho. — Pois fiquem-se nisso e não acabaremos pelo resto da vida.

— Má morte me dê Deus, Sancho — prosseguiu o bacharel —, se não sois a segunda pessoa da história. E há quem mais preze ouvir-vos falar que ao mais pintado nela toda, posto que haja também quem diga que andastes demasiado crédulo ao acreditar poder ser verdade o governo daquela ilha oferecida pelo senhor Dom Quixote aqui presente.

— Ainda há sol sobre os mouros — disse Dom Quixote —, e quanto mais for Sancho avançando em idade, com a experiência que dão os anos, mais idôneo estará, e mais hábil, para ser governador, do que agora.

— Por Deus, senhor — tornou Sancho. — A ilha que eu não governar com os anos que tenho não a governarei com os de Matusalém. O mal está em a dita ilha entreter-se não sei onde, e não em faltar-me, a mim, o miolo para governá-la.

— Encomendai-o a Deus, Sancho — disse Dom Quixote —, que tudo sairá bem, e quiçá melhor do que pensais; pois não se move folha em árvore sem a vontade de Deus.

— Essa é a verdade — concordou Sansão. — Se o quiser Deus, não faltarão a Sancho mil ilhas para governar, quanto mais uma.

— Governadores tenho visto por aí — comentou Sancho — que, em meu parecer, não chegam às solas de meus sapatos e, contudo, são tratados por senhoria e se servem em baixela de prata.

— Esses não são governadores de ilhas, mas de outros governos mais corriqueiros; os que governam ilhas, pelo menos, devem saber gramática — replicou Sansão.

— Com a *grama* saberia bem avir-me — disse Sancho —; mas, com a *tica*, não perco nem ganho, porque não a entendo. Deixando, porém, isto de governo nas mãos de Deus, que me leve a parte onde mais de mim se sirva, digo, senhor bacharel Sansão Carrasco, que me deu infinito gosto saber que o autor da história falou de maneira a não enfadarem as coisas que de mim se contam. Palavra de bom escudeiro que, se a meu respeito houvesse dito coisas não muito de cristão-velho, como sou, haveriam de ouvir-nos os surdos.

— Fora isso fazer milagres — respondeu Sansão.

— Milagre ou não — tornou Sancho —, olhe cada um como fala ou escreve das pessoas, e não ponha a trouxe-mouxe quanto lhe venha ao bestunto.

— Um dos reparos que se fazem à história — prosseguiu o bacharel — é que seu autor pôs nela uma novela intitulada *O curioso impertinente*; não por ser má ou desarrazoada, mas por não caber ali nem nada ter com a história de Sua Mercê o senhor Dom Quixote.

— Apostarei — replicou Sancho — que o filho de uma cadela misturou alhos com bugalhos.

— Digo agora — interveio Dom Quixote — que sábio não foi o autor da história, mas algum ignorante palrador, que às tontas e sem discurso algum se pôs a escrevê-la, saísse o que saísse, como fazia Orbaneja, o pintor de Úbeda, ao qual perguntando-se o que pintava, respondeu: “O que sair.” Por vezes pintava um galo, de tal sorte e tão mal parecido, que mister era com letras góticas[4] escrever junto a ele: “Isto é um galo.” E assim deve ser com a minha história que terá necessidade de comentários para ser entendida.

— Isso, não — respondeu Sansão. — Tão clara é ela que nada tem de dificultoso. Manuseiam-na as crianças, leem-na os moços, entendem-na os homens e os velhos a celebram. E, finalmente, é tão folheada e lida, tão sabida de todo gênero de gentes, que apenas veem um rocim fraco logo dizem: “Ali vai Rocinante.” E os que mais se dedicaram à sua leitura são os pajens; não há antecâmara de senhor em que se não ache um *Dom Quixote*. Tomam-no uns, se outros o deixam; avançam-lhe estes, pedem-no aqueles. Em suma, tal história é do mais gostoso e menos prejudicial entretenimento que até agora se há visto, porque em toda ela se não descobre, nem por semelhança, uma palavra desonesta, nem um pensamento menos que católico.

— Escrever de outra forma — disse Dom Quixote — não fora escrever verdades, mas mentiras; e os historiadores que de mentiras se valem deveriam ser queimados, como os que fazem moeda falsa. Não sei o que levou o autor a valer-se de novelas e contos alheios, tanto havendo que escrever sobre mim; sem dúvida, deveu ater-se ao rifão: “De palha e feno...” etc. Pois, em verdade, só em manifestar meus pensamentos, meus suspiros, minhas lágrimas, meus bons desejos e meus cometimentos, poderia fazer um volume maior, se não tão grande, como o que podem fazer todas as obras do Tostado.[5] Com efeito, senhor bacharel, entendo eu que para compor histórias e livros, de qualquer espécie que sejam, mister é grande juízo e maduro entendimento. Dizer graças e escrever donaires é de grandes engenhos; a mais discreta figura da comédia é o bobo, pois não o há de ser quem queira dar a entender que é simplório. A história é coisa sagrada, pois deve ser verdadeira, e onde está a verdade Deus está, no que à verdade tange. Não obstante isso, porém, alguns há que compõem e lançam livros como se fossem filhoses.

— Não há livro tão mau — observou o bacharel — que algo de bom não contenha.[6]

— Sem dúvida — replicou Dom Quixote —, mas muitas vezes acontece que muitos que tinham merecidamente granjeado e alcançado grande fama, por seus escritos, ao dá-los à estampa a perderam de todo, ou a menoscabaram em algo.

— A causa disso é — disse Sansão — que, como as obras impressas se olham devagar, facilmente se veem suas faltas, e tanto mais se esquadrinham quanto maior é a fama de quem as compôs. Os homens famosos por seu engenho, os grandes poetas, os ilustres historiadores, sempre, ou no mais das vezes, são invejados por aqueles que têm por gosto e especial entretenimento julgar os escritos alheios, sem haver dado alguns próprios à luz do mundo.

— Não é isso de causar espanto — atalhou Dom Quixote. — Muitos teólogos há que não são bons para o púlpito, e são boníssimos para conhecer as faltas ou excessos dos que pregam.

— Tudo é assim, senhor Dom Quixote — disse Carrasco —, mas quisera eu que mais misericordiosos fossem tais censuradores e menos escrupulosos, sem ater-se aos átomos do sol claríssimo da obra de que murmuram; pois se *aliquando bonus dormitat Homerus*,[7] considerem o muito que esteve desperto, para irradiar a luz de sua obra com a menor sombra que pudesse. Talvez poderia ser que aquilo que a eles parece mal fosse como os sinais que, por vezes, aumentam a formosura do rosto que os tem. Assim, digo ser grandíssimo o risco a que se atreve quem imprime um livro, pois impossível, de total impossibilidade, é compô-lo tal que satisfaça e contente a quantos o lerem.

— O que de mim trata — tornou Dom Quixote — a poucos haverá contentado.

— Dá-se antes o contrário; porque, assim como *stultorum infinitus est numerus*,[8] sem fim são os que gostaram de tal história. E alguns criticaram de falta e dolo a memória do autor, pois se esquece de contar quem foi o ladrão que furtou o ruço a Sancho, que ali não se declara, e só se infere do escrito que o furtaram; e daí a pouco o vemos a cavalo sobre o mesmo jumento, sem estar dito como.[9] Também dizem que se esqueceu ele de narrar o que Sancho fez daqueles cem escudos que achou na maleta na Serra Morena, pois nunca mais a eles se refere e muitos são os que desejam saber que fez deles, ou em que os gastou, que esse é um ponto substancial, que falta na obra.

Sancho respondeu:

— Eu, senhor Sansão, não estou agora para entrar em contas nem em contos. Tomou-me um desmaio do estômago, que, se não o curo com dois tragos do da última safra, ficarei na espinha de Santa Luzia.[10] Em casa o tenho; aguarda-me a patroa; acabado o jantar estarei de volta e satisfarei a vosmecê e a toda gente do que perguntar quiserem, tanto da perda do jumento como do gasto dos cem escudos.

E, sem esperar resposta nem dizer outra palavra, foi para casa. Dom Quixote pediu e rogou ao bacharel que ficasse, para com ele fazer penitência.[11] Aceitou o bacharel o convite. Ficou, juntou-se um par de borrachos aos do costume, tratou-se na mesa de cavalarias, Carrasco seguiu-lhe o humor, acabou-se o banquete, dormiram a sesta, tornou Sancho e renovou-se a prática passada.

# CAPÍTULO IV

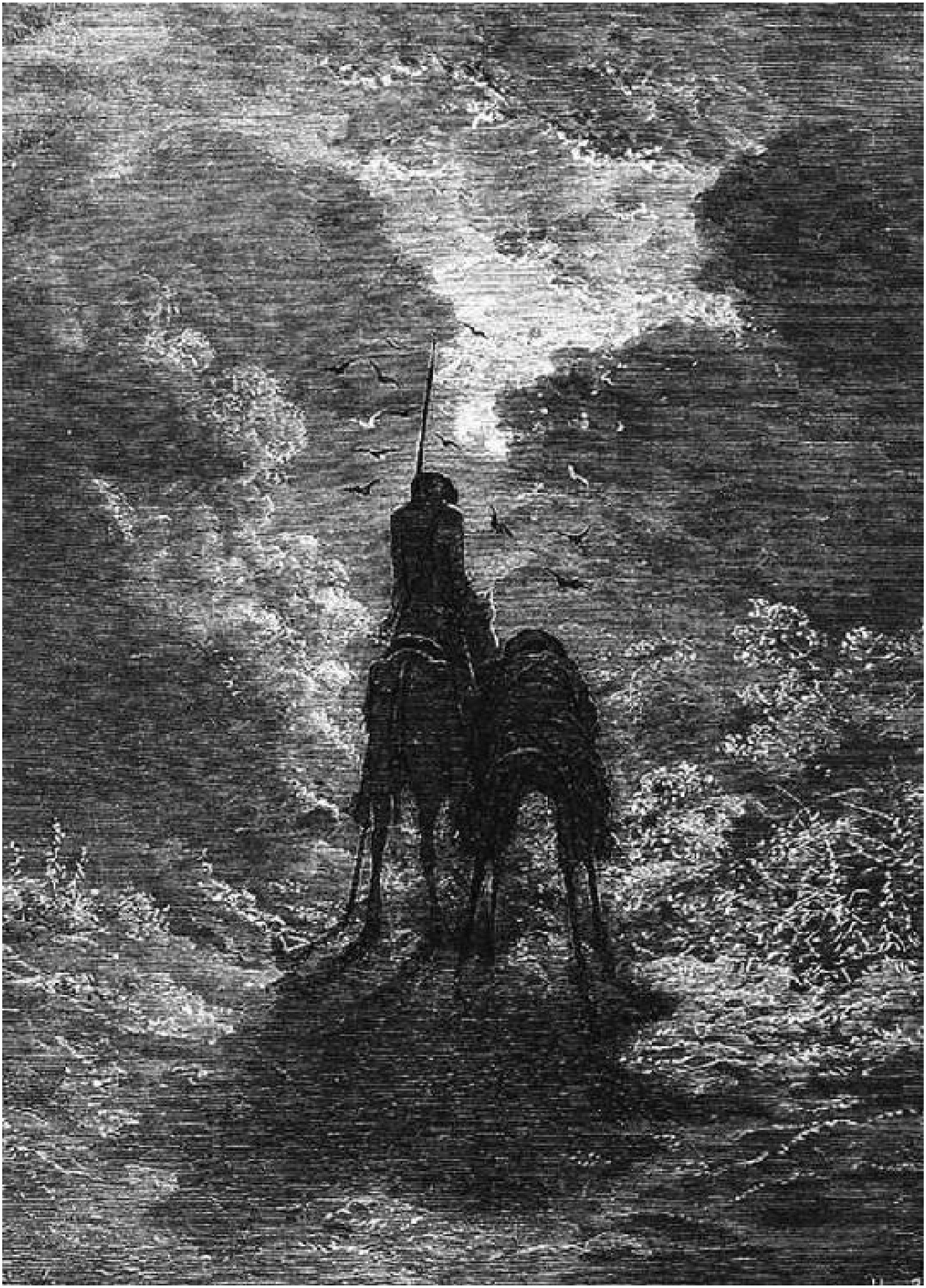
## *Onde Sancho satisfaz o bacharel Carrasco sobre suas dúvidas e perguntas, com outros sucessos dignos de saber-se e contar-se*

Voltou Sancho à casa de Dom Quixote e, tornando à palestra, disse:

— Tendo o senhor Sansão dito que desejava saber quem, ou como, ou quando se me furtou o jumento, digo em resposta que, na mesma noite em que entramos na Serra Morena, a fugir da Santa Irmandade, depois da aventura sem ventura dos galeotes e da do defunto que levavam a Segóvia, meu amo e eu nos metemos numa espessura, onde, moídos e cansados das passadas refregas, nos pusemos a dormir, meu senhor arrimado à sua lança e eu sobre meu ruço, como se fora sobre quatro colchões de plumas. Especialmente eu dormi com tão pesado sono que, seja lá quem for, teve oportunidade de chegar e suspender-me sobre quatro estacas que pôs aos quatro lados da albarda, de maneira que me deixou a cavalo sobre ela e tirou de sob mim o ruço, sem eu o sentir.

— Isso é coisa fácil e não acontecimento novo. O mesmo sucedeu a Sacripante, quando, estando no cerco de Albraca, com essa invenção lhe retirou o cavalo de entre as pernas aquele famoso ladrão chamado Brunelo.[1]

— Amanheceu — prosseguiu Sancho —, e apenas me espreguicei quando, escapando as estacas, dei comigo ao chão em grande queda. Procurei o jumento e não o vi. Acudiram-me lágrimas aos olhos e fiz uma lamentação que se não a pôs o autor de nossa história, pode estar certo de que não pôs coisa boa. Ao cabo de não sei quantos dias, vindo com a senhora princesa Micomicona, reconheci meu asno e vi que sobre ele vinha, em vestes de cigano, aquele Ginês de Passamonte, aquele embusteiro e grandíssimo malfeitor que tiramos, meu amo e eu, das cadeias.



— Não está nisso o erro — replicou Sansão —, mas em que, antes de haver aparecido o jumento, diz o autor que ia Sancho a cavalo no mesmo ruço.

— A isso — disse Sancho — não sei que responder, senão que o historiador se enganou, ou seria descuido do impressor.

— Assim é, sem dúvida — concordou Sansão. — Mas, em que se fizeram os cem escudos? Desfizeram-se?

Respondeu Sancho:

— Gastei-os em prol de minha pessoa e das de minha mulher e meus filhos, e foram eles a causa de que minha mulher se resigne às caminhadas e carreiras em que andei servindo a meu senhor Dom Quixote; que, se ao cabo de tanto tempo voltasse de mãos limpas e sem jumento a casa, negra ventura me esperava. E se há mais a saber de mim, aqui estou, que responderei ao próprio rei em pessoa, e ninguém tem de mexericar se trouxe ou não trouxe, se gastei ou não gastei. Se as pauladas que me deram nessas viagens se tivessem de pagar a dinheiro, ainda que se não taxassem senão a quatro maravedis cada uma, outros cem escudos não dariam para pagar-me a metade. Meta cada um a mão no seu peito e não se ponha a julgar branco por preto e preto por branco; que cada qual é como Deus o fez, e ainda pior muitas vezes.

— Terei cuidado — disse Carrasco — de fazer saber ao autor da história que, se outra vez a imprimir, não esqueça isso que disse o bom Sancho. Será realçá-la um bom palmo mais do que se acha.

— Há outra coisa a emendar nessa crônica, senhor bacharel? — perguntou Dom Quixote.

— Deve haver — respondeu ele —, mas nenhuma será da importância das já referidas.

— E porventura — tornou Dom Quixote — promete o autor segunda parte?

— Sim, promete — explicou Sansão. — Mas disse que não a encontrou nem sabe quem a tem. Assim, estamos em dúvida sobre se sairá ou não; tanto por isto como porque alguns dizem: “Nunca segundas partes foram boas”; e outros: “Das coisas de Dom Quixote, bastam as escritas”, ficando em dúvida que haja segunda parte. Embora alguns, mais joviais que saturninos, digam: “Venham mais quixotadas: invista Dom Quixote e fale Sancho Pança; seja lá o que for, com isso nos contentaremos.”

— E a que se atém o ator?

— A que, verificando que acha a história, que vai buscando com extraordinária diligência, tratará logo de dá-la à estampa, levado mais pelo interesse do que ganhará em dá-la, que por qualquer outro louvor.

— Ao dinheiro e ao interesse mira o autor? — disse Sancho. — Maravilha será que acerte; porque não fará senão alinhavar, alinhavar, como alfaiate em véspera de Páscoa, e as obras que se fazem depressa nunca se acabam com a perfeição que requerem. Trate esse senhor mouro, ou lá o que for, de estar atento ao que faz; pois eu e meu amo lhe daremos à mão tanto que fazer em matéria de aventuras e sucessos diferentes, que poderá compor não só segunda parte, mas centésima. Deve pensar o bom homem, sem dúvida, que aqui dormimos nas palhas; pois segure-nos o pé para ferrar e verá se manquejamos. Sei dizer é que, se meu amo seguisse meu conselho, já deveríamos estar nessas campinas, desfazendo agravos e endireitando tortos, como é uso e costume dos bons cavaleiros andantes.

Nem bem havia Sancho acabado de proferir essas frases, quando a seus ouvidos chegaram relinchos de Rocinante. Tais relinchos, tomou-os Dom Quixote por felicíssimo agouro e determinou fazer, daí a três ou quatro dias, outra saída. Declarando seu intento ao bacharel, pediu-lhe conselho sobre a parte por que começaria sua jornada. Respondeu-lhe este ser de parecer que fosse ao reino de Aragão e à cidade de Saragoça, onde, daí a poucos dias, se haviam de realizar soleníssimos torneios pelas festas de São Jorge, nos quais poderia ganhar fama sobre todos os cavaleiros aragoneses, o que valeria por ganhá-la sobre todos os cavaleiros do mundo. Louvou-lhe a determinação como honradíssima e valentíssima e advertiu-lhe que andasse mais atento em acometer os perigos, porquanto sua vida lhe não pertencia, mas a todos aqueles que haviam dele mister para ampará-los e socorrê-los em suas desventuras.

— Disso é que me arrenego, senhor Sansão — atalhou neste ponto Sancho. — Meu senhor tanto acomete a cem homens armados como um rapaz guloso a meia dúzia de melões. Corpo do mundo, senhor bacharel! Sim, há tempo de acometer e tempo de retirar, e nem tudo há de ser "Santiago, e cerra, Espanha!".[2] Além disso, tenho ouvido dizer, e creio que de meu próprio amo, que entre os extremos de covarde e de temerário está o meio da valentia. Se é assim, não quero que fuja sem ter para quê, nem que acometa quando a prudência pede outra coisa. Mas, sobretudo, aviso a meu senhor que, se me há de levar consigo, será com a condição de ser dele todo o batalhar e não estar eu obrigado a mais do que olhar por sua pessoa, no que toque a sua limpeza e conforto; nisto, farei tudo quanto desejar. Mas pensar que tenho de pôr mão à espada, ainda que seja contra vilãos malandrins de tocha e capucha, é pensar no escusado. Eu, senhor Sansão, não cuido de granjear fama de valente, mas do melhor e mais leal escudeiro que já serviu a cavaleiro andante, e se meu senhor Dom Quixote, agradecido a meus muitos e bons serviços, quiser dar-me alguma ilha das muitas que Sua Mercê diz iremos topar por aí, tomarei isso por alto favor. Se ma não der, *vivo* estou e não deve viver o homem na confiança de outro que não de Deus. E mais, que tão bem, se talvez não melhor, me saberá o pão desgovernado que sendo governador. Sei eu porventura se nesses governos me tem preparado o diabo algum cambapé, em que eu tropece e caia e arrebente os queixos? Sancho nasci e Sancho penso morrer; mas se, com tudo isto, de bom para melhor, sem muita solicitude e sem muito risco, me deparasse o céu alguma ilha, ou outra coisa semelhante, tão néscio não sou que a desprezasse. Pois também se diz: "Quando a vaquinha te dão, corre com o aguilhão", e "quando o bem te procurar, trata-o de em casa guardar."

— Vós, irmão Sancho, falastes como um catedrático — disse Carrasco. — Mas, apesar disso, confiai em Deus e no senhor Dom Quixote, que um reino vos há de dar, e não somente uma ilha.

— Tanto vale o de mais como o de menos — respondeu Sancho —, embora possa dizer ao senhor Carrasco que meu amo não lançaria o reino que me desse em saco roto. Tomei meu próprio pulso e saúde tenho para reger reinos e governar ilhas; já isto disse outras vezes a meu senhor.

— Olhai, Sancho — disse Sansão —, que os ofícios mudam os costumes e poderia ser que, vendo-vos governador, não conhecêsseis sequer a mãe que vos pariu.

— Isso lá se há de entender — respondeu Sancho — com os que nasceram de má nascença e não com os que têm sobre a alma quatro dedos de enxúndia de cristão-velho, como tenho. Não sou eu de condição que saiba ter desagradecimento com alguém.

— Faça-o Deus — observou Dom Quixote —, e veremos quando o governo vier; pois já me parece que o tenho ante os olhos.

Dito isto, rogou ao bacharel que, se fosse poeta, lhe fizesse a mercê de compor uns versos que tratassem da despedida que pensava em tomar de sua senhora Dulcineia del Toboso, e notasse que no princípio de cada verso deveria ser posta uma letra de seu nome, de maneira que, juntando-se as primeiras letras, se lesse: *Dulcinea del Toboso*. Respondeu o bacharel que, posto não fosse ele dos famosos poetas existentes em Espanha, que se diz serem apenas três e meio, não deixaria de compor os tais metros, embora achasse grande dificuldade em sua composição, visto as letras no nome contidas serem dezessete. Assim, se fizesse quatro quadras de quatro versos sobraria uma letra e, se de cinco, a que chamam décimas ou redondilhas, faltariam três. De qualquer modo, porém, procuraria enfiar uma letra da melhor forma que pudesse, a fim de que nas quatro quadras se incluísse o nome de *Dulcinea del Toboso*.

— Deverá ser assim, em todo caso — disse Dom Quixote —, pois, se não estiver ali o nome patente e manifesto, mulher não há que creia terem sido feitos para ela os metros.

Combinaram nisto e em que a partida seria para dentro de oito dias. Dom Quixote recomendou ao bacharel que guardasse segredo, especialmente com relação ao cura, e a mestre Nicolau, e à sua sobrinha, e à ama, para que não estorvassem sua honrada e valorosa determinação. Tudo o prometeu Carrasco.

Com isso se despediu, recomendando a Dom Quixote que o avisasse de todos os seus bons ou maus sucessos, em havendo oportunidade. Trocaram-se despedidas e Sancho foi pôr em ordem o necessário para a jornada.

# CAPÍTULO V

## *Da discreta e graciosa palestra havida entre Sancho Pança e sua mulher, Teresa Pança, e outros sucessos dignos de feliz recordação*

Chegando o tradutor desta história a escrever este quinto capítulo, diz que o tem por apócrifo, pois nele Sancho Pança fala com estilo diverso do que se podia esperar de seu curto engenho e diz coisas tão sutis que não julga possível as soubesse ele; não quis, porém, deixar de traduzi-lo, para cumprir com o que devia a seu ofício, e assim prosseguiu, dizendo:

Chegou Sancho à sua casa tão cheio de regozijo e alegria que sua mulher lhe conheceu a satisfação a tiro de besta; tanto, que foi levada a perguntar-lhe:

— Que trazeis, Sancho amigo, que tão alegre vindes?

Ao que ele respondeu:

— Mulher minha, quisesse-o Deus e bem folgaria eu de não estar tão contente como demonstro.

— Não vos entendo, marido — replicou ela —, e não sei que quereis dizer com isso — de que folgaríeis, se Deus o quisesse, de não estar contente; pois, apesar de tola, não sei de quem encontre gosto em não o ter.

— Olhai, Teresa — explicou Sancho. — Estou alegre porque decidi voltar a servir a meu amo Dom Quixote, que quer por terceira vez sair a buscar aventuras. E volto a sair com ele porque assim o quer minha necessidade, junto com a esperança, que me alegra, de pensar que poderei achar outros cem escudos, como os que já se foram, posto que me entristeça dever-me separar de vós e de meus filhos. Se quisesse Deus dar-me de comer a pé enxuto[1] e em minha casa, sem levar-me por encruzilhadas e despenhadeiros, pois pouco lhe custaria fazê-lo, bastando que o quisesse, claro está que minha alegria seria mais firme e valiosa, visto ir a que tenho mesclada com a tristeza de deixar-vos. Por isso foi que disse que bem folgaria, se o quisesse Deus, de não estar contente.

— Olhai, Sancho — replicou Teresa —, depois que vos fizestes perna de cavaleiro andante falais de um modo tão cheio de rodeios que não há quem vos entenda.

— Basta que me entenda Deus, mulher — respondeu Sancho —, que Ele é o entendedor de todas as coisas e fiquemos nisto por aqui. Prestai atenção, irmã, em que vos convém ter cuidado estes três dias com o ruço, de maneira que esteja pronto a pegar em armas. Dobrai-lhe as rações, examinai-lhe a albarda e os demais aparelhos, porque não vamos a bodas, mas a rodear o mundo e a ter dares e tomares com gigantes, com endríacos e com avantesmas e a ouvir silvos, rugidos, bramidos e celeumas. E ainda tudo isto seriam flores de rosmaninho se não tivéssemos que tratar com arrieiros e com bruxos mouros.

— Bem creio eu, marido, que os escudeiros andantes não comem o pão debalde — atalhou Teresa. — Assim, ficarei rogando a Nosso Senhor que depressa vos tire de tanta má ventura.

— Eu vos digo, mulher — retrucou Sancho —, que, se não pensasse em ver-me governador de uma ilha antes de muito tempo, aqui cairia morto.

— Isso, não, marido meu — disse Teresa. — Viva a galinha, ainda que seja com sua pevide; vivei vós, e leve o diabo quantos governos haja no mundo. Sem governo saístes do ventre de vossa mãe, sem governo haveis vivido até agora e sem governo vós ireis, ou vos levarão, à sepultura, quando for Deus servido. Muitos há no mundo que vivem sem governos e nem por isso deixam de viver e de ser contados no número das gentes. O melhor tempero do mundo é a fome, e como esta não falta aos pobres, sempre comem com gosto. Mas olhai, Sancho: se porventura vos virdes com algum governo, não vos esqueçais de mim e de vossos filhos. Lembrai-vos de que Sanchico tem já quinze anos completos e precisa de ir à escola, se é que seu tio abade o irá fazer entrar para a Igreja. Olhai também que Maria Sancha, vossa filha, não morrerá se a casarmos, pois já vou tendo pressentimentos de que deseja tanto ter marido como desejais ver-vos governador; e, por fim, melhor parece a filha mal casada que bem amancebada.

— Por minha fé — respondeu Sancho — que, se Deus me chega a dar algo de governo, hei de casar Maria Sancha tão altamente, mulher minha, que não a possam chamar senão por senhoria.

— Isso, não, Sancho — discordou Teresa. — Casai-a com seu igual, que é mais acertado; pois, se dos tamancos a tirais a coturnos e da saia parda de burel a crinolinas e savoianas de seda, e de *Maricota* e *tu* a *dona fulana* e *senhoria*, já não saberá a menina quem é, e a cada passo há de cair em mil faltas, descobrindo o fio de seu pano grosso e grosseiro.

— Calai-vos, boba — disse Sancho. — Tudo está em usá-lo dois ou três anos; vir-lhe-ão depois o senhorio e a gravidade, como por medida; e se não vierem, que importa? Seja ela *senhoria* e venha o que vier.

— Limitai-vos, Sancho, a vosso estado — retrucou Teresa. — Não queirais alçar-vos a outros maiores e lembrai-vos do refrão que diz: cada macaco no seu galho. Seria por certo gentil coisa casar nossa Maria com um condaço ou com um cavaleirote que, quando assim lhe parecesse, a desfeiteasse, chamando-a de vilã, filha do destripa-torrões e da gira-rocas? Não em minha vida, marido! Para isso, por certo, não criei eu minha filha! Trazei vossos dinheiros, Sancho, e deixai a meu cargo o casá-la, que para isso aí está Lopo Tocho, o filho de João Tocho, moço guapo e são, a quem conhecemos, e que sei não fitar a menina com maus olhos. Com este, que é nosso igual, estará bem casada; tê-lo-emos sempre sob nossas vistas e seremos todos unidos, pais e filhos, netos e genros, e entre todos nós andará a paz e a bênção de Deus. Não ma ireis casar nessas cortes e nesses grandes palácios, onde nem a ela entendam nem ela mesma se entenda.

— Vinde cá, animal e mulher de Barrabás — replicou Sancho. — Por que quereis agora, sem que nem para quê, estorvar-me a casar minha filha com quem me dê netos a que se trate por *senhoria*? Olhai, Teresa: sempre ouvi dizer, a meus avós, que quem não sabe gozar da ventura, quando vem, não se deve queixar, se ela passa. Não ficaria bem que lhe fechássemos a porta, agora, que bate a ela. Deixemo-nos levar por este vento favorável que nos sopra.

Por este modo de falar, e pelo que adiante diz Sancho, asseverou o tradutor desta história que tinha por apócrifo este capítulo.

— Não vos parece, alimária — prosseguiu Sancho —, que será bom dar com meu corpo nalgum governo proveitoso, que nos tire o pé do lodo? Case-se Maria Sancha com quem eu quiser e vereis como vos chamam *Dona* Teresa Pança, e vos sentais na igreja com alcatifas, almofadas e dosséis, apesar e a despeito das fidalgas do lugar! Não, quereis estar sempre na mesma, sem crescer nem minguar, como figura de tapeçaria? Nisto não falemos mais: Sanchica há de ser condessa, por mais que me disserdes.

— Vedes o que dizeis, marido? — respondeu Teresa. — Pois, com tudo isso, temo que esse condado de minha filha há de ser sua perdição. Fazei vós como quiserdes, fazei-a duquesa ou princesa; mas posso dizer-vos que não o será por vontade ou consentimento meu. Sempre, mano, fui amiga da igualdade e não posso ver arrogâncias sem fundamento. Por Teresa fui batizada, nome limpo e seco, sem acréscimos nem guarnições, nem arrebiques de *Dons* e *Donas.* Cascalho se chamou meu pai, e a mim, por ser vossa mulher, me chamam Teresa Pança (quando, por boas razões, deveriam chamar-me Teresa Cascalho, mas lá vão os reis aonde querem as leis), e com este nome me contento, sem que lhe me ponham um *Dona* em cima, de tanto peso que o não possa carregar. E não quero dar que falar aos que me virem andar vestida à feição de condessa ou de governadora, pois logo dirão: “Vede como vai emproada a bruaca! Ontem não se fartava de fiar sua estriga de estopa e ia à missa com a cabeça coberta com a fralda da saia, em lugar de manto; e hoje vai com crinolina, com broches e com empáfia, como se não a conhecêssemos!” Se Deus me conservar meus sete sentidos, ou meus cinco, ou os que tiver, não penso correr o risco de ver-me em tais aperturas. Vós, mano, ide-vos a ser governo ou ilho, e emproai-vos a vosso gosto, que nem eu nem minha filha, pela salvação de minha mãe, havemos de dar um passo fora de nossa aldeia. Mulher honrada, perna quebrada e em casa. Donzela honesta, ter que fazer é sua festa. Ide-vos com vosso Dom Quixote a vossas aventuras e deixai-nos a nós com as nossas más venturas. Deus no-las há de melhorar, se formos boas; e eu não sei, por certo, quem pôs a *ele* um "Dom", que seus pais e seus avós não tiveram.

— Agora digo — replicou Sancho — que tendes algum diabo nesse corpo. Valha-me Deus, mulher, quantas coisas enfiastes umas pelas outras, sem ter pé nem cabeça! Que tem que ver o cascalho, os broches, os rifões e a empáfia com o que digo? Vinde cá, mentecapta e ignorante (assim vos posso chamar porque não entendeis minhas razões e ides fugindo da ventura), se eu dissesse que minha filha se atirasse de uma torre abaixo, ou que se fosse por esse mundo, como quis ir a infanta Dona Urraca,[2] teríeis razão em não convir com meus gostos; mas se, com duas cajadadas e em menos de um abrir e fechar de olhos, lhe prego um *Dom* e uma *senhoria* às costas, e a retiro dos restolhos e a ponho em toldo e peanha, e num estrado com mais almofadas de veludo do que tiveram de mouros em sua linhagem os Almofades de Marrocos,[3] por que não haveis de aceitar e desejar o que eu quero?

— Sabeis por quê, marido? — redarguiu Teresa. — Por causa do rifão que diz: quem te cobre, te descobre. Pelo pobre todos passam os olhos como de corrida, e no rico os demoram. E se esse rico foi algum dia pobre, lá estão o murmurar e o maldizer, e a pior teimosia dos maldizentes, que por essas ruas existem aos montões, como enxames de abelhas.

— Olhai, Teresa — respondeu Sancho. — Escutai o que agora quero dizer. Talvez nunca o tenhais ouvido em todos os dias de vossa vida e o que agora falo não é meu. Tudo quanto penso dizer são sentenças do padre pregador, que na semana passada pregou nesta aldeia, o qual, se mal não lembro, disse que todas as coisas presentes que os olhos estão contemplando se apresentam, estão e assistem em nossa memória muito melhor e com mais veemência que as coisas passadas.

Todas estas razões que aqui vai expondo Sancho são as segundas pelas quais diz o tradutor ter por apócrifo este capítulo, pois excedem a capacidade de Sancho, que prosseguiu dizendo:

— Donde vem que, quando vemos uma pessoa bem-adereçada e com ricas vestes composta, e com pompa de criados, parece que por força nos move e convida a ter-lhe respeito, ainda que a memória naquele instante nos apresente alguma baixeza em que tal pessoa vimos? Essa ignomínia, seja de pobreza, agora, ou de linhagem, como já passou, já não é, e só é o que vemos presente. E se esse a quem a fortuna tirou do rascunho de sua baixeza (com estas mesmas razões o disse o padre) para a elevação de sua prosperidade, for bem-criado, liberal e cortês com todos, e não se quiser medir com aqueles por antiguidade nobres, tende por certo, Teresa, não haver quem se recorde do que foi, mas apenas reverenciarão o que é, à exceção dos invejosos, de que se não livra nenhuma próspera fortuna.

— Não vos entendo, marido — replicou Teresa. — Fazei o que quiserdes e não me quebreis mais a cabeça com vossas arengas e retóricas. E se estais *revolvido* a fazer o que dizeis...

— Deveis dizer *resolvido*, mulher, e não *revolvido* — emendou Sancho.

— Não vos ponhais a discutir comigo, marido — respondeu Teresa. — Eu falo como Deus é servido e não me meto em mais ornatos. Digo que, se estais porfiando em ter governo, levai vosso filho Sancho, para que desde agora lhe ensineis a ter governo; pois bom é que os filhos herdem e aprendam os ofícios de seus pais.

— Logo que tiver governo — tornou Sancho — mandarei buscá-lo pela posta, e enviar-vos-ei dinheiros, que não me faltarão, pois nunca falta quem os empreste aos governadores, quando os não tenham. E cuidai de vesti-lo de modo que dissimule o que é e pareça o que há de ser.

— Enviai vós dinheiro que eu vo-lo vestirei com todas as roupas.

— Então, ficamos de acordo em que será condessa nossa filha? — disse Sancho.

— No dia em que eu a vir condessa — retrucou Teresa —, farei de conta que a enterro; mas outra vez vos digo que façais o que vos der na vontade. Com esta carga nascemos nós, as mulheres: ser obedientes aos maridos, ainda que sejam alimárias.

E com isto começou a chorar tão sinceramente como se já visse morta e enterrada Sanchica. Consolou-a Sancho dizendo que, ao ter de fazê-la condessa, trataria de fazê-lo o mais tarde que possível fosse. Com isto se acabou sua prática e Sancho voltou a ver Dom Quixote, para darem ordem à sua partida.

# CAPÍTULO VI

## *Do que se passou a Dom Quixote com a sobrinha e a ama, um dos importantes capítulos de toda a história*

Enquanto Sancho Pança e sua mulher Teresa Cascalho estavam na impertinente palestra referida, não andavam ociosas a sobrinha e a ama de Dom Quixote, que por mil sinais iam compreendendo que seu tio e senhor queria desgarrar-se pela terceira vez e voltar ao exercício de sua, para elas, mal-andante cavalaria. Procuravam por todas as vias possíveis afastá-lo de tão ruim pensamento, mas tudo era pregar no deserto e malhar em ferro frio. Apesar disso, entre outras muitas razões que com ele tiveram, disse-lhe a ama:

— Na verdade, meu senhor, se vosmecê não firma de todo os pés, ficando quedo em sua casa e deixando de andar por montes e vales como alma penada, buscando essas que dizem chamar-se aventuras e a que chamo eu desditas, ter-me-ei de queixar em voz alta e aos gritos, a Deus e ao Rei, para a isso darem remédio.

Ao que observou Dom Quixote:

— Ama, o que Deus responderá a tuas queixas não o sei eu, tampouco o que há de responder Sua Majestade. Só sei que, se eu fora rei, me escusaria de responder a tanta infinidade de memoriais impertinentes, como cada dia lhe apresentam. Um dos maiores trabalhos dos reis, entre outros muitos, é o estarem obrigados a escutar a todos e a responder a todos, e assim não quereria eu que coisas minhas o afligissem.

Ao que falou a ama:

— Diga-nos, senhor: na corte de Sua Majestade não há cavaleiros?

— Sim — explicou Dom Quixote —, e muitos. Mister é que os haja, para adorno da grandeza dos príncipes e para ostentação da majestade real.

— E por que não seria vosmecê — replicou ela — um dos que a pé quedo servem a seu rei e senhor, ficando na corte?

— Olha, amiga — respondeu Dom Quixote —, nem todos os cavaleiros podem ser cortesãos e nem todos os cortesãos podem e devem ser cavaleiros andantes; de todos há de haver no mundo. E ainda que sejamos todos cavaleiros, muita diferença vai de uns a outros; porque os cortesãos, sem sair de seus aposentos nem dos umbrais da corte, passeiam por todo o mundo, olhando um mapa, sem que lhes custe dinheiro, sem padecerem calor ou frio, fome ou sede; mas nós, os verdadeiros cavaleiros andantes, ao sol, ao frio, ao ar livre, às inclemências do céu, de noite ou de dia, a pé e a cavalo, medimos toda a terra com os nossos próprios pés e não somente conhecemos os inimigos em pinturas, mas em suas próprias pessoas, e em todo transe e ocasião os acometemos, sem olhar a ninharias nem as leis de desafios: se traz, ou se não traz, mais curta a lança, ou a espada; se tem consigo relíquias ou algum engano encoberto, se se deve partir o sol[1] e fazê-lo em fatias ou não, com outras cerimônias deste jaez, que se usam nos desafios particulares de pessoa a pessoa, que tu não sabes e eu sei. E mais saberás: o bom cavaleiro andante, ainda que veja dez gigantes, que com a cabeça não só tocam, mas passam as nuvens, com pernas como duas grandíssimas torres e braços que se assemelham a mastros de grandes e poderosos navios, e cada olho como grande roda de moinho, mais ardente que um forno de vidro, nem assim de maneira alguma hão de eles espantá-lo. Antes, com gentil parecer e intrépido coração, deve acometê-los e atacá-los e, se for possível, vencê-los e desbaratá-los em breve instante, ainda que viessem armados de umas conchas de certo pescado que se diz serem mais duras que diamante, e em lugar de espadas trouxessem cortantes cutelos de aço damasquino, ou clavas ferradas com pontas também de aço, como já os vi mais de duas vezes. Tudo isto te disse, minha ama, para que vejas a diferença que existe entre uns cavaleiros e outros; e, com razão, não haveria príncipe que não estimasse mais esta segunda, ou melhor dito, primeira espécie de cavaleiros andantes, pois, segundo lemos em suas histórias, entre eles houve quem tenha sido a salvação, não só de um reino, mas de muitos.

— Ah, meu senhor! — exclamou neste ponto a sobrinha. — Lembre-se vosmecê de que tudo isso que diz dos cavaleiros andantes é fábula e mentira, e suas histórias, quando não fossem queimadas, mereciam que a cada uma se pusesse um sambenito[2] ou algum sinal que as tornasse conhecidas como infames e dissipadoras dos bons costumes.

— Pelo Deus que me sustenta — replicou Dom Quixote —, não fosses tu diretamente minha sobrinha, como filha de minha própria irmã, haveria de dar-te tal castigo, pela blasfêmia que disseste, que ressoaria no mundo inteiro. Como é possível uma moçoila que apenas sabe manusear uma dúzia de bilros atrever-se a pôr a língua e a censurar as histórias dos cavaleiros andantes? Que diria o senhor Amadis, se tal ouvisse? Mas, bem por certo, perdoar-te-ia, porque foi o mais humilde e cortês cavaleiro de seu tempo e, além disso, grande amparador das donzelas. Mas poderia ter-te ouvido quem não fosse assim, que nem todos são corteses e de bom conceito; alguns há descomedidos e arrogantes. Nem todos os que se chamam cavaleiros o são de ponta a ponta: uns há de ouro, outros de pechisbeque e em geral parecem cavaleiros, mas nem todos podem experimentar o toque da pedra da verdade. Homens baixos há que se rebentam por parecer cavaleiros e cavaleiros altos há que parece morrerem de aposta por assemelhar-se a homens baixos. Aqueles se elevam, ou com a ambição, ou com a virtude; estes se rebaixam, ou com a frouxidão, ou com o vício. E é mister aproveitarmo-nos do conhecimento discreto para distinguir estas duas maneiras de cavaleiros, tão semelhantes nos nomes e tão distantes nas ações.

— Valha-me Deus — disse a sobrinha. — Tanto sabe vosmecê, senhor tio, que, se preciso fosse numa necessidade, poderia subir a um púlpito e ir a pregar por essas ruas. E, apesar disso, dá em cegueira tão grande e em sandice tão conhecida, que chega a entender que é valente, sendo velho; que tem forças, sendo enfermo; que endireita tortos, estando curvado pela idade; e, sobretudo, que é cavaleiro, não o sendo, pois, ainda que o possam ser os fidalgos, não o são os pobres!...

— Tens muita razão, sobrinha, no que dizes — respondeu Dom Quixote —, e coisas te poderia eu dizer a respeito de linhagem que te causariam pasmo; mas, para não misturar o divino com o profano, não o digo. Olhai, amigas: a quatro espécies de linhagens (prestai-me atenção) se podem reduzir todos os que vivem no mundo, e são estas: uns, que tiveram princípios humildes e se foram estendendo e dilatando, até chegar à suma grandeza; outros, que tiveram princípios grandes, e os foram conservando, e os conservam e mantêm no estado em que começaram; outros que, embora tivessem princípios grandes, acabaram em ponta, como pirâmide, havendo diminuído e aniquilado seu princípio até parar em nonada, como o é a ponta da pirâmide, que, relativamente à sua base, ou assento, nada é; outros há (e são estes a maioria) que nem tiveram princípio bom nem razoável meio, e assim terão o fim, sem renome, como a linhagem da gente plebeia e ordinária. Dos primeiros, que tiveram princípio humilde e subiram à grandeza que agora conservam, sirva-te de exemplo a Casa Otomana, que, de um humilde e baixo pastor, que lhe deu princípio, está na cumeada em que a vemos. Da segunda linhagem, que teve princípio em grandeza e a conserva sem aumentá-la, serão exemplo muitos príncipes, que o são por herança e se conservam nela, sem acrescê-la nem diminuí-la, contendo-se pacificamente nos limites de seus estados. Dos que começaram grandes e acabaram em ponta há milhares de exemplos; porque todos os faraós e Ptolomeus do Egito, os Césares de Roma, com toda a caterva (se se lhes pode dar este nome) de infindáveis príncipes, monarcas, senhores, medos, assírios, persas, gregos e bárbaros, todas essas linhagens e senhorios acabaram em ponta e em nonada, tanto eles como os que lhes deram princípio, pois não será possível encontrar agora qualquer de seus descendentes, e, se algum achássemos, seria em mui baixa e humilde condição. Da linhagem plebeia nada tenho a dizer senão que só serve para crescer o número dos viventes, sem que mereçam outra fama, nem outro elogio, suas grandezas. De quanto disse, quero que infirais, minhas tolas, que é grande a confusão existente entre as linhagens e só parecem grandes e ilustres aquelas que o mostram na virtude, na riqueza e na liberalidade de seus possuidores. Disse virtude, riquezas e liberalidades, porque o grande que foi vicioso será vicioso grande e o rico não liberal será um avaro mendigo. Ao possuidor de riquezas, não o torna ditoso o possuí-las, mas o gastá-las, e não o gastá-las como queira, mas o saber gastá-las bem. Ao cavaleiro pobre, outro caminho não lhe resta senão o da virtude sendo afável, bem-criado, cortês, comedido, prestativo; e não arrogante nem murmurador, mas, sobretudo, caridoso; pois, com dois maravedis de ânimo alegre dados ao pobre, se mostrará tão liberal como quem dá esmola a repique de sinos, e não haverá quem, vendo-o adornado das referidas virtudes, embora sem o conhecer, deixe de julgá-lo e tê-lo por de boa casta, que ele não o ser fora milagre. Sempre o louvor foi prêmio da virtude e os virtuosos não podem deixar de ser louvados. Dois caminhos há, filhas, por onde os homens podem chegar a ser ricos e honrados: um é o das letras; o outro, o das armas. Eu tenho mais armas que letras e nasci, visto que às armas me inclino, sob a influência do planeta Marte. Assim, quase me é obrigatório seguir por seu caminho, e por ele tenho de ir, apesar de todo o mundo, e será vão cansardes-vos em persuadir-me a que não queira eu o que os céus querem, a fortuna ordena, a razão pede e, sobretudo, minha vontade deseja. Pois embora saiba, como sei, dos inumeráveis trabalhos inerentes à cavalaria andante, também sei dos infinitos bens que com ela se alcançam; e sei que a senda da virtude é muito estreita e o caminho do vício amplo e espaçoso;[3] e sei que os seus fins e paradeiros são diferentes, porque o caminho do vício, dilatado e largo, em morte acaba, e o da virtude, apertado e trabalhoso, acaba em vida, e não em vida que se acaba, mas na que não terá fim. Sei, como disse o grande poeta castelhano,[4] que

*Por esta senda, de asperezas farta,*

*Vai-se da eterna glória ao alto assento,*

*Aonde não chega quem daí se aparta.*

— Ai, pobre de mim! — disse a sobrinha. — Também meu senhor é poeta. Tudo sabe, tudo alcança e aposto que, se quisesse ser alvanel, saberia fabricar uma casa que seria um primor de gaiola.

— Asseguro-te, sobrinha — respondeu Dom Quixote —, que se estes pensamentos cavaleirescos não me dominassem todos os sentidos não haveria coisa que eu não fizesse, nem curiosidade que não saísse de minhas mãos, especialmente gaiolas e palitos de dentes.[5]

A este tempo, bateram à porta e, perguntando-se quem chamava, respondeu Sancho Pança que era ele. Apenas o soube a ama, correu a esconder-se, para não o ver, tanta raiva lhe tinha. Abriu-lhe a porta a sobrinha, saiu Dom Quixote a recebê-lo com os braços abertos e, encerrando-se ambos no quarto deste, mantiveram outro colóquio que em nada perdeu para o precedente.

# CAPÍTULO VII

## *Do que se passou entre Dom Quixote e seu escudeiro, com outros sucessos famosíssimos*

Apenas viu a ama que Sancho Pança se fechava no aposento com seu senhor, deu-se conta do assunto que tratavam; e, imaginando que aquela consulta haveria de findar na resolução de sua terceira saída, pôs o manto e, cheia de aflição e angústia, foi procurar o bacharel Sansão Carrasco, por lhe parecer que, sendo bem falante e amigo recente de seu amo, poderia persuadi-lo a abandonar tão desvairada intenção. Achou-o a passear pelo pátio de sua casa e, ao vê-lo, caiu-lhe aos pés, suando e aflita. Ante essas mostras de dor e sobressalto, disse Carrasco:

— Que é isto, senhora ama? Que lhe aconteceu, que parece querer arrancar-lhe a alma?

— Não é nada, senhor Sansão, mas meu amo se vai; vai-se sem dúvida!

— Vai-se por onde, senhora? — perguntou Sansão. — Rompeu-se-lhe alguma parte do corpo?

— Vai-se pela porta de sua loucura — respondeu ela. — Quero dizer, senhor bacharel de minha alma, que quer ir-se outra vez, e esta será a terceira, a buscar por esse mundo o que ele chama venturas[1] e não sei como lhes pode dar semelhante nome. Da primeira vez, no-lo trouxeram atravessado sobre um jumento, moído de pauladas. Da segunda, veio num carro de bois, posto e encerrado numa jaula, onde imaginava encontrar-se enfeitiçado; e vinha de tal modo o coitado que não o conheceria a mãe que o pariu: fraco, amarelo, os olhos afundados nos últimos caramanchões do crânio. Para fazê-lo voltar um tanto ao que era, gastei mais de seiscentos ovos, como o sabem Deus e todo o mundo, e minhas galinhas que não me deixarão mentir.

— Isso creio eu muito bem — asseverou o bacharel —, pois são tão boas, tão gordas e tão bem-criadas que não diriam uma coisa por outra, ainda que rebentassem. Com efeito, senhora ama, não há outro fato, nem sucedeu algum outro desmando, senão o que se teme queira praticar o senhor Dom Quixote?

— Não, senhor — respondeu ela.

— Pois não se aflija — tornou o bacharel. — Vá descansada para casa, prepare-me para almoçar alguma coisa quente e, no caminho, vá rezando a oração de Santa Apolônia,[2] se a sabe; logo lá irei, e verá maravilhas.

— Pobre de mim! — exclamou a ama. — Diz vosmecê que reze a oração de Santa Apolônia? Isso seria bom se meu amo sofresse dos dentes, más só padece dos cascos.

— Sei o que digo, senhora ama; vá-se e não se ponha a discutir comigo, que sou bacharel por Salamanca e não há bacharelismo melhor. Com isto, partiu a ama e o bacharel foi logo buscar o cura, com ele combinando o que a seu tempo se dirá.

Enquanto estiveram encerrados, Dom Quixote e Sancho travaram o diálogo que com muita exatidão e verdadeira relação nos conta a crônica. Disse Sancho a seu amo:

— Senhor, já tenho minha mulher *reluzida* a deixar-me ir com vosmecê, aonde me queira levar.

— Deves dizer *reduzida*, Sancho, e não *reluzida* — observou Dom Quixote.

— Uma ou duas vezes — respondeu Sancho —, se bem me lembro, supliquei a vosmecê não me emendar os *vocabos*, desde que entenda o que quero dizer com eles. E, quando não os entender, diga: “Sancho, diabos, que te não entendo.” E, se eu não me explicar, então poderá emendar-me, pois sou tão *fócil*...

— Não te entendo, Sancho — disse logo Dom Quixote —, pois não sei que quer dizer *sou tão fócil*.

— Tão *fócil* — esclareceu Sancho — quer dizer sou tão assim...

— Menos te entendo agora — replicou Dom Quixote.

— Pois, se não me pode entender — tornou Sancho —, não sei como dizêlo; não sei mais e valha-me Deus.

— Ora, já o peguei — respondeu Dom Quixote. — Queres dizer que e és tão *dócil*, manso e maneiro, que aceitarás o que eu te disser e cumprirás o que eu te ensinar.

— Aposto — disse Sancho — que desde o princípio vosmecê me entendeu; mas quis perturbar-me, para me ouvir dizer outras duzentas parvoíces.

— É possível — comentou Dom Quixote. — Mas, de fato, que disse Teresa?

— Teresa disse — falou Sancho —, que eu ponha com vosmecê os pingos nos ii, e que fique o preto no branco, porque quem corta não embaralha e mais vale um toma que dois te darei. E eu digo que conselho de mulher é pouco, mas quem não o toma é louco.

— Também o digo eu — concordou Dom Quixote. — Mas, Sancho amigo, passa adiante, que hoje falas preciosidades.

— O caso é que — retrucou Sancho — como vosmecê sabe melhor, todos estamos sujeitos à morte, não se sabe do dia de amanhã, e tão depressa se vai o cordeiro como o carneiro, e ninguém pode esperar neste mundo mais horas de vida além das que lhe quiser Deus dar; porque a morte é surda e quando chega a bater às portas de nossa vida sempre vai depressa e não a conseguirão deter rogos, nem poderes, nem cetros, nem mitras, como é de fama pública e notória e como nos dizem por esses púlpitos.

— Tudo isso é verdade — observou Dom Quixote —, mas não sei aonde vais chegar.

— Vou chegar ao ponto — disse Sancho — de que vosmecê me fixe um salário conhecido, do que me há de dar cada mês, pelo tempo em que o servir, e tal salário me seja pago de sua fazenda, pois não quero estar por mercês,[3] que chegam tarde, ou mal, ou nunca; com o meu ajude-me Deus. Enfim, quero saber o que ganho, pouco ou muito que seja; que sobre o indez põe a galinha dez, e muitos poucos fazem um muito, e enquanto se ganha algo, nada se perde. Verdade é que se sucedesse (o que não creio nem espero) que vosmecê me desse a ilha que me prometeu, não sou tão ingrato, nem levo as coisas tão a pelo, que não queira se avalie o montante da renda de tal ilha para desconto em meu salário, mediante *gateio*.

— Sancho amigo — respondeu Dom Quixote —, às vezes tanto vale um *gateio* como um *rateio*.

— Compreendo — tornou Sancho. — Aposto que deveria ter falado *rateio* e não *gateio*; mas não importa, pois vosmecê me entendeu.

— E tanto entendi — afirmou Dom Quixote — que penetrei até o fundo de teus pensamentos e sei a que alvo atiras as inúmeras setas de teus provérbios. Olha, Sancho; fixar-te-ia eu salário, se tivesse encontrado em alguma das histórias dos cavaleiros andantes exemplo que me descobrisse e mostrasse, por algum pequeno resquício, quanto costumavam ganhar seus escudeiros, por mês ou por ano. Li, porém, todas as suas histórias, ou a maioria delas, e não me recordo de haver lido que qualquer cavaleiro andante haja fixado salário certo a seu escudeiro. Sei apenas que todos serviam por mercês, e, quando menos o esperavam, se a seus senhores havia corrido bem a sorte, achavam-se premiados com uma ilha, ou com outra coisa equivalente, ou pelo menos com um título e senhorio. Se com estas esperanças e suplementos gostas de voltar a servir-me, Sancho, em boa hora seja; pois escusado é pensar que hei de tirar de seus termos e eixos a usança antiga da cavalaria andante. Assim, Sancho amigo, volta à tua casa e declara a Teresa tua intenção; se ela gostar e tu gostares de estar por minha mercê, *bene quidem*;[4] se não, amigos como dantes; pois, se ao pombal não falta ceva, pombas não lhe faltarão. Lembra-te, filho, de que mais vale boa esperança que ruim posse e boa queixa do que má paga. Falo desta maneira, Sancho, para dar-te a entender que, também como tu sei arrojar provérbio em chuveiro. E, finalmente, quero dizer, e digo-te, que se não quiseres vir comigo, por mercê, correr a sorte que eu correr, fique Deus contigo e te faça um santo; a mim não me faltarão escudeiros mais obedientes, mais solícitos, e menos palradores e apoucados do que tu.

Quando Sancho ouviu a firme resolução de seu amo, enevoou-se-lhe o céu e caíram-lhe desanimadas as asas do coração, pois tinha como certo que nem por todo o ouro do mundo Dom Quixote iria sem ele; assim, estando suspenso e pensativo, entraram Sansão Carrasco, a ama e a sobrinha, desejosas estas de ouvir as razões com que o bacharel persuadiria seu senhor a desistir de buscar novas aventuras. Sansão, astuto de fama, chegou-se e, abraçando-o como da primeira vez, em alta voz lhe disse:

— Ó flor da cavalaria andante! Ó luz resplandecente das armas! Ó espelho e honra da nação espanhola! Praza a Deus Todo-poderoso, onde mais se estende seu poder, que a pessoa ou pessoas que puserem impedimento, ou estorvarem tua terceira saída, não a encontrem no labirinto de seus desejos, nem jamais se lhes cumpra o que mais desejarem.

E, voltando-se para a ama, disse-lhe:

— Não necessita mais a senhora ama de rezar a oração de Santa Apolônia, pois sei que é determinação precisa das esferas[5] que o senhor Dom Quixote volte a executar seus altos e novos pensamentos. E muito me pesaria na consciência se não instasse com este cavaleiro nem o persuadisse a por mais tempo não ter encolhida e detida a força de seu valoroso braço e a bondade de seu ânimo valentíssimo, porque com sua tardança defrauda o endireitamento dos tortos, o amparo dos órfãos, a honra das donzelas, a proteção das viúvas, o arrimo das casadas, e outras coisas deste jaez, que tangem, cabem, cumprem e são inerentes à ordem da cavalaria andante. Eia, meu formoso e bravo senhor Dom Quixote, antes hoje que amanhã, ponha-se Vossa Mercê e Grandeza a caminho. Se alguma coisa faltar para pô-lo em execução, aqui estou eu pronto a supri-la com a minha pessoa e fazenda; e se houver mister de servir a Vossa Magnificência como escudeiro, terei eu essa felicíssima ventura.

Neste ponto, falou Dom Quixote, voltando-se para Sancho:

— Não te disse eu, Sancho, que me haveriam de sobrar escudeiros? Olha quem se oferece para essa tarefa: o inaudito bacharel Sansão Carrasco, perpétuo regozijo e festa dos pátios das escolas salmantinas, são de corpo, ágil de membros, calado, sofredor do frio como do calor, da fome como da sede, com todos aqueles requisitos que se exigem do escudeiro de um cavaleiro andante. Mas não permita o céu que, por fazer meu gosto, estropie eu e quebre a coluna das letras e o vaso das ciências, e trunque a palma eminente das boas e liberais artes. Permaneça o novo Sansão em sua pátria e, honrando-a, honre conjuntamente as cãs de seus velhos pais; que eu com qualquer escudeiro ficarei contente, já que Sancho não se digna de ir comigo.

— Digno-me, sim — respondeu Sancho, enternecido e com os olhos cheios de lágrimas. — Não se dirá de mim, senhor, que pão comido, amigo despedido. Não venho de alguma geração desagradecida, pois todo o mundo, e especialmente minha aldeia, sabe quem foram os Panças, de quem descendo, e mais, que tenho conhecido e guardado, por muitas boas obras e por ainda melhores palavras, o desejo que vosmecê tem de fazer-me mercê. Se entrei em contas de tanto mais tanto, a respeito de meu salário, foi para comprazer a minha mulher, a qual, quando cisma de persuadir uma coisa, liame não há que aperte mais os aros de uma cuba do que o aperto que ela dá para se fazer o que deseja. Mas, com efeito, o homem há de ser homem, e a mulher, mulher. E como sou homem em toda parte, que não o posso negar, também o quero ser em minha casa, aflija-se quem se afligir. Assim, o que se tem de fazer é vosmecê pôr em ordem seu testamento, com seu codicilo, para que se não possa *revoltar*, e ponhamo-nos logo a caminho, a fim de que não padeça a alma do senhor Sansão, que diz ditar-lhe a consciência o instar com vosmecê para sair terceira vez por este mundo. De novo me ofereço a servir a vosmecê tão fiel e legalmente, tão bem, ou melhor do que nos passados e presentes tempos serviram escudeiros quaisquer a cavaleiros andantes.

Admirado ficou o bacharel de ouvir os termos e modos de Sancho Pança, pois, embora tivesse lido a primeira história de seu amo, nunca acreditou fosse tão gracioso como ali o pintam; ouvindo-o, porém, falar agora em *testamento e codicilo que não se possam revoltar, em vez de testamento e codicilo que não se possam revogar*, acreditou em tudo quanto a seu respeito lera e confirmou-o como um dos mais solenes mentecaptos de nossos séculos. Para si mesmo disse que dois loucos tais como amo e criado não havia no mundo.

Dom Quixote e Sancho se abraçaram e ficaram amigos e, com o parecer e o beneplácito do grão Carrasco, então tornado seu oráculo, determinou-se que sua partida seria daí a três dias, durante os quais se havia de preparar o necessário para a viagem e arranjar uma celada de encaixe, que Dom Quixote se obstinou em levar. Ofereceu-lha Sansão, sabendo que não a negaria um amigo seu, que a tinha, embora estivesse mais escura de ferrugem e mofo que clara de aço reluzente. Não tiveram conta as maldições que as duas, ama e sobrinha, lançaram sobre o bacharel. Desgrenharam os cabelos, arranharam os rostos e, ao modo das carpideiras que então se usavam, lamentavam a partida de seu senhor como se dele a morte fora. O intento de Sansão ao persuadi-lo a sair outra vez foi fazer o que adiante conta a história, tudo a conselho do cura e do barbeiro, com quem antes se havia entendido.

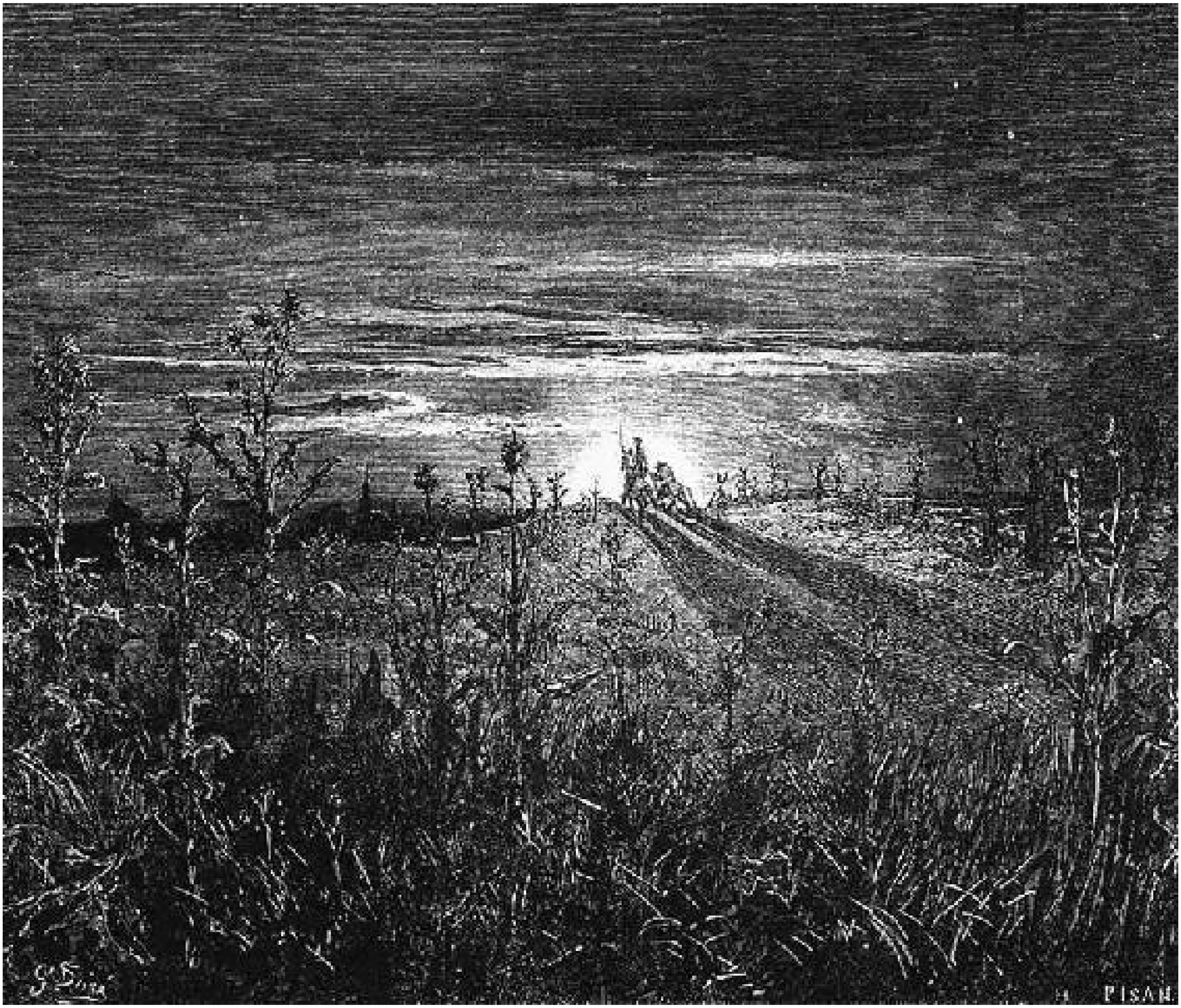
Em consequência, naqueles três dias Dom Quixote e Sancho cuidaram do que lhes pareceu convir-lhes; e havendo Sancho aplacado sua mulher e Dom Quixote acalmado sua sobrinha e sua ama, ao anoitecer puseram-se a caminho de Toboso, sem que ninguém os visse além do bacharel, que os quis acompanhar meia légua. Ia Dom Quixote sobre seu bom Rocinante e Sancho sobre seu antigo ruço, bem providos os alforjes de coisas tocantes à “bucólica”,[6] e cheia a bolsa de dinheiro, que lhe dera Dom Quixote para o que fosse mister. Sansão abraçou o cavaleiro e pediu-lhe que lhe comunicasse sua boa ou má sorte, para alegrar-se com esta ou entristecer-se com aquela,[7] como o requeriam as leis de sua amizade. Prometeu-o Dom Quixote, deu meia-volta Sansão e os dois se encaminharam para a grande cidade de Toboso.

# CAPÍTULO VIII

## *Onde se conta o que sucedeu a Dom Quixote quando ia ver sua dama, Dulcineia del Toboso*

“Bendito seja o poderoso Alá”, diz Hamete Benengeli no começo deste oitavo capítulo. “Bendito seja Alá!”, repete três vezes, e diz que dá estas bênçãos por ver já em companhia Dom Quixote e Sancho, podendo os leitores de sua agradável história estar certos de que a partir deste ponto começam as façanhas e donaires de Dom Quixote e seu escudeiro. Persuade-os a que esqueçam as passadas cavalarias do Engenhoso Fidalgo e ponham os olhos nas que estão por vir, que desde já começam no caminho de Toboso, como as outras começaram nos campos de Montiel, não sendo muito o que pede para o tanto que promete. E assim prossegue, dizendo:

Sós ficaram Dom Quixote e Sancho e, mal se afastou Sansão, começou a relinchar Rocinante, e a suspirar[1] o ruço, o que ambos, cavaleiro e escudeiro, tiveram por bom sinal e felicíssimo agouro; ainda que, se se deve contar a verdade, mais foram os suspiros e zurros do ruço que os relinchos do rocim, donde Sancho induziu que sua ventura havia de sobrepujar e pôr-se acima da de seu amo, com base não sei se na astrologia judiciária[2] que ele sabia, pois a história não o declara. Só lhe ouviram dizer que, quando tropeçava ou caía, desejaria não ter saído de casa, pois do tropeçar e do cair outra coisa não se tirava senão sapato roto ou costelas quebradas; e, apesar de tolo, não andava nisto muito desencaminhado. Disse-lhe Dom Quixote:


G. Doré
PISAN.

— Sancho amigo, a noite vai caindo rapidamente e com escuridão maior do que nos havia de convir para chegarmos com dia a Toboso, aonde decidi ir antes que em outra aventura me meta, a fim de tomar a bênção e a boa licença de minha sem-par Dulcineia. Com essa licença penso, e tenho por certo, acabar e dar feliz coroa a toda perigosa aventura, pois coisa alguma desta vida torna mais felizes os cavaleiros andantes do que se verem favorecidos por suas damas.

— Assim o creio — respondeu Sancho —, mas julgo difícil que vosmecê lhe possa falar, ou avistar-se com ela, em local pelo menos em que lhe possa receber a bênção, a menos que a deite das cercas do curral, por onde a vi da primeira vez, quando lhe levei a carta onde iam as notícias das sandices e loucuras que vosmecê ficava fazendo no coração da Serra Morena.

— Cercas de curral pareceram-te as frestas onde ou por onde viste aquela nunca bastante louvada gentileza e formosura, Sancho? — disse Dom Quixote. — Deveriam ser somente galerias, ou corredores, ou átrios, ou como se chamem, de ricos e régios palácios.

— Tudo pode ser — replicou Sancho. — Mas a mim pareceram-me cercas, se não me falta a memória.

— De qualquer modo, vamos lá, Sancho — continuou Dom Quixote. — Contanto que lá a veja, pouco se me dá que seja por cercas, como por janelas, ou por frestas, ou grades de jardim; qualquer raio que do sol de sua beleza chegue a meus olhos iluminará meu entendimento e fortalecerá meu coração, de modo que fique único e sem igual, na discrição e na valentia.

— Pois em verdade, senhor — disse Sancho —, quando vi esse sol da senhora Dulcineia del Toboso, não estava tão claro que de si pudesse lançar raio algum; devia de ser porque, como sua mercê estava peneirando aquele trigo que eu disse, o muito pó que tirava colocou-se-lhe ante o rosto como nuvem e escureceu-o.

— Por que insistes, Sancho — redarguiu Dom Quixote —, em dizer, em pensar, em crer e em porfiar que minha senhora Dulcineia peneirava trigo. Esse é um mister e exercício que vai desviado de tudo o que fazem e devem fazer as pessoas principais, constituídas e guardadas para outros exercícios e entretenimentos que mostrem a tiro de besta sua principalidade! Mas te lembras, Sancho, daqueles versos de nosso poeta,[3] onde nos pinta os labores que faziam, em suas moradas de cristal, aquelas quatro ninfas que do Tejo amado emergiram as cabeças e se sentaram a lavrar no prado verde aquelas ricas telas que o engenhoso poeta nos descreve, todas de ouro, seda, e pérolas de tecido e contextura! Desta maneira devia ser o de minha senhora, quando a viste; a inveja, porém, que algum mau encantador deve ter de minhas coisas faz com que mude e altere todas as que me devem dar gosto. Assim, temo que, naquela história de minhas façanhas, que dizem andar impressa, seu autor, se porventura tiver sido algum sábio meu inimigo, tenha posto umas coisas por outras, misturando com uma verdade mil mentiras, desviando-se a contar outras ações fora do que requer a continuação de uma verdadeira história. Ó inveja, raiz de infinitos males, carcoma das virtudes! Todos os vícios, Sancho, trazem em si algo de deleite; mas o da inveja somente traz desgostos, rancores e raiva.

— Isso também o digo eu — replicou Sancho —, e penso que nessa lenda ou história de que nos falou o bacharel Carrasco, como sendo a nosso respeito, minha honra deve andar emporcalhada e, como dizem, aos trancos e barrancos, varrendo as ruas. Por minha fé que não falei mal de encantador algum, nem tenho tantos bens que possa ser invejado, embora na verdade seja algo malicioso e tenha assomos de velhaco; tudo, porém, encobre e tapa o grande manto de minha simplicidade, sempre natural e nunca artificiosa. E se outra coisa não tivesse além da crença, como sempre creio, firme e verdadeiramente, em Deus e em tudo aquilo que professa e crê a Santa Igreja Católica Romana, e além da mortal inimizade, que tenho, aos judeus, só por isso deviam os historiadores ter misericórdia de mim e tratar-me bem em seus escritos. Mas digam o que disserem: nu nasci, nu me acho, não perco nem ganho; e por ver-me posto em livros e a correr este mundo de mão em mão, não se me dá migalha que digam de mim o que muito bem quiserem.

— Isso me parece, Sancho — disse Dom Quixote —, o que sucedeu a famoso poeta destes tempos, o qual, havendo feito maliciosa sátira contra todas as damas cortesãs,[4] não colocou nem nomeou nela certa dama, que se podia duvidar se o era ou não. Vendo ela que não estava na lista das demais, queixou-se ao poeta, perguntando-lhe que havia visto nela para não a colocar no número das outras; tratasse de alargar a sátira e incluí-la, do contrário veria o que lhe havia de acontecer. Fez assim o poeta, e pôs-lhe o nome de rastos, e ela ficou satisfeita, ao ver-se com fama, ainda que infame. Também vem a pelo o que contam daquele pastor que pôs fogo e incendiou o templo famoso de Diana, tido por uma das sete maravilhas do mundo, somente para que ficasse vivo seu nome nos séculos vindouros; e embora se ordenasse que ninguém o nomeasse, nem fizesse verbalmente ou por escrito menção de seu nome, para que não alcançasse o alvo de seus desejos, todavia se soube que se chamava Eróstrato. Igualmente se acerca disto o que sucedeu ao grande imperador Carlos V, com um cavaleiro, em Roma. Quis o imperador ver aquele famoso templo da Rotunda,[5] que na Antiguidade se chamou templo de todos os deuses e agora, com melhor invocação, se chama de Todos os Santos, e é o edifício que mais perfeito ficou dos erguidos pela gentilidade em Roma, e o que mais conserva a fama da grandiosidade e da magnificência de seus fundadores. Tem o formato de meia laranja, grandíssimo em extremo, e é muito claro, embora não lhe entre outra luz que a fornecida por uma janela, ou melhor dito, uma claraboia redonda em seu cimo. Dela olhava o imperador o edifício, tendo ao lado um cavaleiro romano, que lhe explicava os primores e sutilezas daquela grande construção e memorável arquitetura; e, havendo-se retirado da claraboia, disse ele ao imperador: "Mil vezes, Sacra Majestade, me veio o desejo de abraçar-me com Vossa Majestade e arrojar-me daquela claraboia ao solo, para deixar minha fama eterna no mundo." Respondeu o imperador: "Eu vos agradeço não haverdes levado a efeito pensamento tão mau, e daqui por diante não vos porei em situação em que volteis a pôr em prova a vossa lealdade; assim, ordeno-vos que jamais me faleis nem estejais onde eu estiver." E após estas palavras fez-lhe grande mercê. Quero dizer, Sancho, que o desejo de alcançar fama é ativo e diversificado. Quem pensas tu que atirou Horácio da ponte abaixo, armado de ponto em branco, para as profundezas do Tibre? Quem abrasou o braço e a mão de Múcio? Quem impeliu Cúrcio a lançar-se no profundo vórtice ardente que apareceu no meio de Roma? Quem, contra todos os agouros, que contrários se haviam mostrado, fez Júlio César atravessar o Rubicão?[6] E, com exemplos mais modernos, quem afundou os navios e deixou em terra firme e isolados os valorosos espanhóis guiados pelo cortesíssimo Cortés no Novo Mundo?[7] Todas estas e outras grandes e diferentes façanhas, obras foram e serão da fama, que os mortais desejam como prêmio e parte da imortalidade que seus célebres feitos merecem, posto que nós, cristãos, católicos e cavaleiros andantes, mais devamos atender à glória dos séculos vindouros, eterna nas regiões etéreas e celestes, que à vaidade da fama neste presente e perecível século alcançada.

Esta fama, por muito que dure, afinal se há de acabar com o próprio mundo, que tem assinalado seu fim. Assim, ó Sancho, não saiam nossas obras dos limites que nos põe a religião cristã, que professamos. Matemos nos gigantes a soberba; oponhamos à inveja a generosidade e o bom coração; à ira, o semblante plácido e a quietude do ânimo; à gula e ao sono, o pouco comer e o muito velar; à luxúria e à lascívia, a lealdade que guardamos às que fizemos senhoras de nossos pensamentos; à preguiça, o andar por todas as partes do mundo, buscando as ocasiões que nos possam fazer, e façam, além de cristãos, famosos cavaleiros. Aqui vês, Sancho, os meios por que se alcançam os extremos de louvor que consigo traz a boa fama.

— Tudo o que vosmecê até aqui me disse — falou Sancho — entendi-o muito bem; mas, apesar de tudo, queria que vosmecê me *sorvesse* uma dúvida que neste ponto agora me veio à memória.

— *Solvesse*, queres dizer, Sancho — corrigiu Dom Quixote. — Expõe-na logo, que responderei o que souber.

— Diga-me, senhor — prosseguiu Sancho. — Esses julhos ou agostos, e todos esses cavaleiros façanhudos de que falou, que já morreram, onde estão agora?

— Os gentios — explicou Dom Quixote — sem dúvida estão no inferno; os cristãos, se foram bons cristãos, ou estão no purgatório, ou no céu.

— Está bem — disse Sancho. — Mas vejamos agora: essas sepulturas onde estão os corpos desses senhoraços têm diante de si lâmpadas de prata, ou estão adornadas as paredes de suas capelas de muletas, de mortalhas, de cabeleiras, de pernas e de olhos de cera? Se não estão adornadas disso, de quê então?

Ao que respondeu Dom Quixote:

— Os sepulcros dos gentios foram, na maior parte, suntuosos templos; as cinzas do corpo de Júlio César se puseram sobre uma pirâmide de pedra de desmesurada grandeza, a que hoje chamam em Roma a *Agulha de São Pedro*;[8] ao imperador Adriano serviu de sepultura um castelo tão grande como uma aldeia de bom tamanho, a que chamaram *Moles Hadriani*, e agora é o castelo de Santo Ângelo, em Roma; a rainha Artemisa sepultou seu marido, Mausolo, num sepulcro, que foi tido por uma das sete maravilhas do mundo; mas nenhuma destas sepulturas, nem outras muitas que tiveram os gentios, foi adornada com mortalhas, nem com outras oferendas, ou sinais, que mostrassem ser santos os que estavam nelas sepultados.

— Lá chego — replicou Sancho. — Diga-me agora: que vale mais, ressuscitar um morto ou matar um gigante?

— A resposta é evidente — observou Dom Quixote. — Mais vale ressuscitar um morto.

— Agarrei-o! — disse Sancho. — Logo, a fama de quem ressuscita mortos, dá visão aos cegos, endireita os coxos e dá saúde aos enfermos, tendo lâmpadas a arder diante de suas sepulturas e cheias suas capelas de gente devota, que de joelhos lhes adora as relíquias, melhor fama será, para este e para o outro século,[9] do que a deixada ou por deixar por quantos imperadores gentios ou cavaleiros andantes haja no mundo.

— Também confesso essa verdade — respondeu Dom Quixote.

— Pois essa fama, essas graças, essas prerrogativas, como a isto chamam — continuou Sancho —, têm-nas os corpos e as relíquias dos santos, que, com aprovação e licença de nossa Santa Madre Igreja, têm lâmpadas, velas, mortalhas, muletas, pinturas, cabeleiras, olhos e pernas, com que aumentam a devoção e engrandecem sua fama cristã. Os corpos dos santos ou suas relíquias, levam-nos os reis aos ombros, beijam os pedaços de seus ossos, adoram e enriquecem com eles seus oratórios e seus mais apreciados altares.

— E que queres que eu extraia, Sancho, de tudo o que disseste? — indagou Dom Quixote.

— Quero dizer — explicou Sancho — que, se nos dedicarmos a ser santos, alcançaremos mais brevemente a boa fama que pretendemos; e lembre-se, senhor, de que ontem, ou anteontem (sendo há pouco tempo, assim se pode dizer), canonizaram ou beatificaram dois fradezinhos descalços,[10] cujas cadeias de ferro, com que cingiam e atormentavam seus corpos, é agora motivo de grande ventura beijar e tocar, sendo objeto de maior veneração do que, segundo se diz, a espada de Roldão na armaria de El-Rei Nosso Senhor,[11] que Deus guarde. Assim, meu senhor, mais vale ser um humilde fradezito, de qualquer ordem que seja, do que valente e andante cavaleiro; maior valor têm ante Deus duas dezenas de disciplinas que duas mil lançadas, quer dadas a gigantes, a avantesmas ou a avejões.

— Tens razão — observou Dom Quixote —, mas nem todos podemos ser frades e muitos são os caminhos por onde Deus conduz os seus ao céu; a cavalaria é religião e cavaleiros santos há na glória.

— Sim — respondeu Sancho. — Mas ouvi dizer que há mais frades no céu do que cavaleiros andantes.

— Assim é — tornou Dom Quixote — porque maior é o número dos religiosos que o dos cavaleiros.

— Muitos são os andantes — replicou Sancho.

— Muitos — comentou Dom Quixote. — Mas poucos os que merecem o nome de cavaleiros.

Nestas e outras semelhantes práticas passaram eles aquela noite e o dia seguinte, sem lhes acontecer coisa de contar, o que causou não pouca pena a Dom Quixote. Ao fim de outro dia, ao anoitecer, descobriram a grande cidade de Toboso, a cuja vista se alegrou o espírito de Dom Quixote e se entristeceu o de Sancho, porque não sabia a casa de Dulcineia, nem em sua vida a havia visto, como não a havia visto seu amo; de modo que estavam alvoroçados, um por vê-la e o outro porque não a vira, e não imaginava Sancho que havia de fazer quando seu senhor o enviasse a Toboso. Finalmente, mandou Dom Quixote que entrassem na cidade ao cair da noite e, enquanto a hora não chegava, ficaram entre umas azinheiras que havia perto de Toboso. Chegado o instante determinado, entraram na cidade, onde lhes aconteceram coisas de arromba.

# CAPÍTULO IX

## *Onde se conta o que nele se verá*

Estava a meia-noite mais ou menos por um fio quando Dom Quixote e Sancho deixaram o monte e entraram em Toboso. Jazia a aldeia em sossegado silêncio, porque todos os seus habitantes dormiam e repousavam de perna espichada, como sói dizer-se. Era a noite semiclara, embora quisesse Sancho que fosse de todo escura, para achar na escuridão desculpa de sua ignorância. Só se ouviam, em toda a região, latidos de cães, que retumbavam nos ouvidos de Dom Quixote e perturbavam o coração de Sancho. De quando em quando, zurrava um jumento, grunhiam porcos, miavam gatos, cujas vozes, de diferentes sons, se ampliavam com o silêncio da noite.Tudo isso teve como de mau agouro o enamorado cavaleiro; mas, apesar de tudo, disse a Sancho:

— Sancho, meu filho, toca para o palácio de Dulcineia; talvez pode ser que a encontremos acordada.

— A que palácio tenho de guiar, corpo do sol — replicou Sancho —, se a casa em que vi *sua* grandeza era muito pequenina?

— Devia estar recolhida, então — respondeu Dom Quixote —, a algum pequeno apartamento de seu alcáçar, espairecendo a sós com suas donzelas, como é uso e costume das altas senhoras e princesas.

— Senhor — disse Sancho —, já que vosmecê quer, a meu pesar, que seja alcáçar a casa de minha senhora Dulcineia, será esta, porventura, hora de achar a porta aberta? E será bom que demos aldravadas, para que nos ouçam e nos abram a porta, pondo em alvoroto e tumulto toda a gente? Iremos, por acaso, bater à casa de barregãs nossas, como fazem os amancebados, que chegam, e chamam, e entram, a qualquer hora, por tarde que seja?

— Em primeiro lugar, tratemos de encontrar o alcáçar — replicou Dom Quixote. — Dir-te-ei então, Sancho, o que será bom que façamos. E olha, Sancho, que, ou vejo pouco, ou aquela grande sombra e vulto que daqui se descobre é do palácio de Dulcineia.

— Pois siga vosmecê à frente — observou Sancho —, e talvez seja assim. Contudo, verei com os olhos e tocarei com as mãos, e tanto hei de crer como creio que agora é dia.

Seguiu Dom Quixote à frente e, havendo andado cerca de duzentos passos, deu com o vulto que fazia a sombra, viu uma torre e logo conheceu que tal edifício não era alcáçar, mas a igreja principal da aldeia. E disse:

— Demos com a igreja, Sancho.

— É o que vejo — respondeu Sancho. — E praza a Deus que não demos com a nossa sepultura, que bom sinal não é andar pelos cemitérios[1] a tais horas, ainda mais havendo eu dito a vosmecê, se bem me lembro, que a casa dessa senhora deve estar numa ruela sem saída.

— Deus te maldiga, mentecapto! — exclamou Dom Quixote. — Onde viste que alcáçares e palácios reais estejam edificados em ruelas sem saída?

— Senhor — retorquiu Sancho —, cada terra com seu uso; talvez se use aqui em Toboso edificar palácios e edifícios grandes em ruelas; assim, suplico que vosmecê me deixe dar busca por essas ruas e ruelas que se me oferecem; poderia ser que em algum rincão topasse com esse alcáçar, que o veja eu comido de cães, tanto nos traz corridos e desencaminhados.

— Fala com respeito, Sancho, das coisas de minha dama — disse Dom Quixote. — Vamos com a festa em paz e não percamos os anéis, perdendo os dedos.

— Levarei isso em consideração — prometeu Sancho. — Mas como poderei suportar com paciência que vosmecê queira que eu saiba sempre onde é a casa de minha ama, e a encontre à meia-noite, se só a vi uma vez, quando não a encontra vosmecê que milhares de vezes a deve ter visto?

— Tu me fazes desesperar, Sancho — tornou Dom Quixote. — Vem cá, herege. Não te disse mil vezes que em dia algum de minha vida vi a sem-par Dulcineia, nem jamais atravessei os umbrais de seu palácio, e que só estou enamorado de oitiva e da grande fama, que tem, de formosa e discreta?

— Agora o ouço — respondeu Sancho —; e digo que, se vosmecê nunca a viu, eu tampouco.[2]

— Isso não pode ser — discordou Dom Quixote. — Pelo menos, já me disseste que a viste peneirando trigo, quando me trouxeste a resposta da carta que te mandei levar-lhe.

— Não se atenha a isso, meu senhor — respondeu Sancho —, porque também de oitiva foram a vista e a resposta que lhe trouxe; tanto sei eu quem é a senhora Dulcineia como posso dar murros no céu.

— Sancho, Sancho — replicou Dom Quixote —, há tempos de burlar e tempos em que as burlas caem e parecem mal. Por dizer eu que nunca vi a senhora de minha alma, nem lhe falei, não vais tu dizer também que nunca a viste nem lhe falaste, quando sabes que o contrário é a verdade.

Estavam os dois nesse diálogo, quando viram que iria passar por onde se achavam um homem com duas mulas, o qual, pelo barulho que fazia o arado, arrastado pelo solo, julgaram dever ser lavrador que madrugara para chegar cedo à sua lavoura, o que era exato. Vinha o lavrador cantando aquele romance, que diz:

*Saiu-vos mal, ó franceses,*

*a luta de Roncesvalles.*[3]

— Matem-me, Sancho — disse Dom Quixote, ao ouvi-lo —, se coisa boa nos pode suceder esta noite. Não ouves o que vem cantando esse vilão?

— Ouço, sim — respondeu Sancho. — Mas que tem com o que procuramos a luta de Roncesvalles? Bem podia ele estar cantando o romance de Calaínos;[4] tudo seria o mesmo para sermos bem ou mal-afortunados em nossa empresa.

Nisto chegou o lavrador, a quem Dom Quixote perguntou:

— Saber-me-eis dizer, bom amigo, que boa sorte vos dê Deus, onde ficam por aqui os palácios da princesa sem-par dona Dulcineia del Toboso?

— Senhor — explicou o moço —, eu sou forasteiro e faz poucos dias que estou nesta aldeia trabalhando para um lavrador rico na lavra dos campos; nessa casa da frente moram o cura e o sacristão do lugar; ambos ou qualquer um deles saberá dar a vosmecê notícia dessa senhora princesa, porque têm a lista de todos os habitantes de Toboso; embora eu tenha para mim que aqui não vive princesa alguma; muitas senhoras, sim, e principais, que cada uma delas em sua casa pode ser princesa.

— Pois entre essas — disse Dom Quixote — deve estar, amigo, esta por quem pergunto.

— Pode ser — respondeu o moço. — E adeus, que já vem o romper da aurora.

E, fustigando as mulas, não atendeu a mais perguntas. Sancho, que viu seu amo suspenso e assaz descontente, lhe disse:

— Senhor, não demora a surgir o dia e não será acertado deixar que nos encontre o sol na rua; melhor será que saiamos para fora da cidade e vosmecê se embosque nalguma floresta das cercanias. Voltarei durante o dia e não deixarei recanto em todo este lugar em que não procure a casa, alcáçar ou palácio de minha senhora; demasiado desditoso seria eu se não o encontrasse. Ao achá-lo, falarei com Sua Mercê, e lhe direi como e onde fica vosmecê à espera de que lhe dê ordem e alvitre para que a veja, sem menoscabo de sua honra e boa fama.

— Disseste, Sancho — retrucou Dom Quixote —, mil sentenças encerradas no círculo de breves palavras. Agrada-me o conselho que agora me deste e de boníssima vontade o recebo. Vem, filho, vamos procurar onde eu me embosque; voltarás, como dizes, a procurar, ver e falar a minha senhora, de cuja discrição e cortesia espero mais do que miraculosos favores.

Impacientava-se Sancho por tirar seu amo da aldeia, a fim de que não averiguasse a mentira da resposta que lhe levara à Serra Morena, da parte de Dulcineia. Assim, apressou a saída, que foi logo, e a duas milhas do lugar encontraram uma floresta ou bosque, onde Dom Quixote se emboscou, enquanto Sancho regressava à cidade para falar a Dulcineia, embaixada em que lhe sucederam coisas que pedem nova atenção e novo crédito.

# CAPÍTULO X

## *Em que se conta a arte de que usou Sancho para enfeitiçar a senhora Dulcineia, além de outros sucessos tão ridículos como verdadeiros*

Chegando o autor desta grande história a contar o que neste capítulo narra, diz que desejara deixá-lo em silêncio, por temor de não ser crido; pois as loucuras de Dom Quixote chegaram aqui ao termo e limite das maiores que é possível imaginar, indo além delas ainda dois tiros de besta. Finalmente, embora com esse medo e receio, escreveu-as do mesmo modo como ele as praticou, sem ajuntar nem tirar à história um só átomo da verdade e sem que nada lhe importassem as objeções de mentiroso que lhe poderiam levantar. E razão teve, porque a verdade se adelgaça, mas não quebra, e sempre anda sobre a mentira como sobre a água o azeite. Assim, prosseguindo sua história, conta que, tão logo Dom Quixote se emboscou na floresta, bosque ou carvalheira, junto ao grão Toboso, mandou Sancho voltar à cidade,[1] ordenando-lhe que à sua presença não volvesse sem haver antes falado, de sua parte, a sua senhora, pedindo-lhe fosse servida de deixar que a visse seu cativo cavaleiro, e se dignasse deitar-lhe a bênção, para poder por ela esperar felicíssimos sucessos em todos os seus cometimentos e dificílimas empresas. Encarregou-se Sancho de fazer como era mandado e trazer-lhe tão boa resposta como da vez primeira lhe trouxera.

— Anda, filho — replicou Dom Quixote —, e não te perturbes quando te vires ante a luz do sol de formosura que vais procurar. Ditoso és sobre todos os escudeiros do mundo. Aviva a memória e não olvides como te recebe Dulcineia; se muda de cores quando lhe estiveres dando meu recado; se se desassossega e agita ao ouvir meu nome; se não cabe na almofada,[2] caso a encontres sentada no rico estrado de sua autoridade; e, se estiver de pé, olha se se apoia ora num, ora noutro dos pés; se duas ou três vezes te repete a resposta que te der; se a muda de branda em áspera, de ácida em amorosa, se levanta a mão ao cabelo para compô-lo, ainda que desordenado não esteja; finalmente, filho, observa todas as suas ações e movimentos, porque, se mos relatares como foram, extrairei o que ela conserva escondido no segredo de seu coração, acerca do que tange ao fado de meus amores. Deves saber, Sancho, se o não sabes, que, entre os amantes, as ações e os movimentos exteriores que fazem, quando de seus amores se trata, são certíssimos mensageiros que trazem as novas do que se passa bem no íntimo da alma. Vai, amigo, e guie-te ventura melhor do que a minha; que voltes com melhor sucesso do que o que eu fico a temer e esperar, nesta amarga solidão em que me deixas.

— Irei e voltarei em breve — prometeu Sancho. — Alargue vosmecê meu senhor esse coraçãozinho, que agora o deve ter não maior que uma avelã, e considere costumar-se dizer que o bom coração quebranta a má ventura e onde não há toicinhos faltam espetos; e também se diz: donde não se espera, daí é que sai. Digo-o porque, se na noite passada não encontramos os palácios ou alcáçares de minha senhora, agora, que é dia, espero achá-los quando menos o pense; e, achados que sejam, deixem-na por minha conta.

— Por certo, Sancho — disse Dom Quixote —, que sempre trazes teus provérbios tão a calhar no que tratamos quanto me dê Deus melhor ventura no que desejo.

Dito isto, voltou Sancho as costas e fustigou o ruço. Dom Quixote ficou a cavalo, descansando sobre os estribos e sobre o arrimo da lança, cheio de tristes e confusas imaginações, imerso nas quais o deixaremos para acompanhar Sancho Pança, que, não menos confuso e pensativo, se afastou de seu amo; tanto que, apenas saiu do bosque, volveu a cabeça e, vendo que Dom Quixote não era visível, apeou-se do jumento e, sentando-se ao pé de uma árvore, começou a falar consigo mesmo e a dizer-se:

“Saibamos agora, Sancho amigo, aonde vai vosmecê. Vai buscar algum jumento que tenha perdido? — Não, por certo. — Então, que vai buscar? — Vou buscar, como quem não diz nada, uma princesa, e nela o sol da formosura e todo o céu junto. — E onde pensa encontrar tudo isso que diz, Sancho? — Onde? — Na grande cidade de Toboso. — Bem, e da parte de quem a vai procurar? — Da parte do famoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, que desfaz os tortos, dá de comer a quem tem sede e de beber a quem tem fome. — Tudo isso está muito bem, mas sabe vosmecê, Sancho, onde fica sua casa? — Meu amo diz que são palácios reais ou soberbos alcáçares. — E já a viu vosmecê porventura algum dia? — Nem eu nem meu amo jamais a vimos. — E parece-lhe ser acertado e bem feito que, se os de Toboso soubessem que aqui está vosmecê com a intenção de raptar suas princesas e desassossegar-lhes as damas, viessem moer-lhe as costelas a pau, sem lhe deixar osso inteiro? — Em verdade, teriam muita razão, se não considerassem que sou mandado e que

*Mensageiro sois,*

*amigo e culpa não tendes, não.*[3]

— Não se fie vosmecê nisso, Sancho, porque a gente manchega é tão colérica como honrada e não aceita cócegas de ninguém. Viva Deus que, se vos farejarem, má ventura tereis. — Vai-te, diabo? Com os raios! Não, não estou eu para amarrar o guizo ao pescoço do gato, por prazer dos outros! Além do mais, tanto vale procurar Dulcineia em Toboso como Maria em Ravena[4] e bacharel em Salamanca. Foi o diabo, e não outro, quem nisto me meteu.”

Este solilóquio teve Sancho consigo e o que dele extraiu foi voltar a dizer-se:

“Ora, bem, todas as coisas têm remédio, a não ser a morte, sob cujo domínio temos todos de passar, queiramos ou não, ao acabar a vida. Por mil sinais tenho visto que este meu amo é um louco de acorrentar, embora eu não lhe fique atrás, sendo mais mentecapto que ele, já que o sigo e sirvo, se é verdadeiro o rifão que diz: 'Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és', e o outro: 'Não com quem nasces, mas com quem pasces'. Sendo ele, pois, louco, como é, e de loucura que na maioria das vezes toma umas coisas pelas outras, e julga que pau é pedra e preto é branco, como quando disse que os moinhos de vento eram gigantes, e as mulas dos frades, dromedários; e as manadas de carneiros, exércitos de inimigos, e outras muitas coisas deste jaez, não será difícil levá-lo a crer que uma lavradora, a primeira que eu topar por aqui, é a senhora Dulcineia. E, se ele não acreditar, jurá-lo-ei eu; se ele jurar também, jurarei de novo; se teimar, teimarei ainda mais, que a minha opinião terá de prevalecer, venha o que vier. Talvez, com essa teimosia, evitarei que me envie outra vez a semelhantes mensagens, por ver quão mau recado trago delas. Ou quiçá pense, como imagino, que algum malvado feiticeiro, desses que diz que lhe querem mal, terá mudado a figura de Dulcineia, para causar-lhe mágoa e dano."

Tendo assim pensado, sossegou Sancho o espírito e deu por bem acabado seu encargo, detendo-lhe ali até a tarde, para dar oportunidade a que Dom Quixote pensasse ter levado esse tempo a ir a Toboso e regressar. Sucedeu-lhe tudo tão bem que, quando se levantou para subir no ruço, viu que vinham de Toboso para onde ele estava, três lavradoras, sobre mulos ou mulas, coisa que o autor não especifica, embora antes se pudesse crer fossem burricas, por ser essa a montaria comum das aldeãs. Como, porém, não é isto de grande importância, não há motivo para nos determos em averiguá-lo. Em consequência, tão logo viu Sancho as lavradoras, a galope voltou a buscar seu amo Dom Quixote, que achou a suspirar e a dizer mil lamentações amorosas. Vendo-o, perguntou-lhe Dom Quixote:

— Que há, Sancho amigo? Poderei assinalar esse dia com pedra negra ou branca?[5]

— Melhor será — respondeu Sancho — que o assinale vosmecê com almagre, como em letreiros de cátedra,[6] para que bem e de longe o vejam os que vierem.

— Desse modo — replicou Dom Quixote —, trazes boas-novas.

— Tão boas — prosseguiu Sancho — que vosmecê nada mais tem a fazer do que esporear Rocinante e sair a campo raso, para ver a senhora Dulcineia del Toboso, que, com outras duas de suas aias, vem ver vosmecê.

— Santo Deus! Que dizes, Sancho amigo? — bradou Dom Quixote. — Olha, não me enganes, nem queiras, com falsas alegrias, alegrar minhas verdadeiras tristezas.

— Que lucraria eu em enganá-lo, senhor? — respondeu Sancho. — Tanto mais, estando tão próximo de descobrir se era verdade... Ande, senhor, venha e verá que vem a princesa nossa ama, vestida e adornada, enfim, como a alta dama que é. Suas donzelas e ela são todas uma chispa de ouro, espigas de pérolas, são todas diamantes, todas rubis, todas telas de brocado, de mais de dez lavores.[7] Seus cabelos, soltos sobre os ombros, são outros tantos raios de sol, que andam brincando com o vento; e, sobretudo, vêm montadas em três *cananeias* malhadas que dá gosto ver.

— Queres dizer *hacaneias*, Sancho.

— Pouca diferença há — comentou Sancho — entre hacaneias e cananeias; mas, montem no que vierem montadas, o fato é que vêm como as mais galantes senhoras que se poderia desejar, especialmente a princesa Dulcineia, minha ama, que pasma os sentidos.

— Vamos, Sancho, meu filho — retrucou Dom Quixote. — E em alvíssaras destas não esperadas quão boas-novas, mando-te o melhor despojo que ganhar na primeira aventura que tiver, e se isto não te contentar mando-te as crias que este ano me derem as minhas três éguas, que, como sabes, estão prestes a parir, no prado comunal de nossa aldeia.

— Fico com as crias — observou Sancho —, pois não está muito certo que sejam bons os despojos da primeira aventura.

Com isto, saíram da mata e descobriram perto as três aldeãs. Estendeu Dom Quixote os olhos por todo o caminho de Toboso e, como só visse as três lavradoras, muito se perturbou e indagou de Sancho se havia deixado as damas fora da cidade.

— Como, fora da cidade? — respondeu ele. — Porventura está vosmecê com os olhos na nuca, para não ver estas que aí vêm, resplandecentes como o próprio sol do meio-dia?

— Não vejo, Sancho — disse Dom Quixote —, senão três lavradoras sobre três burricos.

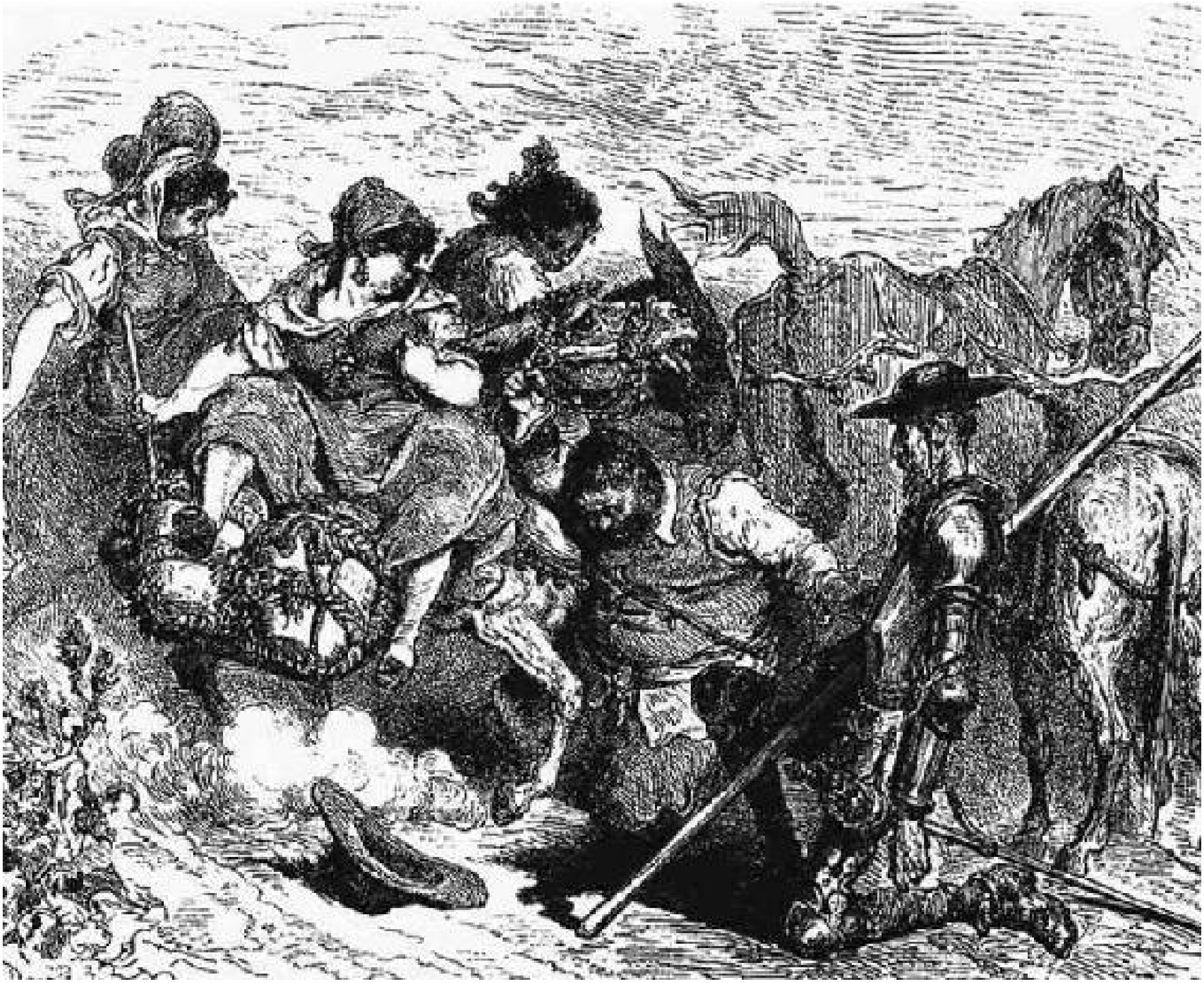
— Agora, livre-me Deus do diabo! — exclamou Sancho. — É possível que três hacaneias, ou seja lá como se chamam, brancas da alvura da neve, pareçam a vosmecê burricos? Viva Deus, que me arranque as barbas, se isto for verdade!

— Pois eu te digo, Sancho amigo — disse Dom Quixote —, que é tão verdade que são burricos, ou burricas, como eu sou Dom Quixote e tu Sancho Pança. Pelo menos, tais a mim me parecem.

— Cale-se, senhor — tornou Sancho. — Não diga tal coisa, mas esperte esses olhos e venha reverenciar a senhora de seus pensamentos, que já se aproxima.

Dizendo isto, adiantou-se a receber as três aldeãs e, apeando-se do ruço, segurou pelo cabresto a montaria de uma das três lavradoras. Fincando no chão ambos os joelhos, disse:

— Rainha, princesa e duquesa da formosura, seja Vossa Altivez e Grandeza servida de receber em sua graça e boa vontade o seu cativo cavaleiro, que ali está feito estátua de mármore, todo perturbado e sem pulso, por ver-se perante Vossa Magnificência. Eu sou Sancho Pança, seu escudeiro, e ele é o infatigável cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, chamado também o Cavaleiro da Triste Figura.



Neste ponto, já se havia posto Dom Quixote de joelhos junto a Sancho e fitava com olhos esbugalhados e vista perturbada aquela que Sancho chamava rainha e senhora; e como não via nela senão uma moça aldeã, de rosto não muito agradável, pois era de cara redonda e chata, estava suspenso e admirado, sem ousar despregar os lábios. As lavradoras, por sua vez, estavam atônitas, ao verem aqueles dois homens, tão diferentes, postos de joelhos, sem deixar que sua companheira passasse. Mas, rompendo o silêncio, a detida, muito agastada e desabrida, disse:

— Saiam do caminho, pelos diabos, e deixem-nos passar, que estamos com pressa.

Ao que respondeu Sancho:

— Ó princesa e senhora universal de Toboso! Como vosso magnânimo coração se não enternece ao ver de joelhos ante vossa sublimada presença a coluna e arrimo da cavalaria andante?

Ouvindo isso, outra das duas exclamou:

— Ora! Chô, que te esfrego, burra de meu sogro! Vejam só como esses senhoricos vêm agora zombar das aldeãs, como se aqui não soubéssemos repelir pulhas dessa espécie! Sigam seu caminho e deixem-nos ir pelo nosso, que lhes será melhor.

— Levanta-te, Sancho — disse neste ponto Dom Quixote —, pois já vejo que a Fortuna, ainda não farta de meus males, tomou todos os caminhos por onde possa vir alguma alegria a esta alma mesquinha que tenho na carne. E tu, ó extremo do valor que se possa desejar, limite da gentileza humana, único remédio deste coração afligido, que te adora! Já que o maligno encantador me persegue e pôs nuvens e cataratas em meus olhos, e só para eles, e não para outros, mudou e transformou teu rosto, de formosura sem igual, no de uma lavradora pobre, se é que também não alterou o meu para o de um espectro, a fim de torná-lo detestável a teus olhos, não deixes de fitar-me branda e amorosamente, procurando ver nesta submissão e homenagem, que faço à tua disfarçada beleza, a humildade com que minha alma te idolatra!

— Ora só o meu vovô! — respondeu a aldeã. — Bem amiga sou eu de ouvir requebros! Afastem-se e deixem-nos passar, que lhes agradeceremos.

Afastou-se Sancho e deixou-a seguir, contentíssimo por haver saído tão bem de seu embuste. Mal se viu livre, a aldeã que havia representado Dulcineia, picando sua *cananeia* com um aguilhão que num bastão trazia, largou a correr pelo prado em frente. A burrica, sentindo a ponta do aguilhão machucá-la mais que de hábito, começou a corcovear de tal modo que deu com a senhora Dulcineia em terra. Vendo-o, Dom Quixote acudiu a levantá-la e Sancho a compor e apertar a albarda, que havia vindo parar na barriga da mulita. Ajeitada, pois, a albarda, quis Dom Quixote levantar nos braços sobre a burrica sua encantada senhora, mas esta, erguendo-se do chão, livrou-o de tal trabalho. Recuando, deu uma corridinha e, pondo ambas as mãos sobre as ancas do animal, soltou o corpo sobre a albarda, mais rápida que um gamo, escarranchada como se fosse homem. Disse então Sancho:

— Viva Roque, que a senhora nossa ama é mais ligeira que um falcão e pode ensinar o mais destro cordovês ou mexicano a montar a cavalo! Passou de um salto sobre o arção traseiro da sela e, sem esporas, faz a hacaneia correr como uma zebra! E atrás não lhe ficam suas aias, que correm todas como o vento.

Esta era a verdade, porquanto, vendo-se Dulcineia a cavalo, todas a acompanharam e dispararam a correr, sem voltar a cabeça para trás por mais de meia légua. Seguiu-as Dom Quixote com a vista e, quando viu que desapareciam, voltando-se para Sancho, disse-lhe:

— Sancho, que achas da malquerença que me têm os encantadores? Olha até onde se estende sua maldade e a ojeriza que me têm, pois me quiseram privar da alegria que me poderia dar o ter visto minha senhora em pessoa. Com efeito, nasci eu para modelo de desditosos e para ser alvo e mira a que mirem e se arrojem as setas da má fortuna. E deves também notar, Sancho, que não se contentaram esses traidores em haver mudado e transformado minha Dulcineia, mas a mudaram e transformaram em figura tão baixa e tão feia como a daquela aldeã, tirando-lhe ao mesmo tempo o que é tão próprio das principais senhoras, e é o bom odor, por andarem sempre entre âmbares e flores. Porque te faço saber, Sancho, que quando fui subir Dulcineia sobre a hacaneia (segundo tu dizes, pois a mim me pareceu burrica), senti um cheiro de alhos crus que me estonteou e envenenou a alma.

— Ó canalha! — gritou neste ponto Sancho. — Ó encantadores aziagos e mal-intencionados! Quisera eu ver-vos a todos espetados pelas guelras como enfiada de sardinhas! Muito sabeis, muito podeis e muito mal fazeis. Devera bastar-vos, velhacos, haver mudado os olhos de minha senhora em bolotas de sobreiro e seus cabelos de oiro puro em cerdas de rabo de boi vermelho, e finalmente todas as suas feições de boas em más, sem lhe tocardes no odor. Por ele talvez vislumbrássemos o que se escondia por baixo daquela feia casca, embora, para dizer a verdade, nunca vi eu sua fealdade, mas sim sua formosura, realçada e aumentada por um sinal sobre o lábio direito, à moda de bigode, com sete ou oito cabelos loiros como fios de oiro e de mais de um palmo de comprimento.

— A esse sinal — disse Dom Quixote —, segundo a correspondência que têm entre si os do rosto com os do corpo, deve corresponder outro na tábua da coxa de Dulcineia, em simetria com o lado em que tem o do rosto; mas são demasiado longos para sinais os cabelos do tamanho que disseste.

— Pois sei dizer a vosmecê — observou Sancho — que ali pareciam nascidos.

— Acredito, amigo — respondeu Dom Quixote —, pois coisa alguma pôs a natureza em Dulcineia que não fosse perfeita e bem-acabada. E, tivesse ela cem lunares como o sinal de que falas e lunares não seriam, mas luas e estrelas resplandecentes. Mas dize-me, Sancho, aquela que me pareceu albarda, e que endireitaste, era selim raso ou silhão?

— Era sela à gineta — explicou Sancho —, enxalmada com uma manta que vale a metade de um reino, de tão rica.

— Não ter eu visto tudo isso, Sancho! — exclamou Dom Quixote. — Agora torno a dizer, direi mil vezes, que sou o mais desditoso dos homens.

Muito se esforçava o socarrão de Sancho por dissimular o riso, ao ouvir as sandices do amo, tão finamente enganado. Por fim, depois de outras muitas palestras que mantiveram, voltaram a subir em suas montarias e seguiram caminho de Saragoça, aonde pensavam chegar a tempo de se poderem encontrar numas festas solenes que naquela insigne cidade se costuma fazer todos os anos. Antes, porém, que lá chegassem, sucederam-lhe coisas que, por muitas, grandes e novas, merecem ser escritas e lidas, como adiante se verá.

# CAPÍTULO XI

## *Da estranha aventura que sucedeu ao valoroso Dom Quixote com o carro ou carreta das "Cortes da Morte"*

Imerso em pensamentos ia Dom Quixote pelo caminho, considerando a ruim burla que lhe haviam feito os feiticeiros encantadores, ao transformarem sua senhora Dulcineia na má figura de uma aldeã, e não imaginava que remédio usaria para devolver-lhe a forma primitiva. Tais pensamentos o traziam tão fora de si que, sem senti-lo, soltou as rédeas a Rocinante, o qual, notando a liberdade que lhe era dada, a cada passo se detinha para pascer a verde erva, naqueles campos copiosa. Retirou-o Sancho do ensimesmamento, dizendo-lhe:

— Senhor, as tristezas não se fizeram para os animais, mas para os homens. Se, porém, os homens as sentem em demasia, animais se tornam. Tenha vosmecê conta de si, reanime-se, pegue as rédeas de Rocinante, reviva e desperte, e mostre aquela galhardia que convém terem os cavaleiros andantes. Que diabo é isto? Que fraqueza é essa? Estamos aqui ou na França? Carregue Satanás com quantas Dulcineias haja no mundo, que mais vale a saúde num só cavaleiro andante que todos os encantamentos e transformações da terra.

— Cala-te, Sancho — ordenou Dom Quixote, com voz não muito desmaiada. — Cala-te, digo, e não profiras blasfêmias contra aquela enfeitiçada senhora, pois de sua desgraça e desventura só eu tenho a culpa; da inveja que me têm os maus nasceu sua má fortuna.

— Assim o digo eu — respondeu Sancho. — Quem a viu e a vê agora, que coração não a chora?

— Isso bem o podes dizer, Sancho — replicou Dom Quixote —, pois a viste na inteireza cabal de sua formosura. O feitiço não chegou a perturbar-te a vista nem a encobrir-te sua beleza; só contra mim e contra meus olhos se endereça a força de seu veneno. Mas, apesar disso, uma coisa notei, Sancho, e é que me descreveste mal sua formosura, porque, se bem me lembro, disseste que tinha os olhos de pérola, e olhos que parecem de pérolas antes são de peixe que de dama. Pelo que penso, os de Dulcineia devem ser de verdes esmeraldas, rasgados, com dois arcos celestiais que lhes servem de supercílios; quanto a essas pérolas, tira-as dos olhos e passa-as para os dentes, pois sem dúvida te equivocaste, Sancho, tomando por dentes os olhos.

— Tudo pode ser — concordou Sancho —, pois tanto me perturbou a mim sua formosura como a vosmecê sua fealdade. Entreguemos, porém, tudo a Deus, que é o sabedor de todas as coisas que hão de suceder neste vale de lágrimas, neste mau mundo que temos e onde raramente se encontra o que esteja sem mescla de maldade, embuste e velhacaria. Pesa-me uma coisa, senhor meu, mais que todas, e é pensar o que se há de fazer quando vosmecê vencer algum gigante ou outro cavaleiro, mandando que se apresente ante a formosura da senhora Dulcineia. Onde a irá encontrar esse pobre gigante, ou esse mísero cavaleiro vencido? Parece-me que os vejo andar por Toboso, feitos uns néscios, à procura da senhora Dulcineia e, ainda que a encontrem no meio da rua, há de conhecê-la tanto como a meu pai.

— Talvez, Sancho — respondeu Dom Quixote —, o encantamento não vá ao ponto de tirar o conhecimento de Dulcineia aos gigantes e cavaleiros vencidos e apresentados. Em um ou dois dos primeiros que eu vença farei a experiência, para ver se a veem ou não, ordenando-lhes que voltem a relatar-me o que a esse respeito lhes houver sucedido.

— Digo, senhor — replicou Sancho —, que bem me pareceu o que vosmecê acaba de dizer e com esse artifício chegaremos a conhecer o que desejamos. Se for só a vosmecê que ela se encobre, será mais de vosmecê a desgraça, que de minha senhora. E, desde que a senhora Dulcineia tenha saúde e felicidade, nós por cá nos arranjaremos e passaremos o melhor que pudermos, buscando nossas aventuras e deixando que o tempo faça das suas, que ele é o melhor médico destas e de outras maiores enfermidades.

Queria Dom Quixote responder a Sancho Pança, mas lho estorvou uma carreta que saiu pelo caminho, carregada dos mais diversos e estranhos personagens e figuras que imaginar-se pudessem. O que guiava as mulas e servia de carreteiro era um feio demônio. Vinha a carreta descoberta, ao céu aberto, sem toldo nem esteira. A primeira figura que se ofereceu aos olhos de Dom Quixote foi a da própria Morte, com rosto humano; junto a ela vinha um anjo, de grandes e pintadas asas; de um lado estava um imperador com uma coroa que parecia de ouro, na cabeça; aos pés da Morte achava-se o Deus a que chamam Cupido, sem venda nos olhos, mas com seu arco, setas e aljava; vinha também um cavaleiro armado de ponto em branco, com a exceção de não trazer morrião nem celada, e sim um chapéu cheio de plumas de variadas cores; e com eles vinham outras pessoas de rostos e trajes diversos. Tudo isso, visto de improviso, alvorotou de certo modo Dom Quixote e encheu de medo o coração de Sancho. Dom Quixote, porém, logo se alegrou, crendo que se lhe oferecia alguma nova e perigosa aventura, e com este pensamento, de ânimo disposto a acometer qualquer perigo, pôs-se diante da carreta e disse, com alta e ameaçadora voz:

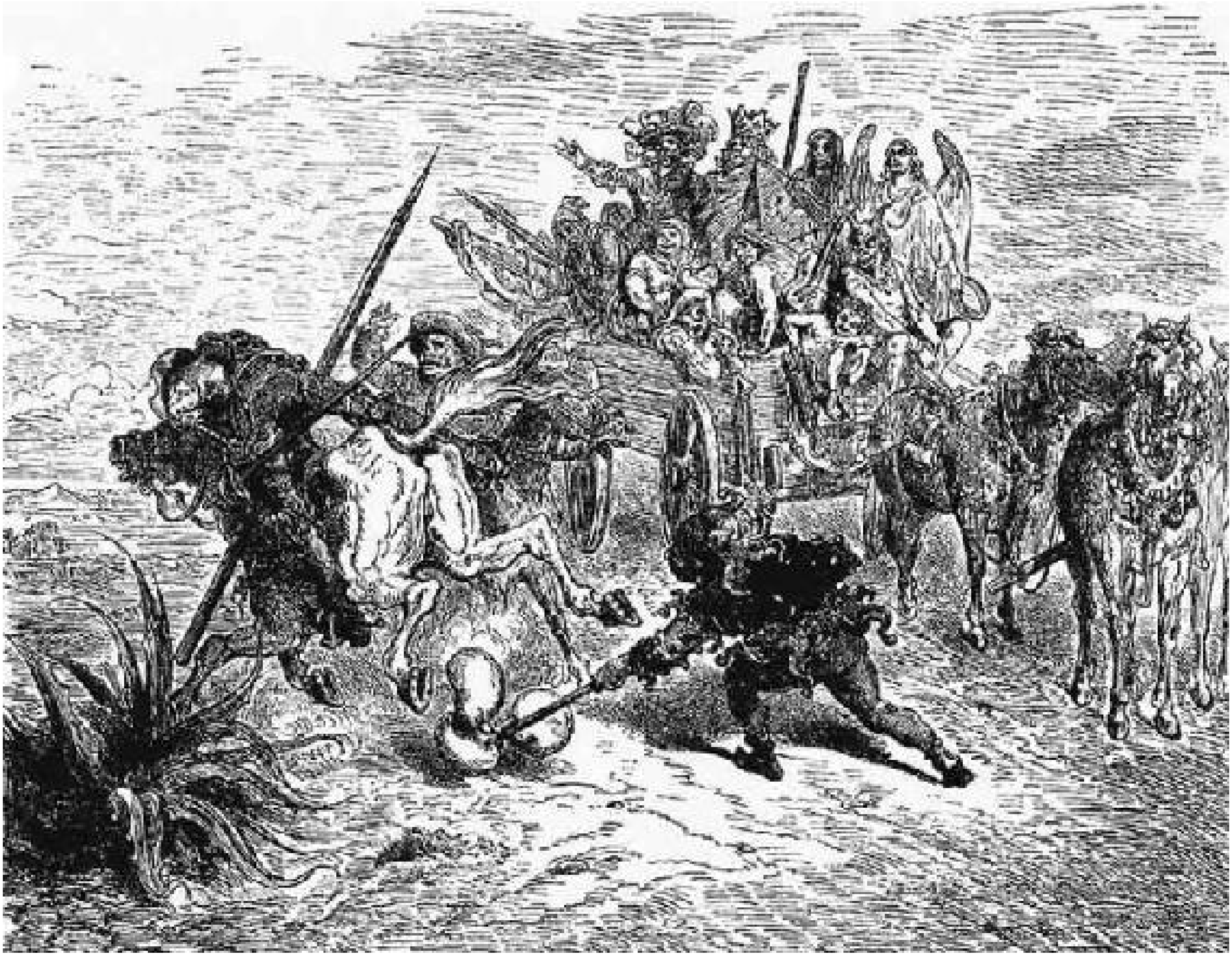
— Carreteiro, cocheiro, ou diabo, ou o que sejas, não tardes a dizer-me quem és, aonde vais e que gente levas em tua carroça, que mais parece a barca de Caronte[1] do que uma carreta das que se usam.

Mansamente, detendo a carreta, o Diabo respondeu:

— Senhor, nós somos comediantes da companhia de Angulo, o Mau;[2] representamos, num lugar que está por trás daquele morro, esta manhã, por ser a oitava do Corpo de Deus, o auto das *Cortes da Morte*, e iremos representá-lo de novo esta tarde, naquele lugar que daqui se avista. Por estar tão perto e para evitar o trabalho de despir-nos e nos tornarmos a vestir, vamos vestidos com os mesmos trajes com que representamos. Aquele mancebo representa a Morte; o outro, o Anjo; aquela mulher, que é a do empresário, a Rainha; o outro, o Soldado; aquele, o Imperador; e eu, o Demônio, e sou uma das principais figuras do auto, porque faço nesta companhia os principais papéis. Se Vossa Mercê de nós deseja saber outras coisas, pergunte-mo; saberei responder-lhe com toda a exatidão, pois, sendo o demônio, nada me fica oculto.

— Por minha fé de cavaleiro andante — tornou Dom Quixote —, quando vi este carro imaginei que alguma grande aventura se me oferecia; agora digo que é mister tocar as aparências com a mão para dar lugar ao desengano, ide com Deus, boa gente, e fazei vossa festa. Vede se mandais alguma coisa em que vos possa servir, que farei com bom ânimo e boa vontade, pois desde rapaz fui afeiçoado à comédia e, na minha mocidade, iam-se-me os olhos atrás de sua farândola.

Estando nessa palestra, quis a sorte que chegasse um dos da companhia, vestido de bufão, com muitos guizos e um pau em cuja ponta trazia três bexigas de vaca, cheias. O mascarado, chegando-se a Dom Quixote, começou a esgrimir o pau, a bater no chão com as bexigas e a dar grandes saltos, chocalhando os guizos. Tão má visão de tal modo alvorotou Rocinante que, sem poder Dom Quixote detê-lo, saiu a correr pelos campos com ligeireza maior do que nunca se esperara dos ossos de seu esqueleto. Sancho, considerando o perigo que seu amo corria, de ser derrubado, saltou do ruço a toda pressa e foi acudir-lhe; mas, quando a ele chegou, já estava Dom Quixote por terra, e junto a ele Rocinante, que com o dono fora ao chão, fim e paradeiro ordinários das louçanias e dos atrevimentos rocinantescos.



Ora, apenas Sancho deixara sua montaria para acudir a Dom Quixote, o demoníaco dançarino das bexigas saltou sobre o ruço, esfregando-o com elas. O medo e o ruído, mais que a dor das pancadas, fizeram com que o animal voasse pela campina, rumo ao lugar onde iam realizar a festa. Olhava Sancho a corrida de seu ruço e a queda de seu amo, sem saber a qual das duas necessidades acudiria primeiro. Afinal, como bom escudeiro e bom criado, predominou nele o amor pelo amo sobre o carinho pelo jumento, ainda que sentisse aflições e sustos mortais cada vez que via as bexigas erguerem-se no ar e cair sobre as ancas do ruço, e antes quisesse que aqueles golpes fossem dados nas meninas dos seus olhos do que no mínimo pelo da cauda de sua alimária. Com esta perplexa atribulação chegou aonde estava Dom Quixote bem mais maltratado do que o desejara, e, ajudando-o a subir sobre Rocinante, disse-lhe:

— Senhor, o Diabo carregou o ruço.

— Que diabo? — perguntou Dom Quixote.

— O das bexigas — respondeu Sancho.

— Pois irei recuperá-lo — replicou Dom Quixote —, ainda que se encerre com ele nos mais fundos e escuros calabouços do inferno. Segue-me, Sancho, que a carreta vai devagar e com as mulas dela satisfarei a perda do ruço.

— Não é mister que vosmecê faça tal diligência, senhor — observou Sancho.

— Modere vosmecê sua cólera, pois, segundo me parece, já o Diabo deixou o ruço, que volta aos seus.

E esta era a verdade, pois, havendo o Diabo caído com o ruço, à imitação de Dom Quixote e Rocinante, seguiu a pé para a aldeia e o jumento voltou a seu amo.

— Apesar disso — disse Dom Quixote —, bom será castigar o descomedimento daquele demônio nalgum dos da carreta, ainda que seja no próprio Imperador.

— Tire vosmecê isso da ideia — replicou Sancho — e tome meu conselho, que é o de nunca se meter com farsantes, que são gente protegida. Comediante já vi estar preso por duas mortes e sair livre e sem custas. Saiba vosmecê que, por serem gente alegre e prazenteira, todos os favorecem, todos os amparam, ajudam e estimam, ainda mais se pertencem a companhias reais e de títulos,[3] que todos, ou a maioria, em seus trajes e compostura, parecem uns príncipes.

— Pois apesar de tudo — respondeu Dom Quixote — não se há de ir o Demônio farsante gabando, ainda que o favoreça todo o gênero humano.

E, falando isto, voltou na direção da carreta, que já estava bem perto da aldeia, e foi dizendo, em altos brados:

— Detende-vos, esperai, turba alegre e regozijada; quero mostrar-vos como se devem tratar os jumentos e alimárias que servem de montaria aos escudeiros dos cavaleiros andantes.

Tão altos eram os gritos de Dom Quixote, que os ouviram e compreenderam os da carreta e, avaliando pelas palavras as intenções de quem as dizia, num instante saltou do carro a Morte, e atrás dela pularam o Imperador, o Diabo carreteiro, e Anjo, sem ficarem a Rainha e o deus Cupido; muniram-se todos de pedras e se colocaram em fila, esperando receber Dom Quixote nas pontas de seus calhaus. Dom Quixote, vendo-os formados em tão galhardo esquadrão, de braços erguidos com gesto de arremessar fortemente as pedras, deteve as rédeas de Rocinante e pôs-se a pensar de que modo os iria acometer com menor perigo para sua pessoa. Ao deter-se, chegou Sancho e, vendo-o a ponto de investir contra o bem formado esquadrão disse-lhe:

— Rematada loucura seria tentar tal empresa. Considere vosmecê, meu senhor, que para frutas de arroio sem tir-te nem guar-te não há arma defensiva no mundo, a não ser embutir-se e encerrar-se num sino de bronze. Também se deve considerar que é mais temeridade do que valentia investir um homem sozinho contra um exército em que se encontra a Morte e pelejam imperadores em pessoa, ajudados pelos anjos bons e maus; e se esta consideração não o move a aquietar-se, meu senhor, mova-o o saber com certeza que, entre todos os que ali estão, ainda que pareçam reis, príncipes e imperadores, não há um só cavaleiro andante.

— Agora, Sancho — disse Dom Quixote —, deste no ponto que pode e deve mudar meu já decidido intento. Não posso nem devo tirar a espada, como já muitas vezes te disse, contra quem não for armado cavaleiro. A ti, Sancho, cabe, se o quiseres, tomar vingança do agravo feito a teu ruço; ajudar-te-ei daqui, com brado e advertências salutares.

— Não há motivo, senhor, para eu tomar qualquer vingança — observou Sancho —, pois não é de bom cristão vingar-se dos agravos; tanto mais quanto combinarei com meu asno para que ponha sua ofensa nas mãos de minha vontade, a qual é viver pacificamente os dias de vida que me derem os céus.

— Já que essa é tua decisão — replicou Dom Quixote —, bom Sancho, discreto Sancho, Sancho cristão e Sancho sincero, deixemos estes fantasmas e volvamos a buscar melhores e mais qualificadas aventuras, pois vejo ser esta uma terra em que não hão de faltar, muitas e miraculosas.

Virou logo as rédeas, Sancho foi buscar seu ruço, a Morte e todo seu esquadrão volante regressaram à carreta e continuaram a viagem. E se este feliz fim teve a temerosa aventura da carreta da Morte, graças sejam dadas ao salutar conselho de Sancho Pança, a seu amo, a quem, no dia seguinte, outra aventura sucedeu, com um cavaleiro andante e enamorado, de não menos sensação que a anterior.

# CAPÍTULO XII

## *Da estranha aventura que sucedeu ao valoroso Dom Quixote com o bravo Cavaleiro dos Espelhos*

A noite seguinte ao dia do encontro com a Morte passaram-na Dom Quixote e seu escudeiro sob altas e umbrosas árvores, tendo o cavaleiro, persuadido por Sancho, comido do que vinha na despensa do ruço; em meio à ceia, disse Sancho ao amo:

— Senhor, que tolo teria eu sido se houvesse escolhido como alvíssaras os despojos da primeira aventura que vosmecê terminasse, em vez das crias das três éguas! Com efeito, com efeito, mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

— Todavia — respondeu Dom Quixote —, se tu, Sancho, me tivesses deixado acometer, como eu queria, ter-te-iam cabido por despojos, pelo menos, a coroa de ouro da Imperatriz e as asas pintadas de Cupido; arrancá-las-ia eu à força, para colocá-las em tuas mãos.

— Nunca os cetros e coroas dos imperadores farsantes foram de ouro puro — observou Sancho Pança —, mas de ouropel ou folha de lata.

— Isto é verdade — concordou Dom Quixote —, pois não fora acertado que os atavios da comédia fossem finos, e sim fingidos e aparentes, como a própria comédia o é; e com isso, Sancho, quero que a consideres e tenhas em favor, bem como, por consequência, aos que a representam e aos que a compõem, pois são todos instrumentos de grande bem para a república, colocando-nos um espelho à frente, a cada passo, onde ao vivo se veem as ações da vida humana. E comparação alguma há que mais ao vivo nos represente o que somos e o que devemos ser como a comédia e os comediantes. Se não, dize-me: não viste já representar alguma comédia em que se introduzem reis, imperadores e pontífices, cavaleiros, damas e diversos outros personagens? Um faz de rufião, outro de embusteiro, este de mercador, aquele de soldado, outro de simples discreto, outro de enamorado simplório; e, acabada a comédia, despindo-se dos trajes dela, ficam iguais todos os comediantes.

— Sim, já vi — respondeu Sancho.

— Pois isso mesmo — continuou Dom Quixote — ocorre na comédia e trato deste mundo, onde uns fazem de imperadores, outros de pontífices e, em suma, de todas as figuras que numa comédia se possam introduzir; mas, ao chegar o fim, que é quando se acaba a vida, a morte a todos lhes tira as roupas que os diferenciavam, e na sepultura ficam iguais.

— Bela comparação — disse Sancho —, embora não seja tão nova, que já não a tenha eu ouvido muitas e diversas vezes, como aquela do jogo de xadrez, em que, enquanto dura a partida, cada peça tem seu mister particular; e, acabado o jogo, misturam-se, juntam-se e baralham-se, e dão todas numa sacola, que é como dar com a vida na sepultura.

— Cada dia, Sancho — comentou Dom Quixote —, vais ficando menos simples e mais discreto.

— Bem, algo me há de pegar da discrição de vosmecê — respondeu Sancho. — As terras que em si são estéreis, se as estercamos e cultivamos, acabam por dar bons frutos. Quero dizer que a conservação de vosmecê foi o esterco que caiu sobre a terra estéril de meu seco engenho; o cultivo, o tempo em que o tenho servido e tratado. Com isto, espero dar frutos que sejam de bênção, tais que não desdigam nem deslizem dos canteiros de boa lavoura que vosmecê fez no meu árido entendimento.

Riu-se Dom Quixote das afetadas razões de Sancho e pareceu-lhe ser verdade o que de sua emenda dizia, pois de quando em quando falava de maneira a causar-lhe admiração; embora todas, ou a maior parte das vezes, em que Sancho queria falar por contraste e à moda da corte, acabasse seu argumento por despenhar-se do cume de sua simplicidade para a profundeza de sua ignorância. No que se mostrava mais elegante e cheio de memória era em trazer rifões, viessem ou não a calhar, como se terá visto e notado no decurso desta história.

Nestas e outras práticas passaram grande parte da noite, e Sancho teve vontade de deixar cair as comportas dos olhos, como dizia quando queria dormir. Assim, desaparelhando o ruço, deu-lhe pasto abundante e livre. Não tirou a sela a Rocinante, por ser ordem expressa de seu amo que o não desaparelhasse enquanto andassem em campanha ou não dormissem sob teto; usança antiga, estabelecida e guardada pelos cavaleiros andantes, era tirar o freio e prendê-lo ao arção da sela; mas tirar a sela do cavalo, nunca! Assim fez Sancho, e deu a Rocinante a mesma liberdade que ao ruço. Tão única e estreita era a amizade de asno e cavalo que corre a fama, por tradição de pais a filhos, de haver o autor desta verídica história escrito a seu respeito capítulos especiais, mas, por guardar a decência e o decoro que a tão heroica crônica se deve, não os colocou nela, embora algumas vezes se descuidasse desse seu preconceito. Assim, escreve que os dois animais, mal se juntavam, acorriam a esfregar-se um no outro e, depois de cansados e satisfeitos, atravessava Rocinante o pescoço sobre o do ruço (sobrando-lhe da outra parte mais de meia vara) e, fitando os dois atentamente o chão, costumavam ficar daquele modo três dias; pelo menos, todo o tempo que os deixavam e não os compelia a fome a buscar sustento. Afirmo que dizem que o autor deixou escrito havê-los comparado, na amizade, à que tiveram Niso e Euríalo e Pílades e Orestes;[1] se assim é, dever-se-ia mostrar quão firme deveu ser a amizade desses dois pacíficos animais, para universal admiração e confusão dos homens, que tão mal sabem guardar a amizade de uns para com outros. Por isto se diz:

*Não há amigo para amigo;*
*as canas mudam-se em lanças.*

Ou, como o outro cantou:

*Amigos amigos,*
*negócios à parte.*

E não pareça a alguém que andou o autor algo fora de caminho por haver comparado a amizade dessas alimárias com a dos homens, pois dos animais muitas advertências os homens receberam e deles aprenderam muitas coisas de importância, a saber: das cegonhas, o clister; dos cães, o vômito e o agradecimento; das gruas, a vigilância; das formigas, a previdência; dos elefantes, a honestidade; e a lealdade, do cavalo.[2]

Por fim, ficou Sancho adormecido ao pé de um sobreiro, enquanto Dom Quixote dormitava junto a robusto carvalho. Pouco tempo, porém, se havia passado, quando o despertou um ruído que sentiu às costas. Levantando-se com sobressalto, pôs-se a olhar e a escutar de onde provinha o ruído. Viu que eram dois homens a cavalo, e um, deixando-se cair da sela, disse ao outro:

— Apeia-te, amigo, e tira os freios dos cavalos, que, segundo me parece, neste sítio há cópia de relva para eles e do silêncio e da solidão que meus amorosos pensamentos hão mister.

Disse isto e estendeu-se ao solo ao mesmo tempo. Ao arrojar-se, fizeram ruído as armas de que vinha armado, sinal manifesto pelo qual conheceu Dom Quixote dever ser um cavaleiro andante. Assim, chegando-se a Sancho, travou-lhe do braço e, após despertá-lo, não sem muito trabalho, lhe disse em voz baixa:

— Irmão Sancho, temos aventura!

— Deus no-la dê boa — respondeu Sancho. — E onde está, senhor meu, sua mercê a senhora dona aventura?

— Onde, Sancho? — replicou Dom Quixote. — Volve os olhos e olha, e verás ali estendido um cavaleiro andante que, pelo que me transluz, não deve estar demasiado alegre, pois o vi arrojar-se do cavalo e estender-se no solo com algumas mostras de desgosto e, ao cair, retiniram-lhe as armas.

— Mas por que acha vosmecê que isso seja aventura? — indagou Sancho.

— Não quero dizer que já seja aventura completa — explicou Dom Quixote —, mas princípio dela; assim é que começam as aventuras. Mas escuta; segundo parece, está afinando um alaúde ou viola, e, conforme cospe e desembaraça o peito, deve preparar-se para cantar algo.

— Palavra que assim é — respondeu Sancho. — E deve ser cavaleiro enamorado.

— Não há nenhum dos andantes que o não seja — disse Dom Quixote. — Escutemo-lo, porém; pelo fio tiraremos o novelo de seus pensamentos, se é que canta; pois a língua fala da abundância do coração.[3]

Queria Sancho replicar a seu amo; mas a voz do Cavaleiro do Bosque, que não era muito má, nem muito boa, estorvou-o; e, estando os dois atentos, ouviram-no cantar[4] este

Soneto

*Dai-me, senhora, um fim a que persiga,*
*como vossa vontade o tem traçado;*
*pois da minha há de ser tão respeitado,*
*que nem sequer um ponto lhe desdiga.*
*Se preferis que morra e esta fadiga cale,*
*tende-me então por acabado;*
*se que a conte quereis, em desusado modo,*
*farei que o próprio Amor a diga.*
*De contrários contrastes sou eu feito,*
*de branda cera e diamante duro,*
*e os ditames do amor, submisso, endosso.*
*Brando qual é, ou forte, oferto o peito;*
*gravai nele o que for do agrado vosso:*
*tê-lo e guardá-lo eternamente juro.*

Com um “ai!”, arrancado, ao que parece, do mais fundo do coração, deu fim a seu canto o Cavaleiro do Bosque e, daí a pouco, com voz dolente e lastimosa, disse:

— Ó mulher, a mais famosa e a mais ingrata do orbe! Como será possível, sereníssima Cassildeia de Vandália, que consintas em que se consuma e acabe em contínuas peregrinações e em ásperos e duros trabalhos este teu cativo cavaleiro? Não basta já haver-te eu feito que te confessem como a mais formosa do mundo todos os cavaleiros de Navarra, todos os leoneses, todos os tartésios, todos os castelhanos e, por fim, todos os cavaleiros da Mancha?

— Isso, não — atalhou neste ponto Dom Quixote —, que da Mancha sou eu e nunca tal coisa confessei, nem podia, nem devia confessar coisa tão prejudicial à beleza de minha senhora; já vês tu, Sancho, que esse cavaleiro tresvaria. Mas escutemos: talvez se declare mais.

— Se declara! — exclamou Sancho. — Leva termos de queixar-se um mês inteiro.

Assim não foi, no entanto; pois havendo entreouvido o Cavaleiro do Bosque que perto dele falavam, sem passar adiante em sua lamentação, pôs-se de pé e disse, com voz sonora e comedida:

— Quem está aí? Que gente é? É porventura da do número dos contentes ou dos aflitos?

— Dos aflitos — respondeu Dom Quixote.

— Pois aproximai-vos de mim — tornou o do Bosque — e vereis que chegais à própria tristeza e à própria aflição.

Dom Quixote, que viu resposta tão terna e comedida, aproximou-se dele, e o mesmo fez Sancho. O cavaleiro lamentador pegou Dom Quixote pelo braço e disse:

— Sentai-vos aqui, senhor cavaleiro; para entender que o sois, e da cavalaria andante, basta-me ter-vos encontrado neste lugar, onde a solidão e o sereno vos fazem companhia, como leitos naturais e estâncias próprias dos cavaleiros andantes.

Ao que respondeu Dom Quixote:

— Cavaleiro sou, e da profissão que dizeis; e embora em minha alma tenham as tristezas seu próprio assento, como as desgraças e as desventuras, nem por isso se afugentou dela a compaixão que tenho pelas alheias desditas. Do que cantaste há pouco, coligi que as vossas de enamorado são, quero dizer, do amor que tendes àquela formosa ingrata, que em vossas lamentações nomeastes.

Já a isto estavam ambos sentados sobre a dura terra, em boa paz e companhia, como se ao romper do dia não tivessem de quebrar as respectivas cabeças.

— Porventura, senhor cavaleiro — perguntou o do Bosque —, sois enamorado?

— Sou-o, por desventura — explicou Dom Quixote —, embora os danos que nascem dos bem colocados pensamentos antes se devam ter por mercês que por desditas.

— Esta é a verdade — replicou o do Bosque —, se não nos perturbassem a razão e o entendimento os desdéns, que, por serem muitos, parecem vinganças.

— Nunca me desdenhou minha senhora — observou Dom Quixote.

— Não, por certo — comentou Sancho, que ali perto estava. — Porque minha senhora é como borrega mansa; é mais branda que manteiga.

— É este vosso escudeiro? — indagou o do Bosque.

— Sim — respondeu Dom Quixote.

— Nunca vi eu escudeiro — tornou o do Bosque — que se atreva a falar onde fala seu senhor; pelo menos, aí está esse meu, que é tão grande quanto o pai dele, e não se provará que haja descerrado os lábios quando eu falo.

— Pois palavra — disse Sancho — que falei eu e posso falar diante de outro tão... mas fiquemos por aqui, que por muito mexer...

O escudeiro do Cavaleiro do Bosque pegou Sancho pelo braço, dizendo-lhe:

— Vamo-nos, os dois, aonde possamos falar escudeirilmente, e deixemos que esses nossos amos fiquem a contar-se as histórias de seus amores, até trocarem chifradas; certo estou de que o dia há de encontrá-los nelas, sem que as tenham acabado.

— Seja em boa hora — respondeu Sancho —, e direi a vosmecê quem sou, para que veja se não posso entrar na galeria dos escudeiros mais falantes.

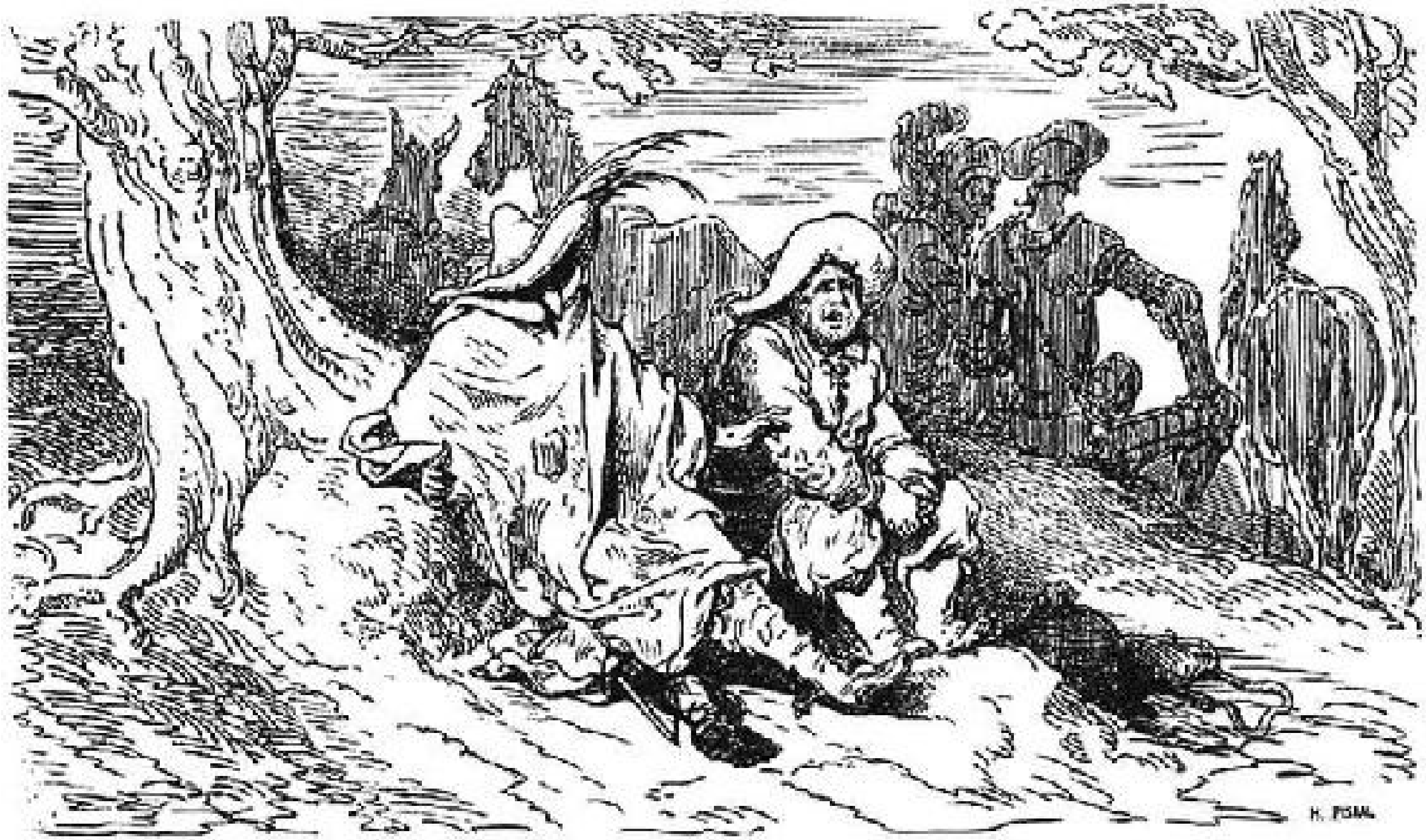
Com isto os dois escudeiros se apartaram e entre eles se passou tão gracioso colóquio quanto foi grave o de seus amos.

# CAPÍTULO XIII

## *Onde prossegue a aventura do Cavaleiro do Bosque, com o discreto, novo e suave colóquio entre os dois escudeiros*

Separados estavam cavaleiros e escudeiros, estes narrando-se suas vidas e aqueles seus amores; mas a história conta primeiro o diálogo dos criados e prossegue com o dos amos. Assim, diz que, afastando-se um pouco destes, o escudeiro do Bosque disse a Sancho:

— Trabalhosa vida é a que passamos e vivemos, meu senhor, por sermos escudeiros de cavaleiros andantes. Na verdade, comemos o pão com o suor dos nossos rostos, o que é uma das maldições que Deus deitou a nossos primeiros pais.



— Também se pode dizer — aduziu Sancho — que o comemos com o gelo de nossos corpos, pois quem passa mais calor e mais frio do que os escudeiros miseráveis da cavalaria andante? E menos mal seria se comêssemos, pois dores com pão menores são; vezes há, porém, em que um dia e dois se passam sem quebrarmos o jejum, a não ser com o vento que sopra.

— Tudo isso se pode sofrer e suportar — disse o do Bosque — com a esperança que temos do prêmio; porque, se não é demasiado desgraçado o cavaleiro andante a quem um escudeiro serve, pelo menos, a qualquer hora, ver-se-á premiado com um formoso governo de qualquer ilha, ou com um condado de boa aparência.

— Eu — replicou Sancho — já disse a meu amo que me contento com o governo de alguma ilha; e tão nobre e liberal é ele que já mo prometeu diversas e muitas vezes.

— Eu — tornou o do Bosque — com um canonicato ficarei bem pago de meus serviços; e já o tem de olho meu amo, dos melhores!

— Deve ser o amo de vosmecê cavaleiro candidato a eclesiástico, e poderá fazer dessas mercês a seus bons escudeiros; o meu é meramente leigo, embora eu me lembre de quando o queriam aconselhar pessoas discretas, mas a meu ver mal-intencionadas, a que tentasse ser arcebispo. Ele, porém, não quis ser senão imperador, e eu então temia que lhe desse gana de entrar para a Igreja, porque não me considerava suficiente para receber benefícios dela; fique vosmecê sabendo que, embora pareça homem, para ser da Igreja sou uma besta.

— Pois, em verdade, erra vosmecê — observou o do Bosque — porquanto os governos insulares não são todos de boa qualidade. Alguns há torcidos, alguns pobres, alguns melancólicos, e, finalmente, o mais elevado e bem-disposto traz consigo uma carga de pensamentos e incômodos que pesa sobre os ombros do desditoso a quem coube por sorte. Bem melhor seria que os que professamos esta maldita servidão nos retirássemos para nossas casas e nos entretivéssemos em exercícios mais suaves, como, por exemplo, pescando e caçando; pois, que escudeiro há tão pobre no mundo que não tenha um rocim, e um par de galgos, e uma vara de pescar, com que se entretenha em sua aldeia?

— A mim nada disso me falta — respondeu Sancho. — Verdade é que não tenho rocim; mas tenho um asno que vale duas vezes mais que o cavalo de meu amo. Má sorte me dê Deus, da primeira que me vier, se o trocasse eu, ainda que me dessem quatro fangas de cevada de quebra. Vosmecê talvez nem acredite no valor de meu ruço, pois ruça é a cor do meu jumento. Galgos também não me hão de faltar, que na minha aldeia são de sobra; tanto mais quanto a caça se torna mais gostosa quando se faz à custa alheia.

— Real e verdadeiramente, senhor escudeiro — tornou o do Bosque —, já me propus e decidi a deixar estas borracheiras destes cavaleiros e a retirar-me para minha aldeia, a fim de criar meus filhinhos, que tenho três, que são três pérolas do Oriente.

— Dois tenho eu — disse Sancho —, que se podem apresentar ao papa em pessoa, especialmente uma menina, a quem crio para condessa, se Deus for servido, embora a mãe não o queira.

— E que idade tem essa senhora que se cria para condessa? — perguntou o do Bosque.

— Quinze anos, mais ou menos — explicou Sancho —, mas é tão alta como uma lança e tão fresca como uma manhã de abril, tendo a força de um labrego.

— Isso são qualidades — disse o do Bosque — não só para ser condessa, mas para ser ninfa do verde bosque. *Oh! hideputa puta*,[1] que fortaleza a velhaca não deve ter!

Ao que respondeu Sancho, algo amofinado:

— Nem ela é puta nem sua mãe o foi, nem o será nenhuma das duas, servido Deus e enquanto eu viver. E fale mais comedidamente, pois, para haver-se vosmecê criado entre cavaleiros andantes, que são a própria cortesia, não me parecem muito adequadas essas palavras.

— Oh! — replicou o do Bosque. — Como vosmecê entende pouco de louvaminhas, senhor escudeiro! Então não sabe que, quando algum cavaleiro dá uma boa estocada num touro na praça, ou quando alguma pessoa faz uma coisa bem-feita, costuma o vulgo dizer: "*Oh! hideputa puto*,[2] como fez aquilo bem!"? E isso, que parece vitupério nos termos, é notável louvor. Renegue, senhor, os filhos e filhas que não fazem obras pelas quais seus pais recebam louvores semelhantes.

— Se assim é, renego — tornou Sancho. — E desse modo e por essa mesma razão pode vosmecê lançar a mim, a meus filhos e a minha mulher, toda uma putaria por cima, porque tudo quando dizem e fazem é em extremo digno de tais louvores. E para voltar a vê-los, rogo a Deus me tire de pecado mortal, que o mesmo será se me tirar deste perigoso ofício de escudeiro, no qual incorri por segunda vez, cevado e enganado por uma bolsa de cem ducados, que encontrei um dia no coração da Serra Morena. Pois o diabo me põe ante os olhos aqui, ali, não cá, mas acolá, um taleigo cheio de dobrões, parecendo-me que a cada passo o toco com a mão e me abraço com ele, levando-o para casa, fazendo contas, ganhando rendas e levando vida de príncipe. E no instante em que penso nisso tornam-se-me fáceis e suportáveis todos os trabalhos que padeço com este mentecapto de meu amo, do qual sei que mais tem de louco que de cavaleiro.

— Por isso — respondeu o do Bosque — dizem que a cobiça rompe o saco; e se vai falar de loucos, não há outro maior no mundo do que meu amo, porque é daqueles de quem se diz: "Cuidados alheios matam o burro." Pois, para que recobre o juízo outro cavaleiro, que o perdeu, faz-se ele de louco, buscando coisa que, se a encontrar, talvez lhe dê cabo do focinho.

— E é enamorado, porventura?

— Sim — disse o do Bosque. — De uma tal Cassildeia de Vandália, que é a senhora mais crua e mais assada que se pode encontrar em todo o orbe; não é do pé da crueza, porém, que ele coxeia; outros embustes maiores lhe roncam nas entranhas, como havemos de ver antes de muitas horas.

— Não há caminho tão plano — replicou Sancho — que não tenha algum tropeço ou barranco; em outras casas cozem favas e na minha caldeiradas; mais acompanhantes e apaniguados deve ter a loucura que a discrição. Se é verdade, porém, o que se diz, que ter companheiros nos trabalhos costuma servir de alívio neles, com vosmecê poderei consolar-me, pois serve a outro amo tão desmiolado quanto o meu.

— Desmiolado, porém valente — observou o do Bosque. — E mais velhaco do que desmiolado e do que valente.

— Isso o meu não é — respondeu Sancho. — Quero dizer, nada tem de velhaco; antes, tem a alma de uma pomba. Não sabe fazer mal a ninguém, mas bem a todos, e não tem qualquer malícia. Uma criança fará com que julgue que é noite ao meio-dia, e por esta simplicidade o estimo como às cordas de meu coração e não me resolvo a deixá-lo, por mais disparates que pratique.

— Apesar de tudo, irmão e senhor — disse o do Bosque —, se o cego guiar o cego ambos correm perigo de cair no fosso.[3] Melhor é que nos retiremos com boa andadura e volvamos a nossos postos; os que buscam aventuras nem sempre as encontram boas.

Cuspia Sancho amiúde, ao que parece, certo gênero de saliva pegajosa e um tanto seca; notando-o, o caritativo escudeiro boscarejo disse:

— Creio que, pelo muito que falamos, as línguas se nos pegam ao céu da boca; trago, porém, pendente do arção de meu cavalo, um desprendedor que é o que há de bom.

E, levantando-se, voltou daí a pouco com uma grande botija de vinho e um empadão de meia vara de comprimento, sem exagero; pois era feito com um coelho branco tão grande que Sancho, ao tocar a iguaria, julgou que se gastara no recheio um bode, e não um cabrito.

— Vosmecê traz isso consigo, senhor? — indagou Sancho, ao ver aquilo.

— Então, que pensava? — respondeu o outro. — Serei eu porventura algum escudeiro de pão e laranja? Melhor despensa trago nas ancas de meu cavalo que a de um general quando viaja.

Sancho comeu sem fazer-se rogado e valia-se da escuridão para engolir imensos bocados.

— Vosmecê, em verdade — disse Sancho —, é escudeiro fiel e legal, do pé para a mão, magnífico e grande, como o demonstra este banquete, que, se cá não chegou por artes de encantamentos, pelo menos o parece; e não como eu, mesquinho e mal-aventurado, que só trago em meus alforjes um pouco de queijo, tão duro que com ele se pode machucar um gigante. Fazem-lhe companhia quatro dúzias de alfarrobas e outras tantas de avelãs e nozes, graças à estreiteza de meu amo e à opinião, que tem, e ordem, que guarda, de que os cavaleiros andantes não se devem manter e sustentar senão com frutas secas e com as ervas do campo.

— Por minha fé, irmão — replicou o do Bosque —, que eu não tenho o estômago afeito a cardos, nem a peras silvestres, nem a raízes dos montes. Lá se avenham com suas opiniões e leis cavaleirescas nossos amos, e comam o que elas mandarem; pelo sim, pelo não, trago fiambres e esta botija pendurada ao arção da sela; e tal devoção lhe tenho, e tanto a estimo, que poucos instantes se passam sem que lhe dê mil beijos e mil abraços.

Dizendo isto, pôs a botija nas mãos de Sancho, que, empinando-a, grudada à boca, ficou contemplando as estrelas um quarto de hora. Ao acabar de beber, deixou pender para um lado a cabeça e, com grande suspiro, exclamou:

— *Oh! hideputa*,[4] velhaco, e como é católico!

— Está vendo — comentou o do Bosque, ao ouvir o *"hideputa"* de Sancho — como louvou esse vinho chamando-o *"hideputa"*?

— Digo — respondeu Sancho — e confesso estar ciente de que não é desonra chamar *hijo de puta* a ninguém quando se tem intenção de louvá-lo. Mas diga-me, senhor, este vinho é de Ciudad Real?

— Bom enxugador! — admirou-se o do Bosque. — Na verdade, não é de outra parte e tem alguns anos de velho.

— Diz isso a mim? — tornou Sancho. — Por pouco que tome, chegaria a conhecê-lo. Não será bom, senhor escudeiro, que tenha eu um instinto tão grande e tão natural em conhecer vinhos que, se qualquer me dão a cheirar, logo lhe acerto com a pátria, a linhagem, o sabor, a safra e as voltas que há de dar, com todas as circunstâncias inerentes ao vinho? Mas não há de que admirar-se, pois tive em minha ascendência, por parte de pais, os dois mais excelentes provadores que por longos anos conheceu a Mancha. Para prova disso, sucedeu-lhes o que agora direi. Deram aos dois a provar vinho de uma cuba, pedindo-lhes seu parecer sobre o estado, qualidade, bondade ou maldade do vinho. Um provou-o com a ponta da língua; o outro nada mais fez que chegá-lo ao nariz. O primeiro disse que o vinho sabia a ferro; o outro, que tinha gosto de cordovão. Disse o dono que a cuba estava limpa e não tinha tempero algum por onde o vinho tomasse o gosto de cordovão ou de ferro. Apesar disso, os dois famosos provadores mantiveram o que haviam dito. Passou-se o tempo, vendeu-se o vinho e, ao limpar-se a cuba, acharam nela uma pequena chave, pendente de uma correia feita de cordovão. Por aí verá vosmecê se quem provém de tal raça pode, ou não, dar seu parecer em semelhantes causas.

— Por isso digo — tornou o do Bosque — que nos deixemos de andar buscando aventuras; se temos pão, não busquemos empadão; volvamos a nossas choças, que lá nos achará Deus, se lhe aprouver.

— Até que meu amo chegue a Saragoça, hei de servi-lo; depois, todos nos entenderemos.

Finalmente, tanto falaram e beberam os dois escudeiros que o sono teve necessidade de atar-lhes as línguas e temperar-lhes a sede, pois saciá-la fora impossível. E assim, agarrados ambos à já quase vazia botija, com bocados semimastigados na boca, ferraram a dormir, como os deixaremos agora, a fim de contar o que se passou entre o Cavaleiro do Bosque e o da Triste Figura.

# CAPÍTULO XIV

## *Onde prossegue a aventura do Cavaleiro do Bosque*

Entre as muitas coisas que falaram Dom Quixote e o Cavaleiro do Bosque, diz a história que o do Bosque observou a Dom Quixote:

— Por fim, senhor cavaleiro, quero que saibais que meu destino, ou, para dizer melhor, minha própria escolha, fez com que me enamorasse da sem-par Cassildeia de Vandália. Chamo-a sem-par, porque par não tem, tanto na grandeza do corpo como no extremo do estado e da formosura. Esta Cassildeia, pois, de que falo, recompensou meus bons pensamentos e comedidos desejos fazendo com que me ocupasse, tal como fez a Hércules sua madrasta, em muitos e diversos perigos, prometendo-me, ao fim de cada um, que ao fim do outro chegaria o de minhas esperanças. Foram-se assim, porém, encadeando os meus trabalhos, que conta não têm, nem sei ainda qual será o último que dê princípio ao cumprimento de meus anelos. Certa vez, mandou fosse eu desafiar aquela famosa giganta de Sevilha, chamada Giralda,[1] que é tão valente e forte como feita de bronze e, sem mudar de lugar, é a mais móvel e voluntária mulher do mundo. Cheguei, via-a e venci-a, fazendo-a estar quieta e de velas à capa, pois por mais de uma semana não sopraram senão ventos do norte. Vez também houve que me mandou fosse a tomar em peso as antigas pedras dos valentes Touros de Guisando,[2] empresa mais para encomendar-se a labregos que a cavaleiros. De outra vez mandou que me precipitasse e imergisse no pego de Cabra,[3] perigo inaudito e temeroso, e que lhe trouxesse especial relação do que naquela escura profundidade se encerra. Detive o movimento de Giralda, pesei os Touros de Guisando, desenhei-me no pego e trouxe à luz o segredo de seu abismo, e minhas esperanças continuaram cada vez mais mortas e suas ordens e desdéns cada vez mais vivos. Para cúmulo, ultimamente mandou-me percorrer todos os caminhos de Espanha, a fazer com que os cavaleiros andantes que por eles vagueiam confessem que ela sozinha se avantaja em formosura a quantas vivam hoje e que eu sou o mais valente e o melhor enamorado cavaleiro do orbe; com esse encargo percorri já a maior parte da Espanha e venci muitos cavaleiros que se atreveram a contradizer-me. O que, porém, mais tenho em conta e me ufana, é haver vencido em singular batalha aquele tão famoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, forçando-o a confessar que mais formosa é minha Cassildeia que sua Dulcineia. E só por essa vitória considero que venci todos os cavaleiros do mundo, porque o tal Dom Quixote, de que falo, a todos eles venceu; e, havendo-o eu derrotado, sua glória, sua fama e sua honra se transferiram e passaram para a minha pessoa.

*E tanto o vencedor é mais honrado quanto mais é o vencido reputado.*

Assim, já correm por minha conta, e minhas são, as inumeráveis façanhas do já referido Dom Quixote.

Admirado ficou Dom Quixote com o que do Cavaleiro do Bosque ouvia, e mil vezes esteve por dizer-lhe que mentia, tendo já o “mentis!” na ponta da língua. Dominou-se, porém, o melhor que pôde, para levá-lo a confessar por sua própria boca a mentira, e assim, calmamente, lhe disse:

— Que vossa mercê, senhor cavaleiro, haja vencido aos demais cavaleiros de Espanha, e mesmo de todo o mundo, não o contradigo; mas que haja vencido a Dom Quixote de la Mancha, ponho-o em dúvida. Talvez fosse algum outro, que com ele se parecesse, embora poucos haja que se lhe assemelhem.

— Como não? — replicou o do Bosque. — Juro, pelo céu que nos cobre, que pelejei com Dom Quixote, vencendo-o e forçando-o a render-se. É um homem alto de corpo, seco de rosto, espichado e alargado de membros, grisalho, de nariz aquilino e algo curvo, bigodes grandes, negros e caídos. Campeia sob o nome de Cavaleiro da Triste Figura e traz como escudeiro um lavrador chamado Sancho Pança. Oprime o lombo e rege o freio de um famoso cavalo chamado Rocinante e, finalmente, tem por senhora de sua vontade uma tal Dulcineia del Toboso, chamada outrora Aldonça Lourenço; assim como minha dama, a quem, por chamar-se Cassilda e ser da Andaluzia, chamo eu Cassildeia de Vandália. Se todos estes sinais não bastam para que se acredite minha verdade, aqui está minha espada, que fará com que a própria incredulidade lhe dê crédito.

— Acalmai-vos, senhor cavaleiro — tornou Dom Quixote —, e escutai o que dizer-vos quero. Haveis de saber que esse Dom Quixote de que falais é o maior amigo que tenho neste mundo, e tanto que poderei dizer que o tenho como se minha própria pessoa fora; e, pelos sinais que me haveis dele dado, tão exatos e certos, não posso pensar senão seja ele mesmo o que vencestes. Por outra parte, vejo com os olhos e toco com as mãos não ser possível tratar-se dele, a menos que, como tem muitos inimigos feiticeiros (especialmente um, que de ordinário o persegue), haja algum deles tomado sua figura, para deixar-se vencer, a fim de defraudá-lo da fama que suas altas cavalarias lhe granjearam e adquiriram por toda a descoberta. E, para confirmação disto, quero também que saibais que os tais encantadores seus adversários, há não mais de dois dias, transformaram a figura e a pessoa da formosa Dulcineia del Toboso numa aldeã soez e baixa, e da mesma maneira provavelmente transformaram Dom Quixote. Se tudo isto não basta para que vos inteireis da verdade, aqui está o próprio Dom Quixote, que a sustentará com suas armas, a pé ou a cavalo, ou de qualquer modo que vos aprouver.

Dizendo isto, pôs-se de pé e empunhou a espada, esperando a resolução que tomaria o Cavaleiro do Bosque, o qual com voz igualmente sossegada, respondeu:

— Ao bom pagador não dói o penhor; quem uma vez, senhor Dom Quixote, pôde vencer-vos transformado, bem poderá ter esperança de subjugar-vos em vossa própria pessoa. Como, entretanto, não fica bem que cavaleiros pratiquem seus feitos de armas às escuras, quais salteadores e rufiões, esperemos o dia, para que veja o sol nossas obras. E há de ser condição de nossa batalha que o vencido fique à mercê do vencedor, para que faça dele tudo o que quiser, contanto que seja decente para um cavaleiro o que lhe for ordenado.

— Fico mais do que satisfeito com essa condição e convênio — concordou Dom Quixote.

Dizendo isto, foram aonde estavam seus escudeiros, e os acharam roncando e na mesma posição em que se encontravam quando o sono os assaltou. Despertaram-nos e ordenaram-lhes que tivessem prontos os cavalos, porque, ao sair do sol, iriam travar os dois sangrenta, singular e desigual[4] batalha. Com tais novas ficou Sancho atônito e pasmado, temeroso pela integridade de seu amo, dadas as valentias que do seu ouvira contar o escudeiro do Bosque; mas, sem dizer palavra, foram os dois escudeiros buscar os animais, que já os três cavalos e o ruço se haviam cheirado e estavam todos juntos.

No caminho, disse a Sancho o do Bosque:

— Deve saber, irmão, que têm por costume os pelejantes da Andaluzia, quando são testemunhas de alguma pendência, não ficar ociosos, de mãos cruzadas, enquanto se batem seus afilhados. Digo-o para que fique advertido de que, enquanto batalharem nossos amos, também nós haveremos de pelejar e estilhaçar-nos.

— Esse costume, senhor escudeiro — ponderou Sancho —, pode ser corrente e comum entre os pelejantes e rufiões de que fala; mas entre os escudeiros dos cavaleiros andantes nem por pensamento. Pelo menos, nunca ouvi meu amo falar em semelhante costume, e ele sabe de memória todas as ordenanças da cavalaria andante. Ao demais, posso crer que seja verdade e ordenança expressa o pelejarem os escudeiros enquanto seus amos pelejam; mas não a quero cumprir, e sim pagar a multa que for imposta aos escudeiros pacíficos, que certo estou não passará de duas libras de cera, pois prefiro pagar as tais libras; sei que me custarão menos que as ataduras que poderei gastar em curar a cabeça, que já a tenho por partida e dividida em duas partes. Mais ainda: impossibilita-me lutar a falta de espada, pois nunca em minha vida cingi uma.[5]

— Para isso sei eu de um bom remédio — disse o do Bosque. — Trago aqui duas taleigas de algodão, do mesmo tamanho. Tomará vosmecê uma, e eu tomarei a outra, e bater-nos-emos a taleigadas, com armas iguais.

— Dessa maneira, seja em boa hora — observou Sancho —, porque antes servirá tal peleja para espanar-nos que para ferir-nos.

— Não será assim — replicou o outro — porque se deve colocar dentro das taleigas, para que o vento não as carregue, meia dúzia de calhaus lindos e lisos, que pesem uns tanto como os outros, e dessa maneira poderemos ataleigar-nos sem nos fazermos mal nem dano.

— Olhem, corpo de meu pai! — exclamou Sancho —, que martas *cebolinhas*[6] ou que chumaços de algodão cardapo põe ele nas taleigas, para não ficarem moídos os cascos e esfarinhados os ossos! Mas, ainda que se enchessem de casulos de seda, saiba, meu senhor, que não hei de pelejar. Lutem nossos amos, se é do seu gosto, e bebamos e vivamos nós, que o tempo se encarregará de tirar-nos as vidas, sem que andemos buscando estímulos para que se acabem antes de chegarem a sua sazão e termo e caírem de maduras.

— Apesar disso — disse o do Bosque —, haveremos de lutar, nem que seja meia hora.

— Isso, não — respondeu Sancho. — Não serei eu tão descortês nem tão desagradecido que trave questão alguma, por mínima que seja, com quem comi e bebi. Ainda mais, estando sem cólera nem agravo, quem diabo terá ganas de bater-se a seco?

— Para isso — tornou o do Bosque — darei remédio suficiente. Assim, antes que comecemos a peleja, chegar-me-ei bonitamente ao pé de vosmecê e dar-lhe-ei três ou quatro bofetadas, de jogá-lo ao chão. Com isso, despertarei sua cólera, ainda que tenha mais sono do que um arganaz.

— Contra esse ardil sei outro — replicou Sancho — que não lhe fica atrás. Agarrarei um cacete e antes que vosmecê consiga despertar-me a cólera farei eu com que a sua durma de tal forma, a cacetadas, que só venha a despertar no outro mundo; por isso se saberá que não sou homem que deixe alguém acariciar-me o rosto. Cuide cada qual do que lhe importa, embora o mais acertado fosse cada qual deixar dormir sua cólera; ninguém entra no pensamento alheio e quem vem buscar lã pode sair tosquiado. Deus abençoou a paz e maldisse as rixas, pois, se um gato acossado, preso e apertado se muda em leão, eu, que sou homem, sabe Deus em que me poderei mudar. Assim, desde agora o intimo, senhor escudeiro, a que corra por sua conta todo o mal e dano que de nossa pendência resultar.

— Está bem — concordou o do Bosque. — Faça Deus amanhecer e veremos o que fazer.

Neste ponto, já começavam a gorjear nas árvores mil espécies de pintalgados passarinhos, e em seus alegres e diversos cantos parecia que davam boas-vindas e saudavam a fresca aurora, que já pelas portas e balcões do Oriente ia descobrindo a formosura do rosto, sacudindo dos cabelos infinito número de líquidas pérolas, em cujo suave licor se banhavam as ervas, como se delas próprias brotasse e chovesse branco e miúdo aljôfar. Os salgueiros destilavam saboroso maná, riam-se as fontes, murmurejavam os arroios, alegravam-se as selvas e enriqueciam-se os prados com sua vinda. Apenas, porém, permitiu a claridade do dia que se vissem, e diferenças sem as coisas, a primeira que se ofereceu aos olhos de Sancho Pança foi o nariz do escudeiro do Bosque, tão grande que lhe fazia sombra a todo o corpo. Conta-se, com efeito, que era de demasiada grandeza, curvo na metade, todo cheio de verrugas, de cor arroxeada como berinjela. Descia dois dedos abaixo da boca. Essa grandeza, cor, verrugas e curvatura tanto lhe afeavam o rosto que Sancho, ao vê-lo, começou a bater pés e mãos, como menino com convulsões, e decidiu no íntimo deixar-se antes dar duzentas bofetadas que despertar a cólera para lutar com tal avantesma. Dom Quixote olhou para seu contendor e viu que já havia posto e descido a celada, de modo que lhe não podia ver o rosto. Notou, porém, ser homem robusto e não muito alto de corpo. Sobre as armas trazia uma sobreveste, ou casaco de tela, ao que parece, de ouro finíssimo, em que se semeavam muitas pequenas luas de resplandecentes espelhos, tornando o cavaleiro galante e vistoso, de modo extraordinário. Voavam-lhe sobre a celada, em grande quantidade, plumas verdes, amarelas e brancas. A lança, que estava arrimada a uma árvore, era enormíssima e grossa, com mais de um palmo de ferro acerado.

Tudo observou e notou Dom Quixote, julgando, pelo visto e notado, que dito cavaleiro devia ser de grande força, mas nem por isso teve temores, como Sancho Pança. Antes, com gentil denodo, disse ao Cavaleiro dos Espelhos:

— Se a muita vontade de pelejar, senhor cavaleiro, não vos gasta a cortesia, por ela vos peço ergais um pouco a viseira, para que eu veja se a galhardia de vosso rosto corresponde à de vossa disposição.

— Vencido ou vencedor que termineis esta empresa, senhor cavaleiro — respondeu o dos Espelhos —, restar-vos-á demasiado tempo e espaço para ver-me. E se agora não satisfaço vosso desejo é por parecer-me fazer notável agravo à formosa Cassildeia de Vandália ao demorar, pelo tempo que levarei à erguer a viseira, o de fazer-vos confessar o que sabeis que pretendo.

— Pois enquanto subimos a cavalo — propôs Dom Quixote — bem podeis dizer-me se sou eu aquele Dom Quixote que dissestes haver derrotado.

— A isso vos respondemos — disse o dos Espelhos — que vos pareceis, como se parece um ovo a outro, ao próprio cavaleiro que venci. Como, porém, afirmais que o perseguem encantadores, não ousarei afirmar se sois aquele mesmo ou não.

— A mim, basta-me isso para que creia em vosso engano — replicou Dom Quixote. — Contudo, para tirar-vos dele por inteiro, venham nossos cavalos. Em menos tempo do que o exigido para alçardes vossa viseira, se Deus minha senhora e meu braço me valerem, verei vosso rosto e vereis que não sou o vencido Dom Quixote que julgais.

Com isto, cortando razões, subiram a cavalo e Dom Quixote virou as rédeas a Rocinante para tomar campo conveniente e voltar a encontrar seu adversário. Fez o mesmo o dos Espelhos. Não se havia, porém, afastado vinte passos Dom Quixote quando o dos Espelhos o chamou. Dirigindo-se um para o outro, disse-lhe o dos Espelhos:

— Lembrai-vos, senhor cavaleiro, de que a condição de nossa batalha é que o vencido há de ficar à discrição do vencedor, como antes disse.

— Já o sei — respondeu Dom Quixote. — Contanto, porém, que o que se impuser e mandar ao vencido sejam coisas que não saiam dos limites da cavalaria.

— Nem há dúvida — concordou o dos Espelhos.

Ofereceram-se nisto à vista de Dom Quixote as estranhas narinas do escudeiro, e não se admirou menos de vê-las do que Sancho, tanto que o julgou algum monstro, ou homem de novo tipo, daqueles que não se usam no mundo. Sancho, que viu seu amo partir para tomar carreira, não quis ficar só com o narigudo, por temer que uma só trombada daquele nariz no seu acabaria com sua pendência, ficando ele estendido no solo, pelo golpe ou pelo medo. Seguiu assim atrás de seu amo, agarrado a um loro de Rocinante, e, quando lhe pareceu que já era tempo de fazer a volta, disse:

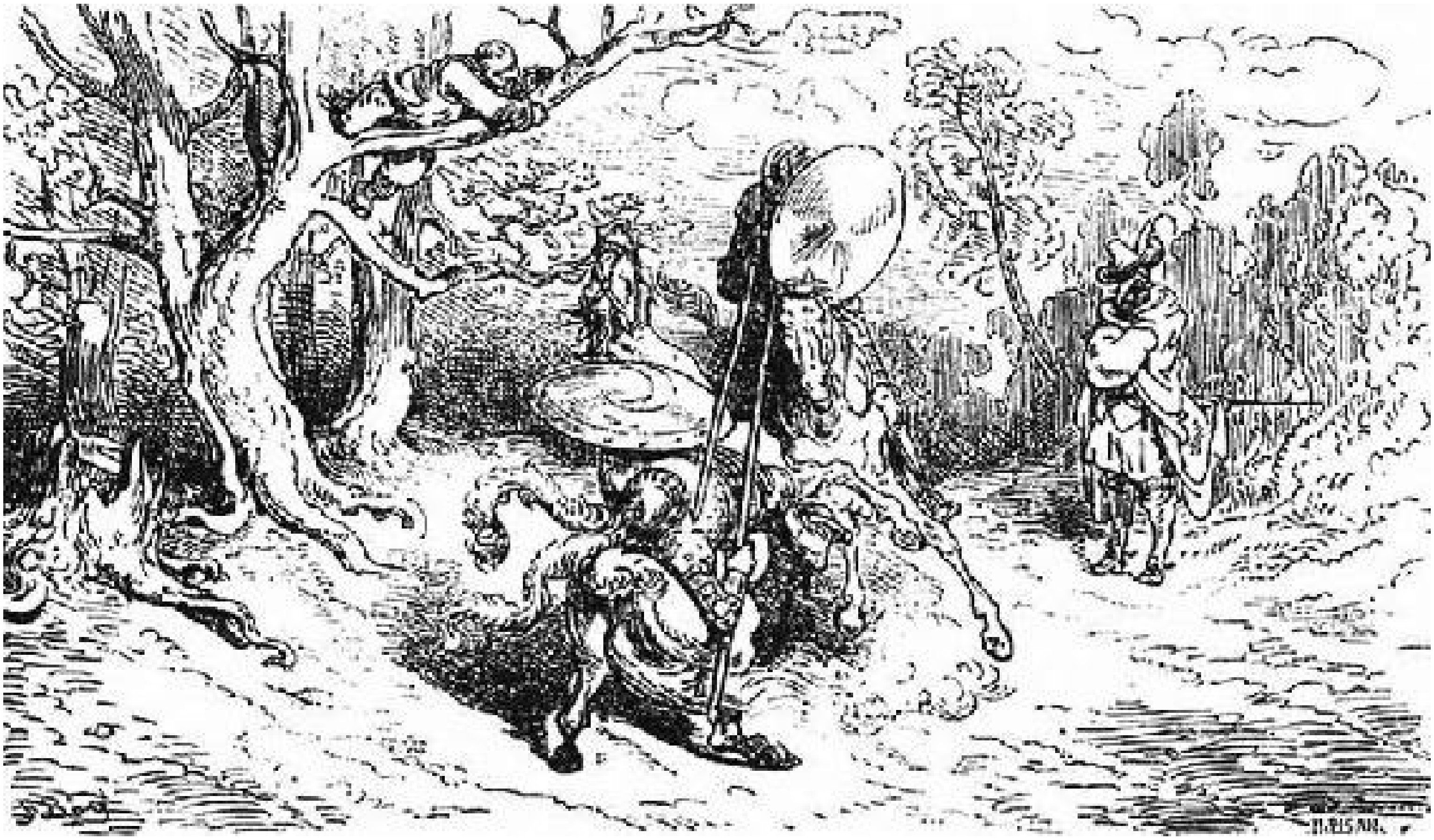
— Suplico-lhe, senhor meu, que antes de voltar para bater-se me ajude a subir naquele sobreiro, de onde poderei ver mais a meu sabor, melhor que do chão, o galhardo encontro que vosmecê vai travar com esse cavaleiro.

— Creio antes, Sancho — observou Dom Quixote —, que te queres encarapitar e subir ao palanque para ver sem perigo a tourada.

— Para dizer verdade — respondeu Sancho —, o desaforado nariz daquele escudeiro me deixa atônito e cheio de espanto e não me atrevo a ficar junto dele.

— Tal é o nariz — disse Dom Quixote — que, não fosse eu quem sou, também me assombraria. Vem, pois; ajudar-te-ei a subir aonde dizes.

Enquanto se detinha Dom Quixote para que Sancho subisse ao sobreiro, tomava o dos Espelhos o campo que lhe parecia necessário. Crendo que o mesmo teria já feito Dom Quixote, sem esperar som de trombeta ou outro sinal que os avisasse, virou as rédeas do seu cavalo (que não era mais veloz nem de melhor aspecto que Rocinante), e a todo o correr, que era um meio trote, partiu ao encontro do inimigo. Ao vê-lo, porém, ocupado na subida de Sancho, sofreou as rédeas, parando na metade da carreira, pelo que ficou agradecidíssimo o cavalo, que já se não podia mover. Dom Quixote, que julgou vir seu inimigo voando, cravou firmemente as esporas nas ilhargas macérrimas de Rocinante e o aguilhoou de tal modo que narra a história ser esta a única vez em que foi visto correr um pouco, pois em todas as outras não passara de legítimo trote. Com tal nunca vista fúria chegou aonde estava o dos Espelhos, a fincar em seu cavalo as esporas até o cabo, sem conseguir movê-lo um só dedo do lugar em que havia estacado a carreira. Nesta boa situação e conjuntura achou Dom Quixote seu adversário, embaraçado com o cavalo e ocupado com a lança, que nunca acertou ou teve oportunidade de pôr em riste. Dom Quixote, que não encarava esses inconvenientes, a salvo e sem perigo algum, deu de encontro ao dos Espelhos com tanta força que, sem o pensar, fê-lo ir ao solo pelas ancas do cavalo, em queda tal que, sem mover pé ou mão, parecia estar morto.



Sancho, apenas o viu caído, deslizou do sobreiro e a toda pressa veio para onde estava seu amo. Este, apeando-se de Rocinante, foi sobre o dos Espelhos e, tirando-lhe as laçadas do elmo, para ver se estava morto, e para que recebesse ar se vivo estivesse, viu. Quem poderá dizer o que viu sem causar admiração, maravilha e espanto aos que o ouvirem? Viu, diz a história, o mesmo rosto, a mesma figura, o mesmo aspecto, a mesma fisionomia, a mesma efígie, a mesma perspectiva do bacharel Sansão Carrasco. E, tendo-o visto, em alta voz falou:

— Acode, Sancho, e olha o que hás de ver e não hás de crer! Anda, filho, e nota o que pode a magia, o que podem os feiticeiros e encantadores!

Chegou Sancho e, ao ver o rosto do bacharel Carrasco, começou a fazer mil cruzes e a persignar-se outras tantas. Até aí não dava mostras de estar vivo o derribado cavaleiro, e Sancho disse a Dom Quixote:

— Sou de parecer, meu senhor, que, pelo sim, pelo não, vosmecê finque a espada na boca deste que parece o bacharel Sansão Carrasco. Talvez mate nele algum dos encantadores seus inimigos.

— Não dizes mal — respondeu Dom Quixote — porque, inimigos, quanto menos, melhor.

E, tirando a espada, ia tornar realidade o aviso e conselho de Sancho, quando chegou o escudeiro do dos Espelhos, já sem o nariz que tão feio o fizera, bradando:

— Veja vosmecê o que faz, senhor Dom Quixote. Esse que tem aos pés é o bacharel Sansão

Carrasco, seu amigo, e eu sou seu escudeiro. Vendo-o Sancho sem a fealdade primitiva, disse-lhe:

— E o nariz?

Ao que ele explicou:

— Tenho-o aqui na algibeira. E, enfiando a mão do lado direito, tirou um nariz de massa e verniz, de máscara, da feitura já delineada. Olhando o escudeiro cada vez mais, Sancho, com alta e admirada voz, exclamou:

— Santa Maria, valei-me! Não é este Tomé Cecial, meu vizinho e meu compadre?

— Ora se não o sou! — respondeu o já desnarigado escudeiro. — Tomé Cecial sou, compadre e amigo Sancho Pança, e logo lhe contarei os embustes, enredos e patranhas que aqui deram comigo; entretanto, peça e suplique ao senhor seu amo que não toque, fira, maltrate ou mate o Cavaleiro dos Espelhos, que a seus pés tem, porque sem dúvida alguma é o atrevido e mal-aconselhado bacharel Sansão Carrasco, nosso compatriota.

Nisto, voltou a si o dos Espelhos. Vendo-o, Dom Quixote pôs-lhe por cima do rosto a ponta nua da espada e disse:

— Morto sois, cavaleiro, se não confessais que a sem-par Dulcineia del Toboso se avantaja em beleza à vossa Cassildeia de Vandália. Além disto, haveis de prometer, se desta contenda e queda sairdes com vida, ir à cidade de Toboso e apresentar-vos em sua presença, de minha parte, para que de vós faça o que melhor lhe aprouver. Se vos deixar à vossa vontade, devereis então procurar-me, pois o rastro de minhas façanhas vos servirá de guia para levar-vos aonde eu estiver, a fim de dizer-me o que com ela houverdes passado. Tais condições, conforme estabelecemos antes da batalha, não saem dos limites da andante cavalaria.

— Confesso — disse o caído cavaleiro — que mais vale o sapato descosido e sujo da senhora Dulcineia del Toboso do que as barbas mal penteadas, ainda que limpas, de Cassildeia, e prometo ir e voltar de sua presença à vossa, para dar-vos inteira e particular conta do que me pedis.

— Também haveis de confessar e crer — aduziu Dom Quixote — que aquele cavaleiro que vencestes não foi nem podia ser Dom Quixote de la Mancha, mas outro que com ele se parecia, assim como confesso e creio que vós, embora semelhante ao bacharel Sansão Carrasco, não o sois, mas outro que com ele se parece e que em sua figura aqui me puseram meus inimigos, para que detenha e aplaque o ímpeto de minha cólera e para que use com brandura da glória de haver vencido.

— Tudo confesso, juro e sinto, como o credes, julgais e sentis — respondeu o derreado cavaleiro. — Deixai que me levante, rogo-vos, se o permitir o golpe de minha queda, que assaz maltratado me tem.

Ajudaram-no a levantar-se Dom Quixote e Tomé Cecial, seu escudeiro, do qual Sancho não tirava os olhos, perguntando-lhe coisas cujas respostas lhe davam manifesto sinal de ser ele o Tomé Cecial que asseverava. Mas a apreensão que em Sancho produzira o que seu amo dissera dos encantadores que haviam mudado a figura do Cavaleiro dos Espelhos na do bacharel Sansão Carrasco não lhe deixava dar crédito à verdade que com os olhos fitava. Com este engano ficaram, finalmente, amo e servidor, e o dos Espelhos e seu escudeiro, amofinados e mal-andantes, afastaram-se de Dom Quixote e de Sancho, com a intenção de procurar algum sítio onde emplastar e curar as costelas.

Dom Quixote e Sancho voltaram a prosseguir no caminho de Saragoça, em que a história os deixa, para dar conta de quem eram o Cavaleiro dos Espelhos e seu narigudo escudeiro.

# CAPÍTULO XV

## *Onde se conta e dá notícia de quem eram o Cavaleiro dos Espelhos e seu escudeiro*

Em extremo contente, ufano e vanglorioso ia Dom Quixote, por haver triunfado de tão valente cavaleiro como imaginava que era o dos Espelhos, de cuja cavalheiresca palavra esperava saber se o encantamento de sua dama continuava, pois forçoso era voltasse o cavaleiro não ser. Uma coisa, porém, pensava Dom Quixote, e outra o dos Espelhos, visto que, por então, outra não era sua intenção senão a de procurar onde medicar-se, como ficou exposto. Diz, pois, a história que, quando o bacharel Sansão Carrasco aconselhou Dom Quixote a que voltasse a prosseguir em suas abandonadas cavalarias, foi por haver antes entrado em conluio com o cura e o barbeiro sobre o meio que se poderia adotar para forçá-lo a estar em casa quieto e sossegado, sem o alvorotarem as malbuscadas aventuras. Desse conselho saiu, por voto comum de todos e parecer especial de Carrasco, que deixassem sair Dom Quixote, já que detê-lo parecia impossível, e lhe saísse ao caminho Sansão, como cavaleiro andante, e com ele travasse batalha para a qual não faltaria pretexto. Vencê-lo pareceu coisa fácil, e assentou-se firmar pacto e concerto de que o vencido ficasse à mercê do vencedor. Assim, vencido Dom Quixote, ordernar-lhe-ia o bacharel cavaleiro que voltasse para sua aldeia e sua casa, e dela não saísse durante dois anos, ou enquanto não lhe ordenasse ele outra coisa. Claro está que Dom Quixote, vencido, daria a isso indubitável cumprimento, para não faltar às leis da cavalaria andante nem infringi-las, e bem podia ser que, no decurso dessa reclusão, se esquecesse de suas vaidades, ou lhe pudessem buscar remédio mais conveniente à loucura.

Aceitou-o Carrasco e ofereceu-se-lhe para escudeiro Tomé Cecial, compadre e vizinho de Sancho Pança, homem alegre e de airada disposição. Armou-se Sansão, como foi dito, e Tomé Cecial acomodou sobre o nariz natural o falso e de máscara já citado, para que não o conhecesse o compadre, quando se vissem. Assim, seguiram o mesmo rumo de Dom Quixote e chegaram quase a achar-se na aventura do carro da Morte. Afinal, deram com eles no bosque, onde lhes ocorreu tudo o que leu o prudente leitor. E, não fora pelos extraordinários pensamentos de Dom Quixote, convencido de que o bacharel não era o bacharel, ficaria o senhor bacharel impossibilitado para sempre de graduar-se licenciado, por não haver encontrado ninhos onde julgara achar pássaros. Tomé Cecial, ao ver quão malogrados haviam sido seus desejos e o mau paradeiro que tivera seu caminho, disse ao bacharel:

— Por certo, senhor Sansão Carrasco, que tivemos o merecido. Com facilidade se pensa numa empresa e se vai a ela, mas com dificuldade, na maioria das vezes, dela se sai. Dom Quixote louco e nós sensatos; ele vai-se rindo e são, vosmecê fica moído e triste. Vejamos, pois, agora: quem é mais louco? Quem o é porque não o pode deixar de ser, ou quem o é espontaneamente?

Ao que respondeu Sansão:

— A diferença entre esses dois loucos é que sempre o há de ser quem por força o é; ao passo que o voluntário deixará de ser louco quando o quiser.

— Assim é — disse Tomé Cecial. — Fui eu louco por minha vontade quando quis fazer-me seu escudeiro; e por essa mesma vontade quero deixar de o ser e voltar para minha casa.

— Isso de vós depende — respondeu Sansão —, porque é escusado pensar que eu voltarei à minha sem haver moído Dom Quixote a pauladas. Não me levará agora a buscá-lo o desejo de que encobre o juízo, mas o da vingança, que a grande dor de minhas costelas não mais me deixa fazer piedosos discursos.

Nisto foram os dois arrazoando, até chegarem a uma aldeia, onde tiveram a sorte de encontrar um boticário, com quem se curou o infeliz Sansão. Tomé Cecial deixou-o e ele ficou a maquinar sua vingança. Dele volta a história a falar a seu tempo, para não deixar de regozijar-se agora com Dom Quixote.

# CAPÍTULO XVI

## *Do que sucedeu a Dom Quixote com um discreto cavaleiro da Mancha*

Com a alegria, o contentamento e a ufania já referidos, seguia Dom Quixote sua jornada, imaginando, pela passada vitória, ser o mais valente cavaleiro andante que naquela época o mundo possuía. Dava por acabadas e com feliz fim concluídas todas as aventuras que dali por diante lhe pudessem suceder. Menosprezava os encantamentos e os encantadores e não se recordava das inúmeras pauladas que no decurso de suas cavalarias lhe haviam dado, nem da pedrada que lhe quebrara metade dos dentes, nem do desagradecimento dos galeotes, nem do atrevimento e da chuva de bordoadas dos arrieiros. Finalmente, dizia para si mesmo que, se encontrasse arte, modo e maneira de desencantar sua senhora Dulcineia, não invejaria a maior ventura que alcançara, ou teria podido alcançar, o mais venturoso cavaleiro andante dos passados séculos. Nestas imaginações ia todo entretido, quando lhe disse Sancho:

— Não vê, senhor, que ainda trago à frente dos olhos o desaforado nariz de marca maior de meu compadre Tomé Cecial?

— E crês tu, Sancho, porventura, que o Cavaleiro dos Espelhos era o bacharel Carrasco e seu escudeiro o teu compadre Tomé Cecial?

— Não sei que dizer a isso — tornou Sancho. — Sei somente que os sinais que me deu de minha casa, mulher e filhos, outro que não ele não mos poderia dar. E a cara, tirado o nariz, era a mesma de Tomé Cecial, como a vi muitas vezes em minha aldeia, a paredes-meias de minha própria casa; e o tom da voz era idêntico.

— Raciocinemos, Sancho — ponderou Dom Quixote. — Vem cá; em que cabeça pode caber que o bacharel Sansão Carrasco viesse como cavaleiro andante, armado de armas ofensivas e defensivas, para pelejar comigo? Tenho sido porventura seu inimigo? Dei-lhe jamais motivo para ter-me ojeriza? Sou seu rival, ou segue ele a profissão das armas, para ter inveja da fama que com elas ganhei?

— Pois que diremos, senhor — redarguiu Sancho —, disso se tanto se parecer aquele cavaleiro, seja ele quem for, ao bacharel Carrasco, e seu escudeiro a meu compadre Tomé Cecial? Se isso é encantamento, como vosmecê disse, não havia no mundo outros dois com quem se parecessem?

— Tudo é artifício e traça — respondeu Dom Quixote — dos malignos magos que me perseguem. Antevendo que eu ficaria vencedor na contenda, cuidaram de que o cavaleiro vencido apresentasse o rosto de meu amigo, o bacharel, para que a amizade que lhe tenho se pusesse entre o fio de minha espada e o rigor de meu braço, e abrandasse a justa ira de meu coração, deste modo ficando com vida quem com falsidades e enganos procurava tirar a minha. Como prova disso, ó Sancho, já sabes, por experiência, que não deixará que mintas ou te enganes, quão fácil é aos encantadores mudarem uns rostos em outros, tornando o formoso em feio e o feio em formoso, pois não faz dois dias que viste, com teus próprios olhos, a formosura e a galhardia da sem-par Dulcineia, em toda a sua inteireza e natural conformidade, enquanto a via eu na fealdade e baixeza de grosseira lavradora, com cataratas nos olhos e mau cheiro na boca. Não é demais que o perverso encantador, que se atreveu a fazer tão má transformação, tenha feito a de Sansão Carrasco e a do teu compadre, para tirar-me das mãos a glória do triunfo. Contudo, consolo-me, porque afinal, seja qual tenha sido a figura, saí vencedor de meu inimigo.

— Deus sabe a verdade de tudo — observou Sancho.

E como ele sabia que a transformação de Dulcineia havia sido traça e ardil seu, não se satisfazia com as quimeras do amo; nada, porém, quis replicar, para não dizer alguma palavra que lhe descobrisse o embuste.

Nestas razões estavam quando os alcançou um homem que por trás deles vinha pelo mesmo caminho, em mui bela égua tordilha, trajando gabão de fino pano verde com barra de veludo fulvo e morteira do mesmo veludo. Os arreios da égua eram de campo e à gineta, também de cor verde e arroxeada; trazia um alfanje mourisco pendente de largo talim auriverde e os borzeguins eram do lavor do talim; as esporas não eram douradas, mas cobertas de verniz verde, tão tersas e brunidas que, por assentarem como o resto do vestuário, tinham melhor aspecto do que se fossem de puro ouro. Quando chegou a eles, o caminhante os saudou cortesmente e, esporeando a égua, passou de largo; mas Dom Quixote lhe disse:

— Galante senhor, se Vossa Mercê segue o mesmo caminho que nós e não está com muita pressa, favor nos faria em irmos juntos.

— Na verdade — respondeu o da égua —, não passaria tão de largo se não receasse que a companhia de minha égua alvoroçasse esse cavalo.

— Bem pode, senhor — atalhou neste ponto Sancho —, sofrear as rédeas à égua, porque nosso cavalo é o mais honesto e bem-disposto do mundo. Nunca em semelhantes ocasiões praticou vileza alguma e se uma vez se desmanchou, sete por um o pagamos meu amo e eu. Digo outra vez que pode vosmecê deter-se, se quiser; ainda que lhe sirvam a égua entre dois pratos,[1] seguro é que o cavalo não a enfrentará.

Deteve as rédeas o cavaleiro, admirando-se da postura e do rosto de Dom Quixote, que ia sem celada, pois Sancho a levava como maleta no arção dianteiro da albarda do ruço. E se o de

Verde muito fitava Dom Quixote, muito mais fitava este o de Verde, por parecer-lhe homem de prol. A idade mostrava ser de cinquenta anos; as cãs, poucas, e o rosto, aquilino; a fisionomia, entre alegre e grave; finalmente, pelo traje e postura, deixava entender ser homem de boas prendas. De Dom Quixote de la Mancha julgou o de Verde que semelhante maneira ou parecer de homem jamais havia visto; admirou-lhe a extensão do pescoço,[2] a grandeza do corpo, a fraqueza e amarelidão do rosto, as armas, os ademanes, a compostura, como figura e retrato nunca vistos por longos tempos naquela terra. Notou bem Dom Quixote a atenção com que o fitava o caminhante e leu-lhe a curiosidade no espanto; e como era cortês e amigo de satisfazer a todos, antes que lhe perguntasse alguma coisa foi-lhe ao encontro, dizendo:

— Esta figura que Vossa Mercê em mim vê, por ser de tal modo nova e fora das que comumente se encontram, não me admiraria eu de que lhe tivesse causado admiração; mas deixará de causá-la quando lhe disser, como digo, que sou cavaleiro

*desses que dizem as gentes que procuram aventuras.*

Saí de minha pátria, empenhei minha fazenda, deixei meus regalos e entreguei-me nos braços da Fortuna, para me levarem onde mais lhe aprouvesse. Quis ressuscitar a já morta cavalaria andante e há muitos dias que, tropeçando aqui, caindo ali, despenhando-me cá e levantando-me acolá, cumpri grande parte de meu desejo, socorrendo viúvas, amparando donzelas e favorecendo casadas, órfãos e pupilos, próprio e natural ofício de cavaleiros andantes. Assim, por minhas valorosas, muitas e cristãs façanhas, mereci andar já impresso em quase todas as nações do mundo, ou na maior parte. Trinta mil volumes se imprimiram de minha história, que vai a caminho de imprimir-se trinta mil milhares de vezes, se não o impede o céu. Em suma e para encerrar tudo em breves palavras, ou em uma só, digo que sou Dom Quixote de la Mancha, por outro nome chamado o Cavaleiro da Triste Figura. E embora seja o louvor em boca própria vitupério, é-me forçoso dizer eu talvez o meu, mas somente quando não se ache presente quem o diga. Assim, senhor fidalgo, nem este cavalo, nem esta lança, nem este escudo e escudeiro, nem todas estas armas juntas, nem a amarelidão de meu rosto, nem minha certa magreza poderão causar-vos admiração, de agora por diante, já sabendo vós quem sou e a profissão que tenho.

Calou-se ao dizer isto Dom Quixote, e o de Verde, pela demora em responder-lhe, parecia que não acertava com o que lhe dizer; mas, daí a algum tempo, disse:

— Acertastes, senhor cavaleiro, em conhecer, por meu espanto, minha curiosidade, mas não acertastes em tirar-me a admiração em mim causada por vos haver visto, posto que, como dizeis, senhor, o saber já quem sois ma devesse ter tirado. Assim, porém, não se deu; antes, agora que o sei, fico mais suspenso e maravilhado. É possível, então, que haja hoje cavaleiros andantes no mundo e histórias impressas de verdadeiras cavalarias? Não me posso persuadir de que haja hoje na terra quem favoreça viúvas, donzelas, honre casadas e socorra órfãos, e não o acreditaria se com meus próprios olhos não o visse em Vossa Mercê. Bendito seja o céu! Que, com essa história, que Vossa Mercê diz que está impressa, de suas altas e verdadeiras cavalarias, terão caído no olvido as inúmeras dos fingidos cavaleiros andantes, de que está cheio o mundo, tanto em dano dos bons costumes e tanto em prejuízo e descrédito das boas histórias.

— Muito há que dizer — respondeu Dom Quixote — sobre se são fingidas ou não as histórias dos cavaleiros andantes.

— Pois haverá quem duvide — redarguiu o de Verde — de que sejam falsas tais histórias?

— Duvido eu — tornou Dom Quixote —, e fiquemos por aqui; pois, se durar nossa jornada, espero em Deus dar a entender a Vossa Mercê que fez mal em ir com a corrente dos que têm por certo não serem elas verdadeiras.

Desta última razão de Dom Quixote suspeitou o caminhante que ele devia ser um mentecapto e aguardava que com outras o confirmasse. Antes, porém, que se divertissem em outros arrazoados, rogou-lhe Dom Quixote que lhe dissesse quem era, pois já lhe havia dado parte de sua condição e de sua vida. Ao que respondeu o de Verde Gabão:

— Eu, senhor Cavaleiro da Triste Figura, sou um fidalgo natural de um lugar aonde hoje iremos comer, se Deus for servido. Sou mais que medianamente rico e meu nome é Dom Diogo de Miranda. Passo a vida com a minha mulher, meus filhos e meus amigos. Meus exercícios são os da caça e da pesca, mas não mantenho falcão nem galgos, e sim algum perdigão[3] manso e algum furão atrevido. Tenho cerca de seis dúzias de livros, uns em vernáculo e outros em latim, de história uns, de devoção outros; os de cavalaria ainda não entraram pelos umbrais de minhas portas. Folheio mais os que são profanos que os devotos, desde que sejam de honesto entretenimento, que deleitem com a linguagem e admirem e prendam pela invenção, embora mui poucos destes haja em Espanha. Algumas vezes como com meus vizinhos e amigos e muitas vezes os convido; meus jantares são limpos e asseados e nada escassos. Não gosto de murmurações, nem consinto que diante de mim se murmure; não esquadrinho as vidas alheias, nem sou lince das ações dos outros. Ouço missa todos os dias, reparto meus bens com os pobres, sem fazer alarde das boas obras, para não dar em meu coração entrada à hipocrisia e à vanglória, inimigos que brandamente se apoderam do peito mais recatado. Procuro fazer paz entre os que desavindos sei estarem, sou devoto de Nossa Senhora e confio sempre na misericórdia infinita de Deus, Nosso Senhor.

Atentíssimo esteve Sancho à relação da vida e entretenimentos do fidalgo e, parecendo-lhe boa e santa, bem como que devia fazer milagres quem assim vivia, atirou-se do ruço e com grande pressa agarrou o estribo direito do de verde, beijando-lhe os pés uma e muitas vezes, com devoto coração e quase lágrimas. Vendo isso, perguntou-lhe o fidalgo:

— Que fazeis, irmão? Que beijos são esses?

— Deixe-me beijar — respondeu Sancho —, porque vosmecê me parece o primeiro santo a cavalo que vi em todos os dias de minha vida.

— Não sou santo — replicou o fidalgo —, mas grande pecador. Vós, sim, irmão, deveis ser bom, como vossa simplicidade o mostra.

Voltou Sancho à albarda, havendo arrancado risos da profunda melancolia de seu amo e causado nova admiração a Dom Diogo. Perguntou-lhe Dom Quixote quantos filhos tinha e disse-lhe que uma das coisas em que punham o sumo bem os antigos filósofos, que careceram do verdadeiro conhecimento de Deus, era nos bens da natureza, nos da fortuna, em ter muitos amigos e em ter muitos e bons filhos.

— Eu, senhor Dom Quixote — disse o fidalgo —, tenho um filho que, se o não tivesse, talvez me considerasse mais ditoso do que sou; e não porque ele seja mau, mas porque não é tão bom quanto eu quisera. Tem de idade 18 anos; seis esteve em Salamanca, aprendendo as línguas latina e grega e, quando quis que passasse a outras ciências, encontrei-o tão embebido na da Poesia (se a esta se pode chamar ciência), que não é possível fazê-lo dedicar-se à das Leis, que eu quisera vê-lo estudar, nem à rainha de todas, a da Teologia. Quisera eu que fosse coroa de sua linguagem, pois vivemos num século em que nossos reis premiam altamente as virtuosas e boas letras, já que letras sem virtude são pérolas no muladar. Passa o dia a averiguar se Homero disse bem ou mal, em tal verso da *Ilíada*; se andou Marcial desonesto ou não em tal epigrama; se se devem entender de um modo ou de outro tais e tais versos de Virgílio. Em suma, todas as suas conversações são com os livros dos referidos poetas, e com os de Horácio, Pérsio, Juvenal e Tíbulo, que dos modernos romancistas não faz grande conta. E apesar do pouco carinho que tem à poesia vernácula, está agora com o pensamento dedicado a fazer uma glosa de quatro versos que lhe enviaram de Salamanca e creio serem de torneio literário.

A tudo isso respondeu Dom Quixote:

— Os filhos, senhor, são pedaços das entranhas de seus pais, e assim se hão de querer, bons ou maus que sejam, como se quer às almas que nos dão vida. Aos pais compete encaminhá-los desde pequenos pelas estradas da virtude, da boa criação e dos bons e cristãos costumes, para que, quando crescidos, sejam báculos da velhice de seus pais e glória de sua posteridade. Por acertado não tenho, porém, o forçá-los a estudar esta ou aquela ciência, embora não seja danoso persuadi-los. E quando não se precisa estudar para *pane lucrando*,[4] por ser o estudante tão venturoso que lhe deu o céu pais que o pão lhe deixem, seria eu de parecer que o deixassem seguir aquela ciência a que mais inclinado o virem; e embora a da Poesia seja menos útil do que deleitável, não é daquelas que soem desonrar a quem as possui. A Poesia, senhor fidalgo, em meu parecer, é como donzela terna e de curta idade, em todo extremo formosa, a quem têm o cuidado de enriquecer, polir e adornar outras muitas donzelas, que são todas as outras ciências, e ela se há de servir de todas, e todas se hão de autorizar com ela. Não quer tal donzela, porém, ser manuseada e trazida pelas ruas, ou publicada nas esquinas das praças ou nos rincões dos palácios. Ela é feita de alquimia de tal virtude que quem a sabe tratar pode mudá-la em ouro puríssimo de inestimável preço. Quem a tiver deve refreá-la, não a deixando correr em torpes sátiras nem em sonetos sem alma. Não se deve vender de modo algum, se não for em poemas heroicos, em lastimosas tragédias, ou em comédias alegres e artificiosas. Não se deve deixar tratar pelos truões nem pelo vulgo ignaro, incapaz de conhecer e avaliar os tesouros que se encerram nela. E não penseis, senhor, que aqui chamo vulgo somente à gente plebeia e humilde, pois todo aquele que não sabe, ainda que seja nobre e príncipe, pode e deve entrar no número do vulgo; e assim quem, com os requisitos que disse, tratar e entretiver a Poesia, será famoso, e de nome estimado em todas as nações civilizadas do mundo. Quanto ao dizerdes, senhor, que vosso filho não aprecia muito a poesia vernácula, entendo que nisto não anda muito acertado, e a razão é esta: o grande Homero não escreveu em latim, porque era grego; nem Virgílio escreveu em grego, porque era latino. Em resumo, todos os poetas antigos escreveram na língua que aprenderam com o leite materno e não foram buscar as estrangeiras para declarar a alteza de seus conceitos. Sendo assim, razão haveria para que se estendesse este costume por todas as nações, e não se desdenhasse o poeta alemão porque escreve em sua língua, nem o castelhano, nem mesmo o biscainho, por escreverem na sua. Vosso filho, porém (pelo que, senhor, imagino), não deve estar de mal com a poesia vernácula, mas com aqueles poetas que são meros vernaculistas, sem saber outras línguas nem outras ciências que adornem, despertem e ajudem seu natural impulso; e mesmo nisto pode haver erro, porque, segundo opinião verdadeira, o poeta nasce; quer dizer, poeta sai do ventre de sua mãe o poeta natural, e com essa inclinação, que lhe deu o céu, sem mais estudo nem artifício, compõe coisas que fazem verdadeiro quem disse: *est Deus in nobis...* etc.[5] Também digo que o poeta natural que se valer da arte será muito melhor, e com vantagem, do que o poeta que o quiser ser só por saber a arte. A razão é que a arte não se avantaja à natureza, mas a aperfeiçoa. Assim, misturadas natureza e arte, arte e natureza produzirão um perfeitíssimo poeta. Seja, pois, a conclusão de minha prática, senhor fidalgo, que deixe Vossa Mercê caminhar seu filho por onde sua estrela o chama, pois, sendo ele tão bom estudante, como deve ser, e havendo já subido felizmente o primeiro degrau das ciências, que é o das línguas, com elas por si mesmo subirá ao cume das letras humanas, que tão bem parecem num cavaleiro de capa e espada, e tanto o honram, adornam e engrandecem, como as mitras aos bispos, ou as togas aos peritos jurisconsultos. Censure Vossa Mercê a seu filho, se fizer sátiras que prejudiquem as honras alheias; castigue-o e rasgue-as. Se, porém, fizer sermões ao modo de Horácio, em que repreenda os vícios em geral, como tão elegantemente ele o fez, louve-o; porque lícito é ao poeta escrever contra a inveja e dizer em seus versos mal dos invejosos, bem como dos outros vícios, desde que não assinale pessoa alguma. Poetas há, contudo, que a troco de uma malícia correm o perigo de que os desterrem para a ilha do Ponto. Se o poeta for casto nos costumes, há de sê-lo também em seus versos; a pena é a língua da alma. Conforme os conceitos que nesta se conceberem, tais serão seus escritos. E quando os reis e príncipes veem a milagrosa ciência da Poesia em pessoas prudentes, virtuosas e graves, honram-nos, estimam-nos e os enriquecem, e ainda os coroam com as folhas da árvore que o raio não ofende,[6] como sinal de que por ninguém serão ofendidos aqueles que com tais coroas veem honradas e adornadas suas frontes.

Admirado ficou o do Verde Gabão do arrazoado de Dom Quixote, e tanto, que foi perdendo a suspeita anterior de que ele fosse mentecapto. Mas, na metade desta prática, Sancho, por não ser a mesma muito de seu gosto, havia-se desviado do caminho, para pedir um pouco de leite a uns pastores que ali perto estavam ordenhando umas ovelhas. Nisto, já voltava a renovar a conversação o fidalgo, satisfeito em extremo com a discrição e o bom discorrer de Dom Quixote, quando, alçando este a cabeça, viu que pelo caminho por onde iam vinha um carro cheio de bandeiras reais e, crendo que devia ser alguma nova aventura, chamou Sancho em alta voz, para que lhe desse a celada. Sancho, ouvindo-se chamar, deixou os pastores e esporeou a toda pressa o ruço, chegando aonde estava seu amo, a quem sucedeu espantosa e desatinada aventura.

# CAPÍTULO XVII

## *Onde se declara o último e extremo ponto a que chegou, e pôde chegar, o inaudito ânimo de Dom Quixote, com a felizmente acabada aventura dos leões*

Conta a história que, quando Dom Quixote gritava a Sancho que lhe trouxesse o elmo, estava ele comprando uns requeijões, que os pastores lhe vendiam. Acossado pela muita pressa de seu amo, não soube que fazer deles, nem em que carregá-los, e, para os não perder, pois já os pagara, lembrou-se de pô-los na celada de seu senhor. Com esta precaução, voltou para ver o que lhe era requerido. E, ao chegar, disse-lhe Dom Quixote:

— Dá-me, amigo, essa celada, pois, ou pouco sei de aventuras, ou o que ali descubro é uma que me há de impor, e me impõe, a tomada das armas.

O do Verde Gabão, que isto ouviu, estendeu a vista por todas as partes e não descobriu coisa alguma além de um carro que para eles vinha, com duas ou três bandeiras pequenas, que lhe deram a entender que tal carro devia trazer dinheiro de Sua Majestade. Disse isso a Dom Quixote, mas ele não lhe deu crédito, julgando e pensando sempre que tudo quanto lhe sucedesse deveriam ser aventuras e mais aventuras. Assim, respondeu ao fidalgo:

— Um homem prevenido vale por dois. Nada se perde em que eu me previna, pois sei, por experiência, que tenho inimigos visíveis e invisíveise não sei quando, nem onde, nem a que tempo, nem sob que figuras me hão de acometer.

E, voltando-se para Sancho, pediu-lhe a celada. Este, não tendo ocasião de tirar os requeijões, foi forçado a dá-la como estava. Tomou-a Dom Quixote e, sem cuidar de ver o que trazia dentro, com toda a pressa a encaixou na cabeça. Como os requeijões se apertassem e espremessem, começou a correr o soro por todo o rosto e barbas de Dom Quixote, dando-lhe tal susto que disse a Sancho:

— Que será isso, Sancho, que parece que se me amoleceu o crânio e se me derretem os miolos, ou que suo dos pés à cabeça? Se suo, em verdade não é de medo, embora creia que é terrível a aventura que agora quer suceder-me. Dá-me, se o tens, algo com que me limpe, pois o suor copioso me cega os olhos.

Calou-se Sancho e deu-lhe um pano, dando ainda graças a Deus por não haver seu amo verificado a verdade. Limpou-se Dom Quixote e tirou a celada para ver que coisa era aquela que, segundo julgava, lhe esfriava a cabeça. Vendo aquela papa branca dentro da celada, chegou-a ao nariz e, cheirando-a, exclamou:

— Pela vida de minha senhora Dulcineia del Toboso! São requeijões os que aqui me puseste, traidor, patife e maldito escudeiro.

Ao que, com grande fleuma e dissimulação, respondeu Sancho:

— Se requeijões são, dê-mos vosmecê, que os irei comer... Mas coma-os o diabo, que deve ter sido quem aí os pôs! Teria eu o atrevimento de sujar o elmo de meu amo? Outro será o atrevido! Palavra, senhor, que também eu, pelo que Deus me dá a entender, devo ter encantadores, que me perseguem, como a criatura e membro de meu senhor, e terão posto aí essa imundície para mudar em cólera sua paciência e fazer com que me moa as costelas, segundo o costume. Desta vez, porém, saltaram no vazio, pois confio no bom juízo de meu amo, que terá considerado não ter eu requeijões, nem leite, nem outra coisa que os valha, e, se os tivesse, antes os teria colocado em meu estômago que na celada.

— Pode ser — respondeu Dom Quixote.

O fidalgo tudo contemplava e tudo admirava, especialmente quando, depois de haver Dom Quixote limpado a cabeça, o rosto, as barbas e a celada, encaixou-a e, firmando-se bem nos estribos, experimentando a espada e empunhando a lança, disse:

— Venha, agora, o que vier. Aqui estou de ânimo disposto a enfrentar o próprio Satanás em pessoa.

Nisto, chegou o carro das bandeiras, no qual apenas vinham o carreteiro, nas mulas, e um homem sentado na dianteira. Plantou-se-lhe Dom Quixote à frente e disse:

— Aonde ides, irmãos? Que carro é este, que levais nele e que bandeiras são aquelas?

— O carro é meu — respondeu o carreteiro. — O que vai nele são dois bravos leões enjaulados, que o general de Orã envia à corte, como presente a Sua Majestade; as bandeiras são do Rei nosso Senhor, como sinal de que aqui vai coisa sua.

— E são grandes os leões? — perguntou Dom Quixote.

— Tão grandes — explicou o homem que ia à porta do carro — que nunca passaram maiores, nem do mesmo tamanho, de África a Espanha. Sou eu o leoneiro e tenho trazido outros, mas, como estes, nenhum. São fêmea e macho; o macho vai nesta primeira jaula e a fêmea na de trás. Agora estão famintos, pois hoje não comeram; assim, desvie-se vosmecê, pois necessitamos de chegar depressa aonde lhes demos de comer.

A isso disse Dom Quixote, sorrindo um pouco:

— Leõezinhos, para mim? Leõezinhos para mim, e a tais horas? Pois, por Deus! Esses senhores que cá os mandam hão de ver se sou homem que se amedronta com leões! Apeai-vos, bom homem, e, como sois o leoneiro, abri essas jaulas e ponde-me fora essas feras. Em metade deste campo farei com que conheçam quem é Dom Quixote de la Mancha, a despeito e apesar dos encantadores que a mim os enviam.

“Tá, tá!”, disse consigo, neste ponto, o fidalgo. “Já nosso bom cavaleiro deu sinal de quem é. Os requeijões, sem dúvida, amoleceram-lhe o crânio e lhe amadureceram os miolos.”

Chegou-se-lhe nisto Sancho e disse:

— Senhor, por Deus peço que vosmecê aja de maneira a impedir meu senhor Dom Quixote de enfrentar esses leões; pois, se os enfrenta, aqui nos hão de fazer a todos em pedaços.

— Será vosso amo tão louco — redarguiu o fidalgo — que vos leve a temer e acreditar que lute com tão feros animais?

— Louco não é — respondeu Sancho —, mas atrevido.

— Farei com que não o seja — replicou o fidalgo.

E, chegando-se a Dom Quixote, que urgia o leoneiro a abrir as jaulas, disse-lhe:

— Senhor cavaleiro, devem os cavaleiros andantes acometer as aventuras que prometem esperanças de saírem bem delas, e não aquelas que de todo as tirem, pois a valentia que entra na jurisdição da temeridade mais tem de loucura que de fortaleza. Tanto mais quanto estes leões não vêm contra Vossa Mercê, nem com isso sonham. São presentes enviados a Sua Majestade e não ficará bem detê-los ou impedir-lhes a viagem.

— Vá Vossa Mercê, senhor fidalgo — retrucou Dom Quixote —, entender-se com seu perdigão manso e com seu furão atrevido, e deixa cada qual fazer seu ofício. Este é o meu e bem sei se vêm a mim, ou não, estes senhores leões.

E, voltando-se para o leoneiro, ameaçou:

— Juro-te, Dom Velhaco, que, se não abrires logo as jaulas, hei de pregar-te no carro com esta lança.

O carreteiro, que viu a decisão daquele fantasma armado, disse-lhe:

— Senhor meu, sirva-se vosmecê, por caridade, de deixar-me desjungir as mulas e pôr-me a salvo com elas, antes que se soltem os leões, pois, se mas matarem, estarei arruinado para toda a vida, que outra fazenda não tenho senão este carro e estas mulas.

— Ó homem de pouca fé! — retorquiu Dom Quixote. — Apeia-te, desjunge e faze o que quiseres; em breve verás que trabalhaste em vão e poderias ter-te poupado esse esforço.

Apeou-se o carreteiro, soltou as mulas com grande pressa e o leoneiro disse, em alta voz:

— Sejam testemunhas quantos aqui estão de que é contra a minha vontade e forçado que abro as jaulas e solto os leões. Por isso, protesto a este senhor que todo o mal e dano que essas feras fizeram correrá e irá por sua conta, inclusive meus salários e direitos. Vosmecês, senhores, ponham-se a salvo antes que eu abra, pois seguro estou de que a mim os leões não farão dano.

De novo tentou convencê-lo o fidalgo a não praticar semelhante loucura, pois cometer tal disparate era tentar a Deus. Respondeu-lhe Dom Quixote que sabia o que fazia. Retrucou o fidalgo que olhasse bem, pois julgava que estava enganado.

— Agora, senhor — tornou Dom Quixote —, se Vossa Mercê não quer ser assistente desta que, a seu parecer, será tragédia, esporeie a tordilha e ponha-se a salvo.

Ouvindo isto, Sancho, com lágrimas nos olhos, suplicou-lhe que desistisse de tal empresa, em comparação com a qual ninharias e delícias haviam sido a dos moinhos de vento, a temerosa das azenhas e, em suma, todas as façanhas antes cometidas em todo o decorrer de sua vida.

— Olhe, senhor — dizia Sancho —, que aqui não há encantamento, ou coisa que o valha. Vi, por entre as frestas da jaula, uma unha de leão verdadeiro, e por ela conjeturo que o leão a que deve pertencer tal unha é maior do que um monte.

— O medo, pelo menos — respondeu Dom Quixote —, fará com que te pareça maior do que a metade do mundo. Retira-te, Sancho, e deixa-me. Se aqui eu morrer, já sabes nosso antigo entendimento; irás ter com Dulcineia, e mais te não digo.

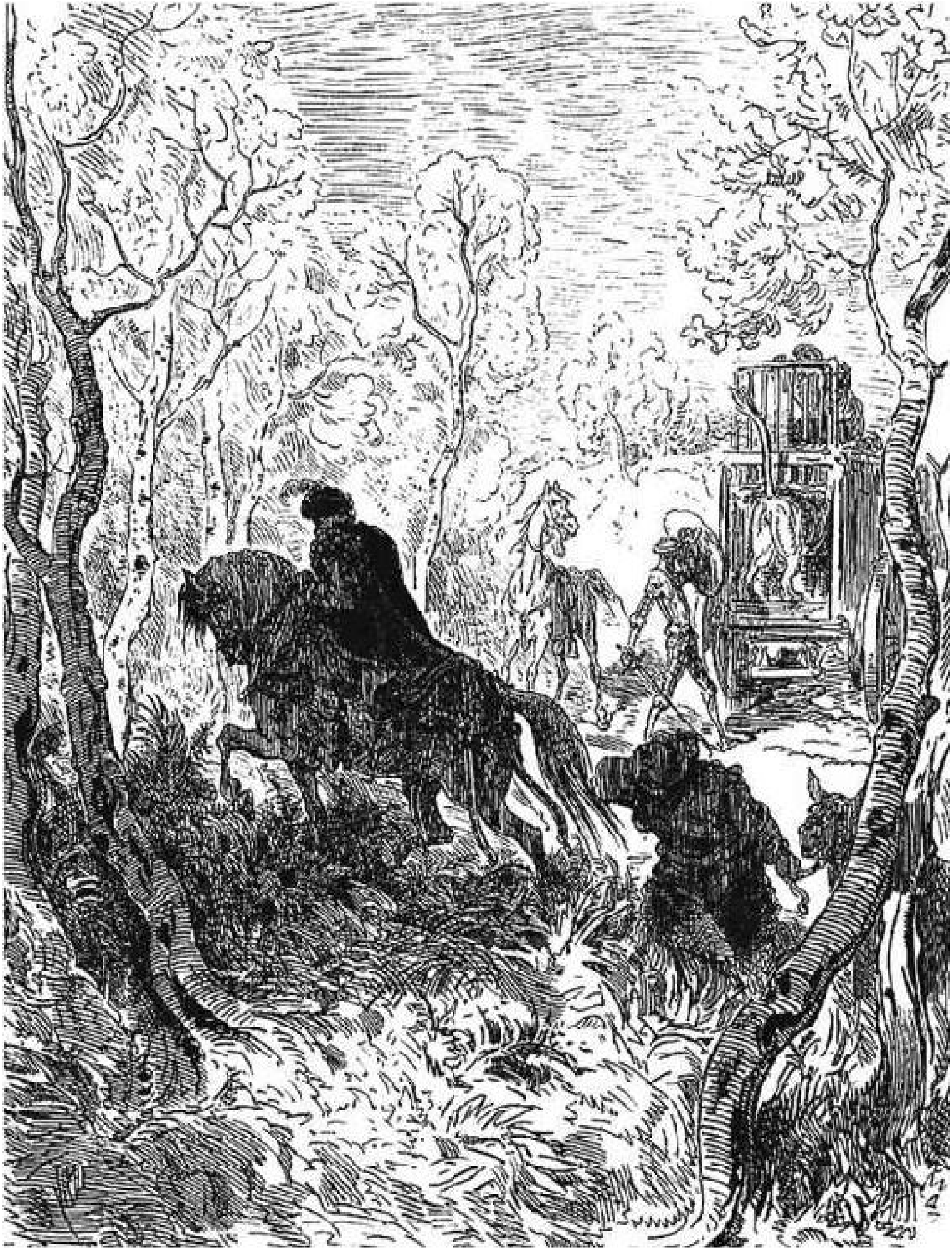
A estas aduziu outras razões, com que tirou as esperanças de que desistisse de seu desvairado intento. Quisera o do Verde Gabão impedi-lo à força; mas viu-se desigual em armas e não lhe pareceu sensato medir-se com um louco, que como tal já considerava inteiramente Dom Quixote. Este, voltando a urgir o leoneiro e a reiterar as ameaças, deu azo a que o fidalgo esporeasse a égua, Sancho o ruço e o carreteiro as mulas, procurando todos afastar-se do carro o mais que pudessem, antes que os leões desembestassem. Chorava Sancho a morte de seu amo, pois daquela vez sem dúvida a cria chegada, nas garras dos leões; maldizia seu destino e deplorava a hora em que lhe viera o pensamento de tornar a segui-lo. Nem por chorar e lamentar-se, contudo, deixava de aguilhoar o ruço para que se afastasse do carro.

Vendo, pois, o leoneiro que já os que iam fugindo estavam bem desviados, tornou a requerer e a intimar a Dom Quixote o que já lhe requerera e intimara. Respondeu ele que o ouvia, que não cuidasse de mais intimações e requerimentos, pois seria tudo de pouco fruto, e tivesse pressa.

Durante o tempo que o leoneiro tardou a abrir a primeira jaula, esteve Dom Quixote considerando se ficaria bem travar a batalha antes a pé que a cavalo, e por fim decidiu travá-la a pé, temendo que Rocinante se espantasse à vista dos leões. Por isto, saltou do cavalo, arrojou fora a lança e, embraçando o escudo, desembainhando a espada, passo a passo, com maravilhoso denodo e coração valente, foi-se pôr diante do carro, encomendando-se a Deus de todo o coração e, em seguida, à sua senhora Dulcineia. Deve-se saber que, chegando a este ponto, o autor desta verdadeira história exclama: "Ó forte e além de todo encarecimento valente Dom Quixote de la Mancha, espelho em que se podem mirar todos os corajosos do mundo, segundo e novo Dom Manuel de Leão,[1] que foi honra e glória dos cavaleiros espanhóis! Com que palavras contarei esta façanha tão espantosa, ou com que razões farei que a creiam os séculos vindouros, ou que louvores haverá que te não convenham e quadrem, ainda que sejam hipérboles sobre todas as hipérboles? Tu a pé, tu só, tu intrépido, tu magnânimo, somente com uma espada, e não das de acerado corte do cãozinho,[2] com um escudo, não de mui luzente e limpo aço, aguardas e esperas os dois mais feros leões que criaram as selvas africanas! Teus próprios feitos sejam os que te louvem, valoroso manchego, que aqui exatamente os relato, por me faltarem palavras com que os encareça!"

Aqui cessou a exclamação do autor, que passou adiante, retomando o fio da história e dizendo que, havendo o leoneiro visto já Quixote em posição de luta, considerou que não podia deixar de soltar o leão macho, sob pena de cair nas más graças do indignado e atrevido cavaleiro. Assim, abriu de par em par a primeira jaula, onde estava, como se disse, o leão, que pareceu de grandeza extraordinária e espantosa e feia catadura. A primeira coisa que fez foi revolver-se na jaula, onde estava deitado, estender as garras e espreguiçar-se todo. Abriu em seguida a boca e bocejou bem devagar; com quase dois palmos de língua que pôs para fora, limpou os olhos e lavou o rosto. Feito isto, colocou a cabeça fora da jaula e olhou para todos os lados, com os olhos feitos brasas, gesto e espetáculo de causar espanto à própria temeridade. Só Dom Quixote o fitava atentamente, desejando que saltasse já do carro para medir-se com ele, pois pensava despedaçá-lo com as mãos.

Até aqui chegou o extremo de sua jamais vista loucura. O generoso leão, porém, mais comedido do que arrogante, sem fazer caso de ninharias ou bravatas, depois de haver olhado para vários lados, segundo se disse, virou as costas e, com o traseiro voltado para Dom Quixote, tornou a deitar-se na jaula, calma e mansamente. Vendo-o, Dom Quixote mandou que o leoneiro lhe desse pauladas e o irritasse, para que saísse da jaula.



— Isso não farei eu — respondeu o leoneiro —, porque se o instigo, o primeiro a quem fará em pedaços serei eu mesmo. Vossa Mercê, senhor cavaleiro, contente-se com o que já fez, que é o máximo que se pode dizer em matéria de valentia, e não queira tentar segunda fortuna. O leão está com a porta aberta; de sua vontade depende sair ou não sair. Visto como não saiu até agora, não sairá durante todo o dia. A grandeza do coração de Vossa Mercê já está bem evidenciada. Nenhum bravo batalhador, segundo compreendo, está obrigado a mais do que desafiar seu inimigo e esperá-lo em campo aberto; e se o adversário não comparece, com ele fica a infâmia e quem o esperou ganha a coroa da vitória.

— Esta é a verdade — respondeu Dom Quixote. — Amigo, fecha a porta e dá-me o testemunho, da melhor forma que puderes, do que aqui me viste fazer, a saber: como abriste a jaula do leão, e o esperei, e não saiu, e tornei a esperá-lo e tornou a não sair, e voltou a deitar-se. Nada mais devo, e fora com os encantamentos! Ajude Deus à razão e à verdade e à verdadeira cavalaria, e fecha, como já disse, enquanto faço sinais aos fugitivos e ausentes, para que da tua boca saibam esta façanha.

Obedeceu-lhe o leoneiro e Dom Quixote, pondo na ponta da lança o lenço com que havia limpado o rosto da chuva dos requeijões, começou a chamar os que não deixavam de fugir nem de volver a cabeça a cada passo, todos em tropa e precedidos pelo fidalgo. Mas, conseguindo Sancho ver o sinal do lenço branco, disse:

— Matem-me se meu amo não venceu os ferozes animais, pois nos chama.

Detiveram-se todos e reconheceram que quem fazia os sinais era Dom Quixote. E, perdendo alguma parte do medo, pouco a pouco se vieram acercando, até ouvir claramente os brados de Dom Quixote, que os chamava. Por fim, voltaram ao carro e, ao chegarem, disse Dom Quixote ao carreteiro:

— Volta, irmão, a jungir tuas mulas e a prosseguir tua viagem; e tu, Sancho, dá-lhe dois escudos de ouro, para ele e para o leoneiro, em recompensa de se haverem detido por minha causa.

— Dá-los-ei de mui boa vontade — concordou Sancho. — Mas que houve com os leões? Estão mortos ou vivos?

O leoneiro, então, minuciosa e pausadamente, contou o fim da contenda, exagerando, como melhor soube e pôde, o valor de Dom Quixote, só por ver a quem o leão se acovardara, não querendo nem ousando sair da jaula, embora a porta durante bastante tempo tivesse ficado aberta. E, como dissera ao cavaleiro que seria tentar a Deus o irritar o leão para que saísse à força, como queria que se irritasse, o cavaleiro, com desagrado e contra toda a sua vontade, havia permitido que se fechasse a porta.

— Que te parece isto, Sancho? — disse Dom Quixote. — Há encantos que predominem sobre a verdadeira valentia? Bem poderão os encantadores tirar-me a ventura; mas o esforço e o ânimo, será impossível.

Deu Sancho os escudos, voltou a atrelar as mulas o carreteiro, beijou o leoneiro as mãos a Dom Quixote pela mercê recebida e prometeu-lhe contar aquela valorosa façanha ao próprio Rei, quando à corte chegasse.

— Pois se acaso Sua Majestade perguntar quem a praticou, dir-lhe-eis que foi o *Cavaleiro dos Leões,* pois neste nome quero que daqui por diante se troque, volva, transforme e mude o que até agora tive, de *Cavaleiro da Triste Figura*. Nisto sigo a usança antiga dos cavaleiros andantes, que mudavam seus nomes quando queriam, ou quando vinha a calhar.

Seguiu seu caminho o carro, e Dom Quixote, Sancho e o do Verde Gabão prosseguiram no seu.

Em todo este tempo, não havia proferido palavra Dom Diogo de Miranda, todo atento em observar e fitar os atos e palavras de Dom Quixote, que lhe parecia ser um sensato louco, e um louco com tiradas de sensato. Não conhecia ainda a primeira parte de sua história, pois, se a tivesse lido, cessaria a admiração que lhe causavam suas palavras e ações, sabendo então qual o gênero de sua loucura. Mas, como não o sabia, ora o tinha por louco, ora por sensato, pois o que falava era concertado, elegante e ajuizado, ao passo que o que fazia era temerário, disparatado e maluco. E dizia a si mesmo: “Pode haver maior loucura do que encaixar uma celada cheia de requeijões e imaginar que encantadores lhe amoleciam o crânio? E há maior temeridade e disparate do que querer lutar à força com leões?” De tais imaginações e solilóquios tirou-o Dom Quixote, dizendo:

— Sem dúvida, senhor Dom Diogo de Miranda, tem-me Vossa Mercê, em sua opinião, por disparatado e louco. E não seria demais que assim fosse, pois minhas obras não podem dar testemunho de outra coisa. Apesar de tudo isso, quero que Vossa Mercê advirta que não sou tão louco nem de tão minguado juízo como lhe devo ter parecido. Fica bem a um galhardo cavaleiro, aos olhos de seu rei, no centro de grande praça, dar uma lançada, com feliz sucesso, num touro bravo; fica bem a um cavaleiro, armado de resplandecentes armas, entrar na liça de alegres torneios, diante das damas; e fica bem a todos aqueles cavaleiros entreterem-se e alegrarem-se com exercícios militares, ou que o pareçam, podendo-se mesmo dizer que assim honram as cortes de seus príncipes. Mas, acima de todos estes, fica melhor a um cavaleiro andante sair buscando perigosas aventuras pelos desertos, pelos ermos, pelas encruzilhadas, pelas selvas e pelos montes, com a intenção de dar-lhes ditoso e afortunado fim, só por alcançar fama gloriosa e duradoura. Melhor fica, digo, a um cavaleiro andante socorrer alguma viúva nalgum despovoado, do que a um cavaleiro cortesão requestar uma donzela nas cidades. Todos os cavaleiros têm seus particulares exercícios; sirva às damas o cortesão; enriqueça a corte de seu rei com librés; sustente os cavaleiros pobres com o esplêndido prato de sua mesa; concerte justas, mantenha torneios e mostre-se grande, liberal, magnífico, e bom cristão, sobretudo, que deste modo cumprirá com suas estritas obrigações. Mas o cavaleiro andante busque os rincões do mundo, penetre nos mais intrincados labirintos, acometa a cada passo o impossível, resista nos páramos desertos aos ardentes raios do sol em pleno verão, e no inverno à dura inclemência dos ventos e dos gelos. Não o assombrem leões, nem o atemorizem demônios, nem o espantem avantesmas, que procurar estes, acometer aqueles e vencer a todos são seus principais e verdadeiros exercícios. Eu, pois, como por sorte me coube ser do número dos da cavalaria andante, não posso deixar de acometer tudo aquilo que me parecer cair sob a jurisdição de meus exercícios; assim, o acometer os leões, que agora acometi, diretamente me cabia, embora conhecesse que era temeridade exorbitante. Pois bem sei o que é a valentia, virtude que se coloca entre dois extremos viciosos, como são a covardia e a temeridade. Menos mal, porém, será que o valente chegue e suba ao ponto de temerário do que desça e chegue ao ponto de covarde. Assim como é mais fácil vir o pródigo a ser liberal do que o avaro, também mais fácil é dar com o temerário em verdadeiro valente do que subir o covarde à verdadeira valentia. Nisto de acometer aventuras, creia-me Vossa Mercê, senhor Dom Diogo, antes se há de perder por carta de mais que por de menos,[3] pois melhor soa aos ouvidos de quem o escuta “tal cavaleiro é temerário e atrevido” do que “tal cavaleiro é tímido e covarde”.

— Digo, senhor Dom Quixote — respondeu Dom Diogo —, que tudo quanto Vossa Mercê disse e fez se nivela com o fiel da própria razão, e entendo que, se se perdessem as leis e ordenações da cavalaria andante, no peito de Vossa Mercê se encontrariam, como em seu próprio depósito e arquivo. Mas apressemo-nos, pois se faz tarde, a fim de chegarmos à minha aldeia e minha casa, onde Vossa Mercê descansará do passado trabalho, que, se não foi do corpo, foi do espírito, o que muita vez em cansaço do corpo sói redundar.

— Tenho esse oferecimento por grande favor e mercê, senhor Dom Diogo — tornou Dom Quixote.

E, picando mais as esporas do que até então, chegaram pelas duas da tarde à aldeia e à casa de Dom Diogo, a quem Dom Quixote chamava o *Cavaleiro do Verde Gabão*.

# CAPÍTULO XVIII

## *Do que sucedeu a Dom Quixote no castelo ou casa do Cavaleiro do Verde Gabão, com outras coisas extraordinárias*

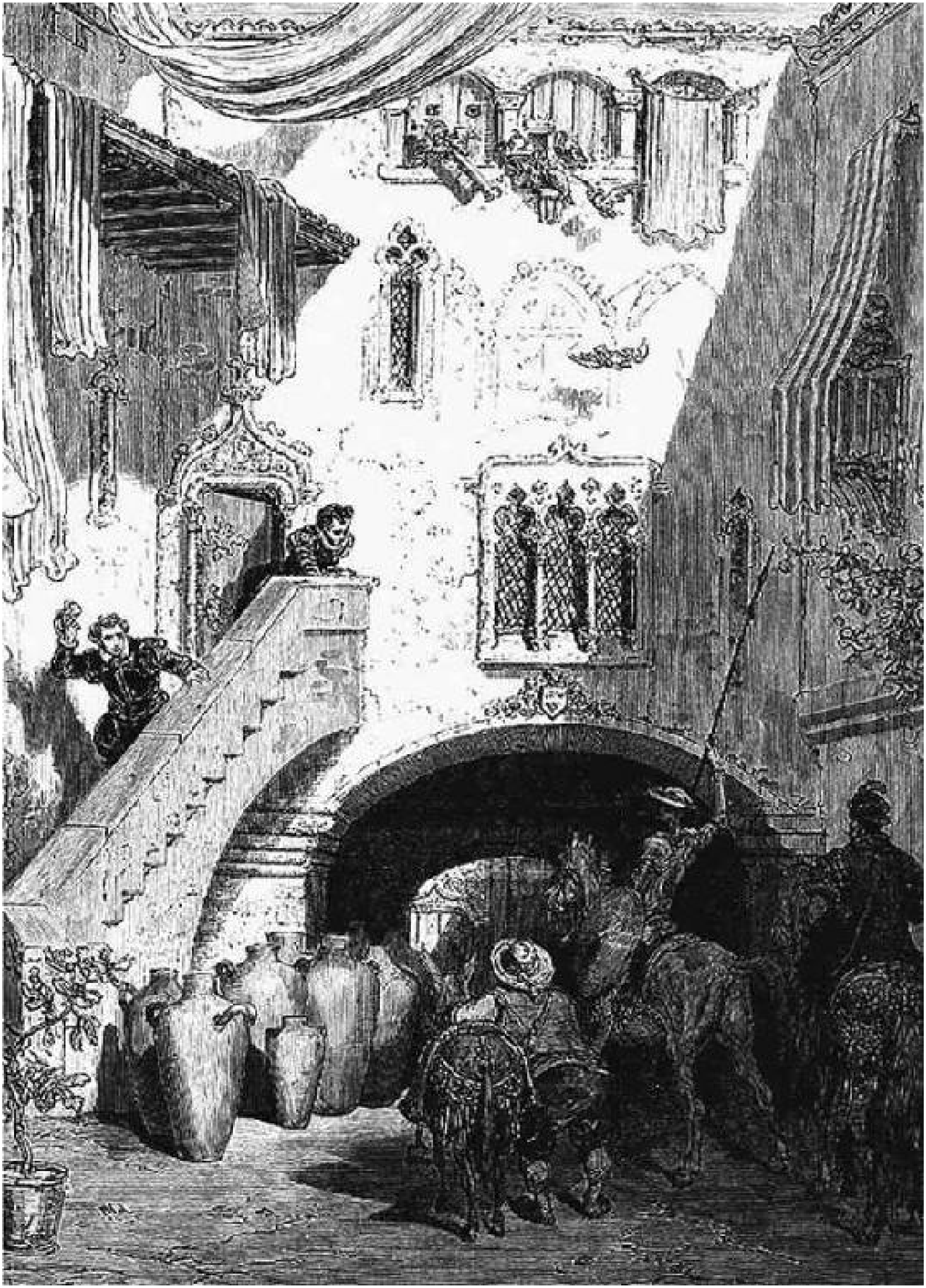
Achou Dom Quixote que a casa de Dom Diogo de Miranda era ampla como as de aldeia. As armas, ainda que de pedra tosca, estavam por cima da porta da rua; a adega era no pátio; o porão, à entrada principal; muitas talhas havia em volta, que, por serem de Toboso,[1] lhe renovaram as lembranças de sua encantada e transformada Dulcineia. Suspirando, Dom Quixote, sem olhar ao que dizia nem diante de quem estava, exclamou:

*Ó doces prendas, por mim mal achadas, doces e alegres, quando Deus queria!*[2]

Ó talhas tobosinas, que à memória me trouxestes a doce prenda de minha maior amargura!

Ouviu-o dizer isso o estudante poeta, filho de Dom Diogo, que com sua mãe havia saído para recebê-lo. Mãe e filho ficaram espantados ao ver a estranha figura de Dom Quixote, o qual, apeando-se do Rocinante, foi com muita cortesia pedir-lhe as mãos para beijá-las. Disse Dom Diogo:

— Recebei, senhora, com vosso costumeiro agrado, o senhor Dom Quixote de la Mancha, que é quem tendes à vossa frente, cavaleiro andante, o mais valente e o mais discreto que há no mundo.



A senhora, que se chamava Dona Cristina, recebeu-o com mostras de muito afeto e muita cortesia, e Dom Quixote lhe ofereceu seus préstimos com arrazoado assaz discreto e comedido. Quase os mesmos comedimentos passou com o estudante, que, ouvindo as palavras de Dom Quixote, teve-o por discreto e agudo.

Aqui descreve o autor todas as circunstâncias da casa de Dom Diogo, pintando-nos nelas o que contém uma casa de cavaleiro lavrador e rico; mas ao tradutor desta história pareceu melhor calar estas e outras minúcias semelhantes, por bem não calharem com o propósito principal da referida história, que mais força tira da verdade que das frias digressões.

Levaram Dom Quixote a uma sala e Sancho o desarmou, ficando ele de calças belgas e gibão de camurça, todo besuntado pelo sujo das armas; a gola era à balona, ou à estudantil, sem amido nem rendas; os borzeguins eram cor de tâmara e os sapatos engraxados. Cingiu sua boa espada, que pendia de um talim de pele de lobo-marinho, pois opina-se que por muitos anos sofreu dos rins,[3] cobriu-se com ferragoulo de bom pano pardo; antes de tudo, porém, com cinco ou seis caldeiros de água (sobre a quantidade dos caldeiros há certas divergências) lavou a cabeça e o rosto, ficando ainda a água cor de soro, graças à gulodice de Sancho e à compra de seus negros requeijões, que tão branco lhe puseram o amo. Com os referidos atavios e com gentil donaire e galhardia saiu Dom Quixote para a outra sala, onde o estudante o esperava para entretê-lo, enquanto se punha a mesa, pois, pela vinda de tão nobre hóspede, queria a senhora Dona Cristina mostrar que podia e sabia regalar aos que à sua casa chegavam.

Enquanto Dom Quixote se estava desarmando, teve Dom Lourenço, que assim se chamava o filho de Dom Diogo, ocasião de dizer ao pai:

— Que juízo faremos, senhor, deste cavaleiro que nos trouxe Vossa Mercê? O nome, a figura e o dizer que é cavaleiro andante nos têm atônitos, a minha mãe e a mim.

— Não sei que te diga, filho — respondeu Dom Diogo. — Só te poderei dizer que o vi praticar coisas dignas do maior louco do mundo, e dizer razões tão discretas que apagam e desfazem seus atos. Fala-lhe tu e toma o pulso ao que sabe; e, como és discreto, julga de sua discrição ou de sua loucura como mais razoável parecer. Embora, para dizer verdade, antes o tenho por louco que por sensato.

Com isto, foi Dom Lourenço entreter Dom Quixote, como ficou dito, e, entre outras práticas que os dois tiveram, disse Dom Quixote a Dom Lourenço:

— O senhor Dom Diogo de Miranda, pai de Vossa Mercê, deu-me notícia da rara habilidade e sutil engenho que tem Vossa Mercê e, sobretudo, de que é um grande poeta.

— Poeta poderei ser — replicou Dom Lourenço. — Mas grande, nem por pensamento. Verdade é que sou algum tanto afeiçoado à poesia e a ler os bons autores; não, porém, de modo que me possa ser dado o nome de grande, como fez meu pai.

— Não me parece mal essa humildade — respondeu Dom Quixote —, pois não há poeta que não seja arrogante e não pense de si mesmo que é o maior do mundo.

— Não há regra sem exceção — observou Dom Lourenço. — Algum haverá que o seja e não o pense.

— Poucos — respondeu Dom Quixote. — Mas diga-me Vossa Mercê: que versos são os que tem agora em mente e o trazem algo inquieto e pensativo, como me disse o senhor seu pai? Se é alguma glosa, algo entendo das questões de glosas e folgaria em conhecê-la. Se são de torneio literário, procure Vossa Mercê ganhar o segundo prêmio; o primeiro sempre é dado ao favor ou à grande posição da pessoa; o segundo é dado por mera justiça. Assim, o terceiro vem a ser o segundo e o primeiro, por esta conta, será o terceiro, ao modo das cartas de licença, que se dão nas universidades; pois, de todo modo, o nome de *primeiro* é para o grande personagem.

“Até agora”, disse consigo Dom Lourenço, “não vos poderei julgar louco. Vamos adiante.”

E disse-lhe:

— Parece-me que Vossa Mercê cursou as escolas. Que ciências estudou?

— A da Cavalaria Andante — respondeu Dom Quixote —, que é tão boa como a da Poesia, se não dois dedinhos mais.

— Não sei que ciência seja essa — replicou Dom Lourenço —, e até agora não chegou a meu conhecimento.

— É uma ciência — explicou Dom Quixote — que encerra em si todas ou quase todas as ciências do mundo, visto como quem a professa deve ser jurisperito e saber as leis da justiça comutativa e distributiva, para dar a cada um o que é seu e o que lhe convém; deve ser teólogo, para saber dar razão da fé cristã que professa, clara e distintamente, onde quer que lhe seja requerido; deve ser médico, e principalmente ervanário, para conhecer, no meio dos despovoados e desertos, as ervas que têm poder de sarar feridas, pois não há de o cavaleiro andante sair a cada passo a buscar quem as cure; deve ser astrólogo, para conhecer, pelas estrelas, quantas horas da noite se passaram e em que parte e clima do mundo se acha; deve saber as matemáticas, porque a cada instante terá motivos para necessitar delas; e, deixando de lado dizer que deve estar adornado de todas as virtudes teologais e cardinais, para descer a outras minúcias, digo que deve saber nadar como dizem que nadava o peixe Nicolau,[4] deve saber ferrar um cavalo e consertar a sela e o freio; e, tornando ao acima dito, deve guardar a fé em Deus e em sua dama; deve ser casto nos pensamentos, honesto nas palavras, liberal nas obras, valente nos feitos, resignado nos trabalhos, caritativo com os necessitados, e, finalmente, mantenedor da verdade, ainda que o defendê-la lhe custe a vida. De todas essas grandes e mínimas partes se compõe um cavaleiro andante; e veja Vossa Mercê, senhor Dom Lourenço, se é ciência sem valor a que aprende o cavaleiro que a estuda e professa, e se se pode igualar às mais estiradas que nos ginásios e escolas se ensinam.

— Se assim é — tornou Dom Lourenço —, digo que essa ciência se avantaja a todas.

— Como, “se assim é”? — indagou Dom Quixote.

— O que quero dizer — esclareceu Dom Lourenço — é que duvido de que haja havido, ou que agora existam, cavaleiros andantes e adornados de tantas virtudes.

— Muitas vezes já disse o que agora volto a dizer — replicou Dom Quixote. — A maior parte da gente do mundo é de opinião de que não houve nele cavaleiros andantes. E por me parecer que, se o céu milagrosamente não lhes dá a entender que houve e há tais cavaleiros, qualquer trabalho que se tome será em vão, como muitas vezes mo demonstrou a experiência, não quero agora deter-me a tirar Vossa Mercê do erro em que com muitos labora. O que penso fazer é rogar ao céu que o tire dele e lhe mostre quão proveitosos e necessários para o mundo foram nos séculos passados os cavaleiros andantes, e quão úteis seriam no presente se se usassem; mas triunfam agora, por pecados dos povos, a preguiça, a ociosidade, a gula e a vida regalada.

“Escapou-se-nos nosso hóspede”, disse para si mesmo, neste ponto, Dom Lourenço. “Mas, apesar de tudo, é um louco bizarro, e eu seria mentecapto completo se não o tivesse como tal.”

Aqui deram fim à sua prática, pois eram chamados para o jantar. Perguntou Dom Diogo a seu filho que havia tirado a limpo sobre o engenho do hóspede. Respondeu ele:

— Não o tirarão do borrador de sua loucura quantos médicos e bons escreventes haja no mundo; é um louco rematado, cheio de intervalos lúcidos.

Foram comer e a comida mostrou-se tal como Dom Diogo havia dito em caminho que costumava dar a seus convidados: limpa, abundante e saborosa. O que, porém, mais contentou a Dom Quixote foi o maravilhoso silêncio reinante em toda a casa, que semelhava um mosteiro de cartuxos. Levantadas, pois, as toalhas e dadas graças a Deus e água às mãos, pediu Dom Quixote insistentemente a Dom Lourenço que dissesse os versos da justa literária, ao que ele respondeu:

— Para não parecer um daqueles poetas que, quando lhes rogam digam seus versos, se negam, e quando não os pedem os vomitam, direi minha glosa, para a qual prêmio algum espero, pois só a fiz a fim de exercitar o engenho.

— Um amigo discreto — observou Dom Quixote — era de parecer que se não havia de cansar ninguém em glosar versos; e a razão, dizia ele, era que jamais a glosa podia chegar ao texto, e muitas vezes, ou na maioria delas, ia a glosa fora da intenção e propósito exigidos pelo que era glosado. Dizia mais, que as leis da glosa eram demasiado estreitas: não suportavam interrogações, nem *disse*, nem *direi*, nem substantivar verbos, nem mudar o sentido, com outras cadeias e apertos com que vão atados os que glosam, como deve saber Vossa Mercê.

— Realmente, senhor Dom Quixote — disse Dom Lourenço. — Procuro colher Vossa Mercê num mau latim continuado e não posso, porque me desliza de entre as mãos como uma enguia.

— Não entendo — respondeu Dom Quixote — o que Vossa Mercê diz, nem o que quer dizer com isso de eu deslizar-me.

— Far-me-ei entender — tornou Dom Lourenço. — Por agora, fique Vossa Mercê atento aos versos glosados e à glosa, que dizem desta maneira:

*Se meu* foi *tornasse a* ser

*sem esperar mais* será,

*ou chegasse o tempo, já*

*do que após vai suceder...*

Glosa

*Por fim, como tudo passa,*

*passou o bem que me deu*

*a Sorte, que, agora escassa,*

*nunca mais mo devolveu,*

*a qualquer preço, ou de graça.*

*Não te cansas de me ver,*

*Sorte, a teus pés padecer?*

*Volve a tornar-me ditoso,*

*que eu seria venturoso*

se meu “foi” tornasse a ser.

*Não quero outro gosto ou glória,*

*outra palma ou louvamento,*

*mas só, por triunfo e vitória,*

*o antigo contentamento*

*que me pesa na memória.*

*Se tu me volveres lá,*

*Sorte, apagado estará*

*todo o rigor de meu fogo;*

*extinto, se o bem for logo,*

sem esperar mais “será”.

*Peço em vão, sem ser ouvido,*
*que retorne o tempo a ser*
*depois de uma vez ter sido;*
*não há na terra poder*
*que a tanto se haja estendido.*
*Corre o tempo, logo está*
*distante e não voltará.*
*E erraria quem pedisse*
*ou que o tempo já partisse,*
ou chegasse o tempo, já.
*Viver em perplexa vida,*
*ora esperando, ou temendo,*
*é morte mui conhecida.*
*Bem melhor será, morrendo*
*das dores achar saída.*
*E só não busco morrer,*
*como devera querer,*
*porque, com razão melhor,*
*a vida traz-me o temor*
do que após vai suceder.

Ao acabar Dom Lourenço de dizer sua glosa, pós-se de pé Dom Quixote, e, com voz elevada, que parecia um grito, agarrou com as mãos a destra do estudante e disse:

— Vivam os céus onde mais altos são, mancebo generoso, que sois o melhor poeta do orbe, e mereceis ser laureado, não por Chipre nem por Gaeta, como disse um poeta,[5] a quem Deus perdoe, mas pelas Academias de Atenas, se hoje existissem, e pelas que hoje existem de Paris, Bolonha e Salamanca! Praza aos céus que, aos juízes que vos tirarem o primeiro prêmio, Febo os asseteie e as Musas jamais lhes atravessem os umbrais das casas. Dizei-me, senhor, se fordes servido, alguns versos maiores; que quero tomar completamente o pulso de vosso admirável engenho.

Não é curioso dizer-se que Dom Lourenço folgou por ver-se louvado de Dom Quixote, embora o tivesse por louco? Ó força da adulação, até onde te estendes e quão dilatados são os limites de tua jurisdição agradável! Acreditou Dom Lourenço ser aquilo verdade, pois acedeu ao pedido e desejo de Dom Quixote, recitando-lhe este soneto sobre a fábula ou história de Píramo e Tisbe:[6]

Soneto

*O muro rompe a jovem mais formosa*
*que de Píramo abriu o bravo peito;*
*Amor parte de Chipre e vai direito*
*a ver a fenda estreita e prodigiosa.*
*Fala o silêncio ali, porque não ousa*
*a voz entrar em tão estreito estreito;*
*as almas, sim, que Amor tem por efeito*
*facilitar a mais difícil cousa.*
*Sai o desejo do limite, e o passo*
*da imprudente donzela solicita,*
*por seu prazer, a morte; olhai, que história!*
*Pois — caso estranho! — num eterno abraço*
*a ambos mata, sepulta e ressuscita*
*uma espada, um sepulcro, uma memória!*

— Bendito seja Deus! — exclamou Dom Quixote, ao acabar de ouvir o soneto de Dom Lourenço. — Entre os infindáveis poetas consumidos que há, vi eu um poeta consumado em Vossa Mercê, meu senhor, como me deixa ver o artifício deste soneto!

Quatro dias esteve Dom Quixote regaladíssimo na casa de Dom Diogo, ao fim dos quais lhe pediu licença para partir, dizendo-lhe que lhe agradecia a mercê e o bom tratamento que em sua casa havia recebido. Por não ficar bem, contudo, que os cavaleiros andantes se entregassem muitas horas ao ócio e ao regalo, queria ir cumprir o seu ofício, buscando as aventuras que, segundo tinha notícia, eram copiosas naquela terra, onde esperava entreter o tempo até que chegasse o dia do torneio de Saragoça, que era o seu rumo certo. Antes, deveria entrar na cova de Montesinos, de que se contavam tantas e tão admiráveis coisas naquelas vizinhanças, procurando ainda saber e inquirir do nascimento e verdadeiros mananciais das sete lagoas, chamadas comumente de Ruidera. Dom Diogo e seu filho louvaram-lhe a honrosa determinação e lhe disseram que tomasse de sua casa e fazenda tudo quanto lhe aprouvesse, pois o serviriam com toda a boa vontade possível, que a isso os obrigava o valor de sua pessoa e sua honrosa profissão.

Chegou, por fim, o dia da partida, tão alegre para Dom Quixote como triste e aziago para Sancho Pança, que se dava muito bem com a abundância da casa de Dom Diogo e renegava voltar à fome que se curte nas florestas e despovoados, e à mesquinhez de seus malprovidos alforjes. Encheu-os e cumulou-os, não obstante, do que mais necessário lhe pareceu. Ao despedir-se, falou Dom Quixote a Dom Lourenço:

— Não sei se já disse antes a Vossa Mercê (mas, se o disse, torno a dizê-lo), que, quando Vossa Mercê quiser poupar caminhos e trabalhos para chegar à inacessível cumeeira do templo da Fama, nada mais tem a fazer senão deixar de lado a senda da Poesia, algo estreita, e seguir a estreitíssima da Cavalaria Andante, que bastará para fazê-lo imperador em dá cá aquela palha.

Com estas razões acabou Dom Quixote de encerrar o processo de sua loucura, bem como com as que aduziu, dizendo:

— Sabe Deus quanto quisera levar comigo o senhor Dom Lourenço, para ensinar-lhe como se deve perdoar os humilhados e oprimir e abater os soberbos, virtudes inerentes à profissão que sigo; mas, já que o não pede sua curta idade, nem o quererão consentir seus louváveis exercícios, só me contento com lembrar a Vossa Mercê que, sendo poeta, poderá ser famoso se se guiar mais pelo parecer alheio do que pelo próprio; pois não há pai nem mãe a quem pareçam feios os filhos, e nos que são filhos do entendimento é mais corrente este engano.

De novo se admiraram pai e filho das mescladas razões de Dom Quixote, ora discretas, ora disparatadas, e da teima decidida que o levava a correr por inteiro à busca de desventuradas aventuras, tendo-as por fim e alvo de seus desejos. Reiteraram-se os oferecimentos e cortesias e, com a boa vênia da senhora do castelo, partiram Dom Quixote e Sancho, sobre Rocinante e o ruço.

# CAPÍTULO XIX

## *Onde se conta a aventura do pastor enamorado, com outros sucessos em verdade graciosos*

Pequena distância se havia afastado Dom Quixote da aldeia de Dom Diogo, quando encontrou duas pessoas vestidas como clérigos ou estudantes, e dois lavradores, que vinham montados em quatro asnos. Um dos estudantes trazia, como mala, uma trouxa de linho verde, meias de fio grosso; o outro apenas trazia duas espadas negras[1] de esgrima, novas e com botões nas pontas. Os lavradores traziam outras coisas, que davam indício e sinal de virem de alguma grande vila, onde as haviam comprado, para levá-las à sua aldeia.

Tanto estudantes como lavradores caíram na mesma admiração em que caíam todos os que pela primeira vez viam Dom Quixote e morriam por saber que homem era aquele tão fora do hábito dos outros homens. Saudou-os Dom Quixote e, depois de saber que caminho seguiam, e que era o mesmo seu, ofereceu-lhes companhia, pedindo-lhes moderassem a andadura, pois mais caminhavam as burricas deles que seu cavalo. E, para aprazer-lhes, em breves frases, lhes disse quem era, e seu ofício e profissão, que era de cavaleiro andante, a buscar aventuras por todas as partes do mundo. Disse-lhes chamar-se Dom Quixote de la Mancha, por nome próprio, e Cavaleiro dos Leões, por apelido. Tudo isto, para os lavradores, era como falar em grego ou em geringonça, mas não para os estudantes, que logo entenderam a fraqueza do cérebro de Dom Quixote. Apesar disso, olhavam-no com admiração e respeito, e um deles lhe disse:

— Se Vossa Mercê, senhor cavaleiro, não tem rumo prefixado, como o não costumam ter os que buscam as aventuras, venha conosco. Verá uma das melhores e mais ricas bodas que já se celebraram até hoje na Mancha, e em muitas outras léguas em redor.

Perguntou-lhes Dom Quixote se eram de algum príncipe, pois em tanto as avaliava.

— Não — respondeu o estudante —, mas de um lavrador e uma lavradora; ele, o mais rico de toda esta terra; ela, a mais formosa que olhos humanos já viram. O aparato com que se irão celebrar é extraordinário e novo, porque irão realizar-se num prado próximo à aldeia da noiva, a quem chamam por excelência Quitéria, a Formosa, chamando-se o desposado Camacho, o Rico. Ela tem dezoito anos, ele vinte e dois; ambos são do mesmo nível, embora alguns curiosos, que guardam de memória as linhagens de todos, queiram dizer que a da formosa Quitéria se avantaja à de Camacho. Já não se olha para isso, contudo, pois as riquezas são poderosas para soldar muitas fendas. Com efeito, o tal Camacho é liberal e teve a ideia de enramar e cobrir todo o prado por cima, de tal modo que o sol há de ter dificuldade, se quiser entrar para visitar as verdes ervas de que o chão se cobre. Organizou igualmente ensaiadas danças, tanto de espadas como de castanholas miúdas, que em sua aldeia há quem as repique e sacuda com perfeição. De sapateadores nada digo, que multidões são os que convocou. Nenhuma, porém, das coisas referidas, nem muitas outras que deixei de referir, farão mais memoráveis estas bodas, além das que imagino que fará nelas o despeitado Basílio. Esse Basílio é um zagal vizinho, do mesmo povoado que Quitéria, cuja casa ficava paredes-meias com a dos pais dela, e daí tirou o Amor ensejo de renovar no mundo os já olvidados amores de Píramo e Tisbe. Basílio, com efeito, enamorou-se de Quitéria, desde os primeiros e tenros anos, e ela foi correspondendo a seus desejos com mil honestos favores, tanto que se entretinha o povo a contar os amores das duas crianças, Basílio e Quitéria. Foi-lhes crescendo a idade, e o pai de Quitéria entendeu de impedir a Basílio a entrada habitual em sua casa. E, para deixar de andar receoso e cheio de suspeita, determinou casar sua filha com o rico Camacho, pois não lhe parecia bem casá-la com Basílio, que não tem tantos bens de fortuna como de natureza. Pois, para dizer a verdade sem inveja, ele é o mais ágil mancebo que conhecemos, grande atirador de barra, lutador extremado e notável jogador de pela. Corre como um gamo, salta mais do que uma cabra, acerta no jogo de paus como por encanto, canta como uma calhandra, toca uma guitarra como se a fizesse falar e, sobretudo, maneja a espada como os melhores.

— Por esta última prenda — disse neste ponto Dom Quixote — merecia tal mancebo não só casar-se com a formosa Quitéria, mas com a própria rainha Ginebra, se hoje vivesse, apesar de Lançarote e todos aqueles que o quisessem estorvar.

— Fale isso a minha mulher! — atalhou Sancho Pança, que até então seguia calado, só escutando. — Ela só quer que cada um se case com seu igual, atendo-se ao rifão que diz “cada ovelha com sua parelha”. O que eu quisera é que esse bom Basílio, a quem já me vou afeiçoando, se casasse com essa senhora Quitéria; bom futuro tenham e bom repouso encontrem (ia dizer o contrário) os que impedem que se casem os que bem se querem.

— Se todos os que se querem bem houvessem de casar-se — observou Dom Quixote —, tirar-se-ia aos pais a escolha e jurisdição de casar seus filhos com quem e quando devem. E se à vontade das filhas ficasse o escolher os maridos, uma haveria que escolhesse o criado de seu pai, e outra o que viu passar pela rua e lhe pareceu bizarro e elegante, ainda que fosse mesquinho espadachim, pois o amor e a afeição com facilidade cegam os olhos do entendimento, tão necessários para escolher estado. No do matrimônio, enorme é o perigo de errar e para acertar é mister grande tento e particular favor do céu. Quem quer fazer longa viagem, se é prudente, antes de pôr-se a caminho busca alguma companhia segura e aprazível, que o possa acompanhar. Por que, então, não fará o mesmo quem há de caminhar a vida inteira, até o paradeiro da morte, e ainda mais se a companhia o há de seguir na cama, na mesa, e por toda parte, qual é a da mulher com seu marido? A esposa não é mercadoria que, uma vez comprada, se devolve, se troca ou se cambia, pois o casamento é acidente irreparável, que dura enquanto a vida durar; é um laço que, uma vez posto ao pescoço, volve-se nó górdio, impossível de desatar, se o não corta a garra da morte. Muitas coisas mais poderia eu dizer sobre este assunto, se não o impedisse o desejo, que tenho, de saber se o senhor licenciado ainda tem algo a dizer acerca da história de Basílio.

Respondeu a isso o estudante bacharel, ou licenciado, como lhe chamou Dom Quixote:

— Nada mais me resta a dizer a respeito, senão que, desde quando Basílio soube que a formosa Quitéria iria casar-se com Camacho, o Rico, nunca mais o viram rir ou falar frases com nexo, e anda sempre pensativo e triste, falando consigo mesmo, com o que dá sinais certos e claros de que se lhe transtornou o juízo. Come pouco, dorme pouco; o que come são frutas, e, se dorme, é no campo, sobre a dura terra, como animal bruto. Fita de vez em quando o céu, e outras vezes crava os olhos no solo, com tal embevecimento, que mais parece estátua vestida, a que o ar move a roupa. Por fim, tais mostras dá de ter o coração apaixonado que tememos, quantos o conhecemos, venha a ser o "sim", amanhã, da formosa Quitéria, a sentença de sua morte.

— Deus fará o melhor — disse Sancho —, pois Deus, que dá a doença, dá o remédio. Ninguém sabe o que está por acontecer. Daqui até amanhã há muitas horas e, em uma hora, ou mesmo num instante, a casa cai. Já vi chover e fazer sol tudo ao mesmo tempo. Há quem se deite são à noite e não se possa mover no outro dia. Digam-me: porventura há quem se gabe de ter posto freio à roda da fortuna? Não, por certo. Entre o "sim" e o "não" da mulher não poria eu ponta de alfinete, porque não caberia. Deem-me a mim que Quitéria queria de bom coração e de boa vontade a Basílio e dar-lhe-ei eu um saco de boa ventura. O amor, segundo ouvi dizer, olha com lentes que fazem o cobre parecer ouro, a pobreza riqueza e as remelas, pérolas.

— Aonde vais parar, Sancho, maldito sejas! — exclamou Dom Quixote. — Quando começas a enfileirar brocardos e contos, ninguém te pode aguentar se não o próprio Judas, que te carregue. Dize-me, animal, que sabes tu de freios em rodas, ou de qualquer coisa?

— Oh! Se não me entendem — respondeu Sancho —, não admira que minhas sentenças sejam tidas como disparates. Mas não importa; entendo-me eu e sei que não disse muitas nescidades no que falei. Vosmecê, meu senhor, é que sempre é *friscal* de meus ditos e mesmo de meus atos.

— *Fiscal*, queres dizer, e não *friscal*, prevaricador da boa linguagem, a quem Deus confunda — replicou Dom Quixote.

— Não se irrite vosmecê comigo — tornou Sancho —, pois sabe que não me criei na corte nem estudei em Salamanca, para poder saber se acrescento ou tiro uma letra a meus *vocabos*. Sim, pois, valha-lhe Deus! Não há razão para obrigar o saiaguês a falar como o toledano,[2] e toledanos pode haver que não acertem no alvo, em questões do polido falar.

— Assim é — disse o licenciado — porque não podem falar tão bem os que se criam nos curtumes e nos mercados e os que passeiam quase o dia inteiro pelos claustros da Sé, e todos são toledanos. A linguagem pura, a apropriada, a elegante, está nos cortesãos discretos, ainda que hajam nascido nas cafuas. Disse *discretos*, porque muitos há que não o são, e a discrição é a gramática da boa linguagem, que se aprende com o uso. Eu, senhores, por meus pecados, estudei cânones em Salamanca, e gabo-me algum tanto de expressar meu pensamento em palavras claras, simples e significativas.

— Se não vos gabásseis mais de saber manejar as espadas negras do que a língua — observou o outro estudante —, tiraríeis o primeiro lugar em diplomas, em vez do último.

— Olhai, bacharel — disse o licenciado. — Estais na mais errada opinião do mundo acerca da destreza na espada, tendo-a por vã.

— Para mim não é opinião, mas verdade assentada — opinou o bacharel, de nome Corchuelo. — Se quereis vo-lo demonstre com a experiência, espadas trazeis, espaço há, pulso e forças tenho, que, acompanhados de meu ânimo, que não é pouco, far-vos-ão confessar estardes enganados. Apeai-vos e usai de vossa dança de pés, de vossos círculos e vossos ângulos e ciência, que espero fazer-vos ver estrelas ao meio-dia com minha destreza moderna e tosca, em que espero, depois de Deus, que está por nascer homem que me faça virar as costas, e que não há no mundo quem eu não atire ao chão.

— Nisso de virar ou não as costas não me meto — replicou o destro. — Embora pudesse suceder que, no lugar em que pela primeira vez firmásseis os pés, ali vos abrissem a sepultura; quero dizer, que ali ficásseis morto pela desprezada destreza.

— Agora o veremos — respondeu Corchuelo.

E, apeando-se com grande presteza de seu jumento, arrancou com fúria uma das espadas que o licenciado levava em sua montaria.

— Não deve ser assim — disse nesse instante Dom Quixote. — Quero ser o mestre desta esgrima e o juiz desta muitas vezes não averiguada questão.

E, apeando-se do Rocinante e empunhando sua lança, pôs-se na metade do caminho, enquanto já o licenciado, com gentil donaire de corpo e ritmo de pés, avançava contra Corchuelo, que a ele se atirou, arrojando, como se costuma dizer, fogo pelos olhos. Os outros dois lavradores do séquito, sem apear-se de suas burricas, serviram de espectadores da mortal tragédia. As cutiladas, estocadas, fisgas, reveses e golpes que Corchuelo lançava eram sem número, mais espessos que um fígado e mais amiudados que granizo. Investia como leão irritado, mas saía-lhe ao encontro, tapando-lhe a boca, o botão do florete do licenciado, que o detinha na metade de sua fúria e o fazia beijar a arma como se fosse relíquia, embora não com tanta devoção como a requerida pelos beijos nas relíquias. Em suma, o licenciado lhe cortou, em estocadas, todos os botões da meia sotaina que vestia, fazendo-lhe a parte inferior em tiras, como braços de polvo. Derribou-lhe duas vezes o chapéu e cansou-o de tal modo que, cheio de despeito, cólera e raiva, Corchuelo agarrou a espada pelos copos e arrojou-a pelo ar com tanta força que um dos lavradores assistentes, que era escrivão e a foi buscar, prestou depois testemunho de ter ido ela parar a quase três quartos de légua dali. Tal testemunho serve, e tem servido, para que se conheça e veja, com inteira verdade, como a força é vencida pela arte.

Sentou-se cansado Corchuelo e Sancho, chegando-se a ele, disse-lhe:

— Palavra, senhor bacharel, se vosmecê tomar meu conselho, daqui por diante não deve desafiar ninguém para esgrimir, mas para lutar ou atirar a barra, pois para isso tem idade e forças. Desses a que chamam destros tenho ouvido dizer que enfiam a ponta de uma espada pelo buraco de uma agulha.

— Contento-me — respondeu Corchuelo — com ter caído de minha burra e ter-me a experiência mostrado a verdade, de que tão longe me achava.

E, levantando-se, abraçou o licenciado, ficando ambos mais amigos que dantes. Como não quisessem esperar o escrivão, que havia ido buscar a espada, por lhes parecer que demoraria muito, determinaram prosseguir viagem, para chegar ainda cedo à aldeia de Quitéria, de onde eram todos.

No restante do caminho, foi-lhes contando o licenciado as excelências da espada com tantas razões probativas e tantas figuras e demonstrações matemáticas que todos ficaram inteirados da bondade dessa ciência e Corchuelo desistiu de sua pertinácia.

Anoitecera. Antes, porém, que chegassem, a todos pareceu que diante da aldeia estava um céu cheio de inúmeras e resplandecentes estrelas. Ouviram também confusos e suaves sons de diversos instrumentos, como flautas, tamborins, saltérios, flautins pastoris, pratos e chocalhos. Aproximando-se, viram que as árvores de uma ramada, posta à mão à entrada da aldeia, estavam repletas de luminárias, que o vento não ofendia, pois então soprava tão manso que nem forças tinha para mover a folhagem do arvoredo. Os músicos eram os que iam alegrar as bodas e andavam em quadrilhas diversas por aquele aprazível sítio, bailando uns, cantando outros, e outros tocando os variados instrumentos referidos. Com efeito, parecia apenas que por todo aquele prado andava correndo a alegria e saltando o contentamento.

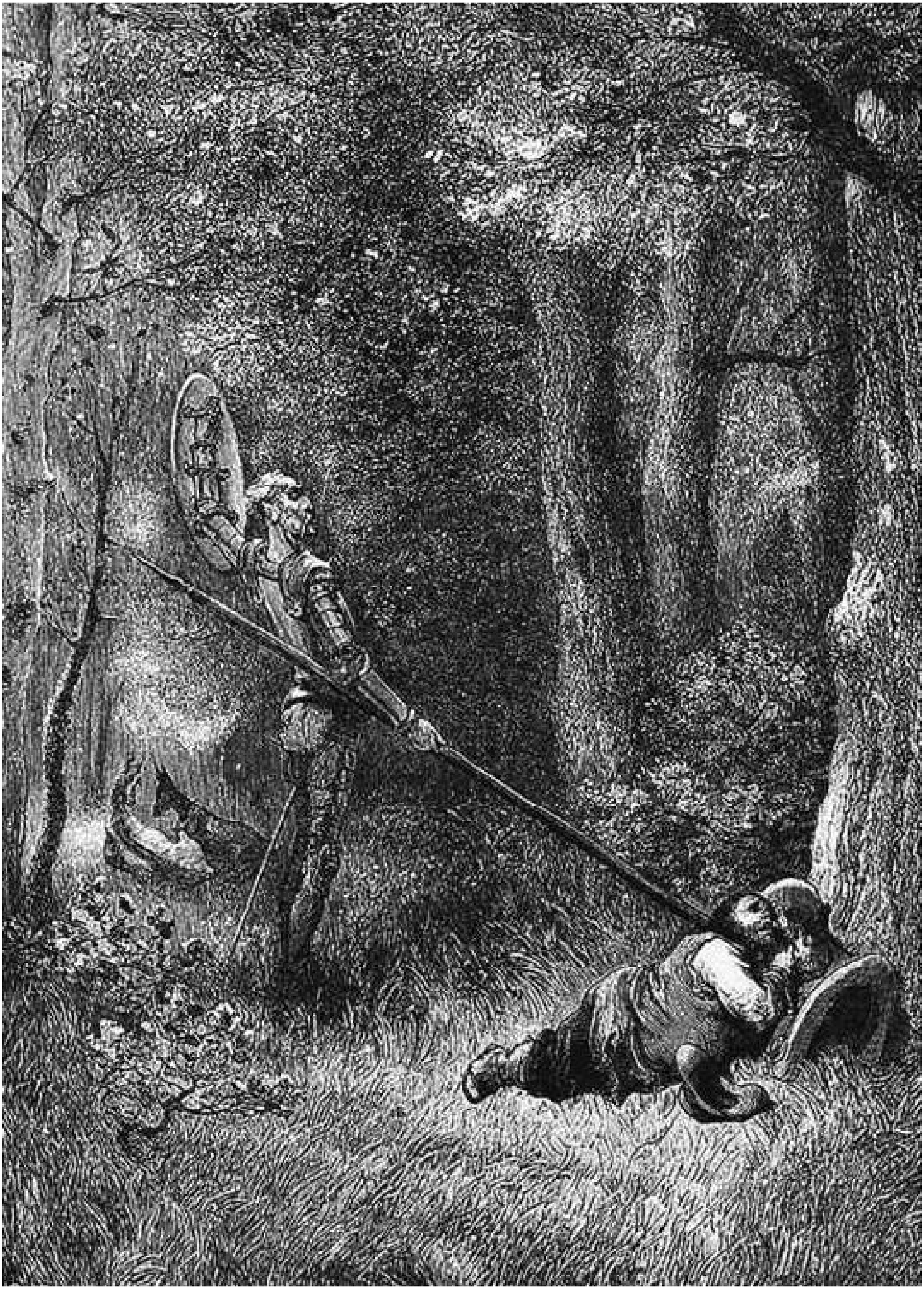
Muitos outros se ocupavam em erguer palanques, de onde, no dia seguinte, com maior comodidade, pudessem ver as representações e danças que se iriam realizar naquele lugar, destinadas a solenizar as bodas do rico Camacho e as exéquias de Basílio. Dom Quixote não quis entrar na aldeia, ainda que lho pedissem tanto o lavrador como o bacharel, porém deu como desculpa, suficientíssima a seu ver, o costume de dormirem os cavaleiros andantes nos campos e florestas, antes que nos povoados, ainda que sob dourados tetos. Assim, desviou-se um pouco do caminho, bastante contra a vontade de Sancho, que trazia na memória o bom alojamento gozado no castelo ou casa de Dom Diogo.

# CAPÍTULO XX

## *Onde se contam as bodas de Camacho, o rico, com o sucesso de Basílio, o pobre*

Mal havia a branca aurora dado ensejo a que o luzente Febo, com o ardor de seus quentes raios, lhe enxugasse as líquidas pérolas dos cabelos de ouro, Dom Quixote, sacudindo a preguiça dos membros, ergueu-se e chamou seu escudeiro, Sancho, que ainda roncava. Vendo-o, disse-lhe Dom Quixote, antes de o despertar:

— Ó tu, bem-aventurado mais que quantos vivem sobre a face da terra, pois, sem ter inveja nem ser invejado, dormes com sossegado espírito, e não te perseguem encantadores nem te sobressaltam encantamentos! Dormes, digo outra vez, e di-lo-ei outras cem vezes, sem que te tragam em contínua vigília zelos de tua dama, nem te aflijam pensamentos de pagar dívidas que devas, nem do que hás de fazer para comer no dia seguinte, tu e tua pequena e angustiada família. Nem a ambição te inquieta nem a pompa vã do mundo te fadiga, pois os limites de teus desejos não vão além de pensar em teu jumento, que o peso de tua pessoa sobre meus ombros o tens posto, contrapeso e carga que a natureza e o uso deixam aos amos. Dorme o criado e velando está o senhor, pensando em como o há de sustentar, melhorar e fazer-lhe mercês. A angústia de ver que o céu se faz de bronze sem acudir à terra com o conveniente orvalho não aflige o criado, mas o amo, que deve sustentar na esterilidade e na fome a quem o serviu na fertilidade e na abundância.



A tudo isto não deu Sancho resposta, porque dormia, e tão depressa não despertaria se Dom Quixote, com o conto da lança, não o fizesse voltar a si. Despertou, afinal, sonolento e preguiçoso e, voltando o rosto para todos os lados, disse:

— De parte desta ramada, se não me engano, saem emanações e farto cheiro mais de torresmos assados que de narcisos e tomilhos. Bodas que começam com tais odores, por meu anjo da guarda que devem ser abundantes e generosas.

— Acaba, glutão — intimou Dom Quixote. — Anda, vamos ver esses esponsais, para ver o que faz o desdenhado Basílio.

— Pois que faça o que quiser — respondeu Sancho. — Não fora pobre e casar-se-ia com Quitéria. Então, tudo é só ter meia pataca e querer casar-se nas nuvens? Por minha fé, senhor, sou de parecer que o pobre deve contentar-se com o que encontrar, e não pedir ao mar legumes. Apostarei um braço em como Camacho pode enrolar Basílio em moedas e, se assim é, tola seria Quitéria em desprezar as joias e galas que lhe deve ter dado e pode dar Camacho, para escolher o atirar a barra e o esgrimir floretes de Basílio. Por um bom lance de barra ou gentil pirueta de espada não dão na taverna um quartilho de vinho. Habilidades e prendas que não se podem vender, tenha-as o conde Dirlos;[1] mas quanto tais prendas caem em quem tem bom dinheiro, seja minha vida como bem elas parecem. Sobre bom cimento se pode levantar bom edifício e o melhor cimento e alicerce do mundo é o dinheiro.

— Por quem Deus é, Sancho — disse neste ponto Dom Quixote —, acaba com tua arenga. Tenho para mim que, se te deixassem prosseguir nas que a cada passo começas, não te ficaria tempo para comer nem para dormir, pois todo o gastarias em falar.

— Se vosmecê tivesse boa memória — replicou Sancho — deveria lembrar-se dos capítulos de nosso acordo antes que saíssemos de casa desta última vez. Um deles foi que me devia falar tudo quanto quisesse, desde que não fosse contra o próximo nem contra sua autoridade. Até agora, parece-me que não violei esse capítulo.

— Não me recordo, Sancho — retrucou Dom Quixote —, de tal capítulo. E ainda que assim seja, quero que te cales e venhas, pois já os instrumentos que na noite passada ouvimos voltam a alegrar os vales, e sem dúvida os esponsais se celebrarão com o frescor da manhã, e não com o calor da tarde.

Sancho fez o que o amo lhe ordenava e, pondo a sela em Rocinante e a albarda no ruço, montaram os dois e passo ante passo foram entrando pela ramada. A primeira coisa que se ofereceu à vista de Sancho foi, cravada no espeto de um tronco de olmeiro, uma novilha inteira; no fogo em que devia ser assada ardia um monte de lenha de médio tamanho e as seis panelas que se achavam ao redor da fogueira não se haviam feito no molde comum das demais panelas, porque eram seis tinas, comportando cada uma um mundo de carne. Assim, tragavam e encerravam em si carneiros inteiros, sem deixá-los à vista, como se fossem pombinhos. As lebres já sem pele e as galinhas depenadas que se viam penduradas nas árvores, à espera de se sepultarem nas panelas, eram sem conta; infinito o número de aves e peças de caça de diversos gêneros, também penduradas das árvores para que o ar as esfriasse. Contou Sancho mais de sessenta odres, cada um de capacidade superior a duas arrobas, e todos cheios, segundo depois se viu, de generosos vinhos. Havia rumas de pão branquíssimo, como costuma haver montes de trigo nas eiras. Os queijos, postos como ladrilhos empilhados, formavam muralha, e duas caldeiras de azeite, maiores que tinas de tinturaria, serviam para frigir massas, que com duas valentes pás eram tiradas fritas e mergulhadas em outra caldeira de mel preparado, nele ali perto se achava. Os cozinheiros e cozinheiras passavam de cinquenta, todos limpos, todos diligentes, todos alegres. No dilatado ventre da novilha estavam doze tenros leitõezinhos, que, cozidos por cima, serviam para dar-lhe sabor e amaciá-la. As especiarias, em grande diversidade, parecia não terem sido compradas a peso de libra, e sim de arroba, estando todas franqueadas numa grande arca. Em suma, o aparato das bodas era rústico, mas tão abundante que podia dar sustento a um exército.

Tudo fitava Sancho Pança e, quanto mais contemplava, mais se afeiçoava a tudo. Primeiro, cativaram-no e renderam-lhe o desejo as panelas, das quais tomaria, com a melhor gana, uma boa caçarola. Em seguida, conquistaram-lhe a vontade os odres e, por fim, as frutas de frigideira,[2] se frigideiras se podem chamar tão bojudas caldeiras. Assim, por não poder suportar mais nem estar em sua mão fazer outra coisa, chegou-se a um dos solícitos cozinheiros e, com corteses e famintas razões, rogou-lhe licença para molhar um bocado de pão numa daquelas panelas. A isso, o cozinheiro respondeu:

— Mano, este dia não é daqueles em que a fome tem jurisdição, graças ao rico Camacho. Apeai-vos e olhai se há por aí uma concha, escumai uma galinha ou duas e bom proveito vos façam.

— Não vejo nenhuma — replicou Sancho.

— Esperai — disse o cozinheiro. — Por meus pecados, que melindroso e acanhado deveis ser!

Dizendo isto, pegou de uma caçarola e, enfiando-a numa das tinas, tirou dela três galinhas e dois gansos e falou a Sancho:

— Comei, amigo, e quebrai o jejum nesta espuma, até que chegue a hora de jantar.

— Não tenho onde pôr isto — observou Sancho.

— Pois levai a caçarola e tudo — disse o cozinheiro. — A riqueza e o contentamento de Camacho a tudo suprem.

Enquanto isso se passava com Sancho, estava Dom Quixote a olhar por uma parte da ramada, por onde entraram doze lavradores montados em doze formosíssimas éguas, com ricos e vistosos jaezes de campo e muitos guizos nos peitoris, todos com trajes de regozijo e festa. Em harmonioso tropel, correram não uma, mas muitas carreiras pelo prado, com entusiástica algazarra e gritos, exclamando:

— Vivam Camacho e Quitéria, ele tão rico quanto ela é formosa, e ela a mais formosa do mundo!

Ouvindo isso, disse consigo Dom Quixote: “Bem parece que estes não viram minha Dulcineia del Toboso, pois, se a tivessem visto, limitariam seus louvores a esta Quitéria.”

Daí a pouco começaram a entrar, pelas diversas partes da ramada, muitos e diferentes grupos de dança, entre os quais vinha um de espadas, com vinte e quatro zagais de galhardo parecer e brio, vestidos todos de linho delgado e alvíssimo, com seus panos de cabeça lavrados de várias cores, de fina seda. Ao que os guiava, lépido mancebo, perguntou um dos montados nas éguas se se havia ferido algum dos dançarinos.

— Por enquanto, graças a Deus, ninguém se feriu; estamos todos sãos. E logo começou a enredar-se com os demais companheiros, com tantas reviravoltas e tal destreza, que a Dom Quixote pareceu, embora acostumado a ver tais danças, nunca haver visto alguma tão bem representada.

Agradou-lhe também outra, que a seguir entrou, de lindíssimas donzelas, tão jovens que, pelo visto, nenhuma era menor de catorze e maior de dezoito anos, vestidas todas de tecido verde, com os cabelos em parte entrançados e em parte soltos, mas tão louros todos que podiam desafiar os do sol. Coroavam-nos grinaldas entretecidas de jasmins, rosas, amaranto e madressilva. Eram guiadas por um venerável velho e uma anciã matrona, ambos mais desenvoltos e ágeis do que prometiam seus anos. As jovens, acompanhadas por uma gaita de Zamora, trazendo nos rostos e nos olhos a honestidade e nos pés a ligeireza, mostravam-se as melhores bailarinas do mundo.

Após esta, entrou outra dança de artifício, das que se chamam “dialogadas”. Era de oito ninfas, repartidas em duas fileiras. De uma era guia o deus Cupido e da outra, o Interesse; aquele, adornado de asas, arco, setas e aljava; este, vestido de ricas e diversas cores de ouro e seda. As ninfas que seguiam o Amor traziam nos ombros, em pergaminho branco e grandes letras, seus nomes escritos. *Poesia* era o título da primeira; o da segunda, *Discrição*; o da terceira, *Boa linhagem*; o da quarta, *Valentia*. Do mesmo modo vinham assinaladas as que seguiam o Interesse: dizia *Liberalidade* o título da primeira; *Dádiva*, o da segunda; *Tesouro*, o da terceira; e o da quarta, *Posse pacífica*. À frente de todas vinha um castelo de madeira, puxado por quatro selvagens, todos vestidos de hera e de linho tingido de verde,[3] tão ao natural que quase espantaram a Sancho. Na frontaria do castelo e em todas as quatro fachadas vinha escrito: *Castelo do Bom Recato*. Os acompanhadores eram quatro destros tangedores de tamboril e flauta. Cupido começava a dança e, tendo dado dois passos, desferia uma seta contra uma donzela que se achava entre as ameias do castelo, dizendo-lhe o seguinte:

*“Eu sou o deus poderoso*

*nos espaços e na terra,*
*e no largo mar undoso,*
*e em quanto o báratro encerra*
*em seu abismo espantoso.*
*Nunca soube o que é ter medo;*
*se algo quero, a nada cedo,*
*nem que pareça o impossível:*
*e em tudo o que for possível*
*mando, tiro, ponho e vedo.”*

Acabada a copla, disparou uma flecha por cima do castelo e retirou-se para seu posto. Saiu então o Interesse e deu outros dois passos. Calaram-se os tamboris e ele disse:

*“Sou quem pode mais que o Amor*
*e é o próprio Amor quem me guia.*
*Pertenço à estirpe melhor*
*que o céu nesta terra cria,*
*mais conhecida e maior.*
*Sou o Interesse, com quem*
*poucos soem produzir bem.*
*Sem mim, fazê-lo é milagre;*
*a ti, pois, que eu me consagre*
*deixa, para sempre, amém.”*

Retirou-se o Interesse e adiantou-se a Poesia. Esta, depois de haver dado seus dois passos, como os demais, de olhos postos na donzela do castelo, disse:

*“Nos conceitos mais discretos,*
*a dulcíssima Poesia,*
*altos, graves, puros, retos,*
*a alma, senhora, te envia,*
*envolvida em mil sonetos.*
*Se meu porfiar não te enfada,*

*deixa que a tão invejada*
*ditosa fortuna tua*
*seja por mim elevada*
*sobre o círculo da Lua.”*

Desviou-se a Poesia; do grupo do Interesse saiu a Liberalidade e, depois de dados seus dois passos, disse:

*“Chamam Liberalidade*
*ao dar que foge aos extremos*
*do que é prodigalidade*
*e a seus contrários, que vemos*
*só em tíbia e frouxa vontade.*
*Mas eu, por te engrandecer,*
*mais pródiga hoje hei de ser;*
*pois, se é vício, é vício honrado*
*e de peito enamorado*
*que no dar se deixa ver.”*

Deste modo, saíram e se retiraram todas as figuras das duas esquadras, e cada uma deu seus passos e disse seus versos, elegantes uns, ridículos outros. Dom Quixote apenas guardou na memória (que a tinha excelente) os já referidos. A seguir, misturaram-se todos, formando e desmanchando laços com gentil donaire e desenvoltura. Quando o Amor passava diante do castelo, disparava para o alto suas flechas; mas o Interesse quebrava nele alcanzias douradas.[4] Por fim, depois de haver bailado um bom pedaço, o Interesse tirou uma bolsa, feita de pele de grande gato romano,[5] que parecia estar cheia de dinheiro e, arrojando-a ao castelo, desconjuntaram-se com o golpe as tábuas e caíram, deixando a donzela a descoberto e sem qualquer defesa. Chegou o Interesse com as figuras de seu séquito e, deitando-lhe ao colo grande cadeia de ouro, mostraram prendê-la, rendê-la e cativá-la. Visto isso pelo Amor e seus seguidores, fizeram menção de tirá-la, e todas as demonstrações que faziam eram ao som dos tamboris, bailando e dançando ritmadamente. Acalmaram-nos os selvagens, que com muita presteza voltaram a armar e a encaixar as tábuas do castelo, e a donzela se encerrou nele como a princípio. E com isto acabou-se a dança, ficando satisfeitos todos os que a viram.

Perguntou Dom Quixote a uma das ninfas quem a havia composto e ordenado. Respondeu-lhe que um beneficiado daquela aldeia, de gentil capacidade para semelhantes invenções.

— Apostarei — disse Dom Quixote — que deve ser mais amigo de Camacho que de Basílio o tal bacharel ou beneficiado, e que deve entender mais de sátiras que de vésperas. Encaixou bem na dança as habilidades de Basílio e as riquezas de Camacho!

Sancho Pança, que tudo ouvia, observou:

— Meu rei é meu almoço; com Camacho fico.

— Afinal — disse Dom Quixote —, bem parece, Sancho, que és vilão e daqueles que dizem: "Viva quem vence!"

— Não sei de qual deles sou — respondeu Sancho. — Sei, porém, muito bem, que nunca tirarei das panelas de Basílio espuma tão elegante como esta que tirei das de Camacho.

Mostrou-lhe a caçarola cheia de gansos e galinhas e, tirando uma, começou a comer com muito donaire e gosto, dizendo:

— Ao diabo as habilidades de Basílio![6] Tanto vales quanto tens e tanto tens quanto vales. Só há duas linhagens no mundo, como dizia minha avó, e são a do ter e a do não ter, embora ela preferisse a do ter. Nos dias de hoje, senhor Dom Quixote, antes se toma o pulso ao haver que ao saber. Um asno coberto de ouro parece melhor que um cavalo com albarda. Assim, volto a dizer que fico com Camacho, em cujas panelas são abundantes as sopas, os gansos e as galinhas, as lebres e os coelhos; as de Basílio serão, se as tem, de água chilra.

— Acabaste tua arenga, Sancho? — disse Dom Quixote.

— Dou-a por terminada — respondeu Sancho —, pois vejo que a vosmecê não agrada; se não fosse por isso, pano tinha cortado para obra de três dias.

— Praza a Deus, Sancho — replicou Dom Quixote —, que eu te veja mudo antes de morrer.

— Pelo andar em que vamos — tornou Sancho —, antes que vosmecê morra estarei eu mascando barro[7] e então poderá ser que esteja tão mudo que não fale palavra até o fim do mundo, ou, pelo menos, até o dia do Juízo.

— Ainda que assim suceda, ó Sancho — observou Dom Quixote —, nunca chegará teu silêncio aonde chegou o que tens falado, falas e ainda tens de falar em tua vida. Além do mais, é lógico que chegue primeiro o dia da minha morte que o da tua; assim, jamais penso em ver-te mudo, nem mesmo quando estiveres bebendo ou dormindo, que é o mais que posso encarecer.

— Por minha boa-fé, senhor — respondeu Sancho —, não se deve fiar na descarnada, quero dizer, na morte, a qual tanto come cordeiro como carneiro. Ouvi nosso cura dizer que ela com igual pé pisava as altas torres dos reis e as humildes choças dos pobres.[8] Tem essa senhora mais poder que melindres; de nada se enoja, de tudo come e tudo engole; enche seus alforjes de toda espécie de gentes, idades e preeminências. Não é segador que durma a sesta, pois a todas as horas sega, cortando tanto a erva seca como a verde. E não parece que mastiga, mas que engole e traga quanto vê à sua frente, pois tem fome canina, que nunca se farta; e embora não tenha barriga, dá a entender que está hidrópica e sedenta de beber, sozinha, as vidas de todos os viventes, como quem bebe um jarro de água fria.

— Chega, Sancho — atalhou neste ponto Dom Quixote. — Fica-te no bom ponto e não te deixes cair. Em verdade, o que disseste da morte, com teus rústicos termos, é o que poderia dizer um bom pregador. Digo-te, Sancho, que, se tivesses tanta discrição como tens boa natureza, poderias tomar um púlpito na mão e ir por esse mundo pregando lindas coisas.

— Bem prega quem bem vive — sentenciou Sancho —, e eu não sei outras *tologias*.

— Nem de outras há mister — disse Dom Quixote. — Não consigo, contudo, entender nem alcançar como, sendo o princípio da sabedoria o temor de Deus,[9] tu, que temes mais a um lagarto que a Ele, saibas tanto.

— Julgue vosmecê, senhor, de suas cavalarias — retrucou Sancho — e não se meta a julgar os temores e valentias alheios. Tão gentilmente temeroso sou eu de Deus como qualquer filho de cristão. Deixe-me vosmecê despachar esta sopa, que o demais não passa de palavras ociosas, de que na outra vida nos hão de pedir contas.[10]

Dizendo isso, passou de novo a assaltar sua caçarola, com tanta gana que despertou a de Dom Quixote. Tê-lo-ia este sem dúvida ajudado, se não o impedisse o que é forçoso narrar a seguir.

# CAPÍTULO XXI

## *Em que prosseguem as bodas de Camacho, com outros saborosos sucessos*

Quando estavam Dom Quixote e Sancho no diálogo referido no capítulo anterior, ouviram-se altas vozes e grande ruído, dados e causados pelos das éguas, que a toda carreira e em gritaria iam receber os noivos. Rodeados de mil gêneros de instrumentos e invenções, vinham estes acompanhados pelo cura, a parentela de ambos e toda a gente mais luzida dos lugares circunvizinhos, todos com trajes de festa. Sancho, ao ver a noiva, disse:

— Por minha fé, que não vem vestida de lavradora, mas de garrida palaciana. Por Deus que, segundo diviso, os colares[1] que devia trazer são de ricos corais, e o tecido verde de Cuenca é veludo de trinta fios! Palavra que a guarnição é de tiras de pano branco! Juro que é cetim! E as mãos, adornadas com anéis de azeviche! Não tenha eu sorte se não são anéis de ouro, e muito bom ouro, engastados de pérolas, brancas da cor de coalhada, cada uma das quais devendo valer os olhos da cara! Oh! *hideputa*, e que cabelos! Não são postiços, e nunca vi mais longos nem mais louros em toda a minha vida! Não, não se lhe pode censurar o brio, nem o talhe, nem deixar de compará-la a uma palma que se move carregada de cachos de tâmaras, que a estas se assemelham os berloques que traz pendentes dos cabelos e do pescoço! Juro por minha alma que é uma moça chapada e pode passar pelos bancos de Flandres![2]

Riu-se Dom Quixote dos rústicos louvores de Sancho Pança e pareceu-lhe que, à exceção de sua senhora Dulcineia del Toboso, jamais havia visto mulher mais formosa. Vinha a linda Quitéria algo descorada, o que se podia atribuir à noite de insônia que sempre passam as noivas, ao se comporem para o dia vindouro de suas bodas. Iam se aproximando de um palco a um lado do prado, adornado de alfombras e ramos, onde se iriam realizar os esponsais, e de onde contemplariam as danças e invenções. No momento em que chegavam a esse local, ouviram a suas costas altas vozes, uma das quais dizia:

— Esperai um pouco, gente tão inconsiderada como pressurosa.

A essas vozes e palavras, volveram todos as cabeças e viram que as proferia um homem, ao que parece trajado de um saiote negro, matizado de chamejante carmesim. Vinha coroado (como logo se viu) com uma coroa de fúnebre cipreste. Nas mãos trazia grande bastão. Ao aproximar-se, foi por todos conhecido como o galhardo Basílio, e ficaram todos suspensos, à espera do caminho que tomariam suas vozes e palavras, receando que sua vinda em ocasião semelhante acabasse em mau resultado.

Chegou ele por fim, cansado e sem alento e, colocando-se ante os nubentes, fincou no solo o bastão, que tinha o conto de uma ponta de aço. De cor mudada, olhos postos em Quitéria, pronunciou estas palavras, com voz trêmula e rouca:

— Bem sabes, ingrata Quitéria, que, conforme a santa lei que professamos, não podes tomar esposo, enquanto vivo eu for. Igualmente não ignoras que, por esperar eu que o tempo e minha diligência melhorassem os bens de minha fortuna, não quis deixar de guardar o decoro que à tua honra convinha. Tu, porém, voltando as costas a todas as obrigações que deves a meu bom desejo, queres fazer senhor do que é meu a outro, a quem as riquezas servem não só de boa fortuna, mas de boníssima ventura. E para que a tenha em seu cúmulo (não como penso que a mereça, mas como os céus lha querem dar) eu, por minhas mãos, desfarei o impossível ou o inconveniente que a possa estorvar, tirando-me do seu caminho. Viva, viva o rico Camacho com a ingrata Quitéria por felizes e dilatados anos, e morra, morra o pobre Basílio, cuja pobreza lhe cortou as asas da felicidade e o pôs na sepultura!

Dizendo isto, puxou o bastão que havia fincado no solo, ficando presa na terra metade dele, que servia de bainha a um estoque de tamanho médio, nele oculto. Encostando ao solo o que se podia chamar os copos, com leve desenfado e decidido propósito se arrojou sobre ele. Logo lhe apareceu nas costas a ponta sangrenta, e metade da acerada lâmina, ficando o infeliz estendido no chão, banhado em sangue, trespassado por suas próprias armas.

Acudiram logo os amigos a ajudá-lo, condoídos de sua miséria e lastimável desgraça. Deixando Rocinante, acudiu também a ajudá-lo Dom Quixote, que o tomou nos braços e viu que ainda não havia expirado. Quiseram-lhe retirar o estoque, mas opôs-se o cura, que estava presente, a que o fizessem antes de se confessar, pois tirá-lo e ele morrer seriam coisas simultâneas.[3] Voltando, porém, um pouco a si, Basílio, com voz dolente e desmaiada, disse:

— Se quisesses, cruel Quitéria, dar-me neste último e terrível transe a mão de esposa, ainda pensaria que minha temeridade teria desculpa, pois com ela alcançara o bem de ser teu.

O cura, ouvindo isso, disse-lhe que atendesse à saúde da alma antes que aos gostos do corpo, e pedisse com todas as veras perdão a Deus de seu pecado e sua desesperada decisão. A isso replicou Basílio que de modo algum se confessaria sem dar-lhe antes Quitéria a mão de esposa, pois aquela satisfação lhe robusteceria a vontade e lhe daria alento para confessar-se.

Ouvindo Dom Quixote a petição do ferido, disse em alta voz que Basílio pedia uma coisa muito justa e razoável, além de mui fácil, e que o senhor Camacho ficaria tão honrado recebendo a senhora Quitéria como viúva do valoroso Basílio, como se a recebesse das mãos de seu pai:

— Aqui haverá apenas um “sim” sem outro efeito senão o de ser pronunciado, pois o tálamo destas bodas será a sepultura.

Tudo ouvia Camacho, e tudo o mantinha suspenso e confuso, sem saber que fazer ou dizer. Tantas foram, porém, as intervenções dos amigos de Basílio, pedindo-lhe consentisse que Quitéria lhe desse a mão de esposa, para se não perder sua alma, partindo desesperado desta vida, que o comoveram, e mesmo forçaram, a dizer que, se Quitéria o quisesse fazer, satisfeito ficaria, não passando tudo de dilatar por um momento o cumprimento de seus desejos.

Logo acudiram todos a Quitéria e, uns com rogos, outros com lágrimas, outros com eficazes razões, persuadiram-na a que desse a mão ao pobre Basílio. Ela, porém, mais dura que mármore e mais imóvel que uma estátua, mostrava não saber, não poder, nem querer responder palavra. Nem teria respondido, se o cura lhe não dissesse para decidir logo o que iria fazer, pois Basílio estava já com a alma a sair pela boca e não se podia esperar uma determinação irresoluta. Então, a formosa Quitéria, sem responder palavra alguma, perturbada e parecendo triste e pesarosa, chegou aonde estava Basílio, que, já de olhos revirados e respiração curta e apressada, murmurava entre dentes o nome de Quitéria e dava mostras de morrer, não como cristão, mas como gentio. Chegou por fim Quitéria e, de joelhos, pediu-lhe a mão por sinais, e não por palavras. Desrevirou os olhos Basílio e, olhando-a atentamente, disse-lhe:

— Ó Quitéria, que vieste a ser piedosa quando tua piedade irá servir de punhal que me acabe de tirar a vida, pois já não tenho forças para suportar a glória que me dás de escolher-me como teu nem para suspender a dor que tão depressa me vai cobrindo os olhos com a espantosa sombra da morte! O que te suplico é, ó fatal estrela de minha vida, que a mão que me pedes e queres dar-me não seja por cumprimento nem para enganar-me de novo, mas que confesses e digas que, sem forçar tua vontade, ma entregas e ma dás como a teu legítimo esposo, pois motivo não há para que, num transe como este, me enganes ou uses de fingimento para com quem sempre te tratou com tanta verdade.

Entre estas frases, quase desmaiava, de modo que todos os presentes pensavam que cada desmaio lhe havia de tirar a alma. Quitéria, honesta e enrubescida, tomando com sua mão direita a de Basílio, disse-lhe:

— Nenhuma força seria bastante para torcer minha vontade. Assim, é com a mais livre que tenho que te dou a mão de legítima esposa, e recebo a tua, se ma dás por teu livre alvedrio, sem que a turve ou contraste a calamidade que tua precipitada decisão te trouxe.

— Dou-a, sim — respondeu Basílio —, não perturbado nem confuso, mas com o claro entendimento que o céu me quis dar. Assim, dou-me e entrego-me por teu esposo.

— E eu por tua esposa — tornou Quitéria —, quer vivas dilatados anos, quer te levem de meus braços para a sepultura.

— Para estar tão ferido — disse neste ponto Sancho Pança — muito fala este mancebo. Façam com que se deixe de requebros e que atenda à sua alma, pois, a meu ver, antes a tem dentro da língua que a sair pela boca.

Estando, pois, Basílio e Quitéria de mãos dadas, o cura, enternecido e choroso, deitou-lhes a bênção e rogou ao céu bom pouso para a alma do novo desposado. Este, mal recebeu a bênção, com presta ligeireza se pôs de pé e, com desenvoltura nunca vista, arrancou o estoque, a que seu corpo servia de bainha. Ficaram todos os circunstantes admirados e alguns deles, mais simples que observadores, em altos brados começaram a dizer:

— Milagre, milagre!

Mas Basílio replicou:

— Não "milagre, milagre", mas artifício, artifício!

O cura, perturbado e atônito, correu com ambas as mãos a tatear a ferida e verificou que a lâmina havia passado não pelas carnes e costelas de Basílio, mas por um cano oco de ferro, que naquele lugar trazia acomodado, cheio de sangue preparado, como depois se soube, de modo a não se coagular. Afinal, o cura e Camacho, com todos os demais circunstantes, se tiveram por burlados e escarnecidos. A esposa não deu mostras de sentir pesar com a burla; antes, ao ouvir dizer que aquele casamento, por ter sido enganoso, não devia ser válido, disse que de novo o confirmava. Disso coligiram todos que ambos haviam planejado tudo com mútuo conhecimento. Camacho e seus seguidores ficaram tão corridos que confiaram sua vingança às mãos e, desembainhando muitas espadas, arremeteram a Basílio, a favor do qual num instante se desembainharam quase outras tantas. Tomando a dianteira a cavalo, Dom Quixote, com a lança no braço, bem coberto por seu escudo, abria caminho entre todos. Sancho, a quem jamais agradaram ou consolaram tais façanhas, recolheu-se aos panelões, parecendo-lhe ser aquele um lugar sagrado, que haveriam de respeitar. Dom Quixote, em altos brados, dizia:

— Detende-vos, senhores, detende-vos! Não há motivo para tomardes vingança dos agravos que o amor nos faz. Lembrai-vos de que o amor e a guerra são uma só e a mesma coisa. Assim como na guerra é lícito e costumeiro usar de ardis e estratagemas para vencer o inimigo, assim nas contendas e competições amorosas se têm por bons os embustes e patranhas que se fazem para se conseguir o fim desejado, desde que não sejam em menoscabo e desonra do objeto amado. Quitéria era de Basílio e Basílio de Quitéria, por justa e favorável disposição dos céus. Camacho é rico e poderá comprar seu gosto quando, onde e como quiser. Basílio apenas tem esta ovelha,[4] e ninguém lha há de tirar, por poderoso que seja, pois se a dois Deus juntou, não os poderá separar homem.[5] E quem o tentar, antes há de passar pela ponta desta lança.

Com isto, brandiu-a tão forte e destramente que encheu de pavor todos os que o não conheciam. Tão intensamente, aliás, se havia fixado na mente de Camacho o desdém de Quitéria, que lhe apagou a imagem da memória num instante. Assim cedeu às persuasões do cura, homem prudente e bem-intencionado. Com elas, ficaram Camacho e os de seu lado pacíficos e sossegados, devolvendo as espadas às bainhas e culpando mais a facilidade de Quitéria que a indústria de Basílio. Disse ainda Camacho que, se Quitéria em solteira amava a Basílio, também o haveria de amar depois de casada; assim, mais graças dava aos céus por lha haverem tirado que se lha houvessem dado.

Consolados, pois, e pacificados Camacho e os de seu bando, todos os seguidores de Basílio se sossegaram. Para mostrar que lhe não fora pesada a burla, nem a levava em conta, quis o rico Camacho que as festas prosseguissem como se de fato ele se houvesse casado. A elas não quiseram assistir, porém, Basílio e sua esposa, nem os seus partidários, retirando-se todos para a aldeia de Basílio, pois também os pobres virtuosos e discretos têm quem os siga, ampare e honre, como os ricos têm quem os lisonjeie e acompanhe.

Levaram consigo Dom Quixote, considerando-o homem de valor e grande valentia. Só a Sancho se escureceu a alma, por ver-se impossibilitado de aguardar a esplêndida comida e as festas de Camacho, que duraram até a noite. Assim, desconsolado e triste, acompanhou seu amo, que ia com o bando de Basílio, deixando para trás as cebolas do Egito,[6] embora as levasse na alma. A quase consumida e acabada sopa que trazia na caçarola representava-lhe a glória e a abundância do bem que perdia. Desse modo, angustiado e pensativo, embora sem fome, seguiu, sem apear-se do ruço, as pegadas de Rocinante.

# CAPÍTULO XXII

## *Onde se dá conta da grande aventura da cova de Montesinos, que fica no coração da Mancha, e a que deu termo feliz o valoroso Dom Quixote*

Grandes e muitos foram os regalos de que os desposados cercaram Dom Quixote, agradecidos pelas demonstrações que fizera em defesa de sua causa. Avaliaram-lhe a discrição a par da valentia, tendo-o por um Cid nas armas e por um Cícero na eloquência. Três dias se refocilou o bom Sancho à custa dos noivos, dos quais se soube não haver sido o ferimento fingido combinado com a formosa Quitéria, mas ardil de Basílio, que esperava dele o mesmo sucesso que se viu. Em verdade, confessou que havia comunicado seu pensamento a alguns amigos, para que, na ocasião precisa, favorecessem seu intento e lhe abonassem o engano.

— Não se pode nem deve dar o nome de enganos — disse Dom Quixote — aos que têm em mira virtuosos fins.

E que o de se casarem os enamorados é fim da maior excelência, advertindo que o maior adversário do amor é a fome e a contínua necessidade, porque o amor é todo alegria, regozijo e contentamento, principalmente quando o amante está de posse da coisa amada, de que são inimigas declaradas e adversas a precisão e a pobreza. Tudo isto dizia com a intenção de que o senhor Basílio deixasse de se exercitar nas habilidades já sabidas, pois, embora lhe dessem fama, não lhe davam dinheiro, e cuidasse de granjear fazenda por meios lícitos e industriosos, que nunca faltam aos prudentes e aplicados. O pobre honrado (se é que honrado pode ser o pobre) corre perigo em ter mulher formosa, pois, se lha tirarem, tiram-lhe e matam-lhe a honra. A mulher formosa e honrada, cujo marido é pobre, merece ser coroada de louros e palmas de vitória e triunfo. A formosura, por si só, atrai os desejos de quantos a olham e conhecem e, como a isca saborosa, sobre ela se abatem as águias-reais e as aves altaneiras; mas, se a tal formosura se juntarem a necessidade e a escassez, também contra ela investirão os corvos, os milhafres e as outras aves de rapina. Quem contra investidas tais se mantiver firme bem merecerá ser chamada coroa de seu marido.

— Olhai, discreto Basílio — aduziu Dom Quixote —: não sei que sábio foi de opinião que não havia em todo o mundo senão uma só mulher boa e dava o conselho de que cada qual considerasse ser essa única mulher boa a sua própria, pois assim viveria contente. Não sou casado, nem o pensamento de o ser até agora me veio. Apesar disso, atrever-me-ia a dar conselho a quem mo pedisse sobre o modo de procurar a mulher com quem se quisesse casar. Em primeiro lugar, aconselhá-lo-ia a olhar mais a fama que a fazenda, porque a mulher boa não alcança a boa fama somente por ser boa, mas por parecer que o é. Muito mais dano causam à honra das mulheres as desenvolturas e liberdades em público que as maldades em segredo. Se trazes boa mulher para tua casa, fácil coisa será conservá-la e mesmo melhorá-la na bondade. Se, porém, a trazes má, trabalho terás em emendá-la, que não é muito fácil passar de um a outro extremo. Não digo que seja impossível, mas acho que é dificultoso.

Ouvia Sancho tudo isso e para si mesmo dizia:

— Este meu amo, quando falo coisas de miolo e substância, costuma dizer que eu poderia tomar um púlpito nas mãos e ir-me por esse mundo afora, a pregar lindezas. Digo eu dele que, quando começa a desfiar sentenças e a dar conselhos, não só pode tomar um púlpito nas mãos, mas dois em cada dedo, e sair por essas praças a... que queres, boca? Valha-te o diabo como cavaleiro andante, que tantas coisas sabes! Pensava eu em meu íntimo que ele só podia saber aquilo que se referia a suas cavalarias, mas não há coisa em que não toque e não enfie sua colher.

Murmurava isto Sancho, e entreouviu-o seu amo, que indagou:

— Que murmuras, Sancho?

— Nada digo nem de nada murmuro — respondeu Sancho. — Apenas dizia para mim mesmo que gostaria de haver ouvido o que vosmecê aqui falou, antes de me haver casado. Talvez agora pudesse dizer: “O boi solto lambe-se todo.”

— Tão má é a tua Teresa, Sancho? —, disse Dom Quixote.

— Não é muito má — tornou Sancho —, mas não é muito boa. Pelo menos, não é tão boa quanto eu quisera.

— Fazes mal, Sancho — observou Dom Quixote —, em falar mal de tua mulher, que, com efeito, é a mãe de teus filhos.

— Não ficamos um a dever ao outro — replicou Sancho —, pois também ela diz mal de mim quando lhe dá na veneta, especialmente quando tem ciúmes. Então, nem o próprio Satanás a atura.

Em suma, três dias passaram com os noivos, sendo regalados e servidos como se fossem pessoas reais. Pediu Dom Quixote ao destro licenciado[1] que lhe desse um guia para encaminhá-lo à cova de Montesinos, pois grande era o seu desejo de entrar nela e ver, com os próprios olhos, se eram verdadeiras as maravilhas que se diziam dela por todas aquelas redondezas. Disse-lhe o licenciado que lhe daria um primo seu, famoso estudante e que muito gostava de ler livros de cavalarias. Com enorme satisfação o levaria ele à boca da referida cova e ainda lhe mostraria as lagoas de Ruidera,[2] igualmente famosas na Mancha, bem como em toda a Espanha. Disse-lhe que com ele teria gostoso entretenimento, por ser jovem que sabia fazer livros para imprimir e dedicá-los aos príncipes. Afinal, veio o primo com uma burrica prenhe, cuja albarda recobria alegre tapete ou serapilheira. Selou Sancho a Rocinante, aparelhou o ruço, atochou os alforjes, que foram acompanhados pelos do primo, de igual forma bem providos, e, encomendando-se a Deus e despedindo-se de todos, puseram-se a caminho, tomando o rumo da famosa cova de Montesinos.

No caminho, perguntou Dom Quixote ao primo qual o gênero e a qualidade de seus exercícios, profissão e estudos. Respondeu ele que sua profissão era ser humanista; seus exercícios e estudos, compor livros para dar à estampa, todos de grão proveito e não menor entretenimento para a república. Um se intitulava *O livro das librés,* e nele pintava setecentas e três librés com suas cores, motes e cifras, de onde poderiam tirar e tomar as que quisessem, em tempos de festa e regozijo, os cavaleiros cortesãos, sem precisar de mendigá-las de ninguém, nem de espremer os miolos, como se diz, para tirá-las de acordo com seus desejos e intenções.

— Porque dou ao ciumento, ao desdenhado, ao olvidado e ao ausente as que lhes convêm e lhes caem mais justas do que pecadoras. Outro livro tenho também, a que chamarei *Metamorfoses*, ou *Ovídio espanhol,* de invenção nova e rara, porque nele, imitando Ovídio no burlesco, pinto quem foi a Giralda de Sevilha e o Anjo de Madalena,[3] o Fosso de Vecinguerra, de Córdova,[4] os Touros de Guisando, a Serra Morena, as fontes de Leganitos e Lavapés, em Madri, não me esquecendo das do Piolho, do Cano Dourado e da Prioresa.[5] Tudo isso com suas alegorias, metáforas e translações, de modo que alegram, interessam e ensinam, ao mesmo tempo. Outro livro tenho, que se chama *Suplemento a Virgílio Polidoro*,[6] que trata da invenção das coisas e é de grande erudição e estudo, visto como as coisas que deixou de dizer Polidoro, de grande substância, averiguo-as eu e declaro-as em gentil estilo. Esqueceu-se Virgílio de declarar-nos quem foi o primeiro a ter catarro no mundo e o primeiro que usou unguentos para curar-se do morbo-gálico, e eu o declaro ao pé da letra, estribando-me em mais de vinte e cinco autores. Veja Vossa Mercê se não trabalhei bem e se tal livro não será útil a todo o mundo.

Sancho, que ficara muito atento à narrativa do primo, disse-lhe:

— Diga-me, senhor... e assim Deus lhe dê boa mão direita[7] na impressão de seus livros: poderá dizer-me — sim, poderá, pois sabe tudo — quem foi o primeiro a coçar a cabeça, pois para mim tenho que deve ter sido nosso pai Adão?

— Sim, deve ter sido — respondeu o primo —, porque Adão, não há dúvida, teve cabeça e cabelos e, sendo o primeiro homem do mundo, alguma vez haveria de coçar-se.

— É o que acho — tornou Sancho. — Mas diga-me agora: quem foi o primeiro volteador do mundo?

— Em verdade, mano — respondeu o primo —, não o poderei decidir agora, enquanto não o tiver estudado. Hei de estudá-lo, quando voltar aonde tenho meus livros, e satisfarei sua curiosidade quando outra vez nos virmos, que esta não será a última.

— Pois olhe, senhor — replicou Sancho —, não tome esse trabalho. Agora dei conta do que perguntei. Saiba que o primeiro volteador do mundo foi Lúcifer, quando o lançaram ou arrojaram do céu, porque veio volteando até os abismos.

— Tens razão, amigo — concordou o primo.

— Essa pergunta e essa resposta não são tuas, Sancho — disse Dom Quixote. — De alguém as ouviste.

— Cale-se, senhor — replicou Sancho. — Por minha fé, se dou para perguntar e responder não acabarei de agora até amanhã. Sim, porque para perguntar tolices e responder disparates não hei mister de andar buscando ajuda de vizinhos.

— Mais disseste, Sancho, que o que sabes — disse Dom Quixote. — Alguns há que se cansam em saber e averiguar coisas que, depois de sabidas e averiguadas, não valem uma palha para o entendimento ou a memória.

Nestas e outras saborosas práticas passaram aquele dia e, à noite, albergaram-se numa pequena aldeia, onde o primo disse a Dom Quixote que dali à cova de Montesinos havia apenas duas léguas e que, se estava determinado a entrar nela, era mister prover-se de cordas, para amarrar-se e enfiar-se em suas profundezas. Dom Quixote disse que, mesmo se chegasse ao abismo, haveria de ver onde ele terminava. Assim, compraram quase cem braças de cordas e no dia seguinte, às duas da tarde, chegaram à cova, cuja boca é espaçosa e ampla, mas cheia de cambroeiras, urzes, sarças e tojos, tão espessos e intrincados, que de todo a cegam e encobrem. Ao vê-la, apearam-se o primo, Sancho e Dom Quixote, que pelos dois foi logo fortissimamente amarrado com as cordas. E enquanto o atavam e cingiam, disse-lhe Sancho:

— Veja vosmecê o que faz, meu senhor. Não se queira sepultar em vida nem se ponha onde pareça garrafa que se coloca a esfriar nalgum poço. Sim, a vosmecê não toca nem cabe ser o esquadrinhador disto, que deve ser pior do que masmorra.

— Amarra e cala-te — ordenou Dom Quixote. — Empresa tal como esta, Sancho amigo, para mim estava guardada.[8]

Então disse o guia:

— Suplico a Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, que olhe bem e especule com cem olhos o que existe aí dentro. Talvez haja coisas que eu possa pôr em meu livro sobre as *Transformações*.

— O pandeiro está em mãos que o saberão tanger bem[9] — respondeu Sancho Pança.

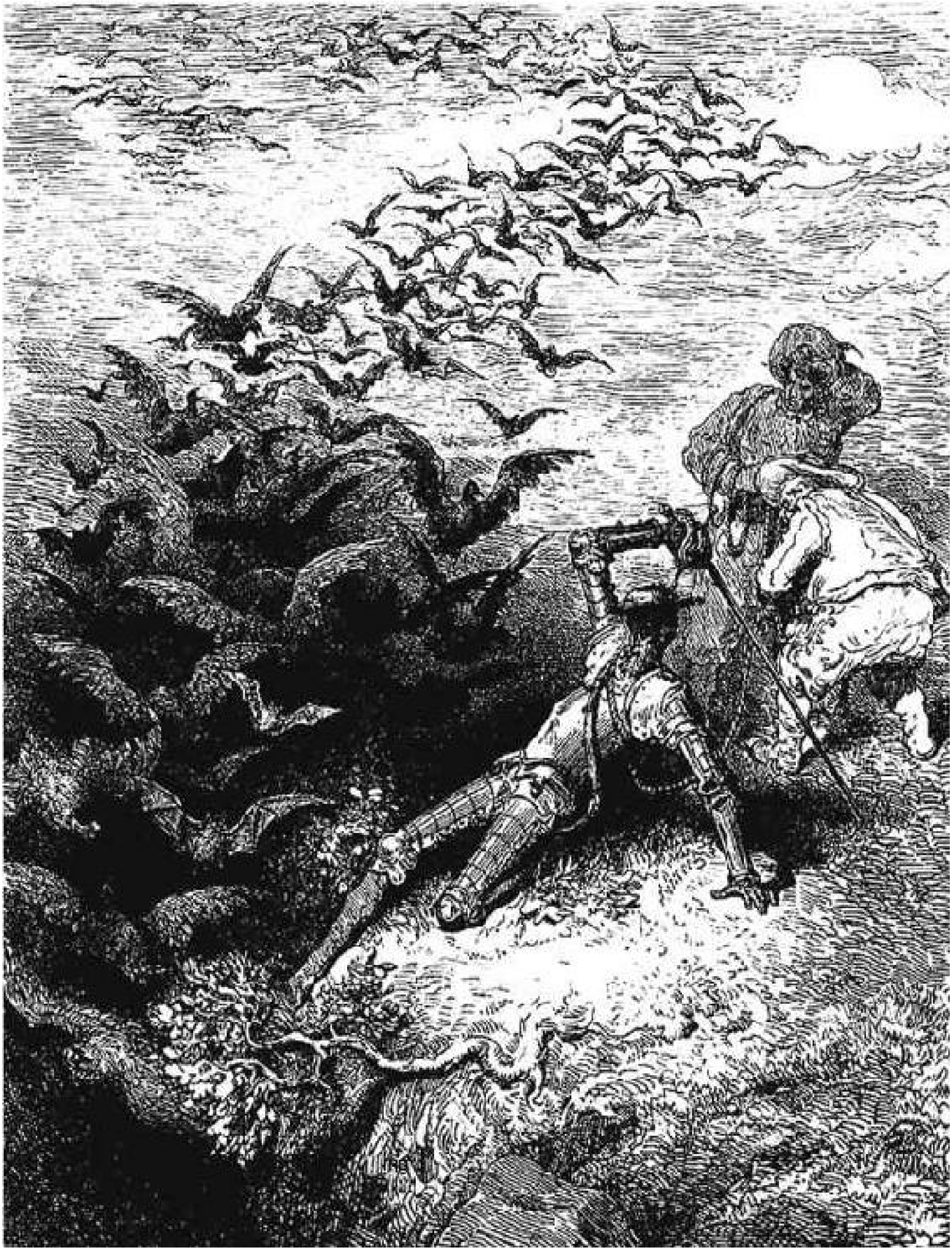
Digo isto, e acabada a amarração de Dom Quixote — que não foi feita sobre o arnês, mas sobre o gibão —, observou Dom Quixote:

— Inadvertidos fomos em não nos havermos provido de um guizo pequeno, que fosse amarrado junto a mim, nesta mesma corda, e pelo som do qual se ouvisse que eu ainda descia e estava vivo. Como agora já não é isso possível, entrego-me à mão de Deus, que me guie.

E logo se pôs de joelhos e fez uma oração em voz baixa ao céu, pedindo a Deus o ajudasse e lhe desse bom termo naquela certamente perigosa e nova aventura. E a seguir disse em voz alta:

— Ó senhora de minhas ações e movimentos, claríssima e sem-par Dulcineia del Toboso! Se é possível que cheguem a teus ouvidos as preces e rogos deste teu venturoso amante, por tua inaudita beleza te suplico que os escutes. Apenas são para rogar-te não me negues teu favor e amparo, agora que tanto deles hei mister. Vou despenhar-me, engolfar-me e afundar-me no abismo que aqui se me apresenta, só para que saiba o mundo que, se tu me favoreceres, impossível não haverá a que eu não acometa e ponha fim.

Dizendo isto, acercou-se da cova e viu não lhe ser possível mover-se nem abrir caminho para a entrada, senão à força de braços e cutiladas. Assim, lançando mão da espada, começou a derrubar e a cortar aqueles tojos que se achavam à boca da caverna, de onde, ante o ruído e o estrondo, saíram infinidades de corvos e gralhas, em tal massa e pressa que deram com Quixote ao solo. Fora ele supersticioso como era católico cristão e teria isso por mau agouro, desistindo de encerrar-se em lugar semelhante.[10]



Por fim, levantou-se e, vendo que não saíam mais corvos nem outras aves noturnas, como morcegos, que entre os corvos haviam saído, deixou-se Dom Quixote rumar para o fundo da caverna espantosa, dando-lhe corda Sancho e o primo. Ao entrar, Sancho lançou-lhe sua bênção, fazendo sobre ele mil cruzes e dizendo:

— Deus te guie, e a Penha de França, junto com a Trindade de Gaeta,[11] ó flor, nata e espuma dos cavaleiros andantes. Aí desces; valentão do mundo, coração de aço, braços de bronze! Deus te guie, repito, e te devolva livre, são e sem cuidados[12] à luz desta vida, que deixas a fim de enterrar-te nessa escuridão que procuras.

Quase as mesmas preces e invocações fez o primo.

Ia Dom Quixote bradando para que lhe dessem corda e mais corda, e eles a davam pouco a pouco. E quando os brados que saíam canalizados pela cova deixaram de se ouvir, já haviam soltado as cem braças de corda e foram de parecer que Dom Quixote voltasse a subir, já que mais corda não lhe poderiam dar. Apesar disso, detiveram-se cerca de meia hora e, ao fim deste tempo, tornaram a recolher a corda, com muita facilidade e sem peso algum, o que os levou a imaginar que Dom Quixote ficara lá dentro. Crendo-o assim, Sancho pôs-se a chorar amargamente e a puxar a corda com muita pressa, para desenganar-se. Chegando, porém, pelo que calcularam, a pouco além das oitenta braças, sentiram peso, com o que se alegraram em extremo. Por fim, às dez braças, viram distintamente Dom Quixote, a quem Sancho bradou, dizendo:

— Seja vosmecê muito bem voltado, meu senhor, pois já pensávamos que ficara lá para semente.

Dom Quixote, porém, não respondia palavra. Tirando-o de todo, viram que estava de olhos cerrados, com mostras de achar-se adormecido. Estenderam-no no chão e desamarraram-no, mas, apesar disso, não despertava. Tanto, porém, o viraram e desviraram, o sacudiram e movimentaram que, ao fim do bom tempo, voltou a si, espreguiçando-se, como se acordasse de grave e profundo sono. Olhando para um e outro lados, como espantado, disse:

— Perdoe-vos Deus, amigos, que me tirastes da mais saborosa e agradável vista que ente humano algum já viu e atravessou. Com efeito, agora acabo de conhecer que todos os prazeres desta vida passam como sombras e sonhos, ou murcham como a flor do campo. O desditoso Montesinos! Ó malferido Durandarte! Ó desventurada Belerma! Ó choroso Guadiana, e vós outras, infelizes filhas de Ruidera, que em vossas águas mostrais as que choram vossos formosos olhos!

Com grande atenção o primo e Sancho escutavam as palavras de Dom Quixote, que as proferia como se com imensa dor as arrancasse das entranhas. Suplicaram-lhes desse a entender o que dizia e lhes narrasse o que naquele inferno havia visto.

— Inferno, dizeis? — tornou Dom Quixote. — Pois não digais assim, que o não merece, como ireis ver.

Pediu que lhe dessem algo de comer, pois estava com enorme fome. Estenderam a serapilheira do primo sobre a verde relva, acudiram à despensa de seus alforjes e, sentados os três, em bom prazer e companhia, merendaram e cearam, ao mesmo tempo. Levantada a serapilheira, disse Dom Quixote de la Mancha:

— Ninguém se levante. Prestai-me, filhos, toda a atenção.

# CAPÍTULO XXIII

## *Das admiráveis coisas que o extremado Dom Quixote contou haver visto na profunda cova de Montesinos, e cuja impossibilidade e grandeza levam a ter-se por apócrifa esta aventura*

Seriam as quatro da tarde, quando o sol, entre nuvens coberto, com luz escassa e temperados raios, deu ensejo a Dom Quixote para que, sem calor nem incômodo, contasse a seus dois claríssimos ouvintes o que vira na cova de Montesinos. Começou do modo seguinte:

— A cerca de 12 ou 14 corpos de homem de profundidade, nesta masmorra, à mão direita, abre-se uma concavidade com espaço capaz de nela caber um grande carro, com suas mulas. Vi eu a tempo o espaço dessa concavidade, quando já ia cansando e amofinado por me ver, pendente da corda e a ela amarrado, a caminhar por aquela escura região abaixo, sem ter rumo certo ou determinado. Assim, decido entrar nela e descansar um pouco. Gritei para que não soltásseis mais corda até que eu vo-lo dissesse, mas certamente não me ouvistes. Fui recolhendo a corda que me mandáveis e, fazendo dela uma rosca ou rolo, sobre ele me sentei, pensativo, a considerar o que deveria fazer para alcançar o fundo, sem ter quem me sustentasse. Estando nesse pensamento e confusão, de repente e sem o procurar, salteou-me um sono profundíssimo.

E, quando menos pensava, sem saber como nem de que modo, despertei dele e achei-me em meio ao mais belo, ameno e deleitoso prado que pode criar a natureza, ou imaginar a mais discreta inventiva humana. Esfreguei os olhos, limpei-os e vi que não dormia, mas estava inteiramente desperto. Apesar disso, apalpei a cabeça e o peito, para certificar-me de que era eu mesmo quem ali estava, e não algum fantasma vão e fingido; mas o tato, o sentimento, as concertadas razões que comigo mesmo travava, deram-me a certeza de que eu era ali, então, o mesmo que aqui sou agora. Ofereceu-se-me logo à vista um real e suntuoso palácio, ou alcáçar, cujos muros e paredes pareciam de transparente e claro cristal fabricados. Dele se abriram duas grandes portas, e vi que por elas saía e se dirigia para mim venerável ancião, vestido com uma capa de baeta roxa, que se arrastava até o solo. Cingia-lhe os ombros e os peitos uma beca de colegial, de cetim verde. Cobria-lhe a cabeça um gorro milanês negro, e a barba, alvíssima, lhe passava da cintura. Não trazia qualquer arma, e sim, na mão, um rosário, de contas maiores que nozes médias, com os padre-nossos como ovos médios de avestruz. O porte, o andar, a gravidade, a majestosa presença, cada coisa de per si e todas juntas me deixaram em suspenso e admirado. Chegou-se a mim e a primeira coisa que fez foi abraçar-me apertadamente e logo dizer-me: “Longos tempos há, valoroso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, que os encantados que nestas soledades estamos, esperamos ver-te, para dares notícia ao mundo do que encerra e cobre a profunda cova por onde entraste, chamada a cova de Montesinos, façanha só guardada para ser acometida por teu invencível coração e teu ânimo estupendo. Vem comigo, senhor claríssimo, que te quero mostrar as maravilhas escondidas neste transparente alcáçar, de que sou governante e guarda-mor perpétuo, pois sou o próprio Montesinos,[1] de quem a cova toma o nome.” Apenas me disse que era Montesinos, perguntei-lhe se verdade era o que no mundo cá de cima se contava, isto é, se havia tirado de dentro do peito, com uma pequena adaga, o coração de seu grande amigo Durandarte, para levá-lo à senhora Belerma, como lhe havia ele ordenado na hora da morte. Respondeu-me que em tudo diziam verdade, exceto quanto à adaga, pois adaga não foi, nem pequena, mas punhal afiado, mais agudo que uma sovela.

— Devia ser — interrompeu Sancho — o tal punhal de Ramón de Hoces, o Sevilhano.[2]

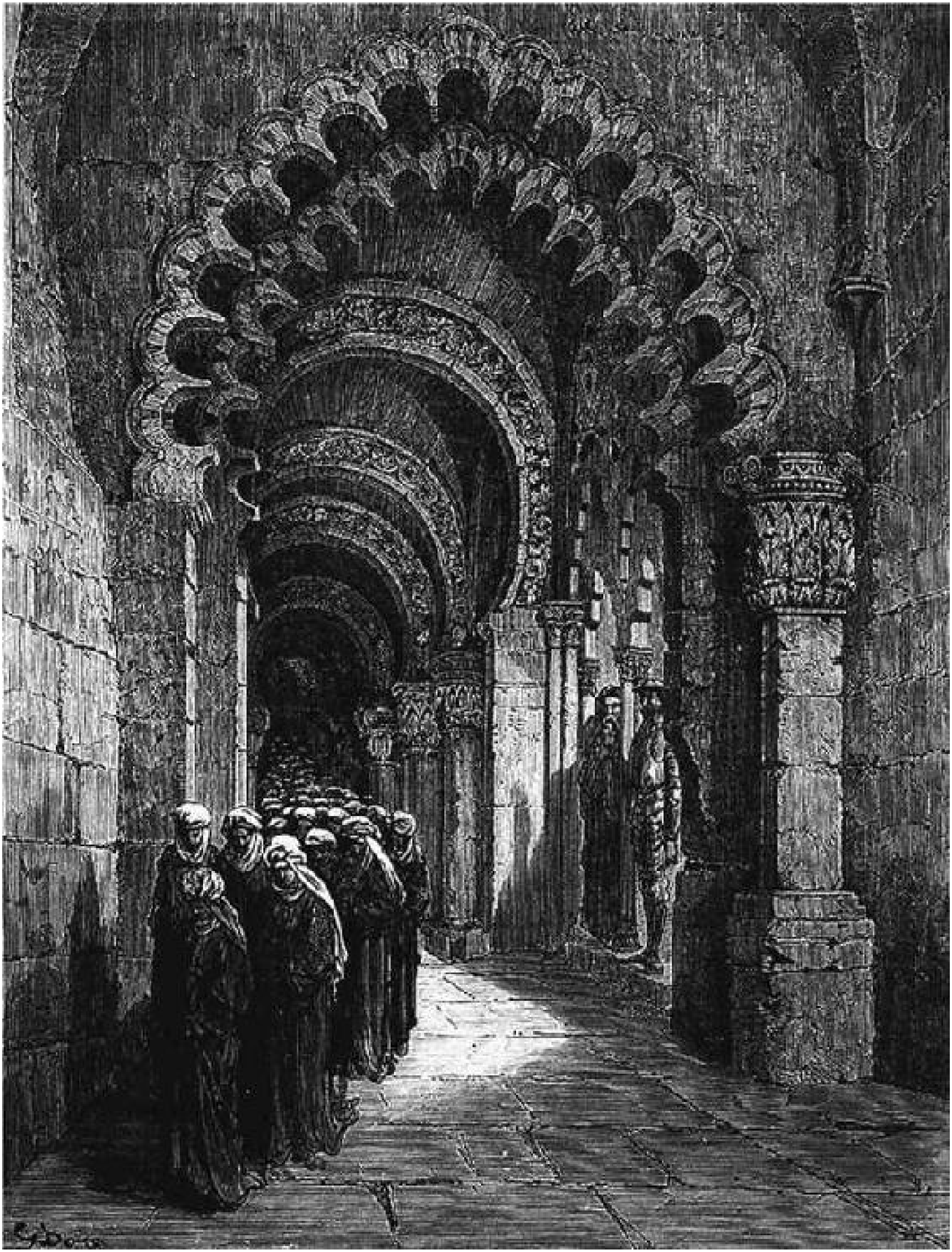
— Não sei — prosseguiu Dom Quixote —, mas não seria desse punhaleiro, porque Ramón de Hoces foi de ontem e a batalha de Roncesvalles, onde sucedeu esta desgraça, foi há muitos anos. E tal averiguação não é de importância, nem perturba ou altera a verdade e o contexto da história.

Assim é — concordou o primo. — Prossiga Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, que escuto com o maior gosto do mundo.

— Não é menor o gosto com que o conto — respondeu Dom Quixote. — Assim, digo que o venerável Montesinos me introduziu no cristalino palácio, onde, numa sala baixa, sobremodo fresquíssima e toda de alabastro, estava um sepulcro de mármore, com grande maestria fabricado, sobre o qual vi um cavaleiro estendido de comprido, não de bronze, nem de mármore, nem de jaspe feito, como os costuma haver em outros sepulcros, mas de pura carne e puros ossos. Tinha a mão direita (a meu ver, algo peluda e nervosa, sinal de ter muitas forças seu dono) posta sobre o lado do coração. E, antes que eu fizesse qualquer pergunta, Montesinos, vendo-me em suspenso a olhar o do sepulcro, me disse: “Este é meu amigo Durandarte, flor e espelho dos cavaleiros enamorados e valentes de seu tempo. Aqui o mantém encantado, como me mantém a mim e a muitos e muitas, Merlim, aquele nigromante francês,[3] que dizem ter sido filho do diabo. Creio, porém, que não foi filho do diabo, mas que soube, como se diz, um ponto mais do que o diabo. Ninguém sabe como ou para que nos encantou, e ele o dirá com o andar dos tempos, que não estão muito distantes, segundo imagino. Admira-me, a mim, o saber, tão certo como agora é dia, que Durandarte acabou os de sua vida em meus braços e depois de morto lhe arranquei o coração com as minhas próprias mãos. Na verdade, devia pesar duas libras, porque, segundo os naturalistas, quem tem coração maior é dotado de maior valentia do que quem o tem pequeno. Se assim é, e tendo realmente morrido este cavaleiro, como explicar que agora se queixe e suspire de quando em quando, qual se vivo estivesse?” Mal assim falara, o mísero Durandarte, dando grande brado, disse:

*“Ó meu primo Montesinos,*
*só isto quero pedir*
*e é, quando eu estiver morto*
*e a alma do corpo fugir,*
*que a Belerma entregueis*
*meu coração, hoje em chaga,*
*arrancando-o de meu peito*
*com punhal ou com adaga.”*

Ouvindo isso, o venerável Montesinos se pôs de joelhos ante o lastimoso cavaleiro e, com lágrimas nos olhos, lhe disse: “Senhor Durandarte, caríssimo primo meu, já fiz o que me mandastes no dia aziago de nossa perda. Arranquei-vos o coração o melhor que pude, sem vos deixar mínima parte no peito. Limpei-o com um lenço de rendas, com ele parti de corrida para a França, havendo-vos antes posto no seio da terra, com tantas lágrimas que foram bastantes para lavar-me as mãos e limpar-me delas o sangue que tinham, por haver-vos revolvido as entranhas. E, para mais provas, primo de minh’alma, no primeiro lugar que topei, ao sair de Roncesvalles, lancei um pouco de sal em vosso coração, para que não cheirasse mal e fosse ter, se não fresco, pelo menos ensalmourado, à presença da senhora Belerma. Esta, convosco, e comigo, e com vosso escudeiro Guadiana, e com a senhora Ruidera[4] e suas sete filhas e duas sobrinhas, e com outros muitos de vossos conhecidos e amigos, aqui nos tem encantados o sábio Merlim, há muitos anos. E embora passem de quinhentos, nenhum de nós morreu. Somente faltam Ruidera e suas filhas e sobrinhas, as quais, por tanto chorarem, converteu Merlim, de compaixão, em outras tantas lagoas, que agora, no mundo dos vivos e na província da Mancha, são chamadas as lagoas de Ruidera; as sete são dos reis de Espanha e, as duas sobrinhas, dos cavaleiros de uma ordem santíssima, que se chama de São João. Guadiana, vosso escudeiro, deplorando igualmente vossa desgraça, foi convertido num rio que tem o seu mesmo nome; e este rio, ao chegar à superfície da terra e ao ver o sol de outro céu, sentiu tanto pesar por verificar que vos deixava que se submergiu nas entranhas da terra. Mas, como não é possível deixar de acudir à sua natural corrente, de quando em quando sai e se mostra onde o sol e as gentes o vejam. Vão-lhe dando de suas águas as referidas lagoas, e com elas, e as outras muitas que lhe chegam, entra pomposo e grande em Portugal. Apesar disso, porém, onde quer que vá mostra só tristeza e melancolia e não lhe apraz criar em suas águas peixes regalados e de estima, mas grosseiros e insípidos, bem diferentes dos do Tejo dourado. E isto que agora vos digo, ó meu primo, já vo-lo disse muitas vezes; e, como não me respondeis, imagino que não me dais crédito, ou não me ouvis, o que me dá tanta pena que só Deus sabe! Umas novas agora quero dar-vos, as quais, ainda que de alívio à vossa dor não sirvam, de modo algum poderão aumentá-la. Sabei que tendes aqui em vossa presença aquele grande cavaleiro de quem tantas coisas profetizou o sábio Merlim: aquele Dom Quixote de la Mancha, digo, que, de novo e com vantagens maiores que nos séculos passados, ressuscitou nos presentes a já olvidada cavalaria andante; e por seu mérito e favor bem se poderia dar fôssemos nós desencantados, pois as grandes façanhas para os grandes homens estão reservadas." "E quando assim não seja", respondeu o lastimoso Durandarte, com voz desmaiada e baixa. "Quando assim não seja, ó primo, digo: paciência e baralhemos as cartas!" E, virando-se de lado, regressou a seu costumeiro silêncio, sem dizer mais palavra. Ouviram-se, neste ponto, grandes alaridos e prantos, acompanhados de profundos gemidos e angustiados soluços. Volvi a cabeça e vi, pelas paredes de cristal, que por outra sala passava uma procissão de duas filas de formosíssimas donzelas, todas vestindo luto, com turbantes brancos sobre a cabeça, a modo turco. Ao cabo e fim das filas vinha uma senhora (pela gravidade, senhora parecia ser), igualmente vestida de negro, com touca branca tão extensa e larga que beijava a terra. Seu turbante era maior duas vezes do que o maior de qualquer das outras. Tinha as sobrancelhas unidas e o nariz algo chato; grande a boca, mas de lábios rubros; os dentes, que às vezes descobria, mostravam-se ralos e malpostos, embora fossem brancos como amêndoas descascadas. Trazia nas mãos um lenço delgado e envolto nele, pelo que pude divisar, um coração de múmia, tão seco e ensalmourado vinha. Disse-me Montesinos que toda aquela gente da procissão eram servidores de Durandarte e de Belerma, que ali com seus amos estavam encantados; a última, que trazia o coração envolto no lenço e nas mãos, era a senhora Belerma, a qual suas donzelas quatro dias na semana faziam aquela procissão e cantavam, ou, para dizer melhor, chorava endechas sobre o corpo e sobre o lastimado coração de seu primo. Se me havia ela parecido algo feia, ou não tão formosa como dizia a fama, era isso causado pelas noites más e dias piores que naquele encantamento passava, como o podia ver em suas grandes olheiras e em sua cor mortiça. "E não vêm essa palidez e essas olheiras do mal mensal comum às mulheres, porque há muitos meses, e mesmo anos, não o tem nem por sinais; mas vem da dor que seu coração sente pelo que continuamente tem nas mãos, renovando-lhe e trazendo-lhe à memória a desgraça de seu malogrado amante. Não fora isto, apenas a igualaria em formosura, donaire e brio a grande Dulcineia del Toboso, tão celebrada em todas estas redondezas e mesmo em todo o mundo." Disse eu então: "Calai-vos, senhor Dom Montesinos. Conte Vossa Mercê sua história como deve, pois já sabe que toda comparação é odiosa. Assim, não há razão para comparar alguém com alguém. A sem-par Dulcineia del Toboso é quem é, e a senhora dona Belerma é quem é e quem foi, e fiquemos por aqui." A isso ele me respondeu: "Senhor Dom Quixote, perdoe-me Vossa Mercê. Confesso que andei mal e não falei bem ao dizer que apenas a senhora Dulcineia igualaria a senhora Belerma, pois me bastava a mim haver entendido, por não sei que intuição, que Vossa Mercê é seu cavaleiro, para me morder a língua antes de compará-la a coisa inferior ao próprio céu." Com esta satisfação que me deu o grande Montesinos aquietou-se meu coração do sobressalto que tive ao ouvi-lo comparar minha senhora com Belerma.


G. Doré

— E ainda me maravilho eu — disse Sancho — de como vosmecê não subiu sobre o velhote e não lhe moeu a coices todos os ossos nem lhe arrancou as barbas, sem deixar-lhe pelo na cara.

— Não, Sancho amigo — respondeu Dom Quixote. — Não me ficava bem fazer isso, porque somos obrigados todos a ter respeito aos anciãos, ainda que não sejam cavaleiros, e principalmente aos que o são e estão encantados. Sei bem que nada ficamos a dever um ao outro nas muitas perguntas e respostas que entre os dois mantivemos.

A este ensejo disse o primo:

— Não sei, senhor Dom Quixote, como Vossa Mercê, no reduzido espaço de tempo que passou lá embaixo, viu tantas coisas e falou e respondeu tanto.

— Quanto tempo faz que desci? — perguntou Dom Quixote.

— Pouco mais de uma hora — explicou Sancho.

— Isso não pode ser — replicou Dom Quixote —, porque lá me anoiteceu e amanheceu e tornou a anoitecer e a amanhecer três vezes, de modo que, por minhas contas, três dias estive naquelas partes remotas e escondidas à nossa vista.

— Deve meu amo dizer a verdade — disse Sancho — porque, como todas as coisas que lhe sucederam foram de encantamento, talvez o que a nós nos parece uma hora lá deve parecer três dias com suas noites.

— Assim será — concordou Dom Quixote.

— E comeu Vossa Mercê durante todo esse tempo, meu senhor? — indagou o primo.

— Nem mesmo quebrei o jejum — respondeu Dom Quixote. — E não tive fome, sequer por pensamento.

— E os encantados comem? — disse o primo.

— Não comem — esclareceu Dom Quixote — nem soltam excrementos; embora se opine que lhes crescem as unhas, as barbas e os cabelos.

— E dormem porventura os encantados, senhor? — perguntou Sancho.

— Não, por certo — retrucou Dom Quixote. — Pelo menos, nestes três dias que passei com eles, ninguém pregou olhos, eu tampouco.

— Aqui se encaixa bem o rifão — tornou Sancho —: “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.” Anda vosmecê com encantados jejuadores e indormidos; demais não é que não coma nem durma enquanto andar com eles. Mas perdoe-me vosmecê, meu senhor, se lhe digo que, de tudo quanto aqui nos narrou, carregue-me Deus (ia a dizer o diabo) se acredito em alguma coisa.

— Como não? — disse o primo. — Pois haveria de mentir o senhor Dom Quixote, que, mesmo se o quisesse, não teve tempo nem lugar para compor e imaginar tal milhão de mentiras?

— Não creio que meu senhor minta — respondeu Sancho.

— Então, que crês? — perguntou Dom Quixote.

— Creio — respondeu Sancho — que aquele Merlim, ou aqueles encantadores que encantaram toda a chusma que vosmecê disse ter visto e conversado lá embaixo, lhe encaixou na imaginação ou na memória toda essa maquinação que nos contou e tudo aquilo que por contar lhe resta.

— Isso bem poderia ser, Sancho — replicou Dom Quixote —, mas assim não é, porque, o que contei, vi-o com meus próprios olhos e toquei-o com minhas próprias mãos. Mas que dirás quando eu te disser agora como, entre outras infinitas coisas e maravilhas que Montesinos me mostrou (as quais devagar e a seu tempo te irei contando, no decurso de nossa viagem, por não serem todas deste lugar), mostrou-me ele três lavradoras, que por aqueles amenos campos iam saltitando e brincando como cabras, e, mal as vi, reconheci ser uma a sem-par Dulcineia del Toboso e, as outras, aquelas duas mesmas lavradoras que com ela vinham e encontramos à saída de Toboso? Perguntei a Montesinos se as conhecia. Respondeu-me que não, mas imaginava deviam ser algumas senhoras principais encantadas, pois poucos dias havia que naqueles prados tinham aparecido. E não me admirasse eu disso, porque ali estavam outras muitas senhoras dos passados e presentes séculos, encantadas em diferentes e estranhas figuras, entre as quais conhecia ele a rainha Ginebra e sua aia Quintanhona, servindo vinho a Lançarote,

*quando da Bretanha vinha.*

Ao ouvir seu amo dizer isto, Sancho pensou perder o juízo, ou morrer de rir; e, como sabia a verdade do fingido encanto de Dulcineia, de quem havia sido ele o encantador e o levantador de tal testemunho, acabou de conhecer indubitavelmente que Dom Quixote estava fora de juízo e louco por inteiro. Assim, disse-lhe:

— Em má conjuntura, em pior estação e em aziago dia desceu vosmecê, meu caro patrão, ao outro mundo, e em mau lugar se encontrou com o senhor Montesinos, que assim no-lo devolveu. Bem estava vosmecê cá em cima, com seu juízo perfeito, tal como Deus lho havia dado, falando sentenças e dando conselhos a cada passo, e não como agora, contando os maiores disparates que imaginar se podem.

— Como te conheço, Sancho — respondeu Dom Quixote —, não faço caso de tuas palavras.

— Eu tampouco das de vosmecê — replicou Sancho —, ainda que me fira ou me mate pelas que tenho dito, ou pelas que penso dizer, se nas suas não se corrige a emenda. Mas diga-me vosmecê, agora que estamos em paz, como ou em que reconheceu a senhora nossa ama? E, se lhe falou, que disse e que lhe respondeu ela?

— Reconheci-a — explicou Dom Quixote — por trazer as mesmas vestes que trazia quando ma mostraste. Falei-lhe, mas não me respondeu palavra; antes, voltou-me as costas e se foi fugindo com tanta pressa que uma seta não a alcançaria. Quis segui-la, e tê-lo-ia feito, se não me aconselhasse Montesinos que não me cansasse com isso, porque seria em vão e, mais ainda, porque se acercava a hora em que me convinha sair da cova. Disse-me também que, com o correr do tempo, ser-me-ia dado aviso de como haveriam de ser desencantados ele, Belerma e Durandarte, com todos os que ali estavam. O que, porém, mais pena me deu de tudo quanto ali vi e notei foi, ao dizer-me Montesinos estas razões, chegar-se a mim por um lado, sem que eu a visse vir, uma das duas companheiras da desventurada Dulcineia, e, cheios os olhos de lágrimas, com voz perturbada e baixa, dizer-me: “Minha senhora Dulcineia del Toboso beija as mãos de Vossa Mercê e lhe suplica que a deixe saber como está; e, por achar-se em grande necessidade, igualmente suplica a Vossa Mercê, o mais encarecidamente que pode, seja servido de emprestar-lhe, sob penhor deste saiote novo de algodão que aqui trago, meia dúzia de reais, ou os que Vossa Mercê tiver; que ela dá sua palavra de pagá-los com muita brevidade.” Fiquei suspenso e admirado com tal recado e, voltando-me para o senhor Montesinos, perguntei-lhe: “É possível, senhor Montesinos, que os encantados principais padeçam necessidades?” Ao que ele me respondeu: “Creia-me Vossa Mercê, senhor Dom Quixote de la Mancha, que isto que se chama necessidade em qualquer parte se usa, e por tudo se estende, e a todos alcança, e mesmo aos encantados não perdoa; e já que a senhora Dulcineia del Toboso manda pedir esses seis reais, sendo bom o penhor, segundo parece, o remédio é dá-los, pois sem dúvida deve achar-se em algum grande aperto.” “Penhor, não o aceitarei”, respondi-lhe, “nem lhe darei o que pede, porque apenas tenho quatro reais.” Dei-lhos esses (que foram os que tu, Sancho, me entregaste outro dia, para dar de esmola aos pobres que topasse pelos caminhos) e lhe disse: “Minha amiga, dizei a vossa ama que a mim me pesa na alma dos seus trabalhos, e quisera ser um Fúcar[5] para remediá-los. Faço-lhe saber que não posso nem devo ter saúde, quando careço de sua agradável vista e discreta conversação, e lhe suplico, o mais encarecidamente que posso, seja servida Sua Mercê de deixar-se ver e tratar por este seu cativo servidor e desvairado cavaleiro. Dir-lhe-eis também que, quando menos pense, ouvirá como fiz um juramento e voto, à maneira daquele, que fez o marquês de Mântua, de vingar seu sobrinho Baldovinos, quando o encontrou a expirar no meio da montanha, e que foi o de não comer pão em toalha, com as outras bagatelas que ali acrescentou, enquanto o não vingasse. E assim jurarei eu não sossegar e andar as sete partes do mundo, com mais pontualidade do que as andou o infante Dom Pedro de Portugal, até desencantá-la.” “Tudo isso e mais deve Vossa Mercê a minha ama”, respondeu-me a donzela. E, tomando os reais, em vez de fazer-me uma reverência, deu uma cabriola que a ergueu no ar duas varas de medir.

— Oh, santo Deus! — exclamou neste ponto, com grande brado, Sancho. — É possível que haja no mundo e nele tenham tanta força os encantadores e os encantamentos, para terem trocado o juízo de meu amo em tão disparatada loucura? Oh, senhor, senhor, por quem Deus é, olhe vosmecê por si e vele por sua honra e não dê crédito a essas coisas vazias, que lhe minguaram e transtornaram o sentido!

— Por me quereres bem, Sancho, falas dessa maneira — disse Dom Quixote.

— E, como não estás experimentado nas coisas do mundo, todas as coisas que têm algo de dificuldade te parecem impossíveis. Correrá o tempo, entretanto, como já antes disse, e irei contar-te algumas das coisas que lá embaixo vi, as quais farão com que acredites nas que aqui contei, cuja verdade não admite réplica nem disputa.

# CAPÍTULO XXIV

## *Em que se contam mil ninharias, tão impertinentes como necessárias ao verdadeiro entendimento desta grande história*

Disse quem traduziu esta grande história do original em que a escreveu seu primeiro autor, Cide Hamete Benengeli, que, chegando ao capítulo da cova de Montesinos, à margem dele estavam escritas, pela mão do próprio Hamete, as seguintes razões:

“Não consigo entender nem me posso persuadir de que ao valoroso Dom Quixote ocorresse exatamente tudo o que no antecedente capítulo fica escrito: a razão é que todas as aventuras até aqui sucedidas têm sido plausíveis e verossímeis. Na desta cova, porém, não acho entrada alguma para tê-la por verdadeira, por ir tão fora dos termos razoáveis. Pensar que Dom Quixote mentisse, sendo ele o mais verdadeiro fidalgo e o mais nobre cavaleiro de seu tempo, não é possível, pois mentira não diria ele, ainda que o cravassem de setas. Por outra parte, considero que ele a contou e a disse com todas as circunstâncias referidas, e não poderia fabricar, em tão breve espaço, tão grande máquina de disparates. Se esta aventura parece apócrifa, não tenho eu a culpa. Assim, sem afirmá-la falsa ou verdadeira, escrevo-a. Tu, leitor, que és prudente, julga como te parecer melhor, que eu mais não devo nem posso, embora se tenha por certo que, na hora de seu fim e de sua morte, segundo contam, ele se retratou, dizendo que a havia inventado por lhe parecer que convinha e calhava bem com as aventuras que havia lido em suas histórias.” E logo prossegue, dizendo:

Espantou-se o primo tanto do atrevimento de Sancho Pança como da paciência de seu amo e julgou que aquela condição branda, que então mostrava, nascia do contentamento de haver visto a sua senhora Dulcineia del Toboso, ainda que encantada. Pois, se assim não fosse, as palavras e razões de Sancho mereceriam o moessem a pauladas, porque realmente lhe pareceu que andara atrevidito com seu patrão. E disse a este:

— Eu, senhor Dom Quixote, dou por muitíssimo bem empregada a jornada que fiz com Vossa Mercê, porque quatro coisas nela granjeei. A primeira, haver conhecido Vossa Mercê, o que tenho por grande felicidade. A segunda, haver sabido o que se encerra nesta cova de Montesinos, com as mutações do Guadiana e das lagoas de Ruidera, que me servirão para o *Ovídio espanhol* que tenho em mãos. A terceira, saber da antiguidade dos naipes, pois, pelo menos, já se usavam no tempo do imperador Carlos Magno, segundo se pode coligir das palavras que Vossa Mercê disse ter ouvido de Durandarte, quando, ao cabo daquele prolongado colóquio que manteve com Montesinos, ele despertou dizendo: “Paciência e baralhemos as cartas.” E esta razão e modo de falar não a pôde aprender encantado, mas quando não o estava, na França e no tempo do referido imperador Carlos Magno. E esta averiguação me vem a talho de foice para o outro livro que estou compondo, e é o *Suplemento de Virgílio Polidoro, na invenção das antiguidades*, pois creio que no dele não se lembrou de pôr a dos naipes, como a irei eu pôr agora, o que será de muita importância, principalmente citando-se autor tão grave e verdadeiro como é o senhor Durandarte. A quarta é haver sabido com certeza a nascente do rio Guadiana, até agora ignorada das gentes.

— Tem Vossa Mercê razão — disse Dom Quixote. — Mas gostaria eu de saber, desde que Deus lhe permita obter licença para imprimir esses livros (pois tenho dúvidas), a quem pensa dedicá-los.

— Senhores e grandes há em Espanha a quem se possam dedicar — observou o primo.

— Não muitos — respondeu Dom Quixote. — E não porque não o mereçam, mas porque não o querem admitir, para se não obrigarem à satisfação que, parece, se deve ao trabalho e cortesia de seus autores. Um príncipe[1] conheço eu que pode suprir a falta dos demais, com tantas vantagens que, se me atrevesse a dizê-las, talvez despertasse a inveja em mais de quatro generosos peitos. Fique isto, contudo, para outro tempo mais cômodo e tratemos de buscar onde nos recolhamos esta noite.

— Não longe daqui — informou o primo — há uma ermida, onde reside um ermitão, que dizem ter sido soldado e tem fama de ser bom cristão e muito discreto, além de caritativo. Junto à ermida, tem ele uma pequena casa, que mandou construir à sua custa e que, embora pequena, comporta hóspedes.

— Tem porventura galinhas o tal ermitão? — perguntou Sancho.

— Poucos ermitães vivem sem elas — respondeu Dom Quixote — porque não são os de agora como aqueles dos desertos do Egito, que se vestiam de folhas de palmeira e comiam raízes da terra. E não se entenda que, por dizer bem daqueles, não o digo destes; quero apenas dizer que ao rigor e restrições de então não chegam as penitências dos de agora. Nem por isso, contudo, deixam de ser todos bons. Pelo menos, por bons os julgo e, quando tudo corra turvo, menos mal faz o hipócrita que se finge de bom do que o público pecador.

Estando nisto, viram que para onde se achavam vinha um homem a pé, caminhando depressa e dando varadas num macho carregado de lanças e alabardas. Quando chegou perto deles, saudou-os e passou de largo. Dom Quixote lhe disse:

— Detende-vos, bom homem, pois parece que ides com diligência maior do que há mister esse macho.

— Não me posso deter, senhor — respondeu o homem —, pois as armas que vedes que levo devem ser empregadas amanhã e, assim, forçoso é me não detenha, e adeus. Se, porém, quiserdes saber para que as levo, penso alojar-me esta noite na venda que está para cima da ermida. Se ides por esse mesmo caminho, ali me encontrareis e contar-vos-ei maravilhas. Novamente, adeus.

E de tal modo aguilhoou o macho que Dom Quixote não teve ensejo de perguntar-lhe que maravilhas pensava dizer-lhes. Como era algo curioso e sempre o incitavam desejos de saber coisas novas, ordenou que imediatamente partissem e fossem passar a noite na venda, sem tocar na ermida, onde o primo quisera que ficassem.

Fez-se assim. Montaram a cavalo e seguiram os três diretamente rumo à venda, à qual chegaram pouco antes do anoitecer. Disse o primo a Dom Quixote que fossem à ermida tomar um trago. Apenas ouviu isto, Sancho Pança encaminhou para ela o ruço, e o mesmo fizeram Dom Quixote e o primo. A má sorte de Sancho, porém, parece que ordenou que o ermitão não estivesse em casa, como o disse uma subermitoa,[2] que na ermida acharam. Pediram-lhe do vinho caro;[3] respondeu que seu amo não o tinha, mas, se quisessem água barata, dá-la-ia de muita boa vontade.

— Se água eu quisesse — replicou Sancho —, poços há no caminho que me deixariam satisfeito. Ah, bodas de Camacho e abundância da casa de Dom Diogo, quantas vezes vos tenho de recordar!

Com isto, deixaram a ermida e seguiram para a venda. Pouco depois toparam com um rapazinho, que à frente deles caminhava com muita pressa, e o alcançaram. Levava a espada sobre o ombro e, pendurado nela, um embrulho ou envoltório, ao que parece de suas vestes, devendo ser os calções ou calças, e alguma camisa, pois trajava apenas roupa leve de veludo, com vislumbres de algodão, e a camisa de fora; as meias eram de seda e os sapatos, quadrados, à moda da corte. Teria dezoito ou dezenove anos de idade e parecia ágil. Ia cantando trovas para entreter a fadiga do caminho. Quando se aproximaram dele, cantava uma que o primo tomou de memória e assim dizia:

*À guerra me leva*

*a bolsa vazia;*

*tivesse eu dinheiro*

*que lá não iria.*

O primeiro que lhe falou foi Dom Quixote, dizendo-lhe:

— Muito à ligeira caminha Vossa Mercê, galante jovem. Para onde vai? Saibamo-lo, se lhe apraz dizê-lo.

— O caminhar tão à ligeira causam-no o calor e a pobreza; e vou para a guerra.

— Como, a pobreza? — perguntou Dom Quixote. — Pelo calor, bem pode ser.

— Senhor — replicou o mancebo —, levo nesta trouxa uns calções de veludo, companheiros desta roupa; se os gasto no caminho, não me poderei honrar com eles na cidade, e não tenho com que comprar outros. Assim, por isso, e para me arejar, vou desta maneira, até alcançar umas companhias de infantaria que não estão a doze léguas daqui e nas quais assentarei praça. Daí por diante não faltarão transportes que me levem até o ponto de embarque, que dizem será Cartagena. Antes quero ter por amo e senhor o rei, e servi-lo na guerra, do que a um pobretão na corte.

— E tem Vossa Mercê, porventura, alguma graduação? — indagou o primo.

— Se eu tivesse servido a algum grande de Espanha, ou a figura principal — respondeu o rapaz —, seguramente alguma teria. Para isso serve o servir aos bons. Da sala dos criados costuma-se sair para ser alferes ou capitão, ou para alguma boa tença. Eu, porém, desventurado de mim, servi sempre a cata-ribeiras[4] e a gente adventícia, de ração e quitação tão míseras e estreitas que a metade delas se consumia com pagar o engomado de um colarinho. E seria tido por milagre que um pajem aventureiro alcançasse sequer razoável ventura.

— Mas diga-me, por sua vida, amigo — tornou Dom Quixote. — Será possível que, nos anos que serviu, não pôde obter alguma libré?

— Duas me deram — respondeu o pajem. — Mas assim como tiram o hábito e devolvem as vestes a quem sai de alguma ordem religiosa antes de professar, assim me devolviam a mim os meus vestidos os amos, quando, acabados os negócios para que vinham à corte, regressavam à sua casa e recolhiam as librés que apenas por ostentação haviam dado.

— Notável *espilorchería*,[5] como diz o italiano! — exclamou Dom Quixote. — Mas, apesar disso, dê-se por feliz havendo saído da corte com tão boa intenção. Não há coisa na terra mais honrada nem de mais proveito que servir a Deus em primeiro lugar e, a seguir, a seu rei e senhor natural, especialmente no exercício das armas, pelas quais se alcançam, se não mais riquezas, pelo menos mais honra que pelas letras, como tenho dito muitas vezes. Embora mais morgadias hajam fundado as letras que as armas, têm estas um não sei quê de vantagem sobre aquelas, com um sim sei quê de esplendor, que nelas se acha e a tudo se sobrepõe. E isto que agora lhe quero dizer, leve-o na memória, pois lhe será de muito proveito e alívio em seus trabalhos: e é que afaste a imaginação dos sucessos adversos que poderão vir, pois o pior de tudo é a morte e, sendo esta boa, o melhor de tudo é morrer. Perguntaram a Júlio César, aquele valoroso imperador romano, qual a melhor morte. Respondeu[6] que a impensada, a repentina e não prevista. E embora tivesse respondido como gentio e alheio ao conhecimento do verdadeiro Deus, apesar disso falou bem, para se poupar ao sentimento humano. Posto que acaso vos matem na primeira facção ou refrega, por tiro de artilharia ou por explosão de mina, que importa? Tudo é morrer e acabou-se a obra. Segundo Terêncio,[7] melhor parece o soldado morto em batalha que vivo e a salvo na fuga; e tanto maior fama alcança o bom soldado quanto mais obedece a seus capitães e aos que sobre ele têm mando. Lembrai-vos, filho, que melhor para o soldado é ter cheiro de pólvora que de almíscar. E se a velhice vos colher neste honroso exercício, ainda que cheio de ferimentos, estropiado e coxo, pelo menos não vos poderá colher sem honra, e tal que a pobreza não a poderá menoscabar. Tanto mais quanto já se vai dando ordem para que se cuidem e remediem os soldados velhos e estropiados, pois não fica bem se faça com eles o que soem fazer os que alforriam e dão liberdade a seus negros, quando já são velhos e não podem servir, pois, lançando-os de casa com o título de libertos, escravos os fazem da fome, de que só se alforriarão com a morte. Por agora, nada mais vos quero dizer senão que monteis às ancas deste meu cavalo até a venda, e ali ceareis comigo, e pela manhã seguireis vosso caminho, que vo-lo faça Deus tão bom como vossos desejos merecem.

O pajem não aceitou o convite da garupa, mas sim o de cear na venda, e neste ponto dizem que Sancho murmurou consigo mesmo: “Valha-te Deus, meu senhor! É possível que homem que saiba dizer tais e tão boas coisas, como as ditas aqui, possa dizer que viu os disparates impossíveis que narra da cova de Montesinos? Bem, vamos a ver!”

Nisto, chegaram à venda, ao anoitecer, e não sem prazer de Sancho, por ver que seu amo a considerou verdadeira venda, e não castelo, como de hábito. Nem bem haviam entrado, perguntou Dom Quixote ao vendeiro pelo homem das lanças e alabardas. Respondeu-lhe que estava acomodando o macho na cavalariça. O mesmo fizeram a seus jumentos o primo e Sancho, dando a Rocinante a melhor manjedoura e o melhor lugar da cavalariça.

# CAPÍTULO XXV

## *Onde se conta a aventura do zurro e o gracioso caso do titeriteiro, com as memoráveis adivinhações do macaco adivinhador*

Pelava-se Dom Quixote, como se costuma dizer, por ouvir e saber as maravilhas prometidas pelo homem condutor das armas. Foi buscá-lo onde o vendeiro dissera que se encontrava e, achando-o, disse-lhe que, de qualquer modo, soltasse logo o que havia de dizer depois, a respeito do que lhe havia perguntado no caminho. Respondeu-lhe o homem:

— Mais devagar e não de pé se deve ouvir a narração de minhas maravilhas. Deixe-me Vossa Mercê, bom senhor, acabar de cuidar de meu animal, que irei dizer-lhe coisas de causar admiração.

— Não seja por isso — replicou Dom Quixote —, que vos ajudarei em tudo.

E assim o fez, joeirando-lhe a cevada e limpando a manjedoura, humildade que obrigou o homem a contar-lhe com boa vontade o que lhe pedia. Assim, sentando-se num poial, e Dom Quixote junto a ele, e tendo por senado e auditório o primo, o pajem, Sancho Pança e o vendeiro, começou a falar desta maneira:

— Saberão Vossas Mercês que num lugar a quatro léguas e meia desta venda aconteceu que a um regedor dele, por engano e indústria de uma moça, sua criada (e isto é longo de contar), faltou um burro. E embora o tal regedor fizesse as diligências cabíveis para encontrá-lo, não foi possível. Quinze dias seriam passados, segundo é voz pública e fama, que desaparecera o asno, quando, estando na praça o regedor que o perdera, outro regedor da mesma aldeia lhe disse: "Dai-me alvíssaras, compadre, que vosso jumento já apareceu!" "Hei de vo-las dar, e boas, compadre", respondeu o outro, "mas vamos saber onde ele apareceu." "No monte", respondeu o que o achara. "Vi-o esta manhã, sem albarda nem aparelho algum, tão fraco, que dava pena olhá-lo. Quis apanhá-lo, para trazê-lo, mas está de tal modo bravio e montês que, quando lhe cheguei perto, saiu a fugir e entrou no mais escondido do monte. Se quiserdes que voltemos a buscá-lo, deixai-me pôr esta burrica em minha casa, que logo volto." "Muito prazer me fareis", disse o do jumento, "e eu procurarei pagar-vos na mesma moeda." Com estas circunstâncias todas e do mesmo modo por que as vou contando narram este caso aqueles que estão inteirados de suas verdadeiras linhas. Em consequência, os dois regedores, a pé e juntos, foram-se ao monte e, chegando ao lugar e sítio em que pensavam encontrar o asno, não o acharam, nem apareceu ele por todas aquelas redondezas, por mais que o procurassem. Vendo, pois, que ele não aparecia, disse o regedor que o havia visto, ao outro: “Olhai, compadre; veio-me ao pensamento um plano, com o qual sem dúvida alguma poderemos descobrir este animal, ainda que esteja metido nas entranhas da terra, e não do monte. Acontece que eu sei zurrar maravilhosamente; e, se sabeis algum tanto, dai o caso por concluído.” “Dizeis algum tanto, compadre?”, disse o outro. “Por Deus que, em questão de zurrar, não fico atrás de ninguém, nem mesmo dos próprios asnos.” “Veremos isso agora”, disse o segundo regedor, “porque tenho por bom que andeis por uma parte do monte, e eu por outra, de modo que o rodeemos e andemos todo. De espaço em espaço, zurrareis vós, zurrarei eu, e o asno não nos deixará de responder, se estiver no monte.” A isso respondeu o dono do jumento: “Digo, compadre, que o plano é excelente e digno de vosso grande engenho.” E, separando-se os dois segundo o combinado, sucedeu que quase ao mesmo tempo zurraram e, cada um enganado pelo zurro do outro, correram a procurar-se, pensando que já o jumento havia aparecido. Ao se verem, disse o que perdera: “Será possível, compadre, que o zurro não tenha sido de meu asno?” “Não, fui eu”, respondeu o outro. “Agora digo”, falou o dono, “que entre vós e um asno, compadre, não há a menor diferença, no que toca a zurrar. Nunca em minha vida ouvi nem vi coisa mais apropriada.” “Esses louvores e encarecimentos”, respondeu o do plano, “melhor cabem e tocam a vós que a mim, compadre, pois, pelo Deus que me criou, podeis dar dois zurros de vantagem ao maior e mais perito zurrador do mundo. O som que tendes é alto, o sustenido da voz a tempo e compasso, os zurros muitos e seguidos; em suma, dou-me por vencido e vos entrego a palma e a bandeira desta rara habilidade.” “Agora digo”, respondeu o dono do asno, “que terei por mim mesmo maior estima de hoje por diante, e pensarei que sei alguma coisa, pois tenho certo dom; de fato, embora pensasse que zurrava bem, nunca julguei chegar ao extremo que dizeis.” “Também direi eu agora”, respondeu o segundo, “que há raras habilidades perdidas neste mundo e mal empregadas são naqueles que não sabem aproveitar-se delas.” “As nossas”, retrucou o dono do asno, “se não é em casos semelhantes a este que temos em mão, em outros não nos podem servir; e, mesmo neste, praza a Deus nos sejam de proveito.” Dito isto, voltaram a separar-se e a zurrar, e a cada passo se enganavam e voltavam a juntar-se, até que se deram por contrassenha que, para entender que eram eles, e não o asno, zurrassem duas vezes, uma atrás da outra. Com isto, dobrando a cada passo os zurros, rodearam todo o monte, sem que o jumento perdido respondesse, ainda que por sinais. Como, porém, haveria de responder o pobre e malogrado animal, se no mais escondido do bosque o encontraram, comido de lobos? Ao vê-lo, disse seu dono: “Já me admirava eu de que ele não respondesse, pois, não estando morto, ou zurraria ao ouvir-nos ou não seria asno. Em troca, porém, de vos haver ouvido zurrar com tanta graça, dou por bem empregado o trabalho que tive em procurá-lo, ainda que o tenha achado morto.” “Em boa mão está, compadre”, respondeu o outro, “pois, se bem canta o abade, não lhe fica atrás o mongezito.” Desse modo, desconsolados e roucos, voltaram à sua aldeia, onde contaram aos amigos, vizinhos e conhecidos quanto lhes havia acontecido na busca do asno, exagerando cada qual o dom de zurrar do outro. Tudo isso se soube e propagou pelos lugares circunvizinhos. E o diabo, que não dorme, amigo como é de semear e derramar disputas e discórdias por toda parte, levantando castelos no vento e quimeras grandes em nonadas, ordenou e fez com que as gentes de outras povoações, vendo a algum de nossa aldeia, zurrassem, como para lançar-lhe em rosto o zurro de nossos regedores. Deram com isso os rapazes, e foi como dar nas mãos e bocas de todos os demônios do inferno. Foi-se o zurro espalhando de uma aldeia a outra, de maneira que os naturais da aldeia do zurro são conhecidos como se conhecem e diferenciam os negros dos brancos. Chegou a tal ponto a desgraça desta burla que, muitas vezes, a mão armada e em esquadrão formado, saíram os burlados a travar batalha contra os burladores, sem que o pudessem remediar rei nem roque, temor ou vergonha. Creio que amanhã ou no dia seguinte hão de sair em campanha os de minha aldeia, que são os do zurro, contra outro lugar que fica a duas léguas do nosso e onde mais nos perseguem. Para que saiam bem-aparelhados, levo-lhes estas lanças e alabardas que haveis visto. São estas as maravilhas que disse vos iria contar; e se maravilhas não vos pareceram, de outras não sei.

Com isto deu fim à sua prática o bom homem. Neste ponto, entrou pela porta da venda outro homem, todo vestido de camurça, meias, calções e gibão, que com alta voz disse:

— Senhor hospedeiro, há pousada? Aqui vem o macaco adivinho, com o retábulo[1] da liberdade de Melisendra.

— Valha-me Deus! — disse o vendeiro. — Aqui está o senhor mestre Pedro! Bela noite se nos aparelha!

Esquecia-me dizer que o tal mestre Pedro trazia coberto o olho esquerdo e quase metade da cara com um parche de tafetá verde, sinal de que todo aquele lado devia estar enfermo; e o vendeiro prosseguiu, dizendo:

— Seja bem-vindo, senhor mestre Pedro. Mas onde estão o macaco e o retábulo, que não os vejo?

— Já vêm perto — esclareceu o de camurça. — Acontece que vim à frente, para saber se há pousada.

— Tirá-la-ia ao próprio duque de Alba para dá-la ao senhor, mestre Pedro — respondeu o vendeiro. — Cheguem o macaco e o retábulo, que há gente esta noite na venda que pagará para vê-lo, e às habilidades do mono.

— Em boa hora seja — replicou o do parche —, que eu moderarei meu preço e só com a despesa me darei por bem pago. E volto, para fazer com que caminhe a carreta em que vêm o macaco e o retábulo.

E logo tornou a sair da venda. Perguntou imediatamente Dom Quixote ao vendeiro que mestre Pedro era aquele e que retábulo e macaco trazia. Ao que o vendeiro respondeu:

— Este é um famoso titeriteiro que há muitos dias anda por esta Mancha de Aragão apresentando um retábulo sobre a liberdade de Melisendra, dada pelo famoso Dom Gaifeiros, uma das melhores e mais finamente representadas histórias que neste reino se hão visto, de muitos anos a esta parte. Traz igualmente consigo um macaco da mais rara habilidade que entre monos já se viu, ou já se imaginou entre homens. Porque, se lhe perguntam algo, fica atento ao que lhe perguntam e logo salta sobre os ombros de seu amo e, chegando-se-lhe ao ouvido, lhe diz a resposta do que lhe perguntaram, que logo mestre Pedro revela. Diz muito mais das coisas passadas que das que estão por vir e, embora nem em todas as vezes acerte tudo, não erra na maior parte, de modo que nos faz crer que tem o diabo no corpo. Dois reais cobra por pergunta, se é que o mono responde, isto é, se por ele responde o amo, depois que o macaco lhe falou ao ouvido. Assim, acredita-se que o tal mestre Pedro está riquíssimo. É *hombre galante* e *bom compaño*,[2] como dizem na Itália, e leva a melhor vida do mundo. Fala por seis, bebe por 12, tudo à custa de sua língua, de seu macaco e de seu retábulo.

Nisto, voltou mestre Pedro, e numa carreta vinham o retábulo e o mono, grande e sem cauda, com as nádegas peladas, mas não de má cara. Apenas o viu, Dom Quixote perguntou-lhe:

— Diga-me Vossa Mercê, senhor adivinho, *qué peje pillamo*?[3] Que irá suceder conosco? E veja aqui meus dois reais.

E mandou que Sancho os desse a mestre Pedro, o qual respondeu pelo mono:

— Senhor, este animal não responde nem dá notícia das coisas que estão por vir; sabe algo das passadas e algum tanto das presentes.

— Macacos me mordam — exclamou Sancho — se eu der migalha para que me digam o que tenho passado! Quem o pode saber melhor do que eu mesmo? Pagar para me dizerem o que já sei seria grande asneira. Já, porém, que ele sabe as coisas presentes, eis aqui meus dois reais e diga-me o senhor macaquíssimo que faz agora minha mulher, Teresa Pança, e em que se entretém.

Não quis mestre Pedro aceitar o dinheiro, dizendo:

— Não desejo receber adiantados os prêmios, sem que venham precedidos dos serviços.

E, dando com a mão direita dois golpes no ombro esquerdo, de um salto se pôs o macaco sobre ele e chegou-lhe a boca ao ouvido, matraqueando os dentes com muita pressa. Havendo feito isso pelo tempo preciso para rezar um “credo”, de outro salto se pôs no chão. Imediatamente, com enorme pressa, meste Pedro pôs-se de joelhos diante de Dom Quixote e abraçou-lhe as pernas, dizendo:

— Estas pernas abraço, como se abraçasse as duas colunas de Hércules,[4] ó ressuscitador insigne da cavalaria andante já posta em olvido! Ó nunca jamais devidamente louvado cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, ânimo dos desanimados, arrimo dos que estão para cair, braço dos derribados, báculo e consolo de todos os infelizes!

Pasmado ficou Dom Quixote, absorto Sancho, suspenso o primo, atônito o pajem, aparvalhado o do zurro, confuso o vendeiro e, em suma, espantados todos os que ouviram as palavras do titeriteiro, o qual prosseguiu dizendo:

— E tu, ó bom Sancho Pança, o melhor escudeiro do melhor dos cavaleiros do mundo, alegra-te! Tua boa Teresa está bem de saúde, e a esta hora acha-se fiando uma libra de linho. E, por mais sinais, tem a seu lado um jarro desbocado, em que cabe seu bom tanto de vinho, com o qual ela se entretém em seu trabalho.

— Isso bem creio eu — respondeu Sancho —, porque ela é uma bem-aventurada e, se não fosse ciumenta, não a trocaria eu pela giganta Andandona,[5] que, segundo meu senhor, foi mulher mui cabal e de prol. Minha Teresa é daquelas que não sofrem mau passadio, ainda que à custa de seus herdeiros.

— Agora digo — interveio Dom Quixote —, que quem muito lê e muito anda, muito vê e muito sabe. Digo isto porque: que persuasão seria bastante para persuadir-me de que haja no mundo macacos que adivinhem, como agora o vi com meus próprios olhos? Sou eu mesmo, de fato, o Dom Quixote de la Mancha de que falou este bom animal, embora se haja estendido algum tanto em meus louvores. Mas, como quer que eu seja, dou graças ao céu, que me dotou de ânimo brando e compassivo, inclinado sempre a fazer bem a todos e mal a ninguém.

— Se eu tivesse dinheiro — disse o pajem —, perguntaria ao senhor macaco que me há de suceder em minha peregrinação.

A isso replicou mestre Pedro, que já se havia levantado de junto aos pés de Dom Quixote:

— Já disse que este animal não responde sobre o futuro. Se respondesse, não me importaria a existência de dinheiro, que, pelo serviço do senhor Dom Quixote, aqui presente, deixaria eu todos os interesses do mundo. E agora, porque lho devo e para dar-lhe gosto, quero armar um retábulo, a fim de dar prazer a quantos estão na venda, sem paga alguma.

Ouvindo isso, o vendeiro, sobremaneira alegre, assinalou o lugar onde se podia colocar o retábulo, que num momento se armou.

Dom Quixote não estava muito satisfeito com as adivinhações do macaco, por lhe parecer não ser muito conveniente que um macaco adivinhasse, nem as coisas do porvir, nem as passadas. Assim, enquanto mestre Pedro armava o retábulo, retirou-se Dom Quixote com Sancho a um canto da cavalariça, onde lhe disse, sem que mais alguém os pudesse ouvir:

— Olha, Sancho, considerei bem a estranha habilidade desse mono e acho, por minha conta, que sem dúvida este mestre Pedro, seu amo, deve ter feito pacto, tácito ou expresso, com o demônio.

— Se o *pátio é espesso* e do demônio — disse Sancho —, sem dúvida deve ser pátio muito sujo. Mas que proveito pode tirar o tal mestre Pedro de ter esses pátios?

— Não me entendes, Sancho. Quero apenas dizer que deve ter feito alguma combinação com o demônio, para que infunda essa habilidade no mono, a fim de ganhar o que comer e, depois que estiver rico, dar-lhe-á sua alma, que é o que pretende esse inimigo universal. Sou levado a crer nisto por ver que o macaco só responde às coisas passadas e presentes, pois a mais do que isso não se estende a sabedoria do diabo. As coisas do porvir não as sabe ele, a não ser por meio de conjeturas, e nem todas as vezes, pois só a Deus é reservado conhecer os tempos e os momentos, e para ele não há passado nem porvir, sendo tudo presente. Como isto é assim, claro está que esse macaco fala com o estilo do diabo e maravilhado estou de ainda não o terem acusado ao Santo Ofício, para que seja examinado e se verifique em virtude de quem adivinha. Certo é que esse mono não é astrólogo, nem ele ou seu amo levantam, nem sabem levantar, estas figuras que chamam "judiciárias" e agora se usam na Espanha, ao ponto de não haver mulherzinha, nem pajem, nem remendão que não tenha a presunção de levantar uma figura como se fosse uma sota de baralho do chão, pondo a perder com suas mentiras e ignorâncias a verdade maravilhosa da ciência.[6] Sei de uma senhora que perguntou a um desses figuradores se uma cadelinha fraldiqueira, que possuía, ficaria prenhe e iria parir, e quantos e de que cor seriam os cachorrinhos. A isso o senhor judiciário, depois de haver levantado a figura, respondeu que a cachorrinha ficaria prenhe e pariria a três cachorritos, um verde, o outro encarnado e o outro sarapintado, com a condição de que a cobertura se fizesse entre as 11 e as 12 horas do dia ou da noite, e em segunda-feira ou sábado. O que sucedeu foi que, daí a dois dias, morreu a cadelinha de indigestão, mas o senhor levantador ficou acreditado no lugar como acertadíssimo judiciário, como ficam todos os levantadores, ou a maioria.

— Apesar disso — observou Sancho —, gostaria que vosmecê dissesse a mestre Pedro para perguntar a seu macaco se é verdade o que passou na cova de Montesinos, pois, com seu perdão, tenho para mim que foi tudo patranha e mentira, ou, pelo menos, coisa sonhada.

— Poderia ser — respondeu Dom Quixote. — Mas farei o que me aconselhas, embora me fique disso um pouco de escrúpulo.

Neste ponto, veio mestre Pedro buscar Dom Quixote, para dizer-lhe que já estava pronto o retábulo e que Sua Mercê o fosse ver, pois o merecia. Dom Quixote comunicou-lhe seu pensamento e rogou-lhe perguntasse logo ao macaco se certas coisas que havia passado na cova de Montesinos haviam sido sonhadas ou verdadeiras, pois lhe parecia que tinham de tudo. Mestre Pedro, sem responder palavra, voltou a trazer o mono e, diante de Dom Quixote e Sancho, disse-lhe: "Olhai, senhor macaco, este cavaleiro quer saber se certas coisas que passou numa cova chamada de Montesinos foram falsas ou verdadeiras."

Fazendo-lhe o sinal acostumado, o macaco subiu-lhe ao ombro esquerdo e como que lhe falou ao ouvido. Disse logo mestre Pedro:

— O macaco diz que parte das coisas que Vossa Mercê viu ou passou na referida cova são falsas e parte verossímeis; isto é o que sabe, e nada mais, quanto a esta pergunta; se Vossa Mercê quiser saber mais, na sexta-feira vindoura responderá a tudo o que lhe for perguntado; por agora, acabou-se-lhe a virtude, que só lhe voltará sexta-feira, como foi dito.

— Não lhe dizia eu — atalhou Sancho — que não podia tragar tudo o que vosmecê, meu senhor, disse dos acontecimentos da cova, como verdade, e nem mesmo a metade deles?

— Os sucessos o dirão, Sancho — replicou Dom Quixote. — O tempo, descobridor de todas as coisas, nenhuma deixa que não tire à luz do sol, ainda que se esconda no seio da terra. Baste isto por agora e vamos ver o retábulo do bom mestre Pedro, que, creio, deve ter alguma novidade.

— Como, alguma? — respondeu mestre Pedro. — Sessenta mil encerra em si este meu retábulo. Digo a Vossa Mercê, meu senhor Dom Quixote, que é uma das coisas mais dignas de ver que hoje tem o mundo. *Operibus credite, et non verbis.*[7] Mãos à obra, que se faz tarde e temos muito que fazer, dizer e mostrar.

Obedeceram-lhe Dom Quixote e Sancho e foram para onde estava o retábulo, armado e descoberto, cheio por toda parte de velinhas de cera acesas, que o tornavam vistoso e resplandecente. Ao chegar, meteu-se dentro dele mestre Pedro, para manejar as figuras do artifício, ficando do lado de fora um rapaz, criado de mestre Pedro, para servir de intérprete e declarador dos mistérios do retábulo. Trazia na mão uma vareta, com que apontava as figuras que saíam.

Sentados, pois, quantos se achavam na venda em frente ao retábulo, e alguns em pé, e acomodados Dom Quixote, Sancho, o pajem e o primo nos melhores lugares, o turgimão[8] começou a dizer o que ouvirá e verá quem ouvir ou vir o capítulo seguinte.

# CAPÍTULO XXVI

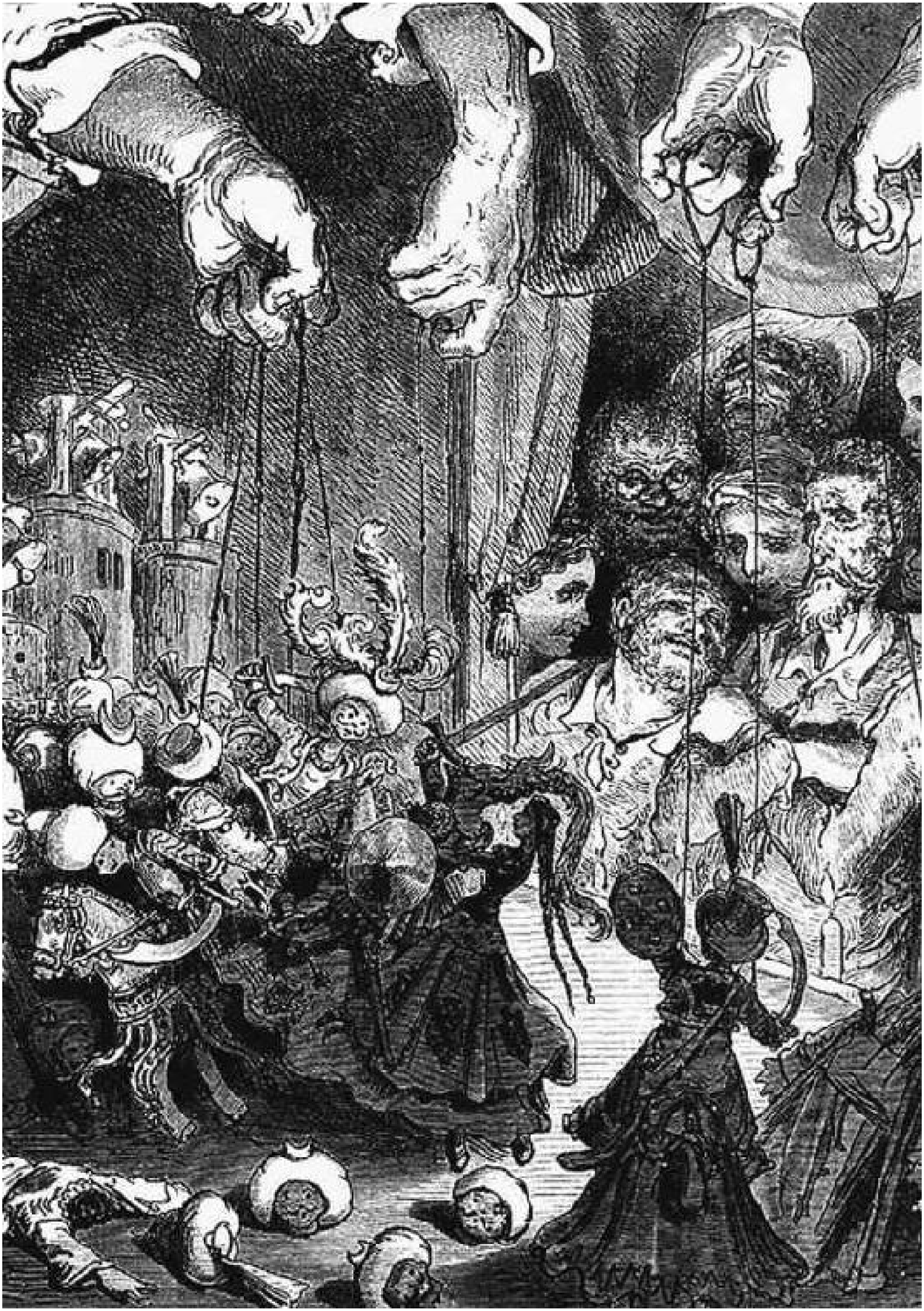
## *Em que prossegue a graciosa aventura do titeriteiro, com outras coisas em verdade assaz boas*

Calaram-se todos, tírios e troianos,[1] quero dizer, suspensos estavam, todos que contemplavam o retábulo, da boca do explicador de suas maravilhas, quando na cena se ouviu soarem numerosos atabales e trombetas e disparar-se muita artilharia, rumor que não tardou a passar. Logo o rapaz ergueu a voz e disse:

— Esta verdadeira história, que aqui a Vossas Mercês se representa, é extraída ao pé da letra das crônicas francesas e dos romances espanhóis que andam na boca das gentes e dos rapazes por essas ruas. Trata da liberdade que o senhor Dom Gaifeiros deu à sua esposa Melisendra, que estava cativa em Espanha, em poder de mouros, na cidade de Sansueña, como então se chamava a Saragoça de hoje. Vejam Vossas Mercês como ali está jogando tábuas[2] Dom Gaifeiros, conforme se canta:

*Tábuas ali joga Dom Gaifeiros,*
*que já de Melisendra está esquecido.*

Aquele personagem que ali assoma, de coroa à cabeça e cetro na mão, é o imperador Carlos Magno, pai putativo da tal Melisendra. Amofinado por ver o ócio e o descuido de seu genro, sai a censurá-lo. E vejam com que veemência e afinco o censura, parecendo até que lhe quer dar com o cetro meia dúzia de cascudos. Realmente, certos autores asseveram que os deu, e mui bem dados. E depois de lhe haver dito muitas coisas acerca do perigo que sua honra corria, pelo fato de não procurar libertar sua esposa, contam que lhe disse:



*Vede: já falei que baste.*

Olhem Vossas Mercês também como o imperador volta as costas e deixa despeitado Dom Gaifeiros, o qual, como veem, arroja para longe de si, impaciente de cólera, as tábuas e o tabuleiro, pedindo depressa suas armas. A Dom Roldão, seu primo, pede emprestada a espada Durindana, mas este não a quer emprestar, oferecendo-lhe companhia na difícil empresa a que se lança. O valoroso colérico, porém, não o quer aceitar; diz antes que, sozinho, é bastante para livrar sua esposa, ainda que estivesse enfiada no mais profundo centro da Terra. Com isto, entra a armar-se, para pôr-se logo a caminho. Voltem Vossas Mercês os olhos para aquela torre que ali aparece e se pressupõe ser uma das torres do alcáçar de Saragoça, hoje chamado aljaferia. Aquela dama no balcão, vestida à mourisca, é a sem-par Melisendra, que dali muitas vezes se punha a contemplar o caminho da França e, pondo a imaginação em Paris e em seu esposo, consolava-se de seu cativeiro. Olhem também um caso novo, que agora acontece, talvez jamais visto. Não veem aquele mouro que, caladito, pé ante pé, com o dedo na boca, chega pelas costas de Melisendra? Olhem como lhe dá um beijo no meio dos lábios, e a pressa que ela tem em cuspir e limpar a boca com a branca manga de sua camisa, e como se lastima e arranca, de pesar, os formosos cabelos, como se eles tivessem culpa do malefício. Vejam também como aquele grave sarraceno, que está naqueles corredores e é o rei Marsílio[3] de Sansueña, por haver visto a insolência do mouro, embora fosse ele parente seu e grande íntimo, mandou-o logo prender e dar-lhe duzentos açoites, depois de exibido pelas ruas principais da cidade,

*com pregoeiros à frente*

*e alguazis por detrás.*[4]

Vejam como saem a executar a sentença, nem bem havia sido praticado o delito, porque entre mouros não há “ciências às partes”, ou “faça-se a prova”, como entre nós.

— Menino, menino — observou nesse ponto, em voz alta, Dom Quixote —, segui vossa história em linha reta e não vos metais em curvas e transversais, pois, para tirar uma verdade a limpo, muitas e reiteradas provas são necessárias.

Também disse mestre Pedro, de dentro do retábulo.

Rapaz, não te metas em floreios, mas faze o que este senhor te manda e é o mais acertado. Segue teu cantochão, sem te meteres em contrapontos, que de sutis costumam quebrar-se.

Assim farei — respondeu o rapaz, que prosseguiu dizendo: — Esta figura que aqui aparece a cavalo, coberta por uma capa gascã, é a mesma de Dom Gaifeiros. Agora, sua esposa, já vingada do atrevimento do enamorado mouro, com melhor e mais sossegado semblante se pôs aos mirantes da torre, e fala a seu esposo, crendo ser algum viajante, com ele passando todas aquelas razões e colóquios daquele romance, que diz:

*Se à França ides, cavaleiro,*

*por Gaifeiros perguntai.*

Não as repito agora, porque a prolixidade sói gerar o fastio. Basta ver como Dom Gaifeiros se descobre e, pelos ademanes alegres de Melisendra, dá-se-nos a entender que o reconheceu, tanto mais quanto vemos que salta do balcão para pôr-se nas ancas do cavalo de seu bom esposo. Mas — ai, a desventurada! — agarrou-se-lhe uma ponta da saia a um dos ferros do balcão e ela fica suspensa no ar, sem poder chegar ao solo. Vejam, porém, como o céu piedoso dá socorro nas maiores necessidades. Chega Dom Gaifeiros e, sem olhar se rasgará ou não a rica saia, puxa Melisendra e, de qualquer modo, faz com que baixe ao chão e logo, como num brinquedo, a põe sobre as ancas do cavalo, escarranchada como homem. Manda-lhe segurar-se com força e deitar-lhe os braços pelas costas, cruzando-os no peito, para não cair, pois a senhora Melisendra não estava acostumada a tais cavalarias. Vejam também como os relinchos do cavalo dão sinais de que vai contente com a valente e formosa carga de seu senhor e sua senhora. Vejam como voltam as costas e saem da cidade, tomando, alegres e regozijados, a via de Paris. Ide em paz, ó par sem-par de verdadeiros amantes! Possais chegar a salvo a vossa desejada pátria sem que a fortuna ponha estorvos a vossa feliz viagem! Vejam-vos os olhos de vossos amigos e parentes gozar em paz tranquila os dias que vos restam de vida, e tantos sejam eles quantos os de Nestor![5]

Aqui ergueu a voz outra vez mestre Pedro e disse:

— Simplicidade, rapaz. Não te metas a alturas, que toda afetação é má!

Nada respondeu o intérprete, mas prosseguiu dizendo:

— Não faltaram alguns olhos ociosos, que tudo costumam observar, para ver a descida e a subida de Melisendra, do que logo deram notícia ao rei Marsílio. Depressa mandou ele tocar a rebate de armas, e vejam com que afã. Já a cidade retumba com o som dos sinos, que badalam em todas as torres das mesquitas.

— Isso não! — exclamou neste ponto Dom Quixote. — Nisto dos sinos muito incorreto anda mestre Pedro, porque entre mouros não se usam sinos, mas atabales e um gênero de buzinas parecidas com as nossas charamelas. Isto de badalarem sinos em Sansueña sem dúvida é grande disparate.

— Não olhe Vossa Mercê a ninharias, senhor Dom Quixote — disse mestre Pedro, que ao ouvir isto deixou de tocar —, nem queira levar as coisas tão ao cabo, que este se não ache. Não se representam por aí, quase comumente, mil comédias cheias de mil impropriedades e disparates, as quais, apesar disso, fazem felicíssima carreira e se escutam não só com aplauso, como com admiração e tudo mais? Prossegue, rapaz, apesar do que digam. Enchendo eu meu taleigo, não se me dá representar mais incorreções do que de átomos tem o Sol.

— Esta é a verdade — disse Dom Quixote.

E continuou o rapaz:

— Olhem quanta e quão luzida cavalaria sai da cidade, em perseguição aos dois católicos amantes. Quantas trombetas soam, quantos atabales e tambores retumbam, quantas charamelas tocam! Receio que os alcancem e os façam voltar, amarrados à cauda de seu próprio cavalo, o que seria horrendo espetáculo.

Ao ver e ouvir tanta mourisma e estrondo, julgou Dom Quixote ficar bem prestar ajuda aos fugitivos. Pondo-se, pois, de pé, em voz alta disse:

— Não consentirei eu que em meus dias e em minha presença se faça tal violência a tão famoso cavaleiro e a tão atrevido enamorado como Dom Gaifeiros. Detende-vos, mal-nascida canalha! Não o sigais nem o persigais! Senão comigo travareis batalha!

Dito e feito. Desembainhou a espada e, num salto, pôs-se junto ao retábulo. Com acelerada e nunca vista fúria, começou a chover cutiladas sobre a mourama de títeres, derrubando uns, degolando outros, estropiando este, destroçando aquele. Entre muitos golpes, desfechou um de alto a baixo com tal força que, se mestre Pedro não se agacha e encolhe, aparar-lhe-ia a cabeça mais facilmente que se fosse feita de maçapão. Gritava mestre Pedro, dizendo:

— Detenha-se Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, e note não serem esses que derruba, destroça e mata, verdadeiros mouros, mas figurinhas de massa. Olhe, pobre de mim, que me destrói e deita a perder toda a fazenda!

Nem por isso deixava Dom Quixote de amiudar cutiladas, estocadas, talhos e reveses, como em chuva. Por fim, em menos de dois "credos", deu com todo o retábulo no chão, feitos em pedaços e esmigalhados todos os seus cenários e figuras: rei Marsílio, ferido de morte; o imperador Carlos Magno, com a coroa rachada e a cabeça em duas partes. Alvorotou-se o senado dos ouvintes, fugiu o macaco pelos telhados da venda, temeu o primo, acovardou-se o pajem e até o próprio Sancho Pança teve pavor enormíssimo, pois, como jurou após haver passado a borrasca, jamais havia visto seu amo em tão desatinada cólera. Feito, assim, o destroçamento geral do retábulo, sossegou um pouco Dom Quixote e disse:

— Quisera ter aqui, em minha frente, nesta oportunidade, todos aqueles que não creem nem querem crer no proveito que o mundo tira dos cavaleiros andantes. Olhem, se aqui não me achasse eu presente, que teria sido do bom Dom Gaifeiros e da formosa Melisendra? Seguramente, a esta hora já os teriam alcançado estes cães, fazendo-lhes algum desaguisado. Em consequência, viva a cavalaria andante sobre todas as coisas que hoje existem na terra!

— Viva, em boa hora — disse neste ponto, com voz dolorida, mestre Pedro. — E morra eu, pois sou tão desditoso que posso dizer, com o rei Dom Rodrigo:

*Ontem fui senhor de Espanha...*

*e hoje nem tenho ameia*

*que possa dizer que é minha.*[6]

Não faz meia hora, não faz mesmo meio momento, vi-me senhor de reis e imperadores, cheias minhas cavalariças e meus cofres e embornais de infinitos cavalos e inumeráveis galas. E agora vejo-me desolado e abatido, pobre e mendigo e, sobretudo, sem meu macaco, pois palavra que hei de suar até nos dentes antes de conseguir que volte a meu poder. Tudo isso pela fúria mal considerada deste senhor cavaleiro, de quem dizem que ampara pupilos e endireita tortos e faz outras obras caritativas. Só comigo veio a faltar sua intenção generosa, louvados e benditos sejam os céus, lá onde mais elevados são seus assentos! De fato, havia de ser o Cavaleiro da Triste Figura quem haveria de desfigurar as figuras minhas.

Comoveu-se Sancho Pança com as razões de mestre Pedro e lhe disse:

— Não chores, mestre Pedro, nem te lamentes, que me cortas o coração, porque te faço saber que meu senhor Dom Quixote, católico e escrupuloso cristão como é, se cai em conta de te haver feito algum agravo, quererá e saberá pagar-te e satisfazer com muitas vantagens.

— Pagasse-me o senhor Dom Quixote alguma parte das obras que me desfez e Sua Mercê apaziguaria a consciência, ficando eu satisfeito, pois não se pode salvar quem se apossa do alheio contra a vontade de seu dono e não o restitui.

— Assim é — concordou Dom Quixote. — Até agora, porém, não sei que me tenha apossado de nada que seja vosso, mestre Pedro.

— Como não? — respondeu mestre Pedro. — E estas relíquias que jazem por este duro e estéril solo, quem as espalhou e aniquilou senão a força invencível desse poderoso braço? E de quem eram seus corpos, senão meus? Com que me sustentava, senão com eles?

— Agora acabo de crer — disse neste ponto Dom Quixote — o que muitas outras vezes cri: estes encantadores que me perseguem insistem em pôr-me as figuras tais como são diante dos olhos e depois as mudam e trocam nas que eles querem. Digo-vos, senhores, real e verdadeiramente, que tudo quanto aqui se passou a mim me pareceu passar-se ao pé da letra. Julguei que Melisendra era a real Melisendra; Dom Gaifeiros, Dom Gaifeiros; Marsílio, Marsílio; e Carlos Magno, Carlos Magno. Por isso, alterou-se-me a cólera e, em cumprimento de minha profissão de cavaleiro andante, quis dar ajuda e favor aos fugitivos. Com este bom propósito fiz o que vistes; se me saiu ao revés, culpa minha não é, mas dos malvados que me perseguem. Apesar disso, quero eu mesmo condenar-me nas custas deste meu erro, embora não procedesse com malícia. Veja mestre Pedro o que quer pelas figuras desfeitas, pois me ofereço a pagar-lhe logo, em boa e corrente moeda castelhana.

Inclinou-se mestre Pedro, dizendo:

— Não esperava eu menos da inaudita cristandade do valoroso Dom Quixote de la Mancha, verdadeiro socorredor e amparo de todos os necessitados e minguados vagabundos. Aqui o senhor vendeiro e o grande Sancho serão mediadores e avaliadores entre mim e Vossa Mercê, a respeito do que valem ou podem valer as já desfeitas figuras.

O vendeiro e Sancho prometeram que assim fariam e logo mestre Pedro ergueu do solo, faltando-lhe a cabeça, o rei Marsílio de Saragoça, e disse:

— Já se vê como é impossível voltar este rei a ser o que era. Parece-me, assim, salvo melhor juízo, que me sejam dados, por sua morte, fim e acabamento, quatro reais e meio.

— Adiante — falou Dom Quixote.

— Por esta abertura de alto a baixo — prosseguiu mestre Pedro, tomando nas mãos o fendido imperador Carlos Magno — não seria muito que pedisse eu cinco reais e um quarto.

— Não é pouco — observou Sancho.

— Nem muito — replicou o vendeiro. — Fiquemos pelo meio e marquem-se cinco reais.

— Deem-lhe os cinco e um quarto — ordenou Dom Quixote. — Não está num quarto de mais ou de menos o montante dessa notável desgraça. E acabe depressa, mestre Pedro, pois chega a hora de cear e tenho certos longes de fome.

— Por esta figura — continuou mestre Pedro — que está sem nariz e com um olho de menos, e é a da formosa Melisendra, quero, e acho ser justo, dois reais e 12 maravedis.

— Seria isso muito acertado — disse Dom Quixote — se Melisendra já não estivesse, com seu esposo, pelo menos na fronteira da França, pois o cavalo em que iam pareceu-me antes voar que correr. Não há, assim, motivo para vender-me gato por lebre, apresentando-me aqui Melisendra desnarigada, quando a outra, se não me engano, agora folga em França com seu marido, de perna espichada. Ajude Deus com o seu a cada um, senhor mestre Pedro, e caminhemos com pé direito e intenção sadia. Prossiga.

Mestre Pedro, vendo que Dom Quixote variava e volvia a seu tema anterior, não o quis deixar escapar-se e disse-lhe:

— Esta não deve ser Melisendra, mas alguma das donzelas que a serviam. Assim, com sessenta maravedis dar-me-ei por satisfeito e bem pago. Deste modo, foi pondo preço a outras muitas figuras destroçadas. Moderaram-no depois os dois juízes avaliadores com satisfação das partes, chegando o total a quarenta reais e três quartos. Além destes, que Sancho logo desembolsou, pediu mestre Pedro dois reais pelo trabalho de procurar o macaco.

— Dá-lhos, Sancho — disse Dom Quixote —, não para pegar o mono, mas a mona. Duzentos daria eu agora de alvíssaras a quem me dissesse com certeza se a senhora Melisendra e o senhor Gaifeiros estão já em França, entre os seus.

— Ninguém no-lo poderá dizer melhor que meu macaco — respondeu mestre Pedro —, mas não haverá diabo que agora o pegue. Imagino, contudo, que a amizade e a fome forçá-lo-ão a procurar-me esta noite. Amanhecerá, com Deus, e veremos.

Em suma, acabou-se a borrasca do retábulo e todos cearam em paz e boa companhia à custa de Dom Quixote, que era liberal em extremo.

Antes do amanhecer, partiu o que levava as lanças e alabardas, e depois que amanheceu vieram despedir-se de Dom Quixote o primo e o pajem: um, para voltar à sua terra; o outro, para prosseguir seu caminho. Deu-lhe Dom Quixote, de auxílio, uma dúzia de reais. Mestre Pedro não quis entrar em mais conversas com Dom Quixote, a quem conhecia muito bem. Assim, madrugou antes do sol e, recolhendo as relíquias do retábulo, bem como o macaco, foi também à cata de suas aventuras. O vendeiro, que não conhecia Dom Quixote, tanto lhe admirou as loucuras como a liberalidade. Sancho, por fim, pagou-lhe muito bem, por ordem de seu amo e, despedindo-se dele quase às oito horas da manhã, deixaram a venda e se puseram a caminho. Por ele os deixaremos ir, que isso convém para permitir a narrativa de outras coisas pertencentes à explicação desta famosa história.

# CAPÍTULO XXVII

## *Onde se dá conta de quem eram mestre Pedro e seu macaco, com o mau sucesso que teve Dom Quixote na aventura do zurro, a que não deu remate como quisera e havia pensado*

Entra neste capítulo Cide Hamete, cronista desta grande história, com as seguintes palavras: "Juro como católico cristão..." Diz a isso seu tradutor que jurar Cide Hamete como católico cristão, sendo ele mouro, como sem dúvida era, não quer dizer senão que, assim como o católico cristão, quando jura, deve jurar a verdade, dizendo-a no que disser, assim também ele a dizia, qual se jurasse como católico cristão, no que queria escrever de Dom Quixote, e especialmente em dizer quem era mestre Pedro e quem o macaco adivinho, que trazia todas aquelas povoações admiradas com suas adivinhações. Diz, pois, que bem recordará quem tenha lido a primeira parte desta história aquele Ginês de Passamonte, ao qual, entre outros galeotes, deu Dom Quixote liberdade na Serra Morena, benefício depois mal agradecido e pior pago por aquela gente maligna e de maus costumes. Esse Ginês de Passamonte, a que Dom Quixote chamava Ginesito de Parapilha, foi quem furtou o ruço a Sancho Pança, fato que, por não haver sido pormenorizado na primeira parte da história, por culpa dos impressores, deu que falar a muitos, que atribuíam o erro de imprensa à pouca memória do autor. Mas, em suma, Ginês furtou o ruço quando montado nele dormia Sancho Pança, usando da traça e modo usados por Brunelo quando, estando Sacripante no cerco de Albraca, lhe tirou o cavalo dentre as pernas. Sancho recuperou-o depois, como já se contou. Esse Ginês, pois, temendo que a justiça o encontrasse, visto como o buscava para castigá-lo de suas infinitas velhacarias e delitos, tantos e tais que ele mesmo compôs um grande volume contando-os, decidiu passar para o reino de Aragão e cobrir o olho esquerdo, dedicando-se ao ofício de titeriteiro. Isto, e *el jugar de manos*,[1] sabia fazer de modo perfeito.

Ocorreu, pois, que de uns cristãos já livres, vindos de Berberia, comprou aquele macaco, ensinando-lhe que, a dado sinal, lhe subisse ao ombro e lhe murmurasse, ou fingisse que o fazia, ao ouvido. Isto feito, antes de entrar no lugar a que se dirigia com seu retábulo e seu macaco, informava-se no local mais próximo, ou de quem melhor podia, das coisas especiais em tal lugar sucedidas e das pessoas a que haviam sucedido. Levando-as bem de memória, a primeira coisa que fazia era mostrar seu retábulo, em que às vezes apresentava uma história, e outras vezes outra, mas todas alegres, divertidas e conhecidas. Acabado o espetáculo, propunha as habilidades do macaco, dizendo ao povo que ele adivinhava todo o passado e o presente, mas do futuro não entendia. Pela resposta a cada pergunta pedia dois reais, deixando mais baratas algumas conforme o pulso que tomava dos interrogadores. Às vezes chegava a casas de cujos moradores sabia particularidades, e embora nada lhe perguntassem, para lhe não pagarem, fazia ele sinal ao mono, e a seguir dizia que este lhe havia revelado tal e qual coisa, de molde com o acontecido. Com isto adquiria crédito indizível e todos andavam atrás dele. De outras vezes, como era discreto, respondia de maneira a que as respostas correspondessem às perguntas, e como ninguém o punha em apuros e apertos para explicar de que modo o macaco adivinhava, a todos enganava e os bolsos próprios enchia. Assim que entrou na venda, reconheceu Dom Quixote e Sancho, podendo, graças a esse conhecimento, causar admiração aos dois, bem como a todos que na venda estavam. Caro lhe custaria, porém, se Dom Quixote tivesse baixado um pouco mais a mão quando cortou a cabeça do rei Marsílio e destruiu toda a sua cavalaria, como dito ficou no capítulo antecedente.

Isto é o que há para dizer sobre mestre Pedro e seu macaco. Voltando a Dom Quixote de la Mancha, digo que, depois de haver saído da venda, decidiu ver primeiro as margens do Ebro e todos aqueles contornos, antes de entrar na cidade de Saragoça, pois para tudo lhe dava tempo o muito que faltava de então até às justas. Com esta intenção, seguiu seu caminho, por ele andando dois dias sem lhe acontecer coisa digna de pôr-se em escrita. No terceiro, ao subir uma encosta, ouviu grande rumor de tambores e arcabuzes. Pensou a princípio que algum terço de soldados passava por ali, e para vê-los, esporeou Rocinante e subiu a encosta. Chegando ao cume, viu ao pé da colina, pelo que calculou, mais de duzentos homens armados de diferentes tipos de arma, como lanças, bestas, partasanas, alabardas e piques, alguns arcabuzes e muitas rodelas.[2] Desceu o declive e acercou-se do esquadrão, até distintamente ver as bandeiras, julgar-lhes as cores e notar os dísticos que traziam, especialmente uma, que num estandarte ou pendão de cetim branco vinha e na qual estava pintado, muito ao vivo, um asno anão, de raça sarda, com a cabeça levantada, a boca aberta e a língua de fora, em ato e postura de zurrar. À volta dele estavam escritos, em grandes letras, estes dois versos:

*Não foi inútil o zurro*

*dos alcaides: eis o burro!*

Por esta insígnia deduziu Dom Quixote que aquela gente devia ser da aldeia do zurro, e assim o disse a Sancho, declarando-lhe o que no estandarte vinha escrito. Disse-lhe também que o homem que lhes narrara aquele caso se havia enganado ao dizer que os zurradores foram dois regedores, pois, segundo os versos do estandarte, haviam sido alcaides. Respondeu Sancho Pança:

— Senhor, a isso não se deve fazer reparos. Bem pode ser que os regedores que então zurraram viessem com o tempo a ser alcaides de sua aldeia, e assim podem ser chamados com ambos os títulos. Tanto mais que não prejudica a verdade da história serem os zurradores regedores ou alcaides, desde que realmente hajam zurrado. Tão a pique está de zurrar um alcaide quanto um regedor.

Por fim, conheceram e souberam como o povo chacoteado saía a pelejar com outro, que dele zombava mais do que o justo e devido à boa vizinhança.

Foi-se aproximando deles Dom Quixote, não com pouco pesar de Sancho, nunca amigo de achar-se em semelhantes jornadas. Os do esquadrão abriram-lhe caminho, crendo ser algum dos de sua facção. Dom Quixote, erguendo a viseira, com gentil brio e compostura chegou até o estandarte do asno e ali o rodearam os principais do exército, para vê-lo, admirados, com o espanto habitual em que caíam quantos o viam pela primeira vez. Dom Quixote, notando-os a fitá-lo com tanta atenção, sem que alguém lhe falasse ou perguntasse qualquer coisa, quis aproveitar desse silêncio[3] e, quebrando o seu, ergueu a voz e disse:

— Bons senhores, suplico-vos, o mais encarecidamente que posso, não interrompais um arrazoado que vos quero fazer, até verdes se vos desgosta ou enfada. Se isto ocorrer, com o mais leve sinal que me façais porei um selo na boca e amordaçarei a língua.

Disseram-lhe todos que falasse o que quisesse, pois de bom grado o ouviriam. Dom Quixote, com tal permissão, prosseguiu dizendo:

— Eu, senhores meus, sou cavaleiro andante, cujo exercício é o das armas e cuja profissão é favorecer os que de favor necessitam, e acudir aos que de auxílio hão mister. Faz já dias que soube de vossa desgraça e da causa que vos move a pegar em armas a cada passo, para tirar vingança de vossos inimigos. Havendo discorrido, uma e muitas vezes, em minha mente, sobre vossa questão, acho, segundo as leis do duelo, que enganados andais em ter-vos por afrontados. Realmente, nenhum indivíduo pode afrontar um povo inteiro, exceto quando o acusa de traidor em conjunto, porque não sabe em particular quem cometeu a traição pela qual o repta. Exemplo disto temos em Dom Diogo Ordóñez de Lara, que reptou todo o povo de Zamora, por ignorar que só Vellido Dolfos havia cometido a traição de matar seu rei. Assim, reptou a todos e a todos tocava a vingança e a resposta. Bem verdade é que o senhor Dom Diogo foi algo excessivo, passando mesmo muito além dos limites do repto, pois não havia razão para reptar aos mortos, às águas, aos pães, nem aos que estavam por nascer, ou às outras minúcias que a crônica narra. Vá lá, porém, pois, quando a cólera se faz mãe, não tem língua pai, aio ou freio que a corrija! Sendo, assim, certo que uma só pessoa não pode afrontar reino, província, cidade, república ou povo inteiro, claro fica não haver motivo para tirar vingança do repto de tal afronta, que não o é. Bom seria que se matassem a cada passo os da aldeia da Relógia e os que assim os chamam, ou os caçaroleiros, berinjeleiros, baleotes, saboeiros,[4] ou os de outros nomes e alcunhas que andam por aí nas bocas dos rapazes e de gente de pouco valor? Seria bom, por certo, que todos esses insignes povos se corressem e vingassem, e andassem de contínuo com as espadas feito varas de trombone, a qualquer pendência, por pequena que fosse? Não, não, nem Deus o permita, nem o queira! Os varões prudentes, as repúblicas vêm concertadas, por quatro coisas hão de pegar em armas e desembainhar espadas, arriscando suas pessoas, vidas e bens: a primeira, por defender a fé católica; a segunda, por defender sua vida, o que é de lei natural e divina; a terceira, em defesa de sua honra, de sua família e de sua fazenda; a quarta, a serviço de seu rei, na guerra justa. E se quisermos aduzir uma quinta, que se pode contar por segunda, em defesa de sua pátria. A estas cinco causas, como capitais, podem-se agregar algumas outras, justas e razoáveis, e que obriguem a pegar em armas. Pegá-las, porém, por ninharias e coisas antes de riso e passatempo que de afronta, dá mostras de falta de razoável entendimento em quem assim faz. Tanto mais quanto o tomar vingança injusta (que justa nenhuma pode ser) vai diretamente contra a santa lei que professamos, a qual nos manda fazer bem a nossos inimigos e amar os que nos detestam.[5] Tal mandamento, embora pareça algo dificultoso de cumprir, só o é para aqueles que têm menos de Deus que do mundo e mais da carne que do espírito. Pois Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, que nunca mentiu, nem poderia mentir, sendo legislador nosso, disse que seu jugo era suave e sua carga leve.[6] Assim, não nos havia de mandar coisa de cumprimento impossível. Desse modo, meus senhores, Vossas Mercês estão obrigados a sossegar, pelas leis divinas e humanas.

“Diabos me levem”, disse consigo, neste ponto, Sancho Pança, “se este meu amo não é teólogo. Se não o é, parece-o tanto como um ovo a outro.”

Tomou um pouco de alento Dom Quixote e, vendo que ainda se mantinham em silêncio, quis passar adiante em sua prática. E teria passado, se não interviesse a agudeza de Sancho, que, vendo deter-se seu amo, tomou a mão por ele, dizendo:

— Meu senhor Dom Quixote de la Mancha, que outrora se chamou o Cavaleiro da Triste Figura e agora se chama o Cavaleiro dos Leões, é um fidalgo muito atilado, que sabe latim e vernáculo como um bacharel. Em tudo quanto trata e aconselha, procede como muito bom soldado e tem na ponta da língua todas as leis e ordenações do que se chama duelo. Assim, o melhor a fazer é deixarem-se levar pelo que ele disser, que eu aguento as consequências, se for errado. Tanto mais quanto bem diz ele ser asneira entrar em luta só por ouvir um zurro. Lembro-me de que, quando rapaz, eu zurrava a todo momento que me aprouvesse, sem vir-me ninguém às ventas. Fazia-o com tanta graça e propriedade que, ao zurrar eu, zurravam todos os asnos da aldeia. Nem por isso deixava eu de ser filho de meus pais, que eram honradíssimos. Embora, por essa habilidade, fosse invejado por mais de quatro dos orgulhosos de minha aldeia, pouco me importava. E para verem que digo a verdade, esperem e escutem: esta ciência é como a de nadar; uma vez aprendida, nunca se esquece.

Logo, com a mão no nariz, começou a zurrar tão vigorosamente que retumbaram todos os vales vizinhos. Um, porém, dos que junto a ele estavam, crendo que zombava deles, ergueu um varapau que trazia na mão e deu-lhe tal pancada que, sem mais aquela, arrojou Sancho Pança ao chão. Dom Quixote, ao ver Sancho tão malparado, arremeteu de lança em riste contra o que dera a bordoada. Tantos, porém, foram os que se interpuseram, que não foi possível vingá-lo. Antes, vendo que sobre ele chovia uma nuvem de pedras e o ameaçavam mil bestas prontas a disparar e não menor quantidade de arcabuzes, voltou as rédeas a Rocinante, saindo dentre eles a todo galope possível. Encomendou-se do fundo do coração a Deus, para que daquele perigo o livrasse, temendo a cada passo que uma bala lhe entrasse pelas costas e saísse pelo peito. A cada instante tomava a respiração, para ver se não lhe faltava. Os do esquadrão, porém, contentaram-se em vê-lo fugir, sem atirar-lhe. Puseram Sancho sobre o jumento, mal voltou a si, deixando-o seguir atrás de seu amo; não que ele tivesse sentidos para segui-lo, mas por ter o ruço acompanhado as pegadas, sem o que não atinaria com o rumo. Tendo-se, pois, distanciado bom trecho, voltou Dom Quixote a cabeça e viu que vinha Sancho. Como notasse que ninguém o perseguia, esperou-o.

Os do esquadrão ficaram ali até a noite e, não havendo saído a batalhar seus contrários, voltaram à sua aldeia, regozijados e alegres. Se conhecessem o antigo costume dos gregos, levantariam naquele local e sítio um troféu.

# CAPÍTULO XXVIII

## *De coisas que diz Benengeli e saberá quem o ler, se as ler com atenção*

Quando o valente foge, descoberta está a armadilha, e de varões prudentes é guardar-se para melhor ocasião. Verificou-se esta verdade em Dom Quixote, que, abandonando o campo à fúria do povo e às más intenções daquele indignado esquadrão, pôs os pés em polvorosa e, sem se lembrar de Sancho nem do perigo em que o deixava, afastou-se tanto quanto lhe pareceu suficiente para sentir-se seguro. Seguia-o Sancho, atravessado sobre o jumento, como se referiu. Alcançou-o, por fim, já de posse dos sentidos e, ao chegar, deixou-se cair do ruço aos pés de Rocinante, todo ansioso, moído e desancado. Apeou-se Dom Quixote para verificar-lhe as feridas, mas, encontrando-o são dos pés à cabeça, com bastante cólera lhe disse:

— Em má hora soubeste zurrar, Sancho! Onde achaste ser bom falar em corda na casa de enforcado? Para música de zurros, que contraponto se poderia esperar senão de varapaus? Dá graças a Deus, Sancho, porque, se te benzeram com um bordão, não te fizeram o *per signum crucis*[1] com um alfanje.

— Não estou para responder — retrucou Sancho —, pois me parece que falo pelas costas. Montemos e afastemo-nos daqui. Silenciarei meus zurros, mas não deixarei de dizer que os cavaleiros andantes fogem e deixam seus bons escudeiros moídos como alfenins ou como trigo, em poder de inimigos.

— Não foge quem se retira — respondeu Dom Quixote. — Deve saber, Sancho, que a valentia que se não funda sobre a base da prudência temeridade se chama e as façanhas do temerário mais se atribuem à boa sorte que a seu ânimo. Assim, confesso que me retirei, mas não fugi. Nisto, imitei a muitos valentes, que se guardaram para melhores tempos, e andam cheias disto as histórias, que agora não te refiro por te não serem de proveito nem a mim de prazer.[2]

Já estava então a cavalo Sancho, ajudado por Dom Quixote, que igualmente montou em Rocinante, e pouco a pouco foram emboscar-se numa alameda, que se via a um quarto de légua dali. De quando em quando soltava Sancho ais profundíssimos e gemidos dolorosos. Perguntando-lhe Dom Quixote a causa de tão amargo sentimento, respondeu que da ponta da espinha à nuca do cérebro sentia dores tais que perdia os sentidos.

— A causa dessa dor — disse Dom Quixote — deve estar em que o pau com que te bateram era largo e comprido, apanhando-te todas as costas, em que entram essas partes que te doem. Se mais te apanhasse, mais te doeria.

— Por Deus — exclamou Sancho — que me tirou vosmecê de grande dúvida e ma expôs em lindos termos! Corpo de Sancho! Estaria tão encoberta a causa de minha dor para ser mister dizer-me que me doem todas e todas as partes que o pau alcançou? Se me doessem os tornozelos, ainda haveria razão para adivinhar por que me doíam; doer-me, porém, onde me moeram, não é grande adivinhação. Por minha fé, senhor meu amo, pouco sentimos o mal alheio e cada vez mais descubro do pouco que posso esperar por andar em sua companhia. De fato, se desta feita deixou que me esbordoassem, outra e outras cem voltaremos aos manteamentos de antanho e brincadeiras semelhantes, que se agora me saíram às costas acabarão por sair-me aos olhos. Bem melhor faria eu (se não fosse um bárbaro, que nada de bom fará na vida), bem melhor faria eu em voltar para minha casa, minha mulher e meus filhos, sustentando-a e criando-os com o que Deus fosse servido de dar-me, em vez de andar atrás de vosmecê por esses caminhos desencaminhados e por sendas e rumos que não os têm, bebendo mal e comendo pior. E quanto ao dormir? Contai, irmão escudeiro, sete palmos de terra e, se mais quiserdes, tomai outros tantos, que em vossa mão estão a faca e o queijo,[3] e estendei-vos como for de vosso melhor talante. Queimado veja eu e feito em pó o primeiro que deu início à cavalaria andante, ou, pelo menos, o primeiro que quis ser escudeiro de malucos tais como haviam de ser todos os cavaleiros andantes passados. Dos presentes nada digo, pois, por ser vosmecê um deles, respeito lhes tenho, e porque vosmecê sabe um ponto mais do que o diabo em tudo quanto fala e pensa.

— Boa aposta faria eu contigo, Sancho — disse Dom Quixote —, de como nada te dói em todo o corpo, agora que vais falando sem que ninguém te vá à mão. Fala, meu filho, tudo quanto ao pensamento e à boca te vier, que, em troca de nada te doer, terei por prazer o enfado que me dão tuas impertinências. E se tanto desejas voltar à tua casa, com tua mulher e filhos, não permita Deus que eu to impeça. Tens dinheiro meu; olha quanto tempo faz desde que saímos de nossa aldeia, desta terceira vez, olha o que podes e deves ganhar por mês e paga-te por tua própria mão.

— Quando eu servia — respondeu Sancho — a Tomé Carrasco, pai do bacharel Sansão Carrasco, que vosmecê bem conhece, ganhava dois ducados por mês, além da comida. Com vosmecê não sei o que posso ganhar, embora saiba que mais trabalho tem o escudeiro de um cavaleiro andante do que quem serve a um lavrador. Com efeito, os que servimos a lavradores, por muito que trabalhemos de dia e por mal que nos andem as coisas, à noite ceamos cozido e dormimos em cama, coisa em que não durmo desde que o estou a servir. A não ser o tempo breve que passamos em casa de Dom Diogo de Miranda e a merenda que tive com a espuma tirada dos panelões de Camacho, e o que comi, bebi e dormi em casa de Basílio, todo o restante do tempo venho dormindo sobre chão duro, a céu aberto, sujeito ao que chamam inclemências do tempo, sustentando-me com raspas de queijo e migalhas de pão e bebendo água dos arroios ou fontes que encontramos por esses andurriais que percorremos.

— Confesso — disse Dom Quixote — que é verdade tudo quanto dizes, Sancho. Quanto te parece que devo dar-te, acima do que te pagava Tomé Carrasco?

— A meu ver — respondeu Sancho —, com dois reais mais que vosmecê acrescentasse cada mês, dar-me-ia por bem pago. Isto, quanto ao salário de meu trabalho. Quanto, porém, a satisfazer-me pela palavra e promessa, que me fez vosmecê, de dar-me o governo de uma ilha, justo seria o acréscimo de seis reais, montando tudo em trinta.

— Está muito bem — concordou Dom Quixote. — De acordo com o salário que te fixaste e como faz vinte e cinco dias que de nossa aldeia saímos, conta, Sancho, a quantia correspondente, olha o que te devo e paga-te, como disse, por tua própria mão.

— Oh, pobre de mim! — exclamou o escudeiro. — Está vosmecê muito errado nessa conta, porque, no referente à promessa da ilha, temos de contar desde do dia em que ma prometeu até a hora presente.

— Faz então tanto tempo que ta prometi, Sancho? — perguntou Dom Quixote.

— Se mal não lembro — respondeu Sancho —, deve haver mais de vinte anos, uns três dias para mais ou menos.

Dom Quixote deu grande palmada na testa e, rindo gostosamente, disse:

— Não andei eu na Serra Morena nem em todo o decurso de nossas saídas, senão apenas dois meses, e vens dizer, Sancho, que há vinte anos te prometi a ilha? Digo agora que desejas consumir em teus salários o dinheiro meu que levas. Se assim é e gostas disso, aqui mesmo to dou, e bom proveito te faça. A troco de ver-me sem tão mau escudeiro, folgarei em ficar pobre e sem bens. Dize-me, porém, prevaricador das ordenanças escudeiris da cavalaria andante, onde viste, ou este, que algum escudeiro de cavaleiro andante haja discutido com seu amo sobre "tanto mais tanto me haveis de dar por mês para que vos sirva"? Entra, entra, malandrim, velhaco e vampiro, que tudo isso pareces, entra pelo *mare magnum* de suas histórias. Se achares que algum escudeiro disse ou pensou o que aqui disseste, quero que mo plantes na cara e por acréscimo me seles quatro piparotes[4] no rosto. Volve ao ruço as rédeas, ou o cabresto, e retorna à tua casa, pois nem mais um passo comigo hás de dar doravante! Ó pão mal reconhecido! Ó promessas mal colocadas! O homem que tem mais de animal que de pessoa! Agora, que eu pensava erguer-te a estado tal que, apesar de tua mulher, te chamassem por senhoria, agora te despedes? Vais-te agora, quando eu vinha com a intenção firme e valiosa de fazer-te senhor da melhor ilha do mundo? Enfim, como tu mesmo disseste de outras vezes, não é o mel etc... Asno és e asno hás de ser, e asno te acabarás quando se te findar o curso da vida. Para mim tenho que antes chegará ela a seu último instante do que tu a caíres na conta de que és uma besta.

Olhava Sancho fixamente a Dom Quixote, enquanto tais vitupérios lhe dizia, e compungiu-se de modo a lhe virem lágrimas aos olhos. Com voz dolorida e enferma, disse-lhe:

— Confesso, meu senhor, que para ser asno completo só me falta o rabo. Se vosmecê mo quiser pôr, dá-lo-ei por bem posto e servirei a vosmecê, como jumento, por todos os dias restantes de minha vida. Perdoe-me vosmecê e condoa-se de minha inexperiência, lembrando-se de que sei pouco e, se muito falo, é mais por enfermidade que por malícia. Mas quem erra e se emenda, a Deus se encomenda.

— Espantar-me-ia eu, Sancho, se não misturasses algum brocardito em teu colóquio. Pois bem, perdoo-te, desde que te emendes e não te mostres daqui por diante tão amigo de teus interesses, mas procures pôr à larga o coração, alentando-te e animando-te a esperar o cumprimento de minhas promessas, o qual, se tarda, não se impossibilita.

Respondeu Sancho que o faria, ainda que tirasse das fraquezas forças.

Com isto, enfiaram-se na alameda. Acomodou-se Dom Quixote ao pé de um olmeiro, e Sancho ao de uma faia, pois tais árvores, e outras semelhantes, pés sempre têm, e não mãos. Passou Sancho uma noite penosa, porquanto a dor causada pelo varapau mais se fazia sentir com o sereno. Dom Quixote passou-a mergulhado em suas contínuas recordações, mas, apesar disso, acabaram ambos por entregar os olhos ao sono. Ao romper da aurora prosseguiram caminho em busca das margens do famoso Ebro, onde lhes sucedeu o que se contará no capítulo vindouro.

# CAPÍTULO XXIX

## *Sobre a famosa aventura do barco encantado*

Por passos contados e por contar, dois dias depois que saíram da alameda chegaram Dom Quixote e Sancho ao rio Ebro. Vê-lo causou grande gosto a Dom Quixote, por fitar e contemplar nele a amenidade das margens, a pureza das águas, o sossego de seu curso e a memória mil amorosos pensamentos. Ruminou, em especial, o que vira na cova de Montesinos, pois, embora lhe houvesse dito o macaco de mestre Pedro que parte daquelas coisas eram verdade e parte mentira, atinha-se mais a serem verdadeiras que mentirosas, bem ao revés de Sancho, que numa só mentira a todas envolvia. Andando, pois, desse modo, ofereceu-se-lhe à vista um pequeno barco, sem remos nem velas, atado a um tronco de árvore da margem. Olhou Dom Quixote para todos os lados, sem ver pessoa alguma. Logo, sem mais nem menos, apeou-se de Rocinante e mandou que Sancho descesse do ruço e amarrasse ambos os animais, bem atados, juntos, ao tronco de um álamo ou salgueiro ali próximo. Perguntou-lhe Sancho qual a causa da súbita descida e amarração. Respondeu-lhe Dom Quixote:

— Deves saber, Sancho, que este barco que aqui está, diretamente e sem poder ser coisa em contrário, me está chamando e convidando a nele entrar e seguir nele, para dar socorro a algum cavaleiro ou pessoa outra principal e necessitada, que deve estar posta em grande aflição. Este é o estilo dos livros das histórias cavaleirescas e dos encantadores que se intrometem e agem nelas. Quando algum cavaleiro está posto em algum trabalho de que não pode ser livrado senão pela mão de outro cavaleiro, ainda que distantes estejam um do outro duas ou três mil léguas, ou mesmo mais, arrebatam a este em uma nuvem, ou lhe enviam um barco em que entre. Em menos de um abrir e fechar de olhos o conduzem, pelos ares ou pelo mar, aonde querem e onde sua ajuda se faz mister. Assim, ó Sancho, este barco foi aqui posto para o mesmo efeito. Tão verdade é isto como ser agora dia! Antes, pois, que este dia finde, ata juntos o ruço e Rocinante e sigamos à mão de Deus, que nos guie. Não deixarei de embarcar, ainda que o contrário me suplicassem frades descalços.

— Já que assim é e vosmecê quer cair a cada passo nisto a que não sei se chamo disparates — respondeu Sancho —, o remédio é obedecer e baixar a cabeça, atendendo ao rifão que diz: "Faze o que teu amo ordena e senta-te com ele à mesa." Apesar disso, e por descargo de minha consciência, quero advertir vosmecê de que a mim tal barco me não parece de encantados, mas de alguns pescadores deste rio, pois nele pescam as melhores savelhas do mundo.

Dizia isto Sancho enquanto amarrava os animais, deixando-os sob a proteção e o amparo dos encantadores, com profunda dor n'alma. Disse-lhe Dom Quixote que não tivesse pena do desamparo daquelas montarias. Quem os levasse a tão longínquos caminhos e regiões cuidaria de os sustentar.

— Não entendo isso de *logícuos* — disse Sancho — nem nunca ouvi tal palavra em todos os dias de minha vida.

— Longínquos — respondeu Dom Quixote — quer dizer afastados. Não é de admirar, porém, que não o entendas, pois obrigado não és a saber latim, como alguns que presumem sabê-lo e o ignoram.

— Já estão amarrados — replicou Sancho. — Que devemos fazer agora?

— Quê? — respondeu Dom Quixote — Persignar-nos e levantar âncora: quero dizer, embarcar e cortar a amarra que prende este barco.

Dando um salto para dentro dele, seguido por Sancho, cortou a corda e o barco se foi afastando aos poucos da margem. Sancho, quando se viu cerca de duas varas dentro do rio, começou a tremer, receando achar-se perdido. Coisa alguma, contudo, lhe deu mais pena do que ouvir zurrar o ruço e ver que Rocinante lutava por desatar-se. Disse ao amo:

— Zurra o ruço, condoído de nossa ausência, e Rocinante procura pôr-se em liberdade, para arrojar-se atrás de nós. Oh, caríssimos amigos, ficai em paz! A loucura que de vós nos aparta, convertida em desengano, devolva-nos à vossa presença!

Nisto, começou a chorar tão amargamente, que Dom Quixote, amofinado e colérico, disse:

— Que temes, covarde criatura? Por que choras, coração de manteiga? Quem te persegue ou te acossa, ânimo de rato doméstico? Que te falta, necessitado em meio às entranhas da abundância? Porventura vais caminhando a pé e descalço pelas montanhas da Cítia? Não vais sentado sobre uma tábua, como um arquiduque, pelo sereno curso deste agradável rio, de onde em breve sairemos ao mar dilatado? Já devemos, com efeito, ter andado e caminhado pelo menos setecentas ou oitocentas léguas. Se eu tivesse aqui um astrolábio para tomar a altura do polo, dir-te-ia quanto já percorremos, embora, ou pouco sei, ou já passamos, ou passaremos em breve, pela linha equinocial, que divide e corta os dois contrapostos polos em igual distância.

— E quando chegarmos a essa *lenha* de que vosmecê fala — perguntou Sancho —, quanto teremos andado?

— Muito — replicou Dom Quixote —, porque, de 360 graus que encerra o globo, de água e terra, segundo o cômputo de Ptolomeu, que foi o maior cosmógrafo que se conhece, devemos ter caminhado a metade, ao chegar à linha de que falei.

— Por Deus! — exclamou Sancho. — Gentil pessoa traz-me vosmecê por testemunha do que diz! *Puto e gafo*[1] e ainda por cima *tolo meu*, ou não sei quê...

Riu-se Dom Quixote da interpretação que Sancho havia dado ao nome e ao cômputo e conta do cosmógrafo Ptolomeu e disse-lhe:

— Sabe, Sancho, que os espanhóis e os que embarcam em Cádiz para ir às Índias Orientais têm um sinal para entender que passaram a linha equinocial, de que te falei: é que morrem os piolhos de todos os que vão no navio, sem ficar um só, nem em todo o baixel um se achará, ainda que a peso de ouro. Assim podes, Sancho, passar a mão por um músculo; se encontrares coisa viva, sairemos dessa dúvida; se não, já passamos.

— Não creio nada disso — disse Sancho. — Contudo, farei o que vosmecê me manda, embora não saiba que necessidade há de fazer essas experiências, pois vejo com meus próprios olhos que não nos afastamos da margem cinco varas, nem nos desviamos de onde estão as alimárias duas varas, porque ali estão Rocinante e o ruço, no mesmo lugar em que os deixamos. Tomada a mira, como agora a tomo, juro que não nos movemos nem andamos ao passo de uma formiga.

— Faze, Sancho, a averiguação que te digo e não cuides de outra. Não sabes que coisa sejam coluros, linhas, paralelos, zodíacos, eclípticas, polos, solstícios, equinócios, planetas, signos, pontos, medidas, de que se compõe a esfera celeste e terrestre. Se todas essas coisas soubesses, verias claramente quantos paralelos cortamos, quantos signos vimos, quantas constelações deixamos para trás e vamos deixando agora. Torno-te a dizer que te cates, e pesques.[2] Para mim, tenho que estás mais limpo que uma folha de papel liso e branco.

Catou-se Sancho e, chegando com a mão belamente e com cuidado na curva da perna esquerda, ergueu a cabeça, olhou para o amo e disse:

— Ou a experiência é falsa, ou não chegamos aonde vosmecê diz, nem com muitas léguas de aproximação.

— Como? — perguntou Dom Quixote. — Encontraste algo?

— Alguns algos! — respondeu Sancho.

E, sacudindo os dedos, lavou toda a mão no rio, pelo qual sossegadamente deslizava o barco, no meio da corrente, sem que o movesse qualquer inteligência secreta ou encantador escondido, mas o próprio curso das águas, então brando e suave.

Nisto, descobriram umas grandes azenhas, que estavam no meio do rio. Apenas as avistou, Dom Quixote, em voz alta, disse a Sancho:

— Vês? Ali, ó amigo, descobre-se a cidade, castelo ou fortaleza, em que deve estar algum cavaleiro oprimido, ou alguma rainha, infanta ou princesa desamparada, em cujo socorro sou aqui trazido.

— De que diabo de cidade, fortaleza ou castelo fala vosmecê, senhor? — indagou Sancho. — Não está vendo que aquelas são azenhas que estão no rio, onde se mói trigo?

— Cala-te, Sancho — replicou Dom Quixote. — Embora pareçam azenhas, não o são. Já te disse que os encantos transformam e mudam todas as coisas de seu ser natural. Não quero dizer que as mudam de um em outro ser realmente, mas apenas que lhes dão outra aparência, como o mostrou a experiência da transformação de Dulcineia, único refúgio de minhas esperanças.

Nisto, o barco, entrando no meio da correnteza do rio, começou a caminhar mais rapidamente do que até ali. Os moleiros das azenhas, vendo vir aquele barco pelo rio, para embocar pela torrente das rodas, saíram com presteza, muitos deles com longas varas, para detê-lo. E como saíam enfarinhados, cobertos os rostos e as vestes pelo pó do trigo, apresentavam mau aspecto. Davam grandes brados, dizendo:

— Demônios de homens, aonde ides? Estais desesperados, para querer afogar-vos e fazer-vos em pedaços nestas rodas?

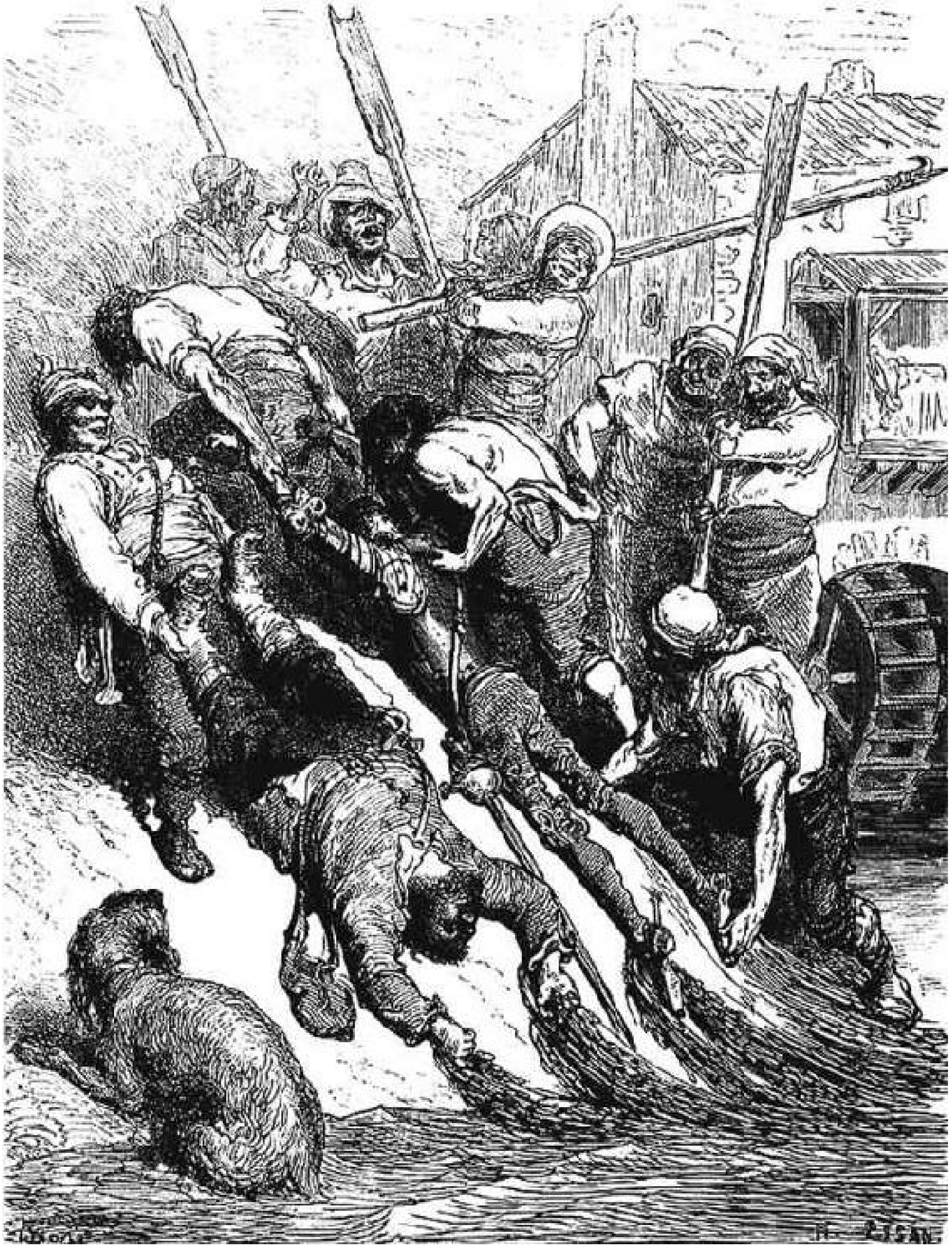
— Não te disse eu, Sancho — falou neste ponto Dom Quixote —, que havíamos chegado aonde hei de mostrar o ponto a que chega o valor de meu braço? Olha quantos malandrins e vilões me saem ao encontro. Vê quantos avantesmas se me opõem. Olha quantas feias catadura nos fazem caretas... Pois agora vereis, velhacos!

E, de pé no barco, com altos brados, começou a ameaçar os moleiros, dizendo-lhes:

— Canalha malvada e pior aconselhada, deixai em liberdade e a seu livre alvedrio a pessoa que nessa fortaleza ou prisão tendes oprimida, seja elevada ou baixa, de qualquer casta ou qualidade que for. Sou eu Dom Quixote de la Mancha, por outro nome chamado o Cavaleiro dos Leões, a quem está reservado, por ordem dos altos céus, o término feliz desta aventura.

Dizendo isto, desembainhou a espada e começou a esgrimi-la no ar contra os moleiros, os quais, ouvindo mas não compreendendo aquelas sandices, procuraram com suas varas deter o barco, que já ia entrando no torvelinho e canal das rodas.

Caiu Sancho de joelhos, devotamente pedindo ao céu que o livrasse de tão manifesto perigo. Foi isto feito pela indústria e presteza dos moleiros, que, opondo-se com seus paus ao barco, o detiveram, não porém sem deixar de virar a embarcação e dar com Dom Quixote e Sancho dentro da água. Muito valeu a Dom Quixote saber nadar como um ganso, pois o peso das armas duas vezes o levou ao fundo; não se tivessem os moleiros arrojado à água e tirado a ambos, como pesos mortos, ali teria sido Troia para os dois. Colocados afinal em terra, mais molhados que mortos de sede, Sancho, de joelhos, com as mãos juntas e os olhos cravados no céu, pediu a Deus, em longa e devota prece, dali por diante o livrasse dos atrevidos desejos e cometimentos de seu amo.


H. PISAN

Chegaram, nesse momento, os pescadores donos do barco, que as rodas das azenhas haviam despedaçado. Vendo-o partido, correram a despir Sancho e a pedir a Dom Quixote que o pagasse. Este, com grande sossego, como se nada lhe houvesse acontecido, disse aos moleiros e pescadores que pagaria o barco de boníssima vontade, desde que lhe entregassem, livre e sem cautela, a pessoa ou pessoas que naquele seu castelo estavam oprimidas.

— De que pessoas ou castelos falas, homem sem juízo? — respondeu um dos moleiros. — Queres retirar, porventura, os que vêm moer trigo nestas azenhas?

— Basta — murmurou Dom Quixote. — Aqui, será pregar no deserto o pretender levar esta canalha, por meio de rogos, a praticar qualquer virtude. Nesta aventura devem ter-se encontrado dois valentes encantadores e um estorva o que o outro intenta. Um me trouxe o barco, o outro me lançou fora dele. Deus lhe dê remédio, que tudo neste mundo são traças e maquinações contrárias umas às outras. Eu não posso mais.

E, erguendo a voz, prosseguiu dizendo, a fitar as azenhas:

— Amigos, quem quer que sejais, que nessa prisão permaneceis encerrados, perdoai-me. Por minha desgraça e pela vossa, não vos posso retirar de vossa aflição. Para outro cavaleiro deve estar guardada e reservada esta aventura.

Dizendo isto, entrou em acordo com os pescadores e pagou pelo barco cinquenta reais, que Sancho entregou muito a contragosto, observando:

— Com duas barcadas como esta daremos com todo o cabedal ao fundo.

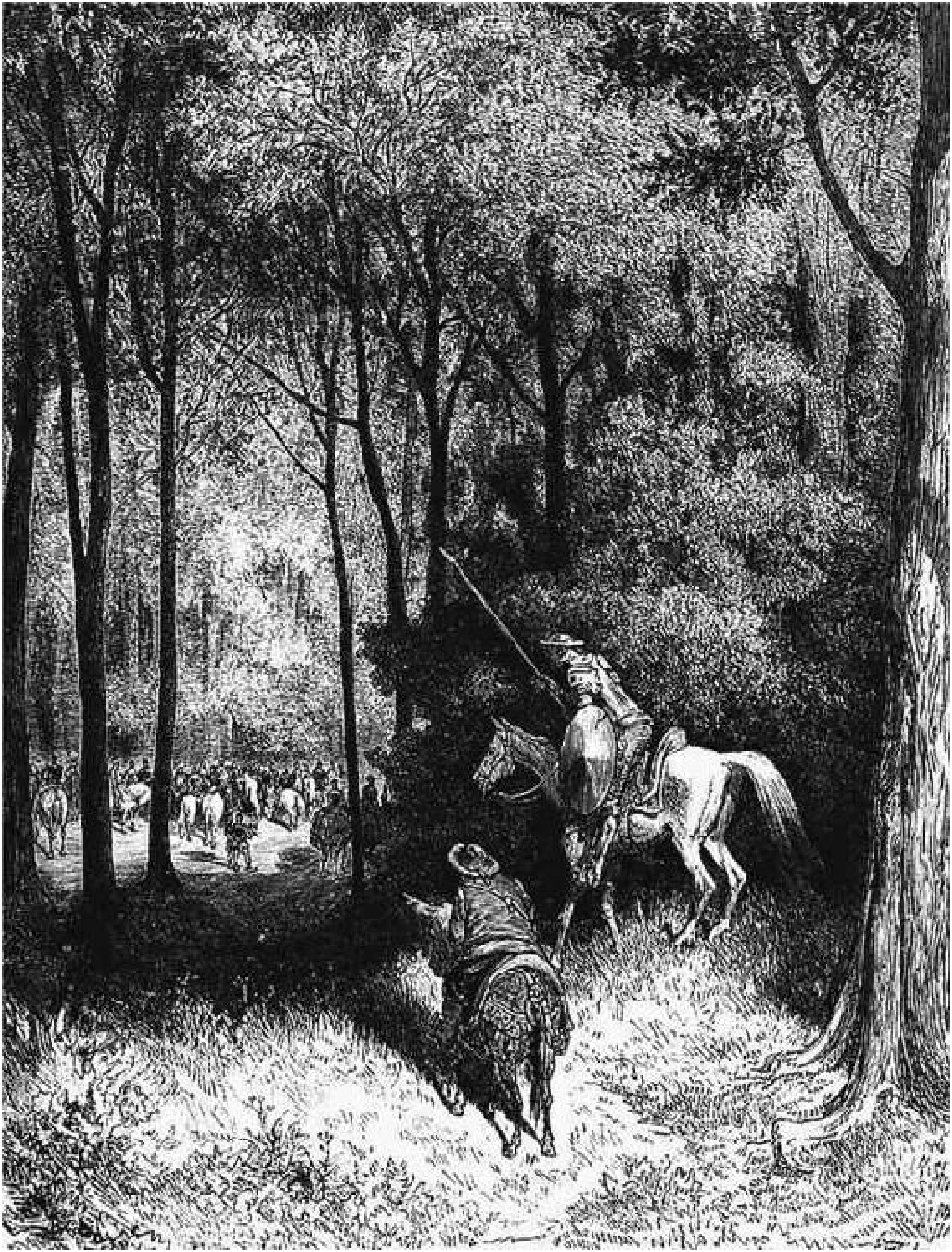
Os pescadores e moleiros admiravam-se de fitar aquelas duas figuras, tão insólitas e diversas dos outros homens, e não conseguiam entender a que ponto se encaminhavam as razões e perguntas de Dom Quixote. Tendo-os por loucos, deixaram-nos e se recolheram a suas azenhas, e os pescadores a seus ranchos. Dom Quixote e Sancho voltaram a suas bestas e a ser bestas, e foi este o fim da aventura do barco encantado.

# CAPÍTULO XXX

## *Do que ocorreu a Dom Quixote com uma bela caçadora*

Assaz melancólicos e maldispostos chegaram cavaleiro e escudeiro a seus animais, especialmente Sancho, a quem doía na alma ver-se gastar o dinheiro, parecendo-lhe que quanto deste se tirava era como se a ele próprio arrancassem as meninas dos olhos. Por fim, sem trocar sepultado nos pensamentos de seus amores; Sancho, nos de seu enriquecimento, que, então, muito longe lhe parecia estar. Porque, embora tonto, bem compreendia serem as ações de seu amo, todas ou a maioria, puros disparates, e buscava pretexto para, sem entrar em contas ou despedidas com seu senhor, desgarrar-se um dia e voltar para casa. A fortuna, contudo, ordenou as coisas muito ao revés do que ele temia.

Sucedeu, pois, que no dia imediato, ao pôr do sol e ao sair de uma selva, espraiou Dom Quixote a vista por um verde prado e, ao fundo dele, viu gente. Aproximando-se, reconheceu que eram caçadores de falcoaria.[1] Aproximou-se mais e viu entre eles uma galharda senhora, montada num palafrém ou hacaneia alvíssima, adornada de guarnições verdes e com silhão de prata. Vinha a senhora igualmente vestida de verde, tão bizarra e ricamente, que a própria bizarria nela se encarnava. Trazia na mão esquerda um açor, sinal que deu a entender a Dom Quixote ser aquela alguma grande dama, senhora de todos aqueles caçadores, como em verdade era. Assim, disse a Sancho:



— Corre, filho Sancho, e dize àquela senhora do açor e do palafrém que eu, o Cavaleiro dos Leões, beijo as mãos a sua grande formosura e, se Sua Grandeza me der licença, irei beijá-las e servi-la em tudo que puderem minhas forças e Sua Alteza me ordenar. Repara, Sancho, como falas e toma cuidado de não encaixar algum dos teus brocardos em tua embaixada.

— Outro será o encaixador! — respondeu Sancho. — Diz-me isso a mim? Não é esta a primeira vez que levo embaixadas a altas e crescidas senhoras em minha vida!

— A não ser a que levaste à senhora Dulcineia — replicou Dom Quixote —, não sei que hajas levado outra, pelo menos a meu serviço.

— Isso é verdade — retrucou Sancho —, mas o bom pagador não receia dar penhor, e em casa cheia logo se cozinha a ceia. Quero dizer: não é mister dizer-me ou lembrar-me coisa alguma. Para tudo tenho e de tudo entendo um pouco.

— Bem o creio, Sancho — disse Dom Quixote. — Vai em boa hora e Deus te guie.

Partiu Sancho de galope, retirando o ruço do passo habitual, e chegou aonde estava a bela caçadora. Apeando-se, ajoelhou-se diante dela e disse:

— Formosa senhora, aquele cavaleiro que ali aparece, chamado o Cavaleiro dos Leões, é meu amo, e sou eu um escudeiro seu, a quem chamam em sua casa Sancho Pança. Esse tal Cavaleiro dos Leões, que não faz muito se chamava o Cavaleiro da Triste Figura, mandou-me dizer a Vossa Grandeza seja servida de dar-lhe licença para, com seu propósito, beneplácito e consentimento, realizar seu desejo, que outro não é, segundo ele diz e eu penso, que o de servir a vossa culminante Altanaria e Formosura. Dando-lhe Vossa Senhora tal licença, fará coisa que redunde em seu favor e disso receberá ele assinaladíssima mercê e contentamento.

— Por certo, bom escudeiro — observou a dama —, destes vossa embaixada com todas aquelas circunstâncias que tais embaixadas requerem. Levantai-vos do solo. Justo não é fique de joelhos escudeiro de tão grande cavaleiro como o da Triste Figura, de quem já temos aqui muitas notícias. Levantai-vos, amigo, e dizei a vosso amo que muito bem-vindo seja a servir-se de mim e do duque meu marido, numa casa de recreio que aqui temos.

Levantou-se Sancho, admirado tanto da formosura da boa senhora como de sua muita polidez e cortesia, e mais ainda de lhe haver dito ter notícias de seu amo, o Cavaleiro da Triste Figura, pois, se não o havia chamado Cavaleiro dos Leões, devia ser por ter sido adotado tão recentemente. Perguntou-lhe a duquesa, cujo título não se sabe:[2]

— Dizei-me, mano escudeiro: esse vosso amo não é um de quem anda impressa uma história intitulada *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, que tem por senhora de sua alma uma tal Dulcineia del Toboso?

— Esse mesmo é, senhora — respondeu Sancho. — E aquele escudeiro seu, que anda, ou deve andar, pela tal história, e a quem chamam Sancho Pança, sou eu, se não me trocaram no berço.[3] Quero dizer, se não me trocaram nos prelos.

— Muito folgo com tudo isso — disse a duquesa. — Ide, irmão Pança, e dizei a vosso amo que seja ele bem-chegado e bem-vindo a meus estados, pois coisa alguma poderia chegar que mais alegria me desse.

Com essa tão agradável resposta, voltou Sancho da melhor vontade a seu amo, a quem narrou tudo o que a grande dama lhe havia dito, encarecendo, em seus termos rústicos, e elevando aos céus sua muita formosura e seu grande donaire e cortesia. Dom Quixote aprumou-se na sela, firmou-se bem nos estribos, acomodou a viseira, aguilhoou Rocinante e com gentil denodo foi beijar as mãos à duquesa. Esta, mandando chamar o duque seu marido, contou-lhe, enquanto vinha Dom Quixote, toda a embaixada. Os dois, que haviam lido a primeira parte desta história e sabiam por ela do disparatado humor de Dom Quixote, com enorme gosto e desejo de conhecê-lo o esperavam, dispostos a seguir-lhe a índole e a condescender com ele em quanto lhes dissesse, tratando-o como a cavaleiro andante nos dias em que com eles se detivesse, com todas as cerimônias usuais nos livros de cavalaria, que haviam lido e de que ainda muito gostavam.

Nisto, chegou Dom Quixote, de viseira alçada. Dando mostras de apear-se, acudiu Sancho a segurar-lhe o estribo. Tão infeliz foi, porém, que, ao descer do ruço, prendeu-se-lhe o pé a uma corda da albarda, de modo que não foi possível desenredá-lo. Antes, ficou pendente dela, com a boca e os peitos no solo. Dom Quixote, não acostumado a apear-se sem que Sancho lhe segurasse o estribo, julgando que ele já o segurara, descarregou de golpe o corpo, levando consigo a sela de Rocinante, que devia estar mal apertada. Ele e sela vieram ao chão, não sem grande vergonha sua e muitas maldições que entre dentes lançou ao desditoso Sancho, ainda com o pé na golilha. Mandou o duque que seus caçadores acudissem ao cavaleiro e ao escudeiro. Levantaram Dom Quixote, maltratado da queda. Mancando e como pôde, foi ele fincar os joelhos ante os dois senhores. Não o consentiu, porém, o duque de modo algum; antes, apeando-se do cavalo, foi abraçar Dom Quixote, dizendo-lhe:

— Pesa-me, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que a primeira figura feita por Vossa Mercê em minhas terras tenha sido tão má, como se viu. Descuidos de escudeiros, porém, costumam ser causa de outros sucessos piores.

— O sucesso que tive em ver-vos, valoroso príncipe — respondeu Dom Quixote —, impossível é que seja mau, ainda que minha queda não parasse até o mais profundo dos abismos, pois dali me levantara e retirara a glória de haver-vos visto. Meu escudeiro, que Deus maldiga, melhor desata a língua para dizer malícias do que ata e aperta uma sela para que fique firme. Como quer, porém, que eu me ache, a pé ou a cavalo, caído ou levantado, estarei sempre ao serviço vosso e ao de minha senhora duquesa, digna consorte vossa e digna senhora da formosura e universal princesa da cortesia.

— Devagar, meu senhor Dom Quixote de la Mancha! — exclamou o duque. — Onde está minha senhora Dona Dulcineia del Toboso, não há razão para que se louvem outras formosuras.

Neste ponto, já se libertara Sancho Pança do laço e, achando-se ali perto, antes que seu amo respondesse, disse:

— Não se pode negar, mas sim afirmar, que mui formosa é minha senhora Dulcineia del Toboso, mas, onde menos se pensa, levanta-se a lebre. Ouvi dizer que isto a que chamam natureza é como um oleiro que faz vasos de barro. Quem faz um vaso formoso, também pode fazer dois, e três, e cem. Digo-o porque, por minha fé, não fica a minha senhora duquesa atrás de minha ama, a senhora Dulcineia del Toboso.

Voltou-se Dom Quixote para a duquesa e disse:

— Imagine Vossa Grandeza que cavaleiro andante algum, neste mundo, já teve escudeiro mais falante e mais gracioso que o meu. Ele não me deixará mentir, se alguns dias Vossa Grã Excelsitude quiser servir-se de mim.

A isso respondeu a duquesa:

— Muito estimo eu que o bom Sancho seja gracioso, porque é sinal de discreto. As graças e donaires, senhor Dom Quixote, como bem sabe Vossa Mercê, não calham sobre engenhos torpes. E já que o bom Sancho é gracioso e donairoso, desde agora o confirmo por discreto.

— E falador — acrescentou Dom Quixote.

— Tanto melhor — disse o duque. — Muitas graças não se podem dizer com poucas palavras. E, para que o nosso tempo não se vá nelas, venha o grande Cavaleiro da Triste Figura...

— Dos Leões, deve dizer Vossa Alteza — observou Sancho. — Já não há Triste Figura. O figuro seja o dos Leões.[4]

— Digo que venha o senhor Cavaleiro dos Leões — prosseguiu o duque — a um castelo meu, próximo daqui, onde lhe será feito o acolhimento que a tão alta pessoa com justiça se deve e que eu e a senhora duquesa costumamos fazer a todos os cavaleiros andantes que a ele chegam.

Neste ponto, Sancho havia arranjado e apertado bem a sela de Rocinante. Montou nele Dom Quixote, o duque num formoso cavalo e, com a duquesa entre ambos, encaminharam-se para o castelo. Ordenou a duquesa que Sancho fosse junto a ela, pois gostava infinitamente de ouvir suas discrições. Não se fez Sancho de rogado e enfiou-se entre os três, fazendo-se o quarto na conversação, com grande prazer da duquesa e do duque, que tiveram por grande ventura acolher em seu castelo a tal cavaleiro andante e a tal andado escudeiro.

# CAPÍTULO XXXI

## *Que trata de muitas e grandes coisas*

Suma alegria sentia Sancho ao ver-se, como lhe parecia, na privança da duquesa, por se lhe afigurar que no castelo havia de encontrar o que tivera na casa de Dom Diogo e na de Basílio, afeiçoado que era sempre à boa vida. Assim, agarrava a oportunidade pelos cabelos,[1] nisto de regalar-se, quando e onde se lhe oferecia.

Conta, pois, a história que, antes de chegarem à casa de recreio ou castelo, adiantou-se o duque e deu ordens a todos os seus criados sobre o modo de tratarem Dom Quixote. Ao chegar este, com a duquesa, às portas do castelo, saíram dele dois lacaios ou palafreneiros, vestidos até os pés de batas de estar,[2] de cetim carmesim finíssimo, e, recolhendo Dom Quixote nos braços, antes que ele desse tento, disseram-lhe:

— Vá Vossa Grandeza ajudar minha senhora duquesa a apear-se.

Fê-lo Dom Quixote e houve grandes mesuras entre ambos a respeito do caso; venceu, com efeito, porém, a porfia da duquesa, que não quis descer ou baixar do palafrém senão nos braços do duque seu marido, dizendo não se achar digna de dar a tão grande cavaleiro tão inútil carga. Por fim, saiu o duque a apeá-la. Ao entrarem num grande pátio, chegaram duas formosas donzelas e lançaram sobre os ombros de Dom Quixote enorme manto de finíssima escarlata. Num instante se coroaram todos os corredores do pátio de criados e criadas daqueles senhores, dizendo em altas vozes:

— Bem-vindo sejas, flor e nata dos cavaleiros andantes!

Quase todos derramavam vasos de águas odoríferas sobre Dom Quixote e sobre os duques, de tudo se admirando muito o cavaleiro. Aquele foi o primeiro dia em que completamente conheceu e acreditou ser verdadeiro cavaleiro andante, e não fantástico, por ver-se tratar do mesmo modo pelo qual se tratavam, como havia lido, tais cavaleiros nos passados séculos.

Sancho, abandonando o ruço, coseu-se com a duquesa e entrou no castelo. Remordeu-lhe, porém, a consciência o pensar que deixara só o jumento. Assim, chegou-se a uma reverenda dama,[3] que com outras saíra a receber a duquesa, e em voz baixa lhe disse:

— Senhora González, ou como é a graça de vosmecê...?

— Chamo-me Dona Rodrigues de Grijalba — informou a dama. — Que me mandais, irmão?

A isso respondeu Sancho:

— Queria que vosmecê me fizesse o favor de sair à porta do castelo, onde achará um asno ruço meu. Seja vosmecê servida de pô-lo, ou mandar que o ponham, na cavalariça, pois o pobrezito é um pouco medroso e não gostará de ficar só, de modo algum.

— Se tão discreto é o amo como o criado — replicou a dama —, arranjadas estamos! Andai, irmão, muito em má hora para vós e para quem cá vos trouxe, e tomai conta de vosso jumento, que as damas desta casa não estamos acostumadas a semelhantes trabalhos.

— Pois, em verdade, ouvi dizer meu amo, que é arquivo das histórias, ao contar aquela de Lançarote:

*Quando de Bretanha vinha,*

*senhoras cuidavam dele*

*e damas de seu rocim.*

E, no que a meu asno se refere, não o trocaria eu pelo rocim de Lançarote.

— Mano, se sois jogral — replicou a dama — guardai vossas graças para onde as apreciem e vo-las paguem. De mim, só podereis levar uma figa.

— Ainda bem — respondeu Sancho —, que deve ser bastante madura, pois vosmecê não perderia a sequência das cartas de seus anos por um ponto de menos.

— *Hijo de puta*![4] — exclamou a dama, acesa em cólera. — Se sou velha ou não, a Deus darei contas, e não a vós, velhaco fedendo a alhos.

Disse isto em voz tão alta que a ouviu a duquesa; voltando-se e vendo a dama tão alvorotada e de olhos chamejantes, perguntou-lhe com quem altercava.

— Com este bom homem — explicou ela —, que me pediu encarecidamente para colocar na cavalariça um asno seu que está à porta do castelo, dando-me por exemplo haverem assim feito não sei onde, quando senhoras cuidaram de um tal Lançarote e umas damas de seu rocim; e além de tudo, para cúmulo, chamou-me velha.

— Isso eu teria por afronta — observou a duquesa — maior que qualquer outra.

E, falando a Sancho, disse-lhe:

— Notai, Sancho amigo, que Dona Rodrigues é muito jovem e antes traz aquelas toucas por autoridade e usança que pelos anos.

— Maus sejam os que me ficam por viver — respondeu Sancho — se o disse para ofendê-la. Só o disse porque tanto é o carinho que dedico a meu jumento que me pareceu não o poder recomendar a pessoa menos caritativa que a senhora Rodrigues.

Dom Quixote, que tudo ouvia, disse-lhe:

— Práticas são estas, Sancho, para este lugar?

— Senhor — redarguiu Sancho —, cada qual há de falar de seu mister onde quer que se ache. Lembrei-me aqui do ruço e aqui falei dele. Se me tivesse lembrado na cavalariça, lá haveria falado.

A isso disse o duque:

— Sancho está muito certo e não há por que culpá-lo. O ruço está a bom recado, como a pedir de boca;[5] não se incomode, Sancho, que tratarão dele como de sua própria pessoa.

Com estas conversações, agradáveis a todos, menos a Dom Quixote, chegaram ao alto. Dom Quixote foi introduzido numa sala adornada de teias riquíssimas de ouro e brocado. Seis donzelas o desarmaram e serviram-lhe de pajens, todas industriadas e advertidas pelo duque e a duquesa a respeito do que deveriam fazer e de como o haveriam de tratar, para que imaginasse e visse que o tratavam como a cavaleiro andante. Dom Quixote, depois de desarmado, em seus estreitos calções e seu gibão de camurça, seco, alto, espichado, com as faces a se beijarem uma à outra por dentro, era figura para fazer as donzelas arrebentarem de rir, não tivesse sido a de dissimular o riso uma das mais severas ordens que seus senhores lhes haviam dado.

Pediram-lhe que se deixasse desnudar para vestir-lhe uma camisa, mas ele não o consentiu, dizendo que a honestidade ficava tão bem aos cavaleiros andantes como a valentia. Apesar disso, mandou que dessem a camisa a Sancho. E, encerrando-se com ele numa sala onde estava rico leito, despiu-se e vestiu a camisa. Vendo-se só com Sancho, observou-lhe:

— Dize-me, truão moderno e malhadeiro antigo: parece-te bem insultar e afrontar uma senhora tão veneranda e digna de respeito como aquela? Tempo era aquele para te recordares do ruço, e senhores são estes para deixar que passem mal os animais, se tão elegantemente tratam seus donos? Por quem Deus é, Sancho, comporta-te e não descubras o fio, para que não se deem conta de vil e grosseira tela de que és tecido. Olha, pecador, que tanto mais é tido em consideração o amo quanto mais honrados e bem-nascidos criados tem, e uma das maiores vantagens que levam os príncipes sobre os demais homens está em se servirem de criados tão bons quanto eles próprios. Não observas, angustiado de ti e mal-aventurado de mim, que se veem não passares de grosseiro vilão ou mentecapto gracioso, pensarão que sou algum charlatão ou cavaleiro de mofatra? Não, não, Sancho amigo: foge, foge desses inconvenientes; quem tropeça em falador e gracioso, ao primeiro cambapé cai e dá em truão desgraçado. Freia a língua, considera e rumina as palavras antes que te saiam da boca, e lembra-te que chegamos a lugar de onde, com o favor de Deus e o valor de meu braço, havemos de sair melhorados em terço e quinto[6] de fama e fazenda.

Prometeu-lhe Sancho, com muitas veras, costurar a boca ou morder-se a língua antes de falar palavra que não fosse muito a propósito e bem considerada, como o amo lhe ordenava; não se inquietasse com isso, pois, por ele, nunca se descobriria quem eram.

Vestiu-se Dom Quixote, pôs o talim com a espada, lançou o manto de escarlata às costas, colocou um gorro de cetim verde que as donzelas lhe deram, e com este adorno saiu para a grande sala, onde encontrou as donzelas em alas, tantas de um lado como de outro, e todas com gesto de lhe deitar água às mãos.[7] Lavaram-nas com muitas reverências e cerimônias e logo chegaram doze pajens com o mestre-sala, para conduzi-lo a comer, que já os senhores o aguardavam. Rodearam-no e, cheio de pompa e majestade, o levaram para outra sala, onde estava posta rica mesa, apenas com quatro serviços. A duquesa e o duque dirigiram-se à porta da sala para recebê-lo, indo com eles um grave eclesiástico, desses que governam as casas dos príncipes; desses que, não tendo nascido príncipes, não conseguem ensinar como o hão de ser os que o são: desses que querem que a grandeza dos grandes se meça pela estreiteza de seus ânimos; desses que, querendo levar os que governam a ser moderados, fazem com que sejam miseráveis. Desses tais digo que devia ser o grave religioso que com os duques saiu a receber Dom Quixote. Fizeram-lhe mil corteses cumprimentos e por fim, levando Dom Quixote entre si, foram sentar-se à mesa. Convidou o duque Dom Quixote para a cabeceira e, embora ele o recusasse, tantas foram as instâncias do duque, que a teve de ocupar. O eclesiástico sentou-se à sua frente, ficando o duque e a duquesa dos dois lados.

A tudo isto estava presente Sancho, estuporado e atônito por ver as honras que a seu amo faziam aqueles príncipes. Vendo as muitas cerimônias e rogos trocados entre o duque e Dom Quixote para que este se sentasse à cabeceira da mesa, falou:

— Se Suas Mercês me dão licença, contar-lhes-ei um conto que se passou em minha aldeia, a respeito disto dos lugares.

Mal dissera isto Sancho, tremeu Dom Quixote, crendo sem dúvida alguma, que iria dizer alguma tolice. Olhou-o Sancho, compreendeu-o e observou:

— Não tema vosmecê, meu senhor, que me desmande ou diga coisa que não venha muito a pelo. Não me esqueci dos conselhos que há pouco me deu vosmecê sobre o falar muito ou pouco, bem ou mal.

— De nada me recordo, Sancho — respondeu Dom Quixote. — Dize o que quiseres, contanto que o digas depressa.

— Pois o que quero dizer — tornou Sancho — é tão verdade que meu senhor Dom Quixote, aqui presente, não me deixará mentir.

— Por mim — replicou Dom Quixote — podes mentir, Sancho, quanto quiseres, que não te irei à mão; vê, porém, o que vais dizer.

— Tão visto e revisto o tenho — retrucou Sancho — que a salvo está quem muralhas protegem, como se verá pela obra.

— Bom será — disse Dom Quixote — que Vossas Grandezas mandem pôr fora daqui este tolo, que vai dizer mil patacoadas.

— Por vida do duque — respondeu a duquesa. — Sancho não se há de afastar de mim um passo. Quero-lhe muito, porque sei que é mui discreto.

— Discretos dias — disse Sancho — viva Vossa Santidade pelo bom crédito que me dá, embora eu o não mereça. O conto que quero narrar é este: Convidou um fidalgo de minha aldeia, muito rico e principal porque descendia dos Álamos de Medina del Campo, que se casou com Dona Mência de Quiñones, que era filha de Dom Alonso de Maranhão, cavaleiro do hábito de Santiago, que se afogou no porto da Ferradura,[8] e por causa de quem houve aquela pendência, há anos, em nosso lugar, na qual, se bem me lembro, andou envolvido meu senhor Dom Quixote e da qual saiu ferido Tomasito, o Travesso, filho de Barbastro, o ferreiro... Não é verdade tudo isto, senhor nosso amo? Diga-o, por sua vida, para que estes senhores não me tenham por algum falador mentiroso.

— Até agora — disse o eclesiástico — ter-vos-ei mais por falador que por mentiroso; mas, daqui por diante, não sei em que conta vos terei.

— Dás tantos testemunhos, Sancho, e tantos indícios, que não posso deixar de concordar em que deves dizer a verdade. Passa adiante e encurta o conto, porque estás com jeito de não acabar em dois dias.

— Não o há de encurtar — observou a duquesa — para me fazer prazer; antes, há de contá-lo da maneira por que o sabe, ainda que o não termine em seis dias. Se tantos forem, seriam para mim os melhores de minha vida.

— Digo, pois, senhores meus — prosseguiu Sancho —, que esse tal fidalgo, que conheço como as palmas de minhas mãos, porque de minha casa à sua não vai um tiro de besta, convidou um lavrador pobre, mas honrado...

— Adiante, irmão — interrompeu nesse ponto o religioso —, que levais caminho de não parar com vosso conto até o outro mundo.

— A menos de meio caminho pararei, se Deus for servido — respondeu Sancho. — Assim, digo que, chegando o tal lavrador à casa do dito fidalgo convidante, que sua alma tenha bom pouso, pois já morreu, e por sinal dizem que teve morte de um anjo, embora eu não me achasse presente, pois havia ido, naquela ocasião, para a ceifa em Tembleque...

— Por vossa vida, filho, volvei depressa de Tembleque, e sem enterrar o fidalgo; se não quereis fazer mais exéquias, acabai vosso conto.

— Aconteceu, pois — replicou Sancho —, que estando os dois para sentar-se à mesa, e parece que agora os vejo mais do que nunca...

Grande satisfação experimentavam os duques com o desgosto que o religioso mostrava ante a dilação e as pausas com que Sancho narrava seu conto. Dom Quixote consumia-se em cólera e raiva.

— Digo, pois — continuou Sancho —, que estando os dois, como já disse, para sentar-se à mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo para que se colocasse à cabeceira e o fidalgo porfiava também para que o lavrador a tomasse, porque em sua casa se havia de fazer o que ele mandasse. O lavrador, porém, que se presumia de cortês e bem-criado, não o quis fazer, até que o fidalgo, amofinado, pondo-lhe ambas as mãos sobre os ombros, assentou-o à força, dizendo: "Sentai-vos, palerma; onde quer que eu me sente, será aí a cabeceira." Este é o conto, e em verdade creio que foi aqui trazido fora de propósito.

Pôs-se Dom Quixote de mil cores, que lhe jaspeavam o moreno do rosto; os senhores dissimularam o riso para que Dom Quixote não acabasse de ficar corrido, entendendo a malícia de Sancho. Para mudar de prática e evitar que Sancho prosseguisse com outros disparates, perguntou a duquesa a Dom Quixote que novas recebera da senhora Dulcineia e se lhe havia enviado naqueles dias algum presente de gigantes ou malandrins, pois a muitos não podia deixar de haver vencido. A isso Dom Quixote respondeu:

— Senhora minha, embora tivessem princípio, minhas desgraças nunca terão fim. Gigantes venci, vilões e malandrins lhe enviei. Onde, porém, a poderiam encontrar, se está encantada e transformada na mais feia lavradora que se possa imaginar?

— Não sei — disse Sancho Pança. — A mim, parece-me a mais formosa criatura do mundo. Pelo menos, na ligeireza e no brincar, bem sei que não lhe levará vantagens um saltimbanco. Por minha boa-fé, senhora duquesa, que ela salta do solo sobre uma burrica como se fosse um gato.

— Vós a vistes encantada, Sancho? — perguntou o duque.

— Se a vi? Como não? Quem diabos, senão eu, foi o primeiro que caiu no achaque do encantatório? Tão encantada está como meu pai!

O eclesiástico, ouvindo falar em gigantes, vilões e encantamentos, deu-se conta de que aquele devia ser Dom Quixote de la Mancha, cuja história o duque lia frequentes vezes, o que ele já lhe havia outras muitas censurado, dizendo ser disparate ler tais disparates. Inteirando-se de que era verdade o que suspeitava, com muita cólera, falando ao duque, disse-lhe:

— Vossa Excelência, meu senhor, tem de dar contas a Nosso Senhor do que faz este bom homem. Este Dom Quixote, ou Dom Maluco, ou como se chama, creio eu, não deve ser tão mentecapto como Vossa Excelência quer que seja, dando-lhe à mão ocasiões para levar por diante suas sandices e insensatezes.

E, voltando a prática para Dom Quixote, disse-lhe:

— E a vós, alma de cântaro,[9] quem vos encasquetou no cérebro que sois cavaleiro andante e venceis gigantes e prendeis malandrins? Regressai, em boa hora, e em hora tal vos digam:

voltai à vossa casa e criai vossos filhos, se os tendes, e cuidai de vossa fazenda, e deixai de andar vagando pelo mundo, papando vento e dando motivos de riso a quantos vos conhecem e não vos conhecem. Onde, e a que má hora, achastes que houve ou há cavaleiros andantes? Onde há gigantes em Espanha, ou malandrins na Mancha, ou Dulcineias encantadas, ou toda a caterva das simploriedades que de vós se contam?

Atento esteve Dom Quixote às razões daquele venerável varão. Vendo-o calar-se, sem guardar respeito aos duques, com semblante irado e alvoroçado rosto, pôs-se de pé e disse... Mas esta resposta merece um capítulo só para si.

# CAPÍTULO XXXII

## *Da resposta que Dom Quixote deu a seu censor, com outros graves e graciosos sucessos*

Erguido, pois, de pé, Dom Quixote, tremendo dos pés à cabeça, como azougado, disse com pressurosa e turva língua:

— O lugar em que estou, as presenças ante que me acho, e o respeito, que sempre tive e tenho, pelo estado que Vossa Mercê professa, seguram e atam as mãos de meu justo desgosto. Assim, pelo que disse, como por saber, e todos o sabem, que as armas dos letrados são as mesmas da mulher, isto é, a língua, entrarei com a minha em igual batalha com Vossa Mercê, de quem antes era devido esperar bons conselhos que infames vitupérios. As repreensões santas e bem-intencionadas outras circunstâncias requerem e outros pontos pedem. Pelo menos, o haver-me repreendido em público e tão asperamente passou os limites todos da boa repreensão, que melhor se assenta sobre a brandura que sobre a aspereza. Nem fica bem, sem ter conhecimento do pecado, chamar ao pecador, sem mais nem menos, mentecapto e maluco. Se não, diga-me Vossa Mercê: por qual das maluquices que em mim viu me condena e vitupera e me manda ir à minha casa, tomar conta do governo dela, de minha mulher e meus filhos, sem saber se a tenho ou os tenho? Será bastante, então, entrar a trouxe-mouxe pelas casas alheias, a governar seus donos? Podem alguns que se criaram na estreiteza de um educandário, sem mais mundo haver visto que o contido em vinte ou trinta léguas de distrito, meter-se de roldão a dar leis à cavalaria e a julgar os cavaleiros andantes? Porventura é assunto vão ou tempo mal gasto o que se gasta em vagar pelo mundo, não para buscar-lhe os regalos, mas as asperezas, por onde os bons sobem ao assento da imortalidade? Se me tivessem por amalucado os cavaleiros, os magníficos, os generosos, os altamente nascidos, tê-lo-ia eu por afronta irreparável. Pouco se me dá, porém, que me tenham por sandeu os estudantes, que nunca entraram nas sendas da cavalaria, nem as trilharam. Cavaleiro sou e cavaleiro hei de morrer, se aprouver ao Altíssimo. Uns vão pelo amplo campo da ambição soberba; outros, pelo da adulação servil e baixa; outros, pelo da hipocrisia enganosa; e alguns pelo da verdadeira religião. Eu, porém, seguindo a minha estrela, vou pela augusta senda da cavalaria andante, e por seu exercício desprezo a fazenda, mas não a honra. Satisfiz agravos, endireitei tortos, castiguei insolências, venci gigantes, atropelei avantesmas. Sou enamorado, apenas porque é forçoso que os cavaleiros andantes o sejam; e, sendo-o, não sou dos enamorados viciosos, mas dos platônicos continentes. Endereço sempre minhas intenções a bons fins, que são os de fazer bem a todos e mal a ninguém. Se quem isto entende, se quem isto pratica, se quem disto trata merece ser chamado bobo, digam-no Vossas Grandezas, duque e duquesa excelentes.

— Bem, por Deus! — exclamou Sancho. — Não fale mais em seu abono, senhor e amo meu, porque não há mais que dizer, nem pensar, neste mundo, a não ser perseverar. E desde que este senhor nega, como negou, que haja na terra, ou tenha havido, cavaleiros andantes, será de admirar que nada saiba das coisas que disse?

— Porventura — atalhou o eclesiástico — sois vós, irmão, aquele Sancho Pança, de quem dizem ter-vos prometido vosso amo uma ilha?

— Ele mesmo — replicou Sancho Pança. — E sou quem a merece tão bem como outro qualquer. Sou daqueles de quem dizem "junta-te aos bons e serás um deles", e "não com quem nasces, mas com quem pasces", e ainda "quem a boa árvore se arrima, boa sombra terá". Arrimei-me a bom senhor e faz muitos meses que ando em sua companhia, e hei de ser outro como ele, querendo Deus. Viva ele, viva eu. Nem a ele faltarão impérios que mandar, nem a mim ilhas para governar.

— Não, por certo, Sancho amigo — interveio neste ponto o duque. — Eu, em nome do senhor Dom Quixote, entrego-te o governo de uma, que tenho desemparelhada,[1] de não pequena qualidade.

— Dobra os joelhos, Sancho — disse Dom Quixote —, e beija os pés de Sua Excelência, pela mercê que te fez.

Sancho obedeceu. Vendo-o, o eclesiástico levantou-se da mesa, por demais amofinado, dizendo:

— Pelo hábito que visto, estou por dizer que tão sandeu é Vossa Excelência como esses pecadores. Vede se não hão de ser eles loucos, já que os cordatos canonizam suas loucuras! Fique-se com eles Vossa Excelência. Enquanto estiverem em sua casa, estarei eu na minha e me escusarei de repreender o que não posso remediar.

E, sem dizer ou comer mais, foi-se, não conseguindo detê-lo os rogos dos duques. Verdade é que o duque não rogou muito, impedido pelo riso que lhe causava sua impertinente cólera. Ao terminar de rir, disse a Dom Quixote:

— Vossa Mercê, senhor Cavaleiro dos Leões, respondeu por si tão altamente que nada lhe resta por satisfazer deste agravo, que de modo algum o é, embora o pareça. Com efeito, assim como as mulheres não agravam, também não fazem agravo os eclesiásticos, como Vossa Mercê melhor sabe.

— Realmente — concordou Dom Quixote. — E a causa está em que não pode fazer agravo a ninguém quem não pode ser agravado. As mulheres, as crianças e os eclesiásticos, como não se podem defender, ainda quando ofendidos, não podem ser afrontados. Porque entre o agravo e a afronta há esta diferença, como melhor sabe Vossa Excelência: a afronta vem da parte de quem a pode fazer, e a faz e sustenta; o agravo pode vir de qualquer parte, sem que afronte. Por exemplo: alguém está numa rua descuidado; chegam dez à mão armada e dando-lhe pauladas; desembainha ele a espada e faz seu dever; mas a multidão dos adversários se lhe opõe e não o deixa cumprir sua intenção de vingar-se; este fica agravado, mas não afrontado. O mesmo confirmará outro exemplo: está alguém de costas; chega outro e o esbordoa, fugindo a seguir, sem esperar; corre o esbordoado e não o alcança; a vítima das pancadas recebeu agravo, mas não afronta, porque a afronta deve ser sustentada. Se quem o esbordoou, ainda que o fizesse furtivamente, empunhasse a espada e se mantivesse quedo, fazendo frente a seu inimigo, ficaria o esbordoado agravado e afrontado a um só tempo; agravado, porque o atacaram à traição; afrontado, porque quem o atacou sustentou o que havia feito, sem volver as costas e em pé imóvel. Assim, segundo as leis do maldito duelo, posso estar agravado, mas não afrontado, porque as crianças não sentem, nem as mulheres, nem podem fugir, nem têm para que esperar, e o mesmo se dá com os constituídos na sagrada religião. Estes três gêneros de gente carecem de armas ofensivas e defensivas, assim, embora naturalmente estejam obrigados a defender-se, não o estão para agravar a ninguém. Se há pouco disse que eu podia estar agravado, digo agora que não, de modo algum, porque quem não pode receber afronta muito menos a pode dar. Por essas razões, não devo sentir, nem sinto, o que aquele bom homem me falou. Só quisera que esperasse um pouco, para mostrar-lhe o erro em que labora, ao pensar e dizer que não houve nem há cavaleiros andantes no mundo. Se tal ouvisse Amadis, ou um dos inúmeros de sua linhagem, sei que não seria bom para Sua Mercê.

— Isso juro eu — disse Sancho. — Cutilada lhe teriam dado, que o abririam de cima a baixo como romã ou melão bem maduro. Por meu anjo da guarda, tenho por certo que, se Reinaldo de Montalvão houvesse ouvido as razões do homenzinho, tal tapa-boca lhe haveria dado que ele não falaria por mais de três anos. Não, que se metesse com eles e veria como lhes escaparia das mãos!

Morria de rir a duquesa, ouvindo Sancho falar, e, em sua opinião, tinha-o por mais gracioso e mais louco que seu amo. Muitos houve naqueles tempos que foram de idêntico parecer. Sossegou-se, afinal, Dom Quixote, e acabou-se a comida. Ao levantarem-se as toalhas, chegaram quatro donzelas: uma com um jarro de prata; a outra, com uma bacia também de prata; a terceira com duas branquíssimas e riquíssimas toalhas ao ombro; e a quarta com os braços descobertos até o meio e, nas brancas mãos (que sem dúvida eram brancas), uma bola redonda de sabão napolitano.[2] Chegou-se a da bacia, e com gentil donaire e desenvoltura, encaixou-a por baixo da barba de Dom Quixote, que, sem falar palavra, admirado de semelhante cerimônia, acreditou ser usança daquela terra lavar as barbas em vez das mãos. Estendeu assim as suas tanto quanto pôde e ao mesmo tempo começou a chover o jarro e a donzela do sabão lhe manuseou as barbas com muita pressa, levantando copos de neve tais que brancos ficaram com a ensaboadura não só as barbas, como o rosto inteiro e os olhos do obediente cavaleiro, tanto que por força os teve de fechar. O duque e a duquesa, de nada disto sabedores, esperavam em que havia de parar tão extraordinário lavatório. A donzela barbeira, quando o teve com um palmo de espuma, fingiu que se havia acabado a água e mandou que a do jarro a fosse buscar, pois o senhor Dom Quixote esperaria. A outra obedeceu e Dom Quixote ficou com a mais estranha e risível figura que se poderia imaginar.

Olhavam-no todos os presentes, que eram muitos, e, como o estavam vendo com meia vara de pescoço mais que medianamente moreno, os olhos fechados e as barbas cheias de sabão, grande maravilha e muita discrição foi poderem dissimular o riso. As donzelas da burla estavam de olhos baixos, sem ousar fitar a seus senhores. Estes, agitado o corpo de cólera e riso, não sabiam a que acudir: a castigar o atrevimento das jovens ou premiá-las pelo prazer que lhes dava o verem Dom Quixote em tal postura. Por fim, voltou a donzela do jarro e acabaram de lavar Dom Quixote. Limpou-o logo a que trazia as toalhas, enxugando-o bem devagar. Fazendo-lhe as quatro, a um tempo, grande e profunda inclinação e reverência, queriam sair, mas o duque, para que Dom Quixote não desse tento da burla, chamou a donzela da bacia e disse:

— Vinde lavar-me, e cuidai de que não se acabe a água.

A moça, aguda e diligente, aproximou-se, colocou a bacia sob o queixo do duque, como fizera a Dom Quixote; às pressas, lavaram-no e ensaboaram-no muito bem e, deixando-o enxuto e limpo, foram-se, fazendo reverências. Soube-se depois haver o duque jurado que, se a ele não o lavassem, castigar-lhes-ia a desenvoltura, de que discretamente se emendaram ensaboando-o.

Atento às cerimônias daquele lavatório estava Sancho, que sussurrou:

— Valha-me Deus! Será também usança desta terra lavarem as barbas aos escudeiros como aos cavaleiros? Por Deus e minha alma que o hei mister e, se ainda mas rapassem a navalha, tê-lo-ia por maior benefício.

— Que murmurais, Sancho? — perguntou a duquesa.

— Digo, senhora — esclareceu ele —, que nas cortes dos outros príncipes sempre ouvi dizer que, ao tirar-se a mesa, dão água às mãos, porém não lixívia às barbas. Por isso, bom é viver muito, para muito ver. Embora também digam que quem longa vida tem há de passar muitos males, creio que passar por um lavatório destes antes é gosto que trabalho.

— Não vos aflijais, Sancho amigo — disse a duquesa. — Farei com que minhas donzelas vos lavem e ainda vos enfiem na barrela, se for mister.

— Contento-me com as barbas — tornou Sancho — por enquanto, pelo menos. Andando o tempo, sabe Deus o que será.

— Vede, mestre-sala — disse a duquesa —, o que pede o bom Sancho e fazei-lhe a vontade ao pé da letra.

Respondeu o mestre-sala que em tudo seria o senhor Sancho servido, e com isto se foi a comer, levando consigo o escudeiro. À mesa ficaram os duques e Dom Quixote, falando de muitas e diversas coisas, mas todas referentes ao exercício das armas e da cavalaria andante.

Rogou a duquesa a Dom Quixote que lhe delineasse e descrevesse, pois parecia ter feliz memória, a formosura e as feições da senhora Dulcineia del Toboso, que devia ser a mais bela criatura do orbe, e ainda de toda a Mancha, segundo o que de sua beleza apregoava a fama. Suspirou Dom Quixote, ao ouvir o que lhe mandava a duquesa, e disse:

— Se eu pudesse arrancar meu coração e colocá-lo ante os olhos de Vossa Grandeza, aqui, sobre esta mesa e num prato, pouparia à minha língua o trabalho de dizer o que apenas se pode pensar, pois nele Vossa Excelência iria vê-la por inteiro retratada. Para que, porém, pôr-me eu agora a delinear e descobrir, ponto por ponto e parte por parte, a formosura da sem-par Dulcineia, se é carga digna de outros ombros que não os meus? Essa é empresa em que se deveriam ocupar os pincéis de Parrásio, de Timantes e de Apeles, e os buris de Lísipo,[3] para pintá-la e gravá-la em madeira, em mármores e em bronzes, e a retórica ciceroniana e demostênica para louvá-la.

— Que quer dizer *demostênica*, senhor Dom Quixote? — perguntou a duquesa. — Esse é vocábulo que nunca ouvi em todos os dias de minha vida.

— *Retórica demostênica* — respondeu Dom Quixote — é o mesmo que dizer retórica de Demóstenes, como ciceroniana de Cícero, pois foram eles os dois maiores retóricos do mundo.

— Assim é — disse o duque —, e andastes algo desatinada em tal pergunta. Apesar disso, dar-nos-ia grande prazer o senhor Dom Quixote se no-la pintasse. Estou certo de que, mesmo em rascunho e bosquejo, há de ela apresentar-se tal que cause inveja às mais formosas.

— Assim eu faria, decerto — replicou Dom Quixote —, se ma não houvesse apagado da mente a desgraça que há pouco lhe sucedeu e tal é que mais estou para chorá-la que para revelá-la. Haverão de saber Vossas Grandezas que, indo há dias passados beijar-lhe as mãos e receber sua bênção, beneplácito e licença para esta terceira saída, achei-a diversa da que buscava. Encontrei-a encantada e convertida de princesa em lavradora, de formosa em feia, de anjo em diabo, de olorosa em pestífera, de bem-falante em rústica, de comportada em brincalhona, de luz em trevas e, em suma, de Dulcineia del Toboso em vilã de Saiago.

— Valha-me Deus! — disse o duque, nesse instante, em alto brado. — Quem tanto mal fez ao mundo? Quem tirou dele a beleza que o alegrava, o donaire que o entretinha e a honestidade que lhe dava crédito?

— Quem? — respondeu Dom Quixote. — Quem poderia ser, senão algum dos muitos invejosos e malignos encantadores que me perseguem? Raça maldita, nascida no mundo para escurecer e aniquilar as façanhas dos bons e para iluminar e elevar os efeitos dos maus! Perseguido me têm encantadores, encantadores me perseguem e encantadores me hão de perseguir, até dar comigo e minhas altas cavalarias no profundo abismo do olvido. Ferem-me e magoam-me onde veem que mais o sinto, pois tirar a um cavaleiro andante sua dama é tirar-lhe os olhos com que vê, o sol com que se alumia e o sustento com que se mantém. Já muitas vezes o disse e agora volto a dizê-lo: cavaleiro andante sem dama é como árvore sem folhas, edifício sem cimento, sombra sem corpo que a cause.

— Nada mais há que dizer — interveio a duquesa. — Mas se, apesar disso, temos de dar crédito à história que do senhor Dom Quixote recentemente saiu à luz do mundo, com geral aplauso das gentes, dela se colige, se bem me lembro, que nunca Vossa Mercê viu a senhora Dulcineia e que tal senhora não existe no mundo, sendo dama fantástica, que Vossa Mercê concebeu e deu à luz em seu entendimento, pintando-a com todas aquelas graças e perfeições que quis.[4]

— A isso muito há que dizer — respondeu Dom Quixote. — Deus sabe se existe ou não Dulcineia no mundo, se é fantástica ou real. Não são coisas, estas, cuja averiguação se leve até o cabo. Nem eu concebi ou dei à luz a minha senhora, visto como a contemplo como convém que seja uma dama que contenha em si as partes que a possam fazer famosa, entre todas as do mundo, como são: formosa sem mácula, grave sem soberba, amorosa com honestidade, agradecida por cortês, cortês por bem-criada e, em suma, alta pela linhagem, pois, sobre o bom sangue, a formosura resplandece e campeia com maiores graus de perfeição que nas formosas humildemente nascidas.

— Assim é — disse o duque. — Há de me dar licença, contudo, o senhor Dom Quixote, para dizer o que a dizer me obriga a história que de suas façanhas li. Dela se infere que, admitido existir Dulcineia em Toboso, ou fora dele, e ser formosa no extremo grau em que Vossa Mercê no-la pinta, quanto à alteza da linhagem não corre parelhas com as Orianas, com as Alastrajáreas, com as Madásimas,[5] nem com outras deste jaez, de que andam cheias as histórias, como Vossa Mercê bem sabe.

— A isso posso dizer — observou Dom Quixote — que Dulcineia é filha de suas obras. As virtudes adubam o sangue e mais se há de estimar e ter em conta um humilde vicioso que um vicioso alevantado. Tanto mais que Dulcineia tem um pendão que a pode conduzir a ser rainha de coroa e cetro, porque o merecimento da mulher formosa e virtuosa a fazer maiores milagres se estende. Embora não formalmente, virtualmente tem encerradas em si maiores venturas.

— Digo, senhor Dom Quixote — falou a duquesa —, que em tudo quanto Vossa Mercê diz vai com fio a prumo e, como se costuma dizer, com a sonda na mão. Daqui por diante crerei, e farei com que o creiam todos os de minha casa, e até o duque meu senhor, se mister for, que existe Dulcineia no Toboso, que vive em nossos dias, é formosa, nobremente nascida e merecedora de que um cavaleiro tal como o senhor Dom Quixote a sirva. É o máximo que posso e sei encarecer. Não posso, porém, deixar de formar um escrúpulo e de ter um não sei quê de ojeriza contra Sancho Pança: o escrúpulo está em que a tal história diz que Sancho Pança encontrou a senhora Dulcineia joeirando um fardo de trigo, quando lhe levou uma carta da parte de Vossa Mercê; por mais sinais, diz que era trigo aloirado, e tal coisa me faz duvidar da elevação de sua linhagem.

A isso respondeu Dom Quixote:

— Senhora minha, saberá Vossa Grandeza que todas as coisas, ou a maioria, que a mim sucedem, andam fora dos termos ordinários das que aos demais cavaleiros andantes acontecem, sejam encaminhadas pelo querer inescrutável dos fados, ou encaminhadas venham pela malícia de algum encantador invejoso. Coisa já averiguada é que de todos, ou quase todos, os cavaleiros andantes e famosos, um tenha a graça de não poder ser encantado, outro de ter as carnes tão impenetráveis que não possa ser ferido, como o foi o famoso Roldão, um dos Doze Pares de França, de quem se conta não podia ser ferido senão na planta do pé esquerdo, e assim mesmo com a ponta de um alfinete grosso, e não com qualquer outra espécie de arma: assim, quando Bernardo del Carpio o matou em Roncesvalles, ao ver que não o podia alcançar com a espada, levantou-o do solo entre os braços e sufocou-o, lembrando-se então da morte que Hércules deu a Anteu, aquele feroz gigante que diziam ser filho da Terra. Do dito quero inferir que bem poderia suceder ter eu uma dessas graças, não a de não poder ser ferido, porque muitas vezes a experiência me demonstrou que sou de carnes brandas e nada impenetráveis; nem a de não poder ser encantado, que já me vi metido numa jaula, na qual o mundo inteiro não teria poder para encerrar-me, senão por força de encantamentos. Como, porém, desse mesmo me livrei, creio não existir outro algum que me sirva de obstáculo. Assim, vendo esses encantadores que com a minha pessoa não podem usar suas malignas manhas, vingam-se nas coisas que mais quero e querem tirar-me a vida maltratando a de Dulcineia, por quem vivo. Creio, portanto, que quando meu escudeiro lhe levou minha embaixada, converteram-na em vilã e ocupada em tão baixo exercício, como é o de peneirar trigo. Já tenho dito, porém, que aquele trigo não o era, nem aloirado, mas grãos de pérolas orientais. E, para prova desta verdade, quero dizer a Vossas Magnitudes que, vindo há pouco pelo Toboso, jamais pude encontrar os palácios de Dulcineia; e no outro dia, tendo-a visto Sancho, meu escudeiro, em sua própria figura, que é a mais bela do orbe, a mim me pareceu lavradora tosca e feia, e nada bem arrazoada, embora seja a discrição do mundo. Como não estou eu encantado, nem o posso estar, segundo a boa razão, a encantada é ela, a ofendida e a mudada, a trocada e a transtornada, e nela se vingaram de mim meus inimigos e por ela viverei eu em perpétuas lágrimas, até voltar a vê-la em seu primitivo estado. Tudo isto disse para que ninguém repare no que Sancho falou acerca da joeira e da peneira de Dulcineia. Como para mim a mudaram, maravilha não é que a mudassem para ele. Dulcineia é principal e bem-nascida, das fidalgas linhagens que existem no Toboso,[6] que muitas são, antigas e boníssimas e de que lhe não cabe pouca parte. Pela sem-par Dulcineia seu lugar será famoso e renomado nos séculos vindouros, como Troia o foi por Helena e Espanha pela Cava, embora com melhor título e fama. Por outra parte, quero que Vossas Senhorias compreendam que Sancho Pança é um dos mais graciosos escudeiros de que jamais se serviu cavaleiro andante. Tem, por vezes, simplicidades tão agudas que pensar se é simples ou agudo causa prazer não pequeno. Tem malícias que o condenam por velhaco e descuidos que o confirmam por bobo. Duvida de tudo e tudo crê. Quando penso que se vai despenhar em tolices, sai com discrições que o elevam ao céu. Em suma, não o trocaria eu por outro escudeiro, ainda que me dessem por acréscimo uma cidade. Por isso, estou em dúvida se ficará bem enviá-lo ao governo de que Vossa Grandeza lhe fez mercê, embora veja nele certa aptidão para isto de governar, pois, atiçando-se-lhe um pouco o entendimento, sair-se-ia tão bem com qualquer governo como o rei com suas alcavalas. Tanto mais quanto, por muitas experiências, sabemos não ser mister muita habilidade ou muitas letras para alguém ser governador, pois por aí há centenas que mal sabem ler e governam como gerifaltes. O ponto está em que tenham boa intenção e desejem acertar em tudo, pois nunca lhes faltará quem os aconselhe e encaminhe no que devem fazer, como os governadores cavaleiros e não letrados, que sentenciam com assessor. Aconselhá-lo-ei a que não aceite suborno nem renegue o direito, com outras coisinhas que me ficam no estômago e a seu tempo sairão, para utilidade de Sancho e proveito da ilha que for governar.

Haviam chegado o duque, a duquesa e Dom Quixote a este ponto de seu colóquio quando ouviram muitas vozes e grande rumor de gente no palácio. Imprevistamente entrou Sancho na sala, todo assustado, com um avental por babador, e atrás dele muitos moços, ou, para dizer melhor, ajudantes de cozinha, e outra gente miúda. Vinha um com uma caçarola de água que, pela cor e pouca limpeza, mostrava ser de esfregar, seguindo-o e perseguindo-o, procurando com toda a solicitude encaixar-lhe a vasilha debaixo das barbas, enquanto outro mirmidão mostrava querer lavar-lhas.

— Que é isto, irmãos? — perguntou a duquesa. — Que é isto? Que quereis com este bom homem? Não considerais então que foi escolhido governador?

A isso respondeu o pícaro barbeiro:

— Não quer este senhor deixar-se lavar, como é de uso e como foi lavado o duque meu senhor e o senhor seu amo.

— Sim, quero — disse Sancho, com grande cólera. — Mas queria que fosse com toalhas mais limpas, lixívia mais clara e mãos não tão sujas. Nem tanta diferença há de meu amo a mim para o lavarem com água de anjos[7] e a mim com a barrela dos diabos. As usanças das terras e dos palácios dos príncipes são boas enquanto não dão incômodos. Mas o costume de lavatório que aqui se usa é pior que o dos cilícios. Estou com as barbas limpas e não tenho necessidade de semelhantes refrigérios. Quem se chegar a lavar-me, ou tocar-me um cabelo da cabeça, quero dizer, da barba, há de levar — falo com o devido acatamento — tal murro que meu punho lhe ficará engastado nos cascos. Tais cerimônias e ensaboaduras parecem mais burlas que agasalhos a hóspedes.

Morria de rir a duquesa, ao ver a cólera e ao ouvir as razões de Sancho. Dom Quixote, porém, não sentiu muito prazer em contemplá-lo tão desalinhado, com a toalha manchada, e rodeado de tantos bichos de cozinha. Assim, fazendo profunda reverência aos duques, como a pedir-lhes licença para falar, com voz repousada disse à canalha:

— Olá, senhores cavaleiros! Vossas Mercês deixem o mancebo e voltem por onde vieram, ou por outra parte, se lhes aprouver. Meu escudeiro é tão limpo como qualquer outro e essas caçarolas são para ele púcaros estreitos e de boca apertada. Tomem meu conselho e deixem-no, pois nem eu nem ele sabemos aturar burlas.

Colheu-lhe Sancho a razão da boca e prosseguiu dizendo:

— Aproximem-se, para fazer burla do mostrengo! Tanto o suportarei eu como agora é noite! Tragam aqui um pente, ou o que quiserem, e penteiem-me estas barbas. Se arrancarem delas coisas que ofendam a limpeza, tosquiem-nas em caminhos de rato.

Neste ponto, sem deixar de rir, observou a duquesa:

— Sancho Pança tem razões em tudo quanto disse e razão terá em tudo quanto disser. É ele limpo e, como diz, não tem necessidade de lavar-se. Se nossa usança não lhe dá prazer, sua alma, sua palma. Tanto mais que vós, ministros da limpeza, andastes demasiado descuidados e remissos, não sei mesmo se diga atrevidos, em trazer a tal personagem e a tais barbas, em lugar de bacias e jarros de ouro puro e toalhas alemãs,[8] caçarolas e escudelas de pau e rodilhas de armário. Mas, enfim, maus sois e malnascidos, e não podeis deixar, como malandrins que sois, de mostrar a ojeriza que tendes para com os escudeiros dos cavaleiros andantes.

Julgaram os pícaros ministros, e mesmo o mestre-sala que com eles vinha, que a duquesa falava seriamente, e, assim, tiraram o avental do peito de Sancho e se foram, deixando-o, todos confusos e quase corridos. Vendo-se fora do que lhe parecia sumo perigo, Sancho fincou-se de joelhos perante a duquesa e disse-lhe:

— De grandes senhoras esperam-se grandes mercês. Esta que Vossa Mercê hoje me fez não se pode pagar com menos do que desejar-me ver armado cavaleiro andante, para ocupar todos os dias de minha vida em servir a tão alta senhora. Sou lavrador, chamo-me Sancho Pança, casado, pai de filhos e sirvo de escudeiro; se com alguma destas coisas puder servir a Vossa Grandeza, menos tardarei em obedecer do que Vossa Senhoria em mandar.

— Bem parece, Sancho — respondeu a duquesa —, que aprendestes a ser cortês na escola da própria cortesia; quero dizer, bem parece que vos criastes nos peitos do senhor Dom Quixote, que deve ser a nata dos comedimentos e cerimônias, ou *cirimônias*, como dizeis. Bem hajam tal amo e tal criado, um, norte da cavalaria andante, o outro, estrela da fidelidade escudeiril. Levantai-vos, Sancho amigo. Satisfarei vossa cortesia fazendo com que o duque meu senhor, tão depressa quanto possa, cumpra a mercê do governo que vos prometeu.

Com isso, cessou a prática. Dom Quixote foi dormir a sesta e a duquesa pediu a Sancho que, se não tivesse muita vontade de dormir, fosse passar a tarde com ela e com suas donzelas, numa sala mui fresca. Sancho respondeu que, embora tivesse, em verdade, o costume de dormir as sestas de verão quatro ou cinco horas, para servir à sua bondosa senhora procuraria não dormir uma só naquele dia e obedeceria a seu mandado. Foram-se. O duque deu novas ordens para que se tratasse Dom Quixote como cavaleiro andante, sem sair um só ponto do estilo pelo qual, segundo se conta, eram tratados os antigos cavaleiros.

# CAPÍTULO XXXIII

## *Do saboroso colóquio que a duquesa e suas donzelas tiveram com Sancho Pança, digno de ser lido e notado*

Conta a história que Sancho Pança não dormiu aquela sesta, mas, para cumprir sua palavra, veio, após comer, ver a duquesa. Esta, que gostava de ouvi-lo, fê-lo sentar-se a seu pé, numa cadeira baixa, embora Sancho, por delicadeza, não se quisesse sentar. Disse-lhe porém a duquesa que se sentasse como governador e falasse como escudeiro, pois por ambas as coisas merecia o próprio banco de Cid Rui Dias, o Campeador.[1] Encolheu Sancho os ombros, obedeceu e sentou-se. Todas as donzelas e damas da duquesa o rodearam, atentas, em completo silêncio, para escutar o que diria. A duquesa foi quem primeiro falou, contudo, dizendo:

— Agora que estamos sós e aqui ninguém nos ouve, queria que o senhor governador me solvesse certas dúvidas que tenho, nascidas da história do grande Dom Quixote, que já anda impressa. Uma delas é esta: já que o bom Sancho nunca viu Dulcineia, digo, a senhora Dulcineia del Toboso, nem lhe levou a carta do senhor Dom Quixote, porque ficou no livro de notas na Serra Morena, como se atreveu a fingir a resposta, bem como a inventar que a encontrou a peneirar trigo? Tudo isto é burla e mentira, muito em prejuízo do bom conceito da sem-par Dulcineia, coisas que não vão bem com a qualidade e a fidelidade dos bons escudeiros.

Sem responder a estas razões com alguma, levantou-se Sancho da cadeira e, com passos leves, o corpo curvado e o dedo sobre os lábios, andou por toda a sala, levantando os dosséis. Feito isto, voltou logo a sentar-se e disse:

— Agora, senhora minha, que vi não estar a escutar-nos pessoa alguma oculta, fora dos circunstantes, sem temor nem sobressalto responderei ao que me foi perguntado e a tudo aquilo que se me perguntar. O primeiro que digo é que tenho meu senhor Dom Quixote por louco rematado, embora algumas vezes diga coisas que, a meu ver e no de todos quantos o escutam, são tão discretas e em tão boa via encaminhadas que não as diria melhores o próprio Satanás. Apesar disso, verdadeiramente e sem escrúpulo, tenho a certeza de que é um mentecapto. Assim, tendo isto fixado na mente, atrevo-me a fazer com que creia o que não tem pés nem cabeça, como foi o caso da resposta da carta, ou o ocorrido haverá seis ou oito dias, que ainda a história não relata, a saber: o encantamento de minha senhora Dulcineia, que lhe dei a entender estar encantada, sendo isso tão verdade como achar-se ela pelos montes de Úbeda.[2]

Rogou-lhe a duquesa que lhe narrasse aquele encantamento ou burla, e Sancho o contou do modo por que havia acontecido, do que não pouco gosto extraíram os ouvintes. Prosseguindo em sua prática, disse a duquesa:

— Pelo que o bom Sancho me contou, anda brincando um escrúpulo em minha alma e chega a meus ouvidos certo sussurro, que me diz: “Se Dom Quixote de la Mancha é louco, transtornado e mentecapto, e Sancho Pança, seu escudeiro, sabe disso e, não obstante, o serve e segue, preso às suas vãs promessas, sem dúvida alguma deve ser ele mais louco e tonto que seu amo. Sendo isto assim, como é, mal te há de ficar, senhora duquesa, dares ao tal Sancho Pança ilha que governe. Pois, quem não sabe governar a si, como saberá governar a outros?”

— Por Deus, senhora — disse Sancho —, que esse escrúpulo vem com alvo direto. Mas diga-lhe Vossa Mercê que fale claro, ou como quiser; bem conheço que diz a verdade. Fora eu discreto, dias há que deveria ter abandonado meu amo. Esta, porém, foi minha sorte, e esta minha má andança. Não posso deixá-lo; tenho de segui-lo; somos do mesmo lugar, comi seu pão, quero-lhe bem, é-me agradecido, deu-me seus burricos, e, sobretudo, sou fiel. Assim, é impossível que nos possa separar outro acontecimento que não seja o da pá e do enxadão do coveiro. Se Vossa Altanaria não quiser que se me dê o prometido governo, de menos me fez Deus e poderia bem ser que não o receber redundasse em prol de minha consciência. Embora tonto, compreendo aquele rifão de que “para perder-se a formiga criou asas”. Bem poderia ser que mais depressa fosse ao céu Sancho escudeiro do que Sancho governador. Tão bom pão fazem aqui como na França e de noite todos os gatos são pardos, e bem desditosa é a pessoa que às duas da tarde não quebrou o jejum, e não há estômago que seja um palmo maior do que outro e não se possa encher, como se diz, de palha e feno. As avezitas do campo têm a Deus por seu provedor e despenseiro[3] e mais esquentam quatro varas de pano de estopa que outras quatro de lemiste.[4] Ao deixarmos este mundo para nos enfiarmos terra adentro, tão estreita é a senda do príncipe como a do jornaleiro e não ocupa mais pés de terra o corpo do papa que o do sacristão, embora um seja mais alto que o outro. Ao entrar no fojo, todos nos ajustamos e encolhemos, ou nos obrigam a apertar-nos e encolher-nos, por mal que nos pese; e muito boas noites. Torno a dizer que se Vossa Senhoria não me quiser dar a ilha, por tolo, saberei ficar sem ela, por discreto. Já ouvi dizer que atrás da cruz está o diabo, que nem tudo o que reluz é ouro, e que dentre bois, arados e peaças tiraram o lavrador Vamba [5] para ser rei de Espanha, ao passo que dentre os brocados, passatempos e riquezas levaram Rodrigo para ser comido de cobras, se não mentem as trovas dos romances antigos.

— Por certo não mentem! — disse neste ponto Dona Rodrigues, a dama que era uma das ouvintes. — Um romance há que diz terem metido o rei Rodrigo, vivo, vivozinho, numa tumba cheia de sapos, cobras e lagartos, e que daí a dois dias disse o rei, de dentro da tumba, com voz dolente e baixa:

*Já me comem, já me comem*

*Por onde mais eu pecara.*

De acordo com isto, muita razão tem esse senhor em dizer que antes quer ser lavrador do que rei, se o hão de comer sevandijas.

Não pôde a duquesa suster o riso, ao ouvir a simplicidade de sua dama, nem deixou de admirar-se com as razões e os rifões de Sancho, a quem disse:

— Já sabe o bom Sancho que um cavaleiro, quando uma vez faz promessas, procura cumpri-las, ainda que a vida lhe custe. O duque, meu senhor e marido, embora não seja dos andantes, nem por isso deixa de ser cavaleiro. Assim, cumprirá a promessa da ilha prometida, apesar da inveja e da malícia do mundo. Fique Sancho de bom ânimo, que quando menos pensar há de se ver sentado na cadeira governamental de sua ilha e na de seu estado, e empunhará seu governo, de modo a só abandoná-lo por outro de brocado de três altos.[6] O que lhe recomendo é olhar como governa seus vassalos, lembrando-se de que todos são leais e bem-nascidos.

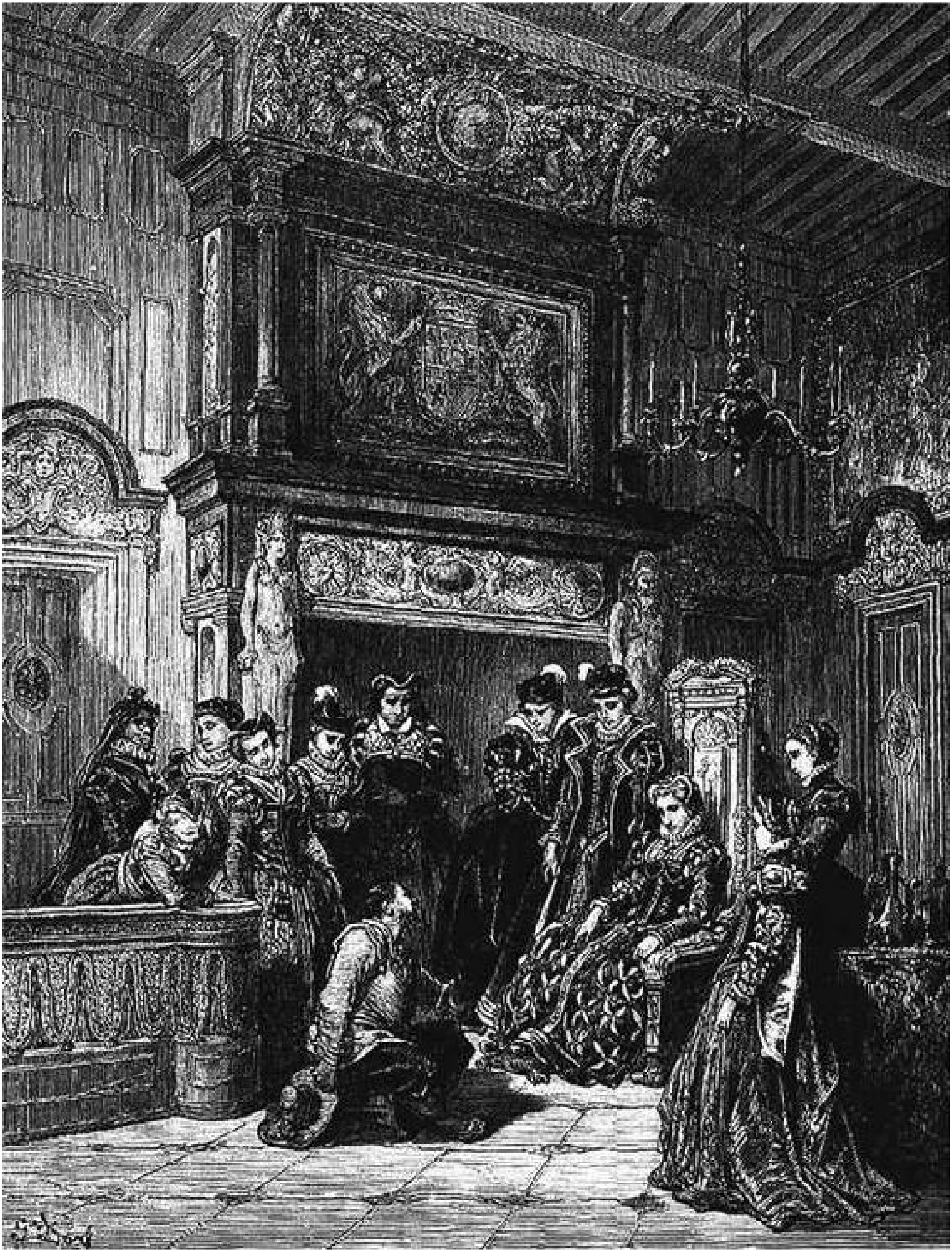
— Quanto a governá-los bem — respondeu Sancho —, não é preciso recomendá-lo a mim, porque sou de natural caritativo e tenho compaixão dos pobres. A quem coze e amassa não lhe furtes a fogaça; por meu anjo da guarda que não me hão de jogar dados falsos. Sou cachorro velho e entendo todos os assobios; sei despachar-me e não consinto que me ponham teias de aranha nos olhos, pois bem conheço onde me aperta o sapato. Digo-o, porque os bons terão comigo a mão aberta, e os maus nem pé nem entrada. Parece-me que, nisto de governo, tudo está em começar. Bem poderia ser que, com quinze dias de governador, conhecesse o ofício como as palmas das mãos, sabendo mais dele que dos trabalhos do campo, em que me criei.

— Tendes razão, Sancho — disse a duquesa —, pois ninguém nasce sabendo,[7] e dos homens é que se fazem os bispos, e não das pedras. Mas, voltando à palestra que há pouco travamos sobre o encantamento da senhora Dulcineia, tenho como coisa certa e mais do que averiguada que aquela ideia que Sancho teve de burlar seu amo, dando-lhe a entender que a lavradora era Dulcineia e que, se seu senhor não a conhecia, era por estar encantada, na realidade foi tudo invenção de algum dos encantadores que perseguem ao senhor Dom Quixote. De fato, real e verdadeiramente, sei de boa fonte que a aldeã que deu o salto sobre a burrica era e é Dulcineia del Toboso, e o bom Sancho, pensando ser o enganador, era o enganado. Não se deve duvidar mais desta verdade que das coisas que nunca vimos. Saiba o senhor Sancho Pança que também temos cá encantadores que nos querem bem e nos dizem o que se passa pelo mundo, pura e sinceramente, sem enredos nem maquinações. Creia-me Sancho que a vilã brincadora era e é Dulcineia del Toboso, que está encantada como a mãe que a pariu, e, quando menos pensemos, haveremos de vê-la em sua própria figura, e então sairá Sancho do engano em que vive.

— Tudo isso bem pode ser — respondeu Sancho Pança —, e agora quero crer o que meu amo conta do que viu na cova de Montesinos. Diz ele que viu a senhora Dulcineia del Toboso ali, com o mesmo traje e hábito com que eu disse havê-la visto, quando a encantei só por meu gosto. Tudo deve ter sido ao revés, como vosmecê, senhora minha, disse, porque de meu ruim engenho não se pode nem deve presumir fabricasse num instante embuste de tal agudeza. Nem creio que meu amo seja louco a ponto de, com persuasão tão fraca e magra quanto a minha, acreditar em coisa tão fora de todos os limites. Mas, senhora, nem por isto ficará bem que Vossa Bondade me tenha por malévolo, pois não está obrigado um inepto como eu a verrumar os pensamentos e malícias dos péssimos encantadores. Fingi aquilo para escapar-me das censuras de meu amo Dom Quixote e não com intenção de ofendê-lo. Se saiu ao revés, está Deus no céu, que julga os corações.

— Esta é a verdade — afirmou a duquesa. — Mas, diga-me agora, Sancho, que história é essa da cova de Montesinos, pois gostaria de sabê-la.

Sancho Pança, então, contou-lhe ponto por ponto o que já foi dito acerca de tal aventura. Ouvindo-o, disse a duquesa:



— Desse acontecimento pode-se inferir que, visto dizer o grande Dom Quixote que viu ali a mesma lavradora que Sancho viu à saída de Toboso, sem dúvida ela é Dulcineia e andam por aqui os encantadores mui lestos e extremamente curiosos.

— Isso digo eu — respondeu Sancho. — Se minha senhora Dulcineia del Toboso está encantada, pior para ela. Nada tenho que ver com os inimigos de meu amo, que devem ser muitos e maus. Em verdade, a que eu vi foi uma lavradora; por lavradora a tive e a julguei. Se aquela era Dulcineia, não há de ser por minha culpa nem recairá sobre minha cabeça. Senão andem agora comigo em cada esquina, em dize-tu, direi-eu: “Sancho disse, Sancho fez, Sancho foi, Sancho voltou.” Como se Sancho fosse um qualquer, e não o mesmo Sancho Pança que anda já em livros por esse mundo afora, segundo me disse Sansão Carrasco, que é pessoa bacharelada por Salamanca, e os tais não podem mentir, senão quando se lhes antolha ou lhes vem muito a calhar. Assim, não há para que ninguém se meta comigo. Já, pois, que tenho boa fama e, como ouvi meu amo dizer, mais vale o bom nome que as muitas riquezas, encaixem-me esse governo e verão maravilhas. Quem tem sido bom escudeiro será bom governador.

— Tudo quanto aqui falou o bom Sancho —, observou a duquesa — são sentenças catonianas,[8] ou pelo menos tiradas das entranhas do próprio Micael Verino, *florentibus occidit annis*.[9] Em suma, falando a seu modo, debaixo de má capa sói haver bom bebedor.

— Em verdade, senhora — confessou Sancho —, em minha vida tenho bebido por vício. Com sede, também pode ser, pois nada tenho de hipócrita. Bebo quando me dá vontade e, quando não a tenho, para não parecer melindroso ou malcriado. A um brinde de um amigo, que coração será tão de mármore para não corresponder? Mas se luvas calço, não as sujo, tanto mais que os escudeiros dos cavaleiros andantes de ordinário quase só bebem água, porque sempre andam por florestas, selvas e prados, montanhas e penhascos, sem achar uma esmola de vinho, ainda que por ela deem um olho.

— Também o creio — disse a duquesa. — Por agora, vá Sancho repousar. Depois falaremos mais devagar e daremos ordem para que vá depressa encaixar-se, como ele diz, naquele governo.

De novo Sancho beijou as mãos da duquesa e suplicou-lhe fizesse-lhe a mercê de tomar boa conta de seu ruço, pois era a luz de seus olhos.

— Que ruço é esse? — perguntou a duquesa.

— Meu asno — respondeu Sancho. — Para não lhe dar este nome, costumo chamá-lo *o ruço*. A esta senhora dama roguei, quando entrei no castelo, tomasse conta dele, e irou-se tanto como se eu tivesse dito que era velha e feia, quando mais próprio e natural das damas é cuidar de jumentos que honrar as salas. Oh, valha-me Deus! Como se dava mal com estas senhoras um fidalgo de minha terra!

— Seria algum vilão — disse Dona Rodrigues, a dama. — Se fora fidalgo e bem-nascido, tê-las-ia posto sobre os cornos da Lua.

— Ora bem — interrompeu a duquesa. — Basta. Cale-se Dona Rodrigues e sossegue Sancho Pança. Fique a meu cargo o regalo do ruço. Por ser alfaia de Sancho, colocá-lo-ei sobre as meninas dos meus olhos.

— Basta que esteja na cavalariça — respondeu Sancho. — Sobre as meninas dos olhos de Vossa Grandeza, nem ele nem eu somos dignos de estar um só momento. Tanto o consentiria eu como levar punhaladas. Embora diga meu amo que nas cortesias antes se deve perder por carta de mais que de menos,[10] nas coisas jumentis e asininas[11] deve-se ir de compasso à mão e com meio-termo.

— Leve-o Sancho para o governo — comentou a duquesa —, e lá o poderá regalar como quiser, e mesmo aposentá-lo.

— Não pense vosmecê, senhora duquesa, que disse muito — falou Sancho.

— Já vi mais de dois asnos irem para governos; não seria coisa nova que levasse eu o meu.

As razões de Sancho renovaram na duquesa o riso e o contentamento. Mandando-o repousar, foi ela dar conta ao duque do que com ele havia conversado. Entre os dois combinaram fazer uma burla a Dom Quixote, que fosse famosa e adaptada ao estilo cavaleiresco. Nesse estilo muitas lhe fizeram, tão próprias e discretas, que são as melhores aventuras contidas nesta grande história.

# CAPÍTULO XXXIV

## *Que narra a notícia que se teve de como desencantar a sem-par Dulcineia del Toboso, uma das aventuras mais famosas deste livro*

Grande era o gosto que extraíam o duque e a duquesa da conversação de Dom Quixote e Sancho Pança. Confirmando a intenção que tinham de fazer-lhes algumas burlas com vislumbres e aparências de aventuras, tomaram por motivo a que Dom Quixote já lhes havia contado da cova de Montesinos[1] para fazer-lhe uma famosa. (Acima de tudo, porém, admirava-se a duquesa de ser tanta a simplicidade de Sancho que o levasse a crer ser verdade infalível que Dulcineia del Toboso estava encantada, quando ele mesmo havia sido o encantador e embusteiro daquele negócio.) Assim, havendo dado ordem a seus criados sobre tudo quanto deveriam fazer, dali a seis dias levaram Dom Quixote a uma caçada de montaria, com tal aparato de monteiros e caçadores como o poderia ostentar um rei coroado. Deram a Dom Quixote vestes de monte e a Sancho um traje verde, de finíssimo pano. Dom Quixote, porém, não quis vestir o seu, dizendo que logo haveria de voltar ao duro exercício das armas e não podia levar consigo guarda-roupas nem adornos. Sancho tomou o que lhe deram, com a intenção de vendê-lo na primeira ocasião que se lhe oferecesse.

Chegado, pois, o esperado dia, armou-se Dom Quixote. Vestiu-se Sancho e, montado em seu ruço, que não quis deixar, embora lhe dessem um cavalo, enfiou-se entre a tropa dos monteiros. A duquesa saiu bizarramente adereçada, e Dom Quixote, em extremo cortês e comedido, tomou a rédea de seu palafrém, embora o duque não o quisesse consentir. Por fim, chegaram a um bosque que havia entre duas altíssimas montanhas. Ali, tomados os lugares, esperas e veredas, e repartida a gente por diferentes postos, deu-se começo à caçada com grande estrondo, grita e vozerio, de modo que uns aos outros não se podiam ouvir, tanto pelo ladrido dos cães como pelo ressoar das buzinas.

Apeou-se a duquesa e, com agudo venábulo na mão,[2] pôs-se numa espera por onde sabia que costumavam vir alguns javalis. Apearam-se igualmente o duque e Dom Quixote, ladeando-a. Sancho colocou-se atrás de todos, sem descer do ruço, a que não ousava desamparar, para que não lhe sucedesse algum contratempo. Apenas haviam assentado pé, pondo-se em ala com outros muitos criados, viram que para eles vinha, acossado pelos cães e seguido pelos caçadores, desmesurado javali, rangendo dentes e presas e arrojando espuma pela boca. Ao vê-lo, Dom

Quixote embraçou o escudo, pôs a mão na espada e adiantou-se para recebê-lo. O mesmo fez o duque com seu venábulo. A todos, porém, ter-se-ia adiantado a duquesa, se o duque não o impedisse. Somente Sancho, ao ver o valente animal, abandonou o ruço e pôs-se a correr o mais que pôde, procurando subir o alto carvalho. Não foi isso, porém, possível; antes, quando já se achava no meio da árvore, agarrado a um galho, tentando subir ao cimo, tão curto de ventura e desgraçado foi que o ramo se desgalhou e ele caiu. Interrompeu-lhe a queda um gancho do carvalho, que o deixou suspenso, sem poder chegar ao solo. Vendo-se assim, enquanto se lhe rasgava o saio verde, e parecendo-lhe que o feroz animal, se ali chegasse, o poderia alcançar, começou Sancho a dar tantos gritos e a pedir socorro com tal afinco, que todos os que o ouviam e não o viam creram achar-se ele nos dentes de alguma fera. Finalmente, o colmilhoso javali ficou atravessado pelas pontas de muitos venábulos que se lhe antepuseram. Dom Quixote, voltando a cabeça aos gritos de Sancho, que já reconhecera serem dele, viu-o pendurado do carvalho, com a cabeça para baixo e junto a ele o ruço, que não o desamparara em sua calamidade. Conta, realmente, Cide Hamete, que poucas vezes viu a Sancho sem ver ao ruço, nem ao ruço sem ver a Sancho, tal era a amizade e boa-fé que mutuamente se dedicavam.

Chegou Dom Quixote e libertou Sancho, que, vendo-se solto e no chão, olhou seu rasgado saio de montaria com pesar de alma, pois pensara ter na veste um morgadio. A seguir, atravessaram o potente javali sobre uma azêmola e, cobrindo-o com galhos de alecrim e ramos de murta, levaram-no, como em sinal de vitoriosos despojos, a umas grandes tendas de campanha que no meio do bosque estavam armadas. Ali acharam as mesas em ordem e a comida posta, de tal modo suntuosa e copiosa que bem revelava a grandeza e magnificência de quem a oferecia. Sancho, mostrando à duquesa as chagas de sua rota veste, disse:

— Se esta caçada fosse de lebres ou passarinhos, livre estaria meu saio de haver chegado a este extremo. Não sei que gosto se tem em esperar um animal que, se nos alcança com uma das presas, pode-nos tirar a vida. Lembro-me de haver ouvido cantar um romance antigo que dizia:

*Sejas por ursos devorado*

*como Fávila, o renomado.*

— Esse foi um rei godo — esclareceu Dom Quixote — que, indo à caça de montaria, foi comido por um urso.

— É o que eu digo — respondeu Sancho. — Não quereria eu que os príncipes e os reis se pusessem em semelhantes perigos, a troco de um gosto, que, parece-me, não o deveria ser, pois consiste em matar a um animal que não cometeu delito algum.

— Estais enganado, Sancho — disse o duque. — O exercício da caça de montaria é mais conveniente para os reis e os príncipes do que qualquer outro. A caça é imagem da guerra. Há nela estratagemas, astúcias, insídias, para vencer a salvo o inimigo. Padecem-se nela frios grandíssimos e calores intoleráveis. Menoscabam-se o ócio e o sono, corroboram-se as forças, tornam-se ágeis os membros de quem a pratica. Em suma, é exercício que se pode realizar sem prejuízo de ninguém e com gosto de muitos. O melhor que tem é não ser para todos, como o são os outros gêneros de caça, com exceção do de altanaria, que também é só de reis e grão-senhores. Assim, ó Sancho, mudai de opinião e, quando fordes governador, ocupai-vos na caça. Vereis como vos sai um pão por cem.

— Isso não — discordou Sancho: — Bom governador e perna quebrada fiquem em casa.[3] Bom seria que viessem procurá-lo os negociantes, fatigados, e estivesse ele a folgar no monte! Mal andaria então o governo. Por minha fé, senhor, a caça e os passatempos antes hão de ser para os folgazões que para os governadores. O que penso fazer é entreter-me no jogo da glória,[4] pelas Páscoas, e no de paus aos domingos e dias de festa. Essas caçadas e caçados não condizem com a minha condição nem vão bem com a minha consciência.

— Praza a Deus, Sancho, que assim seja, porque o dizer está muito longe do fazer.

— Longe ou perto — replicou Sancho —, o bom pagador dá com gosto penhor, mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga, e as tripas levam os pés e não os pés as tripas. Quero dizer que, se Deus me ajuda e faço o que devo com boa intenção, sem dúvida governarei melhor do que um gerifalte. Quem duvidar, ponha-me o dedo na boca e saberá se mordo!

— Maldito sejas de Deus e todos os santos, maldito Sancho! — exclamou Dom Quixote. — Quando chegará o dia, como outras muitas vezes tenho dito, em que te veja falar uma razão corrente e concertada, sem o uso de rifões? Deixem Vossas Grandezas este tonto, senhores meus, que lhes há de moer as almas, postas não entre dois, mas entre dois mil brocardos, trazidos tão a calhar e a tempo quanto lhe dê Deus saúde, ou a mim, se os quisesse escutar.

— Os rifões de Sancho Pança — disse a duquesa —, ainda que não sejam mais que os do Comendador Grego,[5] nem por isso são menos de estimar, pela brevidade das sentenças. De mim, sei dizer que me dão mais prazer que outros, ainda que mais bem trazidos e mais a calhar acomodados.

Com estas e outras entretidas práticas saíram da tenda ao bosque e em preparar novas esperas e postos passou-se-lhes o dia. Chegou-lhes a noite, não tão sossegada e clara como a estação do tempo requeria, pois estava-se em pleno verão. Antes, certo claro-escuro que trouxe consigo ajudou muito a intenção dos duques. E, assim que começou a anoitecer, um pouco depois do crepúsculo, de improviso pareceu que todo o bosque, por todas as quatro partes, se inflamava. Logo se ouviram, daqui e dali, de cá e de acolá, infinitas cornetas e outros instrumentos de guerra, como se passassem pelo bosque muitas tropas de cavalaria. A luz do fogo e o som dos instrumentos bélicos quase cegaram e ensurdeceram olhos e ouvidos dos circunstantes, e mesmo de quantos se encontravam no bosque. Logo se ouviram infindos clamores, ao uso dos mouros quando entram em batalha. Soaram trombetas e clarins, retumbaram tambores, ressoaram pífaros, quase todos a um só tempo, tão continuada e rapidamente que não teriam sentido para quem sem ele não ficasse ao som confuso de tantos instrumentos. Pasmou o duque, ficou em suspenso a duquesa, admirou-se Dom Quixote, tremeu Sancho Pança e, por fim, mesmo aqueles que conheciam a causa daquilo se espantaram. Com o temor, encheram-se de silêncio, quando chegou um postilhão, vestido de demônio, que lhes passou à frente, tocando, em lugar de corneta, oco e desmesurado chifre, que despedia som rouquenho e espantoso.

— Olá, irmão correio — disse o duque. — Quem sois, aonde ides e que gente de guerra é esta que parece atravessar este bosque?

A isso respondeu o postilhão, com voz horríssona e desembaraçada:

— Sou o *diabo*. Vou buscar Dom Quixote de la Mancha. A gente que por aqui vem são seis tropas de encantadores, que sobre um carro de triunfo trazem a sem-par Dulcineia del Toboso. Encantada vem, com o galhardo francês Montesinos, para dar ordem a Dom Quixote de como tal senhora se há de desencantar.

— Se fôsseis diabo, como dizeis e como vossa figura mostra, já teríeis reconhecido o tal cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, pois o tendes à vossa frente.

— Por Deus e minha consciência — afirmou o *diabo* — que não dava por ele. Em tantas coisas trago divertidos os pensamentos que da principal a que vinha me esquecia.

— Sem dúvida — comentou Sancho — este demônio deve ser homem de bem e bom cristão. Se não o fora, não juraria "por Deus e minha consciência". Agora, tenho para mim que no próprio inferno deve existir boa gente.

Logo, o *demônio*, sem apear-se, encaminhando a vista a Dom Quixote, disse:

— A ti, Cavaleiro dos Leões (que entre as garras deles te veja eu), a ti me envia o desgraçado mas valente cavaleiro Montesinos, mandando-me dizer-te, de sua parte, que o esperes no mesmo lugar em que eu te encontrar, pois traz consigo aquela a quem chamam Dulcineia del Toboso, com ordem para dizer-te o que é mister a fim de desencantá-la. E por minha vinda não ser para mais, não há de ser para mais minha estada. Fiquem contigo os demônios como eu, e os anjos bons com estes senhores.

Dizendo isto, tocou o desaforado chifre, voltou as costas e foi-se, sem esperar resposta alguma.

Renovou-se a admiração em todos, especialmente em Sancho e Dom Quixote; em Sancho, por ver que, a despeito da verdade, queria que Dulcineia estivesse encantada; em Dom Quixote, por não poder ter por certo se era ou não verdade o que passara na cova de Montesinos. E, estando absorto nestes pensamentos, perguntou-lhe o duque:

— Pensa Vossa Mercê em esperar, senhor Dom Quixote?

— Como não? — respondeu ele. — Aqui esperarei, intrépido e forte, ainda que contra mim invista o inferno inteiro.

— Pois eu — disse Sancho —, se enxergar outro diabo e ouvir outro chifre como o que se foi, tanto esperarei aqui como em Flandres.

Nisto, fechou-se mais a noite e começaram a passar muitas luzes pelo bosque, assim como passam pelo céu as exalações secas da terra e à nossa vista parecem estrelas que correm. Ouviu-se igualmente espantoso ruído, semelhante àquele causado pelas rodas maciças que soem ter os carros de boi e de cujo chiado áspero e contínuo, dizem, fogem os lobos e os ursos, se os houver por onde passam. Juntou-se a toda esta tempestade outra que tudo aumentou, parecendo verdadeiramente que nas quatro partes do bosque se travavam ao mesmo tempo quatro recontros ou batalhas, porque ali soava o duro estrondo de espantosa artilharia, acolá se disparavam infinitas escopetas, quase perto soavam as vozes dos combatentes, ao longe se reiteravam os clamores agarenos. Por fim, as cornetas, os chifres, as buzinas, os clarins, as trombetas, a artilharia, os arcabuzes e, sobretudo, o temeroso ruído dos carros, formaram, todos juntos, tão horrendo e confuso som, que teve Dom Quixote de valer-se de todo o seu coração para suportá-lo. O de Sancho, porém, caiu por terra, dando com ele desmaiado nas saias da duquesa. Recebeu-o ela nelas e, com grande pressa, mandou que lhe lançassem água ao rosto. Assim se fez e ele voltou a si, quando já um carro de chiantes rodas chegava àquele local.

Puxavam o carro quatro preguiçosos bois, todos cobertos de paramentos negros. Em cada chifre traziam atado e aceso grande círio de cera. Acima do carro via-se alto assento, sobre o qual vinha sentado venerável ancião, de barba mais alva que a própria neve, e tão longa que lhe passava da cintura. Trajava roupa larga de negro bocaxim e, por vir o carro cheio de infinitas luzes, podia-se bem divisar e discernir tudo quanto nele se continha. Guiavam-no dois feios demônios, vestidos do mesmo bocaxim, com rostos tão horrendos que Sancho, tendo-os visto, fechou os olhos para não os ver segunda vez. Chegando, pois, o carro à beira de onde estavam, levantou-se de seu alto assento o venerável ancião e, de pé, com alto brado, disse:

— Eu sou o sábio Lirgandeu.

E passou o carro adiante, sem falar mais palavra. Atrás dele veio outro carro, semelhante, com outro velho entronizado, que, fazendo o carro deter-se, com voz não menos grave do que o anterior disse:

— Eu sou o sábio Alquife, o grande amigo de Urganda, a Desconhecida.

Logo, da mesma forma, chegou outro carro. O que vinha sentado sobre ele, porém, não era velho como os demais, mas homenzarrão robusto e de má catadura. Ao chegar, pondo-se em pé como os outros, disse com voz mais rouca e mais endiabrada:

— Eu sou Arcalaus, o encantador, inimigo mortal de Amadis de Gaula e de toda a sua parentela.[6]

E passou adiante. Pouco distante dali fizeram alto esses carros e cessou o enfadonho ruído de suas rodas. Logo se ouviu outro, não ruído, mas um som formado de suave e concertada música, com o que Sancho se alegrou, tendo-o por bom sinal. Assim, disse à duquesa, de quem não se afastava ponto nem passo:

— Senhora, onde há música não pode haver coisa má.

— Também não onde há luzes e claridades — respondeu a duquesa.

A isso replicou Sancho:

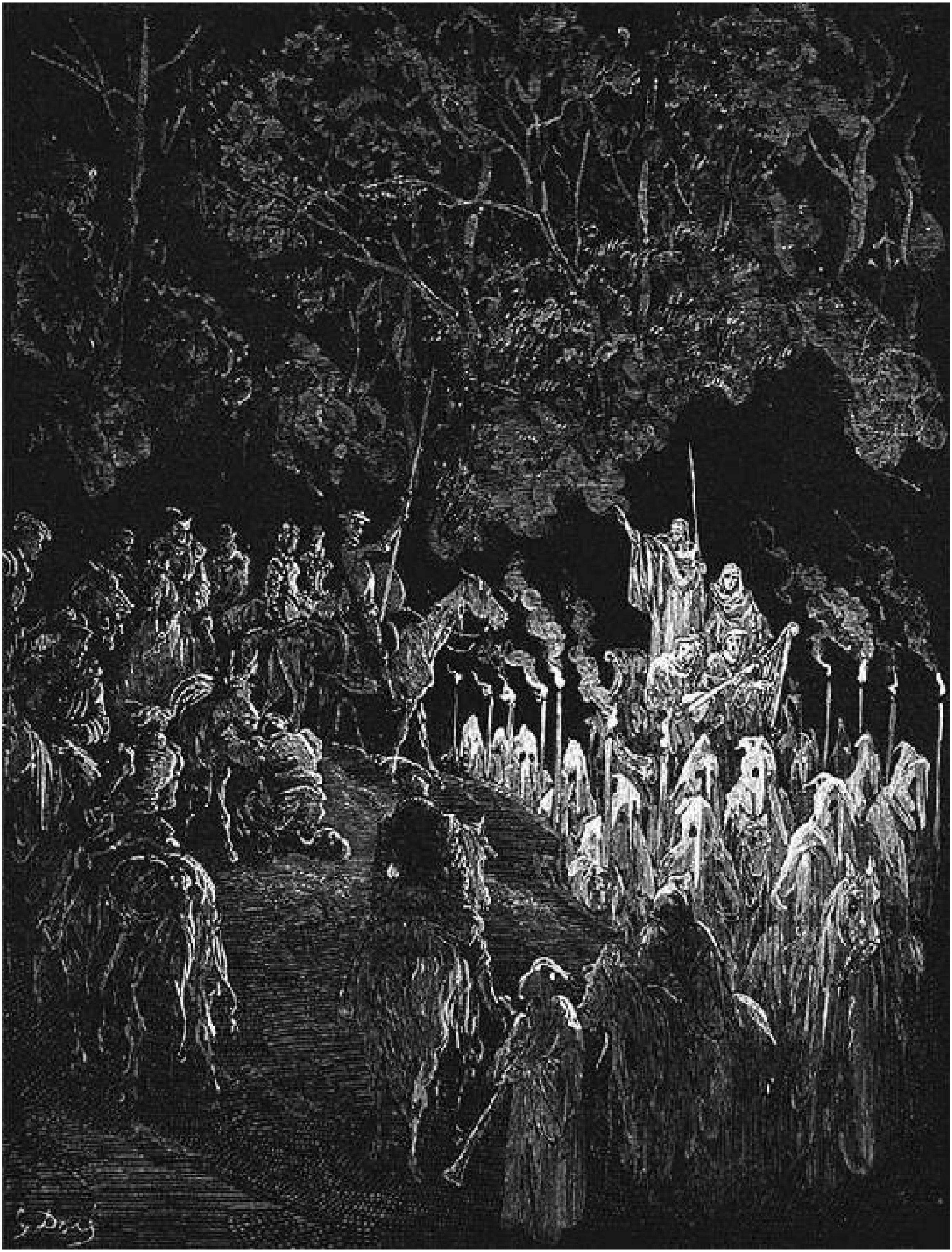
— Luz dá o fogo, claridade dão as fogueiras, como vemos nas que nos cercam e bem poderia suceder que nos abrasassem. A música, porém, é sempre indício de regozijos e de festas.

— Isso veremos — disse Dom Quixote, que tudo escutava. E disse bem, como se mostra no capítulo seguinte.

# CAPÍTULO XXXV

## *Onde se continua a notícia que teve Dom Quixote do desencanto de Dulcineia, com outros admiráveis sucessos*

Ao compasso da agradável música viram que na direção deles vinha um carro dos chamados triunfais, puxado por seis mulas pardas, cobertas, contudo, de linho branco. Sobre cada uma delas vinha um penitente de luz,[1] também vestido de branco, com um círio de cera, grande e aceso, na mão. O carro era duas ou três vezes maior do que os anteriores e sobre ele, bem como dos lados, postavam-se outros 12 penitentes, de vestes alvas como a neve, todos com seus círios acesos, espetáculo que ao mesmo tempo causava admiração e espanto. Num alevantado trono vinha sentada uma ninfa, vestida de mil véus de tela de prata, através dos quais brilhavam incontáveis folhas de lentejoulas de ouro, fazendo-a, se não rica, pelo menos vistosamente trajada. Trazia o rosto coberto por transparente e delicado cendal, cujas pregas não impediam, mas deixavam descobrir-se formosíssimo rosto de donzela, de quem as muitas luzes permitiam distinguir a beleza e os anos, que, parece, não chegavam a vinte nem eram menos de 17. Junto dela vinha uma figura vestida de roupas largas e luxuosas, que chegavam aos pés. Cobria-lhe a cabeça um véu negro. No instante em que o carro ficou frente a frente dos duques e de Dom Quixote, cessou a música das charamelas, e em seguida das harpas e alaúdes, que se tocavam no carro. Levantando-se, a figura das largas roupas abriu-as dos dois lados e, tirando o véu, descobriu patentemente ser a própria figura da Morte, descamada e feia. Com isso afligiu-se Dom Quixote, Sancho amedrontou-se e os duques manifestaram sentimentos de temor. Erguida e de pé, esta Morte viva, com voz algo dormente e língua não muito desperta, começou a dizer desta maneira:


G. Doré

*— Eu sou Merlim, aquele que as histórias*
*dizem que filho foi do próprio diabo*
*(mentira autorizada pelos tempos),*
*príncipe da Magia, soberano*
*e arquivo da ciência zoroástrica,*[2]
*êmulo das idades e dos séculos,*
*que solapar pretendem as façanhas*
*dos valentes andantes cavaleiros,*
*por quem grande carinho tive e tenho.*
*E embora seja dos encantadores,*
*dos magos ou dos mágicos, em regra,*
*áspera a condição, severa e forte,*
*amorosa é a minha, terna e branda,*
*e só quer fazer bem a toda gente.*
*Nas platônicas, lôbregas cavernas*
*onde eu tinha o espírito entretido*
*em formar certas siglas e sinais,*
*ressoou a voz dolente da formosa*
*e sem-par Dulcineia del Toboso.*
*Soube seu desgraçado encantamento,*
*sua transformação, de gentil dama*
*em rústica aldeã. Apiedei-me*
*e encerrando minha alma no vazio*
*deste esqueleto horrível e metuendo,*
*depois de haver folheado cem mil livros*
*de minha vil, diabólica ciência,*
*venho dar o remédio conveniente*
*a tamanha aflição, a dor tamanha.*

*Ó tu, que és honra e glória dos que vestem*
*duras túnicas de aço e diamante,*
*luz e farol, estrada, norte e guia*
*daqueles que, deixando o torpe sono*
*e as ociosas plumas, se devotam*
*ao uso e ao exercício intolerável*
*das pesadíssimas, sangrentas armas!*
*A ti digo, ó varão jamais louvado*
*qual se devera, a ti, ao mesmo tempo*
*valoroso e discreto Dom Quixote,*
*da Mancha resplendor, da Espanha estrela,*
*que para retornar ao que antes era*
*a sem-par Dulcineia del Toboso,*
*mister será teu escudeiro Sancho*
*dar-se três mil açoites, mais trezentos,*
*nos dois lados das nádegas rotundas*
*descobertas ao ar, e de tal modo*
*que lhe doam, amarguem e aborreçam.*
*Com isto, satisfeitos ficam todos*
*quantos autores são de tal desgraça*
*e por isto aqui venho, meus senhores.*

— Juro por tudo! — exclamou neste ponto Sancho. — Já não digo três mil açoites; mas tanto hei de dar-me três como três punhaladas. Diabos levem esse modo de desencantar! Não sei que podem ter minhas nádegas com os encantamentos! Por Deus que, se o senhor Merlim não achou outro modo de desencantar a senhora Dulcineia del Toboso, encantada poderá ir para a sepultura!

— Agarrar-vos-ei eu — disse Dom Quixote —, dom vilão com fartum de alhos, e amarrar-vos-ei a uma árvore, nu como vossa mãe vos pariu, e não digo três mil e trezentos, mas seis mil e seiscentos açoites vos darei, tão bem pespegados que não vo-los hão de despregar três mil e trezentos puxões. E não me repliqueis palavra, que vos arrancarei a alma.

Ouvindo isso, disse Merlim:

— Não há de ser assim, porque os açoites que o bom Sancho tiver de receber deverão ser por sua vontade, e não à força, e na ocasião que ele preferir, pois não há prazo determinado. Permite-se-lhe, porém, se quiser reduzir o sofrimento desse açoitamento à metade, que deixe mão alheia aplicá-los, ainda que seja algo pesada.

— Nem alheia, nem própria, nem pesada, nem por pesar — replicou Sancho. — A mim, não me há de tocar mão alguma! Sou porventura quem pariu a senhora Dulcineia del Toboso, para que minhas nádegas paguem o que pecaram seus olhos? O senhor meu amo, sim, que é parte sua, pois a cada passo a chama "minha vida, minha alma", sustento e arrimo seu, pode e deve açoitar-se por ela e fazer todas as diligências necessárias para seu desencantamento. Eu, porém, açoitar-me? *Abernúncio!*

Mal Sancho acabara de dizer isso, levantou-se de pé a prateada ninfa que junto ao espírito de Merlim se achava e, tirando o sutil véu do rosto, descobriu-o tal que a todos pareceu mais que demasiadamente formoso. Com desembaraço varonil e voz não muito afeminada, falando diretamente a Sancho Pança, disse:

— Ó mal-aventurado escudeiro, alma de cântaro, coração de sobreiro, de entranhas duras e empedernidas! Se te mandassem, ladrão desavergonhado, que te arrojasses de uma elevada torre ao solo; se te pedissem, inimigo do gênero humano, que comesses uma dúzia de sapos, duas de lagartos e três de cobras; se te persuadissem a que matasses tua mulher e teus filhos com algum truculento e agudo alfanje, maravilha não seria te mostrares melindroso e esquivo. Fazer caso, porém, de 3300 açoites, que menino de catecismo não há, por pior que seja, que deixe de levá-los a cada mês, admira, aturde e espanta a todas as entranhas piedosas dos que o escutam, e ainda às de todos quantos o vierem saber no decurso do tempo. Põe teus olhos, ó miserável e endurecido animal! Põe, repito, esses teus olhos de mocho espantadiço nas meninas destes meus, comparados a rutilantes estrelas, e verás como choram fio a fio e madeixa a madeixa, fazendo sulcos, sendas e caminhos nos formosos campos de minhas faces. Comova-te, socarrão e mal-intencionado monstro, o fato de a tão florida idade minha, que ainda está na casa dos dez, pois tenho dezenove anos e não chego a vinte, consumir-se e emurchecer sob a casca de uma rústica lavradora. Se agora assim não apareço, é mercê particular que me fez o senhor Merlim, aqui presente, só para que minha beleza te enterneça, pois as lágrimas da formosura aflita transformam em algodão as penhas e os tigres em ovelhas. Surra-te, surra-te essas carnes, fera indomesticada, arranca da preguiça esse brio que só a comer e mais comer te inclina, e põe em liberdade a maciez de meu corpo, a mansidão de minha condição e a beleza de minha face. E se por mim não te queres abrandar nem reduzir a termos razoáveis, faze-o por esse pobre cavaleiro que a teu lado tens, por teu amo, digo, de quem estou vendo a alma, que a traz atravessada na garganta, a menos de dez dedos dos lábios, à espera apenas de tua resposta, rígida ou branda, para sair-lhe pela boca ou retornar-lhe ao estômago.

Dom Quixote, ouvindo isto, apalpou a garganta e falou, voltando-se para o duque:

— Por Deus, senhor, que Dulcineia disse a verdade. Aqui tenho a alma atravessada na garganta como noz de besta.

— Que dizeis a isto, Sancho? —, perguntou a duquesa.

— Digo, senhora — respondeu Sancho —, o que já disse: quanto aos açoites, *abernúncio.*

— Deveis dizer *abrenúncio*, e não como dizeis, Sancho —, corrigiu o duque.

— Deixe-me Vossa Grandeza — replicou Sancho —, que não estou agora para olhar a sutilezas, ou a letras de mais ou de menos, pois tão perturbado me trazem esses açoites que me devem dar ou tenho de aplicar-me que não sei o que digo nem o que faço. Quereria eu saber, porém, da senhora minha Dona Dulcineia del Toboso onde aprendeu o modo de rogar que usa. Vem pedir-me que abra minhas carnes com açoites e chama-me alma de cântaro, fera indomesticada, com uma enfiada de maus nomes que só o diabo suporta. Porventura são minhas carnes de bronze, ou importa-me algo que se desencante ou não? Que canastra de roupa branca, de camisas, de penteadores e de escarpins, embora eu não os gaste, traz diante de si para abrandar-me? Não, traz-me um vitupério atrás do outro, sabendo aquele rifão, que por aí dizem, de que um burro carregado de ouro sobe ligeiro por uma montanha, dádivas quebrantam penhas, a Deus rogando e com o malho dando, e mais vale um “toma” que dois “te darei”. Pois o senhor meu amo, que deveria passar-me a mão pelo lombo e afagar-me, para que eu me tornasse de lã e algodão cardado, diz que, se me agarra, me amarrará despido a uma árvore e me dobrará a parada dos açoites! Deviam considerar esses senhores que não só pedem que se açoite um escudeiro, mas um governador, como quem diz “chupa cerejas”. Aprendam, aprendam muito em má hora a saber rogar, a saber pedir e a ter boa educação, que os tempos não são todos um, nem estão os homens sempre de bom humor. Estou eu agora arrebentando de pena por ver meu saio verde roto, e vêm pedir-me que me açoite por minha própria vontade, estando ela tão longe disso como de transformar-me em cacique!

— Pois em verdade, amigo Sancho — ponderou o duque —, se vos não abrandais mais do que um figo maduro, não havereis de empunhar o governo. Bom seria enviar eu a meus ilhéus um governador cruel, de entranhas empedernidas, que se não dobra às lágrimas das donzelas aflitas nem aos rogos de discretos, imperiosos e antigos encantadores e sábios! Em suma, Sancho, ou vos açoitais ou deixais que vos açoitem, ou não sereis governador.

— Senhor — redarguiu Sancho —, não me poderiam dar dois dias de prazo para pensar o que será melhor?

— Não, de maneira alguma — disse Merlim. — Aqui, neste instante e neste lugar deve ficar assentado o fim deste negócio. Ou Dulcineia tornará à cova de Montesinos e a seu anterior estado de lavradora, ou, tal como agora está, será levada aos elísios campos, onde esperará que se complete o número dos açoites.

— Eia, bom Sancho — disse a duquesa. — Correspondei com bom ânimo ao pão que tendes comido do senhor Dom Quixote, a quem todos devemos servir e agradar, por sua boa condição e suas altas cavalarias! Dai o sim, filho, sobre estes açoites, e vá-se o diabo para os diabos e o temor para os mesquinhos. O bom coração quebranta a má ventura, como bem sabeis.

A essas razões replicou Sancho com estas disparatadas, dirigidas a Merlim, a quem perguntou:

— Diga-me Vossa Mercê, senhor Merlim: quando aqui chegou o diabo correio, deu a meu amo um recado do senhor Montesinos, mandando-lhe, de sua parte, que o esperasse aqui, pois viria dar ordem para que se desencantasse a senhora Dulcineia del Toboso. E até agora não vimos Montesinos nem coisa parecida.

A isso respondeu Merlim:

— O *diabo*, amigo Sancho, é um ignorante e um grandíssimo velhaco. Eu o enviei à busca de vosso amo, porém não com recado de Montesinos e, sim, meu. Montesinos permanece em sua cova, esperando seu desencanto, que ainda lhe falta a cauda por esfolar. Se algo vos deve ou tendes alguma coisa que negociar com ele, trá-lo-ei e colocá-lo-ei onde melhor vos aprouver. Por agora, acabei de dar o sim desta disciplina, e crede-me que vos será de muito proveito, tanto para a alma como para o corpo. Para a alma, pela caridade com que a fareis; para o corpo, porque sei que sois de compleição sanguínea e não vos poderá fazer dano tirar-vos um pouco de sangue.

— Muitos médicos há no mundo — disse Sancho. — Até os encantadores são médicos. Já, porém, que todos assim mo dizem, embora eu não esteja de acordo, digo estar contente de dar-me os três mil e trezentos açoites, com a condição de que os tenha de aplicar quando muito bem quiser, sem que fixem prazo de dias nem de tempo. Procurarei pagar a dívida o mais depressa possível, para que goze o mundo da formosura da senhora Dona Dulcineia del Toboso, pois, segundo parece e ao revés do que eu pensava, efetivamente é formosa. Outra condição é a de não estar eu obrigado a tirar-me sangue com a disciplina, e, se alguns açoites forem de espantar moscas, deverão ser levados em conta. Igualmente, se eu errar no número, o senhor Merlim, que tudo sabe, terá o cuidado de contá-los e avisar-me dos que faltam, ou dos que sobram.

— Das sobras não será mister avisar — respondeu Merlim — porque, alcançado o número total, imediatamente ficará desencantada a senhora Dulcineia. Virá ela buscar, agradecida, o bom Sancho, para dar-lhe graças e também prêmios pela boa obra. Assim, não é mister ter escrúpulo quanto a sobras e faltas, nem o céu permita que eu engane a alguém, mesmo que apenas seja num cabelo da cabeça.

— Entreguemo-nos, pois, na mão de Deus! — exclamou Sancho. — Consinto em minha má ventura. Quero dizer: aceito a penitência, com as condições estipuladas.

Mal disse Sancho estas últimas palavras, soou de novo a música das charamelas e voltaram a ser disparados inúmeros arcabuzes. Dom Quixote pendurou-se ao pescoço de Sancho, dando-lhe mil beijos na fronte e nas bochechas. A duquesa, o duque e todos os circunstantes deram mostras de sentir-se contentíssimos e o carro começou a caminhar. Ao passar, a formosa Dulcineia inclinou a cabeça para os duques e fez a Sancho grande reverência.

Já, neste ponto, vinha caminhando a aurora, alegre e risonha. As florzinhas do campo abriam e erguiam as corolas, e os líquidos cristais dos arroios, murmurando por entre brancos e pardos seixos, iam pagar tributo aos rios que os esperavam. A terra festiva, o céu claro, o ar límpido, a luz serena, cada um por si e todos juntos davam manifestos sinais de que o dia, que vinha nas pegadas da aurora, havia de ser luminoso e tranquilo. Satisfeitos os duques com a caçada e por haverem conseguido sua intenção tão discreta e felizmente, voltaram para o castelo, com a decisão de continuar em suas burlas, pois para eles não havia verdades que mais gosto lhes dessem.

# CAPÍTULO XXXVI

## *Em que se conta a estranha e jamais imaginada aventura da Dama Dolorida, ou melhor, da Condessa Trifáldi, com uma carta que Sancho escreveu a sua mulher Teresa Pança*[1]

Tinha o duque um mordomo, de mui burlesco e vivo engenho, que representou o papel de Merlim e arranjou toda a maquinação da aventura passada, compondo os versos e fazendo com que um pajem se apresentasse como Dulcineia. Por fim, e por determinação de seus amos, ordenou outra, do mais gracioso e estranho artifício que se possa imaginar.

Perguntou a duquesa a Sancho, no dia seguinte, se havia começado a tarefa da penitência que devia sofrer para desencantar Dulcineia. Disse ele que sim, e que naquela noite se havia dado cinco açoites. Perguntou-lhe a duquesa com que os havia aplicado. Respondeu que com a mão.

— Isso — replicou a duquesa — é dar-se antes palmadas que açoites. Tenho para mim que o sábio Merlim não ficará contente com tanta brandura. Mister será que o bom Sancho faça alguma disciplina de abrolhos ou de cachos,[2] que se possam sentir, porque as letras com sangue entram e não se há de dar liberdade tão barata, de tão pouco preço, a tão alta senhora, como é Dulcineia. Lembre-se Sancho de que as obras de caridade tíbia e frouxamento feitas não têm méritos e nada valem.[3]

A isso respondeu Sancho:

— Dê-me Vossa Senhoria alguma disciplina ou corda conveniente que me açoitarei com ela, desde que não doa demasiado, pois faço saber a Vossa Mercê que, embora rústico, minhas carnes têm mais de algodão que de esparto, e não ficará bem que me desconjunte em proveito alheio.

— Em boa hora seja — observou a duquesa. — Dar-vos-ei amanhã uma disciplina que vos venha muito a calhar e se acomode com a brandura de vossas carnes, como se delas fosse a própria irmã.

A isso disse Sancho:

— Saiba Vossa Alteza, senhora de minha alma, que escrevi uma carta à minha mulher Teresa Pança, dando-lhe conta de tudo o que me sucedeu depois que me separei dela. Aqui a tenho no seio e só lhe falta pôr o sobrescrito. Queria que Vossa Discrição a lesse, porque me parece estar conforme a um governador, quero dizer, ao modo por que devem escrever os governadores.

— E quem a redigiu? — perguntou a duquesa.

— Quem a havia de redigir senão eu, pobre pecador? — replicou Sancho.

— Vós mesmo a escrevestes? — indagou a duquesa.

— Nem por pensamento — respondeu Sancho —, porque não sei ler nem escrever, embora saiba assinar.

— Vejamo-la — disse a duquesa. — Segura estou de que mostrareis nela a qualidade e a suficiência de vosso engenho.

Tirou Sancho do seio uma carta aberta e a duquesa, tomando-a, viu que dizia desta maneira:

> *Carta de Sancho Pança a Teresa Pança, sua mulher.*
>
> Se bons açoites me dessem, bem montado[4] eu iria; se bom governo arranjo, bons açoites me custa. Isto não o entenderás tu, Teresa minha, por agora; fica para outra vez. Deves saber, Teresa, que tenho decidido que andes de coche, pois é o que importa. Todo outro andar será andar de gatinhas. És mulher de um governador: olha se alguém te chega a roer os calcanhares! Aí te envio uma veste de caçador que me deu minha senhora a duquesa; arranja-a de modo que sirva de saia e blusa para nossa filha. Dom Quixote, meu amo, segundo ouvi dizer nesta terra, é um louco cordato e um mentecapto gracioso, e eu não lhe fico atrás. Estivemos na cova de Montesinos e o sábio Merlim lançou mão de mim para o desencanto de Dulcineia del Toboso, que aí se chama Aldonça Lourenço. Com três mil e trezentos açoites, menos cinco, que hei de dar eu mesmo, ficará tão desencantada como a mãe que a pariu. Não dirás disto nada a ninguém, porque se o teu[5] pões em conselho, dirão uns que é branco e outros, negro. Daqui a poucos dias partirei para o governo, aonde vou com grandíssimo desejo de fazer dinheiro, pois me disseram que todos os governadores novos vão com esse mesmo desejo. Tomar-lhe-ei o pulso e dir-te-ei se deves vir ter comigo ou não. O ruço vai bem e manda-te muitas recomendações; não penso em deixá-lo, ainda que me levassem para ser o Grão-Turco. A duquesa minha senhora beija-te mil vezes as mãos; retribui-lhe com duas mil, pois coisa não há que menos custe e mais valha, embora barata, do que os bons modos, como diz meu amo. Não foi Deus servido de deparar-me outra maleta com outros cem escudos, como a de outrora. Não te aflijas, porém, Teresa minha, pois a salvo está quem toca a alarme e tudo sairá na coadura do governo. Apenas me deu grande pena dizerem-me que, se uma vez o provo, ficarei

lambendo os dedos e comendo as mãos e, se assim fora, não me custaria muito barato. Verdade é que os estropiados e mancos já têm sua pensão na esmola que pedem. Assim, por uma via ou outra, hás de ser rica e venturosa. Deus te dê ventura, como pode, e a mim me guarde para servir-te. Deste castelo, a 20 de julho de 1614.

Teu marido, o governador

Ao acabar de ler a carta, disse a duquesa a Sancho:

— Em duas coisas anda um pouco desencaminhado o bom governador. Uma, em dizer, ou dar a entender, que lhe deram este governo pelos açoites que há de aplicar em si mesmo, sabendo ele, como não o pode negar, que, quando o duque meu senhor lho prometeu, não se sonhava com açoites neste mundo. A outra é que se mostra nela muito cobiçoso, e não quisera eu que ambicioso fosse, pois a cobiça rompe o saco e o governador cobiçoso faz a justiça desgovernada.

— Não o digo com esse sentido, senhora — respondeu Sancho. — Se a Vossa Mercê parece que a tal carta não vai como deve ir, o remédio é rasgá-la e fazer outra. E pode ser que saia pior, se a deixam por minha conta.

— Não, não — replicou a duquesa. — Esta boa está e quero que o duque a veja.

Com isto, passaram a um jardim, onde haviam de comer naquele dia. Mostrou a duquesa a carta de Sancho ao duque, que a leu com grande satisfação. Comeram e, depois de tirada a mesa e de se haverem entretido por bom espaço com a saborosa conversação de Sancho, subitamente ouviu-se o som tristíssimo de um pífaro e de um rouco e destemperado tambor. Mostraram todos alvoroçar-se com a confusa, marcial e triste música, especialmente Dom Quixote, que não cabia em sua cadeira de tanta inquietação. Sobre Sancho não é preciso falar, pois o medo o levou para seu acostumado refúgio, que era ao lado ou à barra da saia da duquesa. Com efeito, real e verdadeiramente, o som que se ouvia era tristíssimo e melancólico. E estando todos assim, em suspenso, viram entrar, pelo jardim avante, dois homens com vestes de luto de tal modo longas e extensas que se arrastavam pelo solo. Vinham tocando dois grandes tambores, igualmente cobertos de negro. Ao lado deles andava o tocador de pífaro, negro e cor de alcatrão como os demais. Eram os três seguidos por um personagem de corpo agigantado, coberto, e não vestido, por negríssima sotaina, de cauda igualmente desaforada de grande. Atravessado sobre a sotaina, cingia-o amplo talim, também negro, do qual pendia desmesurado alfanje, de guarnições e bainha negras. Trazia o rosto coberto por transparente véu negro, deixando entrever longuíssima barba, de nívea brancura. Movia o passo ao som dos tambores, com muita gravidade e descanso. Em suma, sua grandeza, seu saracote, sua negrura e seu acompanhamento podiam e puderam deixar em suspenso todos aqueles que, sem o conhecer, o viam.

Chegou, pois, com o espaço e prosopopeia referidos, a ajoelhar-se ante o duque, que, de pé, com os demais que ali estavam, o esperava. O duque, porém, de maneira alguma consentiu que falasse, enquanto se não levantasse. Assim o fez o espantalho prodigioso e, posto de pé, ergueu o véu do rosto e patenteou a mais horrenda, maior, mais branca e mais povoada barba que até então haviam visto olhos humanos. A seguir, desencaixou e arrancou do amplo e dilatado peito uma voz grave e sonora e, pondo os olhos no duque, disse:

— Altíssimo e poderoso senhor, chamam-me Trifaldim da Barba Branca. Sou escudeiro da Condessa Trifáldi, por outro nome chamada a Dama Dolorida, da parte de quem trago a Vossa Grandeza uma embaixada. E de que Vossa Magnificência se sirva de dar-lhe faculdade e licença para entrar e narrar sua aflição, que é uma das mais novas e mais admiráveis que o mais aflito pensamento do orbe possa haver pensado. Antes, quer saber se neste castelo se encontra o valoroso e jamais vencido cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, a cuja busca vem, a pé e em jejum, desde o reino de Candaia[6] até este vosso estado, coisa que se pode e deve ter por milagre, ou por força de encantamento. Está ela à porta desta fortaleza ou casa de campo e, para entrar, aguarda apenas vosso beneplácito. Tenho dito.

Tossiu em seguida e passou ambas as mãos pela barba, de cima a baixo, com muito sossego esperando a resposta do duque, que foi esta:

— Já há muitos dias, bom escudeiro Trifaldim da Barba Branca, temos notícia da desventura de minha senhora a Condessa Trifáldi, a quem os encantadores fazem chamar a Dama Dolorida. Bem podeis, estupendo escudeiro, dizer-lhe que entre e que aqui está o valente cavaleiro Dom Quixote de la Mancha, de cuja condição generosa pode prometer-se com segurança todo amparo e toda ajuda. Igualmente lhe podeis dizer, de minha parte, que, se meu favor lhe for necessário, lhe não há de faltar, pois obrigado me tem a prestá-lo o ser cavaleiro, a quem cabe e concerne favorecer a toda casta de mulheres, e em especial às damas viúvas, menoscabadas e doloridas, como deve estar sua senhoria.

Ouvindo isso, Trifaldim inclinou o joelho até o solo e, fazendo ao pífaro e aos tambores sinal para que tocassem, com o mesmo som e o mesmo passo com que havia entrado voltou a sair do jardim, deixando a todos admirados de sua presença e compostura. Virando-se para Dom Quixote, disse-lhe o duque:

— Enfim, famoso cavaleiro, não podem as trevas da malícia nem da ignorância encobrir a luz do valor e da virtude. Digo isto, porque faz seis dias que Vossa Bondade está neste castelo e já vêm à sua procura, de longínquas e afastadas terras, não em carroças nem em dromedários, mas a pé e em jejum, os tristes e os afligidos, confiados em que nesse fortíssimo braço acharão o remédio de suas penas e trabalhos, graças às grandes façanhas de Vossa Mercê, que correm e rodeiam toda a terra descoberta.

— Quereria eu, senhor duque — respondeu Dom Quixote —, que estivesse aqui presente aquele bendito religioso que, na mesa, outro dia, mostrou ter tanta má vontade e tanta ojeriza contra os cavaleiros andantes. Veria assim, com os próprios olhos, se não são necessários ao mundo tais cavaleiros. Tocaria, pelo menos, com a mão, que os extraordinariamente afligidos e desconsolados, em casos grandes e em desditas enormes, não vão buscar seu remédio às casas dos letrados, nem às dos sacristães de aldeia, nem ao cavaleiro que nunca se resolveu a sair dos limites de seu domínio, nem ao preguiçoso cortesão que antes procura novas aventuras para referi-las e narrá-las do que fazer obras e façanhas para que outros as contem e escrevam. O remédio das aflições, o socorro das necessidades, o amparo das donzelas, o consolo das viúvas em nenhuma casta de pessoas melhor se encontra que nos cavaleiros andantes. Por ser um deles dou infinitas graças ao céu e dou por mui bem empregado qualquer desmando e trabalho que em tão honroso exercício me possa suceder. Venha essa Dama e peça o que quiser. Dar-lhe-ei remédio, pela força de meu braço e pela intrépida resolução de meu animoso espírito.

# CAPÍTULO XXXVII

## *Em que prossegue a famosa aventura da Dama Dolorida*

Em extremo folgaram o duque e a duquesa ao ver quão bem ia Dom Quixote correspondendo à sua intenção. E neste ponto disse Sancho:

— Não quereria eu que esta senhora dama pusesse algum tropeço à promessa de meu governo, porque ouvi de um boticário toledano, que falava como um pintassilgo, não poder suceder coisa boa onde interferissem damas. Valha-me Deus, como lhes queria mal o tal boticário! Daí tiro eu que, sendo todas as damas enfadonhas e impertinentes, seja qual for sua qualidade e condição, que se não dirá das que são doloridas, como disseram ser esta Condessa das Três Faldas ou Três Caudas? Na minha terra, faldas e caudas e abas são tudo a mesma coisa.

— Cala-te, Sancho amigo — disse Dom Quixote. — Visto como esta senhora dama de tão longes terras vem procurar-me, não deve ser daquelas que o boticário tinha em sua lista. Ainda mais porque esta é condessa, e quando as condessas servem de damas será servindo a rainhas e imperatrizes, pois em suas casas são senhoríssimas, que de outras damas se servem.

A isto respondeu Dona Rodrigues, que se achava presente:

— Damas tem a duquesa minha senhora a seu serviço que poderiam ser condessas, se o quisesse a fortuna. Mas vão as leis aonde o querem os reis, e ninguém diga mal das damas, e menos das antigas, e das donzelas. Eu, posto que o não seja, bem alcanço e compreendo a vantagem que tem uma dama donzela sobre uma dama viúva. E a quem nos veio tosquiar, ficaram-lhe na mão as tesouras.[1]

— Apesar disso — replicou Sancho —, tanto há que tosquiar nas damas, segundo diz meu barbeiro, que será melhor não mexer no arroz, para que não grude.

— Sempre os escudeiros são nossos inimigos — replicou Dona Rodrigues. — Como são duendes das antessalas e nos veem a cada passo, os momentos em que não rezam, e são muitos, gastam-nos em murmurar de nós, desenterrando-nos os ossos[2] e enterrando-nos a reputação. Pois prometo-lhes eu a esses lenhos movediços[3] que, por muito que lhes pese, havemos de viver no mundo e nas casas principais, ainda que morramos de fome e cubramos com negro hábito nossas delicadas ou não delicadas carnes, como quem cobre ou tapa um muladar com tapete em dia de procissão. Por minha fé que, se me fosse dada ocasião e o tempo o permitisse, daria eu a entender, não só aos presentes, mas a todo o mundo, não haver virtude que se não encerre numa dama.

— Creio — disse a duquesa — que minha boa Dona Rodrigues tem razão, e muito grande. Convém, contudo, que aguarde a oportunidade para retrucar por si e pelas demais damas, a fim de confundir a má opinião daquele mau boticário e desarraigar a que em seu peito traz o grande Sancho Pança.

A isso respondeu Sancho:

— Desde que tenho fumaças de governador, perdi as tonteiras de escudeiro e não se me dá um figo por quantas damas existam.

Levariam por diante o colóquio damesco, se não ouvissem que o pífaro e os tambores voltaram a soar. Deu-lhes isso a entender que a Dama Dolorida entrava. Perguntou a duquesa ao duque se não ficaria bem irem recebê-la, pois era condessa e pessoa principal.

— Pelo que tem de condessa — respondeu Sancho, antes que respondesse o duque —, estou em que saiam Vossas Grandezas a recebê-la; mas, pelo que tem de dama, sou de parecer que não movam passo.

— Por que te intrometes nisto, Sancho? — disse Dom Quixote.

— Por que, senhor? — redarguiu Sancho. — Intrometo-me porque me posso intrometer, como escudeiro que aprendeu as normas da cortesia na escola de vosmecê, que é o mais cortês e bem-criado cavaleiro de toda a cortesania. Nestas coisas, segundo lhe tenho ouvido dizer, tanto se perde por carta de mais como por carta de menos.[4] E ao bom entendedor meia palavra basta.

— É como diz Sancho — interveio o duque. — Veremos o aspecto da condessa e por ele julgaremos da cortesia que lhe é devida.

Nisto, entraram os tambores e o pífaro, como da primeira vez.

E com isto deu o autor fim a este breve capítulo, começando outro em que continua a mesma aventura, uma das mais notáveis da história.

# CAPÍTULO XXXVIII

## *Onde se conta a conta que deu de sua má andança a Dama Dolorida*

Por trás dos tristes músicos começaram a entrar, pelo jardim avante, até doze damas, repartidas em duas fileiras, todas vestidas de hábitos amplos, como de monjas, de lã pisada, com toucas brancas[1] de delgado pano de algodão, tão longas que só deixavam ver o debrum do hábito. A seguir vinha a condessa Trifáldi, trazida pela mão do escudeiro Trifaldim da Barba Branca. Seu vestido era de finíssima e negra baeta por frisar, que, se frisada viesse, descobriria cada grão do tamanho de um grão-de-bico dos bons.[2] A cauda, aba ou falda, como a quiserem chamar, era de três pontas, sustentadas nas mãos de três pajens, igualmente trajados de luto, fazendo aqueles três ângulos agudos vistosa e matemática figura. Daí inferiram todos os que olharam a fala pontiaguda dever-se a ela o nome de *Condessa Trifáldi*, que é como se se dissesse *Condessa das Três Faldas*. Benengeli confirma-o e acrescenta que, por nome próprio, chamava-se ela *Condessa Lobuna*, visto em seu condado se criarem muitos lobos, e se, em vez de lobos, raposas fossem, dar-lhe-iam o nome de *Condessa Raposuna*, por ser costume naquelas regiões tomarem os senhores seus nomes da coisa ou coisas em que seus estados abundam. Esta condessa, porém, em honra da novidade de sua falda, deixou o nome de Lobuna e tomou o de Trifáldi.

Vinham as 12 damas e a senhora a passo processional, cobertos os rostos de véus negros, não transparentes como o de Trifaldim, mas tão espessos que nada deixavam ver. Assim que acabou de aparecer o esquadrão, puseram-se de pé o duque, a duquesa, Dom Quixote e todos quantos fitavam aquela procissão vagarosa. Pararam as doze damas e formaram duas alas, por entre as quais a Dolorida se adiantou, sem que Trifaldim lhe deixasse a mão. Vendo-o, o duque, a duquesa e Dom Quixote avançaram cerca de doze passos para recebê-la. Ela, de joelhos no solo, com voz antes grossa e rouca do que sutil e delicada, disse:

— Sejam Vossas Grandezas servidas de não fazer tanta cortesia a este seu criado, quero dizer, a esta sua criada porque, dolorida como sou, não conseguirei corresponder-lhe tal qual devo. De fato, minha estranha e jamais vista desdita levou-me o entendimento para não sei onde, mas deve ser muito longe, pois, quanto mais o procuro, menos o encontro.

— Sem ele estaria — respondeu o duque —, senhora condessa, quem não descobrisse por vossa pessoa vosso valor, o qual, sem mais ver, é merecedor de toda a nata da cortesia e de toda a flor das bem-criadas cerimônias.

E, levantando-a pela mão, levou-a a sentar-se numa cadeira junto à duquesa, que igualmente a recebeu com muita polidez. Calava-se Dom Quixote, e Sancho morria por ver o rosto da Trifáldi e de alguma de suas muitas damas. Isso, porém, não foi possível enquanto elas não se descobriram espontaneamente.

Sossegados todos e em silêncio, esperavam quem o havia de romper. Fêlo a Dama Dolorida, com estas palavras:

— Confiada estou, senhor poderosíssimo, formosíssima senhora e discretíssimos circunstantes, em que a minha amarguríssima há de encontrar em vossos valorosos peitos acolhimento não menos plácido que generoso e doloroso. Ela é tal que basta para enternecer os mármores, abrandar os diamantes e molificar os aços dos mais endurecidos corações do mundo. Antes, porém, que chegue à praça de vossos ouvidos, para não dizer orelhas, quisera fizessem-me saber se está neste grêmio, grupo e companhia o acendradíssimo cavaleiro Dom Quixote de la Manchíssima e seu escudeiríssimo Pança.

— O Pança — disse Sancho antes que outro respondesse — aqui está, e igualmente o Dom Quixotíssimo. Podeis, assim, doloridíssima damíssima, dizer o que quiserdíssimes, pois estamos todos prontos e aparelhadíssimos para ser vossos servidoríssimos.

Nisto, levantou-se Dom Quixote e dirigindo-se à Dolorida Dama, falou:

— Se a vossas penas, angustiada senhora, se pode prometer alguma esperança de remédio por algum valor e força de algum andante cavaleiro, aqui estão os meus. Fracos e curtos embora, empregar-se-ão todos em vosso serviço. Sou Dom Quixote de la Mancha, cuja profissão é acudir a toda espécie de necessitados. Sendo assim, como realmente é, não haveis mister, senhora, de captar benevolências ou procurar preâmbulos. Antes, simplesmente e sem rodeios, dizei vossos males. Ouvidos vos escutam que saberão, se não remediá-los, condoer-se deles.

Ouvindo-o, a Dama Dolorida fez menção de atirar-se aos pés de Dom Quixote. De fato, atirou-se e, lutando por abraçá-los, exclamava:

— Ante estes pés e pernas me arrojo, ó cavaleiro invicto, por serem as bases e colunas da cavalaria andante! Quero beijar estes pés, de cujos passos pende e depende todo o remédio de minha desgraça, ó valoroso andante, cujas façanhas deixam atrás e obscurecem as fabulosas dos Amadises, Esplandiães e Belianises!

Deixando Dom Quixote, voltou-se para Sancho Pança e, agarrando-lhe as mãos, disse:

— Ó tu, o mais leal escudeiro que jamais serviu a cavaleiro andante nos presentes ou nos passados séculos, maior na bondade do que a barba de meu acompanhante Trifaldim, aqui presente! Bem podes orgulhar-te, pois, servindo ao grande Dom Quixote, serves em suma a toda a caterva de cavaleiros que no mundo trataram as armas. Conjuro-te, pelo que deves à tua bondade fidelíssima, sejas-me bom intercessor com teu amo, para que logo favoreça a esta humilíssima e desditosíssima condessa.

A isso respondeu Sancho:

— Pouco caso faço, senhora minha, de que minha bondade seja tão ampla e extensa como a barba de vosso escudeiro. Barbada e com bigodes tenha eu minha alma quando partir desta vida, pois isto é o que importa. As barbas deste mundo não me interessam. Sem estes artifícios e súplicas, porém, rogarei a meu amo (porquanto sei que me quer bem, ainda mais agora, que de mim precisa para certo negócio) que favoreça e ajude vosmecê em tudo quanto puder. Desembrulhe vosmecê sua aflição, conte-a e deixe o barco correr, que todos nos entenderemos.

Rebentavam de rir com estas coisas os duques e todos os que haviam tomado o pulso da aventura, e louvavam entre si a agudeza e a dissimulação da Trifáldi, que, tornando a sentar-se, disse:

— Do famoso reino de Candaia, que fica entre a grande Taprobana e o mar do Sul, duas léguas além do cabo Comorim, foi senhora a rainha Dona Magúncia, viúva do rei Arquipela, seu senhor e marido. De seu enlace tiveram e procriaram a infanta Antonomásia, herdeira do reino. A referida infanta Antonomásia criou-se e cresceu sob minha tutela e ensino, por ser eu a mais antiga e a mais principal dama de sua mãe. Sucedeu, pois, que, indo e vindo os dias, a menina Antonomásia chegou à idade de catorze anos, com tão grande perfeição de formosura que mais não podia elevar a natureza. E nem se diga ser sua discrição escassa! Tão discreta era quanto bela, e era a mais bela do mundo. E ainda o é, se já os fados invejosos e as parcas endurecidas não lhe cortaram o fio da vida. Não o terão cortado, porém, que não permitirão os céus tanto mal se faça à terra, como seria podar, ainda verde, o racemo da mais formosa videira do solo. Desta formosura (que minha torpe língua encarecer não sabe) enamorou-se infinito número de príncipes, tanto do país como do estrangeiro, entre os quais ousou levantar os pensamentos até o céu de tanta beleza um cavaleiro em particular, que na corte se achava, confiado em sua mocidade e bizarria, e em suas muitas habilidades, dons, facilidade e felicidade de engenho. Pois saibam Vossas Grandezas, se não lhes causo enfado, que tocava guitarra a ponto de fazê-la falar. Ainda mais: era poeta, grande bailarino e sabia fazer uma gaiola de pássaros de tal perfeição que só com isso poderia ganhar a vida, se se visse em extrema necessidade. Todas estas partes e graças bastariam para fazer cair uma montanha. Como não o fariam a uma delicada donzela? Toda a sua gentileza, porém, todas as suas graças e habilidades, todo o seu bom donaire, tudo seria de pouco valor, ou nenhum, para render a fortaleza de minha querida menina, se o desavergonhado ladrão não usasse do remédio de conquistar-me primeiro. Procurou, antes, o malandrim e desalmado vagabundo granjear-me a vontade e colher-me o gosto, para que eu, como mau alcaide, lhe entregasse as chaves da fortaleza que guardava. Em suma, adulou-me o entendimento e dominou-me a vontade com não sei que berloques e brincos que me deu. O que, porém, mais me fez prostrar e deu comigo ao chão foram umas coplas que o escutei a cantar certa noite, da rótula de uma janela que dava para a travessa em que ele se achava. Se bem me lembro, diziam assim:

*Da minha doce inimiga*

*nasce o mal que esta alma aflige.*

*E, por mais tormento,*

*exige que eu sinta e não o diga.*

Pareceu-me a trova de pérolas e sua voz de açúcar. Por isso, desde então digo, vendo o mal em que caí por causa destes outros versos semelhantes, ter considerado que das boas e organizadas repúblicas deveriam ser desterrados os poetas, como aconselhava Platão. Pelo menos os lascivos, porque escrevem coplas, não como as do marquês de Mântua, que entretêm e fazem chorar meninos e mulheres, mas umas agudezas que, a modo de brandos espinhos, nos atravessam a alma, e no-la ferem como raios, deixando intatas as vestes. E a seguir cantou:

*Vem, morte, tão escondida*

*que vir não te possa eu ver,*

*para o gosto de morrer*

*não tornar a dar-me a vida.*[3]

Deste jaez foram outras coplitas e estrambotes,[4] que cantados e escritos suspendem. E quando condescendem, então, em compor um gênero de versos que se usava em Candaia e a que se chama "seguidilhas"? Eram estes o prazer da alma, o retouçar dos risos, o desassossego dos corpos e, em suma, o azougue de todos os sentidos. Digo, portanto, senhores meus, que tais trovadores com justiça se deviam desterrar para as ilhas dos Lagartos.[5] Não têm eles, porém, a culpa, e sim os simples, que os louvam, e as tolas, que acreditam neles. Fosse eu a boa dama que deveria ser e não me haveriam de comover seus tresnoitados conceitos, nem creria ser verdade aquilo que diz: "Vivo morrendo, ardo no gelo, tirito no fogo, espero sem esperança, parto e permaneço", com outros impossíveis desta casta, de que andam repletos seus escritos. E quando prometem a fênix da Arábia, a coroa de Ariadna, as pérolas do Sul, os cavalos do Sol, o ouro de Tíbar e o bálsamo de Pancaia?[6] Aqui é onde mais alongam a pena, pois lhes custa pouco prometer o que jamais julgam ou podem cumprir. Desvio-me, porém, do assunto. Ai de mim, desditosa! Que loucura ou desatino me leva a contar as alheias faltas, tendo que dizer das minhas? Ai de mim, desventurada, repito! Não me renderam os versos, mas minha simplicidade; não me enterneceram as músicas, mas a minha leviandade; minha muita ignorância e minha pouca advertência abriram o caminho e desembaraçaram a estrada aos passos de Dom Clavijo, que este é o nome do referido cavaleiro. Assim, sendo eu a medianeira, achou-se ele uma e muitas vezes nos aposentos da por mim, e não por ele, enganada Antonomásia, sob o título de verdadeiro esposo. Com efeito, embora pecadora, não consentiria eu que, sem ser seu marido, lhe tocasse na sola do sapato. Não, não, isso não! O matrimônio tem de vir primeiro, em qualquer destes negócios por meu intermédio tratados! Somente houve um dano neste caso, e foi o da desigualdade, por ser Dom Clavijo um simples cavaleiro e a infanta Antonomásia a herdeira do reino, como já disse. Alguns dias esteve encoberta e solapada na sagacidade de meu recato esta maranha, até parecer-me que ia decobrindo, pouco a pouco, certo arredondamento no ventre de Antonomásia. O temor fez com que os três entrássemos em conferência, e dela saiu que, antes de vir à luz o malfeito, Dom Clavijo tomasse Antonomásia por sua mulher ante o vigário, em respeito a uma carta em que a Infanta lhe fazia a promessa de casar-se com ele, ditada por meu engenho e com tal força que tal promessa não quebraria o próprio Sansão. Fizeram-se as diligências, viu o vigário a promessa, ouviu a senhora em confissão, tudo confessou ela, mandou-a depositar em casa de um alguazil da corte muito honrado...

Neste ponto disse Sancho:

— Também em Candaia existem alguazis de corte, poetas e trovas! Posso, pois, jurar que imagino ser todo o mundo a mesma coisa! Apresse-se vosmecê, contudo, senhora Trifáldi, pois é tarde e estou morrendo por saber o fim desta longa história.

— Assim farei — respondeu a condessa.

# CAPÍTULO XXXIX

## *Onde a Trifáldi continua sua estupenda e memorável história*

Qualquer palavra que Sancho dissesse tanto dava gosto à duquesa como desespero a Dom Quixote. Mandou-lhe este que se calasse e a Dolorida continuou, dizendo:

— Por fim, ao cabo de muitas perguntas e respostas, como a Infanta não se contradissesse, sem sair nem variar da primeira declaração, sentenciou o vigário em favor de Dom Clavijo e lha deu por legítima esposa. Tanto desgosto com isso teve a rainha Dona Magúncia, mãe da infanta Antonomásia, que dentro de três dias a enterramos.

— Morreu antes, com certeza — disse Sancho.

— Está claro! — respondeu Trifaldim. — Em Candaia não se enterram as pessoas vivas, mas só as mortas.

— Já se viu, senhor escudeiro — sentenciou Sancho —, enterrar um desmaiado, acreditando-se estar morto. Parecia-me que estava a rainha Magúncia antes obrigada a desmaiar do que a morrer. Com a vida muitas coisas se remedeiam e nem tão grande foi o disparate da infanta para forçá-la a tanto sentimento. Se se houvesse essa senhora casado com algum seu pajem, ou com outro criado de sua casa, como fizeram muitas outras, segundo tenho ouvido dizer, seria o dano sem remédio. Ter-se casado, porém, com um cavaleiro tão gentil-homem e tão entendido, como o que aqui nos foi pintado, embora tolice, não foi tão grande como se pensa, verdadeiramente. Segundo as regras de meu amo, que está presente e não me deixará mentir, assim como dos homens letrados se fazem os bispos, dos cavaleiros se podem fazer os reis e os imperadores, principalmente se são cavaleiros andantes.

— Tens razão, Sancho — disse Dom Quixote —, porque um cavaleiro andante, se tiver dois dedos de ventura, está em potência propínqua de ser o maior senhor do mundo. Passe adiante, porém, a senhora Dolorida, pois já se me transluz ainda não ter contado o amargo desta até aqui doce história.

— Se ainda falta o amargo? — respondeu a condessa. — Tão amargo é que, em comparação, doce é o fel[1] e saboroso o eloendro. Morta, pois, a rainha (e não desmaiada), enterramo-la. Mal, porém, a cobrimos de terra e lhe demos o último adeus, eis que (*quis talia fando temperet a lacrymis?*),[2] montado num cavalo de madeira, apareceu sobre a sepultura da rainha o gigante Malambruno, primo-irmão de Magúncia, que, além de ser cruel, era nigromante. Com suas artes, em vingança da morte de sua prima e para castigar o atrevimento de Dom Clavijo, bem como por despeito da desenvoltura de Antonomásia, deixou-os encantados sobre aquela sepultura: ela, convertida numa símia de bronze; ele, num espantoso crocodilo de metal desconhecido. Entre os dois ergue-se um padrão, também de metal, que traz escritas umas letras em língua siríaca. Traduzidas para a candaiesca, e depois para a nossa, encerram esta sentença: "Não recobrarão sua forma primitiva estes dois atrevidos amantes enquanto o valoroso Manchego não travar comigo singular batalha; pois só para seu grande valor guardam os fados esta nunca vista aventura." Feito isto, arrancou da bainha amplo e desmesurado alfanje e, agarrando-me pelos cabelos, fez gesto de querer degolar-me e cortar-me cerce a cabeça. Perturbei-me. Agarrou-se-me a voz à garganta, amofinei-me em extremo, mas apesar de tudo, esforçando-me o mais que pude, com voz trêmula e dolente lhe disse tais e tantas coisas que o levaram a suspender a execução de tão rigoroso castigo. Por fim, mandou trazer à sua presença todas as damas da corte, que eram estas aqui presentes, e, depois de haver exagerado nossa culpa e vituperado a condição das damas, suas más patranhas e piores traças, descarregando sobre todas a culpa que só eu tinha, disse não querer castigar-nos com a pena capital, porém com outras penas dilatadas, que nos dessem morte contínua e miserável. No próprio instante e ponto em que acabou de dizer isto, sentimos todas que se nos abriam os poros da cara e por toda ela nos alfinetavam como com pontas de agulhas. Acudimos logo com as mãos ao rosto e verificamos estar do modo que agora vereis.

E logo a Dolorida e as demais damas alçaram os véus com que vinham cobertas e descobriram os rostos, todos povoados de barbas, umas louras, outras negras, outras brancas e outras avermelhadas. A essa visão mostraram-se admirados o duque e a duquesa, pasmados Dom Quixote e Sancho e atônitos todos os presentes. A Trifáldi prosseguiu:

— Desta maneira nos castigou aquele vil e mal-intencionado Malambruno, cobrindo a suavidade e a palidez de nossos rostos com a aspereza destas cerdas. Prouvera ao céu que antes nos houvesse cortado as cabeças com seu desmesurado alfanje, do que haver-nos escurecido a luz das nossas faces com esta lã que nos cobre. Pois, se bem examinarmos o caso, meus senhores (e o que vou agora dizer quisera dizê-lo com os olhos feitos fontes, mas a consideração de nossa desgraça e os mares que até agora eles choveram deixaram-nos sem umidade, secos como cardos; assim, di-lo-ei sem lágrimas), se bem o examinarmos, dizei-me: aonde poderá ir uma dama com barbas? Que pai ou mãe terá compaixão dela? Quem lhe dará ajuda? Pois, se quando tem a tez lisa e o rosto martirizado por mil espécies de pomadas e enfeites custa a achar quem bem lhe queira, que fará quando descobrir o rosto feito um bosque? Ó senhoras e companheiras minhas, em desditoso lugar nascemos, em minguada hora nos engendraram nossos pais!

E, dizendo isto, deu mostras de desfalecer.

# CAPÍTULO XL

## *De coisas relativas a esta aventura e a esta memorável história*

Real e verdadeiramente, todos os que gostam de histórias semelhantes a esta devem mostrar-se agradecidos a seu primeiro autor, Cide Hamete, pela curiosidade, que teve, de contar-nos as semicolcheias dela, sem deixar coisa, por miúda que fosse, que não tirasse à luz distintamente. Pinta os pensamentos, revela as imaginações, responde às tácitas perguntas, esclarece as dúvidas, resolve os argumentos e, em suma, põe de manifesto os átomos do mais curioso desejo. Ó autor celebérrimo! Ó ditoso Dom Quixote! Ó famosa Dulcineia! Ó gracioso Sancho Pança! Vivais todos juntos, e viva cada um de per si, por séculos infinitos, para gosto e geral passatempo dos viventes!

Diz, pois, a história que, tão logo viu Sancho a Dolorida desmaiada, disse:

— Por minha fé de homem de bem e pela vida de todos os meus antepassados Panças, juro que jamais vi, ouvi, nem meu amo me contou, nem coube em seu pensamento, aventura semelhante a esta. Valham-te mil satanases, para não te amaldiçoar por encantador e gigante, Malambruno! Não achaste outro gênero de castigo para estas pecadoras, que não o de embarbecê-las? Não seria melhor, nem para elas mais em conta, tirar-lhes a metade do nariz, do meio para cima, ainda que falassem fanhoso, em vez de pôr-lhes barbas? Apostarei em como não têm fazenda para pagar a quem as tosquie.

— Esta é a verdade, senhor — respondeu uma das 12. — Não temos dinheiro para raspar-nos e, assim, algumas de nós, como remédio liberatório, resolvemos usar uns emplastros ou parches pegajosos e, aplicando-os ao rosto, para retirá-los num puxão, ficamos raspadas e lisas como fundo de almofariz de pedra. Com efeito, embora haja em Candaia mulheres que vão de casa em casa a arrancar pelos, acertar as sobrancelhas e fazer outras aplicações tocantes a mulheres, nós, as damas de minha ama, jamais as quisemos admitir, por ser de alcoviteiras a maioria delas.[1] E se não nos der remédio o senhor Dom Quixote, barbadas iremos à sepultura.

— Raspar-me-ia eu as minhas em terra de mouros — disse Dom Quixote — se às vossas não remediasse.

Neste ponto, saiu de seu desmaio a Trifáldi e falou:

— O retinir dessa promessa, valoroso cavaleiro, chegou-me aos ouvidos em meio de meu desmaio e foi a causa de que eu saísse dele e recobrasse meus sentidos. Assim, de novo vos suplico, ínclito andante e indomável senhor, converta-se em obra vossa graciosa promessa.

— Por mim não demorará — respondeu Dom Quixote. — Vede, senhora, que devo fazer. Meu ânimo está prontíssimo a servir-vos.

— Sucede — explicou a Dolorida — que daqui ao reino da Candaia se se vai por terra, há cinco mil léguas menos duas, mais ou menos; mas se se vai por ar e em linha reta a distância é de 3227. Deve-se também saber que Malambruno me disse que, quando a sorte me deparasse o cavaleiro nosso libertador, enviar-lhe-ia ele uma cavalgadura bem melhor e com menos manhas do que as de aluguel, pois há de ser aquele mesmo cavalo de madeira no qual o valoroso Pierres raptou a linda princesa Magalona.[2] Esse cavalo se governa por uma chave que tem na testa e lhe serve de freio. Voa pelo ar com tal ligeireza que parece levado pelos próprios diabos. Segundo tradição antiga, tal cavalo foi fabricado pelo sábio Merlim. Emprestou-o a seu amigo Pierres, que com ele fez grandes viagens e, como se disse, roubou a linda Magalona, levando-a pelos ares, à garupa, e deixando abobalhados quantos do solo os fitavam. Não o emprestava senão a quem queria, ou quem melhor lhe pagava e, desde o grão Pierres, até agora não sabemos que mais alguém o haja montado. Dali o tirou Malambruno com suas artes. Tem-no em seu poder e serve-se dele em suas viagens, pois constantemente as faz por diversas partes do mundo, estando ora aqui, amanhã na França e no dia seguinte em Potosí. O melhor é que tal cavalo não come, não dorme, não gasta ferraduras, e tal é sua andadura nos ares, mesmo sem ter asas, que quem o monta pode levar na mão uma taça cheia de água sem derramar uma gota, tão sereno e descansado caminha. Por isso, a linda Magalona folgava muito de cavalgá-lo.

— Andar sereno e repousado é com o meu ruço! — disse neste ponto Sancho. — Em verdade, não anda nos ares; em terra, porém, desafio andadores haja no mundo.

Riram-se todos e a Dolorida continuou:

— Esse cavalo (se em verdade Malambruno quer dar fim à nossa desventura) estará em nossa presença, antes que passe meia hora de caída a noite. Deu-me ele a entender que o sinal que me daria e pelo qual soubesse eu ter encontrado o cavaleiro que buscava seria mandar-me o cavalo para levá-lo com comodidade e presteza.

— E quantos cabem nesse cavalo? — perguntou Sancho.

— Duas pessoas: uma, na sela, e outra, nas ancas. Na maioria das vezes, estas duas pessoas são cavaleiro e escudeiro, quando falta alguma donzela raptada.

— Gostaria de saber, senhora Dolorida — disse Sancho —, que nome tem esse cavalo.

— O nome — respondeu a Dolorida — não é o do cavalo de Belerofonte, que se chamava Pégaso; nem o de Alexandre Magno, chamado Bucéfalo; nem o do furioso Orlando, que foi Brilhadouro; nem, também, Baiarte, o de Reinaldo de Montalvão; nem Frontino, como o de Rogério; nem Bootes ou Peritoo, como dizem que se chamam os cavalos do Sol;[3] nem ainda se chama Orélia, como o cavalo com que o desditoso Rodrigo, último rei dos godos, entrou na batalha em que perdeu a vida e o reino.

— Apostarei, então — disse Sancho —, visto como não lhe deram nenhum desses famosos nomes de cavalos tão conhecidos, que também não lhe foi dado o do cavalo de meu amo, Rocinante, que a todos os citados excede, de tão apropriado.

— Assim é — respondeu a barbada condessa. — O que tem, contudo, cai-lhe muito bem, porque se chama Clavilenho, o Alígero. Esse nome convém ao fato de ser de lenho e à chave na testa, e à ligeireza com que caminha. Desse modo, quanto ao nome, bem pode competir com o famoso Rocinante.

— Não me desagrada o nome — tornou Sancho. — Mas com que freio ou cabresto se governa?

— Já disse — replicou a Trifáldi — que com a chave. Voltando-a para uma parte ou outra, o cavaleiro que o monta o faz caminhar como quiser, ou pelos ares, ou rastejando e quase varrendo a terra, ou pelo meio, que é o que se busca e se deve preferir em todas as ações bem ordenadas.

— Bem o queria ver — comentou Sancho. — Pensar, porém, que eu tenha de subir nele, na sela ou nas ancas, é o mesmo que pedir peras ao olmeiro. Mal me posso sustentar sobre o ruço, de albarda mais macia que a própria seda, e quereriam montasse em ancas de tábua, sem coxim nem almofada alguma? Por Deus! Não penso em moer-me para tirar as barbas de ninguém. Cada qual rape as suas como achar melhor, que não penso em acompanhar meu amo em tão longa viagem. Tanto mais quanto não sou necessário para o rapamento dessas barbas, como o sou para desencantar minha senhora Dulcineia.

— Sois, sim, amigo — respondeu a Trifáldi. — Tanto que, sem a vossa presença, julgo que nada faremos.

— Aqui del rei! — admirou-se Sancho. — Que têm os escudeiros com as aventuras de seus amos? Devem levar eles a fama das que praticam, enquanto nós levamos o trabalho? Pobre de mim![4] Ainda se os historiadores dissessem: "Dom Paralipômeno das Três Estrelas pôs termo à aventura dos seis avantesmas; com a ajuda, porém, de Fulano, seu escudeiro, sem a qual fora impossível terminá-la..." Mas, não! Escrevem, secamente, "Dom Paralipômeno das Três Estrelas pôs termo à aventura dos seis avantesmas", sem nomear a pessoa de seu escudeiro, que a tudo esteve presente, como se não existisse neste mundo! Ora, senhores, volto a dizer que meu amo pode ir sozinho, e bom proveito lhe faça. Ficarei eu aqui, em companhia da duquesa minha senhora. E bem pode ser que, quando ele volte, encontre melhorada a causa da senhora Dulcineia, em terça ou quinta parte, pois, nos momentos ociosos e desocupados, penso dar-me uma tunda de açoites que não ma cubram pelos.

— Apesar disso, haveis de acompanhá-lo, se necessário for, bom Sancho, porque vo-lo rogaremos. Não irão ficar, por vosso inútil temor, assim povoados os rostos dessas senhoras, o que certamente seria afrontoso.

— Aqui del rei outra vez! — exclamou Sancho. — Quando esta caridade se fizesse por algumas donzelas recatadas, ou por algumas meninas de catecismo, poderia alguém arriscar-se a qualquer trabalho! Que o sofra, porém, para tirar barbas a damas, diabos! Visse-as eu a todas com mais barbas, da maior à menor e da mais melindrosa à mais afetada!

— Quereis bastante mal às damas, Sancho amigo! — disse a duquesa. — Muito seguis a opinião do boticário toledano. Pois palavra que não tendes razão. Damas há em minha casa que podem ser exemplo de senhoras, e aqui está minha Dona Rodrigues, que não me deixará dizer o contrário.

— Que Vossa Excelência não o dissesse — tornou Dona Rodrigues —, Deus sabe a verdade de tudo e, boas ou más, barbadas ou lisas, como sejamos, também nos puseram no mundo nossas mães como às outras mulheres. Já, pois, que Deus nos lançou à terra, Ele sabe para quê, e à sua misericórdia me atenho, e não às barbas de ninguém.

— Ora bem, senhora Rodrigues — disse Dom Quixote — e senhora Trifáldi e companhia, espero que o céu com bons olhos veja vossas penas. Sancho fará o que eu lhe mandar. Viesse já Clavilenho e já me viesse eu à frente de Malambruno. Sei que não haveria navalha que mais depressa rapasse as barbas de Vossas Mercês do que eu raparia dos ombros a cabeça de Malambruno. Deus suporta os maus, porém não para sempre.

— Ai! — exclamou neste ponto a Dolorida. — Com benignos olhos contemplem vossa grandeza, valoroso cavaleiro, todas as estrelas das regiões celestes, e em vosso ânimo infundam toda prosperidade e valentia para ser escudo e amparo do vituperado e abatido gênero damesco, abominado por boticários, caluniado por escudeiro e defraudado por pajens. Mal haja a velhaca que, na flor de sua idade, não se meteu antes a ser monja que dama de corte! Desditosas somos, as damas! Embora descendamos, em linha reta, de varão a varão, do próprio Heitor de Troia, não deixaram nossas amas de lançar-nos um *vos*,[5] se com isso julgassem ser rainhas! Ó gigante Malambruno, que embora sendo encantador és certíssimo em tuas promessas! Manda-nos já o sem-par Clavilenho, para que nossa desventura se acabe! Pois, se entrar o verão e perdurarem nossas barbas, ai de nossa ventura!

Disse isto a Trifáldi com tanto sentimento que arrancou lágrimas dos olhos de todos os circunstantes e mesmo arrasou os de Sancho. Dispôs-se ele, no coração, a acompanhar seu amo até as últimas partes do mundo, se disso resultasse tirar a lã daqueles rostos veneráveis.

# CAPÍTULO XLI

## *Da vinda de Clavilenho, com o fim desta prolongada aventura*

Nisto, chegou a noite, e com ela a hora determinada para a vinda do famoso cavalo Clavilenho. Sua demora já fatigava Dom Quixote, por parecer-lhe que, como Malambruno tardava em mandá-lo, ou não era ele o cavaleiro para quem estava reservada aquela aventura, ou Malambruno não ousava travar com ele singular batalha. Eis, porém, que, de repente, entraram no jardim quatro selvagens, vestidos todos de verde-hera, que sobre os ombros traziam grande cavalo de madeira. Puseram-no de pé no solo e um dos selvagens disse:

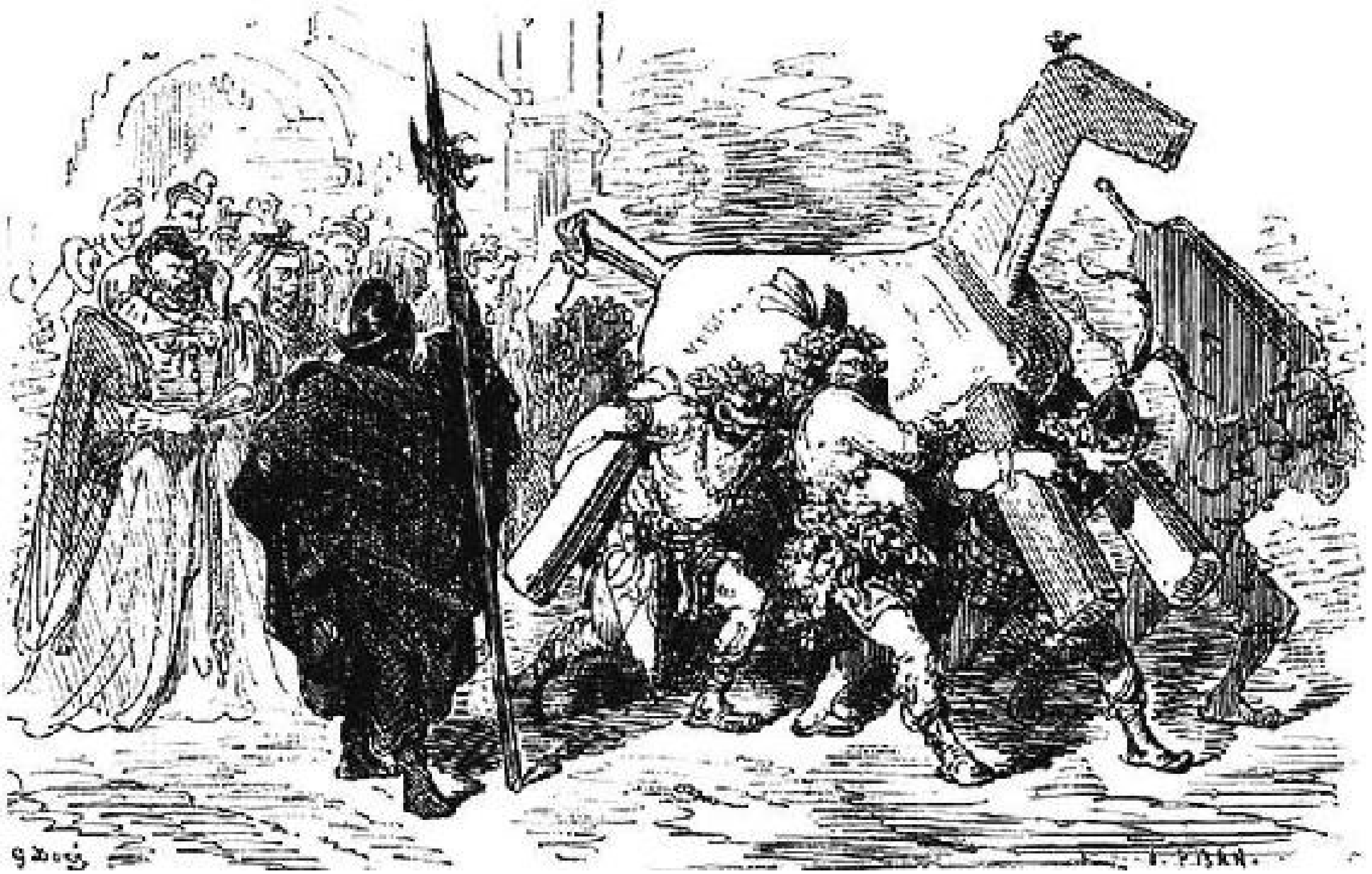
— Suba nesta máquina o cavaleiro que tiver ânimo para tanto.

— Aqui — respondeu Sancho — não subo eu, porque nem tenho ânimo nem sou cavaleiro.

E o selvagem prosseguiu dizendo:

— E ocupe-lhe as ancas o escudeiro, se ele o tem. Fie-se do valoroso Malambruno, pois, não sendo de sua espada, de nenhuma outra ou de qualquer malícia receberá ofensa. Basta que torça esta chave que ele tem sobre o pescoço e o cavalo os levará pelos ares até onde Malambruno os espera. Para que, porém, a altura e a sublimidade do caminho não lhes cause vertigens, terão de cobrir os olhos até que o cavalo relinche. Este será o sinal de que terminou a viagem.

Dito isto e deixando Clavilenho, com gentil compostura regressaram por onde haviam vindo. Tão logo viu o cavalo, disse Dolorida, quase com lágrimas, a Dom Quixote:



— Valoroso cavaleiro, foram certas as promessas de Malambruno. O cavalo aqui está e nossas barbas crescem. Cada uma de nós, por todos os pelos dessas barbas, te suplicamos nos rapes e tosquies, pois apenas depende de que subas nele com teu escudeiro, dando feliz princípio à vossa nova viagem.

— Isso farei, senhora condessa Trifáldi, de muito bom grado e melhor vontade, sem pôr-me a tomar coxim ou calçar esporas, para me não demorar, tanta é a gana que tenho, senhora, de ver-vos e a todas estas damas lisas e barbeadas.

— Isso não farei eu — interveio Sancho — nem de má nem de boa vontade, nem de maneira alguma. Se esse rapamento não se fizer sem que eu suba às ancas, bem pode meu amo buscar outro escudeiro que o acompanhe e estas senhoras outro meio de barbear o rosto. Não sou eu bruxo, para gostar de andar pelos ares. Que dirão meus ilhéus quando souberem que seu governador anda passeando pelos ventos? E outra coisa: havendo daqui a Candaia três mil e tantas léguas, se o cavalo se cansa ou o gigante se aborrece, levaremos na jornada meia dúzia de anos, e não haverá então no mundo ilhas nem ilhos que me reconheçam. E já que se diz que na tardança vai o perigo e que se a vaca te dão corre com a corda na mão, perdoem-me as barbas destas senhoras, mas bem está São Pedro em Roma. Quero dizer: bem estou nesta casa, onde tantas mercês me fazem e de cujo dono tão grande bem espero, como o de ser governador.

A isso disse o duque:

— Sancho amigo, a ilha que vos prometi não é móvel nem fugitiva. Tem raízes tão fundas, fincadas nos abismos da terra, que nem com três puxões a arrancarão ou mudarão do lugar em que está. E como sabeis que eu sei não haver nenhum gênero de ofício, destes de maior proveito, que se não granjeie por alguma espécie de peita, maior ou menor, a que de vós receber por esse governo é a de irdes com vosso amo Dom Quixote a dar termo e cabo a esta memorável aventura. Quer volteis agora sobre Clavilenho, com a brevidade que sua ligeireza promete, quer a fortuna contrária vos traga e retorne a pé, como romeiro, de estalagem em estalagem e de venda em venda, sempre que voltardes achareis vossa ilha onde a deixais, e a vossos ilhéus com o mesmo desejo de receber-vos por seu governador que sempre tiveram, e minha vontade será a mesma. Não ponhais dúvida nesta verdade, senhor Sancho, que seria fazer notório agravo ao desejo que de servir-vos tenho.

— Não diga mais, meu senhor — replicou Sancho. — Sou um pobre escudeiro e não posso levar às costas cortesias tamanhas. Suba meu amo, cubram-me os olhos, encomendem-me a Deus e avisem-me se, quando formos por essas altitudes, poderei recomendar-me a Nosso Senhor ou invocar os anjos para que me favoreçam.[1]

A isso respondeu a Trifáldi:

— Sancho, bem podeis encomendar-vos a Deus ou a quem quiserdes. Malambruno, embora encantador, é cristão e faz seus encantamentos com muita sagacidade e muito tento, sem meter-se com ninguém.

— Eia, pois! — exclamou Sancho. — Ajude-me Deus, e a Santíssima Trindade de Gaeta!

— Desde a memorável aventura das azenhas — interveio Dom Quixote — nunca vi Sancho com tanto temor como agora. Fosse eu tão agourento como outros, sua pusilanimidade far-me-ia algumas cócegas no ânimo. Mas chegai-vos a mim, Sancho; com licença destes senhores, quero falar-vos duas palavras.

Conduziu Sancho para entre umas árvores do jardim e, tomando-lhe ambas as mãos, disse-lhe:

— Já vês, Sancho irmão, a longa viagem que nos espera e sabe Deus quando voltaremos dela, ou que comodidade e espaço nos darão os negócios. Assim, gostaria que agora te retirasses para teu aposento, como se fosses buscar alguma coisa necessária para o caminho e, num dá cá aquela palha, te desses, por boa conta dos três mil e trezentos açoites a que estás obrigado, pelo menos uns quinhentos, que já ficarão dados, pois o começar as coisas é tê-las acabadas pelo meio.

— Por Deus — exclamou Sancho —, que vosmecê não está em seu juízo! Isto é como aquilo que se diz: “Em aperto me vês, e donzelice me pedes?”[2] Agora, que tenho de ir sentado numa tábua rasa, quer vosmecê que me fira as nádegas? Em verdade, não tem vosmecê razão. Vamos agora barbear essas damas; na volta, prometo-lhe, por quem sou, ter tanta pressa em dar fim à minha obrigação que vosmecê ficará satisfeito. E mais não digo.

Respondeu Dom Quixote:

— Com essa promessa, bom Sancho, vou consolado. Creio que a cumprirás, pois, com efeito, embora tolo, és homem verídico.

— Não *verdico*, mas moreno — disse Sancho. — Mas, ainda que fosse de duas cores, cumpriria minha palavra.

Com isto, voltaram para montar em Clavilenho. Ao subir, falou Dom Quixote:

— Cobri os olhos e subi, Sancho. Quem de tão longes terras manda buscar-nos, não será para enganar-nos, pois glória pouca lhe pode redundar de enganar a quem nele se fia. E ainda que tudo sucedesse ao revés do que imagino, malícia alguma poderá obscurecer o mérito de havermos empreendido esta façanha.

— Vamos, senhor — disse Sancho. — As barbas e lágrimas destas senhoras, tenho-as cravadas no coração, e não comerei bocado que bem me saiba antes de vê-las lisas como antes eram. Mas, se tenho de ir nas ancas, está claro que primeiro subirá quem vai na sela.

— Isto é verdade — concordou Dom Quixote.

E, tirando um lenço da algibeira, pediu à Dolorida que lhe cobrisse muito bem os olhos. Tendo-os cobertos, voltou a descobri-los e disse:

— Se mal não me lembro, li em Virgílio a história do Paládio de Troia, cavalo de madeira[3] que os gregos enviaram de presente à deusa Palas e que ia repleto de cavaleiros armados, os quais depois causaram a ruína total dos troianos. Assim, será bom ver primeiro o que Clavilenho traz no estômago.

— Não há motivo para isso — disse a Dolorida. — Abono-o eu, pois sei que Malambruno nada tem de malicioso ou de traidor. Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, suba sem pavor algum. Seja em dano meu qualquer mal que lhe suceder.

Pareceu a Dom Quixote ser em detrimento de sua valentia qualquer coisa que pudesse retrucar em benefício de sua segurança. Assim, sem mais discutir, montou em Clavilenho e experimetou a chave, que rodava facilmente. Como não tinha estribos, e apertava a barriga do cavalo com as pernas, mais parecia figura de tapete flamengo pintada ou tecida, representando algum triunfo romano. De má vontade e pouco a pouco chegou Sancho a subir e acomodou-se nas ancas o melhor que pôde. Achando-se algo duras, ou nada macias, pediu ao duque que, se possível, lhe dessem o conforto de algum coxim ou almofada, ainda que o estrado de sua senhora duquesa ou do leito de algum pajem, pois as ancas daquele cavalo mais pareciam de mármore que de lenho. A isto disse a Trifáldi que Clavilenho não suportava sobre si adorno ou jaez de espécie alguma; o que poderia fazer era montar como mulher, de um lado, pois assim não sentiria tanto a dureza. Foi o que fez Sancho, e, dizendo “adeus”, deixou que lhe vendassem os olhos. Depois de vendados, voltou a descobri-los e, olhando para todos os do jardim, ternamente e com lágrimas, pediu que o ajudassem naquele transe com muitos padre-nossos e ave-marias, para que Deus lhes deparasse quem por eles os rezasse, quando em semelhantes aflições se vissem. A isso disse Dom Quixote:

— Ladrão, porventura estás posto na forca, ou no último confim da vida, para empregares semelhantes súplicas? Não estás, desalmada e covarde criatura, no mesmo lugar que a linda Magalona ocupou e do qual desceu, não para a sepultura, mas para ser rainha de França,[4] se as histórias não mentem? E eu, que vou a teu lado, não me posso colocar no valoroso Pierres, que oprimiu este mesmo lugar que agora oprimo? Cobre-te os olhos, animal sem coração, e não te saia à boca o temor que sentes, pelo menos em minha presença!

— Vendem-me! — respondeu Sancho. — E como não querem que me encomende a Deus nem que seja encomendado, por que não hei de temer que ande por aqui alguma legião de diabos que deem conosco em Peralvilho?[5]

Vendaram-se e, notando Dom Quixote que estava como devia estar, experimentou a chave. Mal lhe havia posto os dedos, todas as damas e quantos estavam presentes ergueram as vozes, exclamando:

— Deus te guie, valoroso cavaleiro!

— Deus seja contigo, escudeiro intrépido!

— Já ides por esses ares, rompendo-os com mais velocidade do que uma seta!

— Começais a deixar suspensos e admirados quantos vos contemplam cá da terra!

— Segura-te, valoroso Sancho, porque bamboleias! Olha, não caias! Será pior tua queda que a do atrevido moço que quis dirigir o carro do Sol seu pai.[6]

Ouviu Sancho as vozes e, agarrando-se a seu amo, cingindo-o com os braços, falou:

— Senhor, como dizem eles que vamos tão alto, se cá chegam suas vozes e não aparece senão que estão aqui, falando junto de nós?

— Não repares nisso, Sancho. Como estas coisas e estas volatarias vão fora dos cursos ordinários, de mil léguas verás e ouvirás o que quiseres. E não me apertes tanto, que me derrubas. Em verdade, não sei por que te perturbas ou te espantas. Ousarei jurar que em todos os dias de minha vida jamais subi em cavalgadura de passo mais calmo. Até parece que nem nos movemos do lugar. Desterra, amigo, o medo; com efeito, a coisa anda como deve andar e vamos de vento em popa.

— Essa é a verdade — respondeu Sancho —, pois por este lado me dá um vento tão forte que parece que com mil foles me estão soprando.

Assim era: grandes foles lhe estavam fazendo ar. Tão bem traçada fora tal aventura pelo duque e pela duquesa que não lhe faltou requisito para ser perfeita.

Sentindo-se, pois, soprar, disse Dom Quixote:

— Sem dúvida alguma, Sancho, devemos estar chegando à segunda região do ar, onde se geram o granizo e as neves; os trovões, os relâmpagos e os raios se geram na terceira região. E se desta maneira vamos subindo, em breve daremos na região do fogo. E não sei como governar esta chave para que não subamos onde nos abrasemos.

Nisto, com umas estopas que rapidamente se acendiam e apagavam, pendentes de caniços, esquentavam-lhes os rostos. Sancho, que sentiu calor, disse:

— Matem-me se não estamos já no lugar do fogo, ou bem perto. Grande parte de minha barba se chamuscou e estou, senhor, por desvendar os olhos e ver em que parte estamos.

— Não faças isso — respondeu Dom Quixote. — Lembra-te do verdadeiro conto do licenciado Torralba, a quem os diabos levaram a voar pelos ares, montado numa cana, de olhos fechados.[7] Em doze horas chegou a Roma e apeou na Torre de Nona, que é uma rua da cidade, vendo toda a ruína, assalto e morte de Bourbon.[8] Na manhã seguinte já estava de volta a Madri, onde deu conta de tudo quanto vira. Disse ele igualmente que, quando ia pelos ares, mandou-lhe o diabo que abrisse os olhos; abriu-os e se viu tão perto, ao que lhe pareceu do corpo da Lua, que poderia agarrá-la com a mão; e não olhou para a terra, receoso de desmaiar. Assim, Sancho, não há para que desvendar-nos. Quem nos leva a seu cargo dará conta de nós. Talvez estejamos tomando pontas e subindo[9] para deixar-nos cair de chofre sobre o reino de Candaia, como faz o falcão ou nebri sobre a garça, para caçá-la, por mais que remonte. E embora nos pareça que não faz meia hora que partimos do jardim, crê-me que devemos ter caminhado muito.

— Isso não sei — respondeu Sancho Pança. — Só sei dizer que, se a senhora Magalhães ou Magalona se contentou com estas ancas, não devia ser de carnes mui tenras.

Todas estas práticas dos dois valentes ouviam o duque e a duquesa, e os do jardim, alegrando-se extraordinariamente. Querendo, afinal, dar remate à estranha e bem fabricada aventura, puseram fogo com umas estopas à cauda de Clavilenho. Daí a pouco, por estar o cavalo repleto de foguetes de estrondo, voou pelos ares, com estranho ruído, dando com Dom Quixote e Sancho Pança ao chão meio chamuscados.

A este tempo, já havia desaparecido do jardim todo o barbado esquadrão das damas, com a Trifáldi e tudo mais. Os da casa ficaram como desmaiados, estendidos pelo chão. Dom Quixote e Sancho levantaram-se maltratados e, olhando para todos os lados, ficaram atônitos por verem-se no mesmo jardim de onde haviam partido, com tal número de pessoas deitadas por terra. Mais cresceu sua admiração quando, a um lado do jardim, viram fincada grande lança no solo e, pendente dela e de dois cordões de seda verde, um pergaminho liso e branco, no qual, com grandes letras de ouro, estava escrito:

“O ínclito cavaleiro Dom Quixote de la Mancha deu fim e cumprimento à aventura da condessa Trifáldi, por outro nome chamada a Dama Dolorida, e de sua companhia, apenas com o intentá-la. Malambruno se dá por satisfeito e contente, em toda a sua vontade, e as barbas das damas já ficam lisas e rapadas. Os reis Dom Clavijo e Antonomásia voltaram a seu primitivo estado. E quando se cumprir o açoitamento escudeiril, a branca pomba ver-se-á livre dos pestíferos gaviões que a perseguem e nos braços de seu querido arrulhador. Assim está ordenado pelo sábio Merlim, protoencantador dos encantadores.”

Tendo lido as palavras do pergaminho, compreendeu claramente Dom Quixote que do desencanto de Dulcineia falavam. E, dando muitas graças ao céu, por haver acabado tão grande efeito com tão pouco perigo, devolvendo a passada tez ao rosto das damas, que já não se viam, dirigiu-se aonde estavam o duque e a duquesa, que não haviam ainda voltado a si, e travando da mão do duque, disse-lhe:

— Eia, bom senhor, ânimo! Ânimo, que tudo nada é! A aventura está finda, sem dano para ninguém, como claramente o mostra o escrito que naquele padrão está posto.[10]

O duque, pouco a pouco e como quem de pesado sono acorda, foi voltando a si, e pelo mesmo teor a duquesa e todos os que pelo jardim estavam caídos, com tais mostras de admiração e espanto que quase se podia entender haver-lhes acontecido deveras o que tão bem sabiam fingir por burla. Leu o duque o cartel com os olhos meio cerrados e logo, de braços abertos, foi abraçar Dom Quixote, dizendo-lhe ser o melhor cavaleiro já visto em qualquer século. Sancho andava à procura da Dolorida, para ver que rosto possuía sem as barbas e se era tão formosa sem elas como o prometia sua galharda compleição. Disseram-lhe, porém, que tão logo Clavilenho baixou a arder dos ares e caiu ao chão, todo o esquadrão das damas, com a Trifáldi, desaparecera, e já iam barbeadas e escanhoadas. Perguntou a duquesa a Sancho como se sentira naquela longa viagem. Respondeu ele:

— Eu, senhora, senti que íamos, segundo me disse meu amo, voando pela região do fogo e quis destapar um pouco os olhos, mas meu amo, a quem pedi licença para desvendar-me, não mo consentiu. Eu, porém, que tenho não sei que fiapos de curioso e de desejar saber o que se me estorva e impede, bonitamente e sem que ninguém o visse, por junto ao nariz, afastei um tantico o lencinho que me cobria os olhos e por ali olhei para a terra. Pareceu-me que toda ela não era maior do que um grão de mostarda e os homens que andavam sobre ela pouco maiores do que avelãs; veja-se, pois, quão alto devíamos estar então.

— Sancho amigo — disse a isto a duquesa —, olhai o que dizeis. Ao que parece, não vistes a terra, e sim os homens que andavam sobre ela. Claro está que, se a terra vos pareceu um grão de mostarda e cada homem uma avelã, bastaria um só homem para cobrir toda a terra.

— Esta é a verdade — respondeu Sancho. — Mas, apesar disso, descobri-a por um ladozinho e vi-a toda.

— Olhai, Sancho — observou a duquesa —, que por um lado não se vê a totalidade do que se olha.

— Não entendo dessas olhadas — replicou Sancho. — Sei apenas que será bom Vossa Senhoria compreender que, como voávamos por encantamento, poderia eu por encantamento ver toda a terra e todos os homens, fosse por onde fosse que os olhasse. Se vosmecê não me crê nisso, tampouco crerá que, descobrindo os olhos por junto das sobrancelhas, vi-me tão junto do céu que não havia de mim a ele palmo e meio. Por isso, posso jurar, senhora minha, que é um bocado grande! E sucedeu que íamos por uma parte onde estão as sete cabritas.[11] Por Deus e minha alma, como em menino fui cabreiro em minha terra, tão logo as vi, deu-me vontade de entreter-me com elas um pouco! Se não cumprisse esse desejo, creio que rebentaria. Então, pois, que faço? Sem dizer nada a ninguém, nem a meu amo tampouco, bonita e vagarosamente apeei-me de Clavilenho e me entretive com as cabritas, que são como uns goivos, como umas flores, quase três quartos de hora. E Clavilenho não se moveu de seu lugar nem passou adiante.

— E enquanto o bom Sancho se entretinha com as cabras — perguntou o duque —, em que se entretinha o senhor Dom Quixote?

A isso Dom Quixote respondeu:

— Como todas essas coisas e tais sucessos vão fora da ordem natural, não é muito que Sancho diga o que diz. De mim, sei dizer que não me desvendei por cima nem por baixo, nem vi o céu, nem a terra, nem o mar, nem as areias.

Em verdade, senti que passava pela região do ar, e mesmo que tocava na do fogo. Não posso crer, contudo, que dali passássemos, pois, estando a região do fogo entre o céu da Lua e a última região do ar, não poderíamos chegar ao céu, onde estão as sete cabritas de que fala Sancho, sem abrasar-nos. E, como não nos tostamos, ou Sancho mente, ou Sancho sonha.

— Não minto nem sonho — replicou Sancho. — Se não, perguntem-me os sinais das tais cabras, e verão por eles se digo ou não verdade.

— Dizei-os, pois, Sancho — atalhou a duquesa.

— Duas — tornou Sancho — são verdes, duas encarnadas, duas azuis e uma é mesclada.

— Nova espécie de cabras é essa — observou o duque. — Por esta nossa região do solo não se usam tais cores; quero dizer, cabras de tais cores.

— É muito claro — disse Sancho. — Sim, deve haver diferença entre as cabras do céu e as da terra.

— Dizei-me, Sancho — tornou o duque. — Vistes lá, entre essas cabras, algum bode?

— Não, senhor — respondeu Sancho. — Mas ouvi dizer que nenhum passava dos cornos da Lua.

Não quiseram perguntar-lhe mais a respeito de sua viagem, pois Sancho parecia ter ganas de passear por todos os céus e dar novas de quanto lá se passava, sem se haver movido do jardim.

Em conclusão, este foi o termo da aventura da Dama Dolorida, que deu motivo de riso aos duques, não só naquela ocasião, mas por toda a sua vida, e a Sancho que contar, por séculos, se os vivesse. E chegando-se Dom Quixote a Sancho, ao ouvido lhe disse:

— Se quereis, Sancho, ser crido no que haveis visto no céu, quero que me acrediteis no que vi na cova de Montesinos. E mais não digo.

# CAPÍTULO XLII

## *Dos conselhos que Dom Quixote deu a Sancho Pança, antes que fosse governar a ilha, com outras coisas bem consideradas*

Com o feliz e gracioso sucesso da aventura da Dolorida ficaram tão contentes os duques que decidiram continuar com as burlas, vendo a facilidade com que as faziam passar por verdadeiras. Assim, depois de haver dado traça e ordens a seus criados e vassalos sobre o modo de tratarem a Sancho no governo da ilha prometida, no dia seguinte ao do voo de Clavilenho disse o duque a Sancho que se preparasse e compusesse para ser governador. Já seus ilhéus o estavam esperando como às águas de maio. Sancho se prostrou humildemente e disse:

— Depois que desci do céu, e depois que de seu alto cume vi a terra e a vi tão pequena, moderou-se em mim, em parte, a vontade de ser governador, que tão grande tinha. Que grandeza, de fato, há em mandar num grão de mostarda? Que dignidade ou império existe em governar meia dúzia de homens do tamanho de avelãs, pois, ao que me pareceu, mais não havia em toda a terra? Se Vossa Senhoria fosse servido de dar-me um pedacito do céu, ainda que não fosse mais de meia légua, aceitá-lo-ia com maior gosto do que a ilha maior do mundo.

— Olhai, amigo Sancho — respondeu o duque —, eu não posso dar parte do céu a ninguém, ainda que não seja maior do que uma unha, pois só a Deus estão reservadas essas graças e mercês. O que vos posso dar, isso vos dou, e é uma ilha feita e direita, redonda e bem-proporcionada e sobremaneira fértil e abundante, onde, se souberdes agir com manha, podereis, com as riquezas da terra, granjear as do céu.

— Pois então — replicou Sancho — venha essa ilha. Lutarei por ser tal governador que, apesar dos velhacos, vá para o céu. E isto não é porque tenha cobiça de sair de minhas guaritas nem de elevar-me a alturas, mas pelo desejo, que tenho, de provar qual é o gosto de ser governador.

— Se uma vez o provardes, Sancho — observou o duque —, comer-vos-eis as mãos atrás do governo, por ser dulcíssima coisa mandar e ser obedecido. Certamente, quando vosso amo chegar a ser imperador (pois há de ser, sem dúvida, segundo vão encaminhadas as coisas), não deixará que lhe arranquem o império de qualquer modo e doer-lhe-á no íntimo da alma o tempo que houver deixado de o ter.

— Senhor — ponderou Sancho —, imagino que é bom mandar, ainda que seja a um lote de gado.

— De pleno acordo, Sancho — respondeu o duque. — Sabeis de tudo e espero que sereis um governador tal como vosso juízo promete. Fiquemos por aqui e lembrai-vos de que amanhã, sem falta, devereis ir para o governo da ilha. Esta tarde arranjar-vos-ão o traje conveniente que deveis usar e todas as coisas necessárias à vossa partida.

— Vistam-me como quiserem — tornou Sancho. — De qualquer maneira que eu estiver vestido, serei Sancho Pança.

— Isso é verdade — concordou o duque. — Os trajes, porém, têm de se acomodar com o ofício ou dignidade que se professa. Não ficaria bem que um jurisperito se vestisse como um soldado, nem um soldado como um sacerdote. Vós, Sancho, ireis vestido parte como letrado e parte como capitão, porque na ilha que vos dou, tanto são necessárias as armas quanto as letras e as letras quanto as armas.

— Letras — comentou Sancho — poucas tenho, pois ainda não sei o á-bê-cê. Basta-me, porém, ter o “Christus”[1] na memória para ser bom governador. Das armas, manejarei as que me derem, até cair, e seja o que Deus quiser.

— Com tão boa memória — disse o duque —, não poderá Sancho errar em nada.

Nisto, chegou Dom Quixote e, sabendo do que se passava e da celeridade com que havia Sancho de partir para seu governo, com licença do duque tomou-o pela mão e foi-se com ele para seu quarto, a fim de aconselhá-lo sobre o modo de proceder em seu ofício. Entrados, pois, no aposento, cerrou Dom Quixote a porta às costas, fez quase à força com que Sancho se sentasse junto a ele e, com descansada voz, lhe disse:

— Infinitas graças dou ao céu, Sancho amigo, de que, antes e primeiro que eu haja encontrado alguma boa ventura, a ti coubesse receber e encontrar a boa sorte. Eu, que ao meu bom destino confiara o pagamento de teus serviços, vejo-me em princípios apenas de obter vantagens, e tu, antes do tempo, contra a lei do razoável discurso, vês-te premiado em teus desejos. Outros subornam, importunam, solicitam, madrugam, rogam, porfiam e não alcançam o que pretendem. E chega quem, sem saber como sim ou como não, logo se acha com o cargo e o ofício que muitos outros pretenderam. Aqui entra e encaixa-se bem o dito de que há boa e má fortuna nas pretensões. Tu, que, para mim, sem dúvida alguma, és um rústico, sem madrugar nem tresnoitar, sem fazer diligência alguma, somente com o hálito, que te tocou, da cavalaria andante, sem mais nem menos vês-te governador de uma ilha, como quem não diz nada. Tudo isto digo, ó Sancho, para que não atribuas a teus merecimentos a mercê recebida, mas para dares graças ao céu, que dispõe suavemente as coisas, e depois à grandeza que a profissão da cavalaria andante em si encerra. Assim, de coração disposto a crer no que te disse, fica atento, ó filho, a este teu Catão,[2] que quer aconselhar-te e ser norte e guia que te encaminhe e conduza a seguro porto, por este mar proceloso em que te vais engolfar. Sabe, os ofícios e grandes cargos não são senão um golfo profundo de confusões. Em primeiro lugar, ó filho, deves temer a Deus, pois no temor de Deus está a sabedoria,[3] e sendo sábio, em nada poderás errar. Em segundo lugar, deves pôr os olhos em quem és, procurando conhecer-te a ti mesmo,[4] que é o mais difícil conhecimento que se pode imaginar. Conhecendo-te, não te incharás, como a rã que quis igualar-se ao boi.[5] Se isto fizeres, virá a ser feios pés da roda de tua loucura[6] a consideração de haveres guardado porcos em tua terra.

— Isso é verdade — respondeu Sancho. — Mas foi quando eu era menino. Depois, já rapazinho, gansos foram os que guardei, e não porcos. Parece-me, porém, que isto não vem ao caso, pois nem todos os que governam são de casta de reis.

— Tens razão — prosseguiu Dom Quixote. — Por isso mesmo, os que não têm origens nobres devem acompanhar a gravidade do cargo que exercitam com uma branda suavidade, que, guiada pela prudência, os livre da murmuração maliciosa da qual nenhum estado escapa. Fala gala, Sancho, da humildade de tua linhagem e não te pejes de dizer que provéns de lavradores, pois, vendo que te não envergonhas, ninguém se porá a envergonhar-te. Preza mais ser humilde virtuoso que pecador soberbo. Inumeráveis são aqueles que, de baixa estirpe nascidos, subiram à suma dignidade pontifícia e imperatória, e desta verdade poderia trazer-te tantos exemplos que te cansariam. Olha, Sancho: se tomas por meio à virtude e te empenhas em praticar atos virtuosos, não há para que ter inveja aos nascidos príncipes e senhores; porque o sangue se herda e a virtude se adquire. E vale por si só a virtude o que não vale o sangue. Sendo isto assim, como é, se acaso for ver-te, quando estiveres em tua ilha, algum de teus parentes, não o desprezes nem afrontes. Antes, deves acolhê-lo, agasalhá-lo e regalá-lo. Com isto satisfarás ao céu, que gosta de que ninguém despreze o que ele fez, e corresponderás ao que deve à bem-concertada natureza. Se trouxeres contigo tua mulher (pois não fica bem aos que estão no governo passar muito tempo sem as próprias), ensina-lhe, doutrina-a e desbasta-a de sua natural rudeza, pois tudo quanto costuma adquirir um govenador discreto sói perdê-lo e derramá-lo a mulher rústica e tola. Se acaso enviuvares (coisa que pode suceder) e com o cargo melhorares de consorte, não a tomes tal que te sirva de anzol e de cana de pescar e do “não quero, não quero, mas deita-mo no chapéu”.[7] Porque em verdade te digo que de tudo aquilo que a mulher do juiz receber há de dar conta o marido na residência universal,[8] onde pagará com o quádruplo, na morte, as partidas de que não se houver feito cargo em vida. Nunca te guies pela lei do arbítrio, que sói ter muito cabimento com os ignorantes presumidos de agudos. Achem em ti mais compaixão as lágrimas do pobre, porém não mais justiça, que as informações do rico. Procura descobrir a verdade por entre as promessas e dádivas do rico, como por entre os soluços e importunidades do pobre. Quando puder e dever ter lugar a equidade, não descarregues todo o rigor da lei sobre o delinquente, pois não é melhor a fama do juiz rigoroso que a do compassivo. Se acaso dobrares a vara da justiça, não seja com o peso da dádiva, mas com o da misericórdia. Quando te suceder julga algum pleito de algum teu inimigo, afasta a mente de tua ofensa e põe-na na verdade do caso. Não te cegue a paixão própria em causa alheia. Os erros que fizeres nela serão na mor parte das vezes sem remédio, e, se remédio tiverem, será à custa de teu crédito e mesmo de tua fazenda. Se alguma mulher formosa vier a pedir-te justiça, tira os olhos de suas lágrimas e os ouvidos de seus gemidos e considera demoradamente a substância do que pede, se não queres que se aniquile tua razão em seu pranto e tua bondade em seus suspiros. Ao que castigares com obras não trates mal com palavras, pois basta ao desditoso a pena do suplício, sem o acréscimo das más razões. Ao culpado que cair sob tua jurisdição, considera-o homem miserável, sujeito às condições da depravada natureza nossa. Em tudo quanto te couber, sem fazer agravo à parte contrária, mostra-te piedoso para com ele, e clemente. Porque, embora sejam todos iguais os atributos de Deus, mais resplandece e campeia, a nosso ver, o da misericórdia que o da justiça. Se estes preceitos e estas regras seguires, Sancho, serão longos teus dias, tua fama será eterna, teus prêmios acumulados, tua felicidade indizível. Casarás teus filhos como quiseres, títulos terão eles e seus netos, viverás em paz e no beneplácito das gentes e, nos últimos passos da vida, os da morte te alcançarão em velhice suave e madura e fecharão teus olhos as ternas e delicadas mãos de teus trinetos. Isto que até aqui te disse são documentos que hão de adornar-te a alma. Escuta agora os que hão de servir para adorno do corpo.

# CAPÍTULO XLIII

## *Dos segundos conselhos que deu Dom Quixote a Sancho Pança*

Quem tivesse ouvido o passado discurso de Dom Quixote não o teria por pessoa muito ajuizada e melhor intencionada? De fato, como muitas vezes no progresso desta grande história fica dito, somente disparatava quando lhe tocavam na cavalaria. Nas demais práticas mostrava ter claro e desembaraçado entendimento, de maneira que a cada passo suas obras desacreditavam a seu juízo, e seu juízo a suas obras. Nestes segundos documentos que deu a Sancho, porém, demonstrou ter grande donaire e pôs sua discrição e sua loucura em elevado ponto. Escutava-o Sancho atentissimamente, procurando conservar na memória seus conselhos, como quem pensava guardá-los e sair por eles a bom parto da prenhez de seu governo. Prosseguiu, pois, Dom Quixote dizendo:

— No que tange a como deves governar teu corpo e tua casa, Sancho, o que primeiro te recomendo é seres limpo e cortares as unhas, sem deixá-las crescer, como fazem alguns a quem a ignorância deu a entender que as unhas grandes aformoseiam as mãos;[1] como se aquele excremento e acréscimo que se deixa de cortar fosse unha e não, antes, garra de abutre, porco e extraordinário abuso! “Não andes, Sancho, sem cinto e desapertado. A vestimenta descomposta dá indícios de ânimo desmazelado, quando a descompostura e o descingimento não têm motivo na socarronice, como se julgou de Júlio César.[2] Toma com discrição o pulso ao que teu ofício pode render e, se bastar para dares libré a teus criados, deve dá-la honesta e proveitosa, antes que vistosa e bizarra. Reparte as librés entre teus criados e os pobres; quero dizer, se tiveres de vestir a seis pajens, veste a três e a outros três pobres. Assim terás pajens para a terra e para o céu, e este novo modo de dar librés não o alcançam os vangloriosos. Não comas alhos nem cebolas, para que pelo hálito não se te conheça o vilão.[3] Anda devagar; fala com descanso, mas não de modo a parecer que escutas a ti mesmo, pois toda a afetação é má. Come pouco e ceia menos; a saúde do corpo se forja na oficina do estômago. Sê temperante no beber, considerando que o vinho demasiado não guarda segredos nem cumpre palavra. Toma tento, Sancho, de não mastigar a dois carrilhos,[4] nem de eructar diante de ninguém.

— Isso de *eructar* não entendo — comentou Sancho.

— *Eructar*, Sancho — explicou Dom Quixote —, quer dizer *arrotar*. Este é um dos mais torpes vocábulos que tem a nossa língua, embora seja muito significativo. Assim, a gente cuidadosa se valeu do latim e em vez de *arrotar* diz *eructar*, pondo em lugar de *arrotos*, *eructações*. E ainda que alguns não entendam estes termos, pouco importa. O uso os irá introduzindo com o tempo, para que se entendam com facilidade. Isto é enriquecer a língua, sobre a qual têm poder o vulgo e o uso.

— Em verdade, senhor — disse Sancho —, um dos conselhos e avisos que penso guardar na memória será o de não arrotar, porque costumo fazê-lo com muita frequência.

— *Eructar*, Sancho, e não *arrotar* — corrigiu Dom Quixote.

— Direi eructar de agora por diante — respondeu Sancho. — E por minha fé que não me esqueça.

— Também, Sancho, não deves misturar em tuas práticas a multidão de provérbios com que te acostumaste. Posto que sejam os provérbios sentenças breves, muitas vezes os trazes tão pelos cabelos que mais parecem disparates que sentenças.

— Isso só Deus pode remediar — observou Sancho. — Sei mais provérbios que um livro e vêm-me tantos juntos à boca, quando falo, que brigam por sair, uns com os outros. E a língua vai arrojando os primeiros que encontra, embora não venham a calhar. Tomarei cuidado, porém, daqui por diante, de dizer os que convenham à gravidade de meu cargo, pois em casa cheia logo se guisa a ceia, e quem corta não embaralha, e bem a salvo fica quem o alarme repica, e, para dar e ter, juízo é mister.

— Isto, Sancho! — exclamou Dom Quixote. — Encaixa, ensarta, enfia provérbios, que ninguém te vai à mão! Minha mãe a castigar-me e eu a fazer artes! Estou a dizer-te que evites brocardos e num instante lançaste aqui uma ladainha deles, que tanto quadram com que o vamos tratando como com os montes de Úbeda. Olha, Sancho: não te digo que pareça mal um provérbio trazido a propósito; mas descarregar e enfileirar rifões a trouxe-mouxe, isso torna a conversação desmaiada e baixa. Quando montares a cavalo, não vás deitando o corpo sobre o arção traseiro nem leves as pernas tesas, estiradas e desviadas da barriga do cavalo; nem igualmente vás tão frouxo assim que pareça que montas o ruço. O andar a cavalo, a uns faz cavaleiros; a outros, cavalariços. Seja moderado teu sono. Quem não madruga com o sol não goza o dia. Lembra-te, ó bom Sancho, de que a diligência é mãe da boa ventura, e a preguiça, sua adversária, jamais chegou ao fim pedido pelo bom desejo. Este último conselho que agora te quero dar, posto que não sirva para adorno do corpo, recomendo-te que o guardes bem na memória. Creio não te será de proveito menor do que aqueles que até aqui te hei dado. E que jamais te ponhas a disputar sobre linhagens, pelo menos comparando-as entre si, pois, por força, entre os que se comparam, um há de ser o melhor: pelo que abateres serás aborrecido e de modo algum premiado pelo que elevares. Tuas vestes serão calça inteiriça, gibão largo, manto um pouco mais largo; bragas, nem por pensamento, que não ficam bem nos cavaleiros nem nos governadores. Por agora, Sancho, isto foi o que me ocorreu para aconselhar-te. Com o andar do tempo e conforme as ocasiões, terás mais documentos meus, desde que tenhas o cuidado de avisar-me do estado em que te encontrares.

— Senhor — respondeu Sancho —, bem vejo que tudo quanto vosmecê me disse são coisas boas, santas e proveitosas. De que, porém, me vão servir, se de nenhuma me lembro? Em verdade, aquilo de não deixar crescer as unhas e de casar-me outra vez, se me houver oportunidade, não me sairá da cachola. Desses outros badulaques, enredos e confusões, porém, não me lembro nem me lembrarei mais deles que das nuvens de antanho. Assim, será mister que mos dê por escrito, pois, embora eu não saiba ler nem escrever, dá-los-ei a meu confessor para que mos encaixe e recorde, quando for preciso.

— Ai de mim, pecador! — exclamou Dom Quixote. — Como fica mal aos governadores não saberem ler nem escrever! Deves saber, ó Sancho, que não saber um homem ler, ou ser canhestro, uma de duas coisas indica: ou foi filho de pais demasiado humildes e baixos, ou foi tão travesso e mau que não puderam penetrar nele os bons costumes nem a boa doutrina. Grande falta é a tua, e, assim, gostaria de que pelo menos aprendesses a assinar.

— Bem sei assinar meu nome — observou Sancho. — Quando fui preboste em minha terra, aprendi a fazer umas letras como de marcar fardo, que me disseram ser as de meu nome. Além disso, fingirei que tenho a mão direita tolhida e farei que outro assine por mim. Para tudo há remédio, a não ser a morte. Tendo eu a mão e o bordão farei o que quiser. Tanto mais que quem tem pai alcaide... e sendo eu governador, sou mais do que alcaide. Se não experimentem e verão! Desprezem-me e caluniem-me, pois virão buscar lã e voltarão tosquiados. A quem Deus quer bem, conhece-lhe a casa. As tolices do rico passam no mundo por sentenças, e, sendo rico eu, sendo governador e ao mesmo tempo liberal, como penso ser, não haverá falta que em mim apareça. Não, com mel é que se apanham moscas. Vale quem tem, dizia minha avó, e do homem abastado não te verás vingado.

— Oh! Maldiga-te Deus, Sancho! — exclamou neste ponto Dom Quixote. — Sessenta mil satanases te levem, a ti e a teus provérbios! Uma hora há que os estás a enfiar e a dar-me com cada um tragos de tormentos.[5] Asseguro-te que esses rifões hão de levar-te à forca. Por eles hão de tirar-te o governo teus vassalos, ou haverá entre eles motins. Dize-me, ignorante: como os encontras, ou como os aplicas, mentecapto, pois eu, para dizer um e aplicá-lo bem, suo e trabalho como se escavasse?

— Por Deus, senhor nosso amo! — ponderou Sancho. — Queixa-se vosmecê de bem pouca coisa! Por que diabos se apoquenta com o servir-me eu de minha fazenda? Nenhuma outra tenho, nem outro cabedal algum, senão rifões e mais rifões. E agora ia a dizer quatro que calhavam aqui como luvas, ou como peras em cesto, mas não os direi, pois ao bom calar chamam Sancho.

— Esse Sancho não és tu — replicou Dom Quixote —, porque não só não és bom calar, como és mau falar e mau porfiar. Apesar disso, gostaria de saber que quatro brocardos te corriam agora à memória e que tanto vinham a calhar, pois ando percorrendo a minha, que é boa, e nenhum se me oferece.

— Que melhores do que "entre o pistilo e o almofariz não enfies o nariz"? E não há que responder a "ide vos de minha casa" ou "que quereis com minha mulher?" Ou "se o cântaro dá na pedra, ou a pedra no cântaro, sempre é pior para o cântaro"? Não vêm todos eles a pelo? Que ninguém se oponha a seu governador, ou a quem deve obedecer, porque sairá machucado, como quem põe o nariz entre o pistilo e o almofariz, ainda sejam de pau. E não há que responder ao que o governador disser, como não se replica a quem diz "ide vos de minha casa", ou "que quereis com minha mulher?". Quanto ao da pedra no cântaro, até um cego o vê. Assim, é mister que quem vê o argueiro nos olhos dos outros veja a trave no seu,[6] para que não se diga dele: riu-se o roto do esfarrapado. E vosmecê bem conhece que mais sabe o néscio em sua casa que o ajuizado em casa alheia.

— Isso não, Sancho — respondeu Dom Quixote —, pois o néscio de nada sabe, nem em sua casa nem na alheia; nenhum discreto edifício se assenta sobre o cimento da nescidade. Mas fiquemos por aqui, Sancho. Se governares mal, tua será a culpa e minha a vergonha. Consolo-me, porém, por haver feito o que devia, aconselhando-te com a verdade e a discrição que me são possíveis. Guie-te Deus, Sancho, e governe-te em teu governo, e a mim me tire do escrúpulo, que me permanece, de que dês com a ilha de pernas para o ar, coisa que eu poderia evitar revelando ao duque quem tu és e dizendo-lhe que toda essa gordura e esse corpinho teus nada mais são que uma sacola cheia de rifões e malícias.

— Senhor — replicou Sancho —, se vosmecê julga que não estou em condições para esse governo, aqui mesmo o abandono. Antes quero um só fiapo da unha de minha alma do que todo o meu corpo. Tanto me sustentarei sendo Sancho, a seco e com pão e cebola, como sendo governador, com perdizes e capões. Ainda mais: enquanto se dorme, são todos iguais, grandes e pequenos, pobres e ricos. Se vosmecê atentar bem, verá que foi apenas sua a ideia de que eu vá governar, pois tanto sei de governos de ilhas como um corvo. Se vosmecê imagina que por ser governador me há de carregar o diabo, antes prefiro ir como Sancho para o céu que como governador para o inferno.

— Por Deus, Sancho! — exclamou Dom Quixote. — Só por estas últimas razões que disseste julgo mereceres ser governador de mil ilhas. Tens dom natural, sem o qual ciência não há que valha. Recomenda-te a Deus e procura não errar na primeira intenção. Quero dizer que tenhas sempre o intento e o firme propósito de acertar, porque o céu sempre favorece os bons desejos. E vamo-nos a comer, pois creio que aqueles senhores já nos aguardam.

# CAPÍTULO XLIV

## *De como Sancho Pança foi levado ao governo e da estranha aventura que sucedeu no castelo a Dom Quixote*

Dizem ler-se no próprio original desta história que, chegando a escrever Cide Hamete este capítulo, não o traduziu seu intérprete como o havia ele escrito, porque consistia em queixas do mouro contra si mesmo, por haver tomado nas mãos uma história tão seca dele e de Sancho, sem ousar estender-se a outras digressões e episódios mais graves e de maior entretenimento. Dizia, assim, que andar com o espírito, a mão e a pena jungidos a escrever de um só assunto, falando pelas bocas de poucos personagens, era trabalho insuportável, cujo fruto não redundava em proveito do autor. Para fugir desse inconveniente, havia usado, na primeira parte, do artifício de algumas novelas, como a do *Curioso impertinente* e a do *Capitão cativo*, que são como que independentes da história, pois as demais que nela se narram são casos sucedidos ao próprio Dom Quixote, que se não podiam deixar de narrar. Também pensou, como diz, que muitos, com a atenção requerida pelas façanhas de Dom Quixote, não a dariam às novelas e passariam por elas com pressa, ou com enfado, sem notar a gala e o artifício que continham e por si sós mostrariam por inteiro, se viessem à luz sozinhas, sem apoiar-se nas loucuras de Dom Quixote e nas sandices de Sancho. Assim, nesta segunda parte, não quis introduzir novelas, soltas ou pregadiças, mas apenas alguns episódios nascidos dos próprios acontecimentos que a verdade oferece, e mesmo estes limitadamente e com as palavras de todo necessárias para narrá-los. E, como se contém e encerra nos estreitos limites da narrativa, tendo embora habilidade, suficiência e talento para tratar do universo inteiro, pede não se despreze seu trabalho e louvores lhe sejam dados, não pelo que escreve, mas pelo que deixou de escrever.

Prossegue a seguir a história dizendo que Dom Quixote, ao acabar de comer, no dia em que dera aqueles conselhos a Sancho, tornou a dá-los à tarde por escrito, para que ele procurasse quem lhos lesse. Mal, porém, os havia dado, caíram ao chão e foram ter às mãos do duque, que os mostrou à duquesa. Voltaram ambos a admirar-se da loucura e do engenho de Dom Quixote, e assim, levando avante suas burlas, naquela tarde enviaram Sancho, com grande séquito, ao lugar que para ele devia ser uma ilha. Aconteceu que quem o conduzia ao cargo era um mordomo do duque, mui discreto e gracioso, o qual havia representado o papel da condessa Trifáldi, com o donaire já referido. Por isto, e por estar munido de instruções de seus senhores sobre o modo de haver-se com Sancho, saiu-se maravilhosamente da incumbência. Digo, pois, aconteceu que Sancho, tão logo viu o tal mordomo, imaginou ver-lhe no rosto o mesmo da Trifáldi e, voltando-se para seu amo, observou-lhe:

— Senhor, ou me há de levar o diabo daqui onde estou, neste mesmo instante, ou vosmecê há de confessar que o rosto deste mordomo do duque, que ali está, é o mesmo da Dolorida.

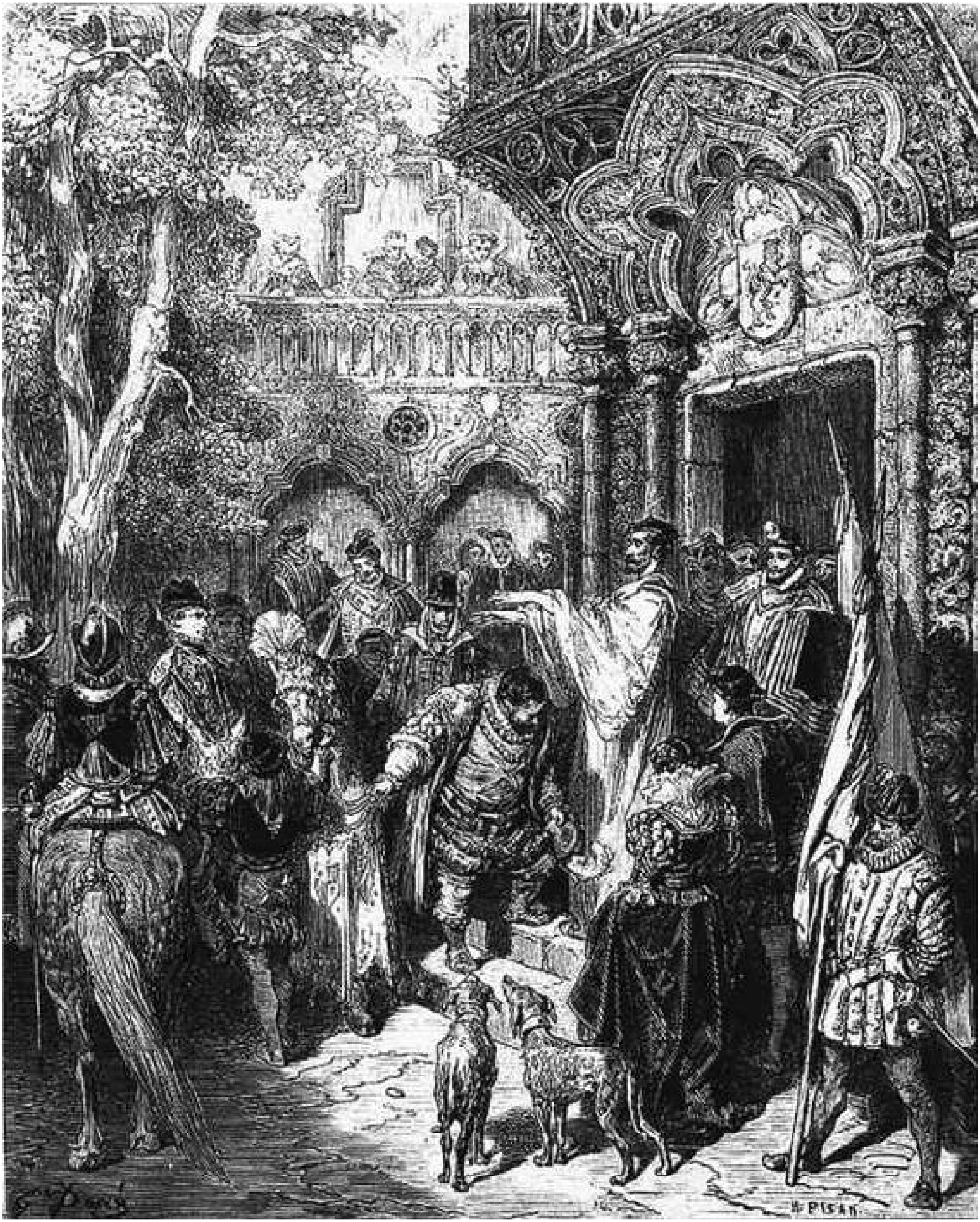
Dom Quixote fitou atentamente o mordomo e, tendo-o contemplado, disse a Sancho:

— Não há motivos para que te leve o diabo, agora ou mais tarde. O rosto da Dolorida é o do mordomo, mas nem por isso o mordomo é a Dolorida. Se o fosse, teríamos contradição enorme e agora não há tempo para fazer estas averiguações, pois teríamos de entrar em intrincados labirintos. Crê-me, amigo, que é mister rogar a Nosso Senhor, do íntimo da alma, para que nos livre dos maus feiticeiros e dos maus encantadores.

— Não é burla, senhor — replicou Sancho. — Ouvi-o falar há pouco e só me pareceu soar-me aos ouvidos a voz da Trifáldi. Por enquanto, porém, calarei; mas não deixarei de andar precavido daqui por diante, para ver se descubro outro sinal que confirme ou desfaça esta suspeita.

— Assim deves fazer, Sancho — disse Dom Quixote. — Dar-me-ás aviso de tudo o que neste caso descobrires e de tudo aquilo que no governo te ocorrer.

Saiu, por fim, Sancho, acompanhado de muita gente, vestido à moda dos letrados e tendo por cima um gabão muito largo, de chamalote de ondas, fulvo, com um gorro do mesmo tecido. Montava um macho arreado à gineta. Atrás dele, por ordem do duque, ia o ruço, com jaezes e ornamentos jumentais, flamantes e de seda. Voltava Sancho a cabeça de vez em quando para fitar seu asno, cuja companhia lhe dava tanto prazer que não a trocaria pela do imperador da Alemanha. Ao despedir-se dos duques, beijou-lhes as mãos e tomou a bênção a seu amo, que lha deu com lágrimas, retribuindo-as Sancho com caretas de choro.


G. Doré
H. PISAN

Deixa, leitor amigo, que vá em paz e em boa hora o bom Sancho, e espera as duas fangas de riso que te dará como se comportou em seu cargo. Entretanto, cuida de saber o que se passou com seu amo naquela noite; se com isso não rires, despregarás pelo menos os lábios num sorriso, pois os feitos de Dom Quixote se devem celebrar com riso ou com admiração. Conta-se, pois, que apenas Sancho partiu, sentiu Dom Quixote sua solidão. Se lhe fosse possível, ter-lhe-ia revogado a comissão e tirado o governo. Compreendeu-lhe a duquesa a melancolia e perguntou-lhe por que razão estava triste; se era pela ausência de Sancho, escudeiros, damas e donzelas havia em sua casa que o serviriam com plena satisfação de seu desejo.

— É verdade, senhora minha — explicou Dom Quixote —, que sinto a ausência de Sancho. Essa não é, contudo, a causa principal que me faz parecer triste. Dos muitos oferecimentos que me faz Vossa Excelência, somente aceito e escolho o da boa vontade com que me são feitos. No mais, suplico a Vossa Excelência que, dentro de meu aposento, consinta e permita ser eu próprio o meu servidor.

— Em verdade — tornou a duquesa — não há de ser assim, senhor Dom Quixote. Irão servi-lo quatro de minhas donzelas, formosas como umas flores.

— Para mim — respondeu Dom Quixote — não serão flores, mas espinhos que me pungem a alma. Tanto entrarão em meu aposento, ou farão coisas semelhantes, como posso eu voar. Se Vossa Grandeza quer levar avante as mercês que me faz, sem que eu as mereça, deixe que eu as faça a mim mesmo e me sirva de portas adentro. Deixe-me pôr uma muralha entre meus desejos e minha honestidade, pois não quero perder este hábito em face da liberalidade de Vossa Alteza para comigo. Em suma, antes dormirei vestido do que consentirei que alguém me dispa.

— Não diga mais, senhor Dom Quixote! — atalhou a duquesa. — Por mim, digo que darei ordem para que nem mosca entre no seu aposento, quanto mais uma donzela. Não será por mim que se há de amarfanhar a decência do senhor Dom Quixote, pois, segundo se me transluz, a que mais campeia entre suas muitas virtudes é a da honestidade. Dispa-se Vossa Mercê e vista-se sozinho e a seu modo, como e quando quiser, pois não haverá quem o impeça. Dentro de seu quarto encontrará os vossos necessários à precisão de quem dorme de porta cerrada, para que não o obrigue a abri-la qualquer necessidade natural. Viva mil séculos a grande Dulcineia del Toboso e seja seu nome divulgado por todo o círculo da terra, pois mereceu o amor de cavaleiro tão valente e honesto. Infundam os céus benignos no coração de nosso governador Sancho Pança o desejo de acabar rapidamente com suas disciplinas, para que o mundo volte a gozar da beleza de tão elevada senhora.

A isso disse Dom Quixote:

— Falou Vossa Alteza como quem é, pois na boca das boas senhoras não há de haver palavra que seja má. Mais venturosa e mais conhecida será no mundo Dulcineia por havê-la louvado Vossa Grandeza do que por todos os louvores que lhe possam fazer os mais eloquentes da terra.

— Ora bem, senhor Dom Quixote — replicou a duquesa —, aproxima-se a hora de cear e o duque deve estar à espera. Venha Vossa Mercê, ceemos e deitar-se-á cedo, pois a viagem que ontem fez a Candaia não foi tão curta que não o haja moído um pouco.

— Moído não me sinto, senhora — respondeu Dom Quixote. — Ousarei jurar a Vossa Excelência que nunca em minha vida montei animal mais sereno e de melhor passo do que Clavilenho. Não sei que pôde levar Malambruno a desfazer-se de tão ligeira e gentil cavalgadura, incendiando-a assim, sem mais nem menos.

— Pode-se imaginar — ponderou a duquesa — que, arrependido do mal que havia feito à Trifáldi e seu séquito, e a outras pessoas, bem como das maldades que como feiticeiro e encantador deve ter cometido, quis dar fim a todos os instrumentos de seu ofício e, como o principal deles fosse Clavilenho, que o trazia desassossegado, a vagar de terra em terra, incendiou-o. Com suas abrasadas cinzas e com o troféu do cartel, permanece eterno o valor do grande Dom Quixote de la Mancha.

De novo deu Dom Quixote repetidas graças à duquesa. Após cear, retirou-se sozinho para seu aposento, sem permitir que ninguém entrasse para o servir, tanto temia encontrar ocasiões que o comovessem ou forçassem a perder o honesto decoro que guardava a sua senhora Dulcineia, de imaginação sempre posta na bondade de Amadis, flor e espelho dos cavaleiros andantes. Fechou às costas a porta e, à luz de duas velas, despiu-se. Ao descalçar-se (ó desgraça, indigna de tal pessoa!) soltaram-se, não suspiros, nem outra coisa, que desacreditassem a limpeza de sua urbanidade, mas cerca de duas dúzias de pontos de uma das meias, que ficou parecendo gelosia. Afligiu-se extremamente o bom senhor e daria, para ter ali um novelo de seda verde, uma onça de prata; digo seda verde porque verdes eram as meias.

Neste ponto, exclamou Benengeli: "Ó pobreza, pobreza! Não sei por que razão foi levado aquele grande poeta cordovês a chamar-te

*Dádiva santa mal-agradecida!*"[1]

Eu, embora mouro, bem sei, pelas relações que tive com cristãos, que a santidade consiste na humildade, na fé, na caridade, na obediência e na pobreza. Apesar disso, porém, digo que muito há de ter de Deus quem chegar a contentar-se com ser pobre, se não se tratar daquela espécie de pobreza de que fala um dos maiores santos cristãos: "Tende todas as coisas como se as não tivésseis:[2] a isto chamam pobreza de espírito. Tu, porém, segunda pobreza (desta é que falo), por que antes queres atacar os fidalgos e bem-nascidos do que o resto das gentes? Por que os obriga a esfumaçar os sapatos[3] e a que os botões de suas camisas sejam uns de seda, outros de chifre e outros de vidro? Por que seus colarinhos, na maior parte, deverão ser sempre amarfanhados e nunca bem engomados?" Por isto se vê quanto é antigo o uso do amido e dos colarinhos engomados. E prossegue Benengeli dizendo: "Miserável do bem-nascido, que vai sustentando a caldos sua honra: come mal e de portas fechadas, tornando hipócrita o palito de dentes com que sai à rua, depois de não haver comido coisa que o obrigue a limpá-los!

Miserável daquele, digo, que tem a honra assustadiça e pensa que a uma légua de distância se descobre o remendo de seu sapato, o sebáceo de seu chapéu, o fio de seu manto e a fome de seu estômago!”

Tudo isto recordou Dom Quixote, ao soltarem-se-lhe os pontos das meias. Consolou-se, porém, por ver que Sancho lhe havia deixado umas botas de viagem, a pensou calçar no dia seguinte. Por fim, recostou-se pensativo e pesaroso, tanto pela falta que lhe fazia Sancho como pela irreparável desgraça de suas meias, a que remendaria mesmo com seda de outra cor, um dos maiores sinais de miséria que um fidalgo pode dar, no decurso de suas prolixas aperturas. Apagou as velas. Fazia calor e não pôde dormir. Levantou-se do leito e abriu um pouco a bandeira de uma janela que dava para formoso jardim. Ao abri-la, sentiu e ouviu que no jardim andava e falava gente. Pôs-se a escutar com atenção. A voz dos que se achavam lá embaixo ergueu-se tanto que pôde ouvir estas razões:

— Não insistas comigo, ó Emerência, para que cante, pois bem sabes que desde o instante em que este forasteiro entrou no castelo e meus olhos o fitaram não sei cantar, mas chorar. Além disso, o sono de minha ama é antes leve que pesado, e eu não gostaria de que nos encontrasse aqui, por todos os tesouros do mundo. E mesmo que dormisse e não despertasse, em vão seria meu canto, se dorme e não desperta para ouvi-lo este novo Eneias, que a minhas terras chegou para deixar-me escarnecida.

— Não te importes com isso, amiga Altisidora — foi a resposta. — Sem dúvida, já dormem a duquesa e quantos estão nesta casa, a não ser o senhor de teu coração e o despertador de tua alma, pois agora ouvi que abria a bandeira da janela de seu quarto e sem dúvida deve estar acordado. Canta, minha pobre amiga, em tom baixo e suave, ao som de tua harpa. Se nos descobrir a duquesa, poremos a culpa ao calor que está fazendo.

— Não é disso que se trata, ó Emerência! — exclamou Altisidora. — Apenas eu não quereria que meu canto revelasse o que há no meu coração e fosse eu julgada, pelo menos ignoram as forças poderosas do amor, como donzela caprichosa e leviana. Seja, porém, como for: mais vale vergonha no rosto que mancha no coração.

Nisto, começou a tocar uma harpa suavissimamente. Ouvindo-a, ficou pasmado Dom Quixote, porque naquele instante lhe vieram à memória as infinitas aventuras, semelhantes àquela, de janelas, balcões, jardins, músicas, requebros e desvanecimentos, que em seus desvairados livros de cavalaria lera. Logo imaginou que se enamorara dele alguma das donzelas da duquesa e que a honestidade a forçasse a manter em segredo sua paixão. Temeu sucumbir e propôs-se em pensamento a se não deixar vencer. Encomendando-se com todo o ânimo e disposição a Dulcineia del Toboso, decidiu escutar a música e, para dar a entender que ali estava, soltou fingido espirro. Com isso não se alegraram pouco as donzelas, pois apenas desejavam que as ouvisse Dom Quixote. Dedilhada, pois, e afinada a harpa, deu início Altisidora a este romance:

*Ó tu, que estás em teu leito*
*sob rico e fino lençol,*
*dormindo todo espichado*
*do pôr ao nascer do sol,*
*o mais audaz cavaleiro*
*que da Mancha ao mundo veio,*
*mais puro, honesto e bendito*
*que o ouro de árabe veio:*
*ouve uma triste donzela,*
*bem-criada e malograda,*
*que pelos sóis de teus olhos*
*sua alma sente abrasada!*
*Buscas tuas aventuras*
*e achas desditas alheias;*
*sabes produzir feridas,*
*porém não as remedeias.*
*Dize, valoroso jovem*
*a quem Deus faça feliz:*
*foste criado na Líbia*
*ou em rudes alcantis?*
*Deram-te o leite serpentes?*
*Foram tuas amas, por certo,*
*a aspereza das montanhas*
*o horror do bosque deserto?*
*Ah! bem pode Dulcineia,*
*virgem robusta e sadia,*
*gabar-se de haver vencido*
*a um tigre, fera bravia.*

*Por isso, será famosa*
*desde Jarama até Henares,*
*de Pisuerga até Arlanza*
*e do Tejo ao Manzanares.*
*Eu me trocara por ela*
*dando de quebra uma saia*
*ornada de franjas de ouro,*
*para mais vistosa e gaia.*
*Oh, se me visse em teus braços*
*para, com todo o desvelo,*
*matar, coçando-te o crânio,*
*a caspa de teu cabelo!*
*Muito peço e não sou digna*
*de tão excelsas mercês:*
*à minha humildade basta*
*que apenas os pés me dês!*
*Mil presentes te traria:*
*escarpinas de prata ornados,*
*coifas, calções de damasco,*
*cetins, veludos, brocados...*
*Quantas pérolas finíssimas*
*e cada qual mais gigante,*
*das que chamam* solitárias
*porque não têm semelhante!...*
*Não fites, dessa Tarpeia,*
*meu incêndio abrasador*
*nem, Nero manchego, o fogo*
*avives com teu rancor.*

*Menina sou, tenra virgem;*
*quinze anos não são os meus:*
*tenho catorze e três meses,*
*juro-te em nome de Deus.*
*Não sou manca, nem capenga,*
*mas ando com perfeição;*
*se estou de pé, meus cabelos,*
*quais lírios, tangem o chão.*
*De boca embora aquilina*
*e um tanto chato o nariz,*
*o topázio de meus dentes*
*quanto sou bela ao céu diz!*
*Minha voz, vês (se me escutas)*
*que não há mais doce ou pura!*
*E sou menor alguns palmos*
*do que as de média estatura.*
*Estas e outras graças minhas,*
*tuas são; toma-as agora!*
*Sou donzela desta casa*
*e chamam-me Altisidora.*

Aqui teve fim o canto da apaixonada Altisidora e começou o assombro do requestado Dom Quixote, o qual, dando um suspiro, disse para si mesmo:

“Terei de ser cavaleiro andante tão desditoso, que não possa haver donzela que me fite e de mim não se enamore? Terá de ser tão curta de ventura a sem-par Dulcineia, para não a deixarem gozar sozinha de minha incomparável firmeza? Que lhes quereis, rainhas? Por que a perseguis, imperatrizes? Para que a acossais, donzelas de catorze a quinze anos? Deixai, deixai que a pobre triunfe, regozije-se e ufane-se com a sorte, que o Amor lhe quis dar, de render-lhe meu coração e entregar-lhe minha alma! Olhai, caterva enamorada, que só para Dulcineia sou de massa e alfenim; para as demais sou de rocha. Para ela sou mel, para vós sou fel. A meu ver, só Dulcineia é formosa, discreta, honesta, galharda e bem-nascida; as demais são feias, néscias, levianas, da pior linhagem. Para ser eu dela, e não de qualquer outra, lançou-me a natureza ao mundo. Chore ou cante Altisidora, desespere-se a senhora por quem me desancaram no castelo do mouro encantado: tenho de pertencer a Dulcineia, cozido ou assado, limpo, bem-criado e honesto, apesar de todas as potestades feiticeiras da terra."

Dizendo-se isto, fechou de golpe a janela e, despeitado e pesaroso, como se lhe houvesse acontecido alguma grande desgraça, deitou-se no leito, onde por enquanto o deixaremos, porque nos está chamando o grande Sancho Pança, que quer dar início ao seu famoso governo.

# CAPÍTULO XLV

## *De como o grande Sancho Pança tomou posse de sua ilha e de como principiou a governá-la*

O perpétuo descobridor dos antípodas, facho do mundo, olho do céu, meneio doce das catimploras,[1] Tímbrio aqui, Febo ali, atirador cá, médico acolá, pai da Poesia, inventor da Música, tu, que sempre sais e, embora pareça o contrário, nunca te pões, a ti digo, ó sol, com cuja ajuda o homem engendra o homem,[2] digo-te que me favoreças, que ilumines a escuridão de meu engenho, para que eu possa discorrer pormenorizadamente na narrativa do governo do grande Sancho Pança! Pois, sem ti, sinto-me tíbio, desmantelado e confuso.

Chegou, pois, Sancho, com todo o seu séquito, a um lugar de cerca de mil habitantes, que era dos melhores que o duque possuía. Deram-lhe a entender que se chamava a ilha Baratária, ou porque o lugar se chamasse Baratario, ou pelo barato que lhe havia custado o governo. Ao chegar às portas da vila, que era cercada, saiu a câmara do povo a recebê-lo. Repicaram os sinos e todos os habitantes deram mostras de geral alegria, levando-o com muita pompa à igreja matriz, para dar graças a Deus. A seguir, com algumas ridículas cerimônias, entregaram-lhe a chave da aldeia, admitindo-o como governador perpétuo da ilha Baratária. O traje, as barbas, a gordura e a pequena estatura do novo governador traziam espantados quantos não conheciam o busílis da história, e mesmo todos os que o conheciam, e muitos eram. Finalmente, retirando-o da igreja e levando-o à cadeira de julgamentos, sentaram-no nela e disse o mordomo do duque:

— É costume antigo nesta ilha, senhor governador, que quem vem tomar posse deste famoso domínio está obrigado a responder a uma pergunta que lhe for feita, algo intrincada e difícil; pela resposta o povo toma o pulso ao engenho de seu novo governador e, assim, alegra-se ou entristece-se com sua vinda.

Enquanto o mordomo dizia isto a Sancho, olhava ele grandes e muitas letras que na parede fronteira à sua cadeira se achavam escritas. E, como não soubesse ler, perguntou que significavam aquelas pinturas na parede. Responderam-lhe:

— Senhor, ali está escrito e anotado o dia em que Vossa Senhoria tomou posse desta ilha. Diz o epitáfio:[3] "Hoje, tanto de tal mês e de tal ano, tomou posse desta ilha o senhor Dom Sancho Pança, que a goze por muitos anos."

— A quem chamam Dom Sancho Pança? — indagou Sancho.

— A Vossa Senhoria — explicou o mordomo. — Nesta ilha nunca entrou outro Pança a não ser o que está sentado nessa cadeira.

— Pois lembrai-vos, irmão — observou Sancho —, de que eu não tenho “Dom”, nem o houve em toda a minha linhagem. Sancho Pança me chamo, a seco; Sancho foi meu pai, Sancho meu avô, e todos Panças, sem acréscimos de “Dons” ou de “Donas”. Imagino que nesta ilha deve haver mais “Dons” que pedras. Basta, porém: Deus me entende e bem poderá ser que, se o governo me dura quatro dias, eu carde esses “Dons”, que, pela multidão, devem aborrecer como mosquitos. Passe adiante o senhor mordomo com sua pergunta. Responderei do melhor modo que souber, entristeça-se ou não se entristeça o povo.

Neste momento, entraram no tribunal dois homens, um vestido de lavrador e outro de alfaiate, porque trazia umas tesouras na mão. Disse o alfaiate:

— Senhor governador, eu e este homem, lavrador, vimos à presença de Vossa Mercê em razão do seguinte: este bom homem chegou à minha oficina ontem — pois eu, com perdão dos presentes, sou alfaiate examinado,[4] bendito seja Deus! — e, pondo-me um pedaço de pano nas mãos, perguntou-me: “Senhor, este pano é bastante para fazer-me uma carapuça?” Eu, medindo o pano, respondi que sim. Ele deve ter imaginado, pelo que imagino eu, e imagino bem, que sem dúvida eu lhe queria furtar alguma parte do pano, baseando-se em sua malícia e na má opinião que há sobre os alfaiates. Replicou-me que olhasse se o pano dava para duas. Adivinhei-lhe o pensamento, e disse que sim. Ele, cavalgando sua primitiva e condenada intenção, foi acrescentando carapuças, e eu aduzindo “sins”, até que a cinco carapuças chegamos. Agora veio buscá-las. Dou-as, e não me quer pagar o feitio; antes, pede-me que lhe pague e devolva seu pano.

— Foi tudo assim, irmão? — perguntou Sancho ao outro.

— Sim, senhor — respondeu o homem. — Mas faça vosmecê que ele mostre as cinco carapuças que me fez.

— De boa vontade — replicou o alfaiate.

E tirando imediatamente a mão de sob o manto, mostrou nela as cinco carapuças, postas nas cinco cabeças dos dedos, e disse:

— Eis aqui as cinco carapuças que este bom homem me pede. Por Deus e minha consciência que nada me ficou do pano e submeto a obra aos juízes peritos do ofício.

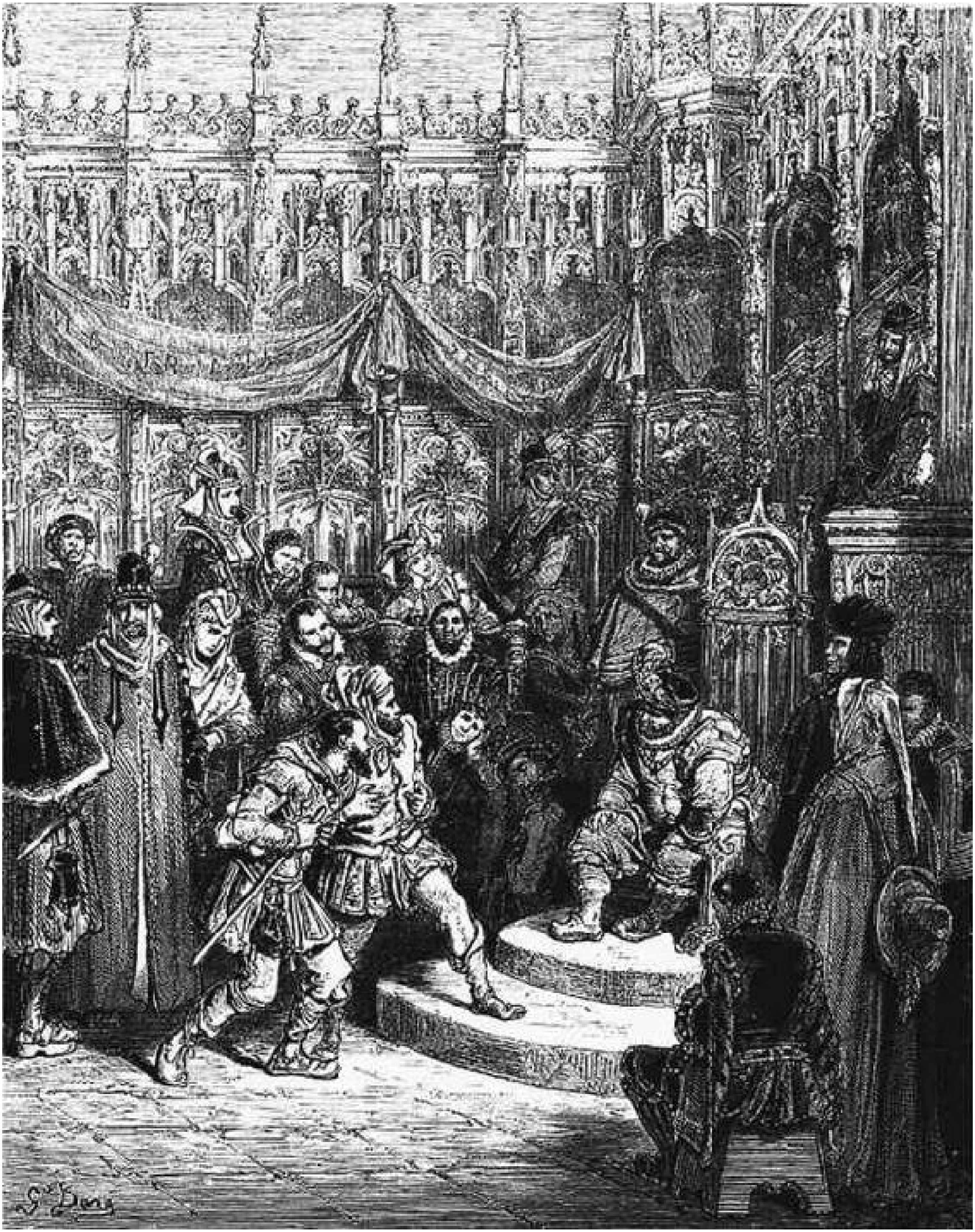
Riram-se todos os presentes da multidão das carapuças e do novo pleito. Sancho pôs-se a considerar um pouco e disse:

— Parece-me que neste pleito não deve haver longas dilações, mas, sim, julgamento de bom senso. Assim, dou por sentença que o alfaite perca o feitio, e o lavrador, o pano; levem-se as carapuças para os presos da cadeia, e acabou-se.[5]

Se a sentença ulterior da bolsa do pastor causou a admiração dos circunstantes, esta provocou-lhes o riso; mas, em suma, fez-se o que mandou o governador. Ante ele se apresentaram após dois homens anciãos; um trazia uma cana por báculo, e o sem bordão disse:

— Senhor, a este bom homem emprestei há dias dez escudos de ouro, do bom, para dar-lhe prazer e fazer boa obra, com a condição de que os devolvesse quando lhos pedisse. Passaram-se muitos dias sem que eu os reclamasse, para o não colocar em maior necessidade, por mos devolver, do que a que o afligia quando lhos emprestei. Pareceu-me, porém, que se descuidava na paga e reclamei-os uma e muitas vezes. Nega-se, contudo, a pagar-me e diz que nunca lhe emprestei tais dez escudos e, se os emprestei, já os devolveu. Não tenho testemunhas, nem do empréstimo nem do pagamento, porque não me pagou. Quereria que vosmecê o fizesse prestar juramento; se jurar que me pagou, perdoo-lhe a dívida, perante os homens e perante a Deus.

— Que dizeis a isso, bom velho do báculo? — perguntou Sancho.



A isso respondeu o velho:

— Eu, senhor, confesso que ele mos emprestou. Baixe vosmecê essa vara, pois, como ele confia em meu juramento, jurarei como os devolvi e paguei, real e verdadeiramente.

Baixou o governador a vara e, entretanto, o velho do báculo entregou a cana ao outro velho, para que a segurasse enquanto jurava, pois o embaraçava muito. Em seguida, pôs a mão sobre a cruz da vara,[6] dizendo ser verdade haverem-lhe emprestado aqueles escudos que lhe reclamavam; ele porém, os havia devolvido, de mão para mão, e era por se não lembrar disso que de vez em quando voltava o credor a pedi-los. Vendo isso, o grande governador perguntou ao credor que respondia ao afirmado por seu oponente. Disse ele que, sem dúvida alguma, seu devedor estava dizendo a verdade, pois o considerava homem de bem e bom cristão; ele, por certo, se esquecera de como e quando os havia recebido, mas dali por diante jamais lhe reclamaria coisa alguma. Tornou o devedor a tomar seu báculo e, baixando a cabeça, saiu do tribunal. Vendo Sancho que sem mais nem menos ele se ia, e vendo também a paciência do demandante, inclinou a cabeça sobre o peito e, pondo o indicador da mão direita sobre as sobrancelhas e o nariz, esteve pensativo alguns instantes. Em seguida ergueu a cabeça e mandou chamarem o velho do bordão, que já se fora. Trouxeram-no e, ao vê-lo, disse-lhe Sancho:

— Dai-me, bom homem, esse báculo, pois preciso dele.

— De muita boa vontade — respondeu o velho. — Ei-lo aqui, senhor.

E colocou-lhe a cana na mão. Apanhou-a Sancho e, dando-a ao outro velho, falou:

— Ide com Deus, que já estais pago.

— Eu, senhor? — redarguiu o velho. — Pois esta cana vale dez escudos de ouro?

— Sim — disse o governador. — E se não valer, sou o maior asno do mundo. E agora se verá se tenho ou não miolos para governar todo um reino.

E mandou que, ali, diante de todos, se quebrasse e abrisse a cana. Assim se fez, e dentro dela foram achados dez escudos de ouro. Ficaram todos admirados e tiveram seu governador por um novo Salomão. Perguntaram-lhe como havia desconfiado de que naquela cana estavam escondidos os dez escudos e ele respondeu haver visto o velho que jurara dar a seu demandante aquele báculo, enquanto prestava o juramento de lhos haver entregado real e verdadeiramente; e, ao acabar de fazer a jura, tornara a pedir o báculo; assim, imaginara que dentro dele estava a paga reclamada. Daí se podia coligir que os governantes, ainda que sejam uns tolos, muitas vezes os encaminha Deus em seus juízos. Além disso, havia ouvido o cura de sua aldeia contar um caso semelhante e tinha tão boa memória que, se não se esquecesse de tudo quanto queria lembrar, em toda a ilha não haveria memória igual. Foram-se por fim os velhos, um corrido e outro reembolsado, ficando os presentes cheios de admiração. O encarregado de escrever as palavras, feitos e movimentos de Sancho não chegava a decidir se o teria e poria por maluco ou por discreto.

Acabado este pleito, entrou a seguir no tribunal uma mulher fortemente agarrada a um homem vestido de pastor rico, a qual vinha soltando grandes brados, a dizer:

— Justiça, senhor governador, justiça! Se não a encontro na terra, irei buscá-la no céu. Senhor governador de minha alma, este mau homem agarrou-me no meio desses campos e se aproveitou de meu corpo como se fosse trapo mal-lavado. Infeliz de mim, carregou-me o que há vinte e três anos eu tinha guardado, defendendo-o contra mouros e cristãos, naturais e estrangeiros, pois sempre permaneci dura como um roble e conservei-me intata como a salamandra no fogo[7] ou a lã entre as sarças. E chega agora este bom homem, com suas mãos limpas, para manusear-me!

— Ainda está para averiguar se tem ou não as mãos limpas este galã — ponderou Sancho.

E, voltando-se para o homem, indagou que dizia ou respondia sobre a queixa daquela mulher. Todo perturbado, respondeu ele:

— Senhor, sou um pobre pastor de gado suíno. Esta manhã, saía deste lugar, após vender, com perdão da palavra, quatro porcos; e de manhas e tributos me levaram pouco menos do que eles valiam. Voltando para minha aldeia, topei no caminho com esta boa mulher e o diabo, que tudo arma e tudo coze, fez com que folgássemos juntos. Paguei-lhe o suficiente e ela, descontente, agarrou-se a mim e não me deixou enquanto não me trouxe a este lugar. Diz que a forcei, e mente; juro-te, ou penso jurá-lo. Esta é toda a verdade, sem faltar um fiapo.

Perguntou-lhe então o governador se trazia algum dinheiro em prata. Disse ele que tinha no peito até vinte ducados, numa bolsa de couro. Mandou Sancho que tirasse a bolsa e a entregasse, tal como estava, à querelante. Ele o fez, trêmulo; tomou-a a mulher e, fazendo mil zumbaias a todos e rogando a Deus pela vida e pela saúde do senhor governador, que assim zelava pelas órfãs necessitadas e donzelas, saiu do tribunal, levando a bolsa agarrada entre as mãos, não sem antes olhar se era de prata o dinheiro que continha. Mal saíra, disse Sancho ao pastor, em cujos olhos já saltavam as lágrimas, indo eles com o coração atrás de sua bolsa:

— Bom homem, ide atrás daquela mulher. Tomai-lhe a bolsa, ainda que o não consinta, e voltai aqui com ela.

Não o disse a tolo nem a surdo. Logo partiu ele como um raio, a fazer o que lhe era ordenado. Todos os presentes estavam em suspenso, esperando o fim daquele pleito. Daí a pouco voltaram o homem e a mulher, mais agarrados e aferrados que da vez primeira: ela, de saia levantada e com a bolsa posta no regaço; ele, lutando por tirá-la. Não lhe era possível, porém, pois a mulher a defendia, bradando e dizendo:

— Justiça de Deus e do mundo! Olhe vosmecê, senhor governador, a pouca vergonha e o pouco temor deste desalmado, que em pleno povoado, no meio da rua, quis tirar-me a bolsa que vosmecê me mandou dar!

— E tirou-a? — perguntou o governador.

— Como haveria de tirar? — respondeu a mulher. — Antes deixaria eu que me tirassem a vida do que a bolsa. Esta é boa! Outros gatos me hão de deitar às barbas,[8] e não este desventurado e asqueroso! Tenazes e martelos, malhos e escopros não serão bastantes para arrancar-ma das unhas, e nem mesmo garras de leão; arrancar-me-iam antes a alma do meio das carnes.

— Ela tem razão — interveio o homem. — Dou-me por vencido e sem forças. Confesso que as minhas não são bastante para tirar-lhe a bolsa. Deixo-a com ela.

Então disse o governador:

— Mostrai-me essa bolsa, honrada e valente mulher.

Ela logo a entregou, e o governador a devolveu ao homem, dizendo à esforçada e não forçada:

— Mana, se o mesmo alento e valor que mostrastes para defender essa bolsa tivésseis mostrado, ou pelo menos a metade, para defender vosso corpo, não vos haveriam forçado as forças de Hércules.[9] Ide-vos com Deus e muito em má hora. Não pareis em toda esta ilha, nem em seis léguas de contorno, sob pena de duzentos açoites. Andai logo, digo, embusteira, desavergonhada e embaidora!

Espantou-se a mulher e partiu, cabisbaixa e descontente. Disse o governador ao homem:

— Bom homem, andai com Deus para vossa povoação e com vosso dinheiro; daqui por diante, se o não quereis perder, procurai não ter vontade de folgar com ninguém.

O homem deu-lhe graças o pior que soube e foi-se, ficando novamente os circunstantes admirados com os juízos e sentenças de seu novo governador. Tudo isso, anotado por seu cronista, foi logo escrito ao duque, que com grande desejo o estava esperando.

E fique-se por aqui o bom Sancho, pois muita é a pressa que nos dá seu amo, alvorotado com a música de Altisidora.

# CAPÍTULO XLVI

## *Do temeroso espanto guizalhante e gatesco que recebeu Dom Quixote, no decurso dos amores da enamorada Altisidora*

Deixamos o grande Dom Quixote mergulhado nos pensamentos que lhe havia provocado a música da enamorada Altisidora. Deitou-se com eles e, como se fossem pulgas, não o deixaram dormir nem sossegar um ponto; e ainda lhes juntavam os pontos que faltavam a suas meias. Como, porém, é ligeiro o tempo e não há barranco que o detenha, correu nas horas a cavalo e fez chegar prestes as da manhã. Observando-o, deixou Dom Quixote as brandas plumas e, nada preguiçoso, vestiu o traje de camurça e calçou as botas de viagem, para encobrir a desgraça das meias; colocou por cima o manto escarlate e pôs na cabeça um gorro de veludo verde, guarnecido com passamanes de prata. Pendurou ao talim de seu ombro a boa e cortante espada, tomou de um grande rosário que consigo trazia continuamente e, com muita prosopopeia e bamboleio saiu para a antecâmara, onde o duque e a duquesa já estavam vestidos, como à sua espera. Ao passar por um corredor, estavam de propósito a aguardá-lo Altisidora e a outra donzela sua amiga; tão logo Altisidora viu Dom Quixote, fingiu desmaiar. Sua amiga a recolheu no regaço e com grande presteza lhe ia desabotoar o peitilho. Dom Quixote, que tudo vira, chegando-se a elas disse:

— Bem sei eu de que procedem esses acidentes.

— Eu não sei de quê — replicou a amiga —, porque Altisidora é a donzela mais sadia de toda esta casa e nunca lhe ouviu um ai! desde que a conheço. Mal hajam quantos cavaleiros andantes existem no mundo, se são todos mal-agradecidos. Vá-se Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, pois não voltará a si esta pobre menina enquanto Vossa Mercê aqui estiver.

A isso respondeu Dom Quixote:

— Faça Vossa Mercê, senhora, com que ponham esta noite um alaúde em meus aposentos. Consolarei o melhor que puder esta dolorida donzela. Nos princípios amorosos, os desenganos rápidos soem ser remédios qualificados.

Com isto, partiu, a fim de não o notarem os que ali o vissem. Nem bem se havia afastado, disse à sua companheira, voltando a si, a desmaiada Altisidora:

— Mister será colocar lá o alaúde. Sem dúvida, Dom Quixote quer dar-nos música, e, sendo dele, não será má.

Foram dar conta à duquesa do que se passava e do alaúde que Dom Quixote pedia. Ela, sobremaneira alegre, concertou com o duque e suas donzelas fazer-lhe burla que fosse mais de riso que de dano. Muito contentes esperaram a noite, que veio tão depressa quanto chegara o dia, passado pelos duques em saborosas práticas com Dom Quixote. A duquesa, naquele dia, real e verdadeiramente despachou um pajem seu (o que havia feito na selva a figura encantada de Dulcineia) a Teresa Pança, com a carta de seu marido Sancho Pança e o embrulho de roupa que ele havia deixado para lhe ser enviado, recomendando-lhe trouxesse bom relato de tudo quanto com ela passasse. Feito isso e chegadas as onze horas da noite, achou Dom Quixote uma viola em seu aposento. Experimentou-a, abriu a janela e ouviu que andava gente no jardim. Tendo apertado as cravelhas da viola, afinando-a o melhor que pôde, cuspiu e limpou o peito, e então, com voz roufenha, embora entoada, cantou o seguinte romance, que ele mesmo havia composto naquele dia:

*As forças do amor costumam*
*a alma dos eixos tirar*
*tomando por instrumento*
*o descuidado vagar.*
*Na costura, nos lavores,*
*quem está sempre ocupada*
*dá antídoto ao veneno*
*da aflição apaixonada.*
*Das donzelas recolhidas*
*que aspiram a se casar*
*é a honestidade o dote*
*e a voz que as pode louvar.*
*Os cavaleiros andantes,*
*e os da corte, com as lestas,*
*desenvoltas, têm requebros,*
*mas se casam com as honestas.*
*Amores de sol nascente*
*podem hóspedes sentir;*
*chegam depressa ao Poente,*

*pois se acabam ao partir.*
*Amores recém-chegados,*
*que hoje vêm e amanhã vão,*
*não deixam fortes imagens*
*impressas no coração.*
*Pintura sobre pintura*
*não se mostra ou assinala,*
*onde há primeira beleza,*
*segunda não se propala.*
*Dulcineia del Toboso*
*tão pintada está na tela*
*de minha alma, que é impossível*
*procurar desvanecê-la.*
*A firmeza nos amantes*
*é o que tem maior valor;*
*é por ela que os exalça*
*e faz milagres o Amor.*

Chegava Dom Quixote a este ponto de seu canto, que estavam escutando o duque, a duquesa, Altisidora e quase toda a gente do castelo, quando de improviso de cima de uma galeria que caía a prumo sobre a janela de Dom Quixote, soltaram um cordel, a que vinham amarrados mais de cem guizos, e logo atrás deles derramaram grande saco de gatos, que igualmente traziam guizos menores atados às caudas. Foi tal o ruído dos guizos e o miar dos gatos que se sobressaltaram os próprios duques, embora fossem os inventores de toda a burla. Temeroso, ficou pasmado Dom Quixote. Quis a sorte que dois ou três gatos entrassem pela janela de seu aposento e, saltando de uma parte para outra, parecia que uma legião de diabos ali dentro estava. Apagaram as velas que no aposento ardiam e procuravam por onde escapar. O descer e subir do cordel dos grandes guizos não cessava; a maior parte da gente do castelo, que não sabia da verdade, estava admirada e em suspenso. Pôs-se Dom Quixote de pé e, empunhando a espada, começou a desferir estocadas pela janela e a dizer em altos brados:

— Para fora, malignos encantadores! Para fora, canalha feiticeiresca! Eu sou Dom Quixote de la Mancha, contra quem de nada valem nem têm forças vossas más intenções!

E, virando-se para os gatos que andavam pelo aposento, atirou-lhes muitas cutiladas.

Correram eles para a janela e por ali se safaram, embora um, vendo-se tão acossado pelas cutiladas de Dom Quixote, lhe saltasse ao rosto, agarrando-lhe o nariz com unhas e dentes. Com a dor, Dom Quixote passou a dar os maiores gritos que pôde. Ouvindo-o, o duque e a duquesa consideraram o que podia ser e com muita presteza acudiram-lhe ao quarto. Abrindo-o com a chave-mestra viram o pobre cavaleiro lutando com todas as forças para arrancar o gato do rosto. Entraram com luzes e viram a desigual peleja. Acorreu o duque a separá-la, e Dom Quixote bradou:

— Não mo tire ninguém! Deixem-me braço a braço com este demônio, com este feiticeiro, com este encantador! Dar-lhe-ei a entender, de mim para ele, quem é Dom Quixote de la Mancha!

O gato, contudo, sem se importar com essas ameaças, grunhia e unhava. Por fim, o duque o despregou e atirou-o pela janela.

Ficou Dom Quixote com o rosto arranhado e o nariz não muito são, embora despeitado porque não lhe haviam permitido terminar a batalha com aquele malandrim encantador. Mandaram trazer-lhe unguento de Aparício[1] e a própria Altisidora, com suas branquíssimas mãos, lhe pôs umas vendas em todos os ferimentos, dizendo-lhe em voz baixa, ao colocá-las:

— Todas estas desventuras te ocorrem, empedernido cavaleiro, pelo pecado de tua dureza e pertinácia. Praza a Deus que Sancho, teu escudeiro, se esqueça de açoitar-se, para que nunca saia de seu encanto a tua amada Dulcineia, nem tu gozes dele,[2] nem com ela chegues a tálamo, pelo menos enquanto viver eu, que te adoro.

A tudo isto não respondeu Dom Quixote palavra; apenas deu profundo suspiro e logo se estendeu no leito, agradecendo aos duques a mercê, não porque tivesse terror daquela canalha gatesca, feiticeira e guizalhante, mas porque havia conhecido a boa intenção com que o tinham vindo socorrer. Deixaram-no os duques sossegar e saíram, pesarosos do mau sucesso da burla, pois não haviam crido que tão pesada e custosa saísse a Dom Quixote aquela aventura. Custou-lhe, de fato, cinco dias de encerramento e de cama, quando lhe ocorreu outra aventura mais gostosa que a anterior. Não a quer contar seu historiador agora, para correr a Sancho Pança, que andava mui solícito e gracioso em seu governo.

# CAPÍTULO XLVII

## *Onde se continua a narrar como se comportava Sancho Pança em seu governo*

Conta a história que do tribunal levaram Sancho Pança a um suntuoso palácio, onde, em grande sala, estava posta mesa régia e limpíssima. Assim que Sancho entrou na sala, soaram charamelas e saíram quatro pajens a dar-lhe um manilúvio, que Sancho recebeu com muita gravidade. Cessou a música e sentou-se Sancho à cabeceira da mesa, porque só havia aquele assento e nenhum outro serviço nela toda. Pôs-se-lhe ao lado, de pé, um personagem, que depois se soube ser médico, com uma varinha de barbatana na mão. Levantaram riquíssima e branca toalha, com que estavam cobertas as frutas e muita diversidade de pratos de vários manjares. Um que parecia estudante deitou a bênção e um pajem pôs em Sancho um guardanapo rendado. Outro, que fazia as vezes de mestre-sala, apresentou-lhe um prato de frutas de entrada;[1] mas, apenas havia Sancho comido um bocado, o da varinha tocou com ela no prato, que retiraram com enorme celeridade. Apresentou-lhe logo o mestre-sala outro manjar. Ia prová-lo Sancho, mas, antes que chegasse a seu alcance ou o provasse, já a varinha havia tocado nele e um pajem o levantara com tanta rapidez como ao da fruta. Vendo isso, ficou Sancho suspenso e, olhando a todos, perguntou se havia de comer aquela comida apenas com os olhos. A isso respondeu o da vara:

— Só se há de comer, senhor governador, como é de uso e costume nas outras ilhas em que há governadores. Eu, senhor, sou médico e estou empregado nesta ilha para ser médico de seus governadores. Zelo por sua saúde muito mais que pela minha, estudando de dia e de noite, examinando a compleição do governador, para acertar em curá-lo quando cair enfermo. O principal que faço é assistir as suas refeições e ceias, deixando que coma o que me parece que lhe convém e tirando o que imagino lhe possa fazer mal e dano ao estômago. Assim mandei tirar o prato de frutas por serem demasiado úmidas e o prato do outro manjar também mandei tirar por ser demasiado quente e ter muitos temperos, que aumentam a sede. Quem muito bebe mata e consome o humor radical[2] em que consiste a vida.

— Dessa maneira, aquele prato de perdizes que ali estão assadas e, em meu parecer, bem temperadas, não me fará dano algum.

A isso o médico respondeu:

— Essas não comerá o senhor governador, enquanto eu vida tiver.

— Por quê? — indagou Sancho. E o médico esclareceu:

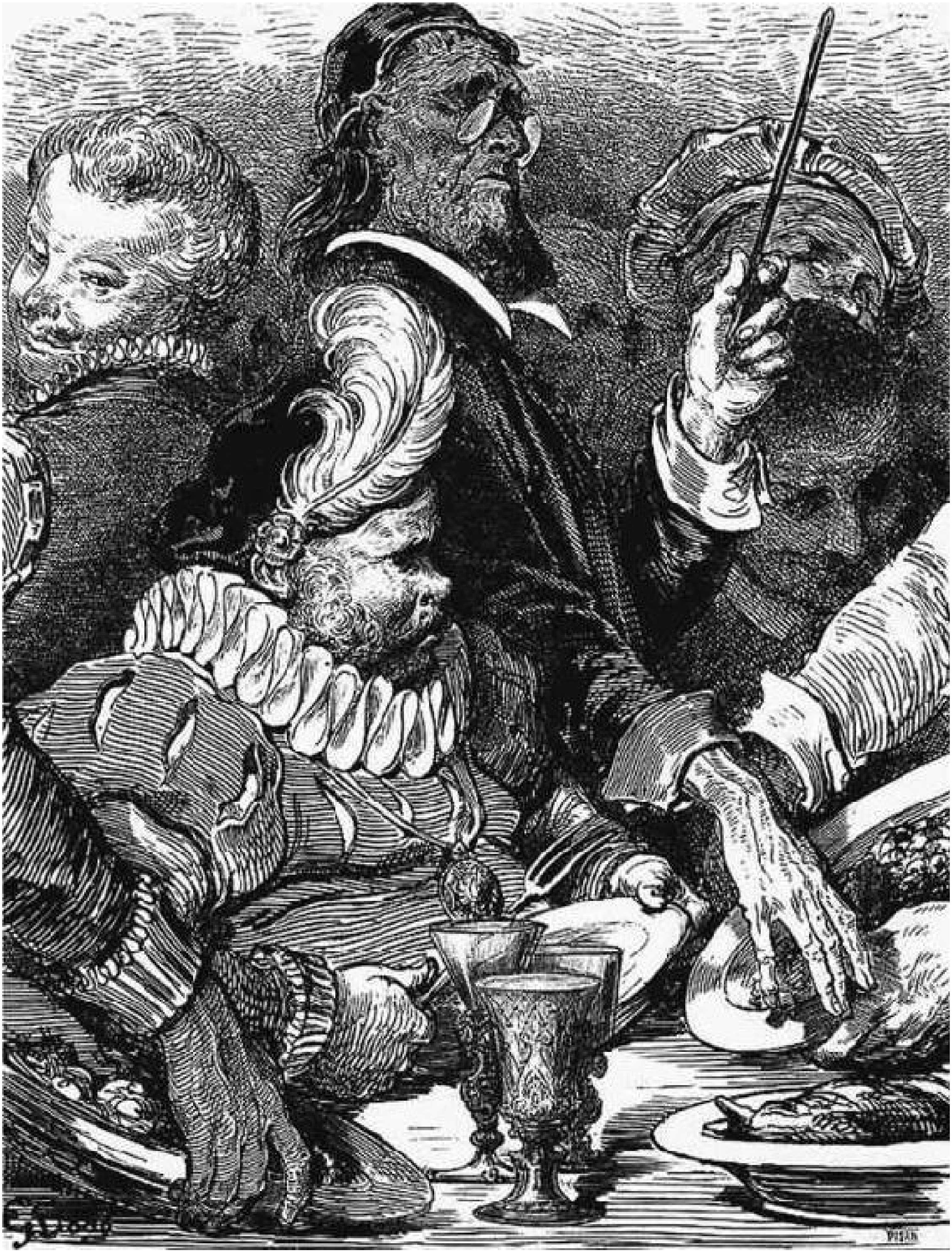
— Porque nosso mestre Hipócrates, norte e luz da medicina, num aforismo seu, diz: “*Omnis saturatio mala, perdices autem pessima.*”[3] Quer dizer: “Toda indigestão é má, mas a de perdiz, malíssima.”

— Se é assim — tornou Sancho —, veja o senhor doutor, dentre os manjares existentes nesta mesa, qual me fará mais proveito e qual menos dano, e deixe-me comer dele sem dar-lhe pauladas, porque, por vida do governador, e assim Deus me deixe gozá-lo,[4] morro de fome. Negar-me a comida, ainda que isso pese ao senhor doutor e por mais que ele me fale, antes será tirar-me a vida que aumentá-la.

— Vossa Mercê tem razão, senhor governador — respondeu o médico. — Assim, sou de parecer que Vossa Mercê não coma daqueles coelhos guisados que ali estão, por ser manjar peludo. Daquela vitela, se não fosse assada e adubada, ainda poderia provar, mas assim não é possível.

— Aquele pratarraz que está lá adiante fumegando parece-me ser um ensopado, e, pela diversidade de coisas que em tais ensopados há, não poderei deixar de topar alguma que me dê gosto e proveito.

— *Absit*![5] — exclamou o médico. — Longe de nós vá tão mau pensamento. Não há coisa no mundo de pior digestão que um ensopado! Vão tais guisados para os cônegos, ou para os reitores de colégios, ou para bodas de lavradores e deixem livres as mesas dos governadores, em que devem predominar todo primor e asseio. E a razão está em que, sempre, onde quer e por quem quer que seja, mais estimados são os medicamentos simples que os compostos, porque nos simples não se pode errar, e nos compostos sim, alterando a quantidade das coisas de que se compõem. Mas o que sei que deve comer agora o senhor governador, para conservar sua saúde e corroborá-la, é um cento de canudinhos de massa e umas talhaditas sutis de marmelada, que lhe assentem no estômago e lhe ajudem a digestão.


G. Doré
PISAN

Ouvindo isto, arrimou-se Sancho sobre o espaldar da cadeira e, olhando fitamente o tal médico, com voz grave lhe perguntou como se chamava e onde havia estudado. Respondeu ele:

— Eu, senhor governador, chamo-me doutor Pedro Duro de Agouro e sou natural de um lugar chamado Parafora, que fica entre Caracol e Almodóvar do Campo, à mão direita. Tenho o grau de doutor pela Universidade de Osuna.

A isso replicou Sancho, rubro de cólera:

— Pois, senhor doutor Pedro Duro de Mau Agouro, natural de Parafora, lugar que fica à direita quando se vai de Caracol a Almodóvar do Campo, graduado em Osuna, tire-se de minha presença. Senão, juro pelo Sol que tomo de um bordão e às bordoadas, começando por ele, não me ficará médico em toda a ilha, pelo menos daqueles que eu julgue serem ignorantes, pois aos médicos sábios, prudentes e discretos exaltarei e honrarei como a pessoas divinas. Repito que saia daqui Pedro Duro; senão, pegarei esta cadeira em que estou sentado e rachar-lhe-ei a cabeça; e peçam-me contas, que me justificarei dizendo haver prestado serviço a Deus, matando um mau médico, verdugo da república. Deem-me de comer, ou então tomem-me o governo. Ofício que não dá de comer a seu dono não vale duas favas.

Alvoroçou-se o doutor, ao ver o governador tão colérico, e quis sair para fora da sala, mas naquele instante soou uma corneta de posta na rua e, chegando o mestre-sala à janela, voltou dizendo:

— Chega correio do duque meu senhor; deve trazer algum despacho de importância.

Entrou o correio suado e assustado e, retirando uma carta do seio, colou-a nas mãos do governador. Passou-a Sancho às mãos do mordomo, a quem mandou lesse o sobrescrito, que assim dizia: "A Dom Sancho Pança, governador da ilha Barataria, em sua própria mão ou nas de seu secretário." Ouvindo-o, perguntou Sancho:

— Quem é aqui meu secretário?

Um dos que estavam presentes respondeu:

— Eu, senhor, porque sei ler e escrever e sou biscainho.

— Por este último atributo — observou Sancho — bem podeis ser secretário do próprio imperador.[6] Abri essa carta e vede o que diz.

Assim o fez o recém-nascido secretário e, havendo lido o que dizia, informou ser negócio para tratar em particular. Mandou Sancho evacuar a sala, ficando apenas nela o mordomo e o mestre-sala. Os demais e o médico foram-se, e passou o secretário a ler a carta, que rezava:

> "Chegou-me a notícia, senhor Dom Sancho Pança, de que uns inimigos meus e dessa ilha irão dar-lhe assalto furioso, não sei em que noite. Convém velar e estar alerta, para que o não peguem despercebido. Sei também, por espias verazes, que entraram nesse lugar

quatro pessoas disfarçadas, para tirar-vos a vida, porque receiam vosso engenho. Abri o olho, olhai quem chega para falar-vos e não comais coisas que vos derem de presente. Terei o cuidado de socorrer-vos, se vos virdes em dificuldades, e em tudo fareis como se espera de vosso entendimento. Deste lugar, a 16 de agosto, às quatro da manhã.

Vosso amigo,
O Duque."

Ficou atônito Sancho, e igualmente mostraram espanto os circunstantes. Sancho, voltando-se para o mordomo, disse-lhe:

— O que agora se deve fazer, e fazer logo, é meter num calabouço o doutor Duro, porque se alguém me há de matar, será ele, e de morte *adminícula*[7] e péssima, como é a da fome.

— Também — ponderou o mestre-sala — sou de parecer de que Vossa Mercê não coma de tudo o que está nesta mesa, porque o mandaram de presente umas monjas, e, como se usa dizer, atrás da cruz vem o diabo.

— Não o nego — respondeu Sancho. — Por agora, deem-me um pedaço de pão e cerca de quatro libras de uvas, pois nelas não poderá vir veneno. Com efeito, não posso passar sem comer. Se devemos estar prontos para estas batalhas com que nos ameaçam, mister será estar bem alimentados, porque as tripas levam o coração, e não o coração as tripas.[8] Vós, secretário, respondei ao duque meu senhor e dizei-lhe que se cumprirá o que manda e como o manda, sem faltar um ponto. Darei de minha parte beija-mãos à minha senhora duquesa, a quem suplico não se esqueça de enviar por mensageiro minha carta e meu embrulho à minha mulher, Teresa Pança, pois com isso receberei grande mercê e terei cuidado de servi-la com tudo o que alcançarem minhas forças. E, de caminho, podeis encaixar um beija-mãos a meu senhor Dom Quixote de la Mancha, para que veja que sou pão agradecido.[9] Vós, como bom secretário e bom biscainho, podeis acrescentar tudo o que quiserdes e mais vier a calhar. Tirem-se estas toalhas e deem-me de comer. Saberei enfrentar quantos espias, matadores e encantadores vierem sobre mim e minha ilha.

Nisto, entrou um pajem e disse:

— Aqui está um lavrador a negócios, que quer falar a Vossa Senhoria sobre um negócio de muita importância, segundo ele diz.

— Estranho caso é este — comentou Sancho — desses negociantes. Será possível serem tão néscios a ponto de não ver que horas semelhantes a estas não são as apropriadas para virem negociar? Porventura os que governamos, os que somos juízes, não somos homens de carne e osso? Não é mister que nos deixem descansar o tempo que a necessidade pede, em vez de quererem que sejamos feitos de pedra mármore? Por Deus e minha consciência, se me durar o governo (e não durará, segundo me transluz), hei de pôr em sujeição[10] mais de um negociante. Agora, dizei a esse bom homem que entre, mas verifique-se primeiro se não se trata de algum dos espias, ou assassino meu.

— Não, senhor — respondeu o pajem —, porque parece uma alma de cântaro,[11] e ou sei pouco, ou ele é tão bom como o bom pão.

— Não há que temer — observou o mordomo —, pois aqui estamos todos.

— Seria possível, mestre-sala — disse Sancho —, que agora, não estando aqui o doutor Pedro Duro, comesse eu alguma coisa de peso e substância, ainda que fosse um pedaço de pão e uma cebola?

— Esta noite, na ceia — ponderou o mestre-sala —, compensar-se-á a falta da comida e dar-se-á Vossa Senhoria por satisfeito e bem pago.

— Deus queira — respondeu Sancho.

Neste ponto entrou o lavrador, que era de excelente presença, deixando ver a mil léguas de distância ser boa pessoa e boa alma. A primeira coisa que disse foi:

— Quem é aqui o senhor governador?

— Quem há de ser — replicou o secretário — senão o que está sentado na cadeira?

— Humilho-me, pois, em sua presença — tornou o lavrador.

E, pondo-se de joelhos, pediu-lhe a mão para beijá-la. Recusou-se Sancho, mandando-lhe levantar-se e dizer o que quisesse. Obedeceu o lavrador e falou:

— Eu, senhor, sou lavrador, natural de Miguel Turra, lugar que fica a duas léguas de Ciudad Real.

— Temos outro Parafora! — exclamou Sancho. — Continuai, irmão. Sei dizer-vos que conheço muito bem Miguel Turra, que não fica muito longe de minha aldeia.

— O caso, pois, senhor — prosseguiu o lavrador —, é que eu, pela misericórdia de Deus, sou casado em paz e perante a Santa Igreja Católica Romana. Tenho dois filhos estudantes: o mais novo estuda para bacharel e o maior para licenciado. Sou viúvo, porque minha mulher morreu, ou melhor, matou-a um mau médico, que a purgou estando prenhe. E se Deus fosse servido que saísse à luz o parto e fosse filho, pô-lo-ia a estudar para doutor, a fim de que não tivesse inveja a seus irmãos, o bacharel e o licenciado.

— De modo que — observou Sancho — se vossa mulher não tivesse morrido, ou não a houvessem matado, não seríeis agora viúvo?

— Não, senhor; de maneira alguma — respondeu o lavrador.

— Estamos indo bem! — comentou Sancho. — Adiante, irmão. A hora é mais de dormir que de negociar.

— Digo, pois — continuou o lavrador —, que este meu filho que vai ser bacharel enamorou-se na mesma aldeia de uma donzela chamada Clara Perolita, filha de André Perolito, lavrador riquíssimo. Esse nome de Perolitos não lhes vem de avoengo nem de outra alcunha, mas porque todos os dessa linhagem são paralíticos[12] e, para melhorar o nome, chamam-nos Perolitos. Embora, para dizer a verdade, a donzela seja como uma pérola oriental e, vista pelo lado direito, parece uma flor do campo. Pelo esquerdo não é tanto, porque lhe falta aquele olho, que lhe saltou com a varíola. E embora as covas do rosto sejam muitas e grandes, dizem os que lhe querem bem não serem elas covas, mas sepulturas em que se sepultam as almas de seus amantes. É tão limpa que, para não sujar a cara, traz o nariz, como se diz, arreganhado, que até parece ir-lhe fugindo da boca. E, com tudo isso, tem extremamente boa aparência, porque a boca é grande e, se lhe não faltassem dez ou doze dentes e presas, poderia ultrapassar e avantajar-se às mais bem conformadas. Dos lábios nada tenho que dizer, porque são tão sutis e delicados que, se se costumasse dobar lábios, poderiam fazer com eles uma madeixa. Mas, como têm cor diversa da comumente usada nos lábios, parecem milagrosos, porque são jaspeados de azul, de verde e de aberinjelado. Perdoe-me o senhor governador se tão miudamente vou pintando as partes da que, ao fim de contas, será minha filha, pois lhe quero bem e não me parece mal.

— Pintais o que quiserdes — disse Sancho. — Vou-me recreando com a pintura e, se tivesse comido, não haveria melhor sobremesa para mim que vosso retrato.

— É o que tenho por servir — respondeu o lavrador. — Mas tempo virá em que sejamos o que agora não somos. E digo, senhor, que se pudesse pintar a gentileza e a altura de seu corpo, seria coisa de causar admiração. Não pode ser, porém, porque ela está entrevada e encolhida, e tem os joelhos junto da boca; mas logo se vê que, se se pudesse levantar, daria com a cabeça no teto. E já teria dado a mão de esposa a meu filho bacharel, se a pudesse estender, pois está crispada. Contudo, nas unhas largas e estriadas mostram-se sua bondade e bom feitio.

— Está bem — disse Sancho. — Fazei de conta, irmão, que já a pintastes dos pés à cabeça. Que quereis, agora? Entrai no assunto, sem rodeios nem travessas, retalhos ou acréscimos.

— Queria, senhor — explicou o lavrador —, que vosmecê me fizesse a mercê de dar-me uma carta de recomendação para o pai dela, suplicando-lhe seja servido de que se faça esse casamento, pois não somos desiguais nos bens de fortuna nem nos da natureza. De fato, para dizer a verdade, senhor governador, meu filho é endemoninhado e não há dia em que não o atormentem três ou quatro vezes os espíritos malignos. E, por haver caído uma vez no fogo, tem o rosto enrugado como pergaminho e os olhos algo como chorosos mananciais. Tem, contudo, uma condição de anjo, e seria um bendito se não se afligisse e não desse murros em si mesmo.

— Quereis outra coisa, bom homem? — redarguiu Sancho.

— Outra coisa queria, mas não me atrevo a falar — hesitou o lavrador. — Vá lá, porém! Afinal, não se me há de apodrecer no peito, pegue ou não pegue. Digo, senhor, que quereria que vosmecê me desse trezentos ou seiscentos ducados para ajuda do dote de meu bacharel.

Quero dizer, para ajudá-lo a montar casa, pois, afinal, terão de viver por si, sem estar sujeitos às impertinências de seus sogros.

— Olhai se quereis outra coisa — observou Sancho. — Não a deixeis de dizer, por acanhamento ou por vergonha.

— Não, por certo — replicou o lavrador.

Apenas falou isso, levantou-se Sancho, agarrou a cadeira em que estava sentado e disse:

— Por Deus, dom campônio rústico e de má cara, que se não vos afastais e escondeis já de minha presença, com esta cadeira vos quebro e abro a cabeça. *Hideputa*,[13] velhaco, pintor do próprio demônio! A esta hora vindes pedir-me seiscentos ducados? Onde os tenho eu, hediondo? E por que vo-los haveria de dar, se os tivesse, socarrão e mentecapto? E que me importa Miguel Turra, ou toda a linhagem dos Perolitos? Ide-vos daqui, repito! Senão, por vida do duque meu senhor, farei o que disse! Não deveis ser de Miguel Turra, mas algum maroto que para tentar-me enviou o inferno! Dizei-me, desalmado: não faz ainda dia e meio que estou no governo e já quereis que tenha seiscentos ducados?

Fez sinal o mestre-sala ao lavrador para que saísse da sala, e ele o fez cabisbaixo, parecendo temeroso de que o governador desse vazão à sua cólera, pois o velhacote soubera bem desempenhar sua incumbência.

Deixemos, porém, Sancho com sua ira e fique tudo na paz de Deus.[14] E voltemos a Dom Quixote, que deixáramos de rosto enfaixado e curando-se de suas gatescas feridas, das quais não sarou em oito dias. Num destes sucedeu-lhe o que Cide Hamete promete contar, com a exatidão e verdade com que usa contar as coisas desta história, por mínimas que sejam.

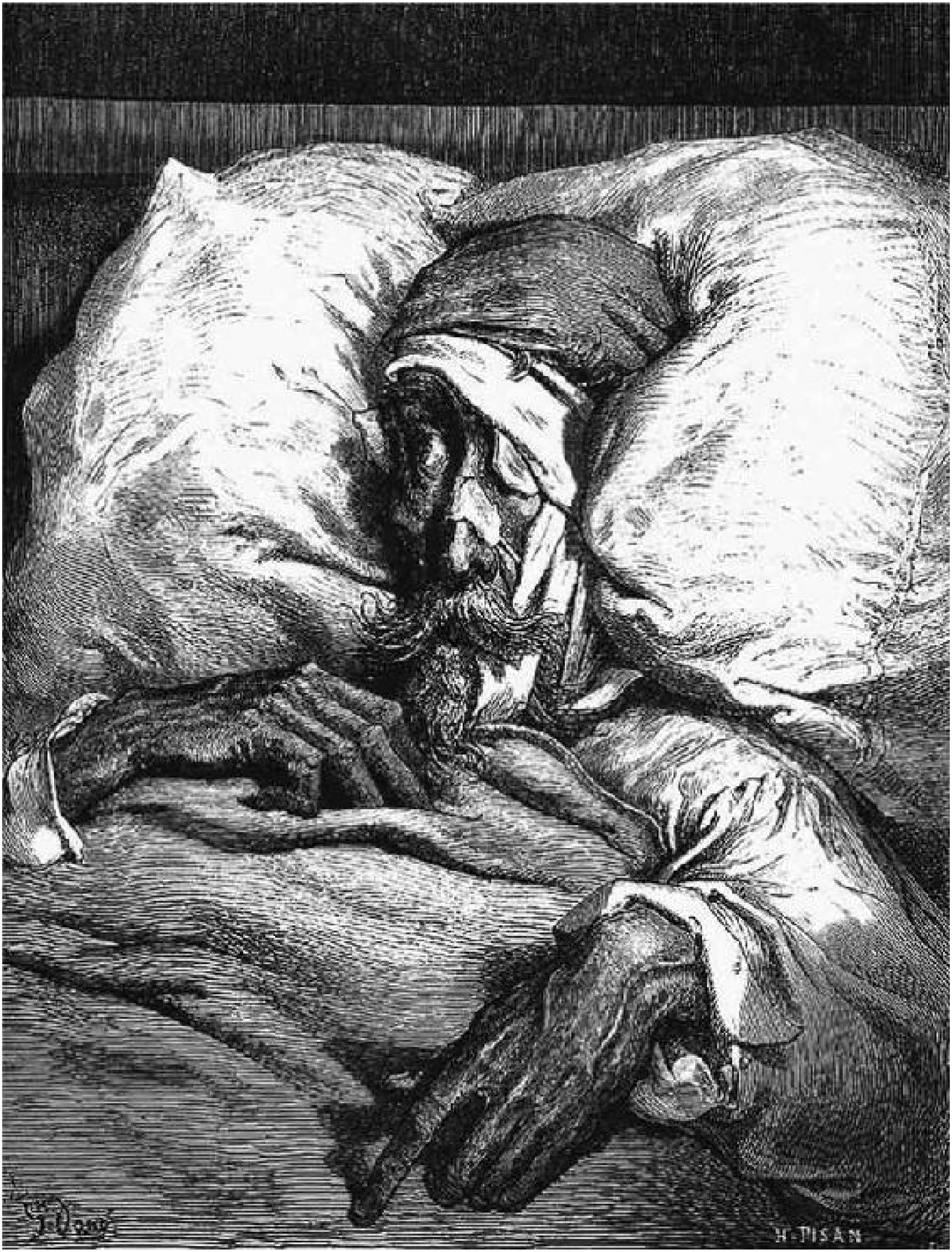
# CAPÍTULO XLVIII

## *Do que sucedeu a Dom Quixote com Dona Rodrigues, a dama da duquesa, com outros acontecimentos dignos de registro e memória eterna*

Por demais amofinado e melancólico estava o malferido Dom Quixote, de rosto enfaixado e marcado, não pela mão de Deus, mas pelas unhas de um gato, desditas inerentes à cavalaria andante. Seis dias esteve sem sair a público, e numa noite, estando desperto e a velar, pensando em suas desgraças e na perseguição de Altisidora, sentiu que com uma chave lhe abriam a porta do aposento. Logo imaginou que a enamorada donzela vinha para sobressaltar a sua honestidade e pô-lo em condição de faltar à fidelidade que devia guardar à sua senhora Dulcineia del Toboso.

— Não! — disse ele, crendo no que imaginara e com voz capaz de ser ouvida. — Não será a maior formosura da terra motivo para que eu deixe de adorar a que tenho gravada e estampada no íntimo de meu coração e no mais escondido de minhas entranhas, quer estejas, senhora minha, transformada em ceboluda lavradora ou em ninfa do Tejo dourado, tecendo telas compostas de ouro e seda; ou quer te conservem Merlim e Montesinos onde quiserem. Onde quer que seja, és minha, e em toda parte tenho sido e hei de ser teu.

Terminarem estas razões e abrir-se a porta foi coisa simultânea. Pôs-se Dom Quixote de pé sobre a cama, enrolado de alto a baixo numa colcha de amarelo cetim, com um gorro de pontas na cabeça e o rosto e os bigodes enfaixados: o rosto, por causa dos arranhões; os bigodes, para que não pendessem e caíssem. Nesse traje, parecia o mais extraordinário fantasma que se poderia imaginar. Cravou os olhos na porta e, quando esperava ver entrar por ela a submissa e tristonha Altisidora, viu que entrava uma reverendíssima dama, com touca branca engomada e tão longa que as abas a cobriam e serviam de manto, dos pés à cabeça. Entre os dedos da mão esquerda trazia meia vela acesa e com a direita fazia sombra para que a luz não lhe desse nos olhos, cobertos por enormes óculos. Vinha pisando de mansinho e movendo os pés vagarosamente.


G. Doré
H. PISAN

Olhou-a Dom Quixote de sua atalaia e, quando lhe viu o modo e lhe notou o silêncio, pensou que alguma bruxa ou maga vinha naqueles trajes para fazer com ele algum malefício, e começou a persignar-se com muita pressa. Foi-se chegando a visão e, ao alcançar o meio do aposento, ergueu os olhos e viu a pressa com que Dom Quixote fazia cruzes. Se ele ficara medroso ao ver tal figura, ficou ela espantada ao avistar a dele. Assim ao contemplá-lo, tão comprido e tão amarelo, com a colcha e as faixas, que o desfiguravam, deu alto brado, dizendo:

— Jesus! Que vejo?

E, com o sobressalto, caiu-lhe a vela das mãos; vendo-se às escuras, voltou as costas para sair, mas tropeçou na roda da saia e deu grande queda. Dom Quixote, temeroso, começou a dizer:

— Conjuro-te, fantasma, ou o que sejas, a que me digas quem és e me reveles o que de mim queres. Se és alma penada, dize-mo; farei por ti tudo quanto estiver em minhas forças, pois sou católico cristão e amigo de fazer bem a toda gente. Para isso tomei a ordem da cavalaria andante, que professo, e cujo exercício se estende até a fazer o bem às almas do purgatório.

A aflita dama, que se ouviu conjurar, por seu temor compreendeu o de Dom Quixote e, com voz aflita e baixa, disse-lhe:

— Senhor Dom Quixote (se acaso Vossa Mercê é Dom Quixote), eu não sou fantasma, nem visão, nem alma do purgatório, como Vossa Mercê deve ter pensado, mas Dona Rodrigues, a dama de honor de minha senhora duquesa, que venho a Vossa Mercê com uma necessidade daquelas que Vossa Mercê sói remediar.

— Diga-me, senhora Dona Rodrigues — replicou Dom Quixote —: porventura vem Vossa Mercê como alcoviteira? Pois faço-lhe saber que não sou de proveito para ninguém, graças à sem-par beleza de minha senhora Dulcineia del Toboso. Digo, em suma, senhora Dona Rodrigues, que, desde que Vossa Mercê evite e deixe de parte qualquer recado amoroso, pode voltar a acender sua vela e tornar aqui. Conversaremos sobre tudo o que lhe aprouver e mais a gosto lhe vier, excetuando, digo, qualquer melindre incitativo.

— Eu, trazer recado de alguém, senhor meu? — respondeu a dama. — Mal me conhece Vossa Mercê. Sim, ainda não estou em idade tão avançada que me acolha a semelhantes ninharias, pois, Deus louvado, minha alma tenho nas carnes[1] e todos os dentes e presas na boca, salvo uns poucos que me usurparam uns catarros, que nesta terra de Aragão são tão comuns. Espere-me, porém, Vossa Mercê um pouco. Sairei para acender minha vela e voltarei para contar minhas penas, como ao remediador de todas as do mundo.

E, sem esperar resposta, saiu do aposento, onde ficou Dom Quixote, sossegado e pensativo, a esperá-la. Logo, contudo, sobrevieram-lhe mil pensamentos acerca daquela nova aventura. Parecia-lhe ser malfeito e pior pensado pôr-se em perigo de romper a fé prometida à sua senhora, e dizia para si mesmo: "Quem sabe se o diabo, que é sutil e manhoso, não me quererá enganar agora com uma dama, quando não conseguiu com imperatrizes, rainhas, duquesas, marquesas ou condessas? Já ouvi dizer muitas vezes, e a muitos discretos, que, se ele puder, antes dá nariz rombo que aquilino. Quem sabe se esta solidão, esta ocasião e este silêncio não irão despertar meus desejos adormecidos, fazendo com que, ao cabo de meus anos, venha a cair onde nunca tropecei? Em casos semelhantes, melhor é fugir que esperar batalha. Mas não devo estar em meu juízo, se tais disparates digo e penso, pois não é possível que uma dama de touca branca, obesa e de óculos possa mover ou levantar pensamentos lascivos mesmo no mais desalmado peito do mundo. Porventura há dama na terra que tenha boas carnes? Porventura há dama no orbe que deixe de ser impertinente, carrancuda e melindrosa? Fora, pois, caterva de damas, inúteis para qualquer regalo humano! Oh! Bem fazia aquela senhora de quem se diz ter duas damas de escultura, com óculos e almofadinhas, junto a seu estrado, como se estivessem a costurar, e tanto lhe serviam para a autoridade da sala aquelas estátuas como as damas verdadeiras!”

Dizendo isto, arrojou-se do leito, com intenção de fechar a porta para não deixar a senhora Rodrigues entrar. Mas, quando chegou a encostá-la, já voltava a senhora Rodrigues, de vela de cera branca acesa. Vendo ela Dom Quixote mais de perto, enrolado na colcha, com as faixas e gorro ou barrete, temeu de novo e, retirando-se para trás dois passos, disse:

— Estamos seguras, senhor cavaleiro? Não tenho como muito honesto sinal haver-se Vossa Mercê levantado de seu leito.

— Isso mesmo é bom que eu pergunte, senhora — respondeu Dom Quixote. — Assim, indago se estou eu a salvo de ser acometido e forçado.

— De quem ou a quem pedis, senhor cavaleiro, tal segurança? — indagou a dama.

— Peço-a a vós e de vós — replicou Dom Quixote —, pois nem eu sou de mármore, nem vós de bronze, nem agora são as dez horas do dia, mas meia-noite, ou um pouco mais, segundo imagino. E estamos num aposento mais fechado e secreto do que devia ser a cova em que o traidor e atrevido Eneias gozou a formosa e piedosa Dido. Dai-me porém, senhora, a mão. Não quero outra segurança maior do que a de minha continência e recato e a que oferece essa reverendíssima touca.

Dizendo isto, a si mesmo beijou a mão direita e pegou a dela, que com as mesmas cerimônias lhe foi dada.

Aqui abre Cide Hamete um parêntese e diz que, por Mafoma, para ver irem os dois, assim de mãos dadas e travados, da porta ao leito, daria o mais rico manto, de dois que possuía.

Entrou por fim Dom Quixote em sua cama e ficou Dona Rodrigues sentada numa cadeira, algo separada do leito, sem largar os óculos ou a vela. Dom Quixote encolheu-se e cobriu-se todo, apenas deixando descoberto o rosto. E, havendo-se os dois acalmado, o primeiro a romper o silêncio foi o cavaleiro, que disse:

— Pode agora Vossa Mercê, minha senhora Dona Rodrigues, abrir-se e desembuchar tudo aquilo que tem dentro de seu aflito coração e doloridas entranhas. Será por mim escutada com castos ouvidos e socorrida com piedosas obras.

— Assim o creio eu — respondeu a dama —, pois da gentil e cristã presença de Vossa Mercê não se podia esperar senão tão cristã resposta. O fato é, senhor Dom Quixote, que embora Vossa Mercê me veja sentada nesta cadeira, no centro do reino de Aragão, com trajes de dama aniquilada e escarnecida, sou natural das Astúrias de Oviedo e de linhagem que se ramifica por muitas das melhores daquela província. Minha escassa sorte porém, e o descuido de meus pais, que empobreceram antes do tempo, sem saber como nem por quê, trouxeram-me à corte, a Madri, onde, para bem de sua paz e para fugir a maiores desventuras, me colocaram para servir como donzela de lavor de uma senhora principal. Quero fique Vossa Mercê sabedor de que, para fazer bainhas e bordados, ninguém me pôs o pé adiante em toda a vida. Deixaram-me meus pais no serviço e voltaram para sua terra, e dali a poucos anos devem ter ido para o céu, pois eram, além de tudo, bons e católicos cristãos. Fiquei órfã e dependente do miserável salário e das angustiadas mercês que a tais criadas se sói dar nos palácios. Nesse tempo, sem que eu desse ocasião para tanto, enamorou-se de mim um escudeiro da casa, homem já maduro, barbudo e avultado e, sobretudo, fidalgo como o rei, porque era montanhês.[2] Não tratamos tão secretamente de nossos amores que não chegassem ao conhecimento de minha ama, a qual, para evitar murmurações, nos casou em paz e perante a Santa Madre Igreja Católica Romana. Desse matrimônio nasceu uma filha, para dar cabo à minha ventura, se alguma eu tinha. Não porque eu morresse do parto, pois o tive rápido e a tempo, mas porque pouco depois morreu meu marido, de certo espanto que teve e de que se admiraria Vossa Mercê, se agora tivesse eu oportunidade de contar-lhe.

Nisto, começou a chorar comovidamente e disse:

— Perdoe-me Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, mas não está em minha mão. Todas as vezes que me recordo de meu malogrado esposo se me arrasam os olhos de lágrimas. Valha-me Deus, com que autoridade conduzia minha senhora à garupa de poderosa mula, negra como o próprio azeviche! Então, não se usavam coches nem cadeirinhas, como agora dizem que se usam, e as senhoras iam à garupa de seus escudeiros. Isto, pelo menos, não posso deixar de contar, para que se note a educação e o esmero de meu bom marido. Ao entrar na rua de Santiago, em Madri, que é algo estreita, vinha saindo por ela um alcaide da corte, com dois alguazis à frente. Assim que meu bom escudeiro os viu, virou as rédeas à mula, dando sinal de querer acompanhá-los. Minha ama, que ia à garupa, em voz baixa lhe dizia: “Que fazeis, desventurado? Não vedes que vou aqui?” O alcaide, de cortês, deteve as rédeas do cavalo e disse-lhe: “Segui, senhor, vosso caminho; sou eu quem deve acompanhar a minha senhora Dona Cassilda.” Contudo, porfiava meu marido, com o gorro na mão, em querer ir acompanhando o alcaide. Vendo isso, minha ama, cheia de cólera e aborrecimento, tirou um alfinete grosso, eu creio que uma agulheta, do colete, e cravou-lhe no lombo, de maneira que meu marido deu grande brado e torceu o corpo, dando assim com sua ama no chão. Acudiram a levantá-la dois lacaios seus, e o mesmo fizeram o alcaide e os alguazis. Alvoroçou-se a Porta de Guadalajara, quero dizer, a gente vadia que ali estava. Veio minha ama a pé e meu marido foi ter a um barbeiro, dizendo que estava com as entranhas atravessadas de um lado a outro. Divulgou-se tanto a cortesia de meu esposo que os rapazes o corriam pelas ruas. Por isto, e por ser ele um tanto curto da vista, despediu-o minha ama. O pesar que experimentou, sem dúvida alguma, foi a meu ver o que lhe causou o mal da morte. Fiquei eu viúva e desamparada, com uma filha às costas, que ia crescendo em formosura como a espuma do mar. Finalmente, como eu tivesse fama de grande bordadeira, minha senhora a duquesa, que estava casada com o duque meu senhor, quis trazer-me consigo para este reino de Aragão, e à minha filha igualmente. Assim, indo e passando os dias, cresceu minha filha, e com ela todo o donaire do mundo: canta como uma calhandra, dança como o pensamento, baila como uma perdida, lê e escreve como mestre-escola e faz contas como um avarento. De sua limpeza nada digo: mais limpa não é a água corrente. E deve ter agora, se mal não me lembro, dezesseis anos, cinco meses e três dias, mais ou menos. Em suma, desta minha menina enamorou-se o filho de um lavrador riquíssimo, que mora numa aldeia do duque meu senhor, não muito longe daqui. Com efeito, não sei como nem de que modo, juntaram-se ambos e ele seduziu minha filha, sob promessa de ser seu esposo, o que não quer cumprir. E embora o duque meu senhor o saiba, porque me queixei a ele, não uma mas muitas vezes, pedindo-lhe mande tal lavrador casar-se com a minha filha, faz ouvidos de mercador e mal me quer escutar. A causa é que, como o pai do sedutor é muito rico, e lhe empresta dinheiro, e por vezes se torna fiador de suas dívidas, não quer o duque descontentá-lo nem contrariá-lo de modo algum. Quereria eu, pois, senhor meu, que Vossa Mercê tomasse o encargo de desfazer este agravo, quer por súplicas, quer pelas armas, pois, segundo todos dizem, veio Vossa Mercê ao mundo para desfazê-lo, endireitar os tortos e amparar os miseráveis. Tenha Vossa Mercê em mente a orfandade de minha filha, sua gentileza, sua mocidade, com todas as boas partes que lhe pintei. Por Deus e minha consciência, de quantas donzelas tem minha ama, nenhuma há que lhe chegue à sola dos sapatos. Uma que chamam Altisidora e é tida por mais desenvolta e galharda, posta em comparação com a minha filha não lhe chega perto duas léguas. Pois quero que Vossa Mercê, senhor meu, saiba que nem tudo o que reluz é ouro. Esta Altisidora tem mais presunção que formosura e mais desenvoltura que recato; além disso, não é muito sã; tem certo hálito mau, que ninguém suporta ficar perto dela um momento. E mesmo a duquesa minha ama... cala-te, boca, pois costuma-se dizer que as paredes têm ouvidos!

— Que tem minha senhora a duquesa, por minha vida, senhora Dona Rodrigues? — redarguiu Dom Quixote.

— Assim conjurada, não posso deixar de responder ao que se me pergunta, com inteira verdade. Vê Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, a formosura de minha senhora a duquesa, aquela tez no rosto que só parece uma espada brunida e tersa, aquelas duas faces de leite e carmim, que numa tem o sol e na outra a lua, e aquela galhardia com que vai pisando e ao mesmo tempo desprezando o solo, tudo parecendo que vai derramando saúde por onde passa? Pois saiba Vossa Mercê que o deve agradecer primeiro a Deus e, em seguida, a duas feridas que tem nas duas pernas, fontes por onde se deságua todo o mau humor de que dizem os médicos estar ela cheia.

— Santa Maria! — exclamou Dom Quixote. — Será possível que minha senhora a duquesa tenha tais desaguadouros? Não o acreditaria, se mo dissessem frades descalços. Mas, como a senhora Rodrigues o diz, assim deve ser. Tais fontes, porém, em tal lugar, não devem manar humores, mas âmbar líquido. Em verdade, agora acabo de crer que abrir fontes em si mesmo deve ser coisa importante para a saúde.[3]

Mal acabou Dom Quixote de dizer esta frase, com grande golpe abriram as portas do aposento. Pelo sobressalto do golpe, caiu a vela das mãos de Dona Rodrigues e ficou o quarto escuro como a boca de lobo, segundo se usa dizer. Logo sentiu a pobre dama que a agarravam pela garganta com duas mãos, tão fortemente que nem a deixavam ganir. Outra pessoa, com muita presteza, sem dizer palavra, levantou-lhe as saias e, com um chinelo ou coisa parecida, começou a dar-lhe tantos açoites que era de causar dó. Embora se penalizasse, Dom Quixote não se mexia do leito, pois não compreendia aquilo, e mantinha-se quedo e calado, temendo mesmo que também chegasse a sua vez de uma tunda. E não foi vão seu temor, porquanto, deixando moída a dama, que não ousava queixar-se, os silenciosos verdugos dirigiam-se para Dom Quixote e, desembrulhando-o do lençol e da colcha, beliscaram-no tão amiúde e tão rijamente que ele não pôde deixar de defender-se a murros. Tudo isto, em admirável mutismo. Durou a batalha quase meia hora. Partiram os fantasmas, ajeitou Dona Rodrigues a saia e, gemendo sua desgraça, saiu pela porta afora, sem dizer palavra a Dom Quixote. Este, dolorido e beliscado, confuso e pensativo, ficou sozinho, e assim o deixaremos, desejoso de saber quem seria o perverso encantador que de tal modo o pusera. Isso, entretanto, será dito a seu tempo. Sancho Pança nos chama e a boa harmonia da história o pede.

# CAPÍTULO XLIX

## *Do que sucedeu a Sancho Pança, quando rondava sua ilha*

Deixamos o grande governador amofinado e contrariado com o lavrador pintor e socarrão, o qual, industriado pelo mordomo, e este pelo duque, se burlava de Sancho. Este, porém, enfrentava todos, embora tonto, bronco e gorducho. Aos que com ele estavam e ao doutor Pedro Duro, que voltava a entrar na sala ao se acabar o segredo da carta do duque, disse ele:

— Agora verdadeiramente compreendo que os juízes e governadores devem ser, ou têm de ser, de bronze, para não sofrer importunidades dos negociantes, que a toda hora e a qualquer tempo querem ser escutados e despachados, atendendo somente a seu negócio, haja o que houver. E se o pobre do juiz não os escuta e despacha, ou porque não pode, ou porque não é aquela a hora marcada para dar-lhes audiência, logo o maldizem e dele murmuram, roem-lhe os ossos e ainda lhe deslindam as linhagens. Negociante néscio, negociante mentecapto, não te apresses; espera tempo e ocasião para negociar. Não venhas à hora de comer nem à de dormir, que os juízes são de carne e osso de dar à natureza o que ela naturalmente lhes pede. À exceção de mim, que não dou de comer à minha, graças ao doutor Pedro Duro Parafora, aqui presente, que quer que eu morra de fome e afirma que tal morte é vida. Assim lha dê Deus, a ele e a todos os da sua ralé, quero dizer, à dos maus médicos, que os bons palmas e louros merecem.

Todos os que conheciam Sancho Pança admiravam-se de ouvi-lo falar tão elegantemente e não sabiam a que atribuí-lo, senão a que os ofícios e cargos graves ou inspiram ou entorpecem os entendimentos. Finalmente, o doutor Pedro Duro de Agouro de Parafona prometeu dar-lhe de cear aquela noite, ainda que violasse todos os aforismos de Hipócrates. Com isto ficou contente o governador e esperava com grande ânsia chegasse a noite a hora de cear. E embora, a seu ver, o tempo fosse imóvel, sem sair do lugar, chegou-lhe afinal o tão desejado, em que lhe deram de cear um paio de vaca com cebola e umas mãos cozidas de vitelas algo velhuscas. Dedicou-se Sancho a isto com mais gosto do que se lhe houvessem dado galinholas de Milão, faisões de Roma, vitela de Sorrento, perdizes de Morón ou gansos de Lavajos. Em meio da ceia, voltando-se para o doutor, disse-lhe:

— Olhai, senhor doutor, doravante não cuideis de dar-me de comer coisas regaladas nem manjares delicados, porque será tirar meu estômago de seus eixos. Está ele acostumado a cabra, a vaca, a toucinho, a nabos e a cebolas. Se acaso lhe derem outros manjares de palácio, recebe-os com melindre e algumas vezes com asco. O que o mestre-sala pode fazer é trazer-me estas chamadas paneladas de guisado, que quanto mais se misturam melhor cheiram. Nelas pode ensacar e encerrar tudo quanto quiser, desde que seja coisa de comer, que eu lhe agradecerei e lhe pagarei algum dia. E ninguém se burle de mim, porque ou somos ou não somos. Vivamos todos e comamos em paz e boa companhia, pois, quando Deus faz amanhecer, para todos amanhece. Governarei esta ilha sem defraudar direitos nem aceitar suborno, e todo mundo traga o olho alerta e veja o que faço. Faço-lhes saber que de ermitão também se veste o diabo[1] e que, se me dão oportunidade, verão maravilhas! Sim, fazei-vos de mel e vereis que vos comem as moscas!

— Por certo, senhor governador — ponderou o mestre-sala —, tem Vossa Mercê muita razão em tudo quanto disse, e assevero, em nome de todos os ilhéus[2] desta ilha, que o servirão com toda a exatidão, amor e benevolência, porque o suave modo de governar, que nestes princípios Vossa Mercê mostrou, não lhes dá lugar a fazer ou pensar coisa que em desserviço de Vossa Mercê redunde.

— Assim o creio — retrucou Sancho. — Seriam eles uns néscios se outra coisa dissessem ou pensassem. Volto a dizer que se tenha cuidado com meu sustento e com o de meu ruço, que neste negócio é o que mais importa e vem ao caso. E, como é hora, façamos uma ronda. É minha intenção limpar esta ilha de todo gênero de imundície e de gente vagabunda, folgazã e mal-entretida. Quero, com efeito, que saibais, amigos meus, que a gente vadia e preguiçosa é na república o mesmo que zangões nas colmeias, que comem o mel feito pelas abelhas laboriosas. Penso favorecer os lavradores, guardar as preeminências dos fidalgos, premiar os virtuosos e, sobretudo, ter respeito à religião e à honra dos religiosos. Que vos parece isto, amigos? Digo bem ou faço estrepolias?

— Diz tão bem Vossa Mercê, senhor governador — respondeu o mestre-sala —, que estou admirado por ver um homem tão sem letras como Vossa Mercê (pois, creio eu, não tem nenhuma) dizer tais e tantas coisas, tão cheias de sentenças e de conselhos, que ficam fora de tudo quanto do engenho de Vossa Mercê esperavam os que nos enviaram e os que aqui viemos. Cada dia se veem coisas novas no mundo. As burlas se tornam realidades e os burladores saem burlados.

Chegou a noite e ceou o governador, com licença do doutor Duro. Prepararam-se para a ronda. Saiu Sancho com o mordomo, o secretário e o mestre-sala, bem como com o cronista, que tinha o cuidado de registrar seus feitos, e tantos alguazis e escrivães que podiam formar meio esquadrão. Ia Sancho entre eles, com sua vara, que era um espetáculo! Percorridas poucas ruas do lugar, ouviram ruído de cutiladas. Correram para lá e viram ser apenas dois homens os que lutavam. Estes, vendo chegar a justiça, ficaram quietos e um deles exclamou:

— Aqui de Deus e del rei! Como se há de suportar que roubem em público nesta aldeia e saiam a assaltar em meio das ruas?

— Sossegai-vos, homem de bem — ponderou Sancho —, e contai-me qual é a causa dessa pendência.

O outro adversário disse:

— Senhor governador, contá-la-ei eu com toda a brevidade. Saberá Vossa Mercê que este gentil-homem acaba de ganhar agora, nesta casa de jogo aqui em frente, mais de mil reais, sabe Deus como. Achando-me eu presente, julguei mais de uma sorte duvidosa a seu favor, contra tudo aquilo que me ditava a consciência. Ergueu-se com o lucro e, quando esperava que me havia de dar algum escudo, pelo menos de propina, como é uso e costume dar aos homens principais como eu, que ficamos como assistentes para bem ou mal passar e para apoiar sem-razões e evitar pendências, embolsou o dinheiro e saiu da casa. Despeitado, vim atrás dele e, com boas e corteses palavras, pedi-lhe que pelo menos me desse oito reais, pois sabe que sou homem honrado e não tenho ofício nem benefício, porque meus pais não mo ensinaram nem mo deixaram. O socarrão, mais ladrão do que Caco e mais trapaceiro do que Andradilha,[3] não me queria dar mais do que quatro reais. Veja Vossa Mercê, senhor governador, que pouca vergonha e que pouca consciência! Mas palavra que, se Vossa Mercê não chegasse, eu o forçaria a vomitar o lucro e mostrar-lhe-ia com quantos paus se faz uma canoa.

— Que dizeis a isto? — perguntou Sancho.

O outro respondeu que era verdade quanto seu adversário dizia. Não havia querido dar-lhe mais de quatro reais, porque constantemente lhos dava. Os que esperam propina devem ser comedidos e receber com rosto alegre o que lhes for dado, sem entrar em disputa com os que ganham, se não soubessem com certeza que o que ganham é mal ganho e são trapaceiros. Como prova de ser homem de bem, e não ladrão, como o outro dizia, melhor não havia do que o fato de nada haver querido dar-lhe, pois sempre os trapaceiros são tributários dos mirones que os conhecem.

— Assim é — atalhou o mordomo. — Veja Vossa Mercê, senhor governador, o que se deve fazer com estes homens.

— O que se deve fazer é isto — disse Sancho —: vós, que ganhastes, bem, ou mal, ou indiferentemente, dai logo a este vosso acutilador cem reais, e ainda haveis de desembolsar trinta para os pobres da cadeia. E vós, que não tendes ofício nem benefício e andais a vadiar nesta ilha, tomai logo esses cem reais e, por todo o dia de amanhã, saí desta ilha, desterrado por dez anos, sob pena, se o infringirdes, de irdes cumpri-los no outro mundo, pendurando-vos eu de um pelourinho, ou pelo menos o verdugo por mim mandado. E ninguém me replique, que lhe sentarei o braço.

Desembolsou um a quantia, recebeu-a o outro, saiu este da ilha, aquele foi para sua casa e o governador ficou dizendo:

— Agora, ou pouco hei de poder, ou acabarei com essas casas de jogos; transluz-me que são mui prejudiciais.

— Com esta, pelo menos — observou um escrivão —, não poderá Vossa Mercê acabar, pois pertence a um alto personagem e muito mais, sem comparação, é o que ele perde por ano do que o que tira dos naipes. Contra outras espeluncas de menor importância poderá Vossa Mercê mostrar seu poder, pois são as que mais dano fazem e mais insolências encobrem. Nas casas dos cavaleiros principais e dos senhores, não se atrevem os trapaceiros a usar de suas tretas. E como o vício do jogo se tornou exercício comum, melhor é que se jogue nas casas principais do que na de qualquer artesão, onde agarram um infeliz depois da meia-noite e o esfolam vivo.

— Ora, escrivão — replicou Sancho —, sei que sobre isso há muito o que dizer.

Nisto chegou um alguazil, que trazia preso um moço, e informou:

— Senhor governador, este mancebo vinha em nossa direção e, assim que vislumbrou a justiça, voltou as costas e começou a correr como um gamo. É sinal de que deve ser algum delinquente. Parti atrás dele e, se não houvesse tropeçado e caído, não o haveria eu alcançado nunca.

— Por que fugias, homem? — perguntou Sancho.

A isso o moço respondeu:

— Senhor, para evitar responder às muitas perguntas que as justiças fazem.

— Que ofícios tens?

— Tecelão.

— E que teces?

— Ferros de lanças, com licença de Vossa Mercê.

— Engraçadinho me sais? Presumis de chocarreiro? Está bem: aonde íeis agora?

— Senhor, ia tomar ar.

— E onde se toma ar nesta ilha?

— Onde sopra.

— Bom, respondeis muito a propósito! Discreto sois, mancebo. Mas fazei de conta que eu sou o ar e que vos sopro pela popa e vos encaminho ao cárcere. Olá, agarrai-o e levai-o. Farei com que durma na cadeia, sem ar, esta noite!

— Por Deus! — exclamou o moço. — Tanto me fará Vossa Mercê dormir no cárcere como pode fazer-me rei.

— Por que não vos farei dormir no cárcere? — retrucou Sancho. — Não tenho poder para prender-vos e soltar-vos sempre e quando quiser?

— Por mais poder que tenha Vossa Mercê — observou o moço —, não será bastante para fazer com que eu durma no cárcere.

— Como não? — replicou Sancho. — Levai-o logo aonde com os próprios olhos possa eu ver seu engano. Mesmo que o alcaide queira usar com ele de liberalidade interesseira, impor-lhe-ei pena de dois mil ducados se o deixar sair um passo fora do cárcere.

— Tudo isto é coisa de rir — ponderou o moço. — O fato é que não há pessoa viva que me faça dormir no cárcere.

— Dize-me, demônio — indagou Sancho —: tens algum anjo que te retire e te arranque os grilhões que penso mandar-te pôr?

— Ora, senhor governador — respondeu o moço com grande donaire —, raciocinemos e cheguemos ao ponto. Pressuponha Vossa Mercê que me manda levar ao cárcere e que nele me põem grilhões e cadeias, e se impõem ao alcaide graves penas se me deixar sair, e que ele obedece ao que lhe é ordenado. Apesar de tudo isso, se eu não quiser dormir, se quiser ficar acordado a noite inteira sem fechar as pestanas, será Vossa Mercê capaz, com todo o seu poder, de fazer-me dormir, desde que eu não o queira?

— Não, por certo — concordou o secretário. — O homem está com a razão.

— De modo que — tornou Sancho — não deixareis de dormir senão porque não tendes vontade, e não para me contrariar?

— Não, senhor — disse o moço. — Nem por pensamento.

— Pois andai com Deus — resolveu Sancho. — Ide dormir em vossa casa e Deus vos dê bom sono, que não o quero tirar. Aconselho-vos, porém, a não zombardes doravante da justiça, pois podeis topar com alguma que vos dê com a zombaria nos cascos.

Foi-se o moço e o governador prosseguiu com a sua ronda. Dali a pouco vieram dois alguazis, que traziam um homem preso, e disseram:

— Senhor governador, este, que parece homem, não o é. É mulher, e nada feia, vestida de trajes de homem.

Chegaram-lhe ao rosto duas ou três lanternas, cujas luzes revelaram um rosto de mulher, aparentemente de dezesseis anos, ou pouco mais. Os cabelos estavam enrolados numa redezinha de ouro e seda verde, formosa como mil pérolas. Olharam-na de cima a baixo e viram que estava com meias de seda encarnada, ligas de tafetá branco e franjas de ouro e aljofre. Os calções eram verdes, de tela dourada, com um casaco do mesmo pano, solto, debaixo do qual trazia um gibão de finíssimo tecido dourado e branco. Os sapatos eram brancos e de homem. Não trazia espada à cinta, mas riquíssima adaga e, nos dedos, muitos e bons anéis. Em suma, a jovem pareceu bem a todos, não a conhecendo nenhum de quantos a viram. Os naturais do lugar disseram não poder pensar quem fosse e os conhecedores das burlas que se haviam de fazer a Sancho foram os que mais se admiraram, pois aquele acontecimento e encontro não se verificava por ordem sua. Assim, ficaram em dúvida, esperando em que pararia o caso.

Sancho ficou pasmado com a formosura da moça e perguntou-lhe quem era, aonde ia e que razão a havia levado a envergar tais trajes. Ela, de olhos postos no chão, com honesta vergonha, respondeu:

— Não posso, senhor, dizer tão em público o que tanto me importava fosse secreto. Uma coisa quero que se entenda: não sou ladrão nem pessoa facinorosa, mas uma donzela desditosa, a quem a força de uns ciúmes fez romper o decoro que à honestidade se deve.

Ouvindo isso, disse o mordomo a Sancho:

— Faça, senhor governador, com que todos se afastem, a fim de que esta senhora, com menos embaraço, possa dizer o que quiser.

Mandou o governador que todos se afastassem, só ficando com ele o mordomo, o mestre-sala e o secretário. Vendo-os, pois, sós, prosseguiu a donzela dizendo:

— Eu, senhores, sou filha de Pedro Pérez de Mazorca, arrendador das lãs[4] deste lugar, o qual costuma ir muitas vezes à casa de meu pai.

— Isto não tem sentido — ponderou o mordomo. — Senhora, conheço muito bem Pedro Pérez e sei que não tem filho algum, varão ou mulher. Além do mais, dizeis que ele é vosso pai e logo acrescentais que costuma ir muitas vezes à casa de vosso pai.

— Eu já havia notado isso — interveio Sancho.

— Ora, senhores, estou perturbada e nem sei o que digo — respondeu a donzela. — A verdade, porém, é que sou filha de Diogo de la Llana, que Vossas Mercês bem devem conhecer.

— Isto, agora, é outra coisa — observou o mordomo. — Conheço Diogo de la Llana e sei que é um fidalgo principal e rico, que tem um filho e uma filha e, desde que enviuvou, não há em todo este lugar quem possa dizer ter visto o rosto de sua filha. Tem-na tão encerrada que nem ao sol dá ensejo de vê-la. E, apesar disso, diz a fama que é em extremo formosa.

— Essa é a verdade — respondeu a donzela. — Sou eu essa filha. Se mente ou não a fama de minha formosura, já estais cientes, senhores, pois me vistes.

Neste ponto, começou a chorar comovidamente. Vendo-o, o secretário chegou-se ao ouvido do mestre-escola e lhe disse baixinho:

— Sem dúvida alguma deve haver sucedido algo de importância a esta pobre donzela, pois com esse traje e a tais horas anda fora de sua casa, sendo tão principal.

— Disso não há que duvidar — asseverou o mestre-sala. — Tanto mais que suas lágrimas confirmam essa suspeita.

Consolou-a Sancho do melhor modo que pôde e pediu-lhe que, sem temor algum, lhes dissesse o que havia sucedido. Todos procurariam remediá-lo com muita sinceridade e por todas as vias possíveis.

O caso, senhores — contou ela —, é que meu pai me traz encerrada há dez anos, tantos são os que minha mãe foi enterrada. Em casa dizem missa num rico oratório e durante todo esse tempo nada mais vi que o sol do céu, de dia, e a lua e as estrelas, de noite. Não sei o que são ruas, praças ou templos, nem mesmo homens, salvo meu pai, um irmão meu e Pedro Pérez, o arrendador, que entra habitualmente em minha casa, vindo-me daí a ideia de dizer ser o meu pai, para não revelar o meu. Este encerramento, essa proibição de sair de casa, mesmo para ir à igreja, há muitos dias e meses me traz mui desconsolada. Quisera ver o mundo, ou, pelo menos, o lugar em que nasci, parecendo-me que este desejo não ia de encontro ao bom decoro que as donzelas principais a si mesmas devem guardar. Quando ouvia dizer que corriam touros, jogavam cavalhadas, ou se representavam comédias, pedia a meu irmão, um ano mais novo do que eu, que me contasse como eram essas coisas, e outras muitas que nunca vi. Ele mas narrava do melhor modo que podia, mas tudo só me incendia mais o desejo de o ver. Em suma, para abreviar a história de minha perdição, digo que pedi e roguei a meu irmão, e nunca isso pedira ou rogara...

Tornou a renovar o pranto. Falou-lhe o mordomo:

— Prossiga Vossa Mercê, senhora, e acabe de dizer-nos o que lhe sucedeu, pois a todos nos trazem em suspense suas lágrimas e palavras.

— Poucas me restam a dizer — respondeu a donzela —, embora muitas lágrimas ainda tenha para chorar, pois os desejos mal colocados não podem trazer consigo prêmios diferentes.

Imprimira-se na alma do mestre-sala a beleza da donzela e aproximou outra vez sua lanterna para tornar a vê-la. Pareceu-lhe que lágrimas não eram as que chorava, mas aljôfar ou orvalho dos prados; exalçava-as, mesmo, elevando-se a pérolas orientais, desejoso de que sua desgraça não fosse tão grande como o davam a entender os indícios de seu pranto e seus suspiros. Desesperava-se o governador com a demora da jovem em relatar sua história e disse que deixasse de os trazer em suspenso, pois era tarde e muito ainda da aldeia tinham de andar. Ela, entre interrompidos soluços e malformados suspiros, continuou:

— Minha desgraça e meu infortúnio outros não são que os de haver rogado a meu irmão que me vestisse de trajes de homem, com uma de suas vestes, e me levasse uma noite para ver toda a aldeia, quando nosso pai dormisse. Ele, importunado por minhas súplicas, condescendeu com meu desejo. Vesti este traje e ele pôs outro, meu, que lhe ficou como por medida, pois não tem pelo de barba e parece donzela formosíssima. Esta noite, faz cerca de uma hora, pouco mais ou menos, saímos de casa e, guiados por nosso juvenil e disparatado intento, fizemos a volta de toda a aldeia. Quando queríamos voltar para casa, vimos chegar grande tropel de gente e meu irmão me disse: “Mana, esta deve ser a ronda; aligeira os pés e põe asas neles e vem correndo atrás de mim, para que não nos conheçam. Do contrário, mal nos há de sair.” Dizendo isto, voltou as costas e começou, não digo a correr, mas a voar. Eu, a menos de seis passos, caí com o susto. Chegou então o oficial da justiça, que me trouxe ante Vossas Mercês. E aqui, por má e afoita, envergonhada me vejo diante de tanta gente.

— Realmente, senhora — atalhou Sancho —, não vos sucedeu outro desmando algum, nem ciúmes, como no princípio de vossa história dissestes, nem vos raptaram de vossa casa?

— Nada me sucedeu, nem me arrebataram ciúmes, mas apenas o desejo de ver o mundo, que não se estendia a mais do que ver as ruas deste lugar.

Acabou de confirmar a verdade do que a donzela dizia a chegada de dois alguazis com seu irmão, preso, que um deles havia alcançado quando fugia com a irmã. Trajava rica saia e um mantelete de damasco azul, com passamanes de ouro fino; a cabeça, sem touca ou outro chapéu, adornava-se com os próprios cabelos, que eram anéis de ouro, de tão louros e ondulados. Afastaram-se com ele o governador, o mordomo e o mestre-sala e, sem que a irmã o ouvisse, perguntaram-lhe como vinha com tais trajes. Ele, com vergonha e embaraço não menores, contou o mesmo que a irmã havia narrado. Com isso muito se regozijou o enamorado mestre-sala, mas o governador lhes disse:

— Por certo, senhores, foi esta uma grande rapaziada; mas, para contar esta tolice e atrevimento não seriam necessárias tantas delongas, lágrimas e suspiros. Bastaria dizer: somos fulano e fulana, que saímos da casa de nossos pais, a passear, com este disfarce, só por curiosidade, sem qualquer outro desígnio. E acabar-se-ia a história, sem gemiditos ou choramingações.

— Esta é a verdade — respondeu a donzela. — Saibam porém, Vossas Mercês, ter sido tanta a minha perturbação, que não me deixou guardar os devidos limites.

— Nada se perdeu — observou Sancho. — Vamo-nos. Deixaremos Vossas Mercês em casa de seu pai; talvez não lhes haja dado pela falta. E, daqui por diante, não se mostrem tão infantis nem desejosos de ver o mundo: donzela honrada e perna quebrada fiquem em casa; mulher e galinha se perdem sozinhas;[5] e a que é desejosa de ver também tem desejo de ser vista. E mais não digo.

O mancebo agradeceu ao governador a mercê de acompanhá-los até sua casa, e assim se encaminharam para ela, que não ficava muito longe dali. Chegaram e, atirando o irmão um seixo a uma janela, imediatamente desceu uma criada, que os estava esperando, e abriu-lhes a porta. Entraram, deixando todos admirados de sua gentileza e formosura, bem como do desejo que tinham de ver o mundo, de noite e sem sair de sua aldeia; tudo atribuíram, porém, à sua juvenilidade. Ficou o mestre-sala de coração trespassado e propôs-se ir logo no dia seguinte pedi-la por esposa a seu pai, certo de que não lha negaria, por ser ele criado do duque. Mesmo a Sancho vieram desejos e palpites de casar o moço com Sanchica, sua filha, e decidiu pô-lo em prática no devido tempo, pois entendia que nenhum marido se podia negar à filha de um governador.

Com isto, acabou-se a ronda daquela noite; e daí, a dois dias, o governo, com o que se destroçaram e apagaram todos os seus desígnios, como adiante se verá.

# CAPÍTULO L

## *Onde se declara quem foram os encantadores e verdugos que açoitaram a dama e beliscaram e arranharam Dom Quixote; e também o sucesso que teve o pajem que levou a carta a Teresa Sancha,*[1] *mulher de Sancho Pança*

Diz Cide Hamete, exatíssimo esquadrinhador dos átomos desta verídica história, que, no instante em que Dona Rodrigues saiu de seu aposento para ir ao de Dom Quixote, outra dama que com ela dormia o pressentiu. Como todas as damas são amigas de saber, compreender e farejar, foi atrás dela, com tanto silêncio que a boa Rodrigues não a conseguiu ver. Assim que a dama entrou no quarto de Dom Quixote, para que não deixasse a outra o geral costume, que têm as damas, de ser mexeriqueiras, imediatamente foi contar à duquesa sua ama que Dona Rodrigues se encontrava nos aposentos do cavaleiro. A duquesa narrou-o ao duque e pediu-lhe licença para irem ela e Altisidora ver o que aquela dama queria com Dom Quixote. Deu-a o duque e ambas, com grande vagar e cuidado, colocaram-se junto à porta do aposento, tão perto que ouviam tudo quanto lá dentro se falava. Quando a duquesa ouviu a Rodrigues pôr em público o Aranjuez[2] de suas fontes, não o pôde suportar, nem igualmente Altisidora. Assim, cheias de cólera e desejosas de vingança, entraram de súbito no aposento, atormentando Dom Quixote e açoitando a dama do modo já narrado, pois as afrontas que ferem em cheio a formosura e a presunção das mulheres despertam nelas a ira, por extremo, e incendeiam-lhes o desejo de vingar-se. Contou a duquesa o que se havia passado ao duque, que muito folgou. E a duquesa, prosseguindo com sua intenção de burlar-se de Dom Quixote e à sua casa custa passar o tempo, despachou o pajem que havia feito o papel de Dulcineia no ardil de seu desencanto (do qual Sancho Pança se havia esquecido por completo, com os trabalhos do governo) a Teresa Pança, com a carta de seu marido, outra sua e um presente de grande colar de ricos corais.

Conta, pois, a história que o pajem era mui discreto e arguto e, com desejo de servir a seus amos, partiu de mui boa vontade para a aldeia de Sancho. Antes de entrar nela, viu que numerosas mulheres lavavam roupa num arroio. Perguntou-lhes se poderiam dizer onde morava, naquele lugar, uma mulher chamada Teresa Pança, esposa de certo Sancho Pança, escudeiro de um cavaleiro chamado Dom Quixote de la Mancha. A esta pergunta, ergueu-se uma mocinha que lavava roupa e disse:

— Essa Teresa Pança é minha mãe; esse tal Sancho Pança é o senhor meu pai; e o tal cavaleiro é nosso amo.

— Pois vinde, donzela — tornou o pajem —, e levai-me a vossa mãe. Trago-lhe uma carta e um presente do tal vosso pai.

— Farei isso com toda a boa vontade, meu senhor — respondeu a jovem, que mostrava ter catorze anos, pouco mais ou menos.

E deixando com outra companheira a roupa que lavava, sem pentear-se nem calçar-se, pois estava descalça e desgrenhada, saltou à frente da cavalgadura do pajem e disse:

— Venha vosmecê, que nossa casa fica à entrada da aldeia; lá se acha minha mãe, com grande pena, porque há muitos dias não tem notícias do senhor meu pai.

— Pois trago-as — disse o pajem —, e tão boas que bem poderá dar graças a Deus por elas.

Por fim, saltando, correndo e brincando, chegou à aldeia a moçoila e, antes de entrar em casa, falou aos gritos, da porta:

— Saia, mãe Teresa. Saia, saia. Vem aqui um senhor que traz cartas e outras coisas de meu bom pai.

A esses gritos saiu Teresa Pança, sua mãe, fiando um fuso de estopa, com uma saia parda, tão curta que parecia haver sido cortada por lugar vergonhoso;[3] tinha um corpete igualmente pardo e uma camisola. Não era muito velha, embora mostrasse passar dos quarenta; antes, forte, dura, empinada e membruda. Vendo a filha e o pajem a cavalo, disse:

— Que é isso, menina? Que senhor é este?

— Sou um servidor de minha senhora Dona Teresa Pança — respondeu o pajem.

Dizendo-o, arrojou-se do cavalo e com muita humildade pôs-se de joelhos diante da senhora Teresa, a quem disse:

— Dê-me Vossa Mercê suas mãos, minha senhora Dona Teresa, como esposa legítima e particular do senhor Dom Sancho Pança, legítimo governador da ilha Baratária.

— Ai, meu senhor, saia daí. Não faça isso — replicou Teresa. — Eu não sou nada palaciana, mas uma pobre lavradora, filha de um labrego e mulher de um escudeiro andante, e não de governador algum.

— Vossa Mercê — ponderou o pajem — é mulher digníssima de um governador arquidigníssimo. E, para prova desta verdade, receba Vossa Mercê esta carta e este presente.

Tirou no mesmo instante da algibeira um colar de corais com fechos de ouro, lançou-lho ao pescoço e disse:

— Esta carta é do senhor governador. A outra que trago e estes corais são de minha ama a duquesa, que me envia a Vossa Mercê.

Ficou pasmada Teresa, e sua filha nada menos. Disse a moçoila:

— Matem-me se não anda por aqui o senhor nosso amo Dom Quixote, que deve ter dado ao pai o governo ou condado que tantas vezes lhe prometeu.

— Esta é a verdade — responde o pajem. — Em homenagem ao senhor Dom Quixote, é agora o senhor Sancho governador da ilha Baratária, como se verá por esta carta.

— Leia-me vosmecê, senhor fidalgo — pediu Teresa. — Eu, embora saiba fiar, não sei ler um ponto.

— Eu tampouco — aduziu Sanchica. — Mas esperem-me aqui. Irei chamar quem a leia, seja o cura ou o próprio bacharel Sansão Carrasco; virão de muito boa vontade para saber notícias de meu pai.

— Não é preciso chamar ninguém — tornou o pajem. — Eu não sei fiar, mas sei ler e irei lê-la.

Assim, leu toda a carta de Sancho, que, por já ser conhecida, aqui não se repete. A seguir, tirou a outra, da duquesa, que dizia desta maneira:

> "Amiga Teresa:
>
> As boas prendas da bondade e do engenho de vosso marido Sancho moveram-me e obrigaram-me a pedir a meu marido, o duque, que lhe desse o governo de uma ilha, das muitas que possui. Tenho notícia de que governa como uma águia. Com isso estou muito contente e, em consequência, também o duque meu senhor, pelo que dou muitas graças ao céu, porque não me enganei ao escolhê-lo para tal governo. Saiba, de fato, a senhora Teresa, que com dificuldade se acha um bom governador no mundo, e tal me faça Deus a mim como Sancho governa.
>
> Aí lhe envio, minha querida, um colar de corais com fechos de ouro. Folgaria eu que fosse de pérolas orientais, mas quem te dá o osso não te quer ver morta.[4] Tempo virá em que nos conheceremos e conversaremos. Recomende-me a Sanchica, sua filha, e diga-lhe de minha parte que se prepare; espero casá-la altamente, quando menos pensar.
>
> Dizem-me que nesse lugar há bolotas[5] gordas; envie-me até duas dúzias, que as apreciarei muito por virem de sua mão. Escreva-me amplamente, dando-me notícias de sua saúde e de seu bem-estar. Se houver mister de alguma coisa, o que tem de fazer é só abrir a boca, que sua boca será sua medida. Deus mo guarde. Deste lugar,
>
> Sua amiga, que bem lhe quer,
>
> A Duquesa."

— Ai! — exclamou Teresa, ao ouvir a carta. — Que boa, que simples e que humilde senhora! Com senhoras que tais me enterrem,[6] e não com as fidalgas que nesta aldeia se usam e que pensam que, por ser fidalgas, nem o vento lhes pode tocar. Vão à igreja com tanta fantasia como se fossem as próprias rainhas e parece que julgam desonra olhar para uma lavradora. E eis aqui esta boa senhora que, sendo duquesa, chama-me amiga e me trata como se fora sua igual. Igual a veja eu ao mais alto campanário que há na Mancha. No que tange às bolotas, senhor meu enviarei a Sua Senhora um celamim; gordas são as daqui e podem vê-las e admirá-las. Por agora, Sanchica, atende a que se regale este senhor. Põe em ordem este cavalo, tira da cavalariça ovos, corta bastante toicinho e demos-lhe de comer como a um príncipe. As boas-novas que nos trouxe e a boa cara que tem tudo merecem. Entretanto, sairei eu a dar a minhas vizinhas as notícias de nossa alegria, e ao padre cura e ao mestre Nicolau, o barbeiro, que tão amigos são e têm sido de teu pai.

— Assim farei, mãe — respondeu Sanchica. — Olhe, porém, que me deve dar a metade desse colar. Não tenho minha senhora a duquesa por tão boba que só para a mãe enviasse todo ele.

— Será todo teu, filha — prometeu Teresa. — Mas deixa que o traga alguns dias ao pescoço. Verdadeiramente, parece que me alegra o coração.

— Também se alegrarão — atalhou o pajem — quando virem o linho que vem neste embrulho. É um vestido de pano finíssimo, que o governador só um dia usou na caça, e envia-o todo para a senhora Sanchica.

— Viva-me ele mil anos — respondeu Sanchica —, e quem mo traz nem mais nem menos. Até mesmo dois mil, se for necessário.

Com isto, Teresa deixou a casa, com as cartas e o colar ao pescoço. Ia tangendo as cartas como se fossem pandeiro. Encontrando-se por acaso com o cura e Sansão Carrasco, começou a bailar e a dizer:

— Por minha fé que agora não há parente pobre! Governinho temos! Meta-se agora comigo a mais pintada fidalga, que a porei em estado de nova!

— Que é isso, Teresa Pança? Que loucuras são essas e que papéis são esses?

— A loucura é apenas que estas são cartas de duquesas e de governadores, e o colar que trago ao pescoço tem ave-marias de finos corais e padre-nossos de ouro batido. E eu sou governadora!

— Por Deus, Teresa, não vos entendemos, nem sabemos o que dizeis.

— Pois vejam por aqui — replicou Teresa.

E deu-lhes as cartas. Leu-as o cura, de modo que ouvisse Sansão Carrasco. Sansão e o cura olharam um para o outro, como admirados do que haviam lido. Perguntou o bacharel quem havia trazido aquelas cartas. Respondeu Teresa que fossem com ela à sua casa e veriam um mensageiro que era um mancebo como um pino de ouro,[7] e que lhe trouxera outro presente de não menor valia. Tirou-lhe o cura os corais do pescoço. Mirou-os e remirou-os, e certificando-se de que eram finos, tornou a admirar-se de novo e disse:

— Pelo hábito que tenho, não sei que me diga nem que pense destas cartas e destes presentes. Por uma parte, vejo e toco a finura destes corais; por outra, leio que uma duquesa manda pedir duas dúzias de bolotas.

— Isso também me deixa tonto — interveio então Carrasco. — Ora bem: vamos ver o portador desta carta; por ele nos informaremos das dificuldades que se nos oferecem.

Fizeram assim e regressou Teresa com eles. Encontraram o pajem joeirando um pouco de cevada para sua cavalgadura e Sanchica cortando um torresmo para mexê-lo com ovos[8] e dar de comer ao pajem. A presença e o bom adorno deste contentaram muito aos dois. Depois de havê-lo saudado cortesmente, e ele a eles, pediu-lhe Sansão lhes desse novas tanto de Dom Quixote como de Sancho Pança. Embora houvessem lido as cartas de Sancho e da senhora duquesa, ainda estavam confusos e não chegavam a atinar que seria aquilo do governo de Sancho, e ainda mais de uma ilha, ficando todas, ou a maioria delas, no mar Mediterrâneo de Sua Majestade.

— De que o senhor Sancho Pança é governador, ninguém pode duvidar — tornou o pajem. — Quanto a ser ilha ou não a que governa, nisso não me intrometo; mas basta que seja um lugar de mais de mil habitantes. Quanto às bolotas, minha senhora a duquesa é tão chã e tão humilde que — já não digo que mande pedir bolotas a uma lavradora — acontece-lhe mandar pedir um pente emprestado a uma vassala sua. Quero que saibam Vossas Mercês que as senhoras de Aragão, embora sejam tão principais, não são tão exigentes e altaneiras como as senhoras castelhanas, e tratam as pessoas com mais simplicidade.

Estando em meio destas práticas, saltou Sanchica com uma sacola de ovos e perguntou ao pajem:

— Diga-me, senhor: o senhor meu pai, porventura, usa calças de agulhetas,[9] desde que é governador?

— Não reparei nisso — respondeu o pajem —, mas sem dúvida deve usar.

— Ai, meu Deus! — exclamou Sanchica. — Que maravilha ver meu pai com *pedorreras*![10] Não é verdade que desde que nasci tenho desejo de ver meu pai com calças de agulhetas?

— Com essas e outras coisas há de vê-lo Vossa Mercê — afirmou o pajem. — Por Deus, está ele a caminho de andar com véu ao rosto,[11] com apenas dois meses que lhe dure o governo!

Bem perceberam o cura e o bacharel que o pajem falava maliciosamente. A finura dos corais, porém, e o vestido de caça que Sancho enviara, e Teresa já lhes havia mostrado, tudo desfaziam. Não deixaram de rir-se do desejo de Sanchica, e ainda mais quando Teresa disse:

— Senhor cura, procure por aí se há alguém que vá a Madri ou a Toledo, para que me compre uma saia de crinolina, redonda e bem-feita, que seja na moda e das melhores que houver. Em verdade, tenho de honrar o governo de meu marido enquanto puder; e, se me aborreço, tenho de ir a essa corte e pôr um coche, como todas, pois quem tem marido governador muito bem pode trazer e sustentar carruagem.

— Como não, mãe! — redarguiu Sanchica. — Prouvesse a Deus que fosse antes hoje do que amanhã, embora dissessem os que me vissem ir sentada com a senhora minha mãe nesse coche: "Vede como vai a tal, filha do comilão de alhos! Como vai sentada e estendida no coche, como se fosse uma papisa!" Mas pisem eles no lodo e ande eu em meu coche, com os pés levantados do chão. Mau ano e mau mês para quantos murmuradores haja no mundo! Fique eu no quente e ria-se a gente! Digo bem, minha mãe?

— Dizes mais do que bem, minha filha! — respondeu Teresa. — E todas estas venturas, e ainda maiores, me foram profetizadas por meu bom Sancho, e verás tu, filha, como não descansa antes de tornar-me condessa.Tudo está em começar a ser venturosa. E como muitas vezes ouvi teu pai dizer (que tanto ele o é teu como dos rifões), se a vaquinha te dão, corre com o aguilhão;[12] quando te derem um governo, apanha-o; quando te vierem com um condado, agarra-o; quando te baterem à porta com alguma boa dádiva, guarda-a. Ora, então vamos dormir e não responder às venturas e à boa sorte que chamam à porta de nossa casa?

— E que me importa — replicou Sanchica — que diga, se o quiser, quem me vir toda emproada e adornada: "quando a gralha põe penas de pavão..." — e tudo mais?

Ouvindo-o, disse o cura:

— Somente posso crer que todos os desta linhagem dos Pança nasceram cada um com um saco de provérbios no corpo. Nenhum deles vi que não os derrame a toda hora e em toda conversa que têm.

— Esta é a verdade — tornou o pajem. — O senhor governador Sancho a cada passo os diz e, embora muitos não venham a calhar, dão todavia muito gosto, e minha senhora a duquesa e o duque os apreciam muito.

— Afirma ainda Vossa Mercê, meu senhor — atalhou o bacharel —, ser verdade isto de governo de Sancho, e haver duquesa no mundo que envie presentes e escreva a Teresa? Nós, embora tocássemos os presentes e houvéssemos lido as cartas, não o cremos. Pensamos que esta é uma das coisas de nosso compatriota Dom Quixote, que tudo julga ser feito por encantamento. Assim, estou para dizer que quero tocar e apalpar a Vossa Mercê, para ver se é embaixador fantástico ou homem de carne e osso.

— Senhores — respondeu o pajem —, de mim somente sei que sou embaixador verdadeiro e que o senhor Sancho Pança é governador efetivo. Meus senhores o duque e a duquesa podem dar e realmente deram tal governo e ouvi dizer que nele se conduz valentissimamente o tal Sancho Pança. Se há nisto encantamento ou não, disputem-no lá Vossas Mercês entre si. Para o juramento que faço, não sei de outra coisa; e juro-o por vida de meus pais, a quem muito amo e quero e vivos tenho.

— Bem pode ser — ponderou o bacharel —, *mas dubitat Augustinus.*[13]

— Duvide quem duvidar — replicou o pajem. — A verdade é a que eu disse e há de andar sempre sobre a mentira, como o azeite sobre a água. Senão, *operibus credite, et non verbis.*[14] Venha comigo um de Vossas Mercês e verá com os olhos o que não crê com os ouvidos.

— Essa ida a mim toca — interveio Sanchica. — Leve-me vosmecê, senhor, nas ancas de seu rocim; irei de muita boa vontade ver o governador meu pai.

— As filhas dos governadores não devem ir sós pelos caminhos, mas acompanhadas de carros e liteiras e de grande número de servidores.

— Por Deus — respondeu Sancha. — Tanto irei eu sobre uma burrica como um coche. Vejam lá se sou melindrosa!

— Cala-te, menina — ordenou Teresa. — Não sabes o que dizes e este senhor está com a razão. Tal tempo, tal tento. Quando Sancho, Sancha. Quando governador, senhora. E não sei se digo bem.

— Diz mais a senhora Teresa do que o pensa — tornou o pajem. — Agora, deem-me de comer e despachem-me logo, pois penso em voltar esta tarde.

A isso disse o cura:

— Venha Vossa Mercê fazer penitência comigo.[15] A senhora Teresa tem mais vontade do que alfaias para servir a tão bom hóspede.

Recusou-se o pajem. Mas, afinal, teve de concordar, por sua melhor conveniência. Levou-o o cura consigo, muito satisfeito, a fim de ter ocasião de perguntar-lhe com mais vagar sobre Dom Quixote e suas façanhas.

O bacharel ofereceu-se a Teresa para escrever as cartas, em resposta. Ela, porém, não quis que Sansão se metesse em suas coisas, pois o considerava um tanto burlador. Assim, deu um bolo e dois ovos a um coroinha que sabia escrever e ele lhe escreveu duas cartas, uma para seu marido e outra para a duquesa; ditadas de seu próprio engenho, não são das piores que se põem nesta grande história, como adiante se verá.

# CAPÍTULO LI

## *Do progresso do governo de Sancho Pança, com outros sucessos igualmente bons*

Amanheceu o dia seguinte à noite da ronda do governador, a qual o mestre-sala passou sem dormir, com o pensamento ocupado no rosto, brio e beleza da donzela disfarçada. O restante dessa noite ocupou-o o mordomo em escrever a seus amos o que Sancho Pança dizia e fazia, tão admirados de seus feitos quanto de seus ditos, porque suas palavras e ações andavam misturadas com impulsos discretos e tolos. Levantou-se, por fim, o senhor governador, e por ordem do doutor Pedro Duro deram-lhe para quebrar o jejum um pouco de conserva e quatro goles de água fria, coisa que Sancho trocaria por um pedaço de pão e um cacho de uvas. Vendo, porém, que aquilo era por força superior à sua vontade, sujeitou-se, com funda dor na alma e fadiga do estômago. Pedro Duro fê-lo acreditar que os manjares poucos e delicados avivavam o engenho, sendo o que mais convinha às pessoas constituídas em mandos e em ofícios graves, onde se devem valer não tanto das forças corporais como das do entendimento.

Com esta sofisticaria padecia fome Sancho, e tanta que em segredo maldizia o governo e mesmo quem lho havia dado. Com sua fome e sua conserva, porém, pôs-se a julgar naquele dia, e o que primeiro se lhe ofereceu foi uma pergunta que um forasteiro lhe fez, estando presentes a tudo o mordomo e os demais acólitos. E foi a seguinte:

— Senhor, um caudaloso rio dividia dois campos de um mesmo senhorio... Fique Vossa Mercê atento, porque o caso é de importância e algo difícil. Digo, pois, que sobre este rio estava uma ponte, e no fim dela uma forca e uma espécie de casa de audiência, na qual, de hábito, havia quatro juízes, que julgavam segundo a lei posta pelo dono do rio, da ponte e dos campos, e que era: “Se alguém passar por esta ponte, de uma parte para outra, deve jurar, primeiro, aonde vai; e, se jurar verdade, deixem-no passar; se disser mentira, morra por isso enforcado na forca que ali está, sem remissão alguma.” Sabida esta lei e a rigorosa condição dela, passavam muitos e logo, no que juravam, via-se que diziam a verdade e os juízes os deixavam passar livremente. Sucedeu, pois, que, tomando juramento a um homem, jurou ele dizendo que ia apenas para morrer naquela forca que ali estava, e não para outra coisa. Observaram os juízes o juramento e disseram: “Se deixamos este homem passar livremente, mentiu em seu juramento e, de acordo com a lei, deve morrer; se o enforcarmos, ele jurou que ia morrer naquela forca e, tendo jurado verdade, pela mesma lei deve ser livre.” Pergunta-se a Vossa Mercê, senhor governador, que farão os juízes com tal homem, pois até agora estão em dúvida e suspensos. E, tendo tido notícia do agudo e elevado entendimento de Vossa Mercê, mandaram-me para suplicar-lhe, da parte deles, desse seu parecer sobre tão duvidoso e intrincado caso.

A isso respondeu Sancho:

— Por certo, esses senhores juízes que a mim vos enviam poderiam tê-lo evitado, porque sou homem que mais tenho de mostrengo que de agudo. Apesar de tudo isso, repeti-me outra vez o negócio de modo que o entenda; talvez pudesse ser que eu acertasse no alvo.

Voltou o interrogante a repetir o que antes contara, e Sancho disse:

— A meu ver, em duas palavras resumirei eu este negócio, e é assim: tal homem jura que vai morrer na forca; se morrer nela, jurou verdade e, pela lei posta, merecia ser livre e passar a ponte; se não o enforcam, jurou mentira e pela mesma lei merece ser enforcado.

— É exatamente como o senhor governador fala — tornou o mensageiro. — Quanto à inteireza e entendimento do caso, nada há que exigir ou duvidar.

— Digo, pois, agora — replicou Sancho —, que deste homem deixem passar aquela parte que jurou verdade e enforquem a que disse a mentira; desta maneira, cumprir-se-á ao pé da letra a condição para a passagem.

— Ora, senhor governador — objetou o interrogante. — Será então necessário que se divida o tal homem em duas partes, a mentirosa e a verdadeira. E, se se divide, por força há de morrer. Assim, não se consegue coisa alguma do que a lei pede, e é de necessidade expressa que ela seja cumprida.

— Vinde cá, senhor bom homem — respondeu Sancho. — Esse passageiro de que falais, ou eu sou um imbecil, ou ele tem a mesma razão para morrer que para viver e passar pela ponte. Porque, se a verdade o salva, igualmente a mentira o condena. Sendo isto assim, como é, sou de parecer que digais a esses senhores que a mim vos enviaram que, estando equilibradas as razões de condená-lo e as de absolvê-lo, deixem-no passar livremente. Sempre é mais louvado fazer o bem do que o mal. Isto o daria eu firmado por meu nome, se soubesse assinar. Neste caso não falei por mim mesmo, mas veio-me à memória um preceito, entre outros muitos, que me deu meu amo Dom Quixote, na noite antes que eu viesse a ser governador desta ilha. Foi que, quando a justiça estivesse em dúvida, que desviasse e acolhesse a misericórdia. Quis Deus que agora me lembrasse disso, por vir a este caso como por molde.

— Assim é — observou o mordomo. — E sou de opinião que nem o próprio Licurgo, que deu leis aos lacedemônios, poderia dar melhor sentença do que a dada pelo grande Sancho. Acaba-se com isto a audiência desta manhã e darei ordem para que o senhor governador coma muito a seu gosto.

— Isso peço, e nada de rodeios! — exclamou Sancho. — Deem-me de comer e chovam casos e dúvidas sobre mim, que os espevitarei no ar.

Cumpriu a palavra o mordomo, parecendo-lhe ser pesado à consciência matar de fome tão discreto governador, tanto mais que pensava em acabar com o governo naquela mesma noite, fazendo-lhe a última burla de que fora encarregado. Sucedeu, pois, que, tendo comido naquele dia contra as regras e aforismos do doutor Parafora, ao tirar-se a mesa entrou um correio com uma carta de Dom Quixote para o governador. Mandou Sancho o secretário que a lesse para si, e não vendo nela qualquer coisa de secreto, lesse-a em voz alta. Fez assim o secretário e, tendo corrido os olhos pela carta, disse:

— Bem se pode ler em voz alta. O que o senhor Dom Quixote diz a Vossa Mercê merece estar estampado e escrito com letras de ouro. Diz assim:

*Carta de Dom Quixote de la Mancha a Sancho Pança, governador da ilha Barataria.*

> “Quando esperava ouvir novas de teus descuidos e impertinências, Sancho amigo, ouvi as de tuas discrições e por isso dei graças particulares ao céu, que do monturo sabe elevar os pobres e dos tolos fazer discretos.[1] Dizem-me que governas como se fosses homem e que és homem como se fosses animal, tal a humildade com que te tratas. Quero que te lembres, Sancho, de que muitas vezes convém e é necessário, pela autoridade do ofício, ir contra a humildade do coração, porque o bom adorno da pessoa posta em graves cargos há de ser conforme ao que eles pedem, e não à medida daquilo a que a inclina sua humilde condição. Veste-te bem: um pau enfeitado não parece um pau. Não digo que tragas ornatos e galas, nem que, sendo juiz, te vistas como soldado, mas que te adornes com o hábito que teu ofício requer, contanto que seja limpo e bem composto.
>
> Para ganhar a boa vontade do povo que governas, entre outras coisas duas deves fazer: uma, ser bem-criado com todos, embora isto já de outra vez te haja dito; a outra, proporcionar abundância de mantimentos. Não há coisa que mais fatigue o coração dos pobres que a fome e a carestia.
>
> Não faças muitas pragmáticas; e, se as fizeres, cuida de que sejam boas e, sobretudo, se guardem e cumpram. As pragmáticas que se não guardam é como se não existissem; antes, dão a entender que o príncipe que teve discrição e autoridade para fazê-las não teve valor para fazer com que fossem guardadas. As leis que atemorizam e não se executam são como o cepo, rei das rãs, que a princípio as espantou e, com o tempo menosprezaram-no e subiram sobre ele.[2]
>
> Sê pai das virtudes e padrasto dos vícios. Não sejas sempre rigoroso nem sempre brando; escolhe o meio entre estes dois extremos, pois nisto está o ponto da discrição. Visita os cárceres, os açougues e as praças, que a presença do governador em tais lugares é de muita importância: consola os presos que esperam com brevidade ser libertados, assusta os carniceiros, que então igualam os pesos, e serve de espantalho às regateiras pela mesma

razão. Não te mostres, ainda que porventura o sejas (o que não creio), cobiçoso, mulherengo nem glutão, porque, sabendo o povo e os que te tratam de tua inclinação predileta, por aí te abrirão fogo até derribar-te nas profundezas da perdição.

Mira e remira, corre e percorre os conselhos e documentos que te dei por escrito antes que daqui partisses para teu governo, e verás como achas neles, se os guardares, uma ajuda de custo que te alivie dos trabalhos e dificuldades a cada passo oferecidos aos governadores. Escreve a teus senhores e mostra-te agradecido a eles; a ingratidão é filha da soberba e um dos maiores pecados que se conhecem. A pessoa agradecida aos que lhe fizeram bem dá indício de que também o será a Deus, que tantos bens lhe fez e continuamente lhe faz.

A senhora duquesa enviou um mensageiro com teu vestido e outro presente a tua mulher Teresa Pança; por enquanto, esperamos resposta. Estive um pouco indisposto por causa de certo gateamento que me ocorreu, não muito em proveito de meu nariz, mas não foi nada; se há encantadores que me maltratam, também há os que me defendem.

Avisa-me se o mordomo que está contigo teve algo que ver com as ações da Trifáldi, como suspeitas-te, e de tudo mais que te suceder ir-me-ás dando avisos, pois tão curto é o caminho, tanto mais quanto penso em deixar logo esta vida ociosa em que estou, não tendo nascido para ela.

Ofereceu-se-me um negócio que, creio, irá pôr-me em desgraça com estes senhores; mas, embora muito o sinta, pouco se me dá, pois, afinal de contas, tenho antes de cumprir com a minha profissão que com o gosto deles, de conformidade com o que se costuma dizer: *Amicus Plato, sed magis arnica veritas.*[3] Digo-te este latim porque julgo que o terás aprendido, desde que és governador. Guarde-te Deus de que alguém te lastime.

Teu amigo,

Dom Quixote de la Mancha”

Ouviu Sancho com muita atenção a carta, celebrada e tida por discreta pelos que a escutaram, e logo se levantou da mesa e, chamando o secretário, fechou-se com ele em seu quarto. Sem mais demora, quis responder a seu amo Dom Quixote. Assim, disse ao secretário que, sem aduzir ou tirar coisa alguma, fosse escrevendo o que lhe ditasse. Assim se fez. E a carta de resposta foi do teor seguinte:

*Carta de Sancho Pança a Dom Quixote de la Mancha.*

“A ocupação de meus negócios é tão grande que não tenho vagar para coçar a cabeça e nem mesmo para cortar as unhas. Assim, trago-as tão crescidas que só Deus o pode remediar. Digo isto, senhor meu de minha alma, para que vosmecê não se admire de até agora não lhe haver dado notícia de meu bom ou mau andar neste governo, no qual tenho mais fome do que quando andávamos os dois por selvas e despovoados.

Escreveu-me o duque meu senhor, há dias, dando-me aviso de que haviam entrado nesta ilha certos espias para matar-me. Até agora não descobri outro além de um certo doutor que se encontra neste lugar, assalariado para matar todos os governadores que para aqui vierem. Chama-se ele doutor Pedro Duro e é natural de Parafora. Veja vosmecê se o nome não é para recear que hei de morrer às suas mãos! O tal doutor diz de si mesmo que não cura as enfermidades, quando surgem, mas as previne, para não virem. Os remédios que usa são dieta e mais dieta, até colocar a pessoa com os ossos a furar a pele, como se não fosse maior mal a fraqueza do que a febre. Em suma, vai-me matando de fome e vou morrendo de desgosto, pois, em vez de ter vindo a este governo, como pensei, para comer quente e beber frio,[4] recrear o corpo entre lençóis de cambraia e sobre colchões de plumas, eis que vim fazer penitência, qual se fosse ermitão. E como não a faço voluntariamente, penso que ao cabo de tudo me há de levar o diabo.

Até agora não toquei em proveitos nem recebi suborno, e não posso pensar que seja isso, pois aqui me disseram que os governadores que a esta ilha soem vir, antes de entrar nela, ou lhes deram ou lhes emprestaram, os da aldeia, muito dinheiro. Tal usança é comum nos que vão ocupar governos e não somente neste.

Na noite passada, andando de ronda, topei formosíssima donzela em traje de varão e um irmão seu em vestes de mulher. Da moça enamorou-se meu mestre-sala e escolheu-a em sua imaginação para sua esposa, segundo ele disse. Escolhi eu o moço para meu genro. Hoje ambos poremos em prática nossos pensamentos com o pai dos dois, que é um tal Diogo de la Llana, fidalgo e cristão-velho como se pode exigir.

Visito as praças, como vosmecê me aconselha. Ontem encontrei uma tendeira que vendia avelãs novas. Verifiquei que havia misturado com uma fanga de avelãs novas outra de velhas, chochas e podres. Mandei-as todas para os meninos do catecismo, que as saberão bem distinguir, e condenei-a a não entrar por quinze dias na praça. Disseram-me que agi valorosamente. O que sei dizer a vosmecê é que corre neste povo a fama de não haver gente pior que as mulheres de feira porque todas são desavergonhadas, desalmadas e atrevidas e bem o creio, pelo que vi em outras aldeias.

Muito satisfeito estou por haver minha senhora a duquesa escrito a minha mulher Teresa Pança, enviando-lhe um presente. Procurarei no tempo devido mostrar-me grato. Beije-lhe vosmecê as mãos, de minha parte, dizendo-lhe que digo eu não ter lançado o governo em saco roto, como pelas obras verá.

Não gostaria de que vosmecê tivesse disputas desgostosas com esses meus senhores, porque, se vosmecê se aborrece com eles, claro está que isso redundará em meu dano. E não fica bem que, quando me aconselha a ser agradecido, não o seja vosmecê com quem tantas mercês lhe tem feito e com tanto regalo o tem tratado em seu castelo.

Aquilo do gateado não entendo; imagino, porém, que deve ser algum dos malefícios que com vosmecê costumam praticar os maus encantadores; saberei de tudo, quando nos virmos.

Quisera enviar a vosmecê alguma coisa. Não sei, porém, que lhe envie, a não ser uns canudos de seringas, que para encher bexigas se fazem nesta ilha e são mui curiosos. Contudo, se me durar o ofício, buscarei o que enviar, de um modo ou de outro.[5]

Se minha mulher Teresa Pança me escrever, pague vosmecê o porte e envie-me a carta. Tenho grandíssimo desejo de saber do estado de minha casa, minha mulher e meus filhos. Com isto, Deus livre vosmecê de mal-intencionados encantadores e a mim me tire bem e em paz deste governo, do que duvido, pois julgo ter de deixá-lo com a vida, tal como me trata o doutor Pedro Duro.

Criado de vosmecê,

Sancho Pança, *o Governador*."

Fechou o secretário a carta e despachou logo o correio. Juntando-se os burladores de Sancho, combinaram entre si como despachá-lo do governo. Aquela tarde, passou-a Sancho a fazer algumas ordenações tocantes ao bom governo da que ele imaginava ser ilha. Ordenou que não houvesse vendedores a retalho dos abastecimentos da república; que nela pudesse entrar vinho da origem que se quisesse, desde que declarassem o lugar de onde era, para pôr-lhe preço segundo sua estimação, qualidade, fama, e, quem o aguasse ou mudasse o nome, perderia por isso a vida; moderou o preço de todos os calçados, principalmente o dos sapatos, por lhe parecer que corria com exorbitância; taxou os salários dos criados, que caminhavam a rédeas soltas pelos caminhos do interesse; impôs gravíssimas penas aos que cantassem cantigas lascivas e descompostas, quer de noite, quer de dia; ordenou que nenhum cego cantasse milagre em coplas, se não trouxesse testemunho autêntico de ser verdadeiro, pois considerava que a maioria dos que os cegos cantam são fingidos, em detrimento dos verdadeiros; criou e nomeou um alguazil dos pobres, não para que os perseguisse, mas para examinar se pobres eram, porque, à sombra da manquidão fingida e da chaga falsa, andam os braços ladrões e a saúde embriagada. Em suma, ordenou coisas tão boas que até hoje se guardam naquele lugar e se denominam *As constituições do grande governador Sancho Pança*.

## CAPÍTULO LII

### *Em que se conta a aventura da segunda Dama Dolorida, ou angustiada, chamada por outro nome Dona Rodrigues*

Conta Cide Hamete que, estando Dom Quixote já curado de seus arranhões, pareceu-lhe a vida que levava naquele castelo contrária a toda a ordem da cavalaria, que professava. Assim, decidiu-se a pedir licença aos duques para dirigir-se a Saragoça, cujas festas estavam próximas e onde pensava ganhar o arnês que em tais festas se conquista. Estando um dia à mesa com os duques e começando a pôr em prática sua intenção de pedir licença, eis que de súbito entram pela porta da grande sala duas mulheres (como depois se viu) cobertas de luto de alto a baixo. Uma delas, chegando-se a Dom Quixote, lançou-se-lhe aos pés, estirada no chão e, com a boca cosida aos sapatos do cavaleiro, soltava gemidos tão profundos e dolorosos que encheu de confusão todos os que a ouviam e fitavam. Pensaram os duques ser alguma burla que seus criados queriam fazer a Dom Quixote, mas, vendo o afinco com que a mulher suspirava, gemia e chorava, ficaram em dúvida e suspensos, até que Dom Quixote, compassivo, levantou-a do solo e fez com que se descobrisse e tirasse o manto de sobre a face chorosa. Assim o fez ela e mostrou ser quem jamais se poderia pensar, porque mostrou o rosto de Dona Rodrigues, a dama da casa. E a outra enlutada era sua filha, a seduzida pelo filho do rico lavrador. Admiram-se todos aqueles que a conheciam, e mais do que ninguém os duques, pois, embora a tivessem por tola e crédula, nem por isso imaginavam que viesse a cometer loucuras. Afinal, Dona Rodrigues, voltando-se para seus amos, disse-lhes:

— Sejam Vossas Excelências servidos de dar-me licença para que eu converse um pouco com este cavaleiro, porque assim convém para sair bem do negócio em que me pôs o atrevimento de mal-intencionado vilão.

Disse o duque que dava a licença e que conversasse com Dom Quixote quanto quisesse. Ela, erguendo a voz e o rosto para Dom Quixote, falou:

— Faz dias, valorosos cavaleiros, que vos dei conta da sem-razão e aleivosia que um malvado lavrador praticou contra minha querida e amada filha, que é esta desditosa aqui presente, e haveis-me prometido agir em seu favor, endireitando o torto que lhe fizeram. Agora, chegou-me a notícia de que quereis partir deste castelo, em busca das boas aventuras que Deus vos deparar. Assim, quereria eu que, antes que desaparecêsseis por esses caminhos, desafiásseis a esse rústico indômito e fizésseis com que se casasse com a minha filha, em cumprimento da palavra que lhe deu de ser seu esposo, antes de ter folgado com ela. Isso porque pensar que o duque meu amo me há de fazer justiça é o mesmo que pedir peras ao olmeiro,[1] como já a Vossa Mercê disse à puridade. Com isso, dê Nosso Senhor a Vossa Mercê muita saúde e a nós não nos desampare.

A estas razões respondeu Dom Quixote, com muita gravidade e prosopopeia:

— Boa dama, temperai vossas lágrimas, ou, para dizer melhor, enxugai-as e poupai vossos suspiros. Tomo a meu cargo o remédio de vossa filha, à qual melhor fora não ter sido tão fácil em crer em promessas de enamorados, na maior parte leves de prometer e mui pesadas de cumprir. Assim, com licença do duque meu senhor, partirei logo em busca desse desalmado mancebo, encontrá-lo-ei, desafiá-lo-ei e matá-lo-ei sempre e quando se escusar de cumprir a promessa feita. O principal assunto de minha profissão é perdoar aos humildes e castigar os soberbos, quero dizer, acudir aos miseráveis e destruir os rigorosos.

— Não é mister — observou o duque — que Vossa Mercê se dê ao trabalho de procurar o rústico de quem se queixa esta boa dama, nem mister é tampouco que Vossa Mercê me peça, a mim, licença para desafiá-lo. Dou-o por desafiado e tomo a meu cargo fazer-lhe saber deste desafio, para que o aceite e venha responder por si a este meu castelo. Aqui a ambos darei campo seguro, guardando todas as condições que em tais atos soem e devem guardar-se, resguardando igualmente a cada um sua justiça, como obrigados estão a resguardá-la todos aqueles príncipes que dão campo franco aos que se combatem nos limites de seus domínios.

— Pois com esta segurança e com boa licença de Vossa Grandeza — tornou Dom Quixote —, desde aqui digo que por esta vez renuncio à minha fidalguia e me rebaixo e ajusto à baixeza do ofensor, fazendo-me igual a ele e habilitando-o a poder combater comigo. Assim, embora ausente, desafio-o e repto-o, em razão de haver feito mal a esta pobre, que foi donzela e por sua culpa já não o é, a cumprir a palavra, que lhe empenhou, de ser seu legítimo esposo, ou a morrer na demanda.

A seguir, descalçando uma luva, atirou-a no meio da sala e o duque a levantou, dizendo que, como já havia dito, aceitava aquele desafio em nome de seu vassalo e fixava o prazo para daí a seis dias: o campo, na praça daquele castelo; e as armas, as acostumadas dos cavaleiros: lança, escudo e arnês trançado,[2] com todas as demais peças, sem engano, burla ou superstição alguma[3] examinadas e vistas por todos os juízes do campo.

— Mas, antes de todas estas coisas, é mister que esta boa dama e esta má donzela ponham o direito de sua justiça nas mãos do senhor Dom Quixote, pois, de outra maneira, nada se fará nem chegará à devida execução tal desafio.

— Eu o ponho — respondeu a dama.

— Também eu — acrescentou a filha, toda chorosa, envergonhada e de má vontade.

Tomado, pois, este compromisso, e havendo o duque imaginado o que havia de fazer no caso, foram-se as enlutadas e ordenou a duquesa que, dali por diante, não as tratassem como a suas criadas, e sim como a senhoras aventureiras, que haviam vindo à sua casa pedir justiça. Assim, deram-lhes quarto separado e serviram-nas como as forasteiras, não sem espanto das demais criadas, que não sabiam em que havia de parar a sandice e desenvoltura de Dona Rodrigues e de sua transviada filha. Estando-se nisto, para acabar e regozijar a festa e dar bom fim à refeição, eis que entrou na sala o pajem que levara as cartas e presentes a Teresa Pança, mulher do governador Sancho Pança, com cuja chegada experimentaram grande alegria os duques, desejosos de saber o que lhe sucedera na viagem. Interrogado, respondeu o pajem que não o poderia dizer tão em público nem com breves palavras; fossem Suas Excelências servidos de deixá-lo falar-lhes em particular. Entretanto, entretivessem-se com aquelas cartas. E, tirando duas epístolas, colocou-as em mãos da duquesa. Uma dizia no sobrescrito: "Carta para minha senhora a duquesa tal, de não sei onde." E a outra: "A meu marido Sancho Pança, governador da ilha Baratária, que Deus torne próspero mais anos do que a mim." Não podia sossegar a duquesa enquanto não lesse a carta. Abrindo-a e lendo-a para si, viu que podia lê-la em voz alta, para que o duque e os circunstantes a ouvissem, o que fez desta maneira:

*Carta de Teresa Pança à duquesa.*

> "Muita alegria me deu, senhora minha, a carta que Vossa Grandeza me escreveu, pois, na verdade, bem a desejava. O colar de corais é muito bom e o vestido de caça de meu marido não lhe fica atrás. Muito gostou todo o povo deste lugar de haver Vossa Senhoria feito governador a meu consorte Sancho, embora não haja quem o acredite, especialmente o cura, mestre Nicolau, o barbeiro, e o bacharel Sansão Carrasco. A mim, porém, não me importa: desde que seja assim, como é, diga qual o que quiser. Contudo, para dizer verdade, se não viessem os corais e o vestido, igualmente eu não o acreditaria, pois nesta aldeia todos têm a meu marido por um tonto e, tirado de governar um rebanho de cabras, não podem imaginar para que governo possa ser bom. Deus o faça e encaminhe como vir que hão mister seus filhos.
>
> Eu, senhora de minha alma, estou decidida, com licença de Vossa Mercê, a meter este bom dia em minha casa[4] e ir à corte, a fim de espichar-me num coche, para que doam os olhos de mil invejosos que já tenho. Assim, suplico ordene Vossa Excelência a meu marido que me mande algum dinheiro, e que seja bastante. Na corte os gastos são grandes: o pão custa um real e a libra de carne trinta maravedis, o que é um juízo final. Se quiser que eu não vá, avise-me a tempo, pois me estão bulindo os pés para pôr-me a caminho. Dizem-me as amigas e vizinhas que, se eu e minha filha andarmos pomposas na corte, virá meu marido a ser mais conhecido por minha causa que eu pela dele, pois forçoso será que muitos perguntem: 'Quem são essas senhoras desse coche?' E um criado meu responderá: 'A mulher e a filha de Sancho Pança, governador da ilha Baratária.' Desta maneira será Sancho conhecido, eu estimada, e viva Roma por tudo.

Pesa-me quanto pesar-me pode não se haverem colhido bolotas este ano nesta aldeia. Apesar disso, envio a Vossa Alteza meio celamim, que uma a uma fui eu colher e escolher no monte, não achando maiores; bem quisera que fossem como ovos de avestruz.

Na se esqueça Vossa Pomposidade de escrever-me. Terei cuidado em responder, avisando de minha saúde e de tudo quanto houver de noticiar deste lugar, onde fico rogando a Nosso Senhor guarde Vossa Grandeza e a mim não me olvide. Minha filha Sancha e meu filho beijam as mãos de Vossa Mercê.

A que tem mais desejo de ver Vossa Senhoria que de escrever-lhe, sua criada,

Teresa Pança."

Grande gosto tiveram todos em ouvir a carta de Teresa Pança, principalmente os duques. Indagou a duquesa de Dom Quixote se ficaria bem abrir a carta que vinha para o governador, pois imaginava dever ser muito boa. Dom Quixote disse que ele próprio a abriria, para dar-lhes prazer. Assim o fez e viu que dizia desta maneira:

*Carta de Teresa Pança a Sancho Pança, seu marido.*

"Tua carta recebi, Sancho meu de minha alma, e te prometo e juro, como católica cristã, que não faltaram dois dedos para tornar-me louca de satisfação. Olha, mano: quando cheguei a ouvir que eras governador, pensei cair ali mesmo morta, de puro prazer. Bem sabes tu que dizem que tanto mata a alegria como a dor grande. Sanchica, tua filha, molhou-se toda sem que o sentisse, de tanto contentamento.[5] Tinha diante de mim o vestido que me enviaste, os corais que me mandou minha senhora a duquesa ao pescoço, as cartas na mão, o portador delas ali presente; e, apesar de tudo, cria e pensava ser um sonho tudo quanto via e tocava. Pois, quem poderia pensar que um pastor de cabras chegaria a ser governador de ilhas? Já sabes tu, amigo, que minha mãe dizia ser mister viver muito para muito ver. Digo-o porque penso ver mais, se mais vivo, pois não penso parar até ver-te arrendador ou alcavaleiro,[6] ofícios que, embora leve o diabo a quem deles mal usa, afinal de contas sempre têm e manejam dinheiros. Minha senhora a duquesa te dirá o desejo que tenho de ir à corte. Pensa nisso e avisa-me sobre teu gosto: procurarei honrar-te nela, andando de coche.

O cura, o barbeiro, o bacharel e mesmo o sacristão não podem crer que és governador e dizem que tudo é embeleco, ou coisas de encantamento, como são todas de Dom Quixote, teu amo. Diz Sansão que irá buscar-te e arrancar-te o governo da cabeça e, a Dom Quixote, a loucura dos cascos. Contento-me em rir-me, olhar meu colar e imaginar o vestido que do teu tenho de fazer para nossa filha.

Umas bolotas enviei à senhora minha, a duquesa. Quisera que fossem de ouro. Envia-me tu alguns colares de pérolas, se nessa ilha se usam.

As notícias deste lugar são que a Berrueca casou a filha com um pintor de má pinta

> que esteve nesta aldeia a pintar o que saísse. Mandou-lhe o Concelho pintar as armas de Sua Majestade sobre as portas da Câmara. Pediu dois ducados, recebeu-os adiantados, trabalhou oito dias, ao cabo dos quais nada pintou, e disse que não acertava em pintar tantas ninharias. Devolveu o dinheiro e, apesar disso, casou-se, com o título de bom oficial. É verdade que já deixou o pincel e pegou da enxada, e vai ao campo como um fidalgo. O filho de Pedro de Lobo se ordenou de grau e tonsura, com a intenção de fazer-se clérigo; soube-o Minguilha, a neta de Mingo Silbato, e move-lhe demanda por haver-lhe feito promessa de casamento. Más línguas querem dizer que esteve grávida dele, mas ele o nega a pés juntos.
>
> Este ano não há azeitonas nem se acha uma gota de vinagre em toda esta aldeia. Por aqui passou uma companhia de soldados; de caminho, levaram três moças do lugar. Não te quero dizer quem são; talvez voltem e não faltará quem as tome por mulheres, com suas nódoas boas ou más.
>
> Sanchica faz bicos de renda; ganha cada dia oito maravedis forros, que vai deitando num mealheiro, para auxílio de seu enxoval. Agora, porém, que é filha de um governador, dar-lhe-ás um dote sem que ela trabalhe. A fonte da praça secou; um raio caiu no pelourinho, e ali caíam todos.
>
> Espero resposta desta, com a solução sobre minha ida à corte. Sem mais, guarde-te Deus mais anos do que a mim, ou tantos, pois não gostaria de te deixar sem mim neste mundo.
>
> Tua mulher,
>
> Teresa Pança.”

As cartas foram celebradas, lidas, estimadas e admiradas. E, para coroar tudo, chegou o correio que trazia a enviada por Sancho a Dom Quixote, a qual também se leu publicamente e deixou em dúvida a sandice do governador. Retirou-se a duquesa para saber do pajem o que lhe havia ocorrido na aldeia de Sancho e ele tudo narrou por extenso, sem deixar circunstância que não referisse. Deu-lhe as bolotas e mais um queijo que lhe dera Teresa, por ser muito bom e avantajar-se aos de Tronchón. Recebeu-o a duquesa com grande gosto, e com ele a deixaremos, a fim de contar o termo que teve o governo do grande Sancho Pança, flor e espelho de todos os governadores insulanos.

# CAPÍTULO LIII

## *Do fatigado fim e remate que teve o governo de Sancho Pança*

Pensar que as coisas desta vida sempre hão de durar sem mudança é escusado; antes parece que ela anda toda a rodo, digo, à roda. Da primavera vai-se ao verão, deste ao estio,[1] do estio ao outono, do outono ao inverno, e este volta à primavera; e assim torna a andar o tempo com esta roda contínua. Só a vida humana corre para seu fim, mais ligeira que o vento, sem esperar renovar-se senão na outra vida, que não tem termos que a limitem. Isto diz Cide Hamete, filósofo maometano. Porque entender a rapidez e instabilidade da vida presente e a duração da eterna que se espera, muitos sem lume de fé, mas somente com a luz natural, o entenderam. Aqui, porém, nosso autor o diz pela presteza com que se acabou, se consumiu, se desfez, se foi como em sombra e fumo o governo de Sancho.

Estava ele, na sétima noite dos dias de seu governo, deitado, não farto de pão ou vinho, mas de julgar e dar pareceres e fazer estatutos e pragmáticas, quando o sono, a despeito e apesar da fome, começava a cerrar-lhe as pálpebras. Ouviu então ruído tão grande de sinos e vozes que só parecia estar a ilha a afundar-se. Sentou-se na cama e ficou atento à escuta, para ver se dava conta de qual podia ser a causa de tão enorme alvoroto. Não só não o soube, mas, juntando-se-lhe ao ruído de vozes e sinos o de incontáveis trombetas e tambores, ficou mais confuso e cheio de temor e espanto. Levantando-se, calçou uns chinelos, por causa da umidade do solo e, sem vestir roupa por cima da camisola, nem coisa parecida, saiu à porta do aposento, no instante em que viu virem por uns corredores mais de vinte pessoas, com archotes acesos nas mãos e espadas desembainhadas, gritando todos, a grandes brados:

— Às armas, às armas, senhor governador! Às armas que entraram inúmeros inimigos na ilha e perdidos estamos se vossa indústria e valor nos não socorrem!

Com este ruído, fúria e alvoroço, chegaram aonde estava Sancho, atônito e estuporado com o que via e ouvia. Quando se aproximaram, disse-lhe um:

— Arme-se logo Vossa Senhoria, se não quer perder-se, e para que toda esta ilha não se perca!

— Para que tenho de me armar? — respondeu Sancho. — Que sei eu de armas ou de socorros? Estas coisas, melhor será deixá-las para meu amo Dom Quixote, que em duas pinceladas as despachará e lhes dará fim. Eu, pobre pecador, de nada entendo destas pressas.

— Ah, senhor governador! — exclamou outro. — Que lentidão é essa? Arme-se Vossa Mercê. Aqui lhe trazemos armas ofensivas e defensivas. Saia a essa praça e seja nosso capitão e guia, pois de direito lhe cabe sê-lo, como nosso governador.

— Armem-me, então — replicou Sancho.

No mesmo instante lhe trouxeram dois grandes escudos de que vinham providos e os colocaram sobre a camisola, sem deixá-lo vestir outra coisa, um escudo adiante e o outro atrás. Por umas concavidades deles tiraram-lhe os braços e o amarraram muito bem com umas cordinhas, de modo que Sancho ficou emparedado e encaixotado, reto como um fuso, sem poder dobrar os joelhos nem mexer-se um só passo. Puseram-lhe nas mãos uma lança, à qual se arrimou, para poder ficar de pé. Quando assim o tiveram, disseram-lhe que caminhasse e os guiasse e animasse a todos, pois, sendo ele seu norte, sua lanterna e seu luzeiro, os negócios teriam bom fim.

— Como irei caminhar, infeliz de mim — respondeu Sancho —, se não posso entrechocar as rótulas dos joelhos, porque mo impedem estas tábuas que tão cosidas tenho com as minhas carnes? O que devem fazer é levar-me nos braços e colocar-me, atravessado ou de pé, nalgum postigo, que o guardarei com esta lança, ou com meu corpo.

— Ande, senhor governador — disse outro. — Mais é o medo que lhe impede o passo do que as tábuas. Ande e mexa-se, pois é tarde e os inimigos crescem, os brados aumentam e o perigo avança.

Com essas persuasões e vitupérios tentou o pobre governador mover-se e foi dar consigo ao chão com tal golpe que pensou haver-se feito em pedaços. Ficou como tartaruga encerrada e coberta em seus cascos, ou como meio toicinho metido entre duas amassadeiras, ou ainda como barco virado na areia. Nem por vê-lo caído teve compaixão aquela gente burladora; antes, apagando as tochas, tornaram a reforçar os brados e a reiterar o “Às armas!”, com tão grande pressa, pisando por cima do pobre Sancho e dando-lhe infindáveis cutiladas sobre os escudos, que, se não se recolhesse e encolhesse, enfiando a cabeça entre eles, mui mal passaria o pobre governador. Naquela estreiteza encolhido, suava e transpirava e de todo o coração pedia a Deus de tal perigo o tirasse. Uns tropeçavam nele, outros caíam, e houve quem lhe ficasse em cima bastante tempo e dali, como de uma atalaia, governava os exércitos, dizendo em alta voz:

— Aqui, dos nossos! Por esta parte carregam mais os inimigos! Guarde-se aquela poterna! Feche-se aquela porta! Cortem-se aquelas escadas! Venham alcanzias, piche e resina em caldeiras de azeite fervente! Façam trincheiras nas ruas com colchões!

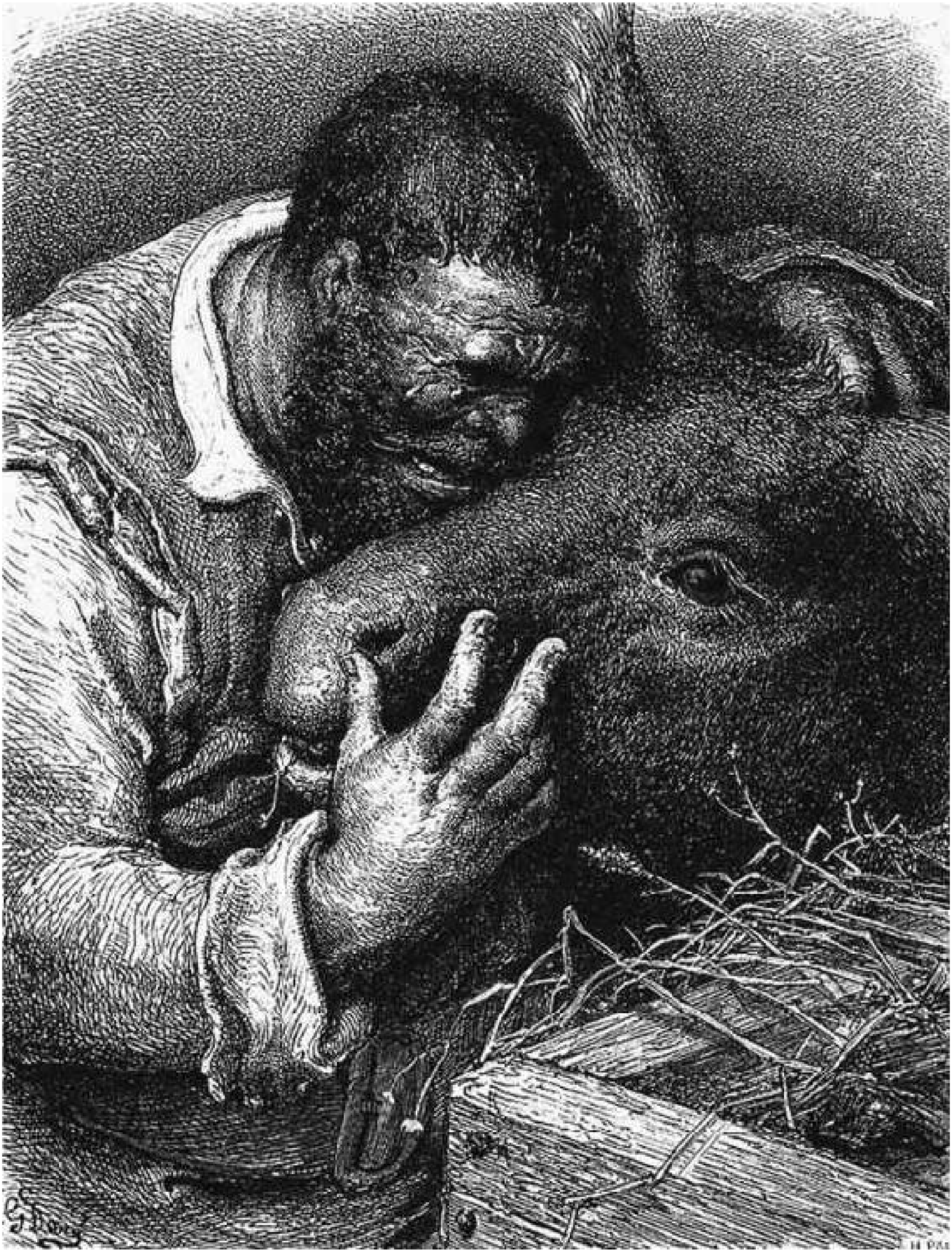
Em suma, nomeava com o máximo afinco todos os apetrechos e instrumentos de guerra com que sói defender-se de assalto uma cidade. O moído Sancho o escutava e sofria tudo, dizendo para si mesmo: “Oh! Fosse o Senhor servido que se acabasse já de perder esta ilha e me visse eu, ou morto, ou fora desta grande angústia!” Ouviu o céu sua petição, e, quando menos esperava, escutou vozes que diziam:

— Vitória, vitória! Os inimigos vão de vencida! Eia, senhor governador! Levante-se Vossa Mercê e venha gozar do triunfo e repartir os despojos que se tomaram ao inimigo, pelo valor desse invencível braço!

— Levantem-me — ordenou com voz dolente o dolorido Sancho. Ajudaram-no a erguer-se e, posto de pé, disse:

— O inimigo que eu tiver vencido, quero que mo cravem na cara. Não desejo repartir despojos de inimigos, mas pedir e suplicar a algum amigo, se algum tenho, que me dê um trago de vinho, pois estou seco por dentro, e me enxugue este suor, pois me faço em água por fora.

Limparam-no, trouxeram-lhe o vinho, desligaram-lhe os escudos. Sentou-se ele no leito e desmaiou de temor, sobressalto e movimento. Já lhes pesava, aos da burla, havê-la feito tão forte, mas o fato de volver Sancho a si aliviou-os da pena que o seu desmaio lhes dera. Perguntou que horas eram. Responderam que já amanhecia. Calou-se e, sem dizer outra coisa, começou a vestir-se, todo sepultado em silêncio. Olhavam-no todos, à espera do que havia de sair da pressa com que se vestia. Vestiu-se, por fim, e, pouco a pouco, pois estava moído e não podia ir muito a muito, dirigiu-se à cavalariça, seguido por quantos ali se achavam. Chegando-se ao ruço, abraçou-o e deu-lhe um beijo de paz na testa, dizendo-lhe, não sem lágrimas nos olhos:



— Vinde cá, companheiro e amigo meu, consorte de meus trabalhos e misérias! Quando eu lidava convosco e não tinha outros pensamentos além dos que me davam os cuidados de remendar vossos aparelhos e sustentar vosso corpinho, ditosas eram minhas horas, meus dias e meus anos felizes eram. Desde, porém, que vos deixei e subi pelas torres da ambição e da soberba, entraram-me alma adentro mil misérias, mil trabalhos e quatro mil desassossegos.

Enquanto tais frases ia dizendo, ia igualmente albardando o asno, sem que nada lhe falassem. Albardado, pois, o ruço com grande dificuldade e dores montou nele e, dirigindo palavras e razões ao mordomo, ao secretário, ao mestre-sala e a Pedro Duro, o doutor, bem como a muitos outros que ali presentes estavam, exclamou:

— Abri caminho, senhores meus, e deixai-me voltar à minha antiga liberdade! Deixai que eu vá buscar a vida passada, para ressuscitar desta morte presente. Não nasci para ser governador nem para defender ilhas ou cidades contra inimigos que as queiram assaltar. Melhor entendo eu de arar e cavar, podar e plantar as vinhas, que de fazer leis ou defender províncias e reinos. Bem está São Pedro em Roma; quero dizer, bem está cada qual usando o ofício para que foi nascido. Melhor me fica uma foice na mão que um cetro de governador. Antes quero fartar-me de sopa rala que ficar sujeito à mesquinhez de um médico impertinente, que me mate de fome. Prefiro recostar-me à sombra de um carvalho no verão e enroupar-me com pele de cordeiro no inverno, em minha liberdade, a deitar-me, com a sujeição do governo, entre lençóis de linho e vestir-me de martas *cebolinhas*.[2] Fiquem Vossas Mercês com Deus e digam ao duque meu senhor que nasci nu e nu me acho. Não perco nem ganho. Quero dizer que sem moeda entrei neste governo e sem ela saio, bem ao contrário de como devem sair os governadores de outras ilhas. E afastem-se. Deixem-me ir, que me vou curar, pois creio ter quebradas todas as costelas, graças aos inimigos que esta noite passearam sobre mim.

— Não há de ser assim, senhor governador — atalhou o doutor Duro. — Darei a Vossa Mercê uma bebida contra quedas e moeduras que logo lhe devolverá a inteireza e o vigor anteriores. No tocante à comida, prometo a Vossa Mercê emendar-me, deixando-o comer abundantemente de tudo quanto quiser.

— Tarde piaste! — respondeu Sancho. — Tanto deixarei de ir-me, como virarei turco! Tais burlas não são para duas vezes. Por Deus que tanto ficarei com este governo, ou aceitarei qualquer outro, ainda que mo deem entre dois pratos,[3] como voarei para o céu sem asas! Sou da linhagem dos Panças, que são todos obstinados e, se uma vez dizem pedra, pedra há de ser, ainda que seja pau e apesar de toda gente. Fiquem nesta cavalariça as asas da formiga[4] que me levantaram no ar para que me comessem andorinhas e outros pássaros, e voltemos a andar pelo solo, de pés firmes. Se não os adornarem sapatos enfeitados de cordovão, não lhes faltarão alpercatas toscas de corda. Cada ovelha com sua parelha, e ninguém espiche mais a perna do que o comprimento do lençol. E deixem-me passar, que se faz tarde.

A isso observou o mordomo:

— Senhor governador, de muita boa vontade deixaríamos Vossa Mercê partir, embora muito nos pese perdê-lo, pois seu engenho e seu cristão procedimento nos obrigam a desejá-lo. Mas já se sabe que todo governador está obrigado, antes de se ausentar da parte que governou, a primeiro prestar contas; preste-as Vossa Mercê dos dez dias que passou no governo e parta na paz de Deus.

— Ninguém mas pode pedir — retrucou Sancho — senão por ordem do duque meu senhor. Vou avistar-me com ele e a ele prestarei contas devidamente. Tanto mais quanto, saindo nu, como saio, não é mister outro sinal para dar a entender que governei como um anjo.

— Por Deus que tem razão o grande Sancho — ponderou o doutor Pedro Duro —, e sou de parecer que o deixemos ir, porque o duque terá imenso prazer em vê-lo.

Todos assentiram e o deixaram ir, oferecendo-lhe antes companhia e tudo quanto quisesse para regalo de sua pessoa e comodidade da viagem. Sancho disse não querer mais do que um pouco de cevada para o ruço e meio pão e meio queijo para ele, pois o caminho era tão curto que necessidade não havia de maior ou melhor mantimento. Abraçaram-no todos e ele, chorando, a todos abraçou, deixando-os admirados, tanto por suas razões como por sua determinação tão resoluta e discreta.

# CAPÍTULO LIV

## *Que trata de coisas referentes a esta história, e não a qualquer outra*

Resolveram o duque e a duquesa que o desafio feito por Dom Quixote a seu vassalo, pela causa já referida, fosse avante. E como o rapaz estivesse em Flandres, para onde havia fugido a fim de não ter Dona Rodrigues por sogra, decidiram pôr em seu lugar um lacaio gascão, chamado Tosilos, industriando-o primeiro muito bem sobre tudo quanto devia fazer. Dali a dois dias disse o duque a Dom Quixote que dentro de quatro viria seu adversário e se apresentaria em campo, armado como cavaleiro, sustentando que a donzela mentia pela metade de sua barba, ou mesmo pela barba inteira, caso afirmasse que ele lhe havia dado palavra de casamento. Dom Quixote teve grande gosto com tais novas, e prometeu a si mesmo fazer maravilhas no caso, tendo por grande ventura haver-se-lhe oferecido ocasião em que aqueles senhores pudessem ver até onde se estendia o valor de seu poderoso braço. Assim, com alvoroço e contentamento, esperava os quatro dias, que já se lhe tornavam, pelas contas do desejo, quatrocentos séculos.

Deixemo-los nós passar (como deixamos passar outras coisas) e vamos acompanhar Sancho, que entre alegre e triste vinha caminhando montado no ruço, a buscar seu amo, cuja companhia lhe agradava mais do que ser governador de todas as ilhas do mundo. Sucedeu, pois, que, não se havendo afastado muito da ilha de seu governo (e nunca ele cuidou de averiguar se era ilha, cidade ou vila o lugar que governara), viu que por seu caminho vinham seis peregrinos com seus bordões, destes que pedem esmolas cantando. Aproximando-se dele, puseram-se em ala e, erguendo as vozes todos juntos, começaram a cantar em sua língua. Sancho nada pôde entender, a não ser uma palavra que pronunciavam claramente: *esmola*; por isso compreendeu que esmola pediam em seu canto. E como, segundo diz Cide Hamete, fosse homem por demais caritativo, tirou dos alforjes meio pão e meio queijo de que vinha provido e deu-lhos, dizendo por sinais que outra coisa não tinha para lhes dar. Eles o receberam com muito gosto, e exclamaram:

— *Guelte*! *Guelte*![1]

— Não compreendo o que me pedis, boa gente — respondeu Sancho.

Então um deles tirou uma bolsa e mostrou-a a Sancho, pelo que entendeu que lhe pediam dinheiro. Pondo dedo polegar na garganta e estendendo a mão para cima, deu a entender que não tinha sombra de moeda. Esporeou o ruço e rompeu por entre os pedintes. Ao passar, um deles, que o estivera fitando, avançou para ele, lançando-lhe os braços pela cintura e dizendo-lhe, em voz alta e com palavras muito compreensíveis:

— Valha-me Deus! Que vejo? É possível que tenha em meus braços a meu caro amigo, a meu bom vizinho Sancho Pança? Sim, tenho-o, não há dúvida, pois nem estou dormindo agora, nem me encontro embriagado.

Admirou-se Sancho ao ver-se chamado nominalmente e abraçado pelo estrangeiro peregrino, e, depois de estar a fitá-lo sem dizer palavra, com muita atenção, não o conseguiu reconhecer. Vendo-lhe a perplexidade, disse-lhe o peregrino:

— Como é possível, Sancho Pança amigo, que não reconheças teu vizinho, Ricote, o mourisco, tendeiro de tua aldeia?

Então, Sancho o contemplou com mais atenção e começou a recordar-se dele. Por fim, reconhecendo-o de todo e sem apear-se do jumento, lançou-lhe os braços ao pescoço e lhe disse:

— Quem diabo te haveria de reconhecer, Ricote, com esse traje de mamarracho que trazes? Dize-me, quem te fez francelho e como tens o atrevimento de voltar à Espanha, onde, se te pegam e agarram, terás farta má ventura?

— Se tu não me denuncias, Sancho — respondeu o peregrino —, seguro estou de que com este traje não haverá quem me reconheça. Afastemo-nos do caminho para aquela alameda que ali vemos, onde meus companheiros querem comer e repousar, e ali comerás com eles, que são gente aprazível. Terei então ensejo de te contar o que me sucedeu depois que parti de nosso lugar, para obedecer ao decreto de Sua Majestade, que com tanto rigor ameaçava aos infelizes de minha nação, segundo ouviste.[2]

Assim fez Sancho e, havendo Ricote falado aos demais peregrinos, afastaram-se para a alameda, que ficava bem desviada da estrada real. Arrojaram os bordões, tiraram as romeiras ou esclavinas, ficando com as roupas de baixo. Todos eram moços e de mui gentil aparência, exceto Ricote, homem entrado já em anos. Todos traziam alforjes que, sem exceção, pareciam bem providos, pelo menos de coisas apetitosas e que a duas léguas de distância trazem água à boca. Estenderam-se no solo e, fazendo da relva toalha, puseram sobre ela pão, sal, facas, nozes, fatias de queijo e ossos de presunto sem carne, que, se não se podiam mastigar, muito bem podiam ser chupados. Puseram também um manjar negro, que dizem chamar-se caviar e é feito de ovas de pescado, grande incitador da sede. Não faltaram azeitonas, embora secas e sem recheio algum, mas saborosas e conservadas. O que, porém, mais campeou no campo daquele banquete, foram seis odres de vinho, pois cada um tirou o seu de seu alforje. Até o bom Ricote, que de mourisco se havia transformado em alemão ou em tedesco, tirou o seu, em tamanho capaz de competir com os cinco.

Começaram a comer com enormíssimo gosto e muito devagar, saboreando cada bocado que tomavam com a ponta da faca, muito pouquinho de cada coisa. E logo, todos à uma, ergueram os braços e os odres ao ar. De gargalos postos na boca e olhos cravados no céu, só parecia que a este faziam pontaria. Desse modo, meneando para um lado e outro as cabeças, sinal que dava mostras do gosto que sentiam, demoraram-se algum tempo, transferindo para o estômago as entranhas das vasilhas. Tudo fitava Sancho e coisa alguma o molestava. Antes, para cumprir o rifão, que ele muito bem sabia, "quando a Roma fores, age como vires", pediu a Ricote o odre e fez sua pontaria como os demais, e não com prazer menor do que eles.

Quatro vezes deram os odres ensejo a ser empinados. A quinta, porém, não foi possível, pois já estavam mais enxutos e secos que um esparto, coisa que emurcheceu a alegria até então demonstrada. De quando em quando, algum juntava sua mão direita com a de Sancho e dizia: "*Espanhol y tudesqui, tuto uno: bon compaño.*" E Sancho respondia: "*Bon compaño, juro Di.*"[3] E disparava numa risada que lhe durava uma hora, sem então se recordar de nada do que lhe sucedera no governo, pois sobre o tempo e o espaço em que se come e bebe pouca jurisdição soem ter os cuidados. Por fim, o acabar-se o vinho foi princípio de um sono que deu em todos, caindo adormecidos sobre as próprias mesas e toalhas. Só Sancho e Ricote ficaram alerta, porque haviam comido mais e bebido menos. Levando Ricote a Sancho para um canto, sentaram-se ao pé de uma faia e deixaram os peregrinos sepultados em seu doce sono. E Ricote, sem um tropeço em sua língua mourisca, na pura castelhana disse-lhe as seguintes razões:

— Bem sabes, ó Sancho Pança, vizinho e amigo meu, como o pregão e decreto que Sua Majestade mandou publicar contra os de minha nação pôs terror e espanto em todos nós. Pelo menos, em mim o pôs de tal forma que me pareceu sentir, antes do tempo a nós concedido para nos retirarmos da Espanha, o rigor da pena executada em minha pessoa e na de meus filhos. Decidi pois, como prudente, em meu parecer (assim faz quem sabe que dentro de algum tempo lhe hão de tirar a casa em que vive, e se provê de outra para onde mudar-se), decidi, repito, sair eu sozinho, sem a minha família, de minha aldeia e ir procurar lugar aonde a levasse com comodidade e sem a pressa com que saíram todos os demais. Bem vira eu, como viram nossos anciãos, que aqueles pregões não eram só ameaças, como alguns diziam, mas verdadeiras leis, que seriam postas em execução no tempo prescrito. Forçava-me a crer esta verdade o conhecimento dos ruins e disparatados intentos que os nossos tinham, tais que me pareceu ter sido inspiração divina de Sua Majestade pôr em prática tão galharda resolução, não porque fôssemos todos culpados, pois alguns havia cristãos firmes e verdadeiros. Tão poucos eram, entretanto, que se não podiam opor aos que não o eram, e não ficam bem criar a serpe no seio ou ter inimigos dentro de casa. Em suma, com justa razão fomos castigados com a pena do desterro, branda e suave ao parecer de alguns, mas para nós, a mais terrível que se nos podia dar. Em qualquer parte que estejamos choramos por Espanha; afinal, nela nascemos e é nossa pátria natural. Em parte alguma encontramos o acolhimento que nossa desventura deseja. Em Berberia e em todas as partes da África em que esperávamos ser recebidos, acolhidos e regalados, lá é onde mais nos ofendem e maltratam. Não tornamos a conhecer o bem, desde que o perdemos. E tão grande é o desejo, que todos temos, de voltar à Espanha, que a maioria daqueles (e são muitos) que sabem a língua como eu, voltam para ela e deixam lá suas mulheres e filhos desamparados, tal é o amor que lhe têm. Agora conheço e experimento o que se costuma dizer: é doce o amor da pátria. Saí, como disse, de nossa aldeia e entrei na França. Embora ali nos fizessem bom acolhimento quis ver tudo. Passei à Itália e cheguei à Alemanha, e ali me pareceu que podia viver com mais liberdade, porque seus habitantes não olham a muitas delicadezas. Tomei casa numa aldeia perto de Augusta,[4] e juntei-me com estes peregrinos, que muitos deles têm por costume vir à Espanha, todos os anos, para visitar-lhe os santuários, pois os têm como suas Índias e por certíssimo granjeio e reconhecido lucro. Andam por todo o país, e não há aldeia alguma de que não saiam comidos e bebidos, como se costuma dizer, e com um real, pelo menos, em dinheiro. Ao cabo de sua viagem, saem com mais de cem escudos de sobra, que, trocados em ouro, seja no oco dos bordões ou entre os remendos das esclavinas, ou com a indústria que tiverem, tiram do reino e levam para suas terras, apesar das guardas dos postos e portos em que se registram. Agora, Sancho, minha intenção é tirar o tesouro que deixei enterrado, pois, por ficar fora da aldeia, posso fazê-lo sem perigo, e escrever ou mandar de Valência a minha mulher e filha, que sei estarem em Argel, dando traça de como trazê-las a algum porto da França, para dali as levar à Alemanha, onde esperaremos o que Deus quiser fazer de nós. Em suma, Sancho, sei com certeza que Ricota, minha filha, e Francisca Ricota, minha mulher, são católicas cristãs e, embora eu não o seja tanto, tenho contudo mais de cristão que de mouro e rogo sempre a Deus me abra os olhos do entendimento e me faça conhecer como o devo servir. O que me traz admirado é não saber por que foi minha mulher, com a minha filha, antes para a Berberia do que para a França, onde podia viver como cristã.

Respondeu Sancho:

— Olha, Ricote, isso não devia estar em sua mão, porque as levou João Tiopieio, o irmão de tua mulher. Como deve ser fino mouro, foi para onde lhe ficava melhor. Sei te dizer outra coisa: creio que vais em vão buscar o que deixaste enterrado, pois tivemos notícias de que tiraram a teu cunhado e a tua mulher muitas pérolas e muito dinheiro em ouro que levavam sem registrar.

— Isso bem pode ser — observou Ricote. — Sei, porém, Sancho, que não tocaram no que enterrei, pois não lhes revelei onde estava, para evitar algum desmando. Assim, se tu, Sancho, quiseres vir comigo para ajudar-me a tirá-lo e a escondê-lo, dar-te-ei duzentos escudos, com que poderás remediar tuas necessidades. Bem sabes que sei serem muitas.

— Eu o faria — respondeu Sancho —, mas não sou nada cobiçoso. Se o fosse, soltei das mãos esta manhã um ofício em que poderia fazer de ouro as paredes de minha casa e comer, antes de seis meses, em pratos de prata. Assim, por isto, como por parecer-me que faria traição a meu rei ao prestar favores a seus inimigos, não irei contigo, mesmo que, em vez de me prometeres duzentos escudos, me desses aqui, à vista, quatrocentos.

— E que ofício é o que deixaste, Sancho? — perguntou Ricote.

— Deixei de ser governador de uma ilha — explicou Sancho —, e tal que, por minha fé, outra semelhante não se acha com três puxões.

— E onde fica essa ilha? — indagou Ricote.

— Onde? — redarguiu Sancho. — A duas léguas daqui e chama-se a ilha Baratária.

— Cala-te, Sancho — ponderou Ricote. — As ilhas ficam lá dentro do mar. Não há ilhas na terra firme.

— Como não? — replicou Sancho. — Digo-te, Ricote amigo, que esta manhã saí dela e ontem nela estava governando a meu bel-prazer, como um sagitário.[5] Apesar disso, porém, deixei-a, por me parecer ofício perigoso o dos governadores.

— E que ganhaste no governo? — interrogou Ricote.

— Ganhei — tornou Sancho — o conhecimento de que não sou feito para governar senão um rebanho de gado, e que as riquezas ganhas em tais governos são à custa de perder o descanso, o sono e mesmo o sustento, pois nas ilhas os governadores devem comer pouco, especialmente se têm médicos que zelem por sua saúde.

— Não te entendo, Sancho — observou Ricote —, mas parece-me que tudo o que dizes é disparate. Quem te haveria de dar ilhas para governares? Faltariam no mundo homens mais hábeis do que tu para governadores? Cala-te, Sancho, volta a ti e olha se queres vir comigo, como te disse, para ajudar-me a tirar o tesouro que deixei escondido, pois em verdade é tanto que se pode chamar tesouro. Dar-te-ei com que vivas, como te disse.

— Já te falei, Ricote — retrucou Sancho —, que não quero. Contenta-te em saber que por mim não serás denunciado. Prossegue em boa hora teu caminho e deixa-me seguir o meu. Sei que o bem ganho se perde, e o mal ganho, a ele e ao dono.

— Não quero insistir, Sancho — tornou Ricote. — Mas, dize-me, estavas em nossa aldeia quando partiram minha mulher, minha filha e meu cunhado?

— Sim, estava — respondeu Sancho. — Sei te dizer que tua filha partiu tão formosa que saíram para vê-la quantos havia na aldeia e todos diziam que era a mais bela criatura do mundo. Ia chorando e abraçava todas as suas amigas e conhecidas e a quantos chegavam para vê-la, a todos pedindo a encomendassem a Deus e a Nossa Senhora sua mãe. Isto, com tanto sentimento que me fez chorar a mim, que não costumo ser muito chorão. Palavra que muitos tiveram desejo de escondê-la e sair para tirá-la no caminho, mas o medo de ir contra o mandado do rei os deteve. Mostrou-se principalmente mais apaixonado Dom Pedro Gregório, aquele rico mancebo morgado que tu conheces. Dizem que muito lhe queria e, depois que ela partiu, nunca mais apareceu ele em nosso lugar. Pensamos todos que se fora atrás dela, para roubá-la, mas até agora nada se soube.

— Sempre tive eu má suspeita — disse Ricote — de que esse cavaleiro cortejava minha filha, mas, fiado no valor de Ricota, nunca me causou pesar o saber que ele lhe queria bem. Já terás ouvido dizer, Sancho, que as mouriscas pouca ou nenhuma vez se misturaram por amores com cristãos-velhos, e minha filha, que a meu ver mais atendia a ser cristã que enamorada, não se importaria com as solicitudes desse senhor morgado.

— Assim Deus queira — replicou Sancho —, senão a ambos sairia mal. E deixa-me partir daqui, Ricote amigo. Quero chegar esta noite aonde está meu amo Dom Quixote.

— Vá Deus contigo, mano Sancho. Já meus companheiros se remexem e também é hora de prosseguirmos nosso caminho.

Logo se abraçaram os dois. Sancho montou no ruço, Ricote arrimou-se a seu bordão e se separaram.

# CAPÍTULO LV

## *De coisas ocorridas a Sancho no caminho e outras mui dignas de ver*

Não teve Sancho ensejo, por se haver detido com Ricote, de chegar naquele dia ao castelo do duque, pois, a meia légua dele, surpreendeu-o a noite, algo escura e fechada. Mas, como era verão, não lhe deu isso muito pesar. Assim, afastou-se do caminho com intenção de esperar a manhã. Quis sua curta e desventurada sorte que buscando lugar onde melhor se acomodasse, caíssem ele e o ruço em funda e escuríssima cova, que entre uns edifícios muito antigos estava. Ao cair, encomendou-se a Deus de todo o coração, pensando que não havia de parar até o mais profundo dos abismos. Assim não foi, porém, porque a pouco mais de três corpos,[1] deu no fundo o ruço e Sancho achou-se sobre ele sem ter recebido lesão ou dano algum. Tateou o corpo e recolheu o alento para ver se estava são ou esburacado por alguma parte. E fartava-se de dar graças a Deus, Nosso Senhor, pela mercê que lhe fizera, ao ver-se bom, intato e católico de saúde, pois pensara estar feito em mil pedaços. Tateou igualmente com as mãos as paredes da cova para ver se lhe seria possível sair dela sem ajuda alheia. Achou-as, porém, a todas lisas e sem lugar algum por onde agarrar-se. Isso muito o angustiou, especialmente quando ouviu o ruço queixar-se terna e doloridamente. E não era demais, nem se lamentava de vício, pois, em verdade, não estava mui bem parado. “Ai!”, disse então Sancho Pança. “Quantos não pensados acontecimentos soem ocorrer a cada passo, aos que vivem neste mísero mundo! Quem diria que aquele que ontem se viu entronizado governador de uma ilha, dando ordens a seus serventes e vassalos, hoje se havia de ver sepultado numa cova, sem pessoa alguma que o socorra nem criado ou vassalo que acuda em seu favor! Aqui haveremos de perecer de fome eu e meu jumento, se antes não morrermos, ele de moído e quebrantado, eu de pesaroso. Pelo menos, não serei tão venturoso quanto o foi meu amo Dom Quixote de la Mancha, quando desceu e baixou à cova daquele encantado Montesinos, onde achou quem lhe desse melhor regalo que em sua própria casa, parecendo até que se dirigiu a mesa posta e cama feita. Ali viu ele visões formosas e aprazíveis, e eu verei aqui, pelo que creio, sapos e cobras. Desditoso de mim! Nisto vieram dar minhas loucuras e fantasias! Daqui tirarão meus ossos, quando for o céu servido de que me descubram, limpos, brancos e empedernidos, e com eles os de meu bom ruço, por onde talvez se saiba quem somos, pelo menos os que tiverem notícia de que nunca Sancho Pança se separou de seu asno, nem o asno de Sancho Pança. Outra vez digo: miseráveis de nós! Não quis nossa escassa sorte que morrêssemos em nossa pátria e entre os nossos, onde, ainda que não achasse remédio nossa desgraça, não faltaria quem dela se condoesse e na última hora de nosso passamento nos fechasse os olhos! Ó companheiro e amigo meu, que má paga te dei de teus bons serviços! Perdoa-me e pede à fortuna, do melhor modo que puderes, nos tire deste miserável trabalho em que ambos nos achamos, e prometo pôr-te uma coroa de louros na cabeça, para que não pareças menos que um poeta laureado, dando-te rações dobradas."

Desta maneira se lamentava Sancho Pança. Seu jumento o escutava sem responder-lhe palavra alguma; tais eram o aperto e a angústia em que o pobre se encontrava. Por fim, havendo passado toda aquela noite em doloridas queixas e lamentações veio o dia, com cuja claridade e resplendor viu Sancho ser literalmente impossível sair daquele poço sem ajuda. Começou então a lastimar-se e a soltar brados, para ver se alguém o ouvia. Todos os seus clamores, porém, soavam no deserto, pois por todos aqueles contornos não havia pessoa alguma que o pudesse escutar. Então, acabou por julgar-se morto. Estava o ruço de boca para cima e Sancho Pança o acomodou de modo a pô-lo de pé, que mal se podia suster. Tirando dos alforjes, que também haviam corrido a mesma sorte da queda, um pedaço de pão, deu-o ao jumento, ao qual não soube mal, dizendo-lhe, como se o pudesse entender:

— Não é tanta a aflição quando se tem pão.[2]

Nisto, descobriu de um lado da cova um buraco, em que poderia caber uma pessoa, se se apertasse e encolhesse. Acorreu a ele Sancho Pança e, agachando-se, penetrou por ali. Viu que por dentro era espaçoso e largo, e conseguiu vê-lo porque, pelo que se podia chamar teto, entrava um raio de sol que tudo clareava. Viu também que se dilatava e alargava por outra concavidade espaçosa. Notando tudo isso, voltou para onde estava o jumento e, com uma pedra, começou a desmoronar a terra da abertura, de modo a em pouco tempo abrir espaço para que com facilidade pudesse entrar o asno. Puxando-o pelo cabresto, começou a caminhar pela gruta adiante, a fim de ver se achava alguma saída por outra parte. Às vezes ia às escuras e às vezes sem luz,[3] mas nenhuma vez sem medo. "Valha-me Deus todo-poderoso!", dizia consigo. "Esta, que para mim é desventura, melhor fora aventura para meu amo Dom Quixote. Ele, sim, teria estas profundidades e masmorras por jardins floridos e por palácios de Galiana[4] e esperaria que saísse desta escuridão e estreiteza algum florido prado. Eu, porém, sem ventura, falto de conselho e menoscabado de ânimo, a cada passo penso que debaixo dos pés, de improviso, vai-se abrir outra cova, que acabará de tragar-me. Bem-vindo é um mal, quando outro não o acompanha."

Deste modo e com esses pensamentos, pareceu-lhe haver caminhado pouco mais de meia légua, ao cabo da qual vislumbrou confusa claridade, como já do dia, que por alguma parte entrava, dando indícios de ter fim e saída aquele caminho, para ele o da outra vida. Aqui o deixa Cide Hamete Benengeli e volta a tratar Dom Quixote, que, alvoroçado e contente, esperava a data da batalha que iria travar com o ladrão da honra da filha de Dona Rodrigues, a quem pensava endireitar o torto e desaguisado que tão mal lhe haviam feito. Sucedeu, pois, que, saindo certa manhã a imaginar e ensaiar o que fazer no transe em que dentro de dias se veria, dando um repelão ou arremetida a Rocinante, chegou a pôr os pés tão junto de uma cova que, se lhe não sofreasse fortemente as rédeas, teria sido impossível não cair nela. Por fim, deteve-o e não caiu. Chegando-se algo mais perto, sem apear-se, olhou aquela profundidade. Estava a olhá-la quando, lá dentro, ouviu grandes brados. Escutou atentamente e pôde ouvir que diziam: "Olá, de cima! Há algum cristão que me escute, ou algum cavaleiro caritativo, que se condoa de um pecador enterrado em vida, de um desditoso governador desgovernado?"

Pareceu a Dom Quixote escutar a voz de Sancho Pança, o que o deixou assombrado e em suspenso. Erguendo a voz o mais que pôde, disse:

— Quem está aí embaixo? Quem se queixa?

— Quem pode estar aqui, ou quem se há de queixar — responderam — senão o atormentado Sancho Pança, governador, por seus pecados e má andança, da ilha Baratária, escudeiro que foi do famoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha?

Ouvindo isso Dom Quixote, duplicou-se-lhe a admiração e acrescentou-se-lhe o pasmo. Veio-lhe ao pensamento que Sancho devia estar morto e ali se achava sua alma penando. Levado por essa ideia, disse:

— Conjuro-te, por tudo aquilo quanto conjurar-te posso, como católico cristão, a que me digas quem és. Se és alma penada, dize-me que queres faça por ti; pois que minha profissão é favorecer e socorrer os necessitados deste mundo, também o serei[5] para socorrer e ajudar os aflitos do outro mundo, que não podem ajudar-se por si próprios.

— Dessa maneira — responderam — vosmecê que me fala deve ser meu amo Dom Quixote de la Mancha; realmente, a voz não é de outro.

— Dom Quixote sou — replicou o cavaleiro — e professo socorrer e ajudar em suas necessidades aos vivos e aos mortos. Por isso, dize-me quem és, porque me tens atônito. Se fores meu escudeiro Sancho Pança e tiveres morrido, desde que te não hajam levado os diabos e pela misericórdia de Deus estejas no purgatório, sufrágios tem nossa Santa Madre Igreja Católica Romana bastantes para retirar-te das penas em que estás, e eu, por minha parte, com ela o solicitarei, quanto estiver em minha fazenda. Por isso, acaba de declarar-te e dize-me quem és.

— Por Deus — responderam — e pelo nascimento de quem vosmecê quiser, juro, senhor Dom Quixote de la Mancha, que sou seu escudeiro Sancho Pança e nunca morri em todos os dias de minha vida. Antes, tendo deixado meu governo por coisas e causas que exigem mais espaço para referir, na noite passada caí nesta cova, em que me acho, comigo o ruço, que não me deixará mentir, pois, por maior sinal, está aqui a meu lado.

E, o que é melhor, parece haver o jumento entendido o que Sancho disse, pois, no mesmo instante, começou a zurrar tão fortemente que toda a caverna retumbava.

— Famosa testemunha! — exclamou Dom Quixote. — Conheço esse zurro como se o tivesse parido e ouço tua voz, Sancho amigo. Espera-me. Irei ao castelo do duque e trarei quem te retire dessa cova onde te devem ter posto teus pecados.

— Vá vosmecê — suplicou Sancho — e volte depressa, pelo amor de Deus! Não posso suportar o ficar aqui sepultado em vida e estou morrendo de medo.

Deixou-o Dom Quixote e dirigiu-se ao castelo, para contar aos duques o ocorrido com Sancho Pança, do que não pouco se admiraram, embora bem compreendessem que devia ter caído pela outra saída daquela gruta, que ali existia desde tempos imemoriais. Não podiam, porém, imaginar como havia deixado o governo sem terem eles aviso de sua vinda. Finalmente, levaram cordas e calabres e, à custa de muita gente e muito trabalho, retiraram o ruço e Sancho Pança daquelas trevas para a luz do sol. Viu-o um estudante e disse:

— Dessa maneira deviam sair dos governos todos os maus governadores, como sai este pecador do fundo do abismo, morto de fome, pálido e sem mealha, pelo que creio.

Ouviu-o Sancho e disse:

— Faz oito ou dez dias, mano murmurador, que entrei a governar a ilha que me deram. Neles não me vi farto de pão sequer uma hora; neles me perseguiram médicos e inimigos me moeram os ossos. Não tive tempo para receber peitas ou cobrar tributos. Sendo isto assim, como é não merecia eu, a meu ver, sair desta maneira. Mas o homem põe e Deus dispõe, sabendo Deus melhor o que fica bem para cada um. Tal tempo, tal tento. Ninguém diga: desta água não beberei. Onde se pensa que há toicinhos, não há espetos.[6] Deus me entende, e basta, e mais não digo, embora pudesse.

— Não te aborreças, Sancho, nem te incomodes com o que ouvires. Seria um nunca acabar. Vem tu com segura consciência e digam o que disserem. Querer atar as línguas dos maldizentes é o mesmo que querer colocar portas no campo. Se o governador sai rico de seu governo, dizem que foi um ladrão; se sai pobre, que foi tolo e mentecapto.

— Certamente — respondeu Sancho —, desta vez antes me hão de ter por tolo que por ladrão.

Com estas práticas chegaram, rodeados de meninos e muita gente, ao castelo, onde nuns corredores estavam já o duque e a duquesa esperando Dom Quixote e Sancho. Não quis este subir para ver o duque sem antes haver acomodado o ruço na cavalariça, pois dizia que passara muito má noite na estalagem. Em seguida, subiu para ver seus senhores, ante os quais, posto de joelhos, disse:

— Eu, senhores, porque assim o quis Vossa Grandeza, sem nenhum merecimento meu, fui governar vossa ilha Baratária. No governo entrei nu e desnudo me encontro. Não perco nem ganho. Se governei bem ou mal, testemunhas tenho, que dirão o que quiserem. Decidi dúvidas, sentenciando pleitos, sempre morto de fome, por haver assim querido o doutor Pedro Duro, natural de Parafora, médico insulano e governadoresco. Atacaram-nos inimigos de noite e, havendo-nos posto em grande aperto, dizem os da ilha que saíram livres e com vitória pelo valor de meu braço; Deus lhes dê tanta saúde como dizem a verdade. Em suma, durante esse tempo tateei os encargos e obrigações que o governo traz consigo e achei, por minha conta, que os não podem suportar meus ombros, nem são pesos de minhas costelas, ou flechas de minha aljava. Assim, antes que o governo desse comigo no chão, dei eu ao chão com o governo. Ontem de manhã deixei a ilha tal como a encontrei, com as mesmas ruas, casas e telhados que tinha quando entrei nela. Não pedi empréstimo a ninguém, nem me meti em negociatas. Embora pensasse em fazer algumas ordenanças proveitosas, nenhuma fiz,[7] temeroso de que não fossem cumpridas, pois assim tanto valeria fazê-las como não as fazer. Saí, como disse, da ilha, sem outro acompanhamento que o de meu ruço. Caí numa cova, entrei por ela adentro, até que esta manhã, com a luz do sol, vi a saída, mas não tão fácil. Não me deparasse o céu a meu senhor Dom Quixote, lá ficaria eu até o fim do mundo. Deste modo, meus senhores duque e duquesa, aqui está vosso governador Sancho Pança, que adquiriu, em apenas dez dias de governo, o conhecimento de que nada dará para ser governador, não de uma ilha, mas de todo o mundo. Dizendo isto e beijando os pés de vosmecês, a exemplo da brincadeira dos meninos que dizem: "Pula de lá, que eu pulo de cá", dou um pulo do governo e passo para o serviço de meu amo Dom Quixote. Afinal, com ele, embora coma o pão em sobressalto, farto-me, pelo menos. Para mim, desde que esteja farto, tanto me faz ser de cenouras como de perdizes.

Com isto deu fim Sancho à sua longa prática, temendo sempre Dom Quixote que fosse dizer nela milhares de disparates. Quando o viu acabar com tão poucos, deu no coração graças ao céu. O duque abraçou Sancho e disse pesar-lhe na alma que ele tão depressa tivesse deixado o governo. Faria, porém, com que se lhe desse em seu estado outro ofício de menos encargos e mais proveitos. Abraçou-o também a duquesa e mandou que o regalassem, pois dava sinais de vir mal moído e pior parado.

# CAPÍTULO LVI

## *Da descomunal e nunca vista batalha que travou Dom Quixote de la Mancha com o lacaio Tosilos, em defesa da filha da dama Dona Rodrigues*

Não ficaram os duques arrependidos da burla que fizeram a Sancho Pança dando-lhe o governo, tanto mais que naquele mesmo dia chegou seu mordomo e contou-lhes ponto por ponto quase todas as palavras e ações de Sancho naqueles dias. Por fim, encareceu-lhes o assalto da ilha, o medo de Sancho e sua saída, causando-lhes grande prazer. Depois disto, conta a história que chegou o dia da batalha aprazada. Havendo o duque advertido seu lacaio Tosilos sobre como teria de se haver com Dom Quixote, para vencê-lo sem o matar nem ferir, ordenou que tirassem os ferros das lanças, dizendo a Dom Quixote que a cristandade de que se prezava não permitia fosse aquela batalha com tanto risco e perigo das vidas: que se contentasse de ter campo franco em suas terras, embora contra o decreto do Sagrado Concílio[1] que proíbe tais desafios, pois não queria levar com todo rigor aquele transe tão forte. Dom Quixote disse que Sua Excelência dispusesse as coisas daquele negócio como melhor lhe parecesse; ele obedeceria em tudo. Chegado, pois, o temeroso dia e tendo o duque mandado que diante da praça do castelo se fizesse espaçoso tablado, onde ficassem os juízes do campo e as damas, mãe e filha, demandantes, havia acorrido de todos os lugares e aldeias circunvizinhas gente inumerável, para ver a novidade de tal batalha. Nunca outra semelhante, de fato, haviam visto ou dela sabido naquela terra os que viviam, e mesmo os mortos.

O primeiro a entrar no campo e na estacada foi o mestre de cerimônias, que examinou o campo e o percorreu todo, para que nele não houvesse engano algum, nem coisa encoberta em que se tropeçasse e caísse. A seguir, entraram as damas e se sentaram em seus lugares, cobertas com os mantos até os olhos, e mesmo até os peitos, com mostras de não pequeno sentimento, ante Dom Quixote na estacada. Daí a pouco, acompanhado de muitas trombetas, assomou por uma parte da praça, montando fortíssimo cavalo, que parecia afundar o chão, o grande lacaio Tosilos, de viseira calada, todo entesado na armadura fechada, com fortes e luzentes armas. O cavalo mostrava ser da Frísia, corpulento e de cor tordilha; de cada pata lhe pendia uma arroba de lã. Vinha o valoroso combatente bem informado pelo duque seu amo de como se deveria portar com o destemido Dom Quixote de la Mancha, advertido de que de modo algum o matasse, mas procurasse fugir ao primeiro encontro, para evitar o perigo de sua morte, o qual seria certo se de cheio se encontrassem. Passeou pela praça e, chegando aonde estavam as damas, pôs-se algum tempo a olhar a que por esposo o pedia. Chamou o mestre de campo a Dom Quixote, que já se havia apresentado na praça, e junto com Tosilos falou às damas, perguntando-lhes se consentiam em que lutasse por seu direito Dom Quixote de la Mancha. Elas disseram que sim, e que tudo quanto naquele caso ele fizesse dariam por bem-feito, por firme e por válido. Já nesse momento estavam o duque e a duquesa postos numa galeria que dava para a estacada, toda a qual se coroava de inúmeras pessoas à espera de ver o rigoroso e nunca visto transe. Foi condição dos combatentes que, se Dom Quixote vencesse, seu adversário haveria de casar-se com a filha de Dona Rodrigues; se fosse ele o vencido, ficava seu contendor livre da palavra que lhe era pedida, sem dar qualquer outra satisfação.

Partiu-lhes o sol[2] o mestre de cerimônias e pôs cada um dos dois no posto em que deveriam estar. Soaram os tambores, encheu o ar o som das trombetas, tremia debaixo dos pés a terra. Suspensos estavam os corações da turba que fitava, temendo uns e esperando outros o bom ou mau sucesso daquele caso. Por fim, Dom Quixote, encomendando-se de todo o seu coração a Deus Nosso Senhor e à senhora Dulcineia del Toboso, estava aguardando que se lhe desse o sinal preciso para a arremetida. Entretanto, nosso lacaio tinha pensamentos diferentes. Não pensava senão no que agora direi.

Parece que, quando estava olhando sua inimiga, julgou ser a mais formosa mulher que havia visto em toda a sua vida. E o menino cego, a que soem chamar habitualmente Amor por essas ruas, não quis perder a ocasião, que se lhe oferecia, de triunfar de uma alma lacaiesca e pô-la na lista de seus troféus. Assim, chegando-se bonitamente a ele e sem que ninguém o visse, perfurou o pobre lacaio com uma flecha de duas varas de comprimento pelo lado esquerdo, atravessando-lhe todo o coração. E pôde fazê-lo com plena segurança, pois o Amor é invisível e entra e sai por onde quer, sem que ninguém lhe peça contas dos feitos. Digo, pois, que quando deram o sinal da arremetida estava nosso lacaio extasiado, pensando na formosura da que havia sido feita senhora de sua liberdade e, assim, não atendeu ao som da trombeta, como fizera Dom Quixote. Este, mal a ouvira, arremeteu a todo correr que permitia Rocinante e partiu contra o inimigo. Vendo-o partir, seu bom escudeiro Sancho disse em altos brados:

— Deus te guie, nata e flor dos cavaleiros andantes! Deus te dê a vitória, pois a razão está do teu lado!

Embora visse Dom Quixote investir, Tosilos não se moveu. Antes, em alta voz, chamou o mestre de campo. Vindo este ver o que ele queria, disse-lhe:

— Senhor, o motivo desta batalha não é para que eu me case ou não com aquela senhora?

— Esse é o motivo — foi a resposta.

— Então — tornou o lacaio — estou com temor de consciência e grande peso lhe poria se levasse avante esta batalha. Assim, digo que me dou por vencido e quero casar-me logo com aquela senhora.

Ficou admirado o mestre de campo das razões de Tosilos, e, como era um dos sabedores da maquinação daquele caso, não lhe soube responder palavra. Deteve-se Dom Quixote no meio da carreira, vendo que seu inimigo não o atacava. O duque não compreendia por que motivo não prosseguia a batalha, mas o mestre de campo lhe foi declarar o que Tosilos dissera, com o que ficou ele atônito e colérico em extremo. Enquanto isto se passava, Tosilos chegou-se aonde estava Dona Rodrigues e disse, em grandes brados:

— Eu, senhora, quero casar-me com vossa filha e não quero alcançar por pleitos e contendas o que posso conseguir em paz e sem perigo de morte.

Ouviu isto o valoroso Dom Quixote e disse:

— Já que assim é, fico livre e desembaraçado de minha promessa. Casem-se em boa hora e, se Deus Nosso Senhor a deu, São Pedro a bendiga.

O duque havia descido à praça do castelo e, chegando-se a Tosilos, perguntou-lhe:

— É verdade, cavaleiro, que vos dais por vencido e que, instigado por vossa temerosa consciência, quereis casar-vos com esta donzela?

— Sim, senhor — respondeu Tosilos.

— Faz ele muito bem — atalhou neste ponto Sancho Pança. — O que hás de dar ao rato, dá-o ao gato e evitarás cuidados.

Ia-se Tosilos desvencilhando da celada e rogava que depressa o ajudassem, porque lhe começava a faltar o alento e não podia ver-se encerrado por tanto tempo no estreito aposento daquela armadura. Tiraram-na depressa e ficou descoberto e patente seu rosto de lacaio. Vendo isso, Dona Rodrigues e sua filha, em alta voz, disseram:

— Isso é engano! É engano isso! Colocaram Tosilos, o lacaio do duque, em lugar de meu verdadeiro esposo! Justiça de Deus e del rei contra tanta malícia, para não dizer velhacaria!

— Não vos agonieis, senhoras — interveio Dom Quixote. — Nem isto é malícia, nem é velhacaria. Se o for, não é por causa do duque, mas dos maus encantadores que me perseguem, os quais, invejosos de que eu alcançasse a glória deste triunfo, converteram o rosto de vosso esposo no deste que dizeis ser lacaio do duque. Tomai meu conselho e, apesar da malícia de meus inimigos, casai-vos com ele. Sem dúvida é o mesmo que desejais alcançar por esposo.

O duque, que isto ouviu, esteve por quebrar em riso toda a sua cólera e disse:

— São tão extraordinárias as coisas que sucedem ao senhor Dom Quixote que estou para crer que este meu lacaio não o é. Usemos, porém, deste ardil e manha: dilatemos o casamento por quinze dias, se concordam, e conservemos aprisionado este personagem que nos põe em dúvidas. Nesses dias, poderia ser que voltasse à figura anterior. Não há de durar tanto o rancor que os encantadores têm a Dom Quixote, tanto mais quanto lhes custa mui pouco usar dessas trapaças e transformações.

— Oh, senhor! — exclamou Sancho. — Já tem estes malandrins por uso e costume mudar de umas em outras as coisas que se referem a meu amo. Um cavaleiro que ele venceu há dias passados, chamado o dos Espelhos, mudaram-no na figura do bacharel Sansão Carrasco, natural de nossa aldeia e grande amigo nosso.Transformaram minha senhora Dulcineia del Toboso numa rústica lavradora. Assim, imagino que este lacaio há de viver e morrer lacaio em todos os dias de sua vida.

A isso disse a filha de Dona Rodrigues:

— Seja quem for este que me pede por esposa (e eu lhe agradeço), antes quero ser mulher legítima de um lacaio que amante e burlada de um cavaleiro, posto que quem me burlou não o é.

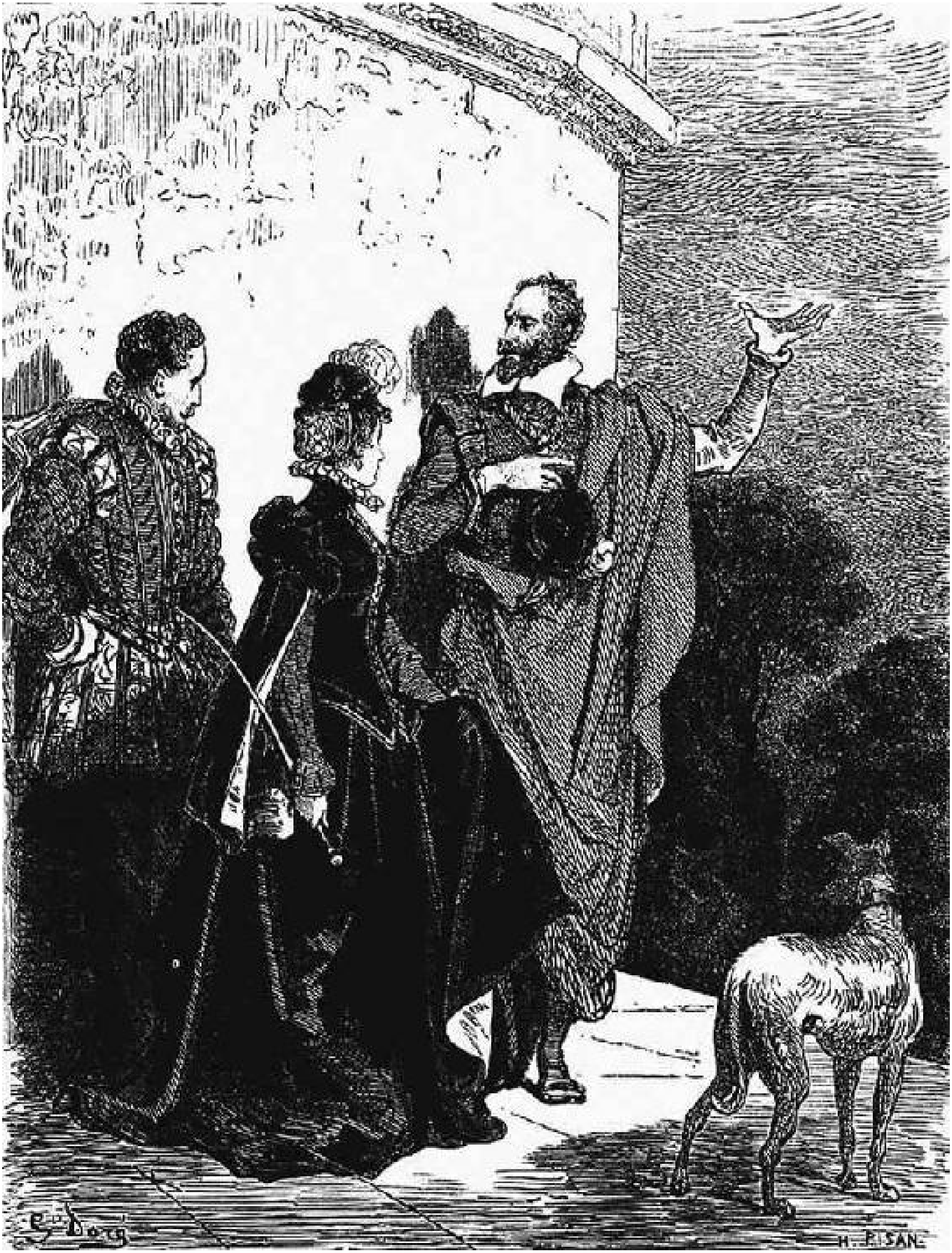
Em suma, todos estes contos e sucessos deram em que Tosilos se recolhesse, até ver em que parava sua transformação. Aclamaram todos a vitória de Dom Quixote, mas, na maior parte, ficaram tristes e melancólicos porque se não haviam feito em pedaços os tão esperados combatentes. Assim ficam tristes os rapazes quando não sai o enforcado que aguardam, porque foi perdoado pela vítima ou pela justiça. Partiu a gente, voltaram o duque e Dom Quixote ao castelo e aprisionaram Tosilos, ficando Dona Rodrigues e sua filha contentíssimas de ver que, por uma via ou outra, aquele caso havia de acabar em casamento. E Tosilos não o esperava menos.

# CAPÍTULO LVII

## *Que trata de como Dom Quixote se despediu do duque e do que sucedeu com a discreta e desenvolta Altisidora, donzela da duquesa*

Já parecia a Dom Quixote ser bom sair de tanta ociosidade como a que passava naquele castelo. Imaginava ser grande a falta que sua pessoa fazia, ao deixar-se encerrar, preguiçoso, entre os infinitos regalos e deleites que como a cavaleiro andante lhe davam aqueles senhores, julgando ter de prestar estritas contas ao céu de tal ócio e confinamento. Assim, pediu um dia licença aos duques para partir. Deram-na, com mostras de terem enorme pesar em que os deixasse. Deu a duquesa a Sancho as cartas de sua mulher. Chorou ele com elas e disse:

— Quem pensaria que esperanças tão grandes, como as que no peito de minha mulher Teresa engendraram as notícias de meu governo, haveriam de parar em voltar eu agora às arrastadas aventuras de meu amo Dom Quixote de la Mancha? Apesar de tudo, contento-me em ver que minha Teresa correspondeu a ser quem é, enviando as bolotas à duquesa. Se não as tivesse enviado, ficando eu pesaroso mostrar-se-ia ela agradecida. O que me consola é esta dádiva não poder ser tida como peita, pois já tinha eu o governo quando ela as enviou, e é de boa razão que quem recebe algum benefício, ainda que de ninharias, se mostre agradecido. Com efeito, nu entrei no governo e nu saio dele. Assim poderei dizer, com plena consciência, o que não é pouco: “Nu nasci, despido me encontro; não perco nem ganho.”


G. Doré
H. PISAN

Isto dizia Sancho no dia de sua partida. E, saindo Dom Quixote, que se havia despedido dos duques na noite anterior, de manhã achou-se armado na praça do castelo. Toda a gente o contemplava dos corredores e também saíram para vê-lo os duques. Estava Sancho montado no ruço, com os alforjes, maleta e comestíveis, contentíssimo, porque o mordomo do duque (o que representara a Trifáldi) lhe havia dado uma bolsinha com duzentos escudos de ouro para suprir as necessidades do caminho, e disto ainda não sabia Dom Quixote. Estando, como ficou dito, todos a contemplá-lo, de súbito, dentre as outras damas e donzelas da duquesa que o olhavam, ergueu a voz a desenvolta e discreta Altisidora, e, em tom lastimoso, disse:

*Escuta, mau cavaleiro,*
*sofreia a rédea um instante;*
*não fatigues as ilhargas*
*de teu pobre Rocinante.*
*Olha, falso, que não foges*
*de serpente fera e má,*
*porém de uma cordeirinha*
*que de ovelha longe está.*
*Tu zombaste, monstro horrendo,*
*da donzela mais formosa*
*que Diana viu em seus montes*
*e Vênus na selva umbrosa.*

Vireno[1] atroz, Eneias fugitivo, Barrabás te acompanhe, de olho vivo!

*Tu levas — furto impiedoso! —*
*nessas garras encerrada*
*a alma inteira de uma humilde,*
*pobre, terna enamorada.*
*Levas três toucas de enfeite*
*e umas ligas, que adornavam*
*pernas tão alvas e lisas*
*que ao mármore se igualavam.*
*E levas dois mil suspiros*

*tão ardentes que, parece,*
*queimariam três mil Troias,*
*se três mil Troias houvesse.*
Vireno atroz, Eneias fugitivo, Barrabás te acompanhe, de olho vivo!
*De teu escudeiro Sancho*
*se endureça o peito tanto*
*que não saia Dulcineia*
*nunca mais de seu encanto.*
*Da culpa de que és culpado*
*tenha triste a pena e as dores,*
*que aqui muitas vezes pagam*
*justos pelos pecadores.*
*Que as mais finas aventuras*
*se te volvam em tristezas,*
*em sonhos teus passatempos,*
*em desdéns tuas firmezas.*
Vireno atroz, Eneias fugitivo, Barrabás te acompanhe, de olho vivo!
*De Sevilha até Marchema,*
*desde Loja até Granada,*
*de Londres à Inglaterra*
*tenhas de falso nomeada.*
*Quando baralho jogares*
*fujam-te reis e valetes,*
*às mãos não te cheguem ases*
*nem vejas damas ou setes.*
*Que sangres, quando te cortes*
*os calos dos calcanhares*
*e não saiam as raízes*

*quando os dentes arrancares.*

Vireno atroz, Eneias fugitivo, Barrabás te acompanhe, de olho vivo!

Enquanto de tal modo se queixava a lastimosa Altisidora, esteve a fitá-la Dom Quixote e, sem responder-lhe palavra, voltando o rosto para Sancho, disse-lhe:

— Pelo século[2] de teus antepassados, Sancho amigo, conjuro-te a que me digas uma verdade. Dize-me: levas porventura as três toucas e as ligas de que fala essa enamorada donzela?

Sancho esclareceu:

— As três toucas, levo-as, realmente; mas, as ligas, nem pelos montes de Úbeda.[3]

Ficou a duquesa admirada da desenvoltura de Altisidora, pois, embora a tivesse por atrevida, graciosa e desenvolta, não a tinha em grau de atrever-se a semelhantes travessuras, e como não estivesse advertida dessa burla, mais cresceu sua admiração. Quis o duque reforçar o donaire e disse:

— Não me parece bem, senhor cavaleiro, que, tendo recebido neste meu castelo a boa acolhida que nele tivestes, vos tenhais atrevido a levar pelo menos três toucas e pelo mais as ligas de minha donzela. São, esses, indícios de mau peito e não correspondem à vossa fama. Devolvei-lhe as ligas; se não, desafio-vos a mortal batalha, sem temor de que malandrins encantadores me transformem nem mudem o rosto, como mudaram no de Tosilos meu lacaio, o que entrou convosco em combate.

— Não queira Deus — respondeu Dom Quixote — que eu desembainhe minha espada contra vossa ilustríssima pessoa, de que tantas mercês recebi. As toucas devolverei, pois Sancho diz que as tem. Quanto às ligas, é impossível, porque nem eu as recebi, ele tampouco. Se esta vossa donzela quiser olhar em seus esconderijos, certamente as encontrará. Eu, senhor duque, jamais fui ladrão, nem penso ser ladrão em toda minha vida, assim Deus me tenha em sua mão. Esta donzela fala (ela mesma o diz) como enamorada, do que não tenho culpa. Assim, não tenho que pedir-lhe perdão, nem a ela, nem a Vossa Excelência, a quem suplico me tenha em melhor opinião e me dê de novo licença para seguir meu caminho.

— Deus vo-lo dê tão bom, senhor Dom Quixote — atalhou a duquesa —, que sempre ouçamos boas notícias de vossas façanhas. E ide com Deus, pois, enquanto mais vos detendes, mais aumentais as chamas nos peitos das donzelas que vos contemplam. Castigarei à minha de modo que doravante não se desmande com a vista nem com as palavras.

— Apenas uma quero que me ouças, ó valoroso Dom Quixote! — exclamou então Altisidora. — Peço-te perdão do latrocínio das ligas, porque, por Deus e minha alma, tenho-as calçadas e caí no mesmo descuido daquele que procurava o burro estando montado nele.

— Não lhe disse eu? — interveio Sancho. — Vejam se sou homem para encobrir furtos! Se os quisesse fazer, a pedir por boca[4] me teria vindo a ocasião em meu governo.

Baixou a cabeça Dom Quixote e fez uma reverência aos duques e a todos os circunstantes. Voltando as rédeas a Rocinante, acompanhado por Sancho sobre o ruço, saiu do castelo, encaminhando-se para Saragoça.

# CAPÍTULO LVIII

## *Que trata de como se amiudaram sobre Dom Quixote tantas aventuras que não davam espaço umas às outras*

Quando Dom Quixote se viu na campina rasa, livre e desembaraçado dos requebros de Altisidora, pareceu-lhe que estava em seu lugar e que o ânimo se lhe renovava para prosseguir de novo no assunto de suas cavalarias. Voltando-se para Sancho, disse-lhe:

— A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os céus deram aos homens. Com ela não se podem igualar os tesouros que a terra encerra ou o mar encobre. Pela liberdade, assim como pela honra, pode-se e deve-se arriscar a vida. Ao contrário, o cativeiro é o maior mal que aos homens pode sobrevir. Digo isto, Sancho, porque bem viste o regalo e abundância que tivemos neste castelo de que saímos. Em meio daqueles banquetes lautos, daquelas bebidas de neve, parecia-me estar metido nas aperturas da fome, porque não os gozava com a liberdade com que os gozaria se meus fossem. As obrigações de recompensar as mercês e os benefícios recebidos são ataduras que não deixam campear o ânimo livre. Venturoso aquele a quem o céu deu um pedaço de pão, sem lhe ficar a obrigação de agradecê-lo a outro que não o próprio céu!

— Apesar de tudo o que vosmecê me disse — observou Sancho —, não é bom que fique sem agradecimento de nossa parte a bolsinha com duzentos escudos de ouro que me deu o mordomo do duque, a qual, como emplastro confortador, levo sobre o coração, para o que der e vier. Nem sempre haveremos de encontrar castelos onde nos regalem e talvez deparemos alguma venda onde nos esbordoem.

Com estas e outras palestras iam os andantes cavaleiro e escudeiro, quando, após andar pouco mais de uma légua, viram que sobre a relva de um verde prado, com as capas feitas toalhas, estavam comendo uns doze homens, vestidos de lavradores. Junto a si tinham uma espécie de lençóis brancos, com que cobriam alguma coisa, empinados e estendidos, colocados de espaço a espaço. Aproximou-se Dom Quixote dos que comiam e, saudando-os antes cortesmente, lhes perguntou que coisa cobriam aqueles lençóis. Um deles respondeu:

— Senhor, debaixo destes lençóis estão umas imagens de relevo e de talha, que servirão num retábulo que faremos em nossa aldeia. Levamo-las cobertas para que se não estraguem, e aos ombros para que não quebrem.

— Se sois servidos — tornou Dom Quixote —, gostaria de vê-las. Imagens que com tanto recato se levam sem dúvida devem ser boas.

— E como não? — falou outro. — Diga-o o que custam! Realmente, nenhuma há que não tenha ficado em mais de cinquenta ducados. E para que vosmecê veja esta verdade, espere e há de vê-la por seus próprios olhos.

E deixando de comer levantou-se e foi tirar a coberta da primeira imagem, que se viu ser a de São Jorge a cavalo, com uma serpente enroscada aos pés e a lança atravessada pela boca, do modo fero habitual nas pinturas. Toda a imagem parecia uma chispa de ouro, como sói dizer-se. Dom Quixote disse, ao vê-la:

— Este cavaleiro foi um dos melhores andantes que teve a milícia divina. Chamou-se Dom São Jorge e foi, sobretudo, defensor de donzelas. Vejamos esta outra.

Descobriu-a o homem e pareceu ser a de São Martinho a cavalo, repartindo a capa com o pobre. Mal a viu, disse Dom Quixote:

— Este cavaleiro também foi dos aventureiros cristãos, e creio ter sido mais liberal que valente, como o podes notar, Sancho, ao ver que está repartindo sua capa com o pobre e lhe dá metade. Sem dúvida, então devia ser inverno; do contrário, tê-la-ia dado toda, tão caritativo era.

— Não devia ser isso — retrucou Sancho —, mas certamente ele atentou no rifão que diz: para dar e para ter, senso é mister.[1]

Riu-se Dom Quixote e pediu que outro lençol tirassem. Debaixo dele descobriu-se a imagem do Padroeiro das Espanhas, a cavalo, com a espada ensanguentada, atropelando mouros e pisando cabeças. Ao vê-la, disse Dom Quixote:

— Este, sim, é autêntico cavaleiro, e das esquadras de Cristo. Chama-se Dom São Diogo[2] Matamouros, um dos mais valentes e santos cavaleiros que o mundo teve e agora tem o céu.

Logo retiraram outro lençol e pareceu que encobria a queda de São Paulo do cavalo abaixo, com todas as circunstâncias que de hábito se pintam no retábulo de sua conversão. Quando o viu tão ao vivo, que parecia falar-lhe Cristo e Paulo responder, disse Dom Quixote:

— Este foi o maior inimigo que teve a Igreja de Deus Nosso Senhor, e seu maior defensor em todos os tempos. Cavaleiro andante pela vida e santo a pé quedo pela morte, trabalhador incansável da vinha do Senhor, doutor das gentes, a quem serviram de escola os céus e de catedrático e mestre o próprio Jesus Cristo![3]

Não havia mais imagens. Mandou assim Dom Quixote que as tornassem a cobrir e disse aos que as traziam:

— Por bom agouro tive, irmãos, haver visto o que vi, porque estes santos e cavaleiros professaram o que eu professo, a saber, o exercício das armas. A diferença que há entre mim e eles é terem sido santos e pelejarem ao divino, enquanto eu sou pecador e pelejo ao mundo. Eles conquistaram o céu à força de braços, porque o céu padece força[4] e eu até agora não sei o que conquisto à força de meus trabalhos. Se, porém, minha Dulcineia del Toboso saísse dos que padece, melhorando-se minha ventura e fecundando-se-me o juízo, talvez meus passos se encaminhassem por melhor caminho.

— Deus o ouça e o pecado seja surdo — observou neste ponto Sancho.

Admiraram-se os homens tanto da figura como das palavras de Dom Quixote, sem entender a metade do que com elas queria dizer. Acabaram de comer, carregaram suas imagens e, despedindo-se de Dom Quixote, seguiram viagem.

Ficou Sancho de novo como se jamais houvesse conhecido seu amo, admirado do que sabia, parecendo-lhe não haver história no mundo, nem sucesso, que não os tivesse cifrados na unha e gravados na memória. E disse-lhe:

— Em verdade, senhor meu amo, se isto que nos sucedeu hoje se pode chamar aventura, foi das mais suaves e doces que nos ocorreram em todo o decurso de nossa peregrinação. Dela saímos sem pauladas e sem sobressalto algum. Não desembainhamos espadas nem batemos a terra com os corpos, nem ficamos famintos. Bendito seja Deus, que tal me deixou ver por meus próprios olhos!

— Dizes bem, Sancho — tornou Dom Quixote. — Deves, porém, notar que nem todos os tempos são os mesmos ou correm da mesma forma. Isto que o vulgo comumente sói chamar agouros, que não se fundam sobre razão natural alguma, devem ser tidos e julgados como bons acontecimentos pelos discretos. Levanta-se um desses agoureiros pela manhã, sai de sua casa, encontra-se com um frade da ordem do bem-aventurado São Francisco e, como se houvesse topado um grifo, volta as costas e retorna a casa.[5] Derrama-se ao outro Mendoza o sal na mesa[6] e derrama-se nele a melancolia pelo coração, como se a natureza estivesse obrigada a dar sinal das desgraças vindouras por meio de coisas tão pouco importantes como as referidas. O discreto e cristão não deve andar em pontinhos com o que o céu quer fazer. Chega Cipião à África, tropeça ao saltar em terra, têm-no por mau agouro seus soldados. Mas ele, abraçando-se ao solo, diz: “Não me poderás fugir, África, porque te tenho agarrada e presa entre os braços.” Assim, Sancho, para mim foi felicíssimo acontecimento haver me encontrado com essas imagens.

— Também o creio — respondeu Sancho —, e quereria que vosmecê me dissesse qual é a causa por que dizem os espanhóis, quando querem travar uma batalha, invocando aquele São Diogo Matamouros: “Santiago, e cerra Espanha!” Está por acaso a Espanha aberta de modo a ser mister cerrá-la, ou que cerimônia é esta?[7]

— Muito simples és, Sancho — retrucou Dom Quixote. — Olha que este grande cavaleiro da cruz vermelha deu-o Deus à Espanha por patrono e amparo seu especialmente nos rigorosos transes que com os mouros tiveram os espanhóis. Assim, invocam-no e chamam em todas as batalhas que travam, e muitas vezes visivelmente o viram nelas, derribando, atropelando, destruindo e matando os esquadrões agarenos. Desta verdade poder-se-ia trazer muitos exemplos, que nas verdadeiras histórias espanholas se contam.

Mudou Sancho de conversa e disse ao amo:

— Maravilhado estou, senhor, com a desenvoltura de Altisidora, a donzela da duquesa. Bravamente deve tê-la ferido e trespassado aquele a quem chamam Amor e dizem ser um rapaz cego, que, por estar remeloso, ou, para dizer melhor, sem vista, se toma por alvo um coração, por pequeno que seja, fere-o e atravessa-o de lado a lado com suas flechas. Ouvi dizer também que na vergonha e no recato das donzelas perdem a ponta e se embotam as amorosas setas. Mas nesta Altisidora mais se parecem aguçar que embotar.

— Lembra-te, Sancho — ponderou Dom Quixote —, de que o amor nem olha a respeitos nem guarda termos de razão em seus discursos. Tem a mesma condição que a morte: tanto acomete os altos alcáçares dos reis como as humildes choças dos pastores. Quando toma inteira posse de uma alma, o primeiro que faz é tirar-lhe o temor e a vergonha. Assim, sem ela declarou Altisidora seus desejos, que em meu peito geraram antes confusão que lástima.

— Crueldade notória! — exclamou Sancho. — Desagradecimento inaudito! De mim, sei dizer que me haveria de render e submeter à sua mínima palavra[8] amorosa. *Hideputa*, que coração de mármore, que entranhas de bronze, que alma de argamassa! Não posso, porém, pensar que coisa essa donzela viu em vosmecê para assim rendê-la e submetê-la. Não sei de que galas, que brio, que donaire, que rosto, ou de cada coisa destas de per si, ou de todas juntas, se enamorou. Para falar a verdade, muitas vezes me detenho a contemplar vosmecê da ponta dos pés ao último cabelo da cabeça e creio ver mais partes para espantar que para apaixonar. Tendo também ouvido dizer que a formosura é a primeira e principal parte que enamora, e não tendo vosmecê nenhuma, não sei de que se enamorou a coitada.

— Lembra-te, Sancho — retrucou Dom Quixote —, de que há duas espécies de formosura: uma, da alma; a outra, do corpo. A da alma campeia e se mostra no entendimento, na honestidade, no bom proceder, na liberalidade, na boa educação, e todas estas partes cabem e podem estar em um homem feio. Quando se lança a vista a esta formosura e não à do corpo, sói nascer o amor com ímpeto e com vantagem. Eu, Sancho, bem vejo que não sou formoso. Também conheço, contudo, que não sou disforme. E basta a um homem de bem não ser monstro para ser bem-querido, desde que tenha os dotes de alma de que te falei.

Nestas palestras e práticas foram entrando por uma selva adentro, que fora do caminho estava. E de repente, sem pensar nisso, achou-se Dom Quixote entre umas redes de fios verdes que se estendiam de umas árvores a outras. Sem poder imaginar o que aquilo poderia ser, disse a Sancho:

— Parece-me, Sancho, que isto das redes deve ser uma das mais novas aventuras que imaginar eu possa. Matem-me se os encantadores que me perseguem não me querem enredar nelas e deter meu caminho, como por vingança do rigor que com Altisidora tive! Pois digo-lhes eu que, fossem embora estas redes, em vez de feitas de fios verdes, de duríssimos diamantes, ou mais fortes que aquelas com que o ciumento deus dos ferreiros[9] enredou Vênus e Marte, rompê-las-ia eu como se fossem de juncos marinhos, ou linhas de algodão.

E querendo passar avante e romper tudo, de improviso lhes apareceram, saindo dentre umas árvores, duas lindíssimas pastoras. Pelo menos, vestidas como pastoras estavam. Apenas as blusas e saias eram de fino brocado, ou melhor, as saias eram de riquíssimo tafetá de ouro. Tinham os cabelos soltos sobre os ombros e, de louros, podiam competir com os raios do próprio sol. Coroavam-nos com duas grinaldas tecidas de verde-laurel e vermelho-amaranto. Ao que parece, não desciam dos quinze nem passavam dos dezoito anos de idade.

Visão tal deixou Sancho admirado, Dom Quixote atônito, fez parar o sol em sua carreira para as ver e teve em maravilhoso silêncio todos os quatro. Enfim, quem primeiro falou foi uma das duas zagalas, que disse a Dom Quixote:

— Detende o passo, senhor cavaleiro, e não rompais estas redes, que aí estão estendidas, não para dano vosso, mas para nosso passatempo. Como sei que nos haveis de perguntar para que se estenderam e quem somos, vo-lo quero dizer em breves palavras. Numa aldeia que fica a duas léguas daqui, onde há muita gente principal e muitos fidalgos ricos, entre muitos amigos e parentes se concertou que com seus filhos, mulheres e filhas, vizinhos, amigos e parentes viéssemos todos a folgar por estes sítios, dos mais agradáveis de todos estes contornos, formando entre nós uma nova e pastoril Arcádia, vestindo-nos as donzelas de zagalas e os mancebos de pastores. Temos estudadas duas églogas, uma do famoso poeta Garcilaso, outra do excelentíssimo Camões, em sua mesma língua portuguesa, as quais até agora não representamos. Ontem foi o primeiro dia que aqui chegamos. Temos plantadas entre estes ramos algumas tendas, das que se chamam de campanha, na margem de abundante arroio que todos estes prados fertiliza. Estendemos na noite passada estas redes pelas árvores, para enganar os passarinhos simples que, afugentados por nosso barulho, vierem a dar nelas. Se gostais, senhor, de ser nosso hóspede, sereis liberal e cortesmente agasalhado, porque, por agora, neste sítio, não há de entrar o pesar nem a melancolia.

Calou-se e mais não disse. Respondeu Dom Quixote:

— Por certo, formosíssima senhora, não deve ter ficado mais suspenso nem admirado Acteão, quando viu de repente Diana banhar-se nas águas, do que atônito fiquei ao ver vossa beleza. Louvo o assunto de vossos entretenimentos e o de vossos oferecimentos agradeço. Se vos posso servir, com certeza de ser obedecidas mo podeis mandar, pois outra não é minha profissão que a de mostrar-me agradecido e benfeitor para com toda espécie de gente, em especial para com a principal, que vossas pessoas representam. E se essas redes, que devem ocupar algum pequeno espaço, ocupassem toda a redondeza da terra, buscaria eu novos mundos por onde passar sem rompê-las. Para que deis algum crédito a este meu exagero, vede que vo-lo promete pelo menos Dom Quixote de la Mancha se este nome já vos chegou aos ouvidos.

— Ai, amiga de minha alma! — disse então a outra zagala. — Que ventura tão grande nos sucedeu! Vês este senhor que temos à frente? Pois faço-te saber que é o mais valente, o mais enamorado e o mais comedido cavaleiro do mundo, se não nos engana e mente uma história que de suas façanhas anda impressa e eu li. Apostarei que este bom homem que com ele vem é um tal Sancho Pança, seu escudeiro, a cujas graças outras não há que se igualem.

— Essa é a verdade — interveio Sancho. — Sou eu esse gracioso e esse escudeiro de que vosmecê fala. E este senhor é meu amo, o mesmo Dom Quixote de la Mancha historiado e referido.

— Ai! — exclamou a outra. — Supliquemos-lhe, amiga, que fique conosco. Nossos pais e irmãos gostarão infinitamente disso. Também ouvi falar de seu valor e de suas graças o mesmo que me contaste. Sobretudo, dizem dele que é o mais leal e mais firme enamorado que se conhece, e sua dama é uma tal Dulcineia del Toboso, a quem em toda a Espanha dão a palma da formosura.

— Com razão a dão — tornou Dom Quixote —, se já não o põe em dúvida vossa sem igual beleza. Não vos canseis, senhoras, em deter-me, porque as precisas obrigações de minha profissão de forma alguma me permitem repousar.

Nisto, chegou aonde os quatro estavam um irmão de uma das pastoras, vestido também de pastor, com galas e riqueza que às das pastoras correspondiam. Contaram-lhe que quem com elas se achava era o valoroso Dom Quixote de la Mancha, e o outro seu escudeiro Sancho, de quem ele já tinha notícia por haver lido sua história. Cumprimentou-o o galhardo pastor e pediu-lhe com ele fosse à sua tenda. Teve de ceder Dom Quixote e assim o fez. Chegou, nisso, o espantamento das aves. Encheram-se as redes de passarinhos diferentes, que, enganados pela cor dos fios, caíam no perigo de que iam fugindo. Juntaram-se naquele sítio mais de trinta pessoas, todas bizarramente vestidas de pastores e pastoras, e num instante se inteiraram de quem era Dom Quixote e seu escudeiro. Com isso mui contentes ficaram, pois deles já tinham notícia por sua história. Dirigiram-se às tendas, acharam as mesas postas, ricas, abundantes e limpas. Honraram a Dom Quixote dando-lhe o principal lugar nelas. Olhavam-no todos e se admiravam de vê-lo. Finalmente, terminada a colação, com grande sossego ergueu Dom Quixote a voz e disse:

— Entre os pecados maiores que os homens cometem embora alguns digam que o maior é o da soberba, digo eu que é o do desagradecimento, atendo-me ao que sói dizer-se que dos desagradecidos cheio está o inferno. A este pecado, quanto me tem sido possível, procuro fugir desde o instante em que tive o uso da razão. Se não posso pagar as boas obras que me fazem com outras obras, ponho em seu lugar os desejos de fazê-las e, quando estes não bastam, publico-as, pois quem diz e publica as boas obras que recebe também as recompensará com outras, se puder. Pela maior parte, os que recebem são inferiores aos que dão, e assim está Deus sobre todos, porque é o dador sobre todos e não podem as dádivas dos homens corresponder às de Deus, com igualdade, por infinita distância. Esta estreiteza e inferioridade, de certo modo, são supridas pelo agradecimento. Eu, pois, agradecido à mercê que me foi aqui feita, não podendo corresponder na mesma medida, contendo-me nos estreitos limites de meu poderio, ofereço o que posso e o que tenho de minha colheita. Assim, digo que sustentarei por dois dias inteiros,[10] em meio dessa estrada real que vai para Saragoça, serem estas senhoras aqui presentes, que representam de pastoras, as mais formosas e mais corteses donzelas que há no mundo, excetuando somente a sem-par Dulcineia del Toboso, única senhora de meus pensamentos, com paz seja dito de quantos e quantas me ouvem.

Ouvindo isto, Sancho, que com grande atenção o estivera a escutar, em alta voz falou:

— É possível haver no mundo pessoas que se atrevam a dizer e a jurar que este meu amo é louco? Digam vosmecês, senhores pastores: há cura de aldeia, por discreto e estudante que seja, capaz de dizer o que meu amo disse, ou cavaleiro andante, por mais fama que tenha de valente, que possa oferecer o que meu amo aqui ofereceu?

Voltou-se Dom Quixote para Sancho e, de rosto inflamado, colérico, disse-lhe:

— É possível, ó Sancho, que haja no mundo alguma pessoa que não afirme seres tolo, por dentro e por fora, com não sei que assomos de malicioso e velhaco? Quem te mete a ti em minhas coisas e em averiguar se sou discreto ou rústico? Cala-te e não me repliques. Encilha Rocinante, se desencilhado está, e vamos pôr em prática o meu oferecimento. Com a razão que me assiste, podes dar por vencidos a todos quantos a quiserem contradizer.

E com grande fúria e mostras de aborrecimento levantou-se da cadeira, deixando admirados os circunstantes e duvidando se o teriam por louco ou ajuizado. Afinal, tendo-o persuadido a não se pôr em tal demanda, que davam por bem reconhecida sua agradecida vontade, não sendo mister novas demonstrações para provar-lhe o ânimo valoroso, pois bastavam as que nas histórias de suas façanhas se referiam; apesar de tudo, saiu Dom Quixote com sua intenção e, posto sobre Rocinante, embraçando o escudo e tomando a lança, colocou-se no meio de uma estrada real que não ficava longe do verde prado. Acompanhou-o Sancho montado no ruço, com toda a gente da grei pastoril, desejosa de ver em que parava seu arrogante e nunca visto oferecimento.

Postado, pois, Dom Quixote no meio do caminho, como vos disse, feriu o ar com as seguintes palavras:

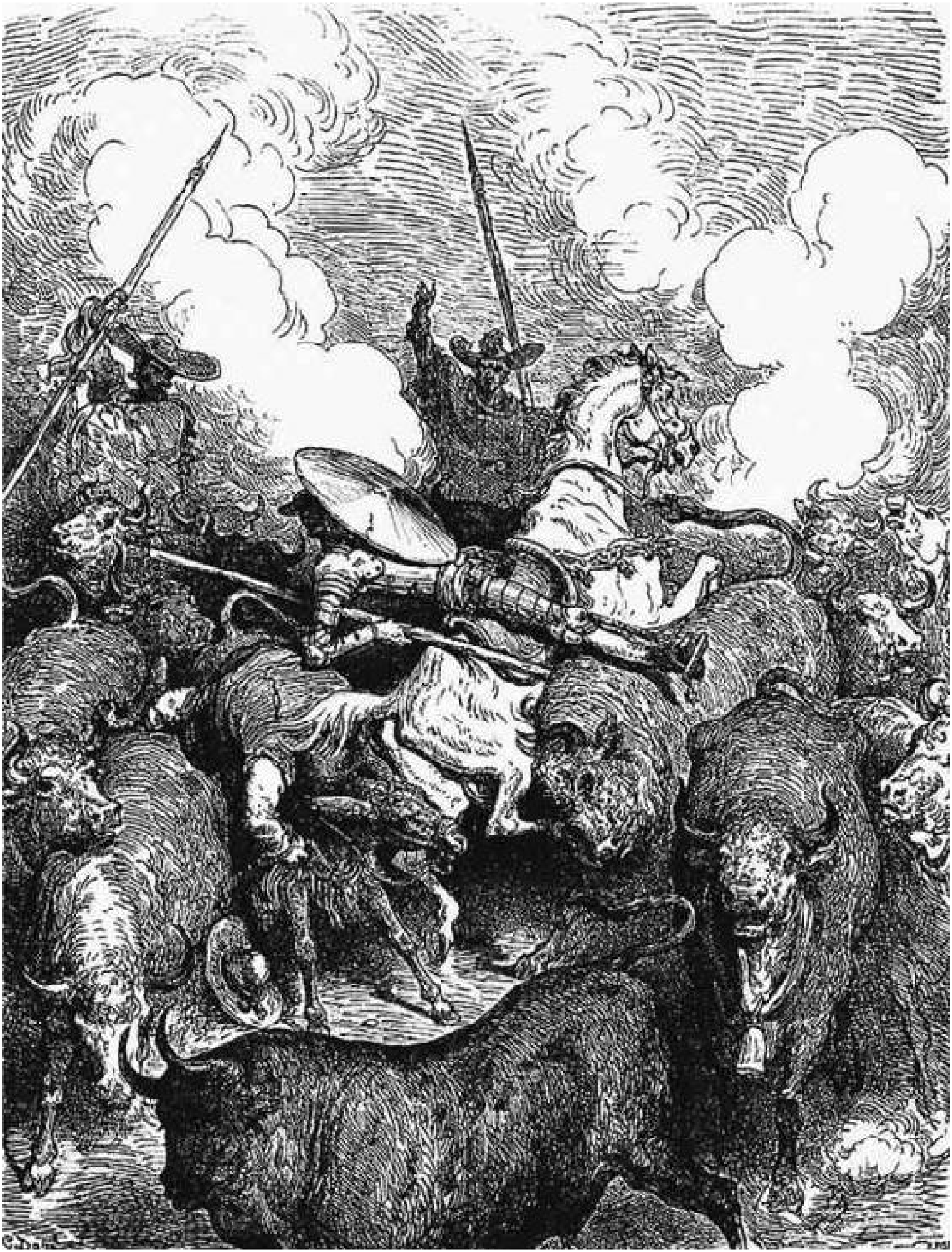
— Ó vós, passageiros e viandantes, cavaleiros, escudeiros, gente a pé e a cavalo, que por este caminho passais, ou haveis de passar, nestes dois dias seguintes! Sabei que Dom Quixote de la Mancha, cavaleiro andante, está aqui posto para defender que a todas as formosuras e cortesias ao mundo excedem as encerradas nas ninfas que habitam estes prados e bosques, deixando de parte a senhora de minha alma, Dulcineia del Toboso. Por isso, quem for de parecer contrário acuda, que aqui o espero!

Duas vezes repetiu essas mesmas palavras e duas vezes não foram ouvidas por aventureiro algum. Mas a sorte, que as coisas ia encaminhando de melhor para melhor, ordenou que dali a pouco se descobrisse pelo caminho multidão de homens a cavalo, muitos deles com lanças na mão, caminhando dos apinhados, de tropel e com grande pressa. Nem bem os havia visto os que com Dom Quixote estavam quando, voltando as costas, afastaram-se para bem longe do caminho, pois sabiam, que se esperassem, algum perigo lhes podia sobrevir. Só Dom Quixote, com intrépido coração, permaneceu quedo, e Sancho Pança se escudou nas ancas de Rocinante. Chegou o tropel dos lanceiros e um deles, que mais à frente vinha, em grandes brados começou a dizer a Dom Quixote:

— Afasta-te do caminho, homem do diabo, que estes touros te farão em pedaços.

— Eia, canalha! — respondeu Dom Quixote. — Para mim não há touros que valham, mesmo sendo dos mais bravos que Jarama cria em suas ribeiras. Confessai, malandrins, assim à carga cerrada,[11] ser verdade o que aqui publiquei. Senão comigo sois em batalha.

Não teve o vaqueiro tempo de responder, nem Dom Quixote o de se desviar, se o tivesse querido. Em tropel, os touros bravos e os mansos bois cabrestos, com a multidão dos vaqueiros e outras gentes que os levavam a encerrar no lugar onde se deviam correr no dia seguinte, passaram sobre Dom Quixote, Sancho, Rocinante e o ruço, dando com eles todos em terra e fazendo-os rodar pelo chão. Ficou moído Sancho, estuporado Dom Quixote, desancado o ruço e não muito católico Rocinante. Enfim, levantaram-se todos e Dom Quixote, com grande pressa, tropeçando aqui e caindo ali, começou a correr atrás da boiada, dizendo aos brados:



— Detende-vos e esperai, canalha de malandrins! Espera-vos um só cavaleiro, o qual não tem condição nem é do parecer dos que dizem: para o inimigo que foge, ponte de prata!

Nem por isso se detiveram os apressados corredores, que fizeram tanto caso de suas ameaças como das nuvens de antanho. Deteve o cansaço a Dom Quixote e, mais aborrecido que vingado, sentou-se no caminho, à espera de que chegassem Sancho, Rocinante e o ruço. Chegaram, voltaram a montar amo e criado e, sem tornar a despedir-se da Arcádia fingida ou representada, com mais vergonha que prazer seguiram seu caminho.

# CAPÍTULO LIX

## *Onde se conta o extraordinário sucesso, que se pode ter por aventura, ocorrido a Dom Quixote*

O pó e o cansaço que, com o descomedimento dos touros, ganharam Dom Quixote e Sancho, socorreu-os uma fonte clara e limpa, que entre fresco arvoredo acharam. A sua margem, deixando livres, sem cabeçada nem freio, o ruço e Rocinante, os dois atribulados, amo e criado se sentaram. Acudiu Sancho à despensa dos alforjes e dela tirou o que costumava chamar conduto.[1] Enxaguou a boca, lavou Dom Quixote o rosto, e com esse refrigério cobraram alento seus espíritos desalentados. Não comia Dom Quixote, de tão pesaroso, nem Sancho ousava tocar nos acepipes que tinha à frente, por ser comedido e esperar que o amo começasse a comer. Vendo, porém, que este, arrastado pelos pensamentos, não se lembrava de levar o pão à boca, não abriu a sua[2] e atropelando toda espécie de educação começou a atulhar o estômago com o pão e o queijo que se lhe oferecia.

— Come, Sancho amigo — disse Dom Quixote. — Sustenta a vida, que mais te importa que a mim, e deixa-me morrer às mãos de meus pensamentos e às forças de minhas desgraças. Eu, Sancho, nasci para viver morrendo e tu para morrer comendo. Para que vejas como digo verdade nisso, considera-me impresso em histórias, famoso nas armas, comedido nas ações, respeitado por príncipes, solicitado por donzelas. Ao cabo de tudo, quando esperava palmas, triunfos, coroas granjeadas e merecidas por minhas valorosas façanhas, vi-me esta manhã moído, pisado e escoiceado pelos pés de animais imundos e soezes. Esta consideração me embota os dentes, entorpece as gengivas, intumesce as mãos e me tira de todo a vontade de comer, de maneira que penso deixar-me morrer de fome, que é a mais cruel das mortes.

— Desse modo — replicou Sancho, sem deixar de mastigar depressa —, não aprovará vosmecê aquele rifão que diz: morra Marta, mas morra farta. Eu, pelo menos, não penso em matar-me a mim mesmo. Antes penso fazer como o sapateiro, que espicha o couro com os dentes até fazê-lo chegar aonde quer. Espicharei minha vida comendo, até que chegue ao fim determinado pelo céu. E saiba, senhor, não haver loucura maior que a de querer desesperar-se, como vosmecê. Creia-me: depois de comer, deite-se a dormir um pouco sobre os verdes colchões desta relva e verá como se acha algo mais aliviado quando despertar.

Assim fez Dom Quixote, parecendo-lhe serem as razões de Sancho mais de filósofo que de mentecapto, e disse-lhe:

— Se tu, ó Sancho, quisesses fazer por mim o que agora te direi, seriam mais certos os meus alívios e não tão grandes os meus pesares. E é que, enquanto durmo, em obediência a teus conselhos, te desvies um pouco daqui e, com as rédeas de Rocinante, expondo ao ar tuas carnes, te dês trezentos ou quatrocentos açoites, por boa conta dos três mil e tantos que te deves dar pelo desencantamento de Dulcineia. Lástima não pequena é permanecer aquela sobre senhora encantada por teu descuido e negligência.

— Sobre isso há muito que dizer — respondeu Sancho. — Durmamos ambos, por agora, e depois Deus dirá o que será. Saiba vosmecê que isto de um homem açoitar-se de sangue-frio é coisa dura, ainda mais se os açoites caem sobre um corpo mal sustentado e pior comido. Tenha paciência minha senhora Dulcineia e, quando menos se cate, ver-me-á feito um crivo de açoites. Enquanto não se morre, tudo é vida. Quero dizer que ainda estou vivo e com desejo de cumprir o prometido.

Agradeceu-lhe Dom Quixote, comeu algo e Sancho muito, e deitaram-se ambos a dormir, deixando sem ordem alguma e a seu alvedrio pascerem da abundante relva, de que estava cheio aquele prado, seus dois constantes companheiros e amigos Rocinante e o ruço. Despertaram algo tarde, voltaram a montar e a seguir caminho, apressando-se para chegar a uma venda que se descobria, ao que parece, a uma légua dali. Digo que era venda porque assim a chamou Dom Quixote, fora do uso que tinha de considerar todas as vendas como castelos.

Chegaram, pois, a ela. Perguntaram ao hospedeiro se havia pousada. Respondeu-lhes que sim, com toda a comodidade e regalo que poderiam achar em Saragoça. Apearam-se e Sancho recolheu a bagagem a um aposento de que o hospedeiro lhe deu a chave. Levou os animais à cavalariça, deu-lhes as rações e saiu a ver o que lhe mandava Dom Quixote, que estava sentado sobre um poial, dando particulares graças ao céu de que a seu amo aquela venda não tivesse parecido castelo. Chegada a hora de cear, recolheram-se. Perguntou Sancho ao hospedeiro que tinha para dar-lhes de cear. Respondeu ele que sua boca seria sua medida; assim, pedisse o que quisesse: de passarinhos do ar, aves da terra e pescados do mar estava provida aquela venda.

— Não é mister tanto — ponderou Sancho. — Com um par de frangos que nos assem teremos o suficiente, porque meu senhor é delicado e come pouco, e eu não sou glutão em demasia.

Respondeu-lhe o hospedeiro que não tinha frangos, porque os milhafres os haviam devastado.

— Pois mande o senhor hospedeiro — disse Sancho — assar uma franga que seja tenra.

— Franga? — redarguiu o hospedeiro. — Minha mãe! Para falar verdade, enviei ontem à cidade, para vender, mais de cinquenta. Mas, a não ser frangas, peça vosmecê o que quiser.

— Dessa maneira — observou Sancho — não faltará vitela ou cabrito.

— Em casa, por agora, não o há — respondeu o hospedeiro — porque se acabou. Mas na semana que vem teremos de sobra.

— Arranjados estamos com isso! — replicou Sancho. — Aposto que todas essas faltas vêm a resumir-se nas sobras que deve haver de toicinho e ovos!

— Por Deus! — exclamou o hospedeiro. — Gentil é a calma que tem meu hóspede! Pois não lhe disse que não tenho frangas nem galinhas? Como quer que tenha ovos? Discorra, se quiser, por outras delicadezas e deixe de pedir guloseimas.

— Resolvamos, com os diabos! — tornou Sancho. — Diga-me finalmente o que tem e deixe-se de rodeios, senhor hospedeiro.

Explicou o vendeiro:

— Real e verdadeiramente, o que tenho são duas unhas de vaca, que parecem mãos de vitela, ou duas mãos de vitela, que parecem unhas de vaca. Estão cozidas com grãos-de-bico, cebolas e toicinho, e agora devem estar a dizer: "Comam-me! Comam-me!"

— Por minhas desde agora as marco — disse Sancho — e ninguém as toque. Pagá-las-ei melhor que qualquer outro, pois nenhuma outra coisa poderia dar-me mais gosto, e tanto me faz que sejam mãos como unhas.

— Ninguém as tocará — afirmou o vendeiro — porque outros hóspedes que tenho são tão principais que trazem consigo cozinheiro, despenseiro e mantimentos.

— Se se trata de principais — retorquiu Sancho —, nenhum é mais do que meu amo. Mas seu ofício não lhe permite despensas nem adegas. Estendemo-nos no meio de um prado e nos fartamos de bolotas e de nêsperas.

Foi esta a prática que teve Sancho com o vendeiro, sem querer passar adiante a responder-lhe à pergunta sobre o ofício ou exercício de seu amo. Chegou, pois, a hora de cear. Recolheu-se a seu aposento Dom Quixote, trouxe o hospedeiro a panela, tal como estava, e sentou-se a cear mui sossegado. Parece que o aposento junto ao de Dom Quixote só era separado por delgado tabique, tanto que Dom Quixote ouviu dizer:

— Pela vida de Vossa Mercê, senhor Dom Jerônimo. Enquanto trazem a ceia, leiamos outro capítulo da segunda parte de *Dom Quixote de la Mancha*.[3]

Mal ouviu seu nome, pôs-se de pé Dom Quixote e, com a orelha alerta, escutou o que dele diziam. Ouviu o tal Dom Jerônimo responder:

— Para que quer Vossa Mercê, senhor Dom João, que leiamos estes disparates, se quem tiver lido a primeira parte da história de Dom Quixote de la Mancha não poderá ter prazer em ler esta segunda?

— Apesar disso — observou Dom João — será bom lê-lo, pois não há livro tão mau que não tenha alguma coisa boa. O que a mim neste mais me desagrada é pintar a Dom Quixote já desenamorado de Dulcineia del Toboso.[4]

Ouvindo isso, Dom Quixote, cheio de ira e despeito, ergueu a voz e disse:

— Quem quer que diga que Dom Quixote de la Mancha olvidou, ou pode olvidar, Dulcineia del Toboso, far-lhe-ei entender, com armas iguais, que vai muito longe da verdade, pois nem a sem-par Dulcineia del Toboso pode ser olvidada, nem em Dom Quixote pode caber qualquer olvido. Seu brasão é a firmeza e sua profissão o guardá-la, com suavidade e sem forçar-se de modo algum.

— Quem é que nos responde? — indagaram do outro aposento.

— Quem há de ser — replicou Sancho — senão o próprio Dom Quixote de la Mancha, que sustentará como bom tudo quanto disse e tudo quanto disser? O bom pagador não receia dar penhor.

Mal disse isto Sancho, entraram pela porta de seu aposento dois cavaleiros (que tais pareciam), e um deles, lançando os braços ao pescoço de Dom Quixote, falou:

— Nem vossa presença pode desmentir vosso nome, nem vosso nome pode desmentir vossa presença. Sem dúvida sois vós, senhor, o verdadeiro Dom Quixote de la Mancha, norte e luzeiro da cavalaria andante, a despeito e apesar do que quis usurpar vosso nome e aniquilar vossas façanhas, como o fez o autor deste livro que aqui vos entrego.

Pôs-lhe nas mãos o volume que seu companheiro trazia. Tomou-o Dom Quixote e, sem responder palavra, começou a folheá-lo. Daí a pouco voltou-se, dizendo:

— No pouco que vi, achei três coisas neste autor dignas de repreensão. A primeira são algumas palavras[5] que li no prólogo; a outra, é a linguagem aragonesa, e escrever sem artigos; e a terceira, que mais o confirma como ignorante, é errar e desviar-se da verdade no mais principal da história. De fato, aqui diz que a mulher de Sancho, meu escudeiro, se chama Maria Gutiérrez, quando ela não tem esse nome[6] e sim o de Teresa Pança. Quem erra nesta parte tão principal, errará, como bem se pode temer, em todas as demais da história.

A isto disse Sancho:

— Magnífico historiador! Por certo, deve narrar bem o conto de nossos sucessos, pois dá a Teresa Pança, minha mulher, o nome de Maria Gutiérrez! Torne a tomar o livro, meu senhor, e veja se por aí ando eu e se me mudaram o nome.

— Pelo que ouvi falar, amigo — disse Dom Jerônimo —, sem dúvida deveis ser Sancho Pança, o escudeiro de Dom Quixote.

— Sou esse — retrucou Sancho — e orgulho-me disso.

— Pois palavra — tornou o cavaleiro — que este autor moderno não vos trata com a limpeza que em vossa pessoa se mostra. Pinta-vos comilão e simplório, nada gracioso, mui diverso do Sancho que na primeira parte da história de vosso amo se descreve.

— Deus lho perdoe — respondeu Sancho. — Poderia ter-me deixado em meu canto, sem lembrar-se de mim, porque quem as sabe as tange e bem está São Pedro em Roma.

Os dois cavaleiros pediram a Dom Quixote que passasse a seu aposento, para cear com eles, pois bem sabiam não haver naquela venda coisas dignas de sua pessoa. Dom Quixote, que sempre foi comedido, condescendeu com o convite e ceou com eles. Ficou Sancho com a panela, de que tomou plena posse. Sentou-se à cabeceira da mesa, e com ele o vendeiro, que não era menos amante de mãos e unhas de vaca.

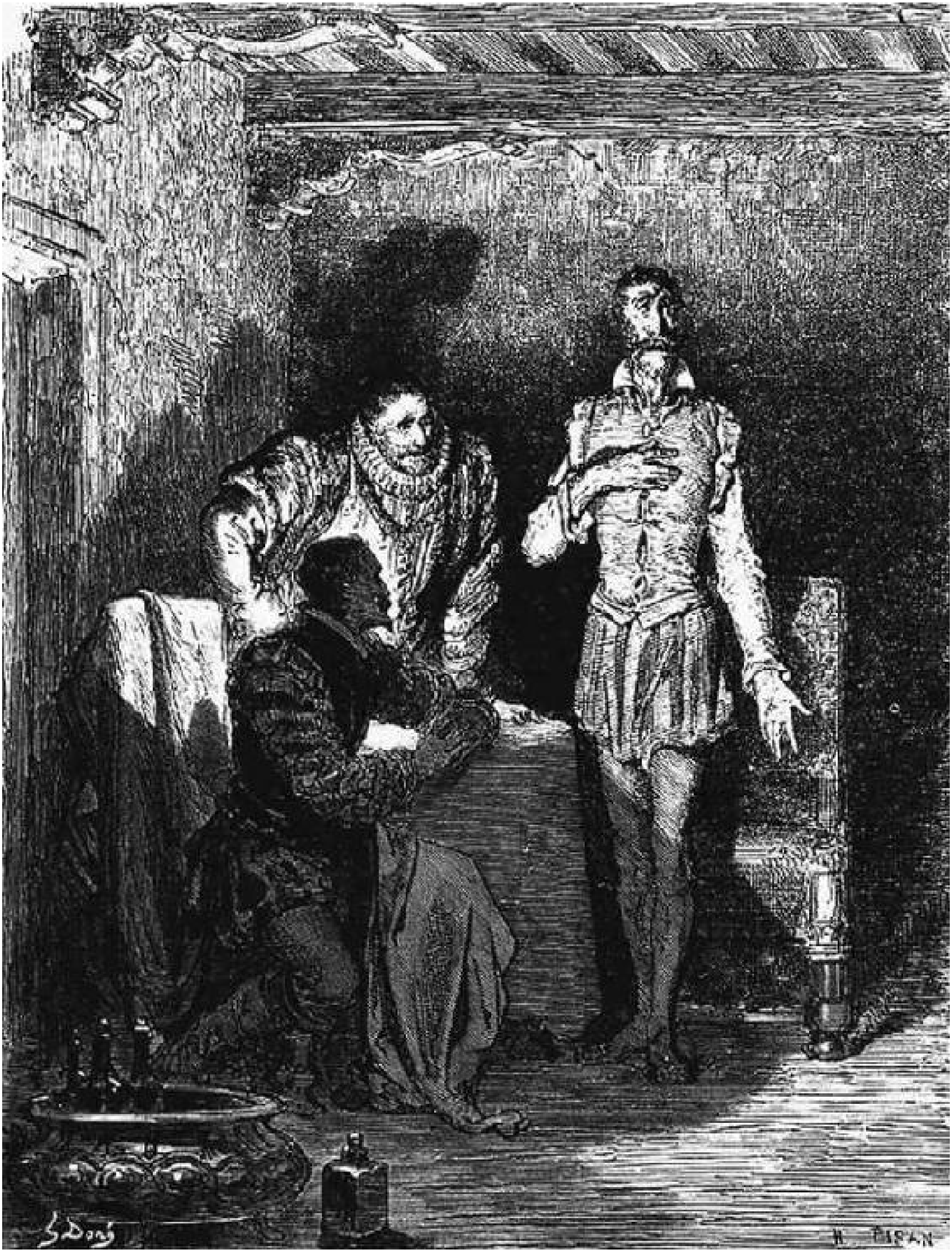
No decurso da ceia, perguntou Dom João a Dom Quixote que novas tinha da senhora Dulcineia del Toboso, se se havia casado, se havia dado à luz ou estava grávida, ou se, estando em sua inteireza, se lembrava (guardando a honestidade e bom decoro) dos amorosos pensamentos do senhor Dom Quixote. Este esclareceu:

— Dulcineia está donzela, e meus pensamentos, mais firmes do que nunca; as correspondências, em sua sequidão antiga; sua formosura, na de uma soez lavradora transformada.

E logo lhes foi contando, ponto por ponto, o encantamento da senhora Dulcineia e o que lhe havia sucedido na cova de Montesinos, com a ordem que o sábio Merlim lhe dera para desencantá-la, por meio dos açoites de Sancho. Sumo foi o contentamento com que os dois cavaleiros ouviram Dom Quixote contar os estranhos sucessos de sua história e tanto ficaram admirados de seus disparates como do modo elegante por que os contava. Ora o tinham por discreto, ora se lhes deslizava por mentecapto, sem poderem determinar que grau lhe dariam entre a discrição e a loucura.

Acabou de cear Sancho e, deixando embriagado o vendeiro, passou ao aposento onde estava seu amo. Ao entrar, disse:

— Matem-me, senhores, se o autor deste livro que vosmecês têm, quer que não comamos boas migas juntos.[7] Gostaria, já que me chama comilão, como dizem vosmecês, que não me chamasse também borracho.


G. Doré
H. PISAN

— Pois chama — observou Dom Jerônimo —, mas não me lembro de que maneira, embora saiba que malsoantes são as razões, além de mentirosas, segundo posso ver na fisionomia do bom Sancho aqui presente.

— Creiam-me vosmecês — tornou Sancho — que o Sancho e o Dom Quixote dessa história devem ser outros diversos dos que andam naquela que compôs Cide Hamete Benengeli e que somos nós: meu amo, valente, discreto e enamorado; eu, simples e gracioso, e não comilão e borracho.

— Assim o creio — atalhou Dom João. — Se possível fosse, dever-se-ia decretar que ninguém ousasse tratar das coisas do grande Dom Quixote, a não ser seu primeiro autor, Cide Hamete, tal como Alexandre ordenou que ninguém, senão Apeles, ousasse retratá-lo.[8]

— Retrate-me quem quiser — respondeu Dom Quixote —, mas não me maltrate. Muitas vezes sói sucumbir a paciência, quando a sobrecarregam de injúrias.

— Nenhuma se pode fazer ao senhor Dom Quixote —, ponderou Dom João — de que ele não se possa vingar, se não a detém no escudo de sua paciência, que a meu parecer é forte e grande.

Nestas e noutras palestras passou-se grande parte da noite. Embora Dom João quisesse que Dom Quixote lesse mais do livro, para ver o que narrava, não o puderam levar a isso, pois disse que o dava por lido e confirmava por de todo néscio. Não queria, caso a seu autor chegasse a notícia de que o tivera nas mãos, que ele se alegrasse pensando que o havia lido, pois das coisas obscenas e torpes devem afastar-se os pensamentos, quanto mais os olhos. Perguntaram-lhe aonde se dirigia em sua viagem. Respondeu que a Saragoça, para tomar parte no torneio do arnês, que naquela cidade se costuma realizar todos os anos. Disse-lhe Dom João que aquela nova história contava como Dom Quixote, fosse quem fosse, se havia achado lá, numa justa militar falha de invenção, pobre de divisas[9] e paupérrima de librés, embora rica de simploriedades.

— Por isso mesmo — respondeu Dom Quixote — não porei pés em Saragoça, e assim mostrarei à face do mundo a mentira desse historiador moderno. Verão todos que não sou eu o Dom Quixote de que ele fala.

— Fará muito bem — aprovou Dom Jerônimo. — Outras justas há em Barcelona, onde poderá o senhor Dom Quixote mostrar o seu valor.

— Assim penso fazer — tornou Dom Quixote. — E deem-me licença Vossas Mercês, pois já é hora de deitar-me. Tenham-me e ponham-me no número de seus maiores amigos e servidores.

— E a mim também — atalhou Sancho. — Talvez eu sirva para algo.

Com isto se despediram. Dom Quixote e Sancho se retiraram para seu aposento, deixando

Dom João e Dom Jerônimo admirados por verem a mescla de sua discrição e de sua loucura. Sinceramente creram que estes eram os verdadeiros Dom Quixote e Sancho, e não os que descrevia o autor aragonês.

Madrugou Dom Quixote e, com batidas no tabique do outro aposento, despediu-se dos cavaleiros. Sancho pagou ao vendeiro magnificamente e aconselhou-o a louvar menos a provisão de sua venda, ou a tê-la mais bem provida.

# CAPÍTULO LX

## *Do que sucedeu a Dom Quixote indo a Barcelona*

Era fresca a manhã e dava mostras de o ser igualmente o dia em que Dom Quixote saiu da venda, informando-se primeiro de qual o caminho mais curto para ir a Barcelona sem tocar em Saragoça, tal o seu desejo de confirmar por mentiroso aquele novo historiador, que diziam tê-lo vituperado tanto. Sucedeu, pois, que em mais de seis dias não lhe aconteceu coisa alguma digna de escrever-se. Ao cabo deles, afastando-se do caminho, surpreendeu-o a noite entre espessa mata de carvalhos, ou sobreiros. Nisto Cide Hamete não conserva a exatidão costumeira em outras coisas.

Apearam-se dos animais amo e criado e, encostando-se nos troncos das árvores, Sancho, que naquele dia havia merendado, deixou-se entrar de roldão pelas portas do sono. Dom Quixote, a quem as imaginações despertavam muito mais que a fome, não podia pregar olho. Antes, ia e vinha com o pensamento por mil gêneros de lugares. Ora parecia-lhe achar-se na cova de Montesinos; ora ver brincar e montar em sua burrica a convertida em lavradora Dulcineia. E lhe soavam aos ouvidos as palavras do sábio Merlim, referindo as condições e diligências que se haviam de fazer e ter para desencantar Dulcineia. Desesperava-se por ver a frouxidão e pequena caridade de Sancho, seu escudeiro, pois, pelo que julgava, só cinco açoites se dera, número desproporcionado e ínfimo para os inúmeros que lhe faltavam. Isso lhe causou tanto pesar e aborrecimento que fez este discurso: “Se o nó górdio cortou Alexandre Magno, dizendo: ‘Tanto vale cortar como desatar’, e nem por isso deixou de ser universal senhor de toda a Ásia, igualmente poderia suceder agora no desencantamento de Dulcineia, se eu açoitasse Sancho contra a sua vontade. Pois, estando a condição deste remédio em que Sancho receba os três mil e tantos açoites, que se me dá que ele os dê em si ou lhos dê outro? A substância está em que os receba, cheguem por onde chegarem.”

Com esta ideia, aproximou-se de Sancho, havendo antes tomado as rédeas de Rocinante, arranjando-as de modo a poder açoitá-lo com elas. Começou a tirar-lhe o cinto, sendo opinião geral que só tinha o dianteiro, com que sustentava os calções. Mal porém chegara, quando Sancho despertou de todo e disse:

— Que é isso? Quem me toca e desaperta?

— Sou eu — respondeu Dom Quixote — que venho suprir tuas faltas e remediar meus trabalhos. Venho açoitar-te, Sancho, e descarregar, em parte, a dívida a que te obrigaste. Dulcineia perece, tu vives em descuido e morro eu desejando. Assim, desata-te por tua vontade, que a minha é dar-te nesta solidão pelo menos dois mil açoites.

— Isso não — replicou Sancho. — Aquiete-se vosmecê, do contrário, pelo Deus verdadeiro, hão de ouvir-nos os próprios surdos. Os açoites a que me obriguei devem ser voluntários, e não à força, e agora não tenho vontade de açoitar-me. Basta que dê a vosmecê minha palavra de bater-me e surrar-me quando a vontade me vier.

— Não posso deixá-lo à tua discrição, Sancho — observou Dom Quixote —, pois és duro de coração e, embora vilão, brando de carnes.

Assim, tentava e procurava tirar-lhe o cinto. Vendo-o, Sancho pôs-se de pé e, arremetendo contra seu amo, abraçou-se com ele à viva força. Aplicando-lhe uma rasteira, deu com ele ao chão, de boca para cima. Pôs-lhe o joelho direito sobre o peito e segurou-lhe ambas as mãos, de modo a não o deixar virar-se nem ter alento. Disse-lhe Dom Quixote:

— Como, traidor? Desmandas-te contra teu amo e teu senhor natural? Atreves-te contra quem te dá o pão?

— Não tiro rei nem ponho rei — replicou Sancho —, mas ajudo-me a mim, que sou meu senhor.[1] Prometa-me vosmecê ficar quieto e não tratar de açoitar-me por agora, que o deixarei livre e desembaraçado. Do contrário,

*aqui morrerás, traidor, de Dona Sancha inimigo.*[2]

Prometeu-o Dom Quixote e jurou pela vida de seus pensamentos não lhe tocar num pelo da roupa e deixar-lhe de todo à vontade e alvedrio o açoitar-se quando quisesse. Levantou-se Sancho e desviou-se daquele lugar bom trecho. Indo encostar-se a outra árvore, sentiu que lhe tocavam na cabeça e, erguendo as mãos, topou com dois pés de homem, sapatos e calças. Tremeu de medo. Correu a outra árvore e o mesmo lhe sucedeu. Deu brados chamando Dom Quixote, para que o ajudasse. Assim fez Dom Quixote e, perguntando-lhe que lhe havia sucedido e de que estava com medo, respondeu-lhe Sancho que todas aquelas árvores estavam cheias de pés e pernas humanas. Tateou-os Dom Quixote e logo deu conta do que poderia ser, dizendo a Sancho:

— Não tens mais de que ter medo, porque estes pés e pernas, que tateias e não vês, sem dúvida são de alguns foragidos e bandoleiros que nestas árvores foram enforcados. Costuma-os enforcar aqui a justiça quando os apanha, de vinte em vinte e de trinta em trinta. Por isso, entendo que devo estar perto de Barcelona.[3]

E era verdade o que havia pensado.

Ao aparecer a aurora, ergueram os olhos e viram os frutos daquelas árvores, que eram corpos de bandoleiros. Já, com isto, amanhecia, e, se os mortos os haviam espantado, não menos os atribularam mais de quarenta bandoleiros vivos, que de improviso os rodearam, dizendo-lhes em língua catalã que ficassem quietos e se detivessem até chegar seu capitão. Achou-se Dom Quixote a pé, com seu cavalo sem freio, sua lança arrimada a uma árvore e, finalmente, sem defesa alguma. Assim, teve por bom cruzar as mãos e inclinar a cabeça, guardando-se para melhor sazão e conjuntura.

Acudiram os bandoleiros a revistar o ruço, não lhe deixando coisa de quantas nos alforjes e maleta trazia. Felicitou-se Sancho por ter, numa faixa que o cingia, os escudos que lhe dera o duque e os que de sua terra haviam trazido. Apesar disso, aquela boa gente o teria cardado e mirado, até no que entre a pele e a carne tivesse escondido, não chegasse naquele instante seu capitão. Parecia ser de trinta e quatro anos de idade, robusto, mais que de média estatura, olhar grave e cor amorenada. Montava poderoso cavalo, vestia cota de aço e trazia quatro pistolas, que naquela terra se chamam pederneiras, dos lados da cintura. Viu que seus escudeiros (assim se chamam os que andam naquele exercício) iam despojar Sancho Pança. Mandou que o não fizessem e foi logo obedecido, escapando-se-lhes assim a faixa. Admirou-se de ver lança arrimada a uma árvore, escudo no solo e Dom Quixote de armadura e pensativo, com a mais triste e melancólica figura que a própria tristeza poderia formar. Aproximou-se dele, dizendo:

— Não fiqueis tão triste, bom homem, pois não caístes nas mãos de algum cruel Osíris,[4] mas nas de Roque Guinart,[5] que mais têm de compassivas que de rigorosas.

— Minha tristeza — respondeu Dom Quixote — não é por haver caído em teu poder, ó valoroso Roque, cuja fama não há limites na terra que a encerrem, mas por haver sido tal meu descuido que teus soldados me apanharam sem o freio, estando eu obrigado, segundo a ordem da cavalaria andante, que professo, a viver continuamente alerta e a ser a toda hora sentinela de mim mesmo. Porque te faço saber, ó grande Roque, que, se me achassem sobre meu cavalo, com a minha lança e meu escudo, não lhes teria sido muito fácil render-me, pois sou eu Dom Quixote de la Mancha, aquele que de suas façanhas tem cheio de todo o orbe.

Logo conheceu Roque que a enfermidade de Dom Quixote mais tocava em loucura que em valentia. Embora algumas vezes tivesse ouvido falar nele, nunca julgara verdadeiros seus feitos, nem se pudera convencer de que semelhante devaneio reinasse em coração de homem. Folgou extremamente de o haver encontrado, para tocar de perto no que, de longe, dele havia ouvido, e assim lhe disse:

— Valoroso cavaleiro, não vos despeiteis nem tenhais por sinistra fortuna esta em que vos achais. Poderia ser que nestes tropeços vossa torcida sorte se endireitasse. O céu, por estranhos e nunca vistos rodeios (dos homens não imaginados), costuma levantar os caídos e enriquecer os pobres.

Ia agradecer-lhe Dom Quixote, quando ouviram às costas um ruído como de tropel de cavalos. Era apenas um, sobre o qual vinha, a toda fúria, um mancebo, ao que parece de até vinte anos, vestido de damasco verde, com passamanes de ouro, bragas e blusas de montaria, chapéu de plumas à moda valona, botas envernizadas e justas, esporas, adaga e espada douradas, com uma escopeta pequena na mão e duas pistolas à cintura. Ao ruído, voltou a cabeça Roque e viu esta formosa figura, a qual, chegando-se a ele, disse:

— À tua procura vinha, ó valoroso Roque, para achar em ti, se não remédio, pelo menos alívio em minha desdita. E, para não te deixar em suspenso, pois sei que não me reconheceste, quero dizer-te quem sou. Sou Cláudia Jerônima, filha de Simão Forte, teu particular amigo e inimigo figadal de Clauquel Torrellas, também inimigo teu, por ser do bando teu adversário.[6] Já sabes que esse Torrellas tem um filho, que Dom Vicente Torrellas se chama, ou, pelo menos, assim se chamava não faz duas horas. Para abreviar a história de minha desventura, dir-te-ei em breves palavras o que ma causou. Viu-me ele, fez-me a corte, escutei-o, enamorei-me, às escondidas de meu pai, pois não há mulher, por mais recolhida que esteja e recatada que seja, a que não sobre tempo para pôr em execução e efeito seus atropelados desejos. Finalmente, ele me prometeu ser meu esposo, e dei-lhe palavra de ser sua, sem que em obras passássemos adiante. Soube ontem que, esquecido do que me devia, ia casar-se com outra e o enlace seria esta manhã. A nova me perturbou os sentidos e esgotou-me a paciência. Como meu pai não estivesse no lugar, pude eu vestir este traje que vês e, apressando o passo deste cavalo, alcancei Dom Vicente a cerca de uma légua daqui. Sem pôr-me a fazer queixas nem a ouvir desculpas, disparei-lhe esta escopeta e, por acréscimo, estas duas pistolas. Ao que creio, devo ter lhe metido no corpo mais de duas balas, abrindo-lhes portas por onde, de envolta com seu sangue, saísse minha honra. Ali o deixei entre seus criados, que não ousaram nem puderam defendê-lo. Venho buscar-te para que me passes à França, onde tenho parentes com quem viva, e também para rogar-te defendas a meu pai, a fim de que os muitos de Dom Vicente não se atrevam a tomar nele desaforada vingança.

Roque, admirado da galhardia, bizarria, bom talhe e sucesso da formosa Cláudia, disse-lhe:

— Vem, senhora, e vejamos se está morto o teu inimigo; depois veremos o que mais te importe.

Dom Quixote, que escutara atentamente o que Cláudia narrara e a resposta de Roque Guinart, interveio:

— Ninguém tem de tomar trabalho em defender esta senhora. Tomo-o eu a meu cargo. Deem-me meu cavalo e armas e esperem-me aqui. Irei buscar esse cavaleiro e, morto ou vivo, farei com que cumpra a palavra prometida a tanta beleza.

— Ninguém duvide disso — observou Sancho —, porque meu amo tem mui boa mão para casamenteiro. Não faz muitos dias, fez também casar-se outro que igualmente negava a outra donzela sua palavra. Se não fosse porque os encantadores que o perseguem lhe tivessem mudado a figura na de um lacaio, a esta hora já tal donzela não o seria.

Roque, pensando mais no sucesso da formosa Cláudia que nas razões de amo e criado, não as ouviu. Mandando seus escudeiros devolverem a Sancho tudo quanto lhe haviam tirado do ruço, mandou-lhes igualmente que se retirassem para o local onde na noite anterior se haviam alojado e logo partiu com Cláudia, a toda pressa, para buscar o ferido ou morto Dom Vicente. Chegaram ao local onde Cláudia o encontrara e nele só acharam sangue recentemente derramado. Mas, percorrendo com a vista todas as partes, descobriram por uma colina acima alguma gente imaginaram (o que era verdade) dever ser Dom Vicente, a quem seus criados, morto ou vivo, levavam, ou para curá-lo, ou para enterrá-lo. Deram-se pressa em alcançá-los, o que fizeram com facilidade, pois iam eles devagar. Encontraram Dom Vicente nos braços de seus criados, a que com cansada e debilitada voz rogava o deixassem ali morrer, porque a dor de suas feridas não lhe consentia ir mais adiante.

Saltaram dos cavalos Cláudia e Roque, aproximaram-se dele, temeram os criados a presença de Roque e perturbou-se Cláudia com a de Dom Vicente. Assim, entre enternecida e rigorosa, chegou-se a ele e, pegando-lhe das mãos, disse-lhe:

— Se tu me desses estas, conforme concertáramos, nunca te verias neste passo.

Abriu os quase cerrados olhos o ferido cavaleiro, e, reconhecendo Cláudia, falou:

— Bem vejo, formosa e enganada senhora, que foste tu quem me matou, pena não merecida nem devida a meus desejos, com os quais, nem com as minhas ações, jamais quis ou soube ofender-te.

— Então não é verdade — perguntou Cláudia — que ias esta manhã desposar Leonora, a filha do rico Balvastro?

— Não, por certo — respondeu Dom Vicente. — Minha má fortuna deveu levar-te essas novas, para que, ciumenta, me tirasses a vida. Deixando-a, como a deixo, em tuas mãos e em teus braços, tenho minha sorte por venturosa. E, para assegurar-te dessa verdade, aperta-me a mão e recebe-me por esposo, se quiseres. Não tenho outra maior satisfação para te dar do agravo que pensas ter de mim recebido.

Apertou-lhe a mão Cláudia, e apertou-se-lhe a ela o coração, de modo que sobre o sangue e o peito de Dom Vicente caiu desmaiada. Foi ele tomado de mortal paroxismo. Confuso estava Roque, sem saber o que fazer. Acudiram os criados a buscar água para lançar-lhes nos rostos e, trazendo-a, com ela os banharam. Voltou de seu desmaio Cláudia, mas não deu de seu paroxismo Dom Vicente, porque se lhe acabou a vida. Vendo-o Cláudia e inteirando-se de que seu doce esposo já não vivia, rompeu os ares com suspiros, feriu o céu com queixas, maltratou os cabelos, entregando-os ao vento, enfeou o rosto com as próprias mãos, dando todas as mostras de dor e sentimento que de um peito agoniado se pudessem imaginar.

— Ó cruel e inconsiderada mulher! — exclamava ela. — Com que facilidade te moveste a pôr em execução tão mau pensamento! Ó força raivosa dos ciúmes, a que desesperados fins conduzis quem vos dá acolhida em seu peito! Ó esposo meu, cuja desditosa sorte, por ser prenda minha, te levou do tálamo à sepultura!

Tais e tão tristes eram as queixas de Cláudia que arrancaram lágrimas dos olhos de Roque, não acostumados a vertê-las em ocasião alguma. Choravam os criados, desmaiava Cláudia a cada passo e toda aquela redondeza parecia campo de tristeza e lugar de desgraça. Afinal, Roque Guinart ordenou aos criados de Dom Vicente que lhe levassem o corpo à aldeia de seu pai, que era próxima dali, para lhe darem sepultura. Cláudia disse a Roque que queria ir para um mosteiro, de que uma tia sua era abadessa, e ali pensava acabar a vida, acompanhada de outro melhor e mais eterno esposo. Louvou-lhe Roque o bom propósito, oferecendo-se para acompanhá-la até onde quisesse e para defender seu pai dos parentes de Dom Vicente e de todo o mundo, se o tentasse ofender. Não quis sua companhia Cláudia de modo algum e, agradecendo-lhe os oferecimentos com as melhores palavras que pôde, despediu-se dele chorando. Os criados de Dom Vicente levaram-lhe o corpo, Roque voltou para os seus, e este fim tiveram os amores de Cláudia Jerônima. Mas que se pode admirar, se teceram a trama de sua lamentável história as forças invencíveis e rigorosas dos ciúmes?

Encontrou Roque Guinart seus escudeiros no local a que os havia mandado, e Dom Quixote entre eles, sobre Rocinante, fazendo-lhes uma prática em que os persuadia a deixarem aquele modo de vida, tão perigoso assim para a alma como para o corpo. Sendo eles, porém, na maioria gascões, gente rústica e desbaratada, não lhes entrava bem a prática de Dom Quixote. Chegando Roque, perguntou a Sancho Pança se lhe haviam devolvido e restituído as alfaias e preciosidades que os seus do ruço haviam tirado. Respondeu Sancho que sim, faltando somente três toucas, que valiam três cidades.

— Que dizes, homem? — falou um dos presentes. — Tenho-as eu e não valem três reais.

— Assim é — replicou Dom Quixote. — Mas meu escudeiro as avalia no que disse, por mas haver dado quem mas deu.

Roque Guinart mandou imediatamente que lhas devolvessem e, pondo os seus em ala, fez com que trouxessem todas as vestes, joias e dinheiro e tudo aquilo que desde a última repartição haviam roubado. Fazendo um breve exame, tornando a guardar o não reparável e reduzindo-o a dinheiro,[7] repartiu-o por toda a companhia, com tanta legalidade e prudência que não passou um ponto nem nada defraudou da justiça distributiva. Feito isto, com o que todos ficaram contentes, satisfeitos e pagos, disse Roque a Dom Quixote:

— Se não se guardasse esta pontualidade, não se poderia viver com eles.

Ao que Sancho comentou:

— Segundo o que vi aqui, tão boa é a justiça, que se torna necessária mesmo entre os próprios ladrões.

Ouviu-o um escudeiro e armou a culatra de um arcabuz, com o qual, sem dúvida, lhe teria aberto a cabeça, se Roque Guinart não lhe gritasse que se detivesse. Pasmou Sancho e propôs a não descoser os lábios enquanto estivesse entre aquela gente.

Chegaram, nisto, alguns daqueles escudeiros que estavam postos de sentinela pelos caminhos para ver a gente que por eles vinha a dar aviso a seu chefe do que se parava. Um deles disse:

— Senhor, não longe daqui, pelo caminho que vai para Barcelona, vem grande tropel de gente.

Respondeu Roque:

— Olhaste se são dos que nos buscam ou dos que buscamos?

— São dos que buscamos — esclareceu o escudeiro.

— Pois saí todos — ordenou Roque — e trazei-mos aqui logo, sem que se vos escape nenhum.

Fizeram assim e ficando sós Roque, Dom Quixote e Sancho, esperaram para ver o que os escudeiros traziam. Entretanto, disse Roque a Dom Quixote:

— Nova maneira de vida deve a nossa parecer ao senhor Dom Quixote: novas aventuras, novos sucessos e todos perigosos. Não me admiro de que assim lhe pareça, porque realmente lhe confesso não haver modo de viver mais inquieto nem mais sobressaltado que o nosso. A mim nele me puseram não sei que desejos de vingança, que tem força de perturbar os mais sossegados corações. De meu natural, sou compassivo e bem-intencionado. Mas, como tenho dito, o querer vingar-me de um agravo que me foi feito dá por terra com todas as minhas boas inclinações e neste estado permaneço, a despeito e apesar do que entendo. E como um abismo chama a outro,[8] e um pecado a outro pecado, encadearam-se as vinganças, de maneira que não só as que são minhas, mas as alheias, tomo a meu cargo. Deus é servido, porém, de que embora me veja no meio do labirinto de minhas confusões, não perco a esperança de sair dele a porto seguro.

Admirado ficou Dom Quixote de ouvir Roque dizer razões tão boas e concertadas, porque pensava que entre os de ofícios semelhantes de roubar, matar e assaltar não podia haver alguém que tivesse bom discurso, e respondeu-lhe:

— Senhor Roque, o princípio da saúde está em conhecer a enfermidade e em querer o enfermo tomar os medicamentos que o médico lhe ordena. Vossa Mercê está enfermo, conhece sua doença, e o céu, ou Deus, para melhor dizer, que é nosso médico, aplicar-lhe-á remédios que o sarem, os quais soem sarar pouco a pouco, e não de repente e por milagre. Mais ainda: os pecadores discretos estão mais perto de emendar-se que os simples. Já que Vossa Mercê mostrou em suas razões sua prudência, basta bom ânimo ter e esperar melhoria da enfermidade de sua consciência. Se Vossa Mercê quer poupar caminho e pôr-se com facilidade no de sua salvação, venha comigo: facilmente lhe ensinarei a ser cavaleiro andante, com o que se passam tantos trabalhos e desventuras que, tomando-os por penitência, com duas pazadas o põem no céu.

Riu-se Roque do conselho de Dom Quixote, a quem, mudando de assunto, contou o trágico sucesso de Cláudia Jerônima. Com isso ficou muito pesaroso Sancho, a quem não havia parecido mal a beleza, desenvoltura e brio da moça.

Chegaram, neste ponto, os escudeiros da presa, trazendo consigo dois cavaleiros a cavalo e dois peregrinos a pé, e um coche de mulheres, com até seis criados, que a pé e a cavalo as acompanhavam, com outros dois muladeiros que os cavaleiros traziam. Rodearam-nos os escudeiros, guardando vencidos e vencedores total silêncio, à espera de que falasse o grande Roque Guinart. Perguntou ele aos cavaleiros quem eram, aonde iam e que dinheiro levavam. Um deles lho respondeu:

— Senhor, nós somos dois capitães de infantaria espanhola. Temos nossas companhias em Nápoles e vamos embarcar em quatro galeras que, dizem, estão em Barcelona com ordem de passar à Sicília. Levamos cerca de duzentos ou trezentos escudos, com o que, a nosso parecer, vamos ricos e contentes, pois a apertura ordinária dos soldados não permite maiores tesouros.

Perguntou Roque aos peregrinos o mesmo que aos capitães. Foi-lhe respondido que iam embarcar para passar a Roma, e que ambos podiam levar em conjunto até sessenta reais. Quis saber também quem ia no coche, e aonde, e o dinheiro que levavam, e um dos a cavalo disse:

— Minha senhora Dona Guiomar de Quiñones, mulher do regente do vicariato de Nápoles, com uma filha pequena, uma donzela e uma dama, são as que vão no coche. Acompanhamo-las seis criados e os dinheiros são seiscentos escudos.

— De modo — tornou Roque Guinart — que já temos aqui novecentos escudos e sessenta reais. Meus soldados devem ser cerca de sessenta. Veja-se quanto cabe a cada um, porque sou mau contador.

Ouvindo-lhe isso, os salteadores levantaram a voz, dizendo:

— Viva Roque Guinart muitos anos, apesar dos ladrões que sua perdição procuram!

Mostraram afligir-se os capitães, entristeceu-se a regenta e nada folgaram os peregrinos vendo o confisco de seus bens. Teve-os Roque assim um momento em suspenso, mas não quis passasse adiante sua tristeza, que já se podia ver um tiro de arcabuz. Voltando-se para os capitães, disse-lhes:

— Vossas Mercês, senhores capitães, por cortesia, sejam servidos de emprestar-me sessenta escudos, e a senhora regenta oitenta, para contentar esta esquadra que me acompanha, pois o abade onde canta janta. Em seguida, poderão prosseguir caminho, livre e desembaraçadamente, com um salvo-conduto que lhes darei, para que não lhes façam dano, se toparem com outras de algumas esquadras minhas que tenho divididas por estes contornos. Não é minha intenção fazer agravo a soldados, nem a mulher alguma, especialmente às que são principais.

Inúmeras e bem expressas foram as razões com que os capitães agradeceram a Roque sua cortesia e liberalidade, que por tal a tiveram o deixar-lhes seu próprio dinheiro. A senhora Dona Guiomar de Quiñones quis atirar-se do coche para beijar os pés e as mãos do grande Roque, mas ele não lhe consentiu de modo algum. Antes, pediu-lhe perdão do agravo que lhe havia feito, forçado pelo cumprimento das obrigações precisas de seu mau ofício. Mandou a senhora regenta que um criado seu lhe desse logo os oitenta escudos que lhe haviam repartido, e já os capitães haviam desembolsado os sessenta. Iam os peregrinos dar toda a sua miséria, mas Roque lhes mandou ficarem quietos e, voltando-se para os seus, lhes disse:

— Destes escudos, tocam dois a cada um e sobram vinte: deem-me dez a estes peregrinos e os outros dez a este bom escudeiro, para que possa dizer bem desta aventura.

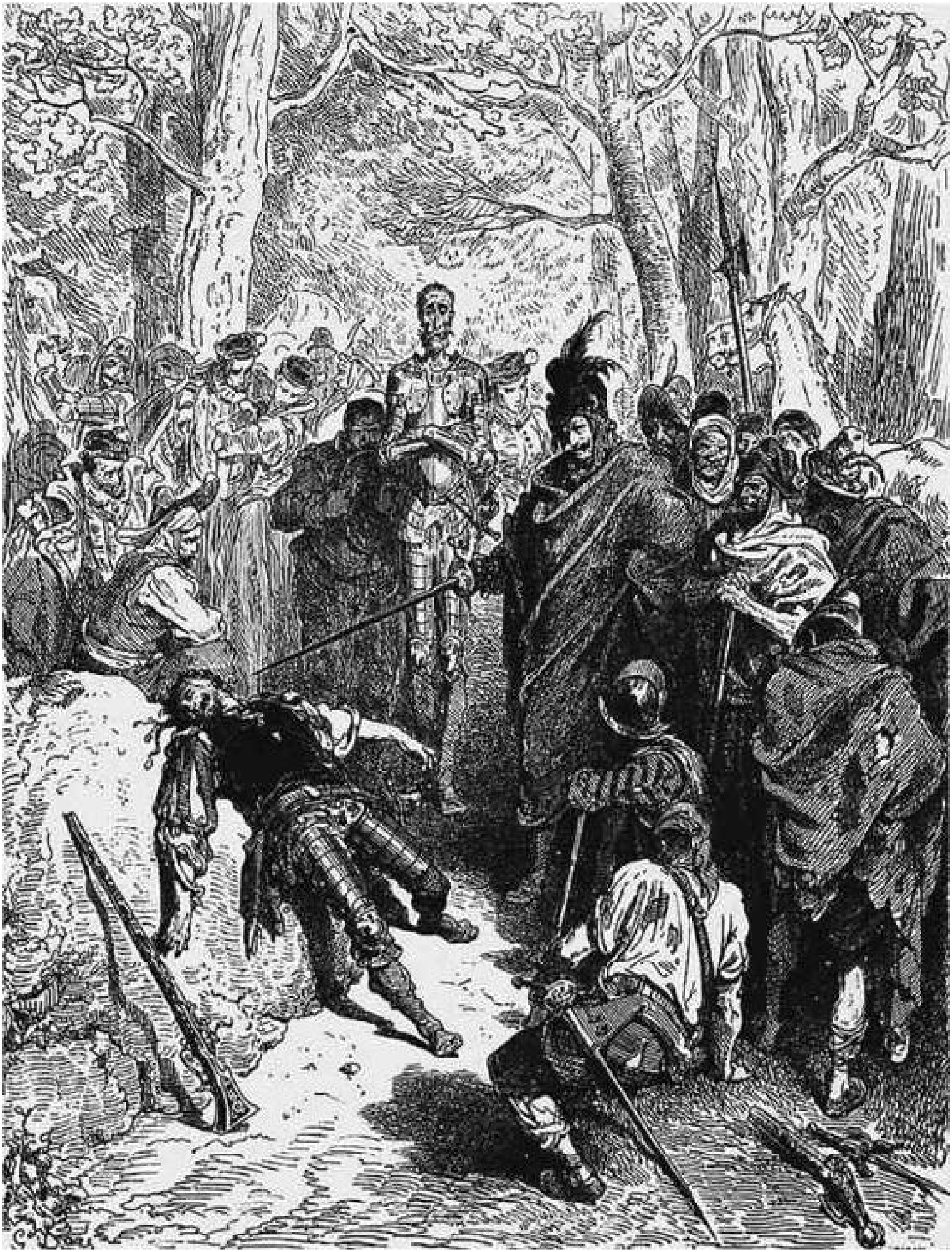
E sendo-lhe trazidos arranjos para escrever, de que sempre andava provido, Roque lhes deu por escrito um salvo-conduto para os maiorais de suas esquadras. Despedindo-se deles, deixou-os ir livres e admirados de sua nobreza, de sua galharda disposição e estranho proceder, tendo-o antes por Alexandre Magno que por famoso ladrão. Um dos escudeiros disse, em sua língua gascã e catalã:

— Esse nosso capitão mais é para frade que para bandoleiro. Se daqui por diante quiser mostrar-se liberal, seja-o com sua fazenda, e não com a nossa.

Não o disse tão baixo o desventurado que Roque deixasse de ouvi-lo. Lançando mão da espada, abriu-lhe a cabeça quase em duas partes, exclamando:

— Desta maneira castigo eu aos desbocados e atrevidos!

Pasmaram-se todos e nenhum ousou dizer palavra, tanta era a obediência que lhe tinham.



Afastou-se Roque a um lado e escreveu uma carta a um seu amigo, em Barcelona, dando-lhe aviso de que estava com ele o famoso Dom Quixote de la Mancha, aquele cavaleiro andante de quem tantas coisas se diziam. Fazia-lhe saber que era mais gracioso e mais entendido homem do mundo, e dali a quatro dias, que era o de São João Batista, pôlo-ia em meio da praia da cidade, armado de todas as suas armas, sobre seu cavalo Rocinante, bem como a seu escudeiro Sancho. Desse notícia disto aos Niarros,[9] seus amigos, para que com ele se divertissem. Gostaria de que deste gosto carecessem os Cadells, seus adversários, mas era isto impossível, pois as loucuras e discrições de Dom Quixote e os donaires de seu escudeiro Sancho Pança não podiam deixar de causar geral prazer a toda gente. Despachou esta carta por um de seus escudeiros, que, mudando o traje de bandoleiro no de um lavrador, entrou em Barcelona e entregou-a ao destinatário.

# CAPÍTULO LXI

## *Do que sucedeu a Dom Quixote na entrada de Barcelona, com outras coisas que têm mais de verdadeiras que de discretas*

Três dias e três noites esteve Dom Quixote com Roque e, se estivesse trezentos anos, não lhe faltaria que ver e admirar no modo de sua vida. Aqui amanheciam, acolá comiam. Umas vezes fugiam, sem saber de quem, e outras esperavam, sem saber a quem. Dormiam em pé, interrompendo o sono, movendo-se de um lugar para outro. Tudo era pôr espias, escutar sentinelas, soprar os morrões dos arcabuzes, embora trouxessem poucos, porque quase todos se serviam de trabucos. Roque passava as noites afastado dos seus, em partes e lugares onde não pudessem saber que se encontrava, porque os muitos prêmios que por sua cabeça havia prometido o vice-rei de Barcelona[1] o traziam inquieto e temeroso. Não ousava confiar em ninguém, receando que os seus próprios companheiros o houvessem de matar ou entregar à justiça: vida por certo miserável e cheia de enfado.

Afinal, por desusados caminhos, por atalhos, por sendas encobertas, partiram Roque, Dom Quixote, Sancho e seis outros escudeiros para Barcelona. Chegaram à sua praia na véspera de São João,[2] à noite e, abraçando Roque a Dom Quixote e a Sancho, a quem deu os dez escudos prometidos, que até então não havia dado, deixou-os, após mil oferecimentos de parte a parte feitos.

Regressou Roque. Ficou Dom Quixote esperando o dia, a cavalo, como estava, e muito não tardou que começasse a descobrir-se pelos balcões do Oriente a face da branca aurora, alegrando as ervas e as flores, em vez de alegrar o ouvido. No mesmo instante, todavia, alegraram também o ouvido os sons de muitas charamelas e timbales, ruídos de guizos e gritos de "corre, corre, afasta, afasta!" de cavaleiros, que, parece, saíam da cidade. Deu lugar a aurora ao sol, que, com o rosto maior que uma rodela, pelo mais baixo horizonte pouco a pouco se ia levantando.

Estenderam Dom Quixote e Sancho a vista por todas as partes. Viram o mar, até então por eles não contemplado. Pareceu-lhes espaçosíssimo e largo, bastante mais que as lagoas de Ruidera que haviam admirado na Mancha. Viram as galeras que na praia se achavam, as quais, retirando os toldos, se mostraram cheias de flâmulas e galhardetes, que tremulavam ao vento e beijavam e varriam as águas. Dentro delas soavam clarins, trombetas e charamelas, que de perto até longe enchiam o ar de suaves e belicosos acentos. Começaram a mover-se e a imitar escaramuças pelas sossegadas águas, correspondendo-lhes quase do mesmo modo incontáveis cavaleiros que saíam da cidade, sobre formosos cavalos e com vistosas librés. Os soldados das galeras disparavam interminável artilharia, a que respondiam os que se achavam nas muralhas e fortes da cidade. A artilharia pesada com espantoso estrondo rompia os ventos e respondiam-lhe os canhões de proa das galeras. O mar alegre, a terra jucunda, o ar claro, apenas um tanto turvado pela fumaça da artilharia, pareciam ir infundindo e gerando prazer súbito em toda a gente. Não podia imaginar Sancho como tantos pés tinham aqueles vultos que pelo mar se moviam.

Nisto, chegaram correndo, com gritos, alarido e algazarra, os das librés, onde Dom Quixote suspenso e atônito estava. Um deles (o que Roque avisara) disse em voz alta a Dom Quixote:

— Bem-vindo seja à nossa cidade o espelho, o farol, a estrela e o norte de toda a cavalaria andante, onde mais largamente esta se contém. Bem-vindo seja, digo, o valoroso Dom Quixote de la Mancha; não o falso, não o fictício, não o apócrifo, que em falsas histórias nestes dias nos mostraram, mas o verdadeiro, o legal e fiel, que nos descreveu Cide Hamete Benengeli, flor dos historiadores!

Não respondeu Dom Quixote palavra, nem os cavaleiros esperaram que respondesse, mas, voltando-se e revoluteando com os demais que os seguiam, começaram a fazer espiralado caracol em volta de Dom Quixote, o qual, virando-se para Sancho, observou:

— Estes bem nos conheceram. Apostarei que leram nossa história, e também a do aragonês recém-impressa.

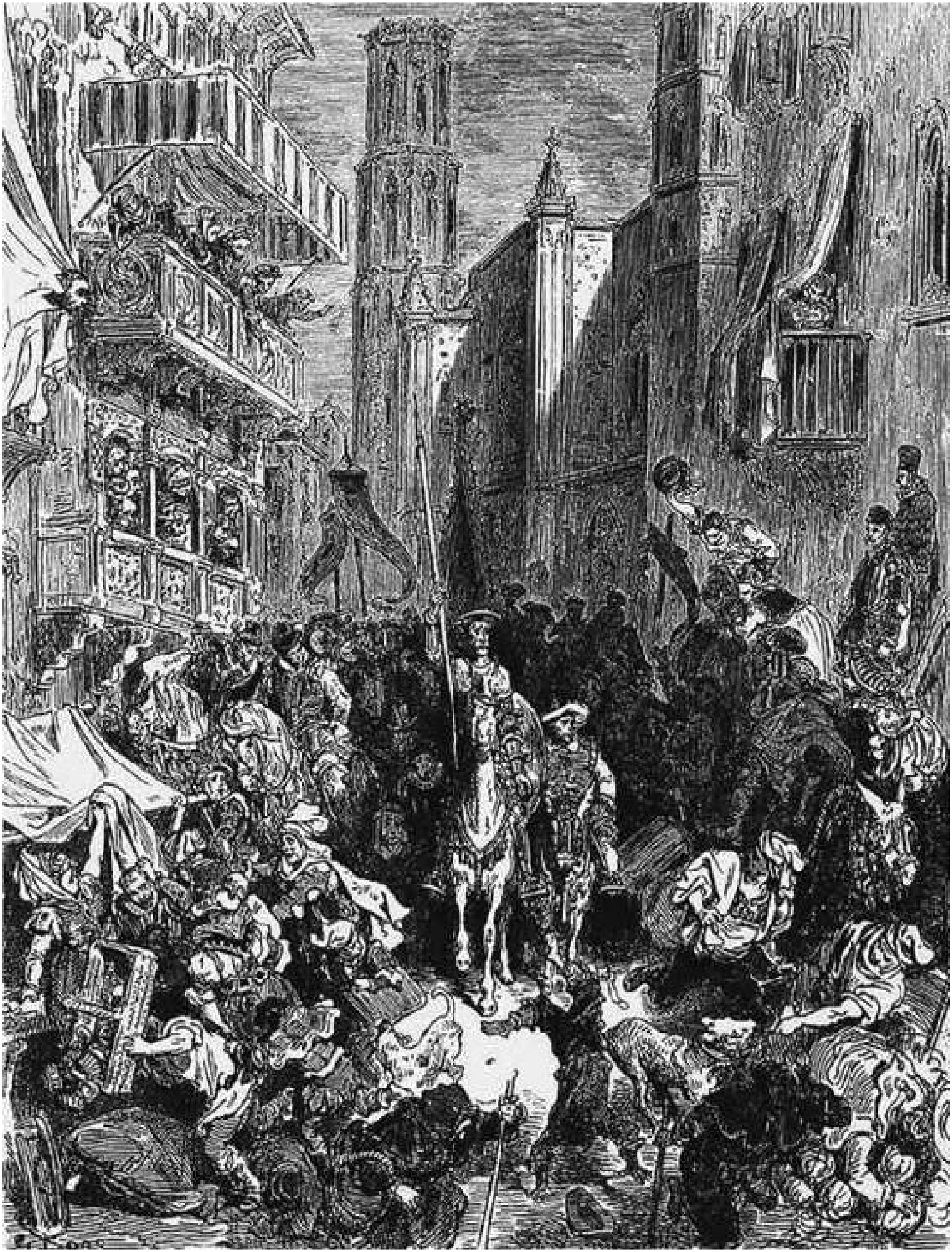
Voltou outra vez o cavaleiro que falara a Dom Quixote e disse-lhe:

— Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, venha conosco. Somos todos seus servidores e grandes amigos de Roque Guinart.

A isto Dom Quixote respondeu:

— Se cortesias geram cortesias, a vossa, senhor cavaleiro, é filha ou parenta mui próxima das do grande Roque. Levai-me aonde quiserdes. Não terei vontade outra que não a vossa, e ainda mais se a quiserdes ocupar em vosso serviço.

Com palavras não menos comedidas que estas respondeu-lhe o cavaleiro e, rodeando-o todos, ao som das charamelas e dos timbales, encaminharam-se com ele para a cidade. Ao entrarem nela, o Mau,[3] que tudo o que é mau ordena, e os rapazotes, que são mais maus do que o Mau, dois deles, travessos e atrevidos, entraram em meio do grupo e erguendo um a cauda de Rocinante e o outro a do ruço, puseram-lhes e encaixaram-lhes molhos de cardos.[4] Sentiram os pobres animais as novas esporas e, apertando os rabos, aumentaram seu desgosto, de modo que, dando mil corcovos, deram com seus amos no chão. Dom Quixote, corrido e afrontado, acudiu a tirar a plumagem da cauda de seu matungo, e Sancho a de seu ruço. Quiseram os que guiavam Dom Quixote castigar o atrevimento dos rapazes, mas não foi possível, porque se enfiaram em meio de mais de outros mil que os seguiam. Voltaram a montar Dom Quixote e Sancho e com a mesma pompa e música chegaram à casa de seu guia, que era grande e principal; em suma, como de cavaleiro rico. Lá o deixaremos por agora, pois assim o quer Cide Hamete.



# CAPÍTULO LXII

## *Que trata da aventura da cabeça encantada, com outras ninharias que não podem deixar de ser narradas*

Dom Antônio Moreno chamava-se o anfitrião de Dom Quixote, cavaleiro rico e discreto, amigo de folgar honesta e afavelmente. Vendo em sua casa Dom Quixote, andava buscando modos de trazer à praça suas loucuras, porque não são burlas aos que molestam, nem há passatempos que valham se feitos com danos de terceiro. A primeira coisa que fez foi levar Dom Quixote a tirar a armadura e expô-lo com aquele seu apertado traje de camurça (como já outras vezes o descrevemos e pintamos) num balcão que dava para uma das principais ruas da cidade, à vista das gentes e dos meninos, que como a um mono o fitavam. Correram de novo diante dele os das librés, como se para ele somente, e não para alegrar aquele dia festivo,[1] as tivessem posto. Sancho estava contentíssimo, por lhe parecer que se achava, sem saber como ou de que modo, em outras bodas de Camacho, em outra casa como a de Dom Diogo de Miranda e outro castelo como o do duque.

Jantaram naquele dia com Dom Antônio alguns de seus amigos, honrando todos e tratando como cavaleiro andante a Dom Quixote, que, inchado e pomposo, não cabia em si de contente. Os donaires de Sancho foram tantos que de sua boca andavam como presos todos os criados da casa e quantos o ouviam. Estando à mesa, disse Dom Antônio a Sancho:

— Temos aqui notícia, bom Sancho, de que sois tão amigo de manjar branco[2] e almôndegas que, se vos sobram, os guardais no peito para o dia seguinte.

— Não, meu senhor — observou Sancho —, não é assim, porque mais tenho de limpo que de guloso. Meu senhor Dom Quixote aqui presente bem sabe que com um punhado de bolotas ou de nozes costumamos passar ambos oito dias. Verdade é que, se alguma vez sucede que a vaquinha me dão, corro logo com a corda na mão. Quero dizer que como do que me dão e uso dos tempos como os acho. Se alguém tiver dito que sou comedor avantajado e não limpo, tenha-se por dito que não acerta, e de outra maneira eu dissera isto, se não olhasse as honradas barbas que estão à mesa.

— Por certo — atalhou Dom Quixote — a parcimônia e limpeza com que Sancho come podem-se escrever e gravar em lâminas de bronze, para que fique em memória eterna nos séculos vindouros. Verdade é que, quando tem fome, parece algo glutão, porque come depressa e masca a dois carrilhos. Mas tem sempre a limpeza em alta conta e no tempo em que foi governador aprendeu a comer como melindroso. Tanto que comia uvas com garfo e até mesmo os grãos de romã.

— Como! — admirou-se Dom Antônio. — Sancho foi governador?

— Sim — respondeu Sancho, e de uma ilha chamada Barataria. Dez dias a governei a pedir de boca.[3] Neles perdi o sossego e aprendi a desprezar todos os governos do mundo. Saí, fugindo dela, caí numa cova, onde me tive por morto e de onde saí vivo por milagre.

Contou Dom Quixote por miúdo todo o sucesso do governo de Sancho, com o que deu grande prazer aos ouvintes.

Tirada a mesa e tomando Dom Antônio pela mão a Dom Quixote, entrou com ele num aposento afastado, em que não havia outra coisa de adorno além de uma mesa, ao que parece de jaspe, e que se sustinha sobre um pé do mesmo material. Sobre ela estava posta, ao modo dos bustos dos imperadores romanos, do peito para cima, uma cabeça que apresentava ser de bronze. Passeou Dom Antônio com Dom Quixote por todo o aposento, rodeando muitas vezes a mesa, depois do quê, disse:

— Agora, senhor Dom Quixote, estando inteirado de que ninguém nos ouve e escuta e está cerrada a porta, quero contar a Vossa Mercê uma das mais raras aventuras ou, para melhor dizer, novidades que se imaginar podem, com a condição de ficar o que a Vossa Mercê disser depositado nos últimos sótãos do segredo.

— Assim o juro — respondeu Dom Quixote — e ainda lhe porei uma lousa em cima, para mais segurança. Quero saiba Vossa Mercê, senhor Dom Antônio (pois já lhe sabia o nome), que está falando com quem, embora tenha ouvidos para ouvir, não tem língua para falar. Assim, com segurança pode Vossa Mercê trasladar para meu peito o que tem no seu e fazer de conta que o arrojou nos abismos do silêncio.

— Fiado nessa promessa — tornou Dom Antônio — quero pôr Vossa Mercê em admiração com o que vir e ouvir, dando-me a mim mesmo algum alívio da pena que me causa o não ter com quem comunicar meus segredos, que não são para fiar-se de todos.

Em suspenso estava Dom Quixote, esperando em que haviam de parar tantas prevenções. Nisto, tomando-lhe a mão, fê-la Dom Antônio correr pela cabeça de bronze e por toda a mesa, e também sobre o pé de jaspe que a sustinha, e a seguir disse:

— Esta cabeça, senhor Dom Quixote, foi feita e fabricada por um dos maiores encantadores e feiticeiros que o mundo já teve. Creio que era, de nação, polaco e discípulo do famoso Escotilho,[4] de quem se contam tantas maravilhas. Esteve ele aqui em minha casa e, pelo preço de mil escudos, que lhe dei, lavrou esta cabeça, que tem a propriedade e a virtude de responder a quantas coisas lhe perguntarem ao ouvido. Notou rumos, pintou caracteres, observou astros, fitou pontos e, afinal, tirou-a com a perfeição que amanhã iremos ver. Porque às sexta-feiras está muda e, como hoje o é, deve-nos fazer esperar até amanhã. Nesse entretempo poderá Vossa Mercê prevenir-se do que lhe quer perguntar. Por experiência sei que diz verdade em quanto responde.

Admirado ficou Dom Quixote da virtude e propriedade da cabeça e esteve a ponto de não crer em Dom Antônio. Mas, pelo pouco tempo que faltava para fazer a experiência, não quis dizer-lhe outra coisa senão que agradecia haver-lhe descoberto tão grande segredo. Saíram do aposento, fechou Dom Antônio a porta à chave, e foram-se para a sala onde estavam os demais cavaleiros. Nesse tempo, havia-lhes Sancho contado muitas das aventuras e sucessos a seu amo acontecidos.

Naquela tarde, levaram a passear Dom Quixote, sem armadura e em trajes de rua, revestido de um balandrau cor de pelo de leão, que naquela época poderia fazer suar o próprio gelo. Ordenaram que os criados entretivessem a Sancho, de modo a não o deixarem sair de casa. Ia Dom Quixote, não montado em Rocinante, mas num grande macho, de passo sereno e mui bem ajaezado. Puseram-lhe o balandrau e nas costas, sem que o visse, coseram-lhe um pergaminho onde escreveram com grandes letras: "Este é Dom Quixote de la Mancha." Começado o passeio, o letreiro atraía os olhos de quantos o viam e, como lessem "Este é Dom Quixote de la Mancha", admirou-se Dom Quixote de ver quantos o fitavam, conhecendo-o e dizendo-lhe o nome. Voltando-se para Dom Antônio, que ia a seu lado, disse-lhe:

— Grande é a prerrogativa que encerra em si a cavalaria andante, pois torna conhecido e famoso quem a professa, por todos os recantos da terra. Senão olhe Vossa Mercê, senhor Dom Antônio, que até os meninos desta cidade, sem nunca me haverem visto, me conhecem.

— Assim é, senhor Dom Quixote — respondeu Dom Antônio. — Assim como o fogo não pode estar escondido e encerrado, a virtude não pode deixar de ser conhecida. E a que se alcança pela profissão das armas resplandece e campeia sobre todas as outras.

Aconteceu, pois, que, indo Dom Quixote com o aplauso que se disse, um castelhano que lera o cartaz das espáduas alçou a voz, exclamando:

— Valha-te o diabo, Dom Quixote de la Mancha! Como até aqui chegaste, sem te haverem matado as infinitas pauladas que tens às costas? Tu és louco e, se o fosse a sós e dentro das portas de tua loucura, menos mal seria. Mas tens a propriedade de tornar loucos e mentecaptos a quantos contigo tratam e comunicam. Senão vejam-no por estes senhores que te acompanham. Volta, mentecapto, à tua casa, olha por tua fazenda, por tua mulher e teus filhos, e deixa-te dessas vacuidades que te carcomem o siso e te desnatam o entendimento.

— Irmão — interveio Dom Antônio —, segui vosso caminho e não dei conselhos a quem vo-los não pede. O senhor Dom Quixote de la Mancha é muito ajuizado e nós, que o acompanhamos, não somos néscios. A virtude deve ser honrada onde quer que se encontre. Andai em má hora e não vos metais onde vos não chamam.

— Por Deus, tem Vossa Mercê razão — concordou o castelhano. — Aconselhar a este bom homem é dar coices contra o aguilhão.[5] Mas, com tudo isto, dá-me grande lástima que o bom engenho, que dizem ter em todas as coisas este mentecapto, vá desaguar pelo canal de sua cavalaria andante. E a má hora de que falou Vossa Mercê seja para mim e para todos os meus descendentes, se de hoje em diante, ainda que viva mais anos do que Matusalém,[6] der eu conselho a alguém, mesmo que mo peça.

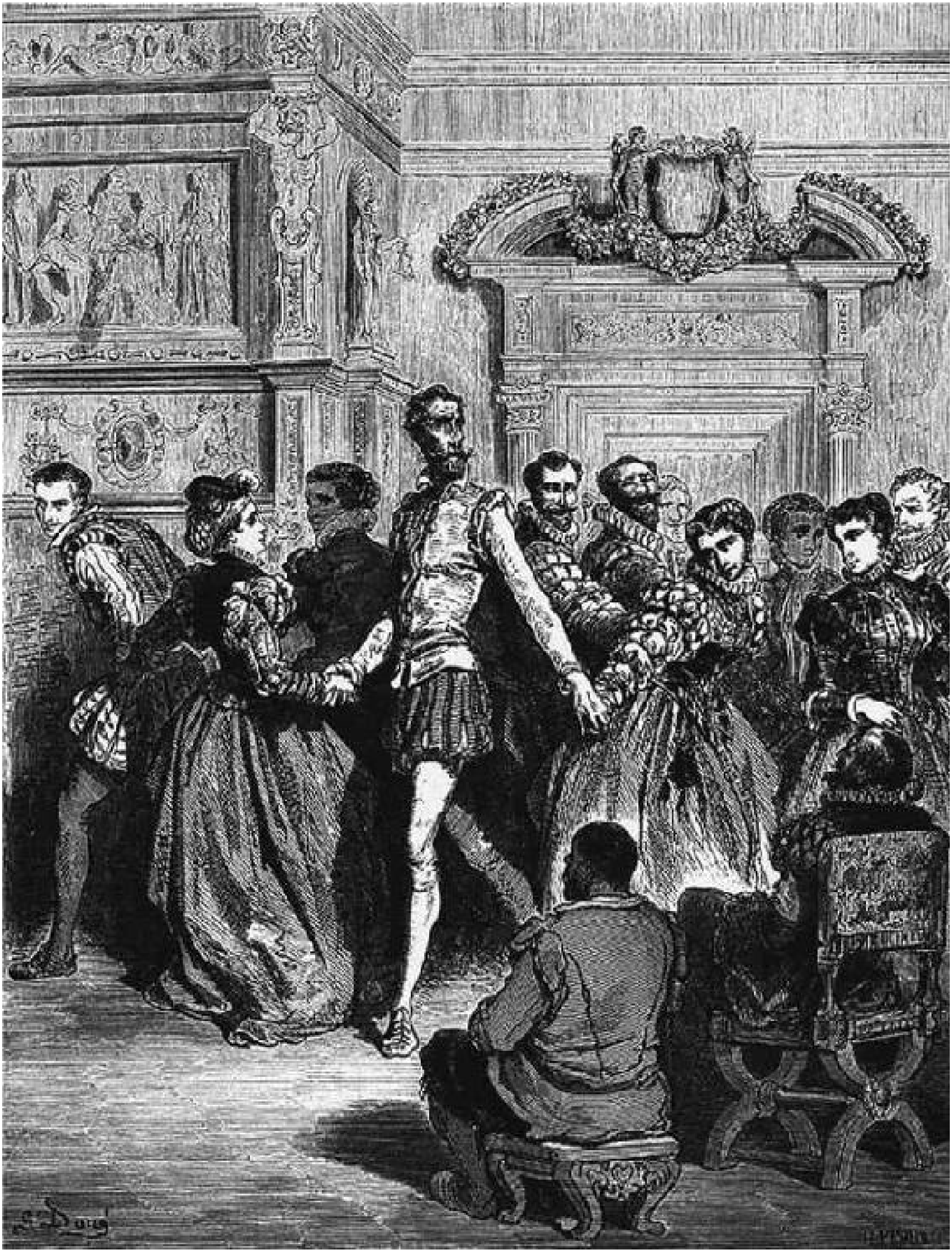
Afastou-se o conselheiro. Seguiu adiante o passeio. Mas foi tanto o riso[7] dos meninos e de toda a gente ao ler o cartaz, que Dom Antônio o teve de tirar, fingindo tirar outra coisa.

Chegou a noite. Voltaram para casa. Houve sarau de damas, porque a mulher de Dom Antônio, que era senhora principal e alegre, formosa e discreta, convidou outras de suas amigas a honrarem seu hóspede e apreciar-lhes as nunca vistas loucuras. Vieram algumas, ceou-se esplendidamente e começou-se o sarau quase às dez da noite. Entre as damas duas havia de gosto alegre e burlador, que, embora muito honestas, eram algo desenvoltas, para dar lugar a que as burlas alegrassem sem enfado. Deram-se tanta pressa em tirar Dom Quixote para dançar que não só lhe moeram o corpo como a alma. Era um espetáculo ver a figura de Dom Quixote, alto, espichado, fraco, amarelo, apertado na roupa, desconjuntado e, sobretudo, nada ágil! Requestavam-no, como que a furto, as donzelas e ele também, como que a furto, as desdenhava. Mas, vendo-se apertado pelos requebros, disse:

— *Fugite, partes adversae*![8] Deixai-me em meu sossego, pensamentos malvindos! Avindevos lá, senhoras, com os vossos desejos; a rainha dos meus, a sem-par Dulcineia del Toboso, não consente que nenhum outro além dos seus me avassale ou renda.

Dizendo isto, sentou-se no meio da sala, no chão, moído e quebrantado de tão bailador exercício. Fez Dom Antônio com que o carregassem para o leito, e o primeiro que o agarrou foi Sancho Pança, observando-lhe:

— Em má hora, senhor nosso amo, fostes bailar! Pensais que todos os valentes são dançarinos e bailarinos todos os cavaleiros andantes Digo que se o pensais estais enganado. Homem há que se atreverá a matar um gigante antes que a fazer uma cabriola. Se tivésseis de sapatear, supriria eu vossa falta, porque sapateio como um gerifalte. Mas quanto a dançar, nem meto o nariz.



G. Doré

Com estas e outras razões fez Sancho rir aos do sarau e deu com o amo na cama, cobrindo-o para que suasse a frialdade de seu baile.

No dia seguinte, pareceu bem a Dom Antônio fazer a experiência da cabeça encantada e, com Dom Quixote, Sancho e outros dois amigos e com as duas senhoras que haviam moído a Dom Quixote no baile (haviam elas passado a noite com a mulher de Dom Antônio), encerrou-se no aposento em que estava a cabeça. Contou-lhes a propriedade que tinha e recomendou-lhes segredo, dizendo-lhes ser aquele o primeiro dia em que se havia de provar a virtude da cabeça encantada. Além dos dois amigos de Dom Antônio, ninguém sabia o busílis do encantamento e, se Dom Antônio não o tivesse antes revelado aos dois amigos, também eles cairiam na admiração em que os demais caíram, sem ser possível outra coisa, tal a traça e ordem com que tudo fora fabricado.

O primeiro que se chegou ao ouvido da cabeça foi o próprio Dom Antônio, que lhe falou em voz baixa, mas não tanto que não fosse por todos ouvida:

— Dize-me, cabeça, pela virtude que em ti se encerra: que pensamentos tenho eu agora?

E a cabeça respondeu, sem mover os lábios, com voz clara e distinta, de modo a ser ouvida de todos, estas palavras:

— Não julgo de pensamentos.

Ouvindo-o, ficaram todos atônitos, ainda mais vendo que em todo o aposento e em derredor da mesa não havia pessoa humana que responder pudesse.

— Quantos estamos aqui? — tornou a perguntar Dom Antônio.

Foi-lhe respondido, pelo mesmo teor e em voz baixa:

— Aqui estais tu e tua mulher, com dois amigos teus e duas amigas dela, e um cavaleiro famoso chamado Dom Quixote de la Mancha e um seu escudeiro que tem por nome Sancho Pança.

Aí, sim, foi nova admiração! Aí, eriçaram-se os cabelos de todos, de puro espanto! E afastando-se da cabeça, disse Dom Antônio:

— Isto me basta para dar-me a entender que não fui enganado por quem te me vendeu, cabeça sábia, cabeça faladora, cabeça respondona, admirável cabeça! Chegue outro e pergunte-lhe o que quiser.

Como as mulheres, de ordinário, são pressurosas e amantes de saber, a primeira que se chegou foi uma das duas amigas da mulher de Dom Antônio, indagando:

— Dize-me, cabeça: que farei eu para ser mui formosa?

Foi-lhe respondido:

— Sê muito honesta.

— Não te pergunto mais — disse a interrogante.

Logo chegou sua companheira e disse:

— Quereria saber, cabeça, se meu marido me quer bem ou não.

E responderam-lhe:

— Olha as obras que te faz e logo o verás.

Afastou-se a casada, dizendo:

— Esta resposta não tinha necessidade de pergunta, porque, com efeito, as obras que se fazem revelam a vontade que tem quem as faz.

Aproximou-se então um dos dois amigos de Dom Antônio e perguntou-lhe:

— Quem sou eu?

Foi-lhe respondido:

— Tu o sabes.

— Não te pergunto isso — replicou o cavaleiro —, mas que me digas se me conheces.

— Conheço — foi a resposta. — És Dom Pedro Noriz.

— Não quero saber mais, pois isto basta para entender, ó cabeça, que tu sabes!

E, afastando-se, chegou o outro amigo e perguntou-lhe:

— Dize-me, cabeça, que desejos tem meu filho morgado?

— Eu já disse — foi a resposta — que não julgo de desejos. Apesar disso, porém, sei te dizer que os desejos que tem teu filho são os de enterrar-te.

— Isto é — comentou o cavaleiro. — O que vejo com os olhos, com o dedo o aponto.

Não indagou mais. Veio a mulher de Dom Antônio e disse:

— Não sei, cabeça, que te perguntar. Só quereria saber de ti se gozarei muitos anos de bom marido.

E responderam-lhe:

— Sim, gozarás, porque sua saúde e sua temperança no viver prometem muitos anos de vida, a qual muitos soem encurtar com a intemperança.

Aproximou-se em seguida Dom Quixote e falou:

— Dize-se tu, que respondes: foi verdade ou sonho o que conto que me passou na cova de Montesinos? Serão certos os açoites de Sancho meu escudeiro? Terá efeito o desencantamento de Dulcineia?

— Sobre o da cova — responderam — muito há para dizer: de tudo bem. Os açoites de Sancho irão devagar. O desencantamento de Dulcineia chegará à devida execução.

— Não quero saber mais — tornou Dom Quixote. — Como veja eu Dulcineia desencantada, farei de conta que vêm de golpe todas as venturas que acertar em desejar.

O último interrogador foi Sancho Pança, que isto perguntou:

— Porventura, cabeça, terei outro governo? Sairei da estreiteza de escudeiro? Voltarei a ver minha mulher e meus filhos?

A isso responderam:

— Governarás em tua casa; e, se a ela voltas, verás tua mulher e teus filhos. Quando deixares de servir, deixarás de ser escudeiro.

— Esta é muito boa — replicou Sancho Pança. — Isso, eu próprio mo diria. Não falaria mais o profeta Perogrullo.[9]

— Animal! — exclamou Dom Quixote. — Que queres que te respondam? Não basta que as respostas que esta cabeça deu correspondam ao que se lhe pergunta?

— Sim, basta — ponderou Sancho. — Quisera eu, porém, que se declarasse mais, e mais me dissesse.

Com isto acabaram-se as perguntas e as respostas, mas não se acabou a admiração em que todos ficaram, exceto os dois amigos de Dom Antônio, que sabiam do caso. Quis Cide Hamete revelá-lo logo, para não ter o mundo em suspenso com a crença de que algum feiticeiro e extraordinário mistério na tal cabeça se encerrava. Assim, diz que Dom Antônio Moreno, à imitação de outra cabeça que vira em Madri, fabricada por um estampeiro, fez esta em sua casa para entreter-se e causar pasmo aos ignorantes. E a fábrica era a seguinte: a tábua da mesa era de pau, pintada e envernizada como jaspe, e o pé sobre que se sustinha era da mesma forma, com quatro garras de águia que dele saíam para maior firmeza do peso; a cabeça, que parecia busto e figura de imperador romano, de cor de bronze, era toda oca, e também a tábua da mesa, em que se encaixava tão justamente que nenhum sinal de juntura aparecia; o pé da mesa era igualmente oco, ligando-se à garganta e peito da cabeça, e tudo isso vinha a corresponder a outro aposento que debaixo da sala da cabeça estava. Por todo este oco de pé, mesa, garganta e peitos do busto e figura referida se encaminhava um cano de folha de lata, muito justo, que de ninguém podia ser visto. No aposento de baixo correspondente ao de cima punha-se o que havia de responder, com a boca pegada ao mesmo canudo, de modo que, à maneira de zarabatana, ia a voz de cima para baixo e de baixo para cima, em palavras articuladas e claras. Assim, não era possível conhecer o embuste. Um sobrinho de Dom Antônio, estudante, agudo e discreto, foi o respondedor. Estando avisado por seu tio dos que naquele dia deveriam estar com ele no aposento da cabeça, foi-lhe fácil responder com presteza e pontualidade à primeira pergunta. As demais respondeu por conjeturas e, como discreto, discretamente. E diz mais Cide Hamete que até dez ou doze dias durou esta maravilhosa máquina; mas, divulgando-se pela cidade que Dom Antônio tinha em casa uma cabeça encantada, a qual respondia a quantos lhe perguntassem, temeu ele que isso chegasse aos ouvidos das despertas sentinelas de nossa fé. Havendo revelado o caso aos senhores inquisidores, ordenaram-lhe que a desfizesse e não continuasse, para se não escandalizar o vulgo ignorante. Na opinião de Dom Quixote e de Sancho Pança, porém, a cabeça ficou como encantada e respondedora, com satisfação maior de Dom Quixote que de Sancho.

Os cavaleiros da cidade, para comprazer a Dom Antônio e agasalhar a Dom Quixote, dando ensejo a que descobrisse suas sandices, ordenaram umas cavalhadas para dali a seis dias, que não lograram efeito pela razão que adiante se dirá. Teve Dom Quixote vontade de passear pela cidade singelamente e a pé, temendo que, se fosse a cavalo, o perseguisse a meninada. Assim, ele e Sancho, com dois criados que Dom Antônio lhe deu, saíram a caminhar. Sucedeu, pois, que, indo por uma rua, ergueu Dom Quixote os olhos e viu escrito sobre uma porta, em letras mui grandes: "Aqui se imprimem livros." Isso o fez muito contente, pois até então não vira imprensa alguma. Entrou na casa com todo o seu acompanhamento, e viu a tiragem numa parte, a emenda em outra, a composição nesta, a revisão naquela; em suma, todo aquele mecanismo que nas grandes imprensas se mostra. Chegava-se Dom Quixote a uma caixa de tipos e perguntava que era aquilo que ali se fazia; davam-lhe conta os tipógrafos, admirava-se e passava adiante. Chegou em outras a um e perguntou-lhe que estava fazendo. O tipógrafo lhe respondeu:

— Senhor, este cavalheiro que aqui está — e apontou-lhe um homem de mui bom talhe e parecer e alguma gravidade — traduziu um livro toscano para a nossa língua castelhana e estou a compô-lo, para dá-lo à estampa.

— Que título tem o livro? — indagou Dom Quixote.

A isso o autor informou:

— Senhor, o livro, em toscano, chama-se *Le Bagatele*.[10]

— E a que corresponde *le bagatele* em nossa língua? — tornou Dom Quixote.

— *Le bagatele* — explicou o autor — é como se disséssemos "as brincadeiras". E este livro, embora de nome humilde, encerra e contém em si coisas mui boas e substanciais.

— Eu — disse Dom Quixote — sei algum tanto do toscano e prezo-me de cantar algumas estrofes de Ariosto. Mas diga-me Vossa Mercê, senhor meu (e não digo isto por querer examinar o engenho de Vossa Mercê, mas por curiosidade apenas): encontrou em sua escritura alguma vez a palavra *pignata*?

— Sim, muitas vezes — respondeu o autor.

— E como a traduz Vossa Mercê? — perguntou Dom Quixote.

— Como a haveria de traduzir — replicou o autor — senão dizendo *panela*?

— Céus! — exclamou Dom Quixote. — Que adiantado está Vossa Mercê no toscano idioma! Apostarei boa aposta em como onde o toscano disser *piace* diz Vossa Mercê *apraz*; onde disser *più*, diz *mais*; chama o *su* por *acima* e *giù* por *abaixo*.

— É o que faço, por certo — disse o autor —, porque essas são as palavras correspondentes.

— Ousarei jurar — tornou Dom Quixote — que não é Vossa Mercê conhecido no mundo, inimigo sempre de premiar os floridos engenhos e os louváveis trabalhos. Quantas habilidades há perdidas por aí! Quantos engenhos postos em retiro! Quantas virtudes menosprezadas! Mas, apesar disto, parece-me que o traduzir de uma língua em outra quando não seja das rainhas das línguas, a grega e a latina, é como quem olha os tapetes flamengos pelo avesso; embora se vejam as figuras, são cheias de fios que as escurecem e não se veem com a lisura e matiz do lado direito. O traduzir de línguas fáceis não demonstra engenho nem elocução, como não o demonstra quem traslada ou quem copia um papel de outro papel. Nem por isso quero inferir que não seja louvável este exercício; em outras coisas piores poderia o homem ocupar-se, que menos proveito lhe trouxessem. Fora desta conta vão os dois famosos tradutores: um, o doutor Cristóvão de Figueiroa, em seu *Pastor Fido*; e o outro, Dom João de Jáurigui, em sua *Aminta*,[11] onde felizmente se fica em dúvida sobre qual é a tradução e qual o originou. Diga-me, porém, Vossa Mercê: este livro imprime-se por sua conta ou tem já vendido o privilégio a algum livreiro?

— Por minha conta o imprimo — respondeu o autor — e penso ganhar mil ducados, pelo menos, com esta primeira impressão, que há de ser de dois mil volumes e se hão de despachar a seis reais cada um, em dá cá aquela palha.

— Bem anda Vossa Mercê nas contas! — observou Dom Quixote. — Bem parece que não sabe das entradas e saídas dos impressores e das correspondências que há de uns a outros. Prometo-lhe que, quando se veja carregado de dois mil volumes de livros, verá tão moído o corpo que se espantará, tanto mais se o livro for pouco travesso e nada picante.

— Como? — replicou o autor. — Quer Vossa Mercê que o entregue a um livreiro que me dê pelo privilégio três maravedis e ainda pense que em mos dar me faz favor? Não imprimo meus livros para alcançar fama no mundo que já nele sou conhecido por minhas obras. Lucros quero, pois sem eles não vale migalha a boa fama.

— Deus dê a Vossa Mercê boa mão direita[12] — despediu-se Dom Quixote.

E passou adiante a outra caixa, onde viu que estavam corrigindo um caderno de um livro intitulado *Luz da alma*.[13] Ao vê-lo, observou:

— Tais livros, embora muitos haja desse gênero, são os que se devem imprimir, pois muitos são os pecadores e são mister infinitas luzes para tantos desalumiados.

Passou adiante, e viu que igualmente estavam emendando outro livro. Perguntando seu título, responderam-lhe que se chamava a *Segunda Parte do Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, composta por um tal habitante de Tordesilhas.[14]

— Já tenho notícia deste livro — disse Dom Quixote. — Em verdade e em minha consciência, pensei que já estava queimado e feito em pó, por impertinente. Mas seu dia de São Martinho há de chegar, como a todo porco. As histórias fingidas tanto têm de boas e deleitosas quanto mais se aproximam da verdade ou de sua semelhança, e as verdadeiras tanto são melhores quanto mais verdadeiras.

E dizendo isto, com mostras de algum despeito, saiu da tipografia. Naquele mesmo dia decidiu Dom Antônio levá-lo às galeras que na praia se achavam. Com isso regozijou-se muito Sancho, porque nunca em sua vida as havia visto. Avisou Dom Antônio ao comandante das galeras que naquela tarde levaria para vê-la seu hóspede, o famoso Dom Quixote de la Mancha, de quem já o Comandante e todos os habitantes da cidade tinham notícia. O que sucedeu nelas será contado no capítulo seguinte.

# CAPÍTULO LXIII

## *Do mal que ocorreu a Sancho Pança com a visita às galeras, e a nova aventura da formosa mourisca*

Grandes eram os discursos que Dom Quixote fazia sobre a resposta da cabeça encantada, sem que em nenhum deles desse pelo embuste, e todos terminavam com a promessa, que teve como certa, do desencadeamento de Dulcineia. Para isto ia e vinha, e alegrava-se consigo mesmo, crendo que havia de ver em breve seu cumprimento. Sancho, embora detestasse ser governador, como fica dito, todavia desejava voltar a mandar e a ser obedecido; esta má ventura traz consigo o mando, mesmo sendo de burla.

Em suma, naquela tarde, Dom Antônio Moreno seu hospedeiro e dois amigos, com Dom Quixote e Sancho, foram às galeras. O comandante, que estava avisado de sua boa-vinda, ao ver os dois famosos Quixote e Sancho, logo que chegaram ao cais, mandou que todas as galeras baixassem toldos e soassem as charamelas. Lançaram a seguir o escaler à água, coberto de ricos tapetes e almofadas de veludo carmesim. Quando nele pôs os pés Dom Quixote, disparou o canhão de proa da capitânia e as outras galeras fizeram o mesmo. Ao subir Dom Quixote pela escada principal, toda a chusma o saudou, como é usança quando uma pessoa elevada entra na galera, dizendo três vezes: “Hu! Hu! Hu!” Deu-lhe a mão o general, que com este nome o chamaremos e era um principal cavaleiro valenciano, e abraçou Dom Quixote, dizendo:

— Este dia assinalarei eu com pedra branca,[1] por ser um dos melhores que penso ter em minha vida, tendo visto o senhor Dom Quixote de la Mancha, tempo e sinal que nos mostra que nele se encerra e cifra todo o valor da cavalaria andante.

Com outras frases não menos corteses respondeu-lhe Dom Quixote, alegre sobremaneira de ver-se tratar tanto como grão-senhor. Entraram todos na popa, que estava mui bem adereçada, e sentaram-se nos bancos da amurada. Passou o mestre à coxia e deu sinal com o apito para que a chusma se despisse o busto, o que se fez num instante. Sancho, vendo tanta gente em pele, ficou pasmado, e mais ainda quando viu içar o toldo com tal pressa que lhe pareceu andarem ali trabalhando todos os diabos. Tudo isto, porém, foram tortas e pão doce para o que agora direi. Estava Sancho sentado no lenho que sustinha o tendal, junto ao primeiro marinheiro da mão direita. Este, já avisado do que havia de fazer, agarrou Sancho e, levantando-o nos braços, com toda a chusma posta de pé e alerta, o foi atirando e revoluteando sobre os braços dos remadores, de banco em banco, com tanta pressa que o pobre Sancho perdeu a vista dos olhos e sem dúvida pensou que os próprios diabos o carregavam. Não pararam enquanto não o voltaram pelo lado esquerdo, pondo-o na popa. Ficou o coitado moído, arquejando e suando, sem poder imaginar o que lhe havia sucedido. Dom Quixote, que vira o voo sem asas de Sancho, perguntou ao general se aquelas eram cerimônias que se usavam com os primeiros que entravam nas galeras, porque, se acaso fossem, ele, que não tinha intenção de professar nelas, não queria fazer semelhantes exercícios. Jurava por Deus que se alguém chegasse a agarrá-lo para revoluteá-lo, haveria de arrancar-lhe a alma a pontapés. E, dizendo isso, ergueu-se e empunhou a espada.

Neste instante, abateram o toldo e com enorme ruído deixaram cair a antena de alto a baixo. Pensou Sancho que o céu se soltava dos eixos e vinha tombar sobre sua cabeça; inclinando-a, cheio de medo, pô-la entre as pernas. Não teve as suas firmes Dom Quixote, que também estremeceu e encolheu os ombros, perdendo a cor do rosto. A chusma içou a antena com a mesma pressa e ruído com que a havia recolhido, e tudo isso sem falar, como se não tivessem voz ou alento. Fez o mestre sinal de zarparem e, saltando em meio da coxia, com um chicote ou rebenque começou a fustigar as costas da chusma. A embarcação pouco a pouco fez-se ao mar. Quando Sancho viu moverem-se a um só tempo tantos pés coloridos, que tais pensou serem os remos, disse consigo:

“Estas, sim, são realmente coisas encantadas, e não as de que fala meu amo. Que fizeram estes infelizes para assim os açoitarem, e como este homem sozinho, que anda por aqui apitando, tem atrevimento para açoitar tanta gente? Agora eu digo que este é o inferno, ou, pelo menos, o purgatório.”

Dom Quixote, que viu a atenção com que Sancho olhava o que se passava, disse-lhe:

— Ah, Sancho amigo, com que brevidade e custando tão pouco vós podíeis, se quisésseis, desnudar-vos de meio corpo para cima e colocar-vos entre estes senhores, acabando com o desencanto de Dulcineia! Com a miséria e pena de tantos, não sentiríeis muito a vossa. Bem poderia ser que o sábio Merlim tomasse em conta cada açoite destes, por serem dados de boa mão, como dez dos que vós finalmente vos haveis de dar.

Perguntar queria o general que açoites eram aqueles, ou que desencantamento de Dulcineia, quando disse um marinheiro:

— Sinal faz o vigia de Monjuich de haver baixel de remos na costa, pela banda do poente. Ouvindo-o, saltou o general na coxia e exclamou:

— Eia, filhos, não se nos fuja! Algum bergantim de corsários de Argel deve ser este que a atalaia nos assinala!

Chegaram-se logo as outras três galeras à capitânia, para saber o que se lhes ordenava. Mandou o general que duas saíssem ao largo, e ele, com a outra, iria costeando, porque assim o baixel não lhes escaparia. Apertou a chusma os remos, impelindo as galeras com tanta fúria que pareciam voar. As que saíram ao largo, a obra de duas milhas descobriram um baixel, que com a vista calcularam de catorze ou quinze barcos de remos. Esta era a verdade. O baixel, quando descobriu as galeras, entrou em manobra de fuga, com a intenção e esperança de escapar por sua ligeireza. Mas saiu-se mal, porque a galera capitânia era dos mais rápidos baixéis que no mar navegavam. Assim, foi se acercando de tal modo que os do bergantim conheceram não poder escapar. Quis o arrais que parassem os remos e se entregassem, para não irritar o capitão que nossas galeras regia. A sorte, porém, de outro modo guiava e ordenou que, chegando a capitânia tão perto que os do baixel podiam ouvir as vozes de dentro dela partidas para se renderem, dois turcos, embrigadados, que no bergantim vinham com outros doze, dispararam duas escopetas, com que deram morte a dois soldados que em nosso castelo de proa vinham. Vendo isso, jurou o general não deixar com vida todos quantos no baixel prendesse e, chegando a investir com toda fúria, escapou-lhe ele por baixo da palamenta. Passou a galera adiante bom trecho. Viram-se perdidos os do baixel. Fizeram-se à vela enquanto a galera voltava e de novo, à vela e remos, tentaram fugir. Não lhes valeu, contudo, a diligência, tanto como os prejudicou o atrevimento, porque, alcançando-os a capitânia a pouco mais de meia milha, lançou-lhes a palamenta em cima e os colheu vivos a todos. Chegaram nisto as outras duas galeras, e todas as quatro, com a presa, voltaram à praia, onde inumerável gente os estava esperando, desejosa de ver o que traziam. Lançou âncora o general perto da terra e viu que estava no cais o vice-rei da cidade. Mandou baixar o escaler para trazê-lo e ordenou a descida imediata da antena, para enforcar o arrais e os demais turcos que no baixel havia capturado e seriam até trinta e seis pessoas, todos galhardos e na maior parte escopeteiros. Perguntou o general quem era o arrais do bergantim, e foi-lhe respondido por um dos cativos, que depois se soube ser renegado espanhol, em língua castelhana:

— Este mancebo, senhor, que aqui vedes, é nosso arrais.

E mostrou-lhe um dos mais belos e galhardos moços que poderia pintar a imaginação. A idade, ao que parece, não chegava a vinte anos. Perguntou-lhe o general:

— Dize-me, perro mal-aconselhado, quem te moveu a matar-me meus soldados, quando vias ser-te impossível escapar? Esse é o respeito que se guarda às capitânias? Não sabes tu que não é valentia a temeridade? As esperanças duvidosas devem fazer os homens atrevidos, porém não temerários.

Responder queria o arrais; porém não pôde o general, então, ouvir a resposta, por acudir a receber o vice-rei, que já entrava na galera, vindo com ele alguns de seus criados e pessoas do povo.

— Boa esteve a caça, senhor general — disse o vice-rei.

— E tão boa — observou o general — que agora a verá Vossa Excelência pendurada desta antena.

— Como assim? — tornou o vice-rei.

— Porque me mataram — esclareceu o general —, contra toda a lei e toda a razão e usança da guerra, dois soldados dos melhores que vinham nestas galeras, e jurei enforcar a quantos cativasse, principalmente a este moço, que é o arrais do bergantim.

E apontou-lhe o que já tinha atadas as mãos e a corda lançada ao pescoço, esperando a morte. Olhou-o o vice-rei e, vendo-o tão formoso, tão galhardo e tão humilde, deu-lhe naquele instante sua formosura carta de recomendação. Veio-lhe desejo de evitar sua morte e assim lhe perguntou:

— Dize-me, arrais: és turco de nação, ou mouro, ou renegado?

A isso o moço respondeu, igualmente em língua castelhana:

— Não sou turco de nação, nem mouro, nem renegado.

— Que és, então? — replicou o vice-rei.

— Mulher cristã — respondeu o mancebo.

— Mulher, e cristã, em tal traje e em tais passos? Mais é coisa para admirar que para crer!

— Suspendei — disse o moço —, ó senhores, a execução de minha morte. Não podereis muito demorando vossa vingança pelo tempo em que vos conte minha vida.

Quem seria de coração tão duro que com essas palavras não se abrandasse, ou pelo menos até ouvir as que o triste e lastimoso moço queria dizer? Disse-lhe o general que falasse o que quisesse, mas não esperasse alcançar perdão de sua reconhecida culpa. Com esta licença, começou o moço a falar desta maneira:

— Daquela nação mais desditosa que prudente, sobre que tem chovido nestes dias um mar de desgraças, nasci eu, de pais mouriscos gerada. Na corrente de sua desventura, fui por dois tios meus levada à Berberia, sem que me aproveitasse dizer que era cristã, como com efeito o sou, não das fingidas e aparentes, mas das verdadeiras e católicas. Não me valeu com os que tinham a seu cargo nosso miserável desterro dizer esta verdade, nem meus tios a quiseram crer. Antes a tiveram por mentira e por invenção, para ficar na terra em que havia nascido, e assim, mais por força que por vontade, me levaram consigo. Tive mãe cristã e pai discreto e cristão nem mais nem menos. Mamei a fé católica no leite, criei-me nos bons costumes; nem nestes nem na língua jamais aparentei ser mourisca. A par e passo destas virtudes (pois creio que o são) cresceu minha formosura, se é que tenho alguma. E embora meu recato e encerramento fossem muitos, não deveram ser tantos que impedissem me visse um mancebo cavaleiro chamado Dom Gaspar Gregório, filho morgado de um fidalgo que junto à nossa aldeia outra sua tem. Como me viu, como nos falamos, como se viu perdido por mim e eu não mui ganhada por ele seria longo de narrar, ainda mais em tempo em que estou temendo que entre a língua e a garganta se atravesse a rigorosa corda que me ameaça. Assim, só direi como em nosso desterro nos quis acompanhar Dom Gregório. Misturou-se com os mouriscos que de outros lugares saíam, porque lhes sabia bem a língua, e na viagem se fez amigo dos dois tios meus que consigo me levavam, porque meu pai, prudente e prevenido, assim que ouviu o primeiro decreto de nosso desterro, saiu do lugar e foi buscar outro em algum dos reinos estranhos, que nos acolhesse. Deixou ele enterradas e encerradas, numa parte de que só eu tenho notícia, muitas pérolas e gemas de grande valor, com algum dinheiro em cruzados e dobrões de ouro. Mandou-me que não tocasse de modo algum no tesouro que deixava, se acaso nos desterrassem antes de sua volta. Assim fiz e com os meus tios, como tenho dito, e outros parentes e aliados, passamos à Berberia. O lugar onde desembarcamos foi em Argel, como se o fizéssemos no próprio inferno. Teve notícia o rei de minha formosura, e chegou-lhe a fama de minha riqueza, o que, em parte, foi ventura minha. Chamou-me ante si, perguntou-me de que parte da Espanha era e que dinheiro e joias trazia. Disse-lhe o lugar, e que as joias e dinheiro haviam nele ficado enterrados, mas com facilidade se poderiam recuperar, se eu mesma voltasse a buscá-los. Tudo isso disse, temerosa de que o cegasse minha formosura, em vez de sua cobiça. Estando comigo nestas práticas, vieram dizer-lhe que vinha comigo um dos mais galhardos e formosos mancebos que era possível imaginar. Logo entendi que o diziam por Dom Gaspar Gregório, cuja beleza deixa atrás as maiores que podem ser encarecidas. Perturbei-me, considerando o perigo que Dom Gregório corria, porque entre aqueles bárbaros turcos em mais se tem e se estima um menino ou mancebo formoso que uma mulher, por belíssima que seja. Mandou logo o rei que o trouxessem à sua presença, para vê-lo, e perguntou-me se era verdade o que daquele moço lhe diziam. Então eu, quase como prevenida pelo céu, disse-lhe que era verdade. Fazia-lhe, porém, saber que não era varão, mas mulher como eu. Suplicava-lhe deixassem-me ir vesti-la em seu traje natural, para que de todo mostrasse sua beleza e com menos embaraço aparecesse em sua presença. Disse-me que fosse em boa hora e outro dia falaríamos do modo que se poderia usar para que eu voltasse à Espanha a fim de tirar o tesouro escondido. Falei com Dom Gaspar, mostrei-lhe o perigo que corria o revelar ser homem, vesti-o de moura e naquela mesma tarde o levei à presença do rei, o qual, vendo-o, ficou admirado e fez desígnio de guardar tal moça para fazer dela presente ao grão-senhor. Para fugir do perigo que no serralho de suas mulheres podia correr, e por temer a si mesmo, mandou-a pôr na casa de umas mouras principais, para que a guardassem e servissem e para onde logo o levaram. O que os dois sentimos (pois não posso negar que lhe quero bem) deixo-o à consideração dos que se separam quando bem se querem. Deu logo traça o rei de que eu volvesse à Espanha neste bergantim, e que me acompanhassem dois turcos de nação, que foram os que mataram os vossos soldados. Veio também comigo este renegado espanhol (e apontou o que havia falado em primeiro lugar), do qual bem sei que é cristão encoberto e vem com mais desejo de ficar em Espanha que de voltar à Berberia. A restante chusma do bergantim é de mouros e turcos, que não servem para mais que remar. Os dois turcos, cobiçosos e insolentes, sem respeitar a ordem que trazíamos de que a mim e a este renegado na primeira parte da Espanha, com vestes de cristãos, de que vínhamos providos, nos pusessem em terra, antes quiseram varrer esta costa e fazer alguma presa, se pudessem, temendo que, se primeiro nos pusessem em terra, por algum acidente que aos dois nos sucedesse poderíamos denunciar que ficava no mar o bergantim e o tomassem galeras que acaso houvesse por esta costa. Na noite passada descobrimos esta praia e, sem ter notícia destas quatro galeras, fomos descobertos e nos há sucedido o que vistes. Em suma, Dom Gregório fica em hábito de mulher entre mulheres, com manifesto perigo de perder-se, e eu me vejo de mãos atadas, esperando, ou para dizer melhor, temendo perder a vida, que já me cansa. Este é, senhores, o fim de minha história lamentável, tão verdadeira como desditosa. O que vos rogo é me deixardes morrer como cristã, pois, como já disse, em coisa alguma sou culpada da culpa em que os de minha nação caíram.

E logo se calou, repletos os olhos de ternas lágrimas, acompanhadas de muitas dos que presentes estavam. O vice-rei, terno e compassivo, sem dizer palavra, chegou-se a ela e tirou-lhe com as próprias mãos a corda que as formosas da moura prendia.

Enquanto a cristã mourisca sua peregrina história narrava, teve cravado os olhos nela um ancião peregrino, que entrara na galera juntamente com o vice-rei. Mal a mourisca deu fim à sua prática, arrojou-se-lhe ele aos pés e, abraçando-os, com palavras interrompidas por mil suspiros e soluços, disse:

— Ó Ana Félix, desditosa filha minha! Eu sou teu pai, Ricote, que voltava para buscar-te, por não poder viver sem ti, que és minha alma.

A essas palavras abriu Sancho os olhos e ergueu a cabeça (que trazia inclinada, a pensar na desgraça de seu passeio). Olhando o peregrino, reconheceu ser o mesmo Ricote que encontrara no dia de sua saída do governo, e verificou ser aquela sua filha, a qual, já solta, abraçava o pai, misturando com as dele suas lágrimas. Disse Ricote ao general e ao vice-rei:

— Esta, senhores, é minha filha, mais desditosa em seus sucessos que em seu nome. Ana Félix se chama, com o sobrenome de Ricote, famosa tanto por sua formosura como pela minha riqueza. Saí de minha pátria a buscar em reinos estranhos quem nos albergasse e acolhesse e, havendo achado abrigo na Alemanha, voltei, nesse hábito de peregrino, em companhia de outros alemães, a buscar minha filha e a desenterrar muitas riquezas que deixei escondidas. Não achei minha filha. Achei o tesouro, que comigo trago. E agora, pelo estranho rodeio que vistes, encontrei o tesouro que mais me enriquece, e é minha filha querida. Se nossa pouca culpa e suas lágrimas e as que verto podem abrir portas à misericórdia pela integridade de vossa justiça, usai dela para conosco, que jamais tivemos o pensamento de vos ofender, nem concordamos de modo algum com a intenção dos nossos, que justamente foram desterrados.

— Bem conheço Ricote — observou então Sancho — e sei que é verdade o que diz quanto a ser Ana Félix sua filha. Nessas outras baralhadas de ir e vir, ter boa ou má intenção, não me intrometo.

Admirados do estranho caso todos os presentes, disse o general:

— Uma por uma, vossas lágrimas não me deixarão cumprir meu juramento. Vivei, formosa Ana Félix, os anos de vida que o céu vos determinou, e caia a pena de sua culpa sobre os insolentes e atrevidos que a cometeram.

E mandou logo enforcar a antena os dois turcos que haviam matado seus dois soldados. Pediu-lhe, porém, o vice-rei encarecidamente não os enforcasse, porquanto mais loucura que valentia havia sido a sua. Fez o general o que o vice-rei lhe pedia, pois não se executam bem as vinganças a sangue-frio. Procuraram logo dar traça de retirar Dom Gaspar Gregório do perigo em que ficara. Ofereceu Ricote para isso mais de dois mil ducados, que em pérolas e joias possuía. Deram-se muitos meios, mas nenhum se igualou ao que deu o renegado espanhol de que se falou. Ofereceu-se a voltar a Argel num barco pequeno, de até seis bancos, armado de remadores cristãos, porque sabia onde, como e quando podia desembarcar, e também não ignorava a casa em que ficara Dom Gregório. Duvidaram o general e o vice-rei em confiar no renegado e deixar à sua mercê os cristãos que haveriam de remar. Fez-se Ana Félix sua fiadora, e Ricote seu pai disse que pagaria o resgate dos cristãos, se acaso se perdessem.

Firmados, pois, neste parecer, desembarcou o vice-rei, e Dom Antônio Moreno levou consigo a mourisca e seu pai. Recomendou-lhe o vice-rei que os regalasse e tratasse o melhor que fosse possível, pois de sua parte lhe oferecia tudo quanto em sua casa havia para seu regalo, tanta fora a benevolência e caridade que a formosura de Ana Félix lhe infundira no peito.

# CAPÍTULO LXIV

## *Que trata da aventura que mais pesar deu a Dom Quixote, de quantas até então lhe haviam ocorrido*

Conta a história que a mulher de Dom Antônio Moreno teve enorme satisfação em ver Ana Félix em sua casa. Recebeu-a com muito agrado, tão enamorada de sua beleza como de sua discrição, porque em uma e outra extremava-se a mourisca e vinha a vê-la toda a gente da cidade, como a toque de sinos.

Disse Dom Quixote a Dom Antônio que a decisão que haviam adotado sobre a libertação de Dom Gregório não era boa, pois tinha mais de perigosa que de conveniente. Melhor seria porem-no a ele na Berberia, com suas armas e cavalo; arrancá-lo-ia de lá, apesar de toda a mourisma, como havia feito Dom Gaifeiros a sua esposa, Melisendra.

— Lembre-se vosmecê — ponderou Sancho, ouvindo isto — que o senhor Dom Gaifeiros tirou sua esposa de terra firme e levou-a à França por terra firme. Aqui, porém, se por acaso livrarmos Dom Gregório, não temos por onde trazê-lo a Espanha, pois o mar fica de permeio.

— Para tudo há remédio, a não ser para a morte — respondeu Dom Quixote. — De fato, chegando o barco ao cais, poderemos embarcar nele, ainda que o mundo inteiro no-lo impeça.

— Muito bem o pinta e facilita vosmecê — tornou Sancho. — Mas do dito ao feito vão muitos passos. Atenho-me ao renegado, que me parece homem muito de bem e de ótimas entranhas.

Disse Dom Antônio que, se o renegado não se saísse bem do caso, adotar-se-ia o expediente de passar à Berberia o grande Dom Quixote.

Dali a dois dias partiu o renegado em ligeiro barco de seis remos de cada lado, tripulado por valentíssima chusma, e daí a outros dois partiram as galeras para o Levante, havendo o general pedido ao vice-rei fosse servido avisar-lhe o que sucedesse na libertação de Dom Gregório e no caso de Ana Félix. Ficou o vice-rei de fazer tal como se lhe pedia.

E uma manhã, saindo Dom Quixote a passear pela praia, armado com todas as suas armas, porque, como muitas vezes dizia, elas eram seus ornatos e seu descanso o pelejar, e nunca o encontravam sem elas, viu que para ele vinha um cavaleiro armado igualmente de ponto em branco, que no escudo trazia pintada uma lua resplandecente. Chegando a distância em que pudesse ser ouvido, o tal cavaleiro, em alta voz e dirigindo suas razões a Dom Quixote, disse:

— Insigne cavaleiro e jamais louvado quanto se deve Dom Quixote de la Mancha, eu sou o Cavaleiro da Branca Lua, cujas inauditas façanhas talvez já te hajam chegado à memória. Venho contender contigo e experimentar a força de teu braço, a fim de fazer com que conheças e confesses que minha dama, seja quem for, é sem comparação mais formosa do que tua Dulcineia del Toboso. Se confessas de plano esta verdade, evitarás tua morte e o trabalho que terei em te dar. E se tu pelejares e eu te vencer, não quero outra satisfação senão a de que, deixando as armas e abstendo-te de buscar aventuras, te recolhas e retires à tua terra, pelo tempo de um ano, que hás de viver sem deitar mão à espada, em paz tranquila e em proveitoso sossego, porque assim convém ao aumento de tua fazenda e à salvação de tua alma. E se me venceres ficará à tua discrição minha cabeça e teus serão os despojos de meu cavalo e minhas armas, e passará à tua a fama de minhas façanhas. Olha o que mais te convém e responde-me logo, porque hoje tenho todo o dia dedicado a despachar este negócio.

Dom Quixote ficou suspenso e atônito, tanto da arrogância do Cavaleiro da Branca Lua como da causa pela qual o desafiava, e, com vagar e ademanes severos, respondeu:

— Cavaleiro da Branca Lua, cujas façanhas nunca chegaram a meus ouvidos, ousarei jurar que jamais vistes a ilustre Dulcineia. Se a tivésseis visto, sei que procuraríeis não entrar nesta demanda, porque sua visão vos desenganaria de que não houve nem pode haver beleza que à sua se possa comparar. Assim, dizendo-vos não que mentis, mas que não acertais no julgamento, com as condições que referistes aceito vosso desafio, e logo, para que não transcorra o dia que tendes determinado. Só excetuo das condições a de que se passe a mim a fama de vossas façanhas, porque não sei quais nem que tais foram. Com as minhas me contento, tais como são. Tomai, pois, a parte do campo que quiserdes. Farei eu o mesmo, e a quem Deus der São Pedro o bendiga.

Da cidade haviam avistado o Cavaleiro da Branca Lua e avisado o vice-rei de que estava falando com Dom Quixote de la Mancha. O vice-rei, crendo ser alguma nova aventura fabricada por Dom Antônio Moreno ou por algum outro cavaleiro da cidade, saiu logo à praia, com Dom Antônio e muitos outros cavaleiros que o acompanhavam, no instante em que Dom Quixote volvia as rédeas a Rocinante para tomar o campo necessário. Vendo, pois, o vice-rei que os dois davam sinal de voltar a encontrar-se, pôs-se-lhes no meio, perguntando que causa os movia a travar batalha tão imprevista. O Cavaleiro da Branca Lua respondeu que era precedência de formosura e em breves razões lhe disse as mesmas que havia dito a Dom Quixote, com a aceitação das condições do desafio por ambas as partes. Chegou-se o vice-rei a Dom Antônio e perguntou-lhe baixinho se sabia quem era o tal Cavaleiro da Branca Lua, ou se era alguma burla que queriam fazer a Dom Quixote. Dom Antônio respondeu que nem sabia quem era, nem se era de burla ou deveras tal desafio. A resposta deixou perplexo o vice-rei sobre se os deixaria ou não ir avante com a batalha. Não se podendo, porém, persuadir de que não fosse burla, afastou-se, dizendo:

— Senhores cavaleiros, se aqui não há outro remédio senão confessar ou morrer, e o senhor Dom Quixote teima e Vossa Mercê, o da Branca Lua, reteima, à mão de Deus, e sigam.[1]

Agradeceu o da Branca Lua ao vice-rei, com corteses e discretas razões, a licença que lhes era dada, e o mesmo fez Dom Quixote. Este, encomendando-se ao céu de todo o coração e à sua Dulcineia (como tinha por hábito ao começar as batalhas que se lhe ofereciam), tornou a tomar outro pouco mais de campo, porque viu que seu contendor fazia o mesmo. E, sem tocar trombeta ou outro instrumento bélico que lhes desse sinal de arremeter, volveram ambos no mesmo instante as rédeas aos cavalos. Como o da Branca Lua era mais ligeiro, alcançou Dom Quixote a dois terços andados da carreira e ali se chocou com ele com tão poderosa força (sem tocá-lo com a lança, pois parece que a levantou de propósito) que deu com Rocinante e Dom Quixote ao chão, em perigosa queda. Foi logo sobre ele e, pondo-lhe a lança à viseira, disse-lhe:

— Vencido sois, cavaleiro, e mesmo morto, se não confessais as condições de nosso desafio!

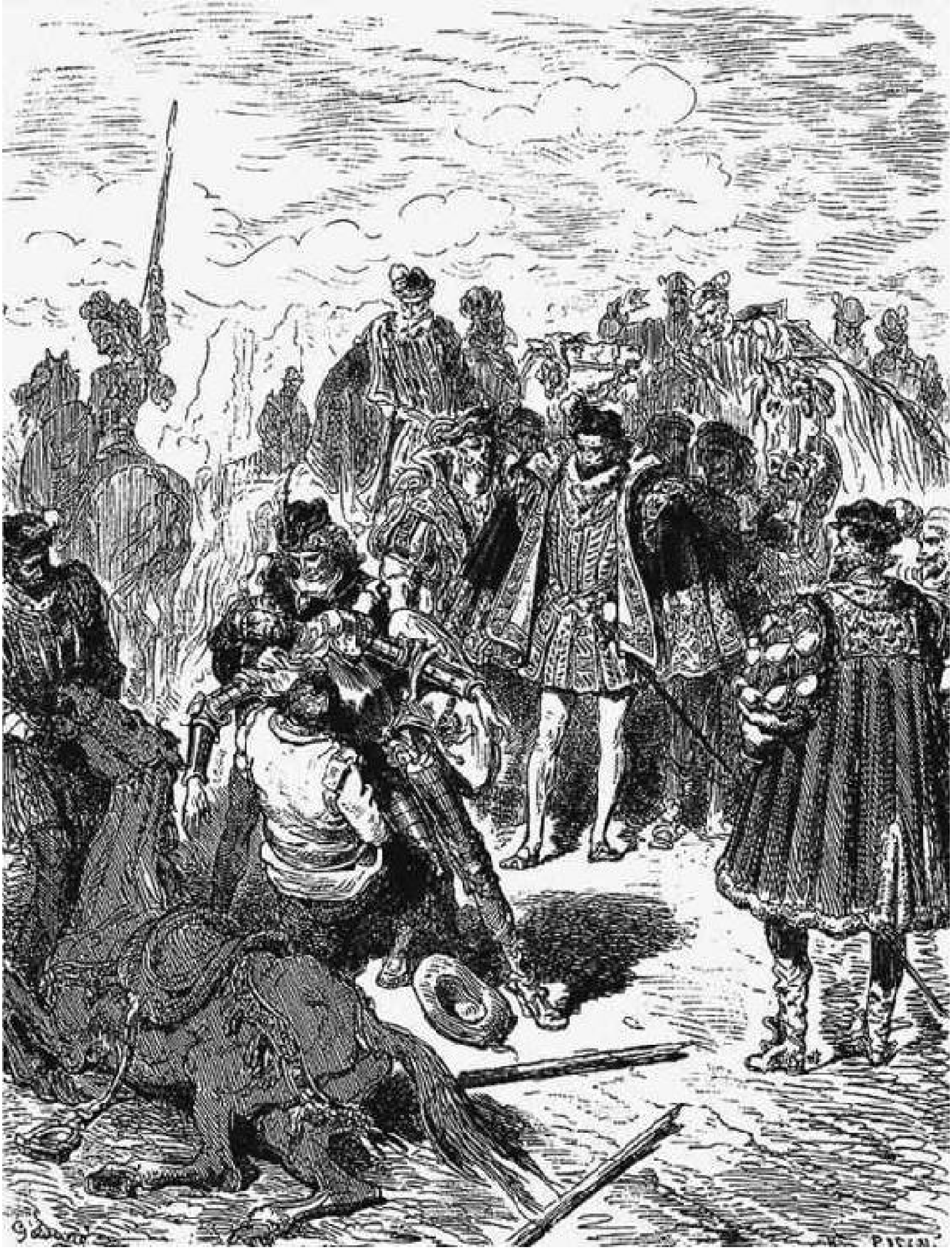
Dom Quixote, moído e aturdido, sem erguer a viseira, como se falasse de dentro de uma tumba, com voz debilitada e enferma disse:

— Dulcineia del Toboso é a mais formosa mulher do mundo, e eu o mais desditoso cavaleiro da terra, não ficando bem que minha fraqueza defraude esta verdade. Aperta a lança, cavaleiro, e tira-me a vida, já que a honra me tiraste.

— Isso não farei eu, por certo, tornou o da Branca Lua. — Viva, viva em sua inteireza a fama da formosura da senhora Dulcineia del Toboso. Só me contento com que o grande Dom Quixote se retire para sua terra, por um ano, ou até o tempo que por mim lhe for mandado, como combinamos antes de entrar nesta batalha.

Tudo isso o ouviram o vice-rei e Dom Antônio e outros muitos que ali estavam. E ouviram também Dom Quixote responder que, como não lhe era pedida coisa em detrimento de Dulcineia, tudo o mais cumpriria como cavaleiro pontual e verdadeiro. Feita esta confissão, volveu as rédeas o da Branca Lua e, fazendo uma reverência com a cabeça ao vice-rei, a meio-galope entrou na cidade.

Mandou o vice-rei que Dom Antônio fosse atrás dele e, de qualquer modo, soubesse quem era. Levantaram Dom Quixote, descobriram-lhe o rosto e acharam-no pálido e transpirante. Rocinante, de tão malparado, não se pôde mover por então. Sancho, todo triste, todo cheio de pesar, não sabia que dizer nem que fazer. Parecia-lhe que tudo aquilo ocorria em sonhos e não passava de coisas de encantamento. Via seu amo derrotado e obrigado a não pegar em armas durante um ano. Imaginava a luz da glória de suas façanhas escurecida, as esperanças de suas novas promessas desfeitas, como se desfaz o fumo com o vento. Temia que Rocinante ficasse aleijado e seu amo, deslocado (e pouca ventura não seria se *desloucado* ficasse). Enfim, numa cadeira de mãos, que mandara trazer o vice-rei, levaram-no à cidade. Para ela também voltou o vice-rei, desejoso de saber quem era o Cavaleiro da Branca Lua, que deixara Dom Quixote em tão mau estado.


G. Doré
PISAN.

# CAPÍTULO LXV

## *Onde se dá conta de quem era o da Branca Lua, com a libertação de Dom Gregório e outros sucessos*

Seguiu Dom Antônio Moreno o Cavaleiro da Branca Lua e seguiram-no também, perseguindo-o mesmo, muitos meninos, até que o encerraram numa estalagem dentro da cidade. Entrou nela Dom Antônio, desejoso de conhecê-lo. Saiu um escudeiro para o receber e desarmar. Encerrou-se numa sala baixa, e com ele Dom Antônio, que não tinha sossego enquanto não soubesse quem era. Vendo, pois, o da Branca Lua que aquele cavaleiro não o deixava, disse-lhe:

— Bem sei, senhor, a que vindes, e é para saber quem sou. E, como não há razão para negá-lo, enquanto este meu criado me desarma dir-vos-ei a verdade do caso, sem faltar um ponto. Sabei, senhor, que a mim me chamam o bacharel Sansão Carrasco. Sou do mesmo lugar que Dom Quixote de la Mancha, cuja loucura e sandice move a que o lastimemos todos quantos o conhecemos, e um dos que mais o lastimam sou eu. Crendo que sua saúde e repouso dependem de que fique em sua terra e em sua casa, imaginei um modo de fazê-lo voltar a ela. Assim, haverá três meses, saí-lhe ao encontro como cavaleiro andante, chamando-me o Cavaleiro dos Espelhos, com intenção de pelejar com ele e vencê-lo, sem fazer-lhe dano, impondo como condição que o vencido ficasse à discrição do vencedor. Pensava pedir-lhe (pois já o tinha por vencido) que voltasse para seu lar e não saísse dele durante todo um ano, tempo em que poderia ser curado. A sorte, porém, ordenou-o de outro modo, porque ele me venceu a mim e me derrubou do cavalo, não tendo assim resultado o meu pensamento. Ele prosseguiu seu caminho e eu regressei, vencido, corrido e moído da queda, que foi das mais perigosas. Nem por isso me deixou o desejo de voltar a procurá-lo e a vencê-lo, como hoje se viu. E como ele é tão pontual em guardar as ordens da cavalaria andante, sem dúvida alguma cumprirá a promessa que fez, honrando sua palavra. Isto é, senhor, o que se passa, sem que tenha a dizer-vos outra coisa alguma. Suplico-vos não me descubrais nem digais a Dom Quixote quem sou, para que produzam efeito meus bons pensamentos e recupere o juízo um homem que o tem excelente, desde que o deixem as sandices da cavalaria.

— Oh, senhor! — exclamou Dom Antônio. — Deus vos perdoe o agravo que fizeste a todo o mundo, querendo tornar ajuizado o mais gracioso louco que existe nele! Não vedes, senhor, que o proveito causado pela cordura de Dom Quixote não se igualará ao prazer que dá com seus desvarios? Imagino, porém, que toda a indústria do senhor bacharel não bastará para tornar ajuizado um homem tão rematadamente louco. Se não fosse contra a caridade, diria que nunca se cure Dom Quixote, pois, com sua saúde, não só perdemos suas graças, como as de Sancho Pança, seu escudeiro, que qualquer delas pode tornar a alegrar a própria melancolia. Apesar de tudo isto, calarei e nada direi, para ver se dará em verdade minha suspeita de que não produzirá efeito a diligência feita pelo senhor Carrasco.

Respondeu este que já efetivamente estava em bom ponto aquele negócio, de que esperava feliz sucesso. Havendo se oferecido Dom Antônio para fazer o que mais lhe mandasse, despediu-se dele e, amarrando as armas sobre um macho, no mesmo instante montou o cavalo com que entrara em batalha, saindo da cidade naquele mesmo dia e voltando para sua pátria, sem suceder-lhe coisa que obrigue a contá-la nesta verídica história. Contou Dom Antônio ao vice-rei tudo quanto Carrasco lhe havia dito, e não ficou ele muito satisfeito, porque no recolhimento de Dom Quixote perdia-se o prazer que podiam ter todos aqueles que de suas loucuras tivessem notícia.

Seis dias esteve Dom Quixote de cama, enfermo, triste, pensativo e incomodado, correndo e percorrendo com a imaginação o infeliz sucesso de sua derrota. Consolava-o Sancho, dizendo-lhe, entre outras razões:

— Senhor meu, erga vosmecê a cabeça e alegre-se, se pode, e dê graças ao céu, porque, se foi derrubado ao solo, não saiu com nenhuma costela quebrada. Como sabe que onde as dão as tomam e nem sempre há toicinhos[1] onde há espetos, faça uma figa ao médico (de que não há mister para curar essa enfermidade), voltemos para nossas casas e deixemo-nos de andar buscando aventuras por terras e lugares que não sabemos. Se bem se considera, sou eu aqui quem mais perde, embora seja vosmecê o mais malparado. Eu, que deixei com o governo os desejos de ser novamente governador, não deixei a vontade de ser conde, que jamais se realizará se vosmecê deixa de ser rei, abandonando o exercício de sua cavalaria. Assim, volvem-se em fumaça as minhas esperanças.

— Cala-te, Sancho, pois vês que minha reclusão e retirada não devem passar de um ano. Logo voltarei a meus honrados exercícios e não me há de faltar reino que ganhe ou condado para te dar.

— Deus o ouça — tornou Sancho — e o pecado seja surdo. Sempre ouvi dizer que mais vale boa esperança que posse ruim.

Nisto se achavam quando entrou Dom Antônio, dizendo com mostras de mui grande contentamento:

— Alvíssaras, senhor Dom Quixote! Dom Gregório e o renegado que o foi buscar estão na praia. Que digo? Não na praia. Já estão na casa do vice-rei e aqui estarão num instante. Alegrou-se um pouco Dom Quixote, que observou:

— Em verdade, estou por dizer que folgaria se tudo tivesse sucedido ao revés, porque me obrigaria a passar à Berberia, onde, com a força de meu braço, daria liberdade não só a Dom Gregório, mas a quantos cristãos ali se encontram cativos. Mas, que digo, miserável? Não sou eu o vencido? Não sou eu o derrubado? Não sou eu quem não pode pegar em armas durante um ano? Pois, que prometo? De que me louvo, se antes me convém usar uma roca que uma espada?

— Deixe-se disso, senhor — replicou Sancho. — Viva a galinha, mesmo com sua pevide. Hoje por ti e amanhã por mim. Nestas coisas de recontros e cacetadas não se deve tomar tento algum, pois quem hoje cai pode amanhã levantar-se, a não ser que prefira ficar na cama. Quero dizer, a menos que se deixe abater, sem recobrar novos brios para novas pendências. Levante-se agora vosmecê para receber Dom Gregório de ver Ana Félix, veio com o renegado à casa e já deve estar ele em casa.

Esta era a verdade. Havendo já dado conta Dom Gregório e o renegado ao vice-rei de sua ida e volta, desejoso Dom Gregório de ver Ana Félix, veio com o renegado à casa de Dom Antônio. E embora Dom Gregório estivesse com trajes de mulher quando o tiraram de Argel, no barco os trocou pelos de um cativo que com ele saíra. De qualquer modo que viesse, porém, mostraria ser pessoa para ser invejada, servida e estimada, porque era sobremaneira formoso e de idade aparentemente entre dezessete e dezoito anos. Ricote e sua filha saíram a recebê-lo, o pai com lágrimas e a filha com honestidade. Não se abraçaram uns aos outros, porque, onde há muito amor, haver não costuma demasiada desenvoltura. As duas belezas juntas de Dom Gregório e Ana Félix admiraram extraordinariamente a todos quantos presentes se achavam. O silêncio foi ali quem falou pelos dois enamorados, e os olhos foram as línguas que revelaram seus alegres e honestos pensamentos. Contou o renegado a indústria e meios de que usara para livrar Dom Gregório; contou Dom Gregório os perigos e apertos em que se vira com as mulheres com que havia ficado, não em longa narrativa, mas em breves palavras, nas quais demonstrou sua discrição adiantar-se à sua idade. Por fim, Ricote pagou e satisfez liberalmente tanto o renegado como os que haviam tripulado o barco. Reincorporou-se e submeteu-se o renegado à Igreja, e, de membro apodrecido, tornou-se limpo e são, com o arrependimento e a penitência.

Dali a dois dias tratou o vice-rei com Dom Antônio de que modo fariam para Ana Félix e seu pai ficarem na Espanha, parecendo-lhes não haver inconveniente algum em que ficassem nela filha tão cristã e pai, ao que parecia, tão bem-intencionado. Ofereceu-se Dom Antônio a ir à corte para negociá-lo, pois lá devia ir por força a outros negócios, dando a entender que, por meio de favores e dádivas, muitas coisas difíceis nela se conseguem.

— Não se deve confiar — observou Ricote, que estava presente à conversação — em favores e dádivas, por que com o grande Dom Bernardino de Velasco, conde de Salazar, a quem Sua Majestade encarregou de nossa expulsão, não valem rogos, promessas, dádivas ou lamentações. Embora seja verdade que ele tempera a misericórdia com a justiça, vendo que todo o corpo de nossa nação está contaminado e apodrecido, usa com ele antes do cautério que abrasa do que do unguento emoliente. Assim, com prudência, com sagacidade, com diligência e com o temor que inspira, levou sobre seus fortes ombros à execução devido o peso deste grande mecanismo, sem que nossas indústrias, estratagemas, solicitudes e fraudes hajam podido deslumbrar seus olhos de Argos, continuamente alertas, para que se lhe não escape ou encubra qualquer dos nossos que, como raiz escondida, com o tempo venha depois a brotar e a lançar frutos venenosos em Espanha, já limpa, já desembaraçada dos temores em que nossa multidão a trazia. Heroica resolução do grande Filipe Terceiro, e inaudita prudência a de haver encarregado dela Dom Bernardino de Velasco!

— De qualquer modo, lá estando, farei as diligências possíveis — disse Dom Antônio — e faça o céu como melhor for servido. Dom Gregório irá comigo, para consolar a pena que seus pais devem sentir por sua ausência. Ana Félix ficará com a minha mulher, em minha casa, ou num mosteiro. E sei que o senhor vice-rei gostará de que em sua casa fique o bom Ricote, até ver como eu negocio.

O vice-rei consentiu em todo o combinado. Dom Gregório, a princípio, sabendo do que se passava, disse que de modo algum podia, nem queria, deixar Ana Félix. Tendo, porém, intenção de ver seus pais e de resolver sobre a volta para buscá-la, acabou em aceder ao concertado. Ficou Ana Félix com a mulher de Dom Antônio e Ricote na casa do vice-rei.

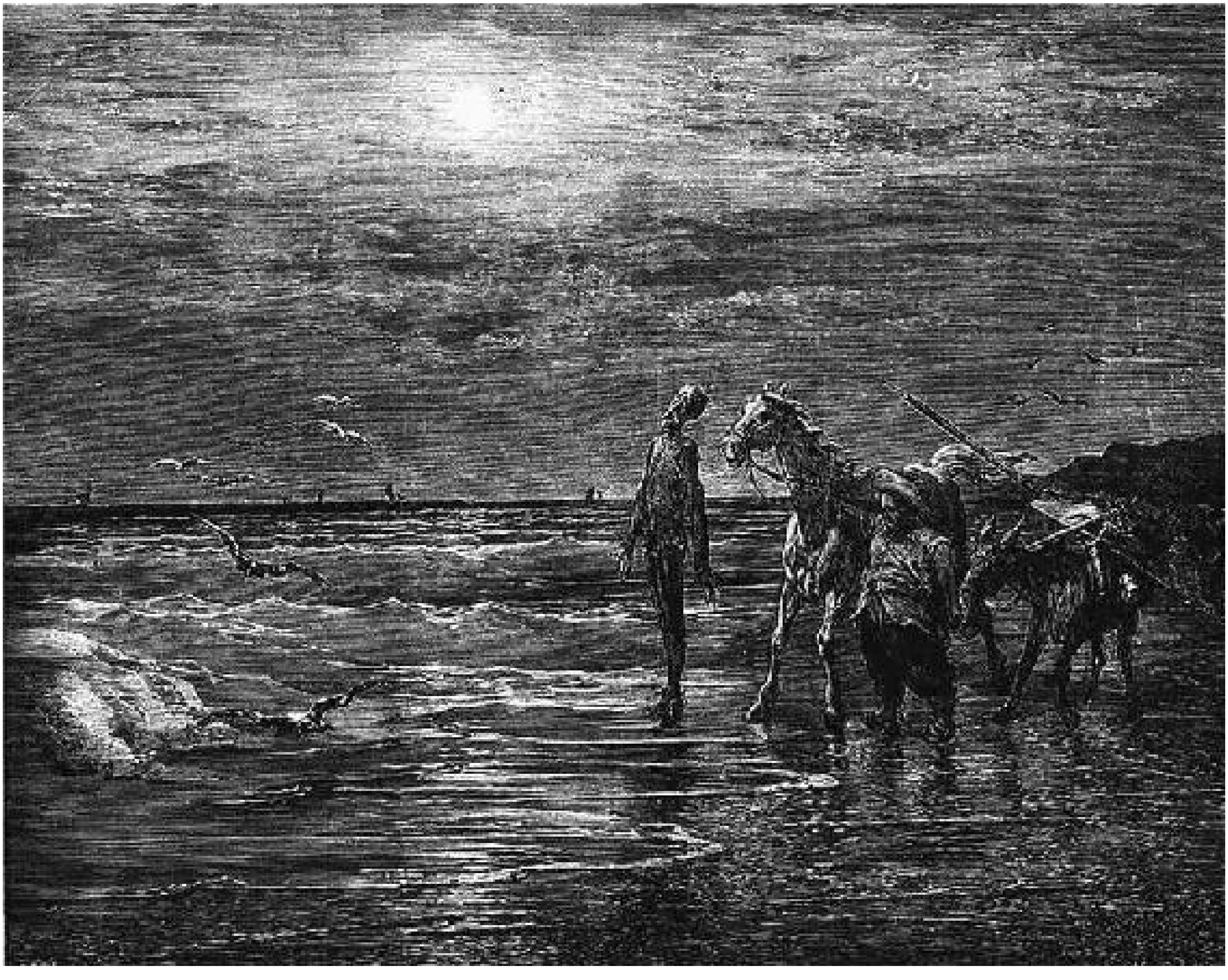
Chegou o dia da partida de Dom Antônio, e a de Dom Quixote e Sancho foi daí a outros dias, não lhe havendo permitido a queda que mais depressa se pusesse a caminho. Houve lágrimas, suspiros, desmaios e soluços, ao despedir-se Dom Gregório de Ana Félix. Ofereceu Ricote a Dom Gregório mil escudos, se os queria; ele, porém, não aceitou nenhum, a não ser apenas cinco que lhe emprestou Dom Antônio, prometendo pagá-los na corte. Com isto partiram os dois, e Dom Quixote e Sancho depois, como se disse: Dom Quixote, desarmado e com trajes comuns;[2] Sancho, a pé, por ir o ruço carregado com as armas.

# CAPÍTULO LXVI

## *Que trata do que verá quem o ler, ou ouvirá quem o escutar*

Ao sair de Barcelona, voltou Dom Quixote a contemplar o sítio em que havia caído e disse:

— Aqui foi Troia! Aqui minha desdita, e não minha covardia, carregou as glórias que eu alcançara! Aqui a fortuna usou comigo de suas voltas e reviravoltas! Aqui se escureceram minhas façanhas! Aqui, finalmente, caiu minha ventura, para jamais se levantar!



Ouvindo isso, observou Sancho:

— Tão de valentes corações é, meu amo, ter resignação nas desgraças quanto alegria nas prosperidades. E isto julgo por mim mesmo, que, se estava alegre quando era governador, agora, que sou escudeiro e a pé, não estou triste. Tenho ouvido que esta que chamam por aí Fortuna é mulher borracha e caprichosa, além do mais cega, e, assim, não vê o que faz nem sabe a quem derriba ou a quem exalça.

— Mui filósofo estás, Sancho — comentou Dom Quixote. — Falas com muita discrição; não sei quem to ensina. Sei dizer-te que não há fortuna no mundo, nem as coisas que sucedem nele, boas ou más que sejam, vêm por acaso, mas por especial providência do céu. Daí poder se dizer que cada qual é artífice de sua ventura. Fui eu o da minha, porém não com a prudência necessária, e, assim, deram no chão minhas pretensões. Deveria ter pensado que ao poderoso porte do cavalo do da Branca Lua não poderia resistir a fraqueza de Rocinante. Atrevi-me, em suma. Fiz o que pude. Derribaram-me e, embora tenha perdido a honra, não perdi, nem posso perder, a virtude de cumprir minha palavra. Quando era cavaleiro andante, ousado e valente, com as minhas obras e mãos dava crédito a meus feitos. Agora, que sou escudeiro pedestre, serão de crédito minhas palavras, cumprindo a que dei de minha promessa. Caminha, pois, amigo Sancho, e vamos ter em nossa terra o ano de noviciado. Nesse encerramento cobraremos virtude nova para voltar ao nunca por mim esquecido exercício das armas.

— Senhor — ponderou Sancho —, não é coisa tão gostosa o andar a pé que me mova e incite a fazer grandes jornadas. Deixemos estas armas penduradas em alguma árvore, como se fossem um enforcado, e ocupando eu os lombos do ruço, levantados os pés do solo, faremos as jornadas que vosmecê pedir e medir. Pensar que tenho de caminhar a pé e fazê-las grandes é pensar no escusado.

— Falaste bem, Sancho — respondeu Dom Quixote. — Pendurem-se minhas armas como troféu e ao pé, ou em redor delas, gravaremos nas árvores o que no troféu das armas de Roldão estava escrito:

*Ninguém as mova*

*que com Roldão não possa pôr-se em prova.*[1]

— Tudo isso me parece vir a talho de foice — observou Sancho —, e, se não fosse pela falta que para a caminhada nos havia de fazer Rocinante, também seria bom deixá-lo pendurado.

— Pois nem ele nem as armas — replicou Dom Quixote — quero eu que se enforquem! Não se diga que, para bom serviço, meu galardão!

— Muito bem diz vosmecê — tornou Sancho — porque, segundo opinam discretos, a culpa do asno não se deve lançar à albarda. Já que deste sucesso tem vosmecê a culpa, castigue-se a si mesmo e não rebentem suas iras pelas já rotas e sangrentas armas, nem pelas mansidões de

Rocinante, nem pela brandura de meus pés, querendo que caminhem mais do que o justo.

Nestas razões e práticas passou-se-lhes todo aquele dia e ainda outros quatro, sem lhes suceder coisa que o caminho lhes estorvasse. No quinto dia, à entrada de um lugar, acharam à porta duma estalagem muita gente, que ali se recreava, por ser festa. Quando deles se aproximava Dom Quixote, ergueu um lavrador a voz e disse:

— Um destes dois senhores que aqui vêm e não conhecem as partes dirá o que se deve fazer em nossa aposta.

— Direi, por certo — respondeu Dom Quixote —, com toda a retidão, se conseguir compreendê-la.

— O caso é, meu bom senhor — tornou o lavrador —, que um vizinho deste lugar, tão gordo que pesa onze arrobas, desafiou a correr outro seu vizinho, que não pesa mais do que cinco. Foi condição que haveriam de correr uma carreira de cem passos, com pesos iguais. Havendo-se perguntado ao desafiador como se havia de igualar o peso, disse ele que o desafiado, que pesa cinco arrobas, pusesse seis de ferro às costas, e assim se igualariam as cinco arrobas do magro com as onze do gordo.

— Isso, não — atalhou neste ponto Sancho, antes que Dom Quixote respondesse. — A mim, que há poucos dias deixei de ser governador e juiz, como todos sabem, toca averiguar estas dúvidas e dar parecer em qualquer pleito.

— Responde em boa hora, Sancho amigo — falou Dom Quixote. — Não tenho disposição para nada,[2] tão alvoroçado e transtornado trago o juízo.

Com esta licença, disse Sancho aos lavradores, que se amontoaram em torno dele, de boca aberta, à espera de sua sentença:

— Irmãos, o que o gordo pede não tem sentido nem sombra de justiça alguma. Se é verdade o que se diz, que o desafiado pode escolher as armas, não fica bem escolhê-las tais que o impeçam e estorvem de sair vencedor. Assim, meu parecer é que o gordo desafiador se pele, pode, arranque, aperte, esprema e tire seis arrobas de suas carnes, de uma ou outra parte de seu corpo, como melhor lhe parecer ou ficar, e desta maneira, ficando com cinco arrobas de peso, se igualará e ajustará às cinco de seu competidor e poderão correr em igualdade de condições.

— Por Deus — interveio um lavrador que escutara a sentença de Sancho —, que este senhor falou como um bendito e sentenciou como um cônego! Mas certamente o gordo não há de querer tirar uma onça de suas carnes, e muito menos seis arrobas!

— O melhor é que não corram — respondeu outro —, para que o magro se não moa com o peso, nem o gordo se descarne. Gaste-se metade da aposta em vinho, e levemos estes senhores à taberna do vinho caro.[3] E eu cá fico por tudo.[4]

— Eu, senhores — observou Dom Quixote —, vos agradeço, mas não me posso deter um momento, porque pensamentos e sucessos tristes me fazem parecer descortês e caminhar mais que depressa.

Assim, esporeando Rocinante, passou adiante, deixando-os admirados por haverem visto e notado tanto sua estranha figura como a discrição de seu criado, que por tal julgaram Sancho. E um dos lavradores disse:

— Se o criado é tão discreto, que não há de ser o amo? Apostarei que, se vão estudar a Salamanca, por um triz serão alcaides de corte. Tudo é burla, a não ser estudar e mais estudar, e ter favor e ventura. Quando menos pensa, acha-se o homem com uma vara de governar na mão, ou de mitra na cabeça.

Amo e criado passaram aquela noite em meio do campo, a céu raso e descoberto. No dia imediato, seguindo o caminho, viram que em seu rumo vinha um homem a pé, com uns alforjes no pescoço e uma lança ou chuço na mão, com a aparência de correio pedestre. Chegando perto de Dom Quixote, adiantou o passo e, meio correndo, lançou-se a ele e abraçou-o pela perna direita, pois a mais não alcançava, dizendo-lhe, com demonstrações de muita alegria:

— Oh, meu senhor Dom Quixote de la Mancha! Que grande prazer terá o coração de meu amo, o duque, quando souber que vosmecê volta a seu castelo, pois ainda nele se encontra com a minha senhora, a duquesa!

— Não vos conheço, amigo — respondeu Dom Quixote —, nem sei quem sois, se não mo dizeis.

— Eu, senhor Dom Quixote — esclareceu o correio —, sou Tosilos, o lacaio do duque meu senhor, que não quis pelejar com vosmecê sobre o casamento da filha de Dona Rodrigues.

— Valha-me Deus! — exclamou Dom Quixote. — É possível que sejais vós aquele que os encantadores meus inimigos transformaram nesse lacaio que dizeis, para defraudar-me da honra daquela batalha?

— Cale-se, bom senhor — replicou o carteiro. — Não houve encantamento algum, nem mudança de rosto. Tão lacaio Tosilos entrei na estacada como Tosilos lacaio dela saí. Pensei em casar-me sem pelejar porque a moça me pareceu bem. Sucedeu-me, contudo, ao revés do que pensara, pois, tão logo vosmecê partiu de nosso castelo, o duque meu senhor mandou dar-me cem pauladas por haver desrespeitado as ordens que me dera antes de entrar na batalha. E tudo acabou em que a moça já é monja, Dona Rodrigues voltou para Castela e eu vou agora a Barcelona levar algumas cartas ao vice-rei, que lhe envia meu amo. Se vosmecê quer um tragozinho, embora quente, puro, aqui levo uma cabaça cheia de vinho do caro,[5] com não sei quantas fatias de queijo de Tronchón, que servirão de aperitivo e despertador da sede, se acaso estiver dormindo.

— Aceito o convite — interveio Sancho — e dispense-se o resto da cortesia. Solte o vinho, ó bom Tosilos, a despeito e pesar de quantos encantadores haja nas Índias.

— Enfim — disse Dom Quixote —, tu és, Sancho, o maior glutão da terra e o maior ignorante do mundo, pois não te persuades de que este correio é encantado e este Tosilos falsificado. Fica-te com ele e farta-te; irei adiante, devagar, esperando que chegues.

Riu-se o lacaio, desembainhou sua cabeça, desalforjou as fatias e, tirando um pãozinho, sentaram-se ele e Sancho sobre a verde relva. Em boa paz e companhia destroçaram e deram cabo de todo o mantimento dos alforjes, com tão bom alento que até lamberam o maço das cartas, só porque cheirava a queijo. Disse Tosilos a Sancho:

— Sem dúvida, este teu amo, Sancho amigo, deve ser um louco.

— Como, deve? — respondeu Sancho. — Não deve nada a ninguém. Tudo paga, principalmente quando a moeda é a loucura. Bem o vejo e bem o digo a ele, mas de que aproveita? Ainda mais agora, que vai louco rematado, porque foi vencido pelo Cavaleiro da Branca Lua.

Rogou Tosilos lhe contasse o que havia sucedido, mas Sancho respondeu ser descortesia deixar o amo a esperá-lo. Outro dia, se se encontrassem, haveria lugar para isso. E, levantando-se, depois de haver sacudido o saio e as migalhas das barbas, puxou o ruço. Disse a Tosilos adeus, deixou-o e alcançou seu amo, que à sombra de uma árvore o esperava.

# CAPÍTULO LXVII

## *Da resolução que adotou Dom Quixote de fazer-se pastor e seguir a vida campestre, enquanto decorresse o ano de sua promessa, com outros sucessos em verdade gostosos e bons*

Se muitos pensamentos afadigavam Dom Quixote antes de ser derribado, muitos mais o fatigaram depois de caído. À sombra da árvore estava, como se disse, e ali lhe acudiam e picavam reflexões, como moscas ao mel. Umas iam ao desencanto de Dulcineia, outras à vida que teria de levar em seu forçado retiro. Chegou Sancho e louvou-lhe a liberal condição do lacaio Tosilos.

— É possível — disse-lhe Dom Quixote — que ainda, ó Sancho, penses ser aquele um lacaio verdadeiro? Parece que te saiu da mente haver visto Dulcineia convertida e transformada em lavradora, e o Cavaleiro dos Espelhos no bacharel Carrasco, obra toda dos encantadores que me perseguem. Mas dize-me agora: perguntaste a este Tosilos, de quem falas, que fez Deus de Altisidora? Chorou minha ausência, ou deixou já nas mãos do olvido os enamorados pensamentos que em minha presença a afadigavam?

— Os que eu tinha não eram tais — respondeu Sancho — que me dessem lugar a perguntar tolices. Pobre de mim! Meu senhor, está vosmecê agora em termos de inquirir pensamentos alheios, especialmente amorosos?

— Olha, Sancho — tornou Dom Quixote —, muita diferença há entre as obras que se fazem por amor e as feitas por agradecimento. Bem pode um cavaleiro não ter amor, mas não pode, falando com todo o rigor, deixar de ser agradecido. Parece que Altisidora me quis bem. Deu-me as três toucas que sabes, chorou em minha partida. Maldisse-me, vituperou-me, queixou-se, a despeito da vergonha, publicamente, sinais todos de que me adorava, pois as iras dos amantes soem acabar em maldições. Não tive esperanças para lhe dar, nem tesouros para lhe oferecer, porque minhas esperanças entreguei-as a Dulcineia e os tesouros dos cavaleiros andantes são, como os dos duendes, aparentes e falsos.[1] Só lhe posso dar estas recordações que tenho dela, porém sem prejuízo das que tenho de Dulcineia, a quem agravas com tua remissão em açoitar-te e em castigar essas carnes, que veja eu comidas de lobos e querem guardar-se antes para os vermes que para remédio daquela pobre senhora.

— Senhor — replicou Sancho —, para dizer a verdade, não me posso persuadir de que os açoites em minhas nádegas tenham algo a ver com os desencantamentos dos encantados, pois é como se disséssemos: "Se vos dói a cabeça, untai os joelhos." Pelo menos, ousarei jurar que vosmecê, em quantas histórias tem lido que tratam da cavalaria andante, nunca viu alguém desencantado por açoites. Mas, pelo sim, pelo não, aplicá-los-ei em mim, quando tiver vontade e o tempo me dê comodidade para castigar-me.

— Deus o queira — respondeu Dom Quixote — e os céus te deem graças para que caias na conta e na obrigação, que tens, de ajudar a minha senhora, que tua é, sendo tu meu.

Nestas práticas iam seguindo caminho, quando chegaram ao mesmo sítio e lugar em que haviam sido atropelados pelos touros. Reconheceu-o Dom Quixote e disse a Sancho:

— Este é o prado em que encontramos as bizarras pastoras e galhardos pastores que nele queriam renovar e imitar a pastoril Arcádia, pensamento tão novo como discreto. À imitação deles, se te parece bem, ó Sancho, quereria que nos convertêssemos em pastores, pelo menos durante o tempo que tenho de passar em recolhimento. Comprarei algumas ovelhas e todas as demais coisas ao pastoril exercício necessárias e, chamando-me eu o *pastor Quixotiz* e tu o *pastor Pancino,* andaremos pelos montes, pelas selvas e pelos prados, cantando aqui, dizendo endechas ali, bebendo dos líquidos cristais das fontes, ou dos claros arroios, ou dos caudalosos rios. Dar-nos-ão de seu dulcíssimo fruto, com mão abundantíssima, os carvalhos; teremos assento nos troncos dos duríssimos sobreiros; oferecer-nos-ão sombra os salgueiros, perfume as rosas, alfombras de mil matizadas cores os amplos prados, alento o ar claro e puro, luz a lua e as estrelas apesar da escuridão da noite, gosto o canto, alegria o choro, Apolo versos, o amor conceitos, e com isso poderemos tornar-nos eternos e famosos, não só nos séculos presentes, como nos vindouros.

— Por Deus — observou Sancho — que tal gênero de vida me quadra e mesmo me esquina. Tanto mais que, nem bem o terão visto, o bacharel Sansão Carrasco e mestre Nicolau, o barbeiro, hão de querê-lo seguir e fazer-se pastores conosco. E queira mesmo Deus não venha vontade ao cura de entrar também no aprisco, alegre e amigo de folgar como é.

— Disseste muito bem — tornou Dom Quixote. — Poderá chamar-se o bacharel Sansão Carrasco, se entrar no grêmio pastoril (como sem dúvida entrará), o *pastor Sansonino*, ou então o *pastor Carrascão*. O barbeiro Nicolau poderá chamar-se *Miculoso*, como já o antigo Boscão se chamou *Nemoroso*.[2] Ao cura, não sei que nome lhe ponhamos, se não for algum derivado de seu mister chamando o *pastor Curiambro*. As pastoras de que devemos ser enamorados, como entre peras podemos escolher seus nomes.[3] E como o de minha senhora quadra tanto para pastora como para princesa, não há para que cansar-me em buscar outro que melhor lhe venha. Tu, Sancho, poderás pôr na tua o que quiseres.

— Não penso em pôr-lhe algum senão o de *Teresona* — respondeu Sancho —, pois ficará muito bem com sua gordura[4] e com o próprio que tem, já que se chama Teresa. Ainda mais que, celebrando-a eu em meus versos, venho revelar meus castos desejos, pois não ando a buscar pão melhor que de trigo[5] pelas casas alheias. Para dar bom exemplo, não ficará bem que o cura tenha pastoras. Se o bacharel quiser ter uma, sua alma, sua palma.

— Valha-me Deus! — exclamou Dom Quixote. — Que vida iremos levar, Sancho! Que charamelas hão de chegar a nossos ouvidos, que gaitas de Zamora, tamborins, guizos e arrabis! E que não será se entre essas diversas músicas ressoar a dos alboques? Ali se verão quase todos os instrumentos pastoris.

— Que são alboques? — perguntou Sancho. — Nunca os ouvi nomear nem os vi em toda a minha vida.

— Alboques são umas placas à maneira de castiçais de latão — esclareceu Dom Quixote — que, batendo uma na outra pelo vazio e oco, produzem um som que, se não muito agradável e harmonioso, não descontenta e calha bem à rusticidade da gaita e do tamborim. Este nome de alboques é mourisco, como o são todos aqueles que em nossa língua começam com *al,* a saber: *almofada*, *almoçar*, *alfombra*, *alguazil*, *alfazema*, *almoxarife*, *alcancia*, e outros semelhantes, que devem ser poucos mais.[6] E apenas três nomes mouriscos tem nossa língua que acabam em *i*, que são: *borzequi*, *zaquizami* e *maravedi*. *Alheli* e *alfaqui*, tanto pelo *al* primeiro, como pelo *i* em que acabam, são conhecidos como árabes. Isto te disse, de passagem, por mo haver trazido à memória a ocasião de haver citado *alboques.* Há de ajudar-nos muito para aperfeiçoar este exercício o ser eu um tanto poeta, como sabes, e o sê-lo também em extremo o bacharel Sansão Carrasco. Do cura nada digo, mas apostarei como deve ter suas pontas e colares de poeta. De que os tenha também mestre Nicolau não duvido, pois a maioria dos barbeiros, ou todos, são guitarristas e cantadores de coplas. Tu te louvarás de firme enamorado; queixar-me-ei eu de ausência; o pastor Carrascão, de desdenhado; o cura Curiambro, do que melhor lhe sirva, e assim a coisa andará como melhor não se possa desejar.

A isso respondeu Sancho:

— Eu, senhor, sou tão desgraçado que temo não chegar o dia em que em tal exercício me veja. Oh! Que polidas colheres terei de fazer quando pastor me veja. Que migas, que natas, que grinaldas e que ninharias pastoris, as quais, embora não me granjeiem fama de discreto, não deixarão de granjear-me a de engenhoso! Sanchica, minha filha, nos levará comida ao aprisco. Mas cuidado! Ela é de boa aparência e há pastores mais maliciosos do que simples. Não quereria eu que fosse colher lã e voltasse tosquiada. Tanto costumam andar os amores e os desejos ruins pelos campos como pelas cidades, nas choças pastoris como nos palácios reais. Tirada a causa, tira-se o pecado. O que os olhos não veem, o coração não sente. Mais vale "ganhar o mato" do que contar com o rogo de homens poderosos.[7]

— Não mais rifões, Sancho — atalhou Dom Quixote —, pois qualquer dos que disseste basta para dar a entender teu pensamento, e muitas vezes te aconselhei que não sejas tão pródigo em brocardos e tenhas mão em dizê-los. Julgo, porém, que é pregar no deserto. Minha mãe a castigar-me e eu a fazer artes!

— Parece-me — replicou Sancho — ser vosmecê como aquilo que dizem: “Disse a panela à caçarola: sai para lá, enfumaçada!” Está-me repreendendo por dizer rifões e enfia-os vosmecê de dois a dois.

— Olha, Sancho — tornou Dom Quixote —, eu trago os rifões a propósito e vêm, quando os digo, como anel ao dedo. Tu, porém, os trazes tão pelos cabelos que os arrastas e não os guias. Se mal não lembro, já uma vez te disse que os rifões são sentenças breves, tiradas da experiência e especulação de nossos antigos sábios. O provérbio que não vem a calhar, antes é disparate que sentença. Deixemo-nos disto, contudo, e, como já vem a noite, retiremo-nos da estrada real um tanto, para esperar o dia. Amanhã, Deus sabe o que será.

Retiraram-se e cearam tarde e mal, bem contra a vontade de Sancho, a quem contrariavam as estreitezas da cavalaria andante usadas nas selvas e nos montes, embora às vezes a abundância se mostrasse nos castelos e casas, tanto de Dom Diogo de Miranda como nas bodas do rico Camacho e na residência de Dom Antônio Moreno. Considerava, todavia, não ser possível haver sempre dia ou sempre noite. Assim, passou aquela dormindo e seu amo velando.

# CAPÍTULO LXVIII

## *Da cerdosa aventura que aconteceu a Dom Quixote*

Era a noite algo escura, posto que a lua estivesse no céu, mas não em parte que pudesse ser vista. Às vezes a senhora Diana vai a passear pelos antípodas e deixa os montes negros e os vales escuros. Atendeu Dom Quixote à natureza, dormindo o primeiro sono, sem dar lugar ao sono que lhe durava da noite até a manhã, no que se mostravam sua boa compleição e seus poucos cuidados. Os de Dom Quixote o despertaram, de modo que acordou Sancho e lhe disse:

— Maravilhado estou, Sancho, da liberdade de tua condição. Imagino que és feito de mármore ou de duro bronze, em que não cabe movimento ou sentimento algum. Velo eu quando tu dormes; choro, quando cantas; desmaio de jejum, quando estás preguiçoso e desalentado de tão farto. Dos bons criados é participar das penas de seus amos e sentir seus sentimentos, ao menos por bem parecer. Olha a serenidade desta noite, a solidão em que estamos, e que nos convida a introduzir uma vigília em meio a nosso sono. Levanta-te, por tua vida, desvia-te um tanto daqui e, com bom ânimo e denodo agradecido, aplica-te trezentos ou quatrocentos açoites, em boa conta dos do desencanto de Dulcineia. Rogando, eu to suplico. Não quero ir contigo a braços, como da outra vez, pois sei que os tens pesados. Depois que te hajas açoitado, passaremos o restante da noite cantando, eu a minha ausência, tu a tua firmeza, dando desde agora início ao exercício pastoril que devemos ter em nossa aldeia.

— Senhor — respondeu Sancho —, não sou eu religioso para que em meio de meu sono me levante e me discipline, e muito menos me parece que do extremo da dor dos açoites se possa passar ao da música. Deixe-me vosmecê dormir e não me aperte quanto ao açoitar-me, que me fará prestar juramento de não tocar-me nunca no pelo do saio, quanto mais no de minhas carnes.

— Ó alma endurecida! Ó escudeiro sem piedade! Ó pão mal empregado e mercês mal consideradas as que te fiz e penso em fazer-te! Por mim te viste governador e por mim te vês com esperanças propínquas de ser conde, ou ter outro título equivalente. Não tardará o cumprimento delas mais do que tarde este ano em passar, pois eu *post tenebras spero lucem*.[1]

— Não entendo isso — replicou Sancho. — Só entendo que, enquanto durmo, não tenho temor, nem esperança, nem trabalho, nem glória. Bem haja quem inventou o sono, capa que cobre todos os humanos pensamentos, manjar que tira a fome, água que afugenta a sede, fogo que aquece o frio, frio que tempera o ardor e, em suma, moeda geral com que todas as coisas se compram, balança e peso que igualam o pastor ao rei e o simples ao discreto. Só uma coisa de mau tem o sono, segundo ouvi dizer, e é parecer-se com a morte, pois de um adormecido a um morto há mui pouca diferença.

— Nunca te ouvi falar, Sancho, tão elegantemente como agora — comentou Dom Quixote. — Por aí venho a conhecer ser verdade o rifão que algumas costumas dizer não com quem nasces, mas com quem pasces.

— Ora, aí está, senhor nosso amo! — tornou Sancho. — Não sou eu agora quem encaixa rifões, pois também a vosmecê lhe caem da boca de dois em dois, melhor que a mim. Apenas entre os meus e os seus deve haver esta diferença: os de vosmecê virão a tempo e os meus fora de hora. Com efeito, porém, são todos rifões.

Nisto estavam quando ouviram surdo estrondo e áspero ruído, que por todos aqueles vales se estendia. Pôs-se de pé Dom Quixote e levou a mão à espada. Sancho agachou-se embaixo do ruço, pondo dos lados o feixe das armas e a albarda do jumento, tão trêmulo de medo como alvoroçado Dom Quixote. De instante a instante ia crescendo o ruído e aproximando-se dos dois medrosos; pelo menos de um, que do outro se conhece a valentia. O caso é que uns homens levavam para vender na feira mais de seiscentos porcos, com os quais caminhavam àquela hora, e tal ruído faziam com seus grunhidos e bufos que ensurdeceram os ouvidos de Dom Quixote e de Sancho, sem que pudessem compreender o que seria. Chegou de tropel a extensa e grunhidora récua, e os porcos, sem respeito à autoridade de Dom Quixote, nem à de Sancho, passaram por cima dos dois, desfazendo as trincheiras de Sancho e derrubando não só Dom Quixote, como, por acréscimo, carregando Rocinante. O tropel, o grunhir e a presteza com que chegaram os animais imundos puseram em confusão e pelo solo a albarda, as armas, o ruço, Rocinante, Sancho, Dom Quixote. Levantou-se Sancho como melhor pôde e pediu a seu amo a espada, dizendo-lhe querer matar meia dúzia daqueles senhores e descomedidos porcos, pois já havia conhecido que o eram. Dom Quixote lhe disse:

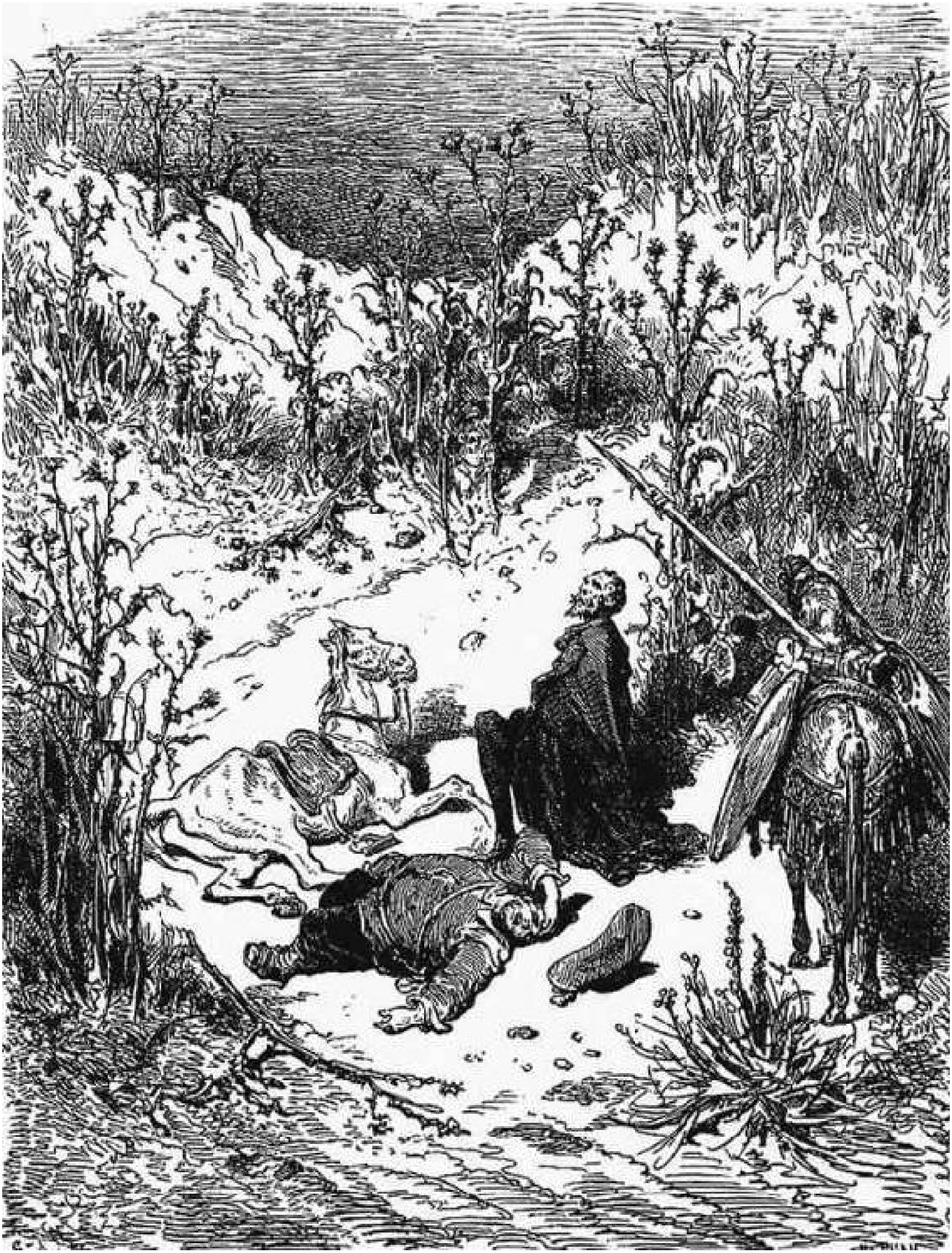
— Deixa-os estar, amigo. Esta afronta é pena de meu pecado, e justo castigo do céu é que a um cavaleiro andante vencido comam raposas,[2] piquem vespas e pisem porcos.

— Também deve ser castigo do céu — respondeu Sancho — que aos escudeiros dos cavaleiros andantes ferroem moscas, comam piolhos e ataque a fome. Se os escudeiros fôssemos filhos dos cavaleiros a que servimos, ou parentes seus muito próximos, não seria demais que nos alcançasse a pena de suas culpas, até a quarta geração. Mas que têm a ver os Panças com os Quixotes? Ora bem: tornemo-nos a acomodar e durmamos o pouco que resta da noite. Amanhecerá com Deus e medraremos.

— Dorme tu, Sancho — replicou Dom Quixote —, pois nasceste para dormir. Eu, que nasci para velar, no tempo que demore a chegar o dia darei rédeas aos meus pensamentos e desafogá-los-ei num madrigalete que, sem que tu o saibas, esta noite compus na memória.

— A mim me parece — tornou Sancho — que os pensamentos que dão vaza a fazer coplas não devem ser muitos. Faça vosmecê quantas coplas quiser, que eu dormirei quanto puder.

E logo, estendendo-se como quis no chão, encolheu-se depois e dormiu a sono solto, sem que fianças, dívidas ou dor alguma o estorvassem. Dom Quixote, arrimado ao tronco de uma faia, ou de um sobreiro (Cide Hamete não distingue que árvore era), ao som de seus próprios suspiros, cantou desta maneira:



*Amor, eu, quando penso*
*no mal que só me dás, terrível, forte,*
*busco, a correr, a morte,*
*pensando assim findar meu mal imenso;*
*porém, chegado ao passo*
*de meu porto, no mar desta agonia,*
*sinto tanta alegria*
*que a vida predomina e não o passo.*
*Eis que o viver me mata*
*e que a morte me torna a dar a vida.*
*Oh, sorte nunca ouvida,*
*a que entre morte e vida me maltrata!* [3]

Cada verso destes acompanhava com muitos suspiros e não poucas lágrimas, por estar de coração trespassado pela dor da derrota e pela ausência de Dulcineia.

Chegou com isto o dia, deu o sol com seus raios nos olhos de Sancho, despertou ele, espreguiçou-se e, estirando os entorpecidos membros, olhou o destroço que os porcos haviam feito em sua bagagem e maldisse a récua, com toda a veemência. Afinal, voltaram os dois a seu começado caminho e, ao declinar da tarde, viram que para eles vinham cerca de dez homens a cavalo e quatro ou cinco a pé. Sobressaltou-se o coração de Dom Quixote e desfaleceu o de Sancho, porque a gente que se aproximava trazia lanças e adagas e vinha em pé de guerra. Voltou-se Dom Quixote para Sancho e disse:

— Se eu pudesse, Sancho, exercitar minhas armas e minha promessa não me tivesse atado os braços, esta máquina que sobre nós vem tê-la-ia eu por tortas e pão doce. Mas poderia ser que fosse coisa diversa da que tememos.

Chegaram, nisto, os a cavalo e, enristando as lanças, sem dizer palavra alguma, rodearam a Dom Quixote e as puseram às suas costas e peito, ameaçando-o de morte. Um dos que iam a pé, de dedo posto à boca em sinal de que se calasse, pegou do freio de Rocinante e retirou-o do caminho. Os demais a pé seguraram o ruço e Sancho, guardando todos maravilhoso silêncio, e seguiram o passo do que conduzia Dom Quixote. Duas ou três vezes quis este perguntar aonde o levavam ou que lhe queriam. Apenas, porém, começava a mover os lábios, corriam a fechá-los com os ferros das lanças. A Sancho acontecia o mesmo, porque, mal dava mostras de falar, um dos que iam a pé o picava com um aguilhão, e da mesma forma ao ruço, como se falar quisera. Fechou-se a noite, apressaram o passo, cresceu nos dois presos o medo, e ainda mais quando ouviram que de vez em vez lhes diziam:

— Caminhai, trogloditas!

— Calai-vos, bárbaros!

— Pagai, antropófagos!

— Não vos queixeis, citas, nem abrais os olhos, Polifemos[4] matadores, leões carniceiros!

Com outros nomes semelhantes a estes atormentavam os ouvidos dos miseráveis amo e criado. Sancho ia dizendo consigo: "Nós somos *tragaditos*? Nós, *barbeiros* ou *outros prófugos*? Nós, *folhas fêmeas*?[5] Não me agradam nada estes nomes. Mau vento leve este bando. Todo o mal nos vem junto, como ao cão os paus. Oxalá parasse neles o que ameaça esta aventura tão desventurada!"

Ia Dom Quixote estuporado, sem poder atinar, por mais raciocínios que fizesse, com o significado daqueles nomes cheios de vitupérios que lhe lançavam. Deles só tirava a limpo não esperar bem algum e temer muito mal. Chegaram nisto, quase à uma hora da noite, a um castelo. Bem reconheceu Dom Quixote que era o do duque, onde não fazia muito haviam estado.

— Valha-me Deus! — exclamou, tão logo reconheceu o lugar. — Que será isto? Sim, nesta casa tudo é cortesia e bom comedimento; mas, para os vencidos, o bem se muda em mal e o mal em pior.

Entraram no pátio principal do castelo e viram-no adereçado e posto de maneira que lhes acrescentou a admiração e dobrou o medo, como se verá no capítulo seguinte.

# CAPÍTULO LXIX

## *Do mais raro e mais novo sucesso que em todo o decurso desta grande história ocorreu a Dom Quixote*

Apearam-se os que iam a cavalo e, juntamente com os a pé, tomando em peso e arrebatadamente a Sancho e a Dom Quixote, fizeram-nos entrar no pátio, ao redor do qual ardiam quase cem archotes, postos em seus brandões, havendo pelos corredores contíguos mais de quinhentas luminárias. Assim, apesar da noite, que se mostrava algo escura, não se deixava ver a falta do dia. No meio do pátio erguia-se um túmulo, a cerca de duas varas do solo, todo coberto por enorme dossel de veludo negro, em redor do qual, postas em degraus, ardiam velas de cera branca sobre mais de cem candelabros de prata. Em cima do túmulo via-se um cadáver de donzela tão formosa que com sua formosura fazia parecer bela a própria morte. Tinha a cabeça sobre uma almofada de brocado, coroada com uma grinalda tecida de diversas e perfumadas flores, as mãos cruzadas sobre o peito e entre elas um ramo de palma amarela e triunfadora.[1] Ao lado do pátio estava posto um tablado com duas cadeiras. Nelas se sentavam dois personagens que, por trazer nas cabeças coroas e cetros nas mãos, davam sinal de ser alguns reis, verdadeiros ou fingidos. Ao lado desse tablado, a que se subia por alguns degraus, estavam outras duas cadeiras, nas quais os que haviam trazido presos Dom Quixote e Sancho os sentaram, tudo isso em silêncio e dando-lhes a entender que também eles se calassem. Mesmo porém que não lhes fizessem sinais calar-se-iam eles, porque a admiração pelo que contemplavam lhes atava as línguas. Subiram então ao tablado, com grande acompanhamento, dois personagens principais, que logo foram reconhecidos por Dom Quixote, pois eram o duque e a duquesa, seus anfitriões. Sentaram-se em duas riquíssimas poltronas, junto aos dois que pareciam reis. Quem não se havia de admirar de tudo isso, se se acrescenta haver Dom Quixote reconhecido que o cadáver sobre o túmulo era o da formosa Altisidora? Ao subirem o duque e a duquesa ao tablado, levantaram-se Dom Quixote e Sancho e fizeram-lhes profunda reverência. Eles fizeram outra, inclinando um tanto as cabeças.

Nisto saiu, de través, um oficial e, chegando-se a Sancho, lançou-lhe um manto de bocaxim negro, todo pintado com chamas de fogo, e, tirando-lhe o gorro, pôs-lhe na cabeça uma carapuça, ao modo das que levam os condenados pelo Santo Ofício. Disse-lhe ao ouvido que não descosesse os lábios, do contrário lhe poriam mordaça ou lhe tirariam a vida. Olhava-se Sancho de cima a baixo. Via-se ardendo em chamas, mas, como não o queimavam, pouco se lhe dava. Tirou a carapuça: viu-a pintada de diabos.[2] Tornou a pô-la, dizendo consigo: "Ainda bem que nem elas me abrasam, nem eles me carregam."

Fitava-o também Dom Quixote e, embora o temor lhe trouxesse os sentidos em suspenso, não deixou de rir-se ao ver a figura de Sancho. Começou então a sair, ao que parece de sob o túmulo, um som brando e agradável de flautas, que, não sendo interrompido por qualquer humana voz, pois naquele sítio o próprio silêncio guardava silêncio a si mesmo, mostrava-se suave e amoroso. Logo surgiu de imprevisto junto à almofada do aparente cadáver um formoso mancebo vestido à romana, que ao som de uma harpa tocada por ele mesmo cantou, com suavíssima e clara voz, estas duas estrofes:

*Enquanto a si não volte Altisidora,*
*morta pelos desdéns de Dom Quixote,*
*e enquanto, nesta corte encantadora,*
*as damas se vestirem de picote*[3]
*e às aias ordenar minha senhora*
*trajes de luto e sarja, sem decote,*
*cantarei da beldade o fado tredo*
*com melhor plectro do que o trácio aedo.*[4]
*E por certo este ofício não me toca*
*desempenhar unicamente em vida,*
*mas, morta a língua, enregelada a boca,*
*penso elevar a voz a ti devida;*
*e a alma, livre dos fios da humana roca,*
*pela estígia laguna conduzida,*
*celebrando-te irá, com tal ruído,*
*que as águas deterá do eterno olvido.*[5]

— Não mais — disse neste ponto um dos que pareciam reis —, não mais, cantor divino. Seria um nunca acabar representar-nos agora a morte e as graças da sem-par Altisidora, não morta, como o mundo ignorante pensa, mas viva, nas línguas da Fama e na penitência que, para devolvê-la à perdida luz, irá sofrer Sancho Pança, aqui presente. Assim, ó tu, Radamanto, que comigo julgas[6] nas lôbregas cavernas de Plutão, pois sabes tudo aquilo que nos inescrutáveis fados está determinado acerca da volta a si desta donzela, dize-o e declara-o logo, para que se não demore o bem que com seu novo regresso esperamos.

Apenas dissera isto Minos, juiz e companheiro de Radamanto, levantou-se este e falou:

— Eia, ministros desta casa, altos e baixos, grandes e pequenos! Acudi uns atrás dos outros e selai o rosto de Sancho com vinte e quatro piparotes no nariz[7] e doze beliscões e seis alfinetadas nos braços e lombos. Desta cerimônia depende a salvação de Altisidora.

Ouvindo-o, rompeu Sancho Pança o silêncio e disse:

— Por Deus, que tanto deixarei que me selem o rosto ou me manuseiem a cara como me tornarei mouro! Ai de mim! Que tem que ver o manuseio de meu rosto com a ressurreição desta donzela? "O comer e o coçar...!"[8] Encantam a Dulcineia e açoitam-me para que se desencante. Morre Altisidora de males que Deus lhe quis dar e para a ressuscitar têm de dar-me vinte e quatro piparotes no nariz[9] e crivar-me o corpo de alfinetadas, arroxeando-me o braço com beliscões! Essas burlas, para outro! Sou cachorro velho e não vou a qualquer chamado!

— Morrerás! — exclamou em voz alta Radamanto. — Abranda-te, tigre; humilha-te, Nembrot[10] soberbo; sofre e cala-te, pois não te pedem impossíveis! Não te metas a averiguar as dificuldades deste negócio. Piparotes no nariz hás de sofrer,[11] alfinetado te hás de ver, beliscado hás de gemer! Eia, digo, ministros, cumpri meu mandamento! Se não, pela minha fé de homem de bem, haveis de ver para o que nascestes.

Viu-se, então, que pelo pátio vinham seis damas em procissão, uma atrás da outra, quatro de óculos e todas com as mãos direitas levantadas para o alto e quatro dedos de munheca de fora, a fim de fazer as mãos mais longas, como agora se usa. Nem bem as vira Sancho quando, bramando como um touro, disse:

— Bem poderei deixar que todos me manuseiem; consentir, porém, que damas me toquem, isso não! Gateiem-me o rosto, como fizeram a meu amo neste mesmo castelo. Traspassem-me o corpo com pontas de adagas rombudas. Atenazem-me os braços com tenazes de fogo. Eu o suportarei com paciência, ou servirei a estes senhores. Que me toquem damas, porém, não o consentirei, ainda que me carregue o diabo.

Rompeu também o silêncio Dom Quixote, dizendo a Sancho:

— Tem paciência, filho, e dá gosto a estes senhores e muitas graças ao céu por haver posto em tua pessoa tal virtude que, com o martírio dela, desencantas os encantados e ressuscitas os mortos.

Já estavam as damas perto de Sancho e ele, mais brando e mais persuadido, recostando-se bem na cadeira, ofereceu o rosto e a barba à primeira, que lhe deu um piparote no nariz muito bem dado[12] e fez em seguida grande reverência.

— Menos cortesias, menos cosméticos,[13] senhora dama — disse Sancho —, que, por Deus, trazeis as mãos cheirando a vinagrete.[14]

Em suma, todas as damas lhe selaram o rosto e muita outra gente da casa o beliscou. O que ele não pôde sofrer, porém, foi a punção dos alfinetes. Assim, levantou-se da cadeira, ao que parece amofinado, e, pegando de um archote aceso que junto dele estava, fez recuarem as damas e todos os seus verdugos, dizendo:

— Para fora, ministros infernais! Não sou eu de bronze para não sentir tão extraordinários martírios.

Nisto, Altisidora, que devia estar cansada de se achar por tanto tempo de boca para cima, virou-se de um lado. Visto isso pelos circunstantes, quase todos a uma voz exclamaram:

— Viva está Altisidora! Altisidora vive!

Radamanto mandou que Sancho depusesse sua ira, pois já se havia alcançado o pretendido intento.

Assim que Dom Quixote viu Altisidora mexer-se, foi pôr-se de joelhos diante de Sancho, dizendo-lhe:

— Agora é tempo, filho de minhas entranhas e não escudeiro meu, de te dares alguns dos açoites que estás obrigado a dar pelo desencanto de Dulcineia! Agora, digo, é tempo, porque estás com a virtude sazonada e com eficácia para operar o bem que de ti se espera!

A isso respondeu Sancho:

— Isto me parece disparate sobre disparate e não mel sobre pão. Bom seria que depois de beliscões, piparotes no nariz[15] e alfinetadas viessem agora os açoites! Não têm mais que fazer senão tomar uma grande pedra, atar-ma ao pescoço e dar comigo num poço, o que não me pesaria muito, se, para curar os males alheios, tenho eu de ser a vaca da boda.[16] Deixem-me; senão por Deus que farei um desaguisado.

Já então se havia sentado no túmulo Altisidora e no mesmo instante soaram as charamelas acompanhadas pelas flautas e pelas vozes de todos, que aclamavam:

— Viva Altisidora! Altisidora viva!

Levantaram-se os duques e os reis Minos e Radamanto e, todos juntos, com Dom Quixote e Sancho, foram receber Altisidora e descê-la do túmulo. Ela, mostrando-se vacilante, inclinou-se para os duques e os reis e, olhando de través a Dom Quixote, disse-lhe:

— Perdoe-te Deus, cavaleiro sem coração, pois por tua crueldade estive no outro mundo, ao que me parece, mais de mil anos. E a ti, ó escudeiro, que mais compassivo não há no mundo, agradeço-te a vida que possuo. Dispõe desde hoje, amigo Sancho, de seis camisas minhas, que te prometo, para que faças outras seis para ti; se não são todas novas, pelo menos são todas limpas.

Sancho beijou-lhe as mãos por isso, com a carapuça na mão e ajoelhado. Mandou o duque que lhe tirassem a carapuça e lhe devolvessem seu gorro, vestindo-lhe o saio e retirando-lhe a roupa das chamas. Suplicou Sancho que lhe deixassem a roupa e a carapuça, pois queria levá-las à sua terra, como sinal e memória daquele nunca visto sucesso. A duquesa concedeu ficasse com elas, pois já sabia ele quão grande amizade lhe tinha. Mandou o duque evacuar o pátio, recolhendo-se todos a seus aposentos, e levaram Dom Quixote e Sancho aos que eles já conheciam.

# CAPÍTULO LXX

## *Que se segue ao LXIX e trata de coisas não dispensáveis à clareza desta história*

Dormiu Sancho numa cama de rodas, aquela noite, no mesmo aposento de Dom Quixote, o que teria evitado, se pudesse, pois bem sabia que seu amo não o deixaria dormir, com perguntas e respostas. Não se achava com disposição de falar muito, porque tinha presentes as dores dos martírios passados, que não lhe deixavam a língua livre. Mais lhe agradaria dormir numa choça sozinho que naquele rico aposento acompanhado. Saiu-lhe o temor tão verdadeiro e a suspeita de tal modo certa que, mal se deitara, lhe disse o amo:

— Que achas, Sancho, do sucesso desta noite? Grande e poderosa é a força do desdém sem amor, pois por teus próprios olhos viste Altisidora morta, não por outras setas, outra espada ou outro instrumento bélico, nem por venenos mortíferos, mas pela consideração do rigor e do desdém com que sempre a tratei.

— Poderia ela ter morrido em boa hora — respondeu Sancho — quando quisesse e como quisesse, deixando-me a mim em minha casa, pois nem a namorei nem a desdenhei em toda a minha vida. Não sei nem posso pensar como seja que a saúde de Altisidora, donzela antes caprichosa que discreta, tenha que ver, como já disse, com os martírios de Sancho Pança. Agora venho a conhecer clara e distintamente que há encantadores e encantamentos no mundo, dos quais Deus me livre, pois não me sei livrar. E com tudo isto, suplico que vosmecê me deixe dormir e não me pergunte mais, se não quer que me atire da janela abaixo.

— Dorme, Sancho amigo — retrucou Dom Quixote —, se te deixam dormir as alfinetadas e beliscões recebidos e os piparotes no nariz aplicados.[1]

— Nenhuma dor foi maior que a afronta dos piparotes[2] — tornou Sancho —, não por doerem, mas por terem sido dados por damas, que o diabo leve. Torno a suplicar que me deixe vosmecê dormir, porque o sono alivia as misérias dos que as têm acordados.

— Assim seja — disse Dom Quixote —, e Deus te acompanhe.

Dormiram ambos e Cide Hamete, autor desta grande história, neste ponto quis escrever e dar conta do que levou os duques a fazerem a maquinação referida. Diz que o bacharel Sansão Carrasco não se havia esquecido de ter sido derrotado e derrubado por Dom Quixote, quando representava o Cavaleiro dos Espelhos, derrota e queda que apagaram e desfizeram todos os seus desígnios. Assim, quis fazer nova tentativa, esperando melhor sucesso que o anterior. Informando-se do pajem que levara a carta e o presente a Teresa Pança, mulher de Sancho, do lugar onde se achava Dom Quixote, buscou novas armas e cavalo, pôs no escudo a branca lua, levando tudo sobre um macho, guiado por outro lavrador que não Tomé Cecial, seu antigo escudeiro, para que Dom Quixote e Sancho não o reconhecessem, e chegou ao castelo do duque. Informou-o este do caminho e rota de Dom Quixote, que tencionava encontrar-se nas justas de Saragoça. Contou-lhe também as burlas que lhe havia feito, com a traça do desencantamento de Dulcineia, que deveria ser à custa das nádegas de Sancho. Finalmente, deu conta da burla que Sancho fizera a seu amo, dando-lhe a entender que Dulcineia estava encantada e transformada em lavradora, e de como a duquesa sua mulher havia dado a entender a Sancho que era ele o enganado, pois realmente estava encantada Dulcineia. Não pouco se riu e admirou o bacharel, considerando a agudeza e a simplicidade de Sancho e o extremo da loucura de Dom Quixote. Pediu-lhe o duque que, se o encontrasse, vencesse-o ou não, voltasse por ali a dar-lhe conta do sucedido. Assim fez o bacharel. Partiu à sua busca; não o encontrou em Saragoça; passou adiante e aconteceu o que já se narrou. Voltou ao castelo do duque e contou-lhe tudo, com as condições da batalha, que Dom Quixote, como bom cavaleiro andante, cumpriria, pois empenhara a palavra de retirar-se por um ano à sua aldeia. Nesse tempo, bem podia ser, disse o bacharel, que sarasse de sua loucura. Fora esta a intenção que o movera a disfarçar-se daquele modo, por ser lastimável que fosse louco um fidalgo de tão bom entendimento como era Dom Quixote. Com isto, despediu-se do duque e voltou a seu lugar, para esperar nele a Dom Quixote, que vinha atrás. Daí tirou ensejo o duque de fazer-lhe aquela burla, tanto gostava das coisas de Sancho e de Dom Quixote. Ocupando os caminhos próximos e distantes do castelo, por todas as partes por onde imaginou poderia passar de regresso Dom Quixote, com muitos criados seus, a pé e a cavalo, ordenou-lhes que, por vontade ou força o trouxessem ao castelo, se o achassem. Acharam-no, mandaram avisar o duque e este, já prevenido de tudo quanto queria fazer, tão logo teve notícia de sua chegada mandou acender os archotes e luminárias do pátio e pôr Altisidora sobre o túmulo, com todo o aparato que se contou, tão ao vivo e tão bem-feito que dele à verdade pouca diferença havia. Diz mais Cide Hamete que considera serem tão loucos os burladores como os burlados, e não distavam os duques dois dedos de parecer tolos, visto que tanto afinco punham em burlar-se de dois tolos. Estes, dormindo um a sono solto e velando o outro a pensamentos desatados, foram apanhados pelo dia e pela vontade de levantar-se, pois Dom Quixote, vencido ou vencedor, nunca se regalou com ociosas plumas.

Altisidora (na opinião de Dom Quixote devolvida da morte à vida), seguindo o humor de seus amos, coroada com a mesma grinalda que trouxera no túmulo e vestida com uma túnica de tafetá branco semeada de flores de ouro, com os cabelos soltos sobre as espáduas, arrimada a um báculo de negro e finíssimo ébano, entrou no aposento de Dom Quixote. Perturbado ele e confuso com a sua presença, encolheu-se e cobriu-se quase todo com os lençóis e colchas da cama, de língua emudecida, sem acertar em fazer-lhe cortesia alguma. Sentou-se Altisidora numa cadeira, junto à sua cabeceira, e, depois de haver dado grande suspiro, com voz terna e enfraquecida disse:

— Quanto as mulheres principais e as recatadas donzelas atropelam a honra e dão licença à língua para irromper pelos inconvenientes, dando em público notícia dos segredos que seu coração encerra, em estreitos termos se acham. Eu, senhor Dom Quixote de la Mancha, sou uma destas, angustiada, vencida e enamorada, mas, apesar disso, resignada e honesta. Tanto que, por tanto o ser, rompeu-se minha alma por meu silêncio e perdi a vida. Dois dias faz que, em consequência do rigor com que me tens tratado,

*ó mais duro que o mármore aos meus ais,*[3]

empedernido cavaleiro! Estive morta, ou pelo menos como tal julgada pelos que me viram. E se não fora porque o Amor, condoendo-se de mim, depositou meu remédio nos martírios deste bom escudeiro, lá ficaria eu no outro mundo.

— Bem poderia o Amor — observou Sancho — depositá-los nos de meu asno, que eu lhe agradeceria. Mas diga-me, senhora, e assim o céu a acomode com outro enamorado mais brando que meu amo, diga-me: que viu no outro mundo? Que há no inferno? Sim, porque quem morre desesperado, por força há de ter esse paradeiro.

— Para dizer verdade — respondeu Altisidora —, não devi morrer de todo, pois não entrei no inferno; se lá entrasse, certamente dele não poderia sair, ainda que o quisesse. A verdade é que cheguei à porta, onde estavam jogando a pela uma dúzia de diabos, todos de calças e gibão e mantos à valona guarnecidos de bicos de rendas flamengas e dobras idênticas que lhes serviam de punhos, com quatro dedos de braço de fora, para que as mãos parecessem mais longas. Nelas traziam uns paus de fogo; e o que mais me admirou foi servirem-se, em vez de pelas, de livros, ao que parece cheios de vento e borra, coisa maravilhosa e nova. Isto, porém, não me admirou tanto como ver que, sendo natural dos jogadores alegrarem-se os que ganham e entristecer-se os que perdem, ali naquele jogo todos grunhiam, todos resmungavam e todos se maldiziam.

— Isto não é de maravilhar — ponderou Sancho —, pois os diabos, joguem ou não, nunca podem estar contentes, ganhem ou não ganhem.

— Assim deve ser — tornou Altisidora. — Mas há outra coisa que também me admira (quero dizer, que então me admirou), e foi que ao primeiro boléu não ficava pelota em pé, nem de proveito para servir outra vez. Assim, amiudavam-se livros novos e velhos que era uma maravilha. A um deles, novo, flamante e bem encadernado, deram-lhe tal piparote que lhe arrancaram as folhas e lhe espalharam as tripas. Disse um diabo a outro: “Vede que livro é esse.” O outro diabo respondeu: “Esta é a segunda parte da história de Dom Quixote de la Mancha, não composta por Cide Hamete, seu autor, mas por um aragonês que diz ser natural de Tordesilhas.” E disse o outro diabo: “Tirai-mo daí e metei-o nas profundezas dos infernos, para que, meus olhos não mais o vejam.” “É tão ruim?” perguntou o outro. “Tão mau”, respondeu o primeiro, “que, se eu mesmo de propósito tentasse fazê-lo pior, não o conseguiria.” Prosseguiram seu jogo, servindo de pela outros livros, e eu, por haver ouvido falar em Dom Quixote, a quem tanto quero e estimo, procurei que esta visão me ficasse na memória.

— Visão devia ser, sem dúvida — ponderou Dom Quixote —, porque não há outro eu no mundo e já essa história anda por cá, de mão em mão, mas não fica em nenhuma, porque todos lhe dão com o pé. Não me alterei ouvindo dizer que ando como corpo fantástico pelas trevas do abismo, nem pelas claridades da terra, porque não sou aquele de quem essa história trata. Se ela for boa, fiel e verdadeira, terá séculos de vida; se, porém, for má, de seu parto à sepultura não será mui extenso o caminho.

Ia Altisidora prosseguir queixando-se de Dom Quixote, quando este lhe disse:

— Muitas vezes vos falei, senhora, que a mim me pesa haverdes colocado em mim vossos pensamentos, pois dos meus antes podem ser agradecidos que remediados. Nasci para ser de Dulcineia del Toboso, e os fados (se os há) a ela me dedicaram. Pensar que outra alguma formosura ocupará seu lugar em minha alma é pensar o impossível. Suficiente desengano é este para que vos retireis nos limites de vossa honestidade, pois ao impossível ninguém se pode obrigar.

Ouvindo isso, mostrou-se Altisidora aborrecida e alterada, dizendo:

— Viva Deus, dom bacalhau, alma de pilão, caroço de tâmara, mais teimoso e duro que vilão rogado quando está com vantagem; se vos acometo, tenho de arrancar-vos os olhos! Pensais porventura, dom vencido e dom moído a pauladas, que morri por vossa causa? Tudo o que vistes esta noite foi fingido. Não sou mulher que me deixe doer uma ponta de unha por semelhantes camelos, quanto mais morrer por eles!

— Isso creio muito bem — respondeu Sancho. — Isso de os enamorados morrerem é coisa para rir. Bem o podem dizer; mas fazê-lo, Judas que o creia.

Estando nestas práticas, entrou o músico, cantor e poeta que havia cantado as duas já referidas estrofes e, fazendo grande reverência a Dom Quixote, disse:

— Conte-me Vossa Mercê, senhor cavaleiro, e tenha-me no número de seus maiores servidores, pois muitos dias há que lhe sou afeiçoado, tanto por sua fama como por suas façanhas. Dom Quixote lhe respondeu:

— Diga-me Vossa Mercê quem é, para que minha cortesia corresponda a seus méritos.

O jovem informou que era o músico e panegirista da noite anterior.

— Por certo — tornou Dom Quixote — tem Vossa Mercê apurada voz. O que cantou, porém, não me pareceu muito a propósito, porque, que têm a ver as estrofes de Garcilaso com a morte desta senhora?

— Não se admire Vossa Mercê disso — replicou o músico. — Entre os intensos poetas de nosso tempo já se usa escrever cada qual como quiser e furtar de quem quiser, venha ou não a pelo de seu intento. Já não há necessidade que cantem ou escrevam que não se atribua à licença poética.

Responder quisera Dom Quixote, mas estorvaram-no o duque e a duquesa, que entraram para vê-lo, mantendo longa e doce prática. Disse Sancho tantos donaires e malícias que deixaram os duques novamente admirados, tanto de sua simplicidade como de sua agudeza. Suplicou-lhes Dom Quixote que lhe desses licença para partir naquele mesmo dia, pois aos cavaleiros vencidos como ele mais convinha habitar uma pocilga do que palácios reais. Deram-lha de boa vontade e a duquesa perguntou se permanecia em sua graça Altisidora.

— Senhora minha — respondeu Dom Quixote —, saiba Vossa Senhoria que todo o mal desta donzela nasce da ociosidade, cujo remédio é a ocupação honesta e contínua. Ela me disse aqui que se usam rendas no inferno. Como as deve saber fazer, não lhe deixe as mãos sem elas. Ocupadas em menear os bilros, não se meneará em sua imaginação a imagem, ou imagens, do que bem quer. Esta é a verdade, e este o meu parecer e meu conselho.

— Também o meu — aduziu Sancho. — Nunca vi, em toda a minha vida, rendeira que por amor haja morrido. As donzelas ocupadas põem mais os pensamentos em acabar suas tarefas do que em pensar nos amores. Por mim o digo, pois, enquanto estou cavando, não me lembro de minha patroa, quero dizer, de minha Teresa Pança, a quem quero mais do que às pestanas dos olhos.

— Falais muito bem, Sancho — disse a duquesa. — Farei com que a minha Altisidora se ocupe daqui por diante em alguns bordados, que sabe fazer esplendidamente.

— Não há motivo, senhora — atalhou Altisidora —, para usar deste remédio, pois a consideração das crueldades que teve para comigo este malandrim mostrengo mo apagarão[4] da memória, sem outro artifício algum. Com licença de Vossa Grandeza, quero retirar-me daqui, para não ver diante dos olhos, já não sua triste figura, mas sua feia e abominável catadura.

— Isso me parece — observou o duque — o que se costuma dizer:

> *Aquele que diz injúrias perto está de perdoar.*[5]

Altisidora fez menção de limpar as lágrimas com um lenço e, fazendo uma reverência a seus amos, saiu do aposento.

— Mando-te eu — disse Sancho — pobre donzela, mando-te, digo, má ventura, pois vieste a dar com uma alma de cardo e um coração de roble. Palavra que, se desses comigo, outros galos te cantariam!

Acabou-se a prática, vestiu-se Dom Quixote, comeu com os duques e naquela tarde partiu.

# CAPÍTULO LXXI

## *Do que sucedeu a Dom Quixote e a seu escudeiro Sancho, no caminho de sua aldeia*

Ia o vencido e atribulado Dom Quixote demasiado pensativo por uma parte e muito alegre por outra. Causava-lhe tristeza sua derrota; e alegria, o considerar a virtude de Sancho, demonstrada na ressurreição de Altisidora, embora somente com algum escrúpulo se persuadisse de que a enamorada donzela estivera realmente morta. Não ia nada alegre Sancho, porque o entristecia ver que Altisidora não cumprira a promessa de dar-lhe as camisas. Ruminando isto, disse a seu amo:

— Em verdade, senhor, sou o mais desgraçado médico que se deve achar no mundo, no qual há físicos que, matando o enfermo que curam, querem ser pagos de seu trabalho, que não passa de assinar uma receita de alguns remédios, não feitos por eles, mas pelo boticário, e o resto que leve a breca. A mim custa a saúde alheia gotas de sangue, piparotes, beliscões, alfinetadas e açoites, e não me dão real. Pois juro que, se me trazem às mãos outro enfermo, antes que o cure hão de untá-las. O abade onde canta janta. Não quero crer que me haja o céu dado a virtude que tenho para que eu a comunique a outros de graça.

— Tens razão, Sancho amigo — respondeu Dom Quixote —, e muito mal agiu Altisidora não te dando as camisas prometidas. E embora tua virtude seja *gratis data*,[1] pois não te custou estudo algum, mais que estudo é receber martírios em tua pessoa. De mim te sei dizer que, se quisesses paga pelos açoites do desencanto de Dulcineia, já ta houvera dado, e da boa. Mas não sei se a cura virá bem com a paga e não queria que o prêmio estorvasse a medicina. Apesar de tudo, parece-me que nada se perderá em experimentá-lo. Olha, Sancho, o que queres, e açoite-te logo, pagando-te à vista e de tua própria mão, pois tens dinheiro meu.

A esses oferecimentos abriu Sancho os olhos e as orelhas um palmo e em seu coração consentiu de boa vontade em açoitar-se, dizendo ao amo:

— Bem, senhor, quero dispor-me a dar prazer a vosmecê no que deseja, com proveito meu. O amor a meus filhos e minha mulher faz com que me mostre interessado. Diga-me vosmecê quanto me dará por açoite que eu em mim aplicar.

— Se te houvesse de pagar, Sancho — replicou Dom Quixote —, de conformidade com o que merece a grandeza e qualidade deste remédio, o tesouro de Veneza e as minas de Potosí seriam poucos para pagá-lo. Verifica o dinheiro meu que levas e dá o preço de cada açoite.

— Eles — explicou Sancho — são três mil e trezentos e tantos. Dei-me cinco, restam os demais. Entrem entre[2] os tantos estes cinco e cheguemos aos três mil e trezentos. A um quarto de real cada um (não aceitarei menos, ainda que o mundo inteiro mo mandasse) montam a três mil e trezentos quartilhos. Os três mil fazem mil e quinhentos meios reais, que fazem setecentos e cinquenta reais. E os trezentos fazem cento e cinquenta meios reais, que vêm a fazer setenta e cinco reais. Juntando-se estes aos setecentos e cinquenta, dão ao todo oitocentos e vinte e cinco reais. Desfalcarei eu estes dos que de vosmecê tenho e entrarei em minha casa rico e contente, embora bem açoitado. Porque não se pescam trutas...[3] e mais não digo.

— Ó Sancho abençoado! Ó Sancho amável! — exclamou Dom Quixote. — Quão obrigados te havemos de ficar Dulcineia e eu a servir-te todos os dias que nos der o céu de vida! Se ela voltar a seu perdido estado (pois não pode deixar de voltar), sua desdita terá sido minha dita e minha derrota felicíssimo triunfo. Olha, Sancho, quando queres começar a disciplina; para que a abrevies, acrescento cem reais.

— Quando? — replicou Sancho. — Esta noite, sem falta. Procure vosmecê que a passemos no campo, a céu aberto, que eu me abrirei as carnes.

Chegou a noite, esperada por Dom Quixote com a maior ânsia do mundo, parecendo-lhe que as rodas do carro de Apolo se haviam quebrado e que o dia se espichava mais do que de hábito. Assim acontece aos enamorados, que jamais fazem a conta justa de seus desejos. Afinal, entraram em meio a amenas árvores que pouco desviadas se achavam do caminho e lá, deixando vazias a sela e a albarda de Rocinante e do ruço, estenderam-se sobre a verde erva e cearam dos mantimentos de Sancho. Este, fazendo do cabresto e da cabeçada do ruço um poderoso e flexível açoite, retirou-se a vinte passos de seu amo entre umas faias. Dom Quixote, vendo-o ir com denodo e com brio, disse-lhe:

— Olha, amigo, não te faças em pedaços. Dá espaço a que uns açoites aguardem os outros. Não te apresses tanto a carreira que em meio dela te falte o alento. Quero dizer, não te surres com tal dureza que te falte a vida antes de chegares ao número desejado. Para que não percas por carta de mais ou de menos,[4] estarei de parte contando por este meu corsário os açoites que te deres. Favoreça-te o céu conforme a boa intenção merece.

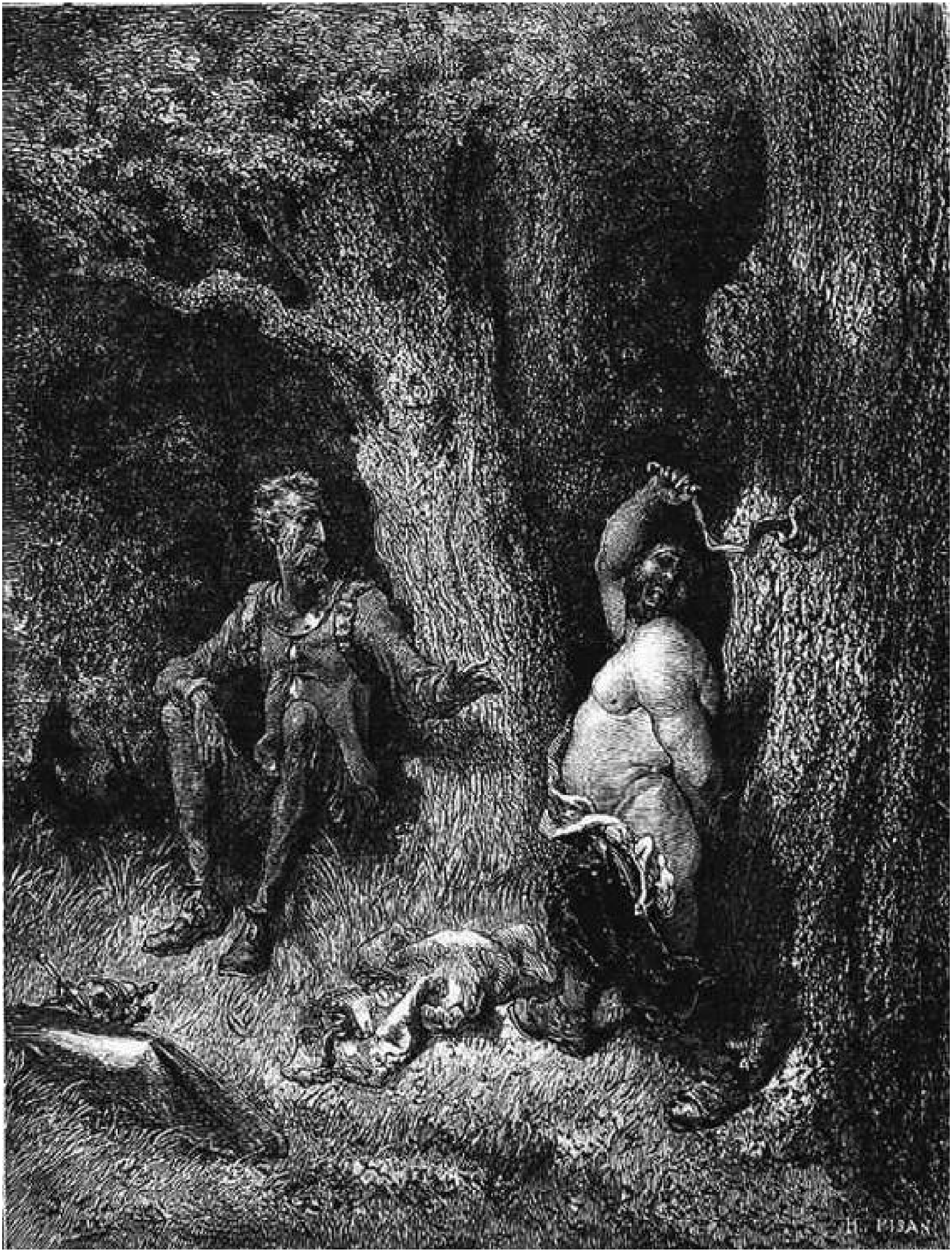
— O bom pagador não receia dar penhor — respondeu Sancho. — Penso açoitar-me de maneira que, sem matar-me, me doa. Nisto deve consistir a substância de tal milagre. Despiu-se logo, de meio corpo para cima, e, manejando a corda, começou a bater-se e principiou Dom Quixote a contar os açoites. Já seis ou oito se havia dado Sancho quando lhe pareceu ser pesada a burla e mui baixo o preço dela. Detendo-se um pouco, disse a seu amo que fora enganado, pois cada açoite daqueles merecia ser pago a meio real e não a um quarto.

— Prossegue, Sancho amigo, e não desanimes — disse Dom Quixote. — Dobro a parada do preço.

— Desse modo — tornou Sancho —, à mão de Deus e chovam açoites.

O socarrão, porém, deixou de dá-los nas costas e passou a dá-los nas árvores, soltando de quando em quando suspiros que parecia, a cada um deles, arrancar-se-lhe a alma. A de Dom Quixote enterneceu-se. Temeroso de que se lhe acabasse a vida e não conseguisse seu desejo pela imprudência de Sancho, disse-lhe:

— Por tua vida, amigo, fique neste ponto este negócio. Parece-me muito áspera esta medicina e será bom dar tempo ao tempo. Não se ganhou Zamora em uma hora.[5] Mais de mil açoites, se mal não contei, já te deste. Bastam, por agora. Falando grosseiramente, o asno suporta a carga, mas não a sobrecarga.


H. PISAN

— Não, não, senhor — retrucou Sancho. — Não se há de dizer por mim: "A dinheiro pagado,[6] braço quebrado." Afaste-se vosmecê outro tanto e deixe-me dar pelo menos mais mil açoites. Com duas tundas destas teremos acabado esta partida e ainda nos ficará pano.

— Pois se te achas com tão boa disposição — disse Dom Quixote —, ajude-te o céu e bate-te, que me afasto.

Voltou Sancho à sua tarefa com tanto denodo que já havia cortado as cascas de muitas árvores, tal o rigor com que se açoitava. E alçando uma vez a voz e dando desaforado açoite numa faia, bradou:

— Aqui morrerá Sansão e quantos com ele estão![7]

Acorreu Dom Quixote logo ao som da lastimosa voz e do golpe do rigoroso açoite e, agarrando o torcido cabresto que a Sancho servia de chicote, disse-lhe:

— Não permita a sorte, Sancho amigo, que por me dar prazer percas a vida, que há de servir para sustentares tua mulher e teus filhos. Espere Dulcineia melhor conjuntura. Conter-me-ei nos limites da esperança propínqua e esperarei que recobres novas forças, para que este negócio se conclua a contento de todos.

— Se vosmecê, meu senhor, assim o quer — respondeu Sancho —, em boa hora seja. Lance-me seu manto sobre estas espáduas, que estou suando e não desejo resfriar-me. Os novos disciplinantes correm este perigo.

Assim fez Dom Quixote e, ficando em camisa, abrigou Sancho, o qual dormiu até que o sol o despertou. Logo voltaram a prosseguir seu caminho, a que deram fim, por então, num lugar que a três léguas dali se achava. Apearam numa estalagem, que como tal a reconheceu Dom Quixote, e não como castelo de fosso profundo, torres, ameias e ponte levadiça. Depois que o venceram, com mais juízo sobre todas as coisas discorria, como agora se dirá. Alojaram-no numa sala baixa, a que serviam de guadamecil umas telas velhas pintadas, como se usam nas aldeias. Numa delas estava pintada por mão péssima o roubo de Helena, quando o atrevido hóspede a levou de Menelau. Na outra estava a história de Dido e de Eneias; ela, sobre alta torre, como que fazia sinais com meio lençol ao fugitivo hóspede, que, pelo mar, sobre uma fragata ou bergantim, ia fugindo. Notou Sancho nas duas histórias que Helena não ia de muito má vontade, porque se ria à socapa e maliciosamente; mas a formosa Dido mostrava verter lágrimas do tamanho de nozes. Vendo isso, disse Dom Quixote:

— Desditosíssimas foram estas duas senhoras por não haverem nascido em nossos tempos, e eu sobre todos desditoso porque não nasci no delas. Encontraria aqueles senhores e Troia não seria abrasada nem Cartago destruída, pois bastar-me-ia matar a Páris para evitar tantas desgraças.

— Apostarei — falou Sancho — que antes de muito tempo não haverá bodega, venda, estalagem ou tenda de barbeiro em que não ande pintada a história de nossas façanhas. Mas gostaria eu de que as pintassem mãos de melhor pintor do que o autor destas.

— Tens razão, Sancho — tornou Dom Quixote. — Este pintor é como Orbaneja, um pintor que havia em Úbeda, o qual, quando lhe perguntavam o que pintava, respondia: "O que sair." Se porventura pintava um galo, escrevia por baixo "Isto é um galo", para que não pensassem que era raposa. Desta espécie me parece, Sancho, que deve ser o pintor ou escritor, pois tudo é a mesma coisa, que trouxe à luz a história deste novo Dom Quixote que saiu, pintando ou escrevendo o que saísse. Ou terá sido como um poeta que anos passados andava na corte, chamado Mauleão, o qual respondia sem pensar a quanto lhe perguntavam. E, perguntando-lhe alguém o que queria dizer *Deum de Deo*,[8] respondeu: "Dê onde der." Mas, deixando isto de parte, dize-me se pensas, Sancho, dar-te outra tunda esta noite, e se queres que seja debaixo de teto ou a céu aberto.

— Por Deus, senhor — ponderou Sancho —, para o que penso dar-me, tanto se me dá em casa como no campo. Apesar disso, gostaria de que fosse entre árvores, pois parece que me acompanham e me ajudam a suportar meu trabalho maravilhosamente.

— Pois não há de ser assim, Sancho amigo — replicou Dom Quixote. — Mas, para que tomes força, guardemos isso para nossa aldeia, pois, ao mais tardar, lá chegaremos depois de amanhã.

Sancho respondeu que se fizesse como ele preferisse, mas gostaria de concluir aquele negócio com brevidade, a sangue quente e enquanto estava disposto a isso, porque na tardança muitas vezes sói estar o perigo. A Deus rogando e com o malho dando. Mais vale um "toma" que dois "te darei" e mais um pássaro na mão que dois voando.

— Chega de rifões, Sancho, pelo amor de Deus — atalhou Dom Quixote. — Parece que retornas ao *sicut erat*.[9] Fala chãmente, lisamente, sem complicações e verás, como muitas vezes te disse, que te sai um pão por cem.

— Não sei que má ventura é esta minha — retrucou Sancho — de não poder dizer razão sem rifão, nem rifão que não me pareça razão. Emendar-me-ei, porém, se puder.

E com isto cessou, por então, sua prática.

# CAPÍTULO LXXII

## *De como Dom Quixote e Sancho chegaram à sua aldeia*

Todo aquele dia, esperando a noite, estiveram naquele lugar e estalagem Dom Quixote e Sancho, um para acabar, em campo raso, a tunda de sua disciplina, o outro para ver o fim dela, em que consistia o de seu desejo. Nisto, chegou à estalagem um caminhante a cavalo, com três ou quatro criados, um dos quais disse ao que o amo deles parecia:

— Aqui pode vosmecê, senhor Dom Álvaro Tarfe, passar hoje a sesta. A hospedaria parece limpa e fresca.

Ouvindo isto Dom Quixote, disse a Sancho:

— Olha, Sancho: quando folheei aquele livro da segunda parte de minha história, parece-me que de passagem topei com este nome de Dom Álvaro Tarfe.[1]

— Bem poderá ser — respondeu Sancho. — Deixemo-lo apear e depois lhe perguntaremos.

Apeou-se o cavaleiro, e, em frente ao aposento de Dom Quixote, a hospedeira deu-lhe uma sala baixa, adornada com outras telas pintadas como as que se viam naquele. Pôs-se o recém-vindo cavaleiro à frescata e, saindo à varanda da hospedaria, que era espaçosa e fresca e pela qual passeava Dom Quixote, perguntou-lhe:

— Para onde vai Vossa Mercê, senhor fidalgo?

Dom Quixote informou:

— Para uma aldeia muito próxima daqui, de onde sou natural. E Vossa Mercê, para onde se dirige?

— Eu, senhor — tornou o cavaleiro —, vou para Granada, que é minha pátria.

— E boa pátria! — exclamou Dom Quixote. — Mas diga-me Vossa Mercê por cortesia seu nome, porque me parece que me há de importar sabê-lo mais do que boamente poderei dizer.

— Meu nome é Dom Álvaro Tarfe — esclareceu o hóspede.

A isso replicou Dom Quixote:

— Sem dúvida alguma, penso que Vossa Mercê deve ser aquele Dom Álvaro Tarfe que anda impresso na segunda parte da *História do Dom Quixote de la Mancha*, recém-impressa e dada à luz do mundo por um autor moderno.

— Sou esse mesmo — afirmou o cavaleiro. — E o tal Dom Quixote, personagem principal da tal história, foi um grande amigo meu, e fui eu quem o tirou de sua terra, ou, pelo menos, o incitei a vir a umas justas que se faziam em Saragoça, para onde eu ia. E verdade que lhe fiz muitos favores e evitei que o verdugo lhe espancasse as costas por ser muito atrevido.

— Diga-me Vossa Mercê, senhor Dom Álvaro: pareço-me em algo com esse tal Dom Quixote de que Vossa Mercê fala?

— Não, por certo — disse o cavaleiro. — De modo algum.

— E esse Dom Quixote — indagou o nosso — levava consigo um escudeiro chamado Sancho Pança?

— Sim, levava — respondeu Dom Álvaro. — E embora tivesse fama de ser muito gracioso, nunca lhe ouvi dizer graça que a tivesse.

— Isso creio eu muito bem — interveio neste ponto Sancho —, pois o dizer graças não é para todos. Esse Sancho de que vosmecê fala, senhor fidalgo, deve ser algum grandíssimo velhaco, insosso e também ladrão. O verdadeiro Sancho Pança sou eu e tenho graças como chuva. Se não, faça vosmecê a experiência e ande atrás de mim, pelo menos um ano, e verá que me caem a cada passo, tais e tantas que, sem saber eu a maior parte das vezes o que digo, faço rir quantos me escutam. E o verdadeiro Dom Quixote, o famoso, o valente e discreto, o enamorado, o desfazedor de agravos, o tutor de pupilos e órfãos, o amparo das viúvas, o matador das donzelas,[2] o que tem por única senhora a sem-par Dulcineia del Toboso, é este senhor que está presente, que é meu amo. Todo e qualquer outro Dom Quixote, ou outro Sancho Pança, é burla e coisa de sonho.

— Por Deus que o creio — respondeu Dom Álvaro —, porque mais graças haveis dito, amigo, em quatro frases que falastes, do que o outro Sancho Pança em quantas o ouvi falar, e foram muitas. Tinha mais de comilão que de bem-falante e mais de tolo que de gracioso. Creio, sem dúvida, que os encantadores que perseguem Dom Quixote, o bom, quiseram perseguir-me com Dom Quixote, o mau. Não sei, porém, que me diga: ousarei jurar que o deixo metido na casa do Núncio,[3] em Toledo, para que o curem, e agora aparece-me aqui outro Dom Quixote, embora bem diferente do meu.

— Eu — ponderou Dom Quixote — não sei se sou bom; mas sei dizer que não sou o mau. Para prova disso, quero que Vossa Mercê, meu senhor Dom Álvaro Tarfe, saiba que em dia algum de minha vida estive em Saragoça. Antes, por me haverem dito que esse Dom Quixote fantástico se havia achado nas justas dessa cidade, não quis entrar nela, para expor à cara do mundo sua mentira. Assim, passei de largo e fui para Barcelona, arquivo da cortesia, abrigo dos estrangeiros, hospital dos pobres, pátria dos valentes, vingança dos ofendidos e correspondência grata de firmes amizades, única em sítio e beleza. E embora os sucessos que lá me ocorreram não sejam de muito prazer, mas de muito pesar, suporto-os sem pesar só por havê-la visto. Em suma, senhor Dom Álvaro Tarfe, sou eu aquele Dom Quixote de la Mancha de quem fala a fama, e não esse desventurado que quis usurpar meu nome e honrar-se com meus pensamentos. A Vossa Mercê suplico, pelo que deve a ser cavaleiro, seja servido de fazer uma declaração, perante o alcaide deste lugar, de que Vossa Mercê não me viu em todos os dias de sua vida e de que não sou eu o Dom Quixote impresso na tal segunda parte, nem este Sancho Pança meu escudeiro é aquele que Vossa Mercê conheceu.

— Isso farei de muita boa vontade — respondeu Dom Álvaro Tarfe —, embora cause admiração ver dois Dom Quixotes e dois Sanchos ao mesmo tempo, tão conformes nos nomes e tão diversos nas ações. Volto a dizer e afirmo não ter visto o que vi nem ter passado pelo que passei.

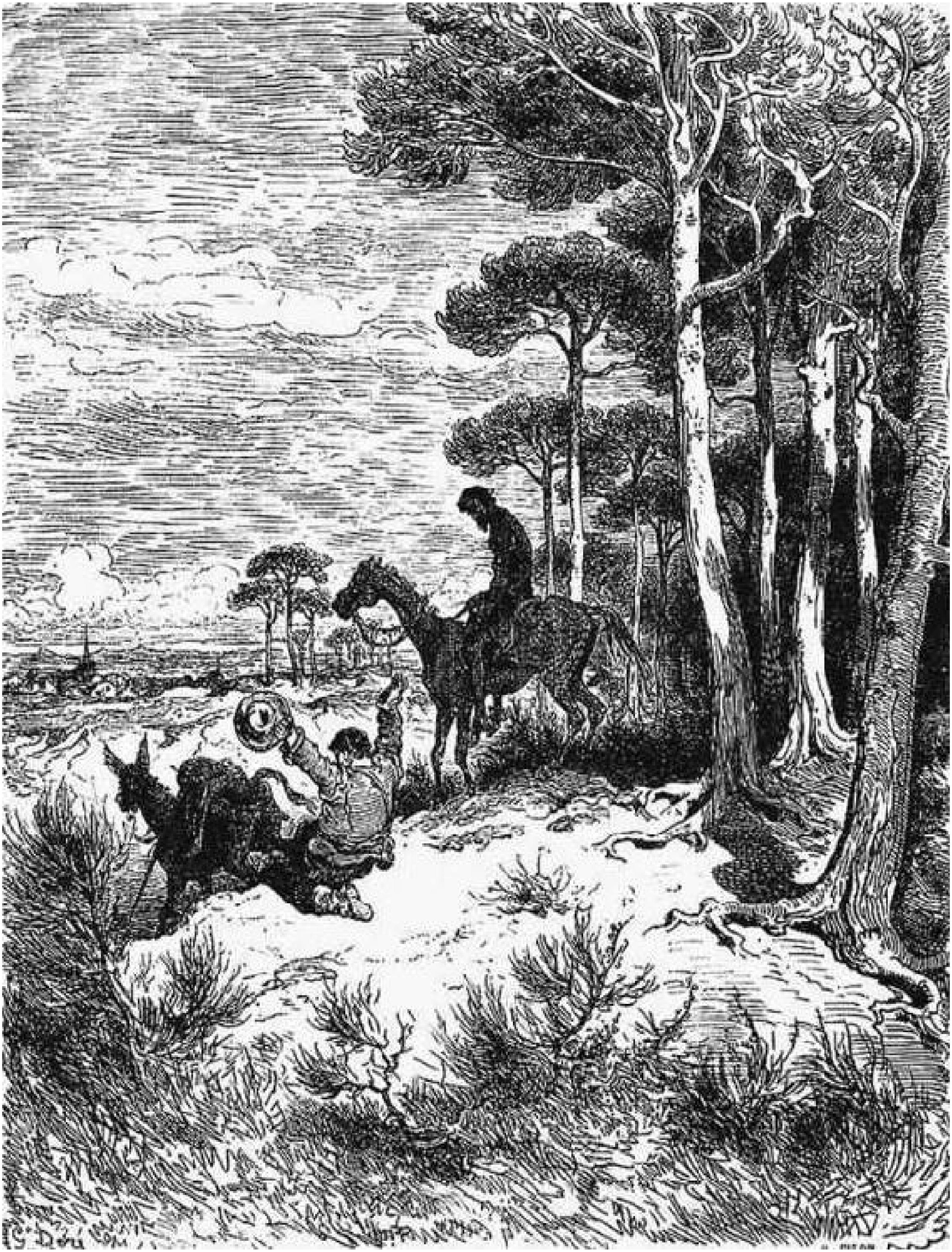
— Sem dúvida — disse Sancho — vosmecê deve estar encantado, como minha senhora Dulcineia del Toboso; e prouvesse ao céu que estivesse o desencanto de vosmecê em dar-me outros três mil e tantos açoites, como por ela me dou. Dá-los-ia sem interesse algum.

— Não entendo isso de açoites — replicou Dom Álvaro.

Sancho respondeu que era longo de contar, mas lhe contaria se fossem por acaso pelo mesmo caminho. Chegou nisto a hora da refeição. Comeram juntos Dom Quixote e Dom Álvaro. Entrou por acaso o alcaide da aldeia na estalagem, com um escrivão. A esse alcaide fez Dom Quixote uma petição de que a seu direito convinha que Dom Álvaro Tarfe, o cavaleiro ali presente, declarasse ante Sua Mercê que não conhecia Dom Quixote de la Mancha, igualmente ali presente, e que não era ele aquele que andava impresso numa história intitulada *Segunda Parte de Dom Quixote de la Mancha*, composta por um tal de Avellaneda, natural de Tordesilhas. Afinal, o alcaide tomou as providências jurídicas, fez-se a declaração com todas as formalidades que em tais casos se requerem, e com isso ficaram Dom Quixote e Sancho muito alegres, como se tal declaração fosse muito importante e não bastassem suas ações e palavras para deixar clara a diferença entre os dois Sanchos e os dois Dom Quixotes. Muitas cortesias e muitos oferecimentos se fizeram Dom Álvaro e Dom Quixote, nos quais demonstrou o grande manchego sua discrição, de modo que desenganou Dom Álvaro Tarfe do erro em que estivera. E deu-se mesmo a entender que devia estar encantado, pois tocava com a mão em dois Quixotes tão contrários.

Chegou a tarde e partiram daquele lugar. A obra de meia légua, apartavam-se dois caminhos diferentes: um, que conduzia à aldeia de Dom Quixote; o outro, por onde devia seguir Dom Álvaro. Neste pouco espaço contou-lhe Dom Quixote a desgraça de sua derrota e o encantamento e remédio de Dulcineia, o que tudo encheu Dom Álvaro de nova admiração. Abraçando Dom Quixote e Sancho, seguiu ele seu caminho, indo os outros pelo deles. Aquela noite, passou-a Dom Quixote entre outras árvores, para dar ensejo a que Sancho cumprisse sua penitência. Cumpriu-a ele da mesma forma que na noite anterior, à custa das cascas das faias, muito mais do que de suas costas. Estas, resguardou-as tanto que os açoites não lhes espantariam uma mosca, ainda que a tivessem em cima. Não perdeu o enganado Dom Quixote um só golpe da conta, e achou que com os da noite passada somavam 3029. Parece que o sol madrugou para ver o sacrifício, e à sua luz voltaram a prosseguir caminho, conversando sobre o engano de Dom Álvaro e quão ajuizado fora tomar sua declaração perante a justiça, com tanta autenticidade.

Aquele dia e aquela noite caminharam sem suceder-lhes coisa digna de contar-se. Apenas, nela deu cabo Sancho de sua tarefa, com o que ficou Dom Quixote sobremaneira satisfeito. Esperava o dia, para ver se na estrada topava com a já desencantada Dulcineia, sua senhora. Seguindo seu caminho, mulher não encontrava que não fosse ver se era Dulcineia del Toboso, tendo como infalível não poderem mentir as promessas de Merlim. Com estes pensamentos e desejos subiram uma encosta, da qual avistaram sua aldeia. Vendo-a, Sancho ajoelhou-se no chão e exclamou:


G. Doré

— Abre os olhos, desejada pátria, e olha que a ti volta Sancho Pança, teu filho, se não muito rico, pelo menos bem açoitado. Abre os braços e recebe também teu filho Dom Quixote, que, se vem vencido por braços alheios, vem vencedor de si mesmo; pois, segundo ele me disse, é a maior vitória que se possa desejar. Dinheiros trago, porque, se bons açoites me davam, bem montado eu ia.[4]

— Deixa-te dessas sandices — disse Dom Quixote. — Vamos com pé direito entrar em nossa terra, onde daremos vazão a nossas imaginações e à traça que na pastoril vida pensamos exercitar.

Com isto, desceram a encosta e dirigiram-se para sua aldeia.

# CAPÍTULO LXXIII

## *Dos agouros que teve Dom Quixote ao entrar em sua aldeia, com outros sucessos que adornam e dão crédito a esta grande história*

À entrada da aldeia, segundo diz Cide Hamete, viu Dom Quixote que nas eiras do lugar estavam brigando dois meninos, e um disse ao outro:

— Não te canses, Periquito, porque não a hás de ver em todos os dias de tua vida.

— Não notaste, amigo, o que aquele menino disse: "Não a hás de ver em todos os dias de tua vida"?

— Pois bem — ponderou Sancho. — Que importa que o haja dito esse menino?

— Quê? — replicou Dom Quixote. — Não vês tu que, aplicando aquela palavra à minha intenção, quer significar que não verei mais a Dulcineia?

Queria Sancho responder-lhe, quando foi impedido por ver que pelo campo vinha fugindo uma lebre perseguida por muitos galgos e caçadores. Temerosa, veio ela a recolher-se e a abrigar-se aos pés do ruço. Colheu-a Sancho a salvo e apresentou-a a Dom Quixote, que estava dizendo:

— *Malum signum*! *Malsim signum*![1] Lebre foge, galgos a seguem. Dulcineia não aparece!

— Estranho é vosmecê — observou Sancho. — Façamos de conta que esta lebre é Dulcineia del Toboso e estes galgos que a perseguem são os malandrins encantadores que a transformaram em lavradora. Ela foge, recolho-a eu e a ponho em poder de vosmecê, que a tem em seus braços e a regala. Que mau sinal é este, ou que mau agouro pode tirar daí?

Os dois meninos da pendência chegaram-se para ver a lebre e a um deles perguntou Sancho por que brigavam. Foi-lhe respondido, pelo que havia dito "não a verás mais em toda a tua vida", que ele havia tomado ao outro uma gaiola com grilos e não pensava em devolvê-la durante sua vida inteira. Tirou Sancho quatro moedas do bolso, deu-as ao menino pela gaiola e, pondo-a nas mãos de Dom Quixote, disse:

— Eis aqui, senhor, rompidos e desbaratados todos esses agouros, que tanto têm a ver com os nossos sucessos, segundo imagino, embora tolo, quanto as nuvens de antanho. Se não me lembro mal, ouvi o cura de nossa terra dizer que não é de pessoas cristãs nem discretas dar atenção a essas ninharias. E vosmecê mesmo o disse em dias passados, dando-me a entender que tolos eram todos aqueles cristãos que olhavam a agouros. Mas não é mister fazer finca-pé nisto. Passemos adiante e entremos em nossa aldeia.

Chegaram os caçadores, pediram sua lebre e deu-a Dom Quixote. Passaram avante e, à entrada do lugar, encontraram, num campo, rezando, o cura e o bacharel Carrasco. Deve-se saber que Sancho Pança colocara sobre o ruço e o feixe das armas, para que servisse de reposteiro, a túnica de bocaxim pintada de chamas de fogo que lhe haviam vestido no castelo do duque, na noite em que voltou a si Altisidora. Acomodou-lhe também na cabeça a carapuça, e foi esta a mais nova transformação e adorno com que jamais se viu jumento no mundo.

Foram logo ambos reconhecidos pelo cura e pelo bacharel, que a eles correram de braços abertos. Apeou-se Dom Quixote e abraçou-os apertadamente. Os meninos, que são linces inevitáveis, divisaram a carapuça do jumento e acudiram a vê-lo, dizendo uns aos outros:

— Vinde, meninos, e vereis o asno de Sancho Pança mais galante do que Mingo, e a cavalgadura de Dom Quixote mais fraca hoje que no primeiro dia.

Finalmente, rodeados de meninos e acompanhados pelo cura e o bacharel, entraram na aldeia e foram para a casa de Dom Quixote. À porta encontraram a ama e a sobrinha, a quem já haviam chegado as novas de sua vinda. Nem mais nem menos as haviam também dado a Teresa Pança, mulher de Sancho, a qual, desgrenhada e meio desnuda, puxando pela mão Sanchica, sua filha, correu a ver seu marido. E, não o vendo tão bem adereçado como pensava devia estar um governador, disse-lhe:

— Como vindes assim, marido meu, que chegais a pé e derreado, e mais trazeis aspecto de desgovernado que de governador?

— Cala-te, Teresa — respondeu Sancho. — Muitas vezes, onde há espetos não há toicinhos.[2] Vamos para nossa casa, que lá ouvirás maravilhas. Dinheiro trago, e é o que importa, ganho por minha indústria e sem dano de ninguém.

— Trazei dinheiro — disse Teresa —, meu bom marido, e seja ganho por aqui ou por ali; como quer que o ganhásseis, não tereis feito usança nova no mundo.

Abraçou Sanchica a seu pai e perguntou-lhe se lhe trazia algo, pois o estava esperando como à água de maio. Agarrando-o por um lado do cinto, e sua mulher pela mão, puxando a filha o ruço, foram para casa, deixando Dom Quixote na dele, em poder da sobrinha e da ama e em companhia do cura e do bacharel.

Dom Quixote, sem guardar tempo nem hora, naquele mesmo instante se fechou a sós com o bacharel e o cura e em breves razões lhes contou sua derrota e a obrigação que havia assumido de não sair da aldeia durante um ano, a qual pensava cumprir ao pé da letra, sem infringi-la num átomo, como cavaleiro andante obrigado pela pontualidade e ordem da andante cavalaria. Tinha pensado em fazer-se naquele ano pastor e entreter-se na solidão dos campos, onde a rédeas soltas podia dar vazão a seus amorosos pensamentos, exercitando-se na pastoral e virtuoso exercício. Suplicava-lhes, se não tinham muito que fazer e não estavam impedidos por negócios mais importantes, quisessem ser seus companheiros. Compraria ovelhas e gado suficiente para dar-lhes nome de pastores. Fazia-lhes saber que o mais importante daquele negócio estava feito, porque lhes tinha posto nomes que vinham como de molde. Disse-lhe o cura que os dissesse. Respondeu Dom Quixote que ele se havia de chamar o pastor *Quixotiz*; o bacharel, o pastor *Carrascão*; o cura, o pastor *Curiambro*; e Sancho Pança, o pastor *Pancino*. Pasmaram-se todos de ver a nova loucura de Dom Quixote, mas, para que não partisse outra vez da aldeia à busca de cavalarias, confiando em que naquele ano poderia ser curado, concordaram com sua nova intenção e aprovaram como discreta sua loucura, oferecendo-se como companheiros em seu exercício.

— Além do mais — observou Sansão Carrasco —, como todo o mundo já sabe, sou celebérrimo poeta e a cada passo comporei versos pastoris ou cortesãos, como mais me vier a calhar, para que nos entretenhamos por esses andurriais em que deveremos andar. O que mais é mister, senhores meus, é cada um escolher o nome da pastora que pensa celebrar em seus versos, e não deixemos árvore, por dura que seja, em que não fixemos e gravemos seu nome, como é uso e costume dos enamorados pastores.

— Isso vem a talho de foice — respondeu Dom Quixote —, embora eu esteja livre de buscar nome de pastora fingida, pois está aí a sem-par Dulcineia del Toboso glória destas ribeiras, adorno destes prados, sustento da formosura, nata dos donaires e, em suma, assunto sobre que pode assentar bem todo louvor, por hiperbólico que seja.

— Esta é a verdade — disse o cura. — Nós, porém, buscaremos por aí pastoras maneiras,[3] que, se não nos quadrarem, nos esquinem. A isso aduziu Sansão Carrasco:

— E, quando faltem, dar-lhes-emos os nomes das estampadas e impressas, de que está cheio o mundo: Fílidas, Amarílis, Dianas, Fléridas, Galateias e Belisardas. Já que as vendem nas praças, bem as podemos comprar nós e tê-las por nossas. Se minha dama, ou, melhor dito, minha pastora, porventura se chamar Ana, celebrá-la-ei sob o nome de *Anarda*; se Francisca, chamá-la-ei eu *Francênia*; se Lúcia, *Lucinda*; e o mais por aí. E Sancho Pança, se tiver de entrar nesta confraria, poderá celebrar sua mulher Teresa Pança com o nome de *Teresaina.*

Riu-se Dom Quixote da aplicação do nome e o cura louvou-lhe infinitamente a honesta e honrada resolução, oferecendo-se de novo a fazer-lhe companhia, durante todo o tempo que vagasse de atender a suas forçadas obrigações. Com isto, despediram-se dele e rogaram e aconselharam que tivesse cuidado com a saúde e com regalar-se do que fosse bom.

Quis a sorte que a sobrinha e a ama ouvissem a prática dos três. Assim que se foram o cura e o bacharel, entraram elas onde estava Dom Quixote e a sobrinha lhe disse:

— Que é isto, senhor tio? Agora, que nós pensávamos que vosmecê voltava a recolher-se à sua casa, para passar nela vida quieta e honrada, quer meter-se em novos labirintos fazendo-se *pastorico que te vens,*

*pastorico que te vais?*

Pois em verdade já está dura a cana para flautas.[4]

A isso acrescentou a ama:

— E poderá vosmecê suportar no campo as sestas de verão, os serenos de inverno, o uivar dos lobos? Não, por certo. Este é exercício e ofício de homens robustos, curtidos e criados para tal ministério, quase desde as fraldas e mantinhas. Ainda, mal por mal, melhor é ser cavaleiro andante que pastor. Olhe, senhor, tome meu conselho, que não o dou por estar farta de pão e vinho, mas em jejum e sobre cinquenta anos de idade que tenho: fique em sua casa, cuide de sua fazenda, confesse-se amiúde, favoreça aos pobres e pague minha alma, se mal lhe for.

— Calai-vos, filhas — respondeu Dom Quixote. — Bem sei o que me cumpre fazer. Levai-me ao leito, pois me parece que não estou bem. Tende por certo que, ou seja cavaleiro andante, ou pastor por andar, não deixarei de acudir sempre àquilo de que houverdes mister, como vereis pelos fatos.

E as boas filhas (que sem dúvida o eram a ama e a sobrinha) levaram-no para a cama, onde lhe deram de comer e o regalaram como foi possível.

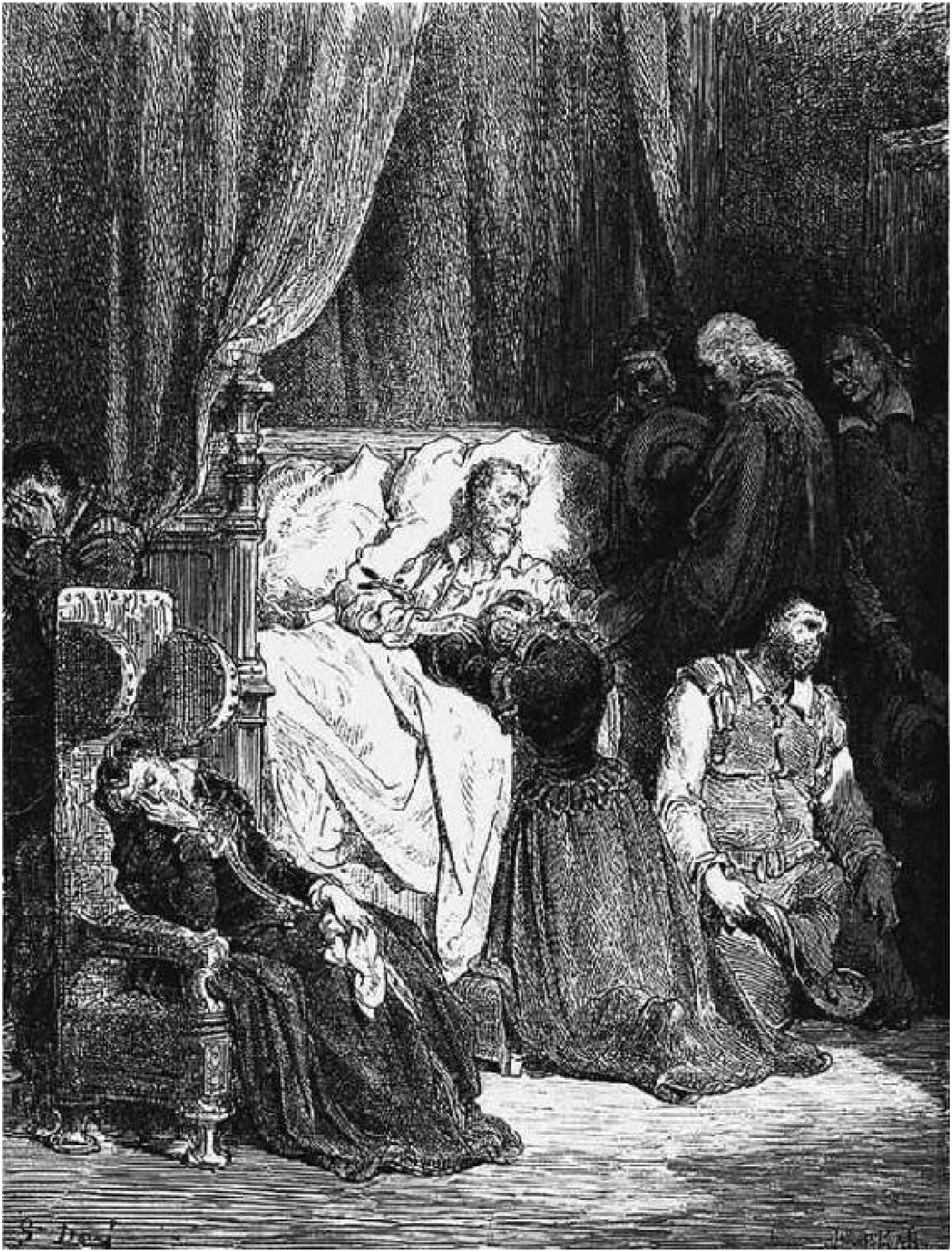
# CAPÍTULO LXXIV

## *Como Dom Quixote caiu doente, do testamento que fez e de sua morte*

Como as coisas humanas não são eternas, indo sempre em declinação, de seu princípio até chegar ao derradeiro fim, especialmente a vida dos homens, e como a de Dom Quixote não tivesse privilégio do céu para deter o curso de seu declínio, chegou-lhe o fim e acabamento quando menos pensava. Fosse pela melancolia que lhe causava o ver-se vencido, ou por disposição divina que assim o ordenava, sobreveio-lhe uma febre que seis dias o teve na cama. Durante eles foi visitado muitas vezes pelo cura, o bacharel e o barbeiro, seus amigos, sem sair-lhe da cabeceira Sancho Pança, seu bom escudeiro. Crendo eles que o pesar pela derrota e por não ver cumprido seu desejo da libertação e desencantamento de Dulcineia o tinham daquela forma, por todas as vias possíveis procuravam alegrá-lo. Dizia-lhe o bacharel que se animasse e levantasse, para começar seu pastoril exercício, para o qual já tinha composta uma écloga de fazer inveja a quantas Sannazaro[1] compusera. Comprara também, com seu próprio dinheiro, dois cães famosos para guardar o gado, um chamado Barcino e outro, Butrão, que lhe havia vendido um pastor de Quintanar. Nem por isso, porém, deixava Dom Quixote suas tristezas.

Chamaram seus amigos o médico, que lhe tomou o pulso e não ficou muito contente. Disse que, pelo sim, pelo não, acudisse à saúde da alma, pois a do corpo corria perigo. Ouviu-o Dom Quixote com ânimo sossegado, mas não o ouviram assim a ama, a sobrinha e o escudeiro, os quais começaram a chorar, ternamente, como se já morto o tivessem diante de si. Foi parecer do médico que melancolias e dissabores davam cabo dele. Rogou Dom Quixote que o deixassem só, pois queria dormir um pouco. Fizeram assim, e dormiu de uma estirada, como se diz, mais de seis horas, tanto que a ama e a sobrinha julgaram não voltaria do sono. Despertou ao cabo do referido tempo e, em alta voz, disse:

— Bendito seja o poderoso Deus, que tanto bem me fez! Afinal, suas misericórdias não têm limite, nem as abreviam ou impedem os pecados dos homens.



Esteve atenta a sobrinha às razões do tio e pareceram-lhe mais concertadas do que as habitualmente ditas por ele, pelo menos naquela enfermidade. Perguntou-lhe:

— Que diz vosmecê, senhor? Temos algo de novo? Que misericórdias são estas, ou que pecados dos homens?

— As misericórdias, sobrinha — respondeu Dom Quixote —, são as de que neste instante usou Deus para comigo, as quais, como disse, não as impedem meus pecados. Tenho juízo já, livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância que sobre ele me puseram minhas amargas e contínuas leituras dos detestáveis livros de cavalarias. Já lhes conheço os disparates e engodos, e só me pesa que este desengano chegasse tão tarde, sem me dar tempo para fazer alguma compensação, lendo outros que sejam luz da alma. Sinto-me, sobrinha, a ponto de morrer. Quereria fazê-lo de tal modo que desse a entender não haver sido minha vida tão má que deixasse fama de louco. Embora o tenha sido, não quereria confirmar esta verdade em minha morte. Chama-me, amiga, meus bons amigos o cura, o bacharel Sansão Carrasco e mestre Nicolau, o barbeiro. Quero confessar-me e fazer meu testamento.

Deste trabalho, porém, escusou-se a sobrinha, com a entrada dos três. Apenas os viu, disse-lhes Dom Quixote:

— Dai-me alvíssaras, bons senhores, pois já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas Alonso Quijano, que por meus costumes recebi o apelido de *Bom*. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e de toda a infindável caterva de sua linhagem. Já me são odiosas todas as histórias profanas da cavalaria andante. Já conheço minha nescidade e o perigo em que me puseram, por havê-las lido. Já, por misericórdia de Deus, escarmentado na própria cabeça, as abomino.

Quando isto lhe ouviram dizer os três, creram, sem dúvida, que alguma nova loucura o havia tomado. E Sansão lhe disse:

— Agora, senhor Dom Quixote, que temos novas de estar desencantada a senhora Dulcineia, sai Vossa Mercê com isso? E agora, que estamos tão a pique de ser pastores, para passar a vida cantando, como uns príncipes, quer Vossa Mercê fazer-se ermitão? Cale-se por sua vida, volte a si e deixe-se de contos.

— Os contos que até aqui — replicou Dom Quixote — têm sido verdadeiros em meu dano, há de torná-los minha morte, com ajuda do céu, em meu proveito. Eu, senhores, sinto que vou morrendo a toda pressa. Deixem as burlas de parte e tragam-me um confessor que me confesse e um escrivão que faça meu testamento. Em transes tais como este, não se há de burlar um homem com sua alma. Assim, suplico que, enquanto o senhor cura me confessa, vão buscar o escrivão.

Fitaram-se uns aos outros, admirados das razões de Dom Quixote e, embora ainda duvidosos, quiseram crê-lo. Um dos sinais por que conjeturaram que morria foi ter se tornado com tanta facilidade de louco em ajuizado, porque às ditas palavras muitas outras aduziu, tão bem ditas, tão cristãs e com tanto concerto, que de todo lhes veio isso tirar a dúvida e fazer crer que estava com siso.

Mandou o cura que todos saíssem, ficou sozinho com ele e confessou-o. O bacharel foi buscar o escrivão e daí a pouco voltou com ele e com Sancho Pança. Este, que já sabia por boca do bacharel do estado de seu amo, achando a ama e a sobrinha a chorar, começou a fazer beiço e a derramar lágrimas. Acabou-se a confissão e saiu o cura, dizendo:

— Em verdade morre, e em verdade está ajuizado Alonso Quijano, o Bom. Bem podemos entrar para que faça seu testamento.

Estas novas deram terrível puxão aos olhos prenhes da ama, da sobrinha e de Sancho Pança, seu bom escudeiro, de tal maneira que deles fez rebentarem lágrimas e mil profundos suspiros do peito. Verdadeiramente, como algumas vezes dissemos, enquanto Dom Quixote foi Alonso Quijano, o Bom, a seco, e enquanto foi Dom Quixote de la Mancha, sempre se mostrou de aprazível condição e agradável trato. Não só lhe queriam bem por isto os de sua casa, mas quantos o conheciam. Entrou o escrivão com os demais e depois de haver feito o cabeçalho do testamento e ordenado sua alma Dom Quixote, com todas aquelas circunstâncias cristãs que se requerem, chegando às vontades disse:

— *Item*, é minha vontade que de certo dinheiro que tem Sancho Pança, a quem em minha loucura fiz meu escudeiro (porque houve entre ele e mim certas contas e dares e tomares),[2] não se lhe faça cargo nem se lhe peça conta alguma. Mas, se algum sobrar, depois de se haver pago do que lhe devo, seja o restante seu, que será bem pouco, e bom proveito lhe faça. Se, estando eu louco, fui parte para dar-lhe o governo da ilha, e pudesse agora, estando ajuizado, dar-lhe o de um reino, bem lho daria, porque o merecem a sinceridade de sua condição e a fidelidade de seu trato.

E, voltando-se para Sancho, disse-lhe:

— Perdoa-me, amigo, o ensejo que te dei de pareceres louco como eu, fazendo-te cair no erro em que caí, de que houve e há cavaleiros andantes no mundo.

— Ai! — respondeu Sancho, chorando. — Não morra vosmecê, meu amo, mas tome meu conselho e viva muitos anos. A maior loucura que um homem pode fazer nesta vida é deixar-se morrer, sem mais nem menos, sem que ninguém o mate, nem deem cabo dele outras mãos que não as da melancolia. Olhe, não seja preguiçoso: levante-se dessa cama e vamo-nos ao campo vestidos de pastores, como temos concertado. Talvez atrás de alguma selva encontremos desencantada a senhora Dulcineia, que não haja mais que ver. Se morre de pesar por ver-se vencido, deite-me a culpa, dizendo que por haver encilhado mal a Rocinante o derrubaram. Tanto mais que vosmecê deve ter visto em seus livros de cavalaria ser coisa ordinária derribarem-se os cavaleiros uns aos outros, e o vencido de hoje ser o vencedor de amanhã.

— Assim é — observou Sansão —, e o bom Sancho Pança diz bem da verdade destes casos.

— Senhores — disse Dom Quixote —, vamo-nos pouco a pouco, porque nos ninhos de outrora não há aves nesta hora.[3] Fui louco, já sou ajuizado. Fui Dom Quixote de la Mancha, sou agora Alonso Quijano, o Bom. Possam com Vossas Mercês meu arrependimento e minha verdade devolver-me à estimação que de mim se tinha. E continue o senhor escrivão. *Item*, deixo minha fazenda, por inteiro, a Antônia Quijana, minha sobrinha, que está presente, havendo tirado primeiro do melhor dela que for mister para cumprir as vontades que deixo expressas. A primeira satisfação que se faça quero que seja pagar o salário que devo do tempo que minha ama me tem servido, e mais vinte ducados para um vestido. Deixo por testamenteiros o senhor cura e o bacharel Sansão Carrasco, que estão presentes. *Item*, é minha vontade que, se Antônia Quijana, minha sobrinha, quiser casar-se, se case com homem de quem primeiro se haja tomado informação de não saber que coisa sejam livros de cavalarias. Caso se averiguar que sabe, e se apesar disso com ele se quiser casar minha sobrinha, e se case, perca tudo o que lhe leguei, podendo meus testamenteiros distribuí-lo por obras pias, segundo seu alvedrio. *Item*, suplico aos ditos senhores meus testamenteiros que, se a boa sorte os levar a conhecer o autor de uma história que anda por aí com o título de *Segunda parte das façanhas de Dom Quixote de la Mancha*, de minha parte lhe peçam, o mais encarecidamente que possam, perdoe-me a ocasião, que sem pensar lhe dei, de haver escrito tantos e tão grandes disparates como os que escreve nela, pois parto desta vida com o escrúpulo de haver lhe dado motivo para escrever.

Encerrou com isto o testamento e, tomado de um desmaio, espichou-se na cama. Alvorotaram-se todos e acudiram a socorrê-lo. Nos três dias que viveu depois deste em que fez o testamento, desmaiava muito amiúde. Andava a casa em alvoroço, mas, apesar de tudo, comia a sobrinha, bebia a ama e se regozijava Sancho Pança, pois isto de herdar algo apaga ou mitiga no herdeiro a memória da pena que é razão que deixe o morto. Por fim, chegou o último momento de Dom Quixote, depois de recebidos todos os sacramentos e depois de haver abominado com muitas e eficazes razões os livros de cavalaria. Achou-se presente o escrivão e disse nunca haver lido, em livro algum de cavalarias, que algum cavaleiro andante tivesse morrido em seu leito, de modo tão sossegado e tão cristão como Dom Quixote. Este, entre os soluços e lágrimas dos que ali se encontravam, entregou o espírito; quero dizer: morreu.

Vendo-o, pediu o cura ao escrivão lhe desse por testemunho como Alonso Quijano, o Bom, comumente chamado Dom Quixote de la Mancha, havia passado desta vida presente, morrendo de morte natural. Tal testemunho pedia para evitar o ensejo de que outro escritor, que não Cide Hamete Benengeli, o ressuscitasse falsamente e fizesse intermináveis histórias de suas façanhas. Este fim teve o Engenhoso Fidalgo da Mancha, cuja aldeia não quis citar exatamente Cide Hamete, para deixar que todas as vilas e lugares manchegos contendessem por tê-lo como filho e como seu, tal como contenderam por Homero as sete cidades da Grécia.

Deixam de ser postos aqui os prantos de Sancho, sobrinha e ama de Dom Quixote, e os novos epitáfios de sua sepultura, embora Sansão Carrasco lhe fizesse este:

*Jaz aqui o Fidalgo forte*
*que a este extremo chegou*
*de bravo, por justa sorte:*
*a morte não triunfou*
*de sua vida com sua morte.*
*Teve todo o mundo em pouco;*
*foi espantalho e descoco*
*do mundo, em tal conjuntura,*
*que pôde — sem-par ventura! —*
*morrer são, vivendo louco.*

E o prudentíssimo Cide Hamete disse à sua pena: "Aqui ficarás, pendurada a esta tábua e a este fio de arame, não sei se bem cortada ou maltalhada pena minha, e aqui viverás longos séculos, se presunçosos e malandrins historiadores não te retiram para profanar-te. Mas, antes que a ti cheguem, podes adverti-los e dizer-lhes do melhor modo que puderes:

*Alto lá, fátuos pedantes!*
*Por ninguém seja eu tocada,*
*pois esta empresa, bom rei,*
*para mim foi reservada!*

Só para mim nasceu Dom Quixote, e eu para ele. Ele soube praticar feitos e eu escrevê-los. Somos os dois como um, a despeito e apesar do escritor fingido e tordesilhesco, que se atreveu, ou se há de atrever, a escrever com pena de avestruz, grosseira e mal-aparada, as façanhas de meu valoroso cavaleiro. Isso não é carga para seus ombros nem assunto para seu resfriado engenho. Se acaso o chegares a conhecer, adverte-o a que deixe repousar na sepultura os cansados e já apodrecidos ossos de Dom Quixote, e não o queira levar, contra todos os foros da morte, a Castela, a Velha, fazendo-o sair da cova, em que real e verdadeiramente jaz estendido e espichado, impossibilitado de terceira jornada[4] e saída nova. Para fazer burla das tantas que tantos cavaleiros andantes fizeram bastam as duas que ele fez, tão a contento e beneplácito das gentes a cujo conhecimento chegaram, nestes como nos estranhos reinos. Com isto darás cumprimento à tua cristã profissão, aconselhando bem a quem te quer mal, e ficarei eu satisfeito e ufano de haver sido o primeiro que gozou inteiramente o fruto de seus escritos, como desejava, pois outro não foi o meu desejo que o de levar os homens a aborrecerem as fingidas e disparatadas histórias dos livros de cavalarias, que nas do meu verdadeiro Dom Quixote vão já tropeçando e hão de cair de todo, sem dúvida alguma." *Vale.*[5]

# NOTAS

## VOLUME I

## PRIMEIRA PARTE

### Testemunho das Erratas

[1] As palavras “de notar” faltam na edição príncipe, mas figuram na de 1608, também do impressor Juan de la Cuesta. Murcia de la Llana necessitava bem dessa ressalva, pois nos livros entregues à sua revisão pululavam as erratas, em desacordo com o original. (N. de M. A.)

### Dedicatória

[1] Herdeiro de grande fortuna, Dom Alonso Diego López de Zuniga y Sotomayor, duque de Béjar, não correspondeu à gentil dedicatória de Cervantes, que não mais o citou em seus livros. (N. de M. A.)

### Prólogo

[1] Várias vezes esteve Cervantes no cárcere. Em Sevilha, por duas vezes, em 1597 e em 1602, quando deve ter urdido o *Quixote.* Os modernos estudos cervantistas demonstraram ser falsa a afirmação de que o começara a escrever na prisão de Argamasilla de Alba, onde nunca esteve. (N. de M. A.)

[2] Tributo sobre as vendas. (N. de M. A.)

[3] Este prólogo, como as poesias de apresentação, está repleto de alusões ferinas a Lope de Vega, de quem então era Cervantes inimigo. (N. de M. A.)

[4] No original *“a desbota”* significando *inopinadamente,* como adverte R. Marín. (N. de M. A.)

[5] Desde a edição de *Galatea,* em 1585, Cervantes não publicara outro livro. (N. de M. A.)

[6] *Oficiais,* no sentido de artesãos. Agustin Castellanos, alfaiate, escrevia versos laudatórios para os livros de Lope de Vega, nos quais também se atribuíam sonetos a Camila Lucinda, amante do poeta e sabidamente analfabeta. (N. de M. A.)

[7] O reino de Trapisonda, ou Trebisonda, uma das quatro partes em que se dividia o império grego na Idade Média, era cenário de fantásticas aventuras em muitos dos livros de cavalaria. O famoso Preste João era um fabuloso monarca cristão que se acreditava reinar na Ásia e, posteriormente, na Abissínia, acumulando funções de rei e presbítero. A confusão da Etiópia com a Índia, frequente na Idade Média, já se encontrava em Virgílio. (N. de M. A.)

[8] A liberdade total não se compra com ouro. — Esopo, *Fábulas,* III, 14. (N. do T.)

[9] Que vá a pálida morte à choupana do pobre como ao palácio do rei. — Horácio, *Corminum,* 1, 4. (N. do T.)

[10] Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos. São Mateus 5, 44. (N. do T.)

[11] Do coração saem os maus pensamentos. São Mateus 15, 19. (N. do T.)

[12] Enquanto *sois* feliz, muitos são os amigos; mas se os tempos forem adversos, sozinho permanecereis. — Ovídio, *Tristia,* I, 9, 5-6. Mas os versos não são de Catão, como está no texto, e sim de Ovídio. (N. do T.)

[13] I Reis 17, 48-49. (N. de M. A.)

[14] Os livros de frei Antônio de Guevara, bispo de Mondoñedo, estavam cheios de invencionices apresentadas como verdades, como a dessas três “enamoradas antiquíssimas”; Cervantes bem sabia que citar esse autor não daria crédito algum. (N. de M. A.)

[15] Os *“Dialoghi d’amore”,* de León Hebreo, exerceram influência sobre a *Galatea,* de Cervantes. (N. de M. A.)

[16] “Tratado do Amor de Deus”, de frei Cristóbal de Fonseca, 1592. (N. de M. A.)

[17] Três dos muitos autores citados por Lope de Vega, em ordem alfabética, em seu *Isidro.* (N. de M. A.)

[18] Segundo R. Marín, há aqui um trocadilho com o pano de mescla, nome que se dava a um tecido ordinário, *feito* de fios de várias cores. (N. de M. A.)

[19] “Adeus”, em latim. (N. de M. A.)

### Ao livro *Dom Quixote de la Mancha*

[1] Estas poesias que abrem o Livro I, traduzidas por Milton Amado, denominam-se *versos de cabo roto,* e consistem em fazer rimar os versos na última sílaba acentuada, cortando-se as que a estas se seguem (N. de M. A.)

[2] Feiticeira, esposa do sábio nigromante Alquife, ambos personagens de vários livros de cavalaria. Urganda “muitas vezes se transformava e desconhecia”, isto é, ficava irreconhecível, diz o gigante Gandalac a Galaor, no cap. XI do livro I de *Amadis.* Estes versos a ela atribuídos são uma coleção de provérbios e ditos populares. (N. de M. A.)

[3] Escravo negro do duque de Sesa. Quando ambos meninos, levava os livros do amo à escola e aproveitava-se disso para estudar, o que fez com tanto proveito que se tornou exímio e célebre latinista. (N. do T.)

[4] Um dos mais famosos heróis da cavalaria andante, filho do rei de Gaula e enamorado da princesa ariana, filha do rei Lisuarte da Dinamarca. Suas fantásticas aventuras foram as que mais impressionaram a Dom Quixote, que sempre o procurou imitar. (N. do T.)

[5] Ilhota em que se refugiou Amadis de Gaula, para fazer penitência, ante os desdéns de sua amada ariana. Dom Quixote imita essa penitência, no Capítulo XXV da 1ª parte. (N. de M. A.)

[6] Protagonista de outro famoso livro de cavalaria. (N. do T.)

[7] Castelo nas proximidades de Londres em que residiu ariana, a senhora dos pensamentos de Amadis de Gaula. (N. do T.)

[8] Alusão a Lope de Vega, um dos muitos remoques que contra o grande poeta lançou Cervantes no *Dom Quixote,* conforme os mais autorizados comentadores. (N. do T.)

[9] A *Celestina,* nome popular da *Tragicomédia de Calixto y Melibea,* de Fernando de Rojas, era obra das mais conhecidas na época de Cervantes. (N. de M. A.)

[10] Babieca, nome do famoso cavalo do Cid Campeador. (N. do T.)

[11] Personagem da *História do Cavaleiro do Febo,* era filha do imperador da Trapisonda e da Rainha das Amazonas. (N. de M. A.)

[12] Ignora-se quem fosse esse Solisdão. Para Riquer, foi um personagem inventado por Cervantes. (N. de M. A.)

### Capítulo I

[1] No original: *duelos y quebrantos.* Expressão discutidíssima na própria Espanha, onde, até há poucos anos, era erroneamente interpretada. Só após o aparecimento, em 1916-17, da edição crítica do *Quixote* anotada por Francisco Rodríguez Marín, eminente mestre cervantista, e que foi reimpressa em 10 volumes (1947-49) acrescida de mais de mil notas novas (Ediciones Atlas, com a cooperação da “Junta del Patronato del IV Centenário de Cervantes”), é que foi possível esclarecer-se a questão ao longo de trinta páginas de comentários ao assunto (t. IX, nota VII, pp. 85 a 114). Como demonstrou Marin com copiosa documentação, *duelos y quebrantos* resumiam-se a fritada de ovos com torresmos, prato de mesa pobre, como era a de Dom Quixote aqui descrita. Tal pobreza, salienta-a a “panelada de algo que era mais vaca do que carneiro”, pois na época a carne de vaca era a mais barata. As traduções portuguesas dos viscondes de Benalcanfor e Castilho registram respectivamente: aos sábados *restos e miúdos;* aos sábados *outros sobejos*

*ainda somenos.* (N. de M. A.)

[2] Pano pardo, não dos de melhor qualidade, e cujo uso por parte de Dom Quixote era mais um indício das condições modestas de sua vida. (N. de M. A.)

[3] Feliciano de Silva, autor da *Segunda comédia de Celestina,* escreveu vários livros de cavalarias que tiveram grande voga, entre os quais *Amadis de Grécia, Ftorisel de Niqueia, Rogel de Grécia* e *Lisuarte de Grécia.* (N. de M. A.)

[4] D. Belianis, que durante a vida cavaleiresca recebeu mais de cem ferimentos, era um personagem do *Florisel de Niqueia,* romance de cavalaria de D. Feliciano de Silva, que Cervantes procura aqui ridicularizar. (N. do T.)

[5] A alusão é irônica, como nota Riquer. Siguenza era uma das universidades menores e os graduados por ela, assim como os da de Osuna, a que Cervantes várias vezes faz alusão também ironicamente, não eram tidos em alta conta. (N. de M. A.)

[6] Era assim chamado Amadis de Grécia, por ter estampada no peito uma espada vermelha como brasa. (N. de M. A.)

[7] Personagem de cancioneiro de gesta francês. Sua participação na batalha de Roncesvalles não passa de lenda. (N. de M. A.)

[8] Herói citado no *Espejo de caballerias,* onde se narra o episódio a que aqui se alude. (N. de M. A.)

[9] No original: *en allende,* expressão que significava *em além-mar* e, especialmente, *em terra de mouros* (N. de M. A.)

[10] *Canelon,* em francês. Por sua deslealdade e traição foram os franceses derrotados na batalha de Roncesvalles. (N. de M. A.)

[11] *Celada* e *morrião* eram antigas armas dos cavaleiros medievais: a celada, uma armadura de ferro que encaixava na cabeça e a bloqueava completamente; o morrião, simples capacete com o tope enfeitado, mas sem viseira. (N. do T.)

[12] Pietro Gonella, famoso bufão da corte do duque Borso de Ferrara. A fraqueza de seu cavalo é citada nas “Buffonerie del Gonella” (Florença, 1565). Sobre a expressão “mais quartos que um real”, moeda que se dividia em quatro quartos, lembre-se que “quartos” era também o nome de uma enfermidade que atacava os cascos dos cavalos. (N. de M. A.)

[13] *Rocim* é um cavalo pequeno e fraco. Aliás, no original espanhol, é por este nome que Cervantes designa o cavalo de Dom Quixote. No original há um trocadilho, que aqui procuramos conservar: “cuando fué *rocin, antes* de lo que ahora era”. (N. de M. A.)

[14] No século XVI existiu realmente uma família de sobrenome *Quixote*. Além disso, conforme lição de Covarrúbias, chamavam-se *quixotes* as peças do arnês que cobriam as coxas. (N. de M. A.)

### Capítulo II

[1] Titão, na mitologia o esposo de Aurora. Imagem semelhante se encontra em Homero, no canto V da *Odisseia.* (N. de M. A.)

[2] Armas desiguais, porque a sela de bridão era própria da cavalaria pesada, com estribos longos e freios largos, ao contrário da montaria à gineta, de estribos e freios curtos, própria da cavalaria ligeira, a que também se destinavam a adarga, escudo de couro, e o corselete, armadura leve para o peito. (N. de M. A.)

[3] No original, *estudiantado paje.* Como adverte Rodríguez Marín, numerosos pajens eram estudantes malogrados. (N. de M. A.)

[4] Lançarote, herói de novelas bretãs e das lendas do Santo Graal, vaso de esmeralda que, segundo os romances de cavalaria, Jesus teria usado na última ceia. (N. de M. A.)

### Capítulo III

[1] Todos os lugares citados eram conhecidos como frequentados, na época de Cervantes, por malandrins, marafonas e malfeitores de toda casta. (N. de M. A.)

### Capítulo IV

[1] Era afronta, diante de pessoas de condição, desmentir alguém, ainda que um criado. É essa afronta do lavrador que encoleriza Dom Quixote. (N. de M. A.)

[2] Setenta e três, dizem a edição príncipe e muitas antigas, por aparente erro tipográfico; mas poderia ter sido também ironia de Cervantes, já que a conta foi feita por Dom Quixote. (N. de M. A.)

## Capítulo V

[1] Essa história, em voga na Idade Média, narrava o traiçoeiro assassínio de Valdovinos pelo infante Carloto, filho de Carlos Magno, e o juramento de vingá-lo feito pelo seu tio o marquês de Mântua. (N. do T.)

[2] A história dos amores do abencerrage Abindarrais com a formosa Xarifa era das mais populares nos séculos XVI e XVII e foi incluída na obra de Montemayor que adiante Cervantes cita. (N. de M. A.)

[3] *Os Nove da Fama* eram 3 judeus (Josué, Davi e Macabeu), 3 gentios (Alexandre, Heitor e Júlio César) e 3 cristãos (o rei Artur, Carlos Magno e Godofredo de Bouillon). (N. do T.)

[4] "Tan mal caballero", diz o original, e R. Marín comenta: "por lo molido que iba, cabalgaba mal". Castilho traduziu: "tão mal encavalgado". E Benalcanfor "tão ridiculamente montado". (N. de M. A.)

[5] A sobrinha estropia o nome do sábio Alquife, marido de Urganda, a Desconhecida, muito citado nos livros de cavalarias. (N. de M. A.)

[6] Auto de fé. (N. de M. A.)

[7] A ama estropia o nome de Urganda, dizendo: "esa Urgada". Trata-se de chiste com "hurgar", que significa *remexer, esgaravatar;* é o que observam Riquer e R. Marín. Traduzimos "Purganta", pela consonância e pelo verbo "curar" que se segue. *Urganda,* sem estropiações, foi como traduziram Castilho e Benalcanfor. (N. de M. A.)

## Capítulo VI

[1] Toda uma série de Arnadises e incríveis façanhas cavaleirescas nasceu dos "Quatro libros del virtuoso caballero Amadís de Gaula". Não foi, porém, a primeira obra do gênero a imprimir-se em Espanha, como diz o cura. O *"Esplandião",* adiante citado, é o quinto livro de tal série, e o *"Amadis de Grécia"* é o nono. (N. de M. A.)

[2] Livro de Antônio de Torquemada, editado em 1564. Seu título era, apenas: "História del invencible cavallero don Olivante de Laura, príncipe de Macedonia, que por sus admirables hazañas vino a ser emperador de Constantinopla", (N. de M. A.)

[3] Um dos mais disparatados livros de cavalarias. Seu herói, sozinho, vence um exército de 1,6 milhão de homens. (N. de M. A.)

[4] Obra de autor anônimo, é o quarto livro da família dos Palmeirins. (N. de M. A.)

[5] Livro em duas partes, com as aventuras de Lepolemo, príncipe da Alemanha, e de seu filho Leandro, o Belo. (N. de M. A.)

[6] Mateus Boiardo publicou o *Orlando Enamorado* em 1486, e a segunda parte em 1495. O *Espelho da Cavalaria* saiu pela primeira vez em Sevilha, no ano de 1533. A obra do poeta italiano Ariosto, o *Orlando Furioso,* data de 1516 e, como diz Cervantes, inspirou-se realmente no romance de cavalaria de Mateus Boiardo, cuja lenda reviveu e desdobrou, narrando as loucuras de Roldão, seus amores por Angélica, as perigosas aventuras em que se lançou pela donzela dos seus sonhos, a fúria que o acomete quando sabe da paixão de Angélica pelo soldado Medoro, os desmantelos e massacres que pratica, até que a razão lhe seja restituída por Astolfo, que a vai buscar na lua etc. (N. do. T.)

[7] Era antigamente demonstração de respeito colocar sobre a cabeça os documentos pontifícios e reais. Cervantes critica aqui — e mais explicitamente linhas abaixo — a má tradução de Ariosto feita pelo capitão Jerônimo de Urrea (1556). (N. de M. A.)

[8] Estes dois livros são de versos em oitavas, respectivamente de Agustin Alonso e Francisco Garrido de Villena. (N. de M. A.)

[9] Livro atribuído a Francisco Vázquez, abriu a série dos Palmeirins. (N. de M. A.)

[10] Atribuiu-se a paternidade dessa obra, originalmente escrita em português por Francisco Morais Cabral, ao rei D. João II. (N. de M. A.)

[11] Escrito pelo licenciado Jerónimo Fernández, que inventou havê-lo traduzido do grego. (N. de M. A.)

[12] Prazo dilatado. Chamava-se termo ultramarino o prazo dado às partes para produzirem prova em ultramar. (N. de M. A.)

[13] Foi esse o primeiro livro de cavalaria que se imprimiu em Espanha. (N. de M. A.)

[14] Muitas discussões suscitou este trecho, tido como o mais obscuro do *Dom Quixote,* e não há acordo entre os comentaristas. Se o autor merecia elogios, por que condená-lo às galés? Riquer conjetura que *galés* (no original *echar a galeras*) vem aí no sentido tipográfico. *Galé* é a armação em que se coloca a composição e Cervantes indicaria, assim, que o livro deveria ter muitas edições. (N. de M. A.)

[15] Primeira e mais famosa das novelas pastoris, escrita em espanhol, embora de autor português. (N. de M. A.)

[16] Profetiza a sobrinha; foi precisamente o que Dom Quixote quis fazer, depois de vencido em Barcelona (v. *Segunda parte*). (N. de M. A.)

[17] Infeliz continuação da obra de Montemayor, por Alonso Pérez, médico de Salamanca. (N. de M. A.)

[18] Devem ser irônicos os elogios do cura a essa obra, de que Cervantes zomba na sua *Viaje del Parnaso.* (N. de M. A.)

[19] Novelas pastoris de Bernardo de la Vega, Bernardo González de Bobadilla e Bartolomé Lopez de Enciso. (N. de M. A.)

[20] Obra de Luís Gálvez de Montalvo, amigo de Cervantes. (N. de M. A.)

[21] Publicado por Pedro de Padilha, em Madri, 1580. (N. de M. A.)

[22] Como Padilha, López Maldonado era amigo de Cervantes, que escreveu composições laudatórias para obras de ambos. (N. de M. A.)

[23] Cervantes morreu sem concluir a segunda parte da *Galateia,* que várias vezes prometeu. (N. de M. A.)

[24] Nota Marín que o elogio às obras de Rufo e Virués, muito inferiores à de Ercilla, deve provir da amizade pessoal que ligava Cervantes a seus autores. (N. de M. A.)

[25] Continuação do *Orlando Furioso,* de Ludovico Ariosto, pelo celebrado poeta Luís Barahona de Soto, também grande amigo de Cervantes. (N. de M. A.)

## Capítulo VII

[1] Há duas obras com o título de *Caroleia;* uma de Jerónimo Sempere e outra de Juan Ochoa de la Salde. O *Leão de Espanha,* em maus versos, é de Pedro de la Vezilla Castellanos. (N. de M. A.)

[2] Encantador a quem Jerónimo Fernández atribuiu a autoria, em grego, de seu *Dom Belianis de Grecia.* (N. de M. A.)

[3] *A buscar pan de trastrigo,* diz o original; isto é, a buscar coisa impossível; *trastrigo* significa *melhor que o trigo,* e de trigo é o melhor dos pães. *Cercar miglior pan che di formento,* diz, no mesmo sentido, antigo provérbio italiano. (N. de M. A.)

[4] Várias vezes surge aqui esse tratamento. É evidente que pelo menos do cura não podia Dom Quixote ser compadre; mas na Mancha e outras regiões da Espanha era comum tratar assim os amigos e conhecidos, como ainda hoje em muitos pontos do Brasil. (N. de M. A.)

[5] No original: *bota.* Vasilha para vinho. (N. de M. A.)

[6] Sancho dá, aqui, à sua mulher, os nomes de Joana e de Maria. Cervantes, na *Segunda parte do Quixote,* aponta como o único certo o de Teresa, e censura Avellaneda por haver feito o que ele mesmo aqui faz. (N. de M. A.)

[7] *Adiantado,* aqui, é o substantivo que, no português e no espanhol (*adelantado*) antigos, designava um cargo de governador de província, que tinha poder político e militar, presidindo a justiça em tempo de paz e exercendo as funções de capitão-general em tempo de guerra; a ele se subordinavam todos os meirinhos, razão pela qual se chamava, às vezes, meirinho-mor. Temia Dom Quixote que a modéstia de Sancho Pança o impedisse de aspirar a ser rei, ou governador geral; por isso, impõe aqui um limite a essa modéstia, aconselhando-o a que nunca ambicione ser menos do que *adiantado,* que já era um posto de elevada hierarquia. (N. do T.)

## Capítulo VIII

[1] Em *boa guerra,* lícita e justa, era permitido aos soldados ficar com os despojos dos vencidos. (N. de M. A.)

[2] O titã Briaréu, segundo a mitologia, tinha cem braços. (N. de M. A.)

[3] O fato ocorreu no sítio de Xerez, no reinado de Dom Fernando III, o Santo. (N. de M. A.)

[4] Anteface com cristais, usado nas viagens para proteger o rosto do pó e do ardor do sol. (N. de M. A.)

[5] No original: *puso piernas al castillo de su buena mula.* “Castelo”, como nota Riquer, em vista do tamanho do animal, pouco antes comparado a um dromedário. Marín interpreta a frase como esporeando com as pernas, ou calcanhares, pois os frades não usavam esporas. “Esporeou a bisarma da sua mula”, traduziu Benalcanfor; e Castillho: “meteu pernas à sua acastelada mula”. (N. de M. A.)

[6] Esta frase era dita por Agrajes, personagem do *Amadis de Gaula,* sempre que ia entrar em combate, e tornou-se dito popular. (N. de M. A.)

[7] Cervantes dividiu a que depois se chamou *Primeira parte* do *Dom Quixote* em quatro livros. Essa divisão foi abandonada ao escrever a *Segunda parte.* (N. de M. A.)

## Capítulo IX

[1] Impressa no original como prosa, esta referência aos cavaleiros andantes é variante de versos de romance popular que Alvar Gomez de Ciudad Real incluiu em sua versão dos *Triunfos del Petrarca,* feita em redondilhas. (N. de M. A.)

[2] Sobre estas obras deixamos nota no Capítulo VI. (N. de M. A.)

[3] Esta frase zombeteira sobre a duvidosa virgindade das donzelas andantes dos livros de cavalarias, como notou Clemencín, tomou-a Cervantes do *Dom Belianis de Grécia.* Shakespeare, no ato II das *Alegres comadres de Windsor;* põe malícia idêntica na boca de Celestina, em diálogo com Falstaff (N. de M. A.)

[4] Antiga rua de tendeiros, em que se vendia de tudo. (N. de M. A.)

[5] Cervantes parodia os autores de aventuras de cavalarias, que se apresentavam como tradutores de obras escritas em outras línguas por sábios encantadores, historiadores e mesmo reis. (N. de M. A.)

[6] No original: *Zancas,* isto é, sancos, ou pernas de passarinho. É a única vez em toda a obra em que se dá a Sancho esse apelido. (N. de M. A.)

[7] Perros, cães ou, mais delicadamente, galgos eram chamados os mouros pelos cristãos; e aqueles o retribuíam na mesma moeda. (N. de M. A.)

## Capítulo X

[1] Bandos policiais armados que perseguiam os malfeitores nas estradas; os que se refugiavam nas igrejas tinham direito de asilo. (N. de M. A.)

[2] Unguento cicatrizante, que se fazia com cera, alvaiade e azeite rosado. (N. de M. A.)

[3] Gigante sarraceno da “História de Carlos Magno”, que Oliveiros, par de França, cativou e converteu ao cristianismo. Trazia sempre consigo dois barriletes de um bálsamo que se dizia feito com os restos dos perfumes que serviram para embalsamar Jesus e que tinha a virtude de curar instantaneamente todas as feridas. (N. de M. A.)

[4] Medida de capacidade para líquidos, equivalente a pouco mais de dois litros. (N. de M. A.)

[5] Os cavaleiros juravam pondo a mão sobre a cruz da espada. (N. de M. A.)

[6] Usava-se, para prestar juramento, substituir os Evangelhos por duas ou quatro folhas especialmente preparadas, em que se continham apenas os versículos iniciais; daí a expressão “onde mais por extenso estão escritos”. (N. de M. A.)

[7] Episódio do *Orlando Furioso*, de *Ariosto.* Não foi com Sacripante, porém, que Reinaldo de Montalvão lutou, vencendo-o graças ao encantado elmo de Mambrino, e sim com o mouro Dardinel de Almonte. (N. de M. A.)

[8] Segundo o *Orlando innamorato,* de Mateus Boiardo, o castelo de Albraca foi atacado por mais de dois milhões de homens. (N. de M. A.)

[9] Reino da infanta Sobradisa, várias vezes citado no *Amadis de Gaula.* (N. de M. A.)

[10] Assim no original, talvez por *positivo.* Chamavam-se *atos positivos* os que qualificavam a nobreza ou virtude de alguma pessoa ou família. (N. de M. A.)

### Capítulo XI

[1] Alusão ao que diz o Evangelho de São Lucas (14, 11; 18, 14). (N. de M. A.)

[2] A *idade de ouro,* tão louvada na literatura latina, era o tempo em que, segundo a fábula, Jano reinara na Itália e Saturno ensinara a agricultura a seus moradores. (N. de M. A.)

[3] No *original: la ley del encaje.* Chamava-se assim, como define Covarrubias, “a decisão que o juiz toma pelo que se lhe encaixou na cabeça, sem dar atenção ao que dispõem as leis”. (N. de M. A.)

[4] O labirinto da fábula, construído por Dédalo, para encerrar nele o *Minotauro,* monstro metade homem, metade touro. (N. de M. A.)

[5] No original: o 2º e o 4º versos de todas as quadras rimam sempre na sílaba tônica em *i.* Conservamos esta forma na tradução. (N. de M. A.)

[6] *Olalla,* no original; era forma vulgar e pastoril de Eulália. (N. de M. A.)

[7] Ornamentos de ouro e pedrarias; berloques. (N. de M. A.)

[8] O rosmaninho, na época de Cervantes, era considerado como panaceia quase universal; o processo de curativo do cabreiro, aqui narrado, era comumente utilizado no tratamento de feridas. (N. de M. A.)

### Capítulo XII

[1] Traje de pastor, feito de peles de cabra ou carneiro. (N. de M. A.)

[2] Viver mais do que Sara era provérbio corrente, extraído do fato de haver a mulher de Abraão vivido 127 anos, depois de dar à luz Isaac aos noventa. (N. de M. A.)

### Capítulo XIII

[1] Antigas leis do país de Gales proibiam matar três espécies de aves — águias, gruas e corvos — talvez por causa dessa lenda, mas, com maior probabilidade, por limparem o solo de carniça e não terem carne própria para alimentação. (N. de M. A.)

[2] A távola redonda, segundo a lenda, foi a mesa construída pelo encantador Merlin, para que a ela se sentassem os cavaleiros do rei Artur, sem ordem de precedência. Antes de ser ligada à lenda arturiana, a mesa redonda era tradição da vida familiar celta. Do rei Artur, o que se sabe historicamente é pouco; não devia ser rei e, sim, o general dos exércitos dos reis bretões que, no século V, lutaram contra os invasores saxões de Kent. A lenda, acrescida no curso dos séculos, transformou-o em herói romântico e militar, atribuindo-lhe, e a seus cavaleiros, os mais notáveis feitos e vitórias. (N. de M. A.)

[3] Lançarote do Lago, um dos cavaleiros da Távola Redonda, era assim chamado porque, segundo a lenda, a fada Viviana, que o salvara em criança, criou-o no fundo de um lago. (N. de M. A.)

[4] Versos de *Orlando furioso,* de Ariosto. (N. do T.)

[5] Clemencín e subsequentes comentadores consideram irônica esta citação de ascendência, já que “cachopins” eram chamados os que, enriquecendo repentinamente, pretendiam passar por nobres. Riquer discorda dessa interpretação, comprovando que existiu realmente em Laredo a linhagem dos Cachopins, limpa e antiga, cujo solar montanhês, construído no século XV, só no início do atual foi derrubado. (N. de M. A.)

[6] Virgílio, que era natural de Mântua; ao morrer, mandou que se queimasse sua “Eneida”, pois não tivera tempo de corrigi-la e poli-la devidamente, mas seus testamenteiros, Tuca e Vário, apoiados por Augusto, não o consentiram. (N. de M. A.)

### Capítulo XIV

[1] Segundo lenda corrente, todas as aves invejavam o mocho, pela beleza de seus olhos. (N. de M. A.)

[2] Cérbero, o mitológico cão de três cabeças que guardava a entrada do reino de Plutão. (N. de M. A.)

[3] Era corrente a superstição de que as feridas de quem sofresse morte violenta tornavam a verter sangue em presença do assassino. (N. de M. A.)

[4] O episódio, de que fala a história romana, não se deu com Tarquínio, e sim com Sérvio Túlio; sua filha Túlia, esposa de Tarquíníо, o Soberbo. (N. de M. A.)

## Capítulo XV

[1] É o bálsamo de Ferrabrás, cuja virtude Dom Quixote encarecera a Sancho (Capítulo X). (N. de M. A.)

[2] No original: *sinabafas.* Sabe-se apenas que era um tecido muito fino e rico. (N. de M. A.)

[3] A Tebas de cem portas era a egípcia, e não a grega, pátria de Dioniso, também chamado Baco e Sileno. (N. de M. A.)

[4] Foi esse o nome dado a Amadis de Gaula pelo ermitão da Penha Pobre, por causa da beleza de seu rosto e da tristeza que o ensombrecia. (N. de M. A.)

[5] O arco turquesco era muito comprido, sendo mister, para com ele atirar flechas, apoiar uma de suas pontas no chão e curvar a outra. (N. de M. A.)

## Capítulo XVI

[1] Estrelado, nota R. Marín, porque pelas frestas e buracos do teto entrava a luz dos astros. (N. de M. A.)

[2] Os arrieiros eram em geral mouriscos; daí a presunção de parentesco com o imaginário autor mouro do *Dom Quixote.* (N. de M. A.)

[3] Livro de cavalarias impresso em Toledo em 1513, derivado de um poema provençal. (N. de M. A.)

[4] Herói de romance popular e do livro “História de Enrique fi de Oliva, rey de Jherusalém, emperador de Constantinopla”, aparecido em Sevilha em 1498. (N. de M. A.)

[5] Segundo antiga crença popular, as lebres, para dormir, não fechavam os olhos. (N. de M. A.)

[6] Personagens da história cavaleiresca de Lançarote. (N. de M. A.)

[7] A alusão pode ser a um episódio do *Amadis de Gaula;* mas numerosos livros de cavalarias tratam de casos semelhantes. (N. de M. A.)

[8] No original: *armonia.* O uso deste vocábulo, em acepção aparentemente irônica, era frequente em Cervantes, segundo anotação de seus comentaristas mais eruditos. Os dicionários espanhóis nada esclarecem quanto à propriedade de tal uso. (N. de M. A.)

[9] Alusão à velha história folclórica, universalmente conhecida, em que um animal vai sucessivamente importunando o gato, o rato, a corda etc., para que cada qual castigue o anterior, que não atendeu a seu pedido. (N. de M. A.)

[10] A vara, representativa da autoridade real, era, conforme a hierarquia de quem a trazia, comprida ou curta, também chamada meia. A caixa de lata era o cilindro no qual, em viagem, se conduziam os documentos pessoais. (N. de M. A.)

[11] As Santas Irmandades eram associações organizadas por proprietários agrícolas com o fim de combater os salteadores que começaram a infestar os montes e as estradas de certas regiões da Espanha do século XIII. Em defesa de suas vidas e fazendas, irmanaram-se contra eles, obtendo resultados tais que a corporação foi reconhecida como de utilidade pública e chamada *santa* pelo justo fim a que visava. Entre seus privilégios e poderes, incluía-se a faculdade não só de prender e julgar os criminosos, como de condená-los à morte. Os membros, ou ministros, de que se compunha seu cabido eram chamados *quadrilheiros* por estarem reunidos em *quadrilha.* A Santa Irmandade Velha de Toledo foi a mais primitiva de que se teve notícia. (N. de M. A.)

## Capítulo XVII

[1] Com irônica alusão à sova recebida dos arrieiros galegos, Cervantes cita aqui velho romance popular, que começava: *“Por el val de las estacas el buen Cid pasado babia”.* (N. de M. A.)

[2] O tratamento de “bom homem” era dado aos inferiores. Por isso Dom Quixote o repeliu. (N. de M. A.)

[3] Eram materiais abundantemente empregados na farmácia caseira da época. Marín lembra, a propósito, o rifão: “tendo azeite, vinho, sal e rosmaninho, meia botica teremos”. (N. de M. A.)

[4] Todos os das espécies e lugares citados tinham, na época, fama de desabusados valentões. (N. de M. A.)

[5] Mantear os cães era brincadeira comum de carnaval. (N. de M. A.)

[6] De calcanhares, porque não usava esporas. (N. de M. A.)

### Capítulo XVIII

[1] A expressão “correr ceca e meca”, isto é, vagar de cá para lá, deriva-se das peregrinações dos mouros a Meca, cidade santa do Islã, e a Ceca, ou Zeca, famosa mesquita de Córdoba, que atraía multidões de muçulmanos. (N. de M. A.)

[2] Amadis de Grécia, bisneto de Amadis de Gaula. (N. de M. A.)

[3] Trapobana, ou antes, *Taprobana* (Camões, *Lusíadas:* “Passaram inda além da Taprobana”, Canto I; “A nobre ilha também de Taprobana”, Canto X) era o nome antigamente dado à ilha de Ceilão. (N. de M. A.)

[4] Nome dado antigamente aos habitantes da parte mais meridional da África que se conhecia. (N. de M. A.)

[5] Os nomes dos cavaleiros são fantásticos e em geral ridículos, para zombar dos tonitruantes nomes dos heróis dos livros de cavalarias. Acredita-se que aqui há também alusões ferinas a contemporâneos de Cervantes. (N. de M. A.)

[6] Era comum chamar-se assim o conjunto das Arábias: Pétrea, Feliz e Deserta. Veja-se Camões, *Lusíadas,* Canto X: “Olha as Arábias três, que tanta terra...” (N. de M. A.)

[7] Juízes 16, 25-30. (N. de M. A.)

[8] No original: *alfana.* Era o nome dado a éguas muito grandes e possantes. As *alfanas* eram geralmente montarias de gigantes, nos romances de cavalarias. (N. de M. A)

[9] Rio de Troia, mencionado por Homero e Virgílio. (N. de M. A.)

[10] Másilos, ou massilienses, eram povos da África. (N. de M. A.)

[11] Rio da Capadócia, de que fala Virgílio, na *Eneida.* (N. de M. A.)

[12] Rio da Lídia, citado por Virgílio e Juvenal. (N. de M. A.)

[13] Era fama que as águas do Tejo (chamado dourado, por aurífero) tinham virtudes rejuvenescedoras. (N. de M. A.)

[14] Os campos de Tarifa, chamada Tarteso. Veja-se Camões, *Lusíadas,* Canto VIII: “Na gente, assi feroz como infinita, que entre o Tarteso e Guadiana habita”. (N. de M. A.)

[15] Era crença que os Campos Elísios ficavam na região de Xerez. (N. de M. A.)

[16] Lembre-se que o vendeiro ficara com os alforjes, como pagamento das despesas de Dom Quixote e Sancho. (N. de M. A.)

[17] Alusão à tradução, feita do grego por André de Laguna, da obra de Pedácio Dioscórides sobre matéria medicinal e venenos mortíferos (Antuérpia, 1555). (N. de M. A.)

[18] É frase do Sermão da Montanha (São Mateus 5,45). (N. de M. A.)

### Capítulo XIX

[1] Referência à *excomunhão de participantes,* em que incorriam os que tinham relações com os atingidos por excomunhão maior. (N. de M. A.)

[2] Os que iam em assaltos noturnos costumavam vestir camisas sobre as armaduras, para não se confundirem, na escuridão, com os adversários. Por esses os tomou Dom Quixote, embora, de fato, vestissem sobrepelizes. (N. de M. A.)

[3] Para alguns comentaristas, trata-se aqui de alusão à trasladação do corpo de São João da Cruz, feita de noite e secretamente, de

Úbeda para Segóvia, e perturbada por várias aparições misteriosas. Em Úbeda residiu certo Alonso López, conhecido de Cervantes e seu companheiro de cativeiro em Argel. (N. de M. A.)

[4] Num raríssimo livro de cavalaria, “A quarta parte de Dom Clarião”, R. Marín encontrou as aventuras de Deocliano, chamado o Cavaleiro da Triste Figura, por trazer no seu escudo a figura de uma jovem cheia de tristeza. O livro foi impresso em Toledo, em 1528, e Cervantes provavelmente o conhecia. (N. de M. A.)

[5] Dom Belianis de Grécia e o Rogério, de Ariosto. (N. de M. A.)

[6] Florandino de Macedônia. (N. de M. A.)

[7] Florarlão de Trácia. (N. de M. A.)

[8] O conde de Aremberg, personagem real, do tempo de Filipe II. (N. de M. A.)

[9] Outro dos nomes de Amadis de Grécia, também chamado Cavaleiro da Ardente Espada. (N. de M. A.)

[10] Desde a frase anterior de Sancho, “Esqueceu-me adverti-lo” etc., até “esta lança”, traduzimos de acordo com o texto da primeira edição (1605). Outras edições castelhanas, porém, a partir da segunda, alteraram este trecho, tendo parecido por certo aos revisores que as palavras latinas não calhavam bem na boca de Sancho Pança; e atribuíram a frase ao próprio Dom Quixote, redigindo-a assim: “E [Dom Quixote] lhe disse: — Entendo, Sancho, que fiquei excomungado por ter posto mãos violentamente em coisa *sagrada: juxta illud, si quis suadente diabolo* etc., embora esteja bem certo de que não lhe pus as mãos, senão que apenas esta lança.” As duas antigas traduções portuguesas, a dos viscondes de Castilho e de Azevedo e a do visconde de Benalcanfor, seguem esta versão. Aqui, porém, temos seguido o critério uniforme de preferir sempre a versão original da primeira edição. (N. do T.)

[11] O cânon aqui citado fulminava os que usassem de violência contra os clérigos com excomunhão de absolvição reservada ao Sumo Pontífice. (N. de M. A.)

[12] Esse episódio consta do romanceiro do Cide, mas não se verificou na realidade. (N. de M. A.)

### Capítulo XX

[1] Eram assim chamados os montes da Alta Etiópia em que se acreditava que nascesse o rio Nilo, despenhando-se com grande estrondo por duas cataratas. (N. de M. A.)

[2] Segundo nota Rodríguez Marín, recomendação semelhante se faz no *Livro Terceiro de Dom Clarião.* Nessa obra, tal como na *Quarta parte* citada na nota 178, são narradas aventuras de Deocliano, o Cavaleiro da Triste Figura. (N. de M. A.)

[3] Nome popular da constelação da Ursa Menor. (N. de M. A.)

[4] Maneira popularmente usada para começar a contar histórias. (N. de M. A.)

[5] A Catão, o Censor, ou Censorino, o vulgo atribuía a paternidade de inúmeros provérbios. (N. de M. A.)

[6] Essas *histórias de nunca acabar,* antiquíssimas, encontram-se no folclore de todos os povos. (N. de M. A.)

[7] No original: *sano y salvo y sin cautela.* Segundo R. Marín, a expressão aplicava-se aos que se livraram do cativeiro sem contrair a obrigação de pagar o preço do seu resgate. (N. de M. A.)

[8] No original: seis *mazos de batán.* Engenho rústico (pisão), muito usado na época, constituído de grossos pilões de madeira que um moinho de água movia alternadamente, fazendo-os bater sobre panos para clareá-los e dar-lhes maior consistência. (N. de M. A.)

[9] Em latim no original (*à moda turca*). Nada disso se lê na história de Amadis. (N. de M. A.)

[10] De fato, só uma vez, no Capítulo 59 do *Amadis de Gaula,* é citado este escudeiro. (N. de M. A.)

### Capítulo XXI

[1] Sobre o elmo de Mambrino, que Reinaldo de Montalvão tomou ao mouro Dardinel, veja-se nota no Capítulo X. (N. de M. A.)

[2] Cavalo de cor pardo-clara, com manchas redondas mais escuras. (N. de M. A.)

[3] Sancho alude ao rifão: “Quiera Díos que orégano sea y no se nos vuelva alcaravea”. Dava-se mais valor ao orégão do que à

alcaravia, ou cominho armênio. (N. de M. A.)

[4] Aplicar sangrias e bichas era função comum dos barbeiros de outrora, que agiam como médicos e dentistas. (N. de M. A.)

[5] Velha crendice, já referida por Juvenal numa de suas sátiras, e segundo a qual o castor, vendo-se perseguido por caçadores que intentam apresá-lo para extração da substância medicinal contida em suas glândulas sexuais, promove a autocastração com os dentes para salvar a vida. (N. de M. A.)

[6] Vulcano e Marte. (N. de M. A.)

[7] Mudança de capas é a cerimônia litúrgica do dia da Ressurreição, quando os cardeais trocam suas capas forradas de pele por outras de seda encarnada. (N. de M. A.)

[8] Tais eram, em síntese, os trâmites das aventuras amorosas em numerosos livros de cavalarias. (N. de M. A.)

[9] Lei antiga, oriunda da dominação goda na Espanha, dava aos fidalgos o privilégio de receberem quinhentos soldos como indenização de ofensas. (N. de M. A.)

[10] *Ditado* era o mesmo que *título de nobreza.* (N. de M. A.)

### Capítulo XXII

[1] As escopetas de roda eram assim chamadas porque, ao contrário dos arcabuzes, que se disparavam com mecha, eram disparadas por meio de uma roda em que se chocava a pederneira do gatilho. (N. de M. A.)

[2] As torturas para obter confissões se aplicavam quando a prova não era suficiente; em casos de flagrante, eram dispensadas. (N. de M. A.)

[3] Em latim no original. Expressão extraída do Salmo 42, v. 1, repetido no introito da missa: *"Judica me Deus, et discerne causam meam de gente non sancta".* ("Julga-me, ó Deus, e separa a minha causa de uma gente não santa"). Equivale a *gente de má vida.* (N. de M. A.)

[4] *Quatreiros* são chamados, no sul do Brasil, os ladrões de gado. (N. de M. A.)

[5] *Sair* à *vergonha* era passear os condenados pelas ruas, a cavalo,com uma carapuça de papelão à cabeça, entre alguazis e pregoeiros, sob vaias de multidão de acompanhantes. (N. de M. A.)

[6] *Corretor de orelha* era o intermediário de empréstimos; mas, com o acréscimo de "e até de todo o corpo", o galeote indicou que o companheiro se dedicava ao proxenetismo. (N. de M. A.)

[7] Ser enforcado. (N. de M. A.)

[8] Forquilha usada para imobilizar a cabeça do condenado, a fim de impossibilitar-lhe qualquer tentativa de fuga e para evitar que ocultasse o rosto quando *saísse à vergonha.* (N. de M. A.)

[9] Perda de todos os direitos. (N. de M. A.)

[10] O *Lazarilho,* de autoria atribuída a Diego Hurtado de Mendoza e a Sebastian de Horozco, mas sem confirmação bastante, é de certo modo o primeiro monumento do gênero de novelas picarescas. (N. de M. A.)

[11] Suspirar pelas olhas, panelas ou cebolas do Egito, era aspirar a voltar à má vida antiga, como aconteceu aos judeus libertados por Moisés (Êxodo 16, 3). Na *Segunda Parte* do *Dom Quixote* voltamos a tratar dessa expressão, em nota mais extensa (116). (N. de M. A.)

[12] Assim no original. (N. do T.)

[13] Parte das antigas armaduras que cobria as pernas. (N. de M. A.)

### Capítulo XXIII

[1] Alusão à pena de morte por flechas, aplicada aos malfeitores pelas Ordenações da Santa Irmandade. (N. de M. A.)

[2] Todo este trecho, desde "entranharam-se" até "agradeceu a Dom Quixote o favor que lhe fazia", falta na edição príncipe, onde

Cervantes não narrou o furto do ruço. Desse esquecimento ele mesmo se penitencia na segunda parte do *Dom Quixote,* publicada dez anos depois (Cap. IV). No entanto, já na segunda edição da segunda parte, também impressa por Juan de la Cuesta, poucos meses depois da príncipe, o esquecimento foi sanado, com a introdução do trecho aqui trazido. (N. do T.)

[3] Assim na 3ª edição do *Dom Quixote* (Juan de la Cuesta, 1608). Na edição príncipe e na segunda, esquecido do furto do ruço, diz Cervantes: "ia atrás do amo, *sentado a modo de mulher sobre seu jumento".* (N. do T.)

[4] *Apear-se,* dizem as primeiras edições. (N. do T.)

[5] Trocando *Fílis* por *Angélica* neste verso, Cervantes publicou este mesmo soneto em *"La casa de los celos".* (N. de M. A.)

[6] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[7] Cartas-missivas (ou mensageiras), segundo Clemencín, eram as que se trocavam entre pessoas amigas, e assim ditas para distingui-las das cartas protocolares. No sentido popular, eram cartas amorosas. (N. de M. A.)

[8] Na edição príncipe: "mandó a Sancho *que se apease del asno y* atajase". Mas o asno fora furtado. (N. do T.)

[9] O texto das primeiras edições feitas em vida do autor traz: *y siguióle Sancho com su acostumbrado jumento.* É lapso do autor, pois o asno já fora roubado por Ginês de Passamonte. Edições posteriores trazem a passagem assim alterada: *y siguióle Sancho a pie y cargado, merced a Ginesillo de Pasamonte.* Isto, porém, como já dissemos, não estava nas primeiras edições da obra. O autor repete o lapso mais adiante. Só no cap. XXX é que Sancho recupera o jumento. (N. do T.)

[10] No original: *no quiero perro con cencerro.*(N. do T.)

[11] De pele adornada com âmbar, como só se usava em roupas luxuosas e caras. O âmbar era tido em mais valia que o ouro. (N. de M. A.)

## Capítulo XXIV

[1] Baseado nesta história, Shakespeare escreveu a comédia *"History of Cardenio",* obra hoje perdida. Como lembra Riquer, a tradução inglesa do *Dom Quixote* foi publicada apenas quatro anos depois de surgido o original. (N. de M. A.)

[2] Alusão aos amores de Píramo e Tisbe. Sobre essa fábula, veja-se a nota ao Capítulo XVIII da Segunda Parte, onde há um soneto a ela referente. (N. de M. A.)

[3] Personagens do *Dom Rugel de Grécia,* terceira parte do *Dom Florisel de Niqueia,* obra de Feliciano de Silva. (N. de M. A.)

[4] Acreditava-se então que, em contraposição ao sol, a lua era um planeta úmido. (N. de M. A.)

[5] Não era a rainha Madásima, citada no *Amadis de Gaula,* mas a infanta Gracinda, a amante do mestre ou cirurgião Elisabad. (N. de M. A.)

## Capítulo XXV

[1] É como se diz nas primeiras edições, embora o jumento furtado ainda não tivesse sido recuperado por Sancho. Repete-se o lapso no 2º parágrafo. (N. do T.)

[2] Confusão de Sancho entre o nome vulgar do *hissope* e o *Esopete,* tradução espanhola das fábulas de Esopo. (N. de M. A.)

[3] Sancho, como nota Marín, é um "perpetuo prevaricador del buen lenguaje", e assim adultera muito os nomes próprios que ouve: chama *Elisabad* de *abade* e *Madásima* de *Magimasa.* Já no Volume I (p. 194) *Ferrabrás* na boca de Sancho soa como *o feio Brás.* (N. do T.)

[4] Esta é a última vez, nas primeiras edições, em que se faz alusão ao asno como se não tivesse sido furtado; mais adiante e até o Capítulo XXX é ele dado como desaparecido. (N. do T.)

[5] A Ocasião era pintada como calva, com uma só mecha de cabelo, por onde era mister agarrá-la quando passasse. (N. de M. A.)

[6] Passagem do *Orlando Furioso,* de Ariosto. (N. de M. A.)

[7] No entanto, no Cap. XXII ficou dito que o galeote a que chamavam "estudante" havia feito a bacia em pedaços, nas costas de

Dom Quixote. (N. de M. A.)

[8] *Napeias* eram as ninfas dos outeiros; *dríades,* as dos bosques. (N. de M. A.)

[9] Animal metade cavalo, metade águia, citado no *Orlando Furioso,* de Ariosto. (N. de M. A.)

[10] Outro famoso cavalo citado por Ariosto e antes, por Boiardo. (N. de M. A.)

[11] É esta a primeira alusão que se faz na edição príncipe ao desaparecimento do jumento de Sancho. (N. do T.)

[12] As ataduras estavam nos alforjes com que ficou o vendeiro, como se viu no final do Capo XVII. (N. de M. A.)

[13] Sancho estropia a frase latina do responsório das matinas do ofício de defuntos: *"Quia in inferno nulla est redemptio".* No *Auto da Barca do Purgatório,* diz Gil Vicente: "*Pois quia infernus* es, *nulla redencia ha hi*" (N. de M. A.)

[14] Na edição príncipe vem esta alusão à promessa feita por Dom Quixote a Sancho, para consolá-lo da perda do ruço; mas o trecho que se refere a essa promessa, como atrás deixamos anotado, só apareceu na segunda edição. (N. do T.)

[15] A propósito dessa expressão, frequente na boca de Sancho e não rara na do próprio Dom Quixote, veja-se a nota 9, do Capítulo XXX. (N. de M. A.)

[16] No original: *mozo motilón.* Segundo Covarrúbias, *motilón* era o frade de cabeça inteiramente raspada, em começo ainda do noviciado (N. do T.)

[17] No original: *has de saber que una viuda hermosa, moza, libre y rica, y, sobre todo, desenfadada, se enamoró de um mozo motilón, rollizo y, buen tomo; alcanzólo a saber su mayor...* Uma das passagens mais discutidas do *Quixote,* em razão da referência gramatical do possessivo *seu.* Muitos cervantistas ligam-no ao sujeito menos imediato, ou seja *viúva,* incorrendo assim, no entender de Rodriguez Marín, num erro de interpretação, pois tal análise conduz à tradução de *mayor* (superior) por *maior,* e daí à ideia da existência de um irmão mais velho da viúva que a repreendesse fraternalmente. Optamos em nossa 2ª edição revista pelo parecer de Marín, segundo o qual a viúva estaria recolhida a um convento e ouve do superior (ou prior) as palavras de advertência ao que este considerava um namoro inconveniente. (N. de M. A.)

[18] Título dado em certas ordens religiosas ao teólogo que, completados os estudos, aguarda o grau de mestre. (N. de M. A.)

[19] Assim na edição príncipe, em vez de *Teseu;* mas é evidente erro tipográfico. (N. do T.)

### Capítulo XXVI

[1] Desde Clemencín observam aqui os comentadores que Dom Quixote confunde dois personagens de Ariosto: Orlando e Ferragus. Deste último eram os sapatos de ferro. (N. de M. A.)

[2] Medoro era pajem de Dardinel, e não de Agramante. (N. de M. A.)

[3] Assim, na edição príncipe. Algumas edições antigas emendaram para: *como a pariu a mãe.* Mas por mais de uma vez Cervantes usa da comparação irônica, tal como a deixamos. (N. do T.)

[4] Tal é o texto da edição original, que seguimos à risca. Edições posteriores alteraram-no, talvez por acharem os editores irreverente o modo de tratar o rosário. Desde o fim do parágrafo anterior: "Já sei, porém, que o que ele mais fez foi rezar", até o princípio da frase: "O que muito o fatigava era não achar etc.", o texto primitivo de Cervantes foi alterado pelos revisores, que o redigiram assim: "Mas ya sé que lo más que él hizo fué rezar, y así lo haré yo. Y sirviéronle de rosario unas agallas grandes de un alcornoque, que ensartó, de que hizo un diez". A clássica tradução portuguesa de Castilho seguiu esta versão deturpada, e assim a redigiu: "Já sei que rezar foi o que ele mais praticou; assim o farei eu também. A Dom Quixote serviram-lhe de ramal de rosário uns bugalhos grandes de sobreiro enfiados de dez em dez mais pequenos, à guisa de Padre-Nossos. O que muito o desassossegava era etc." Entretanto, o que Cervantes realmente escreveu, com muito mais espírito e malícia, foi o seguinte, que traduzimos textualmente: "Mas ya sé que lo más que él hizo fué rezar y encomendar-se a Diós; pero, ¿que haré de rosario, que no le tengo? En esto le vino al pensamiento cómo le haría, y fué que rasgó una gran tira de las faldas de la camisa, que andaban colgando, y dióle once ñudos, el uno más gordo que los demás, y esto le sirvió de rosario el tiempo que allí estuvo, donde rezó un millón de avemarías. Y lo que le fatigaba mucho era no hallar por allí otro ermitaño que le confesase y con quien consolarse." (N. do T.)

[5] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[6] Divindades rústicas da mitologia. Os faunos habitavam os campos e, os silvanos, os bosques. (N. de M. A.)

[7] A ninfa *Eco,* filha do Ar e da Terra, foi condenada por Juno a só falar repetindo as duas últimas sílabas do que lhe diziam. Desprezada por Narciso, recolheu-se a uma gruta, onde se consumiu em pranto; eis por que Cervantes a chama *úmida.* (N. de M. A.)

[8] "El llego", diz Sancho, confundindo a palavra "llagado", que dissera Dom Quixote. Benalcanfor e Castilho traduziram *chagado.* (N. do T.)

### Capítulo XXVII

[1] Era hábito comum entre a gente humilde da época usar rabos de boi ou cavalo como porta-pentes. (N. de M. A.)

[2] Rei visigodo de Espanha (672-680). (N. de M. A.)

[3] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[4] Tradução de Milton Amado (N. da E.)

[5] Alusão à parábola que o profeta Natã conta a Davi (II Reis 12, 3), para censurar-lhe a traição feita a Urias. (N. de M. A.)

[6] Gênesis 19, 17. (N. de M. A.)

### Capítulo XXVIII

[1] Lapso de Cervantes. A mesma cena é descrita na p. 329 (Capítulo XXVII), onde se lê que é a mãe de Lucinda quem lhe desabotoa o peito e descobre a carta, "que Dom Fernando logo apanhou". (N. do T.)

### Capítulo XXIX

[1] Assim no original. Expressão idiomática de difícil e controvertida interpretação, sem correspondente em nossa língua. Baseados em Marín, poderíamos traduzi-la por *sai da casa em desespero.* (V. ed. Marín cito p. 366, t. II). Castilho traduziu por *fogi da casa descorçoado* e Benalcanfor por *saí pois desesperado da casa em que estava.* (N. do T.)

[2] Assim no original. Veja-se a nota 9 do Capítulo XXX. (N. de M. A.)

[3] Micomicona e Micomicão — nomes formados com a duplicação do vocábulo *mico* e o acréscimo de uma desinência aumentativa que lhes triplica o valor. Observe-se que o gênio inventivo de Cervantes revela-se nos menores detalhes. (N. de M. A.)

[4] Isto é, trocados por moedas de prata ou ouro. (N. de M. A.)

[5] A *Complutum* de Ptolomeu esteve realmente situada perto do monte Zulema, nas proximidades de Alcalá de Henares. Do mouro Mussaraque é que nada se sabe; deve ser invenção de Cervantes. (N. de M. A.)

[6] Lagoa Meótides, ou Meótis, era o nome dado ao golfo do mar Negro em que desemboca o rio Dom. (N. de M. A.)

[7] Os *pés* com que andavam as galeras eram os remos puxados pelos galeotes. Com a libertação dos galeotes que se destinavam a remar nas galeras, estas ficavam sem seus *pés.* Daí a comparação do cura. (N. de M. A.)

[8] Ver nota 11 do Capítulo XVI (N. de M. A.)

### Capítulo XXX

[1] Assim no original. Veja-se nota 9 do Capítulo XXX. (N. do T.)

[2] Em nota anterior já nos referimos a esta fórmula de juramento, que Dom Quixote emprega disparatadamente; era feita sobre trechos dos Evangelhos, com referência a todos os livros santos. (N. de M. A.)

[3] Doroteia escolheu nomes apropriados; o *gigote,* picadinho de carne, era prato muito popular na época de Cervantes. (N. de M. A.)

[4] No original: *a pedir de boca.* Isto é, *na medida do desejo;* é locução verbal também nossa e significa "ter a faculdade de pedir ou escolher o que mais lhe agrada". (V. *Dicionário de Laudelino Freire,* 3ª ed., Livraria José Olympio Editora, Rio, 1957). (N. do T.)

[5] Assim no original. Expressão a que, presumivelmente, deveria seguir-se uma figa ou mesmo um gesto obsceno. (N. do T.)

[6] Esse furto da espada não foi narrado até agora, nem explicou Cervantes como Dom Quixote encontrou outra. (N. de M. A.)

[7] No original: *pedir cotufas en el golfo.* É frase que ocorre várias vezes e tem o sentido de pedir impossíveis, pois, como explica Cejador, as *cotufas,* ou *chufas,* são raízes açucaradas, que só se encontram em terra e enterradas. “Buscar agulhas em palheiro”, foi como traduziu Benalcanfor. E Castilho: “esperar hortaliça de sequeiro, ou apojadura de cabra velha”. (N. do T.)

[8] Em latim no original. Clemencín considera provável que a forma original fosse de *bobilis bobilis,* visto ser Sancho quem fala e não Dom Quixote. A expressão é equivalente à nossa “de mão beijada”, “de graça, e sem maior diligência da parte vossa, *para vós'.* (V. João Ribeiro, *Frases Feitas,* 1ª série, 1908, p. 187). (N. de M. A.)

[9] Não se admire esta expressão na boca de Dom Quixote, em presença de quem ele considerava princesa; era correntíssima então, mesmo entre damas da nobreza e até em documentos reais, não sendo encarada com a reserva que hoje nos merece, talvez porque, como nota Rodríguez Marín, “as palavras se tornam mais castas à medida que os povos mais se corrompem”. (N. de M. A.)

[10] Todo este trecho, até “Sancho agradeceu-lhe”, não figura na edição príncipe, onde não se narra o furto do ruço. Vem, porém, na segunda edição de Juan de la Cuesta, saída meses depois. (N. do T.)

[11] As *cartas de excomunhão* eram lidas publicamente pelos sacristães durante as missas *pro populo.* (N. de M. A.)

### Capítulo XXXI

[1] Punham-se sobre a cabeça, antes de abri-las, as cartas das pessoas de alta categoria, em sinal de respeito. (N. de M. A.)

[2] De Sabá, na Arábia Feliz, famosa por seu incenso e outros perfumes. (N. de M. A.)

[3] Os luveiros tinham por costume perfumar o couro das luvas, preparando-o com âmbar e almíscar. (N. de M. A.)

[4] No entanto, no Capítulo XXV, dissera Sancho: “Bem a conheço!” E passara a descrevê-la. (N. do T.)

[5] O episódio vem narrado no Capítulo IV. (N. do T.)

[6] A baleia bíblica que tragou Jonas. (N. de M. A.)

### Capítulo XXXII

[1] *Os quatro livros do valoroso Cavaleiro Dom Cirongílio de Trácia,* editados em Sevilha, em 1545. (N.de M.A.)

[2] Obra citada no Capítulo VI, 1ª parte. (N. de M. A.)

[3] Diogo Garcia de Paredes era um dos mais famosos capitães de Gonçalo de Córdoba.

Faleceu em 1530, ou 1533. Sua força e estatura enormes tornaram-no conhecido como “Sansão da Estremadura” e “Hércules espanhol”. (N. de M. A.)

[4] Bonecos que as crianças faziam com favas. (N. de M. A.)

### Capítulo XXXIII

[1] Este conto, intercalado na narrativa do *Dom Quixote* e de características correspondentes a algumas das *Novelas exemplares* de Cervantes, é tido como inspirado no Canto 43 do *Orlando Furioso,* de Ariosto. (N. de M. A.)

[2] No original: *descuidarse con cuidado.* Significa *descuidar-se propositadamente.* Era modismo corrente na época. (N. do T.)

[3] Provérbios 31, 10-31. (N. de M. A.)

[4] *Até aos altares;* frase de Péricles, citada nos *Apophtegmas* de Plutarco, para significar que os serviços da amizade não poderiam estender-se ao perjúrio. (N. de M. A.)

[5] Poeta napolitano, de cujo poema, aqui citado, se fizeram várias traduções espanholas. Faleceu em 1568. (N.de M. A.)

[6] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[7] Alusão à passagem do *Orlando Furioso,* de Ariosto, em que um cavaleiro oferece a Reinaldo um vaso que tinha a virtude de

demonstrar a infidelidade feminina; o vinho que contivesse se derramaria se a mulher que o tocasse fosse infiel. (N. de M. A.)

[8] Era então ainda corrente esse pouco lisonjeiro conceito sobre a mulher, que já fora emitido por Aristóteles. (N. de M. A.)

[9] Acreditava-se que o arminho assim fizesse, mas não passa de fábula. (N. de M. A.)

[10] Acredita-se que se trate da comédia *La confusa,* do próprio Cervantes, que se perdeu. (N. de M. A.)

[11] Alusão ao mito de Júpiter, que se transformou em chuva de ouro para penetrar no encerramento em que se encontrava Dânai e conquistá-la. (N. de M. A.)

[12] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[13] Ignora-se quem seja esse poeta; é provável que fosse o próprio Cervantes. (N. de M. A. )

## Capítulo XXXIV

[1] A guarda, ou guardião, isto é, Lotário. (N. de M. A.)

[2] A morte. (N. de M. A.)

[3] Este soneto, assim como o que vem pouco mais adiante, foi incluído por Cervantes em sua comédia *La casa de los celos.* (N. de M.A.)

[4] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[5] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[6] “Sabio, solo, solicito y secreto”, segundo a tradição espanhola da época. (N. do T.)

[7] Os *abecês de amor* eram muito numerosos e populares no tempo de Cervantes. (N. de M. A.)

[8] No original: *secretario de nuestros tratos.* Segundo o Dicionário da Academia Espanhola, *secretario* é a pessoa a quem se transmite um segredo em caráter reservado. (N. do T.)

[9] A mulher de Ulisses, resistindo a todas as tentativas de seus muitos pretendentes, durante a longa ausência do esposo, ficou como o símbolo lendário da fidelidade conjugal. (N. de M. A.)

[10] No original: *favorecer* y *canonizar.* Canonizar no sentido figurado de *aprovar* ou *aplaudir,* de acordo com o Dicionário da Academia Espanhola. (N. do T.)

[11] Pórcia, mulher de Bruto, exemplo de lealdade. Para mostrar ao marido que poderia participar do segredo da conspiração contra César, feriu-se gravemente em sua presença. (N. de M. A.)

[12] Tratar as feridas com vinho era medicação antiquíssima. Diz o Evangelho, na parábola do bom samaritano: “atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho” (São Lucas 10, 34). (N. de M. A.)

[13] *Pérola.* Lembre-se, a propósito, a expressão bíblica “... *neque mittatis margaritas vestras ante porcos...*“ (Não atireis as vossas pérolas aos porcos). (São Mateus 7, 6). (N. de M. A.)

## Capítulo XXXV

[1] Edições posteriores do *Dom Quixote* dão a este capítulo epígrafe mais longa: “Que trata da brava e descomunal batalha que teve Dom Quixote com uns odres de vinho tinto, e se dá fim à novela do *Curioso Impertinente”.* A primeira parte não figurava, porém, nas edições primitivas, que diziam apenas, no original: “Donde se da fin a la novela del *Curioso Impertinente”.* Assim o traduzimos. (N. do T.)

[2] Naturalmente, seria a manta com que o mantearam. (N. de M. A.)

## Capítulo XXXVI

[1] O título deste capítulo, na edição príncipe, é: *Que trata de la brava y descomunal batalla que Don Quijote tuvo con unos cueros de vino tinto, con otros raros sucesos que en la venta le sucedieron.* Mas essa batalha já foi narrada no cap. anterior. Daí a

correção feita em autorizadas edições, inclusive na de Rodríguez Marín. (N. do T.)

[2] O vendeiro sabia latim de missa, o que então não era de admirar. *Gaudeamus omnes in Domino* é o princípio do Introito das missas de Todos os Santos, Assunção, Rosário, Sant'Ana, Sta. Águeda etc. Substantivado, o *gaudeamus* tornara-se sinônimo vulgarizado de regozijo e gáudio. (N. de M. A.)

[3] Estilo de cavalgar, com rédeas e estribos curtos. (N. de M. A.)

[4] Era comum, nas viagens, o uso de máscaras ou antefaces, para preservar o rosto da poeira dos caminhos. (N. de M. A.)

[5] Benalcanfor traduziu: "copiosas e sentidas lágrimas", talvez por julgar extravagância de Cervantes chamar *formosas* as lágrimas; porém, como nota Marín, há outros exemplos autorizados da comparação. Camões, em *Os Lusíadas,* canto VI, diz: "Com lágrimas formosas e bastantes"... (N.de M.A.)

[6] Pelas leis então vigentes, a nobreza se transmitia por linha paterna. (N. de M. A.)

[7] Já nos versos de Juvenal se encontrava esta máxima: *"Nobilitas sola est atque unica virtus".* E o mesmo dizia Sêneca. (N. de M. A.)

[8] Esqueceu-se Cervantes de que, pouco antes, já se haviam visto e reconhecido Cardênio, Dom Fernando e Lucinda. (N. de M. A.)

### Capítulo XXXVII

[1] Assim no original. Veja-se nota 9 do Capítulo XXX (N. do T.)

[2] *Invenerable,* diz a edição príncipe; outras emendaram para *invencible,* e como "invencível" traduziram Castilho e Benalcanfor. Riquer considera o termo como burla de Doroteia: *invenerável;* outra é a lição de Hartzenbusch e Fitzmaurice-Kelly, ratificada por Marín e aqui seguida, tendo o texto da primeira edição como errata por *invulnerable.* (N. do T.)

[3] Assim no original. Veja-se nota 9 de Capítulo XXX. (N. do T.)

[4] Cervantes esteve cativo em terra de mouros e provavelmente descreve aqui o vestuário com que ele próprio, em 1580, regressou de Argel. (N. de M. A.)

[5] Amplo manto usado pelas mulheres árabes de casta nobre. No Egito chama-se *habbarah.* Tinha também o nome de *liçar* ou *alizaba.* (N.de M. A.)

[6] *Lela,* ou *lella,* em arábico, significa *senhora.* Zoraida, como nota a Academia Espanhola, é diminutivo de Zaíra, nome correspondente a Florência. (N. de M. A.)

[7] São Mateus 10, 12. São Lucas 10, 5. (N. de M. A.)

[8] P. ex.: Evangelho de S. João, XIV, 27. (N. de M. A.)

[9] Muitos estudantes recorriam aos conventos para receber a sopa destinada aos pobres. (N. de M.A.)

[10] Penhascos perigosíssimos para a navegação, existentes no Estreito de Messina, ficaram como símbolo de angustiosas dificuldades. (N. de M. A.)

### Capítulo XXXVIII

[1] Cervantes falava por experiência própria, como soldado, que foi; além disso, faleceu sem que fosse pago a sua sobrinha Isabel de Saavedra o soldo devido ao pai desta e seu irmão, o alferes Rodrigo de Cervantes, morto na Flandres, na batalha das Dunas, em 1600. (N. de M. A.)

### Capítulo XXXIX

[1] Os fatos que o Cativo passa a narrar são quase todos históricos, embora nem sempre cronologicamente ordenados, e refletem muito da vida e da experiência do próprio Cervantes. (N. de M. A.)

[2] O duque de Alba passou a Flandres em agosto-setembro de 1567. (N. de M. A.)

[3] A execução dos rebeldes condes de Egmont e de Horn deu-se a 5 de junho de 1568. (N. de M.A.)

[4] Cervantes estava nessa companhia, ao tomar parte na batalha de Lepanto. (N. de M. A.)

[5] Foi em meados de 1569 que os turcos tomaram Chipre. (N. de M. A.)

[6] Em Messina entrou Cervantes para a armada, que zarpou a 2 de setembro de 1571 para dar combate os turcos. (N. de M. A.)

[7] Essa jornada foi a grande batalha de Lepanto, a 7 de outubro de 1571; Cervantes nela tomou parte como soldado raso. (N. de M. A.)

[8] A coroa naval, de ouro, era o galardão dos que primeiro saltassem na nau inimiga abordada. (N. de M. A.)

[9] Uchali, ou Uluj Ali, renegado calabrês, era vice-rei de Argel em 1570. Chefiou frotas otomanas até 1587. (N. de M. A.)

[10] João Andrea Dória, genovês, general das galeras de Espanha, comandou na batalha do golfo de Lepanto a ala direita da esquadra cristã aliada. (N. de M. A.)

[11] Realmente, Uchali capturou, na batalha de Lepanto, a nau dos Cavaleiros da Ordem de Malta. (N. de M. A.)

[12] Porto ao sul do Peloponeso. (N. de M. A.)

[13] Três faróis eram o distintivo do almirante da armada. (N. de M. A.)

[14] Levantinos eram os marinheiros e janízaros os infantes de terra, ainda que embarcados. (N. de M.A.)

[15] Corruptela do turco *bachmaq,* segundo Paul Ravaisse. (N. de M. A.)

[16] Mahamet Bey, capitão dessa nau, era neto de Barbarroxa. (N. de M. A.)

[17] Muley Hamet, ou Mohamed, era irmão de Hamida, ou Ahmed, último sultão bérbere dos *hafsies.* Este tentou unir-se, em 1573, às tropas de Dom João de Áustria que iam atacar Túnis. Advirta-se que *Muley* não é nome, mas título, equivalente ao de Dom. (N. de M. A.)

[18] Fortaleza que defendia a entrada de Túnis, até então considerada inexpugnável. (N. de M. A.)

[19] Só depois de perdidos La Goleta e o Forte entregou Zanoguera essa pequena fortificação, em que se encontrava apenas com setenta soldados. (N.de M. A.)

[20] Todos esses fatos são rigorosamente históricos. Dois filhos de Dom Pedro Portocarrero, Alonso e Pedro, pertenciam ao círculo de relações de Madalena e Andreia, irmãs de Cervantes. (N. de M. A.)

[21] Ao professar na Ordem de São João de Malta, renunciou, em favor deste irmão, a todos os seus muitos bens. (N. de M. A.)

[22] Ficava a vinte léguas de Túnis e ali costumavam negociar-se os resgates dos cativos, através de intermediários genoveses ou judeus. (N. de M. A.)

### Capítulo XL

[1] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[2] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[3] El Fratim, ou o Fradezinho, era Jácomo Paleazzo, famoso engenheiro, que construiu e reforçou, às ordens de Filipe II e Carlos V, numerosas fortificações, entre as quais as de Gibraltar. (N. de M. A.)

[4] Não poucos meses, mas vários anos. Os fatos narrados se deram em 1574 e Uchali morreu em 1587, em Constantinopla, vítima de mal súbito, numa mesquita mandada construir por ele próprio. (N. de M. A.)

[5] Em mourisco: *Uluj,* ou *Uluch* (renegado), *Ali* (nome próprio), *Fartas* (tinhoso). Uchali, por doença, tinha a cabeça completamente calva. (N. de M. A.)

[6] Como nota Riquer, esses nomes são: *Huhammat, Mustafá, Murad* e *Ali.* (N.de M.A.)

[7] De Assan Agá, nome que se dava a Hassan Pachá, foi cativo Cervantes. Hassan Pachá foi soberano de Argel, entre 1577 e 1578.

Era veneziano de nascimento e chefiou um desembarque na Espanha que levou os islamitas às proximidades de Barcelona e de Alicante, em 1582. Casou-se com a filha de Agi Morato (a Zoraida da história de Cervantes, como nota Riquer), quando esta enviuvou de Abd-el-Malik, e morreu em 1591. (N. de M. A.)

[8] Nada tem esta palavra com *casa de banho;* vem do árabe *baniya,* edifício, e era uma espécie de senzala a que se recolhiam os cativos. (N. de M. A.)

[9] Cervantes refere-se aqui a si mesmo. (N. de M. A.)

[10] Não se elogia excessivamente Cervantes. Sobre o que fez em Argel para libertar-se e aos demais cativos dá longo testemunho outro cativo, o doutor Sosa, na *Topografia e História Geral de Argel,* do padre Haedo. Citem-se apenas estes trechos: "Se a seu ânimo, indústria e planos correspondesse a ventura, no dia de hoje Argel seria de cristãos, pois a menos não aspiravam seus intentos." E ainda: "Dizia Hassan Pachá, rei de Argel, que, tendo ele guardado o estropiado Espanhol, tinha seguros seus Cristãos, baixéis e mesmo toda a cidade; tanto era o que temia os ardis de Miguel de Cervantes"... (N. de M. A.)

[11] Verbo no singular, precedido de mais de um sujeito, a exemplo do que ocorre em algumas outras passagens. (N. de M. A.)

[12] Agi Morato, ou Hadji Murad, existiu realmente. Filho de cristãos escravos, renegou e tornou-se pessoa das mais importantes em Argel. *Hadji* é o título dado aos muçulmanos que fazem a peregrinação ritual a Meca, ou pagam a alguém para que a faça por eles. (N. de M. A.)

[13] Al-Batha, fortaleza situada em território argelino, a duas léguas de Oran. (N. de M. A.)

[14] Camaradas, no sentido etimológico: os que dormem na mesma *câmara.* (N.de M.A.)

[15] *Zalá,* no original; de *aç-çalá,* oração dos muçulmanos. (N. de M. A.)

[16] Ao inferno. (N. de M. A.)

[17] Na realidade, a filha de Agi Morato, chamada Zaara, ou Zaíra, casou-se com Abd-el-Malik, Sultão de Marrocos, que morreu lutando contra os portugueses, na batalha de Alcacerquibir. Viúva, voltou a casar-se com Hassan Pachá e morreu em Constantinopla. Cervantes utilizou esta mesma história do Cativo em sua comédia "Os banhos de Argel". (N. de M. A.)

[18] Bab-Açun, uma das principais entre as nove portas de Argel. (N. de M. A.)

[19] Tagarinos, como explica Covarrúbias, era o nome dado aos "mouriscos antigos, criados entre cristãos-velhos, em lugares de Castela e de Aragão". (N. de M. A.)

### Capítulo XLI

[1] Hoje, Cerceli (N. de M. A.)

[2] Palavras mouriscas. *Tagarino* significa fronteiriço; *mudéjar,* tributário, vassalo de cristãos; *elche,* trânsfuga. (N. de M. A.)

[3] Oração muçulmana. (N. de M. A.)

[4] Era a chamada *língua franca,* mistura de árabe e vários idiomas cristãos, notadamente italiano, espanhol e português. (N. de M. A.)

[5] Chamava-se assim o corsário que apresou a galera *Sol,* em que Cervantes e seu irmão Rodrigo viajavam de Nápoles para a Espanha. (N. de M. A.)

[6] Assim no original. Juramento árabe que significa *por Alá.* (N. do T.)

[7] Dizia-se *ladino* do mouro que sabia falar língua de cristãos. (N. de M. A.)

[8] Assim na edição príncipe. O interrogativo, porém, é *támxixi,* como corrigiram outras edições; *ámexi* é imperativo, como aparece corretamente mais adiante. (N. do T.)

[9] Mouros que se empregavam para remar. (N. de M. A.)

[10] Utilizando-se apenas parte dos remadores, enquanto os outros descansavam. (N. de M. A.)

[11] É um manto mouro, cobrindo também a cabeça. O *Dicionário* de Laudelino Freire registra o termo, já tratado mais extensamente em nota anterior. (N. do T.)

[12] Baixel que levava vela quadrada, em vez da triangular ou *latina* (N. de M.A.)

[13] Com a proa para a parte de onde sopra o vento. (N. de M. A.)

[14] Era costume beijar o solo, ao desembarcar de perigosa navegação. (N. de M. A.)

[15] Os maometanos não têm imagens. Para Zoraida, pois, era coisa absolutamente nova e nunca vista. (N. de M. A.)

[16] Os renegados arrependidos deviam comprovar, por documentos e declarações de cristãos, que sempre, no cativeiro, haviam guardado a fé e mantido o propósito de manifestá-la, logo que livres. Eram então absolvidos e reintegrados, após cumprir leve penitência, como, por exemplo, assistir à missa levando na mão um círio aceso. (N. de M. A.)

### Capítulo XLII

[1] Essas vestes, chamadas garnachas, eram distintivas dos ouvidores e outros magistrados. (N. de M.A.)

[2] Grau militar de chefe de terço, mais ou menos equivalente ao atual de coronel. (N. de M. A.)

### Capítulo XLIII

[1] Palinuro foi o principal piloto da frota de Eneias, como diz Virgílio. (N. de M. A.)

[2] Tradução de Milton Amado. Como no original, as rimas são por consonância, nas sílabas tônicas em *u* dos segundos e quartos versos. (N. da E.)

[3] Tradução de Milton Amado. (N. da E.)

[4] A lua, chamada por Horácio *diva triforme,* por ser cheia, crescente e minguante e invocada pelos nomes de Diana, Febeia e Hécate. (N. de M. A.)

[5] Alusão ao mito de Dafne, que, perseguida por Apolo, foi transformada em loureiro por Peneu, seu pai. (N. de M. A.)

[6] Lirgandeu figura no *Cavaleiro do Febo,* como sábio e cronista desse livro de cavalarias; Alquife, personagem do *Amadis de Gaula,* era famoso encantador, marido da não menos célebre feiticeira Urganda, a Desconhecida. (N. de M. A.)

### Capítulo XLIV

[1] No original: *que era señora de un escudo*. Significa: valia um escudo. (N. do T.)

[2] Vem assim na edição príncipe. Edições posteriores corrigiram para *Mambrino;* advirta-se, porém, que Sancho estropiava comumente os nomes. (N. do T.)

### Capítulo XLV

[1] Qualquer um podia raspar barbas; mas para dar sangrias, arrancar dentes e executar outros misteres semelhantes, então confiados aos barbeiros, era necessário submeter-se a exame e ter certificado de aprovação. (N. de M. A.)

[2] De boa casta, de raça. (N. de M. A.)

[3] *Sobre barbeiro* é como diz a edição príncipe, embora as modernas corrigissem para *pobre barbeiro.* R. Marín e Riquer adotam o texto da primeira edição e este último explica que *sobre* significa *segundo,* sendo o primeiro barbeiro o amigo de Dom Quixote, mestre Nicolau. (N. de M. A.)

[4] Refrão espanhol *(allá van leyes do quieren reyes)* ainda hoje em voga: “lá vão leis onde querem reis”. (N. de M. A.)

[5] Pendência narrada por Ariosto no *Orlando Furioso,* em que se lutou por uma espada, um cavalo e um escudo com uma águia; foi afinal apaziguada pelos esforços de Agramante e do rei Sobrinho. (N. de M. A.)

[6] *Alcavala* era o imposto real cobrado sobre o que se vendia; *chapim de rainha,* a contribuição para os festejos de bodas reais; *moeda foreira,* tributo de vassalagem pago ao rei cada sete anos; *portagem,* a taxa de passagem por certos lugares; e *barca,* o direito

pago por travessia de rio. (N. de M. A.)

## Capítulo XLVI

[1] Otávio Augusto fechou por três vezes a porta do templo de Jano, em Roma, o que só se fazia em época de paz absoluta. (N. de M. A.)

[2] No original: *porque me va poniendo espuelas al deseo, y al camino.* Anota Marín: "este *poner espuelas* una cosa *para,* o *a...* significando *aguijar, estimular,* es frase figurada que no registra el *Dicionario".* Em nossa língua o verbo *esporear* tem também esse significado de *estimular.* (V. *Dicionário de L. Freire).* Assim, pois, deve-se entender a expressão, como observa Marín: "a convicção de ser muito verdadeiro aquele refrão *esporeia o desejo* de caminhar, e ainda o próprio caminhar, que é esse tal desejo já em ação". (V. ed. Marín cit., pp. 319 e 320, t. III). Benalcanfor, em sua tradução, omitiu o trecho, e Castilho assim verteu-o — "porque o desejo e o caminho me esporeiam" — enganando-se redondamente, porque transformou o *desejo e o caminho* de objeto direto em sujeito, quando o sujeito é a locução seguinte — "o que se costuma dizer etc.". (N. do T.)

[3] Dizia-se: "com perdão das toucas honradas", para desculpar-se de qualquer inconveniência dita diante de senhoras; se se falava apenas a homens, pedia-se o perdão das "barbas honradas". (N. de M. A.)

[4] Expressão usada para perdoar aos excomungados, devolvendo-os ao grêmio da Igreja. (N. de M. A.)

[5] Em latim no original. Palavras do *Gloria Patri* citadas por Cervantes em mais de uma obra sua.(N. de M. A.)

[6] Da Mancha. O barbeiro imita o estilo dos livros de cavalarias. (N. de M. A.)

[7] O sol; nova alusão ao mito da perseguição de Dafne por Apolo. (N. de M. A.)

[8] As constelações. (N. de M. A.)

[9] Tais profecias, repletas de símbolos obscuros, eram coisa comum nos livros de cavalarias. (N. de M. A.)

## Capítulo XLVII

[1] Como observou Clemencín, este título caberia melhor ao capítulo anterior. (N. de M. A.)

[2] O âmbar era substância das mais caras e só usavam seu perfume, por isso, as pessoas ricas e da alta nobreza. (N. de M. A.)

[3] Zoroastro, ou Zaratustra, o fundador da religião nacional persa e mestre dos Magos. (N. de M. A.)

[4] A história de Rinconete e Cortadilho figura entre as *Novelas Exemplares de Cervantes,* publicadas oito anos depois da *Primeira parte do Dom Quixote.* (N. de M.A.)

[5] A *Summa Sumularurn,* de Gaspar de Villalpando, teólogo e catedrático da Universidade de Alcalá; era tratado adotado para o ensino da dialética. (N. de M. A.)

[6] "Gimnosofistas" (filósofos nus) era como os gregos chamavam os brâmanes da índia, e não da Etiópia. (N. de M. A.)

[7] Classificavam-se as fábulas em três gêneros: as mitológicas, as apológicas e as milésias, nome este derivado dos livros obscenos de Aristides de Mileto. (N. de M. A.)

[8] Era o que narravam as aventuras de *Dom Belianis de Grécia. (*N. de M. A.)

[9] A tradução das *Viagens de Marco Polo* apareceu na Espanha em 1503. Ptolomeu, como é sabido, escreveu oito livros de geografia. Sobre o famoso Preste João deixamos nota anterior. (N. de M. A.)

[10] *Dudoso,* no original, significando *verossímil;* é a lição de Clemencín. (N. de M. A.)

[11] Foi quem induziu os troianos a aceitarem o cavalo de madeira em cujo interior se ocultavam os seus inimigos. (N. de M. A.)

[12] Guerreiro troiano, celebrizado por sua amizade ao Niso. (N. de M. A.)

[13] Rebelados os babilônios contra Dario, Zópiro cortou o próprio nariz e as orelhas e, dizendo-se mutilado por ordem do rei, logrou a confiança dos sublevados, acabando por reduzi-los à obediência a seu senhor. (N. de M. A.)

## Capítulo XLVIII

[1] "El sastre del cantillo", diz o original, recordando o rifão do alfaiate que costurava de graça. *Cantillo,* antigamente, era o mesmo que *esquina.* (N. do T.)

[2] Peças de Leonardo Lupércio de Argensola, secretário do vice-reinado de Nápoles, onde morreu em 1613. (N. de M. A.)

[3] Peças, respectivamente, de Lope de Vega, do próprio Cervantes, de Gaspar de Aguilar e do cônego Francisco Tárrega. (N. de M. A.)

[4] Marco Túlio Cícero. (N. de M. A.)

[5] A Antártida e a Oceania ainda não se contavam, no tempo de Cervantes, entre as partes do mundo. (N. de M. A.)

[6] *Apariencia,* diz o original. Clemencín explica que *apariencia* é a tramoia, máquina teatral para representar transformações ou acontecimentos prodigiosos. *Tramoia* foi como traduziram tanto Castilho como Benalcanfor. (N. do T.)

[7] No original: *y de toda imposibilidad es imposible...* (N. do T.)

[8] Cervantes elogia aqui a Lope de Vega, depois de havê-lo farpeado e criticado em toda a parte anterior deste capítulo, como em outras muitas do *Dom Quixote.* (N. de M. A.)

[9] Já dizia Fedro: "Se mantiveres sempre o arco retesado, cedo o romperás". (N. de M. A.)

## Capítulo XLIX

[1] Garcilaso de la Vega, famoso cavaleiro da guerra de Granada, que não se deve confundir com o célebre poeta Garcilaso. Dos demais nomes aqui citados, que aparecem também em outras partes do *Dom Quixote,* tratamos brevemente em outras notas. (N. de M. A.)

[2] Casos narrados na *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França,* em que as mais fabulosas ficções se misturam ao fundo histórico. (N. de M. A.)

[3] Herói de poema cavaleiresco francês da Idade Média. (N. de M. A.)

[4] João de Merlo, de ascendência lusitana, era alcaide de Alcalá, a Real. Combateu efetivamente com Pierre de Beaufremont, senhor de Charny, e com Henrique de Remestán. (N. de M. A.)

[5] Ambos existiram realmente e adquiriram alta fama de valentia. Seus feitos são citados na *Crônica de D. João II.* (N.de M.A.)

[6] De Dom Fernando de Guevara e seus feitos, assim como de Luís de Falces, mordomo de Afonso V, o Magnânimo, trata a *Crônica de D. João II.* O famoso *Passo honroso* de Sueiro de Quinhones foi um desafio, em 1434 em que ele, por amor de sua dama, se comprometeu a romper trezentas lanças, contra quaisquer cavaleiros que se apresentassem junto à ponte de Orbigo. Dessas justas, que duraram 30 dias, participaram 68 cavaleiros, de várias nações. Sueiro morreu anos depois, em combate com o já citado Dom Gutierre de Quijada. (N. de M. A.)

## Capítulo L

[1] Também se diz *grutesco* e é a imitação de grutas ou cenas e animais agrestes. (N. de M. A.)

[2] Frase bíblica. Tiago 2, 26. (N. do T.)

## Capítulo LI

[1] Na edição príncipe, esse personagem aparece duas vezes com o sobrenome de *Rosa* e uma com o de *Roca.* (N. de M.A.)

[2] Não se sabe quem foi esse, ou esses, Gante e Luna. (N. de M. A.)

[3] No original: *viciosa,* termo que, como diz Marín, se empregava antigamente no sentido de *cheia de viço, florescente.* (N. de M.A.)

## Capítulo LII

[1] Assim no original. Variedade da expressão que se reforçava (conforme esclarece Marín) com a atribuição ao filho e à mãe do mesmo qualificativo. Veja-se nota 9 do Capítulo XXX. (N. do T.)

[2] Sancho, na sua aflição, troca de modo cômico o que pretendia dizer. (N. de M.A.)

[3] Do nome da mulher de Sancho tratamos em outra nota. (N. de M. A.)

[4] Com esse propósito começou Cervantes a escrever a *Segunda parte do Dom Quixote.* Mas, quando a escrevia, surgiu o *Quixote* de Avellaneda, que colocava o cavaleiro precisamente nessas justas. Irritado, Cervantes fez seu herói mudar de rumo e seguir para Barcelona. (N. de M. A.)

[5] Os fantásticos nomes dos acadêmicos dessa inventada academia seriam alusões a pessoas da época? É possível que sim, mas não se encontrou meio de identificá-los. (N. de M. A.)

[6] Nome antigo da China. (N. de M. A.)

[7] A tradução destes versos, como a dos que se seguem, é de Milton Amado. (N. da E.)

[8] Cavalos, respectivamente, de Roldão e de Reinaldo de Montalvão. Este é um soneto com estrambote, ou de *cauda,* como convinha ao animal nele louvado. (N. de M. A.)

[9] Era esse o nome de famoso argelino, que infestou a costa de Valência. (N. de M. A.)

[10] *Outro cante, talvez, com melhor plectro.* É um verso de Ariosto *(Orlando Furioso),* cuja forma correta no original italiano é *Forse altri canterà con miglior plettro.* Cervantes repete-o no primeiro capítulo da II parte, traduzido. (N. do T.)

VOLUME II

Fé de Erratas

[1] Não é este o mesmo revisor da *Primeira parte* de *Dom Quixote,* mas um parente seu, de idêntico desleixo nas correções. (N. do T.)

Aprovação

[1] Na primeira parte, Dom Quixote é o engenhoso *fidalgo*; nesta segunda, chama-o Cervantes *cavaleiro*, pois cavaleiro havia sido armado na venda, em sua primeira saída. (N. do T.)

[2] O duque de Mayenne, que fora tratar, entre outros, do casamento da infanta Ana d'Áustria com Luís XIII, então delfim de França. (N. do T.)

## Dedicatória

[1] Dom Pedro Fernandes de Castro, conde de Lemos e vice-rei de Nápoles, foi um constante protetor de Cervantes, que, além da *Segunda Parte* do *Dom Quixote,* lhe dedicou suas *Novelas Exemplares, Oito Comédias e Oito Entremezes Novos Nunca Representados* e *Os Trabalhos de Persiles e Segismunda.* (N. do T.)

## Prólogo

[1] Em 1614, apareceu em Tarragona, impresso por Filipe Roberto, o livro *Segundo Tomo do Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, que contém sua terceira saída e é a quinta parte de suas aventuras, composto pelo licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda, natural da Vila de Tordesilhas. No prólogo, ofende-se rudemente a Cervantes, em vingança das alusões irônicas que ele semeara na primeira parte de Dom Quixote contra Lope de Vega, de quem se tornara inimigo. Supõe-se que o autor, pois o nome dado é suposto, seja um amigo de Lope, que assim o pretendeu desagravar. Neste prólogo da segunda parte de *Dom Quixote*, Cervantes volta a desferir alusões ferinas contra Lope de Vega, a quem igualmente não poupa em numerosos outros capítulos da obra, procurando ridicularizar principalmente seus desregramentos amorosos. (N. do T.)

[2] Cervantes alude aqui ironicamente a Lope de Vega, cujos escândalos amorosos eram vastamente conhecidos. (N. do T.)

[3] Devia ser famoso no tempo de Cervantes, mas sobre ele hoje nada se sabe. (N. do T.)

[4] Vinte e quatro era o título popularmente dado aos membros do Concelho comunal, que se compunha de vinte e quatro concelheiros. (N. do T.)

[5] Violenta sátira política e social escrita na época de Henrique IV, rei de Castela, de autor desconhecido. (N. do T.)

[6] Cervantes não chegou a concluir a segunda parte de *Galateia*. O *Persiles* apareceu no ano seguinte ao de sua morte, verificada seis meses após a publicação da segunda parte de *Dom Quixote*. (N. do T.)

## Capítulo I

[1] A ninguém. Roque era o nome antigo da torre, no jogo de xadrez. Daí, também, a expressão sem rei nem roque, sem governo. (N. do T.)

[2] Refere-se Cervantes a um conto do folclore valenciano, segundo o qual um sacerdote fora roubado em viagem e o ladrão o forçara a jurar não denunciar o roubo a pessoa alguma. Posteriormente, ao rezar a missa, presente o rei, viu o padre que o ladrão se achava na igreja e, ao Prefácio, em vez das palavras do Missal, narrou o que lhe sucedera, exclamando: "Jurei não o dizer a ninguém, mas digo-o a vós, Senhor Deus, que não sois homem nem mulher, e o ladrão está ali debaixo do púlpito." Imediatamente o assaltante foi preso. Com variantes, esse conto é encontrado no folclore de outras regiões. (N. do T.)

[3] Os loucos eram habitualmente conservados nus nos hospícios, especialmente os furiosos. (N. do T.)

[4] Fazer as diligências necessárias em algum assunto, diz Riquer. Rodríguez Marín considera a expressão uma alusão ao costume beato de correr altares. Benalcanfor traduziu: "andar de lá para cá". (N. do T.)

[5] Nunca houve livro de Turpin com tal título, assinala Clemencín. (N. do T.)

[6] Alusão pejorativa às bacias usadas pelos barbeiros. (N. do T.)

[7] No original, *filisteazo.* (N. do T.)

[8] O "Morgante", do poeta italiano Pulci. (N. do T.)

[9] São versos do *Orlando Furioso.* Com o segundo,citado em italiano,Cervantes fechou a primeira parte do *Quixote*. (N. do T.)

[10] Luis Barahona de Soto, autor de *As Lágrimas de Angélica.* (N. do T.)

[11] Lope de Vega, com o poema "A formosura de Angélica". Lope chamara a si mesmo "unicus aut peregrinos", fato que Cervantes aqui relembra ironicamente. (N. do T.)

## Capítulo II

[1] *Volar la ribera*, diz o original; é expressão de caça, que significa sair a espantar aves para que se levantem e voem, oferecendo melhor alvo. Benalcanfor traduziu: "qualquer dia abala por aí fora à cata de aventuras". "Sai outra vez a andar à tuna", diz a tradução dos viscondes de Castilho e de Azevedo. Franciosini, o primeiro tradutor italiano do *Quixote*, escreveu: "anderà un'altra volta vagando il mondo". (N. do T.)

[2] Com fumaça diluída em água ou azeite davam lustre os fidalgos pobres aos sapatos. (N. do T.)

[3] Moeda de escasso valor, que equivalia à sexta parte de um "dinheiro". (N. do T.)

## Capítulo III

[1] O hábito de São Pedro era a veste dos clérigos e estudantes. As quatro primeiras ordens, anteriores ao diaconato, são as de ostiário, leitor, exorcista e acólito. (N. do T.)

[2] Na época em que Cervantes deve ter escrito este capítulo, 1612 ou 1613, já haviam saído dez edições da primeira parte de *Dom Quixote*, em Madri, Lisboa, Valência, Bruxelas e Milão; nenhuma, porém, em Barcelona, onde o livro só foi editado em 1617. (N. do T.)

[3] *Pedir cotufas en el golfo,* querer o impossível, pois são tubérculos que não se podem encontrar no mar. Castilho e Azevedo traduziram, lembrando o episódio aqui sugerido: "tornar-se reinadio com as éguas". Preferimos acompanhar aqui a versão de Benalcanfor, embora, como variante, tenhamos mais adiante traduzido, mais ao pé da letra, "pedir ao mar legumes". (N. do T.)

[4] Dizia-se das letras grandes. Covarrúbias, no seu *Tesouro da Língua Espanhola,* registra como sinônimos *letras gordas* e *góticas.* (N. do T.)

[5] Afonso de Madrigal, bispo de Ávila e autor fecundíssimo. (N. do T.)

[6] Máxima de Plínio, o Velho. (N. do T.)

[7] Em latim, no original: *de quando em quando "cochilava" o bom Homero.* É parte de um verso da *Ars Poetica,* de Horácio. (N. do T.)

[8] Em latim, no original: *o número dos insensatos é infinito.* É frase da Bíblia (Eclesiastes 1, 15). (N. do T.)

[9] Descuido da edição príncipe, sanado nas posteriores. (N. do T.)

[10] Isto é, "ficarei nos ossos". (N. do T.)

[11] Expressão, presumindo modéstia, usada quando se convidava alguém para comer. (N. do T.)

## Capítulo IV

[1] *Orlando Furioso,* canto XXVII, estância 84. (N. do T.)

[2] Tradicional grito de guerra dos espanhóis. (N. do T.)

## Capítulo V

[1] No original: "*a pie enjuto*". Isto é, conforme ensina Rodríguez Marín: "sin zozobras ni peligros" (sem riscos nem perigos). (N. do T.)

[2] Alusão a velho romance, em que Dona Urraca, ao ver que seu pai, D. Fernando I, de Castela, morria sem nada lhe deixar, ameaça vagar pelo mundo "como mulher errada", entregando o corpo "aos mouros por dinheiro e aos cristãos de graça". (N. do T.)

[3] Dinastia de reis mouros da África, que sucedeu à dos Almorávides. (N. do T.)

## Capítulo VI

[1] *Partir o sol*, marcar o terreno em que deviam combater os cavaleiros, para que a luz não colocasse algum em desvantagem. (N. do T.)

[2] Insígnia que a Inquisição colocava sobre o peito e as costas dos penitentes reconciliados. (N. do T.)

[3] Paráfrase da passagem do *Sermão da Montanha* (S. Mateus 7, 13-14): “Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ela. Que estreita é a porta, e apertado o caminho, que guia para a vida: e poucos são os que acertam com ele!” (N. do T.)

[4] Garcilaso. Os versos citados são da *Elegia I*, motivada pela morte de D. Bernardino de Toledo, irmão de D. Fernando, duque de Alba. (N. do T.)

[5] Referia-se aos palitos de uso permanente, então adotados, rica e artisticamente burilados em madeira, marfim, osso, ouro ou prata. (N. do T.)

## Capítulo VII

[1] Aventuras, dizia Dom Quixote, mas a ama não entendia de cavalarias. (N. do T.)

[2] Oração popular, a que se atribuía a virtude de curar dores de dentes. (N. do T.)

[3] Os criados de muitos fidalgos serviam *por mercês*, isto é, só recebendo como retribuição aquilo que a seus amos aprouvesse dar-lhes. (N. do T.)

[4] Em latim, no original: *em boa hora seja*. (N.do T.)

[5] No original: *de las esferas*, isto é, segundo Riquer (ed. cit. pág. 609), *dos céus*. (N. do T.)

[6] Alusão à comida em linguagem familiar, e não a bucolismo. (N. do T.)

[7] O apropriado seria o contrário, mas, como está, exprime bem o espírito burlão do bacharel. (N. do T.)

## Capítulo VIII

[1] *Suspirar*, adverte R. Marín, está aqui por outra coisa malsoante. Cervantes, como outros autores de sua época, não recuava diante de alusões escatológicas. (N. do T.)

[2] Arte de adivinhar pela observação dos astros. (N. do T.)

[3] Garcilaso, *Écloga III.* (N. do T.)

[4] *Damas cortesãs*, por mulheres dissolutas. Presume-se que o poeta a que alude Dom Quixote fosse Vicente Espinel, autor de uma “Sátira contra as damas de Sevilha”. (N. do T.)

[5] O antigo Panteão, templo dedicado por Marco Agripa a Júpiter vingador e todos os deuses. (N. do T.)

[6] Cervantes recorda os feitos de Horácio Cocles e Múcio durante o cerco de Roma pelos etruscos de Porsena. O heroísmo de Marco Cúrcio é narrado por Tito Lívio. No século IV de Roma abriu-se na cidade um abismo e disseram os augúrios que nele se devia sacrificar, para que se fechasse, o melhor que tivesse Roma; Cúrcio, armado e a cavalo, lançou-se no abismo, que se mudou num lago. Quanto à passagem do Rubicão, segundo Suetônio, César só a tentou depois de haver considerado favorável um agouro, que lhe venceu as hesitações. (N. do T.)

[7] Fernando Cortés, o conquistador do México. (N. do T.)

[8] É o obelisco de Heliópolis, trazido a Roma no império de Calígula e colocado no circo de Nero. O papa Sixto V, em 1586, transferiu-o para o centro da Praça de São Pedro. Nele, porém, nunca estiveram as cinzas de César. (N. do T.)

[9] Século no sentido de *vida*, como em várias outras passagens. (N. do T.)

[10] Clemencín considera que fossem São Diogo de Alcalá, canonizado em 1588, e São Pedro de Alcântara; mas este somente foi beatificado em 1622. Mayáns indica São Salvador de Orta. (N. do T.)

[11] Essa famosa espada, que a lenda dizia ser de Roldão, na realidade era uma arma do século XIII. (N. do T.)

### Capítulo IX

[1] Nos átrios das igrejas é que se sepultavam os mortos. Para justificar o temor de Sancho, além da velha superstição sobre a ida a cemitério à meia-noite, havia a perseguição da Inquisição aos feiticeiros, acusados de frequentar cemitérios a tal hora para fazer sortilégios e bruxarias. (N. do T.)

[2] No Capítulo XXV da primeira parte, diz Dom Quixote que havia visto Dulcineia, embora no máximo quatro vezes. O mesmo se dá a entender no final do Capítulo I. Também no Capítulo XXV citado, ao saber que Dulcineia era Aldonça Lourenço, diz Sancho: “Bem a conheço.” E passa a descrevê-la. (N. do T.)

[3] Romance popular recolhido no *Cancioneiro de Romances*, de Antuérpia. (N. do T.)

[4] Outro romance de gesta, recolhido no mesmo *Romanceiro.* Calaínos, ou Calainhos, nobre mouro, para cumprir promessa feita à infanta Sevicha, por quem se apaixonara, foi buscar as cabeças de três dos Doze Pares de França, e morreu em luta com Roldão. (N. do T.)

### Capítulo X

[1] Nesta, como noutras passagens anteriores e posteriores, trata Cervantes a pequena aldeia de Toboso como se fosse grande cidade. Bem poderia sê-lo aos olhos de Dom Quixote, pois ali habitava a “princesa Dulcineia”. (N. do T.)

[2] *No caber en la almohada*, inchar-se de envaidecida. (N. do T.)

[3] Versos de um romance de Bernardo del Carpio. Tradicional era a imunidade dos mensageiros e arautos, a que já aludia o provérbio latino: “*Legatus nec cogitur nec violatur*”. (N. do T.)

[4] *Procurar Maria em Ravena*, é adulteração da frase latina “*Ravennae maria quaerere*”, com referência ao *mar,* que não existia em Ravena. A comparação, adulterada, passa a ter sentido inverso, pois muitas Marias lá devia haver, tal como bacharéis em Salamanca, embora não Dulcineias em Toboso. (N. do T.)

[5] Baseado em Clemencín, adverte Marín (op. cit., t. IV, p. 218, nº 6) ter sido costume dos romanos assinalar os dias felizes com pedrinhas brancas e os aziagos com pedrinhas negras. (N. do T.)

[6] Usava-se assinalar com almagre, nas paredes das Universidades, os nomes dos vencedores nos exercícios de doutorado. (N. do T.)

[7] O melhor brocado era de três lavores: o pano de fundo, sobre que se aplicava um lavor de seda e, sobre este, bordados em relevo, com fios de ouro ou prata. (N. do T.)

### Capítulo XI

[1] O barqueiro mitológico que transportava as almas dos mortos para o reino de Plutão, deus dos infernos. (N. do T.)

[2] Existiu realmente esse autor de comédias e empresário, chamado André de Angulo, cordovês. O *Auto Sacramental das Cortes da Morte* é uma peça de Lope de Vega. (N. do T.)

[3] Assim se chamavam as oito únicas companhias autorizadas pelo rei a representar, em 1603. (N. do T.)

### Capítulo XII

[1] A amizade de Niso e Euríalo é encarecida no livro IX da *Eneida*; Pílades procurou passar por seu amigo Orestes, para ser imolado a Diana em lugar dele. (N. do T.)

[2] Como nota Clemencín, foi em Plínio que Cervantes buscou isso que os animais ensinaram aos homens. (N. do T.)

[3] São Mateus 12, 34. São Lucas 6, 45. (N. do T.)

[4] Naquela época, era hábito cantar os sonetos e outras poesias, com acompanhamento musical. (N. do T.)

### Capítulo XIII

[1] Assim no original. V. nota 9 do Capítulo XXX, 1ª parte. (N. do T.)

[2] Assim no original. V. nota 9 do Capítulo XXX, 1ª parte. (N. do T.)

[3] São Mateus 15, 14. (N. do T.)

[4] Assim no original, bem como as outras referências que se seguem. (N. do T.)

### Capítulo XIV

[1] Formosa imagem da Vitória, que coroa a torre da Catedral de Sevilha. É toda de bronze, mede quatro metros e vinte centímetros de altura, estando colocada sobre um globo de metro e meio de altura, e pesa mais de uma e meia toneladas. (N. do T.)

[2] Quatro estátuas de pedra que se acham num pomar do mosteiro dos Jerônimos de Guisando, no bispado de Ávila. (N. do T.)

[3] Abismo de 150 metros de profundidade, a 5km da cidade de Cabra. (N. do T.)

[4] *Desigual,* nesta como em outras passagens, tem o sentido de árdua, perigosa, acidentada, e não o de “nunca vista”, como traduziu Benalcanfor, apoiado em Clemencín, mas contrariando o *Dicionário de autoridades.* A tradução de Castilho e Azevedo omite o vocábulo, falando apenas em “sangrenta e singular batalha”. (N. do T.)

[5] No Capítulo XV da primeira parte, Sancho empunhou a espada para defender-se dos arrieiros. (N. do T.)

[6] No original: “martas *cebollinas”.* “Martas” são peles preciosas, e “as mais estimadas”, esclarece Morais, “são as azevichadas das martas zibelinas”. Ora, zibelinas em espanhol é *cebellinas*; daí supormos que é trocadilho, de Sancho, pois ele está ridicularizando os enchimentos das taleigas. Não pudemos verificar como Castilho traduziu, porque as linhas que vão de “martas” até “esfiapados os ossos”, ele adaptou-as para: *olhem que chumaços*. (N.do T.)

### Capítulo XVI

[1] No original: *se la den entre dos platos.* Isto é, ofereçam-na delicadamente, como se se tratasse da comida dum convalescente, observa o Prof. Riquer. (N. do T.)

[2] A edição príncipe e a maioria das demais dizem “de su caballo”; tem-no o erudito R. Marín por erro de imprensa, saindo “caballo” em vez de “cuello”; Garcia Soriano e J. G. Morales são do mesmo parecer. (N. do T.)

[3] Macho de perdiz, utilizado como chamariz nas caçadas. (N. do T.)

[4] Em latim, no original: *ganhar-se o pão.* (N. do T.)

[5] Em latim, no original: *Deus está em nós.* É frase de Ovídio, *Ars Aniandi*, III, 549. (N. do T.)

[6] As folhas de louro. Era crença comum que os raios não atingiam os loureiros. (N. do T.)

### Capítulo XVII

[1] D. Manuel de Leão, cavaleiro do reinado de Filipe e Isabel, penetrou numa jaula de leões para retirar a luva de sua dama, que lá havia caído. (N. do T.)

[2] Famosas espadas fabricadas pelo armeiro mouro Julião del Rey. Traziam na folha, como marca, a figura de um cãozinho. (N. do T.)

[3] “Antes se deve perder por carta de mais que de menos”, foi o que afirmara Dom Quixote, como o próprio Sancho disse à duquesa. E o nosso Ruy Barbosa (“A imprensa e o dever da verdade”) afirma: “Quando a verdade o exige, muita vez se perderá por carta de menos, mas por carta de mais não há perder nunca”. Observa Marín: ‘...estas cartas que aqui se mencionam são naipes, como diz Covarrúbias: ‘*Pecar por carta de más, o por carta de menos*’, quando ou se excede ou não se chegou ao justo. A expressão vem do jogo do quinze ou do vinte-e-um.” (N. do T.)

### Capítulo XVIII

[1] A fabricação de talhas, tradicional no Toboso, ainda no século passado era ali indústria próspera. (N. do T.)

[2] Versos iniciais de um soneto de Garcilaso de la Vega. (N. do T.)

[3] Era crença supersticiosa que cintos de pele de lobo-marinho curavam os males dos rins. (N. do T.)

[4] Homem do século XV que, diz-se, vivia indistintamente em terra e na água. (N. do T.)

[5] O famoso improvisador João Batista de Bivar. (N. do T.)

[6] A fábula de Píramo e Tisbe é narrada nas *Metamorfoses* de Ovídio. Impedidos de verem pelos pais, os jovens amantes se comunicavam por uma fresta na parede que separava suas casas. Combinaram fugir. Tisbe, no local aprazado para o encontro, é assustada pelo rugido de um leão e foge, deixando cair o véu, que a fera despedaça, ainda com as mandíbulas tintas do sangue de um boi que matara. Píramo encontra o véu, julga a amada morta e suicida-se. Voltando ao local, Tisbe encontra o cadáver do amante e mata-se também. (N. do T.)

## Capítulo XIX

[1] Espadas negras eram as de ferro, sem lustro nem corte, usadas para exercícios de esgrima. (N. do T.)

[2] As pessoas de Saiago — hoje província de Zamora, como ensina o Prof. Riquer — falavam rudemente, e as de Toledo com muita correção. (N. do T.)

## Capítulo XX

[1] Personagem de cancioneiro popular. (N. do T.)

[2] Massas fritas, açucaradas. (N. do T.)

[3] Hera e fios de linho verde formavam as vestes típicas dos que representavam papéis de selvagens nas danças e peças da época. (N. do T.)

[4] Bolas de barro cru, ocas, usadas para lançar nas danças e cavalhadas. Quebravam-se facilmente, sem produzir dano, e de seu interior saíam flores. (N. do T.)

[5] Gato de pele zebrada, com listras pardas e pretas. As bolsas de levar dinheiro eram comumente feitas de pele de gato. (N. do T.)

[6] No original: *A la barba de las habilidades de Basilio.* A expressão significa, segundo o Prof. Riquer: "*Fórmulas de desprecio, como si dijera: Al diablo las habilidades de Basilio*!" (op. cit., p. 713). Benalcanfor traduziu por: "Babau para as prendas de Basílio" e Castilho: "Lá vai nas barbas das habilidades de Basílio." (N. do T.)

[7] Enterrado. (N. do T.)

[8] É o conhecido verso de Horácio, "*Pallida mors acquo, etc....*", citado no prólogo da I parte. (N. do T.)

[9] Provérbios 1, 7; Salmo 110. (N.do T.)

[10] Mateus 12, 36. (N.do T.)

## Capítulo XXI

[1] As noivas lavradoras usavam colares com *patenas,* lâminas com insígnias devotas. Também os corais eram adorno muito apreciado pelas aldeãs. (N. do T.)

[2] Cavaletes de pinho de Flandres, que sustentavam as camas. "Passar pelos bancos de Flandres" quer dizer "casar-se". (N. do T.)

[3] Era crença comum que, tirando-se a alguém a arma que o trespassara, sua alma logo escaparia pela ferida. (N. do T.)

[4] Alusão à censura do profeta Natã a Davi, por cobiçar a mulher de Urias, 2 Reis 12, 1-3. (N. do T.)

[5] É frase bíblica: "O que Deus pois ajuntou, não o separe o homem" (S. Mateus, XIX, 6, trad. do Pe. Pereira de Figueiredo). (N. do T.)

[6] No original: *las ollas de Egipto.* Esta é a variante espanhola, como ensina mestre João Ribeiro (in *Frases Feitas,* Rio, 1909, 2ª série, págs. 133 a 135) da locução portuguesa "*tornar às cebolas do Egito*". *Las ollas de Egipto* (ôlhas = panela e cozido de carne e hortaliça.) está mais próxima da origem bíblica da locução (Êxodo 16, 3), como diz João Ribeiro. "Deixando para trás as cebolas do Egito" significa "deixando para trás a vida de regalos e comezaina". Sancho estava desconsolado porque não iria ter mais aquela vida

farta e alegre que gozava em companhia de Camacho. Cervantes, no Capítulo. XXII da 1ª parte, já se referiu ao provérbio "voltar às antigas cebolas do Egito", isto é, "voltar à vida de regalos e comezaina". (N. do T.)

### Capítulo XXII

[1] Desde o Capítulo XIX não voltara Cervantes a falar no licenciado vencedor da luta de espadas com Corchuelo. (N. do T.)

[2] A cova de Montesinos fica perto das lagoas de Ruidera, onde nasce o rio Guadiana. (N. do T.)

[3] Figura disforme de um anjo, que existia na torre da igreja da Madalena, em Córdova. Como símbolo do bálsamo que Maria Madalena derramou sobre os pés de Jesus, limpando-os com os cabelos, o anjo trazia numa das mãos uma cabeleira e na outra um vaso. (N. do T.)

[4] Esgoto por onde eram levadas ao rio Guadalquivir as águas pluviais da parte meridional de Córdova. Tirava seu nome de Vicén ou Vicente Guerra, um dos cavaleiros que participaram da tomada daquela cidade aos mouros. (N. do T.)

[5] Eram essas as fontes mais frequentadas de Madri, naquela época. (N. do T.)

[6] Escritor italiano do século XV, que escreveu um tratado intitulado *De Rerum Inventoribus. (*N. do T.)

[7] No original: ... *le dé buena manderecha.* Significa: *...lhe dê boa sorte.* Mão direita e pé direito opõem-se à mão esquerda e pé esquerdo, sinônimos de infelicidades, desastres, castigos, fatalidades. Entre nós ainda sobrevivem as expressões: entrar com o pé direito, entrar como pé esquerdo, sentar-se à direita (de alguém) etc. (N. do T.)

[8] O mesmo diz Cervantes da tarefa de escrever o *Quixote,* citando versos de romance, no capítulo final. (N. do T.)

[9] No original: *En manos está el pandero, que le sabrá bien tañer.* Provérbio que ainda vive no Brasil de hoje: *em boa mão está o pandeiro.* (N. do T.)

[10] No início de sua terceira saída, como na entrada em Toboso e outras passagens, vê-se que não deixava Dom Quixote de crer em agouros. (N. do T.)

[11] Em Salamanca havia o mosteiro de Nossa Senhora da Penha de França; o convento da Trindade de Gaeta foi fundado pelo rei Fernando de Aragão. (N. do T.)

[12] No original: *libre, sano y sin cautela.* Anota Marín: "...dizia-se *sano, salvo y sin cautela* dos que voltavam livres do cativeiro sem deixar contraída obrigação de pagar, nem no todo nem em parte, o preço do seu resgate". A expressão era empregada nas cartas de alforria dos escravos, e Cervantes, ex-cativo, conservou-a na memória, usando-a, com uma ou outra variante, em alguns trechos do *Quixote* (Capítulos XXII e XXIX da primeira parte). Benalcanfor traduziu: *livre, são e escorreito*; e Castilho: *são e sem cautela.* (N. do T.)

### Capítulo XXIII

[1] Em sua *Antologia de prosistas españoles* anota Menéndez Pidal: "Montesinos é um herói peculiar de nossos romances; apesar de pertencer à lenda de Carlos Magno, não é conhecido esse personagem na literatura francesa." Também Durandarte, segundo o mesmo autor, é fruto da musa castelhana: esse era o nome da espada de Roldão, que um poeta vulgar tomou por pessoa, fantasiando-lhe os feitos e fazendo-o morrer na batalha de Roncesvalles, onde pediu a Montesinos que lhe tirasse o coração para levá-lo à sua amada Belerma. (N. do T.)

[2] Ignora-se quem seja tal personagem. (N. do T.)

[3] Merlim, o famoso nigromante da corte do rei Artur, era inglês, de Gales. (N. do T.)

[4] Ruidera, que Cervantes aqui transforma em senhora, era um castelo muçulmano, próximo das lagoas que dele tomam o nome, que os cristãos conquistaram em 1215. Também a fábula de Guadiana, narrada mais abaixo, é invenção de Cervantes. (N. do T.)

[5] Nome por que era popularmente conhecida a rica família Fugger, banqueiros alemães que negociaram com vários monarcas de Espanha. (N. do T.)

### Capítulo XXIV

[1] Refere-se ao conde de Lemos (1556-1622), vice-rei de Nápoles de 1610 a 1616 e generoso protetor dos que professavam as belas-letras, a quem Cervantes dedicou a segunda parte do *Dom Quixote*, além das *Novelas Exemplares* e outros dois livros. (N. do T.)

[2] No original: *sotaermitaño*. Segundo Marín (ed. cit., pág. 198, t. V), Cervantes empregou maliciosamente o termo: “na figura desta *sotaermitoa* assoma aqui o rosto impudente de uma Madalena ainda não arrependida”. Pois o tal homem era um eremita *sui generis*: não vivia só e em penitência, porquanto encontraram em sua casa uma mulher que não era ermitoa, mas uma espécie de ermitoa, uma “subermitoa”, provavelmente a “companheira” do ermitão. (N. do T.)

[3] Como o leitor logo percebe, pediram um bom vinho. (N. do T.)

[4] Os que pretendiam cargos ou mercês do rei. (N. do T.)

[5] Mesquinhez. É mais um italianismo. (N. do T.)

[6] Suetônio — *Vida de César* — Cap. LXXXVII. (N. do T.)

[7] A frase não é de Terêncio. (N. do T.)

## Capítulo XXV

[1] Nome dado aos palcos de títeres em que por vezes se representavam histórias de fundo religioso, por analogia com os painéis de altar. (N. do T.)

[2] Assim vem no original, inclusive os grifos. Mas o vendeiro misturou as duas línguas, pois em italiano seria *uomo galante* e *buon compagno* (“homem galante e bom companheiro”). Castilho traduziu apenas por “bom companheiro”, suprimindo o restante, e Benalcanfor por “galante homem e grande farçola”. (N. do T.)

[3] Assim no original, corruptela do italiano *che peste pigliamo*, frase indicativa de perplexidade: *que poderá ser?* “Que mouro temos na costa?”, traduziu Castilho, sem citar o italianismo. Essas expressões italianas, como as anteriores, foram introduzidas na Espanha de então (anota o Prof. Riquer) pelos soldados que regressavam da Itália. (N. do T.)

[4] Era esse o nome dado aos dois montes que se defrontam, Abila na Costa d’África e Calpe na da Europa, por ser crença que eram outrora unidos, mas Hércules os separou, formando o estreito de Gibraltar, por onde penetraram as águas do Atlântico para dar origem ao mar Mediterrâneo. (N. do T.)

[5] Personagem do *Amadis de Gaula*, irmã do gigante Madarque, senhor da Ilha Triste. Merecia mesmo os elogios de Sancho, pois assim vem descrita no “*Amadis*”: “Tinha todos os cabelos brancos e tão crespos que não os podia pentear; era mui feia de rosto, só se assemelhando a um diabo. Sua grandeza era demasiada...” (N. do T.)

[6] “Astrologia judiciária”, arte de fazer horóscopos, era então vulgarizadíssima, embora condenada pela lei. (N. do T.)

[7] Em latim, no original: *dai crédito às minhas obras já que não às minhas palavras.* Frase inspirada no Evangelho de São João (10, 38): “E quando não queirais crer em mim, crede as minhas obras.” (N. do T.)

[8] Intérprete, explicador. (N. do T.)

## Capítulo XXVI

[1] Cervantes reproduz aqui o primeiro verso do Livro II da *Eneida*, conforme a tradução espanhola de Gregório Hernández de Velasco. (N. do T.)

[2] Jogo antigo, semelhante ao do xadrez. Os versos a seguir citados pelo explicador são de romances populares. (N. do T.)

[3] Segundo o romanceiro castelhano, Melisendra, esposa de Gaifeiros, sobrinho de Carlos Magno, era prisioneira do rei mouro Almançor. Libertou-a o esposo depois de haver derrotado, sozinho, todos os mouros que saíram a perseguir o casal fugitivo. (N. do T.)

[4] Versos de um romance de Quevedo. Os criminosos eram levados pela rua, tendo à frente pregoeiros que anunciavam a sentença e, atrás, os alguazis com as varas representativas de sua autoridade. (N. do T.)

[5] Era crença que Nestor, rei de Pilos, viveu três séculos, pois, segundo a *Ilíada* (I, 250) governava a terceira geração de homens de sua existência. Diz, entretanto, Heródoto (II, 42), que três gerações de homens são um século, razão por que vários comentaristas

calculam a idade de Nestor entre 70 e 80 anos. (N. do T.)

[6] Versos do *Cancioneiro de romances,* de Antuérpia (1555), citados por Cervantes com alterações. (N. do T.)

### Capítulo XXVII

[1] No original: "*Esto y el jugar de manos lo sabia hacer por estremo*". Cervantes usou aqui uma locução de duplo sentido: *el jugar de manos,* difícil de conservar em nossa língua. Observa o Prof. Riquer: "*Jugar de manos está aquí también tomado en el sentido de robar*" (*op. cit.*, nota à pág. 769). Como o homem era titereiro, trabalhava com as mãos no seu ofício e "trabalhava" também com elas avançando no alheio. Benalcanfor, traduziu assim: "na qual e em jogos de mãos era insigne"; e Castilho: "que em habilidades de mãos ninguém o excedia". (N. do T.)

[2] Chamava-se rodela um antigo escudo redondo. (N. do T.)

[3] Como observa Marín, Dom Quixote não resistia a ver gente reunida; fazia logo um discurso. (N. do T.)

[4] Várias aldeias espanholas eram chamadas "da Relógia", em vista da anedota do aldeão que não quis comprar um relógio, e sim uma "relógia", para fazer criação de relogiozinhos. Essas alcunhas eram comuns. Chamavam-se caçaroleiros os valisoletanos, berinjeleiros os toledanos, baleotes os madrilenhos e saboeiros os sevilhanos. (N. do T.)

[5] Mateus 5, 44: "amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio".

[6] Mateus 11, 30. (N. do T.)

### Capítulo XXVIII

[1] Nome dado à cutilada em pleno rosto. (N. do T.)

[2] Estas mesmas ponderações fizera antes o próprio Sancho a Dom Quixote. Veja-se o Capítulo XXIII da primeira parte. (N. do T.)

[3] *En vuestra mano está escudillar*, diz o original, com referência a quem pode tirar da panela tanta sopa quanta queira; equivale ao nosso "estar com a faca e o queijo na mão". (N. do T.)

[4] No original, *mamonas*. Vide nota n.º 7 do Capítulo LXIX, 2ª parte. (N. do T.)

### Capítulo XXIX

[1] Leproso, antigamente. Para ser plausível a confusão de Sancho, deve-se admitir que Dom Quixote pronunciasse *cômputo* e *cosmógrafo* como palavras paroxítonas, e não esdrúxulas. (N. do T.)

[2] No original: *que te tientes, y pesques.* Dom Quixote faz alusão à crendice, corrente ao tempo de Cervantes, narrada dois parágrafos atrás: a "de que morrem os piolhos de todos os que vão no navio", ao passarem a linha equinocial. Como Sancho teima em lhe dizer "que não nos afastamos da margem cinco varas", Dom Quixote repete-lhe: "cata e pesca os teus piolhos; verás que não tens piolho algum ('estás mais limpo que uma folha de papel liso e branco') e portanto já passamos a linha equinocial, isto é, já passamos o equador, já estamos longe." Perdoe-nos o leitor estes reparos: é que, à primeira vista, parece confusa a locução "que te cates, e pesques". (N. do T.)

### Capítulo XXX

[1] Caça feita com aves adestradas, própria da alta nobreza. (N. do T.)

[2] Pellicer conjectura que a duquesa e o duque foram pessoas reais e identifica-os com D. Carlos de Borja e D. Maria Luísa de Aragão, duques de Luna e Villahermosa. Em seu palácio de Buenavia, perto da vila de Pedrola, ter-se-iam assim passado as subsequentes aventuras de Dom Quixote. (N. do T.)

[3] Nos romances de cavalaria eram frequentes as histórias de trocas de recém-nascidos. (N. do T.)

[4] Assim está na edição príncipe. Cejador, Cortejón e Schevill emendam para: "*...que ya no hay Triste Figura, ni figuro. — Sea el de los Leones — prosiguió el duque: — Digo que venga...*" Riquer considera a emenda acertada, mas conserva o texto da primeira edição. R. Marín adota-a, lembrando, para a contraposição de "figura" e "figuro" a de "ilhas" e "ilhos" feita por Teresa Pança.

Benalcanfor traduziu pelo texto de Cejador; Castilho omitiu o “figuro”. (N. do T.)

## Capítulo XXXI

[1] Pintava-se a oportunidade como calva, tendo apenas na cabeça um tufo de cabelos. (N. do T.)

[2] *Ropas de levantar*, no original. Era o nome dado a vestes de tipo talar, de uso caseiro. (N. do T.)

[3] As senhoras de categoria que enviuvavam entravam a serviço das fidalgas, como *damas de honor*. Usavam amplas toucas brancas de monja, para diferençar-se das *donzelas de honor*. (N. do T.)

[4] Assim no original. (N. do T.)

[5] No original: *a pedir de boca*. V. nota 4 do Capítulo LVII, segunda parte. (N. do T.)

[6] Mesmo tendo herdeiros obrigatórios, os testadores podiam dispor à sua vontade do terço dos bens adquiridos e do quinto do dos herdados. (N. do T.)

[7] Essas abluções eram de uso antes e depois das refeições. (N. do T.)

[8] Porto a oito léguas de Vélez-Málaga, onde se verificou, em 1562, horrível naufrágio, durante furioso temporal, perecendo quatro mil pessoas, inclusive o general das galeras, D. João de Mendonza. (N. do T.)

[9] No original: *alma de cântaro*. Temos a mesma expressão na língua portuguesa. Ensina mestre João Ribeiro: “*Alma de cântaro* — é a do bonanchão, do que é incapaz de ofender. É a *boa alma*, talvez do simplório ou do pobre de espírito” (in *Frases Feitas,* 1ª série, pág. 91, Livraria Francisco Alves, Rio, 1908). (N. do T.)

## Capítulo XXXII

[1] *De nones*, no original. Observa Rodrigues Marín: “Dito festivamente, como se as ilhas devessem ter-se aos pares e uma solta não fizesse jogo”. (N. do T.)

[2] Sabão especial que se usava para fazer a barba. (N. do T.)

[3] Parrásio, Timantes e, sobretudo, Apeles, foram, com Zêuxis, os mais célebres pintores gregos dos séculos IV e V a. C. Lísipo, famoso escultor da mesma época. (N. do T.)

[4] Várias vezes, nesta segunda parte, afirma Cervantes que Dom Quixote nunca vira Dulcineia. Entretanto, no primeiro capítulo da primeira parte do *Engenhoso Fidalgo*, diz ele, referindo-se a Aldonça Lourenço: “Num lugar próximo do seu havia uma moça lavradora, de muito boa aparência, de quem ele em tempos andara enamorado.” Daí se infere que a havia visto e a conhecia. (N. do T.)

[5] Oriana era a amada de Amadis de Gaula; Alastrajárea, personagem do livro de cavalaria *Dom Florisel de Niqueia*, era esposa do príncipe Dom Folanges de Astra. De Madásima, falaram na primeira parte, Dom Quixote e Cardênio. (N. do T.)

[6] Em documento da Biblioteca Escurialense consta que, conforme investigação feita em 1576, no Toboso “não havia nobres, cavaleiros, nem fidalgos. São todos lavradores...” (N. do T.)

[7] Água destilada de flores e ervas olorosas, em que entravam por vezes mais de trinta ingredientes. (N. do T.)

[8] Chamavam-se toalhas alemãs as fabricadas fora da Espanha, viessem ou não da Alemanha. (N. do T.)

## Capítulo XXXIII

[1] O famoso escabelo de marfim que, segundo a crônica, o Campeador ganhou na tomada de Valência. (N. do T.)

[2] Expressão usada para indicar um disparate impossível, pois em Úbeda não há montes. Castilho traduziu: “uma pêta refinada”; e Benalcanfor: “história da carochinha”. (N. do T.)

[3] Alusão ao Evangelho de São Mateus (6, 26). (N. do T.)

[4] Tecido fino de lã. (N. do T.)

[5] Lenda sem base na realidade. Vamba pertencia à principal nobreza dos godos. (N. do T.)

[6] O brocado chamado de "três altos" ou camadas era o mais fino e rico da época. (N. do T.)

[7] É máxima de Sêneca: "*Nemo nascitur sapiens*". (N. do T.)

[8] De Dionísio Catão, autor de famoso livro de máximas. (N. do T.)

[9] Em latim, no original: *morto na flor da idade.* É um verso do humanista Policiano em louvor de Miguel Verino, notável poeta, que morreu com apenas dezessete anos de idade, em 1483. (N. do T.)

[10] V. nota 3 do Capítulo XVII, 2ª parte. (N. do T.)

[11] No original: "*en las jumentiles y asi niñas".* Sancho fez um trocadilho com *"niñas de los ojos*" (meninas dos olhos), neste diálogo com a duquesa. Tentamos conservar o trocadilho em português, lançando mão do nosso *assi* (forma muito usada antigamente de *assim,* equivalendo ao *así* do espanhol) e de *nina* (como se vê, a mesma palavra usada por Cervantes) que, no Brasil, é a forma reduzida de *menina*... Quase que nos foi possível, pois, repetir *ipsis litteris* o trocadilho: "nas coisas jumentis e *assi ninas".* Com as palavras *assi ninas* Sancho faz alusão às "coisas jumentis e assi... ninas (por asininas, isto é, de asnos, de jumentos) e às *assi ninas,* ou seja, *daquela espécie de meninas* (*assi* = daquela espécie de — *ninas* = meninas), pois Sancho tinha que, guardar respeito às "meninas dos olhos de Vossa Grandeza": com elas "deve-se ir de compasso à mão e com meio termo". Salvo melhor juízo, é como entendemos o trocadilho, que é meio sutil. Tanto que o Prof. Riquer (*op. cit.,* pág. 821) o comenta, dando a interpretação do tradutor francês ("*quand il est question d'un faict d'asne et de la prunele de l'oeil*" — Rosset); do inglês ("*yet in these asse-lik courtesies and in your apples*" — Shelton); e do italiano "*nelle giumentile e cosi bambine*" — Franciosini). Os tradutores portugueses traduziram assim: *nestas jumentais e asininas* (Benalcanfor); e Castilho: "nestas *histórias asininas* é bom que se vá de sonda na mão". (N. do T.)

## Capítulo XXXIV

[1] Foi Sancho, e não Dom Quixote, quem a contou, como se viu no capítulo anterior. (N. do T.)

[2] Com venábulo, porque lei vigente na época, baixada em 1552, proibia caçar com armas de fogo. (N. do T.)

[3] Textualmente: *El buen gobernador, la pierna quebrada, y en casa.* Alusão ao provérbio: *mulher honrada e perna quebrada fiquem em casa (la mujer honrada, ta pierna quebrada, y en casa).* (N. do T.)

[4] Jogo de cartas, equivalente ao nosso *burro.* (N. do T.)

[5] Fernão Núñez de Gúzmán, que publicou em 1555, em Salamanca, uma coleção de três mil provérbios. (N. do T.)

[6] Personagem do *Amadis de Gaula*, a quem manteve encarcerado. Sobre Lirgandeu e Alquife há nota anterior. (N. do T.)

## Capítulo XXXV

[1] Os membros das Irmandades que, nas procissões, conduziam velas. Chamavam-se de luz em contraposição aos *penitentes de sangue*, que se flagelavam com disciplinas. (N. do T.)

[2] O rei persa Zoroastro era considerado o inventor da magia. (N. do T.)

## Capítulo XXXVI

[1] Um dos vários lapsos de Cervantes no *Quixote* é o nome da mulher de Sancho, a que chama Joana Gutiérrez, Maria Gutiérrez, Joana Pança e, nesta segunda parte, Teresa Cascalho e Teresa Pança. (N. do T.)

[2] Disciplinas de abrolhos eram as que levavam espinhos metálicos; de cachos, as de vários relhos de couro com as pontas retorcidas. Eram usadas nas escolas para ensinar a ler ("as letras com sangue entram", diz a seguir a duquesa) e tão bárbaro método de ensino continuava comum séculos depois. (N. do T.)

[3] Este último período falta em algumas edições espanholas, bem como em ambas as traduções portuguesas existentes, por haver sido cortado pela Inquisição. (N. do T.)

[4] No original: *Si buenos azotes me daban, bien caballero me iba.* Alusão, esclarece o Prof. Riquer, "*a uno que azotaban públicamente y para ello lo paseaban montado en un asno*". (N. do T.)

[5] Nos rifões populares, como observa Marín, "*o teu, o meu e o seu* são nomes eufemísticos vulgares das partes pudendas". (N. do

T.)

[6] Região fantástica, que os antigos supunham estar situada a duas léguas de distância do Cabo Comorim, entre a Taprobana (antigo Ceilão) e o Mar do Sul. Para alguns comentaristas é invenção do próprio Cervantes. (N. do T.)

### Capítulo XXXVII

[1] Para que também possa ser tosquiado. Este provérbio, como nota Marín, equivale aos conhecidos: "Ninguém diga: desta água não beberei" e "quem tiver filho varão não chame os outros ladrão". (N. do T.)

[2] No original: *desenterrando-nos los huesos y enterrándonos la fama.* Desenterrando-nos os ossos significa — como anota o Prof. Riquer (*op. cit.,* pág. 845) — "sacándonos los defectos"; em nossa língua: "revelando nossos defeitos", "pondo a nu as nossas imperfeições", Castilho assim interpretou a frase: "desenterrando-nos os antepassados"; e Benalcanfor: "desenterrando-nos os ossos" (sem anotação, porém). (N. do T.)

[3] No original: "*Pues mándoles yo a los leños movibles*". O Prof. Riquer anota a frase (*op. cit.,* pág. 845): "*Prométoles a los escuderos*". Benalcanfor traduziu assim: "A esses lenhos semoventes mando-lhes em resposta"; e Castilho: "Pois eu mando-os para os cavalos de pau". (N. do T.)

[4] V. nota 3 do Capítulo. XVII, 2ª parte. (N. do T.)

### Capítulo XXXVIII

[1] O branco era antigamente a cor do luto e, no tempo de Cervantes, ainda tinha essa significação nas toucas brancas, que só eram usadas por viúvas; as das casadas eram negras. (N. do T.)

[2] No original: *de un garbanzo de los buenos de Martos.* A terra de Martos (Jaén) era famosa pelo tamanho de seus grãos-de-bico, que Cervantes bem conhecia, pois ali estivera como comissário do provedor das galeras. (N. do T.)

[3] Estes versos, atribuídos ao comendador Escrivá, poeta valenciano do século XV, apareceram, em forma algo diferente, no *Cancionero general* de Hernando del Castillo (1511), e gozavam de grande fama. Repetiu-os Santa Teresa de Jesus em famoso rondel. Os anteriormente citados são tradução do poeta italiano Serafim dell'Aquila. (N. do T.)

[4] Versos acrescentados aos catorze que tem, de regra, um soneto. Cervantes, porém, alude aqui ao metro italiano chamado *strambotto.* (N. do T.)

[5] Ilhas fabulosas, que se acreditava existirem no oceano desconhecido. (N. do T.)

[6] A fênix, era uma ave que, segundo a lenda, vivia séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas; Tíbar não é nome geográfico, mas qualificativo para o ouro mais puro; Pancaia, região da Arábia Feliz, decantada pelos antigos poetas, tinha fama de possuir um bálsamo capaz de curar todas as dores; a coroa de Ariadna, segundo a lenda, era a de nove pedras preciosas que Baco lhe deu, transplantando-a para o céu numa constelação, a fim de imortalizar seus amores. (N. do T.)

### Capítulo XXXIX

[1] No original: *son dulces las tueras.* Chamava-se *tuera* a colocíntida, amarga cucurbitácea empregada como purgativo. (N. do T.)

[2] Em latim, no original: *Quem, tal ouvindo, conter pode o pranto?* Palavras dos versos 6 a 8 do Livro II da *Eneida* de Virgílio, com que Eneias narra a Dido a destruição de Troia, após haverem os gregos introduzido na cidade o cavalo de madeira repleto de soldados. (N. do T.)

### Capítulo XL

[1] As mulheres que se entregavam a esses serviços de embelezamento tinham má fama como alcoviteiras de amores desonestos. Cervantes as satiriza com um jogo de palavras: "*porque las más oliscan a terceras, habiendo dejado de ser primas*". Benalcanfor traduziu: "as mais delas cheiram a criaturas de levar e trazer". (N. do T.)

[2] A história da linda princesa Magalona, filha do rei de Nápoles, e de Pierres, filho do conde de Provença, popularíssima na literatura de cordel, ainda corre pelo interior do Brasil. Nela, porém, não existe esse cavalo de madeira. (N. do T.)

[3] Segundo a mitologia, Eoo e Piroenta eram os cavalos que puxavam o carro de fogo do Sol, Bootes é a constelação boreal próxima da Ursa Maior e Peritoo era um amigo de Teseu, o herói do labirinto de Creta, onde matou o monstro Minotauro, graças ao fio que lhe dera Ariadna, para que não se perdesse naquela intrincada construção. (N. do T.)

[4] No original: *Cuerpo de mí*! Temos na língua quinhentista exclamação igual "corpo de mi" ("corpo de mim") que, como ensina o dicionarista Morais, significa "pobre de mim, ai de meu corpo!" (N. do T.)

[5] No original: *vos*. Usava-se o tratamento de vós para falar com subalternos, observa o Prof. Riquer. (N. do T.)

## Capítulo XLI

[1] Para Sancho, aquela era viagem de bruxaria, como a das feiticeiras em seus cabos de vassoura. E diziam as lendas que pronunciar o nome de Deus ou dos santos, quando em tais cavalgaduras, faria precipitar-se ao solo quem o ousasse. (N. do T.)

[2] No original: *en priesa me vees, y doncellez me demandas.* Antigo provérbio espanhol cujo sentido, de acordo com o *Dicionário de la Lengua Española* (da Real Academia Española, Madrid, 1925), é o seguinte: motejo que se faz a quem inconsideradamente pede o impossível sabendo que o é. Como supõe Marín, baseado em boa documentação (ed. cit., X, pág. 73 e segs.), a locução *en priesa* está ligada ao estado da mulher grávida, significando *aperto*, *aflição*, *embaraço.* Assim pois entende-se o refrão com que Sancho responde à sugestão de Dom Quixote para que ele se dê logo quinhentos açoites por conta dos três mil e trezentos a que se obrigara. É como se tivesse dito Sancho: "grávida me vês, e donzelice me pedes? É pedir o impossível, vosmecê está sendo amigo da onça, pois se agora tenho de ir sentado numa tábua rasa, quer vosmecê que me fira as nádegas?"

Castilho em sua tradução omitiu o trecho, e Benalcanfor traduziu-o: "pelo mal do ferreiro, matam o carpinteiro". Dois tradutores modernos do *Dom Quixote,* citados por Marín, assim traduziram o provérbio: "*Vedi che sono incinta e mi vorresti vergine*!" (Giannini — "Vês que estou grávida e me quiseras virgem!") "*Tu me vois enceinte et tu me demandes si je suis pucelle*". (Cardaillac — "Tu me vês grávida e me perguntas se sou donzela"). (N. do T.)

[3] O *Paládio* não era o cavalo de Troia, mas a estátua de Palas, que a lenda dizia caída do céu quando Ílio fundava a cidade. (N. do T.)

[4] Magalona foi rainha de Nápoles. (N. do T.)

[5] Aldeia de Ciudad Real, para onde se deportavam malfeitores, que ali eram castigados. (N. do T.)

[6] Faetonte, que, segundo a mitologia grega, conduziu às escondidas o carro do Sol seu pai, aproximando-o tão desastradamente da terra, que começou a incendiá-la. Júpiter, encolerizado por isso, arrojou-o fora do carro, perecendo ele na queda. (N. do T.)

[7] Narrativas dessa e outras inacreditáveis viagens do licenciado Eugênio Torralba constam do processo que contra ele foi movido pela Inquisição, em Cuenca, em 1531. É personagem autêntico, embora não o sejam suas andanças. (N. do T.)

[8] Carlos, duque de Bourbon, morreu no saque de Roma, em 1527, defendendo a causa de Carlos I, de Espanha. (N. do T.)

[9] *Tomar pontas*, ou *fazer pontas*, é expressão da caça de volataria, que significa voar a ave de rapina amestrada de um lado para outro ou em rodeios, subindo sempre, para depois cair sobre a presa. Na "Crônica do Imperador Clarimundo" diz João de Barros, com referência ao nebri com que caçava o rei Adriano: "E tanto que pôs os olhos na garça, sem *fazer pontas* a uma nem a outra parte, subiu direito a ela." *Tomando puntas y subiendo en alto*, diz aqui Cervantes. (N. do T.)

[10] Tais padrões celebradores de triunfos apareciam comumente nas aventuras cavaleirescas. (N. do T.)

[11] Nome popular da constelação das Plêiades ou, Atlântides. Diz a lenda que se transformaram em cabras e depois em estrelas as filhas de Atlas e da ninfa Plêione; chamam-se Alcíone, Celeno, Electra, Maia, Astérope, Taigeta e Mérope. (N. do T.)

## Capítulo XLII

[1] Dava-se o nome de "Christus" à cruz que, nas antigas cartilhas, precedia o abecedário. Para bem governar, mais do que as letras valia conhecer a lei de Deus, pensava acertadamente Sancho. (N. do T.)

[2] Dionísio Catão, autor de *Dionysii Catonis Disticha de Moribus ad Filium*, livro de aforismos muito popular porque servia de texto nas escolas, sendo por isso as cartilhas chamadas "*el Catón*". (N. do T.)

[3] Sentença bíblica (Provérbios 1, 7; e Salmo 110). (N. do T.)

[4] Referência ao conhecido aforismo *Nosce te ipsum da* escola socrática. (N. do T.)

[5] Alusão à popular fábula "a rã e o boi" que, como ensina João Ribeiro (in *Frases Feitas*, 1º s., pág. 35), "foi tratada pelos clássicos latinos Horácio, Marcial, Fedro e Rômulo. Parece que os gregos a não conheciam, sem embargo de figurar nos Esopos gregos que são de formação posterior ao Fedro latino". (N. do T.)

[6] Como observa Marín, refere-se Dom Quixote ao refrão espanhol "olha para os teus pés e desfarás a roda", de que temos no Brasil a proverbial locução "todos têm seu pé de pavão", isto é, algum defeito de que eles mesmos se descontentem, como dizem que o pavão, vaidoso de sua rica plumagem, abre-a em roda, mas, olhando para os feios pés, desfaz a roda, e murcha descontente deles e de si. (N. do T.)

[7] No original vem: *no quiero de tu capilla.* É alusão, como nota Marín, ao provérbio: *no quiero, no quiero; pero échamelo en la capilla, o en el sombrero.* Para maior clareza, preferimos incluí-lo por extenso no texto (como o fez Benalcanfor: "não o quero, não o quero, mas deita-mo no capelo"; Castilho suprimiu o trecho). A ideia do refrão está contida na variante muito popular entre nós: *quem cala*, *consente*, pois, como dizia Rodrigo Fernández de Ribera em *Los Antoios de Meior Vista* (citado por Marín) "*aun ellos se hacen ciegos muchas vezes a los regalos que reciben sus mujeres*".

[8] No original: *en la residencia universal*, isto é, no Juízo Final. Como esclarece Marín, *en residencia ou en el juicio de residencia* era uma espécie de tribunal a que deviam prestar contas de sua gestão os juízes, sendo ouvidos os que tinham a fazer-lhes cargos, ou reclamações, e a exigir-lhes responsabilidade.

A expressão *pagará com o quádruplo* é alusão bíblica, ao que nos parece: "Entretanto Zaqueu, posto na presença do Senhor, disse-lhe: Senhor, eu estou para dar aos pobres metade dos meus bens: e naquilo em que eu tiver defraudado a alguém, pagar-lho-ei quadruplicado". A expressão de Zaqueu prendia-se à lei mosaica, que ordenava que se restituíssem quatro ovelhas por uma ovelha furtada. (Lucas 19, 8; Êxodo 20, 1).

Assim, Dom Quixote aconselhava Sancho a não tomar mulher que lhe servisse de instrumento para usufruir proventos indevidos como governador, pois, como marido, de tudo o que a mulher viesse ilicitamente a receber de que ele não tivesse sido responsabilizado em vida, pagá-la-ia em quádruplo no Juízo Final. Reforçando esta interpretação nossa ao parágrafo um tanto obscuro, observa Marín (ed. cit., pág. 234, t. VI): "grande parte da má fama de venalidade que coube a governadores e juízes antigos e modernos, deve-se principalmente às suas mulheres... O imperador Carlos V, nas instruções reservadas que em 1543 deu a seu filho Dom Filipe, dizia-lhe do Secretário Francisco de los Cobos: "embora eu creia que ele não receba coisa de importância, bastam uns pequenos presentes que fazem à sua mulher para infamá-lo". (N. do T.)

## Capítulo XLIII

[1] Na época de Cervantes, era comum deixar crescer as unhas, como sinal de fidalguia: e, também comumente, não andavam elas muito limpas. (N. do T.)

[2] O desalinho intencional do vestuário de Júlio César é assinalado por Suetônio nas *Vidas dos Doze Césares.* (N. do T.)

[3] Observa Marín: "Já no século XV se dizia que 'o vinho e o alho, triaga é dos vilões'; e assim o alho era proibido aos cavaleiros, e até se evitava falar nele". (N. do T.)

[4] No original: *mascar a dos carrillos.* Proverbial locução espanhola que passou para nossa língua, como ensina o dicionarista Morais: "comer a dous carrilhos". Temos, aliás, ainda corrente o vocábulo "carrilho", significando bochecha ou face; assim mastigar a dois carrilhos é mastigar com as duas bochechas, isto é, com a boca toda, o que é deselegante e próprio dos glutões. (N. do T.)

[5] Alusão ao suplício que consistia em fazer o condenado beber tragos sobre tragos de água. (N. do T.)

[6] Mateus 7, 3. (N. do T.)

## Capítulo XLIV

[1] Verso do *Labirinto de Amor* de Juan de Mena, poeta falecido em 1456. (N. do T.)

[2] Alusão ao que diz São Paulo, na primeira Epístola aos Coríntios (7, 30-31): “Sejam... os que compram, como se não possuíssem; e os que usam deste mundo, como se dele não usassem em absoluto”. (N. do T.)

[3] No original: *dar pantalia a los zapátos.* Nenhum comentarista afirma com certeza o que seja esta *pantalia,* que os léxicos não registram. Traduzimos *esfumaçar* recordando passagem anterior de Cervantes sobre o hábito que tinham os fidalgos pobres de dar lustro aos sapatos com fumo (Capítulo II desta segunda parte). O mesmo fez Franciosini, primeiro tradutor italiano do *Quixote* e contemporâneo de Cervantes. “Dar cerol e fumo aos sapatos”, traduziu Benalcanfor, ao passo que Castilho preferiu “arremendar”. (N. do T.)

### Capítulo XLV

[1] Vaso de cobre usado para resfriar a água. Era balouçado dentro de uma caixa com neve, para que o sol não aquecesse o líquido. (N. do T.)

[2] Crença baseada no que dissera Aristóteles (*Física*, 11): “O sol e o homem geram o homem”. (N. do T.)

[3] No original: *epitáfio.* Cejador (cit. por Marín) entende que o vocábulo foi empregado jocosamente, do que diverge Marín, cuja opinião é que o sentido é “inscrição”. Parece-nos, porém, que Cejador está com a razão, porque é muito do estilo de Cervantes o uso de tais ambiguidades. Sancho iniciava um governo de burla, e nada mais natural que o “epitáfio” tenha o duplo sentido de “inscrição” simplesmente e de “inscrição tumular”, pois tratava-se de um governador a título precário, ou seja, um governador a bem dizer natimorto. (N do T.)

[4] Aprovado para exercer o ofício pela corporação. Pede perdão por dizer-se alfaiate, como se isso fosse nome feio, pois má era a fama de tais oficiais, como o mostram, entre muitos outros, os provérbios então correntes: “Onde enforcam ladrão, nasce alfaiate” e “alfaiate de bem, não o encontra ninguém”. (N. do T.)

[5] Crítica ao hábito de mandar para os presos, como caridade, coisas sem qualquer valor ou préstimo. Recorde-se que Cervantes esteve encarcerado. (N. do T.)

[6] As varas simbólicas da autoridade dos que julgavam eram encimadas por uma cruz, sobre a qual se tomavam juramentos. (N. do T.)

[7] Velha crendice de que a salamandra vivia no fogo. A salamandra é um anfíbio e seu corpo lembra o da lagartixa. (N. do T.)

[8] No original: *Otros gatos me han de echar a las barbas.* Lançar o gato às barbas a alguém, ensina Morais, é dar trabalho a alguém. A mulher está, pois, dizendo: “Outros gatos me hão de dar trabalho, me hão de causar incômodo, e não este desventurado e asqueroso!” O trecho todo (“Esta é boa!” etc.) no original é: “*Bonita es la niña! Otros gatos me han de echar a las barbas, que no este desventurado y asqueroso!*” Benalcanfor assim interpretou-o: “Cá a menina é mesmo bonita para essas fofas! Se quiserem, hão de me largar às barbas gatos d’outros fôlegos, e não pelhancras e lazarentos como este”. A tradução de Castilho é: “Está na tinta! Outros gatos me hão de deitar às barbas, e não este desventurado e asqueroso”. (N. do T.)

[9] Julgamento parecido se encontra na farsa de Gil Vicente, representada em 1525, “O Juiz da Beira”. (N. do T.)

### Capítulo XLVI

[1] Unguento composto de azeite, vinho branco, incenso, valeriana e outros ingredientes, inventado no século XVI por Aparício de Zúbia e muito usado para curar feridas. (N. do T.)

[2] No original: “ni tú *lo* goces”. É como vem na 1ª edição. Edições posteriores alteraram para “ni tú *la goces”.* Mas, como observou o Prof. Riquer, está certo o que Cervantes escreveu e pretendeu dizer: nem tu gozes, desfrutes, do desencanto de Dulcineia. Benalcanfor traduziu por “nem tu a gozes”, e Castilho por “nem a gozes”. (N. do T.)

### Capítulo XLVII

[1] No original: *fruta del ante*. Chamava-se ante o prato que se servia antes das refeições, para estimular o apetite. (N. do T.)

[2] No original: *húmedo radical*, segundo anota Marín em sua já citada edição, tratava-se de um certo *humor sutil y balsámico* a que os médicos antigos emprestavam a propriedade de revigorar as fibras do corpo humano. (N. do T.)

[3] Em latim, no original. O médico parodiou o aforismo *Omnis saturatio mala, panis autem pessima* (“todo enfartamento é mau, mas o do pão é péssimo”). A paródia no original é: “*Toda hartazga es mala; pero la de las perdices, malísima*”. Castilho traduziu-a assim: “Todas as indigestões são más, mas a da perdiz é péssima”. (N. do T.)

[4] No original: “me *le* deje gozar”. O Prof. Riquer, em nota à pág. 906 de sua edição crítica do *Dom Quixote*, observa que o pronome *le* refere-se a *governo*. O que Sancho está dizendo é: “e assim Deus me deixe gozar o governo”. Ambos os tradutores portugueses traduziram o pronome *le* como se fosse *la*: “e assim Deus ma deixe gozar”. Mas o pronome *le* não está substituindo por *vida do governador* (“por vida del governador”, no original), que é uma locução exclamativa e não uma oração subordinada temporal. (N. do T.)

[5] Em latim, no original: *de modo nenhum*. (N. do T.)

[6] Por sua tradicional fidelidade, os biscainhos eram preferidos para as funções de secretários de reis e grão-senhores. (N. do T.)

[7] Conservamos o vocábulo como vem no original por faltar exato correspondente em nossa língua. Significa, opina o Prof. Riquer, “*lenta y penosa*”. Rodriguez Marín diz não atinar com o que seja. Castilho traduziu “lenta e péssima”. E Benalcanfor: “macaca e péssima”. (N. do T.)

[8] No original: *tripas llevan corazón, que no corazón tripas*. É adágio ainda corrente entre nós, sob a forma: “Quem leva os pés são as tripas” (estômago, “alimentação”). (N. do T.)

[9] No original: *soy pan agradecido*. Como observa Marín, *ser pan agradecido* é o contrário de *ser pan mal conocido*, adágio espanhol que significa “o que é ingrato ao pão que comeu”. Assim, pois, se deve entender o trecho: *para que veja que sou grato*. (N. do T.)

[10] *Yo ponga en pretina*, diz o original. *Poner en pretina* alguém, explica Marín, é “*sujetarle, hacerle entrar en razón*”. (N. do T.)

[11] No original: *Alma de cântaro*. É expressão comum às duas línguas. Consultem a nota 173, cap. XXXI, segunda parte, onde vimos como João Ribeiro a explica. A tradução portuguesa de Benalcanfor registra um *bonacheirão*; e na de Castilho foi suprimida a frase *porque parece uma alma de cântaro* (*op. cit*., 2° vol., pág. 311). Advirta-se ainda que Cervantes emprega a expressão em vários sentidos, ora para elogiar, como aqui, ora depreciativamente, como quando a fingida Dulcineia verbera a recusa de Sancho em açoitar-se para a desencantar. (N. do T.)

[12] No original: *perláticos*. Em torno das primeiras sílabas deste vocábulo perláticos (*paralíticos*), infelicidade comum a toda a família Perolito, faz Cervantes um trocadilho. Leiamos o trecho no original: “Una doncella llamada Clara *Perler*ina, hija de Andrés *Perler*ino, labrador riquísimo; y este nombre de *Perler*ines no les viene de abolengo ni otra alcurnia, sino porque todos los deste linaje son *perláticos*, y por mejorar el nombre los llaman *Perler*ines; aunque si va decir la verdad, la doncella es como una *perla* oriental...” Como se vê, Cervantes jogou com os termos perláticos (paralíticos), Perlerines (nome da família) e perla (pérola). Para dar o tom jocoso à cena e na impossibilidade, em nossa língua, de fazer o trocadilho girar em torno das primeiras sílabas de paralíticos, mudamos o sobrenome de Clara *Perlerina* para Clara Perolita (pérola pequena), pois a donzela, apesar de não ter o olho esquerdo e de outros defeitos menores, era “como uma pérola oriental”. E os Perlerines passaram a Perolitos: como todos são paralíticos, Perolitos é como lhes chamam, “para melhorar o nome”.

Tivemos curiosidade de ver como nas duas traduções portuguesas foi solucionado o trocadilho e fomos consultá-las: na do Visconde de Benalcanfor, vem, como sobrenome de Clara e de sua família, Paralino (*Dom Quixote*, Lisboa, 1877-1878, 2° vol., pág. 345); na outra — feita pelos viscondes de Castilho e de Azevedo e por M. Pinheiro Chagas (*Dom Quixote*, Porto, 1878, 2.° vol., pág. 311) — não pudemos verificar porque foram suprimidas as linhas do trecho que vai de “*y este nombre de Perlerines*” a “*aunque si va decir la verdad*” (de “esse nome de Perolitos” a “embora, para dizer a verdade”), onde justamente está a palavra *perláticos,* única responsável pelo trocadilho e por esta nota. (N. do T.)

[13] Assim no original. “A qualificação de *hideputa* era costume acrescentar (nota Marín), unida como a sombra ao corpo, a de *bellaco”*. N. do T.

[14] No original: *ándese la paz en el corro*; alusão ao costume de *dar a paz*, após as missas nas aldeias, pondo-se os fiéis em

círculo para beijar a patena. "Em santa paz", traduziu Benalcanfor; Castilho omitiu. (N. do T.)

### Capítulo XLVIII

[1] *Tener su alma en las carnes*, explica Rodriguez Marín, significa "estar todavia dispuesto y ágil como en la buena edad". (N. do T.)

[2] Os montanheses faziam ostentação de serem nobres de sangue, por ser rara entre eles a mescla com judeus ou mouros. (N. do T.)

[3] Tornara-se quase moda, na época, abrir feridas, chamadas fontes, para que por elas saíssem os humores nocivos à saúde, e tal prática chegou a superar a das sangrias e das sanguessugas. (N. do T.)

### Capítulo XLIX

[1] No original: *el diabo está en Cantillana.* A esta frase foram dadas as mais diversas explicações. A tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo diz: "temos o diabo atrás da porta". E a de Benalcanfor: "aqui anda o diabo à solta". (N. do T.)

[2] No original: *todos los insulanos desta insula.* Benalcanfor traduziu por "moradores desta ilha" e Castilho por "insulanos desta ilha". (N. do T.)

[3] Ignora-se quem fosse esse Andradilha, embora a primeira tradução inglesa do *Quixote,* atribuída a Shelton, o dê, em nota, como famoso: "*famous cheater in Spain*". (N. do T.)

[4] Cobrador de impostos sobre a lã. (N. do T.)

[5] O original traz: *la mujer y la galinna, por andar se pierden aína.* Literalmente seria: "a mulher e a galinha por andar se perdem facilmente". É provérbio ainda corrente no Brasil: Mulher e galinha se perdem sozinhas. "*A mulher e a galinha Já não podem passear. A galinha o bicho come A mulher dá que falar!*" (N. do T.)

### Capítulo L

[1] No original: "Teresa *Sancha*". Muitas edições, inclusive as portuguesas de Castilho e de Benalcanfor, supondo tratar-se de lapso de Cervantes ou de erro tipográfico da 1ª edição, alteraram para Teresa *Pança.* Mas Cervantes sabia o que fazia. Em nota à pág. 934 de seu *Dom Quixote* já citado, esclarece o Prof. Riquer: "*Entre el pueblo era corriente aplicar a las mujeres el nombre de pila del marido, feminizado*". Daí o Teresa *Sancha.* (N. do T.)

[2] O sítio real de Aranjuez é famoso pelo número e beleza das fontes que adornam seus jardins. (N. do T.)

[3] Textualmente do original: *por vergonzoso lugar.* Cortar as saias assim curtas era castigo que sofriam as mulheres perdidas. (N. do T.)

[4] No original: *quien te da el hueso, no te querría ver muerta*. Temos provérbio equivalente, como registra Morais. Significa: "quem dá do que tem, não pode fazer mais". Há outra variante mais moderna: "quem dá o que tem, a mais não é obrigado". (N. do T.)

[5] No original: *bellotas.* "Fruto do carvalho, azinheira, sobreiro etc., é doce e come-se, sendo usado principalmente, porém, na ceva dos porcos", ensina o dicionarista Morais; tem o feitio de bolota ou boleta. (N. do T.)

[6] No original: *con estas tales señoras me entierren a mi.* Marín observa: *"Con vos, contigo,* ou com tal ou tais pessoas, *me entierren*, é, como diz o léxico da Academia Espanhola, "expressão familiar com que alguém dá a entender que é do mesmo gosto, gênio ou ditame da pessoa ou pessoas a quem se dirige ou alude".(N. do T.)

[7] No original: "*era un mancebo como un pino de oro*". Como se vê, traduzimos literalmente, como o fazemos sempre que temos expressões ou termos idênticos na língua portuguesa, buscando assim conservar algo do sabor do estilo de Cervantes. Significa, como esclarece o nosso dicionarista Morais, "mui garboso e gentil" ("sois um pino de ouro", é o exemplo clássico citado por ele). O "*pino de oro*", era, como anota o Prof. Riquer (*op. cit.,* pág. 939), "*cierto rico adorno del tocado de las mujeres*". Castilho assim traduziu a frase: "era um mancebo lindo como um alfinete de toucar"; e Benalcanfor: "é um mancebo como um pino de oiro". (N. do T.)

[8] No original: *cortando un torrezno para empedrarle con güevos.* Sanchica preparava os famosos "*duelos y quebrantos*", de que se fala no Cap. I da primeira parte e que tantas dores de cabeça deram aos comentadores de Cervantes. V. n. 1 do Capítulo I, 1ª parte

(N. do T.)

[9] No original: *calzas atacadas.* Eram calças inteiras, justas, que se prendiam ao gibão com agulhetas, e chamavam-nas “calças atacadas” para diferençá-las das “meias calças” (*medias calzas*), que vieram a chamar-se apenas “meias”. Essas *calzas enteras o atacadas* eram também conhecidas por *pedorreras*, como vem logo abaixo. (N. do T.)

[10] É como vem no original. Eram calças justas, que deviam comprimir o ventre — principalmente num gorducho como o Sancho — causando ventosidades. Daí ter vindo, talvez, o nome popular dessas calças. Vejam como a Sanchica se deleita com a perspectiva de ver Sancho em tais calções. (N. do T.)

[11] *Con papahigo* é o que vem no original. Era uma espécie de gorro, de carapuça, cobrindo da cabeça ao pescoço, com aberturas para os olhos. Usavam-no em viagem homens e mulheres de posição, para se protegerem do frio, vento, chuva, poeira. Traduzimos assim para dar uma ideia mais clara da referência feita pelo pajem (pois o que caracterizava *o papahigo* era a parte que se puxava para cobrir o rosto, como se fosse um véu) e tornar mais pitoresco o diálogo. (N. do T.)

[12] No original: *cuando te dieren la vaquilla, corre con soguilla.* Temos provérbio com sentido aproximado: *a cavalo dado não olhes o dente.* Benalcanfor traduziu por *quando te derem o porquinho, acode com o baracinho,* e Castilho por *quando te derem a vaca, vem logo com a corda.* (N. do T.)

[13] Em latim, no original. Refere-se à expressão “mas Santo Agostinho põe-no em dúvida”, empregada pelos estudantes em suas controvérsias dogmáticas. (N. do T.)

[14] Em latim, no original. “Dai crédito às minhas obras, já que não às minhas palavras”. É uma frase inspirada no Evangelho de São João 10, 38, como anota o Prof. Riquer. (N. do T.)

[15] Maneira cortês e humilde de se convidar alguém para comer, como vimos no final do Cap. III desta segunda parte. (N. do T.)

### Capítulo LI

[1] Alusão ao versículo 7 do Salmo 112. (N. do T.)

[2] Alusão a uma fábula de Fedro. (N. do T.)

[3] Em latim, no original. É o provérbio: “Sou amigo de Platão, mais amigo porém da verdade”. (N. do T.)

[4] No original: *a comer caliente y a beber frio.* Observa Marín: “*comer caliente,* suprema aspiração da gente muito pobre, que, como Sancho, vagando por esse mundo de Deus, rara vez tinha comida preparada ao fogo. *Beber frio* era luxo de gente remediada, e, no verão, dos pastores que, não tendo à mão neve nem cantimploras, esfriavam o vinho e a água em odres pequenos ou vasilhames furados e suspensos onde eram ventilados”. A expressão *beber frio* é registrada pelo nosso dicionarista Morais, que assim a explica: “beber água, ou vinho frio em água, ou neve”. Uma expressão nossa de hoje cujo sentido de certo modo corresponde ao da frase de Sancho é: “passar do bom e do melhor”. (N. do T.)

[5] No original: “yo buscaré qué enviar *de haldas o de mangas*”. Fizemos a tradução baseados numa nota do Prof. Riquer (*op. cit*., pág. 961) à locução “*de haldas o de mangas*”: significa “*de un modo o de otro, por bien o por mal*”. As traduções portuguesas diferem: Castilho traduziu por “verei se posso mandar cousa de mais valia”; e Benalcanfor por “me esforçarei por lhe remeter alguma coisa, quer de carro, quer de arado”. (N. do T.)

### Capítulo LII

[1] Para se entender bem e de imediato a comparação de Dona Rodrigues, lembramos que o olmeiro é uma árvore que não dá frutos. Locução bastante expressiva; pedir justiça ao duque era absolutamente inútil — era como pedir peras a uma árvore que não a pereira, e ainda mais: infrutífera. (N. do T.)

[2] Muitas dúvidas houve sobre o que seria esse “arnês trançado”. Documentos antigos citados pelo mestre Rodriguez Marín confirmam a definição do Dicionário da Academia Espanhola: “*el compuesto de diversas piezas con sus junturas, para que el hombre armado con él pudiera hacer facilmente todos los movimientos del cuerpo*”. (N. do T.)

[3] Referia-se o duque, como observa Marín, ao fato de usarem alguns, para sair vencedores de lides semelhantes, amuletos ou

conjurações. (N. do T.)

[4] No original: *meter este buen dia en mi casa.* Alusão ao rifão: “o bom dia, mete-o em casa”, equivalente de “quando o bem passa, põe-no em tua casa”. Teresa indicava que não queria perder a oportunidade de sua inesperada ventura. (N. do T.)

[5] O medo, e não a alegria, é que, segundo o vulgo, costuma provocar essa incontinente reação. (N. do T.)

[6] Cobradores de impostos por arrendamento. (N. do T.)

### Capítulo LIII

[1] Antigamente, como explica o *Dicionário de Morais*, costumava-se dividir o ano em quatro partes, ou estações, como ainda hoje, a que se davam os nomes de primavera, estio, outono e inverno, subdividindo-se a primavera em primavera propriamente dita e verão. Daí as cinco estações que aparecem no texto com a distinção feita por Cervantes entre verão e estio, à primeira vista estranhável para nós. O verão assim considerado era a transição entre a primavera e o estio, e os romanos denominavam-no *ver adultum*. (N. do T.)

[2] No original: “martas *cebollinas”*. Sancho estropia a palavra *cebellinas* (zibelinas, em português: as martas zibelinas são peles valiosas), que ele adultera para *cebollinas* (cebolinhas). E, aliás, pela segunda vez: já no cap. XIV desta 2ª parte Sancho cometera idêntico estropiamento. (N. do T.)

[3] No original: *entre dos platos*. Isto é, cuidadosamente, como se apresenta a comida a um convalescente, esclarece o Prof. Riquer. A expressão já ocorreu anteriormente. (N. do T.)

[4] Provavelmente é uma alusão ao provérbio que em Portugal se diz: “Deus dá asas à formiga, para que se perca mais asinha” (mais depressa). (N. do T.)

### Capítulo LIV

[1] Imitação da pronúncia da palavra alemã *Geld,* significando *ouro*, *dinheiro.* (N. do T.)

[2] Entre 1609 e 1613 foram publicados na Espanha vários decretos expulsando os mouriscos, mouros ou seus descendentes, que, fingindo-se convertidos, continuavam, secretamente a praticar o islamismo. (N. do T.)

[3] *Jura Di: Juro por Deus* ou *Viva Deus!* Sancho procurava imitar como melhor lhe parecia o italiano estropiado daqueles estrangeiros. (N. do T.)

[4] Nome antigo de Augsburgo (Cidade de Augusto), na Baviera. (N. do T.)

[5] No original: *como un sagitario*; isto é, com referência à sua habilidade e ligeireza, elucida Marín. Nos livros de cavalaria, os centauros eram por vezes chamados “sagitários”. De Dom Quixote devia Sancho ter ouvido essa palavra. (N. do T.)

### Capítulo LV

[1] *Estados*, no original. Era medida antiga, correspondente à estatura normal de um homem e menor do que a braça e a toesa. (N. do T.)

[2] Parece lapso de Cervantes, pois Sancho saíra do governo levando meio pão e meio queijo (fim do Capítulo LIII) e dera-os de esmola aos romeiros (Capítulo LIV); no entanto, ainda lhe sobraram. (N. do T.)

[3] “Ora às escuras, ora com luz”, traduziram Castilho e Benalcanfor, tomando por erro o que diz o original. Mas, como adverte Marín, é expressão brejeira de Cervantes. (N. do T.)

[4] Princesa moura de Toledo, que, segundo a lenda, foi a primeira mulher de Carlos Magno. (N. do T.)

[5] No original: “también *lo* seré”. Significa: *também serei católico e cristão para socorrer...* (nota do Prof. Riquer, *op. cit.*, pág. 977). Benalcanfor, supondo que lo *seré* se refere a *minha profissão,* traduziu assim: “também o será”; Castilho adaptou as quatro linhas finais do texto para: “que a minha profissão é favorecer e socorrer os necessitados deste mundo, e também os de outro que não podem ajudar-se a si próprios”. (N. do T.)

[6] V. nota 1 do Capítulo LXV, 2ª parte. (N. do T.)

[7] No fim do Capítulo LI e no início do Capítulo LIII Cervantes refere-se aos decretos e constituições feitos por Sancho em seu governo, ao contrário do que aqui diz. (N. do T.)

### Capítulo LVI

[1] O cânon XIX, s. XXV, do Concílio de Trento, punia com excomunhão os senhores que dessem campo a cristãos para tais batalhas. (N. do T.)

[2] *Partir o sol* era dividir o campo de modo a que o sol não incomodasse mais a um que a outro combatente, como já antes anotamos. (N. do T.)

### Capítulo LVII

[1] Personagem do *Orlando Furioso,* de Ariosto, que abandonou sua amada Olímpia numa ilha deserta. Eneias é personagem da *Eneida,* de Virgílio; também abandonou a amada — a formosa Dido. (N. do T.)

[2] *Século*, como já antes notamos, no sentido de descanso eterno. (N. do T.)

[3] Já em nota anterior nos referimos a esta expressão, equivalente a “nem por sonho, de modo algum”. Em Úbeda não havia montes. (N. do T.)

[4] No original: “*de paleta* me había venido la ocasión en mi gobierno”. O Prof. Riquer anota a expressão “*de paleta*”: *a pedir de boca* (*op cit.,* pág. 989). Como temos na língua expressão equivalente — e tem sido este o nosso critério na tradução: procurar conservar sempre que possível o estilo de Cervantes, tentando dar ao leitor uma ideia mais aproximada da sua maneira de escrever — assim a traduzimos: *a pedir por boca.* A locução (ainda corrente hoje em dia) tem este significado, segundo a lição do grande dicionarista Morais: “..., loc. famil., quanto alguém quer, como alguém quer, segundo o desejo”. Com isso pudemos em português construir a frase tal qual vem no original. Benalcanfor deu-lhe esta tradução: *muito boa ocasião a calhar tivera eu no meu governo*; e Castilho: “se os quisesse fazer de mão cheia, tinha muita ocasião para isso no meu governo”. (N. do T.)

### Capítulo LVIII

[1] No original: *para dar y tener, seso es menester.* Provérbio que indica que é bom o homem ser generoso, mas que não o seja tanto que dê quanto tenha, explica Marín. (N. do T.)

[2] Santiago. Ao apóstolo Tiago, Padroeiro da Espanha, dão-se também os nomes de Diogo, Jaime e Jacó. (N. do T.)

[3] Alguns esclarecimentos ao trecho. — *Doutor das gentes*: porque São Paulo fora escolhido especialmente para o apostolado entre os gentios, isto é, todas as nações ou gentes não judaicas. (V. Gálatas 2, 7-8). — *A quem serviram de escola os céus*: “alude (observa aqui Marín) — como dizem os continuadores de Clemencín — a “quando São Paulo foi arrebatado ao terceiro céu e viu coisas que o homem não pode explicar”. (II Coríntios 12, 2-4). — *Catedrático e mestre o próprio Jesus Cristo*: porque São Paulo não foi doutrinado no Evangelho por pessoa alguma mas sim ensinado por revelação direta de Jesus Cristo. (Gálatas 1,11-12). (N. do T.)

[4] No original: *el cielo padece fuerza.* É frase bíblica, tirada do cap. 11, v. 12 do Evangelho de São Mateus, cujo texto completo, na tradução do Pe. Pereira de Figueiredo, é: “E desde os dias de João Batista até agora o reino dos céus padece força, e os que fazem violência são os que o arrebatam”. (N. do T.)

[5] O encontro com frades era de mau agouro e havia dois remédios: voltar para casa e sair depois ou fechar a mão e fingir atirar qualquer coisa (na espécie era o agouro), quando avistasse outro frade. (N. do T.)

[6] No original: *derrámasele al otro Mendoza lo sal encima de la mesa.* Anota o Prof. Riquer ser tradicional na linhagem Mendoza o espírito supersticioso. O sal derramado é outro agouro. No quadro de Leonardo da Vinci *A Ceia*, 1496-98, o apóstolo traidor, Judas, tem um saleiro entornado diante de si, símbolo visível da desgraça futura. (N. do T.)

[7] Dom Quixote, ao responder a Sancho nas linhas seguintes, não esclarece sua pergunta. *Cerrar con el enemigo é investir contra o inimigo*; daí se originou a proverbial invocação militar *Cierra España*, equivalente a *Ataca! Espanha!* É a lição de Covarrúbias. (N. do T.)

[8] Assim no original. Observa Marín que comentadores do *Dom Quixote* achavam inverossímil Sancho expressar-se dessa

maneira com Dom Quixote, presumindo que estivesse ele falando baixo, como se fosse consigo mesmo. Continua Marín: “Não há tal coisa, senão que às vezes a referida exclamação não tinha mais valor que o meramente interjetivo, e em tais casos, claro é, não era tomada por agravo, nem por elogio, como em outras passagens”. (Ed. cit., t. VII, pág. 283). Camões empregou o termo correspondente em português, “fideputa”. (N. do T.)

[9] Vulcano, na mitologia romana o correspondente do deus-ferreiro grego Hefaísto, era antes o deus do fogo, das chamas devoradoras, como diz a *Eneida.* Dele proveio o nome de vulcão. (N. do T.)

[10] No original: *dos dias naturales*, isto é, do nascer ao pôr do sol. (N. do T.)

[11] Literalmente do original: *así, a carga cerrada. À carga cerrada* significa (registra o *Dicionário* de Laudelino Freire) *de um jato, por descarga simultânea de muitas bocas de fogo.* (N. do T.)

## Capítulo LIX

[1] No original: *condumio.* Como diz Covarrúbias, é o que se come com o pão, ou seja precisamente o nosso “conduto”. Na Andaluzia dizem “conducho”, observa Marín. (N. do T.)

[2] Para falar, pois é claro que não podia comer sem abri-la. (N. do T.)

[3] Foi quando escrevia este capítulo, ao que tudo indica, que Cervantes teve conhecimento da aparição do *Dom Quixote* de Avellaneda, publicado em 1614, em Tarragona. No prólogo desse livro, Cervantes é duramente ofendido, como vingança das inúmeras alusões e picardias que na sua primeira parte do *Dom Quixote* fez a Lope de Vega, e em que insistiu na segunda. Deste capítulo em diante, Cervantes se refere constantemente, com desprezo, à obra de Avellaneda, a qual, em realidade, não é tão ruim e despicienda, como ele persevera em dizer. (N. do T.)

[4] O suposto Avellaneda faz com que Dom Quixote se chame o *Cavaleiro Desenamorado.* (N. do T.)

[5] Dom Quixote refere-se aos insultos feitos a Cervantes. (N. do T.)

[6] Na primeira parte, como já assinalamos em nota anterior, Cervantes incorre no mesmo erro que aqui censura. (N. do T.)

[7] No original: *no comanos buenas migas juntos.* “Migas” (sopas de pão migado, picado) é termo de nossa língua, como se sabe. O sentido dessa locução familiar é: “Matem-me, senhores, se o autor deste livro que vosmeces têm, quer que *vivamos às boas um com o outro*”. Benalcanfor traduziu por “façamos boas migas”, e Castilho por “comamos umas migas juntos”. (N. do T.)

[8] Segundo narra Plutarco, foi Lísipo, e não Apeles, o pintor a quem esta ordem de Alexandre Magno se refere. (N. do T.)

[9] *Pobre de letras*, no original. *Letras* eram as divisas ou motes que os cavaleiros, nas justas, pintavam em seus escudos, geralmente em louvor de suas damas. (N. do T.)

## Capítulo LX

[1] Sancho parodiou a proverbial frase do capitão Beltrão de Claquin, que fora a Castela em ajuda de Dom Henrique de Trastamara. Este, lutando com o rei D. Pedro o Cruel na tenda de Claquin, ficou por baixo do irmão, intervindo então o capitão francês que pôs D. Henrique por cima, dizendo: “*Ni quito ni pongo rey, pero ayudo a mi señor*”. (N. do T.)

[2] Últimos versos de velho romance sobre os Sete Infantes de Lara, relacionado no *Cancioneiro* de Antuérpia. (N. do T.)

[3] Dom Quixote diz isso porque de fato o banditismo era naqueles tempos terrível praga da Catalunha. (N. do T.)

[4] Não era Osíris, deus do bem e juiz das almas da mitologia egípcia, mas Busíris, rei do Egito, quem imolava os estrangeiros. Matou-o Hércules. (N. do T.)

[5] Roque Guinart, ou antes, Guinarda, existiu realmente. Depois de infestar por muito tempo a região catalã, foi preso, e o rei, em atenção à sua valentia e ao modo generoso por que tratava os que assaltava, comutou-lhe a pena de morte a que estava sujeito na de desterro perpétuo, seguindo ele então, em 1611, para o reino de Nápoles, com muitos de seus quadrilheiros. (N. do T.)

[6] Guinarda pertencia ao bando dos *Nyerros,* partidários do bispo de Vich, contra o qual lutavam os *Cadells.* Estes eram mais chegados à nobreza, embora também se contassem entre os *Nyerros* muitos aristocratas. (N. do T.)

[7] Compreende-se aqui que Roque guardava para si os artigos que, por sua natureza, não podiam ser repartidos, trocando-os por dinheiro, como se os comprasse, e repartindo este entre seus companheiros. (N. do T.)

[8] Salmo XLII, 7: *Abyssus abyssum invocat.* (N. do T.)

[9] Também se dava o nome de Niarros aos "*Nyerros*", bando a que pertencia Roque, como já anotamos. (N. do T.)

## Capítulo LXI

[1] Tais fatos ocorriam em 1614 (vejam-se as datas das cartas de Teresa Pança e do Duque a Sancho). Era então Vice-rei da Catalunha Dom Francisco Hurtado de Mendoza, marquês de Almazán. Seu antecessor, o duque de Monteleón, que exerceu o cargo de 1603 a 1610, havia posto a prêmio a cabeça de Roca Guinarda. (N. do T.)

[2] Pelas datas das cartas referidas na nota anterior (julho e agosto) devia ser a festa da degolação de São João, 29 de agosto, embora os festejos adiante referidos sejam tradicionais na de seu nascimento, 24 de junho. (N. do T.)

[3] Mau é um dos nomes populares do Diabo entre nós (temos o provérbio: "Fala no Mau, prepara-lhe o pau"). Cervantes faz um trocadilho como se verifica pelo original: *"el malo* (o diabo), que todo *lo malo* (o mal) ordena y los muchachos, que son más *malos* (maus) que *el malo (*o diabo)." Procuramos conservá-lo em nossa tradução. Mas é difícil consegui-lo, tanto que ambas as traduções portuguesas o verteram livremente. Assim a de Benalcanfor dá: "*como o demo arma tudo quanto é mau, e os rapazes são ainda piores que ele"*. E a de Castilho traz: *"o mafarrico, que todo o mal ordena, e os gaiatos, que ainda são piores do que ele"*. (N. do T.)

[4] O cardo é uma planta rasteira cujas flores e folhas são cheias de espinhos. Imagine-se, pois, como o Rocinante e o ruço não haviam de sentir em lugar tão incômodo essas "esporas" de mil espinhos. (N. do T.)

## Capítulo LXII

[1] Como se disse no final do capítulo LX, era aquele o dia de São João, tradicionalmente solenizado com grandes festividades, o que explica o aparato visto por Dom Quixote em Barcelona e que julgou ser em sua homenagem. Veja-se, entretanto, o que dissemos na nota 2 do Capítulo LXI. (N. do T.)

[2] Chamava-se então manjar branco um petisco feito com peito de galinha, farinha de arroz, leite e açúcar, muito popular, e que se vendia pelas ruas. O que Dom Antônio diz de Sancho não vem em Cervantes, mas no *Quixote* de Avellaneda. (N. do T.)

[3] Ou a pedir por boca. No original: *a pedir de boca.* Bastaria a Sancho abrir a boca para obter o que desejasse. "Discricionariamente", diríamos hoje. Vide nota 4 do Capítulo LVII, 2ª parte. (N. do T.)

[4] Diversos astrólogos tiveram o nome de Escoto, ou Escotilho, divergindo os comentadores sobre qual deles é o aqui referido. (N. do T.)

[5] No original: *dar coces contra el aguijón.* Temos locução idêntica na língua portuguesa. Hoje diríamos: *dar murro em ponta de faca.* Benalcanfor traduziu-a assim: "como remar contra a maré"; e Castilho: "dar couces no aguilhão". (N. do T.)

[6] A muito conhecida personagem bíblica, que viveu 969 anos (Gênesis 5, 27). (N. do T.)

[7] Na edição príncipe: *la priesa.* Marín crê ser erro de imprensa, adotando o termo *la risa* que se ajusta bem ao sentido da frase. (N. do T.)

[8] Em latim, no original: *fugi, inimigos.* Era fórmula de exorcismo. (N. do T.)

[9] Personagem imaginária a que em Espanha se atribuem todos os truísmos, acacianismos e calinadas. (N. do T.)

[10] Obra não identificada. A grafia correta em italiano seria *Bagattelle*, e não como vem no texto da 1ª edição, que conservamos. (N. do T.)

[11] Supõe-se que João de Jáurigui tenha pintado no ano de 1600 ou 1606, o retrato de Cervantes que se encontra hoje na Real Academia Espanhola, e tido por muitos como falso (o assunto é discutido minuciosamente por Luís Astrana Marín em sua obra *Vida Ejemplar y Heroica de Miguel de Cervantes Saavedra*, Instituto Editorial Reus, Madrid, 1948, da qual até agora apareceram 5 volumes). Sua tradução da *Aminta,* de Torquato Tasso, foi publica-da em 1607. (N. do T.)

[12] Significa: “Deus dê a Vossa Mercê boa sorte”. A propósito dessa frase proverbial, v. nota 7, cap. XXII, 2ª parte. (N. do T.)

[13] Acredita-se que se trate do livro de frei Felipe de Meneses, cujo título inteiro era: “*Luz del alma cristiana contra la ceguedad y ignorancia en lo que pertenece a la Fe y ley de Dios y de la Iglesia*”. Não se conhece edição dessa obra feita em Barcelona. (N. do T.)

[14] Não se sabe de qualquer edição barcelonense do *Quixote* de Avellaneda no século XVII. (N. do T.)

### Capítulo LXIII

[1] A propósito desta expressão, veja-se nota 5 do Capítulo X, 2ª parte. (N. do T.)

### Capítulo LXIV

[1] No original: “... don Quijote *está en sus troce, y* vuestra merced el de la Blanca Luna *en sus catorce*, a la mano de Dios...” *Estarse en sus trece* (“estar nos seus treze”) denota pertinácia e teimosia. Quando a teimosia era de duas ou mais pessoas, que sustentavam ou pretendiam coisas diversas, opunha-se o número quatorze ao treze, dizendo-se então que essa segunda pessoa estava en sus *catorce* (“nos seus quatorze”). Daí termos traduzido por “teima” e “reteima”. Temos antiga e idêntica locução na nossa língua — “estar nos seus treze” (Vide Morais, *Dicionário da Língua Portuguesa*, e João Ribeiro, *Frases Feitas*, 2ª série, pág. 79) — mas já em desuso.

*A la mano de Dios* é uma expressão que denota a determinação com que se empreende uma coisa.

É a lição de mestre Rodrigues Marín. (N. do T.)

### Capítulo LXV

[1] No original: *y que no siempre hay tocinos donde hay estacas.* Inversão do provérbio *adonde pensáis halar tocinos, no hay estacas,* que (elucida o *Dicionário da Real Academia Espanhola*) adverte quanto se engana alguém por crer que possua grandes faculdades outrem que carece até do necessário. (N. do T.)

[2] No original: *desarmado y de camino*, isto é, com roupas comuns, de andar. Benalcanfor traduziu: “à ligeira”. (N. do T.)

### Capítulo LXVI

[1] Versos do *Orlando Furioso,* de Ariosto. (N. do T.)

[2] No original: *yo no estoy para dar migas a un gato.* Literalmente seria: “não estou para dar migas a um gato”. Anota Rodriguez Marín: “*No estar, ó no ser, uno para dar migas a un gato*” — é frase figurada e familiar que falta no Dicionário da Academia e que se diz, como observa Correas (*Vocabulário de Refranes*, pág. 555), *de quien está, ó es, para muy poco.* E o Prof. Riquer informa que a locução significa “não tenho forças nem para dar migas a um gato”. Daí termos traduzido como vem no texto. As versões portuguesas dão: “não tenho cabeça para nada” (Benalcanfor); “que eu não estou nem para dar migas a um gato” (Castilho). (N. do T.)

[3] No original: *a la taberna de lo caro.* Esclarece Rodriguez Marín (da Real Academia Espanhola), em sua grande edição comentada do *Dom Quixote* (Madri, 1948, 10 vols.): *de lo caro* significa “*dei vino de más precio, o precioso*”, como também assim se chamava. No tempo de Cervantes havia em Madri duas classes de taberneiros: *os de lo barato* e *os de lo caro*. Os primeiros só podiam vender “*el vino ordinário*”, e os segundos — cujo número não passava de oito em princípios do século XVII — vendiam de um e de outro, isto é, do ordinário e do bom. Por isso, ao se pedir vinho numa dessas oito tabernas, era necessário indicar a qualidade: se *de lo caro,* se *de lo barato.* E assim nas tabernas de toda a Espanha. Benalcanfor traduziu por “levemos à taberna a beber uma pinga do caro”; Castilho suprimiu *de lo caro,* pondo apenas “taberna”. (N. do T.)

[4] No original: *y sobre mi..., la capa cuando llueva (sobre mi anima* etc.). Rodriguez Marín anota que é uma expressão semelhante a outras usadas por Cervantes, como “*y a mí daño si alguno le sucediere*”. Parece-nos, salvo melhor juízo, que a locução nossa correspondente é a que usamos. Literalmente seria: “e sobre mim a capa quando chova”. A interpretação dos tradutores portugueses é: Benalcanfor — “e eu cá fico pelo resto”; Castilho — “e eu fico por tudo”. (N. do T.)

[5] No original: *de lo caro.* Quer dizer “vinho do bom”. Vide nota 355. Benalcanfor traduziu por “vinho bom a valer”; Castilho por “vinho do melhor”. (N. do T.)

## Capítulo LXVII

[1] Segundo crença comum, os tesouros enterrados pelos duendes, quando tocados por mão humana, convertiam-se em carvão. (N. do T.)

[2] De *Nemus*, bosque. Julgou-se que o *Nemoroso* da primeira écloga de Garcilaso era seu amigo Boscán, mas verificou-se mais tarde que o próprio Garcilaso usava esse nome arcádico, além do de Salício. (N. do T.)

[3] No original: *como entre peras podemos escoger suas nombres.* Ensina o *Dicionário da Academia Espanhola: “escoger* uno *como entre peras* — fr. fig. y fam. Elegir cuidadosamente para si lo mejor”. (N. do T.)

[4] Não dá ideia de tal gordura a descrição de Teresa Pança feita no Capítulo L. (N. do T.)

[5] No original: *pan de trastrigo.* Sobre o sentido dessa expressão deixamos nota, no Capítulo VII da Primeira parte. (N. do T.)

[6] Esta generalização não é verdadeira. (N. do T.)

[7] No original: *más vale salto de mata que ruego de hombres buenos.* A tradução literal seria: “mais vale salto de mata que rogo de homens bons”. Como não temos provérbio equivalente, preferimos traduzir como o fizemos, uma vez que o significado desse rifão, como esclarecem autorizados comentaristas do *Dom Quixote*, é o seguinte: a alguém que tenha cometido uma falta pela qual teme ser castigado, mais lhe aproveita pôr-se ao fresco que esperar a intercessão de pessoas influentes. É como se disséssemos: “mais vale contar com as pernas do que com o rogo de homens poderosos”. Benalcanfor manteve a tradução literal, e Castilho usou o provérbio português “mais vale salteador que sai à estrada, que namorado que ajoelha”. (N. do T.)

## Capítulo LXVIII

[1] Em latim, no original: *depois das trevas espero a luz.* É uma frase da Bíblia (Jó 17, 12). Era também a legenda do impressor Juan de lo Cuesta, que aparece na edição príncipe do *Dom Quixote*. (N. do T.)

[2] No original, *adivas*, nome de carniceira raposa existente nos desertos asiáticos, também usado para indicar o chacal. Benalcanfor traduziu “sevandijas”. (N. do T.)

[3] São versos do poeta italiano Pietro Bembo, que Cervantes transcreveu, traduzindo-os. O mesmo madrigal traduziram outros autores, como Luís Barahona de Soto e, em português, o lusitano Duarte Dias. (N. do T.)

[4] O ciclope Polifemo, celebrado na *Odisseia* de Homero, apaixonado por Galateia. Ulisses e seus companheiros estiveram em perigo de ser por ele devorados. (N. do T.)

[5] Traduzimos livremente estas estropiações de Sancho. O original diz: “*Nosotros tortolitas? Nosotros barberos ni estropajos? Nosotros perritas, a quien dicen cita, cita?*” (N. do T.)

## Capítulo LXIX

[1] A palma é o emblema da virgindade e com palmas entre as mãos enterravam-se as donzelas. (N. do T.)

[2] Eram assim as carapuças dos condenados pelo Santo Ofício como impenitentes. As dos que morriam contritos não tinham figuras de demônios, mas apenas chamas pintadas. (N. do T.)

[3] Pano grosseiro usado em vestes de luto, fabricado com pelo de cabra. (N. do T.)

[4] Orfeu, cuja música suave fazia adormecer as feras. (N. do T.)

[5] Esta segunda oitava pertence a uma écloga de Garcilaso de lo Vega, como no capítulo seguinte diz o próprio Dom Quixote. (N. do T.)

[6] Segundo a mitologia grega, Radamanto e seu companheiro Minos (e mais Eaco, que Cervantes aqui omitiu) julgavam nos infernos as almas que chegavam ao reino de Plutão. (N. do T.)

[7] No original: *mamonas.* Como esclarece o Prof. Martín de Riquer, da Universidade de Barcelona, em sua edição crítica do *Dom Quixote* (Editorial Juventud, Barcelona, 1950, 2ª edição anotada, pág. 779), a *mamona* era uma “*burla que se hacía poniendo a uno los cinco dedos de la derecha sobre la cara y, levantando el medio con el índice de la isquierda, se soltaba rapidamente*

*disparándolo contra lo nariz*". É quase equivalente ao nosso *piparote* de hoje, que, como sabe o leitor e ensinam os dicionaristas, é uma pancada que se dá com a cabeça do dedo médio ou índex apoiado sobre o polegar, soltando-o com força. A *mamona* é, pois, um piparote no nariz dado pelo dedo médio da mão direita com o auxílio do polegar da esquerda. Confirma-o Lope de Vega, no ato III de seu "*El verdadero amante*", onde o pastor Padrino, após receber uma "mamona", exclama: "Qué *papirote* me dió!" Ambas as versões portuguesas diferem na interpretação do termo: os viscondes de Castilho e de Azevedo e M. Pinheiro Chagas traduziram *mamonas* por *tabefes* ("arrumai no rosto de Sancho vinte e quatro *tabefes*" — *Dom Quixote,* Porto, 1878, 2º volume, pág. 459) ; e o visconde de Benalcanfor traduziu por *fosquinhas* ("coçai o rosto a Sancho com vinte e quatro *fosquinhas*". — *Dom Quixote*, Lisboa, 1878, 2º volume, pp. 507-508). — Marín explica minuciosamente o termo (ed. cit., t. X. pp. 122-131). Machado de Assis (in *Papéis Avulsos*, pág. 34, ed. Jackson, 1944) escreveu: *davam-lhe piparotes no nariz.* Não será uma reminiscência da *mamona*? (N. do T.)

[8] "...está em começar". No original está: "*Regostóse la vieja a los bredos*" Adágio espanhol de que Sancho omitiu o final: "*...ni dejó verdes ni secos*", e do qual há antigas variantes em nossa língua, registradas por Morais: "Avezou-se a velha aos bredos, lambe-lhe os dedos"; "avezou-se a velha ao mel, comer se quer". Demos, todavia, preferência à forma do texto, para conservar a vivacidade do diálogo de Sancho e por ser mais familiar ao leitor de hoje. Parece-nos ser esse o sentido que melhor corresponde ao do provérbio citado por Cervantes. (N. do T.)

[9] No original: *mamonas.* Vide nota 7 do Capítulo LXIX. Castilho traduziu aqui por *bofetadas* e Benalcanfor repetiu *fosquinhas.* (N. do T.)

[10] Ou Nemrod, fundador do império dos assírios (Gênesis 10, 8-12). (N. do T.)

[11] No original: *mamonado has de ser.* Como não podemos dizer "piparoteado no nariz hás de ser" (que seria a tradução literal), traduzimos por "piparotes no nariz hás de sofrer". Castilho verteu por "*hás de ser esbofeteado*" e Benalcanfor por "*moído serás*". (N. do T.)

[12] No original: *a cual lo hizo una mamona muy bien sellada.* De acordo com o Prof. Riquer, vertemos como vem no texto. Castilho traduziu assim: "que lhe assentou uma boa bofetada"; e Benalcanfor: "a qual lhe fez uma fosquinha muito bem esfregada". (N. do T.)

[13] No original: *mudas.* Anota o Prof. Riquer: "*pinturas de la cara*". Cremos ser a melhor tradução a palavra cosméticos, embora tenha o seu quê de pedante na boca de Sancho. Castilho traduziu por *lavagens* e Benalcanfor por *unturas.* (N. do T.)

[14] No original: *vinagrillo.* Produto de beleza usado pelas damas de então, especialmente as que haviam perdido o frescor natural da juventude. Em sua composição entravam vinagre, ovos, limas e mel. (N. do T.)

[15] No original: *mamonas.* Vide nota 7 do Capítulo LXIX. Benalcanfor traduziu por "cócegas, festinhas" e Castilho por "bofetadas". (N. do T.)

[16] *La vaca de la boda*, segundo o Dicionário da Academia Espanhola, é "*la persona que, como la vaca que solian correr para festejar las bodas rústicas, sirve de diversión a los concurrientes a una fiesta o paga los gastos que en ella se hacen*". (N. do T.)

### Capítulo LXX

[1] No original: *y las mamonas hechas.* Já explicamos nas notas retro por que traduzimos assim. Benalcanfor verteu por "cócegas e gatimanhos que te fizeram", e Castilho por "as bofetadas". (N. do T.)

[2] No original: *a la afrenta de las mamonas.* A interpretação de Benalcanfor é: "a afronta das tais festinhas"; e a de Castilho: "à afronta das bofetadas". (N. do T.)

[3] Verso da écloga primeira de Garcilaso de la Vega. (N. do T.)

[4] À primeira vista, pode parecer errada nossa tradução — "mo apagarão" —, mas o que Cervantes escreveu foi isso mesmo: *me le borrarán.* Para dar mais ênfase à afirmação de Altisidora, Cervantes pôs o verbo no plural, fazendo-o concordar com *crueldades* — sendo uma concordância perfeitamente regular mesmo na nossa língua. Benalcanfor preferiu corrigir o original, pondo o verbo no singular: *mo apagará.* Castilho foi mais longe: pôs no singular a palavra *crueldades* (que no original vem no plural — "lo consideración de *las crueldades*"), mantendo, porém, o verbo no plural, com o que fez Cervantes cometer grave erro de concordância. Assim traduziu

Castilho: *a consideração da crueldade... hão de mo apagar...* (*Dom Quixote de la Mancha*, 2º vol., trad. dos viscondes de Castilho e de Azevedo e de M. Pinheiro Chagas, Porto, 1878, pág. 467). (N. do T.)

[5] Versos de romance popular, que também se encontram, com leve variante, numa comédia de Lope de Vega ("*El valiente Céspedes*", ato II). (N. do T.)

## Capítulo LXXI

[1] Em latim, no original. Ensina João Ribeiro: "Generalizou-se o *gratis*, mero, em lugar do *gratis data*, como devia de ser: 'Uma graça *gratis data*/ E um espírito mui alto'. *Fenis* — IV-235. — Era a frase da teologia antiga, e queria dizer da graça sobrenatural, dádiva que cabia aos predestinados antes de a pedir e alcançar por esforços e mérito próprio". (in *Frases Feitas*, 2ª série, pág. 138). (N. do T.)

[2] Textualmente: "*entren entre los* tantos estos cinco". A interpretação de Benalcanfor é: "Fiquem estes cinco pelos tais tantos que eu disse", e a de Castilho: "façamos de conta que os tais tantos são cinco". (N. do T.)

[3] No original: "*no se toman truchas...*" O rifão completo é: "*no se toman truchas a bragas enjutas*". ("Não se pescam trutas a bragas enxutas"). Ou seja: *não se tem lucro sem trabalho*. (N. do T.)

[4] V. nota 3 do Capítulo XVII, 2ª parte. (N. do T.)

[5] Corresponde à nossa locução: "Roma não se fez num dia". (N. do T.)

[6] No original: *a dineros pagados, brazos quebrados.* O *Dicionário da Academia Espanhola* registra a variante *a dineros pagados, brazos cansados*, proverbiais expressões que advertem que não se deve fazer pagamento adiantado, porque quem o recebe perde o estímulo para continuar a obra. (N. do T.)

[7] "Morra eu com os Filisteus!", foi o que disse Sansão, ao derribar as colunas do templo de Dagon (Juízes 16, 30). (N. do T.)

[8] Em latim, no original. Literalmente significa: "Deus de Deus". João Ribeiro (in *Frases Feitas*, 2ª série, pág. 137) estuda a locução, escrevendo: "Ainda muitos outros latinismos se foram cristalizando na linguagem comum". "*Deum de Deo,* palavras do símbolo da Fé, aparecem traduzidas em *dê onde der* ou *de déu em déu*". Como se viu, Dom Quixote estava ridicularizando o poeta sabichão, que tudo pretendia responder. Ainda que mal. (N. do T.)

[9] Em latim, no original. São palavras, como lembra Marín, do *Gloria Patri et Filio...,* que se costuma dizer depois do padre-nosso e ave-maria e no fim dos salmos. Anota o Prof. Riquer: "*que vuelves a las andadas*". Dom Quixote, que mais de uma vez tem advertido Sancho para fazer uso moderado dos provérbios, está pois dizendo ao escudeiro: "Parece que retornas ao que eras", "parece que não te emendas". (N. do T.)

## Capítulo LXXII

[1] Dom Álvaro de Tarfe, realmente, é um dos personagens do *Quixote* de Avellaneda. (N. do T.)

[2] Referência à suposta morte de Altisidora. (N. do T.)

[3] No original: *en la casa del Nuncio.* Chamava-se assim o hospício de loucos de Toledo, por ter sido fundado pelo cônego e núncio Dom Francisco Ortiz. (N. do T.)

[4] Traduzimos textualmente: *Dineros llevo, porque si buenos azotes me daban, bien caballero me iba.* Segundo o Prof. Riquer, deve ser alusão a alguma história de açoitado, que apanhava, mas ia a cavalo. Como vimos no capítulo anterior, Sancho açoitava-se, mas a troco de dinheiro. Assim, o sentido da expressão deve ser este: "Dinheiros trago, porque, se bons açoites me davam, *boa paga me proporcionavam*". As traduções portuguesas assim dão o trecho: "Dinheiro trago eu, porque se bons açoites gramei, boa chelpa me renderam" (Benalcanfor). — "Trago dinheiro, porque, se bons açoutes me davam, muito bem mos pagavam" (Castilho). Veja-se nota 4, cap. XXXVI, 2ª parte. (N. do T.)

## Capítulo LXXIV

[1] Em latim no original: *mau sinal.* A expressão, que vem de Avicena, era usada pelos médicos com relação aos maus sintomas que notavam nos enfermos. (N. do T.)

[2] Textualmente: *donde hay estacas no hay tocinos.* Sancho alterou deliberadamente o provérbio, querendo dizer que miserável era seu aspecto mas cheios de dinheiro seus bolsos. V. nota 1 do Capítulo LXV, 2ª parte. (N. do T.)

[3] *Mañeruelas*, no original. Como nota R. Marín, o cura, por burla, aplicava às pastoras um adjetivo usado para cavalgaduras mansas e jeitosas de levar. (N. do T.)

[4] No original: *está ya duro el alcacel para zampoñas.* Traduzimos ao pé da letra. Do *alcacel,* cana ou talo da cevada verde, faziam os meninos flautas. O provérbio se aplica às pessoas de idade, que não devem entregar-se a misteres juvenis e, aqui, ainda alude às flautas de cana dos pastores. Benalcanfor traduziu: "preto velho não aprende língua". E Castilho: "Vossa Mercê já não está para essas folias". (N. do T.)

### Capítulo LXXIV

[1] Sannazaro ( Jacobo), escritor italiano (1458-1530), autor de *La Arcadia* (1502), pastoral em prosa e verso. Foi o precursor famoso da novela pastoril renascentista, obtendo enorme sucesso na época. (N. do T.)

[2] No original: *ciertas cuentas y dares y tomares.* Pudemos traduzir literalmente porque temos na língua a mesma expressão *dares e tomares,* conservando assim o duplo sentido que parece Cervantes aqui lhe ter dado. Pois, além do sentido hoje corrente, de "altercações, disputas, contendas" (v. *Dicionário* de Laudelino Freire) — *dares e tomares* significa também, como elucida o dicionarista Morais, "negócios", e, por extensão, contas pendentes. (N. do T.)

[3] No original: "*vámonos poco a poco, pues ya en los nidos de antaño no hay pájaros hogaño. En los nidos...*" é refrão alusivo à instabilidade das coisas terrenas (v. *Dicionário da Academia Espanhola*,15ª ed., 1925). Os tradutores portugueses traduziram: "vamos continuando a pouco e pouco, porque hoje somos, amanhã não" (Benalcanfor); "deixemo-nos dessas cousas; o que foi já não é" (Castilho). (N. do T.)

[4] Três foram as saídas de Dom Quixote narradas por Cervantes, e não duas, como aqui dá a entender. (N. do T.)

[5] Em latim, no original: *Adeus.* (N. do T.)

DIREÇÃO EDITORIAL

*Daniele Cajueiro*

EDITORA RESPONSÁVEL

*Ana Carla Sousa*

PRODUÇÃO EDITORIAL

*Adriana Torres*

*Daniel Borges do Nascimento*

REVISÃO

*Anna Beatriz Seilhe*
*Eduardo Carreiro*
*Jaciara Lima*
*Leonardo Vianna*
*Luiz Antonio Werneck Maia*

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

*Filigrana*

CAPA

*Maquinaria Studio*

PRODUÇÃO DO EBOOK

*Ranna Studio*